

«A sua abordagem é clara, directa e clássica (no melhor sentido do termo). Em primeiro lugar, um rigoroso estudo dos diferentes fragmentos de cerâmica, para determinar fabrico, forma e âmbito cronológico, depois, uma criteriosa quantificação dos mesmos, de modo a definir padrões de consumo desta cidade do extremo ocidental do Império Romano. Esgotada esta fase de análise detalhada do sítio do Castelo Velho, José Carlos Quaresma alongou o olhar, buscando outros sítios similares e estabelecendo comparações. Assim chegou a algumas interessantes conclusões, que o leitor poderá ajuizar, desde logo, definindo uma outra história, mais rica e detalhada, para a dinâmica da ocupação, afinal, mais extensa do que anteriormente se supunha. Pela criteriosa observação, lançou também novas pistas (que não deixará de aprofundar em futuros estudos) sobre essa situação de «crise» da segunda metade do século II/inícios do III. Tudo isto fez com os artefactos e com o registo arqueológico, sem cair na tentação de pretender submeter uns e outro à sempre controversa lição dos textos; com uns e outro construiu e fundamentou um discurso que lança nova luz sobre a história de uma cidade romana, no contexto de uma província pertencente a um vasto Império.»

do Prefácio

ECONOMIA ANTIGA A PARTIR DE UM  
CENTRO DE CONSUMO LUSITANO

José Carlos Quaresma

## ECONOMIA ANTIGA A PARTIR DE UM CENTRO DE CONSUMO LUSITANO

José Carlos Quaresma



# ECONOMIA ANTIGA A PARTIR DE UM CENTRO DE CONSUMO LUSITANO

*Terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha  
em Chãos Salgados (Mirobriga?)

José Carlos Quaresma





uniarq



CIDEHUS



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



## estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Victor S. Gonçalves

4.

QUARESMA, J. C. (2012) – Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. *Terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)

ISBN: 978-989-95653-7-1

Depósito legal: 351971/12

Paginação: Rui Roberto de Almeida

Capa: desenho geral e fotografia de pormenor de um fragmento de *terra sigillata* focense tardia (finais do séc. V) recolhido em Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?): Victor S. Gonçalves.

Impressão: Facsimile, Lda., Lisboa, 2012, 500 exemplares

Apoio do CIDEHUS, Universidade de Évora, a parte dos custos de paginação.

Volumes anteriores de esta série:

1.

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Reimpressão do volume de 1951. Lisboa: UNIARQ.

2.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 vols. Lisboa: UNIARQ.

3.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ.

© do Autor

*Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita do Autor, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em powerpoints de carácter científico ou didáctico (e não comercial) a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de a origem e a autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução. Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados*

PARA INTERCÂMBIO (ON PRIE L'ÉCHANGE, EXCHANGE ACCEPTED):

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS P-1600-214 LISBOA PORTUGAL



# ECONOMIA ANTIGA A PARTIR DE UM CENTRO DE CONSUMO LUSITANO

*Terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha  
em Chãos Salgados (Mirobriga?)

José Carlos Quaresma





JOSÉ CARLOS QUARESMA nasceu em Lisboa e fez todos os seus estudos nesta cidade. Depois da Escola Secundária de Passos Manuel ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde obteve a licenciatura em Arqueologia (1996), o mestrado em Arqueologia (2002) e o doutoramento em Arqueologia (2009).

Foi bolseiro de mestrado (2001) e de doutoramento (2006-2009) pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, bem como bolseiro de investigação (2004-2005) pela *Fundação Calouste Gulbenkian*. É desde 2010 bolseiro de pós-doutoramento pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*.

É investigador integrado do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS) e investigador colaborador da Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).

É igualmente membro de várias associações científicas: *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, *Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule* e *Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania*.

Desde 1997 publicou cerca de 30 trabalhos em Portugal, Espanha, Itália, França e Alemanha.

Entre 1995 e 2009 colaborou no estudo e valorização das Ruínas Romanas de *Mirobriga*, e com outras entidades como o Museu Municipal de Vila Franca de Xira ou sobretudo o Museu Municipal de Coruche, onde desde 1999 participa com Cristina Calais na elaboração da Carta Arqueológica do concelho.

Actualmente o seu projecto de investigação principal (bolsa de pós-doutoramento) centra-se na análise das cerâmicas finas da cidade romana da *Ammia*.

É membro associado do projecto *Céramopôle*, coordenado por Michel Bonifay da *Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme* (Universidade de Aix en Provence).



à memória da minha mãe  
- - - - - à Isabel







# Índice

Prólogo .....	11
Agradecimentos .....	15
1. Introdução. Trabalhos prévios e nota metodológica .....	17
2. O sítio .....	23
2.1. Posição geográfica e sinopse da sua diacronia .....	23
2.2. A construção nº 2: um caso de adaptação cultural no século I (?) .....	36
2.2.1. Ambientes de escavação e planta .....	36
2.2.2. Evolução crono-estratigráfica .....	38
2.2.3. Distribuição espacial de alguns dados .....	42
2.2.4. Romanização – um conceito em revisão .....	44
2.2.4.1. A origem da construção nº 2: uma reprodução romana imperial do chamado “templo céltico”? .....	45
2.2.4.2. A transição da cultura material ao longo do século I d.C.: alguns casos peninsulares .....	48
2.3. A construção nº 1: mudança ambiental durante o século III / inícios do IV (?) .....	49
2.3.1. Planta e principais atributos construtivos .....	49
2.3.2. Evolução crono-estratigráfica .....	52
2.3.3. Uma proposta de leitura paleo-climática para a remodelação da construção nº 1 .....	56
2.4. O Sector da Ponte .....	57
2.4.1. Resultados cronológicos .....	58
2.4.1.1. Extremidade norte da ponte .....	58
2.4.1.2. Extremidade sul da ponte .....	60
2.4.2. Resultados arquitectónicos: extremidades norte e sul da ponte .....	62
2.4.3. Os materiais datantes: evolução crono-estratigráfica .....	64
2.4.3.1. Extremidade norte da ponte (Ponte-Norte) .....	64
2.4.3.2. Extremidade sul da ponte (Ponte-Sul) .....	69
3. Análise tipológica e estratigráfica da <i>terra sigillata</i> e da cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados .....	79
3.1. <i>Terra sigillata</i> itálica .....	81
3.1.1. Caracterização .....	81
3.1.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	82
3.1.3. Marcas .....	83
3.2. <i>Terra sigillata</i> sudgálica (La Graufesenque) .....	84
3.2.1. Caracterização dos fabricos .....	84
3.2.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	86
3.2.3. Marcas .....	105
3.3. <i>Terra sigillata</i> centro-gálica? .....	115
3.3.1. Análise tipológica e estratigráfica .....	116
3.4. <i>Terra sigillata</i> hispânica de tipo itálico (ou precoce), <i>terra sigillata</i> hispânica, <i>terra sigillata</i> hispânica intermédia e <i>terra sigillata</i> hispânica tardia .....	116
3.4.1. <i>Terra sigillata</i> hispânica de tipo itálico ou precoce (grupo 7) .....	116
3.4.1.1. Caracterização e conceptualização .....	116
3.4.1.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	119



3.4.2. Terra sigillata hispânica .....	120
3.4.2.1. La Rioja (grupos 1 e 2) .....	120
3.4.2.1.1. Caracterização .....	120
3.4.2.1.2. Sinopse da investigação sobre La Rioja .....	121
3.4.2.1.3. Uma visão dos centros oleiros conhecidos: <i>Tritium Magallum</i> , Bezares e Arenzana de Arriba .....	122
3.4.2.1.4. Análise tipológica e estratigráfica .....	124
3.4.2.1.4.1. Grupo 1 .....	124
3.4.2.1.4.2. Grupo 2 .....	127
3.4.2.2. Andújar (grupos 3 e 4) .....	131
3.4.2.2.1. Grupo 3 .....	131
3.4.2.2.1.1. Caracterização .....	131
3.4.2.2.1.2. Sinopse da investigação sobre Andújar .....	132
3.4.2.2.1.3. A estratigrafia em Andújar .....	133
3.4.2.2.1.4. As propostas cronológicas .....	135
3.4.2.2.2. Grupo 4 (Andújar?) .....	137
3.4.2.2.2.1. Descrição e interpretação .....	137
3.4.2.2.2.2. O grupo 4 como um reflexo de alterações nos modos de produção? .....	139
3.4.2.2.3. Análise tipológica e estratigráfica .....	140
3.4.2.2.3.1. Grupo 3 .....	140
3.4.2.2.3.2. Grupo 4 .....	145
3.4.3. Terra sigillata hispânica intermédia (grupo 5) .....	147
3.4.3.1. Caracterização e conceptualização .....	147
3.4.3.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	148
3.4.4. Terra sigillata hispânica tardia (grupo 6) .....	150
3.4.4.1. Caracterização e conceptualização .....	150
3.4.4.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	151
3.4.5. Marcas hispânicas .....	152
3.4.6. Análises de laboratório dos grupos 1 e 2 (La Rioja) de terra sigillata hispânica de Chãos Salgados .....	157
3.5. Terra sigillata africana .....	159
3.5.1. Terra sigillata africana A .....	159
3.5.1.1. Origem e cronologia .....	159
3.5.1.2. Caracterização dos fabricos .....	162
3.5.1.3. Análise tipológica e estratigráfica .....	163
3.5.1.3.1. Terra sigillata africana A1 .....	163
3.5.1.3.2. Terra sigillata africana A2 .....	163
3.5.2. Terra sigillata africana A/D e afim a A/D .....	168
3.5.2.1. Origem, cronologia e caracterização dos fabricos .....	168
3.5.2.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	169
3.5.2.2.1. Terra sigillata africana A/D .....	169
3.5.2.2.2. Terra sigillata africana afim a A/D .....	170
3.5.3. Terra sigillata africana C .....	171
3.5.3.1. Terra sigillata africana C1/C2, C3, C4 .....	171
3.5.3.1.1. Origem e cronologia .....	171
3.5.3.1.2. Caracterização dos fabricos .....	171
3.5.3.1.3. Análise tipológica e estratigráfica .....	173
3.5.3.1.3.1. Terra sigillata africana C1/C2 .....	173
3.5.3.1.3.2. Terra sigillata africana C3 .....	176
3.5.3.1.3.3. Terra sigillata africana C4 .....	178
3.5.3.2. Terra sigillata africana C3 de Relevos Aplicados .....	179
3.5.3.2.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos .....	179
3.5.3.2.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	180
3.5.3.3. Terra sigillata africana C/E e E .....	181
3.5.3.3.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos .....	181
3.5.3.3.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	182
3.5.3.3.2.1. Terra sigillata africana C/E .....	182
3.5.3.3.2.2. Terra sigillata africana E .....	183
3.5.3.4. Terra sigillata africana C de outros centros de produção .....	184
3.5.3.4.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos .....	184



3.5.3.4.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	186
3.5.3.4.2.1. <i>Terra sigillata</i> africana de Henchir es-Srira? .....	186
3.5.3.4.2.2. <i>Terra sigillata</i> africana de Sidi Aïch? .....	186
3.5.4. <i>Terra sigillata</i> africana D1 e D2 .....	187
3.5.4.1. Algumas considerações sobre a génese e organização da <i>terra sigillata</i> africana C e D .....	187
3.5.4.2. Origem e cronologia .....	190
3.5.4.3. Descrição dos fabricos .....	193
3.5.4.4. Análise tipológica e estratigráfica .....	194
3.5.4.4.1. <i>Terra sigillata</i> africana D1 .....	194
3.5.4.4.2. <i>Terra sigillata</i> africana D2 .....	208
3.6. <i>Terra sigillata</i> foceense tardia .....	211
3.6.1. Origem, cronologia e caracterização dos fabricos .....	211
3.6.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	212
3.7. Cerâmica africana de cozinha .....	213
3.7.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos .....	213
3.7.2. Análise tipológica e estratigráfica .....	215
3.7.2.1. Norte da actual Tunísia .....	215
3.7.2.1.1. Engobe .....	215
3.7.2.1.2. Patina cinzenta .....	218
3.7.2.1.3. Patina branco-amarelada .....	218
3.7.2.2. Centro da actual Tunísia .....	218
3.7.2.2.1. Polimento/engobe .....	218
3.7.2.2.2. Polimento / engobe interno / patina branco-amarelada .....	219
3.7.2.2.3. Polimento / engobe interno / patina cinzenta .....	219
3.7.2.3. Afim a A/D .....	219
3.8. Análise dos grafitos sobre <i>terra sigillata</i> .....	219
4. Para uma análise comercial comparada .....	221
4.1. A evolução intra-sítio no quadro peninsular .....	223
4.1.1. <i>Terra sigillata</i> itálica .....	223
4.1.2. <i>Terra sigillata</i> sudgálica e centrogálica (?) .....	228
4.1.3. <i>Terra sigillata</i> hispânica, hispânica de tipo itálico (ou precoce) e hispânica tardia .....	233
4.1.4. <i>Terra sigillata</i> africana, foceense tardia e cerâmica africana de cozinha .....	245
4.2. Da segunda metade do século I à Antiguidade Tardia: a evolução do comércio da <i>terra sigillata</i> e da cerâmica africana de cozinha no contexto da economia antiga. Coerências e anomalias .....	250
4.2.1. c.50 a c.250 d.C.: o Alto Império e a sua transição .....	250
4.2.1.1. A Economia Romana: um regresso a Rostovtzeff? .....	250
4.2.1.2. O papel do século II d.C.: um regresso a Gibbon? .....	251
4.2.1.3. Uma mise au point da segunda metade do século I, século II e época severa: os dados conhecidos pela História, Numismática e Arqueologia .....	252
4.2.1.3.1. Os dados económico-financeiros .....	252
4.2.1.3.2. A restante base empírica: prova de um abrandamento da economia desde a primeira metade do século II? .....	257
4.2.1.4. O consumo na <i>Hispania</i> .....	259
4.2.1.4.1. A posição geo-económica da <i>Hispania</i> .....	259
4.2.1.4.2. A base empírica hispânica. A transição da <i>terra sigillata</i> itálica, sudgálica e hispânica para a africana A .....	259
4.2.2. O Baixo-império e a Antiguidade Tardia .....	267
4.2.2.1. A definição conceptual: estado da questão .....	267
4.2.2.2. Os dados historiográficos: economia e finanças (c.200/250-c.450 d.C.) .....	269
4.2.2.3. A posição geo-económica da <i>Hispania</i> .....	274
4.2.2.4. O comércio de <i>terra sigillata</i> .....	277
4.2.2.4.1. c.200/250-300 d.C.: o comércio da <i>terra sigillata</i> africana A, C e A/D .....	277
4.2.2.4.2. c.275/300-450 d.C.: o comércio da <i>terra sigillata</i> africana C3 de relevos aplicados, C tardia, C/E, E, C5 e D1 .....	281



4.2.2.4.3. c.350-500/550 d.C.: o comércio da <i>terra sigillata</i> hispânica tardia, DSP e <i>terra sigillata</i> luzente ....	285
2.2.4.4. c.450/475 d.C.-século VI (e século VII): uma sinopse .....	288
4.2.2.5. O papel da Lusitania no comércio alimentar. Algumas leituras possíveis .....	294
4.2.2.6. O comércio de cerâmica africana de cozinha (séculos I-V d.C.) .....	299
5. Conclusões .....	303
Conclusions .....	315
Anexo 1.	
Tabelas de contextos e estatísticas de Chãos Salgados .....	329
Anexo 2.	
Tabelas sobre contextos e sítios .....	345
Anexo 3.	
Chãos Salgados. Estampas de materiais .....	367
Anexo 4.	
Mapa da Península Ibérica com os sítios mencionados no texto .....	411
Anexo 5.	
Fotos dos fabricos de <i>terra sigillata</i> e cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados .....	415
Anexo 6.	
Tabela de cores de A. Cailleux (s.d.), abreviaturas usadas no texto e valores de importação média anual (IMA) aplicados .....	419
Anexo 7.	
Tabelas estatísticas de <i>terra sigillata</i> em sítios da Península Ibérica (Quantitativos, Importação média anual e quantitativos de oleiros) .....	423
Bibliografia .....	439
Índice topográfico e de sítios arqueológicos .....	481

## Prólogo

### Um olhar sistemático sobre uma antiga cidade romana

O Castelo Velho de Santiago do Cacém leva já uma extensa e atribulada vida enquanto sítio arqueológico. Identificado e comentado por humanistas como André de Resende - ao que parece, o primeiro a associar o local à Merobriga pliniana (*Nat.* 4, 116)-, foi visitado por José Leite de Vasconcellos, no decurso de uma das suas frequentes “excursões arqueológicas”, que reconheceu a sua relevância e o interesse em dele levantar uma planta e ali realizar escavações metódicas (Vasconcellos, 1914, p. 315), embora se tivesse quedado por um mero esboço esquemático da dita, não tendo chegado a empreender qualquer outra acção. Na década de 40 do século XX, teve no advogado local Cruz e Silva um entusiasta, que empreendeu as primeiras escavações, sem todavia ter chegado a publicar extensamente os resultados. Foi parcialmente adquirido pelo Estado, classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 30762, de 26-9-1940 e 32973, de 18-8-1943 (com Zona Especial de Protecção definida na Portaria 1135/91) e, por isso mesmo, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realizou ali as primeiras acções sob a égide da administração central, com Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Artur como arqueólogos responsáveis, na realidade, mais a segunda do que o primeiro.

A partir de 1959, Fernando de Almeida assumiu a direcção dos trabalhos de campo, que tomaram então um novo fôlego. Foi este investigador que produziu as primeiras interpretações consistentes sobre o local, ainda que na esteira das sugestões já expressas por Cruz e Silva. No Castelo Velho existiria um santuário campestre de época romana, com templo, termas e circo (hipódromo) e “uma pequena área urbanizada”, que se instalara sobre um antigo aglomerado indígena. Estabelecia como melhor paralelo o sítio arqueológico de *Munigua*, cujas escavações sistemáticas se iniciavam então, sob a égide do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, com especial atenção ao seu monumental santuário de terraços (Schattner, 2003, p. 21-23).



Como era natural na época, as escavações realizadas consistiram mais no desaterro dos antigos edifícios, sua consolidação e restauro, com escassa atenção aos detalhes estratigráficos, daí que, ao longo de todo este ciclo, iniciado por um erudito local e continuado pelas autoridades da administração central, a leitura da dinâmica de ocupação do espaço fosse algo esquemática: da “aldeia fortificada dos *celtici*” até ao santuário romano, naturalmente, abandonado na sequência das invasões bárbaras. Não faltava mesmo a frequente notação de níveis de incêndio no local para documentar / atestar a suposta violenta destruição do sítio, definitivamente abandonado para dar lugar, mais tarde, ao novo aglomerado de Santiago do Cacém.

Na década de 70 do século XX, mercê do desenvolvimento das práticas arqueológicas e da notória renovação dos estudos de cerâmica antiga, começaram a surgir as publicações sobre os materiais recolhidos nas antigas escavações, desde os estudos sobre a *terra sigillata*, de Seomara Veiga Ferreira, Maria Garcia Pereira e de Luísa Ferrer Dias, aos de Jeannette Nolen (cerâmicas cinzentas e “paredes finas”), passando pelas referências de Manuela Delgado (cerâmica campaniense) e Adília Alarcão (*sigillata* de tipo itálico). Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares ocuparam-se das cerâmicas pré-romanas e Maria de Lourdes Costa Arthur acabou por publicar, já na década de 80, o relatório da sua intervenção (o leitor interessado poderá encontrar estas referências na bibliografia final, pelo que me dispense de aqui as discriminar para não sobrecarregar excessivamente esta breve nota).

Finalmente, nos anos 80 do século passado, um ambicioso projecto internacional, que juntava as universidades de Missouri-Columbia (EUA) e de Évora aos Serviços Regionais de Arqueologia do Sul do Instituto Português do Património Cultural, investigou o local. Especial atenção foi dada ao espaço ocupado pela antiga cidade e à cronologia dos principais edifícios. As conclusões publicadas são: a existência de uma remota ocupação indígena que remontaria ao Bronze Final; a fundação de uma cidade romana no local, com o respectivo programa arquitectónico de construção datado dos finais da época Júlio-Cláudia (ou já Flávia), edificação do hipódromo nos fins do séc. I ou primeira metade do II e de um primeiro edifício termal, posteriormente ampliado. Assinalável prosperidade sob os Antoninos e Severos, com início de declínio na segunda metade do séc. III, com um primeiro abandono do edifício termal público, embora a cidade permanecesse ocupada até fins do IV (Biers, 1988, 140-141). Infelizmente, uma parte dos trabalhos realizados acabou por não ser objecto de publicação monográfica final, ficando-se a informação pelos relatórios preliminares, dados à estampa na revista *Mvse* – em outro local discuti mais longamente a história da investigação no local e os problemas suscitados por algumas das interpretações avançadas (Fabião, 1998: 232-254).

Após breve interrupção, de novo o Castelo Velho conheceu particular atenção, no âmbito do programa de criação de uma rede de sítios arqueológicos visitáveis e afectos à administração central no Sul de Portugal (*Itinerários arqueológicos do Alentejo e Algarve*) - o extenso e ambicioso plano então iniciado foi mesmo publicamente apresentado no lugar das ruínas. Foi neste novo contexto que se começou a cruzar a actividade de investigação do jovem José Carlos Quaresma com a velha cidade romana. Ali coordenou novos trabalhos pontuais de escavação, agora realizados com os procedimentos e critérios da arqueologia de hoje. Assim nasceram as primeiras observações estratigráficas de carácter sistemático no sítio do Castelo Velho (uma vez que as investigações luso-americanas se tinham limitado a pontuais intervenções ou deixado sem publicação as intervenções de mais largo fôlego).

Iniciou então José Carlos Quaresma um longo e paciente processo de estudo das realidades materiais do Castelo Velho de Santiago do Cacém que não se limitou às intervenções que directamente realizara, abrangendo também a informação anteriormente recolhida, correspondendo, diga-se, ao espírito e letra do preâmbulo do Decreto-Lei 270/99, de 15 de Julho, que regulamenta os trabalhos arqueológicos em Portugal e define o estudo de espólios de antiga recolha como tarefa relevante. Uma iniciativa deste teor impunha, porém, opções, uma vez que se não afigurava praticável (em vários aspectos, nem especialmente útil) o estudo da totalidade dos artefactos recolhidos desde a já longínqua década de 40 do século passado. A escolha natural seria seleccionar cerâmicas finas de grande circulação, por serem portadoras de atributos intrínsecos que possibilitam a sua datação. Definidas as categorias cerâmicas a tratar, foi estudada a totalidade dos fragmentos existentes de cada uma delas. Para o efeito, o autor deste volume iniciou um lento e metódico processo de aprendizagem, que o levou a trabalhar com um amplo escol de investigadores nacionais e internacionais. José Carlos Quaresma beneficiou de bolsas de investigação, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (de que ainda usufruiu) e da Fundação Calouste Gulbenkian. Pode dizer-se, pois, que teve os convenientes apoios, mas deve sublinhar-se também que deles soube fazer muito bom uso e proveito.

A sua abordagem é clara, directa e clássica (no melhor sentido do termo). Em primeiro lugar, um rigoroso estudo dos diferentes fragmentos de cerâmica, para determinar fabrico, forma e âmbito cronológico, depois, uma criteriosa quantificação dos mesmos, de modo a definir padrões de consumo desta cidade do extremo ocidental do Império Romano. Esgotada esta fase de análise detalhada do sítio do Castelo Velho, José Carlos Quaresma alongou o olhar, buscando outros sítios similares e estabelecendo comparações. Assim chegou a algumas interessantes conclusões, que o leitor poderá ajuizar, desde logo, definindo uma outra história, mais rica e detalhada, para a dinâmica da ocupação, afinal, mais extensa do que anteriormente se supunha. Pela criteriosa observação, lançou também novas pistas (que não deixará de aprofundar em futuros estudos) sobre essa situação de “crise” da segunda metade do século II/inícios do III. Tudo isto fez com os artefactos e com o registo arqueológico, sem cair na tentação de pretender submeter uns e outro à sempre controversa lição dos textos; com uns e outro construiu e fundamentou um discurso que lança nova luz sobre a história de uma cidade romana, no contexto de uma província pertencente a um vasto Império. Realizou, por isso, uma excelente dissertação de Doutoramento de Arqueologia, sabendo usar com critério o rigor da análise e a ousadia sustentada da síntese. É o produto desse trabalho que aqui se apresenta.

É costume nestes textos preambulares rematar falando do promissor autor cujo estudo se apresenta. Se o fizesse, estaria a cometer uma injustiça. Na realidade pela sua já extensa obra, de apreciável projecção internacional, José Carlos Quaresma não é uma promessa, mas antes uma certeza, sólida e comprovada, é um autor de grande fôlego e de notáveis qualidades e capacidades aqui amplamente demonstradas, que sabe bem da necessidade de classificar com critério e rigor os seus artefactos, sem nunca descurar as coordenadas contextuais, mas sabe também, a partir deles, ensaiar leituras mais amplas e ricas. Em suma, fazer história com artefactos, sem descurar as outras fontes, e não ilustrar com artefactos histórias que com outras fontes se desenham.

Carlos Fabião  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





## Agradecimentos

Este trabalho foi possível graças à colaboração de várias instituições.

Em primeiro lugar devo destacar a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que me concedeu Bolsas de Mestrado (2001) e de Doutoramento (2006-2009), mas de imediato tenho de agradecer também à Fundação Calouste Gulbenkian, da qual usufruí de Bolsa de Especialização e Investigação (2004-2005), extremamente útil para a prossecução dos trabalhos de pesquisa, no interregno entre os períodos de investigação inseridos nos dois graus académicos referidos.

Em segundo lugar, ao Museu Municipal de Santiago do Cacém e respectiva Câmara Municipal, pela autorização de estudo do espólio de *terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha, proveniente de *Mirobriga*. À Filomena Barata tenho de agradecer a permissão de estudo dos contextos da área habitacional de *Mirobriga*, escavados por ela, e em cujas campanhas de trabalho eu participei sob a sua direcção.

Este trabalho não teria sido possível de concretizar sem o auxílio ou a colaboração de várias pessoas e entidades.

A um nível mais pessoal tenho de agradecer a imensa ajuda da minha amiga e colega de doutoramento, Mélanie Wolfram, pela paciência com que corrigiu os textos em francês que redigi ao longo destes 4 anos de bolsa de doutoramento.

À Catarina Viegas, pela constante partilha de informação e de bibliografia, bem como pelos conselhos e os estímulos de quem conhece bem esta temática.

O mesmo posso afirmar de outros colegas, como o Eurico Sepúlveda e o Rodrigo Banha da Silva, este último com quem discuti algumas questões importantes sobre os ritmos da economia romana.

À Maia Langley, outras trocas de bibliografia, com quem se encontra a trabalhar exactamente a mesma temática.



Ao Rui Morais, pelos dias que passei em Braga, no Museu D. Diogo de Sousa, onde discuti com ele várias questões sobre o meu doutoramento, bebendo um pouco do seu manancial de conhecimento sobre as cerâmicas romanas. Os seus conselhos e críticas foram fundamentais para uma melhor maturação do trabalho. Enquanto meu arguente principal na defesa pública da tese, tenho igualmente de agradecer as críticas pertinentes e aturadas sobre a organização do texto, bem como sobre várias classificações tipológicas. Esta publicação teve em conta essas indicações.

Outras partilhas de informação, devo agradecer sobretudo ao Paul Reynolds, um verdadeiro sábio do comércio cerâmico de época romana, mas também a Archer Martin, pela disponibilidade com que me cedeu dados relativos aos contextos de *Ostia*.

Aos Professores César Andrade e Maria Conceição Freitas, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em particular às doutorandas da sua equipa, Anabela Cruces e Rute Ramos, agradeço as informações sobre os estudos em curso na área da Lagoa de Santo André, fundamentais para se perceber a evolução deste espaço litoral.

Na campanha de 2004 da área da ponte contei com o trabalho voluntário de Ana Patrícia Magalhães, Margarida Vaz Pinto e Teresa Pereira, que são igualmente as autoras de quase todas as estampas de materiais desse sector. Agradeço-lhes aqui o empenho e a competência desse trabalho.

Desde que comecei a minha actividade de bolseiro de investigação, em 2001, no Mestrado, agora, no Doutoramento, contei sempre com o apoio importante de Professores da “casa”, dos quais devo destacar os nomes de Ana Arruda e de Amílcar Guerra, Professor com quem classifiquei pela primeira vez cerâmica africana de cozinha, ainda recém-licenciado.

À Professora Maria Vitoria Romero Carnicero (e ao *Laboratorio de la Universidad de Castilla - La Mancha*, Ciudad Real), cumpre-me agradecer a simpatia com que se disponibilizou a efectuar análises de laboratório a várias amostras de *terra sigillata* de La Rioja e cujos resultados se integram nesta monografia.

Ao Dr. António Faria, que prontamente classificou os numismas.

A Thierry Martin, que confirmou a origem de La Graufesenque de todos os fabricos de *terra sigillata* sudgálica.

Em 2006 fiz um estágio de aprendizagem e pesquisa bibliográfica na Universidade de Granada, onde tive sempre o carinho e a disponibilidade da Professora Isabel Fernández García. A ela e à sua equipa, em especial, ao Pablo Ruiz Montes, o meu obrigado.

Ao Michel Bonifay agradeço a mesma abertura com que me recebeu, em 2006, 2010 e 2011, na *Maison Méditerranéenne des Sciences de l’Homme* (Universidade de Aix-en-Provence). Para além de todo o conhecimento de observação de fabricos, as diversas sugestões e críticas pertinentes sobre questões tipológicas e comerciais para as produções africanas, que me colocou já depois da defesa da tese, foram essenciais para melhorar, na medida do possível, este trabalho. Espero ter depurado muitas das incongruências nesta versão ora apresentada.

O mesmo devo dizer da Dra. Manuela Delgado. Em 1997 passou várias horas comigo no Museu D. Diogo de Sousa e aprendi com ela a distinguir fabricos de *terra sigillata* africana. A sua alegria e o seu estímulo obrigam a que este trabalho seja um pouco dedicado a ela, pois foi quem verdadeiramente me possibilitou trabalhar de uma forma mais rigorosa nesta cerâmica. Tal como o Michel Bonifay, é, para mim, um exemplo humano.

Por ultimo, o mais forte dos agradecimentos, ao meu orientador, o Professor Carlos Fabião. O seu apoio incondicional, pessoal e institucional, ao longo de várias bolsas de investigação, foi crucial, e fazem dele um outro exemplo de abertura e de pedagogia, ao qual acresce o seu saber, de todos conhecido.

# Introdução.

## Trabalhos prévios e nota metodológica







“Historians should be aware that (...) putting a precise date on ceramic assemblages is difficult and must take into account the complex routes by which the deposits came to be formed prior to excavation, and the region-specific dating for the appearance of individual forms”.

(P. Reynolds, 2005, p.370)

“L’Antiquité a connu des époques très différentes. Elle fut plus archaïque en son début et à sa fin ; mais aux périodes où elle fut la plus prospère, il est impossible de la réduire à l’économie domestique”.

(J. Andreau,  
*Introduction à l’Histoire économique  
et sociale de l’Empire romain.*  
In Rostovtseff, 1957-1988, p.L)

## 1. Introdução. Trabalhos prévios e nota metodológica

### Trabalhos prévios

Desde que iniciei o estudo da *terra sigillata* e da cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados, em 1995, dei à estampa três trabalhos directamente relacionados com este tema: dois artigos em 1999 (Quaresma, 1999a e b), a publicação da tese de mestrado, em 2003 (Quaresma, 2003), e a minha tese de doutoramento (Quaresma, 2009), cujo conteúdo é agora publicado neste trabalho.

Estes trabalhos foram uma retoma de algo que já se havia iniciado nos anos 70 do século XX, quando um artigo de fundo foi publicado por Luísa Ferrer-Dias (Dias, 1976-1977), e um outro mais pequeno, saiu pela mão de Maria Pereira Maia (Pereira Maia, 1971).

O presente trabalho é assim, uma síntese final e integral de um percurso longo, talvez até em demasia, de um sítio que teve sempre alguma inconstância de investigação. Engloba todos os fragmentos existentes no Museu Municipal de Santiago do Cacém, bem como nas Ruínas Romanas de *Mirobriga* (que inclui o espólio até 2001 depositado no Museu Nacional de Arqueologia). Envolve assim, não só o espólio das escavações antigas (até à equipa luso-americana da década de 80), bem como o das recentes, entenda-se, as conduzidas pela Dra. Filomena Barata, a partir da década de 90, e pelo signatário, nos anos de 2004 e 2005.

Quanto ao espólio do Museu Municipal de Santiago do Cacém, devo dizer que a amostra estudada foi a apresentada pela direcção do museu, pelo que, não tendo tido permissão de acesso à reserva do mesmo, não posso assumir responsabilidades por eventuais erros de triagem que possam existir.

### As ideias de base para esta obra e uma breve nota metodológica

No **capítulo 2**, fazemos uma abordagem sobre o sítio, com um “estado da arte” do seu conhecimento arqueológico, literário e epigráfico, seguida de uma extensa explanação das escavações recentes conduzidas no sítio, por Filomena Barata, na área residencial (construções nº1 e 2), e no sector da ponte, pelo signatário, na última década do século XX e primeira do século XXI. Para além de toda a integração urbanística e arquitectónica, levantamos várias questões culturais e ambientais, tanto para o início do Alto-Império, a partir do modelo da construção nº2, como para o Baixo-Império, a partir da

remodelação da construção nº1 e da amortização de espaços na construção nº2. No fundo, questionamos as dinâmicas da *Romanização* nesta cidade romana, no século I d.C., por estímulos culturais, e as da *Romanidade*, no século III/inícios do IV, por possíveis estímulos ambientais. O sector da ponte revelou-se fundamental para a percepção da modelação urbana de Chãos Salgados (*Mirobriga?*), nos finais do século I/primeira metade do século II, e para a sua dinâmica de conservação de equipamentos públicos e privados, no século III.

Neste **capítulo 2** apresentamos também a evolução dos materiais datantes na estratigrafia, com comentários, quando mais pertinente, quer sobre a *terra sigillata*, quer sobre outras tipologias.

Em relação à edição policopiada da tese de doutoramento (Quaresma, 2009) subtraímos o relatório sobre a fauna da área habitacional, elaborado por M. Mackinnon. Não publicamos igualmente a base dados da *terra sigillata* e da cerâmica africana de cozinha do sítio, pois tal tornaria esta edição demasiado extensa em número de páginas. Estas informações podem contudo ser consultadas on-line no repositório da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O estudo dos diversos fabricos de *terra sigillata* e de cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados é apresentado neste trabalho em dois grandes campos: um primeiro, relativo ao seu estudo cronotipológico e crono-estratigráfico (**capítulo 3**), e um segundo, relativo ao seu enquadramento histórico-arqueológico, na qual tentamos fornecer uma visão das redes comerciais e dos ritmos económicos, não só à escala peninsular, mas, se possível, mediterrânica. Uma análise comparada dos dados históricos para a política económica e financeira com os dados arqueológicos é assim encetada no **capítulo 4**.

Tanto na nossa abordagem crono-tipológica, como na histórica, tivemos como pensamento de base uma procura tão exaustiva quanto possível da informação contextual disponível no espaço do Império Romano. Desde o início nunca foi nossa intenção reproduzir pura e simplesmente a informação crono-tipológica existente nas *grandes tipologias*, mas confrontá-las com outros contextos, sobretudo se estatisticamente de importância maior. A mesma ideia de base rege o **capítulo 4**, de análise comercial. Para além de uma análise comparada estatística, urge comparar contextos estratigráficos para se perceber os verdadeiros ritmos cronológicos e geográficos ao longo de um espaço tão vasto quanto o foi o Império Romano. Toda a tipologia é um trabalho limitado ao(s) espólio(s) ou ao(s) contexto(s) estudado(s) por determinado autor, tanto nos centros de produção como nos centros de consumo. A pura repetição acrítica destas conclusões, sem uma confrontação geográfica e temporal dos diferentes resultados leva a uma visão monolítica de uma realidade provavelmente mais complexa e diversa, no espaço e no tempo, na produção e no consumo. O adormecimento da Arqueologia Clássica sobre as grandes tipologias é, em nosso entender, sobretudo no que respeita aos estudos de cerâmicas finas, uma das principais causas da estagnação de certas áreas, em particular da *terra sigillata* hispânica. Urge, por isso, publicar contextos e estudar as cerâmicas finas em estratigrafia, sempre que ela foi registada.

Nesse sentido apresentamos um **anexo 2** com todos os contextos que nos pareceram fundamentais para sustentar as abordagens tipológicas e históricas tecidas, para além de um **anexo 1**, com a composição e datação de todas as UEs registadas em Chãos Salgados.

Ao nível gráfico da estatística, sentimos a necessidade de ultrapassar a frequente apresentação de resultados em gráficos de barras (percentagens) e elaborar em muitos casos, como o fizemos intensivamente no que respeita a Chãos Salgados, gráficos de linha - introduzidos no estudo da *terra sigillata* já nos anos 80 do século XX, por Fentress e Perkins (1987) -, que permitem ver com mais realismo a evolução dos diferentes fabricos que se sobrepõem parcialmente ao longo do tempo. Esta sobreposição nunca é expressa pelos gráficos de barras que apenas comparam resultados, mas fica bem elucidada pelas linhas gráficas de evolução comercial. Permitem por isso, o alcance de conclusões históricas novas e mais complexas dos diferentes tipos de produções que alcançaram Chãos Salgados e outros sítios comparativos, analisados pela bibliografia consultada.

Sem contexto		Com contexto	
Quant.	%	Quant.	%
4958	80,64	1190	19,36
<b>Total: 6148 fragmentos</b>			

Figura 1 – Chãos Salgados. Relação de fragmentos de *terra sigillata* e de cerâmica africana de cozinha.



A extensão das escavações conduzidas sobretudo nas décadas centrais do século XX, sem qualquer controlo estratigráfico, leva a que 80,45% do universo de *terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha não possua qualquer contexto conhecido, o que limita a nossa análise crono-estratigráfica a 1/5 do espólio.

Tal como em 2003 (Quaresma, 2003, p.31), aplicou-se os conceitos operatórios estatísticos, estabelecidos por Raux (1998, p.12-13) e Hesnard (1998, p.19), no cálculo de número de fragmentos, número de exemplares classificáveis e sobretudo, número mínimo de indivíduos (NMI).

Para o cálculo do valor de importação média anual, tanto relativamente a Chãos Salgados como aos restantes sítios estudados e elencados no **anexo 7 - tabelas 1 e 2**, apresentamos, no **anexo 6 - tabela 3**, os valores de anos de produção propostos para cada fabrico, no seguimento da metodologia já seguida em 1999 (Quaresma, 1999a, p.163).

## Alguns conselhos de leitura da obra

Quanto à leitura desta obra, deixamos algumas orientações para um mais fácil entendimento.

As UEs de Chãos Salgados foram sequenciadas no **anexo 1**, através de um número de contexto. É exactamente pela denominação de, por exemplo “**contexto 2**”, que ao longo do texto se faz referência a uma determinada UE, consultável no **anexo 1**.

As peças desenhadas são igualmente chamadas pelo seu número sequencial (por exemplo, nº 265) do **anexo 3**, onde podem ser consultadas. Neste anexo, apresentamos primeiro a *terra sigillata* sem contexto, das escavações antigas (nºs 1-646), e em segundo lugar, a *terra sigillata* e restantes materiais datantes, provenientes essencialmente das campanhas de Filomena Barata e do signatário, organizados nos respectivos contextos de escavação (nºs 647-857).

Finalmente, apresentamos no **anexo 6** uma tabela com as abreviaturas usadas ao longo do texto (tipos, tipologias, medições).

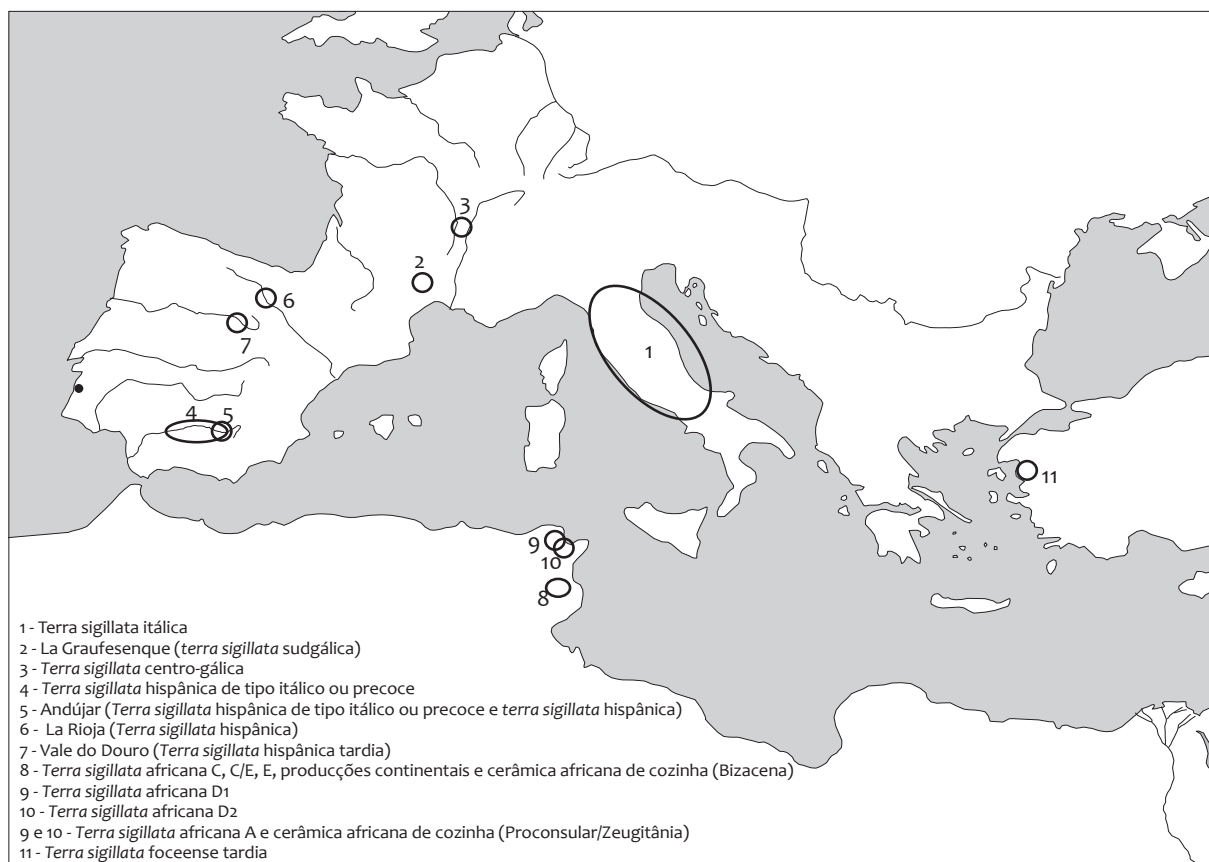


Figura 2 - Localização das regiões de produção dos fabricos de *terra sigillata* e de cerâmica africana de cozinha presentes em Chãos Salgados.









## 2. O sítio

### 2.1. Posição geográfica e sinopse da sua diacronia

O sítio de Chãos Salgados (ver **fig. 3**), conhecido também pelo topónimo de Castelo Velho (ver por exemplo, Fabião, 1998), está implantado na franja ocidental da pequena cordilheira constituída pelas serras da Lousa e de Grândola, no Sudoeste peninsular, a 17km da actual linha de costa atlântica (CMP 1/25000; UTM P=4207,1; M=527,9), numa área geomorfológica que Orlando Ribeiro denominou de “Alentejo litoral com elevações” (Ribeiro, 1991, p.188).

Foi com o humanista André de Resende, no século XVI, que se produziu a primeira descrição do sítio e uma primeira abordagem epigráfica (Barata, 1997, p.19), mas as primeiras campanhas de escavação foram realizadas sob a supervisão de Frei Manuel do Cenáculo, já nos inícios do século XIX (Barata, 1997, p.20). Uma segunda visita descritiva ao sítio foi publicada por J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914), nos inícios do século XX, e é na primeira metade deste século que se retomam as campanhas de escavação, através de J. Cruz e Silva (Silva, 1944; 1945; 1946). Nos anos 50, o trabalho de campo é prosseguido por Afonso do Paço e Maria de Lurdes Costa Artur (Artur, 1983) e, nos anos 60, Fernando de Almeida torna-se o arqueólogo mais emblemático da História da investigação de *Mirobriga*, tendo publicado uma série de artigos (Almeida, 1963; 1968; 1988) e a primeira monografia do sítio (Almeida, 1964).

O primeiro projecto de investigação estruturado com um paradigma científico actual, conjugando prospecção, escavação e estudo de materiais, foi levado a cabo nos anos 80 por uma equipa luso-americana, que publicou, primeiramente, uma série de artigos (Biers; et Al. 1976-82; 1983; Biers; Biers; Soren, 1982; Biers; et Al., 1983; Biers; et Al., 1984) e seguidamente a primeira monografia com tratamento estratigráfico sobre o sítio (Biers; et Al., 1988).

Chãos Salgados ou o Castelo Velho é comumente associado ao topónimo *Mirobriga*, revelado pelas fontes clássicas, nomeadamente Plínio-o-Velho, que, na sua *Historia Naturalis* (4.118 e 4.116), o descreve como um *oppidum stipendiarium*, no qual habitam os *Mirobricenses qui Celtici cognominantur*, bem como indica o topónimo *Merobrica*, na lista dos *oppida memorabilia*, parecendo ser consensual para vários autores que se trata da mesma povoação (Guerra, 1995, p.94; Encarnação, 1984, p.233; Osland, 2006, p.54). Contudo, a existência de dois topónimos idênticos indicados por Ptolomeu, bem como o facto de a epigrafia ainda não ter esclarecido a identidade entre este sítio e a cidade pliniana, deixa contudo em aberto esta associação, segundo autores como J. Tovar (*apud* Guerra, 1995, p.94).

Dois epígrafes parecem confirmar a identidade do sítio com o topónimo clássico, embora ambas levantem questões e redundem insuficientes no esclarecimento do problema. A inscrição funerária *IRCP 152* (Encarnação, 1984, p.233), encontrada na Herdade dos Francisquinhos, a 4km de Chãos Salgados, datada do século II d.C., é dedicada a *C(aius) Porcius Severus Mirobrigen(sis) Celt(icus)*. Se a sua formulação parece ser à primeira vista a confirmação do topónimo pliniano, a verdade é que a sua formulação levanta sérias dúvidas a J. d'Encarnação quanto à sua veracidade, sobretudo pela estranheza que causa um suposto autóctone indicar a sua *origo*, quando jaz no seu *territorium*. A segunda inscrição, também funerária, encontrada em Santiago do Cacém (*CIL II, 25 = IRCP 150*; Encarnação, 1984, p.230), é dedicada a *M(arco) Iulio Marcello Aed(ili) et Ilvir(o) M(unicipii?) F(lavii?) M[irobrig(sensis)?]*. A aceitação do desenvolvimento de MFM como Município Flávio Mirobriguense, algo que não é, contudo, seguro, seria, porém, a confirmação de que o ópido estipendiário ter-se-ia tornado município com a extensão do direito latino, no principado de Vespasiano, tendo os seus cidadãos sido integrados na tribo *Quirina*, como indica a epígrafe *CIL II, 29 = IRCP 158* (Encarnação, 1984, p.239), numa acção histórica em que outras duas cidades lusitanas meridionais e litorais, *Balsa* e *Ossonoba*, teriam sofrido a mesma promoção (Andreu Pintado, 2004, p.166). Para além da epígrafe *CIL II, 25 = IRCP 150*, acima descrita, que nos fala de um edil e duúnviro, também a *CIL II, 21 = IRCP 144* (Encarnação, 1984, p.218), datada do século II, nos informa sobre órgãos públicos administrativos, neste caso de um *Splendidissimus Ordo*. Esta mesma lápide, cujo local original se desconhece, é dedicada a Esculápio por um médico pacense e informa sobre a doação testamentária de bens daquele médico ao *Ordo* por este ter organizado cinco dias festivos (*Quinquatrium*) em honra do deus. O culto de divindades greco-romanas (veja-se também *CIL II, 22 = IRCP 145 = Encarnação, 1984, p.221*, dedicada a Marte; *IRCP 147 = Encarnação, 1984, p.223*, dedicada a Vénus; ou os deuses Manes de *IRCP 152*), bem como a existência de nomenclatura para o efeito é provada por outra epígrafe votiva (*IRCP 146*; Encarnação, 1984, p.222), dedicada a Vénus por *C(aius) Iulius Rufinus Magister*, ou seja, presidente de um colégio sacerdotal.

Na ausência de confirmação do topónimo clássico, é igualmente impossível garantir a configuração do suposto território da *civitas*, até pela falta de dados epigráficos, também nesta questão. Contudo, é plausível pensar-se que confinaria a Sul com a *civitas* de *Arandis*, tendo o rio Mira por limite; a Oriente com a de *Pax Iulia*, tendo o Sado como fronteira; e a Norte com a de *Salacia* (Serrão; Marques, 1990, p.167).

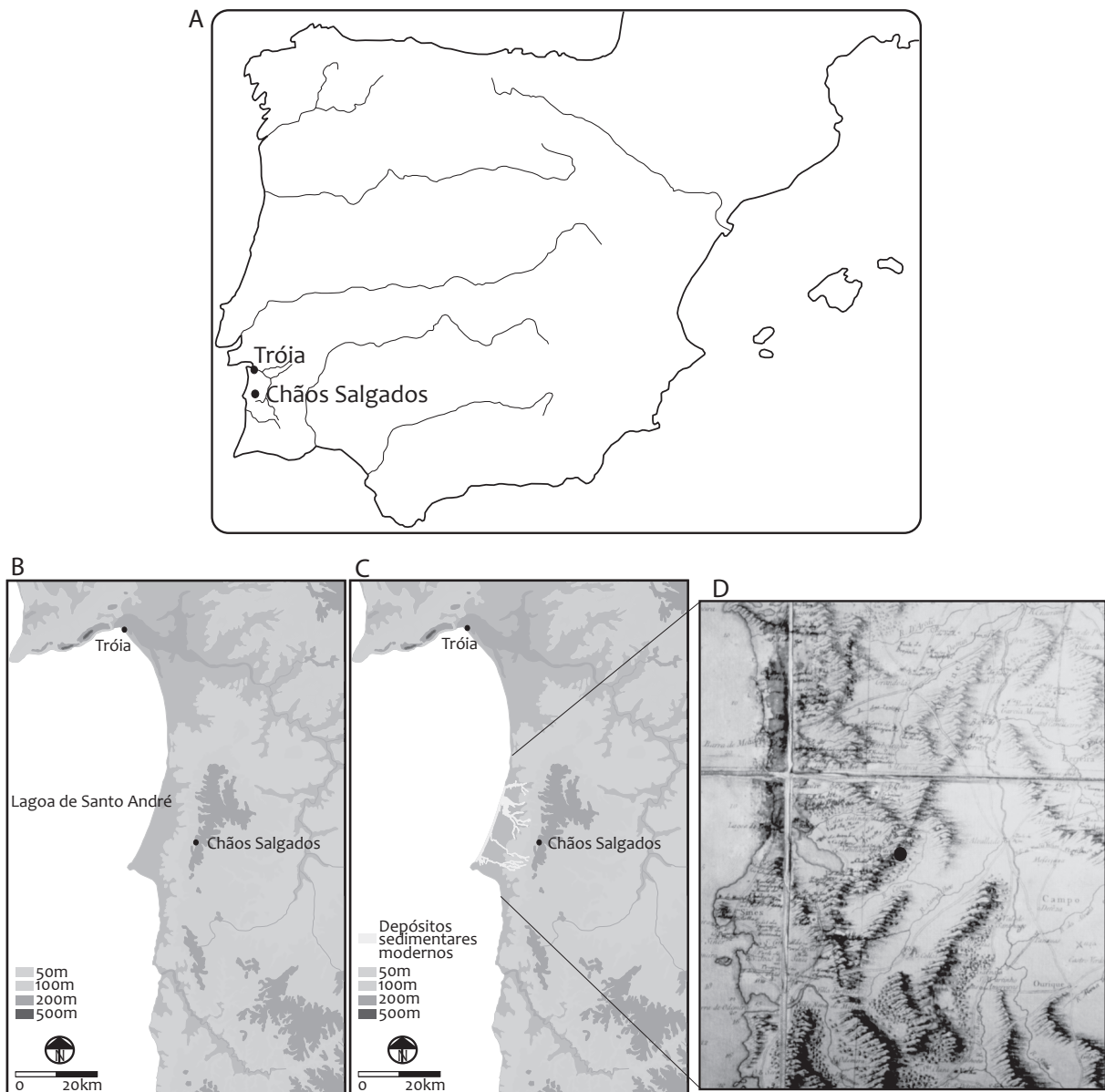
A situação geomorfológica regional em que se inseriria este sítio é também um plano de algumas interrogações, no que respeita à distância da linha de costa na Antiguidade. Esta questão está ligada sobretudo à chamada Lagoa da Pera, denominação antiga da actual Lagoa de Santo André, a qual, a ver pela cartografia moderna e contemporânea, teria dimensões mais vastas do que actualmente, como parecem indicar mapas como a *Carta Geographica dos Reinos de Portugal e Algarve* de 1790, publicação póstuma de T. Jefferys (mapa observável no site <http://www.igeoe.pt/portugalliaedescriptio.swf>). Neste mapa, a Lagoa da Pera parece atingir o *hinterland* até uma área algo próxima de Santiago do Cacém, da qual parecia distar apenas cerca de 4 ou 5km. Esta configuração é plausível se examinarmos a posição dos depósitos sedimentares modernos na carta geológica e os estudos de campo mais recentes têm corroborado esta hipótese, revelando uma sedimentação recente da lagoa que lhe foi conferindo uma dimensão assaz mais pequena em comparação com a de outrora (Fonseca, 1993; Freitas; et Al., 2003).

Contudo, o trabalho de campo recente levado a cabo na Lagoa de Santo André demonstrou uma evolução da fisionomia da lagoa ao longo do Holoceno, na qual a sua dimensão, por volta de 500 d.C., seria já semelhante à actual. Acresce ainda que, na Época romana e desde a Pré-História recente, a Lagoa estaria já fechada ao mar (Freitas; et Al., 2003; informação oral da equipa dos Profs. Conceição Freitas e César Andrade). Em conclusão, esta estrutura lagunar, podendo ser na época romana um pólo geo-económico a considerar como hipótese, não seria uma ligação ao mar, do qual se encontrava desligada por um cordão dunar, semelhante ao actual e que é aberto mecanicamente todos os anos. Por esta razão, Sines terá desempenhado obrigatoriamente um papel fundamental na relação de Chãos Salgados com a costa (voltaremos a abordar Sines *infra*).

No plano epigráfico, o texto *CIL II, 25 = IRCP 150*, acima descrito, e dedicado a um edil e duúnviro, possível *caudicarius* (*Cod[icario?]*) de profissão, seria uma peça sugestiva da ligação económica entre os dois centros, embora o desenvolvimento do texto seja incerto.

A planta de vestígios de Chãos Salgados revela dois núcleos principais de época romana: a cidade nuclear, dotada de *forum*, com templo centralizado de planta *in antis*, *basilica* e *cúria* no lado ocidental,





**Figura 3 - A: Localização de Chãos Salgados na Península Ibérica;**  
**B: Carta Hipsométrica do Atlas do Ambiente;**  
**C: Carta Hipsométrica do Atlas do Ambiente + Carta Geológica de Portugal, folha 7);**  
**D: T. Jefferys (1790) - Mapa ou Carta Geographica dos Reinos de Portugal e Algarve. Londres**  
**(Fotografia de Filomena Barata sobre mapa do Instituto Geográfico do Exército).**

deambulatório em três lados, excepto a Norte; dois edifícios de banhos públicos; uma extensa área habitacional, embora com dispersão de estruturas que indicam uma ocupação heterogénea do espaço; áreas de *tabernae* a Sul e a Oeste do *forum*, com provável desenvolvimento em anel à volta deste; e um segundo núcleo, constituído pelo circo, construído a menos de 1km do núcleo urbano (ver figs. 4 e 5).

No *forum*, podemos ainda encontrar dois templos secundários, um no lado oriental e outro do topo norte, a Oeste do templo centralizado. Este último continha na sua área de escavação uma estatueta de Vénus (Almeida, 1964, figs. 61-63), e poderia estar relacionado com este culto bem diagnosticado no sítio, como se referiu *supra* (CIL II, 23 = IRCP 147 e IRCP 146). A sua configuração (3 naves e ábside no topo norte), embora mal conservada, permite no entanto pensar que possa ter tido uma função posterior de basílica paleo-cristã, segundo a equipa luso-americana (Biers; et Al., 1988, p.15), nova função à qual poderia estar relacionado o que parece ser uma remodelação deste templo, cuja escadaria, na face sul, de acesso directo à praça do *forum*, foi entulhada durante a época romana (campanha de escavação de 1995), parecendo perder a sua ligação à praça, embora tal não seja evidente.

Uma terceira estrutura cultural existia no *forum*, no seu canto sudeste: um possível *rostrum* (Barata, 1997) de planta em meia-laranja.

Desconhece-se a necrópole da cidade (na campanha de 1995 foram apenas escavadas duas sepulturas de inumação junto à construção nº3, *domus* que parece ter remodelação do *impluvium* em época tardo-romana e cronologia de abandono na primeira metade do século VI) e a sua própria delimitação é hipotética, na falta igualmente de uma muralha delimitadora. A única inferência de uma possível estrutura deste tipo é-nos dada pela estatueta de Cíbele, com *corona muralis*, existente no Museu Municipal e de proveniência desconhecida (Barata, 1997, p.20-21). J. Cruz e Silva (Silva, 1946, p.341 e fig.2) transcreve uma lápide e o seu desenho, publicados primeiramente por Bernardo Falcão, no século XVIII (o achado ocorreu em 1775), e onde se pode ler *Porta Civita[tis]*. Este dado será um outro indicador da existência da figura de *civitas* e levanta novamente a questão da existência de uma muralha, na qual se integraria uma entrada principal.

A grande quantidade de escória de ferro encontrada nas construções nºs 1, 2 e 3 da área habitacional indicam a existência de áreas de trabalho de metal numa zona mais periférica da cidade, muito provavelmente na encosta do actual Centro Interpretativo, onde, imediatamente a Norte da construção nº2, se detectou uma área com bastante cinza, o que permite equacionar a existência de alguma estrutura de trabalho no topo da cumeada (Quaresma, 2003, p.47 e 142; no prelo *b*). Em *Valentia*, uma *domus* datada nos séculos III e IV possuía forno para vidros e uma outra divisão estaria relacionada com outras actividades artesanais. A *Lex Ursonensis* seria assim em muitos casos um enquadramento, mas não uma imposição (Albiach Descals; Soriano Sánchez, 1991), pelo que a cidade romana poderia incluir, mesmo que numa situação secundária, uma componente produtiva.

Em termos cronológicos gerais, a ocupação do povoado indígena da Idade do Ferro terá começado nos séculos V ou IV a.C., convertendo-se em aglomeração urbana romana nos século I d.C. e terminado a sua vida em finais do século V / primeira metade do século VI d.C. (Fabião, 1998, vol.II, p.239; Quaresma, 1999a, 1999b, 2003; Soares; Silva, 1979).

O povoado da Idade do Ferro (**ver fig. 9**) situava-se na pequena elevação que dá pelo nome de Castelo Velho, onde se implantou mais tarde o *forum* da cidade romana, cuja construção terá arrasado a maior parte do povoado indígena. Apesar disso, são visíveis algumas estruturas na parte norte da plataforma, área onde ainda se encontra uma plataforma mais baixa, a Norte, reveladora de estruturas ainda por escavar e que certamente poderão produzir no futuro dados estratigráficos, infelizmente por agora pouco sistemáticos, tendo em conta a extensão de trabalhos arqueológicos realizada no sítio sem a devida metodologia científica de registo (Silva, 1944; 1945; 1946; Almeida, 1964; Artur, 1983; ver Quaresma, 2003, p.13).

A escavação luso-americana dos anos 80 do século XX revelou, na área do chamado “celtic temple”, um estratigrafia que remonta ao Bronze Final, anterior à construção da estrutura rectangular da Idade do Ferro, cuja construção pertence já ao século V a.C., em consonância com os materiais sem estratigrafia – cerâmicas e fíbulas - estudados nos anos 70 (Biers; Biers; Soren, 1982, p.38-42; Biers; et Al., 1983, p.54-59; Silva; Soares, 1979; Ponte, 1979).

A ver pelas indicações do artigo relativo à campanha luso-americana de 1983, terá havido um primeiro processo de romanização do povoado talvez ainda no século II a.C., já que na área escavada a Este do povoado indígena encontrou-se cerâmica manual e uma coluna romana. Aliás, nesta época em torno do século II a.C., parece ocorrer uma reocupação do “templo céltico”, após um nível de abandono do século III a.C. (Biers; et Al., 1983, p.41-45 e 56).

A etapa final da diacronia deste edifício parece alcançar os alvares da romanização de Chãos Salgados: o segundo “*temenos*” possui um pavimento de lajes de xisto datado a partir de 100 a.C. e o compartimento interno parece ser latinizado com a adopção de uma planta com *pro-naos* e *cela*, à semelhança do templo centralizado, que é todavia posterior (Biers; et Al., 1983, p.57-58). Num primeiro artigo (Biers; Biers; Soren, 1982, p.39), descreve-se a existência de um pavimento no canto nordeste do compartimento interno, datado de meados do século I d.C.. Sob este pavimento, encontravam-se duas tigelas em posição invertida, uma delas contendo ossos de ave (Biers; Biers; Soren, 1982, p.39; Biers; et Al, 1983, p.58). A morfologia destas duas tigelas de cerâmica comum, forma III-A-1 de S. Cucufate (Pinto, 2003, p.221-225) data-se da segunda metade do século I d.C. e primeiro terço do II d.C. e este ritual protector está igualmente presente na construção nº3 (*domus* com cronologia inicial no terceiro quartel do século I), com o mesmo tipo cerâmico. A própria configuração do chamado “templo céltico” está sem

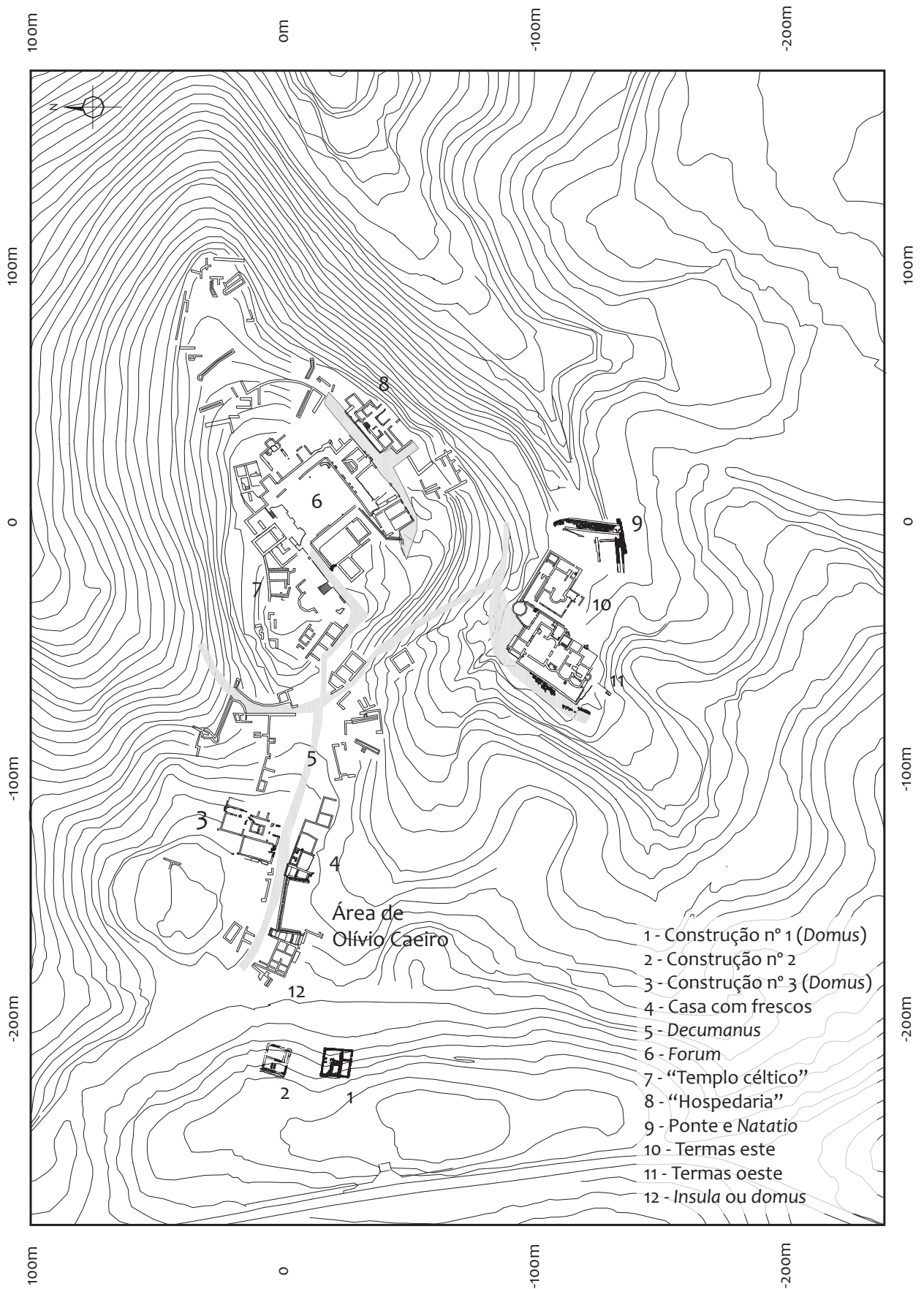


Figura 4 - Planta de Chãos Salgados, excluindo o circo (desenvolvido a partir da base cartográfica das Ruínas Romanas de Mirobriga).



dúvida relacionada com a da construção nº2 da área habitacional, cuja datação inicial é semelhante à da construção nº1 (Quaresma, 2010b; no prelo a; no prelo b; ver fig. 11). O facto do “templo céltico” ser a única construção pré-romana que não é arrasada pelo *forum* de meados do século I d.C. indicia bem a sua importância, embora não se perceba se ele continuou em funções com o nascimento pleno da *Urbs* romana. Mas neste sentido é sintomática a sua semelhança arquitectónica com a construção nº2 da área habitacional, de planta igual (semi-quadrangular, com compartimento interno), mas simétrica e de tecnologia e mobiliário exclusivamente romanos, o que parece consumir a transferência de um protótipo indígena, embora ao que parece em processo de latinização, desde um ponto central do povoado indígena para uma área mais periférica da cidade romana, num possível processo de *interpretatio* ou assimilação (desenvolveremos esta questão *infra*).

Várias tipologias de materiais de importação estudados (ver figs. 7a e 7b), ainda que parcialmente, e dos quais devemos destacar as ânforas, a cerâmica campaniense, as fíbulas, as paredes finas e as moedas (Diogo, 1999a; Ponte, 1979; Delgado, 1971; Nolen, 1976-1977; Pereira; Silva, 2008), dão prova, pela sua baixa frequência (diga-se, porém, que boa parte do espólio de paredes finas e ânforas continua inédito), de um estado letárgico do sítio, entre a época tardo-republicana e os meados do século I d.C..

As curvas de importação destes bens, excepto a das ânforas, dão um sinal bem diferente do transmitido pela *terra sigillata*, cuja fraca importação da área itálica na primeira metade do século I d.C. é substituída por um aumento muito rápido dos quantitativos em meados da centúria, através da *terra sigillata* sudgálica e hispânica, e quando os próprios resultados anfóricos - relembremos, apenas parciais, pois boa parte do espólio continua inédito - demonstram uma nova fase na vida do aglomerado. A plena urbanização romana é assim acompanhada de um claro poder de aquisição não existente anteriormente, mas denuncia inequivocamente, para além de uma nova dinâmica económica e comercial do sítio, a introdução de novos habitantes no povoado, o que explica igualmente a transição de um povoado ainda essencialmente « indígena », com cerca de ½ /1ha, para uma cidade romana, de ocupação de espaço heterogénea, mas com uma dispersão que rondará os 10ha, ou mais.

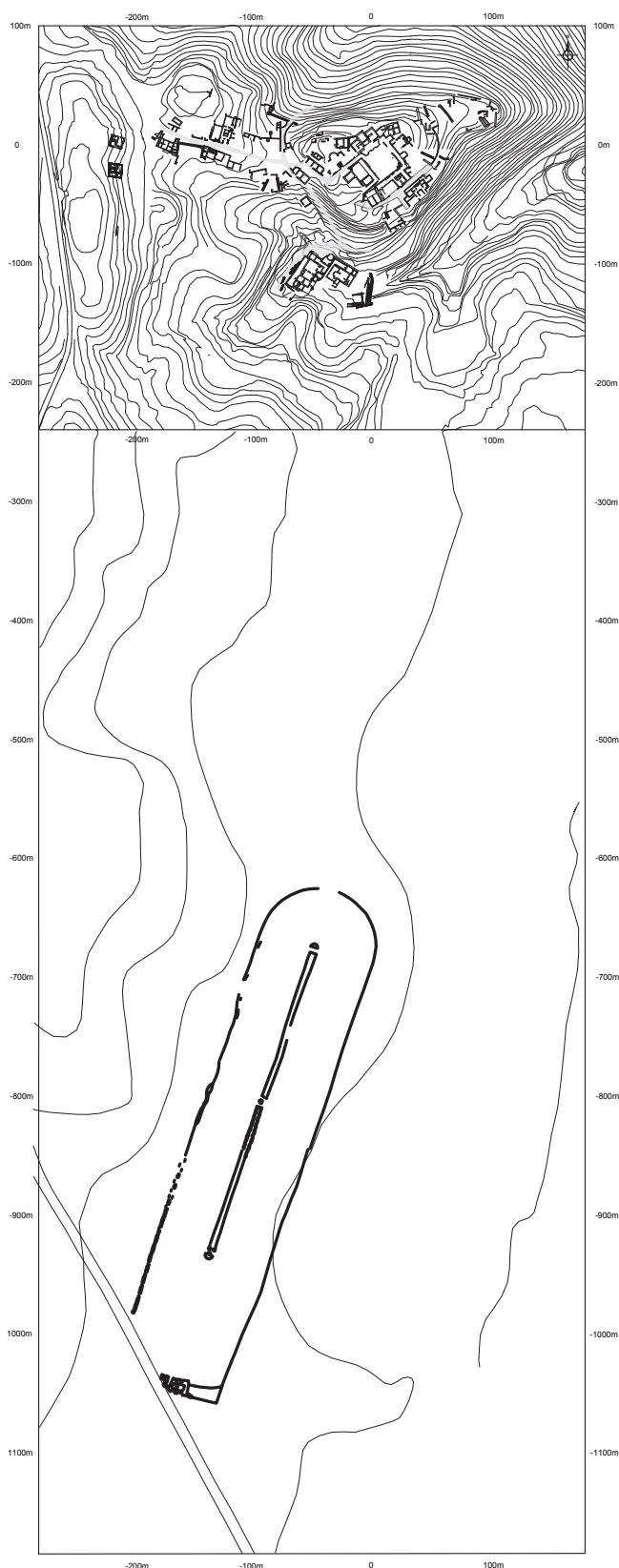
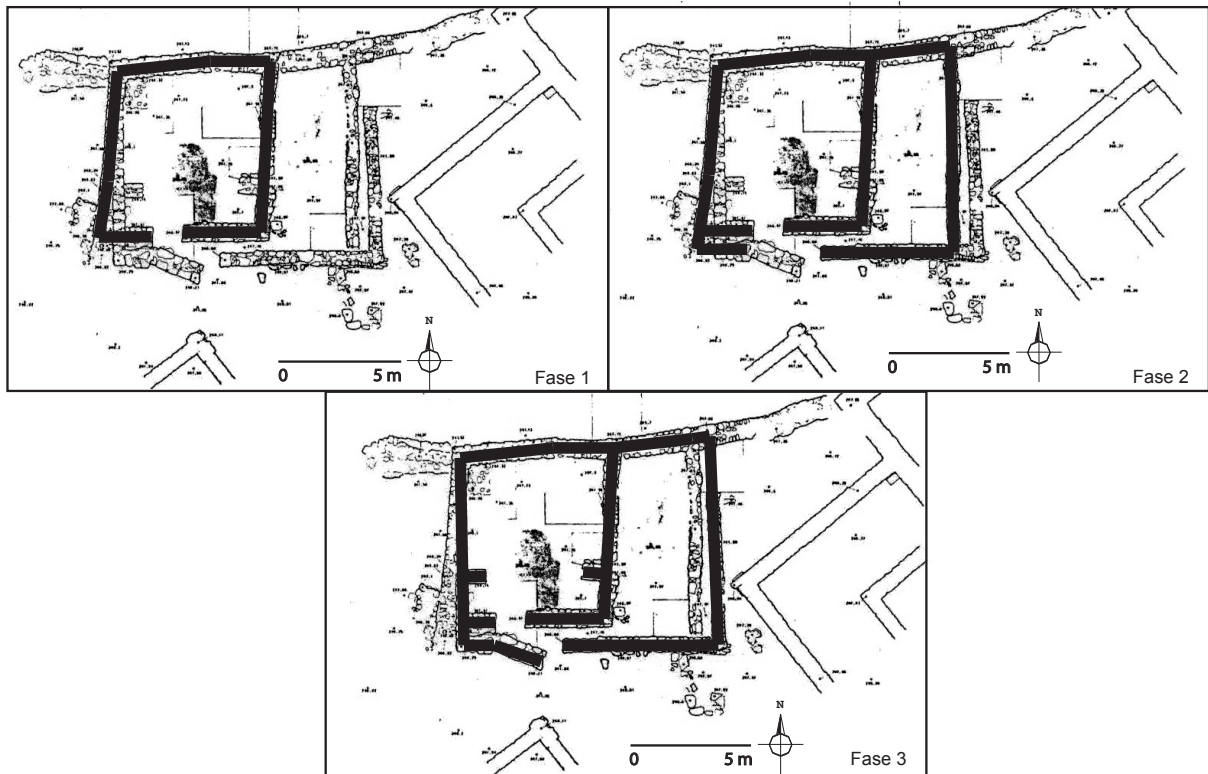


Figura 5 - Planta de Chãos Salgados com o circo (desenvolvido a partir da base cartográfica das Ruínas Romanas de Mirobriga e de Biers; et Al., 1988).



**Figura 6 - “Templo da Idade do Ferro” de Mirobriga**

Fase 1 do “templo da Idade do Ferro”, segundo Biers; Biers; Soren, 1982; Biers; et Al, 1983.

Imagem trabalhada a partir de Biers; et Al, 1983, p.54, fig.1.

Fase 2 do “templo da Idade do Ferro”, segundo Biers; Biers; Soren, 1982; Biers; et Al, 1983.

Imagem trabalhada a partir de Biers; et Al, 1983, p.54, fig.1.

Fase 3 do “templo da Idade do Ferro”, segundo Biers; Biers; Soren, 1982; Biers; et Al, 1983.

Imagem trabalhada a partir de Biers; et Al, 1983, p.54, fig.1.

Um terceiro período de desenvolvimento urbano poderá corresponder às estratigrafias publicadas por Maria L. C. Artur (1983) - relativas às escavações realizadas nos anos 50 - nas quais, uma presença algo regular de *terra sigillata* itálica, na inventariação da autora, será indiciadora de um alargamento para áreas de cotas altimétricas mais baixas a Sul e Sudoeste do povoado indígena, com a construção de duas (?) unidades habitacionais (?), possivelmente ainda na primeira metade do século I d.C..

No terceiro quartel do século I d.C. dá-se a plena urbanização romana e a reconversão massiva do sítio, que se torna uma cidade. Esta cronologia é apontada pela equipa luso-americana, para o *forum* e para os frescos da *domus* (**ver construção nº 8 da fig. 4**) a Sul do *forum* (denominada “hospedaria” por Fernando de Almeida), atribuídos aos 3º ou 4º estilo de Pompeia. Sob a calçada adjacente a esta *domus* e sob o pavimento do *forum*, a equipa luso-americana diagnosticou materiais que apontam para a mesma cronologia (Biers ; Biers ; Soren, 1982, p.36-38; Biers; et Al., 1983, p.61). Também os resultados das escavações sistemáticas realizadas por Filomena Barata, durante a década de 90, na área residencial, em particular nas construções 1, 2 e 3, indicam que são erguidas nesta época (Quaresma, 1999b ; 2003, p.14). A planta da construção nº 3, *domus* junto ao *decumanus* oeste, é bastante semelhante à da chamada *villa* Periquito, que voltou a ter escavação recentemente (Teichner, 2006, fig. 4.4). A homogeneidade cronológica deste processo urbanístico, bem como as semelhanças e continuidades detectadas, são bem ilustradoras de uma reforma pensada e elaborada em conjunto, no que respeita ao *forum* e à área habitacional. Consumou-se na elaboração de um *decumanus* a Oeste, possivelmente já nesta época, e numa adaptação menos romana na área do cabeço do antigo povoado onde a ortogonalidade do traçado não foi implementada. As construções habitacionais desta época, à excepção da chamada “hospedaria” (*domus*) junto ao *forum*, denotam também uma arquitectura compartimentada e contida, de alvenaria simples, sem qualquer vestígio, mesmo no caso da “hospedaria”, de mosaicos, algo que nunca irá surgir na cidade romana (no Museu Municipal de Santiago do Cacém encontram-se fragmentos de mosaicos, mas de proveniência desconhecida).

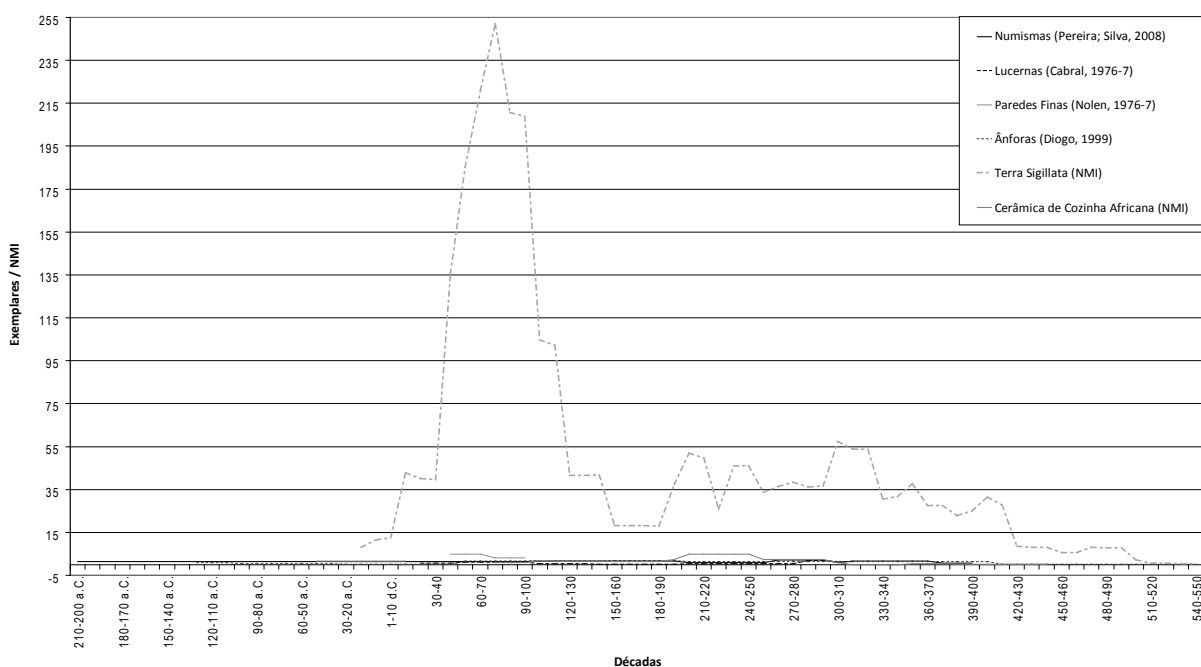


Figura 7a - Frequência comparada de vários bens em Chãos Salgados (exemplares classificáveis, excepto para a terra sigillata e a cerâmica africana de cozinha, em NMI).

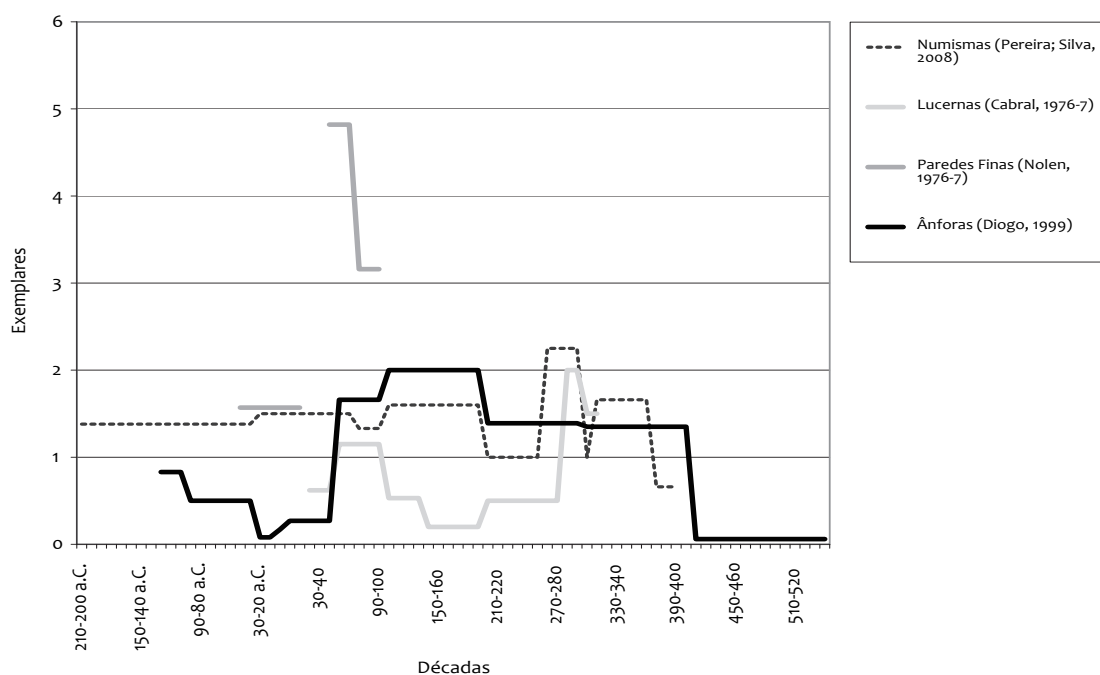


Figura 7b - Frequência comparada de vários bens em Chãos Salgados (exemplares classificáveis), excluindo a terra sigillata e a cerâmica africana de cozinha.

O conjunto de terra sigillata sudgálica e hispânica, pertencente aos loci 003 e 006 do compartimento 12 das termas este, exumado nas escavações luso-americanas (Biers; et Al., 1988, p.184-188) leva-nos a colocar a hipótese de a construção deste primeiro estabelecimento termal poder recuar à época flávia (contexto 90).

O conjunto de terra sigillata respeitante à área habitacional a Sul do decumanus (ver construções 4 e 12 da fig. 4 e ver fig. 8), escavada por Olívio Caeiro aquando das campanhas luso-americanas, que conseguimos triar no seio do espólio das Ruínas Romanas de Mirobriga, leva-nos igualmente a questionar a datação para essa área defendida nos anos 80, que apontava para o século I d.C. (Caeiro, 1985 ; Biers;



et Al., 1983, nota 2), já que a baixa frequência da produção sudgálica é assaz bizarra, quando comparada com os números produzidos pelo espólio das construções 1 e 2, com início estratigraficamente datado no terceiro quartel do século I. No mesmo sentido concorre o facto de os frescos existentes na construção nº 4 pertencerem a uma estilo datado entre os séculos II e IV (Rosário ; Duarte ; Maciel, 2002, p.167), pelo que parece fazer sentido que esta área a Sul do *decumanus* seja construída apenas na primeira metade do século II, com uma qualidade técnica construtiva, refira-se, acima da mediania das construções 1, 2 e 3, já que possui um sistema de protecção das águas pluviais bastante melhor elaborado - em alvenaria e não com um simples pano de *opus signinum* a forrar uma vala na rocha de base, como acontece nas construções 1 e 2 - e insere-se numa área com arruamentos em escadaria, perpendiculares ao *decumanus*, lajeados com maçonaria de qualidade. Sendo que nesta época é construída a ponte, em conjugação com a *natatio*, e que, talvez já em meados do século II, são construídas as termas oeste (Biers; et Al., 1988, p.140), esta primeira metade do século II d.C. parece ser uma etapa activa e de crescimento sócio-económico do povoado, com construção de bons equipamentos privados e públicos. Nesta época (em finais do século I terá sido construído o circo: Biers; et Al., 1988, p.43) a cidade ganhou uma morfologia definitivamente romana, a qual era ainda incipiente na segunda metade ou último terço do século I, quando apenas o *forum* definia uma *Urbs* romana. É todavia nesta época, que também em Chãos Salgados se assiste a um decréscimo acentuado da importação de *terra sigillata*, num processo que descrevemos no capítulo 4 como uma época supra-regional de possível recessão deste comércio, visível noutros índices económicos do espaço imperial, como o tráfego marítimo, a circulação monetária, ou o preço do burro no Egipto. A expansão urbana, conhecida também regionalmente no Noroeste (Morais, 2005, p.2) revela que o motor da romanização e a actividade económica continuava intensa, tanto a nível privado como público, não afectando, pelo menos na primeira metade do século II, o sector construtivo.

Escavação de Olívio Caeiro				Construção nº1				Construção nº2			
NMI (incluindo o NMI de indeterminados)				NMI (incluindo o NMI de indeterminados)				NMI (incluindo o NMI de indeterminados)			
TS	Grupo	Quant.	%	TS	Grupo	Quant.	%	TS	Grupo	Quant.	%
TSSG	La Graufesenque	7	4,76	TSSG	La Graufesenque	31	10,8	TSI		1	1,35
TSH	Grupo 7 (tipo itálico)	1	0,68	TSH	Grupos 1 e 2 (La Rioja)	88	30,66	TSSG	La Graufesenque	5	6,75
	Grupo 2 (La Rioja)	3	2,04		Grupos 3 e 4 (Andújar)	66	22,99	TSH	Grupos 1 e 2 (La Rioja)	5	6,75
	Grupos 3 e 4 (Andújar)	2	1,36	A2	50	17,42	Grupos 3 e 4 (Andújar)		9	12,16	
TSAf	A2	45	30,61	TSAf	afim a A/D	1	0,34	TSAf	A2	23	31,08
	C1/C2	53	36,05		C1/C2	1	0,34		C1/C2	8	10,81
	C3	16	10,88		C3	15	5,22		C3	3	4,05
	C/E	8	5,44		C4	1	0,34		C4	1	1,35
	Sidi Aïch	1	0,68		C/E	1	0,34		D1	18	24,32
	D1	11	7,48		D1	33	11,49		D2	2	2,7
<b>Total</b>		<b>147</b>	<b>100</b>	<b>Total</b>		<b>287</b>	<b>100</b>	<b>Total</b>		<b>75</b>	<b>100</b>

Figura 8 - Quantitativos comparados de *terra sigillata* de três construções da área habitacional de Chãos Salgados.

A expansão da cidade terminou contudo neste século II, embora no século III prossigam actividades de remodelação pública e privada. O circo é remodelado (Biers; et Al., 1988, p.43), bem como o pavimento norte da ponte, que é prolongada ligeiramente para Sul, construindo-se uma nova caleira de fornecimento de água à *natatio*; a nível privado, ocorre a remodelação do *atrium* da construção nº1 (*domus*), que é agora fechado; na construção nº2, a área aberta é amortizada e apenas o compartimento fechado interior continua em uso. Ainda a nível público, um conjunto de 27 fragmentos de *terra sigillata* africana proveniente do *forum* e recolhido nas campanhas de 1967 e 1969 – para as quais não existe qualquer registo estratigráfico ou sectorial específico – contém os tipos H14B, H44 (nº 857) e H50A, para

além de um fragmento indeterminável de TSAf C/E: este conjunto, pela sua homogeneidade cronológica, permite supor a continuação do uso do *forum* ou mesmo alguma acção remodeladora no mesmo que tenha produzido um contexto de amortização ou circulação, ao longo do século III ou inícios do IV, tendo em conta a ausência de TSAf.

As termas serão abandonadas no século IV (Biers; et Al., 1988, p.140-141), quando a curva de importações de *terra sigillata* começa o seu trajecto descendente e terminal. Na área habitacional, as construções 1 e 2 são abandonadas por volta dos meados do século V, devendo este ser um ponto cronológico fundamental no fim da vida da cidade enquanto tal.

A construção nº 3 tem ainda ocupação até à primeira metade do século VI (um exemplar de H3H de TSFT; nº 830) e revela – embora a sua escavação não tenha sido terminada – uma remodelação do *impluvium*, com a sua divisão através de um muro de alvenaria tosca, claramente aposto, fenómeno que tem paralelo na *insula* (ver construção nº 12 da fig. 4) a Oeste da construção nº 4, escavada por Olívio Caeiro, que tipologicamente interpretamos como uma *domus*, com *atrium* (à semelhança da construção nº 1), *atrium* este também dividido em duas partes através de um muro de taipa (do qual só resta um segmento), claramente aposto, como acontece na *domus* nº 3. Para este último caso, a ausência de dados estratigráficos disponíveis impede-nos de avançar qualquer cronologia mais precisa.

Achamos possível assim, que após os meados / segunda metade do século V, subsistam apenas alguns grupos ou famílias, com recursos mais limitados, a habitar esta zona da antiga cidade, até à primeira metade do século VI, época em que se poderá inserir a importação de um exemplar anfórico, tipo Keay LXII da Bizacena, sem contexto (Diogo, 1999a), bem como do exemplar de TSFT, tipo H3H, da *domus* nº 3 (ver anexo 2, tabela 76 e capítulo 3).

A escassez de trabalho de prospecção no concelho, no qual se destaca a breve campanha de 1973 levada a cabo por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Soares; Silva, 1997), impede-nos de traçar um quadro histórico relevante e consequente que confirme ou infirme o processo histórico de Chãos Salgados.

O aumento rápido das importações de *terra sigillata* e a urbanização intensa de Chãos Salgados, ocorridos no terceiro quartel do século I, parecem, como dissemos *supra*, poder ser o reflexo de um movimento centrípto do povoamento, que poderia ter sofrido uma concentração com a nova planificação romana. Neste sentido, o fim da ocupação do povoado sidérico da Pedra da Atalaia, a cerca de 4 km de Chãos Salgados, é bastante sugestivo. Com uma ocupação da segunda metade do I milénio a.C., tal como Chãos Salgados, a ocupação do cabeço terá terminado nos finais do século I a.C., seguida por uma transferência para o sopé da elevação, ocupação que fracassou pouco tempo depois, ainda durante o século I d.C. (Silva, 1978, p.125).

A ocupação rural do possível *territorium* de *Mirobriga* é mal conhecida.

Várias escavações indicam a segunda metade do século I d.C. como uma época de intensa romanização na região, com a implantação de estruturas privadas. A necrópole de Santo André, na Propriedade da Fonte do Burro, junto a Deixa-o-Resto, continha um prato de TSSG, tipo Drag. 15/17, com a marca de *Sabinus* (Artur, 1955-56). A necrópole de incineração do Monte da Sardinha, junto a São Francisco da Serra, tem igualmente uma cronologia inicial de meados do século I (Dias; Viegas, 1976-77). Uma sepultura da aldeia de Formiga, a algumas centenas de metros do circo de Chãos de Salgados, continha um vidro do tipo Isings 12, do século I (Alarcão, 1968, p.30). Uma epígrafe funerária, de cronologia possivelmente alto-imperial, mas não segura pela ausência do original, foi encontrada na Herdade da Cascalheira, junto a Santo André (Falcão; et Al., 1988).

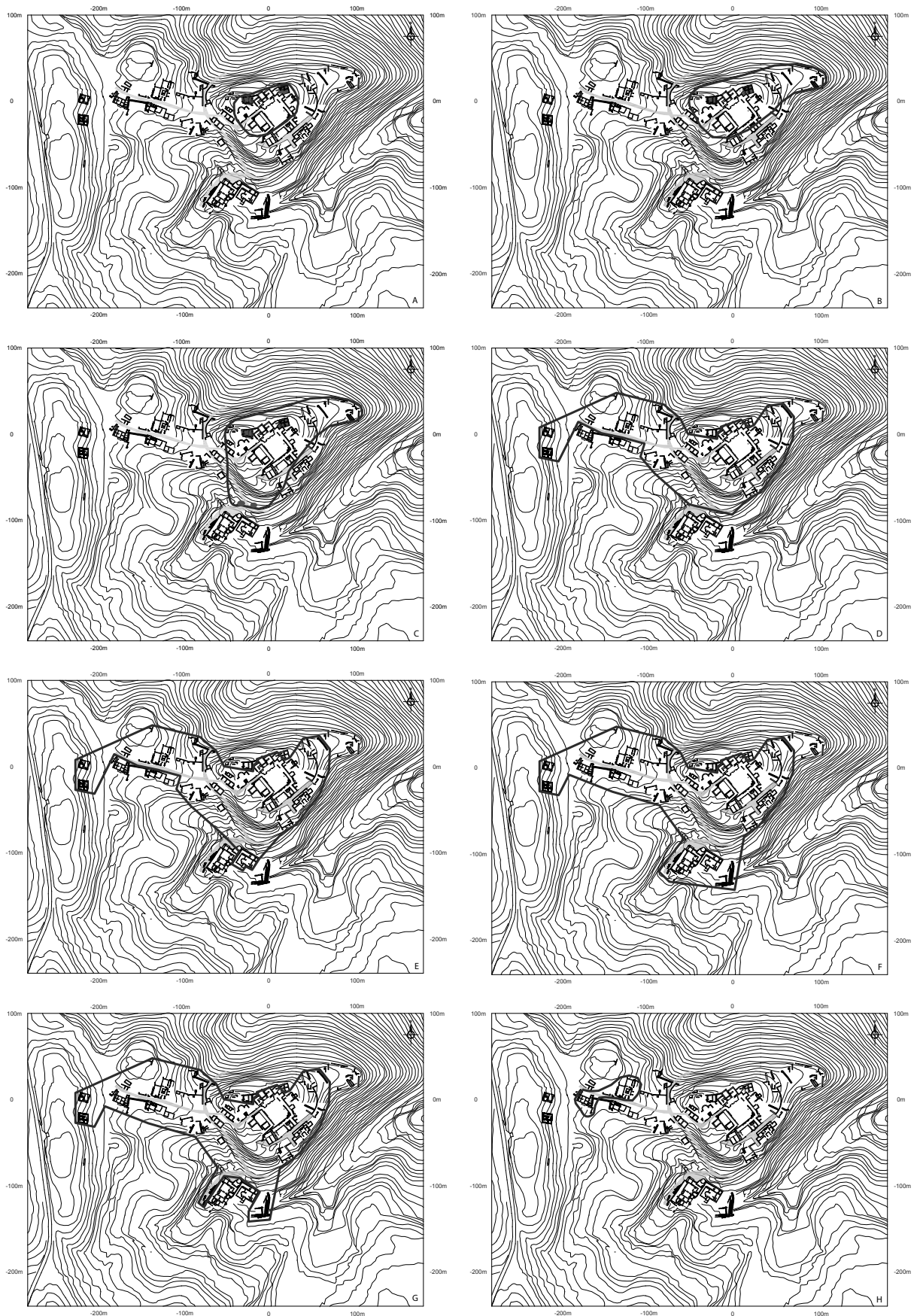
São conhecidas prensas para vinho no Rouxo (Brun, 1997, p.50), ligadas a uma possível *villa*.

Os dados cronológicos mais sistemáticos provêm de escavações em pontos mais distantes.

A *villa* da Herdade dos Conqueiros, junto a Alvalade do Sado, possui materiais entre os séculos I e IV (Amaro, 1979, p.79-82).

Os estabelecimentos fabris de Sines e da Ilha do Pessegueiro apresentam uma evolução cronológica muito semelhante à da cidade de Chãos Salgados.

Na Ilha do Pessegueiro, a segunda metade do século I é denominada pelos autores da escavação como de “fundação do entreposto comercial”, ocorrendo no século II a implantação da unidade fabril, dotada de balneário. Este parece ter sido abandonado no século IV, surgindo um novo. A dinâmica insular perde-se no século V, até meados da centúria, quando terminou em definitivo a sua ocupação (Silva; Soares, 1993, p.83-85, 101-113, 183), o que condiz bastante com o ritmo de Chãos Salgados.



**Figura 9 - Proposta de evolução de Chãos Salgados (desenvolvido a partir da base cartográfica das Ruínas Romanas de Mirobriga): A (Idade do Ferro), B (Época tardo-republicana), C (1ª metade do século I d.C.), D (3º quartel do século I d.C.), E (Época flávia), F (1ª metade do século II), G (Século IV), H (1ª metade do século VI).**

Em Sines, também o complexo fabril do Largo João de Deus e da Rua Ramos da Costa, junto ao Castelo da cidade (ao qual acresce um forno com material anfórico, podendo ter produzido Almagro 51c e 51 a-b: Diogo; Reiner, 1987; sobretudo Diogo; Costa, 1996), foi fundado em meados do século I e a sua ocupação termina igualmente em meados do século V (Coelho-Soares; Silva, 2004; Silva; Coelho-Soares, 2006; Silva; Soares, 1998). Se a Ilha do Pessegueiro seria um *vicus* industrial, à semelhança de Tróia, cuja cronologia inicial é semelhante (Etienne; Makaroun; Mayet, 1994), já Sines terá sido uma cidade mais complexa, na qual existia um bairro fabril. A comprovar essa realidade ainda obscura está o pedestal votivo encontrado no castelo: este texto é dedicado a Marte Augusto, por Cícero Juvenal, augustal, ou seja, membro do colégio sacerdotal eleito anualmente para superintender ao culto imperial. Este culto a Marte Augustal é frequente na *Baetica*, mas não na *Lusitania*, embora se conheçam dois casos em *Conimbriga* e um outro, na *Tarraconensis*, junto ao farol da Corunha. Muito possivelmente pertencente a um *forum*, esta epígrafe, datada do século III, indicia um muito possível estatuto urbano de Sines, em época romana (Encarnação, 1996 e 2004). A continuidade desta cidade até aos dias de hoje deverá ter ocorrido sem ruptura tardo-romana ou alto-medieval, já que o conjunto de elementos arquitectónicos de época visigótica publicado por Fernando de Almeida (1968-70) faz prova da manutenção do estatuto urbano do povoado.

A nível rural, na *villa* da Courela dos Chãos, junto a Sines, com ocupação do Baixo-Império até ao século VI, foi possível escavar um troço de calçada e de hipocausto, e é assim um contraponto rural da ocupação urbana de Sines, na Antiguidade Tardia (Coelho-Soares, 1987). A continuidade fabril nesta época é feita mais a Norte, no Baixo Sado, onde a TSAf D comprova a manutenção de dois complexos: na Comenda (H104A: primeiro terço do século VI: Trindade; Diogo, 1996, p.8) e em Tróia (terceiro quartel do século VI (?): H96, 97 e 104/105 – Etienne; Makaroun; Mayet, 1994, p.43).

Desconhecendo-se a História de Santiago do Cacém, por falta de acompanhamentos arqueológicos no seu Centro Histórico, podemos apenas deduzir que, para além de Sines, parte da população que habitava Chãos Salgados ter-se-á transferido para Santiago do Cacém, da qual desconhecemos se terá tido ocupação sidérica, romana ou alto-medieval. A ocorrer este processo, estaríamos a presenciar mais um caso de abandono de uma ocupação de escassa vertente defensiva, como era sem dúvida Chãos Salgados, para se privilegiar um povoamento em altura, num *hinterland* (veja-se por exemplo, o caso do Noroeste peninsular: López Quiroga, 2002), contraponto da manutenção da urbanidade costeira de Sines.

## 2.2. A construção nº 2: um caso de adaptação cultural no século I (?)

### 2.2.1. Ambientes de escavação e planta

A construção nº 2 (ver figs. 10-11) da encosta do Centro Interpretativo apresenta uma planta complexa, com um conjunto incomum de características tipológicas e funcionais que torna a sua interpretação difícil. Acresce neste sentido o facto de a encosta apresentar os solos bastante erodidos, devido à sua inclinação bem como às práticas agrícolas, que produziram valas de implantação de pinheiros que atravessam os níveis arqueológicos até à rocha-mãe e destroem segmentos de muros, alguns deles essenciais para se perceber a orgânica do edifício.

Distancia-se claramente dos modelos usuais de habitação romana, embora se integre na área entendida como habitacional do povoado, distando cerca de 20m para Norte da construção nº 1 (*domus*) na encosta do Centro Interpretativo e possui um espólio de características totalmente romanizadas.

A sua cronologia centra-se entre o 3º quartel do séc. I d.C. e os meados do séc. V (Quaresma, 1999b; 2003).

O interior da construção apresenta 2 espaços distintos, um coberto e outro ao ar livre. O espaço descoberto é composto pelos ambientes de escavação A, B, E e H. O espaço coberto é composto pelo ambiente D. Existem ainda ambientes de escavação exteriores à construção: ambiente I (exterior sul), ambiente G (exterior norte), ambiente F (exterior este) e ambiente C (exterior oeste).

Os seus muros possuem uma largura média de 0,5/0,6m e foram realizados mediante um método de alvenaria recorrendo a pedras da região, com destaque para as dolomias, margas ou arenitos com calibres médios de 0,2m. Não possuem qualquer argamassa de ligação sendo esta realizada por terra barrenta, tornando este método em tudo idêntico ao da construção nº 1, contemporânea.



Tal como acontece na construção nº 1, também aqui se recorreu à protecção do edifício, em face das águas pluviais provenientes das cotas mais elevadas da encosta, através da escavação, no xisto de base, de um dreno, com cerca de 0,4/0,5m de profundidade e 0,5m de largura médias. A face este do dreno, que encosta ao edifício, tem igualmente um forro de *opus signinum*, tornando-o mais impermeável. Este dreno (ambiente C) tem a sua saída algures a Norte do edifício, numa área apenas parcialmente escavada.

Apesar de apenas cerca de 25% dos muros estarem conservados (e apenas ao nível da base) todas as valas de implantação são ainda visíveis tornando a sua planta decifrável na sua maioria, embora as valas agrícolas não permitam saber onde se encontrava(m) a(s) porta(s) do edifício.

A construção nº 2 apresenta uma planta semi-quadrada, com um comprimento de 9,7m (E-W) e uma largura de 8,8m (N-S).

O seu espaço coberto, ambiente D, é uma divisão rectangular, com medidas interiores de 6,1 por 4,1m. O pavimento está forrado a *opus signinum* e nas UEs que se depositam neste compartimento não existe praticamente nenhum fragmento de cerâmica utilitária, pelo que, quase todo o espólio provém da área descoberta. As únicas manchas de derrubes de telhado encontram-se exactamente neste compartimento (UEs 292 e 370=240=388), embora com franjas para os ambientes E e F (UE 369=239=250=251=411=326 e UE 410=438), cuja mancha se explica pela pendente da encosta que naturalmente obrigou à deposição dos derrubes de telhado num sentido O-E, extravasando o perímetro do ambiente D.

O seu espaço descoberto (ambientes A, B, H e E) não apresenta assim nenhuma evidência de derrube de telhado, embora as suas UEs possam conter fragmentos de cerâmica de construção, nomeadamente *tegula* e *imbrex*. Não possui igualmente qualquer evidência de pavimento artificial, apresentando apenas um certo alisamento da rocha-mãe, tal como acontece na construção nº 1. Constitui um espaço de complexa e múltipla funcionalidade, particularmente no que respeita aos ambientes A, B e H.

O ambiente H separa os dois primeiros. É formado por dois muros com cerca de 1,9 e 2,0m de comprimento (muros sul e norte respectivamente) que distam entre si cerca de 0,5m. A planta deste ambiente sugere a classificação de pseudo (caso esta zona não possua cobertura) silo/armazém (pseudo *horreum*), embora no seu interior não surjam evidências deste uso, pelo que uma função simbólica é plausível, a par das situações detectadas no ambiente A (Barata, 1999c). O pavimento do ambiente H apresenta apenas duas leves depressões no xisto (0,1m de profundidade máxima) ligadas por sulco estreito e comprido. Imediatamente a Norte deste ambiente, já no ambiente B, a UE 423 é composta por terra castanho-avermelhada, compacta, contendo materiais de construção, com pedra de calibre semelhante à dos muros do ambiente H, pelo que poderá constituir um derrube deste muro, e telha. Apresenta um fundo de *dolium in situ* (os restantes fragmentos conhecidos deste *dolium* encontram-se dispersos pela UE 422 (ambiente B) e pelas UEs 395, 418=435 (ambiente C). A UE 423 deposita-se sobre a UE 440, composta por terra xistosa, muito compacta, de cor esverdeada, cuja interpretação como taipa é plausível. Esta pequena mancha de taipa (?) poderia ser parte de um derrube da parte superior do muro norte do ambiente H ou ser um derrube de uma hipotética cobertura em matéria orgânica que contivesse mistura argilosa (contudo, não existe qualquer outro vestígio de cobertura orgânica, pelo que mantemos a tese de que apenas o ambiente D seria coberto, por telhado de *imbrex* e *tegula*).

O ambiente A é sem dúvida o mais difícil ao nível da interpretação. Uma primeira abordagem foi realizada por Filomena Barata (1999), apresentando-se agora uma descrição estratigráfica na sua totalidade.

O chão em xisto apresenta três cavidades na zona norte, com cerca de 0,1/0,15m de profundidade, contendo cerâmicas depositadas intencionalmente (UEs 430, 431 e 436, sendo estas duas últimas geminadas).

Este ambiente é atravessado no sentido O-E, por uma cavidade longa no xisto (UE 428), com cerca de 0,1/0,2m de profundidade e largura heterogénea de 0,15/0,2m, na parte mesial, e cerca de 0,4m nas duas extremidades alargadas, formando um “L”. Esta cavidade não possuía deposições intencionais, como acontece nas UEs 430, 431 e 436, embora também apresente muita cerâmica moída como a UE 430. A cavidade preenchida pela UE 428 desemboca, através de um estreito canal escavado na rocha, no sistema de canalizações deste edifício.

No ambiente A encontram-se ainda dois alvéolos de 0,1m de diâmetro (UEs 432 e 433), imediatamente a Este e Norte da cavidade da UE 428, cuja terra rica em carvão indicia possível função de buracos de poste.

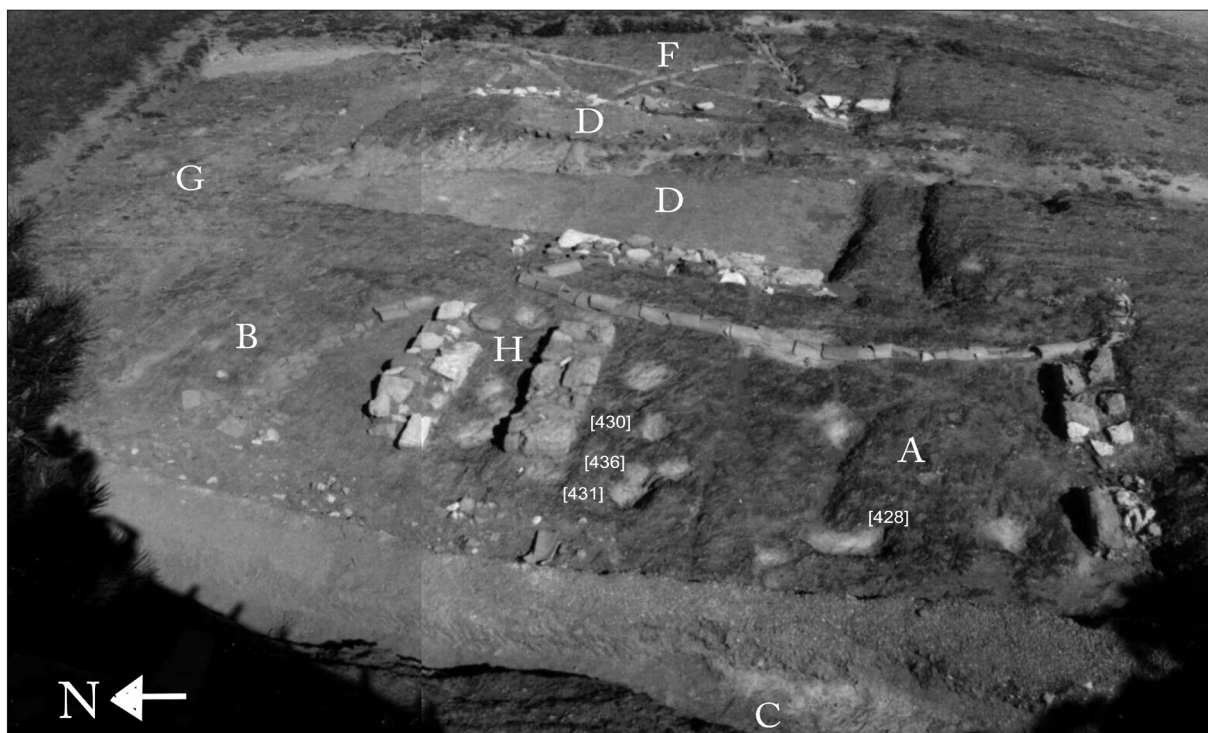


Figura 10 - Fotografia da construção nº 2 de Chãos Salgados.

Um vasto sistema de canalizações caracteriza este edifício, contribuindo para a tese da ausência de cobertura nos ambientes A, B, H. A cavidade preenchida pela UE 428, no ambiente A, continua, para Sul, ao longo do ambiente I (atravessando o muro sul do edifício), e para Norte, curvando imediatamente para Este, passando por debaixo do compartimento pavimentado a *opus signinum* (ambiente D) e desembocando na trama de canalizações visível no exterior este do edifício (ambiente F) onde forma uma rede de drenos, estando um pequeno segmento forrado por um lajeado de calcário (e um bloco de *opus signinum*) que encosta ao muro este do edifício. Uma outra canalização, no ambiente B, mal conservada, iria desembocar na canalização que, vindo do ambiente A, atravessa o ambiente D. Um outro troço de canalização mal conservado é visível no ambiente exterior G (a Norte), seguindo também no sentido O-E. Estas canalizações, levemente escavadas na rocha (0,03/0,05m), possuem largura média de 0,2m.

### 2.2.2. Evolução crono-estratigráfica

Para além da aparente variedade funcional dos diferentes espaços deste edifício, as diferentes unidades estratigráficas não são totalmente elucidativas quanto à evolução crono-estratigráfica dos vários ambientes, embora se possam traçar linhas mestras, em particular, no que respeita às cronologias de fundação (terceiro quartel do século I d.C.) e abandono (meados do século V), tendo em conta, particularmente, os dados do ambiente I (onde o enchimento de vala de fundação de muro é-nos esclarecedor para o primeiro caso) e dos ambientes D, F e G (cujos níveis de derrubes de telhado e abandono informam-nos sobre as datas para o segundo caso).

Podemos ainda colocar a hipótese de um *período intermédio*, que poderá ter ocorrido nos ambientes B e A, já que a UE 395 (ambiente C), equivalente à UE 399 do ambiente B, possui uma datação indefinida a partir do século III pleno, embora possa atingir o século V, e cobre boa parte do ambiente B, amortizando-o. Mais relevante ainda é o facto de esta UE 399 amortizar sem dúvida o ambiente H (*pseudo horreum*), pois cobre os seus muros. No ambiente A, a UE 293 parece ser igualmente a última unidade de ocupação, e data-se nos finais do século II ou séc. III; aqui, não ocorre nenhuma fase clara de amortização, pois a UE 259 tem atributos sedimentológicos típicos de unidades de formação pós-arqueológica.



Concluindo, é possível que tenha ocorrido uma *amortização do espaço aberto do edifício no século III, mantendo-se em uso, a partir deste momento, apenas a sala coberta* (ambiente D). Os dados cronológicos que a *terra sigillata* nos permite auferir não são contudo suficientes para se aceitar cabalmente esta hipótese, embora tenham um padrão tipológico de *terra sigillata* claramente distinto e anterior ao padrão do ambiente D (ver anexo 1, tabela 2 e anexo 3, nºs 647-673).

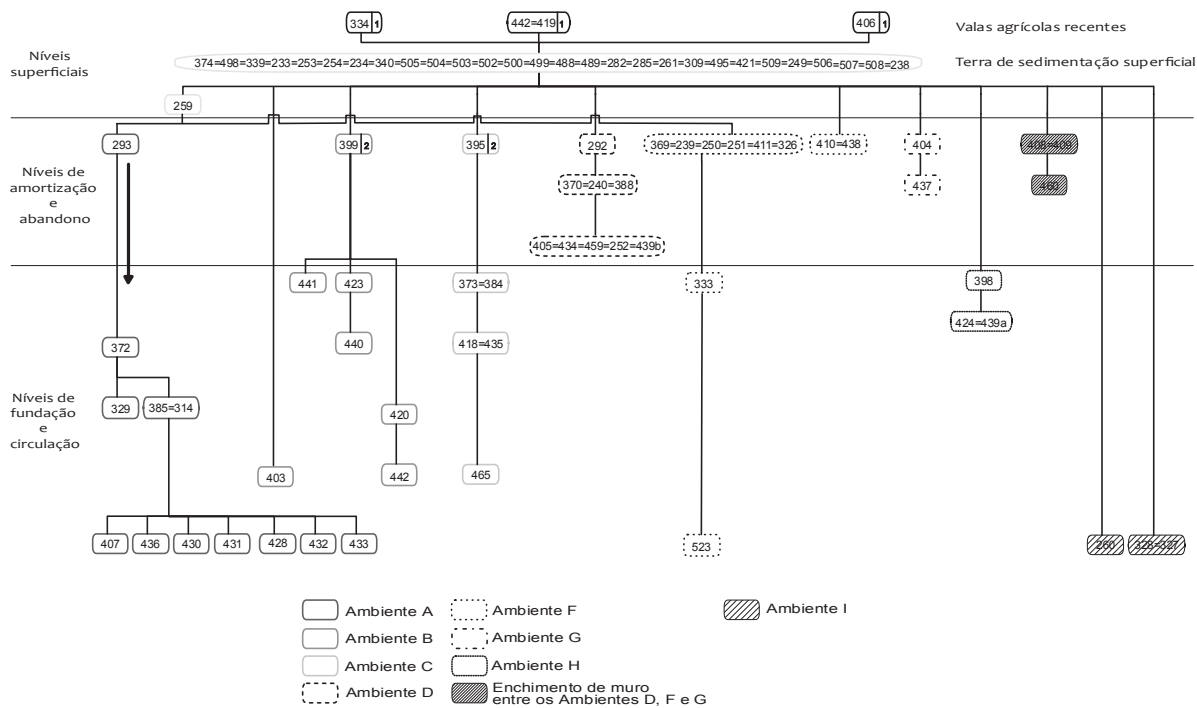


Figura 12 - Diagrama estratigráfico da construção nº 2 de Chãos Salgados.

### Ambiente I

A *terra sigillata* sudgálica é a única produção presente no ambiente I, cujo enchimento da vala de fundação do muro sul do edifício (UE 328=327) forneceu dois fragmentos indeterminados, embora um deles, sendo um fundo de prato com moldura fina interna, possa indiciar cronologia de fabrico anterior aos flávios (Polak, 2000).

### Ambientes D e E

As duas unidades respeitantes aos derrubes do ambiente D (UEs 405=434=459=252 e 370=240=388) demonstram cronologias da primeira metade do século V, sendo que a primeira das unidades, hipoteticamente ainda de circulação, é possuidora de algum entulho de construção e de algum derrube de telhado, e pode centrar-se melhor no segundo quartel da centúria. Contudo, o derrube de telhado mais consistente só ocorre possivelmente em meados do século (UE 370=240=388). O conjunto tipológico destas duas UEs, composto por H61 A/B, 64 e 91B, cujas cronologias iniciais decorrem na primeira metade do século V (Bonifay, 2004; Hayes, 1972) não permite contudo estender a datação pela segunda metade da centúria, apesar de os tipos Hayes 91B e 64 continuarem a ser produzidos nessa época.

Destaca-se, neste ambiente, a total ausência de níveis de circulação cabais, pelo que esta sala parece nunca ter contido equipamento no seu interior e ter sido até objecto de uma limpeza constante durante o seu tempo de vida, actividade essa facilitada pelo facto de o seu pavimento ter sido feito em *opus signinum*.



## Ambientes F e G

Os níveis de abandono do ambiente F e sobretudo do ambiente G apresentam uma homogeneidade cronológica também ela já frisada anteriormente (Quaresma, 1999b). A H59B do ambiente F (nº 656) pode datar-se de finais do IV ou primeira metade do século V (Hayes, 1972; Hurtado; et Al, 2008), e os vários fragmentos decorados (estilos A(ii) e A(ii)-(iii) de Hayes, 1972) do ambiente G (nºs 657-662) variam entre a segunda metade do século IV e a primeira metade da centúria seguinte (Quaresma, 1999b, p.71). Por outro lado, a UE 369=329=250=251=411=326 do ambiente F é igualmente um derrube de telhado, pelo que a sua constituição indica inequivocamente uma situação de abandono.

## Ambiente A

O ambiente A não possuía muitos fragmentos de *terra sigillata* e o seu conjunto apresenta uma cronologia entre os séculos I e III d.C., o que poderá indiciar uma menor utilização deste espaço em época baixo-imperial, pelo menos a partir da segunda metade do século III, não se observando uma clara amortização clara do espaço, ao contrário do que sucede no ambiente B.

O dado mais recente é um exemplar de H14B (primeira metade do século III; Bonifay, 2004; nº 649), conservado em cerca de 50%, na UE 293 e em parte na UE 259 (que contém igualmente uma Dressel 14 lusitana; nº 650), relacionáveis com a amortização ou abandono do espaço.

As unidades mais antigas deste espaço, UEs 430, 431, 436 e 428 (ver fig. 17), foram já, nos três primeiros casos, objecto de uma publicação (Barata, 1999c).

As UEs 430, 431 e 436 são enchimentos de alvéolos na rocha-mãe com terra e cerâmicas comuns, que denunciam função simbólica. No caso da UE 431, um vaso de cerâmica comum, de fabrico fino e decoração cuidada em *guillochis*, continha um bloco grande de quartzo, mas não se encontrava em posição invertida. Na UE 430, a tigela de cerâmica comum das figs. 16 e 17 encontrava-se invertida e esta unidade possuía ainda um pequeno fragmento liso de *terra sigillata* sudgálica sem forma atribuível. A UE 436 possuía um As de imitação de Cláudio (?).

Na UE 428, cuja função discutiremos *infra*, registou-se um exemplar de Drag.15/17 de Andújar.

A UE 385=314 (nºs 647-648), que se deposita sobre a rocha-mãe e sobre os alvéolos descritos, conjuga uma Drag.18 sudgálica de perfil pesado (Passelac; Vernhet, 1993) e uma Drag.15/17 de bordo liso (com cronologia mais avançada) de Andújar (Mayet, 1984). Esta produção está ainda presente na UE 372, mais recente do que a [385=314], através de uma Drag. 27 de perfil já algo avançado (bordo sem moldura, mas diâmetro de bordo mediano).

## Ambiente B

O ambiente B possui apenas *terra sigillata* africana A2 e C1/C2 (*Atlante I*), cujo reduzido espólio indica uma cronologia de transição do Alto para o Baixo-Império, em claro contraste com o ambiente A.

A UE 403, uma fina camada depositada sobre a rocha-mãe, possui apenas um fragmento indeterminável de africana A2, provavelmente demonstrando uma posição de uso quotidiano.

O bojo de *terra sigillata* africana C1/C2 provém da UE 399, que formaria uma mesma realidade com a UE 395 (ambiente C) e constituem a amortização do espaço.

## Ambiente H

As duas unidades de uso deste ambiente são escassas em espólio. Apenas na UE 398 surgiu um bojo de *terra sigillata* africana C1/C2. Esta cronologia de século III, e o facto de a unidade que lhe subjaz (UE 424=439a) conter algum material de construção, tornam menos segura a atribuição destas unidades à fase de circulação.

## Ambiente C

O ambiente C revelou-se o mais rico em *terra sigillata*, seguido pelo ambiente A. Contudo, nunca é demais frisar que este contexto define-se como de deposição secundária, sendo um enchimento progressivo de uma vala de protecção do edifício, utilizada cumulativamente como lixeira.

A UE 465, na base, é uma unidade escassa em materiais e data-se da etapa final do Alto-Império.

Pelo contrário, a UE 418=435 é mais ricamente constituída e possui apenas produções africanas de *terra sigillata*, com cronologias nunca anteriores a finais do século II / inícios do III d.C. (tipo H14; Bonifay, 2004). Esta cronologia é conferida igualmente pelo conjunto anfórico que contém já Lusitana 3 ou Alm.51c, para além de Dressel 14 (n<sup>os</sup> 653-655)<sup>1</sup>.

A UE 395 contém materiais claramente fora do seu contexto cronológico de uso (*terra sigillata* de Andújar) e todo um conjunto baixo-imperial de origem africana, no qual a H44 (africana C1/C2) aponta para uma datação a partir de cerca de meados do século III (Hayes, 1972); contudo, um bojo de fabrico possivelmente tardio (africana C3) possibilita uma extensão cronológica até aos séculos IV / primeira metade do V (*Atlante I*). O conjunto anfórico, composto pela Dressel 14, bem como a ânfora Lusitana 3, parece excluir, na ausência da Almagro 51c, uma cronologia muito posterior ao século III, já que estes tipos não atingem cronologias mais baixas (Silva; Soares, 1993, p.109; Mayet; Silva, 1998, p.120; Fabião; Carvalho, 1990).

### 2.2.3. Distribuição espacial de alguns dados

#### Escória de ferro ou cobre

Tal como nas construções n<sup>os</sup> 1 e 3 (*domes*) da área residencial de Chãos Salgados, também este edifício possui uma forte concentração de escória, denunciando uma relação com a actividade metalúrgica do ferro ou do cobre<sup>2</sup>.

Ambiente	UE	Nº de Frags.	Total de Frags.
<b>Unidade superficial</b>	774=498=339=233=253=...	45	45
<b>A</b>	293	3	29
	372	24	
	385=314	1	
	428	1	
<b>B</b>	399	1	2
	423	1	
<b>C</b>	395	8	19
	373=384	6	
	418=435	5	
<b>D</b>	370=240=388	3	3
<b>F</b>	369=239=250=251=411=326	32	32

Figura 13 - Distribuição espacial da escória.

Como dito anteriormente (Quaresma, 2003, p.56-7; no prelo *b*) existiria uma provável zona de trabalho metalúrgico no topo da cumeada do actual Centro Interpretativo. A prová-lo está o facto de, na sondagem A4, imediatamente a Oeste deste edifício, se ter encontrado 241 fragmentos de escória e níveis com bastantes cinzas, o que justifica a proximidade de estruturas de trabalho (neste área externa,

1. O pequeno pote em cerâmica comum fina, tipo São Cucufate X-A-8 (Pinto, 2003, p.408-409) é similar ao tipo Pasqualini, 1986, type D (Pasqualini, 1986, p.294), datado, na Gália, entre 50 e 200 d.C.. Podemos aceitar uma extensão desta datação já que a nossa UE 418=435 data-se de finais do século II e a UE 687 (ambiente 2 do sector Ponte-Norte), onde surge outro exemplar, é já de meados do século III. Este tipo está atestado noutros contextos baixo-imperiais lusitanos: Ilha do Pessegueiro (séculos III-IV) e Porto dos Cacos (fim do século III-século IV) (Pinto, 2003, p.408-409).

2. Não existem análises laboratoriais sobre estes materiais para determinar a sua composição.

na UE 248, surgiu um As de imitação, possivelmente de Cláudio). Torna-se também muito provável que o ambiente A da construção nº 2 estivesse relacionado de alguma forma com esta actividade, visto possuir a maior concentração de escória do edifício. Aliás, só foram encontrados dados substanciais de escória neste espaço descoberto interno do edifício – o ambiente D apenas revelou 3 fragmentos – e nos ambientes exteriores, nomeadamente na vala de protecção do ambiente C e no ambiente F.

O ambiente B, também interno e descoberto, com apenas 2 fragmentos de escória, revela outros dados e funcionalidades.

### **Dolia**

Para além da semelhança do ambiente H com as estruturas dos *horrea*, a frequência de *dolia* no ambiente B contribui para a diferenciação funcional deste sector em face do ambiente A.

Como já afirmado *supra*, o ambiente B revelou um fundo *in situ* de um *dolium*, mas também outros 4 bojos, só sendo ultrapassado em número pelos ambientes externos C e F. O ambiente A apenas forneceu 1 bordo e o ambiente D (coberto e sem evidência de cerâmica comum) forneceu 1 bojo liso e um bojo epigrafado.

Ambiente	UE	Nº de Frags.
Vala agrícola	406	1 bojo
Unidade superficial	774=498=339=233=253=...	2 bordos e 1 bojo
A	372	1 bordo
B	423	1 bojo*
	422	3 bojos
C	395	1 fragmento (1/3) de fundo; 1 bordo e 7 bojos
	418=435	3 bojos
D	405=434=459=252=439b	1 bojo epigrafado e 1 bojo
F	369=239=250=251=411=326	5 bojos

\* Acresce um conjunto de 12 frags. de um *dolium* com a sua base *in situ* na UE 423 (ambiente B) estando os frags. de bojo dispersos pelas UEs 395 e 418=435 do ambiente C e UE 423 do ambiente D.

Figura 14 - Distribuição espacial dos *dolia*.

### **Ânforas**

O material anfórico está densamente representado no ambiente C, claramente maioritário e com alguns fragmentos de grande tamanho, seguido pelo ambiente F, pelo que estes dois valores apresentam similitudes com a disposição dos *dolia*. O ambiente A parece ter tido alguma importância na disposição destes contentores, tal como o ambiente D, embora a posição dos fragmentos, em derrubes de telhado, não permita aferir com segurança que esta tipologia cerâmica tenha feito parte da utilização quotidiana deste compartimento, podendo apenas ter-se juntado ao derrube de telhado por fenómenos pós-deposicionais. Raciocínio aliás que também pode ser aplicado aos poucos fragmentos de cerâmica comum encontrados neste ambiente D.

Era de esperar, tendo em conta a importância do *dolia* e do possível *horreum* (ambiente H), conjugado com o ambiente B, que este possuísse mais exemplares de ânforas, o que não se verifica e pode relativizar a classificação de *horreum* para o ambiente H (ver anexo 1, tabela 2).

### **Material osteológico**

O material osteológico revela alguma homogeneidade na sua distribuição pelos ambientes internos, A, B e D, embora se denote uma gradação entre o ambiente D (11 frags.), o ambiente A (8 frags.) e o ambiente B (2 frags.).

O ambiente C revela bem a sua funcionalidade secundária como entulheira, possuindo 40 fragmentos. Terá ocorrido a esta estrutura o mesmo que sucedeu à vala forrada a *opus signinum* que protegia a construção nº 1 da encosta, servindo de zona de deposição secundária de materiais (lixreira).

Ao nível da classificação, o espólio das construções nºs 1 e 2 resultou numa maioria de fauna doméstica (80,6%: relatório de M. Mackinnon, em Quaresma, 2009, capítulo 6), contra 19,6 % de fauna selvagem, revelador da integração económica desta cidade, e muito semelhante aos resultados de meios urbanos como Munigua ou *Scallabis*, bem como de *villae* como Torre de Palma, em contraste com as percentagens obtidas na Ilha do Pessegueiro, de vocação industrial, mas com ritmos crono-económicos semelhantes. Aqui, a fauna doméstica representa apenas 56,9%, pouco acima da restante, selvagem.

Ambiente	UE	Nº de Frags.	Total de Frags.
A	259	2	8
	372	3	
	385=314	3	
B	441	1	2
	420	1	
C	395	12	40
	373=384	20	
	418=435	15	
	465	3	
D	370=240=388	11	11
F	369=239=250=251=411=326	21	21
Enchimento de vala de fundação de muro entre os ambientes D, F, G	408=409	1	1

Figura 15 - Distribuição espacial do material osteológico.

#### 2.2.4. Romanização – um conceito em revisão

“O Inverno seguinte foi consumido em planos extremamente úteis: efectivamente, para que homens isolados e rudes e por isso predispostos à guerra se acostumassem pelos prazeres ao sossego e ao ócio, exortou particularmente e deu ajuda pública a que construíssem templos, foros, casas, louvando os diligentes e castigando os morosos; assim substituía a obrigação pela rivalidade das honras. Já então instruíra os filhos dos chefes nas artes liberais e preferia o talento dos Bretões à aplicação dos Gauleses, de modo que ambicionassem a eloquência os que ainda há pouco recusavam a língua romana. Depois, foi honra o nosso vestuário e frequente a toga; a pouco e pouco se passou à sedução dos defeitos, aos pórticos, aos banhos e à elegância dos festins; passava isto, entre aqueles inexperientes, por cultura, quando era parte da servidão” (*Tacitus, Vida de Agrícola*, 21).

Recorrentemente citada, esta passagem de *Tacitus* sobre *Agrícola*, seu sogro e antigo governante da *Britannia*, ilustra uma maneira de sentir de um patrício por volta de 98 d.C., data provável de redacção desta obra.

Desde o século XIX, com raízes nos sistemas imperialistas de então, que o conceito de romanização é usado recorrentemente de uma forma algo acrítica, devido à aceitação consensual de ser a expressão mais conveniente para um processo histórico poderoso no espaço e no tempo, em que uma cultura mais forte, técnica, política e civilizacionalmente se impôs a uma plêiade de outras culturas consideradas menores. Seria também um processo de adopção rápida de um conjunto de traços culturais romanos pelas populações nativas, numa relação eminentemente unidireccional, em que a primeira influencia e transforma a segunda (destaque-se alguns autores antigos como T. Mommsen, F. Haverfield ou C. Jullian: Lucas, 2003, p.3; Hingley, 2005, p.16).

Esta visão de um processo linear é ainda hoje importante – para alguns autores, à complexidade da cultura romana contrapõe-se uma sociedade indígena mais simples (Frere, 1987: *apud* Lucas, 2003,



p.3). Em casos particulares, o conceito de romanização revelou-se menos útil, como acontece no Oriente, onde uma forte tradição pré-clássica e grega foram impossíveis de contornar. A Arqueologia do Oriente é, para Hingley (2005, p.19), uma terceira tradição historiográfico-arqueológica, em contraponho às romanizações das áreas setentrionais e meridionais.

Novos contributos têm sido dados nas últimas décadas, enfatizando bastante o papel das elites romanas, mas também analisando o papel dos povos conquistados. Neste sentido, novos conceitos emergiram, para se explicar múltiplos fenómenos: *dominação*, *resistência*, *acomodação*, *negociação*, *agência* (*agency*) de indivíduos, de grupos, ou de povos, já não interpretados como entidades estanques (Webster, 1996: *apud* Lucas, 2003, p.3). Nestas interações são detectáveis *intencionalidades* próprias (Revell, 2000, p.1) e é sem dúvida uma nova *romanização* que se tenta libertar do antigo enfoque colonialista, mas visivelmente influenciada pela nova *globalização* do mundo actual, de certa forma transposta para o passado clássico (Hingley, 2002, p.112) – neste sentido, é bem ilustrativo o título do livro de R. Hingley (2005), *Globalizing Roman culture. Unity, diversity and empire*.

Para esta atomização do império contrubuíram bastante os trabalhos de G. Woolf (1997) sobre a Gália, com destaque para conceitos como o de *adaptação*, realizados por mecanismos identitários (Hingley, 2002, p.116). Para G. Woolf, as noções de romano e nativo são redundantes em termos gerais, já que a romanização será antes de mais uma interiorização da cultura romana e não tanto uma aculturação. Na vida quotidiana, os conceitos de género, identidade e religião terão sido mais relevantes para o posicionamento dos indivíduos. Entende igualmente que as sub-elites terão desempenhado um papel crucial nos primeiros tempos de síntese cultural, um período de *revolução cultural* que terá durado décadas (ver, neste ponto, a análise crítica de Roth, 2007, p.37).

A proposta de N. Terrenato (1998; *apud* Roth, 2007, p.36-37), de uma *bricolage cultural*, « a process in which new cultural items are obtained by means of attributing new functions to previously existing ones », amplia a tese de G. Woolf, embora se centre bastante também no papel das elites. São contudo, duas teses que procuram basear-se igualmente na cultura material enquanto veículo transmissor de cultura e reflexo de fenómenos de adopção, rejeição, ou adaptação.

Nas palavras de A. Meryweather e J. Prag (2002, p.9), “one of the attractions of Romanization is precisely the richness of the evidence. It is no surprise that identity has become a hot topic within Romanization – quite apart from the fact that the approach it encourages deconstructs the very notion of Romanization in its original cultural-history sense”.

#### 2.2.4.1. A origem da construção nº 2: uma reprodução romana imperial do chamado “templo céltico”?

Os dois edifícios (ver **figs. 6 e 11**) foram objecto de campanhas de escavação cujos resultados finais permitiram percentagens diferentes de conhecimento das duas plantas. Assim, a construção nº 2 parece ser integralmente conhecida, faltando apenas escavar o troço norte da vala de *opus signinum* (ambiente C) exterior ao edifício. Já o “templo” foi apenas objecto de quatro sondagens internas e uma externa (Biers; Biers; Soren, 1982; Biers; *et Al*, 1983).

Os dois edifícios apresentam uma orientação bastante semelhante: a construção nº 2 encontra-se virada para Sul-Sudoeste, enquanto o “templo céltico” desvia-se mais acentuadamente para Sul.

Também semelhantes são as formas e dimensões de ambos.

O “templo” apresenta igualmente uma divisão rectangular no interior de uma outra maior, embora a disposição seja simétrica à da construção nº 2.

As medidas gerais aproximam-se. O “templo” possui 10,9m de comprimento este-oeste, por 9,2m de largura norte-sul; assim, o “templo” é um rectângulo este-oeste, enquanto que a construção nº 2 é um rectângulo norte-sul, residindo aqui uma diferença.

O compartimento interno do “templo” é um rectângulo com 6,9m de comprimento interno, por 5,2m de largura interna, e 7,55m de comprimento, por 6,95m de largura externos.

Para a sua construção recorreu-se a uma alvenaria com bastantes lajes de xisto e pedras de origem sedimentar de melhor talhe, como são os arenitos ou as margas e as dolomias, recorrentemente utilizadas em época romana neste povoado. Também parece não ter sido utilizada como ligante nenhuma argamassa, mas tão-só alguma terra barrenta.

Nos dois artigos *supra*-citados, a equipa luso-americana faz uma síntese das principais conclusões obtidas em dois anos de campanhas de escavação. A sondagem externa ao “templo” permitiu constatar um nível do século IX ou VIII a.C., bem como confirmar que o muro norte da estrutura original (mais tarde transformada em compartimento interno) não está imbricado com o restante muro norte da caixa externa do edifício (Biers; Biers; Soren, 1982, p.40; Biers; et Al, 1983, p.55, fig.2). Reside aqui, contudo, uma incoerência na análise da equipa, pois denominam de “muralha” (Biers; et Al, 1983, p.55, fig.2) o troço de muro norte que delimita aquilo a que chamam igualmente de “temenos” (Biers; et Al, 1983, p.56). Por outro lado, já se afigura correcto dizer que o muro norte do “templo” não se encontra imbricado com o restante muro norte que segue para Oeste e que denominam igualmente de “muralha”. Não querendo agora discutir a aplicação do conceito de muralha a esta estrutura, diga-se porém que parece correcta uma outra possível fase construtiva: a construção do temenos seria posterior à do compartimento original, já que o muro norte de ambos não se encontra imbricado. A equipa luso-americana não apresenta, contudo, nenhuma proposta de datação, afirmando apenas que o temenos será mais tardio que o seu compartimento interno (Biers; et Al, 1983, p.56). Deve frisar-se, no entanto, a relatividade dos faseamentos propostos quando baseados essencialmente na conjugação dos muros (se é verdade que o muro norte do compartimento original não imbrica com o do temenos, a verdade é que este já se encontra imbricado com a restante “muralha” que segue para Este!), pois exemplos como este podem ser reveladores de que por vezes podem confundir-se variações construtivas de uma mesma fase com pequena diversidade cronológica.

O “templo” teria uma altura conservada de 1,65m, sendo que o primeiro pavimento foi datado do século IV a.C.. Um nível de lixeira datado de meados do século III a.C. indicia um abandono do edifício, reutilizado a partir do século II a.C., através de uma remodelação que transfere o temenos ligeiramente para Este. Assim, o muro oeste do compartimento interno (que é igualmente um muro externo) desloca-se 0,6m para Este e um nível de cinzas datado de 150 a.C. cobre o primeiro muro este do temenos, entretanto abandonado, construindo-se um outro muro ligeiramente a Este (Biers; et Al, 1983, p.56). Este segundo muro do temenos apresenta um desvio claro, configurando uma rotação do edifício (de Sul-Sudoeste para Sul), também visível no muro oeste do edifício. Assim, tanto o primeiro como o segundo muros oeste têm um troço comum, na sua extremidade norte; os dois muros este não possuem troço em comum, mas o espaço interno entre eles forma uma área trapezoidal, com 0,12m de largura junto ao muro norte e 0,4m de largura junto ao muro sul.

Este segundo temenos possuía um pavimento de lajes de xisto datado a partir de 100 a.C.. Nesta última fase do “templo”, este ganharia também uma outra planta no seu compartimento interno, já que este passaria a ter uma pequena divisória separando dois espaços com medidas internas Norte-Sul de 3,99m e 1,2m. Os autores defendem que esta seria uma adaptação “proto-romana” de um edifício indígena à mentalidade greco-romana e aos templos divididos em *pro-naos* e *naos*, tal como terá o futuro templo centralizado do *forum* (Biers; et Al, 1983, p.57-8).

No artigo de 1982 (Biers; Biers; Soren, 1982, p.39), defende-se a existência no compartimento interno (sondagem mais próxima do canto nordeste) de um pavimento datado de meados do século I d.C., o que forneceria uma evidência da perduração deste edifício em época alto-imperial, mas esta evidência não volta a ser exposta no artigo de 1983. Sob este pavimento encontraram-se duas tigelas depositadas de maneira invertida, uma delas contendo uma ave no seu interior (Biers; Biers; Soren, 1982, p.39; Biers; et Al, 1983, p.58). No segundo artigo propõem uma datação de inícios do século I a.C., embora estes materiais se encontrem associados a materiais de meados do século I d.C. (Biers; et Al, 1983, p.58).

Estas duas tigelas enquadram-se numa mesma tipologia cerâmica de outras encontradas na construção nº 3 (*domus* junto à calçada) e na construção nº 2 da encosta do museu, ambas, como já dito, com cronologias iniciais da segunda metade do século I d.C.. Na construção nº 3, uma taça semelhante foi depositada com ossos de ave num alvéolo da rocha-mãe; e na construção nº 2, uma das taças encontradas no ambiente A, depositada na UE 430, possui também forma e tamanho semelhantes (Barata, 1999c; **ver figs. 16-17 e 10-11**).

Esta tigela da construção nº 2 mede 170mm de diâmetro de bordo e 45mm de diâmetro de pé, e tem uma altura de 65mm. É enquadável (tal como as outras 3 referidas) no tipo III-A-1 de Inês Vaz Pinto (2003, p.221-2, 224-5), “tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado, com presença mais acentuada nos horizontes 1 e 2 de São Cucufate, datados da segunda

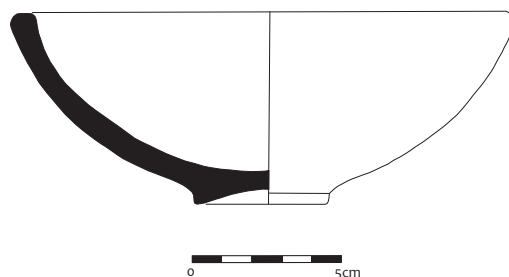


Figura 16 - Tigela em cerâmica comum, nº Mir-793-1+2+3+4, da UE 430 da construção nº 2.

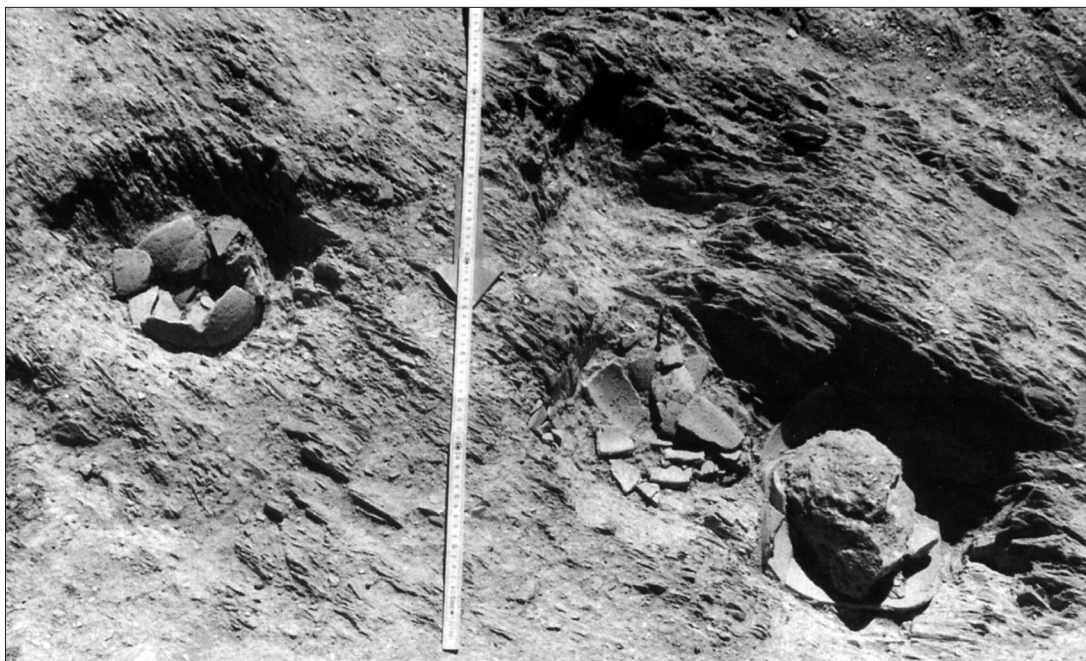


Figura 17 - Deposições nas UEs 430, 436 e 431 do ambiente A da construção nº 2 (Barata, 1999c).

metade do século I até ao segundo terço do século II (Vaz Pinto, 2003, p.45), e bem representada numa série de outros sítios meridionais do território actualmente português, quer em contextos habitacionais, quer em necrópoles. É até digno de destaque o seu quantitativo na necrópole de Santo André (Montargil), datada da segunda metade do século I / primeiro quartel do século II, onde totaliza 32 exemplares num total de 39 malgas. Segundo a mesma autora, esta forma está igualmente bem representada na costa alentejana, na Ilha do Pessegueiro e na *villa* da Courela dos Chãos, bem como na necrópole do Monte da Sardinha, datada a partir de Cláudio.

Apesar de não ser conhecida a totalidade do espólio do “templo”, bem como um mapa da sua distribuição espacial, como foi possível fazer para a construção nº 2, este espólio torna-se um outro factor de conexão entre as duas estruturas arqueológicas em comparação e, se é segura a cronologia inicial da construção nº 2, bem como o seu método construtivo e mobiliário exclusivamente romano, a verdade é que a escavação parcial do “templo” torna as datações e a sua classificação arquitectónica / funcional bastante mais precárias. Terá sido, apesar da incerteza quanto à sua cronologia final, das poucas estruturas indígenas que não foram arrasadas pela construção do *forum*.

É aqui nosso intuito tão-só chamar a atenção para duas estruturas semelhantes, mas simétricas, e com alguns elementos de espólio que podem fornecer-lhes um fio condutor, numa época de mudança entre o povoado indígena e a cidade romana, tão mal definida neste sítio arqueológico.

Estaremos perante um fenómeno de transição cultural, de modos e cronologias ainda mal estudados, pelo menos no território actualmente português.



### 2.2.4.2. A transição da cultura material ao longo do século I d.C.: alguns casos peninsulares

Ao nível do espólio cerâmico, vários estudos sobre estes processos de transição têm sido publicados.

No Norte da *Gallia* e na *Gallia-Belgica*, apesar da cronologia de conquista se situar no século I a.C., o modo de vida romano só se massificou e consumou num mobiliário cerâmico romano entre os anos 40 e 60 do século I d.C., com destaque para a assimilação da cozinha mediterrânica ou pseudo-mediterrânica (Symonds, 2005, p.154). Na época flávia atinge-se a plena romanização do mobiliário cerâmico, com importação alargada de cerâmicas finas e comuns, embora a cerâmica comum local denote uma heterogeneidade que pode advir da permanência de hábitos locais (Symonds, 2005, p.155).

No Nordeste da Península Ibérica, a Sul do Ebro, a estratigrafia revela a manutenção, no espólio cerâmico, de cerâmica pintada ibérica até aos níveis cláudios (Burillo Mozota, 1981, p.196, 208-209).

Também os níveis de fundação do *forum* de *Aeminium* revelam a perduração de cerâmica cinzenta fina de tradição indígena em época cláudia (Carvalho, 1998, p.96). Uma cronologia mais extensa é demonstrada pela estratigrafia de *Segobriga*, sítio mais interior, na bacia do alto Tejo: aqui, a cerâmica celtibérica é predominante nos níveis pré-augustos, quando representa 20% do total, face a 1,5% da campaniense (ou *black glazed ware*) e paredes finas (fase A da quadrícula T do sector 3); em Augusto, representa ainda 40/50%, face a 1-2% residuais de campaniense, 4% de paredes finas e 5-10% de *terra sigillata* itálica. A transição deve acentuar-se na época tibério-cláudia, embora não haja estratos para demonstrá-lo. Numa lixeira neroniana da quadrícula D, a presença de cerâmica indígena é já minoritária, embora ainda significativa (Almagro-Gorbea; Llorio, 1989, p.196).

A maior perduração ocorre aparentemente na área setentrional: em *Lucus Augusti*, o nível 4 do sector SD 86 / “Mina” oriental, datado do século I d.C., contém muita cerâmica de tradição indígena e esta abundância parece manter-se nos inícios do século II (sector Rec90), apesar da abundante importação de cerâmica romana, como a *terra sigillata* (Alcorta Irastorza, 2001, p.23-32).

Ao nível da titulação anfórica, é cronologicamente pertinente o facto de a onomástica indígena desaparecer, em Carmona (*Baetica*), na época flávia (comunicação de E. García Vargas no 26th Congress of the *Rei Cretariae Romanae Fautores*. 2008).

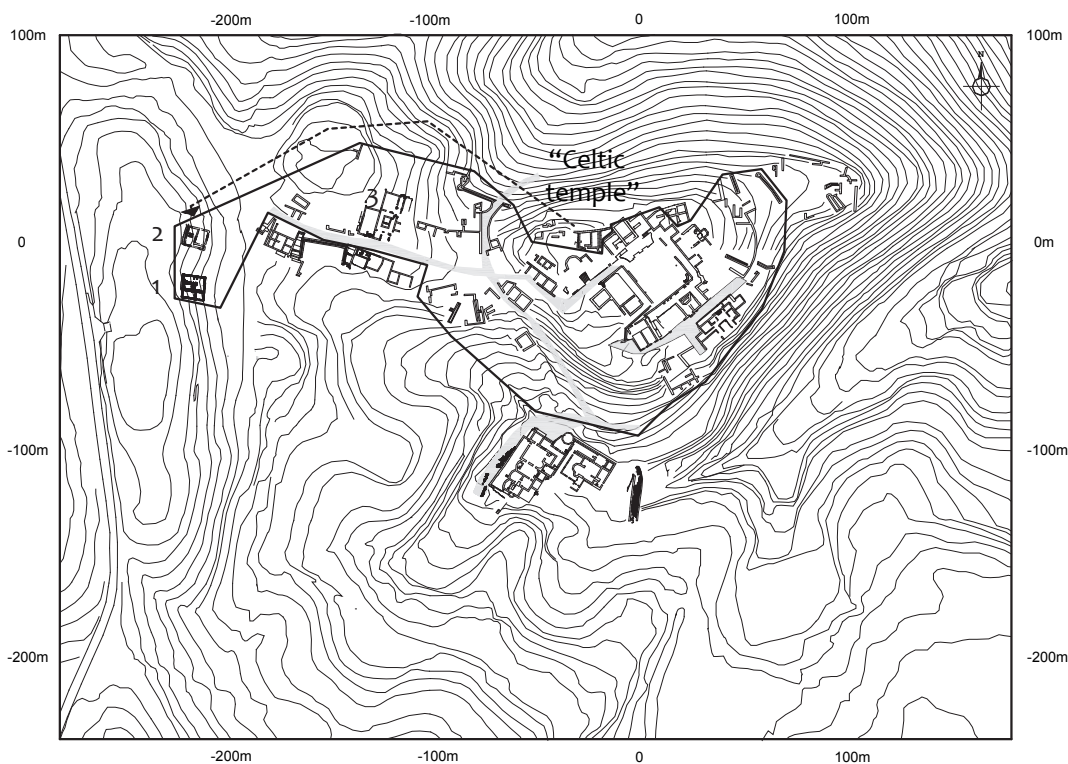


Figura 18 - Implantação no sítio arqueológico do chamado “celtic temple” e da construção nº 2: transição de um protótipo no 3º quartel do séc. I d.C.?. (linha mais espessa delimita a extensão da cidade nessa época).



Tal como afirmámos numa outra apresentação sobre o caso de Chãos Salgados (Quaresma, no prelo b), este conjunto de fenómenos, para além de revelar um processo gradual de transição, demonstra que a romanização passou igualmente por um processo de *cultural bricolage* - como propõe Nicola Terrenato acerca da Itália tardo-republicana - paralelo a uma “*global acculturation*” (apud Roth, 2007, p.36).

O caso vertente de Chãos Salgados, com transição de um protótipo central do povoado indígena para uma área periférica da cidade romana, no 3º quartel do século I d.C., pode ser uma evidência empírica de uma *interpretatio* de um edifício nativo, mimetizado na planta, mas com uma nova técnica construtiva e, sobretudo, uma nova cultura material, ambas plenamente romanas (ver fig. 18).

## 2.3. A construção nº 1: mudança ambiental durante o século III / inícios do IV?<sup>3</sup>

### 2.3.1. Planta e principais atributos construtivos

Situada igualmente na encosta do actual Centro Interpretativo, a cerca de 20m de distância da construção nº 2, esta *domus* ocupa assim um lugar igualmente periférico na cidade (ver figs. 4 e 19).

A sua orientação é muito ligeiramente diferente da da construção nº 2, aproximando-se mais das direcções N-S e E-W. Também aqui não foi possível determinar a entrada da habitação, embora sobre este tema ainda nos debruçemos *infra*.

O método construtivo empregue é o recorrente em muitos sectores da cidade - uma alvenaria simples, maioritariamente sem recurso a qualquer inerte de qualidade como a argamassa, tendo os habitantes quase só recorrido a uma terra barrenta para consolidação das pedras com calibre médio de 0,1 a 0,2m de comprimento por 0,1m de altura, embora muitos materiais tenham medidas mais irregulares. Por essa razão se constata o uso de tijolos ou telhas para pequenas regularizações das fiadas de pedra, embora sem deixar de se apresentar como um *opus incertum*. Apenas no muro oeste encontramos um uso mais acentuado de silhares de maiores dimensões, compreensível já que aqui, a estrutura teria de fazer face à pendente da encosta e a possíveis corrimentos de águas pluviais de uma cota superior. Os derrubes deste muro, nos ambientes 3 e 4 (UEs 393=446 e 429=457), apresentam também nódulos de argamassas, comprovando um maior esforço qualitativo neste lado da habitação.

A espessura média dos muros é de 0,55m, embora atinja 0,62m nos muros oeste e este, que teriam de sustentar mais gravemente as forças gravitacionais provocadas pela pendente da encosta.

Em termos funcionais podemos interpretar do seguinte modo a planta da habitação:

Ambientes 3 e 5 (13,5 e 8,8 m<sup>2</sup>), como *cubicula*, sendo essa função mais nítida no ambiente 5, pela sua pequenez e pela ausência de comunicação directa ao *atrium* da casa (ambiente 4).

Ambiente 4 (11,7 m<sup>2</sup>), como *atrium*, já que axializa, embora de modo imperfeito (não existe uma terceira fiada de divisões a Oeste), os diversos compartimentos.

Ambiente 6 (24,6 m<sup>2</sup>), como *tablinum* (é neste ambiente, seguido pelo ambiente 7) que encontramos o maior número de fragmentos de peças cerâmicas ou vítreas.

Ambiente 7 (12,2 m<sup>2</sup>), como cozinha, devido à existência neste compartimento de dreno rupestre que desagua no ambiente 6, de onde seguiria para o exterior da habitação. Falaremos *infra* deste dreno, importando agora frisar que ele não existe nos ambientes 3 e 5, supostos *cubicula*.

As únicas passagens comprovadas ligavam os ambientes 7 e 4, 7 e 6, e 4 e 6.

O perímetro externo da habitação ronda os 95,88m<sup>2</sup> de área (10,2 por 9,4m), embora tenha sido idealizada para possuir uma área de 157,9 m<sup>2</sup> aproximadamente, já que a vala da UE 449 (ambiente 1) seria uma fundação de muro, a correr desde o muro oeste e fazendo um cotovelo para um muro sul. Nunca serviu como fundação de muro, mas tão-só como lixeira de materiais numa fase antiga (época flávia) da vida da *domus*.

Também externamente, a Norte, situa-se uma pequena vala rupestre, sem qualquer relação planimétrica com a habitação (embora de orientação semelhante), preenchida pela UE 351, igualmente de cronologia flávia (contexto 38), mas que, ao contrário da UE 449, contém apenas algum material cerâmico.

3. Este sector teve uma primeira apresentação estratigráfica e dos quantitativos de *terra sigillata* aquando da nossa dissertação de mestrado (Quaresma, 2003), à qual sucedeu um estudo do conjunto total de materiais datantes na nossa dissertação de doutoramento (Quaresma, 2009). Deste modo, por ser uma situação menos inédita, faremos uma apresentação estratigráfica mais abreviada do que no caso da construção nº2.



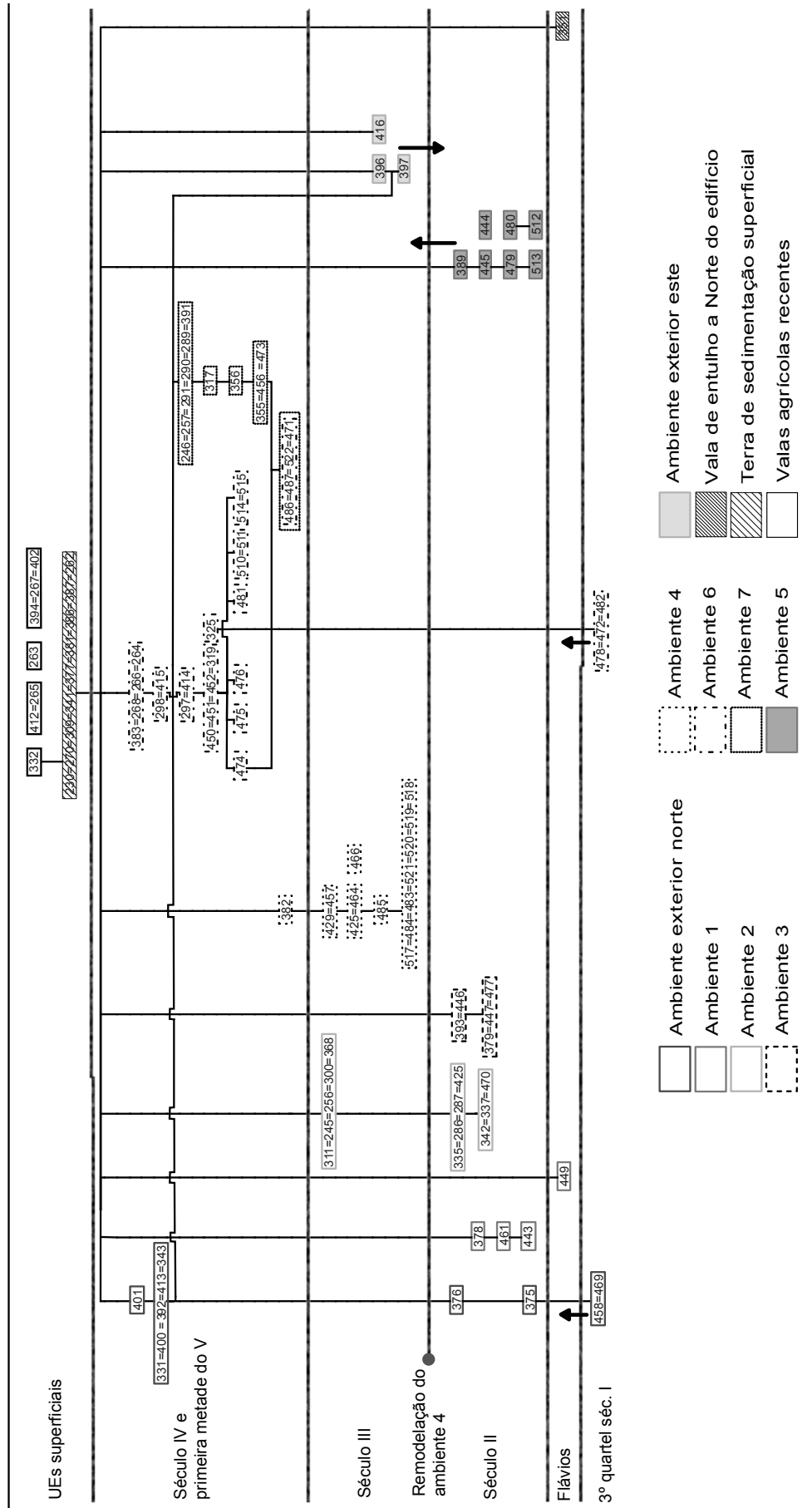


Figura 20 - Diagrama estratigráfico da construção nº 1 de Chãos Salgados.

### 2.3.2. Evolução crono-estratigráfica<sup>4</sup>

Os ambientes 1 e exterior norte, bem como as UEs 351 (vala a Norte da habitação) e 478=472=482 (vala de fundação do ambiente 6) fornecem os elementos datantes para o início da vida deste sector, no terceiro quartel do século I, provavelmente já nos inícios da época Flávia (n<sup>os</sup> 674-675).

A UE 478=472=482 possui um fragmento de Drag. 18 sudgálica (embora com infiltração baixo-imperial de *terra sigillata* africana. A UE 458=469, na base do ambiente exterior norte (n<sup>os</sup> 692-694), possui um conjunto homogéneo da segunda metade do século I, embora a ausência de formas verdadeiramente flávias, como a Drag.37 (sudgálica ou hispânica) ou de tipos hispânicos como a Hispânica 4, permitam propor o terceiro quartel da centúria como datação, algo também sugerido pela presença, provavelmente residual, de um bojo decorado com o motivo de *nautilus*, numa Drag.29 sudgálica (n<sup>o</sup> 693), cuja datação de fabrico não ultrapassa a época neroniana (Oswald; Pryce, 1920, p.72; Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.193).

Os enchimentos das valas externas, UE 449 do ambiente 1 e vala a Norte preenchida pela UE 351, são claramente flávios, pelo que devem ter tido início um pouco após o começo da vida da habitação.

A UE 351 (n<sup>os</sup> 674-675) possui um almofariz regional, datável a partir de meados do século I (bordo em martelo; fase 2 de Quaresma, 2006)<sup>5</sup> e um bojo de Drag.29 ou 37 sudgálica, com estilo de métopas que pode recuar ao período de transição sudgálico, datado entre 60 e 80 d.C. (Passelac; Venhet, 1993).

É sem dúvida a UE 449 (n<sup>os</sup> 676-689) do ambiente 1 que fornece os dados mais ricos para este período flávio, com um conjunto de *terra sigillata* composto por peças de origem sudgálica e hispânica (maioria), com predomínio de La Rioja neste último conjunto. A presença de um exemplar do tipo Drag.37 sudgálico (n<sup>o</sup> 677), contextualiza o depósito a partir de, pelo menos, Nero (Farine, 1996), não devendo ultrapassar o fim do século I, pois a produção africana está ausente. O vidro Isings 106(?) e a taça de paredes finas, Mayet 38b(?) (n<sup>os</sup> 688-689), são coerentes com esta datação, já que a primeira forma terá iniciado a sua produção em Cláudio-Nero (Xusto Rodríguez, 2001, p.161) e a segunda, com decoração mamilada, ainda se produzia nesta época (Mayet, 1975, p.79).

No mesmo ambiente 1, a UE 443 (n<sup>os</sup> 690-691), preenche a vala de fundação do muro sul da habitação e a sua cronologia de finais do século I pode definir-se também como flávia, datação do vidro de perfil cerâmico (Berger, 1960, p.26, est.17, n<sup>o</sup>1).

No interior da habitação encontramos duas situações crono-estratigráficas, em termos de ambientes.

4. Ver n<sup>os</sup> 674-736.

5. Procurámos sistematizar a evolução deste tipo num trabalho anterior (Quaresma, 2006, p.156-157).

Nesse estudo sistematizámos a evolução em duas fases: uma primeira, em que a parede ainda possui a moldura externa larga abaixo do bordo, e uma segunda, que parece ser inexistente na primeira metade do século I, em que a referida moldura externa da parede desaparece.

Em relação à segunda fase, podemos acrescentar que está bem representada num depósito da Calle Constantino, em Mérida, datado da segunda metade do século I (Alvarado Gonzalo; Molano Brías, 1995, fig. 10), onde é o único tipo presente, podendo conter bico de planta triangular e lábio interno, num caso, muito atrofiado (fig.10, n<sup>o</sup>50). Este conjunto, com o mesmo fabrico dos almofarizes de lábio reentrante (fase 2 de Quaresma, 2006) publicados por Sánchez Sánchez (1992, p.15, 125, 26, 79), de engobe amarelo, parece ser de produção local emeritense.

No nosso artigo de 2006 apenas apresentámos exemplares de origem bética em relação à segunda fase deste tipo. Contudo, em Chãos Salgados, o n<sup>o</sup> 675, de pasta local ou regional, numa unidade de cronologia flávia, com 13,4cm de diâmetro, tem valor próximo dos congéneres emeritenses referidos. A cronologia flávia pode igualmente deixar supor que o fabrico lusitano ocidental (neste caso, apenas em relação à segunda fase), tal como nos outros tipos (Quaresma, 2006), comece algo posteriormente ao bético e / ou emeritense (este último, também já lusitano).

O n<sup>o</sup> 722, de pasta calcária depurada, algo dura, com raros enp finos – quartzo e mica negra – e possível engobe sobre o bordo, com um diâmetro (16,8cm) bastante pequeno, poderá constituir uma terceira fase tipológica, datada, na UE 450=451=452=319 (ambiente 6), do século III ou inícios do IV.

O n<sup>o</sup> 749, da UE 696 (ambiente 1 do sector Ponte-Norte), na primeira metade do século II, poderá aproximar-se do bordo em martelo, ou hipoteticamente de um tipo de bordo em martelo, var., também ele de diâmetro grácil, como a suposta 3<sup>a</sup> fase do bordo em martelo, que descrevemos acima. Como referimos *supra*, no depósito da Calle Constantino, em Mérida, na segunda metade do século I, o n<sup>o</sup> 50 de Alvarado Gonzalo e Molano Brías (1995, fig.10) possui lábio interno muito atrofiado, embora o diâmetro de bordo seja elevado, como acontece neste tipo. Contudo, este exemplar poderá explicar a génese do perfil de Chãos Salgados.

O n<sup>o</sup> 690 provém UE 443 (ambiente 1 da construção n<sup>o</sup>1), de finais do século I. É possível, pela graciosidade do diâmetro (17,8cm), que este almofariz, de bordo espessado apenas externamente, possa constituir uma outra variante, grácil, do bordo em martelo, embora o aspecto amendoado do bordo o afaste bastante dos restantes exemplares. Parece-nos, porém, que a partir de finais do século I, se desenvolveram formas gráceis, derivadas, em maior ou menor grau, do almofariz grande de bordo em martelo.



Por um lado, as diversas UEs dos ambientes 3 e 5 (*cubicula*) possuem apenas material que podemos datar no século II, sendo mesmo o conjunto muito escasso no ambiente 3, onde se destaca uma H9A africana, cuja cronologia começa em 100 d.C. (Hayes, 1972; nº 712). Os vidros do ambiente 5 (nºs 715-716 e 718), tipo Isings 26, 36(?) e 42(?) (Isings, 1957, 40, 50 e 58) são também alto-imperiais, a par do almofariz regional, tipo *Emporiae* 36,2 (Quaresma, 2006) (nº 717)<sup>6</sup> e da escassa *sigillata* hispânica, bem como dos numismas que remontam ao século I.

Sem ter ocorrido qualquer amortização destes espaços em época baixo-imperial, a verdade é que eles devem ter perdido algum primado de utilização, ou de locação de mobiliário, a partir do século III, embora a sua função na orgânica da casa permanecesse indispensável<sup>7</sup>.

Por outro lado, nos ambientes 4, 6 e 7 (*atrium*, *tablinum* e cozinha) encontramos unidades com cronologia exclusivamente baixo-imperial, cuja explicação se encontra bem esclarecida no primeiro destes compartimentos.

6. Com o característico bordo vertical espessado externamente, com depressão a meia altura e fundo plano, apresenta diâmetros entre 23 e 34,6cm, na Tarraconense, onde parece extinguir-se na segunda metade do século I a.C. (Aguarod Otal, 1991, p.123).

Mas esta forma da Campânia surge em meados do século II a.C. e é frequente em níveis dos começos do século I a.C. (naufrágio de San Jordi, níveis VIa e VIb de *Albintimilium*, naufrágio de Baie de Cavalerie, etc.). Segundo Bats, o seu fim deverá situar-se no primeiro quartel do século I a.C., embora ainda surja no nível V de *Albintimilium* (Aguarod Otal, 1991, p.123).

O estudo de M. Py, sobre a Gália, apresenta uma forma, CL-REC 18a, de “bordo de banda vertical ligeiramente moldurada, vaso tronco-cónico, fundo plano, discoidal ou ligeiramente onfalado, com bico. A datação da forma gálica situa-se entre 75 a.C. e 200 a.C., ou seja, começando um pouco depois da produção itálica e prolongando-se para além dela (Py, 1993, p.241).

No Sul da península, tanto a área gaditana como o vale do Guadalquivir assumiram-se como focos produtores desta forma. São conhecidas estas importações béticas através do espólio de Santarém, onde este tipo representa 35,6% do espólio bético de almofarizes. Apenas um exemplar provém de níveis bem conservados, e está datado de finais da República (Arruda; Viegas, 2004, p.343-45). As autoras deste estudo propõem exactamente esta cronologia para a produção bética, tendo em conta a sua ausência em sítios com estratigrafias imperiais, como *Balsa*, Braga, S. Cucufate ou Povos (Arruda; Viegas, 2004, p.343-45).

Em S. Cucufate, a forma IV-E-2-a, “almofariz de bordo direito e alto com ressalto exterior descaído, parede quase recta e oblíqua, geralmente com estrias no interior”, apresenta diâmetros entre 25 e 36cm. As posições estratigráficas deste tipo indicam uma produção mais tardia, documentada nos horizontes 2, 3 e 4, datados entre o segundo terço do século II e meados do século IV (Pinto, 2003, p.277 e 101).

A irregularidade dos bordos parece aceitar-se perfeitamente, se tivermos em conta que já em época tardo-republicana e augusta, os almofarizes béticos, deste tipo, apresentavam variações de bordo. Veja-se os nºs 3, 4 e 5 de M. Vegas (1973), provenientes de *Pollentia* (nºs 3 e 4) e Oberaden, no *limes* germânico (nº5), este último, de cronologia augusta; mas também os nºs 1 e 2 de *Conimbriga*, de fabrico bético, branco-amarelado, proveniente de camadas flávias da área do *forum*, bem como o nº 3 (Alarcão; et Al., 1976, p.71).

7. As fases Ia lb do ambiente exterior norte são também alto-imperiais (UE 458=469 – nºs 692-694 - e UE 375). Na UE 375, com presença hegemónica de TSH (nºs 695-696) destacamos o exemplar de almofariz regional tipo Dramont D2 (nº 697). Esta forma constitui a maioria do carregamento do naufrágio Dramont D, na Provença, datado de meados do século I d.C. (Aguarod Otal, 1991, p.141).

Importação itálica, primeira área de produção, é depois elaborada noutros centros. A produção itálica está representada na Tarraconense, nas suas 4 fases, sendo a última aquela que mais nos interessa, pela maior proximidade formal e cronológica do exemplar de Chãos Salgados.

Estas produções centro-itálicas possuem as características pastas de origem vulcânica, ricas em minerais ferromagnesianos, com tons rosa / amarelo claro (Aguarod Otal, 1991, p.141). São almofarizes de bordo inclinado, em maior ou menor grau, e leve canelura interna, com pedras na superfície interna para a trituração dos alimentos (Carretero Vaquero, 2000, p.723).

Hartley já havia determinado a variação da inclinação do bordo ao longo do tempo, distinguindo as produções mediterrânicas, como a itálica, das produções gálicas, britânicas e germânicas, pela presença, nas primeiras, da canelura interna no bordo (Carretero Vaquero, 2000, p.724).

A produção gálica, em pasta de matriz calcária, foi tipificada por M. Py (1993, p.242). A forma mais tardia, corresponde ao tipo CL-REC 21, de bordo nitidamente pendente, lábio arredondado ou aplanado e fundo plano, datado entre 50 e 200 d.C..

A sua datação (para as 4 fases) deve balizar-se entre Tibério e 150/160 d.C., podendo alcançar os inícios do século III (Aguarod Otal, 1991, p.141; Carretero Vaquero, 2000, p.724).

Esta forma itálica domina também em Rosinos de Vidriales (Zamora), e, na sua fase 4, já não será de importação itálica, mas de produção local ou regional. Caracteriza-se por um bordo quase horizontal e mais pequeno, mantendo-se a curvatura e a canelura interna. Os diâmetros variam entre 22,8 e 32,6cm., com altura 3 ou 4 vezes menor do que o diâmetro. O espólio de Rosinos de Vidriales foi dividido em dois grupos: um de bordo mais desenvolvido, com paralelos em níveis de século II, como Villasideiro (Burgos); outro, de bordo mais pequeno, com cronologia da segunda metade do século II, em Huerña (Léon). O autor considera que as cronologias para esta variante de bordo mais pequeno não podem recuar ao século I e devem mesmo pertencer a um século II pleno (Carretero Vaquero, 2000, p.725).

Como já referido anteriormente (Quaresma, 2003, e no prelo *b*), o ambiente 4 era aberto durante o Alto-Império, quando existia, não um *impluvium*, com *compluvium*, mas apenas um dreno circundante, dotado de cifões largos e fundos, do lado norte, para evitar inundações do piso, que deveria ser em terra batida sobre a rocha-mãe afeiçoada, à semelhança de toda a habitação (ver figs. 21-22).



Figura 21 - A: Ambiente 4 da construção n.º1 de Chãos Salgados, no Alto-Império, enquanto atrium;  
B: no Baixo-Império, enquanto espaço fechado, com o dreno tapado por lajeado.





Figura 22 - Ambientes 4 e 6 da construção nº1 de Chãos Salgados, no Alto-Império (pormenor do dreno de escoamento das água).

Este dreno foi amortizado com um enchimento no século III, datação da UE 517=484=483=521=520=510=528, que contém um exemplar de H14 (**contexto 91**). Este enchimento do dreno foi selado por um lajeado muito simples de lajes de calcário que produziram um passadiço circundante, ao qual se sobrepôs, no canto se, uma estrutura de cerca de 0,3m de altura e 0,4 por 0,6m de lado, em alvenaria simples, como a maior parte da habitação, e que interpretamos como um possível *lararium*.

O *atrium* aberto alto-imperial foi então fechado no século III, como prova a amortização do dreno. As restantes UEs deste compartimento possuem cronologias até ao século V (*terra sigillata* africana C, tipo Delgado, 1968, tav.III, nº1, na UE 382, embora com *sigillata* do Alto-Império no seu seio, sempre de origem hispânica e quase exclusivamente de Andújar: *Atlante I*, p.70; **nº 714**).

O troço desta rede de segmentos interligados de drenos que se situa no ambiente 7 possui, na UE 355=456=473 (**nºs 728-733**), de enchimento do mesmo, material baixo-imperial, com um exemplar de H58B, que se data no século IV (Hayes, 1972), bem como a pulseira em vidro (Alarcão; *et Al.*, 1976, p.211)<sup>8</sup>. Na UE 471=486=487=522, com a mesma função de amortização desse troço, mas na transição dos ambientes 7 e 6, o material de *sigillata* é todo baixo-imperial: H14B, do século III, e H58B, do século IV.

Sobreposta a esta UE de enchimento encontra-se a UE 481 (**nº 721**), que preenche uma fossa arredondada, de fundação do muro divisório entre os compartimentos 7 e 6, pelo que este muro terá sido construído nesta fase de remodelação da casa, que pode ter decorrido entre o século III e início do IV. Esta UE possui H14C, datável no século III (Bonifay, 2004, p.159), tal como o vidro Isings 86 (Xusto Rodríguez, 2001, p.302)

No Alto Império existiria apenas o muro mais curto, situado 0,6m a Este, pelo que os ambientes 6 e 7 formariam praticamente um L, nessa época. É possível também que, no Baixo-Império, se situasse entre estes dois muros a entrada para a casa, com um *vestibulum* incipiente (**ver fig. 19**).

8. O nº 733 é um fragmento de pulseira almofadada, em vidro negro opaco. Tipo mal datado, pulseiras semelhantes surgem em *Balsa* (Nolen, 1994, p.182), ou em *Conimbriga*. Neste último sítio, o nº 312 surge na canalização das termas de Trajano e o nº 313 surge no pavimento do século IV da esplanada em frente às termas (Alarcão; *et Al.*, 1976, p.211). A produção bracarense destas peças foi já diagnosticada (Cruz, 2009).

Após esta remodelação baixo-imperial, não só o troço de dreno do ambiente 4 é tapado por lajeado incipiente de calcário, como o são segmentos de dreno no ambiente 6. Tal não foi detectado no ambiente 7.

Também no ambiente exterior norte se constata o reflexo desta remodelação, pois as UEs das fases IIa e IIb, baixo-imperiais, são as que contêm cerâmica de construção em muito maior quantidade.

Quanto à cronologia final da habitação, o ambiente 2 não é claro (n<sup>os</sup> 707-711), pois o material mais tardio da UE 311=245=256=300=368 é o fragmento de *sigillata* africana A/D, tipo Lamboglia 52c, datável do século IV (Lamboglia, 1963, p.197). O material anfórico não ultrapassa o século III, como os tipos Dr.14 e 14c (Mayet; Silva, 1998, p.120). É no ambiente exterior norte que se encontra, na sua última fase, composta pela UE 331=400=392=413=343 (n<sup>os</sup> 699-705), os materiais mais coerentes (Quaresma, 1999b). Os fragmentos de H61A/B são classificáveis na variante A/B4 de Bonifay (2004, p.171), datável do primeiro terço do século V (época também atingida pelo estilo A(ii)-(iii) de *sigillata* africana D1: Hayes, 1972, p.219), pelo que será nesta época ou um pouco depois (meados?) que se datará este último nível, composto ainda por um bordo de taça vítrea afim a Isings 116, datável entre meados do século IV e a Antiguidade tardia (Xusto Rodríguez, 2001, p.361).

### 2.3.3. Uma proposta de leitura paleo-climática para a remodelação da construção n<sup>o</sup> 1

Numa primeira análise (Quaresma, 2003; no prelo b), havíamos dito que o fecho do ambiente 4 - deixando de ser ao céu aberto, a partir do século III - teria uma explicação ambiental, mas provocada por uma rejeição cultural do modelo mediterrânico de casa com pátio central aberto e que este fenómeno era já conhecido em casas romanas do Ocidente imperial, como acontece na *Casa de los Plintos o del Lampadário*, em *Uxama Argaela*, na Meseta ibérica, embora com cronologias ainda algo imprecisas, em torno dos séculos II e III (Garcia Merino, 1991, p.244). Trata-se de uma região de Inverno mais rigoroso, mas que tem em comum com a área serrana de Santiago do Cacém a extrema humidade que nesta época do ano torna difícil a vida numa habitação muito exposta ao exterior.

Mais recentemente, pudemos trocar dados com a equipa da Faculdade de Ciências de Lisboa que realiza trabalho paleo-climático na Lagoa de Santo André, a 10km de Chãos Salgados<sup>9</sup>.

O estudo em curso indica uma transição de um período inter-glacial típico (mais quente e húmido) para uma mini-glaciação (mais fria e seca) em torno de 450 d.C., mas com um período prévio de mutação que recua ao século IV, ou mesmo finais do século III.

Outros trabalhos paleo-climáticos (ver fig. 24) têm revelado a transição do *Roman Warm Period* (250 a.C. - 450 d.C.) para o *Dark Ages Cold Period* (450 - 950 d.C.) em torno desta época, mas com algumas nuances. Na Ria de Vigo, o ponto de transição situa-se em 450 d.C., tal como na Lagoa de Santo André; na Geórgia ocidental o fenómeno poderá ser algo mais tardio (1500-1400 cal BP); enquanto que, também na Península Ibérica, os trabalhos de Las Tablas de Daimiel revelam um ponto cronológico situado em 270 d.C.<sup>10</sup>.

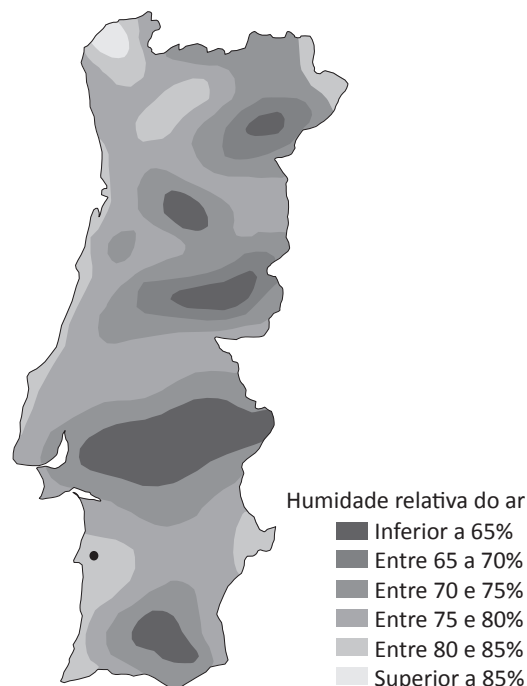


Figura 23 - Localização de Chãos Salgados em Portugal: Carta de Humidade - Atlas do Ambiente Digital. Instituto do Ambiente.

9. Como referido *supra*, devo agradecer estas informações aos Profs. César Andrade e Conceição Freitas, bem como às Dras. Anabela Cruces e Rute Ramos.

10. As datações apresentadas, com formato d.C. ou cal BP, são as constantes no site <http://www.co2science.org/subject/r/summaries/rwpeuropemed.php>, cuja última actualização foi efectuada em 9-4-2008.





**Figura 24 - Cronologias paleoclimáticas da transição do *Roman Warm Period* para o *Dark Ages Cold Period*.**

O balizamento das datações laboratoriais não deixa de apresentar uma boa coerência, embora seja de frisar que em Las Tablas de Daimiel se verifique uma datação ainda mais consentânea com a proposta de remodelação da *domus* nº 1 (habitação) de Chãos Salgados, cuja cronologia pode, como dito, ocorrer ainda nos inícios do século IV, quando começa o período de transição prévio, atestado na Lagoa de Santo André.

W. Scheidel (2010, p.19) dá uma importância clara aos fenómenos climáticos e em particular a este findar do *Roman Warm Period* na explicação das mutações baixo-imperiais. O autor apresenta uma vasta tabela de datações já realizadas, num vasto espaço, desde a Gronelândia à China, passando pela Península Ibérica e Itália, para alertar para as possíveis consequências culturais que tais mudanças ambientais possam ter induzido.

Em Chãos Salgados, o fenómeno de fechamento ao exterior é ainda mais relevante por estar também atestado na construção nº 2 (não habitacional), aqui, através da amortização do espaço aberto, que deixa mesmo de ser utilizado. Embora a cronologia deste processo seja mais indefinida, aponta igualmente (UE 395) para um século III e não mais do que inícios do IV.

Propomos assim uma leitura paleo-ambiental para uma mutação cultural, provocada, em nosso entender, por um estímulo ambiental nas populações.

## 2.4. Sector da Ponte

Para este sector do sítio outros estudos foram realizados anteriormente, sendo de realçar as acções de escavação e restauro da ponte levadas a cabo por Filomena Barata, em 1998, publicadas na revista *Vipasca* (Barata, 1999a), que visaram sobretudo descobrir grande parte do pavimento do tabuleiro da ponte, bem como começar a decapar os níveis superficiais dos depósitos situados entre aquela e os banhos públicos (nas campanhas de 2004 e 2005, agora apresentadas, correspondem ao ambiente 2 do sector Ponte-Norte e ao ambiente 3 do sector Ponte-Sul).

A situação encontrada nos anos 90 do século XX não era contudo virgem, já que nos anos 60, Fernando de Almeida havia encetado escavações com grande impacto: “Fizemos escavações no leito do ribeiro, junto ao lado esquerdo do arco da ponte e verificámos haver ali terra de aluvião com a altura de 2,18m; em todo o corte encontrámos fragmentos de cerâmica romana, grosseira. O tabuleiro da ponte está coberto com terra e não tem guardas. Escavámo-lo transversal e longitudinalmente; encontrámos, entre 0,25m e 0,60m, as primitivas e idênticas lajes do pavimento romano, bastante deslocadas da sua posição primitiva e idênticas às das vias.” (Almeida, 1964, p.38). Esta acção explica o profundo corte que separa os sectores norte e sul da ponte e que serve de escoamento às águas pluviais que provêm dos banhos públicos e têm de passar por debaixo da ponte. Explica também que as guardas e o pavimento da ponte encontrados nas escavações dos anos 90 são também o resultado do restauro daquele arqueólogo e não as estruturas originais, aspecto que foi possível identificar com precisão através da escavação dos limites norte e sul da ponte, em 2004 e 2005<sup>11</sup>.

Na ausência de registo estratigráfico dos dados dos anos 60, a estratigrafia escavada por nós encontra-se assim truncada, embora tenhamos conseguido estabelecer vários paralelos entre UEs dos dois sectores de escavação, que identificamos aquando da sua abordagem no presente estudo.

## 2.4.1. Resultados cronológicos

### 2.4.1.1. Extremidade norte da ponte

O conjunto dos ambientes 1, 2 e 3 forneceu-nos elementos datantes, respectivamente, para aquilo que podemos interpretar como a *construção* da ponte, a posterior *reconstrução* e o *abandono* da área.

No ambiente 1 – exceptuando a UE 684 – todas as unidades possuem uma cronologia que aponta claramente para o século II, em particular a sua primeira metade.

Esta área imediatamente a Este da calçada parece ser composta por uma série de unidades que regularizam o terreno, para uma possível passagem de “terra batida”, situando a construção da calçada e da ponte na primeira metade do século II, em consonância com a datação proposta pela equipa luso-americana (Biers; et Al., 1988) para a construção dos banhos públicos, este e oeste. A existência de *laterae* do mesmo tipo do dos hipocaustos, na UE 686, é outro factor de relação. Por outro lado, a ocorrência de fragmentos de mármore na UE 696 e de fragmentos de estuque nas UEs 696 e 689 é indiciadora de estarmos perante níveis posteriores ao início da cidade (século I), quando entulhos de construções romanas se encontravam já disponíveis para reutilizações deste tipo. Tais materiais, pelo menos, não surgem nos níveis de construção da segunda metade do século I na área habitacional (Quaresma 2003; no prelo b; no prelo c).

A simetria do muro [755] com a *natatio*, bem como a semelhança construtiva, é um outro indicador de estarmos perante um possível plano urbanístico conjunto.

O ambiente 2 fornece datações para uma reconstrução da calçada, junto à ponte: a UE 691, o *rudus* ou *statumen*, está claramente datada do século III (possivelmente meados) pela Hayes 45 em *terra sigillata* africana C1/C2. A UE 687 confirma esta cronologia do século III. Não deixa de ser pertinente que a equipa luso-americana tenha constatado uma reconstrução do Circo datada por uma moeda de Alexandre Severo, o que aponta para meados do século III (Biers; et Al., 1988). A par de uma reconstrução privada na construção nº 1 da encosta do museu (Quaresma, 2003; 2010b, no prelo b), este século III parece ser muito dinâmico em obras públicas, na cidade romana, comprovando a sua vitalidade nesta época.

O ambiente 3, pela UE 692, forneceu-nos elementos datantes para o abandono desta área em finais do século IV ou inícios do V.

A UE 681b, castanho-cinza e extremamente argilosa, destaca-se nitidamente da natureza dos sedimentos dos níveis arqueológicos romanos, de *facies* arenoso. Com materiais que decorrem desde o século II ao III ou IV, a sua cronologia não é muito clara. A sua datação na 1ª metade do século V foi obtida pela correlação estratigráfica com a UE 700 da extremidade sul da ponte (o sedimento é o mesmo).

Este nível argiloso, bastante rico em carvão vegetal, deve ser um fenómeno pedológico antigo apenas existente na área das termas (na área habitacional ele não se verifica), mas pós-romano ou do

11. Na extremidade norte, as guardas originais estavam ainda por escavar, tal como o pavimento.

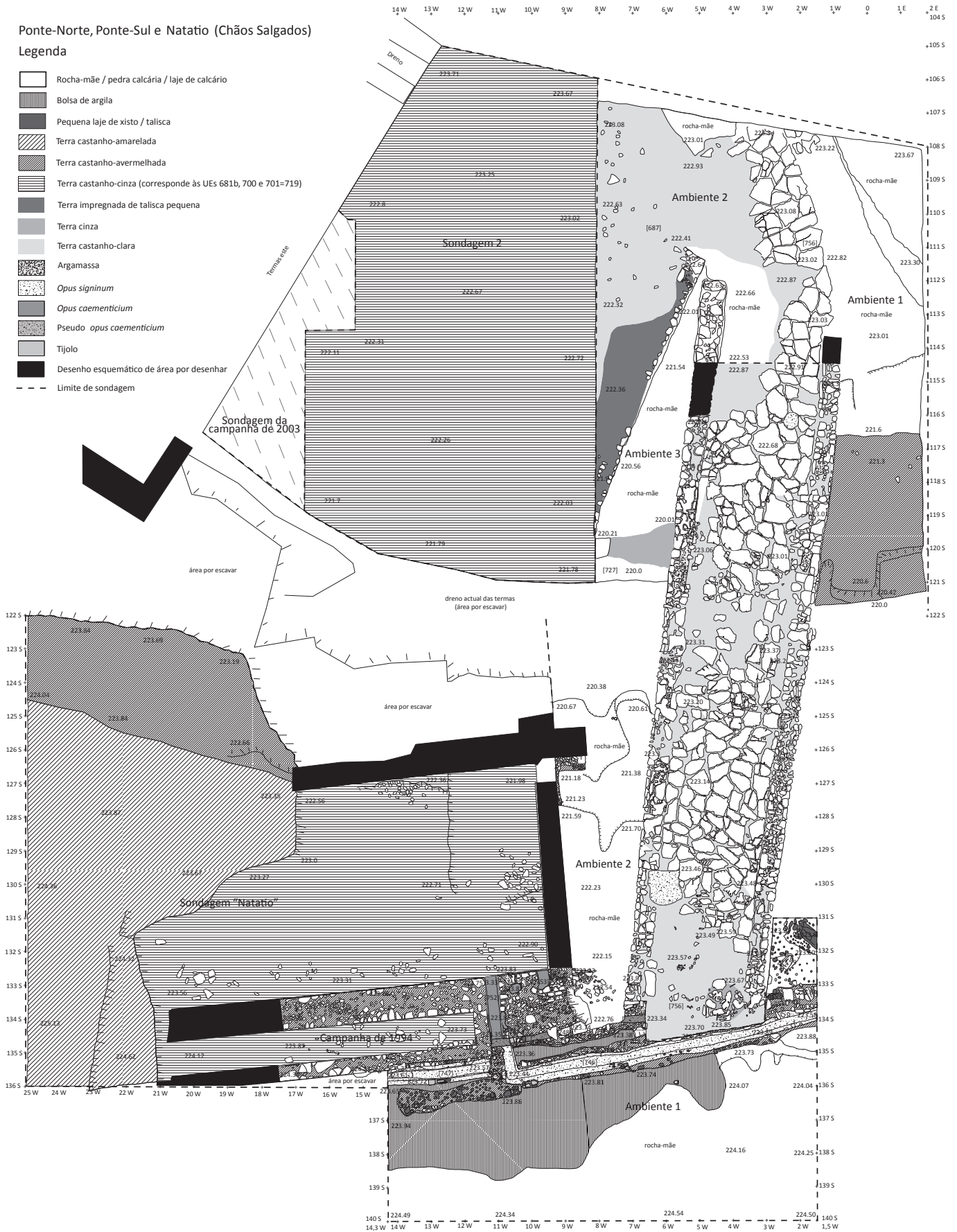


Figura 25 - Planta final das campanhas de 2004 e 2005 na área da ponte de Chãos Salgados (desenvolvida a partir da base cartográfica das Ruínas Romanas de Mirobriga).

final da ocupação da cidade romana. Parece-nos igualmente que este níve, se identifica com o “estrato III” que Maria de Lurdes Costa Artur (1983) constata na sua escavação de 1954-5, à entrada do complexo de banhos oeste, interpretado como um “nível de destruição” da cidade pelos “bárbaros”, no século IV. A conclusão da autora parece-nos errada, se estivermos a falar do mesmo fenómeno estratigráfico e, de momento, este sedimento não se afigura apenas arqueológico, mas também geológico, formado imediatamente a seguir ao abandono da cidade (sem qualquer destruição).

A área da cidade romana será retomada, muito circunscritamente, pela Capela de São Brás, somente no século XVI, na antiga zona habitacional romana (Barata, 1997).

### 2.4.1.2. Extremidade sul da ponte

Propomos um faseamento construtivo em que a **fase I** corresponde à construção da ponte [756], em conjunto com a construção da caleira [742]. Nessa mesma época seria construída a *natatio*, ainda sem o compartimento sul, tendo uma área de acesso [754], regularizada no topo pela [750], com um

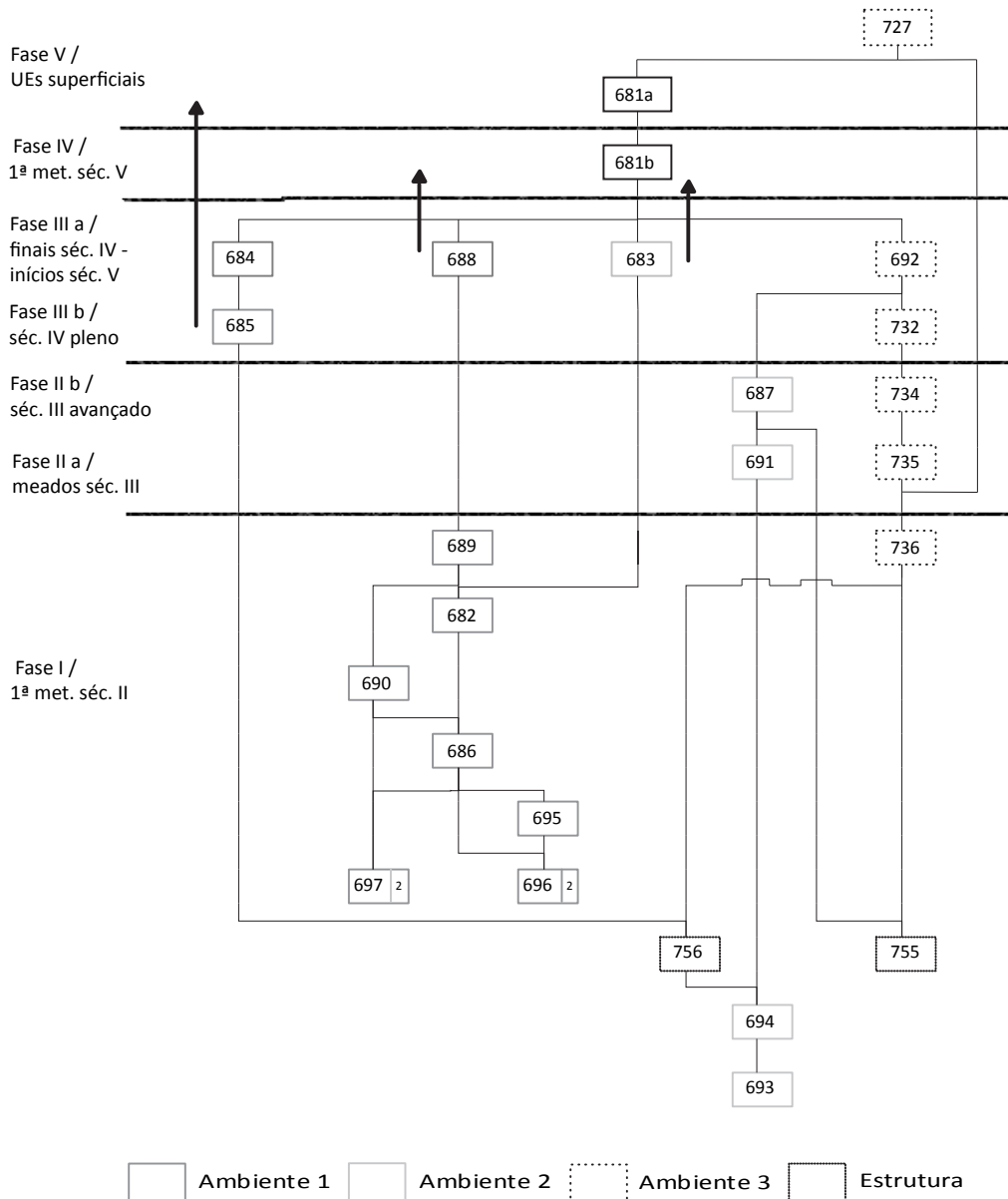


Figura 26 - Diagrama estratigráfico do sector Ponte-Norte.



pavimento em calcário [748], que cobria a caleira [742]. O pavimento em calcário [749] é igualmente visível a Este da ponte, com um idêntico nível de regularização em placas de xisto, tendo o pavimento, neste sector, continuado em uso até ao abandono da área. Nesta fase, a ponte apenas alcançava uma latitude sul correspondente à caleira [742], no qual se identificam os troços de guardas mais antigos até cerca de 133,2-133,6 S. Esta fase I data-se de inícios do século II d.C. (parecendo alcançar os meados do século II), e corresponde às unidades de entulho do ambiente 2, [722] e [710].

A **fase II** assiste à ampliação da *natatio*, através da construção do compartimento sul. Adossado ao muro sul deste compartimento surge a caleira [747], que, em conjunto com a caleira [742], abastece a *natatio*. O muro sul da *natatio* é espessado para 1m e revestido a *opus caementicium*, como comprovam as UEs [751] e [753]. Também o troço final da caleira de abastecimento é revestido a *opus caementicium* [752]. Esta fase poderá ser contemporânea dos entulhos do ambiente 2, [709] e [721], datados da primeira metade do século II (provavelmente meados do século II). Será assim, muito pouco posterior à fase I.

Na **fase IIIa** dá-se a amortização da caleira [747], preenchida com terras castanho-acinzentadas. Também amortizada nesta fase é a caleira da fase I, [742], através do enchimento [731=704].

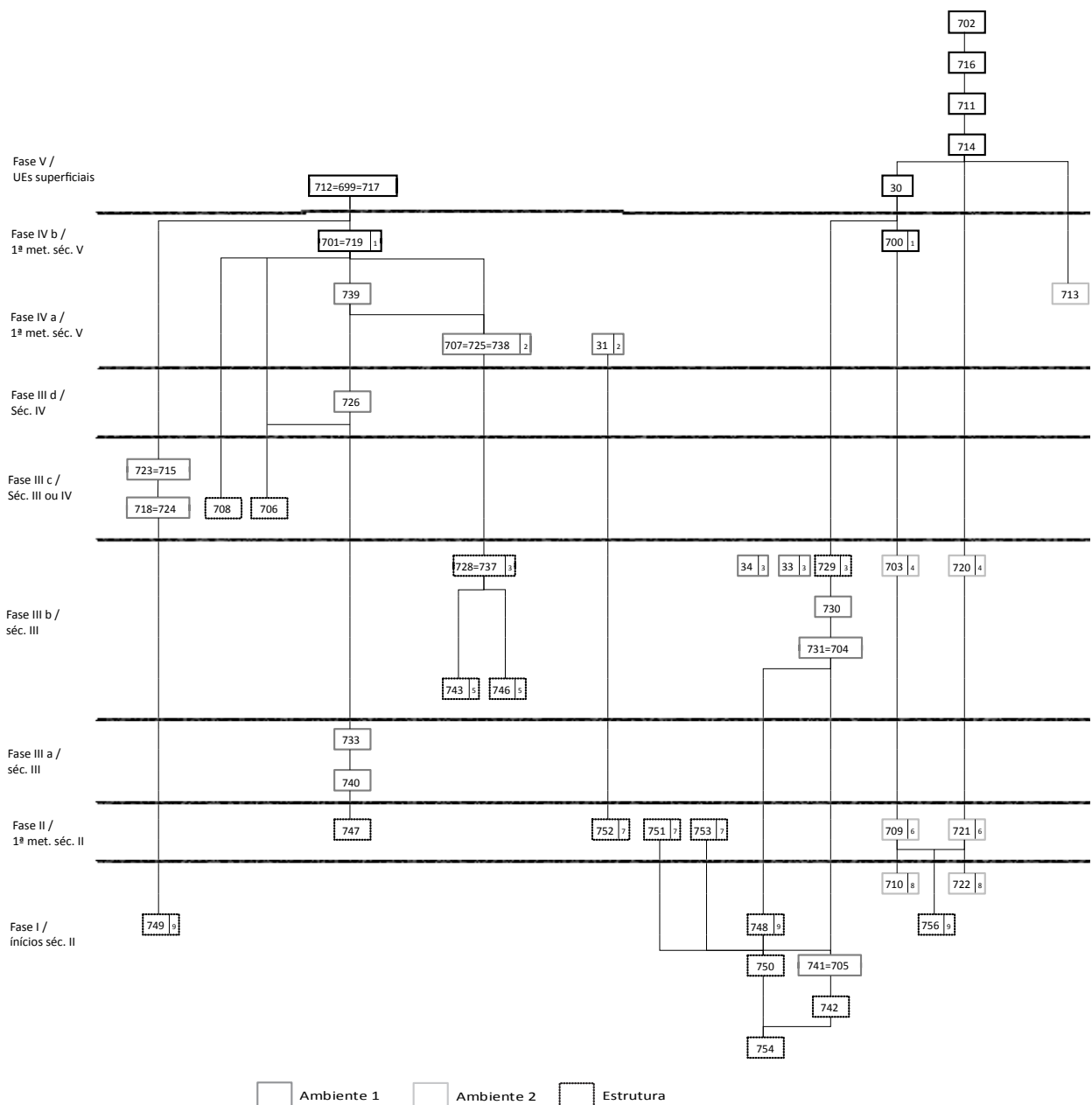


Figura 27 - Diagrama estratigráfico do sector Ponte-Sul.

Na **fase IIIb** é construída a caleira [746], com um novo pavimento em lajes de calcário [728=737], que a cobre, a cotas superiores ao pavimento mais antigo [748] e claramente acima da antiga caleira [747], amortizada. A ponte é então ampliada para Sul, a partir do seu antigo *terminus*, a cerca de 133,2-133,6 S, alcançando agora a nova caleira [746]. Esta possui uma orientação mais acentuada no sentido nordeste-sudoeste, do que a caleira da fase I, [742]. Como se comprova no desenho da escavação de 1998 (Barata, 1999), a ampliação das guardas da ponte é feita através de dois novos segmentos (guardas este e oeste) que apresentam uma orientação mais acentuada norte-sul, do que todo o restante corpo da ponte, mais acentuadamente nordeste-sudoeste. Este acertar da orientação do fim do tabuleiro da ponte com uma orientação oposta, em vez de continuar a ampliação no sentido nordeste-sudoeste, deverá ter como causa alguma falta de sustentação a Oeste, já que a parte sul do ambiente 2 não oferecia base sólida (a rocha-mãe é argilosa) para o novo troço de guarda oeste. Os novos segmentos das guardas apresentam também uma maior fragilidade do método construtivo, com uma alvenaria mais fraca que resistiu claramente menos ao tempo do que o restante corpo da ponte, tendo os novos segmentos muito menos pedra conservada.

Os problemas de sustentação deste topo sul do ambiente 2 são visíveis igualmente na maior fragilidade do contraforte sul do muro este da *natatio*.

As fases IIIa e IIIb são uma nova etapa construtiva, que se data no século III, quando se realiza a nova caleira [746], com a amortização da caleira [742]. Também no ambiente 2 os níveis de entulho parecem corresponder cronologicamente: [703] e [720].

A **fase IIIc** corresponde a duas violações, no século III ou IV, do pavimento [749] construído na fase I, para protecção da caleira [742], a Este da saída da ponte.

A **fase IIId** corresponde à utilização desta área, pelo menos até ao século IV, a ver pelos dados da [726], e na qual se integra um possível pavimento de terra batida constituído pelas UEs 706 e 708, que fazia da saída sul da ponte uma área menos nobre da cidade, se compararmos este fenómeno com a saída em calçada da extremidade norte da ponte.

O abandono ocorre na **fase IV**, datável da primeira metade do século V.

#### 2.4.2. Resultados arquitectónicos: extremidades norte e sul da ponte

Esta escavação serviu, apesar das limitações das sondagens e de não estar completa, para concluir alguns aspectos sobre as técnicas construtivas do sítio.

A calçada, e provavelmente o tabuleiro da ponte, tinham um embasamento, o que pressupõe um conhecimento das regras vitruvianas por parte dos construtores (Chevallier, 1997), consumado pelas UEs 687 e 691, esta última, um nível de *rudus* ou *statumen*, que evita uma maior degradação da calçada.

A calçada seguia, como tudo fazia prever, para Oeste, através de uma curva larga, após a saída norte da ponte. Desta forma, deveria – algo que só futuras escavações podem ilustrar – seguir pelo topo norte das termas este. A ponte revela-se como uma saída importante da cidade, em direcção ao Sul, nomeadamente ao Circo, que se situa a cerca de 1Km (Barata, 1997; Quaresma, no prelo a). Neste aspecto, é particularmente estranha a ausência de calçada na saída sul da ponte, onde apenas se detectou um pavimento em terra batida, havendo apenas lajeamento sobre as caleiras de fornecimento de água à *natatio*.

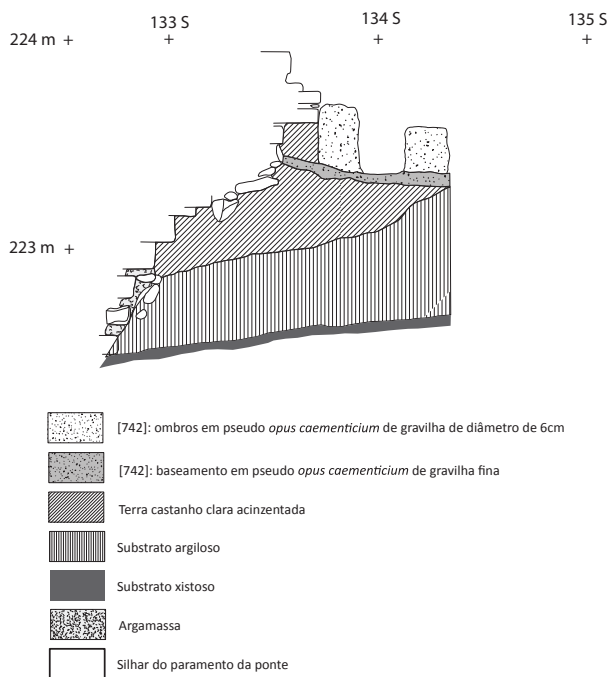
O aparelho da calçada a Norte - e o da própria ponte - é semelhante ao conhecido nos restantes troços da cidade.

Quanto às guardas da ponte, foi possível perceber as extremidades norte de ambas e constatar que a guarda oeste é mais avançada, formando um ângulo agudo com o muro [755]. Este avanço da guarda oeste deve explicar-se pela necessidade de uma maior protecção do interior da curva da calçada. A guarda este encontrava-se intacta na sua extremidade, ao contrário da guarda oeste que apenas conservou a sua base. A primeira revelou-nos que o fecho se faz num paramento vertical, o que nos serve de indicador para uma reconstrução da guarda oeste. Uma última grande informação foi possível de obter nesta escavação: o aparelho construtivo utilizado nas guardas é um *opus semi quadratum* muito imperfeito, que por vezes se aproxima bastante do *opus incertum*, mas que, por vezes, até atinge uma certa isodomia. Este aparelho algo dúbio é o que se constata em toda a extensão dos paramentos este e oeste da ponte. Assim, as guardas actualmente existentes na ponte – que poderão ser em boa parte

restauro de Fernando de Almeida, e são também, em parte, o restauro realizado em 1998, que seguia as cotas e o aparelho visíveis – contém este erro de análise que a escavação de 1998 ainda não permitia perceber. A actual escavação, mais extensa, permitiu sim, tornar clara esta situação. Para se perceber melhor esta diferença de aparelho entre as guardas originais e as reconstruídas, veja-se as **figs. 28 e 29**.

A guarda oeste da extremidade sul revelou o pior método construtivo, tendo sido realizada com o mesmo aparelho, mas sem um bom embasamento, o que, na falta de rocha-mãe estável, já que naquela zona se encontra uma bolsa de argila, provocou o gradual desmoronamento da caleira [742], que no ambiente 2 se encontra hoje interrompida (**ver figs. 30 e 31**).

O muro [755] possui um aparelho de *opus incertum*, semelhante ao utilizado na cidade romana - nomeadamente na área habitacional -, claramente distinto do aparelho conservado nas guardas originais da ponte. Mas uma outra comparação se afigura muito importante: o seu aparelho é semelhante ao da *natatio* (localizada a oeste da extremidade sul da ponte) e com a qual possui uma posição simétrica, se tomarmos a ponte como plano de origem. Esta simetria é denunciadora de uma planificação conjunta de todos estes elementos: ponte, *natatio* e muro [755] de um edifício ainda desconhecido.



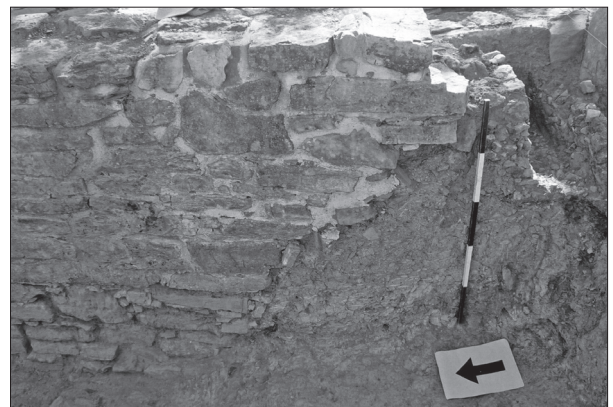
**Figura 31 - Alçado da guarda oeste da extremidade sul da ponte, com a caleira [742], amortizada no século III.**



**Figura 28 - Extremidade norte da guarda este da ponte. Repare-se na diferença do aparelho da guarda original (à esquerda, sob a escala), escavada nesta campanha, e da guarda reconstruída no século XX (à direita daquela).**



**Figura 29 - Extremidade norte da guarda oeste da ponte. Repare-se na identidade do aparelho da guarda e do paramento.**



**Figura 30 - Fotografia do alçado da guarda oeste da extremidade sul da ponte, sendo visível a caleira [742], amortizada no século III, interrompida neste segmento, devido ao desmoronamento do sector em época pós-romana.**

### 2.4.3. Os materiais datantes: evolução crono-estratigráfica<sup>12</sup>

#### 2.4.3.1. Extremidade norte da ponte (Ponte-Norte)

##### Sondagem 1

Como referido *supra*, o tabuleiro já se encontrava descoberto aquando do início da campanha de 2004, o que resultava num desnível acentuado entre as terras existentes na extremidade norte da ponte e o seu tabuleiro (ver fig. 32).

Da UE 681b provém a grande maioria do espólio recolhido, com materiais enquadráveis nos séculos I-III d.C. (n<sup>os</sup> 759-769): *terra sigillata* alto-imperial de Andújar (Drag.15/17), africana A do século II (TSAf A do tipo H135 ou 136), africana do século III (TSAf A/D, Hayes 31; TSAf C, Hayes 44 e 45A), para além de um almofariz regional de lábio reentrante com datação a partir do século II e um conjunto anfórico alto e baixo-imperial lusitano, com Dr.14b e Lusitana 3 ou Almagro 51c, bem como bético, com Almagro 51c (Bustamante, 2010; Fernández Garcia, 1998; Hayes, 1972; *Atlante I*; Quaresma, 2006; Mayet; Silva, 1998; 2002). A cronologia desta unidade foi definitivamente esclarecida através dos materiais encontrados na UE 700, uma das UEs da extremidade sul da ponte que consideramos ser uma mesma unidade que a 681b, ou seja, uma unidade vasta e homogénea no sedimento, truncada a meio pela vala aberta por Fernando de Almeida nos anos 1960, que escoia as águas das termas por debaixo da ponte.

A sondagem 1 foi trabalhada em três ambientes, após a escavação da UE 681b:

- Ambiente 1: a área entre a calçada / ponte e o perfil este da escavação
- Ambiente 2: a área entre a calçada / ponte e o perfil oeste da escavação
- Ambiente 3: este ambiente surgiu após a definição do topo do muro, UE 755, situando-se entre este e o paramento oeste da ponte.

##### Ambiente 1

As unidades 684 e 685 pertencem a uma área, a Este do paramento este da ponte, com indícios de poderem ter resultado da acção de deposição de antigas terras de escavações arqueológicas realizadas no sítio.

Nesta área, sob a UE 681b, a única UE escavada foi a 684, que continha *terra sigillata* com alguma coerência cronológica - *terra sigillata* hispânica (ind.) e africana (H8A) datável na segunda metade do século I e século II, cronologia alto-imperial condizente com a Dr.14b lusitana, n<sup>o</sup> 758 (Fernández Garcia, 1998; Hayes, 1972; Mayet; Silva, 1998; 2002). A ocorrência de um fragmento de cerâmica melada e de uma garrafa de vidro actual relativizam a importância deste UE.

A informação crucial deste ambiente 1 provém da plataforma situada a este da calçada de saída da ponte e onde uma série de níveis térreos de formação rápida (cerca de 50 anos, nos máximo) nivelaram o terreno à cota da calçada, durante a primeira metade do século II: UEs 682, 686, 690, 696, nas quais a *terra sigillata* hispânica de Andújar é hegemónica.

A UE 689 (n<sup>os</sup> 756-757) possui ânfora gaditana, do tipo Beltrán II B, cujo uso recuará ao século I d.C. (Garcia Vargas, 1998), bem como TSH de Andújar, tipo Drag. 27 de perfil hispânico.

Na UE 682 encontramos igualmente material mais antigo, nomeadamente uma asa de lucerna Dr.2-4, centro-italica, cuja cronologia recua à primeira metade do século I (n<sup>o</sup> 755; Celis Betriu, 2005), mas em conjunto com TSH de Andújar, tipo Dr.15/17, e TSAf A indeterminada.

Na UE 690 registou-se um bordo gaditano de ânfora alto-imperial Dr.14 (n<sup>o</sup> 754; Garcia Vargas, 1998).

A UE 686 continha um conjunto de fragmentos indetermináveis de *terra sigillata* hispânica de Andújar e dois fragmentos de lucerna, uma gaditana indeterminável, e outro de lucerna de disco com a figura de Hélios, produzida em Mérida, o que aponta para uma cronologia de século I, com tendência

12. Ver n<sup>os</sup> 742 a 806.





Figura 32 - Fotografia da UE 681a antes da escavação.

para o século II (Celis Betriu, 2005; Pereira, 2008, p.43-44). Em *Scallabis*, os tipos de disco centram-se ao longo da primeira metade do século II, dominando ao longo desta centúria e na primeira metade do século III. O vidro transparente incolor, pode relacionar-se com a forma Isings 36a, embora possua parede mais rectilínea, e tem paralelo em *Conimbriga* (Alarcão; et Al., 1976, nº117), onde surgiu na canalização do *forum* flávio. Isings (1957, p.50-1) apresenta uma cronologia para a forma 36, entre os séculos I e III (nºs 751-753).

Esta unidade 686 forneceu alguns fragmentos de *imbrices* e bastantes fragmentos de *laterae* (algumas intactas). Alguns fragmentos são iguais aos tipos de *laterae* que podem ser observados nos hipocaustos do complexo de banhos públicos, mas outros, mais pequenos, são de um tipo até agora desconhecido no sítio. A identidade das primeiras com as *laterae* dos banhos públicos não deixa, no entanto, de constituir um outro indicador cronológico, alto-imperial, mais precisamente do século II, tendo em conta a cronologia de fundação dos banhos públicos proposta pela equipa americana (Biers; et Al., 1988).

A UE 696 (nºs 742-749) é a mais rica em material datante e assegura, na base deste depósito, a cronologia de primeira metade do século II das diversas UEs que se lhe sobrepõem e nivelam o terreno a Este da calçada. Para além de material osteológico, fragmentos de mármore e de estuque, encontramos TSH de perfil hispânico (Fernández García, 1998) de La Rioja (Drag. 15/17, 18 e 33), mas sobretudo de Andújar (Drag. 15/17 e 27). O conjunto de almofarizes aponta para uma cronologia com o século II numa posição central: o nº 749 poderá aproximar-se do bordo em martelo, ou hipoteticamente de um tipo de bordo em martelo, var. (ver nota 5).

A cronologia da primeira metade do século desta UE 696 é fornecida pela presença do vidro Isings 96, datado em Augst entre os séculos II e IV (Rütti, 1991), e de H9A em *terra sigillata* africana A2 e da H196 de cerâmica africana de cozinha do Norte da Tunísia, cujas cronologias são já de século II, podendo perfeitamente recuar aos seus inícios, como indicia o pouco espessamento da H196, que a coloca numa transição entre as variantes A e B de Bonifay (2004). Ainda mais claro é o tipo H9A, cuja cronologia proposta por Hayes (1972) é exactamente de 100-160 d.C..

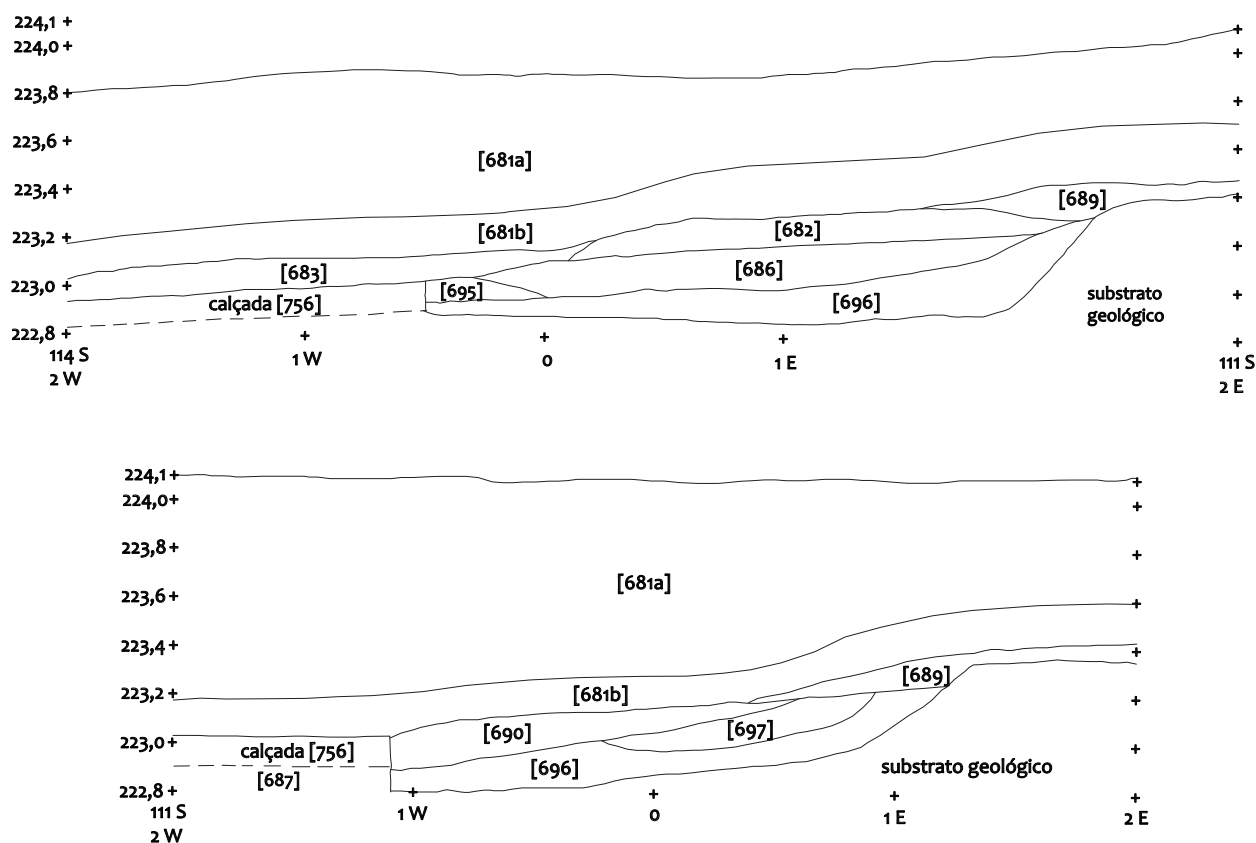


Figura 33 - Perfis cumulativos do ambiente 1 da sondagem 1 do sector Ponte-Norte.

## Ambiente 2

Neste ambiente foi possível determinar duas camadas de embasamento da estrada (UEs 687 e 691), ambas com datações semelhantes e coerentes (ver figs. 34-35). Não deixa de ser estranho que não se tenha verificado nenhuma unidade respeitante ao próprio uso desta calçada, já que por cima da UE 687 e da calçada se deposita a UE 681b.

A espessura da UE 687 é maior na zona este (17cm junto à ponte e 14cm junto ao perfil norte), do que na zona oeste (5cm de espessura junto ao perfil oeste) e ainda não foi totalmente escavada.

Esta UE define-se por uma terra castanho-clara-cinza, algo arenosa, compacta, com poucos materiais arqueológicos e talisca (xisto fragmentado) de pequenas dimensões. Embalava alguma *terra sigillata* hispânica de La Rioja (Drag.18) e de Andújar (Drag. 15/17), bem como *terra sigillata* africana A (H3C, 14A, 14B e 26 ou 27), C1/C2 indeterminável e C/E (H45A ou 45B) que indicam uma cronologia não anterior a um século III avançado: o tipo Hayes 45 começa a ser fabricado por volta de 230/240 d.C. (Hayes, 1972; Bonifay, 2004) e o pequeno pote de cerâmica comum, bem como os vidros presentes (Isings 47, 51 e 92; n°s 770-773), com cronologias entre os séculos I e primeira metade do III, confirmam apenas esta cronologia (Pasqualini, 1996; Vaz Pinto, 2003; Isings, 1957)

A UE 687 segue, para Sul, por debaixo do pavimento do tabuleiro da ponte, sobrepondo-se à UE 691, um *rudus* ou *statumen*, que solidifica o embasamento da estrada, imediatamente por cima da rocha-mãe. Por essa razão, embora no diagrama se constate a relação física de sobreposição da UE 687 ao muro, UE 755, e à guarda oeste da ponte, tal pode ser interpretado como um deslizamento ou infiltração de sedimento da UE 687 - para áreas que não seriam as suas aquando da construção da calçada - após o abandono e desmantelamento parcial da calçada. Mantém-se porém a hipótese de o muro [755] ter sido amortizado por esta unidade, o que só futuras escavações poderiam esclarecer. Outra provável razão é que os sedimentos nem sempre são fáceis de interpretar e de diferenciar, pelo que se produzem erros de registo difíceis de ultrapassar no campo. Refira-se que a relação estratigráfica entre a UEs 687 e 692





Figura 34 - Fotografia das UEs 687 e 691, sendo esta última a fina camada com pedras, na base do corte.



Figura 35 - Fotografia da UE 691, sendo visível o corte da fotografia anterior.

não é ela própria clara. Aquando da escavação, pareceu-nos, inicialmente, que a UE 687 seria um nível de abandono, mas a sua escavação integral, bem como a datação do seu espólio, não deixam grandes dúvidas quanto à sua interpretação como nível de embasamento da calçada.

Sob a UE 687 encontra-se a referida UE 691. Este nível de *rudus* ou *statumen* encontra-se conservado apenas numa mancha de cerca de 2m<sup>2</sup>, com cerca de 10cm de espessura. Define-se por uma terra algo arenosa, dura, de cor castanho-clara, com bastantes pedras de calibre pequeno-médio e alguns fragmentos pequenos de cerâmica de construção. Esta unidade segue igualmente por debaixo da UE 687, no tabuleiro da ponte.

Da UE 691 foi recolhido um pequeno espólio cerâmico, com datação bastante segura: 1 fragmento de *terra sigillata* africana A – forma H14A – e um fragmento de *terra sigillata* africana C1/C2 – forma H45. Estas duas cerâmicas apontam para uma datação de meados do século III (Hayes, 1972; Bonifay, 2004).

Após a escavação da UE 691 foi possível detectar a vala de fundação da guarda oeste da ponte, entre as coordenadas M=4,1-4,9W e P=111,96-111,45S, elemento interfacial a que corresponde a UE 693. Esta vala de fundação está até ao momento escavada nas faces norte e este da guarda da ponte e apresenta cerca de 10cm de profundidade e 5cm de largura média.

O seu enchimento foi processado pela UE 694, com as mesmas coordenadas do elemento interfacial, e composto por uma terra arenosa, vermelha, algo consistente, por vezes muito consistente quando contém muito xisto ou seixos. Os residuais materiais arqueológicos são compostos por material osteológico e cerâmica comum que não permitem deduzir propostas cronológicas.

### Ambiente 3

Tal como é visível do perfil (**ver fig. 36**), acções de escavação anteriores à nossa subtraíram parte das unidades [681a], [681b] e [692], esta última claramente truncada, sensivelmente em 116,4 S. Sobre ela terá escorrido sedimento da [681b], que teria de estar também ela truncada nesta área.

A [727], enrocamento com pedra de grande calibre realizado por Fernando de Almeida, deposita-se sobre a [736] e corta as [681b] e [732]. O troço escavado atinge 50cm de altura, embora continue para uma cota inferior, em solo não escavado.

Na verdade, este ambiente possuía uma série de unidades romanas, todas elas entulheiras, homogéneas em maior ou menor grau, consoante os casos, mas sempre contextos secundários de deposição.

A [736] deposita-se sobre a rocha-mãe e continha alguma cerâmica de construção, argamassa e sobretudo *opus signinum*. A cerâmica comum está bem representada, surgindo ainda um fragmento de vidro e algum material osteológico. O material anfórico, composto por um bordo de Dr.14 lusitana e uma asa de Dr.20 bética, confere-lhe uma datação alto-imperial (Peacock; Williams, 1986; Garcia Vargas, 1998; Mayet; Silva, 1998; 2002) algo vaga, por não possuímos outros dados de datação. Se a sua cronologia se centrar ainda no século I, poderá então haver um hiato nas deposições, já que entre a [736] e a [735] existiria um intervalo de tempo de cerca de um século. O que parece algo evidente é que a [736] está associada aos momentos mais antigos deste espaço da cidade romana, pois a própria ânfora Dr.20 surge imbricada na [755], muro que delimita a Oeste este ambiente.

É provável que as [735] e [734] estejam associadas cronologicamente à repavimentação da calçada no extremo norte da ponte, datada no século III pleno.

A [735], sem características de entulheira, embora com recolha de um fragmento de mármore arquitectónico e de um nódulo de argamassa, possui alguma cerâmica comum, material osteológico, e escasso material anfórico mal conservado, alto-imperial (Dr.14 lusitana e Dr.20 bética) e ainda um fragmento de *terra sigillata* africana A2 (H14A) e outro indeterminável de africana C1 ou C2, o que lhe confere uma datação de século III pleno (Hayes, 1972; Bonifay, 2004).

A [734] também não apresenta entulho de construção em grande quantidade, embora ainda se tenha recolhido um fragmento de *imbrex*, de *latera* e de *opus signinum*. Em destaque, exumou-se bastante material osteológico, havendo até uma cabeça de bovino inteira e uma outra parcial. Para além de cerâmica comum, exumou-se um fragmento de ânfora Dr. 14 lusitana, com alguns bojos de grandes dimensões. A sua datação de século III, talvez bastante avançado, é deduzida tendo em conta a datação da unidade que lhe subjaz, [735].

As [732] e [692] estarão associadas aos momentos de abandono (?) do espaço, no século IV pleno, não sendo de todo evidente se a cronologia da [692] poderá já alcançar os inícios do século V, pela falta de dados coerentes neste sentido.

Tal como a [692], a [732] contém uma entulheira algo homogénea de material pétreo de pequeno e médio calibre e alguma cerâmica de construção. Em função da presença de uma forma H196/Black Top Lid D (?), em cerâmica africana de cozinha, e de um exemplar de *sigillata* africana C/E, Hayes 45B (n.ºs 774-775) datamos a unidade de pleno século IV (Bonifay, 2004; Quaresma, 2010c; Atlante I).

A UE 692 estender-se-ia claramente um pouco mais para Sul, tendo sido truncada por escavações anteriores, como o perfil deixa antever pela ausência de *terminus* em cunha. Define-se por uma terra arenosa, algo dura, castanho-avermelhada, com bastante material de construção em pedra e cerâmica.

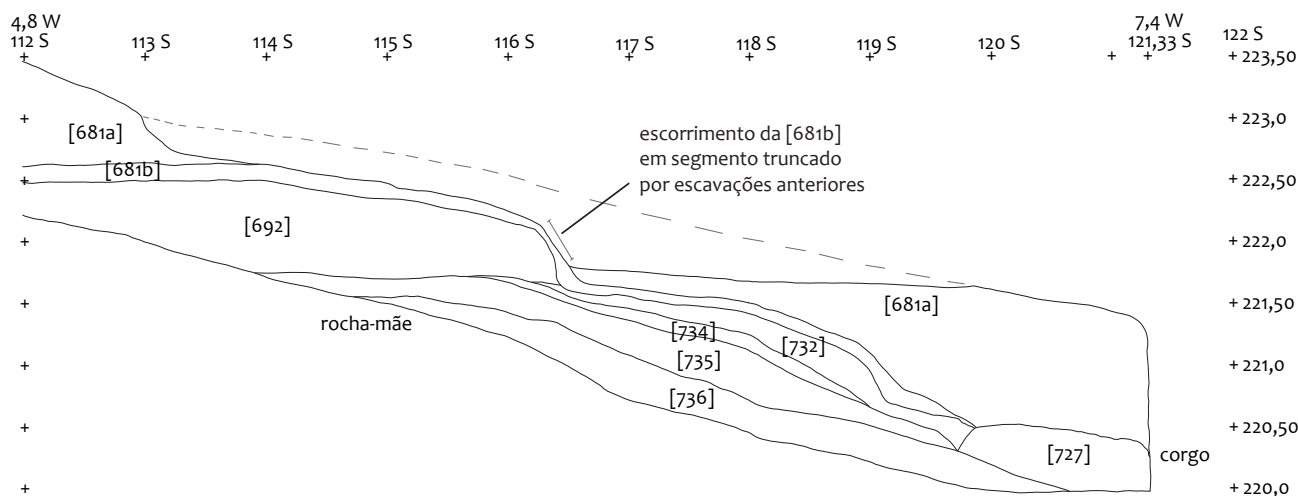


Figura 33 - Perfil cumulativo do ambiente 3 da sondagem 1 do sector Ponte-Norte (a cinzento, segmento truncado de UE).



Esta unidade revelou-se bastante rica em artefactos, cujo conjunto caracteriza bem a sua natureza de derrube: bastantes fragmentos ósseos, nomeadamente dois crânios inteiros de bovinos, e cerâmica comum. Um exemplar de *terra sigillata* africana D2 (Guèry, 1970, fig.69) aponta para uma cronologia de finais do século IV, inícios do V (*Atlante I*, p.85), algo confirmado por um bojo indeterminável de *terra sigillata* africana C tardia; enquanto que o restante material datante é de carácter residual (n.ºs 776-778).

### 2.4.3.2. Extremidade sul da ponte (Ponte-Sul)

#### Sondagens 1, 2 e 3

#### Ambiente 1

Como já referido, a estratigrafia das sondagens 1 e 3 revelou-se extremamente interessante e complexa, pelo que teremos de optar por tratá-la em três problemáticas construtivas diferentes:

Na fase I, por volta de inícios (primeira metade) do século II e em consonância com os níveis fundacionais do ambiente I do sector Ponte-Norte, dá-se a construção da *natatio* e da sua estrutura de acesso [754], bem como da ponte [756], cujo limite sul alcança a caleira [742].

Na fase II, cremos que ainda na primeira metade do século II (provavelmente já em meados), ocorre a ampliação da *natatio* através da construção do compartimento Sul, e uma outra caleira é construída, a [747], funcionando em conjunto com a [742].

Na fase III, a partir do século III, a ponte é ampliada para Sul, amortizando-se a caleira [742] e construindo-se uma nova, a [746], que amortiza igualmente a caleira [747].



Figura 37 - Fotografia do ambiente 1 do sector Ponte-Sul: em primeiro plano, a caleira [746], perpendicular à saída sul da ponte.



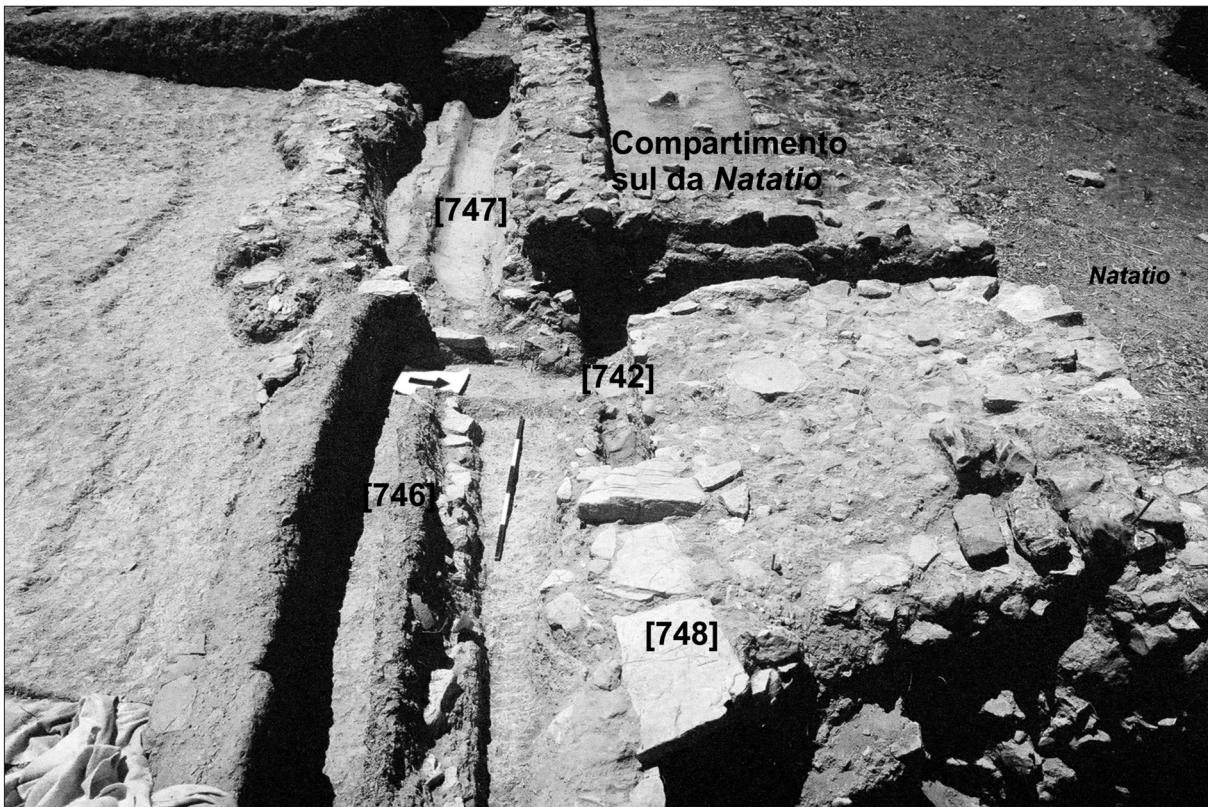


Figura 38 - Fotografia do final da escavação do ambiente 1 do sector Ponte-Sul: em primeiro plano, a caleira [746], a Norte desta, a caleira [742], coberta pelo pavimento [748], e em segundo plano, a caleira [747] e, a Norte, o compartimento sul da *Natatio*.



Figura 39 - Fotografia do final da escavação do ambiente 1 do sector Ponte-Sul: caleira [746] e a Norte, segmento conservado da caleira [742], amortizada pelo alargamento para Sul da ponte, no século III.



### Fase I

O troço de pavimento da fase mais antiga, [748], em lajes de calcário, a cotas semelhantes e correspondendo ao troço de pavimento a Este da ponte, [749], cobre a caleira [742]. As cotas deste pavimento apresentam uma pendente Este-Oeste, entre valores de 223,84 e 223,75m.

A fase mais antiga é ainda composta pela própria ponte [756] e por uma série de estruturas que se relacionam com a *natatio*.

Em primeiro, a caleira [742], realizada num pseudo *opus caementicium* (o fundo) e num pseudo *opus incertum* (as paredes), sem argamassa, fracos, claramente distintos do novo revestimento no troço final, [752], feita na fase II. As paredes da [742] possuem pedra de 5-7cm de calibre e o fundo é feito em gravilha, com ligeira pendente Este-Oeste. Estende-se ao longo de cerca de 5m, e possui entre 10 e 20cm de largura interna, por cerca de 20cm de profundidade. Delimita a Sul a ponte [756] e forma um cotovelo de 90 graus, no extremo oeste, para contornar a [754].

Em segundo, a estrutura de acesso à *natatio* [754], de planta sub-quadrangular, realizada em *opus incertum*, adossada à parede sul da *natatio* e a parte do ombro norte da caleira [742], que, neste troço, é assim realizado em *opus incertum*.

Em terceiro lugar, o pavimento em lajes de calcário [748], que revestia a caleira [742] e a estrutura de acesso à *natatio*.

A [741=705] é a camada que encostava à caleira [742], servindo de base ao pavimento que se lhe sobrepunha na primeira fase construtiva. A [731=704] forneceu apenas rara cerâmica comum. Já a [741=705] forneceu rara cerâmica comum, mas também um bojo de *terra sigillata* sudgálica, que confirma a maior antiguidade desta fase.

### Fase II

A caleira [747] foi realizada em *opus signinum* de boa qualidade, alisado, com alguns tijolos no topo do ombro sul. O troço escavado tem cerca de 3m de comprimento, e corre numa ligeira pendente Oeste-Este. Tem largura interna de cerca de 30cm e altura média de 13cm. Os ombros possuem 10cm de largura regular. Esta caleira está claramente adossada ao muro sul do compartimento sul da *natatio*, muro este que não está faceado, apresentando-se descarnado no seu *opus incertum*. Este dado só é explicável pela contemporaneidade das construções da caleira [747] e do compartimento sul da *natatio* (ver fig. 40).

Nesta mesma fase, e directamente relacionado com esta questão, foi ampliado o muro sul da *natatio*, algo que extrapolamos pela presença da [751], que representa um espessamento do muro sul da *natatio*, todo ele em *opus incertum*, no seu extremo este, conjugada com a estrutura já existente de acesso à *natatio*, [754]. É visível que a [751] não se encontra imbrincada ao muro sul do tanque. É uma ampliação, neste troço, feita com má qualidade (já que no restante muro que divide o compartimento sul do próprio tanque o material parece totalmente imbrincado) e que cobre a [750], nível de regularização da estrutura de acesso à *natatio*, que pertence à fase mais antiga. O muro sul da *natatio* deixa então de ter uma largura de cerca de 60cm, para passar a ter 1m. Cumulativamente, todo este muro sul da *natatio* é forrado a *opus caementicium*. A provar este novo forro está a [753] que, embora mal conservada, deveria ainda revestir parte do exterior sul do muro sul da *natatio*, sobre a antiga estrutura de acesso à *natatio*, [754]. Esta deverá ter perdido esta função nesta fase, pois o muro [751] parece estender-se até à caleira [752], vedando o acesso ao tanque, que se faria por outro sítio que ainda não conhecemos.

O revestimento [752] será também desta fase, pois encontra-se conjugada com o restante revestimento sobre a antiga estrutura de acesso à *natatio*, formando um extenso pano de *opus caementicium*. No entanto, esta caleira em causa é a [742], de construção anterior - fase I, que recebe, nesta fase II, um novo forro, neste troço final.

### Fase III

A [731=704], relacionada com a caleira do século III [746], preenche a antiga caleira [742], mas revelou-se estéril de material datante.



Figura 40 - Fotografia da face sul do compartimento sul da *Natatio* e da caleira [747].

O enchimento propriamente dito da caleira [747] foi realizado pela [740], de composição semelhante à [733], mas estéril.

A [733] forneceu raro material arqueológico, representado por alguma cerâmica comum e um fundo plano de ânfora Lusitana 9 (nº 780), datável no século III, por razões estratigráficas<sup>13</sup>.

A caleira [746] possuía um pavimento em lajes de calcário que a tapava, a [728=737]. Este pavimento encontrava-se ainda pontualmente conservado, a Este, em 4,5 W/134,5 S e 2,5 W/134 S. Como veremos adiante, uma outra área conservada deste pavimento era a [729] (**ver figs. 41-42**), a Sul da caleira [746] e cuja escavação permitiu datar esta estrutura no século III. Para Oeste da [728=737] estende-se uma área de regularização do solo para cotas semelhantes à do pavimento [728=737] ( $\pm 224,0m$ ). Essa regularização foi também elaborada com uma terra castanha rica em pequenas lajes de xisto, que se encontra apenas parcialmente conservada.

A caleira [746] é uma estrutura em *opus signinum* de má qualidade. O troço escavado estende-se ao longo de cerca de 11m, com largura interna média de 20cm e profundidade de cerca de 30cm, correndo numa ligeira pendente Este-Oeste. O ombro norte possui cerca de 6-10cm de largura, normalmente; o ombro sul possui 10 a 20cm de largura, para fazer face à força gravítica da pendente da encosta a Sul da ponte. Forma um cotovelo, em ângulo recto, no extremo oeste, onde os ombros e a profundidade se tornam exíguos. Ao longo da caleira, os ombros são reforçados externamente por uma estrutura precária em pedra e terra, sem argamassa, embora a terra seja arenosa, com pedras de calibre pequeno e médio (*opus incertum* de muito má qualidade?); no topo possuem algumas lajes de xisto ainda conservadas, que formavam um pavimento ou regularização para um possível pavimento em lajes de calcário.

A [746] possuía um contraforte no extremo oeste, [743], realizado num *opus incertum* algo fraco, com pedra de calcário e dolomias, com alguns fragmentos de cerâmica de construção, sem argamassa,

13. Esta datação de século III para um exemplar provável de Lusitana 9 é interessante, em face das datações existentes, normalmente mais baixas. Apesar de D. Diogo (1987) colocar o início desta ânfora lusitana no século III, os contextos taganos da Quinta do Rouxinol (primeira metade do século IV) e do Porto dos Cacos (finais do IV / inícios do V), e sadinos do Pinheiro (= Sado 2: século IV / primeira metade do V), dão a ideia de uma produção marcadamente tardo-romana (Duarte; Raposo, 1996; Raposo; Duarte, 1996; Mayet; Silva, 1998, p.206, 286-287; Vaz Pinto; Lopes, 2006).





Figura 41 - Fotografia dos pavimentos [728=737] e [729], que cobriam parcialmente a caleira [746] na área próxima da Natatio.

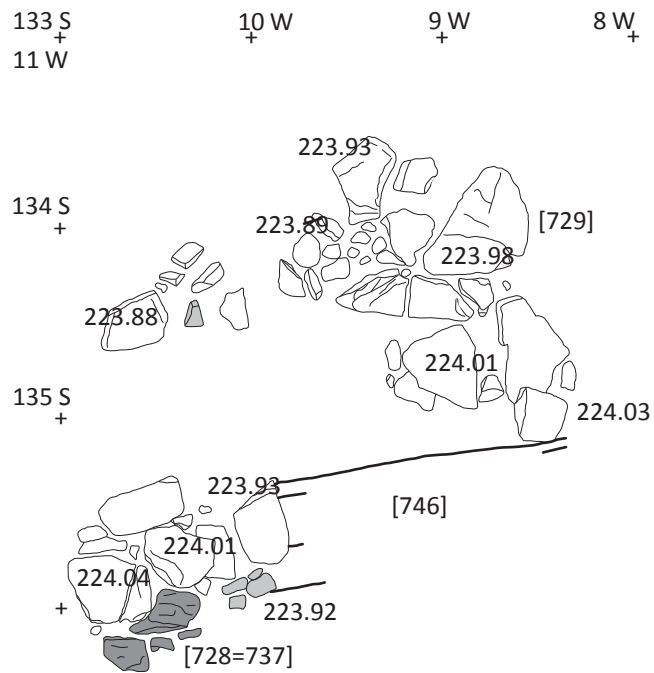


Figura 42 - Planta dos pavimentos [728=737] e [729] que cobriam parcialmente a caleira [746] na área próxima da Natatio.

mas com terra, e mal conservada, mas ainda faceada a Este e a Norte. Contudo, era bem nítida a sua relação estratigráfica com a caleira [747] da fase II, cortada pela [743], ou seja, por esta nova caleira [746].

Já referimos que a caleira [746] era pavimentada no topo, por lajes de calcário. Este pavimento cobre não só a referida caleira, como a área que decorria desta até à ampliação do muro sul da *natatio* [751], ao qual encostava, e cobrindo assim, parte da antiga estrutura de acesso à *natatio* [754], sem esta função desde a fase II.

A escavação da [729], unidade que corresponde à [728=737], permitiu datar esta terceira fase construtiva no século III: para além de escassa cerâmica comum, surgiram 4 fragmentos de *terra sigillata* africana A2, o que permite datar a construção da caleira [746] e seu pavimento cimeiro no século III, ou pelo menos nunca antes de um século II avançado (*Atlante I*, p.19).

A [706] apresenta-se como um nível de regularização do solão, através de uma fina camada rica em pequenos blocos de quartzo, que parece ter realizado a função de pavimento, ausente à saída da ponte e em toda a área escavada nas sondagens 1 e 3. Os únicos pavimentos detectados estão assim directamente relacionados com a protecção das caleiras construídas e com a estrutura de acesso à *natatio*. A [706] data-se no século III ou IV, pela presença de um bojo de *sigillata* africana C1/C2; já a [726] revelou *terra sigillata* que aponta numa datação de uso desta área no século IV: 1 bojo de africana D1, acompanhado de um bordo de Lusitana 3 ou Alm.51c (nº 781).

### O fim da ocupação do sector: fase IV

A [707=725=738] é uma camada de enchimento da caleira [746] e será contemporânea à [31], escavada em 1994. Foi exumada alguma *tegula*, mas nenhum material datante desta unidade.

A [701=719] é contemporânea à [700] do ambiente 2: ambas são parte de uma grande unidade de abandono em conjunto com a 681b da extremidade norte da ponte, na primeira metade do século V, constituídas pelo mesmo sedimento, truncado, como dito *supra*, por Fernando de Almeida, aquando da abertura da vala de escoamento das termas. Os materiais da [701=719] são claramente residuais: um exemplar de paredes finas indeterminável (nº 782) e *terra sigillata* africana A e C1/C2.

### Ambiente 2

Este ambiente situa-se entre o muro este da *natatio* e a ponte, na sua metade sul (ver figs. 43-44). Foram exumadas várias unidades de época romana, definidas como contextos de deposição secundária, à imagem do ambiente 3 do sector Ponte-Norte.

Contudo, um conjunto de UEs terá resultado de movimentações de terras e materiais arqueológicos em acções de trabalho ao longo do século XX, nomeadamente por Fernando de Almeida. Para além disso, acções de escavação anteriores à nossa terão subtraído, pelo menos, segmentos de várias UEs de época romana definidas por nós: é o caso das [700], [703] e [709].

Por fim, é possível estabelecer uma relação entre as [681a] e [30] (campanha de 1994), bem como entre a [681b] e as [700] e [701=719], da “Extremidade norte da ponte” e da “Extremidade sul da ponte”. Como dito, a abertura, no século XX, do corgo que desagua a água das termas por debaixo da ponte terá truncado estas unidades que seriam unhas.



Figura 43 - Fotografia do ambiente 2 do sector Ponte-Sul antes da escavação.

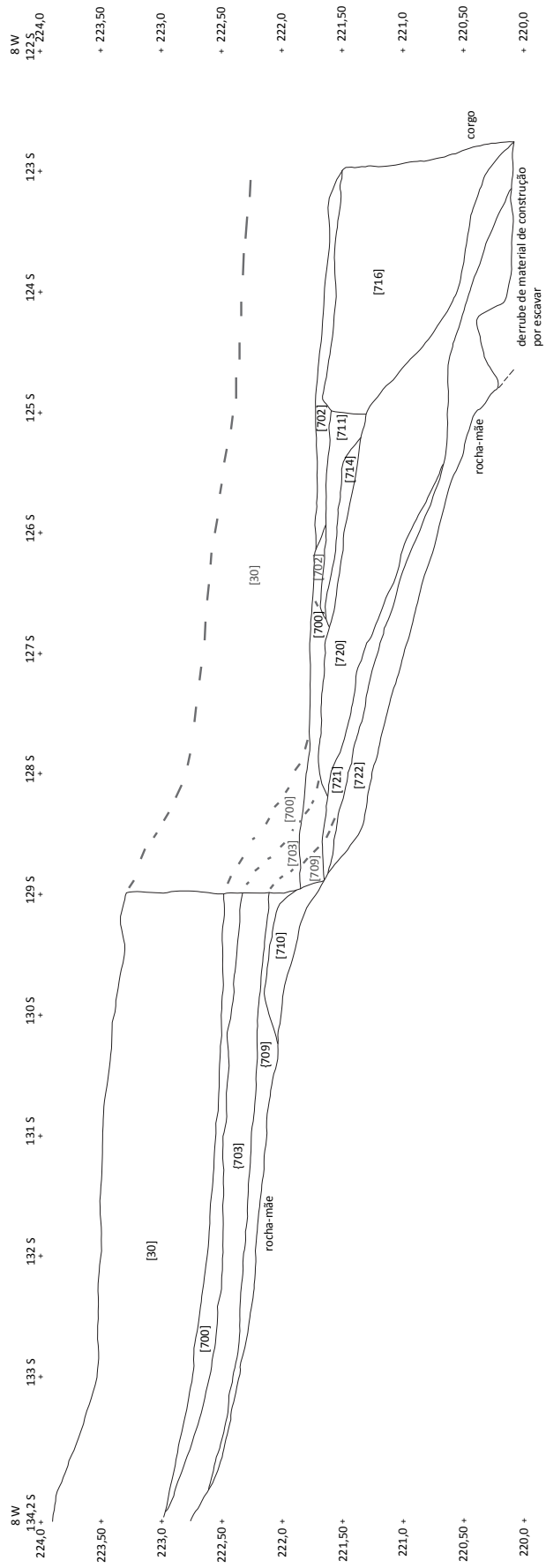


Figura 44 - Perfil cumulativo do ambiente 2 do sector Ponte-Sul (a tracejado, segmento truncado de UE).





Figura 45 - Fotografia da UE 716 do ambiente 2 do sector Ponte-Sul.

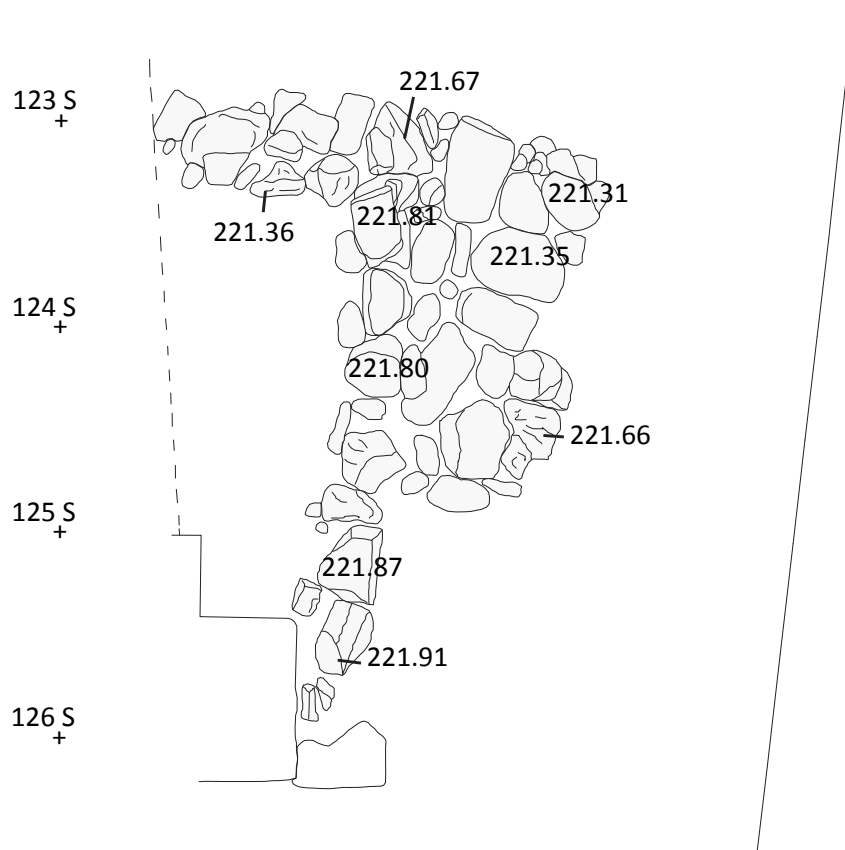


Figura 46 - Planta da UE 716 do ambiente 2 do sector Ponte-Sul (orientação inversa à da fotografia).

Assim, também aqui encontramos um enrocamento recente com pedras de grande calibre, a [716], que cortou a [711] e provavelmente também a [720]. A [716] continha vidro recente e cerâmica moderna.

Na fase I, a [710], que encosta ao muro este da *natatio* e deposita-se sobre a rocha-mãe, é uma unidade de pequena extensão, que continha gravilha e 3 grandes blocos de *opus incertum*, algo sugestivo, tendo em conta a utilização destes materiais na [742] (caleira) e no revestimento do muro sul da *natatio*, respectivamente. Registou-se um exemplar de Lusitana 3 ou Alm.51c, cuja datação tão alta poderá dever-se a infiltrações de níveis mais recentes (nº 783), embora esta UE 710, bem como as UEs 722 e 709, com vários exemplares destes tipos, possam ter assim uma cronologia que ronde antes os meados do século II.

Contemporânea a esta unidade parece ser a [722], camada de entulho ou derrube homogéneo, com bastante material de construção de pequeno e médio calibre e um sedimento castanho-escuro, por vezes avermelhado, mas que denota a presença abundante de cinza. Datável também na primeira metade do século II, com um bojo de *terra sigillata* africana A e um bordo de almofariz regional do tipo de lábio reentrante (fase 2 de Quaresma, 2006), que apontam para um século II pleno, provavelmente já meados do mesmo (Hayes, 1972; *Atlante I*, p.81), cronologia onde se pode centrar a datação mais ampla da Gauloise 4 (Peacock; Williams, 1986)<sup>14</sup>.

Já na fase II, a [709], cuja datação também deve rondar os meados do século II (nºs 790-796), à semelhança da [722], contém *terra sigillata* sudgálica residual (Drag.18), bem como de Andújar (Ind.) e La Rioja (Drag.27), de perfil hispânico. A ausência ou escassez de *terra sigillata* africana nestas UEs<sup>15</sup> mais antigas é um denominador comum. Nesta cronologia que parece não ultrapassar os meados do século II, é assim intrigante termos de novo um conjunto anfórico lusitano, composto por Dressel 14A e B (1 exemplar cada), mas sobretudo por 4 exemplares de Lusitana 3 ou Alm.51c, cujas cronologias conhecidas, como referimos *supra*, são mais tardias em cerca de meio século.

Na fase III, a [703], camada de derrube ou entulho (bastante material de construção pétreo de médias e grandes dimensões), forneceu algum material antigo, residual, como a ânfora Haltern 70 do Guadalquivir, a *terra sigillata* sudgálica indeterminável, ou o tipo II de *terra sigillata* hispânica precoce e o prato de Andújar (Garcia Vargas, 1998; Bustamante, 2010; Keay; Creighton; Remesal Rodríguez, 2001, p.114), pelo que é o bojo de *terra sigillata* africana C1/C2 que lhe confere uma cronologia de século III (Hayes, 1972).

A [720], contemporânea, é uma extensa camada de entulho ou derrube, sobretudo à base de pedra de alvenaria de calibre médio (**ver figs. 47-48**). Ainda com Andújar residual, a *terra sigillata* africana domina, com um bojo de C1/C2 e um exemplar de H6A ou B (Hayes, 1972).

Na fase IV, de abandono no século V, a UE 700 forneceu *terra sigillata* residual, quer hispânica quer mesmo africana A e C (H14B e 50A - séculos III e IV: Hayes, 1972; Bonifay, 2004); residual é também o vidro Isings 42(?) (Alarcão; et Al., 1976, p.186). O material anfórico é composto apenas por exemplares lusitanos, sendo o mais recente, o exemplar do tipo Alm. 51a-b. Este último elemento, datável no século IV ou primeira metade do V, fornece a datação para esta unidade (Mayet; Silva, 1998, 2002), onde se encontram tipos que ainda abrangem esta época (Lusitana 3 ou Alm.51c), e a Dr.14B, já fora de uso (nºs 799-806).

14. Novamente um estrato de cronologia alta (como a UE 733) possui ânforas lusitanas, desta feita, 2 exemplares de Lusitana 3 ou Alm.51c (nºs 787-788), cujas datações mais latas conhecidas parecem recuar apenas aos finais do século II ou inícios do III (Lusitana 3 ou Alm.51c, variante a), no vale do Sado (Mayet; Silva, 1998, p.123; Etienne; Mayet, 2002, p.145).

15. Relembre-se, apenas um exemplar indeterminável na UE 722 e um outro de Hayes 9A no ambiente 1 do sector Ponte-Norte, em conjunto com um outro de Hayes 196 de cerâmica africana de cozinha – UEs 682, 686, 690 e 696 – é, em nosso entender, invocador de uma cronologia anterior à segunda metade, ou pelo menos ao último terço do século II.



Figura 47 - Fotografia da UE 720 do ambiente 2 do sector Ponte-Sul.

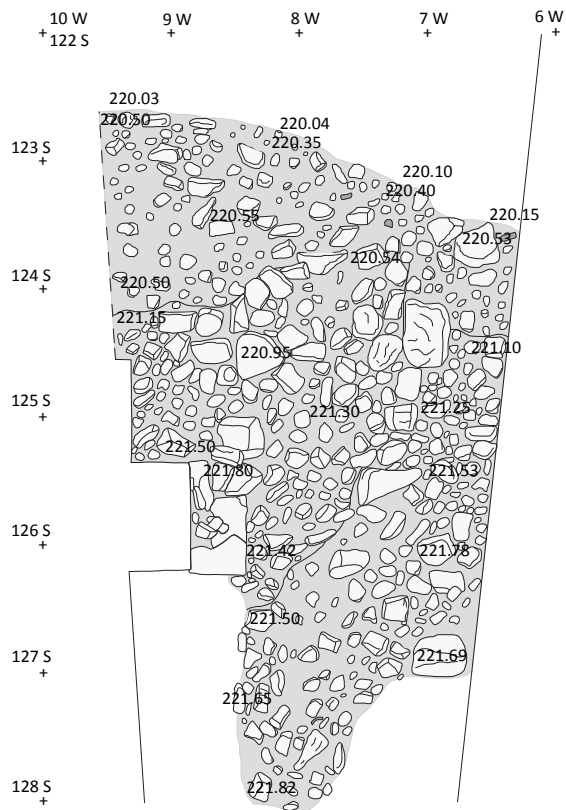


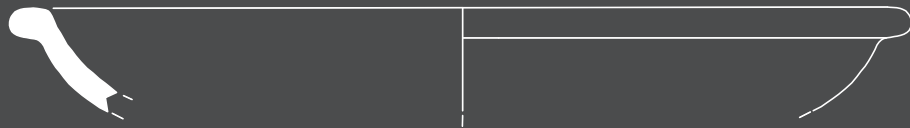
Figura 48 - Planta da UE 720 do ambiente 2 do sector Ponte-Sul (orientação inversa à da fotografia).



# Análise tipológica e estratigráfica da *terra sigillata* e da cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados



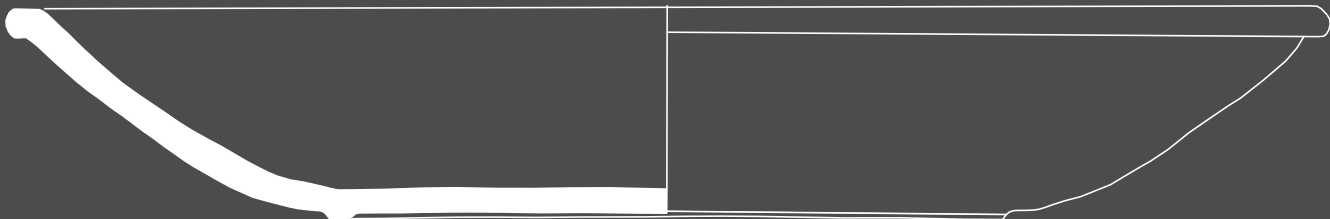
**L52c.** TSAf D. Ventimiglia:  
século IV?  
(Lamboglia, 1963, p.197)



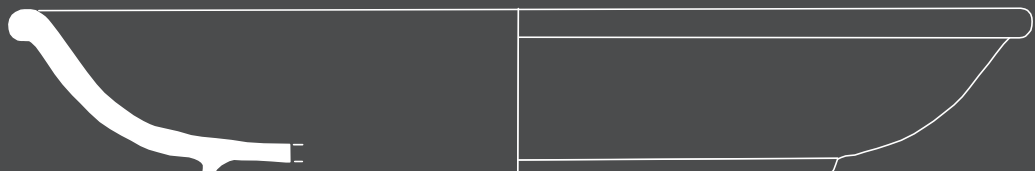
**L52c** (transição L52c/b?). TSAf D1. Chãos Salgados - sem contexto.  
Propomos datação de 1ª metade do século V  
(nº 638)



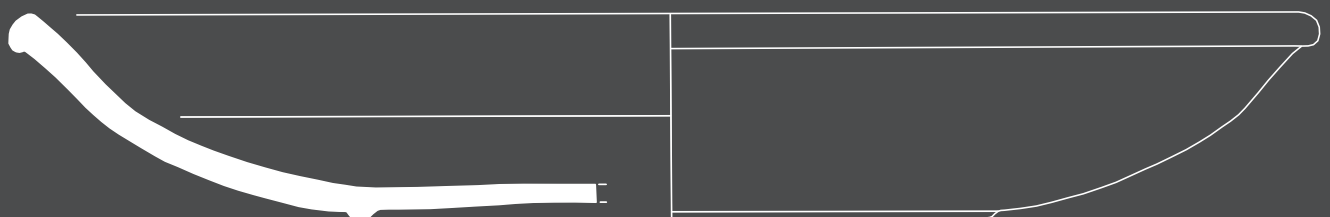
**L52c** (transição L52c/b?). TSAf D1. Chãos Salgados - sem contexto.  
Propomos datação de 1ª metade do século V  
(nº 639)



**L52b.** Ventimiglia - estrato 1c da zona da Cavalcavia:  
2ª metade do século V  
(Gandolfi, 1980, p.107, tipo Ventimiglia 1)



**L52b.** TSAf D. Arles.  
Propomos datação de segunda metade do século V d.C.  
(Lamboglia, 1963, p.197)



**L52b.** TSAf D. Saint-Propice -  
contexto de segundo quartel ou meados do século VI  
(*apud* Bonifay, 2004, fig.92)



### 3. Análise tipológica e estratigráfica da *terra sigillata* e da cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados

#### 3.1. *Terra sigillata* itálica

##### 3.1.1. Caracterização

A pequena dimensão do espólio de Chãos Salgados é contrária ao estabelecimento de grupos ou sub-grupos macroscópicos de fabricos, situação reforçada pela homogeneidade, embora não total, observada.

A própria investigação, ao longo das duas últimas décadas, tem reforçado a ideia de uma incapacidade de confirmação laboratorial dos grupos macroscópicos estabelecidos pelos arqueólogos.

Já em 1990, C. Wells chamava a atenção para a impossibilidade de se atribuírem origens, mesmo a fragmentos com marcas de oleiro (Ettlinger; *et Al.*, 1990-2002, p.2), apesar de já existirem grupos com uma melhor caracterização química, como são os casos de Arezzo e Cincelli, segundo G. Schneider e B. Hoffmann (Ettlinger; *et Al.*, 1990-2002, p.27). A própria decoração deixou igualmente de ser tida como um critério de proveniência (Schindler-Kaudelka; Fastner; Gruber, 1998, p.260).

Para além desta situação, há um consenso quanto à falta de um conhecimento integral das áreas e centros produtores que terão existido no espaço itálico, que ultrapassam as principais áreas detectadas: Arezzo, Pisa, Pádua, ou a região de Nápoles (Schindler-Kaudelka; Schneider; Zabełlichy, 1997, p.481).

As diferenças químicas entre os grupos de referência da *terra sigillata* itálica são pequenas, e a maioria deles – para além de Arezzo, Pisa e Lyon - foi estabelecida até ao momento com recurso a uma quantidade pequena de análises que os torna estatisticamente inválidos. O panorama actual, segundo G. Schneider e M. Daszkiewicz (2006, p.538 e 542), aponta para uma incapacidade na atribuição de centros aos grupos químicos de Roma, tal como aos grupos da área de Nápoles; cumulativamente, são ainda desconhecidos os locais de produção na área padana e mesmo as atribuições a Lyon são objecto de muitas dúvidas, pois os vasos importados pela área setentrional do Império não encaixam nos grupos de referência do dito centro.

Apresentamos, contudo, uma descrição das principais diferenças detectadas no espólio de Chãos Salgados.

O fabrico mais abrangente do conjunto define-se por uma pasta dura, de fractura algo linear, com pequenos vácuos, alongados ou arredondados, em pouca quantidade e poucos em de muito pequena



dimensão, brancos ou branco-amarelados. Cor N37/39. Verniz com algum brilho, geralmente bem conservado, de espessura média. Cor R19/20.

O nº 26 possui uma pasta dura, de fractura algo conchoidal, granulosa, mas compacta, com bastantes enp brancos de pequenas dimensões. Cor L50. Verniz fino, sem brilho, que se desfaz mais facilmente, parecendo por vezes ter sido mal aplicado. Cor R20, embora no caso do nº 11 seja R25.

No bojo nº Arq-1623 (sem estampa) a pasta não é granulosa mas fina e o verniz tem algum brilho e é de espessura média, cor P20.

Por último, ao nível crono-morfológico, a formulação tradicional composta por um horizonte / *facies* antigo e um horizonte / *facies* clássica, elaborado a partir dos dados dos sítios do *limes* renano – no primeiro caso, Dangstetten, Nijmegen, Vindonissa, Rödigen e Oberaden, onde predomina o serviço I; no segundo caso, Haltern, onde predomina o serviço II – (Genin, 1997, p.13), é hoje questionado a partir dos resultados estratigráficos de Magdalensberg. Schindler-Kaudelka (2002, p.264-270) chama *inclusive* a atenção para o facto de as raras estratigrafias do espaço itálico, salvo Bolsena (Goudineau, 1968), serem datadas pelo modelo criado sobretudo com base no sítio alemão referido, o que, na falta de novos contextos, tem produzido um efeito de “círculo vicioso” na datação das formas.

Esta falta de estratigrafias em confronto, para além das respeitantes aos sítios “tradicionais”, está bem patente, a nosso ver, no *Conspectus* (Ettlenger; et Al., 1990-2002, p.72), onde as abordagens cronológicas são algo rápidas e feitas com base num raciocínio de ausência / presença nos sítios do *limes*.

### 3.1.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### **Consp. 4.5**

Com diâmetros entre 148 e 198mm, os nºs 1, 2 e 3, apresentam a parede introvertida com quebra de perfil interna e a sua cronologia pode estender-se desde finais de Augusto a Tibério-Cláudio (Ettlenger; et Al., 1990-2002, p.58).

#### **Consp. 12.1 e 12.4**

Com diâmetros de 381 e 202mm respectivamente, os únicos exemplares de cada uma destas variantes – nºs 20 e 4 – apresentam as normais características nos bordos: o primeiro caso possui protuberância e sulco entre o bordo e a parede, e a parede interna do segundo é tri-segmentada. Ambas as variantes centram-se numa cronologia médio-tardo-augusta (Ettlenger; et Al., 1990-2002, p.72).

#### **Consp. 19.1 ou 19.2**

A única carena com diâmetro mensurável, nº 5, possui moldura interna e mede 200mm de diâmetro. A sua cronologia é augusto-tibéria (Ettlenger; et Al., 1990-2002, p.84).

#### **Consp. 20 e 20.4**

O único exemplar de Consp. 20, nº 6, mede 150mm de diâmetro de bordo e é possível que se integre numa das variantes 20.3 a 20.5, embora a sua parede seja algo dúbia, pois, embora seja extrovertida, não possui molduras externas no bordo ou na carena.

Já a forma Consp. 20.4 possui 5 exemplares em Chãos Salgados, tendo-se medido um único diâmetro de bordo, o do nº 7, com 150mm. O nº 8 é o único exemplar com a decoração aplicada conservada: um Cupido.

Quanto à cronologia, o tipo Consp. 20 foi produzido desde a época médio-augusta até Nero / Flávios, enquanto que a Consp. 20.4 parece ser mais frequente em meados do século I d.C. e contextos algo posteriores (Ettlenger; et Al., 1990-2002, p.86). Este último tipo parece ter uma datação entre 40-60 d.C. no que respeita a Arezzo, embora a produção padana pareça estender-se pela segunda metade do século I e ainda raramente no primeiro terço do século II (Schindler-Kaudelka; Fastner; Gruber, 1998, p.258). O exemplar mensurado de Chãos Salgados apresenta um valor de diâmetro abaixo dos grupos determinados num estudo sobre 700 exemplares da área nórica, no qual se definiram pratos mais fundos, com 170 a 220mm de diâmetro, e grandes pratos, muito raros, com medidas mais padronizadas. Já o motivo da decoração constatado no nosso exemplar é o mais frequente na dita área setentrional (Schindler-Kaudelka; Fastner; Gruber, 1998, p.252).

Suportados numa boa amostra estatística, os autores deste estudo são igualmente contra a tese de Ph. Kenrick (Ettlinger; et Al., 1990-2002, p.86) que propõe uma evolução no seio da *Consp.* 20.4, tese esta que parece não ter base no grande conjunto analisado.

#### **Consp. 22**

Com diâmetros de bordo entre 90 e 114mm, este tipo está representado pelos n.ºs **9, 10, 11 e 12**. Estas medidas colocam este conjunto entre os dois grupos de diâmetros determinados por Ph. Kenrick, de 75-90 e 120-140mm. A cronologia deste tipo decorre entre 20 a.C. e os fins de Tibério (Ettlinger; et Al., 1990-2002, p.96).

#### **Consp. 23.2**

O único exemplar, n.º **13**, mede 93mm de diâmetro de bordo e poderia possuir decoração aplicada, à semelhança do tipo *Consp.* 20.4, analisado *supra*. Data-se nos 2.º e 3.º quartéis do século I (Ettlinger; et Al., 1990-2002, p.92).

#### **Consp. 27**

Os n.ºs **14, 15 e 16** medem 100, 113 e 109mm de diâmetro e apresentam variações no bordo, desde um simples espessamento até à constituição de uma aba inclinada para o cimo ou horizontalizada. Este tipo data-se entre Tibério e Nero (Ettlinger; et Al., 1990-2002, p.100).

#### **Consp. 28**

O fundo n.º **17**, com 62mm de diâmetro de pé-de-anel (um outro exemplar mede 60mm) deve datar-se na primeira metade do século I (Ettlinger; et Al., 1990-2002, p.100).

#### **Forma decorada indeterminada**

Os óvulos do n.º **18**, de linha dupla e alternados por linguetas, são típicos de *P. Cornelius*, oleiro diagnosticado em Chãos Salgados, embora haja uma possível relação com *Annius*, segundo Dragendorff e Watzinger (1948, p.163 e 143). No entanto, *M. Perennius* também produziu esta decoração (Oxé, 1968, p.84) e mesmo alguns óvulos de *Rasinus* são parecidos (Stenico, 1960, p.53, n.º5).

A decoração de romãs e folhas do n.º **19** pode também pertencer a *P. Cornelius* (Dragendorff e Watzinger, 1948, p.511-514 e Dias, 1976-7, p.363).

### **3.1.3. Marcas**

**P. Cornelius e Anteros (n.º 21)** – Terá trabalhado a partir de 5. a.C. (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.192). A marca de Chãos Salgados está publicada igualmente como OCK, 2000, n.º 2.

**C. TAP(urius?) (n.º 22)** – Terá trabalhado entre 10 a.C. e 10 d.C.. A marca de Chãos Salgados é semelhante à OCK, 2000, n.º 4 (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.417).

**Vibien(us) (n.º 24)** - Terá trabalhado entre 10 a.C. e 10 d.C.. A marca de Chãos Salgados tem alguma semelhança com a OCK, 2000, n.º15, embora possua cantos laterais arredondados e não angulosos (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.472). Um exemplar deste oleiro surgiu num depósito augusto de Valência (Albiach; et Al., 1998, p.192).

**C. Vibienus (n.º 25)** - Terá trabalhado entre 1 e 40 d.C. ou algo para além desta data. A marca de Chãos Salgados condiz, na cartela e na grafia, com a OCK, 2000, n.º 78 (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.472).

**Xanthus (n.º 23)** - Terá trabalhado entre 5 a.C. e 20 d.C.. A marca de Chãos Salgados é semelhante à OCK, 2000, n.º 3 (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.505).

**Anepígrafa (n.º 26)** – A roseta presente não possui paralelo em OCK (2000). A sua cronologia deverá começar em 10 a.C. (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000, p.522).

Oleiro / Interpretação	Marca / Caixilho	Nº de Inv.	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Medições	Observações
<i>P. Cornelius</i> e escravo <i>Anteros</i> ANTEROS / P(ublius) CORN(elius)	ANTEROS / PCORN Cartela rectangular de cantos levemente arredondados	21 - Arq-6837	p	f	Canelura no fundo interno.	dp: ?	Almeida, 1964, p.63, nº11. 5 a.C. em diante.
<i>C. Tap(urius?)</i>	C.TAP Cartela elíptica	22 - Arq-396	t	f		dp: 50mm; hp: 8mm	Dias (1976-7):18. 10.a.C - 10 d.C.
<i>Vibienus</i> VIBI(enus)	.VIBI[	24 - Mir-3-397	p	f			
<i>C. Vibienus</i> C. V(i)B(ienus)	CVB	25 - Mir-26-4	p	f			
<i>Xanthus</i> ]XAN[TH	]XAN[	23 - Arq-1944	t	f			Dias (1976-7):20
Anepígrafa	Roseta	26 - Arq-931	t	f		dp: 51mm; hp: 5mm	Dias (1976-7):19

Figura 49 - Marcas de oleiro de TSI em Chãos Salgados.

### 3.2. Terra sigillata sudgálica (La Graufesenque)

#### 3.2.1. Caracterização dos fabricos

Para a definição dos fabricos de La Graufesenque presentes em Chãos Salgados tivemos em conta diferentes abordagens levadas a cabo nos últimos 20 anos, expostas já no nosso trabalho de mestrado (Quaresma, 2003, p.33-34), tendo sempre em vista uma comparação com os produtos de Montans:

Segundo Vernhet (1986b), La Graufesenque possui pasta fina, dura, de cor bege rosada, com pequenas partículas de calcário branco; verniz vermelho coral, semi-vitrificado, muito aderente.

Montans possui pasta geralmente clara, bege rosado, com tendência ao branco; fina, mas muitas vezes pouco dura e de fracturas pouco nítidas, podendo conter minúsculas partículas de cal (Martin, 1986b).

Segundo Tomber e Dore (1998, p.28 e 29), a pasta de La Graufesenque, de fractura nítida, é rosa-castanho pálido (Munsell 10R 6/8 = Cailleux N20), por vezes 6/6 (= N19) ou 5/8 (= P19); contém abundante cal, em partículas geralmente inferiores a 0,1mm de dimensão, por vezes superior a 0,5mm, sendo a mica rara; pode ter vácuos alongados de 2,0mm. O verniz é vermelho-castanho (10R 5/8 = P19), geralmente bem lustrado.

A pasta de Montans é vermelho-castanho, pálida, de cor 10R 6/8 (= N20), ou 10R 8/8 – 7/8; de boa fractura (ao contrário da opinião de T. Martin descrita *supra*), mas contendo mais calcite do que La Graufesenque, em partículas de 0,1mm de dimensão, podendo atingir 0,4mm, e com alguma mica branca ou grãos de ferro, com 0,3mm de dimensão e vácuos que podem atingir 1,0mm; o verniz lustrado é vermelho-castanho (10R 5/8 = P19) ou 10R 4/8 (= S17). Segundo estes autores, o fabrico do século I é geralmente mais pálido do que o de La Graufesenque, mas de verniz mais acastanhado, o que o aproxima dos produtos centro-gálicos de Lezoux.

Tendo em conta igualmente a apreciação dos fabricos que tivemos a oportunidade de realizar com T. Martin, em 2006, decidimos a atribuição do espólio de Chãos Salgados a La Graufesenque, abandonando a terminologia mais vaga, de *sudgálico*, utilizada na nossa dissertação de mestrado (Quaresma, 2003). La Graufesenque e Montans são actualmente considerados dois grupos geoquímicos bem distintos, com fácil distinção ao nível das pastas, que apenas raramente se aproximam, quando os produtos de Montans não apresentam a sua normal cor clara, mas antes pastas mais avermelhadas (Dejoie; Relaix; Sciou, 2005, p.10-13).

Estabelecemos assim 3 grupos de pastas:

A pasta nº 1 é dura, compacta, de fractura nítida; contém raríssimos elementos não plásticos de pequenas dimensões; cor M37 ou M17;

A pasta nº 2 é também dura e compacta, mas contém mais enp, embora ainda em pouca quantidade e de pequenas dimensões; tem alguma granulicidade. Confunde-se algo facilmente com a pasta nº 1, se não efectuarmos a fractura. A sua cor é a R19.

A pasta nº 3 é menos dura e compacta; contém bastantes enp de pequenas dimensões; é mais clara, variando entre N37 e N25.

Ao nível dos vernizes, alterámos ligeiramente a abordagem tida na nossa dissertação de mestrado. Assim, existem agora apenas 4 vernizes:

O verniz nº 1 é quase acetinado, medianamente espesso, de muito bom fabrico, resistente; a sua cor é R17;

O verniz nº 2 é de bom fabrico, pouco brilhante, não tão resistente quanto o verniz nº 1, mas também de espessura média; a sua cor é R15;

O verniz nº 3 é muito pouco brilhante ou baço, algo estaladiço, embora também de espessura média; a sua cor varia entre S19 e S20;

Por fim, o verniz nº 4, marmoreado, de boa qualidade e espessura média. Este verniz possuía o código de verniz nº 5 na nossa dissertação de mestrado.

O verniz nº 4 da nossa dissertação de mestrado (muito fino, de mau fabrico, manchado, mas resistente; cor entre R19 e R20) foi agora definitivamente integrado no nosso verniz nº 3, pois constituirá apenas uma deficiência de execução nalguns exemplares.

Ao contrário da análise efectuada sobre a *terra sigillata* hispânica, onde definimos grupos de pasta / verniz, apresentamos, tal como em 2003, grupos de pastas e vernizes independentes que não nos parecem ter uma correlação absoluta. Esta diferença de metodologias macroescópicas permite também a comparação dos resultados obtidos, embora a análise tipológica feita na TSSG seja muito mais sumária que a da TSH, que nos levantava questões mais profundas. É o seguinte o quadro de relação da TSSG (ver fig. 50):

<b>Verniz 1 (7=0,47%)</b>	Pasta 1	1
	Pasta 2	3
	Pasta 3	3
<b>Verniz 2 (277=18,83%)</b>	Pasta 1	13
	Pasta 2	193
	Pasta 3	71
<b>Verniz 3 (1175=79,87%)</b>	Pasta 1	15
	Pasta 2	551
	Pasta 3	609
<b>Verniz 4 - marmoreado (12=0,27%)</b>	Pasta 2	5
	Pasta 3	7
<b>Total: 1471=100%</b>		

Figura 50 - Chãos Salgados. TSSG. Relação vernizes / pastas (nº de fragmentos).

Ao nível dos vernizes temos assim um fortíssimo predomínio do verniz nº 3, enquanto que as pastas 2 e 3 se equivalem e são hegemónicas. Outra conclusão a reter é a de que o verniz nº 2 tem uma relação mais forte com a pasta nº 2, enquanto que esta situação se inverte no verniz nº 3, em que os valores da pasta nº 3 ultrapassam, suavemente, os da pasta nº 2.

Apesar da composição química ácida dos solos de Chãos Salgados poder influenciar o aspecto dos vernizes, e termos então hoje uma amostra com possíveis fortes condicionantes tafonómicas, pensamos que haverá uma explicação cronológica cumulativa, já que os vernizes tendem a escurecer ao longo do século I e este fenómeno está bem demonstrado na estratigrafia da calçada do século I de La Graufesenque (Farine, 1996, p.231). Aqui, na UE 8, entre 20 e 40 d.C., o verniz é vermelho intenso; na UEs 7, 6 e 5, entre 40 e 60 d.C., é vermelho e muito brilhante. Esta situação altera-se a partir de 60 d.C..



Nas UEs 4, 3 e 2, entre 60 e 90 d.C., é vermelho ténue; e na UE 1, entre 90 e 100 d.C., é mesmo vermelho muito ténue e pouco espesso. Esta análise é corroborada por Mees (1995, p.53), que defende um menor espessamento dos vernizes a partir de Nero e uma degradação paralela da qualidade das pastas ao longo do século I.

A análise que apresentamos possui algumas semelhanças com os resultados obtidos por Beltrán-Lloris (1998, p.871) sobre o espólio sudgálico da “Casa de los Delfines”, em *Lepida* (Saragoça): o autor define uma pasta 1, fina, dura, bege-rosa, com verniz vermelho coral, muito brilhante; uma pasta 2, muito porosa, vermelho-escura, com abundantes enp brancos, e verniz igual ao da pasta 1; e uma pasta 3, vermelho-alaranjada, de verniz mate. O autor não apresenta a estatística destes grupos, mas sabemos que incidem num leque formal algo mais exíguo do que o de Chãos Salgados (Ritt. 8, 12; Drag. 16, 17, 15/17, 18, 2/21, 24/25, 27, 33, 11, 29 e 30).

Em Chãos Salgados, o leque tipológico dos diferentes vernizes não permite conclusões cronológicas: o verniz nº 1 surge apenas nas Drag. 30, 37 e 27, o que pode denunciar alguma maior correlação com formas decoradas; o verniz nº 3 surge em todas as formas, excepto na Drag. 11, enquanto que o verniz nº 2 não surge na Drag. 36, nas Ritt. 1, 5 e 8, nem nos fundos de taças decoradas indetermináveis.

Contudo, se compararmos as 4 principais formas, deparamo-nos com resultados cronológicos prementes (ver fig. 51):

Forma	Verniz 1	Verniz 2	Verniz 3	Verniz 4 (marmoreado)
Drag. 15/17		30	93	
Drag. 18		44	194	3
Drag. 24/25		27	62	3
Drag. 27	1	19	138	1

Figura 51 - Chãos Salgados. TSSG. Frequência dos tipos de verniz nas 4 principais formas (nº de exemplares).

O verniz 3 é claramente mais importante no binómio mais tardio (Drag. 18 e 27), em face das Drag. 15/17 e 24/25.

Por último, embora não tenhamos vários contextos estratigráficos relevantes para confronto entre si, podemos referir o **contexto 6**, de cronologia flávia, onde, em 12 fragmentos com verniz observável, apenas 2 possuem verniz do tipo 2, e 10 apresentam verniz do tipo 3 (ver *infra*).

### 3.2.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### Ritt. 1

Os dois exemplares desta forma estão representados pelo nº 27, com 159mm de diâmetro (o outro exemplar mede 141mm), cujo perfil foi por nós anteriormente enquadrado nas etapas antigas da forma (Quaresma, 2003, p.85), tibério-cláudias, quando a parede ainda é nitidamente arqueada, o lábio é pouco espessado e a carena possui ressalto externo (Oswald; Pryce, 1920, p.181), embora uma cronologia da década de 50 seja possível (Farine, 1996, fig.12).

Este tipo tem contudo, o seu início, em Augusto-Tibério, segundo dados de Xanten e Aislingen (Oswald; Pryce, 1920, p.181) e para os autores mais antigos descende do tipo itálico *Consp.* 4.4 (Ritterling, 1912, p.204; Oswald; Pryce, 1920, p.181).

Contra esta última teoria, Polak (2000, p.83) advoga que a *Consp.* 4.4 atinge a época de Cláudio, o que, no nosso entender, permite estabelecer uma relação, não de evolução, mas de inspiração na forma itálica que continua a ser fabricada e a competir no mercado.

Segundo Ritterling (1912, p. 204), bem como Oswald e Pryce (1920, p.181), a Ritt. 1 é a antecessora da Drag.18, prato cujo perfil resultaria de uma evolução da primeira, através do espessamento do bordo e de um ligeiro esvasamento da parede.

Também nesta relação observamos um fenómeno semelhante, em que o conceito de “evolução linear” não se aplica correctamente.

Embora tipologicamente os dados indiquem essa relação – Polak (2000, p.83) defende uma evolução desde exemplares de parede bem arqueada, que pode conter asa cega externa e mais frequentemente o ressalto externo na carena, para uma etapa correspondente a Cláudio-Nero, quando o perfil se aproxima da Drag. 18 -, o processo cronológico levanta contudo interrogações quanto ao modo como decorreu esta transição.

Segundo Passelac e Vernhet (1993, p.577), a Ritt.1 foi produzida entre 20 e 60 d.C.; para Oswald e Pryce (1920, p.181) não atinge a época flávia; e Polak (2000, p.83) propõe mesmo um fim em cerca de 65 d.C., baseado nos dados dos depósitos de *Gallicanus* e de Cluzel 15, em La Graufesenque, bem como em dois exemplares de Nero em Oberwinterthur e ainda numa marca de *Germanus* que inicia a actividade na década de 60 d.C..

Noutros contextos estratigráficos observamos uma evolução estatística que nos parece condizente com esta cronologia: no depósito de Vienne, cláudio, a Ritt. 1 é já de baixa frequência, tal como na fossa 9003 de Soumaltre, datada entre 50 e 70 d.C., e no porto de Narbonne, nero-cláudio. Nos níveis da calçada do século I de La Graufesenque temos uma imagem mais completa desta evolução: a Ritt. 1 baixa claramente os seus quantitativos entre 20/40 d.C. – 11 exemplares -, estando ausente no nível de 40/50 d.C., e surgindo depois com 3 exemplares na década de 50 (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 8 e 9**). Os exemplares das UEs seguintes podem ser considerados residuais.

Em face deste conjunto de dados, conclui-se que ainda se comercializava a Ritt. 1 quando já se comercializava a Drag. 18 (cuja cronologia discutiremos *infra*), sobreposição cronológica bem expressa na estratigrafia da calçada do século I de La Graufesenque: a Drag. 18 surge na UE 7 (40/50 d.C.), logo com 24 exemplares. Ou seja, não podemos também aqui falar de uma evolução linear, mas de uma inspiração sem supressão do tipo mais antigo.

Os dois exemplares de Chãos Salgados possuem verniz do tipo 3.

#### **Drag. 17b?**

Vernhet (1986b) optou por uma subdivisão da Dragendorff 17, nas variantes *a* e *b*; às quais Polak (2000, p.87-9) acrescentou a variante *c*, que equivale ao tipo Drag. 2/21 que já havia sido proposto por Vernhet (1986b).

Tal como a Drag. 17c, a Drag. 17b possui parede ligeiramente extrovertida, plana ou quase plana, com bordo espessado externamente e ressalto externo ao nível da carena Polak (2000, p.89).

A cronologia inicial deste tipo remonta a Augusto e as estratigrafias disponíveis apontam para um fabrico e comercialização centrado na primeira metade do século I. Na calçada do século I de La Graufesenque, a Drag. 17b surge apenas nos níveis entre 20 e 50 d.C., e está presente no depósito cláudio de Vienne, Isère, constatando-se a sua ausência em alguns depósitos posteriores como a fossa 9003 de Soumaltre ou o porto de Narbonne (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 8 e 9**). Polak (2000, p.89) afirma igualmente que o comércio desta forma foi mais forte até meados do século I, embora ainda surjam alguns exemplares em época neroniana, no depósito Cluzel 15 de La Graufesenque.

Este autor propõe também uma evolução tipológica, com espessamento da parede e do pé-de-anel, bem como de diminuição dos diâmetros; além disso, os exemplares mais antigos podem possuir roleta e / ou asa cega externa, em espiral. Este último atributo havia já sido identificado por Oswald e Pryce (1920, est.XLII, nº10), em época tibério-cláudia.

Passelac e Vernhet (1993, p.572) apresentam uma proposta cronológica condizente com o atrás exposto, defendendo uma datação entre 20 e 60 d.C..

Em Chãos Salgados, a Drag. 17b surge com 4 possíveis exemplares, representados pelo nº 28, cujo diâmetro incerto de 201mm confere uma cronologia de primeira metade do século I.

Este exemplar, bem como um segundo, possuem verniz do tipo 2, enquanto que os outros dois exemplares possuem verniz do tipo 3.

#### **Drag. 15/17**

A denominação de Drag. 15/17 foi lançada por Oswald e Pryce (1920, p.173), numa tentativa bem sucedida de conjugar as anteriores propostas de Ritterling (1912, p.206) – cujas formas 4a e 4b equivaliam à Drag. 17 – e Knorr, autor que no mesmo ano havia optado pela denominação de Drag.15 (Polak, 2000, p.66).

A cronologia da Drag. 15/17 deve recuar aos inícios do século I d.C., com um início simultâneo ao da Drag.17a (Polak, 2000, p.86), ideia confirmada pela estratigrafia da calçada do século I de La Graufesenque (**ver anexo 2, tabela 6**), onde, no nível de 20/40 d.C., as duas formas surgem com 25 e 33 exemplares respectivamente, enquanto que a Drag. 17b apresenta apenas 5 exemplares, denunciando um começo mais ténue. Nesta estratigrafia, a Drag. 15/17 apresenta bons quantitativos até às UEs situadas entre 60 e 90 d.C., atingindo até em duas delas, as UEs 4 e 3, as maiores frequências, com 65 e 50 exemplares. Na UE 1, da década de 90 d.C., existem ainda 6 exemplares.

Os seus índices situam-se acima dos 10% no depósito cláudio de Vienne e na fossa 9003 de Soumaltré (50-70 d.C.) (**ver anexo 2, tabelas 7 e 8**).

No entanto, segundo Polak (2000, p.86), Ritterling (1912) e Oswald e Pryce (1920), a sua frequência diminui bastante a partir de 60 d.C., embora o primeiro autor admita que a Drag. 15/17 possa ainda surgir em quantidades elevadas em certos contextos – é o caso dos níveis neronianos de Narbonne (Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.192), ou dos níveis nero-cláudios das sondagens de 1990-1993 da mesma cidade, onde representa cerca de 20% (**ver anexo 2, tabela 9**).

Contudo, no *forum* de Ampúrias, os quantitativos sobem de 15 para 20 indivíduos, dos níveis de Nero para os de Domiciano (**ver anexo 2, tabela 12**). Na época flávia está documentada igualmente em Rottweil – 33 exemplares – (Knorr, 1912), ou no exterior da fortaleza de Nijmegen, com mais de 500 exemplares (Polak, 2000, p.85). No naufrágio de Cala Culip IV, entre 78 e 82 d.C., os 85 exemplares representam cerca de 3% do espólio.

Do último quartel do século I conhecem-se ainda alguns oleiros da Drag. 15/17, como *Flavius Germanus*, *Suplicius* e *L. Cosius Virilis* (Polak, 2000, p.86-7).

Para Oswald e Pryce (1920, p.175), a sua produção finda em finais do século I; enquanto que Polak, com base no facto de Martre-en-Veyre, na Gália central, ter produzido este tipo, pensa que a sua produção poderá ultrapassar o ano 100 d.C., quando este centro inicia a sua actividade (Polak, 2000, p.87).

Os 123 exemplares de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 29, 30, 31, 32, 33, 807 e 831) possuem sempre a parede esvasada, com caneluras externas. Segundo Oswald e Pryce (1920, p.173) o esvasamento aumenta ao longo da produção desta forma, ao qual se junta, na época flávia, uma maior profundidade das peças. O espólio de Chãos Salgados terá assim uma cronologia talvez mais avançada no século I. Nos níveis da calçada do século I de La Graufesenque, apesar do autor considerar serem insuficientes os dados para se obterem conclusões sobre a evolução morfológica da Drag. 15/17 (Farine, 1996, p.212 e fig.11), nota-se, contudo, algum aumento de diâmetros e uma fisionomia mais côncava da parede externa de alguns exemplares das UEs mais recentes, a partir de 60 d.C., o que poderá tornar o n<sup>o</sup> 33 mais recente do que os restantes exemplares de Chãos Salgados, podendo situar-se hipoteticamente os restantes exemplares numa época, *grosso modo*, pré-flávia.

Já o arredondamento ou aplanamento da moldura interna, na união da parede com o fundo, pode variar, não sendo um atributo cronológico seguro (Polak, 2000, p.86; Oswald e Pryce, 1920, est.XLIII).

Por outro lado, o naufrágio de Cala Culip (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.150-2) veio provar que, pelo menos nos inícios da época flávia, as diferenças de perfil da parede, nomeadamente quanto às caneluras e molduras, variam de oleiro para oleiro, tornando as propostas tipológicas baseadas nestes atributos algo falíveis, como é o caso da realizada por Tyers (1993, p.133), com base no espólio de Nero em USK.

Em Chãos Salgados, diagnosticou-se 41 diâmetros de bordo, com valores entre 120 e 320mm, distribuídos algo uniformemente (**ver fig. 52**):

Entre as casas dos 120 e dos 150mm situa-se, assim, cerca de 50% dos diâmetros, embora não haja quebra de quantitativos até à casa dos 210-219mm. É entre os 230 e os 320mm, que poderemos falar de um segundo conjunto, com apenas 5 exemplares, num total de 41.

O verniz do tipo 2 foi aplicado em 30 exemplares, enquanto que o do tipo 3 se verifica em 93 exemplares. Ambos percorrem toda a extensão de diâmetros, com a ressalva de o diâmetro mais extenso, num único exemplar com 320mm, pertencer ao verniz 3.

A própria tendência para o aumento de diâmetros, que *supra* referimos, com base nos dados da calçada de La Graufesenque, é também

Escalão	Exs.
120-129mm	2
130-139mm	4
140-149mm	5
150-159mm	7
160-169mm	2
170-179mm	3
180-189mm	3
190-199mm	3
200-210mm	3
210-219mm	3
220-229mm	0
230-239mm	1
240-249mm	0
250-259mm	0
260-269mm	1
270-279mm	0
280-289mm	2
320mm	1

**Figura 52 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de bordo da Drag. 15/17.**

posta em causa pelos dados flávios de Cala Culip IV, onde os diâmetros variam entre 153 e 160mm, revelando uma enorme constância, ao contrário dos perfis (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.150-2). Por outro lado, nos níveis de Nero em Ampúrias, os 15 exemplares de Drag.15/17 apresentam valores igualmente homogêneos, mas maiores, entre 170 e 200mm (Aquilué; et Al., 2005, p.207).

Quanto a esta questão, várias fossas escavadas em La Graufesenque dão-nos conta da complexidade formal quando nos centramos em contextos mais relacionados com oleiros determináveis. Assim, na fossa de *Cirratus* (30-40 d.C.), os diâmetros da Drag. 15/17 variam entre 200 e 320mm, mas, na fossa de *Gallicanus* (55-60 d.C.), variam entre 120 e 199mm, sendo que 79,2% centram-se em 160-179mm (Genin; et Al., 2007, p.65 e 102), o que os torna inversos aos resultados obtidos na calçada do mesmo centro produtor.

Os dados de Chãos Salgados encontram um bom paralelo em Neuss, cuja extensa ocupação, em Tibério e nos Flávios, revela valores entre 160 e 240mm (*apud* Tyers, 1993, p.133).

### **Drag. 18**

Polak (2000, p.91) data esta forma entre 10 e 120 d.C., considerando que a sua maior produção teve início apenas sob o principado de Cláudio.

Esta diacronia da Drag. 18 está bem patente na estratigrafia da calçada do século I em La Graufesenque, onde este prato surge nos anos 40, estando ausente na UE 8, datada entre 20 e 40 d.C.. Nos anos 50 dá-se um relativo aumento dos seus quantitativos, que se tornam largamente maioritários nas UEs 4 e 3, entre 60 e 90 d.C.. Se compararmos outros depósitos, conclui-se que a Drag. 18 tem ainda frequências menores em face da Drag. 15/17, na época cláudia, em Vienne, enquanto que nas décadas de 50 e 60 tem já quantitativos mais próximos da Drag. 15/17 em Narbonne, ou ultrapassa já este último prato na fossa 9003 de Soumaltre, ou em Ampúrias. Parece ser a partir da década de 60 que a Drag.18 ultrapassa definitivamente a Drag. 15/17, tornando-se o prato dominante, situação bem expressa no naufrágio de Cala Culip IV, em 78/82 d.C. (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 8, 9, 12 e 50**).

Dois atributos parecem ser tendencialmente antigos, ou seja, relacionados com os perfis mais leves, em que a parede se demarca claramente do fundo por uma carena. O primeiro desses atributos é a possível existência de uma fina canelura, no topo do lábio espessado, durante a primeira metade do século I (Ritterling, 1912, p.205; Polak, 2000, p.91), sendo que, na fossa de *Cirratus* – 30-40 d.C. -, 84,5% dos exemplares deste tipo possuem um sulco largo (Genin; et Al., 2007, p.56). O segundo é a moldura externa ou interna na união da parede com o fundo, datada por Polak (2000, p.91) como pré-flávia e com decréscimo de frequência acentuado na década de 50 e 60 (Tyers, 1993, p.133).

Veja-se, contudo, que os dois exemplares dados à estampa na publicação da fossa 79 de La Graufesenque (datada a partir de 80 d.C.), possuem fina moldura interna, pelo que este é sem dúvida um atributo ainda em uso nesta época; o segundo exemplar contém inclusive roleta no fundo interno (Vernhet, 1981, fig. 5, nºs1 e 2).

O espessamento da parede e do lábio apresentado já por Ritterling (1912, p.205) foi posteriormente datado por Oswald e Pryce (1920, p.181) que estabeleceram uma fase de transição denominada de Drag. 18/31, datada estratigraficamente de Domiciano-Trajano, embora relacionada com oleiros cuja actividade recua à época flávia. Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p.572) dataram esta fase – “Drag. 18b” - entre 60 e 150 d.C., situando assim o início desta transformação morfológica em Nero. Esta segunda fase tipológica é acompanhada por um alteamento do centro do fundo da peça (Oswald e Pryce, 1920, p.181).

Se esta evolução do perfil e seus atributos parece consensual, já a evolução dos diâmetros levanta questões mais complexas, parecendo, neste caso, estarmos perante mais um caso onde, para além de uma tendência dominante, há toda uma multiplicidade de casos. Assim, vários contextos fornecem diâmetros distintos, em face da tendência conhecida para a diminuição dos seus valores.

Em Vechten, Polak (2000, p.76) data os valores acima de 175mm como pré-flávios, e os valores abaixo de 160mm como flávios.

Em Nero, os valores de USK situam-se entre 160 e 190mm (Tyers, 1993, p.133); e entre 150 e 180mm, em Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.207);

Em 78/82 d.C., no naufrágio de Cala Culip IV, existem 2 conjuntos de valores – 140 e 160mm – e, ao contrário do que seria de esperar, os maiores diâmetros é que estão associados aos perfis mais pesados. No caso da Drag. 18, esta contradição não tem qualquer relação com determinados oleiros (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.145-6).



O distanciamento de 20mm (140-160mm) entre os dois valores de 78/82 d.C. de Cala Culip, bem como o distanciamento de 30mm, nos níveis neronianos de USK (160-190mm) e Ampúrias (150-180mm), são, no meu entender, a prova de uma tendência clara de diminuição dos diâmetros, como propõe Polak, mas também a demonstração de um outro factor: ao longo desta evolução vai havendo, em simultâneo, o fabrico maioritário de diâmetros diferentes, mas não muito distantes entre si (20-30mm segundo os centros de consumo), podendo mesmo, como de verifica em Cala Culip, a fisionomia mais avançada e pesada, ou de Drag. 18/31, estar até associada a diâmetros maiores, enquanto que os perfis mais antigos surgem com diâmetros menores. Esta contradição surge no mesmo naufrágio ao nível dos pés-de-anel, cujos maiores valores de altura pertencem à forma evoluída (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.149), ao contrário da tendência defendida por Polak (2000, p.75).

Os valores dos diâmetros de várias fossas de La Graufesenque indiciam uma diminuição dos diâmetros, seguida de uma aparente estabilização dos valores, mas apresentam, todavia, uma maior amplitude de valores, no seio de cada contexto, em discordância com os centros de consumo já referidos (Genin; et Al., 2007, p.65, 102, 111, 134). São os seguintes os valores:

- na fossa de *Cirratius* (30-40 d.C.): 230 a 280mm;
- na fossa de *Gallicanus* (55-60 d.C.): entre 120 a 199mm, sendo 160-179mm (79,2%) e 140-159mm (16,2%);
- na fossa Cluzel 15 (60-65 d.C.): 120 a 199mm, sendo 120-139mm (46,7%) e 160-179mm (43,3%);
- na fossa 79 (80-120 ou 150 d.C.): maioria da Drag. 18 (*assiette*) pertence a *Masculus* e varia entre 160 e 180mm, e a Drag. 18 (*plat*) de *Caluus*, em quantidade bastante inferior, varia entre 210 e 245mm.

Em face dos resultados obtidos, parece-nos lícito pensar que há sem dúvida *valores-directores*, que convivem com outros, maiores ou menores, de menor comercialização, mas que também surgem nos sítios de consumo, como Chãos Salgados.

Exactamente em Chãos Salgados, determinou-se 117 diâmetros de bordo - entre 104 e 289mm, havendo um valor díspar de 335mm - cuja distribuição é a seguinte (**ver fig. 53**):

Um grupo de valores de 140-180mm destaca-se claramente, com mais de 2/5 dos exemplares e cuja cronologia provável, em face das propostas *supra* analisadas, deverá situar-se em Nero / inícios dos Flávios. Abaixo deste grupo situam-se apenas 22 exemplares, enquanto que acima, outros 2/5 dos exemplares terão uma cronologia pré-flávia, ou talvez mesmo pré-neroniana.

A correlação de certos atributos cronológicos a valores de diâmetro não fica demonstrada no conjunto de Chãos Salgados.

A fina canelura sobre o bordo surge em 3 exemplares apenas, com 2 diâmetros diagnosticados de 242 e 282mm.

Ao nível da carena, a fina moldura externa surge 12 vezes e 1 vez internamente. Os seus diâmetros variam bastante também: 113, 159, 170 e 244mm.

O perfil pesado, com parede espessa e bordo bastante espessado, surge em 7 exemplares, de 149, 168, 175, 178, 226, 242 e 268mm de diâmetro, revelando uma variedade enorme.

Exemplares como os n<sup>os</sup> 34, 35 e 36 apresentam um perfil antigo, enquanto que outros (n<sup>os</sup> 37 e 38) são de perfil em transição, com paredes mais longas e carenas mais esbatidas. A não conservação das paredes de muitos bordos de Drag. 18 de Chãos Salgados impede-nos de fazer uma estimativa exacta destas duas grandes fisionomias, já que a orientação mais ou menos esvasada dos bordos não nos parece um critério seguro para a sua aferição.

Na estratigrafia, é possível constatar uma fisionomia antiga, com 221mm de diâmetro, mas de bordo algo esvasado, no contexto 25, datado possivelmente de época neroniana (n<sup>o</sup> 725).

Período	Escalão	Exs.
Flávios	100-109mm	2
	110-119mm	4
	120-129mm	7
	130-139mm	9
Nero / Inícios dos Flávios	140-149mm	16
	150-159mm	12
	160-169mm	15
	170-179mm	15
Pré-Flávio (Pré-Neroniano)	180-189mm	7
	190-199mm	9
	200-209mm	2
	210-219mm	1
	220-229mm	6
	230-239mm	3
	240-249mm	6
	250-259mm	2
	260-269mm	8
	270-279mm	0
280-289mm	3	
	335mm	1

Figura 53 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de bordo da Drag. 18.

Na mesma construção, no **contexto 1**, datado também no terceiro quartel do século I, situa-se um outro exemplar de perfil semelhante, mas de apenas 172mm de diâmetro.

O **contexto 6**, flávio, revela um conjunto de 7 exemplares, com 151, 167 (2 exs.), 183 e 232mm de diâmetro diagnosticáveis. Os seus perfis revelam já a transição morfológica, tendo um deles o próprio fundo alteado ao centro (**nºs 676, 678 e 679**).

Esta evolução acentua-se mais no **contexto 41**, que poderá atingir os inícios do século II, onde o **nº 647**, com 242mm, tem parede claramente extensa e carena esbatida.

Na primeira metade do século II, o **contexto 85**, evidencia o mesmo fenómeno, com um exemplar de parede espessa e alta, mas de diâmetro curto - 186mm.

Todos estes exemplares em estratigrafia referidos possuem verniz do tipo 3, excepto o **nº 678** e uma outra carena.

No total dos 243 exemplares de Drag. 18 de Chãos Salgados, 194 são exactamente de verniz 3, 44 de verniz 2, e 3 de verniz 4 (marmoreado – tratado *infra*).

### **Drag. 36**

A Drag. 36 está datada entre 60 e 160 d.C. ; embora o seu atributo decorativo, as folhas de água em barbotina, tenha o seu fim em 120 d.C. (Vernhet, 1976, p.15; Passelac; Vernhet, 1993, p.578). Pertence aos chamados “serviços flávios”, estabelecidos por Vernhet (1979), e corresponde ao tipo A2 deste último autor.

Vernhet (1976) e Passelac e Vernhet (1993, p.578) defendem uma datação igual para as Drag. 36 e 35, embora anteriormente, Oswald e Pryce (1920, p.192) tenham constatado uma maior frequência da Drag. 35 nos tempos flávios, em contraste com uma predominância da Drag. 36 no século II.

As frequências deste tipo são ainda escassas em momentos anteriores aos Flávios, nomeadamente na época de Nero: não consta no porto de Narbonne, nem nos níveis desta época de Ampúrias, e tem percentagem escassa na fossa 9003 de Soumaltre, bem como nos níveis de 50/60 d.C. da calçada de La Graufesenque (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 9 e 12**) e em USK (Tyers, 1993, p.136).

Na verdade, o naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.) é até bem demonstrativo de que esta forma não foi particularmente importante na época flávia, à semelhança da tese defendida por Oswald e Pryce: no barco afundado ao largo da costa catalã constam apenas 24 exemplares, num total de 2761 (**ver anexo 2, tabela 50**), e na fossa de Bassus (80/90-100/110 d.C.) e na fossa 79 (80-120 ou 150 d.C.), em La Graufesenque, está escassamente representada (Genin; et Al., 2007, p.115 e 133).

Por outro lado, a Drag. 35/36 apresenta uma frequência assinalável nos níveis domicianos de Ampúrias, mas é apenas “residual” nos níveis da primeira metade do século II (**ver anexo 2, tabela 12**). As cronologias de Oswald e Pryce (1920), bem como de Passelac e Vernhet (1993), atrás expostas, que estendem a cronologia de comércio até meados do século II, deverão, por isso, aplicar-se apenas a áreas diversas à da Península Ibérica.

Aliás, é possível que este tipo tenha tido sempre uma difusão menos importante na Península Ibérica, se compararmos os quantitativos assinaláveis entre 60 e 100 d.C., na calçada de La Graufesenque (**ver anexo 2, tabela 6**), com os números mais reduzidos do naufrágio de Cala Culip IV (**ver anexo 2, tabela 50**).

Todos os 10 exemplares de Chãos Salgados possuem verniz do tipo 3.

Os diâmetros são heterogéneos – entre 141 e 257mm -, embora encaixem na variedade já proposta por Vernhet (1976, p.15), que estabelece valores entre 120 e 290mm, e nos dois grupos métricos de Cala Culip IV – 155-160 e 250-280mm (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.125). Um dos exemplares de Chãos Salgados, o nº Mir-23-152 (sem estampa), havia sido classificado anteriormente como forma 2 do serviço F de Vernhet (Quaresma, 2003, p.96-97). O seu diâmetro de 400mm parece-nos agora incerto; por outro lado, a sua aba fina encaixa perfeitamente na Drag. 36 e não na dita forma F2 de Vernhet (1976, fig.1), de aba nitidamente mais espessa.

Os **nºs 43 e 44** apresentam folhas de água com sentidos opostos. Esta dicotomia é conhecida em Cala Culip IV, nas peças do grupo métrico mais pequeno, sendo que, no grupo maior, as folhas seguem sempre da esquerda para a direita (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.153). Contudo, o exemplar **nº 44** de Chãos Salgados, que possui as folhas dispostas da direita para a esquerda, possui 223mm de diâmetro, o que o aproxima do maior grupo métrico de Cala Culip IV.

### Fundos de pratos indetermináveis

Os 131 exemplares de fundos de prato indetermináveis do espólio de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 45-52) apresentam um conjunto de valores de diâmetros de pé-de-anel mais restrito do que o que acontece ao nível dos bordos dos tipos de pratos. Para além disso, verifica-se uma clara concentração da maioria dos diâmetros diagnosticáveis em valores balizáveis entre 70 e 100-110mm: 71% de um total de 78 casos (ver fig. 54).

Os valores dos escalões principais de Chãos Salgados poderão ter uma correspondência em Oberwinterthur (sítio destruído provavelmente em 69-70 d.C.) e na fossa de *Gallicanus*, em La Graufesenque (55-60 d.C.), onde existem dois grupos métricos – menos de 70mm e mais de 84mm (Polak, 2000, p.75).

Ao nível dos vernizes há uma clara incidência do tipo 3, que constitui mais do dobro dos quantitativos do verniz 2.

Uma suposta maior relação entre o verniz de tipo 3 e valores mais pequenos, supostamente recentes, bem como o contrário para o verniz de tipo 2, não se demonstra pelos resultados, que são até contrários a essa ideia prévia. O grupo principal do verniz 2 é o de 70-90mm, enquanto que os valores dos diâmetros principais do grupo 3 são um pouco superiores – 80-100mm.

Tal como concluiu Polak (2000, p.75), no estudo de Vechten, as tendências que parecem observáveis na evolução dos diâmetros de bordo dos pratos não têm uma correlação segura com a evolução dos valores dos diâmetros de fundo.

Já ao nível da presença de canelura(s) ou banda roletada no fundo interno dos pratos é possível concluir tendências diferentes entre os vernizes 2 e 3. Nos 36 casos de verniz 2, 23 possuem canelura e 4 possuem roleta, num total de 75% dos casos; enquanto que nos 89 exemplares de verniz 3, 34 possuem canelura e 18 possuem roleta, num total de 58% dos casos, frequência mais baixa. O único exemplar de verniz 1 possui canelura. Estes valores poderão assim indicar um progressivo abandono destes pormenores decorativos dos fundos internos. Embora Polak (2000, p.81 e 92), não refira nenhuma cronologia específica para a presença de roleta, defende contudo uma cronologia até 60 d.C. para a dupla canelura. É de constatar contudo, que as formas indicadas por Polak, como possuidoras de roleta (Drag. 15/17, 18, 17a, 16 e Ritt.1), sejam importantes até ao terceiro quartel do século I, com excepção da Drag.18, que tem a sua maior distribuição na segunda metade desta centúria. Exemplares de Drag. 15/17 e 18 com canelura no fundo estão todavia diagnosticados em Cala Culip IV - 78-82 d.C. – (Nieto Prieto; et Al., 1989, figs.99, 102-3, 105). Além disso, um dos dois exemplares de Drag. 18 da fossa 79 de La Graufesenque, dados à estampa, possui roleta no fundo interno (Vernhet, 1981, fig.5, n<sup>o</sup>2). A presença de canelura(s) e de roleta nos fundos internos está documentada nos vários depósitos de La Graufesenque, desde a fossa de *Fronto* (15-35 d.C.), embora tal fenómeno não esteja quantificado no recente estudo sobre o sítio (ver Genin; et Al., 2007).

Outra relação que resultou evidente em Chãos Salgados foi a da canelura no fundo interno com os pés-de-anel de secção triangular e a da roleta com os pés-de-anel de secção rectangular. Dos primeiros, 33 conjugam-se com canelura no fundo interno, mas não há nenhum com roleta; enquanto a(s) canelura(s) nunca surge(m) em fundos com pés-de-anel de secção rectangular, mas surgem em doze fundos do outro tipo (ver fig. 55).

Embora escassamente representados por fundos, os tipos Drag. 15/17 e 18, com 7 e 15 fundos respectivamente, apontam para uma maior relação da Drag. 18 com as caneluras nos fundos internos e os pés-de-anel de secção triangular; embora os dados da Drag. 15/17 sejam escassos para se aferir uma maior relação entre a Drag. 15/17 e os fundos internos roletados e os pés-de-anel de secção rectangular. Tal não resulta igualmente evidente na observação das estampas do centro produtor de La Graufesenque (ver Genin; et Al., 2007).

Nos 15 fundos deste tipo surgem 8 casos de pés-de-anel de secção triangular e apenas 3 de secção rec-

Escalão	Exs.
60-69mm	3
70-79mm	14
80-89mm	27
90-99mm	15
100-109mm	9
110-119mm	4
120-129mm	3
130-139mm	1
140-149mm	1
160-169mm	1

Figura 54 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de pé-de-anel dos pratos.

	Canelura no fundo interno	Roleta no fundo interno
Pé-de-anel de secção triangular	33	0
Pé-de-anel de secção rectangular	0	12

Figura 55 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências de caneluras e roletas nos fundos internos dos pratos.

tangular, bem como 9 casos de caneluras; enquanto que nos 7 fundos de Drag. 15/17, há 3 pés-de-anel de secção triangular, 1 de secção rectangular, e 1 canelura.

Reafirmamos, contudo, que é apenas uma possível tendência: um exemplar, publicado por L. F. Dias (1976-7, nº81) – nº 185 -, de Drag. 15/17 do oleiro *Primulus*, possui pé-de-anel de secção triangular.

Em posição estratigráfica nero-flávia, surgem 2 exemplares de fundo: um primeiro, já abordado, de secção triangular, do tipo Drag. 18, no **contexto 6 (nº 679)**; e um segundo, com fina moldura interna e sem pé-de-anel conservado, Mir-708-1 (sem estampa), no **contexto 56**.

#### Ritt. 5

O nº 53, com bordo vertical sem roleta e verniz do tipo 3, é o único exemplar deste tipo em Chãos Salgados e integra-se na variante Ritt. 5c de Passelac e Vernhet (1993, p.577), datada entre 30 e 50 d.C..

Ao contrário de Oswald e Pryce (1920, p.169), Polak (2000, p.114) pondera um início de fabrico da Ritt. 5 anterior a Tibério e, no mesmo sentido, Passelac e Vernhet (1993, p.577) datam esse começo numa época tardo-augusta, em 5 d.C..

A época de Tibério terá sido a de maior expansão deste tipo que deve terminar em Cláudio, segundo Oswald e Pryce (1920, p.169) e Passelac e Vernhet (1993, p.577). A fraca presença nesta época conduz, no entanto, Polak (2000, p.114) a propor um fim antes de Cláudio, por volta de 40 d.C..

A datação da fase c de Passelac e Vernhet (1993, p.577), entre 30 e 50 d.C., condiz apenas parcialmente com a tese de Mary, baseada nos dados de Neuss, onde a decoração roletada é anterior a 25 d.C. (*apud* Polak, 2000, p.114). Para os autores franceses, a fase b, além de bordo com inclinação extrovertida, possui roleta, e data-se entre 20 e 40 d.C..

Os dados destes últimos autores permitem atribuir cabalmente aos centros sudgálicos uma produção de Ritt. 5 roletada, infirmando a tese de Oswald e Pryce (1920, p.169), para os quais este atributo não pertencia a estas oficinas.

#### Ritt. 8

Os 5 exemplares de Chãos Salgados pertencem todos ao subtipo Ritt. 8b, definido por Passelac e Vernhet (1993, p.577) e datado entre 30 e 80 d.C., com perfil hemisférico e bordo bem demarcado por canelura interna e externa. O verniz de tipo 3 verifica-se em todos estes exemplares (nºs 54, 55 e 56).

Podemos estabelecer dois grupos métricos de diâmetros de bordo, apesar da escassez de peças: um, mais pequeno, com 3 exemplares de 105, 110 e 113mm; outro, maior, com dois exemplares de 153 e 161mm, sendo este último valor incerto.

O segundo grupo métrico de Chãos Salgados ultrapassa as balizas conhecidas em Vechten (120mm), em Neuss (130mm) e na fossa de *Gallicanus* – 55-60 d.C. -, em La Graufesenque (138mm) (Polak, 2000, p.102; Tyers, 1993, p.136), sendo que 64,5% dos exemplares deste contexto têm valores entre 70 e 100mm (Genin; et Al., 2007, p.102).

A Ritt. 8 é normalmente considerada pré-flávia, parecendo ter na década de 60 do século I d.C. o fim da sua produção (Oswald; Pryce, 1920, p.184; Polak, 2000, p.114). Contudo, em 1993, Passelac e Vernhet (p.577) estabeleceram uma fase, Ritt. 8c, datada entre 80 e 120 d.C., em que a forma adquire duas caneluras largas externas abaixo do bordo espessado, que claramente a colocam como protótipo da Hayes 9, em *terra sigillata* africana A.

Não sendo uma forma muito comercializada, a Ritt. 8 surge regularmente em níveis das primeiras 6 décadas do século I d.C., como Vienne (Isère) ou a fossa 9003 de Soumaltre; está mesmo bem representada nos níveis neronianos de Narbonne, mas escassamente nos de Ampúrias, sob o subtipo 8b. Na calçada do século I de La Graufesenque, constata-se a sua presença desde 20 d.C., mas um claro aumento da sua frequência, nos níveis de 60-90 d.C., quando é mais amplamente produzida, nas duas UEs mais antigas deste período do sítio (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 8, 9 e 12**).

A produção do tipo Ritt. 8c, que Passelac e Venhet (1993) datam entre 80 e 120 d.C., deve ser, por isso, escassa.

#### Drag. 24/25

Este tipo começa a ser fabricado na época augusta, e atinge o seu apogeu rapidamente, em Tibério (Oswald; Pryce, 1920, p.171-2), fenómeno bem demonstrado na estratigrafia do próprio centro de La Graufesenque, onde a UE 8 da calçada do século I, datada entre 20 e 40 d.C., possui a frequência mais alta de todas, a grande distância em relação às restantes (**ver anexo 2, tabela 6**).



Segundo Polak (2000, p.118), o seu fabrico será estável até 60 d.C., tendo o seu fim em 70 d.C..

Passelac e Vernhet (1993, p.573), que situam o início da produção em 15 d.C., ou seja, em inícios de Tibério, prolongam a sua vida até 120 d.C..

A Drag. 24/25 é o principal recipiente nos depósitos cláudio-neronianos de Vienne (Isère) e da fossa 9003 de Soumaltre; na mesma época, em Narbonne, tem quantitativos semelhantes aos da Drag. 27, ambas muito próximas da forma principal, a Drag. 15/17, e, em Ampúrias, domina a par das Drag. 18, 29 e 27. Na calçada do século I de La Graufesenque, após um ligeiro declínio nos anos 50, parece reforçar a sua produção nas primeiras UEs, 4 e 3, do período 60-90 d.C.. Por fim, em Cala Culip IV, datado de 78-82 d.C., representa ainda 11,4% do total e nos níveis domicianos de Ampúrias tem ainda uma frequência assinalável (**ver anexo 2, tabelas 6, 7, 8, 9, 12 e 50**).

Assim e apesar da maioria dos contextos em que é verificada, bem como dos oleiros seus produtores serem de momentos pré-flávios (Polak, 2000, p.117; Oswald; Price, 1920, p.171-2), podemos atestar a sua continuação ao longo da época flávia, embora a sua produção deva quedar-se por níveis muito baixos a partir das décadas de 70/80 d.C., a ver pela estratigrafia de La Graufesenque (**ver anexo 2, tabela 6**). O subtipo Drag. 24/25c de Passelac e Vernhet (1993) deve, por isso, representar um modelo de pouco alcance comercial.

Na referida calçada de La Graufesenque foi possível igualmente abstrair alguns vectores de evolução formal deste tipo: na UE 8 (20/40 d.C.) as paredes são espessas, começando a adelgaçar-se a partir da UE 7 (40/50 d.C.); de igual modo, a profundidade aumenta ao longo do tempo e a roleta, oblíqua e por vezes dupla até meados do século, torna-se mais frequentemente vertical na segunda metade da centúria (Farine, 1996, p.219).

A proposta evolutiva de Passelac e Vernhet (1993, p.573) concorda numa evolução para uma maior profundidade ao longo dos subtipos 24/25a, b e c, devida essencialmente a uma clara diminuição dos diâmetros, como se depreende pelas imagens publicadas; contudo, estes autores propõem um aumento da espessura das paredes no último subtipo. Diga-se, porém, que este aspecto não é visível nas estampas escolhidas pelos autores no artigo.

Dos 93 exemplares de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 57-63), 62 possuem verniz do tipo 3, 27 do tipo 2 e 3 do tipo 4 (marmoreado).

A roleta surge em 62 exemplares e é na maioria dos casos oblíqua (40); é vertical em 10 casos e curva em 3. Num exemplar é particularmente fina e noutra grosseira. Em 7 casos só se conserva as suas extremidades.

Segundo os dados da calçada de La Graufesenque (Farine, 1996, p.219), teríamos aqui um indicador de um predomínio de peças até meados do século I. Este indicador não é confirmado pelos vernizes e diâmetros constatados nas peças com roleta oblíqua, que só no primeiro caso apontam para valores equilibrados: o verniz 3 surge em 16 exemplares e o verniz 2 em 7.

Os diâmetros são até próximos dos valores publicados relativos aos contextos neronianos de USK, onde existem dois grupos: 80 e 120/140mm (Tyers, 1993, p.135). No grupo 3 de Chãos Salgados são exactamente os valores de 80-89 e 110-119mm que dominam, num conjunto que podemos balizar essencialmente entre 80 e 129mm, se exceptuarmos os valores isolados de 70-79 e 150-159mm (**ver fig. 56**).

Escalão	Exs.
50-59mm	0
60-69mm	0
70-79mm	1
80-89mm	4
90-99mm	1
100-109mm	1
110-119mm	4
120-129mm	2
130-139mm	0
140-149mm	0
150-159mm	1

Figura 56 - Chãos Salgados. TSSG (verniz 3).  
Diâmetros de bordo da Drag. 24/25.

Escalão	Exs.
50-59mm	3
60-69mm	4
70-79mm	3
80-89mm	6
90-99mm	8
100-109mm	5
110-119mm	11
120-129mm	9
130-139mm	2
140-149mm	1
150-159mm	3

Figura 57 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros  
de bordo da Drag. 24/25.

Os valores dos diâmetros do total do espólio mensurável são mais heterogéneos, embora possamos igualmente falar de uma maior importância dos valores entre 80-89 e 110-119mm (**ver fig. 57**).

Em Cala Culip IV (78-82 d.C.) existem dois grupos métricos, de 70-75 (33 indivíduos) e 110mm (276 indivíduos) (Nieto Prieto; *et Al.*, 1989), consentâneos estatisticamente com Chãos Salgados.

No naufrágio catalão verifica-se somente no grupo métrico mais pequeno alguma “arte de oleiro”, como já abordámos acerca do espólio de Drag. 15/17 desta escavação. No grupo de 70-75mm de Drag. 24/25, são separáveis peças de OF IVCVNDI com aspecto mais compacto, bordo vertical e roleta espessa; enquanto que a marca 26.1 surge associada a bordos mais introvertidos e roleta mais fina.

Em Chãos Salgados, apenas 3 pés-de-anel se conservaram sendo 1 de secção sub-retangular e 2 de secção sub-triangular (**nºs 57 e 62**).

Um único exemplar possui contexto estratigráfico relevante: é uma peça com 78mm de diâmetro, valor pequeno, exumado em unidade flávia - **contexto 90** (Biers; *et Al.*, 1988, nºIII.80-803-).

### **Drag. 27**

A Drag. 27 tem o seu início em época tardo-augusta (Oswald; Pryce, 1920, p.186; Passelac; Vernhet, 1993, p.573; Polak, 2000, p.118).

Passelac e Vernhet (1993, p.573) propõem uma evolução com 3 subtipos: a Drag. 27a, datada entre 10 e 40 d.C., com bordo liso e roleta externa; a Drag. 27b, datada entre 40 e 80 d.C., com bordo anguloso, de topo liso, formando um lábio; e a Drag. 27c, entre 80 e 120 d.C., com o bordo perolado.

Todavia, a roleta é conhecida ainda em Drag. 27b da época de Nero, como acontece em Narbonne – Fiches; Guy; Poncin, 1978, fig. 3 -, e em Drag. 27c, nos seus primeiros momentos, segundo Passelac e Vernhet (1993, p.573).

Este subtipo *b* constitui todo o espólio de Drag. 27 do depósito cláudio de Vienne (Godard, 1992, fig. 1, nºs 1-4) e dos níveis neronianos de Ampúrias (Aquilué; *et Al.*, 2005, p.207), e tem como contexto fechado mais tardio o naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.), onde constam vários exemplares do grupo de diâmetros entre 115 e 120mm (Nieto Prieto; *et Al.*, 1989, p.138). Uma datação exclusivamente cláudio-neroniana, como defende Polak (2000, p.118), não é assim correcta.

A Drag. 27 atinge quantitativos medianos no depósito cláudio de Vienne (Isère) e fortalece os seus valores no terceiro quartel do século I, como se constata na fossa 9003 de Soumaltre e no porto de Narbonne; no último quartel do século I é já, a par da Drag. 18, a principal tigela no naufrágio de Cala Culip IV (**ver anexo 2, tabelas 7, 8, 9 e 50**).

Na calçada do século I em La Graufesenque, a sua produção já é expressiva na primeira metade da centúria e atinge o apogeu nas primeiras UEs, 4 e 3, da fase 60-90 d.C., decaindo significativamente ainda nesta época (**ver anexo 2, tabela 6**). Este facto deve ter uma causa específica relacionada com a própria origem dos materiais que foram colmatando as reparações desta via do centro produtor. Segundo o autor do estudo (Farine, 1996, p.219) a Drag. 27c é praticamente inexistente nas UEs 8 a 3; ora, sendo os quantitativos das UEs 2 e 1 tão baixos, quando ela deve estar melhor representada, como se depreende do texto, então, o ou os oleiros responsáveis por estes enchimentos devem ter tido uma produção pouco significativa deste subtipo, o que parece constituir um indício de “arte de oleiro”, e não um indicador crono-morfológico.

Segundo Polak (2000, p.107), os diâmetros de bordo até 80mm não devem ultrapassar o ano de 80 d.C., enquanto que os valores acima de 90mm devem ser já flávios. Esta tendência de crescimento era já defendida por Oswald e Pryce (1920, p.187) e Ritterling (1912, p.208), embora os primeiros autores defendam que os diâmetros grandes podem surgir também nas fases antigas. Das estampas de Passelac e Vernhet (1993, p.573) depreende-se um pouco esta situação: a tigela Drag. 27a é grande, tal como a Drag. 27c, enquanto que a Drag. 27b é a mais pequena.

Os dados publicados de La Graufesenque (Genin; *et Al.*, 2007, p.101 e 137) respeitantes às fossas de *Gallicanus* (55-60 d.C.) e de *Cirratius* (30-40 d.C.) e à fossa 79 (80-120 ou 150 d.C.) indicam que, na fossa de *Cirratius*, existem dois grupos, de 70-100mm e >100mm; no segundo contexto, o grupo de 70-100mm representa 59% e o grupo de 101-139mm, 40,2%; enquanto que na fossa 79, os valores aumentam um pouco, dividindo-se entre os oleiros *Masculus* (86 a 100mm) e *Caluus* (124-130mm).

Dado que nos níveis neronianos de USK existem 2 grupos métricos de 70-90mm e 120-140mm, semelhante aos valores de *Camulodunum*, de 75 e 140mm (Tyers, 1993, p.134), e também próximos dos valores do naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.), de 70-75mm (69 indivíduos) e 115-120mm (449 indivíduos), propomos então um *valor tendencial mínimo de 70mm, para a época neroniana*, e a seguinte

tendência evolutiva dos diâmetros de Chãos Salgados (**ver fig. 58**):

Teríamos assim, aproximadamente, 3 exemplares até 80 d.C., 19 neronianos e 59 flávios, sendo que este último período tem sobretudo uma concentração nos valores entre 90 e 139mm, o que poderá pressupor uma cronologia alta para a maioria destes 59 exemplares flávios.

Se tivermos como indicador as propostas tipológicas dos bordos (113 no total), em particular, as defendidas por Passelac e Vernhet (1993, p.573), então revela-se um claro domínio das peças flávias, sobretudo a partir de 80 d.C.:

- a Drag. 27a (bordos lisos, sem roleta externa) surge 5 vezes;
- a Drag. 27b (bordo em lábio) surge outras 5 vezes (**nº 64**);
- a Drag.27c (bordo perolado) surge 103 vezes (**nºs 65, 66, 67, 68, 69, 808, 726 e 707**).

A tese de Oswald e Pryce (1920, p.187) que data as caneluras internas abaixo do bordo como pré-flávias, sendo pouco frequentes nos Flávios, parece invalidada no espólio de Chãos Salgados, já que, em 83 exemplares de Drag. 27c, surge 52 vezes, o que torna este atributo, senão maioritário, pelo menos muito frequente também na época flávia. A própria estampa de Passelac e Vernhet (1993, p.573) possui igualmente a canelura interna.

Os vernizes apontam em princípio para uma tendência cronológica semelhante à dos outros indicadores estatísticos tratados, com um domínio do verniz 3 (**ver fig. 59**):

Os dados estratigráficos de Chãos Salgados com relevância cronológica são exíguos em informação sobre a Drag. 27. Nos **contextos 1** (segunda metade ou apenas terceiro quartel do século I), **6** (flávio), e no **contexto 90** (flávio) surgem, respectivamente, um bordo perolado com canelura interna (117mm), uma carena e um bordo perolado, com parede de quarto de círculo superior verticalizado e sem canelura interna.

No século II (1ª metade?), surge um outro bordo perolado (145mm), sem canelura interna, no **contexto 2**.

Período	Escalão	Exs.
Até 80 d.C.	46mm	1
	50-59mm	0
	60-69mm	2
Nero?	70-79mm	6
	80-89mm	13
Flávios	90-99mm	11
	100-109mm	9
	110-119mm	12
	120-129mm	12
	130-139mm	7
	140-149mm	3
	150-159mm	0
160-168mm	3	

**Figura 58 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de bordo da Drag. 27.**

Verniz	Exs.
1	1
2	19
3	138
4	1

**Figura 59 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências de vernizes na Drag. 27.**

### Drag. 33

A cronologia inicial cláudia da Drag. 33, proposta por Oswald e Pryce (1920, p.189) foi mais recentemente recuada por Passelac e Vernhet (1993, p.574) para 20 d.C., bem como por Polak (2000, p.119), com base nas marcas de oleiros de Vechten.

Os dois autores franceses situam a datação final da forma em 160 d.C. (Passelac; Vernhet, 1993, p.574), sendo que Oswald e Pryce (1920, p.189) defendem um aumento da sua comercialização em época antonina, com base nos dados de Newstead e Niederbiber. Na fossa 79 de La Graufesenque (Genin; et Al., 2007, p.133), datada a partir de 80 d.C. e atingindo pelo menos o ano de 120 d.C., a Drag. 33, em conjunto com as Drag. 27 e 18, totalizam 98% das formas lisas. Neste aspecto, parece-me que estamos perante uma situação idêntica à que referimos para a Drag. 36, ou seja, a de que este aumento das frequências constatado pelos dois autores britânicos diga apenas respeito a uma difusão “setentrional” e

não ao território hispânico. No *forum* de Ampúrias, a Drag. 33 surge com 1 exemplar na época de Nero, 4 em Domiciano e nenhum na primeira metade do século II (**ver anexo 2, tabela 12**).

A fraca representação deste tipo nas estratigrafias conhecidas ao longo do século I impede uma melhor visão da sua evolução morfológica. Na fossa 9003 de Soumaltre são escassos os exemplares e, ao longo da evolução da calçada do século I de La Graufesenque nunca atinge grandes quantitativos, embora estes subam na segunda metade da centúria, em particular nas UEs 3 (60-90 d.C.) e 1 (90-100 d.C.) (**ver anexo 2, tabelas 6 e 7**).

Os 29 exemplares de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 70-73) integram-se no sub-tipo Drag. 33b, proposto por Polak (2000, p.121), quando a forma tem fisionomia mais alta, com menores diâmetros de bordo, e ângulo esbatido entre a parede e o fundo, já em época flávia.

Os fundos estreitos, apesar de nunca possuírem nenhuma canelura interna na união do fundo com a parede, assemelham-se ao sub-tipo Drag. 33c de Passelac e Vernhet (1993, p.574), com cronologia entre 100 e 160 d.C., e não tanto ao sub-tipo Drag. 33a2, datado entre 60 e 160 d.C., tipo mais aberto.

A Drag. 33a2 é a forma representada no depósito neroniano de Narbonne (Fiches; Guy; Poncin, 1978, fig. 39). Infelizmente, faltam-nos dados estratigráficos sobre a evolução desta forma no último quartel do século I: não surge em Cala Culip IV (**ver anexo 2, tabela 50**) e o espólio da calçada de La Graufesenque não permite visualizar qualquer evolução morfológica (Farine, 1996, p.212 e fig. 14). Contudo, se compararmos alguns dados de diferentes fossas do centro produtor, é possível verificar que, na fossa de *Gallicanus*, com diâmetros entre 125 e  $\geq$  159mm, 60,5% situam-se entre 140 e 149mm (Genin; et Al., 2007, p.102), o que poderá até antecipar a Drag.33b de Polak para Nero, quando deverá então ocorrer a transição entre as Drag.33a2 e 33c de Passelac e Vernhet.

Tendo em conta a sua inexistência nos níveis da primeira metade do século II de Ampúrias, onde ocorre uma restrição do espólio sudgálico para o binómio Drag. 18 e 31, nas lisas, e para a Drag. 37, nas decoradas (**ver anexo 2, tabela 12**), parece-me pouco aceitável que o espólio de 29 exemplares de Chãos Salgados se date apenas após 100 d.C. e que, por isso, a proposta de Polak (2000, p.121), de uma datação inicial flávia para o tipo tardio (que engloba a Drag. 33a2 e 33c dos dois autores franceses), seja a mais correcta.

Em Chãos Salgados, o único exemplar em estratigrafia possui 100mm de diâmetro de bordo e provém de estrato flávio, **contexto 90** (Biers; et Al., 1988, n<sup>o</sup>III.82-785).

Os diâmetros de bordo diagnosticáveis situam-se entre 87 e 183mm, com uma maior concentração entre 100 e 140mm, que se destaca da concentração de Vechten, entre 130 e 170mm (Polak, 2000, p.103) (**ver fig. 60**).

O verniz 2 surge 9 vezes e o verniz 3, 19 vezes. Assim, cerca de 1/3 pertence ao verniz 2, o que pode indicar uma maior antiguidade cronológica das peças num âmbito temporal a partir da década de 60 d.C..

### Fundos de tigelas indetermináveis

Os 120 exemplares de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 74-77) apresentam uma clara concentração de diâmetros entre 30 e 60mm; bem como do verniz 3 (**ver figs. 22 e 23**). Quanto à morfologia dos pés-de-anel, 49 são de secção triangular e apenas 8 de secção rectangular.

Escalão	Exs.
29mm	1
30-39mm	19
40-49mm	22
50-59mm	21
60-69mm	7
70-79mm	3
80-86mm	2

Figura 61 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de pé-de-anel das tigelas.

Escalão	Exs.
87mm	1
94mm	1
100-109mm	2
110-119mm	2
120-129mm	2
130-139mm	4
140-149mm	2
150-159mm	0
160-169mm	1
170-179mm	0
183mm	1

Figura 60 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de bordo da Drag. 33.

Verniz	Exs.
1	2
2	11
3	102
4	2

Figura 62 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências de vernizes nas tigelas.



**Drag. 35**

Esta forma dos “serviços flávios” (Vernhet, 1976, forma A1) está datada por Passelac e Vernhet (1993, p.578) entre 60 e 160 d.C..

Segundo Oswald e Pryce (1920, p.192) é mais frequente do que a Drag. 36, na época flávia.

Os seus diâmetros, segundo Vernhet (1976) situam-se entre 70 e 140mm. Em Cala Culip IV (78-82 d.C.) definiram-se dois grupos métricos de diâmetros: 82-92mm (24 indivíduos) e 115-125mm (10 indivíduos).

Em Chãos Salgados, os 8 exemplares (n<sup>os</sup> 78 e 79) apresentam 6 valores diagnosticáveis de 70(?), 82, 102, 105, 114 e 149mm.

O verniz 2 surge em 3 exemplares e o verniz 3 em 4.

Todos os exemplares têm a decoração de folha de água em barbotina sobre a aba. O n<sup>o</sup> 79, com 70mm(?) de diâmetro possui igualmente uma folha de água extensa e ramificada sobre a parede externa. Foi produzido com verniz 2.

Apenas 1 exemplar, sem diâmetro definido, tem contexto: um nível flávio – **contexto 90** - (Biers; et Al., 1988, n<sup>o</sup>III.83-805-).

**Marmoreadas**

Esta produção de La Graufesenque está datada tradicionalmente entre 40 e 70 d.C. (Oswald; Pryce, 1920, p.218-221; Hermet, 1934, p.169-179; Vernhet, 1976, p.15).

Recentemente, M. Genin (2006) reviu esta questão à luz de novos dados, em particular os que se conhecem da fossa Malaval ou de *Gallicanus*, em La Graufesenque, datada em 55-60 d.C. (Polak, 2000, p.410), ou entre 50 e 70 d.C., como propõe a autora (Genin, 2006, p.232).

Genin (2006, p.233) estabelece 4 grandes grupos de formas lisas realizadas em *marmorata*. O primeiro deles é constituído por um conjunto de 9 formas extraordinárias; o segundo, por outras 9 formas derivadas da *terra sigillata* itálica augusta e pós-augusta (possíveis experiências de oleiros durante os anos 20 do século I d.C.); o terceiro grupo é “clássico”, com 11 tipos conhecidos entre 30 e 70 d.C., onde se destacam as Drag. 24/25, 27, 15/17 e 18, que representam 75% dos materiais da fossa de *Gallicanus*; por fim, um “grupo recente” onde constam as Drag. 4/22, 35/36, 46 e Hermet 9, inexistentes na fossa de *Gallicanus*.

Na fossa de *Gallicanus* consta ainda um conjunto de tipos decorados – Drag. 29 (41 exs.), Drag. 30 (8 exs.), Drag. 37 (13 exs.), Hermet 9 (3 exs.), Hermet 5 (1 ex.) e Knorr 78 (1 ex.), que para a autora evidenciam uma importância estatística maior do que se supunha em relação à Drag. 37. Por outro lado, o único exemplar inteiro desta forma tem decoração datável entre 70 e 85 d.C. (Hermet, 1934, est.81, n<sup>o</sup>4), dado ao qual podemos ainda somar o facto de haver marmoreada realizada por oleiros recentes, dos quais o mais tardio é *L. Cosius Virilis* (Genin, 2006, p.235-237), cuja produção deverá iniciar-se algures antes de 90 d.C. (Mees, 1995, p.98).

Genin (2006, p.238) propõe assim que o fabrico de marmoreada se situe entre 30 d.C. e fins do século I, acentuando que esta produção continua claramente após 70 d.C., como comprova a estratigrafia de Lyon (**ver anexo 2, tabela 14**).

Em Chãos Salgados existem 3 exemplares de Drag. 18, 3 de Drag. 24/25, 2 de Drag. 27, 2 fundos de prato e 2 exemplares (fundo e bojo) de tigela.

Todas as fisionomias e medidas apontam para um período de importação situável no terceiro quartel do século I, segundo as propostas debatidas *supra*: os dois exemplares de Drag.18 possuem diâmetros de 178 e 196mm (n<sup>o</sup> 843); os três exemplares de Drag. 24/25 possuem diâmetros de 110, 112 e 120mm (n<sup>os</sup> 80, 82 e 81): os dois primeiros possuem roleta, já vertical, datável assim após meados do século I (ver *supra*); nos dois exemplares de Drag. 27, uma carena mede 97mm e uma outra 74mm (n<sup>o</sup> 83); por fim, os dois fundos de prato medem 90 (n<sup>o</sup> 844) e 75mm, e o fundo de tigela, 52mm, o que os enquadra nos grupos métricos mais representados em Chãos Salgados.

**Formas decoradas**

Para a sistematização cronológica das decorações utilizámos não só as propostas de faseamento gerais (Oswald; Pryce, 1920; Hermet 1934; Passelac; Vernhet, 1993; Mees, 1995; Tilhard, 2004), mas também as propostas de Dannell; Dickinson; Vernhet (1998) sobre a evolução dos óvulos na Drag. 30, segundo a qual as linguetas tridentes sucedem às de roseta, a partir de c. 70 d.C., e as confirmações da

tese de Hermet (1934), por Sanchez e Silvéreano (2005, p.175) e Genin e Rascalou (2004, p.141) que evidenciam uma cronologia até 50 d.C. para os cordões de óculos, e uma cronologia sucedânea, a partir de 50 d.C., para os cordões ondulantes, na Drag. 30.

Hermet (1934, p.182-187) estabeleceu 4 fases de evolução estilística das decorações das peças de Terra Sigillata de La Graufesenque: período primitivo (20-40 d.C.), período de esplendor (40-70 d.C.), período de transição (70-85 d.C.) e período de decadência (80-120 d.C.).

Mais recentemente, Passelac e Vernhet (1993, p.569) estabeleceram 6 fases estilísticas: período de ensaio (entre 10 e 20 d.C.; com justaposição de pequenos motivos geométricos ou florais), período primitivo (20-40 d.C.; com motivos essencialmente vegetais, cuidadosos e sóbrios), período de esplendor (40-60 d.C.; com decoração vegetal cuidada, motivos mitológicos, cenas de circo ou de caça, alternância de métopas, cruces de Santo André e medalhões), período de transição (60-80 d.C.; com decoração pesada, preponderância da simetria, sobreposição de zonas vegetais, métopas divididas, preenchimento barroco), período de decadência (80-120 d.C.; com decoração compartimentada em métopas retangulares, personagens, cenas eróticas) e período tardio (120-150 d.C.; com decoração sem ordem nem simetria e novo predomínio de motivos geométricos simples).

A monografia sobre o naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.) apresenta um excelente estudo estilístico das composições (Nieto; Puig, 2001, p.65-68 e 76). Nele abstraíram-se 7 esquemas:

- Esquema 1 (banda historiada, em torno do vaso, sem compartimentações internas)
- Esquema 2 (banda figurada simples em torno do vaso)
- Esquema 3 (banda de métopas simples)
- Esquema 4 (banda de métopas complexas)
- Esquema 5 (banda de ornatos vegetais ou *rinceaux / scrool*)
- Esquema 6 (banda de festões)
- Esquema 7 (frisos feitos pela repetição de um punção)

Os autores definiram igualmente 5 combinações:

- Combinação de motivos vegetais e animais (52,52%)
- Combinação de personagens, animais e motivos vegetais (23,34%)
- Combinação de motivos vegetais (20,25%)
- Combinação de personagens e motivos vegetais (1,89%)
- Vasos com cenas elaboradas (3,16%)

É de realçar que o esquema 5 representa 15% da combinação de motivos vegetais e animais e 42% da combinação de motivos vegetais. Temos então num contexto fechado e bem datado de finais do período de transição, uma permanência deste esquema de *rinceaux*, numa frequência ainda importante.

Este dado estatístico e estratigráfico levou-nos por isso a ter alguma cautela na atribuição de cronologias muito restritas aos exemplares de Chãos Salgados, tanto mais que a maioria é composta por pequenos fragmentos cuja esquematização e composição não são minimamente extrapoláveis.

Por outro lado, e em face da ausência de grandes fragmentos decorados, optámos igualmente por não tentar atribuir a autoria de decorações a oleiros específicos.

Neste domínio a bibliografia mais recente tem posto em causa a visão tradicional seguida desde Knorr (1919, p.10) para quem as marcas de fundo do vaso informavam sobre a autoria do vaso e do molde decorativo, ou seja, que eram obra da mesma pessoa.

Mees (1995, p.20, 24-25, 32) foi o primeiro autor a colocar em causa esta teoria, embora tal já tivesse sido entrevisto por Atkinson (1914, p.30 e nota 1; ver igualmente Dzwiza, 2004, p.446, nota 42), aquando do estudo da Caixa de Pompeia. Para A. Mees, não é claro em La Graufesenque que a marca de fundo da peça identifique igualmente o decorador da mesma e a autoria da decoração só pode ser fornecida por marcas *intra* ou *infra*-decorativas, ou por grafitos *intra* ou *infra*-decorativos de pré-cozedura. Assim, a tese deste autor advoga que, quando uma peça possui diferentes marcas - decorativa e de fundo interno - a única conclusão segura é a de que o molde da decoração foi levado para uma segunda oficina, onde a peça foi montada; advoga igualmente que, no caso de ausência de marca *intra* ou *infra*-decorativa, esta é anónima, mesmo que exista marca de fundo interno.

Não deixa de ser pertinente, contudo, que todos os nomes de decoradores conhecidos (marca *intra* ou *infra*-decorativa) sejam igualmente conhecidos enquanto oleiros (marca de fundo interno) (Mees, 1995, p.32).

O modelo de análise estabelecido por Mees foi seguido igualmente por K. Dzwiza (2004, p.446), no reestudo da Caixa de Pompeia, e está presente nas distinções feitas nos catálogos de obras como as de Dannell, Dickinson e Vernhet (1998) ou na grande publicação sobre a Drag. 29 de La Graufesenque, realizada por Dannell et Al. (2003). Aliás, o tipo Drag. 29 é de extrema importância para o conhecimento das relações entre decoradores e oleiros, já que quase todas as marcas de fundo conhecidas em tipos decorados pertencem à Drag. 29 (Mees, 1995, p.31).

#### **Drag. 11**

Existe um único exemplar desta forma em Chãos Salgados, com o nº 85, feito com verniz 2.

Na tipologia de Passelac e Vernhet (1993, p.570-571) deverá classificar-se como Drag. 11d, sub-tipo datado entre 10 e 40 d.C..

Estes últimos autores datam a Drag. 11, com todas as suas 5 variantes, entre 10 e 80 d.C.. Mees (1995, p.57) defende uma produção até 55 ou 60 d.C., pois este tipo está constatado no depósito de Cluzel 15, mas deixa interrogada uma cronologia final em torno de 80 d.C., já que o único dado nesse sentido é um exemplar de Toulon atribuível sem certeza absoluta ao oleiro *M. Crestio*, cuja actividade se inicia exactamente em 80 d.C..

Na calçada do século I de La Graufesenque, a Drag. 11 está escassamente representada, o que é habitual nos registos arqueológicos, dada a sua fraca produção (Fiches, 1977, p.133): surgem 5 exemplares nas UEs 8, 7 e 6 (20/40 a 50/60 d.C.), unidades após as quais ocorre um hiato da sua frequência. Finalmente, surgem apenas 3 exemplares nas UEs 3 e 2, entre 60 e 90 d.C. (**ver anexo 2, tabela 6**).

#### **Drag. 29**

Este tipo está datado entre 10 e 90 d.C., por Passelac e Vernhet (1993, p.573), e o seu começo é precedido por uma etapa prévia que podemos ainda integrar na “*pré-sigillata*”, produzida em cozedura A.

O começo da Drag. 29 canónica está situado por Fiches (1978, p.43) em 10/25-30 d.C.; por Mees (1995, p.55), em 10 d.C.; ou por Polak (2000, p.124), em 20 d.C..

Mees (1995, p.56) situa o fim em 85 d.C., ou pouco depois, já que ainda é conhecida numa série de sítios com ocupação na década de 90, e pelo facto de *M. Crestio* e *Mercator*, datados entre 80 e 110 d.C., terem apenas raramente decorado esta forma, no primeiro caso, e, no segundo, nem se conhecer qualquer marca decorativa. Neste sentido, Polak (2000, p.124) situa o fim em 85-90 d.C..

Uma série de dados estratigráficos deixa bem clara a diminuição da frequência da Drag. 29, com a paralela ascensão da Drag. 37.

Na calçada do século I d.C. de La Graufesenque, a Drag. 29 está muito bem representada até à UE 2, entre 60 e 90 d.C., decrescendo significativamente na UE final deste período e estando mal representada entre 90 e 100 d.C. (**ver anexo 2, tabela 6**).

O estudo de Pferdehirt (1986) sobre os sítios da área germânica é um exemplo excelente da evolução estatística da Drag. 29, inversamente proporcional à Drag. 37. O decréscimo da Drag. 29 ao longo da época flávia ficou bem demonstrado e deixa apenas a interrogação sobre qual a leitura correcta em relação ao escassos exemplares da década de 90: fim do fabrico ou apenas dados residuais de um fabrico terminado antes desta década (**ver anexo 2, tabela 10**).

Este decréscimo ao longo da época flávia é contudo mais complexo de analisar se compararmos dados contemporâneos, mas de áreas diversas. Veja-se que, nos finais da década de 70 e inícios da de 80, na área germânica, os 6 sítios estudados apresentam percentagens de 17,2-22,9% para a Drag. 29 e de 77,1-82,8% para a Drag. 37, situação que parece análoga à da Caixa de Pompeia, onde a Drag. 29 tem 36 exemplares e a Drag. 37, 54 exemplares (Atkinson, 1914, p.28), mas já o naufrágio de Cala Culip IV, na costa catalã, tem valores equilibrados, com uma relação de 379-409 exemplares entre ambas as formas, com um ligeiro domínio da Drag. 37; aliás, esta relação de equilíbrio parece ainda ocorrer em Domiciano, na mesma região, já que em Ampúrias, as frequências das duas formas equivalem, havendo novamente apenas um ligeiro domínio da Drag. 37. Anteriormente, nos níveis neronianos, a Drag. 29 estava claramente acima da Drag. 37, o que também parece destacar-se dos resultados da área germânica, onde nos sítios fundados antes de 73/74 d.C., a Drag. 37 é claramente dominante (**ver anexo 2, tabelas 10, 12 e 50**).

Podemos então estar perante uma diferença regional de comércio da Drag. 29, que na época médio e tardo-flávia teria um mercado mais acessível na costa catalã, do que nas áreas germânica e itálica?

Por outro lado, tal como na área germânica, também em Ampúrias, a viragem do século representa sem dúvida um fim claro, sendo apenas residual na primeira metade do século II.

Quanto à questão do seu fim, é importante o facto de ainda ter sido escassamente fabricada em Banassac (Mees, 1995, p.56), centro que inicia a sua actividade já no século II, embora não seja uma prova directa da sua produção em La Graufesenque, nesta época.

Polak (2000, p.126-128 e fig.6.74) propõe uma possível evolução dos diâmetros da Drag. 29, num processo decrescente, pois os valores de 220-250mm dominam na época pré-flávia, enquanto que os diâmetros de 190mm dominam em Nero, em Vechten. Neste sítio, o autor definiu 5 grupos de diâmetros: A (140mm), B (170mm), C (190mm), D-E (220-250mm), F (285mm).

O naufrágio de Cala Culip IV torna a hipótese de evolução de Polak difícil de aceitar já que contém diâmetros entre 134 e 280mm, com um primado de 210-219mm, valor elevado. Além disso, todos os oleiros abrangem praticamente todo o espectro de diâmetros do carregamento, à excepção de OF. VITA (173-174mm), CRISPI. MA (168-178mm) e OF. RVFIN (210-244mm) (Nieto; Puig, 2001, p.37 e fig.17).

O espólio de Chãos Salgados contém apenas 12 exemplares de Drag. 29, dos quais 7 possuem verniz 2 e 5 exemplares possuem verniz 3. Ambos os vernizes apresentam semelhanças nos diâmetros diagnosticados (2 exemplares com 141 e 149mm), bem como nos faseamentos decorativos.

O nº 86 é um fragmento de bordo com uma única moldura fina, roletada, cuja datação deverá situar-se nos primeiros momentos da Drag. 29, de morfologia ainda muito próxima à da fase prévia deste tipo (Fiches, 1978, p.43), embora o exemplar de Chãos Salgados seja já de *terra sigillata* canónica, de verniz 2.

Também recuável aos primeiros tempos da Drag. 29 será o nº 693, com o motivo *nautilus*, embora a sua cronologia possa ser enquadrável entre 10 e 60 d.C. (Oswald; Pryce, 1920, p.72; Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.193). É o único exemplar com posição estratigráfica: **contexto 1**, datado na segunda metade do século I, ou talvez no terceiro quartel deste século.

Dois exemplares situam-se no período de esplendor, entre 40 e 60 d.C. (nº 87): os fragmentos são pequenos e contêm apenas pequenos troços decorativos: um deles contém um animal integrado em ornato vegetal (*rinceau*), balizado por cordões de óculos; o outro, um ornato vegetal do mesmo tipo com folha larga, encimado por cordão de óculos.

Cinco exemplares datam-se entre 40 e 80 d.C., ou seja, nos períodos de esplendor e transição:

- 4 deles possuem um esquema que integra a Cruz de Santo André, em 3 casos (nº 88), e que num quarto caso alterna com medalhão que contém um sátiro (nº 89);
- um quinto exemplar possui friso superior com imbricaturas e friso principal com cabeça de animal.

Um exemplar situa-se no período de transição (60-80 d.C.) e contém um pequeno troço com festões espiralados que alternam com *juga* em ponta de seta.

### Drag. 30

Ritterling (1912), Oswald e Pryce (1920) e Passelac e Vernhet (1993) são coerentes no estabelecimento de dois subtipos, Drag. 30a e 30b, com o ano 40 do século I d.C. a separar as duas formas (Passelac; Vernhet, 1993, p.573-574), sendo que a primeira nascerá em 10 d.C. e a segunda deverá desaparecer por volta de 110 d.C..

Oswald e Pryce (1920, p.86 e 93) situam no período cláudio-neroniano o pico da sua produção, tornando-se menos frequente na época flávia. Esta afirmação tem a seu favor a inexistência de Drag. 30 na Caixa de Pompeia (Atkinson, 1914) e no naufrágio de Cala Culip IV (**ver anexo 2, tabela 50**), situados nos finais da década de 70 do século I; bem como na estratigrafia de Ampúrias, onde este tipo conta com apenas 5 exemplares em Nero, nenhum em Domiciano, e é “residual” na primeira metade do século II (**ver anexo 2, tabela 12**). Por outro lado, a estratigrafia da calçada do século I, em La Graufesenque (**ver anexo 2, tabela 6**) estabelece um pico produtivo nas primeiras 3 das 4 unidades do período entre 60 e 90 d.C., o que parece estender um pouco pela época flávia o pico produtivo da forma. Como explicar então a diferença entre esta estratigrafia e o naufrágio de Cala Culip IV, os dois contextos citados, estatisticamente mais representativos? Penso que poderemos estar perante dois contextos que claramente espelham vectores de produção / comércio distintos, ou seja, a lixeira de La Graufesenque ser abastecida por oleiros que não estão representados no naufrágio tarraconense, nem no depósito comercial de Pompeia, ou estas serem mesmo áreas de menor aquisição desta forma nesta época.



Em Chãos Salgados, a Drag. 30a está representada por um único exemplar, de moldura roletada, feito com verniz 2 e medindo 169mm de diâmetro.

Existem 68 exemplares da Drag. 30b (n<sup>os</sup> 90, 91, 92 e 94), que nunca possui o bordo esvasado assinalado por Oswald e Pryce (1920, p.86 e 93).

Nos valores dos diâmetros da Drag. 30b de Chãos Salgados ocorre uma evidente concentração entre 110 e 149mm; quanto aos vernizes, ocorre novamente um primado do verniz 3 (ver figs. 63 e 64).

Escalão	Exs.
91mm	1
100-109mm	2
110-119mm	4
120-129mm	9
130-139mm	4
140-149mm	8
150-159mm	2
160-169mm	1
170-179mm	1
180-189mm	1
197mm	1

Figura 63 - Chãos Salgados. TSSG.  
Diâmetros de bordo da Drag. 30.

Verniz	Exs.
1	2
2	21
3	45

Figura 64 - Chãos Salgados. TSSG.  
Frequências de vernizes na Drag. 30.

Definiram-se os períodos e respectivos temas, dos quais se deduz um primado dos períodos de esplendor e transição, entre 40 e 80 d.C. :

- 40-50 d.C. (3 exemplares; n<sup>o</sup> 98)
  - o óvulos
  - o cordão de óculos
  - o ornato vegetal (*rinceau*)
- 40-70 d.C. (6 exemplares: n<sup>os</sup> 92, 94 e 96)
  - o óvulos
  - o ornato vegetal (*rinceau*)
  - o ornato vegetal (*rinceau*) + imbricaturas
  - o arcatura com figura humana
- 40-80 d.C. (14 exemplares; n<sup>os</sup> 95, 97, 99, 101 e 102)
  - o ornato vegetal (*rinceau*)
  - o ornato vegetal (*rinceau*) + imbricaturas
  - o felino em cena (de caça?)
  - o cruz de Santo André
  - o arcatura com animal
  - o metopada: figura humana e arcatura com animal; animal e imbricaturas
- 40-100 d.C. (7 exemplares)
  - o óvulos
- 50-70 d.C. (1 exemplar)
  - o óvulos
- 50-80 d.C. (1 exemplar: n<sup>o</sup> 93)
  - o óvulos
  - o arcaturas

- 50-100 d.C. (1 exemplar)
  - o óvulos
- 60-80 d.C. (3 exemplares; n°s 100, 104 e 105)
  - o cruz de Santo André(?) e sátiro (?)
  - o submétopas com figura mitológica
  - o arcaturas com figura humana
- 60-100 d.C. (1 exemplar; n° 103)
  - o metopada: cruz de Santo André + imbricaturas + figura humana
- 70-80 d.C. (5 exemplares)
  - o óvulos
  - o cruz de Santo André
  - o animal em cena
- 70-100 d.C. (1 exemplar)
  - o óvulos

### Drag. 37

Os dados estratigráficos mais antigos deste tipo são conhecidos em Hofheim, na época de Nero, onde se registou 5 exemplares (Ritterling, 1912, p.231). Na área germânica, a forte percentagem de Drag. 37 em sítios fundados antes de 73-74 d.C. (**ver anexo 2, tabela 10**) é um outro indício da sua comercialização escassa em época tardo-neroniana (Haalebos; Mees; Polak, 1991, p.88). Neste aspecto destacam-se igualmente os níveis de incêndio de Baden e Zwammerdam, em 69 d.C. (Pferdehirt, 1986, p.250; Mees, 1995, p.58). A sua comercialização vai aumentando de intensidade ao longo da época flávia, como abordámos já aquando da discussão *supra* sobre a Drag. 29.

Contudo, nos níveis cláudio-neronianos de Narbonne e da fossa 9003 de Soumaltre, a Drag. 37 está ausente (**ver anexo 2, tabelas 7 e 9**).

Na calçada do século I em La Graufesenque (**ver anexo 2, tabela 6**) surgem 8 exemplares de Drag. 37 na década de 50 e todo o restante espólio pertence claramente ao período entre 60 e 100 d.C..

A estratigrafia de Ampúrias (**ver anexo 2, tabela 12**) comprova a continuidade do seu comércio na área catalã, na primeira metade do século II, a par das Drag. 18 e 27, estas duas ausentes no depósito da *villa* de St.-Bézar (Aspiran-Hérault), na costa mediterrânica francesa, onde apenas a Drag. 37 está bem representada, seguida à distância pela Drag. 35/36 (**ver anexo 2, tabela 11**).

Passelac e Vernhet (1993, p.574) distinguem cronologicamente a Drag. 37 em *a* e *b*, datando a primeira entre 60 e 100 d.C. e a segunda entre 100 e 150 d.C..

Esta proposta cronológica não parece ter cabimento no espólio de Chãos Salgados, onde em 23 bordos, apenas 2 são de Drag. 37a (n° 106), e 21 são de 37b (n°s 107 e 108) e não é plausível pensar, pela ausência de *terra sigillata* sudgálica em estratigrafia da primeira metade do século II, que haja um primado desta forma nesta época tão recente, o que tornaria os dados de Ampúrias (**ver anexo 2, tabela 12**) extensíveis à costa ocidental peninsular.

Além disso, os diâmetros de bordo mensuráveis fornecem um padrão distributivo semelhante ao do naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.) onde há valores entre 118 e 277mm, com uma maior concentração entre 140 e 239mm, não havendo uma medida preferida (Nieto; Puig, 2001, p.38-39, autores que têm assim uma posição contrária à de Mees, 1995, p.25, defensor de uma padronização dos valores). Os valores de Chãos Salgados situam-se entre 128 e 243mm (**ver fig. 65**).

Acresce ainda que, em Ampúrias, a Drag. 37b surge já nos níveis domicianos, subentendendo-se do texto que será maioritária nesta época

Escalão	Exs.
128-129mm	2
130-139mm	0
140-149mm	1
150-159mm	1
160-169mm	3
170-179mm	1
180-189mm	2
190-199mm	2
200-209mm	2
210-219mm	3
220-229mm	0
230-239mm	2
243mm	1

Figura 65 - Chãos Salgados. TSSG. Diâmetros de bordo da Drag. 37.

em face da Drag. 37a, e possui dois grupos métricos – 150-180 e 200-280mm - (Aquilué; et Al., 2005, p.211).

O faseamento dos fragmentos decorados de Chãos Salgados indica também um primado da época de transição e parte da de decadência, ou seja, um âmbito cronológico entre 60 e 100 d.C.:

- 60-80 d.C. (6 exemplares: **nºs 112 e 115**)
  - o óvulos
  - o figura mitológica
  - o metopada, com motivo vegetal no interior
- 60-100 d.C. (12 exemplares: **nºs 109, 110 e 111**). Deste período consta 1 exemplar em estratigrafia.
  - o óvulos
  - o grinalda bifoliada (**nº 677, contexto 6, flávio**)
  - o cruz de Santo André alterando com medalhão com Cupido
  - o cena com animais separados por *flabellum*
  - o ornato vegetal (*rinceau*) conjugado com animais (aves), sobre grinalda
- 70-100 d.C. (5 exemplares: **nº 113**)
  - o óvulos
  - o festão com ave no interior
- 80-100 d.C. (1 exemplar: **nº 114**)
  - o metopada: sátiro e ave com *flabellum*

Por último, os vernizes aplicados na Drag. 37 são sobretudo do tipo 3 (ver fig. 66).

Verniz	Exs.
1	1
2	9
3	29

Figura 66 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências de vernizes na Drag. 37.

Período	Exs.
40-100 d.C.	6
40-60 d.C.	22
40-70 d.C.	6
40-80 d.C.	29
60-80 d.C.	24
70-80 d.C.	2
70-100 d.C.	16
80-120 d.C.	6

Figura 67 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências cronológicas dos bojos de Drag. 29 ou 37.

### Drag. 29 ou 37

O conjunto de 111 fragmentos de bojo decorados aponta igualmente para um primado dos períodos de esplendor e transição (ver fig. 67).

Os temas presentes em cada período definido são os seguintes:

- 40-100 d.C.
  - o óvulos mal conservados
- 40-60 d.C. (**nºs 120 e 122**)
  - o ornato vegetal (*rinceau*)
  - o astrágalos
- 40-70 d.C.
  - o óvulos com lingueta de terminação em flor ou roseta
  - o grinalda bifoliada

- 40-80 d.C. (nº 121)
  - o óvulos
  - o ornato vegetal (*rinceau*) – um exemplar exíguo provém **contexto 2**, datado do século II ou possivelmente da sua primeira metade)
  - o cruz de Santo André
  - o *flabellum*
  - o figurativa: ave, animal indefinido
  
- 60-80 d.C. (nºs 117, 118, 119, 123, 124, 128 e 809)
  - o óvulos
  - o métopa com felino
  - o submétopas com folhagem
  - o medalhão com Cupido + cruz de Santo André
  - o ornato vegetal (*rinceau*) + animal (cão)
  - o ornato vegetal (*rinceau*)
  - o grinalda bifoliada
  - o grinalda trifoliada
  - o festão
  - o estilo livre: animal e arbusto, felino, ave, arbusto com romãs
  - o ornato vegetal (*rinceau*) com imbricaturas
  - o ornato vegetal (*rinceau*) com imbricaturas + figura humana
  - o cruz de Santo André + figura humana
  
- 70-80 d.C.
  - o óvulos com lingueta de terminação tridente
  - o cruz de Santo André + ornato vegetal
  
- 70-100 d.C. (nºs 113, 125, 810, 811, 674 – este último pertence ao **contexto 38**, flávio)
  - o métopas sob animal em corrida (javali), ou sob *flabellum* com animal em corrida
  - o métopa com figura humana
  - o animal em corrida sobre *flabellum*
  - o óvulos com lingueta de terminação tridente
  
- 80-100 d.C. (nº 116)
  - o friso de festões espiralados com linguetas tridentes
  
- 80-120 d.C. (nºs 126 e 127)
  - o submétopas com sátiro, ave
  - o sátiro + motivo vegetal
  - o figura humana + motivo vegetal

Apenas 9 exemplares possuem verniz do tipo 2, enquanto que o verniz 3 surge em 101 exemplares.

### 3.2.3. Marcas

**Bassus i (nºs 129 e 130)** – Trabalhou em La Graufesenque (Bémont, 1976, p.22; Polak, 2000, p.177), mas também em Boucheperon, Carrade e Lezoux (Bémont; Bourgeois, 1986, p.279). A cronologia tibério-vespasiânica é defendida por Bémont (1976, p.22) e Hofmann (s.d.), mas Polak (2000, p.177) situa o início da actividade por volta de 45 d.C., tendo uma produção predominantemente cláudio-neroniana, com fim em 70 d.C.. Está contudo presente na fossa de Fronto (15-35 d.C.), em La Graufesenque, o que antecipa o seu início para a cronologia proposta por Bémont (Genin; Rascalou, 2004, p.151 e 153; Genin; et Al., 2007, p.262-269). Surge na fossa 9003 de Soumaltre – 50/70 d.C. – (Genin; Rascalou, 2004, p.151 e 153); em La



Nautique e na Coleção Bouscaras (Narbonne) – Nero – (Fiches; Guy; Poncin, 1978; Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10), mas não surge em Cala Culip IV – Vespasiano – (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197).

**Crestus ou Crestio (nº 131)** – Trabalhou em La Graufesenque (Bémont; Bourgeois, 1986, p.281), e está datado em Cláudio-Vespasiano por Oswald (1931) e em Nero-Vespasiano por Bémont (1976, p.33 e 37). Hofmann (s.d.) propõe cronologia entre 40 e 90 d.C..

Polak (2000, p.213-6) data este oleiro entre 50 e 110 d.C. e não aceita a proposta de Hartley e Dickinson (*Idem*) da existência de um oleiro *Crestio*, pré-flávio, e de um oleiro *Crestus*, pós-70 d.C.; duvida igualmente que o nome *Crestus* tenha existido em La Graufesenque e aponta a Itália como provável origem do punção *Chrestus*, opondo-se a Oswald (1931) e Bémont (1976, p.33 e 37).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data o oleiro *Chrestus* entre 50 e 100 d.C., no contexto produtivo de La Graufesenque, embora ele não surja em nenhum dos contextos estratigráficos publicados, e o oleiro *Crestus* ou *Crestio* entre 50/60 e 150/170 d.C. Esta cronologia tão extensa que abarca a primeira metade do século II deve-se à sua presença no depósito do grande forno, cuja cronologia alcança, pelo menos, as duas primeiras décadas do século II (Vernhet, 1981). Outros oleiros presentes em Chãos Salgados, presentes igualmente neste contexto tardio de La Graufesenque, podem assim ter uma cronologia de produção possivelmente mais extensa: *lucundus*, *Masculus*, *Mercator*, *Primulus*, *Primus*, *Sabinus* e *L. Cosius Virilis* (ver textos *infra*).

Na época neroniana, está presente em La Nautique e na Coleção Bouscaras (Narbonne) (Fiches; Guy; Poncin, 1978; Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10), bem como em *Lepida-Celsa*, no nível 6-7, sob a forma OF CRES (Beltrán-Lloris; et Al., p.297).

Os trabalhos sobre o naufrágio de Cala Culip IV - 78-82 d.C. – (Nieto; Puig, 2001, p.25) e de Mees (1995, p.74-75) incidiram igualmente sobre as diferenças entre as marcas de *M. Crestio* e *Crestio*, já que o primeiro caso surge apenas enquanto oleiro decorador, tendo trabalhado em todo o leque de formas decoradas, sobretudo Drag. 37, 29 e 30, e raramente em Knorr 78, e não havendo qualquer marca em formas lisas. Nas formas lisas surgem então as marcas *Cresti* ou *Crestio*. Ambos aceitam que sejam a mesma pessoa. Nieto e Puig (2001, p.25) datam entre 75 e 100 d.C., enquanto que Mees (1995, p.74-75) data-o entre 80 e 110-130 d.C..

**lucundus i e ii (nºs 132-134)** – Trabalhou em La Graufeseque e Montans (Bémont; Bourgeois, 1986, p.282) na época cláudio-flávia, segundo Oswald (1931), podendo recuar a Tibério (Knorr, 1952, fig.XXIV; Bémont, 1976, p.46). Surge em contextos tibérios como Velsen 1 (Polak, 2000, p.242); na fossa 9003 de Soumaltre – 50/70 d.C. – (Genin; Rascalou, 2004, p.151 e 153); em La Nautique (Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.216) e no nível 7 de *Celsa-Lepida* (Beltrán-Loris; et Al., p.297) – Nero –, e em níveis flávios de Corbridge e Watercrock (Polak, 2000, p.262). Polak (2000, p.262) propõe a existência de dois oleiros sucessivos: *lucundus i*, entre 40 e 70 d.C., e *lucundus ii*, entre 70 e 100 d.C.. O primeiro teria textos em nominativo (IVCVND) e o segundo utilizaria a expressão *officina*, seguida de genitivo (OF IVC). O naufrágio de Cala Culip IV (78-82 d.C.) valida esta teoria, já que a marca IVCVND é rara e a marca OF.IVCVNDI é predominante (Nieto Prieto et Al., 1989, p.197). Neste sentido, Mees (1995, p.80) considera que a *officina* deste oleiro terá sido fundada em época nero-flávia.

Nieto e Puig (2001, p.26) pensam que este oleiro não deve ultrapassar o ano 80 d.C., mas uma marca atribuível a *lucundus* surge nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215).

Genin et Al. (2007, p.262-269) consideram a existência de *lucundus IA / IB* e *II*, datando o primeiro entre 15/10 a.C. e 70 d.C., e o segundo entre 70/80 e 150/170 d.C..

**lulius Upus (nº 135)** - O único paralelo para este oleiro é a fossa 9003 de Soumaltre – 50/70 d.C. – (Genin; Rascalou, 2004, p.151 e 153, fig.142, nº2 e fig.150, nº26), onde surge num fundo de Drag. 29, cuja decoração de ornatos vegetais (*rinseau*) se aproxima ainda do período primitivo (20-40 d.C.). A grafia do exemplar de Soumaltre (cartela rectangular de lados curtos arredondados) apresenta algumas semelhanças no tamanho das letras, embora as mesmas possuam hastes mais pronunciadas do que as letras do exemplar de Chãos Salgados. Além disso, o exemplar de Soumaltre enuncia *IVPIMA*, com nexos entre o M e o A, lendo-se *I(ulii) VPI MA(nu)*, “pela mão de *lulius Upus*”. Pensamos que o exemplar de Chãos Salgados, um fundo de tigela, datar-se-á da mesma época, apesar de o oleiro já se identificar como dono de uma oficina: *OF(ficina) I(ulii) VPI A*. No nosso entender, o A final, sem haste representa o seguinte

erro: o oleiro, possivelmente mais habituado a especificar *Ma(nu)* no final e não *OF(icina)* no início, ter-se-á enganado e grafou a segunda parte da geminação *MA*.

Tendo em conta que as expressões *manus* e *officina* tornam-se muito importantes em La Graufesenque, a partir da década de 40 (Polak, 2000, p.146), e a cronologia estratigráfica e estilística do exemplar de Soumaltre, pensamos poder datar este oleiro entre 40 e 70 d.C.. O sua fraca divulgação não contradiz em absoluto a teoria de Polak (2000, p.146), para quem o termo *officina*, segundo os dados de Vechten, estaria relacionado sobretudo com os oleiros de grande produtividade, mas não exclusivamente.

**Labio (nº 136)** – Trabalhou em La Graufesenque, Banassac e Lubié (Bémont; Bourgeois, 1986, p.282). Oswald (1931) data-o de Cláudio-Nero; enquanto Polak (2000, p.249), a ver pelos dados de Velsen 1, recua o início a Tibério; além disso, surge em sítios de raiz flávia como Chester ou York, pelo que a sua actividade pode estender-se até esta época, embora não surja em Cala Culip IV (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197), mas exista uma marca, *OF.LABIONIS*, nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215). Pensamos, por isso, que o seu fim possa situar-se na transição para Domiciano.

Surge em níveis cláudios de *Baetulo* (Comas; et Al., 1994, p.90 = Madrid Fernández, 1999, p.151, tabela 3).

Esta cronologia de século I não se conjuga com a hipótese de ter trabalhado em Banassac, pelo que o oleiro deste centro deve ser um outro.

Está bem representado em Hofheim, e consta também em La Nautique e na Colecção Bouscaras, em Narbonne, na época de Nero (Polak, 2000, p.249; Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10), e na fossa 9003 de Soumaltre – 50/70 d.C. – (Genin; Rascalou, 2004, p.151 e 153).

Genin et Al. (2007, p.262-269) datam-no entre 30/40 e 70 d.C., o que antecipa o seu início.

**Libertus (nº 137)** – Trabalhou em La Graufesenque, Lezoux, Lubié e Les Martres-de-Veyre (Bémont; Bourgeois, 1986, p.282). Oswald (1931) data-o em Cláudio-Nero, enquanto Polak (2000, p.251-2) situa o fim em 70 d.C., embora o considere essencialmente pré-flávio. Não está presente em Culip IV – 78/82 d.C. - (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197).

Genin et Al. (2007, p.262-269) datam-no entre 70/80 e 100/110 d.C., pois este oleiro só está representado por 3 marcas, todas elas na fossa de *Bassus*, o que parece, em nosso entender, tratar-se de material residual, posterior à cronologia de produção e comércio do oleiro, verificada nos dados dos centros de consumo referidos.

**Maccarus (nºs 140-143)** – Trabalhou em La Graufesenque (Oswald, 1931, p.173; Bémont; Bourgeois, 1986, p.283; Hofmann, s.d.), tendo sido um dos seus principais oleiros (Polak, 2000, p.256).

Data-se de Tibério-Nero (Oswald, 1931, p.173), embora Polak (2000, p.256) defenda o fim em Vespasiano. Este último autor data o auge da sua produção em meados do século I, baseado nas decorações das Drag. 29. Genin et Al. (2007, p.262-269) datam-no entre 15/10 a.C. e 60/70 d.C., pelo que terão existido pelo menos dois oleiros homónimos.

**Masculus i (nº 144)** – Segundo Bémont (1976, p.51), trabalhou em La Graufesenque. Data-se de Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931), tendo existido um segundo oleiro com o mesmo nome, em Domiciano (Oswald, 1931; Polak, 2000, p.263). O primeiro oleiro surge na fossa de *Cirratu*, pelo que a sua cronologia pode recuar a Tibério, segundo Polak (2000, p.263-4); este autor defende também uma actividade até aos anos 70 d.C.. Surge no depósito cláudio de Vienne (Godard, 1992, p.242) e na Colecção Bouscaras (Narbonne) – Nero – (Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10).

Os dados posteriores aos anos 70 são raros: uma marca *OF MASCVL* surge na fossa 79 – datada de Domiciano/Trajano - (Vernhet, 1981, p.32-34), a par do oleiro *L. Tertius Masculus*, com 726 exemplares; a marca *OF MASCL[VS]* surge nas UEs 5 e 1, da calçada do século I de La Graufesenque, datadas nas décadas de 50 e 90, respectivamente (Farine, 1996, fig.38).

Pensamos assim, que o fim possa situar-se em inícios de Domiciano.

Para Mees (1995, p.85), *Masculus* e *L. Tertius Masculus* são a mesma pessoa, mas deixa claro que os nomes *Mas-* (i e ii), *Masclinus* e *Masclus* são pessoas diferentes, pois as marcas e as decorações são distintas. Já Polak (2000, p.262) distingue *Masculus* de *Masclinus*, mas não de *Masclus*.

Genin et Al. (2007, p.262-269) datam-no entre 20/30 e 70/80 d.C..

**Mercator (n°s 145 e 146)** – Oswald (1931) e Bémont (1976, p.52) situam-no em La Graufesenque e Banassac, embora posteriormente seja apenas considerado de La Graufesenque (Bémont; Bourgeois, 1986, p.283). Oswald (1931) propõe cronologia domiciana-trajana, embora um início vespasiano seja mais aceitável (Knorr, 1919, pl.57; Polak, 2000, p.269). Polak considera a existência de vasos Drag. 24/25 de perfil menos cuidado, posteriores a 70 d.C., com a sua marca, e propõe *terminus* por volta de 100 d.C., embora ainda surja na fossa 79 – 80/120+ d.C. - (Vernhet, 1981, p.34), o que condiz com a tese de Oswald. As suas marcas surgem sobretudo em nominativo, geralmente abreviado - MERCATO, MERCA e MERC - e poucas vezes em genitivo (Polak, 2000, p.270), o que seria indicador de uma cronologia mais alta.

Genin et Al. (2007, p.262-269) datam-no entre 70/80 e 150/170 d.C..

**Mommo (n°s 147 e 148)** – Trabalhou em La Graufesenque (Bémont, 1976, p.53-55; Bémont; Bourgeois, 1986, p.283) durante Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931; Hofmann, s.d.). Por surgir em níveis de combustão de *Camulodunum*, datados de inícios dos anos 60 d.C., e em contextos domicianos, Polak (2000, p.273-4) data-o entre os anos 50 e Domiciano, o que condiz com a sua presença na UE 3 (60-90 d.C.) da calçada do século I de La Graufesenque (Farine, 1996, fig. 38). Mees (1995, p.88) data este oleiro entre 70 e 90 d.C. e o seu auge, antes de 79 d.C., sendo mesmo o principal oleiro de uma das listas de fornada conhecidas em La Graufesenque.

É provável que as 7 marcas MO presentes em La Nautique – Nero – se refiram a este oleiro (Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.192), já que surge também na Colecção Bouscaras, de níveis contemporâneos na mesma cidade de Narbonne (Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10). Mees (1995, p.87, 88 e nota 631) defende igualmente a atribuição a *Mommo* das marcas OF MO e critica assim a atribuição a *Modestus* feita por Atkinson (1914, p.30), na Caixa de Pompeia. Contudo, conhece-se um exemplar decorado por *Modestus*, com marca de fundo de *Mommo*, pelo que ambos os oleiros mantiveram uma estreita relação.

Segundo Mees (1995, p.88), o grafito OF MOM das Drag. 29 poderá ser mais antigo do que a marca *intra*-decorativa OF MO das Drag. 37 e 30, mas o facto de ambas surgirem na Caixa de Pompeia relativiza a proposta.

Surge em níveis neronianos de *Celsa-Lepida* – níveis 7 e 8 -, sob a forma O MO e OF MO[...] (Beltrán-Lloris; et Al., p.297); no naufrágio de Cala Culip IV – 78/82 d.C. - (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197), na Caixa de Pompeia (Atkinson, 1914; Dzwiza, 2004).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data-o entre 60/70 e 100/110 d.C..

**Murranus (n° 149)** – Trabalhou em La Graufesenque e La Madeleine, entre Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931; Bémont, 1976, p.55; Bémont; Bourgeois, 1986, p.283). Polak (2000, p.276) defende o início da sua actividade em Tibério, a partir da presença em Velsen 1, e postula um fim em Nero, apesar de surgir ainda em sítios flávios.

Produziu moldes para Drag. 29, estilisticamente de meados de século I d.C. (Polak, 2000, p.276) e usou punções em comum com *Modestus* (Mees, 1995, p.88).

É um dos oleiros mais importantes do depósito de Cluzel 15 – 55-60 d.C. - (Mees, 1995, p.60). Uma marca em La Nautique – Nero – pode pertencer-lhe (Fiches; Guy; Poncin, 1978, fig.4, n°87). Outra marca, com OF.MVRRANI, surge nos níveis neronianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.209).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data-o entre 30/40 e 70/80 d.C..

**Murrus e Mur- (n° 150)** – O oleiro *Murrus* trabalhou em La Graufesenque durante Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931, p.241; Bémont, 1976, p.283).

Mees (1995, p.88-89) coloca em causa o desenvolvimento da marca OF MVR para um oleiro de nome *Murrus*, pois considera não haver provas. Considera que estas marcas deverão ser atribuídas a um oleiro de nome provisório *Mur-*, datável entre 70 e 90 d.C., e distinto de *Murranus*, cujos moldes são usados na própria oficina, e com uma decoração diversa da de *Mur-*. Dzwiza (2004, p.431) opta igualmente por denominar como MVR-, os 34 grafitos *intra*-decorativos em Drag. 29, presentes na Caixa de Pompeia.

**Nícus (n°s 153-155)** – Oswald (1931) refere-o em La Graufesenque e Montans, durante Nero e Vespasiano. Surgem 4 marcas no naufrágio de Cala Culip IV – 78-82 d.C.: 1 marca de F NICI, em Drag.27, e 3 marcas de F NICIO, em Drag.24/25 (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197).

**Passenus 5a (n<sup>os</sup> 156-160)** – À semelhança de Oswald (1931, p.228), Bémont (1976, p.57) data o oleiro *Passienus* ou *Passenus* de Nero-Vespasiano e situa-o em La Graufesenque, posição também defendida por Hofmann (s.d.). Polak (2000, p.282) estende a sua cronologia até à década de oitenta - a ver pela sua presença em Chester, Nijmegen e York - e Mees (2005, p.315) data-o entre 55 e 90 d.C.. Contudo, este oleiro não surge na fossa 79 (Vernhet, 1981). Embora não surja em La Nautique (Guy; Fiches; Poncin, 1978), está muito bem representado num contexto neroniano de *Vitudorum-Oberwintherthur*, na Suíça (Ebnother, Mees, Polak, 1994, p.129, nota 7; Mees, 1994, p.21). Surge em Cala Culip IV – 78-82 d.C. -, com 34 marcas sobre Drag. 29 e 1 em Drag. 37 (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.197; Nieto; Puig, 2001, p.27).

A marca publicada por Bémont (1976, p.57) condiz com a grafia e o texto dos exemplares de Chãos Salgados, escritos em cursivo: genitivo PASSENI seguido da geminação MA(nus). Corresponde à marca *Passenus* 5a, mais recente do que a marca *Passienus* 42b (na nomenclatura de Mees, 2005) já que a primeira é muito comum em sítios de fundação flávia e a segunda nunca surge em sítios de fundação flávia. A marca flávia, aquela que está presente em Chãos Salgados, representa o auge comercial deste oleiro (Mees, 2005, p.315-316 e 318-319, na sequência de Knorr, 1919, p.66). É esta marca que está presente no referido naufrágio de Cala Culip IV.

Genin et Al. (2007, p.262-269) data o oleiro *Passienus* entre 50/60 e 100/110 d.C..

**Pater (n<sup>os</sup> 161-162)** – Oleiro de La Graufesenque, em Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1931; Bémont, 1976, p.57), trabalhou igualmente em Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Saint-Saturnin (Bémont; Bourgeois, 1986, p.284).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data-o entre 15/10 a.C. e 15 d.C.. A aceitar esta discrepância entre os dados estratigráficos dos centros de consumo e do centro produtor, poderemos estar perante a existência de dois oleiros homónimos, sem existir sequer um nexa cronológico entre eles.

**Primulus (n<sup>os</sup> 163-164)** – Segundo Bémont e Bourgeois (1986), trabalhou em La Graufesenque, Montans e Lezoux. Polak (2000, p.295) acrescenta Espalion, defendendo que houve um oleiro de Montans, mais antigo, e um segundo de La Graufesenque e Espalion, mais recente, embora não especifique; refere ainda um terceiro oleiro de Banassac, no século II. Oswald (1931) e Hofmann (s.d.) datam um só oleiro de Cláudio-Nero. Polak (2000, p.296) propõe cronologia nero-flávia, pois surge em Corbridge, teoria reforçada pelo naufrágio de Cala Culip IV – 78-82 d.C. -, que contém 11 exs. de Drag. 18 (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.197).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data-o entre 60/70 e 150/170 d.C., o que parece ir de encontro à percepção de Polak, acima referida.

**Primus (n<sup>o</sup> 165)** – Bémont (1976, p.60), Oswald (1931) e Hofmann (s.d.) propõem cronologia cláudio-vespasiânica, com sede em La Graufesenque e Montans. Bémont e Bourgeois (1986, p.284) acrescentaram Avocourt, Carrade, La Graufesenque, Jonquières, Montans, Le Rozier, Saint-Saturnin, Terre-Franche e Valèry.

Polak (2000, p.296-297) propõe vários oleiros homónimos, já que surgem 114 marcas em Vechten, entre 20 e 80 d.C., datando-se do terceiro quartel do século I d.C. e de épocas anteriores que o autor não especifica. Os esquemas decorativos de *Primus* datam-se de 70-85 d.C. e a sua heterogeneidade é um argumento para a existência de vários oleiros homónimos (*Idem*), posição que segue a de Mees (1995, p.29). Está presente no depósito cláudio de Vienne (Godard, 1992, p.242), em La Nautique e na Colecção Bouscaras (Narbonne), no nível 7 de *Celsa-Lepida* – Nero – (Fiches; Guy; Poncin, 1978; Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10; Beltrán-Lloris; et Al., p.297), e Cala Culip IV – 78-82 d.C. - (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197); uma datação ligeiramente posterior a Vespasiano pode ser corroborada pela sua presença na fossa 79 (Vernhet, 1981, p.34).

Uma marca de *Primus*, associado a *Scottius*, surge nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215).

Na calçada do século I de La Graufesenque, surge nas UEs 4 e 3, datadas entre 60 e 90 d.C. (Farine, 1996, fig. 38).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data dois oleiros, *Primus* I e II, em 15-70 d.C. e 70/80-150/170 d.C.(?), respectivamente.



**Rufinus (nº 166)** – Bémont e Bourgeois (1986, p.284) situam este oleiro em La Graufesenque, Montans e Heilingenberg. Oswald (1931), Bémont (1976, p.66) e Hofmann (s.d.) datam-no de Nero-Domiciano.

Consta da Coleção Bouscaras (Narbonne) – Nero – (Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10); surge em contextos vespasianos como Cala Culip IV e a Caixa de Pompeia (Nieto Prieto; et Al., 1989, p.197; Atkinson, 1914; Dzwiza, 2004, p.442-444) e na fossa 79 de La Graufesenque, domiciana-trajana (Vernhet, 1981, p.34). Uma marca de *Rufinus*, associado a *Cosius*, surge nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data dois oleiros, *Rufinus* – G (---) e *T. Rufinus*, entre 60/70 e 100/110 d.C.(?).

**Sabinus (nºs 167-169)** – Oswald (1931) data-o de Nero-Vespasiano. Bémont e Bourgeois (1986, p.284) situam-no em Chémery, La Madeleine, Montans, Les Martres-de-Veyre e Le Rozier, excluindo La Graufesenque. Na esteira de Oswald (1931), Polak (2000, p.313) defende a existência de vários oleiros homónimos (*Flavius Sabinus* e *L. S. Sabinus* em tipos lisos; *C.(aius) I.(ulius) SA.(binus)* em tipos decorados), atribuindo vários a La Graufesenque, e data-os da segunda metade do século I d.C..

Em Vechten, todos os punções estão em *cognomen* e datados de 45-100 d.C.; no entanto, Polak distingue cronologicamente punções com letras mais regulares (50-80 d.C.) de outros mais irregulares (65-100 d.C.). Este autor distingue igualmente a cronologia dos moldes deste oleiro: um, datado de 50-80 d.C., para Drag. 30 e Hermet 15; outro, não especificado, datado de finais do século I d.C..

Mees (1995, p.93) distingue *Sabinus* i, ii e iii, com diferentes estilos decorativos, mas deixando claro que podem não possuir cronologias diferentes e ser uma única pessoa. Contudo, propõe uma cronologia de 50-70 d.C. para *Sabinus* i e 90-120 d.C. para *Sabinus* ii e iii, não esclarecendo o hiato entre eles.

Genin et Al. (2007, p.262-269) aceita igualmente a existência de três oleiros homónimos e data-os em 15/10 a.C.-15 d.C., 50-100/110 d.C., e 70/80-150/170 d.C..

*Sabinus* surge em La Nautique e na Coleção Bouscaras (Narbonne) – Nero – (Fiches; Guy; Poncin, 1978, p.192; Sanchez; Silvéreano, 2005, fig.10), Cala Culip IV -78-82 d.C.- (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.197) e na fossa 79 - 80/120 d.C. - (Vernhet, 1981, p.34).

Uma marca de OF. SA surge na UE 3, da calçada do século I de La Graufesenque, datada entre 60 e 90 (Farine, 1996, fig. 38). Outra, de OF. SABIN[ surge nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215).

**Silvinus ii (nºs 170-171)** – Trabalhou em La Graufesenque, Chémery, Eincheville, Lezoux e Les Martres-de-Veyre, durante Cláudio e Domiciano (Oswald, 1931, p.302; Bémont ; Bourgeois, 1986, p.285; Hofmann, s.d.).

Polak (2000, p.336 e 337) data o oleiro *Silvinus* entre 30 e 95 d.C., mas, com base na enorme distinção gráfica entre as marcas mais antigas e as mais recentes, propõe a existência de dois oleiros, o primeiro entre Tibério e Nero – está presente em La Nautique, contexto neroniano com a marca OF SILVIN (Fiches; Guy; Poncin, 1978, fig.4, nº80) -, e o segundo na época flávia, embora os perfis de algumas peças denunciem um início por volta de 65 d.C..

Apesar da marca OFS[ já ser usada por *Silvinus* i, uma análise das marcas de Vechten leva-nos a pensar, pese embora as diferenças de tamanho das duas marcas de Chãos Salgados, que ambas pertencem a *Silvinus* ii, oleiro que usou tanto a expressão OFSILVINI, quanto a de SILVINIMA. As marcas de *Silvinus* i, presentes em Vechten parecem possuir dimensões maiores (Polak, 2000, p.337).

Genin et Al. (2007, p.262-269) data o oleiro *Silvinus* ii entre 70/80 e 150/170 d.C..

**L. C. Virilis (nºs 138-139)** – Trabalhou em La Graufesenque, segundo Bémont e Bourgeois (1986, p.282 e 286), autores que distinguem, contudo, *L. Cosius* de *Virilis*, à semelhança de Oswald (1931), que o data da época flávia.

Mees (1995, p.98-99) mantém igualmente como indefinida esta relação, já que as decorações não são semelhantes. Propõe um oleiro *L. Cosius*, entre 100 e 130 d.C., e um oleiro *L. Cosius Virilis*, entre finais dos anos 80 e 110 d.C..

Polak (2000, p.348 e 349) propõe a existência de um oleiro *L. C. Virilis*, datado entre 75 e 110 d.C., mas aceitando que corresponde a *Virilis*, quando, por vezes, usa apenas o *cognomen*. Baseia-se essen-

cialmente na fossa 79 de La Graufesenque, datada entre 80 e 120 d.C., segundo Vernhet (1981, p.34), onde surgem *Virilis* e *L. Cosius Virilis*, bem representados (juntamente com *Cosius Rufinus* perfazem 94 exemplares.) e onde surge igualmente um oleiro *L. Cosius*, com 30 exemplares de Drag. 37, sendo que a decoração de alguns destes vasos ilustra a vitória de Trajano sobre os Partos, em 116 d.C., o que torna este oleiro um pouco mais tardio, na esteira de Mees (1995).

Genin et Al. (2007, p.262-269) estendem a cronologia proposta para este contexto e datam-no entre 70/80 e 150/170 d.C..

Uma marca atribuível a *Virilis* surge nos níveis domicianos de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005, p.215).

A marca *L. COS V* surge na UE 1, da calçada do século I de La Graufesenque, datada na década de 90 (Farine, 1996, fig. 38).

**Vitalis ii (n<sup>os</sup> 172 e 173)** – Trabalhou durante Cláudio e Domiciano, em Avocourt, La Graufesenque, Lavoye, Lezoux, Les Martres-de-Veyre, Le Pont-des-Rèmes e Vichy (Bémont, 1976, p.84; Bémont; Bourgeois, 1986, p.284).

Polak (2000, p.353-4) estabelece dois oleiros. *Vitalis i*, entre 45 e 70 d.C. consta na lista de oleiros A1, dos grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque, datada do terceiro quartel do século I d.C.. *Vitalis ii* data-se entre 65 e 110 d.C. e surge em 3 das 4 listas do grupo C de grafitos de pré-cozedura de La Graufesenque, datada de finais do século I d.C. (Polak, 1998, p.115).

*Vitalis* surge em Hofheim e Wiesbaden, pelo que Polak (2000, p.354-8) defende o seu início ainda em época júlio-cláudia, embora seja frequente em sítios ocupados a partir de 80 d.C.. Não surge em La Nautique - Nero - (Guy; Fiches; Poncin, 1978), mas surge nesta época em *Celsa-Lepida* – nível 7 - (Beltrán-Lloris; et Al., p.297); mais tarde surge em Cala Culip IV e na Caixa de Pompeia – finais dos anos 70 d.C. - (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.197; Atkinson, 1914) e na fossa 79 de La Graufesenque – 80/120 d.C. – (Vernhet, 1981, p.34), pelo que Genin et Al. (2007, p.262-269) data o oleiro *Vitalis* entre 50/60 e 150/170 d.C.(?), cronologia extensa que, a ser verdadeira, obrigaria a pensar-se em 3 possíveis oleiros homónimos.

*Vitalis ii* produziu moldes para Drag. 29 e 30, com decorações de época flávia; mas também utilizou moldes de *M. Crestio* (Polak, 2000, p.354-8). Segundo Mees (1995, p.99), a sua actividade enquanto decorador é restrita, em comparação com a sua produção enquanto oleiro de tipos lisos. Este autor invoca a presença deste oleiro numa série de sítios tardios para estender a cronologia até Domiciano-Adriano, tal como Polak.

A grafia das letras, sobretudo dos I e S finais, dos exemplares de Chãos Salgados, é semelhante à dos n<sup>os</sup> V79 e V82 de Vechten (*Vitalis ii*), sendo no segundo caso, as próprias cartelas semelhantes (Polak, 2000, est.25).

**Marcas anepígrafas, iliteratas ou grafomorfas (n<sup>os</sup> 174-178)** - As marcas não textuais são comumente chamadas de anepígrafas (Mees, 1995; Tilhard, 2004), embora este termo se adegue melhor, no nosso entender, às marcas realizadas através da estampagem de roseta. Estas marcas estão datadas por Mees (1995, p.100) entre 100 e 130 d.C., mas são conhecidas no período flávio e posterior, em fundos dos serviços E e sobretudo F, em Poitiers (Tilhard, 2004, p.65) e na UE 2 (60-90 d.C.) da calçada do século I de La Graufesenque (Farine, 1996, fig.25).

As marcas existentes em Chãos Salgados apresentam uma sucessão de várias letras I, seguida ou não da letra M. Para este tipo de marcas preferimos utilizar as denominações de grafomorfas, segundo Carponsin-Martin e Tilhard (2001-2002, p.215), ou de iliteratas (Polak, 2000, p.388).

Este tipo de marcas é considerado flávio por Mees (1995, p.100), autor que revela ainda a existência de alguns poucos dados pré-flávios e que relaciona as decorações existentes, essencialmente nas Drag. 29 vespasianas, com os punções de *Iustus*, pelo que propõe uma cronologia entre 65 e 85 d.C.. Contudo, convém especificar que as marcas tratadas por Mees (1995, figs. 203-206) não apresentam o mesmo tipo de símbolos existentes em Chãos Salgados, parecendo estarmos perante textos mal marcados (no caso das marcas de fundo de peça), à excepção de um caso, intradecorativo, com cartela vazia (Mees, 1995, fig.205).

Algumas marcas, de diversas cronologias, parecem realmente mais não ser do que cartelas mal impressas ou textos produzidos por alguém de fraca literacia: para além dos casos citados de Mees, existem vários exemplares em Vechten (Polak, 2000, p.388-395, n<sup>os</sup> Z1, Z2, Z4, Z7, Z18, Z21, Z78), XNIIN[

; IIINII[ ; ]IVIVII ; ]II\N/A ; VII/[ ; IIA/A[ ; ]NIII., com datações diversas entre 40 e 100 d.C.; dois exemplares de Drag. 27 com a marca IIMII, no naufrágio cláudio-neroniano de Port-Vendres II (Colls; et Al., 1977, p.107) e várias, de complexa análise, conjungando os grafemas I, O (com haste vertical), N e N invertido, surgem em Drag. 27 e sobretudo em Drag. 18 do naufrágio de Cala Culip IV, entre 78 e 82 d.C. (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.201, nºs18.1, 19.1, 23.1 e 27.1).

Marcas semelhantes às de Chãos Salgados surgem em Vechten, com cronologias atribuídas entre 60 e 110 d.C.: ]IIN ; IIIIIIA[ , ]IIII ; I/IIIX[ ; III[ ; IIIII[ ; ]II (Polak, 2000, p.388-395, nºsZ31, Z32, Z46, Z52, Z77, Z83, Z91).

Em Périgueux, surge uma marca em Drag. 27 de La Graufesenque, com o grafema IIIII, na UE 3171, datada entre 60 e 80 d.C. (Carponsin-Martin; Tilhard, 2001-2002, p.215).

No naufrágio de Cala Culip IV – 78-82 d.C. - surgem 3 marcas VIII e IIIM, em Drag. 29, e IIIII[, em Drag. 18 (Nieto Prieto; et Al. 1989, p.201).

Dois marcas, IIIIIIII e IIXIIV, surgem na fossa 79 de La Graufesenque (Genin; et Al., 2007, p.262-269 e est.215, nºs493 e 494). Apesar de os autores não proporem datação para marcas anepígrafas, estes dados estratigráficos parecem corroborar uma datação tardia, flávia e posterior, para este tipo de marcas anepígrafas.

Fig. 68 - Marcas de oleiro de TSSG em Chãos Salgados.

Oleiro / Interpretação	Marca / Caixilho	Nº de Inventário	Sector / Camp. / Contexto - U.E.	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Vertiz	Medições	Obs.
<i>Bassus i</i> [BAS] SI	]SI Caixilho muito pequeno, incompleto, de extremidade final arredondada.	129 - Dias (1976-7):122		D18	f	Pé-de-anel de secção triangular. Canelura no fundo interno.	2	dp: 88mm; hp: 10mm	Tibério-Vespasiano.
<i>Bassus i</i> [BAS] SI	]SI Caixilho rectangular de ângulos arredondados.	130 - Arq-453		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	3	dp: ?	Tibério-Vespasiano.
<i>Chrestus</i> ou <i>Chrestio</i> CHREST(us) ou CHREST(i)	CHREST Caixilho rectangular de ângulos arredondados, inserto em círculo.	131 - Arq-6834 (TORRE)	Torre	p	f		3		Almeida (1964), nº9. 50-110 d.C.
<i>lucundus i</i> IV[CUNDVD] ou IV[CVNDI]	IV[ Fragmento de caixilho de extremidade arredondada.	132 - Mir-4-20+22		p	f		3	dp: 84mm; hp: 9mm	40-80 d.C.
<i>lucundus i</i> IV[CVNDVD] ou IV[CVNDI]	IV[ Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto em círculo.	133 - Mir-25-7		t	f		3	dp: 56mm; hp: 10mm	40-80 d.C.
<i>lucundus ii</i> [O]F[ <i>ficina</i> ]IVC[VNDI]	FIVC[ Fragmento de caixilho muito estreito, arredondado na extremidade.	134 - Dias (1976-7):106		t	f		?		70-100 d.C.
<i>Iulius Upus</i> OF[ <i>ficina</i> ] I( <i>ulii</i> ) VPI(M)A( <i>nu</i> )	OF IVPIA Fragmento de caixilho rectangular.	135 - Arq-6845 (TORRE)	Torre	t	f		3		Almeida (1964), p.63, nº12. 40-70 d.C.
<i>Labio</i> OF[ <i>ficina</i> ]LA[BIO( <i>onis</i> )]	OF.LA[ Fragmento de caixilho rectangular arredondado na extremidade.	136 - Dias (1976-7):107		D18	f	Pé-de-anel de secção triangular.	2	dp: ?; hp: 9mm	Tibério-início de Domiciano.
<i>Libertus</i> [L]IBERTVS	]IBERTVS Fragmento de caixilho rectangular de extremidade arredondada inserto num círculo.	137 - Dias (1976-7):109		t	f		3	dp: 34mm; 10mm	Almeida (1964), nº5. Cláudio-70 d.C.
<i>Lucius Cosius Virilis</i> OF[ <i>ficina</i> ] LCVIR[ <i>ililis</i> ]	OFLCVIRI[ Fragmento de caixilho rectangular, com extremidade em forma de ponta de seta.	138 - Dias (1976-7):108		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	3	dp: 53mm; hp: 10mm	75-110 d.C.
<i>Lucius Cosius Virilis</i> OF[ <i>ficina</i> ] L( <i>vcii</i> ) C ( <i>osii</i> ) VIR[ <i>ililis</i> ]	OFLCVIRI Caixilho rectangular de lados menores arredondados.	139 - Almeida (1964):6		?	?		?		75-110 d.C.
<i>Maccarus</i> OF[ <i>ficina</i> ] M[AC( <i>cari</i> )]	OF M Caixilho semi-elíptico.	140 - Arq-6869		t	f	Pé-de-anel de secção subrectangular.	3	dp: 49mm; hp: 6mm	Tibério-Vespasiano.
<i>Maccarus</i> OF MA]C(c)A( <i>ri</i> )	]CA Caixilho rectangular de cantos arredondados.	141 - Mir-636-12		p	f		3		Tibério-Vespasiano.

Fig. 68 (Cont.) - Marcas de oleiro de TSSG em Chãos Salgados.

Oleiro / Interpretação	Marca / Caixilho	Nº de Inventário	Sector / Camp. / Contexto - U.E.	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Ventiz	Medições	Obs.
<i>Maccarus</i> OF(ficina) MAC(cari)	OFMAC Caixilho fragmentado, rectangular, muito gasto.	142 - Mir- 20-32		t	f		3		Tibério- Vespasiano.
<i>Maccarus</i> M[AC(c)A(rus)]	]A[ Caixilho rectangular.	143 - Arq- 6846 (TORRE)	Torre	D24/25	f,c	Pé-de-anel de secção rectangular.	3	dp: 34mm; hp: 4mm; hbc: 15mm	Tibério- Vespasiano.
<i>Masculus</i> i MASCVLVSF.(ecit)	MASCVLVSF Caixilho rectangular, levemente arqueado, de ângulos arredondados.	144 - Dias (1976-7) :110		p	f		2		Tibério-inícios de Domiciano.
<i>Mercator</i> (Me)RCATOR	]RCATOR Caixilho rectangular muito pequeno e inserto num círculo irregular.	145 - Dias (1976-7) :112		t	f	Pé-de-anel de secção sub- rectangular.	3	dp: 34mm; hp: 6mm	Almeida (1964), nº1. Vespasiano-100 d.C.
<i>Mercator</i> MERCATO[R]	MERCATO[ Caixilho rectangular fragmentado.	146 - Dias (1976-7): 111		p	f		3		Almeida (1964), nº7. Vespasiano-100 d.C.
<i>Mommo</i> [OF(ficina)] MOMON(is)	MOMON Caixilho rectangular, fragmentado, com a extremidade arredondada.	147 - Mir- 2001-019- 67(XXIV)		?	f		2		Pereira (1970), nº5. 50 d.C.- Domiciano.
<i>Mommo</i> [OF(ficina)MO]MON-(is)	]MO.N- Fragmento de caixilho rectangular, com extremidade arredondada.	148 - Mir- 2001-019- 28(CENAC)	Cenáculo	D18	f	Canelura no fundo interno	2		50 d.C.- Domiciano.
<i>Murranus</i> OF(ficina)MVR(r)A[NI]	OF MVR[ Caixilho rectangular de cantos arredondados.	149 - Arq- 7255	termas este. Luso- americana. U.E.T12 Drain 014 727	t	f	Pé-de-anel de secção triangular, com canelura externa.	2	dp: 50mm; hp: 12mm	Tibério- Vespasiano.
<i>Mur-</i> OF(ficina)MVR[RI] ou OF.MVR[RANI]	OF.MVR Caixilho muito estreito, rectangular, extremidades arredondadas, inserto num círculo.	150 - Dias (1976-7) :113		t	f		3		70-90 d.C.
<i>Murrus</i> ou <i>Murranus</i> ]MV[	]MV[ Fragmento de caixilho muito mal impresso, com letras muito grandes.	151 - Dias (1976-7) :114		D24/25	f	Pé-de-anel de secção triangular com canelura externa.	2	dp: 32mm, hp: 5mm	Tibério- Vespasiano.
<i>Murrus</i> ou <i>Murranus</i> OF MVR[RI] ou OF MVR[RANI]	OF MVR[ Caixilho rectangular de cantos arredondados	152 - Arq- 3758		t	f		3		Tibério- Vespasiano.
<i>Niicius</i> OFN(i)CII	OF NCII Caixilho elíptico.	153 - Arq- 6833+6847		t	f	Pé-de-anel de secção triangular, com canelura externa.	3	dp: 51mm; hp: 15mm	Nero- Vespasiano.
<i>Niicius</i> ]NICIO	]NICIO Fragmento de caixilho, de extremidade arredondada, inserto num círculo.	154 - Dias (1976-7) :115		t	f	Pé-de-anel de secção triangular com canelura externa.	3	dp: 50mm; hp: 11mm	Nero- Vespasiano.
<i>Niicius?</i> OF [.(ficina)] N[	OF N[ Fragmento de caixilho rectangular de cantos arredondados.	155 - Almeida (1964):4		?	?		?		Nero- Vespasiano.
<i>Niicius</i> ou <i>Passenus</i> 5a? "NI"	NI[	Artur (1983): p.55	1954-5	?	?		?		A autora não apresenta estampa. Nero- Vespasiano.
<i>Passenus</i> 5a ]MA(nus)	]MA Fragmento de caixilho rectangular, fino, inserto em círculo.	156 - Mir- 531-187	área circundante a C3. 1995-96. U.E. 112	t	f		3	dp: 42mm; hp:9mm	Vespasiano-90 d.C.
<i>Passenus</i> 5a PASSENI MA.(nv)	PASS[ ]MA Caixilho rectangular fino de cantos arredondados, muito gasto, de leitura difícilima, centrado em círculo.	157 - Mir- 125-2485		t	f		3	dp: 48mm; hp:12mm	Vespasiano-90 d.C.
<i>Passenus</i> 5a [PAS]SENI MA[.(nv)]	]SENI Caixilho fragmentado rectangular, de extremidade arredondada, inserto em círculo.	158 - Mir- 202-20		t	f		3	dp: 42mm; hp:12mm	Vespasiano-90 d.C.



Fig. 68 (Cont.) - Marcas de oleiro de TSSG em Chãos Salgados.

Oleiro / Interpretação	Marca / Caixilho	Nº de Inventário	Sector / Camp. / Contexto - U.E.	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Verniz	Medições	Obs.
<i>Passenus</i> 5a [PA]SSENI MA [. (nv)]	]SSENI.MA Caixilho fragmentado rectangular, de extremidade arredondada, inserto em círculo.	159 - Mir-2001-019-66		?	f		3		Pereira (1971), nº6. Vespasiano-90 d.C.
<i>Passenus</i> 5a [PASS]EN(i)MA(nu)	]ENMA Caixilho mal impresso, de forma bi-troncocónica.	160 - Mir-164-2(465)		t	f		3	dp: 44mm; hp:6mm	Quaresma (2003) havia descrito como ilegível. Vespasiano-90 d.C.
<i>Pater</i> [PATE]R	]R Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto num círculo.	161 - Mir-138-22	1954-5	t	f		3	dp: 50mm; hp:6mm	Artur (1983), p.83, nº1. Cláudio-Vespasiano.
<i>Pater</i> PAT[E]R	PATR Pequeno caixilho rectangular, de cantos arredondados, bem impresso, excepto quanto ao "R" final (Dias, 1976-7).	162 - Dias (1976-7) :116	1954-5	?	f		?		Artur (1983), p.78, nº3. Cláudio-Vespasiano.
<i>Primulus</i> PRIM[VLI]	PRIM[ Caixilho rectangular fragmentado, de boa qualidade, no interior de circunferência.	163 - Mir-120-273	Olívio Caeiro	p	f	Canelura no fundo interno.	2	dp: 72mm; hp:9mm	Cláudio-80 d.C.
<i>Primulus</i> PRIMVLI	PRIMVLI Caixilho rectangular de extremidades arredondadas, muito bem impresso.	164 - Dias (1976-7) :117		D15/17	f,c	Pé-de-anel de secção triangular.	2	dp: 82mm; hp: 12mm	Cláudio-80 d.C.
<i>Primus</i> [PR]IMI M[(anvs)]	]MIM Caixilho rectangular de cantos arredondados, incompleto, inserto num círculo imperfeito.	165 - Dias (1976-7) :118		t	f		?		Cláudio-inícios de Domiciano.
<i>Rufinus</i> [O]F RVFIN[I]	]FRVFIN Caixilho rectangular, incompleto.	166 - Dias (1976-7) :119		t	f	Pé-de-anel de secção triangular com canelura externa.	3	dp: 50mm; hp: 14mm	Nero-Domiciano.
<i>Sabinus</i> [S]ABIN[VS] ou [S]ABIN[i]	]ABIN[ Caixilho rectangular, incompleto.	167 - Dias (1976-7) :120		p	f		3		50-100 d.C.
<i>Sabinus</i> SABIN[VS] ou SABIN[i]	]SABIN[ Caixilho rectangular, incompleto.	168 - Dias (1976-7) :121		p	f		?		50-100 d.C.
<i>Sabinus</i> OF(ficina)SABI(ni)	OF SABI Caixilho rectangular de ângulos arredondados.	169 - Almeida (1964):8		?	?		?		50-100 d.C.
<i>Silvinus</i> ii OF(ficina) S(i)LV[NI]	OF SLVI[ Caixilho rectangular estreito, levemente em crescente, de ângulos arredondados.	170 - Arq-549		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	2	dp: 38mm; hp: 9mm	65 d.C.-Flávios
<i>Silvinus</i> ii S(i)LV[NI]M(anu)]	SILVINM[ Caixilho rectangular de lado curtos mal impressos.	171 - Arq-6844 (TORRE)	Torre	t	f	Pé-de-anel de secção subrectangular.	3	dp: 44mm; hp: 4,5mm	65 d.C.-Flávios
<i>Vitalis</i> ii VITALIS	VITALIS Caixilho rectangular, muito gasto, no interior de círculo.	172 - Mir-138-19	1954-5	t	f		3	dp: 48mm; hp:6mm	Artur (1983), p.63, nº31. 65 d.C.-110 d.C.
<i>Vitalis</i> ii [VIT]ALIS	VITALIS Caixilho fragmentado, rectangular, inserto em círculo, na superfície externa da parede.	173 - Artur (1983): p.64	1954-5	t	?		?		A peça encontra-se em local desconhecido. O único desenho existente é o da autora. 65 d.C.-110 d.C.
IIIIIIII	IIIIIIII Caixilho elíptico.	174 - Arq-6843 (CENA)	Cenáculo	t	f	Pé-de-anel de secção sub-triangular.	3	dp: 33mm; hp: 7mm	60 d.C.-110 d.C.
IIIIIIII[	IIIIIIII[ Caixilho rectangular.	175 - Arq-7261		p	f		2		60 d.C.-110 d.C.
IIIIIM	IIIIIM Caixilho rectangular de lados curtos arredondados. Letra M mal impressa.	176 - Arq-6841 (TORRE)	Torre	t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	2	dp: 32mm; hp: 10mm	Almeida (1964):10. 60 d.C.-110 d.C.
IIIM	IIIM Caixilho rectangular de lados curtos arredondados.	177 - Dias (1976-7) :123		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	3		Arq-377. Releitura: Dias (1976-7) e Quaresma (2003) haviam lido <i>Iunius</i> . 60 d.C.-110 d.C.

Fig. 68 (Cont.) - Marcas de oleiro de TSSG em Chãos Salgados.

Oleiro / Interpretação	Marca / Caixilho	Nº de Inventário	Sector / Camp. / Contexto - U.E.	Tipo	Morf.	Descrição Morfológica	Verniz	Medições	Obs.
III[I]I[IM] ou III[I]I[III]	III[I]I Caixilho rectangular de cantos arredondados.	<b>178</b> - Arq- 337 +504+1616		D33	b,c,f	Pé-de-anel de secção subtriangular.	3	db: 136mm; dp: 50mm; hp:10mm; h: 71mm	Dias (1976-7), nº 104. 60 d.C.-110 d.C.
? ]F( <i>ecit</i> )	]F Fragmento de caixilho de extremidade arredondada, inserto em círculo. Leitura duvidosa.	<b>179</b> - Mir-200-5		t	f		3	dp: 51mm; hp:6mm	
? MA]( <i>nu</i> )	]NV Caixilho rectangular de cantos arredondados.	<b>180</b> - Mir-385-2		D27	b,c,f	Bordo perolado e canelura interna imediatamente abaixo. Pé-de-anel de secção triangular.	3	db: 85mm; h: 42mm; dp: 34mm; hp: 7mm	
? ]M( <i>anu</i> )	]M Fragmento de caixilho de extremidade arredondada. Letra truncada.	<b>181</b> - Mir-2-40		t	f	Canelura externa a meia altura do pé-de-anel.	3	dp: 38mm; hp:12mm	
? MA]( <i>nu</i> )	]NV Fragmento de caixilho rectangular fino, de extremidade arredondada, inserto em círculo.	<b>182</b> - Mir-4-23		t	f	Canelura externa a meia-altura do pé-de-anel.	3	dp: 54mm; hp:10mm	
?	Apenas se conservou o lado menor do caixilho rectangular.	Arq-1418		D18	f	Canelura interna. Pé-de-anel de secção sub-rectangular.	2	dp: 82mm; hp: 10mm	sem estampa
?	]I Caixilho rectangular de ângulos arredondados.	<b>183</b> - Arq-1621		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	3	dp: 38mm; hp: 12mm	
?	OF[ Fragmento de caixilho rectangular mal impresso, com as letras a extravasarem o caixilho.	<b>184</b> - Arq-422		t	f	Pé-de-anel com secção triangular, com canelura externa.	3	dp: 41mm	
?	Lado pequeno de cartela rectangular.	Arq-4921		t	f	Pé-de-anel de secção triangular.	3	dp: 50mm; hp: 11mm	sem estampa
?	Ilegível.	Mir-0-663		p	f		3		sem estampa
?	Ilegível.	Mir-484-85		t	f		3	dp: 52mm	sem estampa
?	Ilegível. Fragmento de caixilho de forma bi-troncónica, muito gasto.	<b>185</b> - Mir-125-898		t	f		4	dp: 41mm; hp:9mm	

### 3.3. Terra sigillata centro-gálica?

Os dois exemplares de Chãos Salgados enquadram-se tecnicamente na produção do século II e inícios do III, que se distingue claramente da do século I, tendo acontecido uma melhoria substancial das técnicas de fabrico, acompanhadas de novas formas, em inícios do século II (Vertet, 1986, p.124).

Bet e Vertet (1986, p.139) definem a produção do principal centro desta área, o de Lezoux, como tendo uma pasta amarela, rosa, salmão, ou vermelho-tijolo, e um engobe vermelho, vermelho-laranja a vermelho escuro, brilhante ou muito brilhante.

A pasta de Chãos Salgados contém muitos elementos não plásticos de pequena dimensão, sendo dura e algo compacta, e de fractura linear (cor L49/M47). O verniz da Drag. 30 é espesso e brilhante sendo mesmo lustroso e de muito boa qualidade, aproximando-se do código N20. O verniz da Drag. 37 é mais fino e algo brilhante apenas, de cor R19. Distingue-se perfeitamente de La Graufesenque, tanto pela pasta muito mais rica em enp, como pelo verniz muito espesso. Também não podemos relacionar com Banassac, apesar da semelhança da pasta, mas não do verniz. Recentemente obtivemos uma opinião sobre o estilo decorativo do nº 186, por parte de Thierry Martin, que o adscrive a La Graufesenque, provavelmente ao oleiro *Calvus* (Mees, 1995, est.17), negando paralelos decorativos cabais em Lezoux. Como afirmámos *supra*, o fabrico leva-nos a manter a hipótese interrogada desta origem, podendo tratar-se de uma decoração rara da área centro-gálica. Mantemos, por isso, a origem interrogada.

### 3.3.1. Análise tipológica e estratigráfica

#### Drag. 30

A Drag. 30 foi, a par das Drag. 37 e 45, uma das 3 formas decoradas mais importantes no século II (Bet; Vertet, 1986, p.139).

O nº 186 apresenta um casal em conversação, com paralelos em peças de oleiros gálicos, como *Docilis* (Almeida, 1964, p.62), oleiro datado por Hofmann entre 150 e 190 d.C. (Hofmann, s.d.) e que trabalhou em Lezoux (Bémont; Bourgeois, 1986, p.281). Stanfield e Simpson (1958, fig.74, nº11 e fig.159, nº23) apresentam duas peças com semelhanças à peça de Chãos Salgados: na primeira, um casal algo semelhante na pose, tem como pano de fundo círculos concêntricos que denotam um certo *horror vacui*, aspecto que parece não acontecer no nosso exemplar; na segunda, um casal encontra-se de pé.

#### Drag. 37

Um exemplar, sem estampa, possui uma possível cabeça humana, muito mal conservada. Uma cabeça isolada, mas com barba, em Drag. 37, é conhecida em Poitiers, na época de Cómodo / Severos (Tilhard, 2004, est.242, nº1178).

### 3.4. Terra sigillata hispânica de tipo itálico (ou precoce), terra sigillata hispânica, terra sigillata hispânica intermédia e terra sigillata hispânica tardia

#### 3.4.1. Terra sigillata hispânica de tipo itálico ou precoce (grupo 7)

##### 3.4.1.1. Caracterização e conceptualização

O grupo 7 caracteriza-se por uma pasta algo porosa e relativamente frágil, com fractura grosseira, de cor L47, e com pequenos vácuos algo alongados; os enp estão bem distribuídos, de pequenas dimensões, sendo os cristais de quartzo os de maiores dimensões, alcançando 0,5mm; os restantes atingem 0,25mm e são de cor negra. O verniz de cor R20/R17, baço, é relativamente espesso e homogéneo na cor; cobre toda a peça, mas conserva-se mal, tanto no interior como no exterior.

O desconhecimento relativo de como esta produção se consubstanciou no espaço e no tempo, não sendo ainda totalmente segura a localização ou localizações exactas da ou das áreas produtoras, levou, ao longo dos anos, a que vários autores a denominassem por nomes diversos. Actualmente, são três as denominações mais frequentemente usadas: “cerâmica bética de imitación tipo Peñafior”, segundo Martínez Rodríguez (1989), “producciones hispánicas precoces”, segundo Serrano Ramos (1999a), e “sigillatas de imitación tipo Peñafior”, segundo Amores e Keay (1999); embora, mais recentemente, Keay, Creighton e Remesal Rodríguez (2001) adoptem o nome de “sigillata itálica local” e a primeira denominação de todas pertença a C. Domergue, em 1967 – “cerâmicas de verniz vermelho tardio” (*apud* Martínez Rodríguez, 1989, p.61).

Martínez Rodríguez propôs, em 1989, uma tipologia dividida em 4 tipos. Os tipos I e II correspondem às páteras que imitam a *terra sigillata* itálica e gálica, o tipo III corresponde a pratos covos que imitam cerâmica de verniz vermelho pompeiano, e o tipo IV imita paredes finas. Este trabalho baseava-se numa amostra de 60 formas completas e 352 “fragmentos significativos”, procedentes de 25 sítios arqueológicos (Martínez Rodríguez, 1989, p.63).

Posteriormente, Amores e Keay propuseram uma tabela preliminar com 14 formas que, no conjunto, correspondem aos, ou desenvolvem os tipos I, II e III de Martínez Rodríguez, fazendo analogias em todas elas com formas itálicas (Amores; Keay, 1999, p.249-50). Esta ideia de uma inspiração itálica, que, na explicação das tabelas tipológicas acaba por tornar-se exclusiva, acontece igualmente com as propostas de Serrano Ramos (1999a, p.232), cujas analogias são unicamente itálicas.

Foi na área de Peñafior, nas imediações da antiga *Celti*, que surgiram os dados mais coerentes de uma produção local desta *terra sigillata*. As sondagens de 1978 e 1979 revelaram fragmentos com coze-

duros defeituosas, na área exterior à cidade romana, junto ao Guadalquivir, onde se conhecem fornos que produziram ânforas classe 25 e cerâmica comum de tradição ibérica (Amores; Keay, 1999, p.240).

Os resultados das escavações de Peñaflor enriqueceram a imagem desta produção ao revelar que ela se estenderia desde uma época tardo-republicana / pré-augusta até ao século V, imitando, sempre com as mesmas características tecnológicas ao longo do tempo, formas itálicas, gálicas e africanas. Revelou igualmente que, numa primeira fase, os modelos são a *terra sigillata* itálica, as paredes finas e a cerâmica de verniz vermelho pompeiano; que, numa segunda fase, seria a *terra sigillata* gálica a exercer a sua influência, mas de uma maneira mais moderada do que a itálica; e que, posteriormente, a *terra sigillata* africana A, C e D, bem como a cerâmica africana de cozinha, se tornam os modelos de inspiração (Amores; Keay, 1999, p.240-1).

A produção que nos interessa aqui tratar é, no entanto, a da fase alto-imperial, onde os modelos itálicos parecem ser preponderantes. O modo como esta influência se processou é ainda desconhecido.

As cronologias não são muito sólidas, faltando quantidade e qualidade de sítios e diacronias que sustentem estatisticamente as propostas. Está presente em Baelo e Los Castellones de Campillo, em contextos que decorrem entre os fins do século I a.C. e Cláudio. Existem dois exemplares do tipo II no naufrágio de Port-Vendres II, cláudio (Colls; et Al, 1977, p.110, nºs16 e 17). As escavações de Cercadilla, onde surgem os tipos I e II, mas não as formas mais antigas Ia e IIa, forneceram uma diacronia entre Augusto e inícios do século II, sendo que Serranos Ramos propõe um pico na segunda metade do século I d.C. (Amores; Keay, 1999, p.239), ideia esta ausente no texto mais recente da autora (Serrano Ramos, 1999a). Na necrópole de La Constanca (Cordoba), onde dominam os tipos I e II de Martínez Rodríguez (1989), esta produção é hegemónica nos níveis júlio-cláudios, equilibrando os seus valores em face da *terra sigillata* sudgálica e hispânica, nos níveis júlio-cláudios / flávios (**ver anexo 2, tabela 45**).

A maioria dos autores defende a ideia de que os meados do século I serão o limite temporal da maior expansão desta produção (Amores; Keay, 1999, p.243), quando a *terra sigillata* de Andújar se tornaria preponderante. A forte inspiração itálica dos grupos I, II e III é obviamente um outro condicionante para esta visão. Contudo, parece-nos algo extremada esta posição, quando a forma III evidencia tantas semelhanças formais aos pratos covos de verniz vermelho pompeiano, comercializados até ao último quartel do século I (Arruda; Viegas, 2002, p.224). Neste sentido, a primeira cronologia estratigráfica de Peñaflor apresentada por F. Amores e S. Keay (1999, p.241-2) também suscitava algumas dúvidas: a *terra sigillata* precoce surge em 3 fases: fase 6 (tardo-republicana / augusta; muito frequente), fase 7a (primeira metade do século I d.C.; frequente), fase 9 (século II; bem documentada); os próprios autores informam que a hegemonia da *terra sigillata* precoce é tal que prejudica as tentativas de datação das fases, sendo difícil distinguir a cronologia das fases 6 e 7; no entanto, defendem que a *terra sigillata* precoce, enquanto imitação de *terra sigillata* itálica, dura até um momento impreciso do século I, talvez meados, e com um repertório - reconhecem - cristalizado.

Parecia-nos, por este último factor, que as semelhanças com as formas itálicas poderiam estar a condicionar erradamente as propostas cronológicas, alteando-as, já que, ao observarmos a tabela de formas presentes nas várias fases (Amores; Keay, 1999, p.242), constatámos que a fase 7a, datada da primeira metade do século I, possui Drag. 35, forma criada na Gália, em época flávia (Vernhet, 1976), o que poderia fazer da segunda metade da centúria uma época de diversidade comercial.

Na monografia sobre o sítio de Peñaflor (Keay; Creighton; Remesal Rodríguez, 2001, p.101-114), os autores apresentam algumas mudanças na estratigrafia, passando então a enunciar-se uma fase 5/6/6a, augusta; uma fase 6c/6d júlio-cláudia; uma fase 6c/7a e 7a entre Nero e os inícios dos Flávios; uma fase 8a e 8b, após os inícios do século III; e uma fase 9, após os inícios do século V. Temos então uma fase 7a que atinge realmente a época flávia, contendo exemplares de Drag. 37 hispânica e Drag. 31 sudgálica.

Assim, a fase 7a, agora datada entre Nero e os inícios dos Flávios, é a época de maior concentração desta produção nas escavações de Peñaflor (43 exemplares), existindo apenas 3 exemplares ao longo da fase 6 (Augusto e Júlio-Cláudios), e 10 exemplares na fase 9 (século V), considerados residuais (Keay; Creighton; Remesal Rodríguez, 2001, p.114).

Mayet (1984, p.15-16) sugere Andújar como um possível centro produtor, ideia que pode ter algum sustento nos resultados das escavações dos cortes 14 e 21-24, onde, a par das primeiras imitações de paredes finas e do início da *terra sigillata* propriamente dita, existem fragmentos de hispânica precoce (Serrano Ramos, 1999a, p.232). No entanto, Roca Roumens (1991-2, p.399) considera que uma produção em Andújar continua por comprovar.



Esta suposta primeira fase de Andújar, tibério-cláudia, encontra-se registada nos depósitos mais antigos do centro, nomeadamente nas camadas mais antigas da acumulação nº 1 do corte 14, embora a estratigrafia de Los Castellones de Campillo possa recuar um pouco a cronologia inicial logo aos primeiros anos de Tibério (Roca Roumens, 1991-92, p.391).

O espólio é bastante homogéneo, com fractura recta e dura, mas pasta de aspecto algo granuloso, e verniz homogéneo e aderente, embora saltando nas arestas; as formas, pouco diversas, baseiam-se em taças e páteras, podendo ambas ser troncocónicas ou acampanadas, e seguem protótipos itálicos de inícios e meados de Augusto, cuja cronologia não se pode aplicar directamente aos produtos de Andújar, tibério-cláudios, segundo Roca Roumens (1991-92, p.390).

Acresce ainda o facto de estarem representadas nas acumulações 2 e 3 do mesmo corte 14 de Andújar, onde coexistem com produções dos oleiros da primeira fase de Andújar (M.S.M.; CVDAS e QVARTIO), tibério-cláudia, e o facto de os 3 depósitos serem datados pelos autores da escavação entre Cláudio e início dos Flávios (Sotomayor; Roca; Sotomayor, 1979, p.495), leva-nos a pensar que também em Andújar a produção é importante no terceiro quartel do século I d.C., em coerência com os dados de Peñaflor. Contudo, a revisão dos materiais que está a ser feita pela Universidade de Granada aponta para uma cronologia que não ultrapasse a época cláudia (informação oral de Isabel Fernández García), o que é coerente com a lista de oleiros presentes. A ser assim, a possível produção de Andújar teria um declínio anterior ao de Peñaflor, certamente causado pela ascensão da produção clássica de *terra sigillata* do centro de Andújar.

Aceitando a leitura estratigráfica de Roca Roumens (1991), estes depósitos 1, 2 e 3 da sondagem 14 de Andújar terão sido formados rapidamente, como os autores da escavação supunham (Sotomayor; Roca; Sotomayor, 1979), mas com a sua cronologia inicial recua a Tibério, e a cronologia final a Cláudio.

Bustamante Álvarez e Huguet Enguita (2008, p.298), na linha de F. Mayet, aceitam Andújar como centro produtor e elencam um terceiro, Cordoba, que, em nossa opinião, e ao contrário de Andújar, possui de facto provas de produção local desta cerâmica: um exemplar do tipo Martínez III, com falha de cozedura. Em Córdoba (necrópole de La Constancia) surgiu ainda uma tigela nova afim aos tipos itálicos, *Consp.* 23.1 ou 49.1, em associação estratigráfica com *sigillata* hispânica precoce tipos Martínez II b e c, paredes finas tipo Mayet 37 e lucerna tipo Dressel 3 (Vargas Cantos; Moreno Almenara, 2004), o que reforça, em nosso entender, a importância desta produção nos segundo e terceiro quartéis do século I d.C..

Quanto à estrutura produtiva desta *sigillata* precoce pouco se sabe. O hábito epigráfico era muito raro entre os produtores desta cerâmica e recentemente foram dadas à estampa as 5 primeiras marcas de oleiro, sempre em fundos internos de tipos Martínez Rodríguez I:

- uma marca anepígrafa incompleta,
- e um caixilho quadrangular de ângulos arredondados com as letras CE, provenientes de *Emerita Augusta* (Jerez Linde, 2004, fig.3, nºs4 e 6),
- uma cartela quadrangular com o texto ACILS / ROPI,
- 4 palmas em posição radial,
- e 5 cartelas quadrangulares - 4 em posição radial e 1 ao centro - com o texto RIVS / CHAR, em Cordoba (Vargas Cantos; Moreno Almenara, 2004).

A marca ACILS / ROPI de Cordoba surgiu numa lixeira, em associação estratigráfica com paredes finas itálicas (tipos Mayet 12, 12a, 33), locais (Mayet 8c, 33, 37), cerâmica itálica de cozinha (Aguarod 4), verniz vermelho pompeiano (Luni 3 ou 5) e ânforas Dressel 20, 7-11, 7B, 10, 12, Haltern 70 e Pascual 1 (Vargas Cantos; Moreno Almenara, 2004), pelo que a cronologia proposta de Augusto / inícios de Tibério (Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008, p.300) pode não ser totalmente segura, já que o tipo Mayet 37 de paredes finas data-se de épocas tibério-cláudia e flávia (Mayet, 1975, p.73) e o tipo Luni 5 de verniz vermelho pompeiano estende-se desde Augusto até perto do fim do século I d.C (Aguarod Ota, 1991, p.77).

O termo “precoce” carece naturalmente de uma revisão decorrente da cronologia tão extensa destas primeiras produções, já que continuam a ser fabricadas quando já se fazia *terra sigillata* hispânica clássica. Por outro lado, termos como “*sigillata* de imitação tipo Peñaflor” também são algo redutores, pois Andújar e Córdoba poderão ter sido outros centros produtores. O nome mais recente de “*sigillata* itálica local” é porventura o mais coerente, embora talvez se possa aplicar apenas a uma primeira fase

desta produção, ao tomarmos em linha de conta que modelos gálicos e africanos surgem posteriormente. Para o caso de Chãos Salgados, optámos por este último conceito, adaptando-o apenas para um nome menos equívoco: *terra sigillata* hispânica de tipo itálico.

A questão da *terra sigillata* hispânica precoce integra-se no problema vasto e complexo do nascimento da produção peninsular da *terra sigillata*, que parece assumir muitos aspectos idênticos ao fenómeno que ocorre no Sul da Gália, em Lyon – La Murette, Bram e Narbonne, entre outras áreas, onde a instalação de oleiros itálicos deu ao surgimento de técnicas imperfeitas e formas aparentadas a protótipos norte-itálicos e aretinos, no último quartel do século I a.C. e primeiro quartel do século I d.C. (Roca Roumens, 1991-92, p.390). Roca Roumens (1991-2, p.398-9) considera, contudo, que é mais apropriado falar de uma “*terra sigillata* mal feita” na Gália, enquanto que na Península Ibérica ocorre essencialmente uma “*imitação de terra sigillata*” e não deixa de ser pertinente o desfaseamento cronológico entre os dados de Peñaflor e os de Andújar: como vimos, no segundo, o espólio surge em contextos tibério-cláudios, época em que ainda é escassa na estratigrafia de Peñaflor, sítio onde atinge o seu auge entre Nero e inícios dos Flávios, quando Andújar já fabrica e exporta *terra sigillata* clássica.

Outras produções altas são conhecidas na *Hispania*:

O oleiro mais conhecido é L. TERTIVS, que trabalharia para a Legião IV Macedónica, em Herrera de Pisuerga, produzindo vasos de morfologia itálica e marcas de idêntica inspiração. Dele se conhece ainda trabalhadores da sua oficina (CAPIT / L.TERE e Q.TERE) (Perez González, 1989, p.199-220; Mayet, 1984, p.16). Este oleiro produziu 3 formas assimiláveis ao serviço I de Haltern (formas 7 e 1) e ao serviço II (forma 8), que correspondem aos tipos antigos de Goudineau, embora com pastas e vernizes algo heterogéneos. A estratigrafia data este oleiro de 20/15 a.C.-5 d.C. (*apud* Roca Roumens, 1991-92, p.396).

No Norte da Meseta, Romero Carnicero e J. C. Saénz Preciado identificaram outros oleiros: VLLO, ASIATICVS, MATERNVS e M.COR.RIIBV (*apud* Roca Roumens, 1991-92, p.397; Saénz Preciado, J. C., 2000).

O segundo conjunto melhor conhecido provém de Ampúrias, onde se detectaram imitações aretinas, semelhantes a Goudineau 12-18, de fabrico ampuritano ou do golfo de Léon, com pasta cinzenta e verniz negro, que mais tarde evoluiu para pasta e verniz vermelhos de qualidade heterogénea. Esta produção está datada de 30 a.C.-15 d.C.. Oxé e Comfort determinaram 8 oleiros de provável origem hispânica, estando 2 deles identificados em Ampúrias, com pasta cinzenta e verniz negro: TERTIVS (O.C. 1943) e P. KANE(*livs*) ou CANE(*livs*) (O.C. 398), que poderão ser um único oleiro, P. KANE(*livs*) TERTIVS (*apud* Roca Roumens, 1991-92, p.396). Em 2000, Kenrick confirma a primeira marca como hispânica, e omite a segunda (Oxé; Comfort; Kenrick, 2000).

### 3.4.1.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### Forma II de Martínez Rodríguez, 1989

O tipo II é uma forma larga de parede aberta, carena mais ou menos suave e pé-de-anel diferenciado; possui quase sempre um sulco no interior do lábio e deriva das formas itálicas Goudineau 12 e 17 e possivelmente da Drag. 15/17 sudgálica. Os seus diâmetros variam entre 160 e 320mm (Martínez Rodríguez, 1989).

Um único fragmento desta forma tem posição estratigráfica no nosso espólio. O n° 798 é uma pátera de bordo espessado externamente, sem sulco interior, encontrada num ambiente de deposição secundária, **contexto 86**, datado do século III. O diâmetro de carena do n° Arq-3097 (sem estampa), com 229mm, aproxima este exemplar da forma II (Amores; Keay, 1999, p.248).

A cronologia de Chãos Salgados é claramente posterior à vida deste tipo, cuja datação deve centrar-se muito mais no século I: em Peñaflor surge na fase 7a, entre Nero e inícios dos Flávios (Keay; Creighton; Remesal Rodríguez, 2001, p.114); em Andújar, estas páteras surgem em época tibério-cláudia, no corte 14 (Roca Roumens, 1991-2).

#### Forma III de Martínez Rodríguez, 1989

Esta forma define-se por uma parede aberta e convexa, com fundo plano, ligeiramente onfalado, e superfície interna do fundo com sulcos; os diâmetros de bordo variam entre 160 e 320mm (Martínez Rodríguez, 1989).

Em Chãos Salgados, todos os fundos desta forma apresentam caneluras no fundo interno. De base plana, ligeiramente irregular, determinaram-se apenas dois diâmetros, de 122 e 130mm (n° 191).

Os bordos desta forma, que Amores e Keay (1999, p.249) denominam *forma 7* e associam à *Consp. 36* itálica, variam bastante de dimensões, o que também acontece no curto espólio de Chãos Salgados, onde aparenta haver um tamanho grande e outro pequeno, sendo que as próprias formas mais pequenas possuem paredes também mais estreitas. O bordo apresenta duas morfologias distintas:

- uma primeira, de superfície externa suave, continuando o arqueamento da parede. Um exemplar grande possui 225mm de diâmetro (n° 189); um exemplar pequeno mede 104mm (n° 187).

- uma segunda, de superfície externa levemente biselada. Um exemplar grande possui 268mm de diâmetro (n° 190) e um exemplar pequeno mede 82mm (Arq-2898 – sem estampa). O diâmetro deste último é incerto, embora a pequenez deste exemplar encontre um paralelo muito semelhante num outro vaso de Peñafior (Amores; Keay, 1999, p.249).

É possível que esta forma seja mais tardia que a forma II, já que, em Peñafior, surgem apenas 2 exemplares residuais na fase 9, datada no século V (Keay; Creighton; Remesal Rodríguez, 2001, p.114) e está ausente nos níveis tibério-cláudios do corte 14 de Andújar (Roca Roumens, 1991-2).

### 3.4.2. *Terra sigillata* hispânica

#### 3.4.2.1. La Rioja (grupos 1 e 2)

##### 3.4.2.1.1. Caracterização

O grupo 1 possui pasta de fractura algo dura e pouco rectilínea, bastante próxima do grupo 3 de pastas de *terra sigillata* sudgálica definida por nós; cor M25/N25 a N35; com enp branco-amarelados de pequenas dimensões ( $\leq 0,25$ mm), geralmente em pouca quantidade (estas características são mais frequentes nas pasta de cor N35); por vezes, os enp atingem dimensões superiores a 0,5mm e podem surgir em quantidades um pouco maiores, mas nunca chegando a ser abundantes e sempre bem distribuídos. Os vácuos são sempre de pequeníssimas dimensões, podendo chegar a 1mm, alongados ou semi-alongados. A pasta possui uma aparência homogénea ao olho nu, embora ressaltem geralmente enp.

Verniz de cor R19/20, fino (muito próximo do grupo 3 de vernizes sudgálicos), nem sempre muito bem aderente, podendo estar entre o R19/20 e o S19/20, mas geralmente homogéneo e com bom acabamento; pouco brilhante.

Corresponde ao *fabrico B* de Luísa Ferrer-Dias (Dias, 1976-7).

O grupo 2 possui pasta de fractura menos dura e mais grosseira (por vezes algo rectilínea), desfazendo-se um pouco por acção mecânica; cor N25/M37, afastando-se, neste último tom, das produções sudgálicas, podendo alcançar o M47; enp branco-amarelados em maior quantidade, embora bem distribuídos e geralmente inferiores a 0,25mm; pasta homogénea ao olho nu, com pequenos vácuos, geralmente de  $\leq 0,5$ mm, arredondados, ou ligeiramente alongados; a olho nu são bem visíveis os enp, devido à sua quantidade.

Verniz com problemas de conservação mais frequentes e um pouco estaladiço; fino e geralmente homogéneo; geralmente de cor R19/S19, podendo ter colorações mais próximas de S20, ou R13, ou R15/17; algo brilhante.

Corresponde ao *fabrico C* de Luísa Ferrer-Dias (Dias, 1976-7).

Um problema semelhante ao grupo 1 de Chãos Salgados surgiu também em Monte Mozinho: um grupo de pastas apresentava características que tornavam difícil a sua distinção entre sudgálico e hispânico, mas as descrições do grupo 2b de Monte Mozinho não são iguais às do grupo 1 de Chãos Salgados: os materiais de Monte Mozinho possuem pasta de cor esbranquiçada (M35/49; com alguns exemplares mais rosados, M47), talvez menos amarelada e com menos grão, mas compacta e de textura média; e verniz espesso, vermelho escuro, por vezes mate, “avinhado”, de boa qualidade. As análises químicas determinaram uma origem sudgálica para este grupo, podendo mesmo determinar-se Montans como ponto específico de origem (Carvalho, 1993, p.75-76).

Importa, então, frisar a dificuldade sentida alhures nas distinções entre alguns conjuntos hispânicos e sudgálicos, tal como muitos exemplares, sobretudo lisos, do nosso grupo 1, pressupõem.

Os fabricos 1 e 2 identificam-se com as produções de La Rioja, embora nos pareça extremamente difícil, em face de um espólio sobretudo liso, tentar distinguir origens mais circunscritas. Apesar da maior antiguidade e qualidade de fabrico do grupo 1 em relação ao grupo 2, não possuíamos dados suficientes, numa análise macroscópica, para poder avançar com uma proposta que fizesse uma analogia do grupo 1, com Bezares ou Arenzana de Arriba, e do grupo 2, com *Tritium*, até porque este centro aparenta possuir materiais de grande qualidade sobretudo nas fases mais antigas de laboração (ver *infra*). No seio de La Rioja, a própria homogeneidade geológica (Mesquiriz, 1985, p.113) torna muito difíceis distinções de pastas e vernizes entre os vários centros. Contudo, como frisa Romero Carnicero e Ruiz Montes (2005, p.188), os resultados de M. Picon, na monografia de F. Mayet (1984), em que as amostras de Bezares apresentam variações químicas, bem como os de M. Saénz Preciado, nos quais se demonstram diferenças em relação aos de La Cereceda (Arenzana de Arriba), são indicadores de diversidades no seio da “relativa homogeneidade” da *terra sigillata* de La Rioja. Apesar da pertinência destas conclusões, as análises de laboratório do espólio de Chãos Salgados, nomeadamente dos grupos 1 e 2, realizadas por Por M. V. Romero Carnicero / Laboratorio de la Universidad de Castilla-La Mancha (Ciudad Real), não concluíram qualquer distinção entre os dois grupos, caindo assim na referida “relativa homogeneidade” química (ver *infra*). Uma delas, do grupo 2, não pode ser atribuída com segurança a *Tritium Magallum*, embora seja hispânica, e uma outra, colidindo com a nossa observação macroscópica, poderá relacionar-se com algum centro sudgálico ainda não definido (ver capítulo 3.4.6).

As grandes conclusões a extrair destas análises, apesar da pequena quantidade e fiabilidade estatística, são as seguintes:

- realmente existem semelhanças fortes nos fabricos de La Rioja e do Sul da Gália, não só ao nível do grupo 1, mas também do grupo 2, que macroscopicamente parecia ser seguramente hispânico;
- as diferenças de pasta e verniz observadas macroscopicamente nos grupos 1 e 2 correspondem assim, não a diferentes centros, mas provavelmente a um aumento da quantidade de inclusões na pasta e a uma degradação da qualidade do verniz, ao longo da vida dos centros de la Rioja, como parece ser constatável em La Graufesenque (ver *supra*) e seguramente em Andújar (ver *infra*).

A nossa proposta é comparável com a de Pilar Ciprés (1987, p.16, 43 e 44), sobre o espólio de 1139 fragmentos de Arcaya, onde estabeleceu 3 grupos.

- O grupo 1, hegemónico, é de excelente qualidade. Possui os tipos Ritt. 8, Drag. 35, 24/25, 27 e 29. Está datado da segunda metade do século I.
- O grupo 2 possui verniz de boa qualidade, mas mais frágil e menos aderente. O seu repertório contém quase todos os tipos da TSH, com destaque para as formas Drag. 15/17, 46, 27, 35, 36 e Hisp. 7. Data-se de finais do século I / século II.
- O grupo 3 possui verniz de qualidade inferior e a pasta é muitas vezes desagregável. Tipologicamente apresenta os tipos Ritt. 8 (bordo aberto), Drag. 15/17 (perfil grande e aberto), 27, 37, Hisp. 6, Hisp. 26 e Drag. 37t. A autora data este grupo, provisoriamente, do Alto-Império, mas, o facto de englobar a Drag. 37t deve, em nosso entender, relacionar este grupo com a *terra sigillata* hispânica intermédia, tal como o grupo 5 de Chãos Salgados.

### 3.4.2.1.2. Sinopse da investigação sobre La Rioja

A primeira obra principal sobre a *terra sigillata* hispânica, pela mão de Mesquiriz (1961), teve uma revisão em 1985, no seio da obra *Atlante* (Mesquiriz, 1985). Da mesma autora são outras duas monografias essenciais na história da investigação das produções hispânicas, pelo marco cronológico que forneceram as escavações de Pamplona, em particular o seu nível VII (Mesquiriz, 1958, p.26-32; 1978)

Para a cronologia hispânica outra escavação tornou-se um pilar cronológico: a do *Decumanus A* de Ampúrias (Almagro; Lamboglia, 1959).

Nos anos 70 são feitas as primeiras escavações: em *Tritium* (por J. C. Elorza, em 1974 e 1976; e T. Garabito, entre 1979 e 1986, em Los Pozos, Prado Alto, Rivas Caídas e Garrero); em Bezares (por M.



Mesquiriz, entre 1975 e 1979) e Arenzana de Arriba (por T. Garabito, em 1978 e 1979) (*apud* Romero Carnicero; Ruiz Montes, 2005, p.186).

Nesta década, surgem também os primeiros estudos monográficos de fundo sobre os materiais dos *ateliers* do Nordeste, em particular os de *Tritium*, Bezares e Arenzana de Arriba. Primeiro, em três pequenos volumes (Garabito; Solovera, 1975, 1976a, 1976b), e finalmente numa monografia de fundo, com análise de formas, marcas e moldes (Garabito, 1978).

Tal como para as produções béticas, a obra de Mayet, nos anos 80 do século XX (Mayet, 1984), é ainda a sùmula tipológica e cronológica mais divulgada nos estudos desta temática.

O conhecimento dos produtos e centros de fabrico do Nordeste hispânico ganhou um novo impulso a partir dos anos 90.

Primeiro, por uma visão crítica dos dados estratigráficos de Ampúrias e Pamplona (Buxeda i Garrigós; Tuset i Bertran, 1995).

Em segundo lugar, por uma série de artigos, como os dados à estampa em revistas como *Estrato*, *SALDVIE*, ou *CVDAS*, com análise sobretudo de novos *ateliers* e marcas, e resultados sucintos de escavações, como La Albergueria e El Quemao (ver por exemplo Garabito; Solovera, 1991; Garabito Gomez; Luezas Pascual; Solovera, 1994; Saénz Preciado, 1999, 2000a, 2000b; 2005; Saénz Preciado, J. C., 2000; *apud* Romero Carnicero; Ruiz Montes, 2005, p. 186). Aos quais acresce uma tese de doutoramento sobre *Tritium*, por M. Saénz Preciado, em 1993 (*apud* Romero Carnicero; Ruiz Montes, 2005, p.186).

A intensificação da investigação conduziu à apresentação de duas obras de síntese, com trabalhos de diversos autores sobre as várias produções hispânicas, em finais dos anos 90 (Fernández García, ed., 1998a; Roca Roumens; Fernández García, coords., 1999).

Por último, em 2005, um artigo sintetiza os principais conhecimentos sobre o tema (Romero Carnicero; Ruiz Montes, 2005).

### 3.4.2.1.3. Uma visão dos centros oleiros conhecidos: *Tritium Magallum*, Bezares e Arenzana de Arriba

Uma plêiade de centros é já conhecida, essencialmente por prospecção, ou escavações ainda algo incipientes. Destacaremos neste capítulo os três principais centros, *Tritium Magallum*, Bezares e Arenzana de Arriba, nomeando apenas os restantes, cuja investigação ainda não permite uma visão tão avançada: Arenzana de Abajo (Fuentecillas), Camprovín, Manjarrés, Baños de Rio Tobía, Santo Domingo de la Calzada, Sotés, Entrena, Hornos de Moncalvillo, Fuenmayor, Varea, Calahorra, ou El Vilar de Arnedo (Saénz Preciado, 1998, p. 148; 2005).

Em *Tritium* são já conhecidos vários locais de produção: Prado Alto (cuja escavação revelou estruturas de produção), Rivas Caídas, Garrero, Los Pozos, La Albergaria (Saénz Preciado, 1998, p.148-9) e, objecto de escavações recentes, El Quemao.

Neste último local, El Quemao, conhecem-se 5 fornos, datados entre os séculos I e III, embora a produção de *terra sigillata* esteja datada de finais do século I e século II e englobe as formas Drag. 29, 30, 27, 15/17, 35, 36 e Hisp. 4. As decorações são metopadas na Drag. 29, com predomínio das figuras humanas e animais e de frisos de círculos com rosetas na Drag. 37. Junto à cabeceira do forno nº 1 existe um depósito datado do século I / inícios do II (Saénz Preciado, 1999; 2000a, p.126-29).

Segundo Garabito (1978, p.250 e 246), em *Tritium* predominam as boas pastas, avermelhadas, associadas às formas Drag. 29, 29/37, 30, Hisp. 2, enquanto a Drag. 37 surge muitas vezes com pastas mais alaranjadas. A pasta e o verniz de *Tritium* são descritos pelo autor da seguinte forma: “domina la de corte vítreo, resistente, en cambio, es menos abundante la de corte pastoso. El barniz, en la mayoría de los casos, es rojo anaranjado, ligero y con no demasiado brillo. No faltan vasos con excelente elaboración, con barniz rojo intenso y brillo extraordinario, en productos de alfareros de la primera época, mediados del siglo I.”

Também segundo Garabito (1978, p.247-50), a qualidade das pastas, vernizes e decorações tende a piorar com o tempo. Inicialmente, fazem sentir-se influências gálicas nas formas e decorações, expressas, por exemplo, nas Drag. 29, 29/37 e 30 onde dominam as métopas, com motivos humanos, animais, vegetais e temas de imitação como os festões, grinaldas ou cruciformes; enquanto na Drag. 37, os motivos circulares, de cariz hispânico, são os mais importantes. Aliás, o espólio decorado de *Tritium*, é dominado, no seu todo, pelos motivos circulares - lisos, ondulados ou segmentados -, quase sempre concêntricos, mas também em decorações mistas, a par de motivos sobretudo vegetais.

Sabe-se igualmente, à semelhança do que se passou em Andújar (ver *infra*), que as oficinas de *Tritium* produziram cumulativamente outros recipientes para além da *terra sigillata*. Verniz vermelho pompeiano, nomeadamente na oficina de *Maternus Blandus*, que fabricou *terra sigillata*, nas formas Drag. 27, 15/17, 35, 36, 29, 37 e Ritt. 8, e lucernas (Garabito Gómez; Luezas Pascual; Esther Solovera, 1994, p.70), sendo a produção de lucernas igualmente conhecida pelo forno nº 3 de El Quemao (Saénz Preciado, 2000a, p.127). Por último, os recipientes de cerâmica comum estão registados em níveis alto-imperiais de *Tritium* e caracterizam-se por um fabrico de boa qualidade, e está provada uma produção de *Lapillius*. Outros três centros, para além de *Tritium*, produziram também cerâmica comum: Arenzana de Arriba – unguentários e pratos de *Saturninus* -; Arenzana de Abajo (Fuentecillas) – unguentários - e Manjarrés – *dolia* de *Firmus Marinus Tritiensis* (Garabito; Solovera, 1991, p. 14-5).

O centro de Bezares (Los Morteros) é visto por Mesquiriz (1985, p.113) e por Garabito (1978, p.30), como produtor de *terra sigillata* de uma qualidade superior à de *Tritium*. Nas palavras deste último autor, “El centro de producción de Bezares [...] es más sorprendente que ele de Tricio, las tablas de punzones presentan una mayor uniformidad; la calidad de la pasta y el barniz es extraordinária; lo que es más importante, todos los materiales corresponden a un conjunto muy homogéneo, debido a que son productos de un corto periodo de tiempo y fabricados por un grupo pequeño de alfareros.”

A escavação de Bezares revelou uma estrutura oficial, com sete fornos, tanque para tratamento da argila e armazém para a mesma (Mesquiriz, 1985, p.113). No seu leque tipológico dominam os tipos Hisp. 2, 10 e 13, Drag. 29, 30 e 37; Drag. 15/17, 27, 35, 36 e 18 (Saénz Preciado, 1998, p.148).

O centro de Arenzana de Arriba possui uma pasta ocre alaranjada e sobretudo bege, de cozedura não muito boa. A fractura raramente é vítrea. Ao nível do verniz domina o tom alaranjado, pouco brilhante, ao contrário de Bezares e *Tritium*, onde os tons avermelhados e brilhantes são maioritários (Garabito, 1978, p.428).

Segundo Garabito (1978, p. 424), Arenzana de Arriba é o centro mais antigo de La Rioja, tendo em conta as formas e decorações, directamente filiadas na área sudgálica.

Esta visão sobre o centro tem sido confirmada pelas investigações mais recentes, nos “términos” de La Puebla e La Cereceda (Saénz Preciado, 1998, p.137-46).

O primeiro é considerado o mais antigo, pelas referidas influências gálicas na decoração, mas também pelas formas e pelos nomes dos oleiros. Na decoração abundam os temas de imitação (grinaldas e cruciformes) e, de início, o estilo livre em métopas de grande tamanho.

Fabricou todas as formas lisas e decoradas conhecidas, com um acréscimo de onze formas novas e numerosas variantes (Saénz Preciado, 1998, p.137).

La Cereceda denota influências itálicas e tardo-itálicas na decoração e nomenclatura de alguns oleiros. Aliás, ao contrário de Andújar, onde se discute igualmente uma influência itálica (ver *infra*), neste centro de La Cereceda conhecem-se marcas *in planta pedis*, num total de três exemplares. O estilo metopado domina, seguido pelos de frisos, imitação e círculos. Ao nível das formas, a mais importante é a Drag. 29, seguida pelas Drag. 37 e 30 (Saénz Preciado, 1998, p.139-44).

As cronologias dos vários centros produtores abordados anteriormente apresentam ainda uma série de problemas relacionados com a própria debilidade de investigação dos centros, cujos espólios são ainda essencialmente conhecidos por prospecção. Como bem sintetizam Romero Carnicero e Ruiz Montes (2005, p.186), são critérios tipológicos e decorativos – com analogias importantes em relação aos produtos sudgálicos - e estratigrafias de centros de consumo, como *Pompaelo*, que moldam muitas vezes as conclusões dos investigadores.

Segundo Garabito (1978, p.249), o centro de *Tritium* tem materiais situados entre meados do século I e inícios do II, embora a maioria se date a partir de finais do século I. Mesquiriz (1985, p.113) data a produção de *Tritium* entre os séculos I e IV, mas reconhece que o período de maior actividade não ultrapassa o século II.

A mesma autora data Bezares entre meados do século I e o século II (Mesquiriz, 1985, p.113). Saénz Preciado (1998, p.148) estende a cronologia deste centro até ao século IV, embora também situe um período de maior produção até meados do século II.

Quanto a Arenzana de Arriba, as cronologias dos dois “términos” conhecidos são algo díspares: La Puebla terá produzido entre o primeiro terço do século I e os finais do século II, enquanto La Cereceda situa-se entre a segunda metade do século I e inícios do II, com um apogeu no final do século I (Saénz Preciado, 1998, p.138 e 146).

Mayet (1984, p.94) revê os dados apresentados por Garabito (1978) e aponta diferenças de ritmos cronológicos entre Arenzana de Arriba, Bezares e *Tritium*. Tendo em conta as diferenças quantitativas dos tipos Drag. 29, 29/37 e 37, defende que os três terão um início contemporâneo, mas que os dois primeiros serão mais produtivos em meados do século I, enquanto que *Tritium* alcançaria o seu apogeu apenas em finais do século I / inícios do II.

Actualmente, pensa-se que o centro mais antigo, de La Puebla (Arenzana de Arriba), em meados do século I, é pouco depois acompanhado pela produção de novos centros como La Cereceda (Arenzana de Arriba) e Bezares. Será nos finais do século I que a produção se concentrará essencialmente em torno da cidade de *Tritium*, num movimento centrípto (Romero Carnicero; Ruiz Montes, 2005, p.186).

Decidimos atribuir um *terminus* estatístico para as importações dos grupos 1 e 2, em 120 d.C., tomando em consideração vários argumentos:

Em primeiro lugar, a alteração dos vernizes no século II, quando se torna mais alaranjado (Saénz Preciado, 1998, p.153). Esta questão é mais detalhadamente abordada acerca do nosso grupo 5 (ver *infra*).

Em segundo lugar, a própria estratigrafia de Chãos Salgados. A relação com os grupos 3 e 4 (béticos) demonstra que os grupos 1 e 2 são mais importantes na segunda metade do século I d.C. do que na primeira metade do século II (ver *infra*), quando Andújar se torna dominante.

Tal como faremos acerca da cronologia dos grupos 3 e 4, também aqui, o paralelismo com os dados estratigráficos da Ilha do Pessegueiro são relevantes: na fase IIa (segunda metade do século I), a relação *Tritium* / Andújar é de 37 / 14%, enquanto que, na fase IIB (século II), dá-se uma inversão para 17 / 83% (Silva; Soares, 1993, p.92).

O trabalho recente de M. Bustamante (2010) sobre o Suburbio Norte de *Augusta Emerita* levou esta autora a colocar o início da produção hispânica (pelo menos a de la Rioja, que abastacece quase na totalidade este mercado) na época vespasiana, em função dos dados estratigráficos. A mesma estratigrafia demonstra uma comercialização intensa na época flávia e um decréscimo acentuado nos inícios do século II (ver com mais detalhe o **capítulo 4.1.3**).

### 3.4.2.1.4. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.4.2.1.4.1. Grupo 1

##### Drag. 15/17

A Drag. 15/17 apresenta, neste grupo, diâmetros de bordo algo inferiores em relação às peças dos restantes grupos de fabrico de Chãos Salgados. Os seus valores variam entre 96 e 242mm, indiciando que esta forma não deverá alcançar momentos muito avançados na cronologia de produção hispânica, embora na estratigrafia estudada, surja um fragmento no **contexto 2**, do século II (liso e sem diâmetro determinado – Mir-717-36 – sem estampa), e um outro fragmento, sem estampa, com ligeira moldura e diâmetro de 188mm, no **contexto 6** (flávio).

Segundo Mayet (1984, p.70), as peças desta forma aumentam de tamanho no terceiro grupo da evolução por ela proposta, embora a aplanagem do bordo já aconteça no grupo anterior; pelo que os exemplares de Chãos Salgados deverão integrar-se essencialmente nos dois primeiros de Mayet.

O espólio estudado apresenta, em quantidades semelhantes, peças ainda molduradas, mais próximas dos protótipos sudgálicos (**nº 192**), enquadráveis no grupo 1 de Mayet, e peças de bordo e parede lisos ou praticamente lisos (**nºs 193 e 194**), um deles com diâmetro de bordo de 170mm e canelura externa (**nº 195**), que parecem enquadrar-se no segundo grupo da autora.

Dois exemplares apresentam bordos oblíquos, extrovertidos e levemente almendrados, e parede recta com ressalto interno (**nº Mir-191-9** – sem estampa – e **nº 196**). Apenas no último caso foi possível determinar o diâmetro de bordo que atinge o valor máximo constatado neste grupo: 242mm.

Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) datam esta forma, na *Hispania*, entre cerca 40 d.C. até cerca 300 d.C.. O grupo 1 de Chãos Salgados tem contudo mais semelhanças com os exemplares dos grupos 1 e 2 de Mayet (1984, p.70), possivelmente mais antigos, embora a própria autora admita que os seus grupos formais da Drag. 15/17 não são necessariamente uma sequência evolutiva. A variação dos perfis em Chãos Salgados torna admissível a importação desta forma até ao final proposto para as importações do grupo 1, nas primeiras décadas do século II.

**Drag. 18**

Esta forma (nº 197) tem diâmetros de bordo com valores que variam entre 134 e 190mm, próximos dos valores dos restantes grupos de Chãos Salgados, embora algo inferiores aos valores do grupo 2.

Todas as peças apresentam maior ou menor espessamento do bordo. Os valores apresentados para os diâmetros e a relativa verticalidade das paredes datam estas peças em momentos que podem ser algo anteriores à época flávia, ou já desta época (Mayet, 1984, p.71), parecendo não alcançar momentos muito avançados da cronologia de fabrico da peça. Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) propõem uma cronologia hispânica entre meados do século I e finais do século II, embora Mayet (1984, p.71) refira que as peças do Nordeste não deverão ultrapassar os inícios do século II, o que condiziria com a cronologia de importação geral proposta para o grupo 1 de Chãos Salgados.

**Drag. 36**

Apenas dois exemplares conhecidos: um dos bordos patenteia a decoração com folha de água em barbotina, com 226mm de diâmetro de bordo (nº 198). O nº 813, de 193mm de diâmetro, é um fragmento pequeno cuja ausência de decoração pode simplesmente dever-se à exiguidade da peça.

Mayet (1984, p.74) data este tipo na segunda metade do século I e primeira metade do II d.C.. Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) estendem a cronologia hispânica até finais do século III. O início desta forma não pode ser anterior à época flávia, quando surge o protótipo no Sul da Gália (Vernhet, 1976) e a importação dos exemplares de Chãos Salgados pode situar-se entre a época flávia e o final das importações do grupo 1, nas primeiras décadas do século II.

**Fundos de pratos**

Dos 4 exemplares, todos possuem pé-de-anel de secção triangular. O nº 848 possui canelura no fundo interno, o que, em comparação com as cronologias sudgálicas, pode conferir-lhe uma datação pré-flávia (Polak, 2000). O diâmetro mede 85mm.

A referida canelura de duas peças e a secção triangular de todos os exemplares indiciam uma cronologia alta, por aproximação aos protótipos sudgálicos, que não alcance a época flávia, ou um momento avançado deste período.

**Drag. 24/25**

As poucas peças constantes neste grupo 1 possuem diâmetros de bordo entre 66 e 80mm, e diâmetros de carena entre 81 e 108mm. Dois exemplares não possuem roleta sobre o bordo (nº 199).

Mayet (1984, p.72) data esta forma da segunda metade do século I, embora Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) proponham o fabrico hispânico entre cerca 40 e 150 d.C., data que deve ultrapassar nalgumas décadas o fim da importação proposta para Chãos Salgados, nas primeiras décadas do século II.

**Drag. 27**

A esmagadora maioria dos exemplares apresenta bordo perolado (13 bordos em 18), o que parece ser um outro indício da maior antiguidade deste grupo de Chãos Salgados, embora os diâmetros determinados variem entre 72 e 159mm, o que traduz uma grande variedade de tamanhos.

Peças como o nº 202 ou o nº 201 denotam antiguidade pelo tamanho pequeno (ambos com 96mm de diâmetro de bordo) e pelo perfil com quarto de círculo superior mais delineado, bem como um bordo perolado.

Temos assim uma maioria de peças enquadráveis nos primeiros três grupos de Mayet e uma minoria que poderá relacionar-se com o quarto grupo da autora, acerca de *Tritium* (Mayet, 1984, p.72).

O único exemplar de perfil completo, nº 203, possui um valor médio de diâmetro de bordo (128mm) e outras características formais intermédias: bordo ainda perolado, quarto de círculo superior não muito arqueado e um pé-de-anel que se aproxima já um pouco das futuras secções sub-rectangulares.

A canelura interna abaixo do bordo que surge nos nºs 200-202 e 204 é conhecida noutros exemplares da mesma origem (Mayet, 1984, nºs 81, 82, 86, 96).

Os contextos de deposição secundária da construção nº 1 denotam coerência estratigráfica das várias variantes, embora a cronologia da terceira peça seja muito difícil de aceitar.

Uma peça com quarto de círculo pouco delineado, mas bordo ainda perolado (nº 685) surge no contexto 6 (flávio); o nº 695, também de bordo perolado, surge no contexto 2 (século II – talvez primei-



ra metade); enquanto que uma peça com bordo liso (os restantes 4 bordos lisos não possuem contextos), encontra-se no **contexto 3**, datável de finais do século II d.C..

Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) propõem uma cronologia hispânica de fabrico entre cerca de 40 e 300 d.C.. As peças de Chãos Salgados devem decorrer entre a cronologia de importação proposta (até às primeiras décadas do século II), com uma maioria a situar-se ainda no século I, sem atingir os seus finais.

#### Fundos de tigelas

Dos oito exemplares, seis conservam o pé-de-anel, sempre de secção tendencialmente triangular (n<sup>os</sup> 220 a 223). Os diâmetros variam entre 34 e 74mm.

A morfologia indica uma cronologia possivelmente alta, de século I, no contexto das importações de Chãos Salgados.

#### Hisp. 4

Apenas um exemplar, com diâmetro incerto de bordo de 260mm (n<sup>o</sup> 206) e aba de topo liso, com espessamento na ponta.

Mayet propõe cronologia de século I / II d.C. (Mayet, 1984, p.77). Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) situam-na entre 40 e 150 d.C.. Em Chãos Salgados não deve ultrapassar as primeiras décadas do século II.

#### Hisp. 10

Um único exemplar desta forma de estilo inteiramente hispânico. O n<sup>o</sup> 207 mede 89mm de diâmetro de bordo e possui parede rectilínea, como é mais habitual.

Mayet (1984, p.78) data a forma, a partir dos dados de Pamplona, na segunda metade do século I e século II. Tal como dito no tipo anterior, em Chãos Salgados não deve ultrapassar as primeiras décadas do século II.

#### Drag. 30, 37 e bojos decorados

Os exemplares decorados tendem a relacionar-se, ao nível dos punções, sobretudo com os fabricos de Bezares e Arenzana de Arriba, do que com *Tritium*, ao fazermos uma comparação com os punções publicados na obra de Garabito (1978).

A Drag. 30 está presente no espólio por um exemplar, o n<sup>o</sup> 208, com diâmetro de carena de 128mm. Exibe troço de óvulos, próximo dos protótipos sudgálicos, o que poderá classificá-lo na fase de imitação, existente em peças de Drag. 29 e 30 mais antigas, segundo Sáenz Preciado (1998, p.154).

A fraca espessura da parede também nos fez supor que esta peça pudesse classificar-se como sudgálica, já que os exemplares hispânicos tendem a ter paredes mais espessas. Contudo, outros exemplares são conhecidos, também em fabricos de maior qualidade, como em Arcaya, Alava (Ciprés, 1987, lám.5, n<sup>o</sup>56).

Troços de óvulos com linguetas de ponta em flor surgem igualmente em vasos de Drag. 30 de Numância e *Tarraco* e de Drag. 37 de Suair – Marrocos – e num segundo exemplar com estilo de métopas (Mesquiriz, 1961, n<sup>os</sup>2388, 2397, 2393, 2394 e 34).

As datações desta forma Drag. 30 variam entre 50 e 100 d.C. (Roca Roumens e Fernández García, 1999, p.287). O estilo dos óvulos, ainda tão próximo do sudgálico, embora surja também em Drag. 37, como referimos, não deve ultrapassar os inícios dos Flávios.

Quanto à Drag. 37, os dois fundos presentes possuem diâmetros de 46 e 82mm. Os dois bordos da variante A apresentam diâmetros de 249 e 294mm (n<sup>os</sup> 209 e 210) e o bordo da variante B (n<sup>o</sup> 212) possui diâmetro de 220mm.

Os quatro troços decorativos presentes (n<sup>os</sup> 209, 214, 211 e 213) integram-se no estilo de métopas com temáticas vegetais. O n<sup>o</sup> 214, com friso inferior de bastões (*gallones*), pode ainda associar-se ao estilo de imitação, que surge em Arenzana de Arriba e Bezares, embora com uma tipologia de *gallones* diferente da do fragmento de Chãos Salgados (Garabito, 1978, fig.108, n<sup>o</sup>19 e p.428).

O punção da métopa do n<sup>o</sup> 211 encontra o seu melhor paralelo em Arenzana de Arriba (Garabito, 1978, fig.107, n<sup>o</sup>11 – Drag. 29).

O estreito friso superior de folhas de palma largas do n<sup>o</sup> 209 encontra paralelos sobretudo em Bezares, mas também em Arenzana de Arriba e *Tritium* (Garabito, 1978): Bezares – Drag. 29 - (fig.5, n<sup>os</sup>9

– em conjunto com motivo vertical - e 11, fig.7, nºs24 e 26), Arenzana de Arriba (fig.108, nº30 – Drag.37 ; fig.108, nº16 – Drag. 29 com grinalda) e *Tritium* (fig.96, nº29 - tipo indeterminado). Um punção semelhante surge igualmente em Arcaya, Alava (Ciprés, 1987, lám.2, nº21), numa Drag. 29 de fabrico também de maior qualidade. Na obra de Mayet (1984, nº420) este punção surge associado aos produtos de La Rioja.

Segundo Garabito (1978, p.429), o estilo de métopas é o mais abundante em La Rioja, mas define algumas diferenças entre Bezares / *Tritium* e Arenzana de Arriba: nos dois primeiros, os painéis costumam ter um motivo central (como é o caso do nº 213), podendo ter outros secundários ou grinaldas bifoliáceas, mas sempre com simetria (como é também o caso do exemplar de Chãos Salgados, onde é visível que a métopa se repetia de igual forma – motivo vegetal central em métopas separadas por três linhas verticais, duas ondulantes e uma de pérolas central); enquanto que no terceiro *atelier* produz-se sobretudo um estilo livre e não simétrico.

O fragmento decorado nº 849 apresenta estilo de círculos (com interior destruído), indício de que este grupo 1 alcança momentos mais avançados do século I, entrando já na tradição dos oleiros hispânicos. A transição do estilo metopado para o de círculos é conhecida em exemplares mais tardios de Drag. 29 e nas Drag. 37A e B; o estilo de círculos propriamente dito surge nos anos 60 / 70 do século I d.C. (Saénz Preciado, 1998, p.154-5).

A variante A da Drag. 37 possui uma cronologia extensa, até evoluir para a Drag. 37 tardia, baixo-imperial, enquanto que a variante B terá terminado em 100 d.C. (cronologia hispânica de Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.288). Em Chãos Salgados, a importação da variante A não deverá ultrapassar as primeiras décadas do século II.

#### Hisp. 1 ou 2

O único exemplar (nº 218) é um bojo com decoração a barbotina sob a forma de grandes gotas (pérolas).

Mayet (1984, p.85) data a forma Hisp. 1 decorada, mais tardiamente do que a congénere lisa, nos fins do século I e século II. Baseia-se nas escavações de Pamplona (Mesquiriz, 1958, p.80, 79, fig.21, nº31, e p.29), onde surge um exemplar de decoração a molde metopada, no estrato VIA datado de século II, e nas de *Conimbriga*, onde surge na canalização de Trajano das grandes termas do Sul, em conjunto com bastantes exemplares hispânicos datados de fins do século I e século II (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.158).

Roca Roumens e Fernández García (1999, p.288) datam a Hisp. 1, no contexto hispânico, entre 50 e 200 d.C., fazendo recuar o seu início.

Mayet (1984, p.85) data a Hisp. 2 na segunda metade do século I / inícios do II.

#### Hisp. 2

A última proposta cronológica serve igualmente para o nº 219, com 58mm de diâmetro de bordo, único exemplar desta forma, que apresenta o topo da decoração da parede, junto ao bordo.

Tanto a Hisp. 1 como a Hisp. 2 terão o fim das suas importações, em Chãos Salgados, limitado à cronologia proposta nas primeiras décadas do século II.

### 3.4.2.1.4.2. Grupo 2

#### Drag.15/17

Os exemplares deste grupo atingem valores de diâmetro de bordo superiores aos exemplares do grupo 1 de Chãos Salgados, variando entre 79 e 288mm. A maioria apresenta bordo liso (27 em 47 bordos), embora haja também exemplares com bordo biselado (5 bordos), com ligeiro espessamento (14 bordos) ou mesmo com espessamento (1 bordo), pelo que poderão variar em mais grupos evolutivos (Mayet, 1984, p.71) do que os do grupo 1 de Chãos Salgados.

Três pés-de-anel apresentam secção triangular e um sub-rectangular. No primeiro caso, o nº 227 apresenta moldura interna já muito aplanada e o nº Mir-736-8 (sem estampa) possui posição estratigráfica no contexto 3 (finais do século II). O nº 680 posiciona-se no contexto 6 (flávio).

Os exemplares com bordo de perfil mais antigo (nºs 224 e 225) não possuem posição estratigráfica e possuem diâmetros pequenos (184 e 223mm).

Os exemplares enquadráveis nos grupos mais avançados de Mayet possuem já diâmetros maiores, para além do aplanamento do bordo e parede: por um lado, exemplares ainda com ligeiro ressalto no bordo ou na parede (**n°s 226 e 228** – 240 e 211mm de diâmetro), sem contexto estratigráfico, ou com contexto estratigráfico (**n° 680** – 242mm -, com ressalto na parede, do **contexto 6** – flávio); por outro lado, exemplares de bordo plano, arredondado ou biselado, como o **n° 696** (223mm), em contexto do século II – ou apenas primeira metade? - (**contexto 2**).

Apesar dessa possível tendência cronológica, o **n° 680**, pertencente ao **contexto 6** – flávio -, possui bordo espessado e até caneluras no fundo interno, possivelmente pré-flávias (Polak, 2000, acerca da produção sudgálica), mas um diâmetro considerável de 248mm.

Tal como no grupo 1, também surge no grupo 2 uma variante da Drag. 15/17 ao nível do bordo, com um espessamento mais ou menos amendoado, paredes rectas esvasadas e diâmetros desenvolvidos. O **n° 231** possui bordo amendoado e ressalto interno na parede; mede 288mm de diâmetro. Outro exemplar, com bordo espessado apenas externamente, parece pertencer também a esta “variante”: mede 253mm de diâmetro e surgiu no **contexto 4** (de datação baixo-imperial que estravasa a sua cronologia de fabrico e uso).

Como dito acerca do grupo 1, os materiais desta forma atravessam toda a cronologia de fabrico alto-imperial de La Rioja (Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.287). Em Chãos Salgados propomos o fim da importação desta forma em consonância com a do grupo 2, nas primeiras décadas do século II.

#### **Drag. 18**

As peças deste grupo apresentam diâmetros um pouco maiores do que as do grupo 1, variando entre 92 e 228mm. Os bordos são quase sempre bem perolados, embora haja alguns exemplares apenas levemente perolados.

São, todavia, estes últimos os que apresentam uma constância de diâmetros menores, entre 108 e 124mm. O **n° Mir-727-161+162** (sem estampa) mede 124mm e pertence ao **contexto 6**, flávio.

Dos exemplares com bordo nitidamente perolado (**n°s 232, 233, 234, 681, 682 e 742**), apenas os três últimos têm posição estratigráfica: os **n°s 681** (de influência claramente sudgálica) e **682** (este, com perfil completo e ressalto no fundo externo) também no **contexto 6**; o **n° 742**, no **contexto 59**, datado da primeira metade do século II.

Em termos cronológicos, não deixa de ser notório que os vários exemplares estratigrafados pertençam maioritariamente à época flávia, possuindo bordo mais ou menos perolado e alguma variabilidade de diâmetros, e apenas um se situe na primeira metade do século II. O espólio de Drag. 18 do grupo 2 apresenta um comportamento estratigráfico semelhante à proposta cronológica de Mayet (1984, p.71) para La Rioja, que não ultrapassa os inícios do século II, altura em que terminará a importação do grupo 2 em Chãos Salgados.

#### **Drag. 36**

Dois exemplares apenas, com 162 e 163mm de diâmetro de bordo, o maior deles com lábio decorado com folhas de água a barbotina (**n°s 235 e 236**). Os valores obtidos aproximam-se do valor mínimo encontrado na congénere do grupo 1.

A cronologia desta forma é semelhante à da congénere do grupo 1 (ver *supra*).

#### **Fundos de pratos**

Com diâmetros que variam entre 48 e 95mm, 8 exemplares têm pé-de-anel de secção triangular (**n° 237**) e 4, rectangular. Dois outros fundos têm roleta ou sulco no fundo interno, datáveis de épocas pré-flávias (Polak, 2000, acerca da produção sudgálica).

Dois exemplares de secção triangular surgem em estratigrafia, na construção **n° 1**: no **contexto 2** (século II – primeira metade?) e no **contexto 6** (flávio).

O conjunto deve situar-se ao longo de toda a diacronia do grupo 2 (40-120 d.C.), embora a maioria se situe ainda no século I.

#### **Drag. 24/25**

Tal como nos restantes grupos, também aqui existem poucos exemplares, cujo diâmetro de bordo varia entre 80 e 132mm, alcançando valores um pouco maiores do que o grupo 1. A variabilidade poderá até ser maior neste grupo, já que se determinaram diâmetros de carena entre 67 e 122mm.

Podem ter roleta, ou não, como os n<sup>os</sup> 239 e 238. Um outro exemplar possui roleta fina (n<sup>o</sup> 240). Reiteramos as propostas cronológicas descritas para o grupo 1 (ver *supra*).

#### **Drag. 27**

As peças deste grupo variam entre 60 e 180mm, valores próximos dos do grupo 1; podem ter bordo perolado (14 em 44 bordos) ou liso (num caso, biselado), não havendo uma correlação entre forma e tamanho.

Em material não estratigrafado podemos ver peças enquadráveis nos primeiros três grupos de Mayet (n<sup>os</sup> 241, 243 e 242) e constatar que peças de bordo perolado podem ter extremas variações de tamanho (79, 126 e 138mm); bem como o n<sup>o</sup> 244, com bordo liso e diâmetro próximo da segunda peça perolada, enquadrável no quarto grupo de Mayet (1984, p.72).

A estratigrafia da construção n<sup>o</sup> 1 revela algumas evoluções cronológicas coerentes: no **contexto 9** (superficial do ambiente 1, onde se situa o **contexto 6** e contém bastante produção hispânica e apenas um fragmento de TSAf A2) surgem duas peças peroladas com diâmetros bem diversos (135 e 210mm). Outras duas peças de diâmetro curto, uma delas de bordo perolado, surgem no próprio **contexto 6**, flávio (n<sup>os</sup> 684 e 683). Duas peças com bordo liso surgem nos **contextos 2** (século II – 1<sup>a</sup> metade?) e **3** (finais do século II). Possuem diâmetros de 118 e 120mm, bem próximos do n<sup>o</sup> 260.

Um bordo biselado (n<sup>o</sup> 790), com 122mm de diâmetro, surge no **contexto 85**, na primeira metade do século II, posição estratigráfica contemporânea ou levemente posterior a um outro fragmento deste tipo do grupo 3 (ver *infra*).

Um outro fragmento de bojo surge no **contexto 4**, baixo-imperial.

A cronologia de fabrico da Drag. 27 do grupo 2 é semelhante à da congénere do grupo 1 (ver *supra*), embora o espólio deste grupo 2 se distribua mais uniformemente ao longo da diacronia proposta para Chãos Salgados, entre 40 e 120 d.C..

#### **Drag. 33**

Os exemplares variam entre 88 e 162mm de diâmetro de bordo. O n<sup>o</sup> 246 possui canelura externa abaixo do bordo; o bordo do n<sup>o</sup> 245 é biselado e a parede tem uma curvatura de simbiose com o tipo Ritt. 8, cuja hipótese de classificação mantemos em aberto. Um exemplar sem estampa e o n<sup>o</sup> 743, de bordo liso, surgem no **contexto 2** e **59**, datados do século II (primeira metade).

Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) defendem uma cronologia hispânica de 50-200 d.C., enquanto Mayet (1984, p.73) propõe que as peças de La Rioja terminem nos inícios do século II, o que condiz com a proposta cronológica para o fim das importações do grupo 2 em Chãos Salgados, nas primeiras décadas do século II.

#### **Fundos de tigelas**

Dos 32 fundos (n<sup>os</sup> 287-292), 15 possuem o pé-de-anel conservado. Os diâmetros variam entre 31 e 86mm. Apenas um exemplar tem secção subrectangular; todos os outros são de secção triangular.

Dois exemplares encontram-se nos **contextos 7** (finais do século I / primeiras décadas do século II) e **8** (imediatamente posterior).

#### **Drag. 35**

Os três exemplares variam entre 83 e 120mm ao nível do diâmetro de bordo. O menor deles, n<sup>o</sup> 249, para além da típica decoração, foi elaborado com um acabamento cuidado. O maior dos exemplares apresenta bordo pendente curto.

Assim, n<sup>o</sup> 249 e o n<sup>o</sup> 250 enquadram-se no grupo 1 de Mayet, com diâmetros quase constantes de 80mm, enquanto que o terceiro bordo se identifica com o grupo 2 de Mayet, com diâmetros entre 110 e 120mm e lábios muitas vezes mais curtos e espessos (Mayet, 1984, p.74).

Mayet (1984, p.74) data a Drag. 35/36 na segunda metade do século I (nunca antes dos Flávios, quando surge na Gália – Vernhet, 1976) e primeira metade do II d.C., embora questione se o tipo 35 termina antes do tipo 36. Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) consideram que a forma 35 termina, na *Hispania*, em meados do século II. A cronologia deste tipo em Chãos Salgados deve terminar em consonância com a cronologia proposta para o grupo 2.



**Drag. 46**

Apenas um exemplar, com diâmetro de bordo de 92mm (nº 252).

Mayet (1984, p.76) não aceita esta denominação, preferindo o conceito de Ludowici Tb e propõe cronologia a partir de finais do século I d.C.. Em Chãos Salgados, a sua cronologia final deverá coincidir com a datação proposta para o grupo 2.

**Hisp. 4**

Dois exemplares com roleta possuem diâmetros de 256 e 240mm (nº 253). Um exemplar, sem roleta, encontra-se da fase IIb, baixo-imperial, do ambiente exterior norte da construção nº 1.

Outro exemplar, nº 254, possui aba poligonal e diâmetro desconhecido. Apenas possuímos o lábio, pelo que pode ainda classificar-se noutros tipos, como a Drag. 46, a Ritt. 12, ou mesmo a Drag. 37, na qual se conhecem também vasos com abas em *Tritium* (Mayet, 1984, pl.CIX, nº445). Apesar de só se saber classificar em definitivo com a presença do bordo, o facto de o lábio ser horizontal, dá uma maior probabilidade de classificação na Hisp. 4.

A sua cronologia será semelhante à da congénere do grupo 1 (ver *supra*).

**Drag. 30, Drag. 37 e bojos decorados**

Como veremos neste capítulo, também os exemplares decorados do grupo 2 têm muitos paralelos em Bezares e Arenzana, mas já contêm com mais frequência punções semelhantes aos de *Tritium*.

Os diâmetros de bordo da Drag. 30 deste grupo são superiores aos do grupo 1, variando entre 149 e 204mm (sendo este último valor um diâmetro de bojo do nº 87).

O nº 255 enquadra-se no estilo de círculos. Contém círculo segmentado de boa qualidade de elaboração, com pássaro no seu interior e parece alternar com motivo vegetal vertical. Saénz Preciado (1998, p.155) descreve a existência de círculos alternando com motivos verticais. Os motivos vegetais que surgem nesses círculos são idênticos a outros que surgem em Drag. 37, o que corrobora uma datação de 60/70 d.C. para este tipo de decoração.

O nº 257 é de cronologia mais alta, já que a sua decoração exhibe um estilo de transição entre os estilos de imitação e o de métopas, com influências sudgálicas consumadas no troço de óvulos, sendo a composição da métopa claramente hispânica (Saénz Preciado, 1998, p.153). A métopa parece ter um motivo vegetal central e as divisórias das métopas serão compostas por uma linha de grinaldas bifoliáceas ladeada por 3+3 cordões ondulantes. Ao analisarmos as estampas de Garabito (1978), verificamos que os melhores paralelos para esta decoração encontram-se essencialmente em Bezares e Arenzana de Arriba, embora nunca em Drag. 30: métopa semelhante surge em Bezares, em Drag. 29 e 37 (Garabito, 1978, figs.4, 8, 13 e 17); o punção do motivo vegetal surge em Bezares, em Drag. 37 e 29 (Garabito, 1978, punções nº12 da p. 520 e nº238 da fig.41), e em Arenzana de Arriba, em Drag. 29 e 37 (Garabito, 1978, nºs9 e 38).

Os 14 bordos de Drag. 37, com diâmetros definidos, variam entre 89 e 300mm, o que torna a forma 37 deste grupo 2 mais diversa do que a do grupo 1, que tem menos exemplares. O facto de o grupo 2 apresentar um número muito mais elevado de exemplares é outro indício de uma tendência para uma cronologia mais baixa em relação ao grupo 1.

Quase todos os exemplares integram-se na variante A, de bordo mais ou menos vertical, podendo ser mais fechado (nºs 259, 260, este com roleta abaixo do bordo) ou mais vertical (nº 271). Este último permitiu a reconstituição do perfil, com diâmetro de bordo de 182mm e altura de 86mm.

O nº 270, o único exemplar da variante B (ou Drag. 40), com 159mm de diâmetro de bordo, possui sulco sobre o bordo e aba horizontal aberta a meio, e um friso de festões com pássaro no interior separados por motivo de ornato vegetal, o que deixa bem claro o seu estilo de imitação. Festões com pássaros, embora diferentes (os festões são segmentados e possuem rosetas nas extremidades), surgem, em Drag. 29, na Citânia de Briteiros e em Pamplona (Mesquiriz, 1961, lám.45, nºs49 e 50). Mayet (1984) mantém este perfil na Drag. 37, mas poderia ser inscrito na Drag. 40 (Roca Roumens; Fernández García, 1999).

O nº 277 parece conter o estilo mais antigo, de imitação, com linha de óvulos e pendentes mal impressos.

O nº 269 parece ter um estilo de métopas com motivos animais, embora a organização dos elementos não pareça centralizada, mas livre, que surge mais frequentemente em Arenzana de Arriba (Garabito, 1978, p.429).

Os nºs 272, 273, 274, 275 e 276 exibem estilo de métopas, com motivos vegetais ou animais. No último caso, a fisionomia do grifo aproxima este exemplar dos protótipos sudgálicos e os melhores paralelos surgem justamente em Drag. 29 de Arenzana de Arriba (Garabito, 1978, fig.107, nº4).

As árvores – possivelmente ciprestes – do nº 274 são um motivo algo raro, mas que surge noutros vasos em que a sua definição como árvore é clara (Mesquiriz, 1961, nº1159 da lám.83, cuja copa é mais larga e possui um pássaro pousado no topo).

O nº 279, e provavelmente os nºs 278 e 281, situam-se na transição do estilo metopado para o de círculos. Tal como no nº 257 (Drag. 30), também no nº 279 as métopas são separadas por um cordão de grinaldas bifoliáceas ladeado por 3+3 cordões ondulantes; na métopa surge um pássaro. Quanto à métopa, os melhores paralelos surgem em Bezares, em Drag. 29, 29/37 e 37 (Garabito, 1978, fig.41, nº234, fig.11, nº66, fig.14, nº94); pétalas em círculos surgem em *Tritium* (Garabito, 1978, p.541, nºs1-8), Arenzana de Arriba (Garabito, 1978, p.527, nºs1-15, em Drag. 29, 29/37, 37 e Hisp. 13) e Bezares (Garabito, 1978, p.536, nº8 e p.537, nºs4-12). O melhor paralelo para o nº 278, também com friso de pequenos círculos, com motivo vegetal no interior, surge em Bezares (Garabito, 1978, fig.7, nº26, em Drag. 29).

O nº 280 possui friso de pequenos círculos, abaixo de métopa com motivo vegetal, posição invertida no nº 279, onde os círculos são sem dúvida superiores.

Um exemplar, com friso de pequenos círculos concêntricos, que poderá conter igualmente métopas na parte central da parede, encontra-se no **contexto 2** (século II – primeira metade?).

Os nºs 284, 283, 285 e 271 pertencem ao estilo de círculos, com estes já de grande tamanho, formando, no terceiro caso, pelo menos dois frisos, e, no quarto, três frisos.

Este último caso permite uma melhor descrição: um friso superior com círculos de linha ondulante que incluem motivo vegetal; um friso médio que alterna um motivo vegetal com círculo idêntico aos do friso superior; um friso inferior com círculos concêntricos que incluem motivo vegetal, separados por motivo vertical. Os melhores paralelos para este vaso surgem em *Tritium*, e mais esporadicamente em Bezares: o punção do friso superior surge em *Tritium* (Garabito, 1978, fig.59, nº68, e fig.54, nº19, ambas em Drag. 37); o elemento vegetal dos círculos do friso inferior surge em *Tritium* (Garabito, 1978, fig.55, nº21, em Drag. 37) e o elemento vegetal separador dos círculos surge também em *Tritium* (Garabito, 1978, fig.54, nº19, em Drag. 37) e em Bezares (Garabito, 1978, fig.9, nº37, em Drag. 29).

O pássaro do nº 284 tem paralelos mais próximos em Bezares (Garabito, 1978, fig.23, nº19, fig.30, nº105, fig.35, nº160; em Drag. 29, 29/37 e 37).

Temos assim uma maioria de peças que se enquadra na primeira fase de Saénz Preciado (1998, p.155), cuja datação não deve ultrapassar os Flávios, nuns casos muito próxima dos protótipos sudgálicos, noutros já num estilo de métopas, ou já na transição para o estilo de círculos; numa cronologia semelhante (nº 257), mas mais extensa (nº 255), estão os exemplares de Drag. 30, datados entre 50 e 100 d.C. (Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.287), e uma minoria de peças enquadrável no estilo de círculos, datados a partir dos anos 60/70 (Saénz Preciado, 1998, p.155).

Os vasos de Drag. 37 e os indeterminados com estilo de círculos devem terminar na cronologia proposta para Chãos Salgados, nas primeiras décadas do século II.

### 3.4.2.2. Andújar (grupos 3 e 4)

#### 3.4.2.2.1. Grupo 3

##### 3.4.2.2.1.1. Caracterização

Este grupo apresenta fractura algo grosseira, embora, por vezes, defina arestas mais rectilíneas; pasta de cor M25/N25 a R39/S39, algo dura, embora se desfaça facilmente por acção mecânica, na maioria das vezes; bastantes em branco-amarelados, com dimensões algo superiores aos do grupo 2, podendo atingir mais frequentemente 0,5mm; pequenos vácuos arredondados ou semi-alongados.

Verniz por vezes fino, estaladiço ou pouco homogéneo – produzindo efeito de mancha -, mas frequentemente de espessura fina / média, de cor R19/S19, mais próximo deste último valor do que acontece no grupo 2; mate.

Alguns exemplares aproximam-se muito do grupo 4, com fractura muito mais grosseira e pasta de cor M25; com verniz de cor R19/20, muito fino e geralmente gasto; não quebradiço, mas soltando-se em camadas suaves; enp ainda mais frequentes, amarelados, arredondados, com comprimento de 0,5mm; verniz mate.

O grupo 3 corresponde ao *fabrico A* de Luísa Ferrer-Dias (Dias, 1976-7) e atribuímos a sua origem a Andújar, cuja caracterização passamos a problematizar.

A dificuldade em criar grupos estanques tem sido evidenciada por vários autores: Mesquiriz (1985, p.115) considera que os dois grupos, A e B, de J. Boube (1965) seriam afinal originários de Andújar e corresponderiam às descrições realizadas por M. Roca para este centro (Roca Roumens, 1976, p.28); Mayet corroborara, em 1984, a tese de J. Boube, aceitando a origem bética do seu grupo B. M. Roca refere ainda (Roca Roumens, 1976, p.13-4) que, entre os dois conjuntos de pastas (A e B de J. Boube), “existen numerosos tipos intermedios, en los cuales se combinan, en mayor o menor grado, características de ambas, siendo imposible englobarlos en una ou outra.”

A localização dos barreiros levanta igualmente muitas questões. Segundo M. Roca (1976, p.11), a actual indústria oleira de Andújar abastece-se de argilas situadas a 8 km de distância, algo que seria menos provável na época romana, sendo bem possível que boa parte dos barreiros de época romana tivessem sido explorados até à exaustão, dificultando a sua localização pelos arqueólogos.

F. Mayet (1984, p.313) não apresenta com segurança a localização dos barreiros dos seus conjuntos 1 e 2, embora adiante conhecimentos mais avançados sobre o assunto: os conjuntos 1 e 2 têm argilas de composição semelhante às dos níveis terciários que afloram nas imediações de Andújar, sendo que as argilas do conjunto 2 se identificam em parte com as das explorações modernas de Arjonilla.

### 3.4.2.2.1.2. Sinopse da investigação sobre Andújar

As escavações realizadas em Los Villares de Andújar, nos anos 70 e inícios dos anos 80 do século XX, levaram à produção de uma série de artigos com os principais resultados estratigráficos de cada acção (ver sobretudo Sotomayor; Pérez Casas; Roca Roumens, 1976; Sotomayor; Roca; Sotomayor, 1979; Sotomayor; et Al., 1981; Roca Roumens; Sotomayor Muro, 1983; Sotomayor Muro; et Al., 1984) e à publicação de duas monografias sobre os materiais das primeiras campanhas. Estas duas monografias complementam-se já que a primeira (Roca Roumens, 1976) descreve de uma forma abrangente todo o repertório formal, decorações e marcas; enquanto o segundo (Sotomayor, 1977) se debruça sobre marcas e propõe estilos decorativos associados, em função dos vasos e moldes conhecidos.

Nos anos 80 surge uma nova monografia, com análise crítica dos dados estratigráficos publicados, mas, sobretudo, com uma revisão tipológica e decorativa, bem como das marcas conhecidas, e que se tem revelado, porventura, como a principal obra de referência para a classificação das peças deste centro oleiro, embora se debruce sobre a *terra sigillata* hispânica em geral (Mayet, 1984). Paralelamente, M. Mesquiriz publica um novo trabalho sobre as produções hispânicas, englobado no *Atlante* (Mesquiriz, 1985), na esteira da monografia que já havia publicado em 1961.

Entre finais dos anos 70 e inícios dos anos 90 deu-se à estampa igualmente um conjunto de artigos referentes a questões tipológicas e decorativas do centro de Andújar, com alguma informação estratigráfica, mas sobretudo rico em novas descrições de materiais (ver sobretudo Roca Roumens, 1978; Roca Roumens; Fernández García, 1987-88; Fernández García, 1989-90; Fernández García, 1984; Fernández García, 1985; Fernández García, 1986; Sotomayor, 1988; Fernández García, 1991-92; Roca Roumens, 1991-92).

A segunda metade da década de 90 assistiu ao retomar de importantes trabalhos de campo em Andújar, expressos em alguns artigos de campanha (ver, por exemplo, Fernández García; et Al., 1997; 1999).

Os dois últimos grandes trabalhos sobre a *terra sigillata* hispânica, incluindo a produção de Andújar, foram publicados nos finais dos anos 90, com coordenação das autoras que haviam elaborado a série de artigos referida. Nestas duas obras apresenta-se uma nova revisão e um “estado da arte”, com uma seriação de tipos, decorações e marcas, embora resulte numa visão essencialmente coerente com o já conhecido para o centro (Fernández García, ed., 1998a; Roca Roumens; Fernández García, coords., 1999).

Em finais do século XX e inícios do século XXI, outros trabalhos de síntese, mais curtos, sobre Andújar, foram dados à estampa: Fernández García (2004) e Fernández García; Ruiz Montes (2005).

### 3.4.2.1.3. A estratigrafia em Andújar

O conjunto de escavações realizadas no centro produtor têm dado à luz vários depósitos com cronologias distintas, apenas por vezes conseguindo fornecer uma diacronia integral da laboração do centro. Embora já se conheçam alguns contextos que retratam o início da actividade e o terceiro quartel do século I esteja bem documentado como época de auge da produção, a verdade é que todo o lapso temporal pós-flávio se encontra menos bem registado estratigraficamente, o que não permite uma clara caracterização do que terá sido a produção de *terra sigillata* no século II, nem perceber quando o centro termina de facto a sua produção.

#### Depósitos tibério-cláudios

Quatro campanhas de escavação permitiram recolher uma estratigrafia respeitante às épocas mais antigas de produção.

Nas campanhas de 1974, 1975 e 1977 (Sotomayor; Roca; Sotomayor, 1979, p.464-95), a sondagem 14 foi datada de Cláudio / início dos Flávios. Segundo os autores, os três depósitos, sobrepostos, escavados, tinham sido formados em poucos anos, embora, mais recentemente, Roca Roumens (1991-92) tenha datado os primeiros níveis do depósito 1 em Tibério (com produções precoces) e, segundo informação oral de Isabel Fernández García, a cronologia deste depósito não ultrapasse a época cláudia, a ver pelas revisões de materiais que estão a ser realizadas.

No depósito 1, a *terra sigillata* é minoritária e o seu repertório é dominado pelas Drag. 15/17, 24/25 e Hemisférica Decorada, então ainda denominada “Drag. 37 pequena”. Surgem igualmente a Drag. 29 e algumas formas hispânicas.

O depósito 2 é constituído maioritariamente por *terra sigillata*: a Decorada Hemisférica continua a dominar em face da Drag. 29; a Drag. 37 (sem distinção da DH) representa 22% e as restantes decoradas são as Drag. 30 (0,35%), Drag. 29 (5%) e indeterminadas (12%). As formas lisas estão representadas pelas Drag. 15/17 (30%), 24/25 (15%) e 27 (3%). Surge ainda escassa Drag. 35/36 e formas hispânicas (8%). Neste depósito, as paredes finas e a cerâmica ibérica surgem apenas nos níveis inferiores (Sotomayor, 1998, p. 40).

O depósito 3 mantém a relação entre a Drag. 29 e a Drag. 37 (inclui as DH); diminui ainda mais a percentagem de Drag. 30 e as Drag. 27 e 35/36 continuam escassas, com 2,4% e 1%, respectivamente. Os principais tipos são as formas hispânicas (10%), Drag. 15/17 (25,5%) e 24/25 (15%).

A campanha de 1999 (Fernández García; et Al., 1999) visava desenvolver o conhecimento destes depósitos da sondagem 14. Efectuaram-se então as sondagens 29 (2x2m) e 30 (2x3m), tendo-se a primeira revelado pouco rica em informação.

A sondagem 30, com uma potência estratigráfica de cerca de 2m, situa-se a 1,5m de distância do perfil norte da sondagem 14 e, embora registe a parte final do depósito, não permite perceber a extensão do mesmo, devido à exiguidade da sondagem. Os autores interpretam a estratigrafia como uma sucessão de três fornadas, das quais ter-se-ia escavado 2 delas integralmente (no interior da sondagem) e tendo ficado incompleta a escavação da terceira fornada.

Destacam-se três unidades estratigráficas. A UE 1015 é composta por 7000 fragmentos cerâmicos, que se repartem por *terra sigillata* (53,67%) e cerâmica comum (45,44%); A UE 1016 é composta por 4000 fragmentos cerâmicos. A UE 1017 por abundante *tegula* e cerâmica; os 6000 fragmentos cerâmicos reparam-se por *terra sigillata* (52,23%) e cerâmica comum (46,49%).

É significativo, em face dos resultados geralmente obtidos pelas diversas sondagens no centro, que a sondagem 30 tenha revelado uma fraca quantidade de lucernas, paredes finas e cerâmica ibérica.

Quanto à composição de *terra sigillata*, a sondagem 30 forneceu formas decoradas (Drag. 29, 30, Hisp. 40 e Aj. 1 ou Decorada Hemisférica e marcas de MSM) e lisas (formas 15/17, 18, 24/25, 27, 35/36, 13, 2, 4, 7, 44, 84). O espólio confirma o domínio do serviço composto pelas Drag. 15/17 e 24/25 nesta fase.

#### Depósitos tibério-flávios

A campanha de 1982 (sondagens 26, 27 e 28) revelou duas grandes fases: uma fase anterior ao depósito e o próprio depósito (Sotomayor; et Al., 1984, p.250-60).

A primeira fase, com poucos materiais, está datada de Tibério, e contém *terra sigillata* itálica (Goud. 14 e Drag. 11); cerâmica comum e cerâmica ibérica; e *terra sigillata* hispânica, com 8 exemplares de Decorada Hemisférica, algumas delas de M.S.M.



A segunda fase, o próprio depósito, possui material abundante e está datado de época cláudio-flávia. Assim, na sondagem 26 – camada 2 – existe *sigillata* sudgálica (Ritt. 9 e Drag. 15/17); na sondagem 27 – camada 1 – existe *sigillata* sudgálica (Drag. 18); na sondagem 27, camada 3, *sigillata* indeterminada e uma marca itálica; e na sondagem 28, nível 1, *sigillata* itálica indeterminada e sudgálica (Drag. 30, 15/17, 18 e 35/36, Ritt. 8). Embora as importações apontem para uma datação flávia plena, com exceção da sondagem 26, camada 2, e sondagem 28, camada 1, que deverão datar-se de inícios dos Flávios, os autores deixam subentendido que a datação cláudio-flávia do depósito se deverá à classificação da *sigillata* hispânica que, embora quantificada nos quadros estatísticos (Sotomayor; et Al., 1984, p.251), está escassa-mente descrita: nas decorações há uma tendência para a realização de dois frisos, sendo o superior mais estreito; e embora continue a existir decoração em métopas ou alternada e festões, agora dominam os motivos circulares, geralmente contínuos, e que podem conter motivos animais ou vegetais; a Decorada Hemisférica desaparece quase totalmente e já não tem os atributos antigos. Os oleiros presentes enquadram-se na segunda geração – TITI OPPI e CLP – sendo que o primeiro parece fazer a transição entre a primeira e a segunda gerações de oleiros (Fernández García, 1998b, p.94).

### Depósitos de Cláudio a inícios dos Flávios

De época cláudio-neroniana foram datadas as camadas 1 e 2 das sondagens 21 e 22, respectivamente, e a camada 4 das sondagens 23 e 24 - campanha de 1981 - (Roca Roumens; Sotomayor Muro, 1983, p.274-6), com base no conjunto de *terra sigillata* sudgálica. Esta existe ainda na camada 3 das sondagens 21 e 22; e a *sigillata* itálica existe apenas nas camadas 1 e 2 das sondagens 23 e 24, respectivamente. Também aqui se considera estarmos perante depósitos de formação rápida.

Estão presentes os oleiros M.S.M. e, em menor quantidade, QVARTIO, CVDAS e TITI OPPI OF.; a Decorada Hemisférica (com um só campo decorativo) é abundante; as decorações presentes são constituídas por grinaldas e festões, bem como métopas e círculos, os quatro, estratigraficamente, contemporâneos.

A informação sobre os depósitos da sondagem 14 foi completada pela sondagem 12, das campanhas de 1974-75-77 (Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.456), para além das sondagens 15 e 16, cujos dados são mais exíguos.

A sondagem 12 detectou níveis datados pelos autores de meados / segunda metade do século I, pois ainda surge *sigillata* sudgálica (um exemplar é marmoreado), cerâmica ibérica e lucernas de bico triangular locais. O material de *sigillata* hispânica é composto por muita Drag. 29, 30, 15/17 (de parede curta e moldurada), 24/25 com roleta, 29/37 e 37 (com pasta, verniz e decorações antigas); surge uma marca intradecorativa de CVDAS (Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.456). Pensamos, contudo, que este conjunto hispânico parece indiciar uma datação centrada em Cláudio / inícios dos Flávios, pela antiguidade da Drag. 37 e pela ausência da Drag. 27, bem como das formas flávias como a Drag. 35/36.

### Depósitos datados entre meados do século I e meados do século II

Em 1972-3 escavaram-se as sondagens 1-8, nas quais as primeiras 7 permitiram definir bem um depósito (Sotomayor; Pérez Casas; Roca Roumens, 1976, p.115-140). Este está datado entre meados do século I e meados do século II, com um auge de produção no terceiro quartel do século I. É constituído por dois níveis estratigráficos.

No nível inferior, as Drag. 37 e 29 dominam as formas decoradas, e nas lisas domina a Drag. 35/36; verifica-se ainda a Hermet 13, lisa e sem asa, as Drag. 44 e 30. Entre as várias marcas presentes, encontra-se a de C.A.H. (Drag.27), presente em Chãos Salgados. Embora os autores não refiram uma cronologia, este primeiro nível parece datar-se de época flávia, em face do domínio da Drag. 35/36 e da presença da Drag.37 (que pode ainda incluir a HD).

Para a segunda fase já é apontada uma cronologia, embora vaga, para a última época de produção dos fornos, o que, em face da cronologia geral do depósito, deve significar finais do século I / meados do século II. Estão presentes a Drag. 24/25, 15/17 (na qual é importante a marca EX OF LCV), Drag. 37 (apenas um exemplar) e bastante Drag. 27, empilhada, com a marca EX OF CA.

### Depósitos da última fase do centro

Pelas sondagens 10, 11 e 17 temos um conhecimento circunscrito a níveis da última fase de produção, a partir de fins do século I.

O depósito da sondagem 10 é considerado de fins do século I, pelos autores, e contém moldes e vasos de Drag. 37, 44, 46/49, 15/17 e 27; os oleiros presentes são EX OF MC, EX O CL, EX O PF e ainda M.S.M., claramente fora de contexto (Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.445-7).

Na sondagem 11 escavou-se um depósito homogêneo com materiais de pastas de cor siena, mal decantadas, e vernizes de má qualidade, sem brilho, quase engobes, que F. Mayet (1984, p.39) identifica com o grupo B de J. Boube. No espólio, de perfis pesados, domina a Drag. 15/17 (547 exs.), seguido pelas Drag. 27 (276 exs.), 46/49 (54 exs.); em menor quantidade surgem a Drag. 37, Hisp. 2, 4, 7, 50 e 52 e Hermet 13. Surgem marcas de entalhe em Drag. 15/17, 27 e 46/49. A inexistência de formas antigas, como as Drag. 24/25 e 29, levam os autores a datar o depósito de fins do século I ou inícios do século II, com a hipótese em aberto de esta cronologia se poder estender ainda mais adentro do século II (Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.447). As características técnicas, tipológicas (hegemonia das Drag. 15/17 e 27) e cronológicas deste espólio levam-nos a relacioná-lo com o grupo 4 de Chãos Salgados.

O depósito da sondagem 17 está datado apenas da última época do centro, sem nenhuma especificação cronológica. O seu espólio contém Drag. 37, 27, 15/17, 46/49, Hisp. 4, mas também Drag. 24/25; e, em menor quantidade, Drag. 35/36, Knorr 78 e Hermet 13 (Sotomayor; et Al., 1981, p.343-52).

#### 3.4.2.2.1.4. As propostas cronológicas

As datações para o início da actividade do centro de Andújar têm variado, embora uma datação cláudia seja aquela que reúne mais propostas. Em 1976, Sotomayor, Pérez Casas e Roca Roumens (p.140), apontam o início para meados do século I d.C., na sequência dos dados das campanhas de 1972-73; no mesmo ano, Roca Roumens (1976, p.100) defende a mesma cronologia.

Na Mesa Redonda de Madrid, em 1982, Sotomayor e Roca Roumens defendem um início em Tibério (*apud* Mayet, 1984, p.53) e uma data tibério-cláudia é proposta em 1991-92, por Roca Roumens, alegando que nos níveis mais profundos do depósito 1 da sondagem 14 surge a produção que imita formas itálicas, denominada pela autora já de *terra sigillata*, embora *precoce* (*ver supra*).

Em 1984, F. Mayet (p.54) propõe novamente a época de Cláudio para o início de Andújar, pois considera que os tipos de lucernas e paredes finas produzidas nos fornos do centro só muito dificilmente serão anteriores a Cláudio.

Finalmente, Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.32) voltam a propor os principados de Tibério-Cláudio, embora considerem que a primeira fase do centro seja basicamente cláudia, podendo talvez começar um pouco antes.

Para além da questão já abordada das produções precoces, nitidamente de inspiração ou imitação itálica, a realização da *terra sigillata* clássica em Andújar apresenta também aspectos de inspiração itálica que têm sido objecto de discussão em vários trabalhos, e que destaca este centro dos congêneres setentrionais, onde a influência sudgálica far-se-ia sentir de uma forma mais evidente (Roca Roumens, 1978; Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García, 1999, p.32), posição algo contraposta por F. Mayet (1984, p.55-6), que esbate os argumentos de possíveis sucursais no que respeita a Andújar, já que não existe nenhuma marca *in planta pedis* registada.

Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.32-3) propõem um faseamento da produção do centro de Andújar em 3 períodos:

- como referido, a primeira fase começa em Cláudio, ou algo antes, e exhibe influências itálicas e ibéricas. Produz-se também cerâmica comum, paredes finas e lucernas. Trabalha nesta altura a primeira geração de oleiros de *terra sigillata*: M.S.M., CVDAS e QVARTIO. Destaca-se o papel da Decorada Hemisférica ou Aj. 1, de um único campo decorativo, mas também da Drag. 29, 15/17 e 24/25 (Roca Roumens, 1976, p.35-57).

- na segunda fase atinge-se o pico produtivo. Data-se de época flávia, quando uma série vasta de oleiros trabalha no centro e o repertório se simplifica, com o desaparecimento das formas de inspiração itálica ou ibérica e a manutenção das formas clássicas (fim da Drag. 29; domínio da Drag. 37, 27, 15/17). A Drag. 35/36, inspirada na congénere flávia sudgálica, é das menos produzidas (Roca Roumens, 1976, p.41). A produção de cerâmica comum continua abundante, mas as de paredes finas e cerâmica ibérica diminuem.

- a terceira fase está mal conhecida e é de difícil datação para as autoras, embora pensem que o seu início se aproxime da charneira do século I para o século II. A qualidade da produção decai notoria-

mente, tanto nas pastas como nos vernizes e o repertório é dominado pelas Drag. 37, 15/17 e 46 (às quais devemos acrescentar a Drag. 27, pela estratigrafia analisada *supra*). As formas tornam-se mais pesadas e surgem (?) as marcas de entalhe.

Roca Roumens (1976, p.100) e F. Mayet (1984, p.55) concordam numa datação de meados do século II (talvez atingindo a segunda metade) para o fim da produção em Andújar.

Fernández García, em 2004 (p.260), propõe também uma datação de primeira metade do século II para a terceira fase do centro.

Nesta questão, julgamos que seria pertinente um debate sobre o significado cronológico da ausência de *sigillata* africana nos depósitos de Andújar, o que torna quase inviável um prolongamento do centro para além de meados da segunda centúria, mas não inviabiliza a primeira metade do século II, ou parte dela, quando as importações africanas devem ser ainda fracas, o que explicaria, embora não cabalmente, a sua ausência estratigráfica em Andújar. É possível explicar a presença de *terra sigillata* itálica e sudgálica nos depósitos, pela sua possível função de arquétipo para os oleiros, função essa que nunca foi assumida pela *sigillata* africana alto-imperial?

Recentemente, um artigo lança uma nova perspectiva sobre este aspecto, já que em Cordoba surgiu um prato, com origem provável em Andújar, num contexto de século III, que imita uma forma de *sigillata* africana C, Hayes 48 (Monterroso Checa, 2002). Por informação de Isabel Fernández García, sabemos também que em prospecção, já foram detectados fragmentos de *terra sigillata* africana A e C, em Andújar.

O prolongamento da produção de Andújar apresenta agora algumas pistas de continuidade para além dos inícios do século II, cujos alcance geográfico e dinâmica cronológica urgem perceber.

Dois outros contextos do Sul peninsular, datados do século III, ajudam a perceber o alcance da produção e comercialização de Andújar e a justificar os dados que a estratigrafia de Chãos Salgados demonstram. No centro oleiro anfórico de Los Matagallares - Salobreña, Granada – (Bernal, 1998, p.174-92), rico em *terra sigillata* africana A e C, surge igualmente bastante *terra sigillata* hispânica com origem em Andújar, segundo a análise macroscópica, que inclui tipos necessariamente de Andújar, pois surgem formas produzidas apenas neste centro, como as Drag. 29/37 buriladas.

A estratigrafia deste depósito possui 220 fragmentos hispânicos, 154 africanos e 50 de cerâmica africana de cozinha. Os dados hispânicos restringem-se maioritariamente aos níveis mais antigos do depósito: a UE 213 possui 189 fragmentos hispânicos e de africana A; a UE 206, sobreposta, possui 23 fragmentos hispânicos, *terra sigillata* africana A e sobretudo C e numisma que a data de 270-280 d.C.. O facto de não haver nenhum hiato estratigráfico entre estas duas camadas, leva Dario Bernal a concluir da sua proximidade cronológica e a datar a UE mais antiga, a [213], já no século III e não na segunda metade do século II, embora as peças africanas exemplificadas (Bernal, 1998, fig.71, n.ºs98, 99 e 97), formas Hayes 27 e Hayes 23, possam ter, no primeiro tipo, uma cronologia de fabrico de segunda metade do século II / 1ª metade do século III; mas no segundo, uma cronologia vasta deste o século II ao IV. Pensamos, neste ponto, que seria útil perceber se esta cerâmica africana de cozinha pertence à fase mais antiga, com uma datação de fabrico mais centrada no século II (Bonifay, 2004).

O próprio autor afirma, concluindo: “Pensamos que quizás el yacimiento de Los Matagallares puede constituir uno de los primeros elementos para replantear la fecha final de los talleres meridionales de TSH, que a nuestro juicio se prolonga durante la segunda mitad del S. II y, con probabilidad, durante la primera mitad del S. III d.C.” (Bernal, 1998, p.179).

Por último, é pertinente a relativa semelhança formal do espólio de Andújar em Los Matagallares e do mesmo em Chãos Salgados, nestes momentos mais avançados, com ambos os conjuntos exíguos. No sítio granadino surgem as formas Drag. 27, 29/37 burilada, 15/17 e 29 (1 ex.), comparável ao repertório restrito do nosso grupo 4 de Chãos Salgados.

Um outro contexto do século III, também ele um depósito secundário, situado em Ibiza, é pertinente pela ausência de *terra sigillata* hispânica (**ver anexo 2, tabela 56**; González Villaescusa, 1990). É um contexto também bem datado pela riqueza do espólio, com *terra sigillata* africana A e C e cerâmica africana de cozinha.

Apesar da dificuldade em apontar um *terminus* para as importações do grupo 3 em Chãos Salgados, decidimos optar por uma data fixa de 150 d.C., para fins estatísticos, embora a data final das importações possa situar-se num momento impossível de precisar na primeira metade do século II. Foi decisiva para esta conclusão a análise dos comportamentos estratigráficos deste grupo 3 em Chãos Salgados, em quatro contextos principais, tal como fizemos em relação aos grupos 1 e 2: **contexto 6**,

**contextos 7 e 8, contextos 1 e 2 e contextos 59-63.** Relembremos: no primeiro, de época flávia, o grupo 3 é claramente inferior ao grupo 2; no quarto caso, datado da primeira metade do século II, o grupo 3 é hegemónico, embora os segundo e terceiro casos revelem que no século II (mas provavelmente só as primeiras décadas) as importações de *Tritium* permanecem importantes.

Parece-nos assim plausível pensar que Andújar continua a sua produção no século II, parecendo até alcançar o século III, a ver pelo exemplar de Cordoba e pelo conjunto de Los Matagallares, mas que a sua comercialização se vai esbatendo ao longo do século II, em particular na sua segunda metade.

Assim, na primeira metade do século II, Chãos Salgados (e possivelmente a Ilha do Pessegueiro, se o seu conjunto tiver um comportamento estratigráfico igual) demonstram uma continuidade do comércio de Andújar, que substitui o de *Tritium* na primazia, mas a partir desta data, a comercialização a longa distância deve sofrer alterações. Surge bem representada em Los Matagallares (curta-distância), mas já está ausente na Ilha de Ibiza (média-distância), ambos os contextos já de século III. Os dados de Chãos Salgados, nomeadamente o vaso *in situ* de Drag. 27 do grupo 4, encontrada no **contexto 16** (ambiente 4 da construção nº1), datado do século III pleno demonstram, contudo, uma comercialização esporádica de Andújar a longa distância, pelo menos até finais do século II, se não aceitarmos os inícios do século III.

### 3.4.2.2.2. Grupo 4 (Andújar?)

#### 3.4.2.2.2.1. Descrição e interpretação

Este grupo possui fractura grosseira, pasta pouco dura que se desfaz geralmente com alguma facilidade por acção mecânica; muitos enp amarelados, cuja presença tão abundante confere, a olho nu, um aspecto homogéneo à cor da pasta, embora esta seja muito mais granulosa do que nos restantes grupos; os enp. atingem não poucas vezes tamanhos superiores a 0,5mm e geralmente possuem formas arredondadas; pequenos vácuos (até 0,5 mm), algo arredondados, mas em pouca quantidade; a pasta pode ter duas colorações:

- L25/M25 a L67/M69 (mais castanho-rosada); na base de dados especifica-se por pasta 4r;
- M25/N25 a M20/25 (mais amarelo-castanha); na base de dados especifica-se por pasta 4a.

Ambos os sub-grupos possuem verniz pouco brilhante, geralmente fino e descamando suavemente; muitas vezes mal conservado; por vezes com aspecto algo manchado, de cor entre o R17 e o R19 (de tonalidade avermelhada) e com um leve brilho; noutros casos o verniz é mate, de cor S17/S19, e talvez um pouco mais espesso ou melhor conservado; nestes casos, o verniz é mais quebradiço e não descama.

Ao longo do nosso trabalho apercebemo-nos de um significado cronológico / estilístico para as duas pastas referidas.

As pastas mais rosadas (4r) relacionam-se essencialmente com exemplares mais antigos, nomeadamente:

- uma Drag. 27, de parede delgada, com bordo biselado e canelura interna a demarcar a inflexão do perfil e diâmetro pequeno (veja-se o nº 330);
- os fundos de prato com pé-de-anel de secção triangular (exemp. sem contexto estratigráfico).

As pastas mais amareladas (4a) relacionam-se essencialmente com exemplares que devem ter a época flávia como *terminus post quem*:

- uma Drag. 27, com bordo de topo plano e canelura externa a demarcar a inflexão do perfil, de diâmetro grande (nº 327);
- os fundos de prato com pé-de-anel de secção rectangular;
- a Drag. 15/17 presente no espólio de Chãos Salgados é feita maioritariamente com esta pasta.

Infelizmente, é uma forma cuja evolução não é passível de determinar com eficácia, pois o seu espólio contém praticamente apenas pequenos fragmentos de bordo e bastantes carenas. O nº 317 é bastante importante, pois é o fragmento mais completo desta forma: o seu bordo é ainda levemente espessado externamente e a moldura interna ainda algo arredondada; a parede é esvasada e o diâmetro da peça é bastante desenvolvido, com um valor de 328mm. Esta peça parece ter assim atributos evolutivos intermédios e a sua pasta aproxima-se bastante do subgrupo 4r.



O grupo 4 é, para além do grupo 1, aquele que nos interessa mais neste estudo, pela sua originalidade no espólio.

Um caso análogo ao do grupo 4 de Chãos Salgados - embora as descrições nos façam concluir que se trata de produções distintas - foi estudado por Teresa P. de Carvalho, no espólio de Monte Mozinho (Carvalho, 1993, p.74-80). O seu fabrico 2a é de origem desconhecida e define-se por uma pasta grosseira, tenra e quebradiça, rosa amarelada (cor M20, 25, 35), provavelmente devido à grande quantidade de enp - com tamanho de 0,5mm, ou mais - e um verniz quase castanho, não muito espesso, mas aderente. No anexo respeitante às análises químicas efectuadas, a autora acrescenta que este grupo 2a, de características bastante homogéneas, possui pastas de cores muito mais claras, esbranquiçadas, por vezes acinzentadas, de textura geralmente média ou média grosseira, pouco compacta e muito desagregável; e verniz geralmente de espessura fraca (Carvalho, 1993, Anexo Análises Química, p.1).

Na monografia de Monte Mozinho questiona-se uma possível origem em Andújar para este grupo 2a, embora a comparação com fragmentos de Andújar negue, segundo a autora, qualquer semelhança entre ambas (Carvalho, 1993, Anexo Análises Química, p.1). Já no caso de Chãos Salgados, e como abordámos *supra*, existem elementos de transição entre o grupo 4 e o grupo 3, que são um elo de ligação entre os dois fabricos.

Apesar da origem desconhecida da produção, esta parece ser contemporânea a *Tritium*, pois as suas peças encontram-se nas mesmas unidades estratigráficas de Monte Mozinho e os leques formais são igualmente semelhantes e vastos, abrangendo bastantes formas lisas e decoradas, de “protótipo clássico” e “hispânicas”. Os dois fabricos hispânicos - o de *Tritium* e o 2a - possuem as mesmas formas: Drag. 15/17, 18/31, 27, 24/25, 36 e Hisp. 10; Drag. 29 e 37 (Carvalho, 1993, p.77 e 106).

Assim, as descrições da pasta não condizem na totalidade com o grupo 4 de Chãos Salgados, embora se assemelhem na falta de qualidade; além disso, o leque formal da produção descrita em Monte Mozinho é bastante mais vasto. Através destes dois casos, um meridional - comercializado em Chãos Salgados - e outro setentrional - comercializado em Monte Mozinho -, surgem elementos que levantam a hipótese da existência de possíveis oficinas, talvez secundárias, de produção cumulativa à principal, com maior ou menor capacidade de produção de repertórios formais, mas com capacidade de exportar a média / longa distâncias.

O leque tipológico deste grupo 4 de Chãos Salgados é bastante reduzido, de cronologia tencialmente avançada e perfis de atributos hispânicos: as formas lisas são a quase totalidade, com a hegemonia do binómio Drag. 15/17 e 27. A Drag. 24/25, de cronologia mais antiga é escassa, tal como a Drag. 18; e justamente o único exemplar de cada uma delas possui perfil possivelmente de cronologia avançada. Apenas dois fragmentos são decorados e um deles poderá classificar-se na Drag. 30 de atributos entre 70 e 100 d.C.; o segundo fragmento, decorado com friso de círculos concêntricos também possui cronologia a partir dos Flávios.

Temos assim um conjunto de peças em que ressalta a ideia de uma produção essencialmente lisa e onde se destacam as formas geralmente mais procuradas, o prato Drag. 15/17 e a tigela Drag. 27.

A hipótese explicativa de este grupo 4 provir cumulativamente de um foco satélite de Andújar advém do facto de os atributos das suas peças estarem nitidamente relacionados com os atributos de Andújar (nunca surge o ressalto exterior do fundo dos vasos, típico em *Tritium*; pode haver biselamento da base do pé-de-anel dos pratos), para além das semelhanças de pastas e vernizes e do comportamento cronológico e estratigráfico em Chãos Salgados, embora este último ponto seja menos nítido, já que o grupo 4 está sempre pouco representado. O grupo 3, mais representado estratigraficamente, diferencia-se dos grupos 1 e 2, e o facto do grupo 4 ser mais escasso não permite uma distinção tão óbvia. Contudo, o grupo 4 está muito pouco representado no **contexto 6** (flávio); nos **contextos 59-63** (primeira metade do século II), onde predomina o grupo 3, também é escasso; mas os poucos exemplares dos grupos 3 e 4 ao longo dos restantes ambientes da construção nº 1 transmitem sempre e ideia de um certo paralelismo cronológico dos dois grupos (**ver sobretudo contexto 2**).

O repertório limitado do grupo 4 parece ter uma função de complemento a uma produção maior, em resposta a uma procura maior do mercado, surgindo muito provavelmente na chamada 2ª fase deste centro (Roca Roumens, 1998, p.111-117), onde, nos anos 60 ou 70, nascem sucursais que respondem às necessidades crescentes do mercado. É neste contexto histórico que surgem as oficinas de Cartuja, Albaicín-Granada, Castellón e Alameda-Antequera. A materialização deste grupo 4 na época flávia parece expresso pela curva da sua importação, já que, em oposição às curvas dos grupos 1, 2 e 3, os valores

deste grupo são pouco claros antes dos anos 60: é a partir desta década que os valores estatísticos parecem materializar uma realidade.

Uma segunda hipótese explicativa seria a de este grupo 4 ter Andújar como origem, identificando-se com as produções mais tardias do centro, quando as pastas e vernizes são de pior qualidade.

A presença de dois tipos de pastas (subgrupos 4r e 4a) com aparentes diferenças cronológicas, poderia significar que, inicialmente, ainda se recorria a pastas mais rosadas e mais próximas do grupo 3 e que numa segunda fase (a mais importante neste grupo) se recorria sistematicamente a uma pasta castanho-amarelada. Contudo, o facto de as pastas mais rosadas e mais amareladas terem a mesma qualidade e os vernizes serem idênticos torna esta hipótese pouco segura. Além disso, as descrições feitas no centro produtor de Andújar para as produções mais tardias parecem identificar-se com o nosso grupo 4, nomeadamente os materiais do depósito da sondagem 11 - a partir de fins do século I - (ver *supra*; Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.447; Mayet, 1984, p.39), embora não surja nenhuma marca de entalhe no fundo interno dos vasos, como parece acontecer em Andújar (Rouca Roumens, 1976, p.30; Sotomayor, 1988; Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García; 1999, p.33). Finalmente, embora o grosso do grupo 4 tenha uma cronologia mais baixa, surgem peças tendencialmente mais antigas, como os pratos n<sup>os</sup> 325 e 326, com sulcos no fundo interno, atributo que, no Sul da Gália, é muitas vezes pré-flávio (Polac, 2000).

Uma última hipótese explicativa, que nos parece sem qualquer viabilidade é a de uma origem em Granada. As descrições de pastas e vernizes não condizem: em Granada, as pasta são duras e de fractura regular e os vernizes de grande qualidade. Para além disso, nenhum fundo de prato do grupo 4 possui banda roletada, atributo de Granada (Serrano Ramos, 1999b; 1979; Mayet, 1984, est.XV).

A nossa estadia na Universidade de Granada, em Abril de 2006, permitiu retirar uma série de dúvidas sobre este conjunto de questões, através da observação das pastas do centro produtor e de uma análise conjunta feita com Isabel Fernández García e Pablo Ruiz Montes.

As pastas e vernizes do grupo 4 de Chãos Salgados existem igualmente no centro de Andújar, embora a maioria dos exemplares em Andújar pareça ter um verniz mais semelhante ao do grupo 3 de Chãos Salgados. Contudo, segundo Pablo Ruiz Montes, o verniz do grupo 4 de Chãos Salgados, também ocorre em associação com estas pastas de menor qualidade. A cronologia destes exemplares em Andújar parece coincidir com as propostas do nosso trabalho: a partir, ao que parece, de época flávia e em contemporaneidade a partir deste período com as pastas iguais às do nosso grupo 3, ou seja, a partir deste momento, parece haver produções de maior e menor qualidade em simultâneo.

Também em Andújar estas pastas de menor qualidade parecem nunca ter selo de oleiro, como acontece no espólio de Chãos Salgados.

A ausência de marcas de entalhe no nosso grupo 4 - e até no 3 - confirmando-se uma extensão das cronologias pela primeira metade do século II, parece igualmente plausível aceitando uma origem em Andújar, já que as marcas de entalhe, vista normalmente como da última fase de produção (ver *supra*), são agora também alvo de revisão cronológica que aponta para uma datação que pode começar muito antes, não sendo exclusivas, nem “fóssil-director” da última fase.

Em Andújar, as pastas e vernizes semelhantes ao nosso grupo 4 apresentam, contudo, uma distinção formal mais grave: surgem associados a formas lisas e decoradas, enquanto que em Chãos Salgados a predominância das formas lisas é esmagadora, surgindo apenas em duas formas decoradas (Drag.30(?) e indeterminada com friso de círculos).

No actual estado dos conhecimentos, uma origem em Andújar é a mais plausível, embora possa haver uma outra origem cumulativa, em *atelier(s)* satélite(s), que explique as diferenças tipológicas encontradas.

#### 3.4.2.2.2.2. O grupo 4 como um reflexo de alterações nos modos de produção?

Na base desta hipotética diversificação da produção em Andújar estarão certamente relacionadas modificações nas estruturas produtivas que são por ora mal conhecidas.

Para além das duas gerações de oleiros, através das quais se sabe que em época flávia o número de artesãos cresceu fortemente, deixando a produção de ser dominada por um pequeno conjunto de oleiros (ver *supra*), pouco se sabe de como se organizavam as oficinas e em que moldes sociais estavam

estruturadas, embora a estrutura dos nomes indique uma forte presença de homens livres (Roca Roumens, 1998, p.111). Contudo, e sem ter por objectivo aprofundar este tema, julgamos pertinente trazer à colação alguns factos conhecidos, que poderão reflectir um movimento estrutural na produção de Andújar.

Sobre o centro é hoje possível afirmar que se encontrava em núcleo urbano, de nome *Isturgi*, do qual já se detectou um troço de muralha (Fernández García, 2004, p.248), de cerca de 600m (Fernández García; Ruiz Montes, 2005, p.141) e estaria, segundo Fernández García; et Al. (1997, p.146), talvez implantada num bairro artesanal, à semelhança de La Graufesenque, embora sobre esta última hipótese apenas existam indícios de material de construção.

Os oleiros conhecidos para a primeira fase (com destaque para MSM, QUARTIO, CVDAS, CPF, MTF e QSP) deixam de trabalhar, dando lugar à plêiade de mais de 30 oleiros que se conhecem na época flávia. Apenas um, TITVS OPPVS, parece fazer a transição entre as duas gerações. Na primeira fase, os punções decorativos indicam uma forte relação entre os vários oleiros (Roca Roumens, 1998, p.110), bem expressa em casos de produção associada, como a Hemisférica Decorada com marcas intradecorativas de EX OF MSM, CPF e MTF (Sotomayor, 1977, n°s 69-60c; Fernández García, 1988b, p.83; 2004, p.260-1).

Nesta primeira fase, alguma hierarquização é antevista por certos autores (Roca Roumens, 1998b, p.115). A associação entre MSM, CPF e MTF é interpretada por Sotomayor (1977, p.17) como uma relação hierárquica, já que se expressa o nome da oficina maior de MSM, enquanto que os restantes dois oleiros são denominados apenas pelo nome. Para Sotomayor, a terceira letra destes dois oleiros, um F, significaria *F(ecit)* e as diferenças de nomenclatura entres estes dois oleiros e MSM deixariam antever uma dependência face à oficina do primeiro (ver também Mesquiriz, 1985, p.188; Fernández García, 2004, p.261).

De época cláudio-flávia, intermédia das duas gerações, são as “probinas”, partes de vasos, lisos ou decorados, com fractura coberta por verniz (Roca Roumens; Fernández García, 1987-88, p.205), e com vários significados atribuídos, desde provas de punções a provas de verniz. Os textos, feitos antes ou depois da cozedura, que forneciam informações numéricas, iniciais de nomes ou dedicatórias, sabe-se hoje terem tido uma função principal ou exclusiva de indicação da propriedade da fornada, à semelhança dos “bordereaux d’enfournement” de La Graufesenque, também eles datados sobretudo de Cláudio-Flávios (Marichal, 1986; Polak, 1988). Das 115 “probinas” de Andújar, 58 são provenientes da sondagem 30 e 57 das sondagens 12, 14, 15, 16, 22, 24 e 26 (Fernández García, 1999, p.45). Os punções decorativos permitem atribuir algumas delas a MSM, CVDAS ou ao 5º estilo anónimo (Roca Roumens; Fernández García, 1987-8, p.205).

O facto de na segunda geração não haver marcas em formas decoradas (Roca Roumens, 1998, p.115), mas haver marcas em moldes, supõe uma valorização dos fabricantes destes últimos, o que, a par da simplificação das formas e decorações (Fernández García, 2004, p.264) e do desaparecimento de grandes oficinas como a de MSM, leva Fernández García et Al. (1997, p.146) a supor que, tal como em La Graufesenque, a partir dos anos 40, se iniciem mudanças nas estruturas produtivas de Andújar, surgindo uma produção mais agrupada, ou, nas palavras de Fernández García et Al. (1997, p.146), “mancomunada”, que caracterizaria a época flávia de apogeu produtivo, fenómeno que a ter existido, ter-se-á acentuado na terceira fase de Andújar, já que os vasos deixam de possuir marcas (podendo ter apenas “marcas de entalhe”?).

É assim possível que o aumento da granulosidade das pastas – de 25% para cerca de 40% (Mayet, 1984, p.310-314; Roca Roumens, 1998b, p.112), na última fase de Andújar, corresponda ao trajecto cronológico dos grupos 3 e 4 de Chãos Salgados e seja um outro reflexo do aumento da produção no centro em face do crescimento dos mercados, paralelo à simplificação das formas e decorações.

### 3.4.2.2.3. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.4.2.2.3.1. Grupo 3

##### Drag. 15/17

Tal como no grupo 2, também o grupo 3 possui muitos exemplares desta forma. Os diâmetros variam entre 119 e 282mm.

A maioria possui bordo liso, embora alguns exibam um leve espessamento, o que os integra na fase 3 da evolução proposta por Roca Roumens (1976; *apud* Fernández García, 1998b, p.51-4) ou no grupo 2 de Fernández García (1998b, p.51-4), quando a forma assume um carácter hispânico, de parede lisa, aberta, com fundo pouco elevado e pé-de-anel de secção geralmente rectangular, como acontece em Chãos Salgados, nos dois exemplares de fundo detectados.

Por esta ordem de razões o conjunto de Drag. 15/17 do grupo 3 é tendencialmente mais tardio que os dos grupos 1 e 2. A fase 1 de Roca Roumens (1976) e Fernández García (1998b) data-se de Cláudio-Flávios, com a transição formal a acontecer justamente nos Flávios.

Apesar do ligeiro perolamento do bordo, o nº 293 deve pertencer já à forma hispânica e não à forma de transição de Roca Roumens, devido à abertura da parede (*apud* Fernández García, 1998b, p.51-4). O fundo nº 294, com moldura interna ainda pequena, possui já o pé-de-anel de secção rectangular, o que o enquadra também neste âmbito de transição.

Três exemplares, com diâmetros de 202 e 213mm (nºs 296 e 295) e 117mm, podendo ter canelura externa ou interna a marcar a união do bordo com a parede do vaso e parede esvasada, possuem bordos espessados externamente, com fisionomia amendoada. Um quarto exemplar, de 232mm de diâmetro, e bordo de espessamento mais leve, encontra-se no **contexto 59**, datado da primeira metade do século II. Roca Roumens (1976, p.35-6), na esteira de Mesquiriz (1961, p.53), relaciona exemplares de Drag. 15/17 com a Drag. 31 sudgálica, pelo facto desta última ter uma segunda variante de parede recta oblíqua e bordo moldurado, datada por Oswald e Pryce (1966, p.77) no século II, e que, segundo Roca Roumens, teria influenciado a forma hispânica.

O nº Mir-1473-120 (sem estampa) possui bordo biselado – mede 136 mm de diâmetro - e pertence também ao **contexto 59**.

Um exemplar com bordo ligeiramente perolado (nº Mir-717-42+42 – sem estampa) provém do **contexto 2** (século II – primeira metade?) e um fragmento de bordo liso (nº 648) provém do **contexto 41**, datado possivelmente no último quartel do século I. Dois outros fragmentos de bordo liso provém do **contexto 6** (flávio) e do **contexto 73** (nº 759) (primeira metade do século V; sem utilidade para esta questão).

Do ambiente 1 da construção nº 1 provêm dois exemplares interessantes pela disparidade cronológica que revelam em relação a vasos semelhantes publicados. O nº 686 provém do **contexto 6** (flávio) e um outro provém da camada de superfície que se deposita sobre o ambiente 1, imediatamente a Sul da habitação, com um conjunto de peças quase exclusivamente originárias da península (**contexto 9**). Embora com esta diferença crono-estratigráfica, possuem diâmetros e espessuras de parede semelhantes: o primeiro mede 162mm, no bordo, e o segundo, 160mm.

A Drag. 15/17 tem uma primeira fase cláudio-flávia (Roca Roumens, 1976, p.33), cuja existência não é totalmente evidente em Chãos Salgados, e dura até ao final da laboração de Andújar (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.33). No contexto das importações de Chãos Salgados, a aquisição de Drag. 15/17 deverá começar a partir da fase de transição da forma e atingir o final da laboração do centro.

### **Drag. 18**

Em relação aos grupos 1 e 2, o grupo 3 possui muito menos exemplares desta forma, o que denota uma menor inspiração sudgálica. Mayet (1984, p.45) publica apenas 2 exemplares desta forma, acerca de Andújar, o que denota a pouca importância da Drag. 18 na produção meridional, forma que nem sequer é retratada em outras obras sobre Andújar, como as de Roca Roumens (1976), ou Fernández García (1998b).

Determinaram-se apenas 3 diâmetros de bordo. Um, de 140mm (nº 817), provém da construção nº 3. Os outros dois valores são de 176 e 226mm. Excepto um exemplar com bordo liso, todos apresentam maior ou menor espessamento do bordo e o nº 297 revela mesmo um perfil muito próximo dos protótipos sudgálicos mais antigos.

Pelo exposto *supra*, não existem propostas cronológicas para uma produção meridional; Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) propõem uma cronologia entre meados do século I e finais do século II para a *Hispania*, embora Mayet (1984, p.71) restrinja a produção nordestina até inícios do século II.



### Fundos de pratos

Dos 40 indivíduos, 10 são de secção triangular e 25 rectangular, com pés-de-anel maioritários de fisionomia hispânica, o que denota o carácter mais tardio deste conjunto, em relação ao dos grupos 1 e 2.

Os diâmetros dos fundos de secção triangular variam entre 43 e 82 mm. Dois deles possuem sulco no fundo interno: o nº 298, com 80 mm, e o nº Arq-1631 (sem estampa), com 82 mm.

Os diâmetros dos fundos de secção rectangular variam entre 47 e 108mm. Dois possuem canelura no fundo interno: o nº 299, com 90mm, e um exemplar, com 92mm, que provém do **contexto 3**, datado de finais do século II, e posterior à datação de uso, já que a canelura nos fundos de pratos é considerada pré-flávia, nas produções sudgálicas (Polak, 2000).

### Drag. 24/25

Apenas 2 exemplares classificáveis, em contraste com a abundância que a produção em Andújar denota (Roca Roumens, 1976, p.37-39; Mayet, 1984, p.45), o que pode ser outro indicador da cronologia mais baixa deste grupo 3. As peças de Chãos Salgados, mal conservadas, Mir-138-45 (sem estampa) e Mir-484-24 (sem estampa), medem 113 e 159mm, ao nível do bordo e da carena, respectivamente.

Ambos os fragmentos são lisos, o que é normal em Andújar, onde a forma terá como provável substituta a Drag. 44 (Roca Roumens, 1976, p.38).

Fernández García (1998, p.54) data a forma de Andújar entre Cláudio e inícios do século II; Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) datam a forma peninsular entre Cláudio e meados do século II; embora Roca Roumens (1976, p.39) e Mayet (1984, p.45) refiram que a forma não deva ultrapassar os inícios do século II, pois não surge nas camadas superiores dos depósitos de Andújar.

### Drag. 27

Os diâmetros desta forma variam entre 68 e 154mm, predominando os bordos lisos.

Dos dois bordos perolados, um mede 124mm e outro tem diâmetro incerto de 140mm (nº 302).

Um bordo biselado, com 138mm, provém do **contexto 6** (flávio).

As peças de bordo liso deste grupo 3, à excepção do nº 302 (com canelura externa imediatamente abaixo), parecem incluir-se na variante *a* de Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.25), mais próxima do tipo clássico, mas em que o lábio já não se diferencia: o nº 757 pertence ao **contexto 63**, datado da primeira metade do século II.

Segundo Roca Roumens (1976, p.39-40), os diâmetros mais frequentes têm valores de 80/90mm, embora a forma possa atingir 120/130mm.

Mayet defende o aumento de tamanho das peças ao longo do tempo (Mayet, 1984, p.45), o que também é sugerido por Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.25) – variante *a*, grande -, já que a variante *b*, de formato mais pequeno, embora somente conhecida por poucos exemplares, parece situar-se nos depósitos da primeira fase do centro.

Infelizmente, a estratigrafia de Chãos Salgados não permite aferições desse tipo. Se tomarmos o lábio biselado referido como um atributo mais antigo, podemos apenas supor que este se simplifica (torna-se liso) ao longo do tempo, tal como a mesma autora defende: o nº 694 provém do **contexto 1**, datado da segunda metade ou terceiro quartel do século I, e mede 154mm; outro exemplar mede apenas 108mm e provém do **contexto 50** (século III pleno).

A Drag. 27 deste grupo 3 parece ter uma cronologia mais baixa do que no grupo 2, já que neste último grupo há um certo equilíbrio entre peças peroladas e lisas. Já o grupo 3 é marcadamente mais hispânico na fisionomia das peças, com predomínio dos bordos lisos.

Roca Roumens (1976, p.40), a partir das marcas e das características das pastas e vernizes, aponta um início algo posterior ao da Drag. 15/17 e uma cronologia final idêntica à do próprio centro.

### Drag. 33

Os poucos exemplares existentes possuem diâmetros de bordo entre 130 e 146mm e podem ter ou não canelura externa abaixo do bordo.

Os 5 exemplares de Chãos Salgados (nº 303) demonstram a raridade desta forma, e o facto de não estar descrita por vários autores como Roca Roumens (1976), Mayet (1984), ou Fernández García (1998b), levantou de início algumas suspeitas de classificação ou de atribuição de origem. Uma análise mais cuidada levou-nos a reafirmar esta classificação, já que estes diâmetros e fisionomia da parede não se adequam à Drag. 15/17. A sua atribuição ao grupo 3 é também segura.

Um exemplar de perfil completo, com cerca de 90mm de diâmetro, mas parede convexa e não rectilínea, está documentado no depósito da sondagem 11 de Andújar, datado da última fase de laboração do centro (Sotomayor; Roca; Sotomayor, fig.10, nº5). Os autores deixam no entanto interrogada esta classificação.

A proposta cronológica de Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287), entre 50 e 200 d.C., é uma referência para a *Hispania*. Mayet (1984, p.73) data a pouca produção de *Tritium* na segunda metade do século I e inícios do II. Os exemplares de Chãos Salgados terão, contudo, uma cronologia final em conformidade com o *terminus* das importações do grupo 3 no sítio.

Um exemplar (nº Mir-765-3 - sem estampa), com alguns problemas de classificação devido à pequenez do fragmento, encontra-se no **contexto 16**, de pleno século III.

#### Fundos de tigelas

Os resultados obtidos neste conjunto (nºs 312-315) são algo homogéneos e não apresentam diferenças claras em face dos que respeitam aos dois primeiros grupos: 10 exemplares são de secção rectangular e 14 triangular. Os diâmetros também se assemelham e variam entre 33 e 54 mm.

#### Drag. 46

Dois exemplares: o nº 304 mede 100mm ao nível do bordo. O seu verniz é de grande qualidade.

Forma rara em Andújar (Mayet, 1984, p.46), é uma forma tardia que surge nos níveis superiores dos depósitos e se estende até ao final do centro, sendo importante na última fase de laboração (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.25 e 33; Fernández García, 1998b, p.57).

#### Hisp. 4

Três exemplares: o nº 306, com 120mm (?) tem diâmetro de bordo e parede espessa, e o nº 305, com 240mm (?) possui parede delgada. Ambos exibem roleta sobre o bordo. O primeiro exemplar possui pé elevado, mas de secção rectangular, embora geralmente este tipo possua pé-de-anel de secção triangular (Fernández García, 1998b, p.61).

Tal como referido anteriormente, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.288) datam esta forma hispânica entre 40 e 150 d.C., embora Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.25), relativamente a Andújar, datem um pico de produção nos últimos decénios do século I.

#### Drag. 30

Três exemplares, de bordo esvasado, com 114, 128 e 138mm de diâmetro de bordo. O primeiro valor corresponde ao nº 818 e o segundo ao nº 307. A moldura deste último exemplar é porém muito pouco saliente.

É uma forma pouco frequente na área de Andújar (Mayet, 1984, p.50), com cronologia ao longo de toda a metade do século I (Sotomayor; Fernández García, 1999, p.27), com maior incidência em Cláudio (Fernández García, 1998b, p.72). Roca Roumens e Fernández García (1999, p.288) propõem datação entre 50 e 100 d.C., tal como Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.27). Roca Roumens (1976, p.59) refere Oswald e Pryce (1996, p.86 e 93), acerca do esvasamento do bordo a partir dos Flávios, como acontece nos vasos de Chãos Salgados. Aliás, próxima da Drag. 30 de bordo esvasado está a forma Aj. 9 (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.48) de cronologia flávia, à qual também poderão pertencer os bordos de Chãos Salgados.

#### Decorada Hemisférica, Drag. 37 e bojos decorados

Os diâmetros de bordo das Drag. 37 variam entre 186 e 206 mm. Todos os exemplares possuem bordo simples, variante mais frequente (Sotomayor; Fernández García, 1999, p.27; Mayet, 1984, p.50). Esta forma tem uma cronologia essencialmente flávia, embora alguns exemplares em Andújar se assemelhem à forma 28 de Lezoux, tibério-cláudia (Fernández García, 1998b, p.72) e a sua produção se estenda até ao final do centro (Roca Roumens, 1976, p.66; Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.33).

As decorações presentes integram-se quase exclusivamente em estilos antigos, o que coloca a hipótese de a maior parte destes exemplares poder pertencer aos inícios da Drag. 37, ou mesmo a outras formas, como a Decorada Hemisférica ou a Drag. 29.

Segundo Sotomayor; Roca e Fernández García (1999, p.33) é possível estabelecer a seguinte evolução das decorações em Andújar:

- na primeira fase do centro (basicamente Cláudio), a parede contém um único campo decorativo e dominam as composições contínuas ou metopadas, seguidas pelas alternantes. Os temas frequentes são de imitação: grinaldas, festões, cruciformes e arcarias;

- na segunda fase (essencialmente Flávios), as paredes passam a ter dois campos decorativos, com composições metopadas e alternantes, mas os motivos circulares tornam-se abundantes.

Nas sondagens 12, 14-16 e 21-24 (*grosso modo* de Cláudio / terceiro quartel do século I), as métopas dominam com 74%, ficando a decoração contínua com apenas 15,7%; predominam também os motivos vegetais sobre os animais ou circulares (Fernández García, 1984, p.262-4).

Mayet (1984, p.54) acentua o papel da Drag. 29/37 num processo que considera gradual da evolução dos estilos decorativos em Andújar, ideia reforçada pela existência de círculos na Drag. 29 e pelo facto da Drag. 37 conter, nos primeiros momentos, todos os estilos. Mayet apresenta, contudo, um pequeno faseamento para os estilos da Drag. 37, na esteira de Roca Roumens (1976, p.66): o estilo de imitação desaparece rapidamente nas camadas mais profundas; o estilo de métopas é o mais abundante; mas os frisos contínuos de círculos dominam nas camadas mais recentes dos depósitos, embora ainda exista nestas épocas o estilo de métopas. Métopas e frisos contínuos de círculos são fabricados até ao final de Andújar.

Assim, em Chãos Salgados, o único fragmento com um estilo claramente mais avançado é o nº 310, com um friso de círculos concêntricos, um deles segmentado.

Para o nº 311 encontramos um único punção que nos pareceu seguro na semelhança: um exemplar de Drag. 29, proveniente das campanhas de 1978-79, em Andújar, possui um motivo muito parecido, inserido num círculo denteado. Neste exemplar, o friso inferior parece ser de círculos alternados com motivo vertical e o friso superior (mais estreito), possui festões e grinaldas (Sotomayor; et Al., 1981, fig.19, nº76).

O nº 687, proveniente do contexto 6 (flávio), com tema mal conservado, inserido num estilo de métopa, separado por motivo vertical (três cordões ondulantes e grinalda bifoliácea mal conservada), poderá pertencer antes à Decorada Hemisférica ou Aj. 1 (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.27), embora a ausência da parte inferior da peça não permita uma classificação segura. O nº 687 possui 134mm de diâmetro de bordo, valor enquadrável nas descrições das DH: 110-150mm., com predomínio do valor de 140mm. Segundo Fernández García, 1998b, p.76-8), é possível estabelecer um primeiro grupo mais antigo de DH, “puras”, com lábio simples e decoração geralmente com uma única zona decorativa, embora existam exemplares com duas. As composições podem ser metopadas, alternantes ou contínuas; incluem motivos ou temas (grinaldas, festões, cruciformes). É uma etapa essencialmente cláudia, embora possa recuar a Tibério e alcançar escassamente os Flávios. Uma segunda etapa, essencialmente cláudia, mas perdurando até um momento flávio impreciso, apresenta as DH “evolucionadas”, com lábio simples e peça em quarto de esfera; a decoração contém agora geralmente dois campos, com as mesmas composições e temas da etapa anterior.

Grinaldas bifoliáceas surgem conjugadas com cordões verticais a separar métopas de grinaldas, em contextos de Cláudio / terceiro quartel do século I, essencialmente em DH, mas também em Drag. 30, 29 e 37 (Fernández García, 1986, nºs6, 11, 20-23. 49, 52, 60): nºs 6 e 11 desta autora, provenientes da sondagem 16, em Drag. 37 (níveis de Cláudio / terceiro quartel século I); nºs 20-22, das sondagens 24 (nível VI), 21 (nível III/IV e nível IV), em DH, Drag. 29 e DH, respectivamente, em estratos de datação *post quem* de Cláudio-Nero; nºs 23, 49, 52 e 60, em DH, Drag. 30, ind. e Drag. 29, das sondagens 15, 14 e 16, entre Cláudio e inícios dos Flávios.

Grinaldas bifoliáceas verticais surgem também como motivo separador no nº 309 (possível Drag. 37), com dois frisos de círculos. No friso inferior, os círculos alternam com grinaldas bifoliáceas e nos próprios círculos está inserida uma bifoliácea. Grinaldas bifoliáceas a separar círculos denteados – composição alternante - surgem também em DH do oleiro QVARTIO da primeira geração (Tibério-Cláudio), na sondagem 12 – depósito de Cláudio / início dos Flávios - e na sondagem 21 (camadas 2 e 4; sendo a camada 1 datada de Cláudio-Nero) de Andújar (Fernández García, 1985, nºs9, 10, 11). Surgem também em DH do chamado *estilo anónimo 2*, com dois campos decorativos. Este denominado estilo 2 define-se por “zona superior estreita com composição alternante de motivos vegetais. A alternância produz-se entre rosetas multipétalas e bifoliáceas verticais. A zona inferior apresenta uma composição alternante entre

círculos, geralmente de linha segmentada e bifoliáceas verticais” (Fernández García, 1989-90, fig.1, nºs5, 6 e 7). Estes vasos surgem na sondagem 28 de Andújar (nível 1 e nível 4), cujo depósito está datado de época cláudio-flávia (Sotomayor; et Al., 1984, p.251).

Outro tema antigo, representado no nº 308 de Chãos Salgados, é o cruciforme, com roseta de pétalas angulosas, em possível Drag. 37. No repertório decorativo de Andújar, Fernández García (1986, p.361) categoriza o tema representado em Chãos Salgados, de Grupo 1/nº 2, cruciformes com linha ondulada em cujos ângulos se inserem diversos motivos decorativos. Contudo, os melhores paralelos encontrados pertencem ao oleiro TITI OPPI, que faz a transição da primeira para a segunda geração: fig. 1, nº 6 e fig. 2, nº 9 de Fernández García (1991-2), com rosetas maiores do que as de Chãos Salgados, mas de pétalas angulosas. Nestes exemplares de Andújar, as rosetas não surgem associadas a cruciformes, mas antes formando um friso (fig.1, nº6), ou alternadas com motivo vegetal – palmeira – (fig.2, nº9). O primeiro exemplar é uma DH, da sondagem 26 (nível IX/VIII), cuja evolução estratigráfica é semelhante à da sondagem 28: o nível 2 possui abundante cerâmica comum, paredes finas e terra sigillata sudgálica (Ritt. 9, Drag. 15/17) e o nível 9, pouca cerâmica comum e paredes finas. O segundo exemplar provém da sondagem 28, nível 4, estando o depósito desta sondagem datado de Cláudio-Flávios (Sotomayor; et Al., 1982, p.251-5).

#### 3.4.2.2.3.2. Grupo 4

##### Drag.15/17

Com diâmetros de bordo centrados em valores entre 139 e 201mm, apenas um exemplar apresenta um valor díspar de 328mm. Assim, esta forma apresenta ainda valores semelhantes à homóloga do grupo 3.

O bordo liso domina (nºs 318 e 319), havendo dois bordos levemente espessados e biselados, com 236mm (nº 739) e diâmetro indefinível (nº Mir-735-9; contexto 4, do Baixo-Império – sem estampa).

O valor referido de 328mm pertence ao nº 317, valor bastante evoluído, acompanhado de uma parede esvasada. Outros aspectos são contudo ainda intermédios: o seu bordo é levemente espessado externamente e a moldura interna é algo arredondada, semelhante às outras molduras conhecidas no grupo (veja-se, por exemplo, os nºs 320 e 321). Ao nível da carena, esta peça possui 242mm de diâmetro e a altura entre o bordo e carena é de 53mm, o que faz deste exemplar um vaso de dimensões consideráveis no conjunto hispânico. É provável que o seu pé-de-anel se aproxime formalmente e em diâmetro do nº 320.

Os dois pés-de-anel conhecidos são de secção rectangular, com 56mm de diâmetro (nº 321) e 85mm (nº 320).

Tal como no grupo 3 de Chãos Salgados, os exemplares de Drag. 15/17 do grupo 4 integram-se nos grupos 3 de Roca Roumens (1976) ou no grupo 2 de Fernández García (1998b, p.51-4), descrito *supra*, com perfil esvasado.

A Drag. 15/17 surge no ambiente exterior norte da construção nº 1. Uma carena de 183mm, com moldura interna larga, surge no contexto 1 (3º quartel do século I); um bordo liso de 185mm surge no contexto 2 (século II – primeira metade?). Uma outra moldura interna larga surge no contexto 6, flávio (diâmetro de 109mm).

As datações desta forma devem ser semelhantes às da congénere do grupo 3 de Chãos Salgados, mas com tendências ainda mais tardias, não se enquadrando nenhum exemplar nos momentos mais recuados, cláudio-flávios, da cronologia proposta por Roca Roumens e Fernández García, nem nos perfis de transição (Roca Roumens, 1976, p.33; Roca Roumens e Fernández García, 1999, p.287), relacionando-se fortemente com as fisionomias elaboradas a partir de época flávia (Roca Roumens, 1976, p.33; Fernández García, 1998b, p.51-4).

Como referido sobre o grupo 3, a Drag. 15/17 perdura até ao final da laboração de Andújar (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.33).

##### Drag. 18

Os dois exemplares de Chãos Salgados estão contextualizados.

Um fragmento de fundo (nº Mir-749-6+7+8 – sem estampa), proveniente da camada de superfície



da construção nº 1, possui pé-de-anel de secção triangular (93mm), com canelura a meia altura, destacando-se dos fundos mais comuns de fisionomia hispânica. A pasta deste exemplar deixa, contudo, bastantes dúvidas quanto à sua classificação neste grupo, tendo muitas semelhanças com os grupos 2 e 3.

O outro exemplar possui perfil mais recente, com parede algo rectilínea e alta, relacionável com a Drag. 18/31 sudgálica (ver *supra* comentário sobre a Drag. 18 do grupo 3), de fabrico menos cuidado e bordo levemente perolado, separado da parede por uma canelura larga e pouco profunda: nº 741 (240mm) provém da encosta do museu, mais precisamente da sondagem A4 (ver capítulo 2.2.1), imediatamente a Norte da construção nº 2, numa área de forte concentração de escória de ferro.

Como referido *supra*, sobre o grupo 3, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287) propõem uma cronologia hispânica entre meados do século I e finais do século II, mormente Mayet (1984, p.71) proponha o fim da produção nordestina até inícios do século II. O único exemplar do grupo 4 é de perfil mais recente do que o conjunto do grupo 3, pelo que poderá datar-se de momentos mais recentes do segmento temporal da forma, talvez já no século II.

### Fundos de pratos

No leque de fundos de prato – todos eles sem estratigrafia - existe um primeiro grupo com pé-de-anel de secção triangular ou sub-triangular (5 exemplares) e um segundo grupo (16 exemplares) com pé-de-anel de secção rectangular ou sub-rectangular.

O primeiro conjunto (nºs 323 e 326) apresenta diâmetros entre 63 e 106mm, com três diâmetros intermédios de 70, 74 e 76mm. O segundo exemplar citado possui sulco no fundo interno, característica pré-flávia na produção sudgálica (Polak, 2000). A altura do pé-de-anel varia entre 6 e 9mm e é geralmente mais alta do que a do segundo conjunto.

O segundo conjunto varia entre 53 e 130mm, pelo que atinge valores mais elevados, em consonância com o seu perfil mais hispânico e com uma provável maior extensão cronológica. A altura do pé-de-anel varia entre 2 e 8,5mm, com especial incidência nos valores de 2 a 4mm. Com um início em época alta (o nº 325, de 63mm, possui caneluras no fundo interno), este conjunto assume, ao longo do tempo, perfil mais alto e diâmetros mais elevados, como acontece na fase 2 (perfil hispânico) da evolução de Fernández García (1998b, p.51-4) para a Drag. 15/17; no entanto, importa saber futuramente se este valor baixo para a altura do pé se prolonga ao longo do tempo, ou é um atributo de peças mais antigas.

### Drag. 24/25 ou 44

O único fragmento deste grupo surge no contexto 78. Apesar da sua cronologia estratigráfica claramente fora de uso, é de realçar o tamanho evoluído do exemplar, com 212mm de diâmetro, porém incerto, de carena e parede espessa, o que nos fez colocar a hipótese de poder classificar-se como Drag. 44 (nº 779). Aceitando a classificação como Drag. 24/25, o seu bordo é liso.

Propomos a cronologia de fabrico aplicada ao grupo 3, entre Cláudio e inícios do século II (Fernández García, 1998b, p.54; Roca Roumens, 1976, p.39).

### Drag. 27

Todos os bordos são lisos e os diâmetros variam entre 58 e 140mm, valores próximos do grupo 3.

São classificáveis na variante *a* de Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García (1999, p.25), tal como acontece no grupo 3 de Chãos Salgados, pelo facto de terem bordos lisos e quarto de círculo superior pouco curvo, geralmente. No entanto, encontramos peças de tamanho bem diverso neste grupo 4. Veja-se, por exemplo, os perfis claramente hispânicos dos nºs 327 e 330, com bordo liso e plano, mas diâmetros diversos: 143 e 96mm. Estes exemplares apresentam ainda uma inflexão do perfil marcada por uma quase canelura externa ou interna.

No depósito da sondagem 11 de Andújar, datado de finais do século I até ao fim da laboração do centro, é possível verificar a convivência da Drag. 27 pequena – c.75mm -, de bordo liso, curvo e quarto de círculo superior curvo, mas pé-de-anel rectangular, com a Drag. 27 de tamanho grande - c.115mm – de quarto de círculo superior pouco curvo e bordo liso, plano, com pé-de-anel também rectangular (Sotomayor; Roca; Sotomayor, 1979, fig.10, nºs2 e 1).

Este convívio de diâmetros grandes e pequenos também se expressa na estratigrafia de Chãos Salgados: uma peça maior (nº 713), com 140mm de diâmetro de bordo liso e redondo, surge *in situ* no contexto 16, de pleno século III, cronologia possivelmente posterior ao seu uso. Uma outra tigela, de

bordo liso e parede delgada, com 106mm de diâmetro, surge no **contexto 2**, datado do século II (primeira metade?).

O contexto mais antigo é o **contexto 6**, flávio, onde surge um bordo liso e de topo redondo, com 85mm de diâmetro.

Se no grupo 3 dominam os bordos lisos, neste grupo 4 são exclusivos, o que acentua a cronologia mais baixa deste grupo 4, cujos exemplares de Drag. 27 devem situar-se entre a época flávia e o fim de Andújar (Roca Roumens, 1976, p.40; Sotomayor, Roca Roumens e Fernández García, 1999, p.25).

#### Fundos de tigelas

Dos 9 pés-de-anel conservados (**n° 331**), 6 são de secção rectangular e 3 triangular. Os diâmetros dos primeiros variam entre 30 e 51mm, enquanto os segundos têm valores de 42, 44 e 48mm.

#### Drag. 30(?) e bojo indeterminado

O **n° 651**, possível Drag. 30, provém do **contexto 50**, no século III, posterior ao uso desta peça. A má conservação da peça e a sua exiguidade não garantem esta classificação, mas parece a mais plausível, à semelhança do espólio do grupo 3, na qual fizemos os respectivos comentários, que se aplicam a este fragmento do grupo 4 (ver *supra*).

O **n° 332** é um fragmento de bordo de forma indeterminável. Contém um friso de círculos concêntricos, para cujo comentário mais extenso remetemos igualmente para o texto sobre as peças decoradas do grupo 3 (ver *supra*).

A datação baixo-imperial do **n° 651** é um outro indicador da mais baixa cronologia deste grupo em face do grupo 3, no qual existem peças decoradas mais antigas, com possível cronologia pré-flávia.

### 3.4.3. Terra sigillata hispânica intermédia (grupo 5)

#### 3.4.3.1. Caracterização e conceptualização

Este grupo possui muito poucos exemplares para observação. A pasta é igual à do grupo 2.

O verniz é mais alaranjado, fino, com pouca aderência e descama. É homogéneo na cor, entre o P19 e o R19.

São conhecidas pastas e vernizes de tons mais alaranjados, dentro dos quais se destacam os fabricos de S.N., oleiro de *Tritium* (Mayet, 1984, p.66). E, exactamente nesta área de *Tritium*, o verniz das peças torna-se mais alaranjado nos séculos II e III (Saénz Preciado, 1998, p.136). No entanto, Mayet defende que, em Andújar, também existem peças, mais numerosas nas campanhas efectuadas a partir de 1973, com pasta mais clara do que o normal neste centro, de tom ocre ou ocre alaranjado, com partículas amarelas mais pequenas, vácuos mais pequenos, fractura mais regular, conferindo à pasta um aspecto mais fino. O verniz destas peças é mais claro do que o normal em Andújar, alaranjado e mediamente brilhante, quase sempre liso e aderente, sem ter o aspecto de “pele de galinha” que pode acontecer nas produções semelhantes do Nordeste (Mayet, 1984, p.41-2).

O grupo 5 de Chãos Salgados, apresenta, contudo, pasta e verniz que o aproxima das produções nordestinas, pelo que nos parece plausível excluir a hipótese de uma origem meridional. Situa-se, sim, no conjunto de produções que nas últimas décadas se têm denominado por “avançadas” (Tuset i Bertrán; Buxeda i Garrigós, 1995), “transicionais” (Abásolo; Pérez, 1985, p. 245), ou “intermédias” (Paz Peralta, 1991, p.11), que numa primeira fase de investigação foram individualizadas seguindo aspectos de degeneração de pastas e vernizes, bem como de decorações e morfologias, ou seja, por critérios exclusivos de ordem técnica (Abásolo; Pérez, 1985, p.245; Perez González, 1989); mas que, numa segunda fase de investigação começaram a ser objecto de descrições crono-morfológicas mais apuradas, com base em informações de ordem estratigráfica (Paz Peralta, 1991, p.11; Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995; Juan Tovar, 2000, p.47). Juan Tovar (2000, p.47) discorda, no entanto, destas denominações, pelo menos quando se trata de peças do século III, preferindo aplicar o conceito de “sigillata do século III”, embora considere que este é um período de gestação das produções tardias, que pode extravasar o

século III e abranger ainda as primeiras décadas do século IV; para além destes aspectos, segundo o autor, a ausência de uma sistematização tipológica é um factor determinante para a menor coerência desses conceitos.

Muitas destas formas não alcançam o século IV, não fazendo parte assim das produções tardias (Juan Tovar, 2000, p.47), e têm o seu início no século II; acresce que a escassez de contextos estratigráficos para o século II e III, pelo menos na sua primeira metade, contribui bastante para esta indefinição (Romero Carnicero, 1998, p.207).

O grupo 5 de Chãos Salgados apresenta morfologias e atributos que o incluem no século II, parecendo mais uma etapa final das importações hispânicas no sítio, até pela escassez de peças detectadas. Neste sentido, o estudo sobre *Clunia*, com base estratigráfica, apresenta uma série de conclusões que reforçam esta ideia. Segundo os autores deste trabalho, a amostra de 106 exemplares estudada apresenta grande heterogeneidade e, embora se aproxime mais das características da *terra sigillata* hispânica tardia, um conjunto de peças exhibe atributos entre a *terra sigillata* hispânica e a *terra sigillata* avançada. Toda a amostra denota uma redução do repertório formal alto-imperial e um desaparecimento paulatino dos pratos, subsistindo formas como a Drag. 15/17, com um predomínio crescente dos vasos, nos quais a Ritt. 8 é praticamente exclusiva, embora subsistam formas como a Drag. 27, que já não se verifica nos conjuntos mais tardios. A Drag. 15/17 existe nos conjuntos URCP E2 e E3, alto-imperiais, originários do vale do Ebro, existindo apenas um exemplar do conjunto URCP D1, do vale do Douro, mais tardio, que pode ainda atingir a segunda metade do século III. A Drag. 27 surge na URCP E3, do vale do Ebro, alto-imperial. Acresce ainda que, dos conjuntos do vale do Ebro, o único que pode ser datado de fins do século II / século III é a URCP E1, onde não pontuam as formas Drag. 15/17 e 27. A amostra de *Clunia* permite retirar duas grandes conclusões cronológicas para um paralelismo com o espólio de Chãos Salgados: primeiro, que a cidade de *Clunia* se abasteceu de produtos do vale do Ebro até finais do século II e que só no século III surgem os produtos do vale do Douro; segundo, que, embora os contextos estratigráficos sejam *grosso modo* da segunda metade do século II e século III, o contexto TS 474 tem como elemento datante mais recente uma moeda de 141 d.C. e que o seu conjunto já rompe claramente com a *terra sigillata* hispânica clássica (Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995).

Por esta ordem de razões apontada, ao nível das formas, origens e contextos estratigráficos, parece-nos possível estabelecer uma cronologia de pleno século II para o grupo 5 de Chãos Salgados, embora as características morfológicas, como veremos adiante, nos permitam recuar um pouco o início temporal deste grupo para uma data que pode rondar o ano 120 d.C., quando o século II já se pode considerar “pleno” e ainda existem as possíveis últimas importações do grupo 2 hispânico, no qual, sem dúvida, o grupo 5 se filia, não só pelo fabrico, mas também pela existência de uma marca de oleiro (nº 363). A identificação clara dos exemplares de Chãos Salgados com as produções do vale do Ebro levam-nos também a optar por um *terminus* ainda no século II, em face do exposto sobre *Clunia*.

### 3.4.3.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### Drag.15/17

O exemplar, nº 333, com 180mm de diâmetro de bordo e pé-de-anel de secção rectangular, enquadra-se no grupo 3 da evolução proposta por Mayet (1984, p.71), quando ainda se dá uma ligeira curvatura do bordo e os tamanhos das peças aumentam. Em face da seriação proposta por M. Roca, para Andújar, o exemplar de Chãos Salgados enquadra-se no grupo 3 – de morfologia hispânica -, posterior à época flávia, tendo em conta a cronologia do grupo 2 da autora (*apud* Fernández García, 1998, p.51-54). Os melhores paralelos provêm, no entanto, de Quintanilla de la Cueva (Juan Tovar, 2000, p.48 e 49), cujos fundos, nºs 4, 5 e 8 da fig. 21, possuem vernizes semelhantes ao grupo 5 de Chãos Salgados e pé tendencialmente ou totalmente rectangular, apresentando também a moldura externa de fundo; e estão datados de pleno século II, por critérios morfológicos.

Dois outros bordos, um deles liso, com 188mm de diâmetro (nº 335), outro, com leve canelura externa, sem diâmetro determinável (nº 334), devem ter a mesma cronologia e pode questionar-se uma possível classificação como Drag.18/31.

O autor do estudo sobre Quintanilla de la Cueva (Juan Tovar, 2000, p.48 e 49) defende ainda a constância de atributos desta forma nos séculos II e III, mas rejeita as datações finais de século IV pro-

postas por Mesquiriz (1961) e meados do século IV, por Paz Peralta (1991, p.61), já que esta forma está ausente numa série de contextos estratigráficos de século IV: numa lixeira da *villa* de Los Moros (La Serna, Palência), datada de fins do século III a meados do IV; numa lixeira da *villa* de Relea (Saldaña, Palência), datada dos primeiros dois terços do século IV; e nos contextos de século IV da *villa* de La Olmeda (Pedrosa de la Veja, Palência).

#### **Drag. 18**

Apenas uma carena sem diâmetro, cuja cronologia deve situar-se na época mais recuada do século II, já que esta é uma forma ausente em *Clunia*, Quintanilla de la Cueva, ou na província de Zaragoza (Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995; Juan Tovar, 2000; Paz Peralta, 1991).

#### **Drag. 27**

O exemplar desta forma, nº 820, surgiu na escavação da área circundante à construção nº 3 da área habitacional de Chãos Salgados. O bordo mede 160mm de diâmetro.

Mayet (1984, p.74) considera a inexistência de dados relativos a este tipo, para além do final do século II, embora Paz Peralta (1991, p.61) considere que esta forma alcança a segunda metade do século III, em *Turiaso* e *Bursao*, mas numa variante ainda pequena e de quarto de círculo arredondado; e data da segunda metade do século III (em *Bursao*) e já no século IV (em *Turiaso*), a variante mais próxima do nosso exemplar, de corpo desenvolvido, embora reconheça a sua ausência em La Olmeda. Defende, a par de Mayet, que as Drag. 27 e 15/17 formariam um serviço e que a sua cronologia seria semelhante.

A cronologia da Drag. 27 da *terra sigillata* intermédia tem sofrido contudo algumas revisões que nos permitem aceitar uma cronologia menos avançada para o exemplar de Chãos Salgados. No estudo sobre *Clunia* (Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995, p.361 e fig.4) a Drag. 27 surge apenas no grupo E3 (originário do Ebro), datado de pleno século II – a partir de 140 d.C. - e o único exemplar dado à estampa pelos autores é bastante semelhante ao de Chãos Salgados. Semelhanças formais possui igualmente o único exemplar de Juan Tovar (2000, p.50 e fig.22, nº11) com quarto de círculo inferior pouco arredondado, datado estilisticamente pelo autor no século II / inícios do III. Não é conhecido o pé-de-anel do exemplar de Chãos Salgados e é possível que tivesse uma secção rectangular, mais ou menos alta, a ver pelos exemplares apresentados neste dois estudos citados.

O verniz mais alaranjado deste exemplar e o maior desenvolvimento do corpo deste exemplar (com quarto de círculo superior muito suavizado e alto), em face dos restantes exemplares do grupo 5 de Chãos Salgados, conferem-lhe uma cronologia mais avançada, pelo menos de um século II pleno; mas a fraca presença de materiais “intermédios” em Chãos Salgados, que podemos considerar esporádicos, bem como o grafito, TIRI, que apresenta hastes ainda pouco encurvadas, podem ser outro indicador de uma cronologia que talvez não ultrapasse o século II, embora não seja de excluir uma possível datação de inícios do século III.

#### **Fundo de tigela**

Um exemplar, nº 821, provavelmente de Drag.27, tendo em conta a maior antiguidade da Drag. 24/25, tipo ausente nos repertórios de “transição” mais conhecidos (Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995; Juan Tovar, 2000; Paz Peralta, 1991), mas certamente ainda existente, pois influencia a produção tardia, em finais do século III, segundo Tovar (1997, p.556). Possui marca de oleiro truncada, EX OF [...] (nº 363), e pé-de-anel de secção triangular, que constitui outro atributo que aproxima este exemplar das morfologias alto-imperiais.

#### **Hermet 13**

O nº 336 é um fragmento de bordo com arranque de asa, com um verniz algo espesso, interior e exterior, com marcas irregulares de acabamento. O único fragmento descrito por Mayet (1984, p.76) apresenta as mesmas características e a autora aponta a semelhança com produções do vale do Ebro.

Tanto Mayet (1984, p.76), como Roca Roumens e Fernández García (1999, p.287-8) não distinguem taxonomicamente a forma lisa da forma decorada. Quanto à cronologia, a primeira autora aponta para o século II, por paralelismo com a forma sudgálica; enquanto as segundas balizam a datação entre 50 e 150 d.C..

Esta forma não surge nos espólios de “transição” (Tuset i Bertán; Buxeda i Garrigós, 1995; Juan Tovar, 2000; Paz Peralta, 1991), o que reforça a restrição da sua cronologia ao século II.



### 3.4.4. *Terra sigillata* hispânica tardia (grupo 6)

#### 3.4.4.1. Caracterização e conceptualização

Apenas um fragmento de *terra sigillata* hispânica tardia foi encontrado. A sua pasta é de cor M39/M40 e o verniz N19/P19, muito gasto e fino, assemelhando-se ao engobe da *terra sigillata* africana D. A pasta é depurada e também muito parecida com a da produção africana referida; em pequenos e brancos, para além de finíssimas partículas de mica relativamente abundantes; pequenos vácuos; fractura grosseira.

Identifica-se com as produções do vale do Douro em *Terra Sigillata* Hispânica Tardia, nomeadamente com o Conjunto B/Grupo 3 de Paz Peralta (1991, p.52-3), de origem indiscutível na Meseta Norte, a ver pelos paralelos e dispersão geográfica. Segundo o autor é um grupo muito homogéneo que se destaca claramente do seu Conjunto B – grupos 1 e 2 -, procedentes de La Rioja, em particular do vale médio do Ebro, com pastas muito semelhantes às produções alto-imperiais. Paz Peralta propõe a identificação deste grupo 3 com o chamado “taller del Duero”; equivale-o igualmente à “*sigillata* tardia regional” definida em *Conimbriga*, por M. Delgado (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.318), e descreve o seu fabrico: “la pasta es de color rojo fuerte, fina, dura, muy decantada y com una proporción de carbonato cálcio muy reducida. Además, tiene carbonatos, cuarzo y mica[...]. El barniz se presenta en todos los ejemplos analizados, de color rojo-naranja fuerte y denso, con un ligero brillo o con un brillo metálico[...]. Este recubrimiento recuerda en muchos aspectos al de las cerámicas norteafricanas de los siglos IV y V” (Paz Peralta, 1991, p.52).

O texto sobre os materiais de *Conimbriga* apura esta descrição e aproxima-se mais ainda do exemplar de Chãos Salgados: pasta quartzítica fina, vermelha, com granulometria mais grosseira do que a *terra sigillata* alto-imperial, mas mais depurada do que a das produções africanas; engobe pouco espesso, de cor mais ou menos densa, vermelho alaranjado, mais claro do que na *terra sigillata* africana C e D (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.318).

Esta produção corresponde ao conjunto G, definido por M. Picon (Mayet, 1984).

Ao longo das últimas décadas (ver Martínez González, 2005), os vários investigadores que se debruçam sobre as produções hispânicas têm questionado a origem destes fabricos tardios, discutindo noções de “decadência”, “continuidade”, ou “ruptura”.

O trabalho pioneiro com uma visão integral da *terra sigillata* hispânica, realizado por M. Mesquiriz (1961, p.11-12) entendia a produção tardia como uma degeneração da alto-imperial. Na década de 80 do século XX, F. Mayet, em 1984, e Lopez Rodríguez, em 1985, apresentam uma visão em certa medida condizente com a de Mesquiriz, mas sugerindo novas características. F. Mayet (1984, p.270) considera haver uma “herança” alto-imperial que se espelhava sobretudo nas formas decoradas, com a continuação da decoração moldada, mas com repertório nitidamente mais restrito; na fisionomia da Drag.37t, considerada uma fusão das antigas Drag. 37, 29 e 27; na existência de dois frisos decorativos no primeiro estilo tardio; embora outros aspectos a tornassem uma *sigillata* de atributos plenamente tardios no contexto romano – influência forte das tecnologias de fabrico, das formas tipo prato e um pouco da decoração estampada, pela *terra sigillata* africana. Para Lopez Rodríguez (1985, p.245) é um produto em muitos aspectos sem relação com a produção do alto-império, e decadente, nos aspectos que as relacionam.

Em conformidade com os estudos mais recentes, que justificam a existência de produtos “transicionais”, já tratados aquando do grupo 5 de Chãos Salgados, Juan Tovar (1997, p.554-56) defende uma “continuidade, adaptação e evolução”, com um ponto cronológico essencial nos finais do século III / inícios do IV, em que a “continuidade” é materializada pelas formas hispânicas 1, 2, 4, 6, 8, 24/25, 37 e 77; e a “mudança”, pelas influências africanas e gálicas tardias.

Suportado por novos dados estratigráficos, o mesmo autor defende que a TSHT tem atributos próprios na segunda ou terceira década do século IV, considerando a segunda metade do século III um período prévio, que pode até recuar mais um pouco, pois algumas formas têm aspectos “pré-tardios”; já se sente a influência forte da africana D (por exemplo, pela Hayes 58), e desaparecem definitivamente formas antigas como a Drag.15/17 (Juan Tovar, 1997, p.558).

O elenco de estratigrafias para este período é já significativo. Paz Peralta (1991, p.41) apresenta uma série de estratos da segunda metade, ou mais certamente, de finais do século III, associados a fases de destruição no alto e médio Ebro e na Meseta Norte, que embalam materiais cujo fabrico e uso devem

pertencer a meados do século III, ou talvez antes, com exceção de *Bursao*, cujos materiais devem reportar ao terceiro quartel do século: em *Clunia*, nas décadas de 70 e 80; em Pamplona, *Turiaso*, *Bursao*, El Ojuelo e Prado, em finais do século; em La Olmeda, no Solar de los Padres Escolapios de Jaca e em *Caesaraugusta*, pelo abandono de lixeiras de finais do século; e aos quais se pode ainda acrescentar a *villa* de La Serna (finais do século III / primeira metade do IV), Relea (c.320-360 d.C. – Juan Tovar; Pérez González, 1995) e o Mercado de Abastos de Toledo (3º quartel do século IV), fundamentais para sistematizar formas e decorações entre finais do século III e fins do segundo terço do século IV (Juan Tovar, 1997, p.558).

Segundo Juan Tovar (1997, p.558), distinguem-se duas fases no amadurecimento da TSHT: uma primeira, iniciada em 300-310 d.C., fundamentalmente pelas oficinas do Douro, com grande influência dos pratos da africana D, apresentando novas decorações e técnicas de fabrico, em face da *sigillata* clássica; e uma segunda fase, com influências gálicas, entre finais do segundo terço ou inícios do último terço do século IV e o século V, embora escasseiem os dados para a segunda metade desta centúria, com uma importância maior da área riojana e grandes mudanças nas decorações a molde, surgindo novas formas.

Recentemente, Paz Peralta (2008, p.529) propôs o terceiro quartel do século IV como o período de cristalização morfológica da fase tardiada TSH, em torno do ano 380 d.C., quando surge a Drag.37t e desaparecem as formas da hispânica intermédia, Drag.44, 27, 35, Lud.Tb, Hisp.5 e Ritt.8. A forma de Drag.37t, lisa, com segmento superior roletado, é a variante da Drag.37t mais antiga (surge em 380 d.C.), e coexiste posteriormente com as formas mais canónicas desse tipo.

As escavações do Suburbio Norte de *Augusta Emerita* permitiram a M. Bustamante (2010, p.433) constatar que a Drag.37t grácil, com o estilo decorativo 1 de Mayet, (formas 4.23-4.30 de Paz Peralta), surge no século IV e atinge o auge nos inícios do século V. A Drag.37t grácil e roletada (formas 4.18-4.22 de Paz Peralta) é de finais do século IV e inícios do V e a Drag.37t canónica, de maiores dimensões e estilo decorativo 2 de Mayet (forma 4.32 de Paz Peralta), centra-se no século V, podendo recuar a finais do século IV.

### 3.4.4.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### Drag. 37T ou 42

O nº 337 pertence a uma destas duas formas, datadas entre o século IV e finais do V / inícios do VI (Paz Peralta, 1991, p.104).

A decoração presente integra-se no segundo estilo de Mayet (1984, p.259) ou terceiro estilo de Lopez Rodríguez (1985, p.68-73 e 95), caracterizado pela sua decoração moldada de grandes círculos. Seguindo a seriação do último autor, o fragmento de Chãos Salgados possui círculos duplos, da série 3A, com motivos 3A/3/1 (bastonetes) e 3A/2/3 (lúnulas), com interior de motivo 3B/40 (pequeno círculo central), na fiada cimeira; enquanto que a fiada inferior, parece ter apenas um círculo duplo com motivo 3A/2/3 (lúnulas). Nenhum dos círculos tem círculo de compasso externo para fecho. Apesar da exiguidade do fragmento, a sua combinação parece corresponder ao código 3A/4 de Lopez Rodríguez, em que os círculos de cima estão unidos por um arco (que não se vê no nosso exemplar), existindo uma fiada inferior de círculos, cada um deles com posição intermédia face aos de cima. Frisos duplos de círculos são considerados raros por Mayet (1984, p.259 e fig.CCLIX, nº137), que apresenta um único exemplar, proveniente de *Emerita Augusta*, em que os círculos alternam com motivos verticais e são decorados interiormente por lúnulas.

Quanto à cronologia, são poucos os dados estratigráficos, para a Drag. 42, no século IV, conhecendo-se apenas dados no século V (Paz Peralta, 1991, p.115).

A Drag. 37t está ausente nos estratos da segunda metade do século III, quando se verifica o domínio das formas lisas sobre as decoradas, que se prolonga até meados do século IV. Em finais do século III constatam-se já escassos exemplares de Drag. 37 clássica decorada (Paz Peralta, 1991, p.44), que Juan Tovar (1997, p. 563-64) considera de atributos “pré-tardios”. Para este autor, a forma torna-se plenamente tardia nos primeiros vinte anos do século IV e até ao último terço deste século é a única forma fabricada a molde. A visão de uma ruptura entre a Drag. 37t e a alto-imperial, defendida por Mayet (1984, p.257), López Rodríguez (1985, p.31) e Paz Peralta (1991, p.117) é assim contraposta por Juan Tovar (2000, p.86-9), que retoma a antiga visão de Mesquiriz (1961), de uma transição formal e decorativa

no século III que preludia o primeiro estilo decorativo tardio, com base nos repertórios de vários sítios como *Clunia*, ou em lixeiras de fornos como em Mambrillas de Larga (Burgos).

O estilo decorativo de grandes círculos é conhecido na área de La Rioja, em apenas dois sítios com moldes (Santa Lúcia, em Nájera; e sítio indeterminado no médio Najerilla), enquanto que a Meseta Norte conta já com nove sítios identificados: Villanueva de Azagoya, Mecerreyes, La Yecla, Solarana, Ura, Puenteadura, Lerma, *Clunia* e Mambrillas de Larga (Juan Tovar, 2000, p.89).

É o estilo mais comum na TSHT e a Drag. 37t com grandes círculos deve começar em meados do século IV – não existem dados estratigráficos para se aferir a sua existência ou não na primeira metade do século IV – e parece terminar nos inícios do século VI (Paz Peralta, 1991, p.119; Lopez Rodriguez, 1985, p.140).

São vários os contextos que definem as datações do estilo de grandes círculos.

O seu início está datado no segundo terço do século IV, nas lixeiras de Relea; no final do terceiro quartel do século IV, no Mercado de Abastos de Toledo; na lixeira da *villa* de La Serna, está ausente na primeira metade do século IV, quando o primeiro estilo é exclusivo (Juan Tovar, 2000, p.89); na *villa* de La Olmeda, está presente sobre o mosaico de Aquiles, datado da primeira metade ou meados do século IV (Palol; Cortes, 1974, p.29, 114-16; Mayet, 1984, p.265). Em *Caesaraugusta*, *Turiaso* e Valeja de San Pez, começa em meados do século IV (Paz Peralta, 1991, p.113). O seu desenvolvimento está patente em níveis do século V, como La Estanca, Pamplona e Mérida; e o seu fim, em Gavín e Sepulcro, nos finais do século V / inícios do VI (Paz Peralta, 1991, p.13).

### 3.4.5. Marcas hispânicas

#### Grupo 1 (La Rioja)

Para além de uma oficina, OF(*icina*), indeterminável (nº 341), três oleiros forneceram peças para Chãos Salgados e são enquadráveis em Arenzana de Arriba e em La Rioja, sem especificação.

O troço da marca do nº 338 é bastante semelhante ao da estampa nº 3 de Garabito (1978, p.458). Para além disso, as descrições de Garabito, sobre o fabrico e a forma, são outros factores de relação. A marca de Garabito pertence a um fundo que poderá ser de uma Drag. 36, embora tal não seja seguro, e ao seu grupo 1 de fabricos. Garabito descreve a sua peça como um fundo de Drag. 36, com caixilho rectangular, de 19mm de comprimento e 4mm de largura. A pasta do vaso é rosa-salmão, de corte muito vítreo, muito resistente, e o verniz, de excelente qualidade, é vermelho vivo, muito brilhante, homogéneo e aderente. A marca completa abrevia o nome em C. FRONTON, sendo o seu nome completo *Caius Frontonius* (Mesquiriz, 1985, p.124; Mayet, 1984, p.128). Este oleiro trabalhava em Arenzana de Arriba e *Tritium* - Prado Alto – (Preciado; Preciado, 1999, p.95). Produziu Drag. 15/17 e 36 (Preciado; Preciado, 1999, p.95).

O nº 339 (tigela) foi produzido talvez por um de dois oleiros possíveis:

A primeira hipótese é a de IV(*lius*) MA( ), segundo Mesquiriz (1985, p.128); IV(*nus*) ou IV(*lius*) MA( ), segundo Mayet (1984, p.140) e Preciado; Preciado (1999, p.104-5). A letra F, abreviatura de *fecit*, no final, pode não ter a haste horizontal inferior, segundo Garabito (1978, p.301), tal como acontece no exemplar de Chãos Salgados. Nas duas marcas de Chãos Salgados pertencentes a este oleiro, *Iulius* ou *Iunius Maternus*, optámos pela interpretação de *fecit* para o F final e por um conseqüente nominativo para o nome do oleiro, embora estas características sejam raras na *terra sigillata* hispânica (Mayet, 1984, p.113). No entanto, esta hipótese afigura-se mais plausível do que a de desenvolver a letra F através de *officina*, que embora possa surgir após o nome do oleiro, tem geralmente outras abreviaturas: O, OF, OFIC, EX OF, etc. (Mayet, 1984, p.113). Trabalhou em *Tritium*, tendo produzido Drag. 27, 24/25, 33 ou 46, 36 e 15/17 (Saéñz Preciado; Saéñz Preciado, 1999, p.104-5).

A segunda hipótese, talvez a mais plausível, é a de que possa pertencer ao oleiro MIIM.MI, que terá trabalhado em La Rioja (Saéñz Preciado; Saéñz Preciado, 1999, p.112; Mayet, 1984, p.152). A marca MIIM.MI é conhecida em Drag. 15/17, em *Emerita Augusta* (Saéñz Preciado; Saéñz Preciado, 1999, p.112), e numa peça da mesma forma, proveniente de Chellah – Sala – (Mayet, 1984, p.152), mas não em tigela. Contudo, adequa-se melhor à leitura possível do nº 339 de Chãos Salgados já que a primeira letra, da qual só vemos o final da haste, pode ser o M final de MIIM e não um V, letra esta que permitiria a atribuição ao oleiro IV( ) MA( ).

Voltaremos a falar do oleiro MIIM.MI, no grupo nº 2.

O n° 342, bastante bem conservado, pertence ao oleiro *Petronius*, atribuído a *Tritium Magallum*. É normalmente conhecido por se identificar cumulativamente com um cognome, intitulando-se PETRONIUS EROS (Mayet, 1983, p.163; Sáenz Preciado; Sáenz Preciado, 1999, p.119).

Não encontramos qualquer paralelo para o n° 340, uma marca anepígrafa.

Nº Inv.	Tipo	Descrição Morfológica	Medições	Marca / Caixilho	Interpretação/Oleiro	Observações
338 - Dias (1976-7):147	?	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 45mm; hp: 8mm	]N ... Caixilho rectangular de lado menor direito arredondado	[C.FRONTO]N ... <i>Caius Frontonius</i>	Fabrico B (Dias, 1976-7).
Dias (1976-7):149	D27	Bordo levemente espessado externamente. Pé-de-anel de secção triangular.	db:128mm;dc:104mm;dp:57mm;hbc:24mm;hcf:41mm;hp:10mm	Apenas é visível uma face menor do caixilho rectangular.		Sem estampa.
339 - Mir-991-9-4	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 42mm; hp: 8mm	MIIM] MI ... Caixilho rectangular, com canto superior direito arredondado	MIIM] MI ... MEM MI	
340 - Mir-138-20	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 35mm; hp: 6mm	OO ... Caixilho rectangular de lados menores arredondados		
341 - Mir-163-47	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 49mm; hp: 8mm	OF[ ... Caixilho rectangular	OF[(icina)	
Arq-903	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 41mm; hp: 8,5mm	Caixilho rectangular ilegível		Sem estampa.
342 - Arq-6863	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 22m; hp: 7mm	PETRNI ... Caixilho rectangular	PETR(o)NI(i) ... <i>Petronius</i>	

Figura 69 - Marcas de oleiro de TSH-Grupo 1 em Chãos Salgados.

### Grupo 2 (La Rioja)

Os oleiros deste grupo enquadram-se nos produtores conhecidos em *Tritium* e La Rioja.

O oleiro *Flaccus Tritiensis* (n° 351) trabalhou em *Tritium*, tal como *Ianuarius* (Mayet, 1983, p.134; Sáenz Preciado; Sáenz Preciado, 1999, p.101). Se o primeiro não nos ofereceu dúvidas de classificação, já o segundo (n° 352) foi possível de identificar graças à identidade gráfica dos caracteres iniciais com a marca conhecida em *Volubilis*, sobre Drag. 15/17 (Boube, 1965, n°86). Uma marca de *Flaccus Tritiensis* surge num depósito da segunda metade do século II da Plaza del Negret, em Valência (Huguet Enguita, 2005, p.184).

Surge, agora com segurança de interpretação, o oleiro IV(*nus*) ou IV(*lius*) MA ( ), desta feita, com caixilho totalmente conservado e punção diverso do da peça do grupo 1, mas com semelhanças: mais uma vez o F final não possui haste horizontal inferior; o caixilho é rectangular e possui lados menores ligeiramente arredondados. Com o n° 346, é um fundo de tigela.

O n° 343 é um fundo de Drag. 27 do oleiro *Octavius Maternus*, segundo Dias (1976-7), que trabalhava em *Tritium*, mais precisamente em Los Pozos. Produziu Drag. 27, 17, 15/17, 46 e 33 (Saénz Preciado; Saénz Preciado, 1999, p.116). A fractura da marca deixa contudo em aberto que possa pertencer igualmente a IV(*nus*) ou IV(*lius*) MA ( ), embora nos casos conhecidos deste oleiro em que a marca termina com OF, o seu nome é abreviado em IVM e não em IVMA (Saénz Preciado; Saénz Preciado, 1999, p.104-5).

O n° 349 poderá pertencer ao oleiro MEM( )MI( ) - que trabalhou em La Rioja, sem se saber em que *atelier* específico - e sobre o qual já falámos no grupo 1. Este punção de Chãos Salgados, OF ME, não



possui paralelo. Os outros dois punções conhecidos expressam OF MEM (rectângulo de ângulos curvos proveniente de *Segobriga*) e MIIM.MI, do qual já falámos no grupo 1 (Saézn Preciado; Saézn Preciado, 1999, p.112; Mayet, 1984, p.152).

O nº 344, Drag. 15/17, pode pertencer a um oleiro, N. PROTAE, recentemente identificado em *Bracara Augusta*, onde surge com duas marcas de cartela rectangular em Drag. 15/17, embora de punções não idênticos ao de Chãos Salgados (Morais, 2005, p.264: atribuído a La Rioja). Trabalhos anteriores haviam já diagnosticado este oleiro, como de possível nome ROTAE, mas não ao mesmo punção de Chãos Salgados: a peça nº 773 de Mayet (1984) e uma pequena taça proveniente do Museu Machado de Castro (Moutinho Alarcão, 1971, est.II, nº29). O exemplar do museu eminiense é um fundo de taça, com pasta rosa alaranjada, dura e de enp bem distribuídos e verniz vermelho-castanho alaranjado, espesso e brilhante; uma outra marca, publicada por J. Boube (1965, nº85) é um fundo de Drag. 27 de *Volubilis*. Os paralelos indicados têm duas diferenças em relação ao exemplar de Chãos Salgados: são taças ou tigelas (excepto em *Bracara Augusta*) e a impressão da letra A apresenta haste transversal, o que não acontece em Chãos Salgados. Um último caso de marca terminada em AE é conhecido em Léon, onde a marca OF.FA.AE surge em 20 exemplares de possível origem no vale do Ebro. As formas representadas são a Drag. 15/17, 27 e algumas Drag. 36, e surgem todas numa mesma unidade, datada de meados do século II, o que não condiz cronologicamente com a datação do **contexto 6**, flávio, onde surge o nosso exemplar. Para além deste factor, nas peças de Léon, as letras A e E surgem sempre geminadas, como acontece no exemplar referido de *Volubilis*. O único aspecto realmente semelhante é a configuração da cartela, rectangular, com cantos em esquina ou ligeiramente arredondados (Fernández Freile, 2001). Uma segunda leitura de oleiro é plausível, embora levante igualmente dúvidas palográficas: o oleiro *Sempronius Valerius* apresenta-se muitas vezes com o seu último nome abreviado em VALE(rii), estando o A e o E ligados por uma pequena haste que permite formar o L (Mayet, 1984, est.214, nº5340 e 341). Porém, esta haste é normalmente espessa e o A possui sempre haste horizontal, ao contrário do que sucede em Chãos Salgados. Em *Bracara Augusta*, as marcas deste oleiro possuem haste mais fina de ligação entre o A e o E (Morais, 2005, p.319, nº554 e 55).

Uma marca é ilegível (nº 345). A Drag. 27 em que está impressa tem um perfil antigo, com tamanho pequeno e bordo perolado. Pertence ao **contexto 6**.

### Grupo 3 (Andújar)

Os oleiros deste grupo enquadram-se no conjunto já conhecido em Andújar, embora o oleiro CS levante questões mais complexas de resolver quanto à sua origem. São determináveis 5 oficinas no grupo 3.

O oleiro EX OF CAH surge com dois exemplares. O nº 355 é muito parecido com o nº 95 de Mayet (1984), proveniente do Museu de Andújar, provavelmente em Drag. 27, tal como o exemplar de Chãos Salgados. Este oleiro está datado de época flávia (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.39). Surge no nível inferior do depósito das sondagens 1-7 de Andújar, campanhas de 1972-3, nível datado de época flávia (Sotomayor; Pérez Casas; Roca Roumens, 1976, p.117). O nº 356 foi produzido pelo mesmo oleiro. A letra H desta peça é muito semelhante à do nº 355, parecendo tratar-se do mesmo punção.

O nº 357 pertencerá ao oleiro C. S. (Mayet, 1984, p.131; Mesquiriz, 1985, p.125) ou C()S()Tritiensis (Preciado; Preciado, 1999, p.99). Se todas estas hipóteses são do mesmo oleiro, este cognome nordestino não deixa de levantar sérias questões quanto ao exemplar de Chãos Salgados, produzido em pasta/verniz idêntico às tradicionais descrições para Andújar. Mayet propõe exactamente Andújar como centro de origem de C. S.. A marca nº 160 de Mayet (1984), proveniente de Represas (= Lopes, 1994, nº1205), é muito parecida com a de Chãos Salgados.

O nº 358 (= Pereira, 1971, nº10) pertence ao oleiro PES( ) ou P.E( )S( ), que trabalhou em Andújar (Mayet, 1984, p.162-3). O nº 479 de Mayet (1984) tem o caixilho parecido com o de Chãos Salgados, embora este apresente as letras mais afastadas entre si. Estas características também surgem na marca de Boube (1965, fig.34, nº367), embora o caixilho tenha a forma de um rectângulo com lados maiores rectilíneos. Este oleiro surge com 1 exemplar no depósito da sondagem 10, em Andújar (Mayet, 1984, p.39), com datações de finais do século I d.C. (Sotomayor; Roca Roumens; Sotomayor, 1979, p.445-7). Outros autores corroboram uma datação flávia (Sotomayor Muro; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.41).

Sector /Camp.	UE	Nº Inv.	Tipo	Descrição Morfológica	Medições	Marca / Caixilho	Interpretação/ Oleiro	Observações
		<b>343</b> - Dias (1976-7) :162	D27	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 53mm; hp: 11mm	]MA.OF. ... Caixilho rectangular com lado menor direito ligeiramente arredondado	]MA.( )OF.(icina) ... <i>Octavius Maternus</i> ou <i>Ilulius Maternus</i>	
C1 / 1997-2000	449	<b>344</b> - Mir-727-41	D15/17	Bordo levemente perolado. Pé-de-anel de secção triangular. Duas caneluras bem marcadas no fundo interno.	db:248mm;dc:188mm;dp:87mm;hbc:36mm;hcf:32m;hp:5,5mm	] \ E ... Caixilho rectangular	N( ) PROTAE ou EX OF( <i>ficina</i> ) SEMP( <i>ronii</i> ) VALE( <i>rrii</i> ) <i>Sempronius Valerius</i>	Ambiente 1 da construção nº 1. Ver nº <b>680</b> .
C1 / 1997 - 2000	449	<b>345</b> - Mir-727-150+230+231	D27	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 39,5mm; hp: 6,5mm; dc: 105,5mm	Ilegível ... Caixilho rectangular		Ambiente 1 da construção nº 1. Ver nº <b>684</b> .
		Mir-30-10	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 56mm; hp: 7mm	Ilegível. Quase totalmente destruída, apenas restando uma pequena parte do lado maior do rectângulo da cartela.		Sem estampa.
		<b>346</b> - Mir-124-177	t	Pé-de-anel de secção sub-triangular.	dp: 33mm; hp: 5,5mm	IVM.F ... Caixilho rectangular com lados menores arredondados	IVM.F( <i>ecit</i> ) ... IV( <i>niius</i> ) ou IV( <i>liius</i> ) MA( )	
		<b>347</b> - Mir-125-1241	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 57mm; hp: 9,5mm	Apenas se conservou um dos extremos do caixilho rectangular		
C3 / 1995-6	98	<b>348</b> - Mir-493-4	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 39mm; hp: 8mm	Ilegível ... Caixilho rectangular (lado menor direito ligeiramente arredondado)		
		<b>349</b> - Mir-484-54	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 38mm; hp: 7mm	OFME ... Caixilho rectangular	OF( <i>icina</i> )ME ... MEM( ) MI( )	
		<b>350</b> - Mir-450-6	?		dp:?	Ilegível ... Caixilho rectangular		
		<b>351</b> - Arq-6842	t	Pé-de-anel de secção sub-rectangular.	dp: 53mm; hp: 7mm	]ACCI.TI ... Caixilho rectangular de lados menores curvos.	FL)ACCI. T(r)I( <i>tiensis</i> ) ... <i>Flaccus Tritiensis</i>	
		<b>352</b> - Arq-6836	t	Pé-de-anel de secção triangular.	Dp: 56mm; hp: 10mm	IAN[ ... Caixilho rectangular	IAN[VARIUS ... <i>Ianuaris</i>	

Figura 70 - Marcas de oleiro de TSH-Grupo 2 em Chãos Salgados.

O nº 360 é de difícil interpretação. Poderá pertencer ao oleiro NA, sem cronologia conhecida, de quem se conhecem marcas que não são exactamente iguais ao exemplar de Chãos Salgados, como EX O NA e O.N.A, em Drag. 15/17 e 27 (Sotomayor; Roca Roumens; Fernández García, 1999, p.41).

O nº 353 pode pertencer ao oleiro V( )P( )C( ), presente em *Volubilis* com uma marca O( )V( )P( )C( ), que terá a palavra O(*ficina*) no início. A cartela deste exemplar norte-africano é também de ângulos arredondados (Mayet, 1984, nº726 = Boube, 1965, nº155).

Por último, o nº 362, embora só parcialmente conservado, deverá pertencer ao oleiro T. I ( ) F ( ), atribuído por Mayet (1984, p.178) a Andújar.

O espólio contém ainda uma marca anepígrafa, nº 359, sem paralelo.

NºInv.	Tipo	Descrição Morfológica	Medições	Marca / Caixilho	Interpretação/Oleiro	Observações
353 - Dias (1976-7) :146	?	Pé-de-anel de secção rectangular.		]C (discorda-se da leitura de Dias, 1976-7, como "O")	]C ... O ( ) V ( ) P ( ) C ( )	Fabrico A (Dias, 1976-7)
354 - Dias (1976-7) :158	t	Pé-de-anel de secção sub-rectangular.		EXOF[ ... Caixilho muito fragmentado	EXOF[(icina) ... ?	Fabrico A (Dias, 1976-7)
355 - Dias (1976-7) :160	t	Pé-de-anel de secção sub-rectangular.	dp: 54mm; hp: 9mm	EX OF CAH ... Caixilho rectangular de cantos arredondados	EX OF(icina) C(aii) A ( ) H ( ) ... C.(aius) A ( ) H ( )	Fabrico A (Dias, 1976-7).
356 - Dias (1976-7) :150	D27	-	dc: 95mm; dp: 53mm; hcf: 33mm; hp: 9mm	]H ... Caixilho rectangular	]H ... C. (aius) A ( ) H ( )	Fabrico C (Dias, 1976-7). Marca muito fragmentada (Dias, 1976-7).
357 - Dias (1976-7) :161	p			EXOF2 ... Caixilho rectangular de cantos arredondados	EX OF(icina) C ( ) S ( ) ... C.S ou C ( ) S ( ) Tritiensis	Fabrico A (Dias, 1976-7).
358 - Mir-991-6-15	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 48mm; hp: 13mm	EX OF P E S ... Caixilho rectangular irregular com cantos arredondados	EX OF(icina) P ( ) E ( ) S ( ) ... PES ( ) ou P. E ( ) S ( )	Pereira (1971):10. Campanha de 1969.
359 - Mir-3-191	t	Pé-de-anel de secção triangular.	dp: 40mm; hp: 9,5mm	Anepígrafa		
360 - Mir-3-168	t	Pé-de-anel de secção triangular muito gasto.	dp: 38mm; hp: 5,5mm	EX OF [?]N[ ... Caixilho rectangular algo irregular com cantos arredondados	EX OF(icina) N[A ... Na ( )	
361 - Dias (1976-7) :164	t			E[	E[X	Fabrico A (Dias, 1976-7)
362 - Arq-6835	t	Pé-de-anel de secção sub-rectangular.	dp: 36mm; hp: 6mm	]IF ... Cartela rectangular	T.] I.F ... T ( ) I ( ) F ( )	

Figura 71 - Marcas de oleiro de TSH-Grupo 3 em Chãos Salgados.

### Grupo 5 (Hispanica intermédia)

Somente uma marca (nº 363) no espólio do grupo 5, proveniente de uma oficina indeterminável.

Sector /Camp.	UE	NºInv.	Tipo	Descrição Morfológica	Medições	Marca / Caixilho	Interpretação/Oleiro	Observações
C3	193	363 - Mir-597-2	t	Pe-de-anel de secção triangular.	dp: 36mm; hp: 6mm	IIX OF[ ... Caixilho rectangular de cantos arredondados	EX OF(icina)[ ... ?	

Figura 72 - Marcas de oleiro de TSH-Grupo 5 em Chãos Salgados.

### 3.4.6. Análises de laboratório dos grupos 1 e 2 (La Rioja) de terra sigillata hispânica de Chãos Salgados

Por M. V. Romero Carnicero / Laboratorio de la Universidad de Castilla-La Mancha, Ciudad Real

A única amostra de que se distingue é a nº MA-350. Conhecem-se amostras bastante semelhantes, sendo uma delas procedente de *Petavonium* (Romero Carnicero; et Al., 2006) e outra de *Obila*, a actual Ávila (Romero Carnicero; et Al., 2005).

Ambas são consideradas como originárias de La Graufesenque, em função das características formais da peça, bem como pelos resultados da Difracção de Raios X, nos quais as plagioclases superam o quartzo, tal como acontece nesse centro de produção. Contudo, há um elemento estranho a La Graufesenque: o alto teor de óxido de manganésio, superior a 0.1, valor constatado no exemplar de Chãos Salgados, bem como nos exemplares de *Petavonium* e de *Obila*. É assim possível que se trate de uma produção sudgálica ainda desconhecida, e não de qualquer produção hispânica, até porque o difractograma deste exemplar de Chãos Salgados é diferente do dos restantes exemplares.

As restantes amostras de Chãos Salgados, uma vez submetidas a tratamento estatístico, são atribuíveis, em princípio, a *Tritium Magallum*, em particular as amostras nº MA-345, MA-348 e MA-352, mas também as MA-346, MA-347 e MA-349. A amostra que se distingue mais deste grupo é a nº MA-351, que não pode ser atribuída com segurança a *Tritium Magallum*.

Dado que havia algumas diferenças, devido à distinta calibração feita pelas equipas, entre os valores proporcionados pela Fluorescência de Raios X em Ciudad Real e em Valladolid, analisou-se novamente algumas amostras neste último laboratório, o que permitiu corrigir os resultados de Ciudad Real, ajustando as percentagens de Ferro, Cálcio, Sílice e Alumínio.

Quanto aos resultados das análises de Difracção de Raios X, os difractogramas reforçam os obtidos pela Fluorescência de Raios X, vinculando a MA-350 aos centros sudgálicos e as restantes ao centro produtor de *Tritium Magallum*. Podemos resumi-los do seguinte modo:

**MA-345:** O quartzo é o elemento maioritário, seguido pela plagioclase (cálcica). Existe hematite em pequenas proporções e vestígios de Ilita e possivelmente de piroxenos.

**MA-346:** O quartzo é o elemento maioritário. Existe também, em menores proporções, plagioclase, hematite e Ilita, bem como possíveis vestígios de piroxenos. Contaminação de gesso.

**MA-347:** O quartzo é o elemento maioritário. Existe também ortosa e plagioclase (cálcica), bem como vestígios de hematite, Ilita e augita. Contaminação de gesso.

**MA-348:** O quartzo é o elemento maioritário. A plagioclase (cálcica) é abundante. Há hematite em pequenas proporções e vestígios de augita.

**MA-349:** O quartzo é o elemento maioritário. Presença notável de ortosa e plagioclase.

**MA-350:** A plagioclase (cálcica) é o elemento maioritário. O quartzo e a ortosa são abundantes. A hematite está presente em pequenas proporções.

**MA-351:** O quartzo é o elemento maioritário. A plagioclase (cálcica) é abundante e há vestígios de hematite.

**MA-352:** O quartzo é o elemento maioritário. Há uma presença apreciável de ortosa e plagioclase (cálcica) e vestígios de hematite e Ilita.

Nº de amostra laboratorial	Grupo macroscópico de Chãos Salgados	Nº de Inv.	Tipo	Desenho
MA-345	Grupo 1	Mir-456-001	D15/17	
MA-346		Mir-53-006	Ind. com estilo de círculos	
MA-347		Mir-55-001	D27	s
MA-348		Mir-425-001	D37	s
MA-359	Grupo 2	Mir-191-006	D37	
MA-350		Mir-3-450	D18	
MA-351		Mir-138-105	D37	s
MA-352		Mir-331-181	D15/17	s

Figura 73 - TSH em Chãos Salgados. Quadro das amostras analisadas.



Componente / Amostra	MA345	MA346	MA347	MA348	MA349	MA350	MA351	MA352
Fe2O3	6,84	8	6,95	7,19	7,33	6,58	6,69	6,63
MnO	0,039	0,063	0,057	0,043	0,072	0,103	0,058	0,07
TiO2	0,85	0,97	0,86	0,85	0,9	0,96	0,8	0,79
CaO	8,79	6,75	9,75	9,63	8,04	16,05	12,22	9,35
K2O	3,91	3,48	4,06	3,87	3,81	3,7	2,68	4
SiO2	52,84	52,2	51,8	53,3	52,5	47	51	53,5
Al2O3	21,2	23,96	20	20,74	21,65	20,68	20,73	20,45
P2O5	0,15	0,47	2,16	0,15	0,59	1,58	0,15	0,21
MgO	3,8	3,1	3	2,6	3,8	2,2	3,3	3,7
Na2O	0,8	0,6	0,8	0,8	0,7	0,6	1,8	0,7
CO2	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25	0,25
SO3	0,034	0,029	0,04	0,022	0,084	0,065	0,069	0,021
Cr	0,017				0,019			0,02
Ni	0,004	0,005	0,005	0,007	0,01	0,006	0,004	
Cu						0,012		
Zn		0,017	0,024	0,015	0,016	0,24	0,011	0,013
Ga		0,005		0,005				0,005
Rb	0,025	0,022	0,029	0,029	0,021	0,018	0,012	0,028
Sr	0,044	0,039	0,078	0,069	0,067	0,082	0,094	0,072
Y	0,004	0,004	0,004	0,006	0,005	0,005	0,004	0,003
Zr	0,021	0,024	0,024	0,027	0,029	0,02	0,025	0,025
Ba	0,069	0,053	0,074	0,087	0,075	0,044	0,068	0,066
Ce							0,03	0,049
Pb				0,006				
Cl	0,389	0,039	0,029	0,274	0,025	0,055	0,027	

Figura 74 - TSH em Chãos Salgados. Quadro de resultados.

Amostra	MA345 CR	MA345 rev	MA346 CR	MA346 rev	MA347 CR	MA 347 rev	MA348 CR	MA348 rev
Fe2O3	6,84	5,5	8	6,43	6,95	5,59	7,19	5,78
MnO	0,039	0,039	0,063	0,063	0,057	0,057	0,043	0,043
TiO2	0,85	0,85	0,97	0,97	0,86	0,86	0,85	0,85
CaO	8,79	6,78	6,75	5,2	9,75	7,53	9,63	7,42
K2O	3,91	3,91	3,48	3,48	4,06	4,06	3,87	3,87
SiO2	52,84	58,7	52,2	57,99	51,8	57,54	53,3	59,22
Al2O3	21,2	18,23	23,96	21,39	20	17,85	20,74	18,52
P2O5	0,15	0,15	0,47	0,47	2,16	2,16	0,15	0,15
MgO	3,8	3,8	3,1	3,1	3	3	2,6	2,6
Na2O	0,8	0,8	0,6	0,6	0,8	0,8	0,8	0,8
Total	99,219	98,759	99,593	99,693	99,437	99,447	99,173	99,253

Amostra	MA349 CR	MA349 rev	MA350 CR	MA350 rev	MA351 CR	MA351 rev	MA352 CR	MA352 rev
Fe2O3	7,33	5,89	6,58	5,28	6,69	5,38	6,63	5,32
MnO	0,072	0,072	0,103	0,103	0,058	0,058	0,07	0,07
TiO2	0,9	0,9	0,96	0,96	0,8	0,8	0,79	0,79
CaO	8,04	6,2	16,05	12,37	12,22	9,42	9,35	7,21
K2O	3,81	3,81	3,7	3,7	2,68	2,68	4	4
SiO2	52,5	58,32	47	52,21	51	56,66	53,5	59,44
Al2O3	21,65	19,33	20,68	18,46	20,73	18,51	20,45	18,26
P2O5	0,59	0,59	1,58	1,58	0,15	0,15	0,21	0,21
MgO	3,8	3,8	2,2	2,2	3,3	3,3	3,7	3,7
Na2O	0,7	0,7	0,6	0,6	1,8	1,8	0,7	0,7
Total	99,392	99,612	99,453	97,463	99,428	98,758	99,4	99,7

Figura 74 - TSH em Chãos Salgados. Quadro de resultados.

### 3.5. Terra sigillata africana

#### 3.5.1. Terra sigillata africana A

##### 3.5.1.1. Origem e cronologia

É consensual que esta produção tenha origem na área de Cartago (Hayes, 1972, p.298; 1980, p.518; Bonifay, 2004, p.45), embora ainda não sejam conhecidos os centros produtores, e as escavações de Cartago não possuam estratigrafias amplamente conhecidas para os séculos em que esta produção estaria em circulação: as escavações italianas e inglesas (Tortorella, 1982; Fulford; Peacock, eds., 1984; ver também Mackensen, 2004, p.153) incidiram sobre níveis tardo-romanos, tal como as alemãs (Rakob, ed., 1999), que apresentam ainda um contexto do segundo terço do século I d.C., mas sem *terra sigillata* africana (Martin-Kilcher, 1999).

Neste sentido, as escavações norte-americanas da Universidade de Michigan deram um contributo muito importante, pela mão de J. Hayes (1976, 1978a, 1978b). Em Cartago foi possível observar uma produção antecedente da verdadeira *terra sigillata* africana, que o autor denomina de “proto african red slip ware”, presente nos depósitos XII, XVIII e XIX (i), datados os dois últimos, respectivamente, de inícios do século I e inícios do século II (Hayes, 1978b, p.36) – em 1980, Hayes (p.482) data os três contextos de época tiberiana - e cuja descrição é retomada por S. Tortorella em 1987 (p.282): é uma produção que surge nos mesmos contextos da *early roman coarse ware*, com as paredes ainda finas, engobe opaco que só cobre parte do exterior e que pode ser uma derivação dos modelos tardo-helenísticos (Hayes, 1976, p.77-82). Segundo Tortorella (1987, p.282) esta produção de proto *terra sigillata* africana é também conhecida em *Utica* e destina-se ainda a um mercado local. São já diagnosticáveis escudelas, talvez carenadas, assimiláveis às Hayes 1, 4 e 5 e taças (A47-49 e 95 de Hayes, 1976). As escavações norte-americanas revelam ainda que a *terra sigillata* africana clássica é extremamente abundante nos níveis do século II, quando, em conjunto com a cerâmica africana de cozinha, formam 20% do depósito XVI. Nesta centúria, são importantes as formas Hayes 4, 5, 7 a 10 e 20. Entre os séculos II e VI, a *terra sigillata* africana representa 8-10% dos conjuntos (Hayes, 1976, p.84).

Numa prospecção do litoral tunisino realizada entre 1987 e 1997, a *terra sigillata* africana A surge em 38 sítios bem espalhados do Sul ao Norte e dominam formas de A1, surgindo apenas em 3 sítios formas de A2 (em 2 deles o material associado é já de século III), o que, segundo Bonifay (2002-2003, p.137) poderia corroborar em parte a suposição de Pröttel (1996, p.25) de que possam haver oficinas tanto no Norte como no Centro. Neste sentido, Bonifay (2004, p.47) refere que certos exemplares de tipos antigos, Hayes 2/3A e 8A (este último tipo conhecido em Pupput e Rougga), têm pasta fina, semelhante à pasta da africana C.

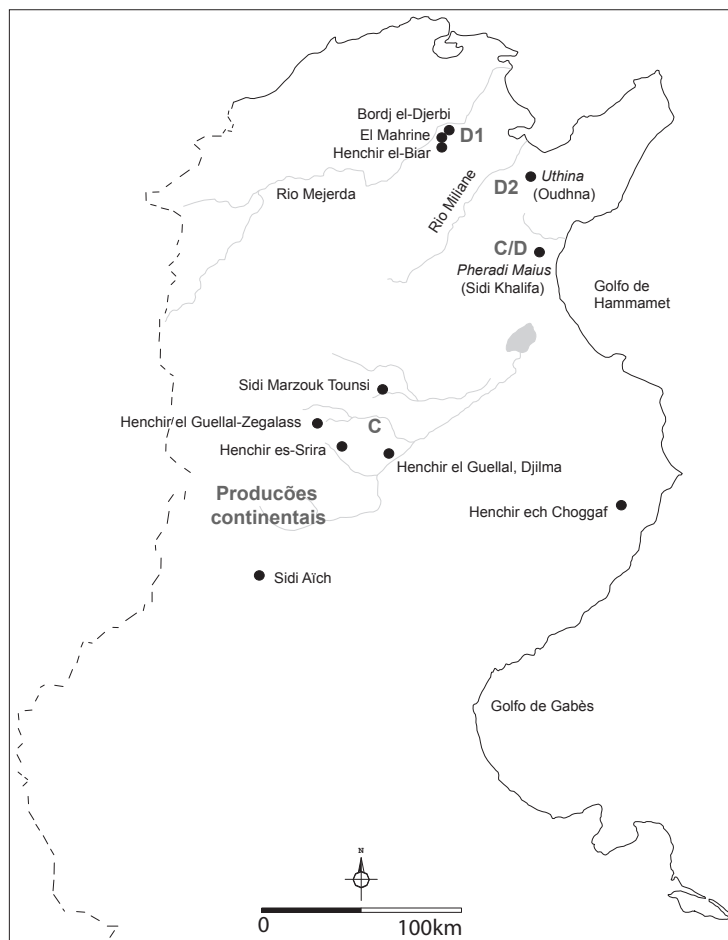


Figura 76 - Mapa simplificado da actual Tunísia com os principais sítios produtores de *terra sigillata*. Adaptado de Bonifay, 2004.

Pondera ainda que a Hayes 2/3A possa ser uma variante centro-tunisina da Hayes 3.

A semelhança entre a africana D2 e o facto de surgir africana A com decoração aplicada (H24, 35 e 38) em Oudhna, em níveis de inícios do século III, leva Bonifay (2004, p.48) a considerar a hipótese deste centro ter produzido africana A.

Em 2000, Ben Moussa (*apud* Bonifay, 2004, p.45) propõe o vale médio do rio Mejerda como hipótese de área de fabrico da africana A, entre *Bulla Regia* e *Simitthus* ou entre Dougga e Uchi Majus, embora tenha apenas como indícios alguns vestígios em depósitos fluviais.

Sabemos que o baixo Mejerda foi fundamental na produção de africana D1 (Mackensen, 1993) e sobre este tema falaremos acerca das questões relacionadas com a africana D. Parece-nos contudo, que o *praesidium* de *Simitthus* (Chemtou), com duas fases construtivas, em 154 d.C. e no 2º quartel do século III, com fim de ocupação em 280 ou 290 d.C. (Mackensen, 2004, p.152) apresenta um espólio com aspectos sugestivos, mesmo respeitando a um centro de consumo de *terra sigillata*, o que reforça o seu papel de dado puramente indirecto de uma possível realidade.

Em 1994, M. Vegas seu à estampa um conjunto de milhares de fragmentos de cerâmica africana de cozinha e de *terra sigillata*, estudados, na sua maioria sem atribuição estratigráfica, embora ainda com alguns dados sobre os contextos de destruição ou abandono da área do *ergastullum* (**ver anexo 2, tabela 20**). As escavações incidiram na metade este do sítio, cujo espólio monetário se situa entre a época antonina e 270-80 d.C. (269 moedas), parecendo haver vestígios cerâmicos do século I e primeira metade do século II, bem como uma necrópole entre a primeira metade do século I e o fim do século seguinte, na parte oeste do *praesidium*, não escavada. Apesar de haver uma inscrição de 154/155 d.C., a autora refere que 352 fragmentos apontam para um início de construção (ou utilização?) um pouco mais tardio, já no último quartel do século II, pelo que as 70 moedas de época antonina poderiam ter estado em circulação décadas depois da cunhagem. Refere ainda uma moeda de Constantino (323 d.C.), encontrada sobre o mosaico das termas, embora a considere resultante das acções de pilhagem do sítio (Vegas, 1994, p.144).

A *terra sigillata* africana A, com 472 exemplares classificáveis, é claramente inferior à africana C, com 945 exemplares, valores algo surpreendentes, já que nos reportamos a um centro de consumo setentrional, cujos níveis escavados parecem incidir ainda em finais de século II e século III. O espólio de africana A é composto pelos tipos H3B (2), 3C (28), 4B (45), 6B (40), 9A (2), 9B (31), 14B-C (15), 15 (30), 16 (60), 14/16 (40), 25 (1), 26-27 (60), 33 (2), Chemtou 2d (100), taça cónica (6) e formas fechadas (10) (Vegas, 1994, p.143).

Destacamos alguns aspectos singulares deste espólio. Primeiro, o tipo H33, não em A/D, mas em A, com uma fisionomia distinta, de parede em S, alta, pelo que não possui a canelura habitual na junção interna da parede com o fundo, e de aba pendente, com canelura (Vegas, 1994, nºs33-34). Em segundo lugar, a forma Chemtou 2d, que nos parece corresponder à H9B, n. 20, de uma só moldura atrofiada, com 100 fragmentos, 15 deles nos contextos de destruição. A autora pondera o fabrico local desta forma, pela pasta pouco fina e o engobe suave alaranjado, claro, ou vermelho-castanho (Vegas, 1994, nº3). Em terceiro lugar, o tipo H15 (7 fragmentos surgem nos contextos de destruição), pode possuir roleta na superfície externa, imediatamente abaixo do bordo, acima e abaixo da carena (Vegas, 1994, nº11), atributo não descrito por outros autores, acerca desta forma (Hayes, 1972; *Atlante I*). Por fim, duas formas são importantes por poderem relacionar-se com influências externas no surgimento da produção de africana A: surgem 10 fragmentos de formas fechadas, não desenhadas, que possuem apenas engobe externo, e 6 fragmentos de taça cónica, afim à Drag. 33, com engobe característico da africana A2, tendo-se encontrado 3 fragmentos em contexto de destruição (Vegas, 1994, p.147 e nºs35-38).

Voltaremos a falar sobre este sítio, acerca da *terra sigillata* africana A/C e da cerâmica africana de cozinha, novamente pelos aspectos singulares que evidencia.

Os resultados obtidos por J. Schuring (1988), através de análises de porosidade, químicas e de activação de neutrões sobre uma amostra de 194 fragmentos de *terra sigillata* africana e cerâmica africana de cozinha de San Sisto Vecchio, em Roma, são, no que toca às distinções de fabricos, de particular interesse, por confirmarem e anteverem aspectos que a investigação tem vindo a desenvolver, mas também pelo facto de revelar algumas diferenças no seio de uma mesma produção.

A amostra englobava as seguintes produções e fragmentos: A1 (6), A2 (16 ou 17), A/D (10), D1 (10), D2 (24), D (6), C1 (17), C2 (15), C3 (4), C5 (2) e cerâmica africana de cozinha (83). Os vários métodos produziram resultados distintos, embora se pudesse chegar a um conjunto de conclusões: A, A/D e D relacionavam-se; a A1 (incluindo A1/2) apresentava 3 fabricos; a A2 outros 3 fabricos; a cerâmica de

cozinha de bordo enegrecido e de patina cinzenta revelava-se da mesma área da das africanas A, A/D e D, enquanto que a cerâmica de cozinha polida em bandas revelava-se como uma produção distinta; a africana C, com 7 fabricos, evidenciava também uma origem distinta. Por seu lado, as amostras de D2 não apresentavam qualquer relação com as amostras provenientes de Oudhna, depositadas no banco de dados de Manchester (Schuring, 1988, p.7-25).

O surgimento da *terra sigillata africana* A não possui ainda uma cronologia segura e a disponível é-nos dada por centros de consumo italianos: em *Ostia*, é conhecida a partir de 80-90 d.C., por formas fechadas (Carandini; Panella, 1977, p. 331); em Roma e Pompeia, os dados não são seguros antes dos Flávios e também são compostos por formas fechadas (Bonifay, 2003, p.115); com base em *Ostia*, é proposta uma cronologia de fins do século I, no *Atlante* (p.19), embora se reconheça que certas formas fechadas, como a H136, possam recuar à época flávia (*Atlante* I, p.39).

Em face dos dados de *Ostia*, Hayes repondera as suas cronologias, em 1980 (p.514), sugerindo que as datações de século II, no *Late Roman Pottery*, estavam em média recuadas 20 anos e que tal se deveria a uma reacção às cronologias de Lamboglia (1958), que ele havia considerado muito prolongadas. Aceita que o início do comércio possa recuar à época flávia, a ver pelos sítios itálicos, como Pompeia, mas admite que o comércio mais forte só se inicie em Itália, em 110-120 d.C..

Se analisarmos os dados de *Ostia* (Carandini; Panella, eds., 1977, p.331-336; ver **ver anexo 2, tabela 34**), nomeadamente os do ambiente XXV das Termas do Nadador, constatamos que no estrato V (80-90 d.C.) apenas são importados 9 exemplares de formas fechadas; no estrato IV (90-140 d.C.) apenas 14 exemplares, em que se destacam ainda as formas fechadas (5) e a H8A (6), surgindo ainda 2 exemplares de H3 e 1 de H34 (Tortorella, em 1987, p.282, revela um contexto inédito, adriano, com H8A, 9A e 3A, que representam 75% das formas abertas, que eram já maioritárias em face das formas fechadas); e que, depois de um hiato estratigráfico de 50 anos, é no estrato III (190-220/225 d.C.) onde já nos deparamos com um comércio bem implantado e diversificado, que engloba africana A antiga (A1) e tardia (A2), bem como a A1/2, num total de 123 exemplares; enquanto que as Paredes Finas possuem 292 exemplares no estrato V, 6 no IV e 173 no III, o que demonstra que estamos perante dados concretos da capacidade comercial das produções africanas e não de problemas no centro de consumo. Faltam-nos mais contextos elucidativos para o evoluir do século II, na sua totalidade, embora saibamos que o consumo de *terra sigillata africana* aumenta rapidamente na segunda metade do século II e que, em 160-190 d.C. ultrapassa os valores das outras cerâmicas finas em *Ostia* e Roma (Bonifay, 2003, p.115; Martin, 2006, quadro 4). É na segunda metade desta centúria que se datam 3 dos primeiros 4 naufrágios com *terra sigillata africana A*: Les Laurons II, Marselha (H8A); Porto Azzuro, Elba (H3C, 8A) e Procchio, Elba (H3B, 9A) (Tortorella, 1981, p.371). No primeiro quartel do século II só se conhece um caso, o de Punta Ala B (**ver anexo 2, tabela 33**). Benghazi, na Líbia, está mal representado na primeira metade do século II, com ocasionais formas de H3A e 3B, quando, no depósito 73, domina a tardo-itálica e a *sigillata* oriental. Os depósitos de segunda metade do século II são também escassos neste sítio, mas surgem então as H26 e 27 (Kenrick 1985, p.422).

Para além de *Ostia*, a TSAf A está bem representada no contexto 34 de Marselha, de final do século II / início do III, com diversidade tipológica (Bonifay; Carre; Rigoir, eds., 1998; **ver anexo 2, tabela 27**).

O século III evidencia a continuação do fabrico: em *Ostia* e Roma (Carandini; Panella, 1977, p.79; Martin, 2006, figs. 6-8); no naufrágio de Cabrera III, Maiorca (257 d.C. ou pouco depois) apresenta os tipos H14B e H17A (Bost; et Al, 1992; **ver anexo 2, tabela 33**); em *Turrus Libisonis*, apesar da escassez de níveis deste século, apresenta igualmente diversidade formal e, pelo menos as formas H16, 17 e 31 parecem atingir o final do século III (Villedieu, 1984, p.110; **ver anexo 2, tabela 22**).

Em finais do século III / inícios do IV, dois naufrágios revelam a continuidade do comércio e a sua conjugação com africana D: Femina Morta, Ragusa (H14A e H58) e Fontanamare, Iglesias (formas de transição entre a A tardia e a D; D não decorada) (Tortorella, 1981, p.371; **ver anexo 2, tabela 33**).

A continuidade cronológica com a africana D, também do Norte da Tunísia, parece ilustrada por outros contextos fechados, de cariz funerário: na necrópole de Draria el-Achour, o tipo IX (H14B, 15 e 16) surge na sepultura B3, em conjunto com as H58 e 61A=Ponsich, 170, fig.93) e na sepultura B4, com H61A=Ponsich, 170, fig.93 (Camps, 1955; Bonifay, 2004, p.48).

A datação de meados do século III proposta por Carandini e Tortorella, em 1981 (*Atlante* I, p.19), aceite por Mackensen (2004, p.150), para o fim da produção A, separada do início da D por um hiato de cerca de 50 anos, parece assim ter cada vez menos sustentação empírica, permanecendo uma



incógnita (Tortorella, 1987, p.283), embora falte saber com exactidão qual a capacidade comercial da africana A, numa fase tão tardia do século III. Voltaremos a analisar este assunto no **capítulo 4.2.2.4.1**.

### 3.5.1.2. Caracterização dos fabricos

Em 1981, A. Carandini e S. Tortorella (*Atlante I*, p.19) estabelecem 3 fases na produção A, que denominam de A1, A1/2 e A2, baseando-se nas observações publicadas no volume I sobre *Ostia*, mas para as quais transcrevem a descrição de J. Hayes (1972, p. 289): “orange-red or brick-red ware of granular texture and medium thickness with a slip of similar colour. Fine quartz particules, some fine lime and a little mica are present...”. “The slip covers the whole of the surface; this is of good quality and normally slightly lustrous; in a few cases (mainly early?) attaining a glossy appearance...”. Na perspectiva dos dois autores italianos poder-se-ia contudo especificar que a produção A1 (fins do século I a meados do século II) teria um engobe fino e brilhante e que a produção A1/2 (na segunda metade do século II) teria um engobe menos fino e brilhante. Continuam a descrição, novamente com o suporte do *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972, p.289), agora acerca da produção A2: “on later examples of this ware (roughly late second-mid third century) the slip tends to become thinner and duller and the surface correspondingly rougher. A more pinkish tone is not uncommon”.

Optámos por distinguir entre A1 e A2, entendendo-as como as duas fases já apresentadas no *Late Roman Pottery* e na esteira do nosso estágio na *Maison Méditerranéenne des Sciences de l’Homme*, com M. Bonifay. Ao contrário do que fizéramos em 1999 (Quaresma, 1999a), optámos agora por não aplicar em absoluto os critérios do *Atlante*, já que a distinção de uma etapa intermédia é sem dúvida muito difícil de estabelecer, o que ainda se agrava mais quando o espólio de Chãos Salgados se apresenta com níveis de erosão tão acentuados que tornam a observação dos engobes menos segura. Pareceu-nos, contudo, que alguns poucos exemplares se podiam classificar como A1, enquanto que a esmagadora maioria seria de A2. É verdade que mesmo os engobes de A1 já não possuem o brilho e a espessura bem conservados, mas distinguem-se bem dos fragmentos de A2. Poderíamos pensar que parte do espólio de A2 poderia ser de A1, estando apenas mal conservado, o que nos conduziria em engano, mas a verdade é que os engobes de A/D estão bem conservados e mesmo os de D2 guardam ainda algo do brilho e da espessura originais.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### ***Terra sigillata africana A1***

Pasta algo dura, pouco compacta, granulosa, mas sem vácuos, ou raramente com vácuos alongados, se a cozedura foi mais forte do que o normal, de fractura irregular, com enp bem distribuídos e em relativa fraca quantidade, de pequenas dimensões (quartzo – por vezes de médias dimensões -, alguma mica e minerais de cor negra). Pasta de cor M40.

As pastas de formas mais antigas (excepto a H135 ou H136, com pasta normal), H3B=L4/36a e bojo com roleta (atribuir forma), são mais compactas e mais limpas, com fractura conchoidal, mas mais regular, com alguns pequenos vácuos arredondados, e enp finíssimos muito bem distribuídos (quartzo, mica e calcite). Pasta de cor N45.

Engobe, quando relativamente bem conservado, parece ser medianamente fino de cor N39 ou N37; ou mais claramente espesso, nas formas mais antigas fechadas, de cor N39/P39. Os engobes na A1 apresentam-se sempre mate.

#### ***Terra sigillata africana A2***

Pasta igual à da A1, embora mais dura, mas também pouco compacta, granulosa, mas sem vácuos, ou raramente com vácuos alongados, se a cozedura foi mais forte do que o normal, de fractura irregular, com enp bem distribuídos e em relativamente pouca quantidade, de pequenas dimensões (quartzo – por vezes de médias dimensões -, alguma mica e minerais de cor negra). Pasta de cor M40.

O engobe parece ser mais fino do que na A1, mas também mate. Geralmente está medianamente conservado e tem cor N37. O exemplar nº 383 (H9a=L2a) apresenta engobe muito bem conservado, fino, cor N35/25, o que o aproxima daquilo que seria de esperar numa africana A2.

O exemplar nº 398 (H14 com roleta) tem cozedura muito forte, com início reductor e fim oxidante, o que lhe confere núcleo cinzento. Pasta muito dura e compacta, com finíssimos enp muito bem distri-

buídos (quartzo e mica branca). Pasta cinza e N37. Engobe brilhante, fino, bem conservado devido à boa cozedura: cor P39 (embora um pouco mais escuro).

O exemplar nº 397 (H14 com roleta) tem pasta igual à A2 e não conserva o engobe.

### 3.5.1.3. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.5.1.3.1. Terra sigillata africana A1

##### H135=Pallarés 14A ou H136=Pallarés 28

Estas duas hipóteses tipológicas definem-se por formas fechadas de corpo globular ou ovóide, que se inspiram nas Paredes Finas itálicas, a primeira na Marabini XLVII e a segunda na Marabini XLVI (*Atlante I*, p.38-39). Com alturas de 70-75mm e 90-100mm, respectivamente, podem possuir 2 ou, por vezes, 3 caneluras na asa e decoração roletada na parede do bojo. Hayes (1972, p.180) data os dois tipos de fim do século I a inícios do II; no *Atlante I* (p.38-39) são atribuídas à produção A1 e conferem-se datas um pouco mais avançadas: a H135 surge, embora pouco, em contextos inéditos de *Ostia* na segunda metade do século II e a H136 é datada entre a época flávia e o século II.

Os dois exemplares (nºs 364 e 762) correspondem a fragmentos de asa, com dupla canelura longitudinal. O segundo pertence ao **contexto 73**, cuja datação da primeira metade do século V é irrelevante.

##### H140=Pallarés 14 ou H138=Pallarés 26A bis

O nº 365 é um fragmento de asa, com 3 caneluras longitudinais. Formas fechadas, a H138 tem o corpo piriforme carenado e a H140, globular. Hayes (1972, p.182-183) considera a H140 sucessora da H135; embora no *Atlante I* (p.38) essa ideia seja negada. Hayes (1972, p.182-183) data a H138 no século II ou um pouco mais tarde e a H140 em meados do século II ou mesmo mais cedo. O *Atlante I* (p.38) reforça esta última proposta, pois a H140 surge em níveis inéditos de *Ostia*, na primeira metade do século II e raramente em meados do século. Poderia ser feita em A1 e A1/2, enquanto que a H138 será apenas da A1.

##### H135=Pallarés14A ou H136=Pallarés28 ou H140=Pallarés14 ou H138=Pallarés26A bis

Três exemplares de bojo roletado (nºs 366, 367 e 368) poderão pertencer a qualquer uma destas formas fechadas, já descritas. A roleta parece fina e no primeiro caso é composta por pelo menos 3 fiadas alinhadas. São bojões de paredes delgadas (4 a 6mm).

##### H3B=L4/36a

O único exemplar nº 369, com 168mm de diâmetro, é um pequeno troço de aba com decoração de folha de água em barbotina, de pasta muito fina. Hayes (1972, p.21) data esta taça, com diâmetros geralmente entre 160 e 210mm, entre 75 e 150 d.C., datação aceite pelo *Atlante I* (p.24), que a atribui a todas as fases da africana A. Há uma importação esporádica em Benghazi, na primeira metade do século II (Kenrick, 1985, p.122). Surge de uma maneira talvez residual em finais do século II / inícios do III em *Turris Libisonis* – fase IIb -, em *Ostia* – estrato III -, e, com significado cronológico mais seguro, no naufrágio de Procchio, Elba, na segunda metade do século II (**ver anexo 2, tabelas 22, 33 e 34**).

#### 3.5.1.3.2. Terra sigillata africana A2

##### H3B=L4/36A

##### H3C=L4/36b

A H3B está novamente representada, agora pelos nºs 371 e 370, com 168 e 210mm, respectivamente. As folhas de água do segundo exemplar denotam qualidade de acabamento. Já nos referimos à cronologia da H3B, convindo apenas salientar que estes dois exemplares, em A2, terão a sua cronologia necessariamente na segunda metade do século II.

O tipo H3C, não decorado, está datado *grosso modo* na primeira metade do século II por Hayes (1972, p.21), mas surge em níveis de fim do século II e século III, em *Ostia* (*Atlante I*, p.24). Está presente no naufrágio de Porto Azzuro, Elba, na segunda metade do século II (**ver anexo 2, tabelas 33-34**). Representado pelos nºs 373, 372 e 823, em Chãos Salgados o diâmetro de bordo varia entre 172 (nº 372) e

332mm, único valor que excede a casa dos 200mm, onde se enquadra esta forma (*Atlante I*, p.24).

Em Chãos Salgados, dos 13 exemplares, 2 (um deles com 332mm) surgem no **contexto 65**, datado de século III avançado; outros 3 exemplares surgem no **contexto 73**, da primeira metade do século V, sem relevo cronológico.

#### **H6A=Sal A 9a ou H6B=L23**

#### **H6B=L23**

#### **H6C**

Em Chãos Salgados, os 16 exemplares de H6A=Sal A9a ou H6B=L23 presentes não possuem posição estratigráfica (2 são de superfície), variam os diâmetros entre 130 e 284mm e estão representados pelos **nºs 376 e 375**. A ausência de fundo (roletado ou liso) não permite uma classificação apurada. Os diâmetros extravasam por defeito e por excesso os limites referidos por Hayes (1972, p.29), de 190-220mm para as 3 variantes da H6.

O único exemplar em Chãos Salgados de H6B, **nº 376**, com fundo interno liso, mede 217mm de diâmetro de bordo e 35mm de altura.

Já o tipo H6C, com 3 exemplares, varia os diâmetros entre 115mm e 219mm. É uma forma mais pequena, geralmente carenada e mais rara (Hayes, 1972, p.31; *Atlante I*, p.25). Pode ter canelura sobre a aba (**nºs 377 e 723**), ou não (**nº 378**).

Hayes (1972, p.29) data a H6A de finais do século I e inícios do II e a H6B na segunda metade do século II, sendo a H6C ligeiramente mais tardia; propostas corroboradas no *Atlante I* (p.25). O tipo H6B surge com 3 exemplares no contexto 34 de Marselha – fim do século II / início do século III (**ver anexo 2, tabela 27**); os tipos H6B e C estão presentes em *Simitthus*, com 40 exemplares, 10 deles nos níveis de destruição de c.280 d.C., o que situa o conjunto entre o 3º quartel do século II e o 3º quartel do III (Vegas, 1994, p.147). A H6 está bem representada no acampamento de Bu Njem (Líbia), datado de 201-259/263 d.C. (*apud* Vegas, 1994, p.147). O tipo H6B está ainda representado na fase IIIa-b (210-230 d.C.) em *Turris Libisonis*.

O **nº 723**, de H6C, pertence ao **contexto 27**, datado de século III a inícios do século IV.

#### **H8A=L1a**

#### **H8B=L1c**

O tipo H8A=L1a, roletado (**nºs 379 e 380**) está presente com 6 exemplares, cujos diâmetros variam entre 133 e 239mm, o que encaixa nos valores propostos por Hayes (1972, p.33), entre 125 e 230mm.

Os 2 exemplares do tipo H8B=L1c, liso, **nºs 382 e 381**, possuem diâmetros de 204 e 260mm, respectivamente. Ambos os tipos têm as molduras claramente arredondadas e caneluras internas à mesma altura das molduras. Embora não haja descrição, na bibliografia conhecida, de um maior esvasamento da parede na H8B=L1c, tal parece acontecer no escasso espólio de Chãos Salgados. Embora se constataste um maior esvasamento da moldura em exemplares conhecidos (Hayes, 1972, p.32, forma 8B, n.32), no caso do exemplar de Chãos Salgados, **nº 381**, comprova-se que a própria parede é esvasada.

Hayes (1972, p.35) propõe uma cronologia de 80/90 a 160+ d.C., para a H8A, enquanto que a H8B seria da segunda metade do século II. Em 1980 (p.515), Hayes revê essa posição e afirma que a H8A pode chegar a 180 d.C. e que a H8B pode atingir as primeiras décadas do século III, o que explicaria os exemplares no depósito de c.240 d.C., em *Ostia I*. Este regresso às datações de Lamboglia (1958, p.263) é também a base das datações do *Atlante I* (p.26), que refere ainda 2 exemplares de Fishbourne que poderão recuar a momentos anteriores a 75 d.C. (Bird, 1977, p.273). No *Atlante I* (p.26), propõe-se que a H8A=L1a seja produzida em A1 e A1/2, enquanto que a H8B=L1c seja produzida em A1/2 e A2, o que condiz com o quadro cronológico das formas, que teriam assim uma transição ao longo da segunda metade do século II.

Finalmente, Bonifay (2004, p.156) reafirma, com novos dados estratigráficos, as propostas de Lamboglia: na necrópole de Pupput constata-se a variante mais antiga, H8A=L1a; a H8A=L1b (de moldura angulosa roletada) existe na segunda metade do século II; e a H8B=L1c está presente em níveis de circulação do século III.

No ambiente XXV das Termas do Nadador (*Ostia*) a H8A=L1a possui 6 exemplares, em 90-140 d.C., e reforça para 13 exemplares, entre 190 e 200/225 d.C.. Surge nos naufrágios de Les Laurons II, Marselha, e de Porto Azzuro, Elba, na segunda metade do século II. Em *Turris Libisonis* está bem representada na fase IIa de fins do século II e inícios do III, parecendo extinguir-se ao longo da primeira metade do século

III; já a H8B parece atingir mais claramente os meados do século III, na fase IIIId. Esta última forma tem ainda outros 2 exemplares no contexto 34 de Marselha, de finais do século II e inícios do III (**ver anexo 2, tabelas 27, 33 e 34**).

#### H9A=L2a

#### H9B, n. 16=L2b

#### H9B, n. 20=L2b

Os 15 exemplares de H9A, roletada, possuem diâmetros entre 142 e 268mm, o que extravasa por defeito e por excesso os valores descritos por Hayes (1972, p.35), de 150 a 210mm. Nos **nºs 383 a 388**, os últimos dois vasos têm valores claramente pequenos (142 e 157mm), paredes bem esvasadas, certamente pouca altura e bordo de topo aplanado, que os aproxima tipologicamente de uma variante lisa, H9B, n.20=L2b.

O tipo H9B, n.16=L2b, liso, está amplamente representado por 28 exemplares (**nºs 389 a 392**), com diâmetros entre 131 e 246mm, que extravasam por excesso os valores de Hayes (1972, p.35), de 130 a 170mm, embora apenas 2 exemplares de Chãos Salgados ultrapassem os 200mm.

O tipo H9B, n.20=L2b, com 6 exemplares, é uma variante minoritária, com diâmetros entre 126 e 158mm, o bordo de topo sempre arredondado (ao contrário dos 2 exemplares mais pequenos da H8A), parede lisa curta, mais ou menos esvasada.

Segundo Hayes (1972, p.37) o desenvolvimento da forma H9 seria feito a partir de um perfil arredondado e fundo, para uma fisionomia mais baixa e carenada. Por este pressuposto, a H9B, n.20=L2b (tal como a H9B=L2c) seria mais recente do que a H9B, n.16=L2b. Frisamos, contudo, a necessidade de alguma cautela na aceitação absoluta deste modelo evolutivo, pois os referidos 2 exemplares de H9A de Chãos Salgados (**nºs 387 e 388**), a incluírem-se neste modelo, requeriam a continuidade desta forma a par da H9B, em momentos avançados.

Hayes (1972, p.37) data a H9A de 100-160+ d.C. e a H9B na segunda metade do século II. Em 1980 (p.514), revê a sua posição e aceita que a H9A chegue a 180 d.C. e que a H9B alcance as primeiras décadas do século III, surgindo ainda no depósito de c.240 de *Ostia I*.

No *Atlante I* (p.27), a H9 é atribuída às 3 fases da africana A e, com base em dados inéditos de *Ostia*, estende-se a cronologia da H9A para a segunda metade do século II; admite-se, ao contrário de Hayes, e com base em *Ostia I*, que a H9B=L2b já não exista na primeira metade do século III.

Contudo, no estrato III (190-200/225 d.C.) do ambiente XXV das Termas do Nadador, a H9A possui 18 exemplares e a H9b=L2c possui 7. Em Marselha, no contexto 34 (fim do século II / inícios do III), a H9A apresenta 4 exemplares; enquanto que no depósito do século III da Avenida de España, Ibiza será residual; mas em *Turris Libisonis* parece existir até ao segundo quartel do século III (**ver anexo 2, tabelas 22, 27, 34 e 56**).

Em Chãos Salgados parece confirmar-se alguma tendência cronológica.

O tipo H9A=L2a surge em unidades da primeira metade do século II: no **contexto 59**; no **contexto 2**, restringindo-se à primeira metade do século; o **nº 712** surge no **contexto 14**, do século II.

Um exemplar do tipo H9B, n.16=L2b surge no **contexto 26**, datado do século III, podendo atingir os inícios do IV.

O tipo H9B, n.20=L2b não possui estratigrafia conhecida em Chãos Salgados.

#### H14

#### H14A=L3a

#### H14B (e H15)

#### H14B ou 15, variante larga

#### H14C=L3b2

#### H16, n.16

Dois exemplares estão classificados como H14, sem atribuição de variante, pois apenas se referem ao bojo e à carena (**nºs 397 e 398**). O facto de possuírem roleta, bastante bem elaborada no segundo caso, cuja excelente cozedura permitiu que o engobe esteja muito bem conservado, tem como paralelo *Simitthus*, no vale médio do Mejerda, onde o tipo H15 (30 fragmentos, dos quais 7 surgem nos contextos de destruição de c.280 d.C.), pode possuir roleta na superfície externa, imediatamente abaixo do bordo, acima e abaixo da carena (Vegas, 1994, nº 11). Sendo este o único paralelo, colocamos, por isso, a hipótese de estes 2 exemplares de H14 poderem ser originários dessa área.



Em Chãos Salgados, a H14A=L3a tem 88 exemplares, com diâmetros que variam entre 116 e 288mm, embora apenas 20 exemplares ultrapassem os 200mm, pelo que vários exemplares não encaixam nos valores descritos no *Atlante I* (p.32), de 160 a 220mm. O bordo pode ter o topo mais arredondado (n<sup>os</sup> 399, 400 e 832, este último da campanha de Olívio Caeiro), ou biselado internamente (n<sup>os</sup> 401 e 402; a parede denota verticalidade ou um esvasamento muito ligeiro).

Hayes (1972, p.39) propõe que a H14B seja menos profunda, mas mais aberta, o que parece acontecer em Chãos Salgados, mas apenas se contabilizarmos a *variante larga*, de que falaremos a seguir, pois os 31 exemplares de H14B possuem diâmetros entre 125 e 273mm, o que não a distingue da H14A deste sítio; apenas 7 exemplares ultrapassam os 200mm. Esta constatação condiz com as observações de Kenrick (1985, p.345), acerca da H14 de Benghazi, sobre a qual conclui que a H14B parece ser geralmente mais profunda do que as H14A e C, negando o modelo de Hayes de aumento progressivo da abertura da forma. Em Chãos Salgados, os bordos podem ser de topo arredondado, mais próximo do tipo H14B, n.8 (n<sup>os</sup> 403, 404 e 405), ou aplanado, mais condizente com o tipo H15=L3b1 (n<sup>os</sup> 403-407), embora o n<sup>o</sup> 405 se classifique na variante precoce, definida por Bonifay (2004, p.157, tipo H15, n<sup>o</sup>7), como H14/15.

Decidimos denominar como H14B ou 15, *variante larga*, um conjunto de 27 exemplares cujos diâmetros estão sempre acima dos 200mm, variando entre 214 e 284mm e cuja espessura das paredes não ultrapassa os 3-4mm, apresentando sempre um ligeiro espessamento a caminho do bordo, mais arredondado ou mais aplanado (n<sup>os</sup> 408, 409, 411 e 412), o que a distingue das H14B clássicas, com paredes um pouco mais espessas e diâmetros tendencialmente mais pequenos. O n<sup>o</sup> 410 possui roleta abaixo do bordo biselado, atributo para o qual referimos novamente o paralelo de *Simitthus*, no vale médio do Mejerda (ver *supra*).

A H14C=L3b2 está presente com 19 exemplares, cujos diâmetros variam entre 113 e 186mm, que extravasam ligeiramente os valores descritos no *Atlante* (p.33), de 140-180mm, para esta forma de parede curta, vertical ou ligeiramente inclinada para o interior, acima da carena e de bordo que pode variar do arredondado ao levemente biselado e algo aplanado (n<sup>os</sup> 413, 414, 415 e 663, este último de UE superficial da construção n<sup>o</sup> 2).

A H16, n.16 está escassamente presente com 4 exemplares, de parede baixa acima da carena e bordo muito levemente engrossado. Há 3 diâmetros mensuráveis, de 152, 166 e 172mm (o primeiro valor pertence ao n<sup>o</sup> 416) que ultrapassam levemente os valores conhecidos de 123 a 162mm (*Atlante I*, p.32).

Hayes (1972, p.39 e 41) propõe uma evolução cronológica em que a H14A seria de meados do século II, a H14B seria da segunda metade desse século, tal com a H16 (que podia ainda alcançar os inícios do século III) e a H14C seria de finais dessa centúria e talvez inícios do século III.

No *Atlante I* (p.32 e 33), todas estas formas estão atribuídas à produção A2 e as cronologias propostas são mais avançadas. Com suporte na estratigrafia de *Ostia*, defende-se que a H14A=L3a será de fins do século II e III; que a H14B será da primeira metade do século III; tal como a H14C=L3b2 e a H16; datações que condizem mais com as antigas propostas de Lamboglia (1958, p.265-266).

Em 2004, Bonifay (p.157-159) propõe que as H14A e 16, tal como a H18 sejam datadas de fins do século II e inícios do III; a H14B provavelmente na primeira metade (?) do século III; as H14C, 17 e 31, no século III, e a H15 desde a segunda metade do século III ao século IV. Baseia-se, para tal, nas estratigrafias de Puppit, Vintimilla, Cartago (missão inglesa) e Draria el-Achour e conclui a necessidade de prolongar a cronologia das formas mais tardias, sobretudo da H15.

Podemos fazer alguns reparos a estas propostas das várias variantes. Na Ilha do Pessegueiro, a H14 surge, embora escassamente, na camada 4 do corte A, datada de meados do século II, quando a *terra sigillata* hispânica de Andújar ainda é hegemónica. O seu surgimento na camada 5 do mesmo corte, datada da primeira metade do século II, é para nós um fenómeno de infiltração. Estes dados, embora escassos, vão contudo, no sentido da proposta de Hayes, para a qual concorre também a classificação de Reynolds (1984, p.474), segundo o qual, alguns exemplares de H14A, 14B e 16 da área de Valência, são classificáveis em A1, e, por isso, com datação recuável a meados do século II. A aceitação destes dados permite-nos colocar a hipótese de um início de produção destas formas, em meados do século II, embora ainda de um modo tímido, só se tornando pleno nos finais dessa centúria. Tal hipótese necessita, contudo, de mais dados comprovativos.

A H14A=L3b1 surge no de Femina Morta, Ragusa, em fins do século III ou inícios do IV, em conjunto com H58 de africana D. Consta igualmente nos níveis do 2<sup>o</sup> quartel do século III, em *Turris Libisonis*, onde parece extinguir-se em meados do século.

Neste mesmo sítio, a H16 parece ter níveis aceitáveis até ao último terço do século III (tal como

a H17); em *Simitthus*, surgem 21 exemplares de H14/16 nos níveis de abandono de 280 ou 290 d.C.; e há ainda 1 exemplar de H16 no depósito do século III da Avenida de España, Ibiza.

Em *Turrís Libisonis*, a H14B parece ter uma evolução semelhante à H14A.

Na necrópole de Draria el-Achour, o tipo IX (H14B, H15 e H16) surge na sepultura B3, em conjunto com as H58 e 61A=Ponsich, 170, fig.93 e na sepultura B4, com H61A=Ponsich, 170, fig.93 (Camps, 1955; Bonifay, 2004, p.48), o que confere cronologias de século IV pleno. A H14B parece ainda ser mais do que residual no contexto M1 (segundo quartel do século IV) da *villa* dels Hospitals, na província de Tarragona.

A H14/15 (variante precoce da H15, definida por Bonifay, 2004, p.157-159) está presente no naufrágio de Cabrera III, Maiorca, em 257 d.C. ou pouco depois (**ver anexo 2, tabelas 20, 22, 33, 47, 56 e 58**).

Em Chãos Salgados (ver Quaresma, no prelo d; **ver capítulo 4.2.2.4.1**), surgem 3 exemplares de H14A, em contextos de meados do século III (**contextos 64 e 68**) e de século III avançado (**contexto 65**); e, entre os séculos III e V, surge ainda 1 exemplar no **contexto 12**, e outro no **contexto 4**.

A H14, nº8 tem 1 exemplar em contexto de finais do século II / meados do III, **contexto 43 (nº 649)**. A H14B (H15) no **contexto 65** (século III avançado), enquanto que os **contextos 4 e 50** (séculos III a V) possuem 2 + 1 exemplares. Nos sectores Ponte-Norte e Ponte-Sul, respectivamente, e em contextos da primeira metade do século V, surge 1 exemplar de H14B no **contexto 73** e outro no **contexto 88**.

A H14B ou 15, *variante larga*, surge com 1 exemplar no **contexto 48**, em finais do século II / inícios do III; no sector da Ponte-N surge 1 exemplar no **contexto 65**, datado de século III avançado.

Um exemplar de H14C=L3b2 surge no **contexto 24**, nos inícios do século IV.

### **H26=L9b (ou H27=L9a)**

#### **H27=L9a**

#### **H27=L9a2**

Existem 12 exemplares de H26=L9b em Chãos Salgados, cujos diâmetros variam entre 193 e 421mm, embora 8 deles se balizem na casa dos 200-300mm. Os valores apontados no *Atlante I* (p.31-32), de 200-360mm, para os tipos H26 e 27, são assim um pouco ultrapassados em Chão Salgados. O bordo encontra-se mais verticalizado nesta variante, com canelura interna, e é geralmente de topo arredondado (**nºs 417 a 420**) ou biselado (**nº 421**). A ausência de fundo nos exemplares deve contudo relativizar esta classificação, podendo estes exemplares de H26=L9b serem igualmente classificáveis como H27=L9a.

O tipo H27=L9a, de bordo mais introvertido, com canelura interna (**nºs 422 a 426**) e fundo, neste tipo, conservado no **nº 706**, com pé-de-anel baixo, está representado por 31 exemplares em Chãos Salgados, cujos diâmetros variam entre 221 e 422mm, o que extravasa por excesso as propostas do *Atlante I*, referidas *supra*.

A forma H27=L9a2 (**nºs 427 a 429**), de bordo sem canelura interna e fundo com pé-de-anel baixo, possui 38 exemplares cujos diâmetros se balizam entre 178 e 470mm, o que faz desta forma a que tem maior amplitude de diâmetros de entre as três.

Hayes (1972, p.49), tal como Lamboglia, data a H26 na segunda metade do século II ou um pouco mais além; e a H27 entre 160 e 220 d.C.. No *Atlante I* (p.31-32) estes tipos são atribuídos às fases A1/2 e A2 e, com base em *Ostia*, propõe-se uma cronologia de fins do século II e primeira metade do III. Bonifay (2004, p.159) reafirma as cronologias do *Atlante*, com base nos dados da necrópole de Puppit, onde vários exemplares provêm de níveis de uso do século III.

As datações de Hayes e Lamboglia têm confirmação em Benghazi, no que respeita aos tipos H26 e H27=L9a, provenientes de depósitos da segunda metade do século II (Kenrick, 1985, p.422). Contudo, a maior parte dos dados estratigráficos são realmente respeitantes a períodos posteriores: em Marselha, surgem 1 exemplar de H26 e de H27, no contexto 34, de finais do século II e inícios do III; 3 exemplares de H27=L9a surgem no depósito do século III da Avenida de España, Ibiza; em *Turrís Libisonis*, as H26 e 27 centram-se homogeneamente nas fases de 210-30 a 250-75 d.C.; em *Simitthus*, surge 1 exemplar de H26/27 em camada de destruição de 280 ou 290 d.C. (**ver anexo 2, tabelas 20, 22, 27 e 56**).

Em Chãos Salgados, surge 1 exemplar de H26=L9b (ou H27=L9a, como referido *supra*) no **contexto 65**, datado de século III avançado; e outro (Mir-746-19+29 – sem estampa) no **contexto 31**, datado em inícios do século IV.

Um exemplar de H27=L9a, surge no no **contexto 36**, datado da segunda metade do século II ou primeira do III (**nº 706**).

Nesta última UE, surgem também 2 exemplares de H27=L9a2, forma igualmente presente em 2 UEs de século III a inícios do século IV - 1 exemplar no **contexto 27**, e outro no **contexto 29** - e um exem-

plar no **contexto 31**, do século IV. Dois outros exemplares surgem no **contexto 36** (segunda metade do século II/III).

### H31

Um único exemplar (nº 430), com 290mm de diâmetro de bordo, o que encaixa na proposta do *Atlante I* (p.35-36) de 182-340mm e fabrico em A2.

Hayes (1972, p.52-53) data o tipo na primeira metade do século III, cronologia reforçada no *Atlante I* (p.35-36), com base em *Ostia*. Estas propostas referem-se contudo, à H31 fabricada em A, A/D e C.

Em *Turris Libisonis*, a H31 de africana A está bem representada nas fases datadas entre 224-40 a fins do século III / inícios do IV (ver **anexo 2, tabela 22**), o que condiz com a proposta de Bonifay (2004, p.159) de datação no século III. Contudo, esta forma está ainda bem representada no primeiro quartel do século IV, na Calle d'Apodaca, Tarragona (ver **anexo 2, tabela 58**).

### H44=L35ter

Há dois exemplares, em Chãos Salgados, desta pequena taça de aba mais ou menos encurvada. O nº 431 não tem diâmetro diagnosticável; um outro exemplar (nº Mir-23-17, sem estampa) tem 138mm, o que se baliza na proposta do *Atlante I* (p.70), de 106-170mm. A forma H45=L35 já é conhecida em A2, segundo o mesmo *Atlante I*.

Hayes (1972, p.62) data o tipo entre 220-40 d.C. e fins do século III, ou mesmo mais além; com base em *Ostia*, o *Atlante I* (p.70) centra a cronologia na primeira metade do século III.

## 3.5.2. Terra sigillata africana A/D e afim a A/D

### 3.5.2.1. Origem, cronologia e caracterização dos fabricos

Em 1972, Hayes (p.289) descreve uma série de vasos, sobretudo pratos, de inícios do século III, com engobe espesso, brilhante e lustroso, e pasta mais granular que contrasta com o engobe, descrição esta aceite no *Atlante I* (p.52).

Esta produção imita formas tardias da africana A, como as H17, 18 e 27; imita ou antecipa tipos de africana C1/C2, como as H31, 32 e 33 e introduz formas que virão a ser produzidas em africana D, como as H32, *Ostia I*, fig.29, *Ostia I*, fig.30, e *Ostia I*, fig.31 (*Atlante I*, p.52; Tortorella, 1987, p.284).

Tipologicamente, o pé-de-anel é um atributo característico desta produção (*Atlante I*, p.52).

O seu engobe relembra-nos a africana A1, mais antiga, pelo brilho, cor e espessura, e relaciona-se igualmente com o futuro engobe da africana D2 (*Atlante I*, p.52). À relação com as africanas A e D já nos havíamos referido *supra* (ver **capítulo 3.5.1.1**), acerca das conclusões do estudo laboratorial de M. Schuring (1988).

Apesar da pista tipológica e cronológica apontar para o Norte da actual Tunísia, a investigação tem contudo apontado para uma localização geográfica centro-tunisina desta produção (*Atlante I*, p.53; Bonifay, 2004, p.50). A prospecção do litoral tunisino publicada por Bonifay et Al. (2002-2003, p.137 e 171) detectou 11 sítios com esta cerâmica, localizados sobretudo a Sul de Chebba (a Sul do Golfo de Hammamet), com destaque para a zona do Sahel, na Bizacena meridional, e para os tipos H31, 32 e 33.

O principal centro produtor conhecido é o de Henchir el-Guellal, Djilma, situado a cerca de 150km de Chebba (Bonifay, 2004, p.50), que produziu lucernas (sobretudo Hayes I, mas também Hayes II) e *terra sigillata* dos tipos H50A, 42A, 45C, 66, 68, 76, 62, 73B, 70/73, 70, 91B/C, segundo a prospecção de Peacock, Bejaoui e Ben Lazreg (1990, p.79 e figs.1 e 13), que aponta para uma datação de séculos IV e V, com declínio em 450 e fim em 470 d.C.; segundo Tortorella (1995, p.84), parece ter produzido sobretudo africana C/E, E (contra, ver Bonifay, 2004, p.51), C, A/D e decoração estampada do estilo B. Segundo a prospecção de Pröttel (1996, p. 20-21), o início de produção deste sítio deverá recuar aos inícios do século III, com base nos tipos H44, 45A-C e 50A de C1/C2 e sobretudo nos tipos H28, 31, 32 e 48 de A/D. Para Mackensen e Schneider (2002, p.130; Mackensen, 2004, p.139), o início poderá recuar ao segundo quartel do século III). Por fim, Mackensen (2004, p.139) propõe um início simultâneo a Sidi Marzouk Tounsi, ou talvez mesmo anterior em cerca de 20 anos (como Ph. Pröttel), com os tipos de africana C1, H45A, 50A, e de C2, H44, 45A-C, 46 e 50A); do século IV constata os tipos H58A, 60, 62A, 66, 68, 70, 72A, 75 e 92.

No ambiente XXV das Termas do Nadador, em *Ostia*, a africana A/D está presente em 190-200/225

d.C., com 1 exemplar de H33, 32 e Ostia I, fig.29; no ambiente XVI, a africana A/D representa 2,7% do espólio no estrato II (225-30 a 275-280 d.C.), decrescendo um pouco para 1,4% no estrato I (meados do século III a finais IV); os tipos H27, 31 e 18 parecem de alguma maneira suceder-se ao longo dos dois últimos terços do século III em *Turrís Libisonis*, Sardenha; e o único naufrágio com africana A/D (H31 e 32), o de Fontanamare, Iglesias, está datado como pouco posterior a 305 d.C. (ver anexo 2, tabelas 22, 33-35).

O século IV será assim a etapa final da produção A/D, em que as relações tipológicas com a africana D são evidentes.

Na área urbana de Tarragona (Calle d'Apodaca, 7), num contexto da primeira metade do século IV, existe um conjunto de H58B, com fabrico afim à africana D, em associação estratigráfica com africana D do tipo H61; os autores (Macias; et Al., 1997, p.156 e nota 3; ver anexo 2, tabela 58) deste estudo relacionam este fabrico de pastas claras e engobes alaranjados, com outro conjunto de H58B, que parece de transição entre as africanas A/D e D, em Sperlonga.

Em Sperlonga, na “villa de Tibério”, os exemplares de H32/58, em africana D, possuem pasta pouco depurada, com inclusões de cal e mica, considerada muito semelhante ao fabrico em A/D, embora o engobe seja já tendencialmente opaco (Sagui, 1980, p.495).

Em Chãos Salgados detectámos igualmente um conjunto de 9 exemplares e 3 bojos que nos parecem afins à A/D, e no qual 2 tipos, L52c e Ostia I, fig. 29 são indicadores de uma etapa clara de século IV e transição para a africana D.

Esta produção afim à A/D tem semelhanças fortes, de pasta e engobe, com os tipos H87B e Guèry, 1970, fig. 69, em D2. Aquando da abordagem à produção D2 de Chãos Salgados, voltaremos a este tema.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### **Terra sigillata africana A/D**

Pasta algo granulosa, menos compacta do que a africana A (apenas o nº 433 possui a mesma granulometria da africana A), algo dura, de fractura conchoidal, com enp em média quantidade finos e médios (quartzo, mica, minerais negros). Cor N40/39.

O engobe brilhante, espesso, bem conservado, que escama, cobre toda a peça. Cor P39.

#### **Terra sigillata africana afim a A/D**

Pasta mais fina do que a da A/D, menos granulosa e, por vezes, algo compacta, mas também apenas algo dura, com mais enp, relativamente bem distribuídos, de pequena dimensão (quartzo, minerais negros e bastante calcite, o que distingue bastante este grupo da A/D e das próprias A e D). Cor P37/39/40.

Engobe mate, espesso, nalguns exemplares bem conservado, noutros, muito mal conservado, que se desfaz e não se descama, e que se assemelha na textura ao das peças mais antigas da africana A. Contudo, a sua cor pode variar entre o M39/40/45 (H32 e 31), o N37 (H31) - mais frequente - e o R17/19 (H27=L9a2).

### **3.5.2.2. Análise tipológica e estratigráfica**

#### **3.5.2.2.1. Terra sigillata africana A/D**

##### **H31**

Existem 4 exemplares (nºs 432 e 433), entre os quais 3 bordos, com diâmetros de 244, 271 e 314mm. O segundo destes valores pertence ao nº 760, do contexto 73, cuja datação da primeira metade do século V é demasiado tardia para este tipo.

No *Atlante I* (p.35-36) as medidas de diâmetro de bordo propostas são de 182-340mm.

Em Chãos Salgados, a parede é sempre algo encurvada e o único pé-de-anel é muito baixo e de secção rectangular.

Esta forma está datada na primeira metade do século III (Hayes, 1972, p.52-53; *Atlante I*, p.35-36), embora esteja muito bem representada no último terço do século III, em *Turrís Libisonis*, onde apresenta igualmente níveis residuais de século V. A continuidade da sua produção até inícios do século IV



está demonstrada pelo naufrágio de Fontanamare, datado de 305 d.C., ou pouco depois (**ver anexo 2, tabelas 22 e 33**).

### H33

O único exemplar (n° 434) tem perfil quase completo, com aba recta descaída e canelura no seu topo, e com pé-de-anel de secção rectangular muito atrofiado. O bordo mede 235mm de diâmetro e a peça mede 14mm de altura.

No *Atlante I* (p.54), propõe-se uma baliza de diâmetros de 220-360mm; considera-se a canelura da aba um atributo raro e data-se, em concordância com os dados de *Ostia* e de Hayes (1972, p.56), na primeira metade do século III. Considera-se este tipo em A/D semelhante à H48 em C1/C2.

### L43=H17B

O único exemplar de tigela hemisférica, de bordo geralmente aguçado, L43=H17B, é o n° 435, com diâmetro de bordo de 105mm; altura de 40mm; e pé-de-anel de secção rectangular, mas mais alto do que nos pratos H31 e H33.

No *Atlante I* (p.69), o diâmetro de bordo descrito é de 96-110mm e a datação, com base em *Ostia*, é de primeira metade do século III.

## 3.5.2.2.2. *Terra sigillata africana afim a A/D*

### H27=L9a2

Dos 3 exemplares de Chãos Salgados, 2 (n°s 436 e 437) têm diâmetros de bordo mensurável (226 e 286mm).

Já analisámos esta forma, em africana A, nos seus aspectos tipológicos e cronológicos (*ver supra*). A H27=L9a2, em A/D, deve restringir-se ao século III, ao contrário da congénere em africana A, que pode recuar à segunda metade do século II. Em *Turrís Libisonis* está presente no segundo quartel do século III (**ver anexo 2, tabela 22**).

### H31

Existem 4 exemplares de fundo, com pé-de-anel idêntico ao do tipo congénere em A/D e canelura interna na junção do fundo com a parede, marcada também por uma carena externa (n°s 438 e 439).

Propomos as mesmas datações do tipo em A/D (*ver supra*).

### L52c

O único exemplar, n° 708, mede 244mm de diâmetro de bordo e cerca de 30mm de altura. Com pé-de-anel atrofiado, fundo plano e aba plana horizontal, de extremidade arredondada, esta forma é conhecida em africana D1, embora no *Atlante I* (p.81-82 e 259), pela raridade em Cartago, se questione uma origem diversa a esta região, até porque está bem representada em Sabratha, na província Tripolitana, aspecto que nos faz antever uma distribuição ao longo da costa este da actual Tunísia, segundo os dados de Bonifay et Al. (2002-2003, p.137 e 171; *ver supra*); a sua cronologia é indeterminada, pelo *Atlante I*, embora Lamboglia (1963, p.197) se refira à sua forma 52 como presente em todos os níveis de século IV, em Vintimiglia.

O exemplar de Chãos Salgados provém do **contexto 12**, datado de finais de século II / III até meados do V.

Voltaremos a abordar esta forma, aquando da análise da africana D1 (*ver infra*).

### *Ostia I*, fig. 29

O único exemplar deste tipo é o n° 440, de aba descaída e diâmetro de 269mm. No *Atlante I* (p.56), baliza-se os diâmetros em 230-316mm; data-se a forma na primeira metade do século III, com base em *Ostia* (**ver anexo 2, tabela 34**); e considera-se este tipo como predecessor da H58A em C/E e D1.

### 3.5.3. Terra sigillata africana C

#### 3.5.3.1. Terra sigillata africana C1/C2, C3, C4

##### 3.5.3.1.1. Origem e cronologia

A actual Tunísia central, grosso modo a área de el-Djem, é a região de proveniência da africana C (Hayes, 1972, p.297; Bonifay, 2004, p.50-51).

Na prospecção litoral publicada por Bonifay et Al. (2002-2003, p.137 e 171), a africana C encontra-se bem distribuída por 38 sítios, do Sul ao Norte da actual Tunísia e destaca-se a frequência dos tipos H50 e 72. A região do Sahel, na Bizacena meridional, possui, em posição seguida pelo Golfo de Hammamet (Bizacena setentrional), a mancha mais característica desta produção, com materiais datados entre os séculos III e finais do V.

Para além de alguns centros oleiros de vocação mais regional, dois centros destacam-se claramente, denotando uma vocação mais vasta: Henchir el-Guellal, Djilma e sobretudo Sidi Marzouk Tounsi (Pavolini; Tortorella, 1997, p.247).

Na prospecção da área central da actual Tunísia, Peacock; Bajaoui e Ben Lazreg (1990, sobretudo as p.66-83 e 79) descrevem estes dois centros, bem como uma série de outros, menos importantes. Datam Sidi Marzouk Tounsi entre os séculos III ou IV e finais do V, sendo que o século V parece ser o momento de maior laboração. Constatam a verosimilhança das formas presentes com as apresentadas pela tipologia do *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972) e elencam os tipos H72, 67/71, 94, 84, variante de 84/86, 50, 73, 46, 90, 67, 67/76, 76A, 75, 74 e 91; existe ainda alguma decoração de estilo D, datada entre meados do século V e inícios do VI (Mackensen, 1998b). A qualidade das pastas (com ligeiras variações de cor; geralmente sem inclusões) e dos engobes, são outro factor de destaque neste centro, que terá sido provavelmente o principal foco produtivo de africana C (Bonifay, 2004, p.50). Produziu igualmente lucernas.

Após a sua prospecção em Sidi Marzouk Tounsi, nos anos de 1994 e 1997, Mackensen (1998a, p.26-29), defende um pico produtivo nos séculos IV e V e um fim igualmente em inícios do século VI (até c.530 d.C.); realça a presença significativa de H84 em C5 e confirma a produção local, por fragmentos descoloridos, de monogramas de cruz do estilo D tardio. Em 2004, Mackensen (p.132-133) antecipa o início do centro para meados do século III, com os tipos H44, 45B, 46, 48A e B e 49.

Já nos referimos, aquando da abordagem à africana A/D, ao centro oleiro de Henchir el-Guellal, Djilma (ver *supra*), que terá sido o segundo centro em grandeza (Mackensen, 2004, p.139).

Mackensen e Schneider (2002, p.141) distinguiram quimicamente dois grupos no seio da *terra sigillata africana C*: um primeiro, rico em titânio, estará relacionado com Sidi Marzouk Tounsi; um segundo, rico em potássio e magnésio, está relacionado com Henchir el-Guellal, Djilma.

##### 3.5.3.1.2. Caracterização dos fabricos

O *Atlante I* (p.58-59) baseia-se nos espólios de *Ostia* e nas descrições de Hayes (1972, p.287-298), embora tente ir mais além do que este autor, tentando distinguir claramente diferentes fases produtivas, à semelhança do que já havia sido apresentado sobre a africana A.

Hayes fala de 3 grandes fases na *terra sigillata chiara C*, datada entre os séculos III e V. Na primeira fase destacam-se as formas H48-50, 43 e relacionadas; numa segunda fase, destacar-se-iam os tipos H50B, 73-74 e 52; numa terceira fase, teríamos as formas H82-85. Embora apresente diferenças no seio das duas primeiras fases, não vai mais longe numa distinção efectiva.

Essa distinção efectiva é proposta no *Atlante I*, falando-se de africana C1 e C2 (primeira fase de Hayes), C3 e C4 (segunda fase de Hayes), e C5 (terceira fase de Hayes).

Apresentam, contudo, as descrições de Hayes.

A africana C1 inicia-se por volta de 200 d.C., ou pouco depois, e possui pasta e engobe finos, polidos, em que o engobe pode ter aspecto marmoreado e as paredes têm geralmente espessura de 3-4mm. Parece alcançar os finais do século III ou inícios do IV.

A africana C2 parece decorrer entre 240 e 320/330 d.C., tendo uma pasta também fina, superfícies polidas e engobe fino, mas geralmente mate, podendo ter leve lustro e tendendo a confundir-se com a pasta; calcite e mica são visíveis na pasta; as paredes têm espessura de 2-5mm e nos exemplares mais antigos o engobe cobre totalmente os vasos, embora, na maioria, cubra o interior e a parte superior externa.

A africana C3 decorre de inícios do século IV a meados do V. As paredes são menos finas (3-5mm); a pasta é mais granular; o engobe, vermelho médio ou rosado até vermelho-castanho escuro ou vermelho púrpura, é geralmente mais fino, mate, e cobre o interior e a parte superior externa.

A C4 centra-se nos finais do século IV e século V e as cores variam entre tons laranja-vermelhos, vermelhos ou rosados. A pasta é levemente granular, com alguma calcite, e o engobe é mais lustroso; as paredes têm espessuras de 5-7mm.

Tal como aconteceu na análise da africana A, após a nossa estadia em Aix-en-Provence, também optámos pela não distinção entre C1 e C2, num regresso ao *Late Roman Pottery*; embora consigamos distinguir claramente os fragmentos de C3 e de C4, pelo que neste ponto, podemos utilizar as propostas do *Atlante*. Os problemas de aplicação das propostas do *Atlante*, em relação às africanas C e D são também invocados por outros autores, como Mackensen e Schneider (2002, p.122).

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### ***Terra sigillata africana C1/C2***

Pasta fina ou medianamente fina, algo compacta, relativamente dura, muito pouco granulosa, com finíssimos enp raros cuja visibilidade, mesmo com lupa de 18x é extremamente difícil (calcite). Fractura algo regular. Cor M37 e M39.

Superfícies bem alisadas, com marcas de polimento formando linhas muito regulares, que cobrem geralmente a totalidade da parede observável. O engobe cobre toda a peça; é fino, tendencialmente mate ou pouco brilhante, e bem aderente, e possui cor P19 (quando mais próximo do fabrico C2; neste caso o engobe tende a confundir-se com a parede) ou N39/P39 (nos casos claramente mais próximos do fabrico C1, em que o engobe é mais brilhante e tende a destacar-se da parede – raros exemplares de H50A, o exemplar de *Atlante*, tav. XXXI, fig. 18 e o exemplar nº 457 de H45B=Sal C 3 ou H48B).

Optámos por não distinguir os fabricos C1 e C2, pois, na generalidade dos casos, o engobe apresenta atributos intermédios.

Nalgumas peças, classificadas como H50A e A/B, o engobe só cobre a parte superior da parede externa.

#### ***Terra sigillata africana C3***

Pasta fina, mas um pouco mais granulosa do que a de C1/C2, algo compacta, relativamente dura, com finos enp bem distribuídos (calcite é agora bem observável), vácuos muito pequenos e algo alongados. Fractura conchoidal menos regular do que a da C1/C2. Cor P19 ou N35, tendencialmente mais escura do que a da C1/C2.

Engobe fino e aderente, mate, cor N37/R39, tendencialmente mais escuro do que a da C1/C2. As superfícies apresentam polimento, mas já não tão fino como na C1/C2 e não se estendendo por vezes a toda a peça, mas só até à parte superior da parede externa, sobretudo nos tipos H50A/B e B, embora a exiguidade dos exemplares conservados não nos permita uma afirmação clara da extensão do engobe.

Na forma H48B; nn. 6-9, 10(?) as marcas de torno por debaixo da aba são muito fortes, denotando um acabamento um pouco mais cuidado nesta forma do que nas H50A/B e B. Neste tipo é possível observar que o engobe cobre toda a peça.

Na H50A/B, o engobe ainda pode apresentar semelhanças na textura com o da C1/C2.

O nº 852 (H72A) não possui engobe conservado, mas a sua pasta é de grão mais fino, assemelhando-se, na textura, às peças de C3 de relevos aplicados. Raros vácuos pequeníssimos e arredondados. Enp raros, finíssimos (calcite). Cor P19.

#### ***Terra sigillata africana C4***

Dois tipos de pastas, ambas de fractura conchoidal algo regular:

Uma, apenas no nº 507 (Delgado, 1968, tav. III, n. 1) mais próxima da C3, algo compacta, mas

granulosa, com enp em maior quantidade do que nas outras produções da C, de pequenas dimensões, relativamente bem distribuídos (calcite (?)) de maiores dimensões e outros de difícil observação).

Outra - nos restantes exemplares deste fabrico -, mais próxima da D1 (dos seus exemplares de pasta fina – ver *infra*), de pasta algo granulosa, de vácuos muito pequenos e arredondados, com pequenos enp (quartzo e outros).

Ambas as pastas possuem engobes semelhantes, de espessura média, tendencialmente mate, muito próximo ou mesmo semelhante ao da D1, que se estende em toda a peça observável (não há nenhuma pança conservada no espólio), cor M39/N37. Superfícies rugosas.

Tecnicamente, este grupo parece fazer uma transição ou síntese entre a C e a D1.

### 3.5.3.1.3. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.5.3.1.3.1. *Terra sigillata africana C1/C2*

##### H44

H44, nn. 10, 12

H44=L35/35bis

H44=L35ter

H44=Sal C 5

Doze exemplares de fundos e / ou bojos estão classificados como H44, não sendo possível especificar a variante. Os diâmetros de fundo variam entre 41 e 50mm e os pés-de-anel podem ter secção mais alta e estreita (nº 442) ou baixa e algo larga (nºs 441 e 443).

No *Atlante I* (p.70), as diversas variantes da H44 são descritas como uma taça hemisférica, com aba plana ou encurvada que pode ter canelura no topo. Os diâmetros de bordo balizam-se entre 106 e 170mm.

Em Chãos Salgados, o tipo H44, nn. 10, 12, de aba encurvada virada para cima, possui um exemplar, com 225mm de diâmetro de bordo e parede mais espessa do que o habitual nestas formas (nº 444).

O tipo H44=L35/35bis, de aba plana, possui dois exemplares, com 120 e 190mm(?) de diâmetro. O segundo exemplar possui canelura no topo da aba (nº 445).

O tipo H44=L35ter, de aba encurvada em maior ou menor grau, possui 12 exemplares, com diâmetros entre 102 e 200mm, o que excede os limites máximos propostos pelo *Atlante I*, à semelhança do que acontece com o exemplar do tipo H44, nn. 10, 12. Os nºs 446 a 449 têm aba lisa, enquanto que o nº 834 possui um leve sulco sobre a aba.

Por fim, o nº 450, do tipo H44=Sal C 5, é o único exemplar desta forma, de bordo plano, ligeiramente inclinado, com canelura junto à extremidade.

Apenas dois exemplares possuem contexto estratigráfico, o segundo deles já depois da cronologia de fabrico: um exemplar de H44 surge no **contexto 50**, datado de pleno século III (até meados do século V?); outro exemplar de H44=L35/35bis surge no **contexto 73**, datado da primeira metade do século V (nº 761).

Tal como afirmámos acerca da africana A, Hayes (1972, p.62) data o tipo H44 entre 220-40 d.C. e fins do século III, ou mesmo mais além; o *Atlante I* (p.70) centra a cronologia das diversas variantes desta forma na primeira metade do século III, com excepção da variante Salomonson C5, que atinge o terceiro quartel do século III.

H45A=L42=Sal C 7

H45B=Sal C 3

H45A=L42=Sal C 7 ou H45B=Sal C 3

O tipo H45 é descrito no *Atlante I* (p.63) como uma taça de bordo geralmente voltado para cima e raramente horizontal, com diâmetros entre 207 e 380mm. A H45A possui roleta sobre a aba e o fundo interno; enquanto que a aba da H45B é lisa. Ambos os tipos podem ter uma ou duas caneluras no topo da aba.

Em Chãos Salgados, o tipo H45A=L42=Sal C7 está representado por 3 exemplares (nºs 451, 452 e 763). O primeiro tem 243mm de diâmetro de bordo e o terceiro, 252mm. O primeiro exhibe roleta algo



centrada na largura da aba; os dois primeiros exemplares possuem aba quase horizontal, enquanto que a do terceiro é acentuadamente inclinada para cima. Este último exemplar provém de contexto já posterior ao seu uso: **contexto 73**, datado da primeira metade do século V.

O tipo H45B=Sal C3 só possui um exemplar, n° **835**, com 279mm de diâmetro. Possui canelura inferior e superior na extremidade da aba, atributo que Hayes (1972, p.62) já havia notado em alguns exemplares.

Por fim, 4 exemplares (n° **453**) poderão pertencer a uma destas duas formas, já que a fractura da aba não permite a especificação. O exemplar em estampa tem aba horizontal, atributo raramente descrito (*Atlante I*, p.63).

Hayes (1972, p.62) data os tipos H45A e B entre 230/40 e 320 d.C. notando que o primeiro tipo é mais antigo, a ver pelos dados de *Dura Europos* e *Ostia*, que o *Atlante I* (p.64) corrobora.

#### H48A

#### H48B

#### H48B, nn. 6-9, 10(?)

O tipo H48, de parede mais baixa, tem diâmetros entre 168 e 500mm, segundo os dados de Hayes (1972, p.65) e do *Atlante I* (p.60).

Segundo Hayes, o tipo A, de bordo horizontal e algo espesso, teria engobe em toda a peça, o que sucede em Chãos Salgados, onde os dois exemplares são totalmente cobertos por engobe, especialmente fino e bem polido no n° **728** (diâmetro de 181mm), proveniente do **contexto 31**, datado do Baixo-Império. O n° **822** tem 260mm de diâmetro. Ambos possuem pé-de-anel atrofiado e canelura na extremidade da aba.

O tipo H48B (n°s **458 a 460**), de bordo com aba plana (podendo ter canelura na extremidade) virada para cima, apresenta, em Chãos Salgados, engobe polido e em toda a peça, ao contrário do que propõe Hayes (1972, p.65), que descreve o engobe deste tipo apenas no interior e bordo. Diagnosticaram-se dois diâmetros de bordo, de 220 e 376mm, pertencendo o último ao n° **460**.

O tipo H48B, nn. 6-9, 10(?), de bordo em aba semelhante ao tipo precedente, mas nitidamente virada para cima, mais larga, e com inflexão vincada do perfil interno entre o bordo e a parede (*Atlante I*, p.61) está representado pelo n° **461**, com canelura na extremidade, biselada externamente.

Hayes (1972, p.67) data o tipo H48A entre 220 e 270 d.C. e o tipo B entre 260 e 320 d.C., proposta às quais o *Atlante I* (p.61) apenas acrescenta que o tipo A é frequente em *Ostia*, na primeira metade do século III.

#### H45B=Sal C 3 ou H48B

Os nove exemplares de bordo não estão suficientemente conservados para apurar o tipo correcto e a ausência de bojo impede a distinção entre estas duas formas: n°s **454, 456 e 457**. O segundo exemplar, de bordo rectilíneo muito inclinado para o alto e aresta interna entre o bordo e a parede, poderá pertencer ao tipo H48B, nn. 6-9, 10(?), embora a orientação do arranque do bojo pareça denunciar uma parede mais alta, como acontece na H45B.

#### H49, nn. 7-8

O n° **462**, com 234mm de diâmetro de bordo, pé-de-anel atrofiado e sulco na união interna do fundo com a parede, pertence a este tipo de bordo ligeiramente inclinado para o interior. Os diâmetros propostos pelo *Atlante I* (p.61) são de 201-480mm; a cronologia, com base em Hayes (1972, p.67), aponta para o século IV, já que os fabricos parecem relacionar-se com a H62B de meados do século IV (*Atlante I*, p.65); contudo, a cronologia da produção da africana C2 parece terminar em 320-330 d.C. e o exemplar de Chãos Salgados não se assemelha às produções mais tardias da africana C.

#### H50A=L4obis

#### H50A/B

#### H50B

Para o *Atlante I* (p.65), o tipo H50A tem paredes pouco evasadas, rectilíneas e bordo geralmente aguçado; atribui-se este tipo às produções de africana C1 e sobretudo C2.

Segundo Hayes (1972, p.72), nos exemplares mais antigos, o fundo e a parede produzem um ângulo nítido e o engobe cobre toda a peça, atributos corroborados pelo *Atlante I* (p.65).

No espólio de Chãos Salgados, os 193 exemplares existentes variam os seus diâmetros de bordo entre 158 e 402mm, pelo que o valor mínimo está abaixo do valor proposto de 170mm no *Atlante I* (p.65).

Os exemplares apresentam alguma variação de perfis.

A parede pode ser mais rectilínea: **n.ºs 464, 465, 471, 473, 472 e 824**. O bordo destes exemplares pode ser bem aguçado, ou apenas ligeiramente. No primeiro caso, o ângulo entre a parede e o fundo recto é bem marcado.

No caso do **n.º 471**, de parede recta, mas algo irregular, e bordo aguçado, mas pouco, o fundo não possui pé-de-anel, mas antes um ressalto, atributo que seria de esperar na H50B (*Atlante I*, p.65).

Os restantes exemplares em estampa de H50A apresentam parede ligeiramente convexa, por vezes apenas na superfície externa (**n.ºs 465 e 466**), e com bordo mais ou menos aguçado.

Três exemplares, **n.º 478** e n.ºs Arq-1493 e Arq-1536 (os últimos dois sem estampa), com 329, 256 e 395mm de diâmetro de bordo, só possuem engobe no interior e parte superior da parede externa. No primeiro caso, embora a parede seja um pouco curva, produz ainda um ângulo nítido com o fundo recto de pé-de-anel. Esta conjugação de atributos faz destes exemplares elementos de transição tipológica para as variantes A/B e B.

A existência de exemplares de H50A/B e B em africana C1/C2, no espólio de Chãos Salgados, contradiz a proposta do *Atlante I* (p.65), segundo a qual estas duas variantes seriam de africana C3.

A H50A/B em C1/C2 de Chãos Salgados pode ter parede ainda rectilínea, algo evasada (**n.ºs 474 e 475**); ou possui parede mais espessa com união mais suave com o fundo (**n.ºs 476 e 477**).

O bordo é sempre da espessura da parede, podendo ter o suave biselamento externo, como acontece na Hayes 50, n. 55 (Hayes, 1972, fig.12 e *Atlante I*, p.65): **n.ºs 474, 476, 477 e 481**.

Os 9 exemplares de H50A/B em C1/C2 de Chãos Salgados têm diâmetros entre 177 e 331mm, pelo que o valor máximo é inferior ao valor da H50A.

Três exemplares possuem engobe apenas no interior e parte da parede externa: é o caso dos **n.ºs 481, 479 e 480**, com 230, 277 e 177mm de diâmetro, o primeiro deles com fisionomia ainda muito próxima à da H50A, mas com bordo biselado.

A H50B conta apenas com 1 exemplar, **n.º 482**, de parede fina, rectilínea, evasada e bordo arredondado. Neste caso, o engobe cobre a totalidade da parede externa conservada.

Apenas a H50A possui dados estratigráficos em Chãos Salgados: 2 exemplares provêm de UEs pouco esclarecedoras: um provém do **contexto 4**, datado do Baixo-Império, e outro provém do **contexto 88**, datado da primeira metade do século V. Um terceiro exemplar provém do **contexto 77**, com datação de século III / IV.

Hayes (1972, p.73) propõe datações de 230/240 a 325 d.C. para a H50A (está muito bem representada na Calle d'Apodaca, em Tarragona, no primeiro quartel do século IV - **ver anexo 2, tabela 58** -, enquanto que a variante A/B se situaria entre 300 e 360 d.C. e a H50B entre 350 d.C. e inícios do século V, datações aceites no *Atlante I* (p.65), que, como dissemos, atribui as variantes A/B e B à africana C3.

O espólio de Chãos Salgados permite colocar reservas a esta proposta evolutiva, já que sobretudo a H50A/B surge, de uma forma clara, produzida em C1/C2. Esta forma e a variante H50B, com apenas 1 exemplar, parecem assim começar a sua produção já na africana C1/C2, o que coloca sérias dúvidas à evolução linear A, A/B e B, tradicional. Esta ideia foi-nos também transmitida por M. Bonifay, aquando da nossa estadia em Aix-en-Provence, em 2006.

A datação dos tipos H50A/B e B, em C1/C2 deve, respeitando as datações da africana C1/C2, rondar as primeiras três décadas do século IV.

#### **Afim a Caballero Zoreda, 1971, fig. 2**

Esta forma só é conhecida em A1, A1/2, decorada com matriz e datada de século II e inícios do III, embora a atribuição do fabrico não seja segura (*Atlante I*, p.144). Possui uma aba curva, pendente, mas sem a inflexão do **n.º 483** de Chãos Salgados. Para além disso, este exemplar em estudo é liso.

A exiguidade do fragmento não permite uma nomenclatura muito aproximada. O seu engobe é de C1, o que lhe confere proximidade cronológica com o tipo Caballero Zoreda, 1971, fig. 2.

#### **Salomonson VII?**

O **n.º 484** é um fragmento de colo, possivelmente deste frasco de corpo globular, com asa, produzido em A2 e C1 ou C2, segundo o *Atlante I* (p.75), onde se recupera a datação de Salomonson, entre

200 e 280 d.C.. O engobe do exemplar de Chãos Salgados é escuro e mate, próximo da africana C2 (ver *supra*).

#### **Atlante, tav. XXXI, 18?**

O nº 485 é o único exemplar possível deste cantil de corpo carenado, com excelente fabrico e engobe fino, brilhante e polido, característico da africana C1, descrita no *Atlante I* (ver *supra*). O exemplar de Chãos Salgados, com 242mm de diâmetro de carena, excede o valor apontado no *Atlante I* (p.77), de 198mm. O único exemplar referido nesta obra é exactamente em africana C1 e a datação proposta é de século III.

### **3.5.3.1.3.2. Terra sigillata africana C3**

#### **H45A=L42=Sal C 7**

O nº 486 é o único exemplar desta forma, que segundo o *Atlante I* (p.63), é produzida em C1/C2, embora se reconheça que haja exemplares com *feather-rouletting*, característica da produção C tardia, pelo que será de supor que ainda possa haver produção deste tipo em C3, como parece ser o caso do exemplar de Chãos Salgados, que tem contudo o engobe mal conservado e algum excesso de cozedura. O exemplar possui 301mm de diâmetro e roleta junto à extremidade da aba.

Como referimos *supra*, Hayes (1972, p.62) data os tipos H45A e B entre 230/40 e 320 d.C. pensando que o primeiro tipo é mais antigo, proposta corroborada pelo *Atlante I* (p.64). Em africana C3, este tipo deve situar-se nas primeiras duas décadas do século IV.

#### **H45C=var. Sal C 4**

O único exemplar deste tipo é o nº 851, que mede 244mm de diâmetro.

Segundo o *Atlante I* (p.63), este tipo seria produzido em C2, embora apresente relações de perfil com a forma Sal. XXVI de C1 de Relevos Aplicados e a H46 de C/E, e teria tido uma difusão local. O tipo Sal. C 4 é mais pequeno e está datado, sem certezas, na segunda metade do século III (Salomonson, 1968, p.117).

No espólio de *Simitthus*, Vegas (1994, p.150 e fig.158, nºs71 e 72) identifica dois exemplares em africana C de técnica medíocre, com o bordo bombeado, tal como o exemplar de Chãos Salgados e diâmetros que rondam os 300mm. Nenhum tem posição estratigráfica e a autora supõe até que possam ser posteriores à ocupação do sítio; a associação que faz com a Sal. C4 faz sentido pela fisionomia das peças, embora os diâmetros sejam claramente superiores, como acontece na H45.

Em Sidi Aïch, o tipo Stern XXVI (Stern, 1968, quadro III e p.149) possui estampas de bordo e pança, semelhantes aos de *Simitthus*. Não nos parece que os exemplares de Chãos Salgados possam identificar-se com uma origem de Sidi Aïch, mas tal já poderá ser plausível para os exemplares de *Simitthus*, pois Stern refere fabrico mais medíocre nesse centro produtor meridional.

A nosso ver, a datação deste tipo, em africana C3, deve situar-se nos inícios do século IV, a ver também pela datação de Hayes (1972, p.65) para a H45C, em inícios / meados do século IV.

#### **H48B, nn. 6-9, 10(?)**

Os 4 exemplares têm diâmetros de 235, 266, 300 e 321mm. Os últimos dois valores pertencem aos nºs 489 e 490.

Esta forma é descrita no *Atlante I* (p.61), em fabrico C2, embora se constate uma forma análoga em C3 de Relevos Aplicados.

O engobe escuro dos exemplares de Chãos Salgados sugere-nos a classificação em africana C3, embora cubra toda a peça e esteja até bem polido, na superfície externa abaixo da aba.

No primeiro exemplar citado é visível a carena interna na união do bordo com a parede, o que já não acontece no segundo exemplar. Os bordos presentes têm sempre canelura mais ou menos marcada na extremidade da aba; os fundos têm sempre pé-de-anel atrofiado.

Hayes (1972, p.67) datou o tipo H48B entre 260 e 320 d.C., pelo que esta produção presente em Chãos Salgados deve pertencer aos inícios da africana C3, nas primeiras duas décadas do século IV.

**H45B=Sal C 3 ou H48B**

Quatro exemplares de aba, com uma ou duas caneluras junto à extremidade (**n°s 487 e 488**), poderão pertencer a uma de estas duas formas, cuja classificação só seria possível mediante a conservação do bojo. Estes exemplares devem datar das primeiras duas décadas do século IV.

**H50A/B****H50B**

O tipo H50A/B possui 61 exemplares cujos diâmetros se situam entre 148 e 421mm, gama de valores mais ampla do que na congénere em C1/C2. Em 19 exemplares foi possível observar que o engobe não cobre a totalidade da superfície externa. Em 2 exemplares existem finas marcas de acabamento na superfície externa.

As paredes são pouco encurvadas geralmente, ou mais convexas raramente (**n° 499**). Em vários exemplares surgem finas caneluras externas, paralelas ao bordo, a meio ou na metade superior da parede (**n°s 493, 495, 498 e 499**).

O bordo apresenta sempre o biselamento externo e a parede é por norma esvasada, embora nalguns exemplares se verticalize um pouco: **n°s 492 e 493** e sobretudo o **n° 494**. A espessura média das paredes parece, ao contrário do que seria de supor, reduzir-se ligeiramente, em relação aos valores de espessura da congénere em C1/C2.

O fundo pode ter pé-de-anel e ser suavemente onfalado (**n° 500**, com 226mm de diâmetro de bordo), ou ser plano e recto (**n° 724**, com 414mm de diâmetro de bordo). Este último exemplar possui posição estratigráfica, no **contexto 29**, no século III / inícios do século IV. Um outro exemplar provém do **contexto 4**, com datação baixo-imperial.

A datação de Hayes (1972, p.73), entre 300 e 360 d.C., embora não aceite totalmente no *Atlante I* (p.65), pela falta de dados cronológicos para este tipo de transição, poderá situar-se, no caso da produção em africana C3, no período apontado por Hayes.

Os 23 exemplares de H50B de Chãos Salgados têm diâmetros de bordo entre 183 e 354mm, embora a maioria se situe entre 200 e 280mm, o que indica uma redução de tamanhos em relação aos tipos A e A/B.

A espessura da parede varia um pouco, tal como o esvasamento, embora a maioria dos exemplares denote boa abertura. Parece haver uma relação entre paredes um pouco mais espessas e menor esvasamento (**n°s 502 e 503**) e paredes mais finas e mais esvasadas (**n°s 501 e 504**).

O n° Mir-1412-10+11+15 (sem estampa) possui fragmento de fundo e de bordo, e o engobe cobre toda a superfície. Apesar de os restantes exemplares serem apenas fragmentos de bordo, o engobe parece cobrir toda ou boa parte da superfície externa. Apenas num exemplar, **n° 503**, o engobe apenas cobre o exterior até 7mm abaixo do bordo.

Nenhum exemplar de Chãos Salgados possui posição estratigráfica. As datações de Hayes, já referidas *supra*, situam-se na segunda metade do século IV e inícios do V.

**H72A**

O único exemplar deste tipo possui pasta de grão fino e o engobe não se conservou; o diâmetro mede 169mm (**n° 852**). A aba é comprida e canelada na extremidade, como é frequente neste tipo (Hayes, 1972, p.120-121). O lábio da aba é pendente no caso de Chãos Salgados, mas noutros casos pode ser engrossado (*Atlante I*, p.71).

Hayes (1972, p.120-121), corroborado posteriormente pelo *Atlante I* (p.71), que atribui este tipo à africana C3, sugere datação de inícios do século V para a H72, embora indique contextos da segunda metade do século IV. Esta forma encontra-se em Sétif, em estratos da segunda metade do século IV e inícios do V (Février, 1965, fig.35 e p.146-147).

**L35ter=H44, nn. 6-7/H52A, nn. 1-2**

O **n° 850** é de difícil classificação, pela exiguidade do fragmento. O seu fabrico em C3, levou-nos a optar por esta nomenclatura de transição entre a H44 de africana C1/C2 e a H52B de C3 de Relevos Aplicados.

Segundo Hayes (1972, p.76), a H52A é uma forma intermédia, lisa, de lábio plano, e o diâmetro mede entre 130 e 160mm. No *Atlante I* (p.70) levantam-se dúvidas quanto aos critérios meramente es-



tilísticos de Hayes para propor esta evolução. Este autor (1972, p.76) data provisoriamente o tipo na primeira metade do século IV.

### 3.5.3.1.3.3. *Terra sigillata africana C4*

#### **Delgado, 1968, tav. III, nº 1**

Razão da sua nomenclatura, esta forma foi identificada por M. Delgado, em 1968, e posteriormente objecto de novas considerações, em 1975 (Delgado; Mayet; Alarcão, p.264, pl.LXX, LXXI, nºs70-81).

No *Atlante I* (p.70), é considerada tipologicamente mal conhecida, já que apenas um único exemplar possui perfil completo. O lábio é engrossado em maior ou menor grau e pode ser pendente; geralmente possui uma canelura na parte superior. Os diâmetros da forma variam entre 150 e 180mm. Não se atribui um fabrico específico, e tal como M. Delgado, pensa-se poder fazer a transição entre a H52, em C3 e a H73, em D1, ou seja, pertencer a um fabrico C/D.

Parece igualmente ter tido uma difusão pouco acentuada: Cartago, Gerona, Sperlonga, Luni, a acrescentar aos dados de Manuela Delgado, sobre *Conimbriga* e o Sul do território actualmente português; por fim, atribui-se uma cronologia hipotética, entre 360 e 470 d.C., por analogia com o tipo H67, em D1. O fabrico em C4 restringe, contudo, esta datação ao século V.

O nº 73 da estampa LXX de *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975) sugere uma outra analogia formal. Apesar de ter um diâmetro usual neste tipo – 180mm –, bem como uma espessura de parede suave, o seu bordo difere um pouco dos restantes exemplares deste sítio: possui uma ranhura na face externa, é nitidamente pendente e a aba segue recta, plana e oblíqua – com uma canelura no topo, junto ao lábio – e possui apenas um segmento, ao contrário dos restantes exemplares deste tipo que possuem bordo com dois segmentos em quebra de perfil, pelo que a pança tem um perfil mais esvasado. Este exemplar aproxima-se bastante do tipo Stern X-a-c, produzido em Henchir es-Srira, centro produtor e tipo que discutiremos *infra*. No nosso trabalho, decidimos atribuir os exemplares de Delgado, 1968, tav. III, nº 1 ao fabrico C4, reconhecendo que um exemplar se aproxima mais dos fabricos da C tardia, enquanto que os restantes se aproximam da D1. Parece, igualmente, distinguir-se dos fabricos de Henchir es-Srira.

Parece-nos contudo, plausível levantar algumas pistas de trabalho quanto a uma possível ligação entre esta forma e este centro, que produziu entre meados do século III e meados ou finais do V (*Atlante I*, p.139), e, a ver pelo referido nº 73 de *Conimbriga*, ligação essa feita através do tipo Stern X-a-c.

Relembremos igualmente que o tipo 8.4 de El-Mahrine tem também grandes semelhanças com a Stern X a-c, o que poderia explicar a troca de ideias e tipologias entre estes centros do Centro e do Norte, para além das diferenças de fabrico daí decorrentes, embora este tipo 8.4 tenha sido alvo de escassa produção no centro produtor da Zeugitânia (Mackensen, 1993, est.56, nº4).

Em Chãos Salgados existem 7 exemplares: o nº 507, de fabrico mais próximo da africana C, mede 294mm de diâmetro de bordo; os restantes, mais próximos da D1, medem entre 167 e 276mm. Os valores do nosso espólio ultrapassam em larga medida os valores descritos no *Atlante I* e, neste aspecto, aproximam-se mais dos valores usuais no tipo Stern X-a-c. O nº 505 possui lábio pendente, enquanto que os nºs 506, 507 (o único mais próximo do fabrico da africana C), 664 (**contexto 57**, superficial) e o nº 714 possuem lábio engrossado. Este último é acentuadamente esvasado e provém do **contexto 18**, datado no século IV e primeira metade do V.

#### **H57**

Tal como Hayes (1972, p.91), no *Atlante I* (p.66) descreve-se este tipo como uma variante fina das H58A e B e atribui-se à produção C3. O seus diâmetros variam entre 200 e 250mm e geralmente tem pé-de-anel atrofiado, possuindo raramente fundo plano unido à parede por um ângulo vivo.

O único exemplar de Chãos Salgados difere um pouco destas características: o nº 508 possui fundo levemente onfalado e irregular, com ressalto, mas sem ângulo vivo com a parede. Possui as habituais caneluras sobre a aba pendente. O seu fabrico não nos parece semelhante ao da africana C3, mas antes fazer uma transição com a D1 fina, como acontece na C4. O seu diâmetro de bordo, com 263mm, ultrapassa os valores conhecidos.

Hayes (1972, p.93) propõe datação de 325-400(?) d.C.; surge em *Ostia*, em contextos de fins do século IV e inícios do V (*Atlante I*, p.66).

**H68**

Este tipo é atribuído à produção E, no *Atlante* (p.121), que a descreve de bom fabrico, fino, com inclusões de calcário.

O nº 509 possui o pé-de-anel atrofiado e a roleta no fundo interno que a classificam neste tipo, mas o seu fabrico aproxima-se muito mais da africana C4 do que do fabrico dos exemplares em africana E, mesmo nos casos mais finos (ver *infra*). Tanto a pasta como o engobe apontam neste sentido. Tal como nos exemplares de africana C/E e E de Chãos Salgados, não se observa traços de vegetais no fundo.

Hayes (1972, p.117) data o tipo entre 370 e 425 ou 450 d.C., proposta corroborada no *Atlante I* (p.121).

**H73**

O nº 510 possui os atributos das H73A e B, pelo que preferimos atribuir a nomenclatura de H73. Segundo Hayes (1972, p.121), o tipo A possui lábio denteado, enquanto que o tipo B possui lábio plano e canelura a meio da aba.

No *Atlante* (p.72) este tipo é atribuído à africana C4 e raramente à D; e os diâmetros descritos variam entre 103 e 230mm.

O exemplar de Chãos Salgados tem diâmetro de 190mm e várias caneluras sobre a aba, aspecto em que difere da H73B (tipo que possui uma canelura apenas), mas no qual se aproxima do tipo Stern X-b de Henchir es-Srira (ver *infra*) e do tipo H68, n.5, de africana E (Hayes, 1972, p.118).

Hayes (1972, p.121) propõe datação de 420-475 d.C., mas surge em Moosberg, em contextos de final do século IV, bem como no naufrágio de Yassi Ada II, Turquia, nos finais do século IV ou inícios do V (ver anexo 2, tabela 33), e em Abu Amena (muitos exemplares, mas sobretudo lisos), em depósito de 480 d.C. (*Atlante I*, p.72).

### 3.5.3.2. Terra sigillata africana C3 de Relevos Aplicados

#### 3.5.3.2.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos

Para se perceber a origem da terra sigillata africana C de Relevos Aplicados torna-se necessário recuar aos inícios da produção da Bizacena, no século III.

Salomonson definiu, em 1968 (p.83 e 109-113), a “Cerâmica de El-Aouja” (necrópole que se situa 30km a Sul de Kairouan), considerando-a na “transição” entre a “sigillata clara A” e a “clara C” e data esta produção nos primeiros três quartéis do século III, embora ainda considere que possa perdurar até aos fins do século III ou inícios do IV. Considera que a produção de relevos aplicados da africana C (C3) seria sucessora desta tradição, com técnica semelhante, mas com um novo repertório, agora sem a forte predominância de formas fechadas, mas antes com o recurso exclusivo a formas abertas, como os pratos e as taças.

Em 1969 (p.65-71), o mesmo autor defende uma datação da “Cerâmica de El-Aouja” entre 200 e 280 d.C. e pensa não haver uma relação de continuidade cronológica entre esta produção e a C3 de Relevos Aplicados, devido às diferenças formais e de motivos aplicados.

Em 1972, (Hayes, p.297 e 211) reconhece a grande concentração de formas fechadas com relevos aplicados, nas áreas de el-Djem e el-Aouja e concebe dois estilos: o “early style” (= “Cerâmica de El-Aouja”), com motivos geralmente relacionados com *venationes*, em todo o corpo, podendo constituir painéis; e o “late style” (= C3 de Relevos Aplicados), com mais uniformidade de estilo e relevos aplicados no bordo e no fundo interno, em que os tipos se diversificavam, embora predominassem os animais selvagens, peixes, cenas mitológicas e bíblicas e havendo ainda cenas narrativas na H53A. Datou o primeiro estilo entre 200 e 250/275 (à semelhança de Salomonson) e o segundo estilo entre a segunda metade do século IV e os inícios do V. Ao contrário de Salomonson, considerava haver uma etapa intermédia, com os tipos H51 e H52B, embora a falta de contextos de finais do século III e inícios do IV não permitisse consolidar esta hipótese.

Em 1981, no *Atlante I* (p.147-148 e 156-157) estas duas produções são denominadas de “C1 e C2 de Relevos Aplicados” e de “C3 e C4 de Relevos Aplicados” e defende-se uma transição entre as duas, embora se reconheça que a primeira produção está sobretudo relacionada com a C1.

Em 1976, Salomonson (*apud* Mackensen, 2003, p.282) dera à estampa um outro dado tipológico de relevo, o tipo Löffler 591, de C3 de Relevos Aplicados, cujos motivos comprovavam definitivamente a ligação entre as duas grandes fases de produção de C1/C2 e C3.

Tortorella, em 1987 (p.292), refere outro elemento de transição, datado da segunda metade do século III e os inícios do século IV, que seria a produção de lucernas em *terra sigillata*, decoradas com motivos aplicados, de C1/C2.

Em 2003 (Mackensen, p.283-285) lança outras três pistas de relação de continuidade:

- um vaso do tipo Sal. I / H171, em C1 de Relevos Aplicados, e um exemplar de H53A, de C3 de Relevos Aplicados, possuem o mesmo motivo;

- defende que a existência de H52B em *Simitthus* provava que Hayes (1972, p.78) estava correcto ao datar o início da produção deste tipo em 280 d.C., ou pelo menos em inícios do século IV. Contudo, os 3 exemplares de H52B a que se refere Mackensen não possuem posição estratigráfica – os estratos mais recentes são dos momentos de abandono de 280 d.C. (Vegas, 1994, p.151) -, pelo que esta afirmação do autor tem de ser relativizada;

- a solução de continuidade ficou provada, sim, pelo resultados das análises de laboratório feitas sobre materiais recolhidos em prospecção, no centro produtor de africana C de Sidi Marzouk Tounsi, cuja produção se inicia em meados do século III (ver *supra*): restos de fabrico de H52B, H53A, 54 (em C3 de Relevos Aplicados) e de H56 (em C4 de Relevos Aplicados), bem como exemplares de H171, H172/174, H39/40 e H41 apresentavam todos grandes percentagens de Titânio, característico de Sidi Marzouk Tounsi, o que permite até colocar a hipótese de este centro recuar o seu início a começos do século III.

Mackensen (2003, p.285) propõe cronologia de C3 de Relevos Aplicados entre 275 (a aceitar as datas de Hayes para a H52B) e 430/450 d.C..

...

Hayes (1972, p.76) descreve o fabrico da H52, a principal forma de C3 de Relevos Aplicados, como fino, levemente granular, em que a fractura pode ser nítida, com engobe mate, fino, no interior e sobre o bordo. Indica que as superfícies estão bem polidas, excepto abaixo do bordo.

Caracterizamos assim a produção existente em Chãos Salgados:

Pasta fina, semelhante à de C3, mas com finos enp muito bem distribuídos e dificilmente observáveis, o que a aproxima um pouco mais da C1/C2 (calcite é agora de difícil observação), vácuos raros e dificilmente observáveis. Fractura algo conchoidal menos regular que a da C1/C2. Cor P19 ou N35, semelhante à da C3.

Engobe fino e aderente, mate ou pouco brilhante, com sinais de polimento, particularmente fortes de baixo da aba da H52B, aspecto que parece contradizer Hayes, tal como o facto de o engobe em Chãos Salgados se encontrar em toda a superfície preservada das peças, excepto no nº 511. Cor N37/N39. Na forma Sal d=L42/48=H54 o engobe é de tom P19/P20.

### 3.5.3.2.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### H52B

Hayes (1972, p.76-78) descreve 3 a 4 motivos sobre a aba deste tipo e diâmetros de bordo entre 110-160mm e 180-230mm.

Os 5 exemplares de Chãos Salgados posicionam-se essencialmente no grupo mais pequeno, com valores entre 145 e 185mm.

Têm sempre canelura sobre o bordo. A aba é, por norma, ligeiramente curva, embora um exemplar, nº 511, tenha aba recta, mas irregular. Os nºs 512, 513 e 827 conservam o motivo aplicado: o primeiro é uma máscara do deus Oceano (*Atlante I*, est.LXXXVIII, motivo 181), o segundo é um peixe (semelhante ao motivo nº45 do *Atlante I*, est.LXXXII), e o terceiro é uma corola, para a qual o único paralelo é um motivo muito semelhante proveniente de *Emerita Augusta* (Vázquez de la Cueva, 1985, H52B da fig.13, nº54).

Hayes (1972, p.76-78) data este tipo entre 280/300 e fins do século IV e refere que, na *Agora* de Atenas, os exemplares mais largos são da segunda metade do século IV, pelo que a H52B de Chãos Salgados deve datar-se essencialmente na primeira metade do século IV.

**H53A=Sal a**

O único exemplar de Chãos Salgados, nº 514, possui o que parece ser a ponta de uma cauda de leão em corrida (*Atlante I*, est.LXXXIII, nº60).

Segundo Hayes (1972, p.78-79), este tipo pode possuir 3 a 5 motivos aplicados e diâmetros entre 170 e 210mm. O autor estabelece 2 variantes, sendo que na segunda, mais tardia, a forma é mais esvaçada. Tal acontece no exemplar de Chãos Salgados, embora o facto de não possuir caneluras abaixo do bordo, nem decoração de inspiração judaico-cristã, típicas da variante 2, mas sim motivo animal, típico da variante 1, não permita uma conclusão segura.

Hayes data este tipo entre 350 e 430 d.C., ou pouco depois, embora esta cronologia final tão avançada se deva à sua relação com a H56, já que estratigraficamente os dados mais tardios são de inícios do século V, em Roma.

**Afim a Sal d=L42/48=H54**

Salomonson (1969, p.19) e Hayes (1972, p.82-83) descrevem este tipo como uma taça com aba poligonal de 8 lados, com diâmetros que podem atingir os 450-500mm. A aba oblíqua pode ter uma ou mais caneluras junto à extremidade e a pança é curva e algo baixa, formando uma taça larga (Lamboglia, 1963, p.158-159).

Os dois exemplares de Chãos Salgados não se encaixam nesta forma poligonal: as abas têm sim prolongamentos curvos, embora no exemplar orientável, a aba seja nitidamente oblíqua. Este exemplar, nº 515, possui as caneluras muito perto do bordo, enquanto que o nº 516 possui as caneluras junto ao bordo, como acontece na forma de aba poligonal.

Um paralelo para a aba é o nº 99 de Delgado (1967, p.67), sem classificação atribuída: a sua aba é circular, como acontece em Chãos Salgados, e possui prolongamentos curvos. A aba e o corpo têm contudo uma fisionomia muito próxima do tipo H52B: aba algo oblíqua, com canelura junto à extremidade, e pança alta, curva. A aba não possui, contudo, qualquer motivo aplicado no troço conservado. O engobe cobre o interior e o bordo. Um segundo paralelo é proveniente de *Emerita Augusta* e tem uma fisionomia próxima do nosso exemplar: corpo de taça, com aba longa, que possui três caneluras a meio e bordo com prolongamentos curvos. O diâmetro de bordo mede 230mm e está classificado como H42, em fabrico A1/2 (Vásquez de la Cueva, 1985, p.47, fig.4, nº19).

Os exemplares de Chãos Salgados, com um diâmetro mensurável de 260mm, podem assim pertencer a uma taça larga, afim à Sal d=L42/48=H54, com dois tipos de aba: o nº 515 de aba fina e larga (mais próxima da Sal d=L42/48=H54); o nº 516, de aba mais espessa e talvez mais curta (mais próxima da H52B).

Os exemplares de aba de Chãos Salgados, pela sua fisionomia, distanciam-se da H52B, ao contrário do exemplar de *Conimbriga*, cujos perfis da aba e pança são iguais. No caso de Chãos Salgados, apesar de a aba não ser poligonal, a extensão e abertura do nº 515, são sem dúvida elementos de aproximação à Sal d=L42/48=H54, com possíveis influências da forma presente em *Conimbriga*, relacionada por sua vez à H52B.

Lamboglia (1963, p.158-159) data o tipo Lamb. 42/48 da segunda metade do século III, enquanto Hayes (1972, p.82-83) data o tipo H54 de meados ou segunda metade do século IV, datações consentâneas com a H52B, que percorre o século IV e pode recuar ao último quartel do século III (ver *supra*).

**3.5.3.3. *Terra sigillata africana* C/E e E****3.5.3.3.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos**

A difusão das africanas C/E e E centra-se sobretudo no Sul da actual Tunísia, em particular na área relacionada com o golfo de Gabès (Hayes, 1972, p.298). Na prospecção realizada ao longo do litoral tunisino (Bonifay; *et Al.*, 2002-2003, p.142-144 e 162), confirma-se esta dispersão da africana E, embora ainda surjam alguns exemplares no Norte, sobretudo da forma H68. Apesar de não se comprovar uma produção na área litoral, sugere um possível papel para o centro de Oued el-Akarit, com produção comprovada de cerâmica de cozinha, cerâmica comum e ânforas e apenas hipotética de H68.



Ao contrário de Tortorella (1995, p.84), Bonifay (2004, p.51) nega que Henchir el-Guellal, Djilma (ver *supra*) seja um dos centros produtores de africana C/E e E, pois os exemplares de H68 presentes são muito diferentes do modelo clássico.

Na definição constante no *Atlante I* (p.117-119), a *terra sigillata africana C/E* é um “agrupamento” de formas inspiradas nas africanas C e D, entre o segundo quartel do século III e o terceiro quartel do IV e antecede a africana E, que Hayes (1972, p.292 e 298) datou entre meados do século IV e meados do século V. A africana C/E tem pasta de boa qualidade, engobe opaco ou ligeiramente brilhante, tendente ao *marron* e a africana E tem pasta fina, depurada, de cor castanho claro a vermelho-castanho intenso; as superfícies são bem polidas e o engobe, fino e mate, cobre o interior e a parte superior externa.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### ***Terra sigillata africana C/E***

Pasta algo dura e granulosa, embora ainda compacta, com vácuos de pequenas dimensões, arredondados ou alongados, e enp de pequenas dimensões (quartzo, calcite e raros microfósseis); cor P19. Engobe fino e aderente, mate, cobre toda a peça observável. Cor R19 e R20. A peça nº 532 (H46 ou 45B) apresenta alguns fósseis de  $\pm$  1mm e 0,5mm na superfície e na pasta.

#### ***Terra sigillata africana E***

Dois grupos de pastas:

Um, nos exemplares com roleta de linhas paralelas, (nºs 541 - H45B=Sal C 3 ou H46 -, 540 e 539 - H45A=L42=Sal C 7 ou H46), de pasta algo dura, um pouco granulosa, mas compacta, com enp finos (quartzo, mica, calcite e fóssil de menos de 0,5mm), bem distribuídos, de superfícies ligeiramente rugosas; cor N47/P47. Engobe nunca conservado.

Outro, nos exemplares com *feather-rouletting* (nº 538 - H45A=L42=Sal C 7 e 542 - H62A ou H66 ou H68), de pasta mais fina, mais compacta, com raros e finíssimos enp de difícil identificação; cor N55. Possui engobe em ambos os lados dos fragmentos, de espessura média, mate, bem conservado, aderente. Cor N39/P39.

### **3.5.3.3.2. Análise tipológica e estratigráfica**

#### **3.5.3.3.2.1. *Terra sigillata africana C/E***

##### **H44**

O nº 517 é o único exemplar desta forma que o *Atlante I* (p.70) atribui às produções de C1 e C2. As características do nosso exemplar levam-nos contudo a considerá-lo na africana C/E. Distingue-se dos congéneres em C1/C2, cujos diâmetros de pé-de-anel variam entre 41 e 50mm, já que este exemplar é de maiores proporções: 120mm de diâmetro e pé alto de secção claramente subtriangular.

A cronologia desta forma (ver *supra*) em C/E deve situar-se entre o segundo quartel do século III e os finais desta centúria.

##### **H45A=L42=Sal C 7**

##### **H45B=Sal C 3**

##### **H45A=L42=Sal C 7 ou H45B=Sal C 3**

Também a forma H45A é atribuída no *Atlante I* (p.63) às produções C1 e C2, embora se reconheça que alguns exemplares têm *feather-rouletting*, atributo da C tardia, e que dois exemplares de *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.256, nºs14-15), sejam deste fabrico C/E.

Os 18 exemplares de Chãos Salgados fazem deste tipo o mais importante em C/E. Os seus diâmetros de bordo variam entre 234 e 340mm e os de fundo entre 84 e 116mm.

As abas apresentam 3 variantes fisionómicas: curvando para cima (nºs 518 e 519), curvando para baixo (nº 520) e recta (nºs 521, 522, 523 e 525). Possui sempre canelura junto à extremidade. O primeiro tipo de aba surge associado ao tipo de roleta mais elaborado e também ao melhor fabrico nesta forma; o segundo e o terceiro tipos surgem associados a roletas mais simples, excepto o nº 523.

Os fundos podem também possuir roleta mais elaborada (nº 526) ou mais simples (nºs 524 e 836).

O tipo H45B, nomeadamente os nºs 9-11 de Hayes (1972, p.62), mais tardios e com engobes mais acastanhados, são atribuídos no *Atlante I* (p.64) à produção C/E. Dos 9 exemplares de Chãos Salgados, 4 possuem diâmetros de bordo de 230, 231, 242 e 267mm. Podem ser de aba que curva para baixo, lisa (nº 528); ou de aba recta, com uma ou duas caneluras junto às extremidade (nºs 529, 530 e 531), ou lisa (nº 775). O último exemplar provém do **contexto 70**, datado de pleno século IV.

Quatro fragmentos de bojo e arranque da aba (nº 527) pertencem a uma das duas formas analisadas. Um exemplar provém do **contexto 65**, datado de século III avançado.

Como referido *supra*, Hayes (1972, p.62) data os tipos H45A e B entre 230/40 e 320 d.C. É de relevar que os dois exemplares em estratigrafia de Chãos Salgados denotem uma cronologia tardia para a produção em C/E e em particular para o tipo B, na esteira de Hayes. Contudo, voltaremos a este assunto, aquando da análise do exemplar de H45A em africana E.

#### H46

Esta forma é atribuída no *Atlante I* (p.118) à produção C/E, em consonância com as descrições de Hayes (1972, p.65), que a relacionam com as produções tardias da H45B. As prospecções em Sidi Marzouk Tounsi indiciam o fabrico deste tipo neste centro, em africana C2 (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.7, nº22; Mackensen, 2004, p.133).

Os dois diâmetros de bordo diagnosticados em Chãos Salgados, de 173 e 174mm (nº 534), são claramente inferiores aos publicados no *Atlante I* (p.118) – 320-350mm -, bem como ao de africana C2, publicado por Peacock, Bejaoui e Ben Lazreg (1990, fig.7, nº22), de cerca de 300mm. Assim, os exemplares de Chãos Salgados são uma de duas hipóteses: H46 de diâmetro pequeno, que faz deles taças e não escudelas; ou taças do tipo H44 de diâmetro muito largo, fabricadas em C/E, o que não é conhecido. Apesar da nossa opção, deixamos em aberto a nomenclatura para estes exemplares.

Hayes data o tipo H46 entre o último quartel do século III e o primeiro do IV. A estratigrafia de Chãos Salgados não fornece novos elementos: um exemplar provém do **contexto 4**, datado do Baixo-Império, e um outro exemplar provém do **contexto 73**, datado da primeira metade do século V, pelo que terá sido depositado já depois da sua cronologia de uso.

#### H45B=Sal C 3 ou H46

Dois exemplares de fundo lisos, com 82 e 86mm de diâmetro, podem pertencer a uma destas duas formas (nºs 532 e 533).

#### H58A

Hayes (1972, p.93) associa o fabrico deste tipo ao da H45 tardia, e, no *Atlante I* (p.118), é atribuída tanto à C/E como à D1. Os exemplares de Chãos Salgados possuem engobe em toda a área conservada, em coerência com as descrições de Hayes, mas o diâmetro de bordo mais pequeno é inferior à proposta do *Atlante I* (270 a 380mm). Os 4 exemplares de Chãos Salgados possuem diâmetros de 232 (nº 837), 282, 328 e 335mm (nºs 535, 536 e 537). O segundo e o terceiro exemplares possuem uma ligeira protuberância na união externa do bordo com a pança. O topo do bordo é sempre horizontal, mas ao contrário da descrição do *Atlante I*, nunca possui qualquer canelura.

Hayes (1972, p.95) data este tipo entre 290/300 e 375 d.C..

### 3.5.3.3.2.2. Terra sigillata africana E

#### H45A=L42=Sal C 7

O único exemplar, nº 538, com 274mm de diâmetro, é de fabrico fino e possui duas caneluras bem marcadas junto à extremidade da aba e a *feather-rouletting*, típica da africana E, o que insere este tipo, conhecido em africana C1/C2 e C/E (ver *supra*), na africana E.

O fabrico em africana E deste tipo prolonga a datação da H45A e B para além da baliza proposta por Hayes (1972, p.62), entre 230/40 e 320 d.C., e pode sugerir que haja uma evolução simultânea das duas formas, pelo menos numa fase avançada, na qual se insere esta produção em africana E, que co-

meçará apenas em meados do século IV, a aceitar a cronologia da produção da africana E defendida por Hayes (ver *supra*).

#### **H45A=L42=Sal C 7 ou H46**

#### **H45B=Sal C 3 ou H46**

Embora a Hayes 46 não possua roleta no fundo interno e só seja conhecida em africana C/E, pode ser, a par da H45A (conhecida em C1/C2 e C/E, mas que em Chãos Salgados também surge em africana E), uma das duas hipóteses de classificação dos nºs 539 e 540, com roleta simples no fundo interno.

Já o nº 541, de fundo liso, poderá ser de H45B ou 46.

Como referido *supra*, Hayes data o tipo H46 entre o último quartel do século III e o primeiro do IV; e data as H45A e B entre 230/40 e 320 d.C., mas uma possível produção em africana E só permite o início da cronologia destes exemplares de Chãos Salgados a partir de meados do século IV.

#### **H62A ou H66 ou H68**

O nº 542, de bom fabrico, é um fragmento de fundo com *feather-rouletting* de uma destas três formas. São todas fabricadas em africana E, com excepção da H62A, também produzida em C/E e D1. A H68 é tida como uma forma de pasta fina, com inclusões de calcário (*Atlante I*, p.120-121), o que se aproxima do nº 542.

Hayes (1972, p.107, 111 e 117) data a H62A entre 350 e 425 d.C., a H66 nos inícios do século V, e a H68 entre 370 e 425 d.C. (ou meados do século V).

### **3.5.3.4. Terra sigillata africana C de outros centros de produção**

#### **3.5.3.4.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos**

O conhecimento dos centros de produção de Henchir es-Srira e Sidi Aïch baseia-se sobretudo na prospecção de 1996, realizada por M. Stern (1968): em Henchir es-Srira foram detectados restos de produção e “um verdadeiro “*Monte Testaccio*”, um pouco a Norte do sítio; enquanto que Sidi Aïch se caracteriza por manchas dispersas, que sugerem para a autora a existência de várias oficinas.

Stern (1968) publica, no seu artigo, uma tipologia conjunta, com 42 tipos. As formas do primeiro centro têm cronologias entre os meados do século III e a segunda metade do século IV, enquanto que as do segundo datam-se entre a primeira metade do século IV e a segunda do V. Estas propostas sofreram alguns reparos de outros autores. Hayes (1972, p.300) data o primeiro centro de fins do século III e século IV e Sidi Aïch de fins do século IV e V. No *Atlante I* (p.138-139) data-se Henchir es-Srira entre 300 e 450/500 d.C. e Sidi Aïch entre 350 e 500 d.C..

Em 1990, Peacock, Bejaoui e Ben Lazreg (p.74, 76 e fig.11) publicam uma nova prospecção no sítio e confirmam a importância das formas Stern Ib, Stern X e H69 (fig.11, nºs2, 4 e 12). Esta última forma é conhecida em D2 (*Atlante I*, p.89) e, a par das H59A e 61A (conhecidas em D1) recolhidas, são um elo de ligação à africana D, da mesma maneira que o tipo Stern XXXI que pode possuir decoração digital (Stern, 1968, p.147, fig.1), conhecida nos tipos H59A, H65, n.1 e L51b, em africana D (*Atlante I*, p.139).

Confirmam igualmente exemplares de H68 (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, fig.11, nº1), o que relaciona também este centro com a africana E.

Referem ainda a recolha de lucernas dos tipos Hayes I e II, à qual se acrescenta a de cerâmica de cozinha de bordo enegrecido (Stern, 1968, p.147).

Mackensen (2004, p.139) considera Henchir es-Srira como o terceiro centro produtor em grandeza, na Tunísia central. Pretende avançar o início de laboração do centro para o segundo quartel do século IV, devido à ausência de formas claramente relacionadas como a africana C2, embora reconheça como plausível a identificação do tipo Stern XII - com 9 exemplares recolhidos por Stern (1968) - com o tipo H48B, realizada por Pröttel (1996, p.21). Este tipo surge igualmente, embora apenas com 2 exemplares na recolha de Stern (1968), em Sidi Aïch, o que poderá igualmente recuar a cronologia inicial deste sítio para momentos semelhantes aos de Henchir es-Srira, o que forneceria tempos de vida contemporâneos para os dois centros, ao contrário das posições vigentes que colocam o início de Sidi Aïch como posterior. Assim, a proposta de Hayes (1972, p.300) que data o início de Henchir es-Srira em fins

do século III estará correcta, mas a de Sidi Aïch, em fins do século IV, poderá recuar para fins de século III igualmente. A reforçar esta ideia está a presença dos tipos Stern III e XL-b=H184 (ver *infra*) - com 3 e 4 exemplares respectivamente, recolhidos por Stern (1968, quadro V) em Sidi Aïch, e cuja presença em *Simitthus*, embora sem estratigrafia, denuncia uma cronologia de segunda metade do século III. O tipo Stern XXVI, que, com 2 exemplares embora sem perfil completo (Stern, 1968, quadro III) parece assimilável ao tipo Hayes 45C = var. Sal C 4 (ver *supra*), comprova a continuidade da laboração de Sidi Aïch na primeira metade do século IV, embora o reduzido número de exemplares denuncie uma laboração algo fraca até à segunda metade do século IV.

A produção de Henchir es-Srira é considerada de boa qualidade por Stern (1968, p.149), que a aproxima da *terra sigillata* clássica, pensamento seguido por Hayes (1972, p.300) que pondera ser este centro um “ramo” das oficinas da Tunísia central, com um fabrico semelhante ao da africana C3 (*Atlante I*, p.138).

Sidi Aïch tem um fabrico mais grosseiro (Stern, 1968, p.149), relacionado com a produção denominada de africana E (Hayes, 1972, p.300; *Atlante I*, p.138; Bonifay, 2004, p.53), não só pelo fabrico, mas também pelo facto de Stern (1968, p.147-149) referir paredes externas e fundos com *feather-rouletting*.

Na propeccção do litoral tunisino publicada por Bonifay et Al. (2002-2003, p.144), atribui-se ao Sudoeste (onde se inclui Sidi Aïch) os tipos Stern Id, XXIX, XXXV e X, bem como a Stern IV, bem representada na área de Kasserine e no golfo de Gabès.

Em Sidi Aïch são reconhecidas igualmente relações tipológicas com produções locais do Norte de África (*Atlante I*, p.138).

Estes dois centros são tidos como de difusão restrita, “continental” (Bonifay, 2004, p.51), embora se registre um exemplar do tipo Stern X-b de Henchir es-Srira, num depósito de finais do século IV / inícios do V, na Agora de Atenas (Stern, 1968, p.154, nota 11: informação de J. W. Hayes). Contudo, segundo Hayes (1972, p.300), Sidi Aïch terá tido uma difusão maior do que Henchir es-Srira, no âmbito norte-africano.

No *Atlante I* (p.138-139), a *terra sigillata* dos dois centros é assim descrita: a pasta de Henchir es-Srira é de grão fino, o engobe é opaco, laranja-avermelhado e cobre todo o vaso; a pasta de Sidi Aïch tem fractura nítida, com inclusões de cal, e o engobe, brilhante, é de cor vermelho-castanho e cobre toda ou parte da peça; a superfície pode ser ligeiramente granulosa. Segundo Stern (1968, p.149), o engobe é irregular na cor.

A nossa estadia em Aix-en-Provence permitiu-nos observar vários exemplares destes dois centros e completar as descrições conhecidas. Ambos os centros apresentam engobe com brilho, mas a cor em Sidi Aïch é mais escura, pelo seu tom acastanhado, tom esse que também se revela na pasta, e que de facto aproxima esta produção da africana E. A pasta de Sidi Aïch é também mais rica em enp.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados, possivelmente relacionadas com estes dois centros:

#### Henchir es-Srira?

Os exemplares do tipo Stern X-b/Stern XXXIX possuem pasta dura, compacta, com pequenos vácuos muito pequenos arredondados, de fractura conchoidal mais linear do que a de Sidi Aïch. Enp em pouca quantidade, pequenos e por vezes médios (calcite, quartzo, mica branca). Cor M40. O engobe cobre toda a peça conservada; é fino, algo aderente; cor M39/N39. Superfícies tendencialmente alisadas, muito pouco porosas.

#### Sidi Aïch?

**Nº 544** (fundo de Stern X d-e): pasta algo dura, compacta, algo granulosa (com vácuos muito pequenos, arredondados), de fractura conchoidal, com enp em franca quantidade, de tamanho pequeno, mas também médio (sobretudo calcite, mas também mica branca, quartzo). Cor M39/M40/N39. Engobe não conservado.

**Nº 840** (Stern III): pasta algo dura, de grão fino, de tom castanho adulterado por sobrecozedura, com poucos vácuos alongados e finos enp (mica branca). O engobe mal conservado cobre toda a peça e é fino, mate e algo aderente; cor P19. Superfícies alisadas.



### 3.5.3.4.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.5.3.4.2.1. *Terra sigillata* africana de Henchir es-Srira?

##### **Stern X-b/Stern XXXIX**

Os 3 exemplares de Chãos Salgados congregam aspectos de ambos os tipos publicados por Stern (1968, quadros III e IVa) e produzidos em Henchir es-Srira (20 exemplares conhecidos de Stern X-b e 1 de Stern XXXIX): o bordo pendente, por espessamento na parte inferior, e a aba oblíqua recta com caneluras na face superior, do tipo Stern XXXIX, e as caneluras externas no bordo, do tipo Stern X-b (nº 543). Medem 310, 365 e 501mm (nº 543) de diâmetro e possuem perfis iguais: o mesmo bordo pendente, com duas caneluras externas e várias caneluras na face superior da aba.

Este tipo híbrido parece-nos erradamente classificado no *Atlante I* (p.85), onde é denominado por *Conimbriga* 1975, tav. LXXI, n. 90 (ao qual acresce o nº 91) e atribuído à produção de D1, embora se reconheça, na esteira das descrições de *Conimbriga*, uma pasta mais fina e um engobe que sugere relação com a africana C4.

Em *Conimbriga* são conhecidos 4 exemplares deste tipo híbrido: os nºs 83 e 84 de Delgado (1967), igualmente descritos como sendo de pasta de grão fino, com muitos enp, e engobe aderente, levemente brilhante ou brilhante, apenas na face interna (grupo 4, tipo B); e os nºs 90 e 91 de Delgado; Mayet; Alarcão (1975, p.265 e 270), que se encontraram na camada de 465/468 d.C., embora se pondere serem misturas provenientes dos adobes e argamassas de reconstruções do século IV.

Todo o perfil do tipo (com fundo recto e pé-de-anel atrofiado ou ressalto) é particularmente semelhante à H60, n. 3, produzida em E e D1, na segunda metade do século V, embora este tipo não possua as caneluras externas do bordo e possua apenas duas na face superior da aba, junto ao bordo (o nº 52 de *Conimbriga*, de bordo liso externamente, possui duas molduras na parte superior do bordo, junto ao lábio: Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, est.LXVIII, nº52) e é semelhante igualmente ao tipo *Atlante*, tav. XXXVI, n. 1, fabricado em D1, em meados do século IV, tipo que também não possui caneluras externas no bordo e apenas possui uma na extremidade da face superior da aba que é mais arqueada e une-se mais suavemente à parede. Alguns atributos aproximam-no ainda de outros tipos: o bordo pendente, mas sem caneluras externas e com as caneluras na face superior da aba, surgem no tipo H68, n. 5, de africana E, datado entre 370 e 450 d.C.; as caneluras externas no bordo surgem igualmente na H74, de C3 e C4, produzida entre 450 e 475 d.C., bem como na H76, fabricada em C4 e D1, entre 425 e 475 d.C., e ainda nas H82, 84 e 86, fabricadas em C5, no século V (*Atlante I*, p.67-69, 73, 90, 119,121). Por fim, o tipo 8.4 (próximo da H60) de El-Mahrine (Mackensen, 1993, est.56, nº4), produzido em D1, possui lábio espesso, de secção sub-rectangular, com 3 caneluras externas, e bordo inclinado, algo curvo, com várias caneluras no topo.

O tipo híbrido Stern X-b/Stern XXXIX, pode assim ter uma cronologia possível entre meados do século IV e o terceiro quartel do século V, pelo que, tal como o tipo Stern II, alcançará os momentos finais do centro produtor, em consonância com a proposta cronológica do *Atlante I* para Henchir es-Srira.

#### 3.5.3.4.2.2. *Terra sigillata* africana de Sidi Aïch?

##### **Stern III**

O nº 840 mede 267mm de diâmetro e o bordo possui duas caneluras no topo; a parede é convexa.

O tipo Stern III está identicado com 3 exemplares em Sidi Aïch (Stern, 1968, quadro V) e não possui propostas de datação.

Este tipo pode situar-se desde os inícios de laboração de Sidi Aïch, em finais do século III ou mesmo antes, e perdurar talvez até perto do fim do centro, já que o seu bordo e pança apresentam semelhanças com o tipo H83, fabricado em C5, entre 420 e 460 d.C. (*Atlante I*, p.68).

##### **Stern X d-e**

O nº 544 é um fragmento de fundo, com pé-de-anel atrofiado e parede esvasada côncava. O pé-de-anel mede 306mm de diâmetro.

Este tipo foi produzido em Sidi Aïch, onde se recolheram 3 exemplares (Stern, 1968, tabela IVa), com bordo pendente e espessado inferiormente, curvo, que se une suavemente à parede côncava. Tem,

assim, algumas semelhanças com alguns exemplares do tipo Stern Xa-c de Henchir es-Srira (Stern, 1968, quadro III).

É possível que tenha uma cronologia semelhante à proposta para a Stern X-b/Stern XXXIX (ver *supra*).

### 3.5.4. *Terra sigillata africana D1 e D2*

#### 3.5.4.1. Algumas considerações sobre a génese e organização da *terra sigillata africana C e D*

Quanto à estrutura económica destes centros tem-se apenas algumas ideias, porque a falta de escavações que tipifiquem os sítios não permite ir muito longe nesse campo.

Mackensen (2004, p.132-133) descreve Sidi Marzouk Tounsi como um *vicus circa villam*, num latifúndio que rondaria os 40ha de extensão, com termas. Peacock, Bajaoui e Ben Lazreg (1990, p.83) classificam centros de importância secundária, como Tarfayat ou Henchir el-Guellal-Madje, como *villae*, e referem materiais arquitectónicos, como colunas, em Sidi Marzouk Tounsi; concluem, contudo, que todos estes sítios serão ocupações relacionadas com a produção de azeite.

Esta ligação económica das produções de azeite e de *terra sigillata*, na Bizacena, é a posição clássica nos estudos geo-económicos respeitantes, que definem as ligações terrestres entre as áreas oleícolas interiores e o litoral (Thala - *Hadrumentum* e *Cillium* – *Thysdrus / Sullectum*), como a espinha-dorsal deste fenómeno (Tortorella, 1987, p.295).

Recentemente, Bonifay (2003, p.116-119) aventou uma outra explicação, baseada na produção de cereais. Descreve a teoria clássica segundo a qual no fim do período antonino / inícios dos Severos, as oficinas de africana C tiveram desenvolvimento ligado ao azeite, do qual resultara a dispersão da *terra sigillata* e de ânforas no Mediterrâneo ocidental. Contudo, tal não se coaduna com o facto de as ânforas da Bizacena que se encontram em *Ostia* não terem a mesma origem interior, mas antes nas grandes cidades portuárias do Sahel, como *Hadrumentum*, *Leptiminus*, *Sullectum*, e da Proconsular (Nabeul); nem se coaduna com o facto de no século IV, os grandes olivais estarem na região de Sufetula-*Cillium*-Thelepte, quando os respectivos centros de *terra sigillata*, Henchir es-Srira e Sidi Aïch, têm comercialização essencialmente regional.

*Hadrumentum* é o porto mais próximo da área de produção da africana C e está também muito próximo do porto de *Horrea Caelia* (Hergla), onde se encontram entrepostos com prováveis funções de armazenamento de cereais.

Bonifay deixa, contudo, uma segunda hipótese explicativa, em que o azeite poderia ser transportado para o litoral e só aí envasado em ânforas, tal como acontece na segunda metade do século IV em Cartago, o que combinaria com a tese clássica.

Quanto à estrutura em si da produção de *terra sigillata africana*, temos apenas alguns dados epigráficos, num total de 42 casos de marcas em vasos.

Da colecção Farges, com peças da Argélia e Tunísia, conhece-se uma marca em matriz para relevos aplicados (Tortorella, 1987, p.295):

- of. *Silvani*

A cerâmica de El-Aouja ou C1/C2 de Relevos Aplicados, com datações de primeira metade e terceiro quartel do século III, e uma difusão essencialmente regional, (Mackensen, 2003, p.279), tem uma série de 16 marcas:

- Ex oficina *Viluti* (*Atlante I*, p.76; Tortorella, 1987, p.284).
- Ex fo(ficina) *Nabig(i)* (*Atlante I*, p.177)
- *Saturninus / ex of(f)icina* (*Atlante I*, p.177)
- *Nabigiu(s) pingit* (*Atlante I*, p.177)
- *Nabigius pingit* (2 exemplares; *Atlante I*, p.178)
- Ex of(f)icina / *Navigi* (2 exemplares; *Atlante I*, p.178, 179)
- *Tahinatis* (*Atlante I*, p.178)
- Ex of(f)icina / (T)ahinatis (*Atlante I*, p.179)
- Ex (of)ficina / (T)ahini (*Atlante I*, p.179)

- *Ex of(f)icina / Gadudio / nis* (Atlante I, p.178)
- *Ex of(f)icina Olit / resis* (Atlante I, p.179)
- *Ex of(f)icina Septus* (Atlante I, p.179)
- *Ex o(ff)ic(in)a Pullanei* (Atlante I, p.182)
- EX OFICINA IANUARI (Salomonson, 1968, p.138)

Quatro *pugilla* são atribuídos à actual Tunísia central, com os grafitos:

- *ex of[f]ic / na magni* (Mackensen, 1993, p.78, tipo 1, n.3 = Mackensen, 2004, p.138-139)
- *pugillu(m) / victoris / magni* (Mackensen, 1993, p.78, tipo 1, n.2)
- PAULINVS (Mackensen, 2004, p.138-139)
- NARC.] (Mackensen, 2004, p.138-139)

De el-Djem (Tortorella, 1987, p.295), conhece-se um punção com a marca:

- *ex officina Proculi*

No centro produtor de Sidi Marzouk Tounsi (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, p.70 e fig.8a), foi recolhido um bordo de caixa de cozedura, com o grafito:

- SITALI ou STALI

Mackensen (1993, p.78, tipo 1/2, n.1 = 2004, p.138-139) refere um *pugillum* atribuído à Tunísia central, que considera ser de Sidi Marzouk Tounsi, com grafito cursivo datado de fins do século V / inícios do VI:

- *ex of[f]icina quod / vultdei tzacunis / cresce[n]s pugi / l[l]um fecit*

Quanto à Proconsular e respectivas produções de africana D1 e D2, conhecem-se instrumentos de cozedura e *pugilla* com grafitos.

De Bordj el Djerbi conhecemos 3 cassetes cilíndricas:

- [ex] ofi[ic]ina... ] (Mackensen, 2004, p.140-141)
- [ex] oficina T(it)i (Mackensen, 2004, p.140-141)
- EX OFICIN[A... ] (Mackensen, 2004, p.140-141)

No mesmo centro existe um *pugillum* com bênção:

- (... ) / (... ) felici / [te]r bono tuo / (... ) emeni (Mackensen, 1993, p.474):

Em El-Mahrine dois instrumentos de cozedura possuem grafito:

- (... ) ANI (Mackensen, 1993, p.70-71, fig.14, nº2)
- (... ) ponog (... ) / (... ) i fecit (... ) (Mackensen, 1993, p.70-71, fig.14, nº3)

De Oudhna, centro produtor de D2, conhecemos os grafitos:

- *ex officina Felicis* (Tortorella, 1987, p.295)
- *ex of(icina) / Abis(...)* (= Mackensen, 1993, p.77, tipo 1, n.1)
- *Renati* (= Mackensen, 1993, p.77, tipo 1, n.2)

Gaukler deu à estampa um grafito proveniente do Museu Saint-Louis, em Cartago (*apud* Tortorella, 1987, p.295 = *CIL*, VIII, n.10475, 4 e Mackensen, 1993, p.78, tipo 1/2, n.1), em *pugillum*:

- *ex of(f)icina / Abedonis*

No centro produtor de Henchir el-Guellal, Djilma, na Tunísia central, estão publicados 8 grafitos em caixas de cozedura (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, p.79):

- BAGR.
- RRO.
- /ICIUS C / C(invertido) C /Ξ (... *icius* 2000?)
- RO.
- RRO.
- AB.
- ?AVC.
- ?R??.

Para Salomonson (1969, p.89 e 92), o oleiro *Navigius* foi o mais conceituado da produção de C1/C2 de relevos aplicados, conhecendo-se assinaturas em todos os tipos da produção, e as fortes relações das técnicas de fabrico desta produção deixam antever que tenha existido um único centro, mas com várias oficinas, entre as quais a do citado *Navigius*, que produziu igualmente lucernas, em Henchir es-Srira, nos finais do século III e inícios do IV (*Atlante I*, p.176; Tortorella, 1987, p.294).

Os oleiros apresentam-se na maioria dos casos com *cognomina*, mas dois oleiros tardios destacam-se: *Vultdeus Tzacunis* (produção de africana C5, provavelmente) apresenta *nomen* e *cognomen*; um oleiro escreve apenas o *praenomen*, *Titus* (produção de africana D1).

Os restantes oleiros, tanto de africana C, como de D, apresentam-se com *cognomen*. Estes, bem como *Vultdeus Tzacunis*, serão de possíveis homens livres (*peregrini*); já *Titus* poderá ser cidadão romano ou liberto, que de uma forma pouco habitual, apenas apresenta o *praenomen*.

Área de produção	Total	Nº de exemplares
Indeterminada	1	1? (" <i>of. Silvani</i> ")
El-Aouja (C1/C2 de Relevos Apl.)	16	12
Tunísia central (africana C)	7	3
Henchir el-Guellal (africana C, C/E, E e A/D)	8	0
Tunísia setentrional (africana D)	10	6
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>22</b>

Figura 77 - Marcas em terra sigillata africana com a expressão *Ex Officina*.

Encontramos o termo *officina* num total de 22 casos, o que parece demonstrar a capacidade produtiva, consumada em estruturas mais complexas, facto ao qual acrescem duas associações na Tunísia central: *Victoris* terá feito um *pugillum* para o oleiro *Magnum*, possivelmente o mesmo oleiro de outro *pugillum* com a expressão *ex officina*; enquanto que *Crescens* terá feito um *pugillum* para o oleiro *Vultdeus Tzacunis*, dono da *officina* (Mackensen, 1993, p.474).

Um aspecto que nos parece de extrema relevância é o facto de 22 casos expostos de oficinas apresentarem, num único caso (de origem indeterminada) o termo *officina* e em 21 exemplares a fórmula *ex of(ficina)*, típica dos oleiros da terra sigillata hispânica do Alto-Império.

Um centro produtor destaca-se deste aspecto: Henchir el-Guellal, Djilma. Aqui, os 8 grafitos em caixas de cozedura encontrados parecem ser de nomes em nominativo e possivelmente também em ablativo. Aceitando a proposta de Mackensen (2003, p.285), segundo a qual a cerâmica de C1/C2 de Relevos Aplicados foi produzida em Sidi Marzouk Tounsi e não em Henchir el-Guellal, Djilma, o qual parece, pelas análises químicas, mais relacionado com Henchir es-Srira (Mackensen; Schneider, 2002, p.141), e parecendo ser o fenómeno de identificação das peças bem patente na C1/C2 de Relevos Aplicados, pode concluir-se que o centro de Sidi Marzouk Tounsi, produtor também de africana C1 a C5, deverá estar relacionado com este tipo de texto; enquanto que Henchir el-Guellal, Djilma, produtor de africana C1 a C4 e A/D, enveredou por outro tipo de texto epigráfico (nominativos?). Curiosamente é o único centro que tem uma produção de tradição mais antiga, africana, a A/D, cuja génese está no Norte da Tunísia, na africana A (produção para a qual não se conhece ainda nenhum centro, nem qualquer grafito).

Poderá isto ser um reflexo de influências hispânicas no nascimento da terra sigillata africana C, na Bizacena, com continuação da fórmula na africana D, da Proconsular?

Tal não é evidente na tipologia e fabricos africanos; mas pelo contrário, influências africanas são evidentes na tipologia e técnica tardo-hispânica do vale do Ebro e do Douro, bem como nos casos conhecidos mais recentemente de terra sigillata de Andújar, produzida no século III, imitando o tipo H48 (ver *supra* capítulo sobre a terra sigillata hispânica).

Temos igualmente contra esta hipótese, o desfasamento cronológico entre a produção hispânica alto-imperial e a produção de africana C, embora a continuidade de produção no vale do Ebro durante o século II e III pareça ganhar contornos com a terra sigillata hispânica intermédia e com dados mais recentes de sigillata de Andújar em contextos de século III (ver capítulos 3.4.3, 4.1.3 e 4.2.1.4.2).



Neste contexto, seria plausível a migração de oleiros e outros negociantes (ou até terratenentes) hispânicos para a área da Bizacena, no século III (quando a Proconsular ainda produzia africana A), podendo ser um dos factores de mudança, explicativo do nascimento da *terra sigillata* africana C, embora falte sustentação empírica para esta hipótese.

Quanto à estrutura da produção de *terra sigillata* africana D, Mackensen (1993, p.471-473) tenta aplicar ao Norte da Tunísia, aquele que parece ser o modelo existente na produção anfórica para vinho no Egípto, expresso em papiros dos séculos III e VI. Por exemplo, nos papiros L3596 e L3597, datados de c.250/255 d.C. e 260 d.C., exprime-se, no primeiro documento, um contrato de aluguer de ¼ de oficina de ânforas de vinho, com a duração de 1 ano, em que a proprietária se chama *Aurelia Apia* e o arrendatário é um escravo de *Septimius Eudaimon*, chamado *Claudianus*; no segundo papiro, *Claudianus* e *Septimius Eudaimon* fazem entre eles próprios um contrato de arrendamento também de 1 ano, para 1/3 de uma oficina, sabendo-se, neste caso, que os restantes 2/3 pertencem aos irmãos de *Septimius Eudaimon*. Mackensen analisa ainda as *Tablettes Albertini*, datadas de fins do século V, originárias do Sudoeste da Tunísia. Destaca duas leis: a lei de Constantino II, datada de 337 d.C. (= *Cod. Theod.* XIII, 2), em que um grupo de *artifices artium*, bem como oleiros (*figuli*), que trabalhavam na cidade, ficam isentos de impostos, e outra lei do Código de Teodósio (*Cod. Theod.* XIII, 1, 10), datada de 374 d.C., em que a isenção de impostos também é atribuída às oficinas rurais.

Mackensen pensa que estas facilidades concedidas a oleiros da Bizacena e o sistema de arrendamento de oficinas para ânforas de vinho no Egípto, teriam também ocorrido na Zeugitânia, onde grandes proprietários teriam investido os seus lucros agrícolas na construção de infraestruturas oleiras e arrendado estas a oleiros da *terra sigillata* africana D, nomeadamente em centros de produção rurais como os do vale do Mejerda.

As cautelas para a extrapolação de um modelo diverso regional (Egípto) e economicamente (ânforas de vinho) são naturalmente acentuadas por autores como Pavolini e Tortorella (1997, p.269).

Por último, diríamos também que a explicação do uso *ex officina* na *terra sigillata* africana D feita por Mackensen, para quem seria o reflexo da existência destas oficinas rurais alugadas aos oleiros, poderá ter também a explicação que adiantámos para esta produção e para a congénere, mais antiga, de africana C da Bizacena, onde o termo já estava bem difundido, com excepção de Henchir el-Guellal, Djilma.

### 3.5.4.2. Origem e cronologia

Bonifay (2004, p.49) determina 4 grandes áreas / centros de produção de africana D, no Norte da actual Tunísia: o baixo vale do Mejerda, onde se situam os centros de El-Mahrine, Henchir el-Biar e Bordj el-Djerbi (produção de D1); o centro de Oudhna, no baixo vale do Miliane (produtor de D2); um centro desconhecido, denominado por Bonifay de “atelier x” e denominado por Mackensen e Schneider (2002, p.128) de “large D2 pottery” e localizado pelos autores a Norte da cadeia montanhosa, na região de El Fahs, Zaghouna e Oudhna; e o centro de Sidi Khalifa (*Pheradi Maius*), no golfo de Hammamet, cujos produtos se aproximam da D2 (Mackensen; Schneider, 2002, p.127; Mackensen, 2004, p.150), e que Bonifay (2004, p.49) prefere atribuir a um fabrico que denomina de “C/D”, pela sua aproximação aos fabricos da Tunísia central. Bonifay associa ainda a este grupo C/D o centro de Chougafiya (Henchir el-Guellal), na Tunísia central, que produziu H88 (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.4, nº23). Na esteira de Tortorella (1995, p.85), poderíamos ainda considerar a possibilidade de outros dois centros da Tunísia central terem produzido africana D: Ksar el-Guellal, que produziu uma variante de H76 e de H91 (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, p.74), e Sidi Saad, que produziu H58B (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.4, nº6).

O centro de Sidi Khalifa terá começado a laborar em meados ou fins do século IV (Mackensen, 2004, p.150) e o seu repertório inclui H61B, 86, 87A, 91C, sendo a mais importante das formas a H88. Produziu ainda variantes de H103A e H91, bem como cerâmica de cozinha (Bonifay, 2004, p.56).

O “atelier x” laborou entre 320-330 d.C. e finais do século VII (Mackensen; Schneider, 2002, p.128) produziu grandes pratos H103 e 104, com estilo E(ii), que estão bem representados em Cartago (Bonifay, 2004, p.49).

No baixo vale do Mejerda situam-se os três centros de D1, conhecidos por prospecção: El-Mahrine (1,8 ha de dispersão), Bordj el-Djerbi (2 ha) e Henchir el-Biar.

A semelhança tipológica demonstra que os três centros terão tido um começo simultâneo, nos inícios (?) do século IV (Mackensen, 2004, p.141), sendo que El-Mahrine atingirá 640/660 d.C. ou o último terço do século VII, enquanto que Bordj el-Djerbi parece chegar a inícios ou meados dessa centúria, e Henchir el-Biar se quedará pela primeira metade do século VI (Mackensen; Schneider, 2002, p.125).

O mesmo repertório formal está atestado nos três centros, até meados do século V, consumado pelos tipos H58B, 59A/B, 61A e A/B, 62A, 63, 67, 76A/B, 67/71 e 73A/B. Também o repertório decorativo é bastante semelhante, com domínio do estilo A(ii)-(iii). É a partir de meados do século V que se notam diferenças de produção: enquanto Henchir el-Biar não tem elementos suficientes de análise, os restantes dois centros continuam muito semelhantes, com domínio da H93B var., 104A e B, 104Bvar. e H91var.. Bordj el-Djerbi não produziu o estilo transicional A(iii)-E(i), ao contrário de El-Mahrine na sua segunda fase de produção (a partir de 450 d.C.), mas tem um elemento de ligação importante para um tipo que parece ser típico da produção D2 (ou talvez de Sidi Khalifa), tal como o estilo decorativo E: referimo-nos ao tipo H61B, produzido em grandes quantidades ainda na primeira fase de produção, até 450 d.C. (Mackensen, 1993, p.127).

El-Mahrine é o principal dos três centros, não só em extensão temporal, mas também na sua capacidade produtiva de *terra sigillata*, à qual se associou também a de lucernas de tipos como Hayes IB e IIB e a de alguma cerâmica comum (Mackensen, 2004, p.141). A sua prospecção foi objecto de extensa publicação monográfica (Mackensen, 1993), na qual se expõem os resultados dos cerca de 3000 fragmentos recolhidos, que levaram à elaboração de uma tipologia própria, homologada às já existentes, nomeadamente a de Hayes (1972) e a de Fulford e Peacock (1984), com 64 tipos formais e 280 tipos de estampas decorativas (Mackensen, 1998a, p.31).

Mackensen (1993, p.181-308) definiu 4 estilos decorativos para a decoração estampada que denominou de I (=A de Hayes), II (=A(iii)-E(i)), III (=A(iii)-E(i) e em parte também a E(I)), e IV (=E(i), E(i)-(ii) e E(ii)). O estilo A representa 40% do total e, dentro do estilo A, o estilo A(ii) representa 83% (p.226). Este estudo comprova a relação dos estilos A e E de Hayes, num centro produtor, sendo mesmo que 2/3 dos motivos que já eram conhecidos para o estilo transicional A(iii)-E(i) estão presentes em El-Mahrine (Mackensen, 1998a, p.31). Esta transição está igualmente documentada no centro de Oudhna, em D2 (Barraud; et Al., 1998, p.149).

Outro aspecto de relação com a produção D2 assenta nas formas H99, 103 e sobretudo H104 e 104var., produzidas nos períodos 2 a 4 (450-640/660 d.C.), que representam, respectivamente, 3, 81%, 0,71% e 44,89% de um total de 708 fragmentos de bordo deste período 2-4 (Mackensen, 1993, p.380).

Já o início da produção do período 1 (**ver anexo 2, tabela 16**) é marcado pela importância das H67, 59 e 61A, bem como pela escassa presença de H58B. No decorrer deste período outros tipos assumem relevo, nomeadamente as H76 e 73, mas também as H91, 80/81 e 67/71.

O centro de Oudhna laborou entre 470-480 d.C. e meados do século VI, pelo que se reporta essencialmente à produção de D2 mais tardia. Localiza-se em ambiente urbano e o seu repertório formal é limitado; nele se destaca a H99A-C (Mackensen; Schneider; 2002, p.128); enquanto que das suas 300 estampas, apenas estão publicadas 39 que se inscrevem essencialmente no estilo E(i) (Mackensen, 1998a, p.30). As escavações mais recentes do sítio provaram definitivamente a existência de produção local, em 4 fornos (mas num total de 15 fornos prospectados na área das termas dos *Laberii* e na área periférica nordeste), dando ainda a conhecer uma possível produção dos estilos E(ii) e A(iii) (Barraud; et Al., 1998, p.149). Para além da H99, o leque tipológico abrange sobretudo H95 a 98, 91B tardia e 91C (Bonifay, 2004, p.55).

A prospecção do litoral tunisino publicada por Bonifay et Al. (2002-2003, p.171-173) revela que, na área do golfo de Gabès, a africana D está bem representada a partir do século IV; que, nos séculos V e VI, os tipos H61B, 88 e 103 de Sidi Khalifa caracterizam a mancha do golfo de Hammamet, e que a costa norte tem uma ampla difusão de tipos do vale do Mejerda, em D1 (H61A, 67 e 76).

Embora Tortorella (1987, p.295) considere possível que os centros do vale do Mejerda possam ter igualmente produzido africana A, tal não possui qualquer comprovação (Mackensen, 1993, p.465).

Para Mackensen (1993, p.465-466 e 401), as raízes mais importantes da africana D1 poderão estar na Tunísia central, em particular nas produções de C1, C2 e C3. Isso seria demonstrado, ao nível formal, pela produção na Tunísia central da H58A, homóloga da H58B, bem como pela ligação possível entre a H49, em C2, e a H61A. A isto pode acrescentar-se os dados já referidos *supra*, sobre Ksar el-Guellal, que produziu uma variante de H76 e de H91 (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, p.74), e Sidi Saad, que

produziu H58B (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.4, nº6), tal como os tipos H94, 96, 97 e 98, que também foram produzidos em Sidi Marzouk Tounsi, sendo os últimos três tipos característicos de Oudhna (D2). Mas os principais dados de Mackensen (1993, p.466 e fig.124, nº9-10 e fig.125, nº2) seriam um exemplar de fundo de H49, em C2, datado de 275-300 d.C., com decoração estampada em três bandas cruzadas, bem como a documentação de alguns exemplares em *Ostia*, *Emerita Augusta* e Sidi Marzouk Tounsi, em C1/C2, com decoração estampada no bordo horizontal, e o facto de o motivo 20 de Hayes (1972), em A(i), existir também na Tunísia central. A isto acresce, numa fase já contemporânea da produção da *sigillata* africana D, o facto de o estilo D estar igualmente documentado em Sidi Marzouk Tounsi (Mackensen, 1998b), e o facto de os estilos A(ii) e B terem sido também produzidos em Henchir es-Srira e Sidi Aïch (Stern, 1968, est.1). Pavolini e Tortorella (1997, p.267) advertem, contudo, que a decoração estampada também existe na africana A, pelo que não é totalmente claro que o nascimento da africana D1 no vale do Mejerda se deva apenas a uma possível deslocação de oleiros da Tunísia central como defende Mackensen. Por último, existem ainda dois outros elos: um, com a africana E, patente na produção, em El-Mahrine, de H62A e H60 (e, em nossa opinião, a H58A = Mackensen, 1993, est.52, nº55-6); outro, com a C3 de relevos aplicados, que são inexistentes em Henchir el-Biar e Bordj el-Djerbi, mas produzidos, embora em fraca quantidade, em El-Mahrine, e sempre de fraca qualidade (Mackensen, 2004, p.150).

A mudança na produção da africana D, no Norte da Tunísia, datada tipologicamente de cerca de meados do século V, acompanhada pelo apogeu da africana C5, na Tunísia central, tem motivado uma discussão desde há algumas dezenas de anos.

Segundo Fulford (Fulford; Peacock, 1984, p.107-113), as escavações de Cartago demonstravam um decréscimo no surgimento de novas formas após 425 d.C.. Entre 400 e 425 d.C. haviam surgido 9 novas formas; entre 425 e 450 d.C., 4 novas formas. Seguiu-se uma revitalização, com 5 ou 6 novos tipos entre 475 e 500 d.C., bem como novos motivos de decoração estampada dos estilos A(iii) e D, desconhecidos fora de Cartago, entre 450 e 500 d.C.; e, nos inícios do século VI (500-525 d.C.), com 7 ou 9 tipos novos. Fulford defendia a partir destes dados que a ocupação vândala havia provocado uma crise de produção, mas sobretudo comercial, já que algumas formas e decorações eram produzidas, mas apenas comercializadas localmente, em Cartago. A diminuição de dados em *Conimbriga*, entre 425 e 475 d.C., seria uma comprovação da crise do comércio a longa-distância. Entre finais do século V e meados do século VI dar-se-ia uma retoma comercial, iniciada no período tardo-vândalo, ou seja, antes da reconquista bizantina.

Tortorella (1987, p.301-304 e figs.3-6) contradiz esta teoria de crise do comércio a longa-distância, já que, na segunda metade do século IV e primeira do V, ocorre a difusão mais ampla da africana D, acompanhada pelas C e E. A crise diagnosticada por Fulford diria assim respeito exclusivamente a Cartago. Reconhece, contudo, que a época vândala é de gradual declínio, mas sem ruptura. Nega igualmente o “renascimento bizantino” afirmando que este período apenas confirma e acentua a crise paulatina iniciada no período vândalo.

Mackensen (1993, p.488-491) confirma este modelo, a partir dos dados de El-Mahrine, com mudanças na tipologia e nas decorações, agora com inspirações cristãs, no período médio-vândalo. Dá-se então a passagem do período de produção 1 para o 2. Neste período médio-vândalo dá-se uma reestruturação, datável em 450/460 ou 470/480 d.C.. A partir de então, em época tardo-vândala e bizantina inicial, a difusão de El-Mahrine entra claramente em declínio, sendo que a maior parte do primeiro terço do século VI é um mero desenvolvimento de tipos antigos (Pavolini; Tortorella, 1997, p.271).

Segundo Tortorella (1998, p.43), é no segundo quartel do século VI que uma série de formas iniciadas em meados do século V desaparecem: as H87, 88, 93, 94-98, 99A, 12/102 e 110.

Para Bonifay (2003, p.121-123), a retoma, embora tímida, da produção norte-tunisina, deve-se então a uma transferência do dinamismo do vale do Mejerda (D1) para o vale do Miliane, em particular para o centro de Oudhna (D2). A proposta já aventada por este autor para a economia centro-tunisina e a *terra sigillata* africana C, na qual os cereais poderiam ter desempenhado um papel de relevo (ver *supra*), é novamente trazida à colação para explicar a mudança na segunda metade do século V, na produção e comércio de africana D, partindo do pressuposto de que os vales do Mejerda e do Miliane são propícios à produção de trigo. Baseia-se no facto de as ânforas da Bizacena chegarem a Cartago e ao Mediterrâneo oriental, quando o comércio de *terra sigillata* já não tem essa vitalidade, o que poderia ser um reflexo de um fenómeno sem evidência arqueológica directa: a paragem do fornecimento de trigo africano, durante o período vândalo.

### 3.5.4.3. Descrição dos fabricos

No *Atlante I* (p.78), a produção D1 é considerada, em termos de fabrico, sucessora da A2, enquanto que a D2 terá a sua matriz na A/D; as suas descrições baseiam-se em Hayes (1972, p.291-292).

A africana D1-1ª fase está datada dos séculos IV e V: a pasta varia entre fina (exemplares mais antigos) a grosseira; o engobe não cobre toda a superfície externa da parede e a sua espessura é variável; geralmente é lustroso, bem polido, de tom rosado, vermelho alaranjado ou vermelho-tijolo.

A africana D2-1ª fase data-se de fins do século IV a inícios do VI e possui pasta geralmente grosseira, laranja-castanho claro e engobe fino, brilhante e bem polido, que tende a lascas.

Nas escavações de Marselha, Bonifay (1983, p.306; **ver anexo 2, tabela 32**) explana 4 grupos de fabrico, que denomina de D1 (H59, 61B, 67, 76, 91A ou B), D2 (H61B, 82, 87, 91B e sobretudo C (H93-94, 96-97, 99A ou B, 103 e 104), D3, grupo muito próximo e possivelmente derivado de D2 (H90, 91D, 101, 105 e talvez 109), e D4, que parece ser uma produção particular (H91C e D, 98, 99C e 109).

Em 1998, Bonifay desenvolve esta sistematização (Bonifay; Carré; Rigoir, p.363) e atribui o grupo D2 a Oudhna e talvez Sidi Khalifa. Considera-se os grupos D3 e D4 como minoritários e relacionados com formas tardias. O grupo D3 possui pasta vermelha a *marron-beige*, granulosa, e engobe fino, por vezes inexistente, laranja ou rosa, podendo ter pontos mais escuros; o grupo D4 possui pasta bege, porosa, frágil, e engobe rosa-laranja, muito fino, suave, que por vezes descama. Estipula ainda um novo grupo, D5, e equivale-o ao tipo “la” das escavações de Alicante (Reynolds 1987, p.15; *apud* Bonifay; Carré; Rigoir, p.363): pasta frágil, engobe vermelho-castanho, mate e pouco aderente; surge nos tipos H87 A, B e C.

As análises publicadas por Mackensen e Schneider (2002, p.141) chegam a um conjunto de conclusões: a primeira é a de que os grupos D1 e D2 se distinguem claramente da africana C1-5; no seio da D1, os três centros produtores conhecidos no vale do Mejerda são distinguíveis; a D1 distingue-se por seu lado, da D2; e, por último, Oudhna, centro produtor de D2, distingue-se do próprio grupo D2.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### ***Terra sigillata africana D1***

Pasta semelhante à da A2, mas mais dura, pouco compacta, granulosa, de fractura conchoidal, com enp de pequenas e por vezes médias dimensões, muito bem distribuídos e em pouca quantidade (quartzo e mica branca). Cor entre M40/N35.

Engobe relativamente mal conservado, parece cobrir toda a peça, relativamente fino, mate, de cor N37/N39.

Tal com na A2, há alguma porosidade nas superfícies da pasta e do engobe.

Três exemplares da H58B, nn. 9 e 11 (nº Arq-907 – sem estampa -, e nºs 548 e 550) apresentam engobe com melhor polimento - embora o primeiro exemplar ainda tenha as superfícies da parede interna e do bordo porosas – e de tonalidade levemente mais acastanhada, cor N37/P37 (relação com a africana C/E?).

Dois fragmentos de H67A (nºs 574 e 854), 7 fragmentos de H59B, os exemplares de H59A e de H61A (mas não os de H61A/B) e o exemplar de H68 apresentam pasta mais fina e pouco dura, mas mais compacta - por vezes ligeiramente porosa e um pouco mais dura na H61A – de fractura conchoidal menos irregular, vácuos arredondados muito pequenos, com finíssimos enp bem distribuídos (mica branca e quartzo), que na H61A podem atingir tamanho médio (quartzo). Revela por vezes uma fractura um pouco mais linear. Pasta de cor N39.

Apenas um exemplar da H61A/B2, nº 571, apresenta engobe que não cobre toda a parede externa, parecendo atingir apenas de forma regular a superfície externa abaixo do bordo.

O exemplar do tipo H62/64=Fulford 6.1 tem uma pasta que se assemelha às de D1 de grão mais fino ou às C4 mais próximas destas. A sua pasta é de grão médio, com bastantes vácuos muito pequenos, arredondados e enp pequenos em franca quantidade (sobretudo calcite, mas também mica branca e minerais negros); cor N45. Engobe não conservado.

#### ***Terra sigillata africana D2***

Quatro pastas:

O tipo H64, n. 2 possui pasta de grão fino, algo dura, com pequenos vácuos arredondados, frac-



tura irregular, e poucos enp de pequenas (mica branca) e médias (quartzo e calcite) dimensões; cor N39/P39. O engobe não se conservou.

O tipo L59=H79 (nº 592) possui pasta de grão médio, dura, com vácuos de pequenas dimensões, arredondados e enp de pequenas dimensões, em média quantidade (quartzo, mica branca e calcite – esta de grandes dimensões); cor N25. O engobe, mal conservado, é pouco brilhante e de espessura média; parece cobrir ambas as faces; cor entre o N39 e o P39.

O tipo H80B/81B (nº 590) possui pasta de grão médio, com muitos enp de médias dimensões (quartzo, mica branca e rara calcite), de fractura algo irregular; cor P45/P40. As superfícies são muito rugosas devido à quantidade elevada de enp. O engobe está conservado internamente; é de espessura média e de tom mate, cor N37. Trata-se de uma imitação?

Os tipos H87B (nº 591) e Guèry, 1970, fig. 69 (nº 776) possuem pasta de grão médio (o tipo H87B tem excesso de cozedura), alguns vácuos pequenos arredondados, fractura algo irregular e enp de pequenas dimensões em média quantidade (mica branca e quartzo); cor (junto às superfícies) N45. O engobe, relativamente mal conservado, é espesso, muito pouco brilhante e parece cobrir o interior e talvez o bordo; cor N37. Este fabrico aproxima-se bastante daquele que denominamos de *afim a A/D*. Um caso semelhante é conhecido em Sidi Jdidi, onde o tipo H79 pertence a um fabrico homogéneo, pouco distante do fabrico em A/D (Bonifay, 2004, p.173).

### 3.5.4.4. Análise tipológica e estratigráfica

#### 3.5.4.4.1. *Terra sigillata africana D1*

##### L52c

Na sequência de Hayes (1972, p.447), que não associa o tipo H58 aos tipos L52c e L52b, bem como de Bonifay (2004, p.166-167) relativamente ao tipo L52b, pensamos, ao contrário da proposta do *Atlante I* (p.81), que ambas as formas de Lamboglia (1963, p.197) são realmente uma realidade distinta do tipo H58, embora também com fabrico em africana D1.

Parece-nos ser possível traçar uma *sequência evolutiva / cronológica* desde a L52c até à L52b, embora as datações disponíveis sejam ainda escassas e a área de produção seja igualmente uma incógnita. No centro de El-Mahrine, produtor de TSAf D1, este tipo é desconhecido (Mackensen, 1993) e, em virtude também da sua escassez em Cartago, equaciona-se uma possível área de produção mais distante desta cidade (*Atlante I*, p.259). Acresce ainda que os elos de transição que propomos não são totalmente seguros e não possuem evidência crono-estratigráfica.

*Supra*, propusemos a atribuição ao fabrico afim a A/D, para o nº 708, do tipo L52c, que nos parece assim o exemplar mais antigo da sequência evolutiva, datado possivelmente ainda do século III, embora o **contexto 12**, onde se insere, se situe entre os séculos III e V.

No século IV este tipo está documentado, em africana D, em Ventimiglia (Lamboglia, 1963, p.197), embora a datação diga respeito aos tipos L52c, L52b e H58B, pelo que não sabemos se a referência à presença destes tipos, indiscriminadamente, em todos os níveis tardo-romanos, poderá expandir esta cronologia.

Morfologicamente, o tipo L52c possui fundo plano, que só no caso da produção em *afim a A/D* de Chãos Salgados parece ter pé-de-anel atrofiado, sendo que a parede, esvasada e baixa, conduz a um bordo plano e horizontal, algo longo e espesso, como a parede e o fundo.

Dois exemplares de Chãos Salgados (nºs 545 e 546), em africana D1, estão classificados também como L52c, embora o seu perfil pareça denunciar uma transição para a L52b: o bordo já não é tão alongado e está muito próximo dos exemplares de Arles e Ventimiglia, do tipo L52b, embora a parede continue esvasada e aparentemente baixa. Os diâmetros divergem: 240 e 304mm. Sem contexto, datamos tipologicamente estes dois exemplares na primeira metade do século V, tendo em conta o final das importações em Chãos Salgados.

Datado estratigraficamente da segunda metade do século V está o exemplar de Ventimiglia (Gandolfi, 1980, p.107, tipo Ventimiglia 1), classificável no tipo L52b, que consideramos sucedâneo. O fabrico deste exemplar é diverso ao da africana D1: pasta cinzenta, embora com engobe avermelhado.

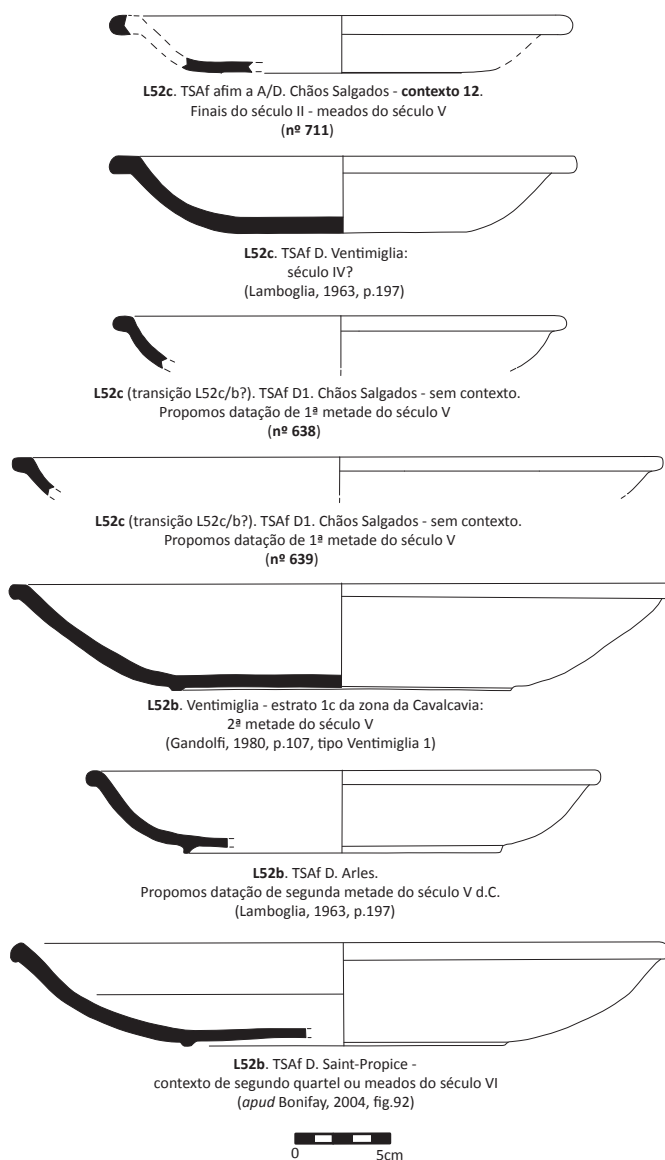


Figura 78 - Proposta de evolução dos tipos Lamboglia 52c e 52b.

Também do mesmo tipo, o exemplar de Arles (Lamboglia, 1963, p.197) possui fisionomia semelhante, embora com parede mais curta e menos evasada. Ambos possuem um bordo curto e horizontal e fundo com pé-de-anel. Parece então, que no século V, o esvasamento pode variar, a ver por estes dois exemplares. Cremos igualmente que uma datação de segunda metade do século V é plausível para o exemplar de Arles, já que a sua fisionomia parece distinta da dos dois exemplares de Chãos Salgados, considerados de transição entre a L52c e a L52b. O surgimento do pé-de-anel, neste século V, pode estar relacionado com influências da africana C5 da Tunísia central, onde os tipos H82-84 possuem este atributo, até mais desenvolvido. O andamento do exemplar de Arles tem até algumas semelhanças com o andamento da parede da H83 (Hayes, 1972, p.130-131).

Por último, um exemplar de Saint-Propice (apud Bonifay, 2004, p.166-167 e fig.92) pertence a um contexto do segundo quartel ou meados do século VI. O seu perfil denota também alguma evolução em relação à segunda metade do século V: mantém-se o pé-de-anel, mas o bordo está claramente mais curto, sendo agora quase que um espessamento externo; a fisionomia do bordo, o andamento da parede, com uma ligeiríssima inflexão para dentro a meia altura, bem como o diâmetro agora mais largo (350mm) assemelham um pouco este tipo L52b da primeira metade do século VI a uma outra forma produzida exactamente nesta altura - o tipo H87B, em particular o n. 3 de Hayes (1972, p.134, fig.24),

cuja produção em D2 (ver *infra*), não deixa de ser um aspecto sugestivo, tendo em conta que os tipos L52c e L52b são raros em Cartago e que existe um exemplar em Chãos Salgados, em fabrico afim a A/D, que possui semelhanças com o fabrico de algumas peças de D2 neste sítio, como é o caso do fabrico do tipo H87B (ver *infra*).

### H32/58

Chãos Salgados possui três exemplares deste tipo de transição entre as formas H32, *Ostia* I, figs.29 e 31, em A/D, e a H58B, em D1, com fundo horizontal, que se une à parede formando um ressalto, e bordo liso pendente (*Atlante* I, p.81).

Os exemplares de Chãos Salgados medem 202 e 261mm de diâmetro de bordo, sendo o último valor respeitante ao nº 557, cuja altura é de 38mm.

Hayes (1972, p.95) data o tipo nos finais do século III e inícios do IV.

### H58B, nn. 9 e 11

Os 30 exemplares de Chãos Salgados (nºs 548-556) apresentam uma grande variedade de diâmetros de bordo: 160 a 480mm, o que estravasa largamente, por defeito e por excesso, os valores descritos por Hayes (1972, p.93-95) para a H58 (270 a 360mm).

Possuem sempre bordo horizontal (não se verifica nenhuma leve inclinação, como acontece em exemplares do *Atlante* I (p.81 e est.XXXII), liso, ou com uma ou duas finas caneluras, situadas a meio da aba, ou mais junto ao bordo.

Num dos exemplares (nº 838), a face interna do bordo foi realizada mediante a técnica de *champhered rim*, possuindo não uma nervura contínua em vez da aresta, mas nervuras ao longo desta. Não conhecemos paralelos para este caso. O único fenómeno mais próximo e até de cronologia semelhante é o tipo H59A, com nervuras longas e oblíquas na parede externa.

A proveniência do tipo H58B é ainda uma questão essencialmente em aberto. No século IV, a H58 encontra-se bem difundida no litoral da actual Tunísia, não se distinguindo nenhuma área mais específica (é mesmo rara em Cartago), ao contrário da H59 que está mais concentrada na costa norte (Bonifay; et Al., 2002-2003, p.139). A sua, ou as suas proveniências, são assim uma incógnita (*Atlante* I, p.259; Tortorella, 1987, p.286).

Em níveis do século IV, na província de Tarragona (Macias; et Al., 1997, p.156), uma série de exemplares de H58B possui fabrico de pastas claras e engobes alaranjados.

Em *Turris Libisonis* (Villedieu, 1982, p.234-235) foram definidos 4 fabricos para este tipo. Três estão relacionados com a africana D1:

1 – pasta granulosa e engobe alaranjado, com brilho, que cobre pelo menos uma parte do exterior (grupo característico do século IV);

2 – pasta granulosa, rica em calcite, e engobe alaranjado, mate (essencialmente, século V);

3 – engobe espesso e cuidado, característico do século V.

Definiu-se ainda um 4º grupo, que nos parece relacionado com a africana C/E:

4 – pasta castanha ou castanho-vermelha, granulosa, e engobe vermelho escuro que tende a des-camar.

Este último grupo estará igualmente representado em Chãos Salgados, onde 3 exemplares (nºs 548 e 550) apresentam engobe de tonalidade um pouco mais acastanhada, com melhor polimento, embora um exemplar (nº Arq-907 – sem estampa) tenha as superfícies da parede interna e do bordo porosas.

O tipo H58B foi fabricado em El-Mahrine, em africana D1 (e nos outros dois centros: Henchir el-Biar e Bordj el-Djerbi; Mackensen, 2004, p.141), embora represente apenas 0,84% do total do período de produção 1 deste centro (ver anexo 2, tabela 16), o que não justifica a comercialização tão extensa desta forma no Império Romano, pelo que outros centros de produção terão tido um papel mais relevante. Na tipologia de El-Mahrine (Mackensen, 1993, p.315 e 398) a H58B corresponde ao tipo Mahrine 1 (1.1 a 1.3), mas parte dos exemplares do sub-grupo 1.3 não nos parecem totalmente bem classificados por Mackensen, já que os nºs 5 e 6 da estampa 52, são classificáveis antes no tipo H58A, com bordo e andamento superior da parede iguais aos dos exemplares de Chãos Salgados em C/E. A afirmação expressa de Mackensen (1993, p.315) de que “falta a forma H58A de fabrico C3 ou C/E” não se afigura, por isso, correcta, e El-Mahrine comprova o papel da H58A, fabricada em D1, no nascimento da H58B no vale do Mejerda.

A crítica cronológica realizada por Mackensen (1993, p.398) às propostas de Hayes (1972, p.95) quanto ao início da produção da H58B merece também alguma reserva: Hayes data o tipo entre 290/300 e 375 d.C., mas o facto de a H58B estar ausente do naufrágio de Fontanamare, datado por Mackensen em 293/294 d.C. e por Tortorella (1981) em 305 d.C. ou pouco depois, seria prova de que o início da produção só ocorreria em 300/310 d.C.; contudo, a H58B faz parte da carga do naufrágio de Femina Morta, em fins do século III ou inícios do IV, em conjunto com H32/58, também em africana D, e H14A e H44, em africana A e C, respectivamente (**ver anexo 2, tabela 33**). Mackensen defende também que o início da produção da H58B, em El-Mahrine, deverá acontecer mais tarde, por volta de 340 d.C.. Esta hipótese deve-se ao facto de o autor ter dúvidas quanto à cronologia inicial do centro, considerando que o 1º terço do século IV (período 1a) não está totalmente comprovado (Mackensen, 1993, p.433), pois a H58B nunca possui decoração estampada (o mesmo se passa nos exemplares conhecidos no Império Romano: Hayes, 1972, p.95; *Atlante I*, p.81). Na nossa opinião, o facto de este tipo não possuir decoração estampada, cujo início se dá por volta de 320 d.C. (Hayes, 1972, p.219) pode ser interpretado como um indicador de cronologia inicial e final mais antiga, ou seja, nos primeiros vinte anos do século IV, para a produção de H58B em El-Mahrine, facto que explicaria a sua fraca quantidade. A possível evolução da H58B para a H59 mais antiga, sem decoração estampada, proposta por Mackensen (1993, p.317) teria assim total coerência (*ver infra*). Teria também assim uma possível explicação, a quase ausência da H58B em Cartago, cidade para a qual o conhecimento stratigráfico entre os finais do século II e os inícios do IV é ainda nulo (Mackensen, 2004, p.153).

A partir de 320 d.C. a H58B seria produzida noutros centros que ainda desconhecemos; a razão para nunca adquirir decoração estampada é algo que também não é possível explicar: poderá ter a ver com a sua ligação tipológica e de fabrico à H58A, em africana C/E da Bizacena, onde não existe decoração estampada?

A cronologia final de 375 d.C., proposta por Hayes, pode igualmente ser objecto de algumas reservas. A H58B surge ainda relativamente representada em níveis do século V em *Turris Libisonis*; surgem alguns fragmentos na primeira metade do século V, em Cartago (missão italiana) e na Plaza Major de Sant Martí, Ampúrias (Aquilué, 1997, p.86); está presente no último terço do século V, em *Illuro*, e, nos territórios de Tarragona e Valência, está presente em níveis dos séculos V (**ver anexo 2, tabelas 17-19, 24, 58-60**), pelo que poderá ainda atingir o século V, pelo menos nos seus inícios.

Em Chãos Salgados, apenas dois exemplares têm posição stratigráfica: o n° 720 provém do **contexto 23**, datado de inícios do século IV; e o n° 731 provém do **contexto 31**, datado do século IV.

### H59A

### H59B

A H59 encontra-se especialmente bem representada na costa norte da Tunísia, segundo a prospecção de Bonifay et Al. (2002-2003, p.139), em consonância com o facto de ser uma das formas melhor representadas nos níveis do século IV das escavações americanas de Cartago (Hayes, 1976, p.84). No *Atlante I* (p.82), é atribuída à produção D1.

Tal como acontece com a H58B, também a H59 de *Turris Libisonis* apresenta alguma diversidade de fabricos, embora sem corresponderem a diferentes cronologias (Villedieu, 1982, p.236):

- fabrico mais frequente: pasta e engobe lustrado, alaranjados;
- pasta igual à anterior, mas engobe mais espesso e cremoso;
- pasta castanha ou castanho-vermelha escura, mate.

Este último fabrico faz-nos supor novamente uma relação com a Bizacena, pela semelhança com a africana C/E, tal como já afirmámos quanto à H58B (*ver supra*).

A sua produção é conhecida em El-Mahrine, onde representa 6,61% do total do período 1 de produção (**ver anexo 2, tabela 16**).

Mackensen (1993, p.317) defende que a H59 possa ser uma evolução da H58B, expressa pela constatação de que os exemplares sem decoração estampada possuem abas com comprimento mais pequeno (25 a 30mm), enquanto que as H59 decoradas com os estilos A(i) e A(ii), em El-Mahrine, possuem comprimentos de aba entre 30 e 35mm. Não existe em El-Mahrine o elo de ligação entre a aba curta da H58B e o da H59 mais antiga, pelo que o autor recorre a exemplos externos: em *Ostia* e *Baetulo* existem exemplares classificados como H59 e H58 variante, respectivamente, com abas de 19mm de



comprimento, aos quais acresce o exemplar H59B, n. 19 (Hayes, 1972, p.99), com aba de 20-22mm e sem decoração estampada no fundo, que Mackensen considera um dos exemplares mais antigos de H59. Já o tipo H59A, n. 1 e outros exemplares de Lansargues, Frontignan e Tamuda (Mackensen, 1993, p.317 e nota 276), com abas de 21 a 27mm, possuem decoração de estilo A(i) e são de cronologia antiga. O autor é assim contra a proposta de Hayes (1972, p.99), segundo o qual a decoração estampada existiria desde o início da produção.

A tese de Mackensen conduziria então a uma inversão da tipologia de Hayes, passando a ser o tipo B o mais antigo, e, por isso, a denominar-se de A, enquanto o tipo A tomaria a denominação de B.

Mackensen (1993, p.399-401) critica igualmente a cronologia inicial de Hayes (1972, p.100), situada em 320 d.C., para os tipos A e B, alegando que o único contexto da *Agora* de Atenas em inícios do século IV, com H59, não tem espólio numismático. Os únicos contextos com este suporte são já cerca de 20 anos posteriores, em Sidi Kebrish (contexto 123, datado do segundo quartel do século IV), em Cartago (*Insula* 118, *raum* R71B, camada 14, da década de 40, com H59 de aba com 20 a 27mm), e em Frontignan (túmulo 2, datado também dos anos 40, com H59 de estilo A(i)).

Parece-nos contudo excessivo, que contextos sem numismas não possam ter validade, e esse pressuposto invalidar a proposta de Hayes. A teoria de Mackensen, para quem a H59 só começaria nos anos 340 d.C., em El-Mahrine (tal como a H58B), não tem a nosso ver total segurança se aceitarmos que a H59 deriva da H58B, para a qual pensamos que a sua produção neste centro se situe apenas nos primeiros vinte anos do século IV (ver *supra*). A aceitar a proposta de Mackensen, teria havido um hiato de 20 anos entre o fim da produção de H58B e o começo de H59, em El-Mahrine, tendo a transição formal ocorrido noutra(s) centro(s). Contudo, esta hipótese de hiato temporal entre as duas formas explicaria o porquê da inexistência da transição tipológica das abas da H58B para as da H59, em El-Mahrine.

Mackensen aceita as cronologias finais de Hayes, que situam o tipo H59A em 380/400 d.C. e o tipo H59B em 420 d.C., embora, ao classificar como estilo A(iii) antigo a decoração da H59A presente no naufrágio de Yassi Ada, Turquia, datado de finais do século IV ou inícios do V (ver **anexo 2, tabela 33**), acrescente este estilo aos estilos A(i) e A(ii), referidos por Hayes e no *Atlante I* (p.82), para a H59.

As datações finais da H59 colocam ainda algumas interrogações ao longo da primeira metade do século V, período ao longo do qual vai decrescendo a sua presença. Em *Turrus Libisonis*, está bem representada em níveis da primeira metade do século V. Nas escavações americanas de um depósito do circo de Cartago, em finais do século IV e inícios do V, representa 13,41%; nos níveis de 425-450 d.C, em *Portus Sucronem*, é a segunda forma mais importante, com 11 exemplares; no *forum* de *Tarraco*, em depósito que poderá rondar os meados do século V, já só representa 4,62% do total, e em *Schola Praeconum I*, Roma, cujo contexto datará de meados ou finais do século V, é nitidamente residual. Mais nítida nesta primeira metade do século V é a presença da H59 nos contextos das escavações italianas de Cartago, onde, entre 420 e 430 d.C. e entre 400 e 450 d.C., representa 18,6 e 15,3%, respectivamente (ver **anexo 2, tabelas 17-19, 21, 61 e 68b**).

Hayes (1972, p.99) considera mais grosseiro o fabrico dos exemplares mais recentes, com estilo A(ii).

No espólio de Chãos Salgados, a H59A possui 2 exemplares, tendo um deles diâmetro de 258mm e aba de 32mm (**nºs 558 e 829**).

A H59B possui 23 exemplares: 7 são de pasta fina e os diâmetros variam entre 262 e 274mm; e 16 são de pasta grosseira, com diâmetros que variam entre 214 e 453mm, o que excede um pouco os valores máximos conhecidos de 420mm (*Atlante I*, p.82). Não parece haver correlação entre pasta e diâmetro, mas existe correlação entre pasta e comprimento de aba: as pastas finas, mais antigas, possuem abas tendencialmente mais pequenas, de 21, 23, 24 e 29mm; as pastas grosseiras possuem abas tendencialmente maiores, de 21, 22 (2 exs.), 23 (2 exs.), 24, 28, 29, 31, 32mm (2 exs.). Dos **nºs 559 a 564**, o primeiro, em pasta fina, possui aba curta, de 23mm, fina e horizontal, com fino sulco junto à união com a parede, que sugere antiguidade e ainda uma transição da H58B.

Um exemplar vem de UE superficial da construção nº1 (**nº 735**), enquanto que o **nº 656**, com aba de 28mm e pasta porosa, provém do **contexto 53**, datado de finais do século IV e primeira metade do V.

**H61A (n. 3)=L54bis = El-Mahrine 4.1****H61A/B****H61A/B2 (Bonifay, 2004) = Waagé 1948, tav. IX, n. 831 u = El-Mahrine 4.4****H61A/B4 (Bonifay, 2004)**

Todos os exemplares de Chãos Salgados enquadram-se nos tipos H61A e H61A/B, o que, apesar da ausência da H61B, parece confirmar a teoria de Mackensen (1993, p.32, 33 e 402) e de Bonifay (1998, p.72), segundo a qual a H61A e A/B seria uma produção do vale do Mejerda, em D1, e a H61B seria feita em D2, com particular destaque para Sidi Khalifa (Mackensen, 2004, p.151). A realidade é um pouco mais complexa, e os dados disponíveis tornam esta teoria não uma verdade absoluta, mas uma realidade abrangente: a H61A é realmente importante nos centros do vale do Mejerda, em Henchir el-Biar, Bordj el-Djerbi e El-Mahrine (**ver anexo 2, tabela 16**), produzindo-se igualmente neste último centro as variantes A/B1 e 2 de Bonifay (2004, p.171); mas a variante A/B3 e a H61C são conhecidas nos centros da região de Sidi Jdidi (área de D2), enquanto que a produção de H61B também está atestada em Bordj el-Djerbi (Mackensen; Schneider, 2002, p.127).

A H61A está muito bem representada nos níveis de finais do século IV das escavações americanas em Cartago (Hayes, 1976, p.84), e na prospecção publicada por Bonifay *et Al.* (2002-2003, p.139), a sua difusão é ampla na costa norte, o que indicia uma relação geográfica; mas já a H61B está representada em 14 sítios do século V, do Sul ao Norte, não se distinguindo nenhum *facies* em particular.

Nas escavações da Bolsa de Marselha (Bonifay, 1983, p.306), a H61B surge classificada nos grupos D1 e D2; na área de Alicante, Reynolds (1995, p.10) classifica exemplares de H61B em D1 e outros em D2, com fabrico igual ao das H99 e 104; por fim, a H61A de *Turris Libisonis* possui sobretudo pasta fina e engobe espesso, laranja e muito brilhante (Villedieu, 1982, p.236), que poderá classificar-se como D2.

Mackensen (1993, p.401) considera a H61A uma evolução da H49 em C1/C2 da Bizacena central (tal como Hayes, 1972, p.106), transição essa que poderá ter uma prova na detecção de H61A em Henchir es-Srira (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.11, nº5).

É partindo deste pressuposto que Mackensen (1993, p.318-322) concebe uma evolução tipológica no centro de El-Mahrine. O tipo El-Mahrine 4 (= H61A e A/B) seria divisível em 4 subtipos: o tipo 4.1 (Hayes, 1972, H61A, nº3) - de fabrico estreitamente relacionado com a H58A - com engobe nas superfícies interna e externa e bordo de pequeno tamanho (10 a 12mm de extensão), inclinado em 45 graus para o interior, e parede ainda muito verticalizada; o tipo 4.2 (= 61A clássica), com bordo inclinado em 20-45 graus para o interior e extensão de 14 a 18mm; o tipo 4.3 (= A/B1 de Bonifay, 2004), com bordo inclinado em 10-15 graus para o interior e extensão de 15 a 18mm e o tipo 4.4 (= A/B2 de Bonifay, 2004), com bordo inclinado também em 10-15 graus para o interior, mas extensão de 18 a 25mm.

Nos exemplares de Chãos Salgados, o engobe parece cobrir ambas as superfícies, excepto no nº 571, H61A/B2, com pasta porosa.

Nos 10 exemplares de H61A, n. 3 (*Atlante I*, p.83), 4 possuem pasta fina (nºs 569 e 570) e a cozedura de 3 outros é branda, dando uma tonalidade clara às pastas (nºs 568, 567 e 566). Os diâmetros desta forma variam entre 205 e 268mm, o que ultrapassa por defeito os limites de 220 e 410mm, descritos por Hayes (1972, p.100; *Atlante I*, p.83). As extensões do bordo balizam-se entre 8 e 12mm (algo inferiores às constatadas em El-Mahrine), sendo os valores mais pequenos pertença dos exemplares referidos com cozedura branda. A parede é ainda bastante ou razoavelmente verticalizada.

Nos 9 exemplares de H61A/B, os quais não têm atributos suficientes para uma classificação mais apurada, seguindo as variantes de Bonifay (2004, p.167-171), a pasta é sempre granulosa e os diâmetros variam entre 253 e 335mm. A extensão do bordo varia entre 15 e 19mm e a sua orientação pode ser verticalizada ou de inclinação para o interior em 45 graus. Quando o bordo é verticalizado e a parede é acentuadamente esvasada, ao contrário do que sucede nas paredes com bordo inclinado. Internamente, o bordo pode ser liso ou possuir leve sulco. Os nºs 701, 700 e 699 são do **contexto 4**, datado do Baixo-Imério; um exemplar provém do **contexto 51**, datado do segundo quartel do século V e o nº 670 provém da UE superficial deste sector.

Os 3 exemplares de H61A/B2 podem ter pasta fina (2 exemplares, um deles com 254mm de diâmetro) ou pasta granulosa, e engobe que só cobre o interior e a parte superior externa. Neste último caso, o diâmetro de bordo é de 339mm (nº 571). O tipo H61A/B2 de Chãos Salgados possui parede de inclinação de 45 graus e bordo um pouco inclinado para dentro, levemente convexo na superfície externa, com extensão de 19mm. A união interna com a parede é feita mediante quebra de perfil, mas sempre lisa.

O único exemplar de H61A/B4 mede 272mm de diâmetro externo de bordo, com protuberância pronunciada na união externa com a parede baixa e curva (nº 572) e a sua pasta é porosa.

Hayes (1972, p.107) propõe cronologia de 325 a 400/420 d.C. para a H61A e de 400 a 450 d.C. para a H61B, embora os dados de Moosberg e Lorenzberg, no *limes* germânico, tenham-no conduzido a antecipar o início da H61B para 380 d.C., já que entre 380 e 400 d.C. ocorreria o abandono destes dois sítios, segundo os dados históricos (Hayes, 1980, p.515).

Mackensen (1993, p.401-403) defende um avanço de cerca de 20 anos para o início da produção desta forma, apontando para os anos de 340 d.C., tal como já afirmara a respeito da H59 e também da H58B. Refuta as datações estratigráficas de Hayes (1972, p.106), referentes à sepultura 5 de Germa, que associa apenas H61A com estilo A(i) e H59A, n. 1, bem como as cronologias da Agora de Atenas, que só possui H61A em contexto com moedas de 355/361 d.C.. Refere ainda a ausência de H61A em contextos dos anos 330 d.C. em Sidi Khrebish.

Para o autor, a H61A continuaria a ser fabricada até às primeiras décadas do século V, pois defende que Lorenzberg só é desocupada nessa altura, e rejeita o esquema evolutivo de Hayes, para quem a H61B sucederia à H61A. Ambas seriam então produzidas contemporaneamente, nos finais do século IV e inícios do V. Neste aspecto o autor não é claro, já que faltam os dados cronológicos para se perceber em definitivo a teoria. Considera ainda que os tipos de H61A/B terão o seu início nos começos do século V, pois constituem o exemplar de H61 do estrato 1 do ambiente 16 das Termas do Nadador, em *Ostia* (ver anexo 2, tabelas 35 e 36), bem como os exemplares dos níveis de destruição de *Ad Pirum-Hrusica*, em 394 ou 401 d.C., o que obriga até a recuar a datação para finais do século IV. O avanço da cronologia final da H61A não tem assim muita sustentação empírica, sabendo-se apenas que a produção de H61B é uma prerrogativa essencialmente dos centros de africana D2, embora também tenha sido fabricada em Bordj el-Djerbi, no vale do Mejerda, em D1 (ver *supra*).

Os dados das escavações inglesas em Cartago (Fulford; Peacock, 1984, p.49 e fig.11, nºs1.1 a 1.3), dão informações estratigráficas para a questão, mas a classificação de H61 A e B descrita é totalmente contradita pelas estampas que apenas apresentam H61B, mais precisamente a variante B3 de Bonifay. A afirmação de que a H61A tem as mais fortes percentagens entre 400 e 450 d.C. é assim insegura. Com a escassez de estampas deste estudo de Cartago, é possível que a constatação de H61B (e não de H61A) nesta primeira metade do século V, confirme o início da H61B, nas variantes B1 e B2 de Bonifay (2004, p.171) nesta época, embora os autores ingleses já detectem H61B em fins do século IV, o que parece ir de encontro às propostas de Mackensen.

Bonifay (2004, p.171) data as suas 4 variantes de H61A/B na primeira metade do século V, sendo que as A/B1 e 2 poderão recuar a inícios do V, enquanto que a A/B4 poderá restringir-se ao primeiro terço e a A/B 3 poderá até estender-se a 480 d.C.. O próprio autor reconhece, no entanto, que as variantes possuem origens diversas, o que dificulta a sua nomenclatura e datação. O naufrágio de Port-Miou (ver anexo 2, tabela 33), datado do primeiro quartel ou de meados do século V, comprova esta complexidade: vários exemplares de H61B estão ao lado de exemplares de H61A/B (Deneauve, 1972, estampa III, sobretudo o nº865).

No Midi, a H61A e H61A/B são dominantes em contexto da primeira metade do século V, em Arles, tal como em Narbonne (400-425 d.C.), onde as A/B 3 e 4 surgem em maioria, contra um único exemplar de H61B. No segundo quartel do século V, a H61B torna-se frequente (Bonifay, 1998, p.74). Datado desta altura é o naufrágio de Dramont E (ver anexo 2, tabela 33), que só contém H61B.

A H61A está muito bem documentada, no depósito de finais do século IV e inícios do V, das escavações americanas de Cartago; ao longo da primeira metade do século V, em *Turrís Libisonis*, ao contrário da H61B; mas a H61B é maioritária no depósito do *forum* de *Tarraco*, datado no segundo quartel ou meados do século V (Bonifay, 1998, p.75), enquanto que em *Schola Praeconum I*, Roma, em meados do século V, a H61B é só levemente maioritária em face da H61A. Finalmente, em *Portus Sucronem*, a H61A é a forma mais importante, nos níveis de 425-450 d.C., com 14 exemplares, contra 6 de H61B (ver anexo 2, tabelas 19, 21, 24, 61 e 68b).

A falta de classificação mais apurada dos espólios de H61A, onde muitas vezes não se distingue a H61A/B, impede-nos assim de obter uma visão nítida da transição cronológica entre as H61 A e B e qual o papel da H61A/B, numa conjuntura de mudança de região de fabrico, quando as H61A e A/B do vale do Mejerda parecem terminar para dar lugar à H61B, típica (?) dos centros do Nordeste. O naufrágio de Port-Miou é explícito quanto ao comércio contemporâneo de A/B e B, só não fornecendo elementos de classificação das peças entre D1 e D2, o que enriqueceria este quadro sincrónico (ver anexo 2, tabela 33).

**H62/64, variante Fulford 6.1**

O nº 734 mede 198mm de diâmetro e tem o bordo de topo bífido, resultante de uma depressão larga, e parede curva irregular na superfície externa. Possui uma pasta próxima da africana D1 ou da C4, de *facies* mais limpo de enp, e não conserva o engobe.

O seu fabrico mais antigo, em *terra sigillata*, foi realizado em Henchir es-Srira, onde se recolheram 15 exemplares de prospecção, datados nos segundo e terceiro quartéis do século IV (Stern, 1968, tabelas IVA e B).

Esta forma de bordo bífido parece ser uma influência externa no centro. Em níveis do século I d.C., em Cartago, conhecem-se exemplares de cerâmica de cozinha, com pasta laranja, de origem itálica (Hayes, 1976, p.60, fig.5, nº12 do depósito X, com 290mm de diâmetro). A sua produção local está igualmente documentada num depósito do segundo terço do século I desta cidade (Martin-Kilchner, 1999, nºs50 e 51).

Na mesma cidade é conhecida no século V, em fabrico D, com face externa plana e cerca de 44cm de diâmetro (tipo Fulford 6.1), ou com face externa de caneluras oblíquas e cerca de 296mm de diâmetro (tipo Fulford 6.2). O primeiro tipo surge no estrato B:13-18, datado do segundo quartel do século V, e o segundo surge no estrato A:1.1, datado de 400-425 d.C. (Fulford; Peacock, 1984, p.53). Em Narbonne, este tipo surge em contextos de finais do século IV e inícios do V. Bonifay (2004, p.171) faz a relação entre a H62/64 e a Fulford 6, considerando a segunda, uma variante da primeira. Prova o seu fabrico em D, pois um exemplar de Narbonne possui decoração estampada do estilo A(ii), mas refere o fabrico muito cuidado destas peças. Contudo, este tipo não foi produzido em El-Mahrine (Mackensen, 1993).

Os tipos análogos conhecidos em D1 e D2, na segunda metade do século IV e século V, possuem perfis um pouco diferentes.

Entre 360 e 440 d.C., em níveis de Cartago (*Atlante I*, p.85-86), os tipos Rüger 1968, fig. 11, n. 11 e Luni 1973, tav. 68, n. 16, ambos pratos de bordo bífido, mas de parede recta, esvasada no primeiro caso e vertical no segundo, e ambos os tipos carenados e com caneluras externas horizontais na parede, estão produzidos em D1 e os seus diâmetros variam entre 220 e 525mm.

Num depósito de século V da mesma cidade, com materiais de datação de meados e moedas que não ultrapassam os finais da centúria, uma taça de bordo bífido, parede recta algo esvasada e carena suave, com pé-de-anel e diâmetro de bordo de cerca de 120mm, parece ser uma variante em taça do prato Rüger 1968, fig. 11, n. 11. A autora da publicação do depósito não especifica a produção (Neuru, 1980, nº8).

**H67A****H67C**

A H67 pode ser fabricada em D1 e D2 (*Atlante I*, p.88) e está bem representada nos contextos de finais do século IV das escavações americanas em Cartago (Hayes, 1976, p.84), e a sua difusão é ampla na costa norte tunisina (Bonifay; et Al., 2002-2003, p.173). O facto de ter dois fabricos distintos e consequentemente duas ou mais áreas de fabrico, torna problemática a comparação das propostas evolutivas existentes, no caso de Hayes (1972), do *Atlante I* (1981) e de Bonifay (2004), para a totalidade dos fabricos, e no caso de Mackensen (1993), para o fabrico em D1 de El-Mahrine.

Hayes (1972, p.115) estabelece um primeiro grupo, com estilo A(ii) e bordo arredondado (H67, nn.1-5); um segundo grupo com estilo A(iii) e bordo de espessuras diversas, mas com canelura no topo, junto à margem (H67, nn.8-10, 12); por fim, um terceiro grupo, com bordo espessado e canelura no topo, junto à margem, mas com as secções do bordo mais rectas e portanto de transição menos suave entre elas (H67, n.28). Distingue o fabrico do último grupo, pelo seu aspecto mais grosseiro e engobe espesso e lustroso e relaciona este fabrico com o da H61B, ou seja, com o fabrico D2. Sugere que o primeiro grupo se date entre 360 e 420 d.C., o segundo entre 400 e 450 d.C. e o terceiro a partir de 450 d.C., sendo que o nº 28 de Hayes provém de contexto datado em 460-480 d.C..

No estudo do espólio de *Turrus Libisonis*, Villedieu (1982, p.238) segue os 3 grupos de Hayes, mas as suas descrições de fabrico parecem contrárias: os dois primeiros possuem engobe laranja lustroso e o terceiro, engobe mais espesso, castanho ou avermelhado; ou seja, parece atribuir os dois primeiros à D2 e o último à D1. Neste sítio, a H67 (sem variante atribuída) está bem representada ao longo do século V, o que parece acontecer também com a H67A, mas, ao contrário da cronologia de Hayes, a H67C surge ao longo dos primeiros dois terços do século V (**ver anexo 2, tabela 24**).



No *Atlante I* (p.88), defende-se que o lábio menos engrossado se data entre 360 e 420 d.C., enquanto que o lábio mais engrossado se data de 400-450 d.C..

Bonifay (2004, p.171) faz alguns ajustamentos à proposta de Hayes e acrescenta os dados já conhecidos de El-Mahrine. Estabelece também 3 variantes:

- a variante A, de lábio com a mesma espessura do bordo que é curto e sub-horizontal, equivale ao tipo 9.4, n. 5 de El-Mahrine; data-se da segunda metade do século IV;

- a variante B, clássica, de lábio triangular, com uma ou duas caneluras no topo, e bordo curvo mais longo, equivale aos tipos 9.1 e 9.3 de El-Mahrine; data-se de fins do século IV e primeira metade do V;

- a variante C, de lábio pendente arredondado, com ou sem canelura no topo, e bordo longo e curvo, equivale aos tipos 9.2 e 9.5 de El-Mahrine; data-se de meados e segunda metade do século V.

As variantes B e C surgem juntas em *cassettes* de cozedura de El-Mahrine (Mackensen, 1993, fig.101).

Mackensen (1993, p.403-405) questiona se as razões para a disparidade morfológica serão cronológicas ou geográficas. Na tipologia que elabora sobre os materiais de El-Mahrine, apresenta diferenças em relação aos restantes autores. O tipo 9 (= H67) divide-se em 5 variantes, sendo que a mais antiga, a 9.1, possui lábio triangular pendente, ou seja, é a variante clássica da H67. As variantes 9.2 e 9.3 possuem lábio arredondado, mas com o bordo curvo sempre oblíquo. A 9.4 tem lábio da mesma espessura do bordo, ou quase; e a 9.5, maciça, tem bordo curto quase horizontal, e lábio triangular espesso.

Duas conclusões tipológicas podem ser retiradas de imediato: em El-Mahrine, sítio onde a produção de H67, em D1, foi de longe a mais importante, com 42,64% do total do período de laboração 1 (ver anexo 2, tabela 16), não se produziu a variante A, n.1 de Bonifay, com lábio levemente espessado e bordo curvo horizontalizado, embora seja possível atribuir à variante A, n. 2 de Bonifay o tipo 9.4; nem se produziu o nº 28 de Hayes, com bordo mais longo, recto e pouco inclinado, e lábio espessado.

São estes dois tipos inexistentes em El-Mahrine que surgem em Chãos Salgados, em D1: a H67A, n. 1 de Bonifay, com 3 exemplares, representados pelos nºs 573 e 574 (este, de pasta fina), com 302 e 264mm de diâmetro, e pelo nº 854, e a H67C, muito próxima da H67, n. 28, mas de lábio pouco espessado e bordo comprido, recto e horizontal, sem canelura, com 2 exemplares representados pelo nº 575, de 478mm de diâmetro, que ultrapassa um pouco os limites descritos no *Atlante I* (p.88), de 460mm.

Sendo os exemplares de Chãos Salgados de fabrico D1, a sua proveniência deverá situar-se nos restantes centros do vale do Mejerda, Henchir el-Biar e Bordj el-Djerbi, onde o seu fabrico está atestado (Mackensen; Schneider, 2002, p.125). Relembremos que estas duas variantes também foram produzidas em D2, já que o exemplar de Bonifay (H67A, n.1) provém de Oudhna (embora a situação urbana das oficinas não permita distinguir claramente materiais de produção e materiais de consumo: Barraud; *et Al.* 1998, p.146) e o de Hayes (H67, n.28) tem descrição de D2. Se aceitarmos a cronologia tardia de Hayes para a H67, nº 28, bem como o seu fabrico em D2, então poderá ter acontecido, no que respeita ao fabrico em D1, uma continuação do fabrico da H67 em Bordj el-Djerbi, após o seu abandono em El-Mahrine, à semelhança do que acontece com a H61 (ver *supra*; Mackensen; Schneider, 2002, p.125). Ou seja, El-Mahrine produziu H61A e A/B, enquanto a H61B foi produzida em Bordj el-Djerbi (D1) e no Nordeste, nomeadamente Sidi Kahlifa, em D2; El-Mahrine produziu igualmente H67 A e B (excepto a H67A, n.1 de Bonifay), bem como a C, mas a produção de H67C, n. 28 de Hayes, mais tardia, aconteceu em D2, no Nordeste, e em D1, possivelmente em Bordj el-Djerbi, que poderá ter assumido um papel relevante na transição de protótipos entre a D1 e a D2. A confirmar a importância produtiva de Bordj el-Djerbi está a sua mancha de materiais (2 ha), ainda maior do que a de El-Mahrine (1,8 ha) (Mackensen, 2004, p.140).

O prolongamento da H67 pelo terceiro quartel do século V, à semelhança do que propõe Hayes (1972, p.116), está comprovado nas escavações de Marselha e de Tarragona, bem como possivelmente de *Turrís Libisonis* (ver *supra*), através de bordos espessados (Bonifay; Carré; Rigoir, 1998, p.364); mas a H67 é residual em Cartago, após 425-450 d.C., nas escavações inglesas (Fulford; Peacock, 1984, p.53), e mesmo ausente no depósito de 430-475 d.C., das escavações canadianas (Neuru, 1980; *apud* Reynolds, 1995, p.150) o que poderá ser um reflexo do fim da produção em El-Mahrine e da sua continuação, embora curta, ainda no vale do Mejerda, em D1, e no Nordeste, em D2.

O único dado, indirecto, de uma possível produção do tipo 9.5 em El-Mahrine, é a existência de um exemplar semelhante em Karanis, com decoração do tipo A(iii)-E(i), que Hayes (1972, p.219) data de 450-480 d.C.. A ausência de decoração em El-Mahrine leva, contudo, Mackensen a propor um fim em 450 d.C., para o tipo 9.5, a par dos tipos 9.2 e 9.3 (Mackensen, 1993, p.405).

A H67 está ainda bem representada nos finais do século V, em Cartago (escavações italianas), quando aliás, atinge a sua máxima expressão (**ver anexo 2, tabelas 17 e 18**). Estes dados obrigam-nos a reflectir quanto ao final exacto da H67, que poderá ainda ser importante ao longo da segunda metade do século V, como propõe Bonifay, em relação à variante C (*ver supra*).

A proposta de Mackensen (1993, p.404 e nota 714) - algo em consonância com Bonifay (2004, p.173) que data a variante A na segunda metade do século IV, em Oudhna e Cartago - para uma antecipação do início da produção de H67 para 350 e não 360 d.C., segundo dados de Split, pode também explicar a ausência da H67A, n. 1 de Bonifay, em El-Mahrine. Esta variante, possivelmente precoce, seria fabricada em D1, no vale do Mejerda, mas não em El-Mahrine, e em D2.

### H73

Como já analisámos *supra*, acerca do mesmo tipo em C4, Hayes (1972, p.121) distingue uma variante A, de lábio denteado, e uma variante B, de lábio plano e canelura a meio da aba. Aquando do estudo do nosso exemplar em C4, pudemos demonstrar que era impossível atribuir uma das duas variantes, pois o exemplar possui lábio denteado e bordo canelado.

Esta simbiose de atributos que Hayes considerava separáveis está comprovada no centro de El-Mahrine (**ver anexo 2, tabela 16**), onde o tipo foi produzido em D1, correspondendo a um valor de 4,28% do total do período 1 de produção (tipo 16). Neste centro foi também produzido o tipo 15, que corresponde à estampa de Hayes (1972, fig.28) da H73B, com lábio redondo, mas sem a canelura a meio do bordo, o que a distingue também das descrições de Hayes.

Mackensen (1993, p.333) distingue 4 variantes, na H73A/B=M.16: a 16.1 tem lábio e bordo planos; a 16.2 possui bordo também liso, mas lábio canelado no topo; a 16.3 possui lábio plano e bordo com dupla canelura a meio ou junto à união com a parede; a 16.4 possui dupla canelura no bordo e lábio canelado. Conhece-se o fundo da 16.3, que é semelhante ao descrito por Hayes, e que igualmente não possui decoração estampada.

A pequenez do único fragmento de Chãos Salgados (nº 825) não permite atribuir nenhuma variante.

No *Atlante I* (p.72) este tipo é atribuído à africana C4 e raramente à D. Contudo, a produção do vale do Mejerda é agora conhecida, não só em El-Mahrine, embora com percentagem baixa, mas também em Bordj el-Djerbi e Henchir el-Biar (Mackensen; Schneider, 2002, p.125). Em Cartago, surge apenas nas escavações inglesas (Fulford; Peacock, 1984, p.55), embora não seja reproduzida nenhuma estampa. Apesar da exiguidade dos dados, a produção em D1 não foi tão rara como se supunha no *Atlante I* (Reynolds, 1995, p.9).

Como referimos *supra*, existem dados de H73 nos finais do século IV, e a H73A, em D1, está presente, embora escassamente, no depósito do circo de Cartago, em fins do século IV ou inícios do V (**ver anexo 2, tabela 19**), embora Hayes (1972, p.121) proponha uma datação de 420-475 d.C., Mackensen (1993, p.407) propõe o início da H73A/B, em 390/400 d.C., com base nos dados de Kellia. Nas escavações inglesas de Cartago (Fulford; Peacock, 1984, p.55), a H73 está datada de 400-450 d.C.. A ausência de decoração impossibilita Mackensen de propor uma cronologia final para a produção de El-Mahrine, mas a datação de Abu Amena, onde existem muitos exemplares, sobretudo lisos, em depósito de 480 d.C. (*Atlante I*, p.72), é plausível para os centros do vale do Mejerda, em particular para a variante 16.1 de El-Mahrine. A H73 está igualmente bem representada no depósito do *forum* de *Tarraco*, cuja datação poderá alcançar o terceiro quartel do século V (**ver anexo 2, tabela 61**).

### H80A

O tipo H80A está presente com um único fragmento, nº 853, de fabrico fino e diâmetro de 182mm. Possui as habituais caneluras na parede indistinta do bordo. No *Atlante I* (p.104) este tipo é atribuído à produção D, sem distinção de D1 ou D2, mas registam-se dois fabricos distintos: grão fino e engobe espesso e brilhante; grão grosso e engobe semi-brilhante e opaco. Hayes (1972, p.173) compara o fabrico deste tipo ao da H73 e dos exemplares mais antigos da H91.

A datação de Hayes (1972, 128) de 450-500 d.C., foi depois revista em 1977 (p.283), já que a H80 surge no depósito XVII de Cartago, nas escavações americanas, datado de inícios do século V. A H80 continua frequente em Cartago, em níveis do século V destas escavações (Hayes, 1976, p.84).

A revisão da cronologia inicial fará sentido ao nível do fabrico, já que é referida a semelhança de um dos fabricos da H80 aos fabricos da H73 e da H91, pois a primeira é de produção em C4 e D1, e a sua

cronologia recua ao último quartel do século IV, e a segunda é também objecto de discussão cronológica quanto ao seu início (ver *infra*).

A H80A está presente no depósito do *circus* de Cartago, de finais do século IV / inícios do V; bem como nos níveis datados entre 400 e 439 d.C., das escavações italianas na mesma cidade, e em níveis de 400/425 e 475/500 d.C. das escavações inglesas (H80/81: Fulford; Peacock, 1984, p.57); surge também no depósito do *forum* de Tarraco, em meados do século V; a continuidade da sua produção nos finais do século V está reflectida no depósito de *Schola Praeconum* I, Roma, e na fase V de *Turrís Libisonis*. Surge ainda no estrato 205 de Es Castell (Elvissa) do primeiro quartel do século VI, com alguns materiais ainda de século V (ver anexo 2, tabelas 17-19, 21, 24, 61 e 65).

Para Bonifay (2004, p.173), a cronologia desta forma centrar-se-á exactamente em meados e na segunda metade do século V; em Marselha está bem atestada no *facies* A2, do segundo quartel e meados do século V, e no *facies* B, com pasta mais fruste, datado da segunda metade do século V e inícios do VI (Bonifay; Carré; Rigoir, 1998, p.364).

Refira-se ainda que a H80B surge nos naufrágios de Port-Miou e Dramont E, cujas datações se incluem na primeira metade do século V (ver anexo 2, tabela 33).

A produção H80 está atestada em El-Mahrine – D1 -, embora não sendo uma forma relevante (ver anexo 2, tabela 16).

O exemplar de Chãos Salgados, pelo seu fabrico fino, poderá ter uma cronologia mais recuada, de finais do século IV / primeira metade do V, embora não haja dados estratigráficos para a distinção dos fabricos referida *supra*.

#### H91A

#### H91B

A H91 é atribuída no *Atlante* I (p.105) à africana D, sem melhor especificação no âmbito desta produção. Hayes (1972, p.140), afirma que a variante grácil, H91A, surge em fabrico de grão fino, com engobe opaco ou semi-brilhante ou brilhante, que cobre o interior e o exterior apenas na aba, enquanto que a H91B, de maiores proporções, revela fabrico mais grosseiro, com engobe semi-brilhante, que também só cobre o interior e o exterior na zona da aba.

Para Reynolds (1995, p.151), estas diferenças de fabrico explicavam-se por uma associação da H91A aos centros da Tunísia central e da H91B aos centros da Tunísia setentrional; hipótese já colocada por Hayes (1976, p.86; 1977, p.280).

Em *Turrís Libisonis* (Villedieu, 1982, p.241), a H91 é de produção heterogénea, com pasta granulosa, por vezes muito grosseira e rica em calcite, e engobe alaranjado, ligeiro e mate, que pode descamar (= D1?). A 91B apresenta 3 grupos de engobe, mas de pasta homogénea: engobe típico do século IV, semelhante ao das H59, 61A, etc. (= D1?); engobe vermelho muito escuro (= D1?); e engobe espesso, cremoso, alaranjado e lustroso, típico do século V (= D2?; acerca da H59, feita em D1, a autora também utiliza o termo “lustroso” – ver *supra*).

Hayes (1972, p.144) propora uma datação inicial para as H91A e H91B, em 450 d.C.. A filiação da H91 na tradição africana das “flanged bowls” ou “bols à listel” levou Hayes (1977, p.281-282) a rever, erradamente, esta ideia, e a sugerir que a H91 se iniciasse por volta de 370 ou 380 d.C.

Na verdade, os elementos antigos em que Hayes se suportava, são hoje classificados como vasos de aba, uma forma não canónica da futura H91A e B, datável nos séculos III e IV (Bonifay, 2004, p. 179).

O fabrico em *terra sigillata* africana C, em particular na área de El-Jem, é conhecido por tipos como a Salomonson C9, de parede muito esvasada, baixa, bordo alto e aba larga curva (Bonifay, 2004, p.162, tipos 26 e 27 de *sigillata*), de perfil próximo à futura H91, variante precoce de africana D2, mas também em centros produtores mais interiores, como Sidi Marzouk Tounsi, Henchir el Guellal-Zegalass e Henchir ech Chougga (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.7, nº12 e fig.10, nº11, fig.2, nº22), com aba mais curva, e até mais curta, e parede mais alta e menos esvasada. Henchir es-Srira produziu igualmente este tipo e em Sidi Aïch as “bol a listel” são uma das principais formas do centro (Stern, 1968, quadro VI, tipo Stern XXIX).

Estes vasos de aba, com bordo alto e aba curva nitidamente pendente, são igualmente conhecidos em Cartago, no depósito XIV das escavações americanas, datado de finais do século IV (Hayes, 1976, fig.9, nº38), ou ainda no depósito XVII, datado de inícios do século V (Hayes, 1978a, fig.2, nº39 e 40), mas acompanhados já de H91, variante precoce (fig.1, nºs10 e 11) e H91 (fig.1, nº12). Na área setentrional

africana são também conhecidos em Sétif (Février, 1965, figs.32, 1-4 e 26-36; Février, 1976, p.68), em contextos da segunda metade do século IV e inícios do V, sendo que Hayes (1977, p.281) data as peças mais antigas, sob o pavimento de uma das basílicas de Sétif, nos anos 370 ou 380 d.C.. Em Tipasa, há exemplares atribuídos à africana A (Lancel, 1970, fig.76, nº4); e em Sétif, as “bols à listel” classificadas como *sigillata* africana D, são ainda conhecidas em meados do século V, no nível 3 das escavações de 1959-1966 (Février; Gaspary, Guéry, 1970, fig.28, nºs41-44).

Na segunda metade do século IV, a variante precoce da H91 surge também exportada com 1 exemplar no nível 1 do ambiente XVI das Termas do Nadador, em *Ostia* (*apud* Mackensen, 1993, p.430); tal como no *limes* germânico, em Moosberg e Lorenzberg, que podem já atingir os inícios do século V (Hayes, 1980, p.515).

Para Bonifay (2004, p.166) este panorama retrata um conjunto de séries locais e de produções de africana D, na esteira também de Hayes (1997, p.281) que reconhece que alguns dos exemplares publicados sejam antes *mortaria* de cerâmica comum, com pedras na superfície interna.

Segundo Bonifay (2004, p.177) é aceitável datar o início da H91 em 400-420 d.C., o que condiz com o exemplar estratigrafado de Cartago, mencionado *supra*; mas propõe a existência de um tipo de transição, denominado H91, variante precoce, datado, em Oudhna, num contexto homogêneo do século IV, e passível de ser atribuído à africana D2. O facto de este tipo poder possuir pedras da parede interna é, para o autor, um atributo de relação com os exemplares de africana C acima descritos.

No vale do Mejerda, área produtora de D1, a H91A e B não está citada para Henchir el-Biar e Bordj el-Djerbi (Mackensen; Schneider, 2002, p.125). É contudo, a segunda forma mais produzida em El-Mahrine, na fase de produção 1, com 12,38% do total (**ver anexo 2, tabela 16**), e engloba as variantes M.52.1-3 (Mackensen, 1993, p.430-431).

Os tipos 52.1-3 de El-Mahrine são aqueles que se encaixam, no nosso entender, no tipo H91A/B. O autor propõe o início da produção em 400-420 d.C. e estabelece uma diferença tipológica clara com as formas precoces, conhecidas sobretudo no século anterior, mas não em El-Mahrine: as precoces costumam ter bordo com altura de 8 a 10mm, enquanto que a H91A e B de El-Mahrine possui abas de 15 a 25mm, horizontalizadas, com lábio curvo, curto e pendente, e bordo sempre muito reduzido em altura (Mackensen, 1993, p.430-431, 361 e est.75, nºs1-5).

A H91 canónica está também identificada em Oudhna, centro de *sigillata* D2, por Bonifay, Dridi e Jaquest (2004, fig.3, nº14) e este fabrico está atestado em Marselha (1983, 305-306) e possivelmente em *Turris Libisonis* (*ver supra*). Contudo, todos os exemplares de Chãos Salgados pertencem ao fabrico D1, tal como nos depósitos de Vila-Roma, de meados do século V, e da Antiga Audiência, do último quartel do século V, em *Tarraco* (**ver anexo 2, tabelas 61 e 63**). Esta situação leva-nos a colocar a hipótese de a H91 A e B ter sido mais intensamente fabricada em D1, pelo menos até meados do século V, e que a sua menor ocorrência em D2 seja o reflexo de uma menos intensa produção no vale do Miliane, mesmo a partir dessa altura, quando os ateliers desta área passam a liderar a produção de *sigillata* setentrional (Quaresma, 2008b).

Nas prospecções, pouco intensivas, no centro de Sidi Khalifa, centro de *sigillata* C/D, não foi encontrado nenhum exemplar de H91A e B, mas apenas de H91C (Mackensen, 2004, p.150 e sobretudo, Mackensen; Schneider, 2002, p.127). Embora esta ausência de H91 A e B seja sugerida pelos resultados publicados por Ben Moussa (2007), M. Bonifay (informação oral) confirma a produção nesse centro de H91A e B canónica e defende igualmente a existência de uma variante local da H91, com aba curta, na primeira metade do século VI (Bonifay, 2004, p.49 e 203).

A H91A e B está bem representada nos contextos de inícios do século V a inícios do século VI, nas escavações inglesas de Cartago (Peacock; Fulford, 1984, p.65); nesta cidade, surge no depósito do circo, datado de finais do IV / inícios do V; está bem representada em meados do século V, em *Tarraco*; a H91A está também bem representada nos finais do século V, em *Schola Praeconum*, Roma e a H91A e B surge ainda no estrato 205 de Es Castell, no primeiro quartel do século VI (**ver anexo 2, tabelas 19, 21, 61 e 65**). A datação final de Hayes (1972, p.144) para a H91A, em fins do século V, e da H91B em 530 d.C., continua assim coerente e poderá aplicar-se ao centro de El-Mahrine, embora Mackensen (1993, p.405) aponte um final em meados do século VI para a H91B, quando ainda surgem alguns exemplares nas escavações alemãs de Cartago (Mackensen, 1999, est.2, nºs 21-23; *Fundkomplex 2*).

Bonifay (2004, p.179) baliza os diâmetros da H91B tardia entre 160 e 200mm e data o tipo na segunda metade do século V e segundo quartel do VI, parecendo evoluir de aba maior e mais horizontal para aba mais curta e mais curva.



A H91B tardia foi igualmente produzida num dos centros produtores de *terra sigillata* africana C, na Tunísia central – Henchir el-Guellal, Djilma -, que produziu igualmente africana A/D (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.13, nº16). O exemplar conhecido tem fisionomia muito próxima da H91B tardia em D2 de Oudhna e possui até roleta interna, no fundo da parede, semelhante à roleta do exemplar de Oudhna publicado por Bonifay (2004, fig.95).

Em Chãos Salgados registam-se 23 exemplares de H91A e 6 de H91B. O primeiro tipo tem diâmetros entre 140 e 275mm e o segundo, três valores mensuráveis, de 248, 300 e 398mm, pelo que parece condizer com a proposta de Hayes (1972, p.140), em que a H91A tem diâmetros médios e a H91B diâmetros médio-grandes. É também isso que se depreende das estampas de El-Mahrine (Mackensen, 1993, est.75, nºs1-5) e reflecte a dificuldade em distinguir com precisão os dois tipos. Os nºs 576, 577, 578 e 579, de H91A, possuem sempre o bordo baixo, como acontece em El-Mahrine, e os nºs 580 e 839 apresentam o bordo mais alto, embora a aba se mantenha do mesmo tamanho, pelo que ainda serão classificáveis na H91B e não já H91B tardia.

Um exemplar de H91B provém do **contexto 52**, com possível datação de meados do século V (talvez até à sua segunda metade).

Quanto ao traçar deste quadro evolutivo geral, gostaríamos ainda de fazer alguns reparos cronomorfológicos para o que poderá ser uma relação directa ou indirecta dos “bols à listel” precusores da H91A e B, e o tipo H91, variante *Atlante* XLIX, 10, conhecido em fins do século VI e inícios do VII, no centro de Oudhna, onde surge em cerâmica comum e em *sigillata* africana (Bonifay, 2004, p.179; Barraud; et Al., 1998, fig.16, nº25) e certamente relacionado com a forma congénere em cerâmica comum, Carthage Class 1 = Cathma A10, cuja produção está atestada em Oudhna, em meados do século V (Bonifay, 2004, p.252). A H91, variante *Atlante* XLIX, 10 está presente em africana D, num contexto de Cartago que poderá recuar a meados do século VI, quando se inicia a forma H110, presente no conjunto (Neuru, 1990, nºs7-8).

Embora os vasos de aba, ditos precoces, pareçam alcançar os meados do século V, na estratigrafia de Sétif (embora se relacionem com outras séries produtivas - ver *supra*), parece haver um hiato temporal entre este tipo antigo e a forma semelhante, H91, variante *Atlante* XLIX, 10, cuja datação só se inicia talvez em meados do século VI. Este hiato pode contudo, ser preenchido pela H91B tardia, estabelecida por Bonifay, com datações iniciais de meados do século V, e cronologia final no segundo quartel do VI. A constância tipológica em D2, permite pensar num fabrico contínuo desta forma pequena com aba, no centro de Oudhna.

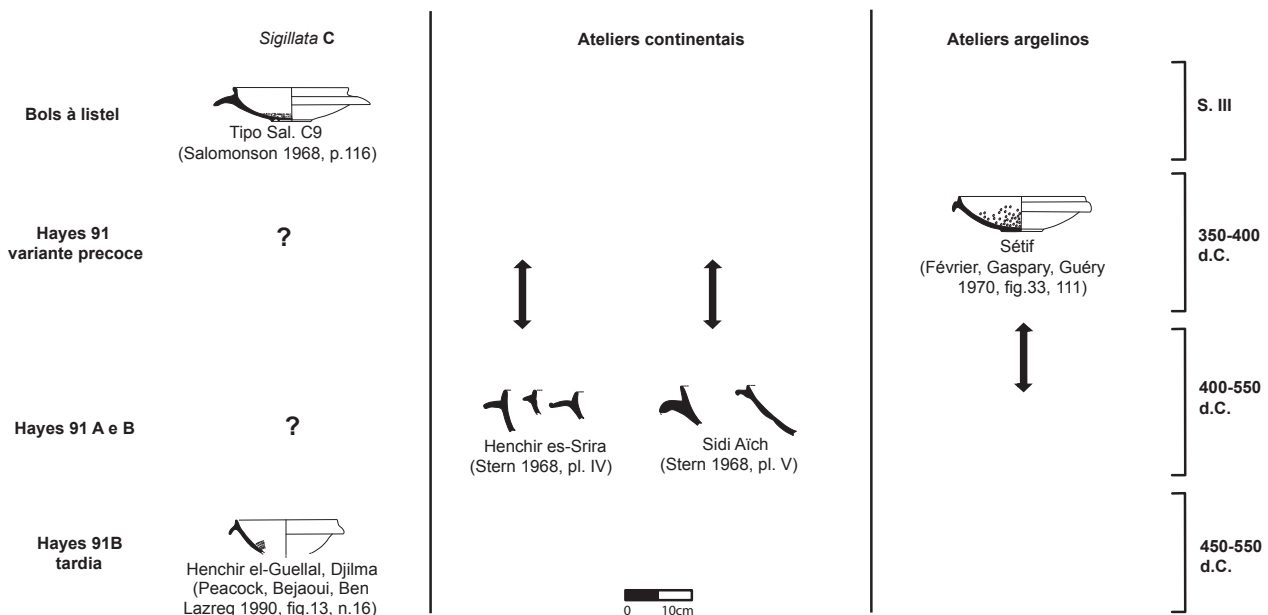


Figura 79 - Evolução da H91A e B nos centros da *terra sigillata* africana C, *ateliers* continentais e argelinos (Quaresma, 2008b).

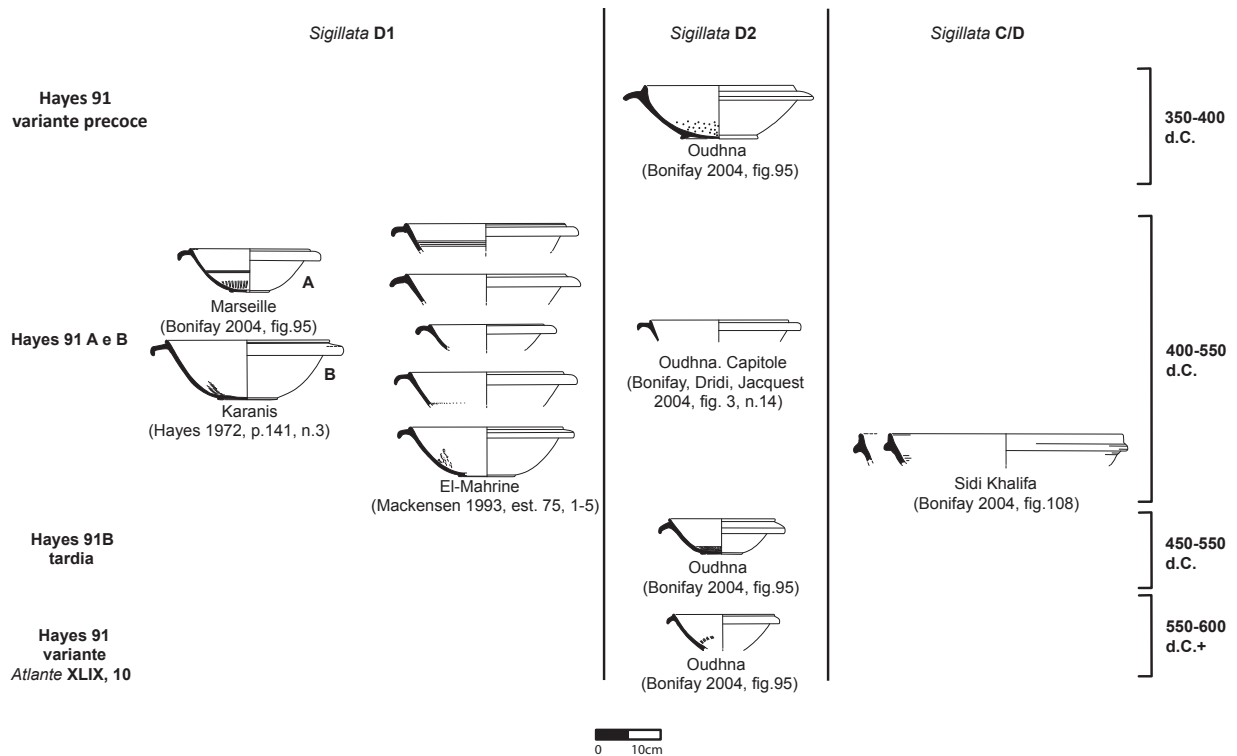


Figura 80 - Evolução da H91A e B nos centros da terra sigillata africana D1, D2 e C/D (Quaresma, 2008b).

#### Fragmentos de fundo com decoração estampada

Os fragmentos de fundo existentes em Chãos Salgados são por norma demasiado pequenos para se extrapolar a sequência decorativa que encerram, mas tal não é impedimento para a classificação nos estilos decorativos estabelecidos por Hayes (1972, p.217 e seguintes).

O estilo A(i) está datado por Hayes (1972, p.219) entre 320 e 350; o A(ii) entre 350 e 420 e o A(iii) entre 410 e 470 d.C.. A revisão das cronologias da H61B (ver *supra*) que Hayes (1980, p.515) encetou sobre os dados da Agora de Atenas, levaram este autor a concluir que o estilo A(iii) começaria já em 380 d.C., quando deveria terminar o estilo A(ii). Tortorella (1987, p.290), concorda com esta nova cronologia e propõe também que o fim do A(iii) ocorra em 440 ou 450 d.C..

No centro de El-Mahrine estão presentes os três estilos decorativos, sendo que, do total do estilo A (886 fragmentos), o estilo A(i) representa apenas 0,45%, enquanto que os estilos A(ii) e A(iii) representam 85,80 e 13,75% respectivamente (Mackensen, 1993, p.226 e tabela 6). Estes valores confirmam a importância de El-Mahrine na produção de decoração estampada na africana D, bem como as conclusões já defendidas por Hayes (1972, p.218-219), que caracterizavam o estilo A(i) como um grupo pequeno e provavelmente curto no tempo, enquanto que o estilo A(ii) constituía o grupo principal. Contudo, a análise tipológica e estilística, que Mackensen (1993, p.433-425 e tabela 17) elaborou sobre El-Mahrine, conduz a uma conclusão cronológica mais próxima da proposta de Hayes, em 1972. Em El-Mahrine, Mackensen estabelece três fases de produção nas quais está presente a decoração estampada do estilo A: na fase 1b, entre 330/340 e 350 d.C., existem os estilos A(i) e A(i)-(ii), e entre 350 e 400/420 d.C., existem os estilos A(ii) e A(iii); por fim, na fase 1c, entre 400/420 e 450 d.C., existem os mesmos estilos A(ii) e A(iii). Neste conjunto parece comprovar-se o prolongamento do estilo A(ii) até inícios do século V e o fim do estilo A(iii) em meados desse século, quando se processa a transição A(iii)-E(i).

Os poucos dados existentes em naufrágios parecem indicar que a transição A(ii)-A(iii) se processe nos finais do século IV, ou mesmo inícios do século V, como propunha Hayes no *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972, p.219): em Yassi Ada II, nos fins do século IV ou inícios do V, o estilo A(ii) surge num fundo de H59A; o estilo A(ii)-(iii) surge em Port-Miou, no primeiro quartel ou meados do século V, e em Dramont E, no segundo quartel do século V (ver anexo 2, tabela 33).

**Estilo A(i)-(ii)**

O estilo A(i)-(ii) está presente em 3 fragmentos. Os n<sup>os</sup> 584 e 667 possuem pequenas folhas de palma, cuja disposição indica proximidade ao centro do fundo e que podem datar-se dos segundo e terceiro quartéis do século IV (Hayes, 1972, tipo 1, p.229). O n<sup>o</sup> 585, com duas faixas de decoração, possui pétalas longas de extremidade curva no centro (Hayes, 1972, tipo 21, p.233) e, separada por uma linha, uma segunda faixa com motivo repetido sem paralelo na bibliografia. Pétalas equivalentes são conhecidas em El-Mahrine (Mackensen, 1993, tipo 1, p.523)

**Estilo A(ii)**

Este é o estilo melhor representado, com 15 exemplares.

Os n<sup>os</sup> 856, 665, 666 e 657-660 (os 4 últimos do contexto 54, datado da primeira metade do século V) apresentam troços de folhas de palma desenvolvidas. O primeiro exemplar evidencia a proximidade das folhas ao centro e estas são semelhantes ao tipo 4.1 de El-Mahrine, enquanto que as restantes são similares ao tipo 4.2, sendo que neste centro, podem surgir nos estilos A(ii) e A(iii) (Mackensen, 1993, p.525).

O n<sup>o</sup> 582 possui a extremidade de uma folha de palma com nervura central em alternância com círculos concêntricos. Será provavelmente uma folha de palma de forma losânguica, semelhante ao tipo 5.2 de El-Mahrine (Mackensen, 1993, p.526).

Círculos concêntricos surgem igualmente nos n<sup>os</sup> 581, 702 (este último do contexto 4, datado dos séculos III, IV e primeira metade do V), 661 (contexto 54, datado da primeira metade do século V) e 668 (UE superficial). Os círculos concêntricos são do tipo 28 de Hayes (1972, p.236), e estão geralmente combinados com folhas de palma; datam-se entre 350 e 450 d.C.. Hayes não dá à estampa círculos concêntricos com mais de 5 circunferências; já o tipo 10.2 de El-Mahrine possui 6; também em El-Mahrine, o tipo 7.2 está muito próximo do n<sup>o</sup> 702 e pertence aos estilos A(ii) e A(iii) (Mackensen, 1993, p.552).

O n<sup>o</sup> 703 (contexto 4, datado dos séculos III, IV e primeira metade do V) contém folhas de palma encabeçadas por uma fiada de rosetas cujo paralelo mais próximo é o tipo 107.1 de El-Mahrine, embora com diâmetro de 10 a 12mm; neste centro, surge em A(ii) e A(iii) (Mackensen, 1993, p.552), enquanto que Hayes (1972, p.237, tipo 44) havia atribuído este motivo aos estilos A(i) – quando pequenas – e A(ii) – quando grandes -. Estas rosetas de Chãos Salgados têm cerca de 10mm de diâmetro, pelo que o estilo A(ii) se adequa, embora a perfeição da decoração e a pequenez das folhas de palma possam também indiciar os estilos A(i) ou A(i)-(ii).

**Estilo A(ii)-(iii)**

A este estilo pertencem 8 peças.

Os n<sup>os</sup> 586, 703 (este último do contexto 4, datado dos séculos III, IV e primeira metade do V), 662 (contexto 54, datado da primeira metade do século V) possuem chevrons, isolados – no primeiro caso -, ou acompanhados de pequeno círculo no interior – nos terceiro e quarto (?) casos -, ou alternando com grelha pequena – no segundo caso -. Hayes (1972, tipos 75 e 69, p.243 e 241) data os chevrons da primeira metade do século V; são também produzidos em El-Mahrine, tal como as grelhas (Mackensen, 1993, tipos 188 e 52 a 55, p.552 e 540).

Os crescentes de Chãos Salgados parecem estar sempre dispostos numa fiada interior a uma banda de círculos concêntricos, separadas (n<sup>o</sup> 589) ou não (n<sup>o</sup> 588) por linhas. É possível que o n<sup>o</sup> 587 esteja combinado com folha de palma. Hayes (1972, tipo 73, p.243) data este motivo entre finais do século IV e meados do V; foi igualmente produzido em El-Mahrine (Mackensen, 1993, tipo 181, p.552).

**3.5.4.4.2. Terra sigillata africana D2****H64, n. 2**

O tipo H64 está atribuído à produção em D2, no Atlante I (p.87), e a H64, n. 2 possui bordo indistinto da parede relativamente curta e inclinada, que se une ao fundo convexo por quebra de perfil mais ou menos acentuada. Os diâmetros costumam variar entre 310 e 390mm.

Hayes (1972, p.111), sem dados cronológicos directos, estima uma datação de primeira metade do século V para a H64. Exactamente nesta época, a H64 faz parte da carga do naufrágio de Dramont E, no segundo quartel do século V (ver anexo 2, tabela 33). Contudo, a forma surge já em contextos de

finais do século IV, nas escavações americanas de Cartago (Hayes, 1976, p.84), tal como no depósito do circo desta cidade, datado de finais do século IV / inícios do V. Por outro lado, as escavações italianas de Cartago parecem prolongar o tempo de vida desta forma, possivelmente por todo o século V, algo que está também reflectido em *Schola Praeconum*, Roma, depósito datado de meados ou finais do século V, onde a H64 está muito bem representada (**ver anexo 2, tabelas 17-19 e 21**).

O exemplar de Chãos Salgados (nº 656 bis) pertence ao **contexto 52**, com datação de meados do século V. Tem diâmetro incerto de 360mm.

#### **L59=H79/Atlante, XXXIX, 7/Fulford 35.4**

O nº 592 possui atributos híbridos em face das variantes conhecidas. Com 256mm de diâmetro, parece ter o bordo bifido, com a secção externa mais alta, tal como acontece nos tipos *Atlante*, XXXIX, 7 e Fulford 35.4 (Peacock; Fulford, 1984, p.61), e a parede comprida, aproximando-se mais do tipo L59, embora a parede deste seja algo convexa (*Atlante I*, p.90). Acresce também que este último tipo possui caneluras abaixo da carena, enquanto que no exemplar de Chãos Salgados as duas caneluras se situam abaixo do bordo.

O *Atlante I* (p.90) atribui a H79=L59 à produção D2 e segue as datações de Hayes (1972, p.127), que balizam o tipo no século V. A H79=L59 está presente no nível de amortização do *cardo maximus* de Illuro, no último terço do século V (**ver anexo 2, tabela 60**) e o perfil do exemplar exposto (Revilla Calvo; et Al., 1997, p.111, nº17) é semelhante ao do nosso exemplar, embora de parede externa plana. O tipo Fulford 35.4 surge ao longo de todo o século V nas escavações inglesas de Cartago, tendo o seu auge no final da centúria (Peacock; Fulford, 1984, p.61). Por último, o tipo H79 está bem representado na segunda metade do século V, em Sidi Jdidi (Abeb; Bonifay; Fixot, 1997).

#### **Guéry, 1970, fig. 69**

O nº 776 é o único exemplar desta forma, cuja atribuição não está isenta de dificuldades. Este exemplar possui fabrico de D2, próximo do fabrico do nosso grupo de pasta *afim à A/D*, e a parte conservada revela pé-de-anel de secção sub-rectangular, com 153mm de diâmetro, fundo recto que se une à parede curta e oblíqua, por uma carena, e bordo em aba, horizontal, que possivelmente terá um diâmetro a rondar os 280mm.

No *Atlante I* (p.85), este tipo, próximo da H60, é atribuído à produção em D1. O nosso exemplar pertence ao fabrico D2, embora com semelhanças ao fabrico que denominámos supra, de *afim à A/D*.

O andamento do nosso exemplar aproxima-se bastante do exemplar 49 de *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.263 e est.LXVII, nº49), embora este último tenha um pé-de-anel atrofiado e a união externa, entre o fundo e a parede, mais suavizada. Possui igualmente duas caneluras junto à extremidade da aba.

Hayes (1972, p.100) data a H60 (para a qual indica um fabrico semelhante ao da H59, portanto, em D1) entre 320 (?) e 380 d.C. e os tipos H60 e Guéry, 1970, fig. 69 surgem em níveis de 360 a 420 d.C. em Cartago (*Atlante I*, p.85), ao passo que nas escavações italianas desta cidade, a H60 parece existir ao longo de todo o século V, mas sobretudo nos anos 20. Uma situação análoga acontece em *Turris Libisonis*. As datações de século IV para a H60 são reforçadas pelo contexto de Sabaters, na área valenciana, onde no século IV, a H60 surge acompanhada das H58, 59 e 61A (**ver anexo 2, tabelas 17, 18 e 59**), bem como pela sua presença em finais do século IV, nas escavações americanas de Cartago (Hayes, 1976, p.84). A ausência de H60 e afins nas escavações inglesas desta cidade, que incidiram sobretudo em níveis a partir do século V avançado, indicia que a presença citada da forma nos níveis de pleno século V da escavação italiana de Cartago e de *Turris Libisonis* possa ser residual.

O exemplar de Chãos Salgados, do tipo Guéry, 1970, fig. 69, pertence ao **contexto 71**, datado de pleno século IV. Esta datação de século IV para o exemplar em D2 de Chãos Salgados anteciparia o início da produção D2 conhecido (final do século IV - ver *supra*). Tal discrepância talvez se explique pelo facto do fabrico deste exemplar ser considerado próximo do *afim a A/D*, podendo ser um elemento de transição.

#### **H87A**

A H87 é atribuída à produção D2, no *Atlante I* (p.93-94) e Sidi Khalifa terá sido um dos principais centros de produção, segundo Mackensen (1993, p.446) e Schneider (Mackensen; Schneider, 2002, p.127); noção que Bonifay (2004, p.173) relativiza, na sequência das prospecções do litoral tunisino. A



sua difusão ao longo da costa impede uma atribuição única a Sidi Khalifa, sítio e litoral correspondente onde até parece estar mal representada, bem como no vale do Segermes, onde os seus quantitativos são bem inferiores aos das H61B, 88 e 103. A mancha de H87 revela dois grandes grupos: o Cap Bon / golfo de Hammamet e o golfo de Gabès, ao Sul de Rass Jezira (Bonifay; et Al., 2002-2003, p.139-140).

Em Alicante, Reynolds (*apud* Reynolds, 1995, p.11) estabelece três fabricos para a H87: pasta arenosa, com engobe fino e mate, pouco aderente, vermelho-rosado ou vermelho-castanho, que surge em muitos exemplares de H87A, quase todos os de H87B e sobretudo na H87 tardia; engobe fino, rosado, brilhante, com marcas de polimento, em dois exemplares de H87B, e o fabrico D2 em exemplares de H87A e B.

O primeiro fabrico surge igualmente em Marselha, nas H87A e B (Bonifay; Carré; Rigoir, 1998, p.363; ver *supra* descrição dos fabricos de D2, em particular o fabrico D5 de Marselha).

É este fabrico que caracteriza a variante 2 da H87A, estabelecida por Bonifay (2004, p.173) e que corresponde ao tipo 1 da H87A de Saint-Blaise (Cavaillès Llopis, 1994, p. 96). O exemplar de Chãos Salgados, nº 591, com um reduzido esvasamento da parede, aproxima-se desta variante 2 da H87A, de lábio arredondado, curto, e 350mm de diâmetro de bordo. A canelura interna está já um pouco abaixo do bordo, o que faz supor uma possível transição para o tipo B (Hayes, 1972, fig.24, H87B, n.3). Dois exemplares da prospecção do litoral tunisino, provenientes do golfo de Gabès e com indicadores de possível fabrico local têm atributos existentes no exemplar de Chãos Salgados (Bonifay; et Al., 2002-2003, p.140, nºs44 e 43): ambos têm lábio triangular alto, mas a canelura interna na mesma posição do de Chãos Salgados; o nº 43 da referida publicação tem *inclusive* o mesmo esvasamento da parede. O primeiro parece ter sobrecozedura e o segundo possui aspecto fruste. Não deixa de ser sintomático que esta área, com estes elementos, esteja mais próxima da área interior onde se situa o centro de Henchir el-Guellal, Djilma, que produziu africana A/D, sendo que a H87 de Chãos Salgados tem um fabrico semelhante ao do tipo Guéry, 1970, fig. 69, próximo do fabrico *afim a A/D* que estabelecemos.

O fabrico descrito *supra* de Bonifay para a variante 2 da H87A, equiparado ao fabrico de Reynolds, poderá corresponder ao fabrico presente em Chãos Salgados, embora só uma observação desses exemplares pudesse ser esclarecedora.

A hipótese de o golfo de Gabès estar relacionada com uma região de fabrico da H87 é igualmente sugestiva pelo facto de Bonifay (2004, p.175) não defender a tradicional filiação da H87 na H61B, mais antiga, mas antes na H82, em C5, cujas datações se centram na segunda metade do século V, e cuja área de produção é exactamente a Tunísia central, em particular o centro de Sidi Marzouk Tounsi.

A H87A está datada por Hayes (1972, p.136) na segunda metade do século V e a H87B nos inícios do século VI. No estrato 205 de Es Castell, do primeiro quartel do século VI, a H87A, variante 2 de Bonifay, presente, poderá ser residual, mas a H87B não está presente (**ver anexo 2, tabela 65**). O exemplar de Chãos Salgados poderá assim ter uma datação mais próxima do fim do século V, ou inícios do VI.

### H80/81B

O nº 590 possui 164mm de diâmetro e um perfil incomum com ligeira carena abaixo do bordo. O seu fabrico fruste (ver *supra* a descrição), de engobe espesso e praticamente sem brilho, aplicado apenas no interior, não se enquadra na normal D2.

As questões do fabrico e da cronologia já foram abordadas *supra*, aquando da análise da H80A, em D1.

Convém acrescentar que Bonifay (2004, p.173) admite que a H81A possa ter uma área de fabrico na parte oriental da Zeugitânia (Bonifay; Carré; Rigoir, 1998, p.364; Reynolds, 1995, p.8); e que a H80B e a H81B, as variantes planas destas duas formas, estão bem representadas em Cartago (Reynolds, 1995, p.8), ao contrário das variantes decoradas (Fulford; Peacock, 1984, p.57), pelo que a H80B e 81B poderão ter o seu fabrico na parte norte da Tunísia, não só em D1 de El-Mahrine (H80A/B/81B = M.11 de Mackensen, 1993, p.330-331), mas também noutras áreas setentrionais que expliquem este fabrico mais fruste, com aparência de fabrico D1/D2, pelo engobe espesso, mas mate ou muito pouco brilhante.

Esta pasta mais fruste e engobe espesso e mate da H81 estão presentes em Marselha na segunda metade do século V e inícios do VI (Bonifay, 1983), pelo que a cronologia desta forma, neste fabrico, deverá circunscrever-se a este período.

### 3.6. *Terra sigillata* foceense tardia

#### 3.6.1. Origem, cronologia e caracterização dos fabricos

Após o importante trabalho de Hayes (1972, p.323) para o estabelecimento da tipologia ainda hoje utilizada e para a localização da região de fabrico desta cerâmica, nos anos 70 do século XX, produziram-se alguns avanços através de trabalhos de Empereur e Picon (1986) e Mayet e Picon (1986), publicados em simultâneo.

No primeiro artigo estabelece-se a relação entre a *Çandarli Ware* e a *Late Roman C*, já entrevista por Hayes, através da descoberta do centro de produção de Grynion, na Eólida, centro que produzira ambas as cerâmicas, bem como cerâmica comum.

No segundo artigo estabelece-se o conceito de *sigillée phocéenne tardive*, através da análise de 32 exemplares de prospecção, que revelavam uma composição semelhante, e de outros 56 exemplares de centros de consumo do Sul da Gália, de *Baelo*, e de sítios do Mediterrâneo oriental, que demonstrava a inter-penetração dos valores geo-químicos da amostra da Fócea com os da amostra dos centros de consumo. Neste estudo, apenas algumas referências da Fócea apresentavam-se ligeiramente diferentes, mas mesmo assim, englobáveis na homogeneidade dos resultados, pelo que os autores concluíram que elas resultavam necessariamente “de relations de voisinages, c’est-à-dire de lieux de fabrication identiques, ou peu éloignés à l’intérieur des mêmes formations géologiques” (Mayet; Picon, 1986, p.132). Precisa-se, por fim, que a ausência de dados relativamente a *Çandarli* torna este centro produtor secundário no âmbito comercial da *sigillata* foceense tardia, já que a produção de *Çandarli* era na altura desconhecida, fora da região de fabrico (Empereur; Picon, 1986, p.144).

Num trabalho recente, Vaag (2005, p.132-136) compila uma série de estudos sobre os vários fabricos relacionados, ou relacionáveis, com a foceense tardia, dando uma visão mais vasta da problemática e fazendo um estado da arte desta questão.

O primeiro trabalho referido é o de G. Schneider, em 1996, no qual se aplicou o mesmo método de M. Picon, em 1986, a uma amostra do Nordeste da Síria e de Ephesos, na qual o último sítio apresentava 2 grupos distintos: um, relacionável com a Fócea, e outro, com Grynion / *Çandarli*, pelo que novamente se processava informação sobre este possível centro secundário.

Partindo do pressuposto normalmente aceite desde Hayes (1972, p.325 e 336), de que a relação entre a *Çandarli Ware* e a *sigillata* foceense tardia teria os tipos H1 e H3H como possível nexos tipológico - o primeiro tipo - e de fabrico - ambos os tipos -, Vaag observou os nºs 28 e 29 do tipo H3H de Hayes (1972, p.335), oriundos da *Agora* de Atenas, e concluiu que estes dois exemplares não possuem mica, o que os distinguiria macroscopicamente da produção principal de foceense tardia, pelo que propõe a realização de análises químicas para averiguação desta relação. Por outro lado, a sua observação dos exemplares de H1, leva-o a concluir que este tipo possui normalmente mica, pelo que constitui um paralelo mais evidente, macroscopicamente.

Na esteira dos estudos dos anos 80 do século XX, referidos *supra*, afirma também que a mica é pouco observada nos exemplares dos centros de consumo. Neste sentido, refere um estudo, de 1996, sobre cerca de 150 exemplares de foceense tardia da escavação de Argos, nos quais a mica fora apenas constatada em 2 exemplares de H1, e um outro estudo, sobre uma amostra de 229 exemplares do Danish Akamas Project, no Chipre, onde apenas 1 exemplar de H3 possuía mica.

O único local onde a observação macroscópica permitiu reconhecer a produção de *Çandarli* / Grynion, através da constatação de mica na pasta, foi Ephesos, igualmente na área da actual Turquia. Nesta cidade, reconheceu-se uma produção local, com exemplares deformados, mas de má qualidade, sendo portanto uma imitação; e, sobre uma amostra de 300 exemplares da escavação do sector de Hanghaus 2, as análises geo-químicas determinaram que a maioria provinha da Fócea e de *Çandarli* / Grynion.

Em Sardis, também na actual Turquia, a escavação do enchimento de 2 poços forneceu um espólio de cerâmicas finas, na qual a maioria era composta por imitações do tipo H3, com pastas finas e grossas que possuíam bastante mica dourada. Este fabrico poderá estar relacionado com aquele que foi diagnosticado em Ephesos e descrito *supra*.

Cronologicamente, a *terra sigillata* foceense tardia situa-se entre os séculos V e VII (Hayes, 1972, p.323) - provavelmente na primeira metade deste século termina a H10 (Hayes, 1972, p.346; Gandolfi,

2005, p.291). A questão que tem sido objecto de algum debate é a do começo do tipo H3, datado por Hayes em 460 d.C., mas objecto de alguma interrogação, por poder ser antecipado algumas décadas, na obra do mesmo autor, em 1980 (Hayes, 1980, p.526). Esta dúvida é ainda mantida por Gandolfi (2005, p.291), mas negada por Martin (1998, p.214), na esteira do artigo anterior de Mackensen (1991, p.85, 89, 95), em que se faz uma revisão dos dados de *latrus*, no baixo vale do Danúbio. A estratigrafia deste sítio havia permitido colocar a hipótese do início da H3 na primeira metade do século V, tese cabalmente desmontada por Mackensen: a escavação havia sido faseada em 4 grandes períodos, A-D, sendo que a moeda mais recente do período A era de 355/361 d.C.; a do período B, de 408/423 d.C.; a do período C, de 425/450 d.C., e a do período D, de 570/571 d.C.. O autor da escavação referira 2 fragmentos não estampados de H3E no primeiro período, e segundo Mackensen, este tipo poderá existir também na fase C, enquanto que a fase D possui H3F e 3H. Os dados dos períodos A-C permitiriam, deste modo, recuar a datação inicial do tipo H3. Contudo, Mackensen detecta a existência de decoração estampada do estilo A(iii)/E(i), em *sigillata* africana D, estilo de transição que se data após os meados do século V (ver *supra*), na fase A de *latrus*, o que desmonta a teoria de recuo das datações.

...

Segundo Hayes (1972, p.323), o fabrico mais comum de focense tardia possui muitas partículas pequenas de calcite e rara mica; a sua cozedura é forte e a pasta, vermelho-castanha, vermelho-púrpura ou marron tinto, tem fractura nítida; o engobe funde-se com a parede, sendo mais espesso no interior e podendo ter algum brilho metálico sobre a face externa da peça.

Hayes (1972, p.336) descreve um segundo fabrico, relacionável com Çandarli / Grynion, pela investigação mais recente descrita *supra*, detectado no tipo H3H e em alguns exemplares do tipo H1, com mica dourada esparsa.

Sobre a face externa do bordo costuma existir uma película cinza, sépia ou branco-creme, provocada pelo ambiente redutor do forno onde se encontravam as peças empilhadas em cozedura.

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### Fabrico 1

**Nºs 593 (H3C) e 594 (H3E):** pasta compacta, dura, de fractura linear, com poucos enp; cor N25/P25. Engobe bem conservado, polido, com finas estrias e levemente poroso, de cor R19/R20. Película cinza sobre o bordo externo. Este fabrico é relacionável com o de Çandarli / Grynion.

#### Fabrico 2

**Nº 830 (H3H):** pasta pouco dura, mas compacta, de fractura conchoidal, com bastantes enp, nomeadamente calcite, de pequenas dimensões; cor N25. Engobe fino, mal conservado, de cor P15. A película cinza sobre o bordo externo estende-se um pouco abaixo deste.

### 3.6.2. Análise tipológica e estratigráfica

#### **H3C e E (fabrico 1)**

Com dois exemplares sem estratigrafia (**nºs 593 e 594**), estas formas caracterizam-se pelo seu bordo vertical, no caso de Chãos Salgados com topo plano, descaído para dentro no segundo exemplar, no qual se aplicou duas linhas de roleta sobre a face externa. Sob o bordo, uma moldura muito suave faz a ligação deste com a parede, o que distingue a H3E.

Hayes (1972, p.338) data a H3C entre 460 e 475 d.C. e a H3E no último quartel do século V, embora possa alcançar os inícios do VI.

#### **H3H (fabrico 2)**

O **nº 830** foi por nós mal classificado aquando da sua publicação (Quaresma, 1999b, nº26), como H3B. Na verdade, trata-se do tipo H3H, de lábio triangular, que pode não possuir roleta, como acontece no nosso exemplar. O diâmetro de bordo é também claramente mais pequeno do que os dos dois exemplares da H3E: 202mm, contra 376 e 380mm. O seu fabrico é sem dúvida mais brando, o que o relaciona também com a descrição de Hayes (1972, p.331), para quem este tipo possuía pasta e engobe grosseiros.

Hayes (1972, p.324) afirma que a roleta, inexistente no exemplar de Chãos Salgados, é normal até inícios do século VI. Afirma também (p.329) que os exemplares com maiores diâmetros (acima de 320 mm) são mais antigos, como acontece no tipo B. Os dois exemplares que Hayes apresenta para a H3H (Hayes, 1972, p.332, nºs28 e 29), possuem 256 e 274mm de diâmetro, respectivamente, valores algo superiores ao de Chãos Salgados. Este exemplar possui também características híbridas em face dos dois vasos de Hayes: não possui roleta, nem a moldura sob o bordo, como o nº 28; mas a protuberância inferior do bordo é menor, como acontece no nº 29.

Hayes (1972, p.338) data o nº 28 num depósito da Agora de Atenas, no segundo quartel do século VI, embora a sua datação possa recuar ao primeiro terço da centúria, e data o nº 29, num outro depósito da Agora, em meados do século VI.

O nº 830 de Chãos Salgados pertence à UE 94 do sector construção nº3 (*domus*), unidade de derube da habitação, o que data o abandono desta estrutura algures na primeira metade do século VI.

### 3.7. Cerâmica africana de cozinha

#### 3.7.1. Origem, cronologia e descrição dos fabricos

No seguimento da definição de Cerâmica de Cozinha Africana realizado por Tortorella (*Atlante I*, p.208), com base sobretudo nos dados das escavações de Ostia, bem como no trabalho de Hayes (1972), Bonifay (2004, p.67) estabelece, tal como o autor italiano, três grandes grupos de fabrico:

- um grupo de cerâmicas com afinidades à *terra sigillata* africana A, onde sobressaem as H23A e B e a H181 (sobretudo as variantes tardias), com origem provável no Norte, em particular na área de Cartago;

- um segundo grupo com polimento em bandas, podendo ter patina cinzenta ou bordo enegrecido, onde se destacam a H181, 182, 184 e 185, com origem na Bizacena;

- um terceiro grupo, de patina cinzenta ou bordo enegrecido, com destaque para as formas H191-198, com produção no Norte, mas também no Centro e Sul da actual Tunísia, ou mesmo na Tripolitana.

- podemos acrescentar um quarto grupo, a partir do trabalho de Tortorella (*Atlante I*, p.209), que descreve a existência de imitações de tipos de patina cinzenta ou bordo enegrecido, em fabrico A/D. Em Chãos Salgados, um exemplar pertence a este grupo, embora tenhamo-lo classificado como afim a A/D, pela similitude com o fabrico por nós descrito *supra*, acerca da *terra sigillata*;

- por fim, Tortorella (*Atlante I*, p.209) descreve o seu fabrico A como podendo ter patina cinzenta ou branco-cinza, no bordo ou na parede externa. Em Chãos Salgados, um exemplar de H181B e dois exemplares de H196 do Norte da Tunísia, e outro de H181C da Tunísia central, possuem patina branco-amarelada junto ao bordo, na parede externa. A patina do exemplar da Bizacena é muito suave.

Na região central da Tunísia, uma série de centros de *terra sigillata* produziu igualmente cerâmica de cozinha, em particular os pratos / tampa H182 e Ostia I, fig.261, em conjunto com material anfórico: Henchir ech Chougaf (de bordo enegrecido), Henchir Mbarek, Aioune es Soltane, Sidi Saad e Henchir el Guellal-Zegalass (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.2, nºs25-26; fig.3, nºs15, 22 e 23; fig.4, nºs11-13; e fig.10, nºs14-15). Destes centros de importância secundária, apenas Henchir el Guellal-Madje não produziu ânforas (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990, fig.11, nºs15-16). Esta associação entre produção de cerâmica de cozinha e contentores anfóricos foi já evidenciada por Bonifay (2004, p.69), acerca dos centros de Oued el-Akarit e *Thaenae*, na Bizacena, e de Zitha-Zian e Gallala, na Tripolitana. Por outro lado, os dois maiores centros de *terra sigillata* africana C, na Bizacena – Sidi Marzouk Tounsi e Henchir el-Guellal, Djilma - não produziram cerâmica de cozinha (Peacock; Bejaoui; Ben Lazreg, 1990); enquanto que esta foi objecto de produção nos centros de Henchir es-Srira e Sidi Aïch, respectivamente as marmitas, tipos H183 e H184, com bordo enegrecido (Stern, 1968, p.147, nota 3 e tabela IV, tipos XLa e b).

No Norte, a produção está atestada em centros relacionados com a *terra sigillata* africana D: em El-Mahrine, há uma escassa produção de marmitas, em particular a H197, e de tampas como as H195 e 196 (Mackensen, 1993, p.436-440). Também Oudhna e Sidi Khalifa têm provas desta produção (Bonifay, 2004, p.69; *Atlante I*, p.209).



No Norte da actual Tunísia, a origem da cerâmica de cozinha ficou definida pelos resultados das escavações americanas em Cartago. Hayes (1976, p.93 e 88) definiu 4 fabricos, denominados de *Early Roman Cooking Ware* 1-4, sendo que o primeiro grupo é o mais comum e predecessor da cerâmica de cozinha de bordo enegrecido. Esta produção está atestada desde Augusto a meados do século I d.C., com fabrico levemente granular, traços de calcite e pasta castanho-amarelada, clara a laranja. Algumas peças mais avermelhadas podem constituir a transição para a cerâmica de cozinha canónica (embora Tortorella não considere haver provas suficientes de transição, mas antes de substituição gradual: *Atlante I*, p.210), que existe a partir de finais do século I, sendo muito abundante no século II: no depósito XVI, datado de Adriano, já não existe *Early Roman Cooking Ware* e a cerâmica de cozinha representa 12% do total do espólio.

A produção de cerâmica de cozinha canónica, no segundo terço do século I d.C., está comprovada pela escavação do enchimento de um poço em Cartago, onde 4/5 da cerâmica fina é de origem itálica: estão presentes as marmitas H193, 194 e 198, bem como a tampa H196, com fisionomia muito próxima da H192, sendo que estes exemplares de tampa possuem o bordo enegrecido (Martin-Kilchner, 1999, p.421-426).

Caracterizamos assim as produções existentes em Chãos Salgados:

#### Norte da actual Tunísia

##### Engobe

Pasta e engobe (interno e externo) iguais à da *terra sigillata* africana A.

O nº 774, tipo H196/Black Top Lid D? (Tomber 1988, *apud* Bonifay 2004), possui pasta próxima da D1.

##### Patina cinzenta

Pasta igual à da *terra sigillata* africana A. Neste caso, o engobe existe apenas na superfície interna.

A única excepção é a tampa nº 746 que não possui engobe.

##### Patina branco-amarelada

Pasta igual à da *terra sigillata* africana A.

A patina branco-amarelada parece aproximar-se da cor K70.

#### Centro da actual Tunísia

##### Polimento/engobe

Pasta dura, algo compacta, granulosa, mas não tanto como a congénere da área de Cartago, de fractura conchoidal um pouco mais regular. Alguns vácuos pequenos alongados. Enp em média quantidade, finos (mica branca, quartzo e calcite). Cor M20.

##### Engobe

Na H181B, mais antiga, o engobe é interno e externo e o polimento, se existe, é muito suave; na H181D, mais recente, o engobe é interno e encontra-se polido em bandas.

Na H23B ou H23A o engobe é interno e o polimento em bandas é externo.

##### Polimento/engobe interno/patina cinzenta

Pasta semelhante à anterior.

Engobe interno fino e mate, aderente, bem conservado. Cor N37. O polimento em bandas existe na face externa.

##### Polimento/engobe interno/patina branco-amarelada

Pasta semelhante à anterior, mas de cor P20.

A superfície da parede pode apresentar muitas finas micas brancas (nº 617).

Engobe interior varia entre M25/N25. O polimento em bandas existe na face interna.

Afim a A/D

Pasta de grão médio, algo dura, com raros pequenos vácuos muito pouco alongados. Fractura conchoidal. Enp bem distribuídos, de pequena dimensão (quartzo, minerais negros, mica branca. Cor P37/39/40.

Superfície interna muito rugosa. Engobe, apenas no exterior, mate, espesso, mal conservado, que se descama. Cor N37.

**3.7.2. Análise tipológica e estratigráfica****3.7.2.1. Norte da actual Tunísia****3.7.2.1.1. Engobe****H23B=L10a**

Em Chãos Salgados, 8 exemplares integram-se neste tipo, havendo 5 diâmetros mensuráveis de 212, 268, 280, 313 e 320mm. O bordo é sempre espessado internamente, podendo ser pouco em dois casos (n<sup>os</sup> 595 e 596), ou de forma mais alongada (n<sup>os</sup> 597 e 841). Num dos casos de espessamento curto, n<sup>o</sup> 595, o diâmetro é de apenas 212mm e a parede é mais esvasada, o que aproxima um pouco este exemplar do tipo H23A.

Todos os exemplares de Chãos Salgados são contudo classificáveis no tipo H23B, n<sup>o</sup> 2 de Bonifay (2004, p.45-47 e fig.112), que está datado em contexto do segundo quartel ou meados do século III de Nabeul.

A datação da H23B recua aos inícios do século II, segundo o *Atlante I* (p.217), e a da H23A aos finais do século I. Ambas os tipos surgem em *Ostia*, no estrato IV do ambiente XXV das Termas do Nadador, entre 90 e 140 d.C. (ver anexo 2, tabela 34).

Aguarod Otal (1991, p.267-269) apresenta uma série de dados da Tarraconense, que permitem à autora recuar a datação da H23A a Cláudio, quando surge num nível de abandono de *Celsa*, havendo igualmente dados de Nero, em *Celsa* e *Caesaraugusta*, e dos Flávios, em *Caesaraugusta*, *Baetulo* e *Tarraco*. A mesma autora apresenta dados de H23B situados em Nero ou inícios de Vespasiano, na cidade de *Caesaraugusta*.

Aquilué Abadias (1995, p.69) e Bonifay (2004, p.211) são, no entanto, cautelosos na aceitação de dados tão recuados, e o segundo autor considera estas formas frequentes apenas a partir da primeira metade do século II.

Se analisarmos a estratigrafia *Baetulo*, verificamos que a cerâmica de cozinha africana está bem presente nos níveis de Domiciano e do segundo quartel do século II, mas que no primeiro momento, só a H23A está presente, com 29 exemplares. No segundo quartel do século II, a H23A parece tornar-se escassa (3 exemplares) e dá-se a introdução e hegemonia da H23B, com 28 exemplares. Na Ilha do Pessegueiro, a H23A está ausente e só se importou H23B: esta surge na primeira metade do século II, representada por 4 exemplares na camada 5 do corte A e a sua atestação é forte em meados / terceiro quartel do mesmo século, como prova a camada 4 do mesmo corte. No contexto 34 de Marselha, datado de finais do século II e inícios do III, a H23B domina, mas a H23A ainda está presente com 5 exemplares. Nos níveis da segunda metade do século III da muralha de *Gerunda*, a H23B está amplamente representada por 67 exemplares, enquanto que a H23A é residual, com apenas 3 exemplares (ver anexo 2, tabelas 27, 38, 47 e 53).

As propostas de datação de Hayes (1972, p.45-48), para quem a H23A se situava na primeira metade do século II, podem provavelmente explicar-se por uma errada interpretação, não de um desaparecimento da forma nesse momento, mas sim de uma rarefacção, já que ainda surge em *Ostia* nos finais do século II / primeiro quartel do século III, no estrato III das Termas do Nadador (ver anexo 2, tabela 34). É possível que ao longo do século II se dê a transição gradual entre a H23A e a H23B, mas não necessariamente num modelo de substituição, como propôs Hayes.

O perfil da H23B existente em Chãos Salgados pode assim recuar aos inícios do século II, ou pelo menos ao segundo quartel desse século, embora permaneça em aberto o recuo a uma datação de épo-

ca flávia segundo os dados de Aguarod Otal. Este tipo dura até finais do século III, quando as paredes se tornam mais espessas e o ressalto da carena mais proeminente (Bonifay, 2004, p.211).

### **H23B=L10a ou H23A=L10b**

Existem 15 exemplares em Chãos Salgados, pertencentes a troços de carena ou de bojo. A sua datação poderá recuar aos flávios ou inícios do século II e estende-se até finais do século III (ver *supra* datação da H23B).

### **H181B (Bonifay, 2004)**

Quatro exemplares de Chãos Salgados integram-se nesta variante estabelecida por Bonifay (2004, p.211-213), no quadro evolutivo da H181. Os nºs **598, 599 e 600** possuem 380, 272 e 216mm de diâmetro de bordo. O nº **600** possui engobe apenas no interior e topo do bordo, enquanto que os restantes possuem engobe em ambas as superfícies. É também este exemplar que possui o perfil levemente mais próximo da variante C de Bonifay, tendo o nosso exemplar a parede mais espessa e menos curva. Pode, por isso, ser um exemplar de transição da B para a C. Em *Simitthus*, esta variante B está muito bem representada, parecendo constituir o essencial dos 5000 fragmentos deste tipo (Bonifay, 2004, p.213; Vegas, 1994, p.155, fig.162, nºs130-134). Todos os exemplares possuem engobe apenas no interior e, no exterior, podem ter bordo enegrecido ou patina cinzenta. A elevada quantidade de exemplares de cerâmica de cozinha, de engobe interno, e de patina cinzenta ou bordo enegrecido (**ver anexo 2, tabela 20**), pode constituir um indício de proximidade a um centro produtor destas cerâmicas, entre os meados do século II e as últimas décadas do III, quando se baliza a cronologia deste sítio. Tal como já analisámos *supra*, acerca da *terra sigillata* africana A, o vale médio do Mejerda pode ter desempenhado um papel relevante também na produção de cerâmica de cozinha. Além disso, as variantes A e B da H181 estão pouco difundidas em Cartago (Bonifay, 2004, p.213), o que permite supor alguma distância desta cidade à região produtora, nos séculos II e III, enquanto que a variante tardia, C, entre fins do século IV e meados do V, é muito frequente em Cartago.

Bonifay (2004, p.213) propõe uma datação de fins do século II a inícios do IV para a H181B, que deverá balizar os exemplares de Chãos Salgados. O perfil do nº **600** indicia uma cronologia mais avançada neste segmento temporal, do que os perfis dos outros exemplares.

### **H196**

Os três exemplares constantes em Chãos Salgados apresentam outras características que os classificam em fases diferentes deste tipo.

O nº **605** pertence ao tipo B, com topo plano, datada por Bonifay (2004, p.225) no século II. Este exemplar possui caneluras concêntricas, segmentadas, na parte mesial da parede externa. Uma decoração semelhante, mas na parede interna, é conhecida numa taça de Cartago, classificada por Hayes (1976, p.100-102 e fig.18, nº3) na *Early Roman Buff Ware*, que constitui uma grande percentagem das cerâmicas planas nos níveis do século I das escavações americanas. Se o exemplar de Chãos Salgados for o reflexo de uma influência desta produção, então a sua cronologia poderá recuar a um momento impreciso do século I.

O nº **603**, com 218mm de diâmetro, possui bordo plano, que forma arestas com o bojo, resultante de um possível biselamento para a sua modelação. O bordo e o andamento rectilíneo da parede aproximam-no de formas do século I, como a variante precoce da H196 (Bonifay, 2004, fig.121), a própria H192, considerada por Hayes (1972, p.207) como possível predecessora da H196 e datada até meados do século I d.C., ou a variante precoce da H185, que pode atingir os inícios do século II (Bonifay, 2004, fig.118).

O nº **604**, com 196mm de diâmetro de bordo muito levemente espessado, não é passível de classificação mais minuciosa, pela inexistência do fundo, podendo pertencer à H196A ou B.

Bonifay (2004, p.225-227) aceita uma evolução tipológica na H196 que partiria de um bordo não espessado para um progressivo espessamento. Neste sentido, o autor considera a H196B, de bordo espessado e topo com pé-de-anel, mais recente do que a H196A, surgindo apenas na época severa, ou na segunda metade do século II. Os tipos A e B seriam elaborados até aos finais do século III, já que no século IV surgiria a variante tardia.

O início da datação da H196 tem igualmente dados precoces na Tarraconense. Na estratigrafia de *Baetulo*, a H196 surge com bordo liso, embora não propriamente biselado como o nº **603**, ou com bordo

muito levemente espessado, nos estratos domicianos e do segundo quartel do século II de Clos de la Torre -Torre Vella (Aquilué Abadias, 1987, p.41, 56, 64, fig. 7, nº 1, fig.10, nºs 7-9, fig.16, nºs 2 e 8, fig.13, nº 3, fig.19, nº 2-4 e 8; **ver anexo 2, tabela 53**); esta variabilidade parece contudo prolongar-se e surge igualmente num estrato adriano ou antonino de enchimento da cloaca do sector “Plaza Constitución” (Aquilué Abadias, 1987, fig.21, nºs 12 e 15). Nos estratos 3 e 2 do sector “solar de la Calle del Templo (Can Boada)”, datados respectivamente do terceiro quartel do século II e de finais do século II / primeira metade do III, esta dicotomia mantém-se, mas o espessamento parece ser mais evidente num exemplar (Aquilué Abadias, 1987, fig.29, nºs 8-10 e 12 – este com espessamento mais nítido -, fig.30, nºs 2-3).

Consideramos assim, que, apesar da tendência de espessamento afirmada por Bonifay, esse atributo pode radicar-se numa época anterior – século I -, como aliás se espelha na própria variante precoce do autor, com pequeno espessamento (Bonifay, 2004, fig.121,nº1). Apesar deste atributo se afirmar claramente no século II, os 3 exemplares de Chãos Salgados podem assim datar-se entre finais do século I e o século III, com excepção do nº 605 que deverá restringir-se ao século I ou a uma fase antiga do século II.

### H197

Os dois exemplares de Chãos Salgados possuem apenas este tipo de fabrico e os seus diâmetros de bordo medem 234 e 274mm (nºs 601 e 602).

O primeiro integra-se na fase dos séculos II-III da H197, segundo o esquema evolutivo de Bonifay (2004, p.223-225), com o bordo espessado e canelura no topo.

O segundo é mais tardio, com o bordo espessado a constituir claramente uma aposição à própria parede da peça, formando uma pseudo-moldura alongada no topo e uma canelura interna na união com a parede. A maior profundidade da peça deduz-se também pela parede mais vertical, em relação à do primeiro exemplar, de perfil mais côncavo. Esta variante mais tardia está datada dos finais do século IV e primeira metade do V (Bonifay, 2004, p.223-225).

As datações propostas por Aguarod Otal (1991, p.281), para o começo da H197 = *Ostia III*, fig.267 na segunda metade ou último quartel do século I, segundo os dados de Can Majoral e *Caesaraugusta*, não são aceitáveis, pois integram neste tipo, exemplares de bordo mais destacado, que se assemelham mais ao tipo *Ostia II*, fig.312, datado por Bonifay (2004, p.223) nos finais do século I / inícios do II, e que precede a H197. Exemplares como o nº 2 da fig. 77 de Aguarod Otal (1991), proveniente de *Caesaraugusta*, revelam, contudo, uma transição entre os tipos *Ostia II*, fig.312 e H197, em que o lábio já não se prolonga tanto para o exterior do bordo.

### H196 / Black Top Lid D(?) (Tomber 1988, apud Bonifay 2004)

Bonifay (2004, p.227) aborda o tipo Black Top Lid D entendendo-o não como uma derivação da H196, mas sim das variantes tardias da H195 devido ao formato triangular do bordo, que forma um pseudo-lábio superior, e ao andamento convexo da parede, que costuma ter duas caneluras a meio. Afirma que a maioria é de fabrico de bordo enegrecido do Norte da Tunísia, sendo Oudhna um provável centro produtor, onde se conhecem muitos exemplares, neste caso, com engobe exterior que pode ter ou não bandas lustradas. As datações conhecidas são de fim do século IV e inícios do V, em Cartago, e de primeira metade do século V, em Nabeul. Um exemplar de bordo enegrecido surge em contexto de século V/VI, em Cartago (Hayes, 1976, p.92, fig.14, nº26).

Bonifay rejeita assim a tese de Hayes (1976, p.92), para quem a Black Top Lid D derivaria da H196 setentrional.

O exemplar de Chãos Salgados, nº 774, possui 352mm de diâmetro e o seu perfil aproxima-se da H196: o troço final da parede visível é algo convexo e o espessamento não é tão acentuado como na H195, não formando o pseudo-lábio superior, mas tal como na *Black Top Lid D*, a face externa do bordo é côncava. É possível assim que tenhamos duas influências, as H195 e H196, a confluírem neste tipo tardio. O exemplar de Chãos Salgados possui pasta e engobe semelhantes aos da *sigillata* africana D1 e provém do **contexto 70**, datado de pleno século IV, o que, em nosso entender, tipológica e cronologicamente, faz deste exemplar um possível elemento de transição entre a H196 tardia (séculos IV e V) e a *Black Top Lid D*, ainda no século IV.



### 3.7.2.1.2. Patina cinzenta

#### H23B=L10a

Existem cinco exemplares em Chãos Salgados, com três diâmetros de bordo mensuráveis: 214, 257 e 334mm (n<sup>os</sup> 607 e 608). Possuem a mesma fisionomia dos congéneres em fabrico de engobe, pelo que propomos a mesma datação.

#### H23B=L10a ou H23A=L10b

Em Chãos Salgados estão presentes 3 fragmentos de bojo ou carena (n<sup>o</sup> 609). Propomos a mesma datação aplicada para a congénere em engobe.

#### H181B (Bonifay, 2004)

Dos 5 exemplares de Chãos Salgados, apenas 1 conserva o bordo e o diâmetro deste mede 314mm (n<sup>o</sup> 606). A datação destes exemplares é igual à dos congéneres de engobe, acima analisados.

#### H196

Um único exemplar, n<sup>o</sup> 746, com 205mm de diâmetro de bordo, pouco espessado. Provém de um estrato datado na primeira metade do século II (**contexto 59**).

### 3.7.2.1.3. Patina branco-amarelada

#### H181B (Bonifay, 2004)

O único exemplar é o n<sup>o</sup> 610, de parede acentuadamente convexa e bordo afilado, com diâmetro de 352mm.

Propomos a mesma datação aplicada à H181B de engobe e de patina cinzenta.

#### H196

Outros 3 exemplares possuem patina branco-amarelada sobre o bordo e, em dois casos, foi possível medir o diâmetro de bordo: n<sup>os</sup> 611 e 612 (272 e 181mm). Ambos possuem espessamento muito leve, sendo quase inexistente no segundo caso.

Propomos a mesma datação discutida *supra* acerca dos congéneres de fabrico de engobe, entre os finais do século I e o século III.

### 3.7.2.2. Centro da actual Tunísia

#### 3.7.2.2.1. Polimento/engobe

#### H23B=L10a ou H23A=L10b

Três exemplares de bojo ou carena poderão pertencer a uma de estas duas formas. Para a sua datação propomos o mesmo segmento temporal referente às congéneres dos fabricos do Norte da Tunísia.

#### H181B (Bonifay, 2004)

Bonifay (2004, p.213-214) propõe um esquema evolutivo da H181 na Bizacena, com quatro variantes, A-D.

Sete exemplares de Chãos Salgados (n<sup>os</sup> 614 e 615) pertencem à H181B, possuindo o bordo algo afilado e nitidamente reentrante. Determinaram-se 5 diâmetros de bordo, com 192, 201, 225, 230 e 257mm. Bonifay data esta variante na primeira metade do século III.

#### H181D (Bonifay, 2004)

O n<sup>o</sup> 616, com 248mm de diâmetro, é o único exemplar desta variante, com bordo afilado e parede verticalizada. Bonifay (2004, p.214) data a H181D da Bizacena na segunda metade do século IV / primeira do V d.C..

### 3.7.2.2. Polimento / engobe interno / patina branco-amarelada

#### H181C (Bonifay, 2004)

O único exemplar de Chãos Salgados é o n° 617, com 182mm de diâmetro. A variante C possui bordo não espessado de topo arredondado e parede em quarto de círculo. Bonifay (2004, p.214) data esta variante entre fins do século II e inícios do IV, pelo que parece haver simultaneidade entre as variantes B e C na primeira metade do século III.

### 3.7.2.3. Polimento / engobe interno / patina cinzenta

#### H181C (Bonifay, 2004)

O único exemplar de Chãos Salgados é o n° 618. O seu diâmetro mede 219mm e, neste caso, o bordo é afilado, através de um biselamento interno, ao contrário da descrição de Bonifay (2004, p.214).

Apontamos a mesma datação aplicada à congénere de patina branco-amarelada.

### 3.7.2.3. Afim a A/D

#### Ostia I, fig. 28

O único exemplar é o n° 708bis, com 343mm de diâmetro de bordo, o qual tem a extroversão habitual e um leve espessamento. A parede parece ser baixa e possui canelura no início da sua horizontalização. Este fragmento provém do contexto 12, datado de finais do século II / III até meados do V. Em Ostia, conhece-se um diâmetro de 296mm, num exemplar igualmente com engobe apenas no exterior, datado na primeira metade do século III (*Atlante I*, p.57-58).

Os tipos Ostia I, fig.262 = H195 e Ostia III, fig.170 são bastante próximos, com a aba e a canelura a meio da parede, mas não conhecidos neste fabrico de A/D. As suas datações centram-se nos séculos III e IV, podendo a primeira iniciar-se já em meados do século II e alcançar ainda os inícios do V (*Atlante I*, p.213-214).

## 3.8. Análise dos grafitos sobre *terra sigillata*

O conjunto de grafitos de Chãos Salgados (n°s 619 a 646) evidencia uma primeira realidade cronológica: um primado deste hábito epigráfico no Alto-Império (25 exs.), com um fim possível no século III, período a que pertencem os três últimos grafitos.

Esta evolução cronológica encontra um bom paralelo num outro sítio peninsular, *Baelo*, com um estudo monográfico intensivo sobre um grande lote de *terra sigillata*, pelo que este sítio se apresenta como um bom paralelo estatístico: em 41 casos detectados, pelo menos 34 pertencem ao Alto-Império, enquanto que, apenas 5 ou 7 casos (consoante a cronologia dos 2 exemplares de Africana A) ocorrem no Baixo-Império (Bourgeois; Mayet, 1991).

Produção	Chãos Salgados	<i>Baelo</i>
TSI	0	10
TSSG	12	22
TSH	13	2
TSAf A	0	2
TSAf C	3 (TSAf C1/C2)	2
TSAf D	0	3
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>41</b>

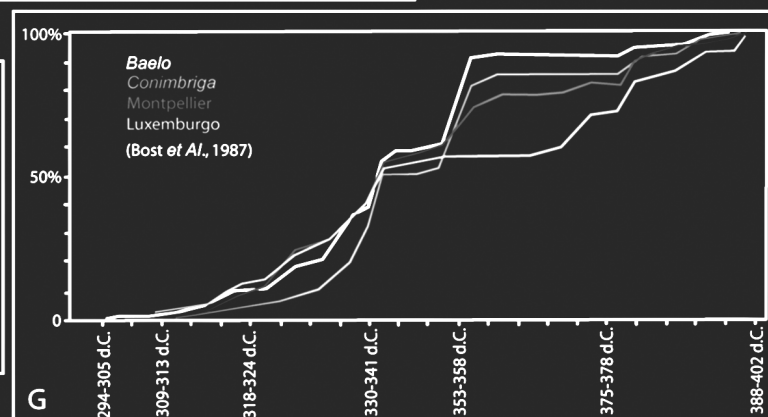
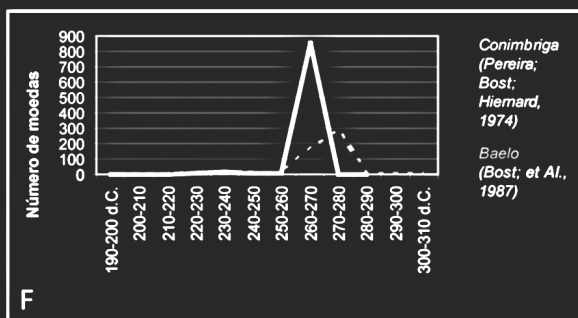
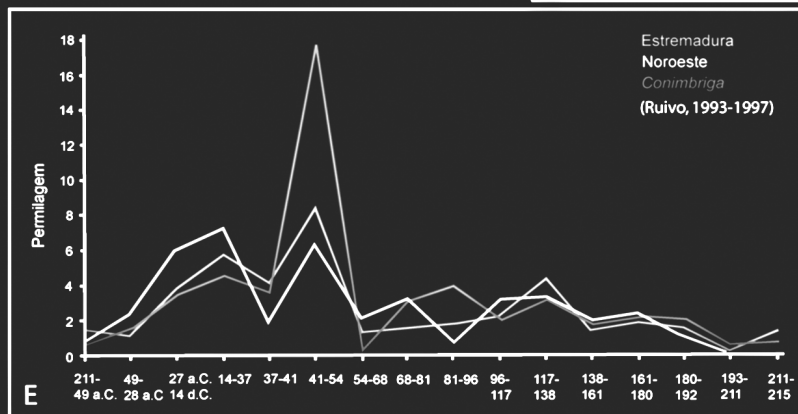
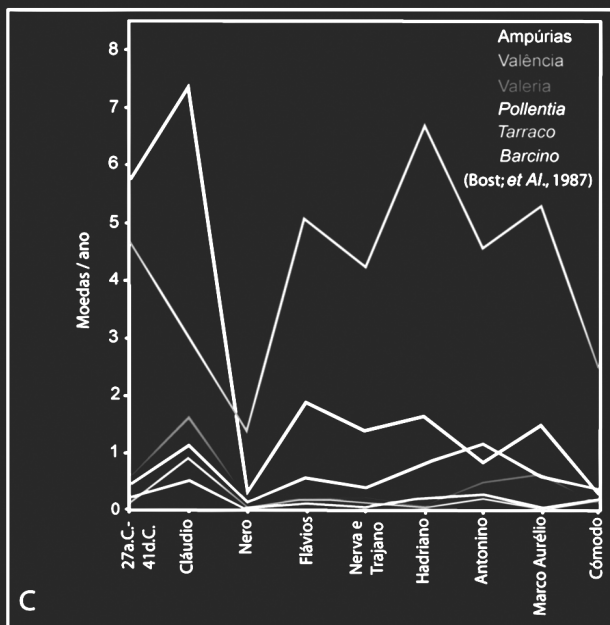
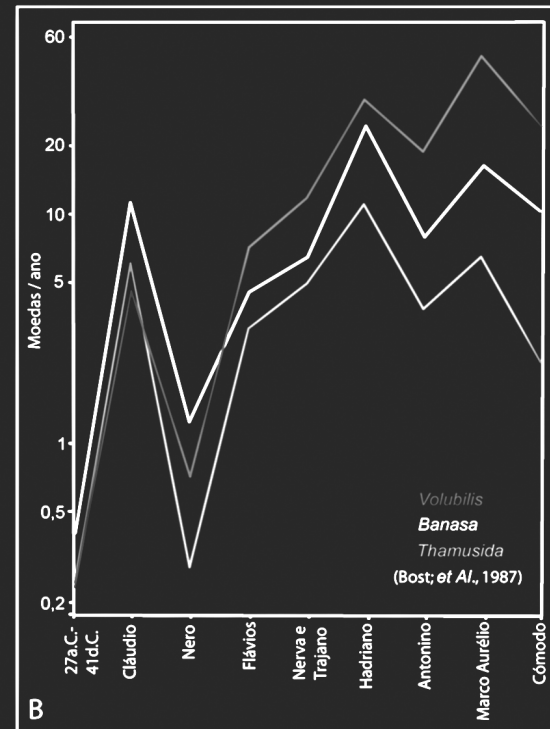
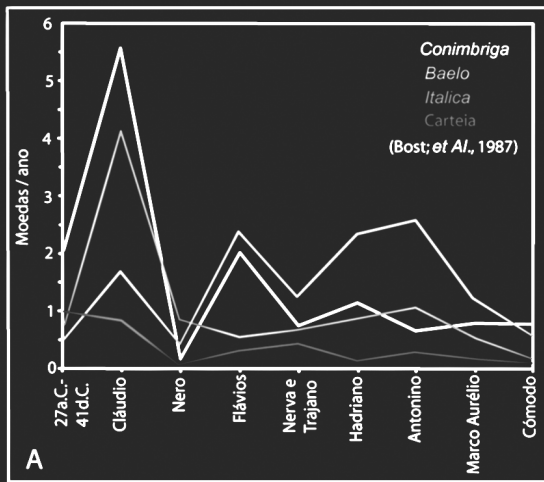
Figura 81 - Quadro comparativo da distribuição de grafitos nas produções de *terra sigillata* de Chãos Salgados e de *Baelo*.

Do conjunto de grafitos de Chãos Salgados, destacam-se os **n°s 633 e 635**, de leitura LI. Ambos foram apostos em Drag.24/25 ou 27 de pequeno tamanho e provêm da mesma construção n° 3, *domus*; poderão, assim, ter pertencido à mesma pessoa. Por último, destacamos o **n° 637**: o nome em genitivo, TIRI, apresenta letras com hastes que denunciam uma cronologia mais avançada, a condizer com o próprio perfil da peça, uma Drag.27 de corpo desenvolvido, com quarto de círculo superior bastante verticalizado e bordo liso (século II avançado?). Provém da mesma construção n° 3.

Por último, destacamos os **n°s 627, 628, 629, 632 e 643**. Em quatro casos surge a letra X, e num caso as letras XI. Podendo ser apenas simples indicações de posse, feitas por gente não alfabetizada, não deixa de ser sugestiva uma possível função numérica relacionada com possíveis preços marcados *post-cocturam*, dos quais apenas se conhecem dois casos na área germânica (Kovacsovics, 1987; Noll, 1972). Nos casos de Chãos Salgados não temos contudo, qualquer certeza quanto a uma possível relação com preços, sendo muito mais plausível terem sido feitos com o intuito de referir uma posse.

Dois casos são de peças indetermináveis hispânicas de La Rioja e Andújar, enquanto os outros 3 casos foram apostos em *terra sigillata* sudgálica: 1 Drag. 15/17 e 2 tigelas. Numa destas tigelas (**n° 629**) está marcado XI, o que a ser um preço poderia indicar um custo mais elevado para uma tigela do que para um prato, ideia razoável tendo em conta a menor capacidade de empilhamento e transporte desta forma mais fechada em relação ao prato (o **n° 627**, com um X, é de Drag. 15/17). Parece-nos também menos plausível encarar este XI, como uma simples marcação anepígrafa, já que provém da área circundante à construção n° 3 (*domus*), de onde se conhece o acima referido grafito **n° 637**, com o proprietário bem definido (TIRI).

# Para uma análise comercial comparada







## 4. Para uma análise comercial comparada

### 4.1. A evolução intra-sítio no quadro peninsular

#### 4.1.1. *Terra sigillata* itálica

Em Chãos Salgados, a *terra sigillata* itálica (ver anexo 1, tabelas 8 e 23) foi comercializada em fraca quantidade e o seu repertório é essencialmente liso, com um primado dos pratos sobre as tigelas (relação aproximada de 2/3-1/3), embora para tal contribua um elevado número de fragmentos indetermináveis.

Não possuímos qualquer dado estratigráfico relevante para o espólio itálico, pelo que o seu início, tendo em conta a existência de um único fragmento decorado e a inexistência de qualquer marca radial, aponta para a fase clássica.

Deste modo e apesar das formas 12, 22 e 28 poderem recuar aos finais da fase precoce, pensamos que a sua importação deva já situar-se na fase clássica, quando o sítio iniciou claramente a importação destes bens. Nesta época foi também importante a forma 4. Temos assim um certo equilíbrio na importação de pratos e tigelas de pendor cronológico médio-tardo augusto.

O mesmo equilíbrio parece acontecer entre os pratos do tipo 20 e as tigelas dos tipos 23 e 27, de pendor avançado ou tardio.

Ao nível estatístico, denota-se um valor maior das importações na fase tardia, pós-augusta, embora este primado se esbata por uma hipotética amplitude cronológica que pode alcançar a época flávia. Deste modo, a curva de importação em Chãos Salgados atinge o seu ponto mais alto ao longo do principado de Augusto e decai em Tibério.

Arcaica pré - 30 a.C.	Precoce 30-12 a.C.	Clássica 12 a.C. - 15 d.C.	Tardia pós - 15 d.C.	Total NMI
0	0	45,84%	54,16%	67=100%

Figura 82 - Chãos Salgados. Fases da TSI.

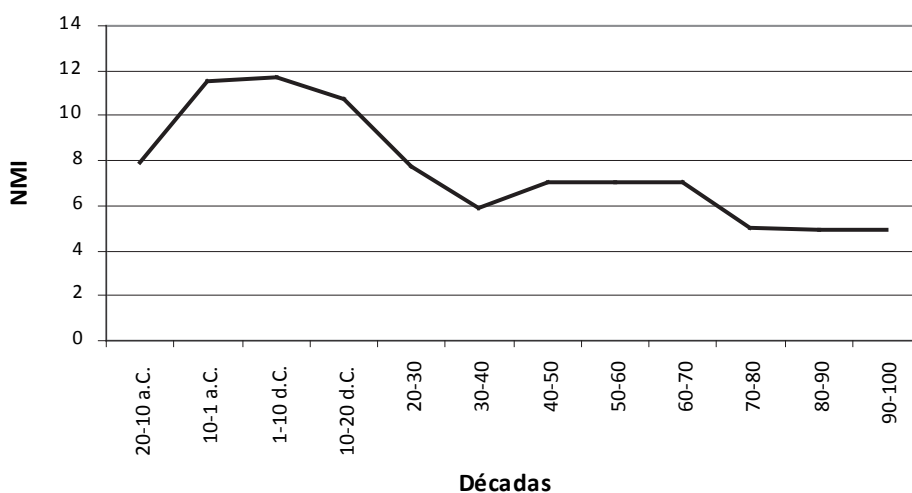


Figura 83 - Chãos Salgados. Evolução da TSI.

É possível que a época cláudia tenha assistido a uma leve recuperação dos índices, até aos inícios da época flávia. Este âmbito cronológico estatístico não possui qualquer confirmação estratigráfica no sítio. Nas escavações recentes das construções n.ºs 1 e 2 da área habitacional (**ver anexo 1, tabelas 1 e 2**), cujo início poderá recuar ao terceiro quartel do século I, a escassa *terra sigillata* itálica é residual na estratigrafia e nem sequer surge associada aos primeiros momentos destas ocupações, pelo que não se auffer nenhum significado cronológico.

Dos oleiros presentes em Chãos Salgados (**ver anexo 7, tabela 3**), *C. Tapurius* é o menos representado no território peninsular, com exemplares isolados em *Conimbriga* e *Scallabis*. *Vibienus* e *C. Vibienus* estão medianamente representados na Península e parecem alcançar sobretudo sítios setentrionais de cariz militar e sítios da costa oriental. *C. Vibienus*, melhor representado, com quase o dobro de efectivos, alcança também sítios do interior meseteno, como *Segobriga*, bem como um maior número de sítios da costa ocidental, casos de *Salacia* e *Olisipo*.

O *cognomen* do primeiro e o *nomen* do segundo, *Vibienus*, embora abreviado no segundo caso de Chãos Salgados, poderá ter, enquanto derivado, alguma relação com a expressão GRATVS VIBIOR(um), que indicia uma relação de *societas* desta família, os *Vibii*, com um trabalhador (ou escravo) de nome *Gratus* (Mees, 2002, p.277). Esta indicação de *socii* é reveladora da complexidade de gestão que a produção itálica foi já capaz de alcançar, a qual é igualmente atestada na estatística da composição das cartelas. Segundo A. Mees (2002, p.267), 2771 cartelas de *terra sigillata* itálica possuem *nomen*, 2880 possuem 2 *nomina* e 70 casos possuem 3 ou mais *nomina*. Do segundo caso, 1098 cartelas são compostas por *praenomen+nomen+nomen*.

Neste quadro complexo insere-se o oleiro melhor representado na Península, *P. Cornelius*: surge 40 vezes isolado, 5 vezes com o trabalhador *Antheros* e 48 vezes associado a outro trabalhador.

*P. Cornelius* teve (tal como *M. Perennius*) - ao contrário de *Xanthus* (e de *Ateius*), um oleiro também importante no contexto peninsular - uma vocação comercial mediterrânica e não galo-germânica (Ettlinger, 1987, p.16). Esta vocação mediterrânica é igualmente expressa por *C. Vibius Scrofula*, oleiro possivelmente relacionado com a *societas* acima referida e cuja família poderá relacionar-se de algum modo com os *Vibieni*, cuja dispersão na península é também nítida.

*P. Cornelius* atingiu um avultado número de sítios peninsulares, sozinho (40 casos), mas sobretudo em produtos realizados em associação com outrem (53 casos). A amplitude geográfica peninsular é também a mais vasta: surge na área meridional, em *Baelo*, *Cordoba* e sobretudo *Emerita Augusta*, e em muitos sítios de toda a área ocidental. Os 10 exemplares da capital lusitana evidenciam a sua comercialização em âmbito civil, embora a sua máxima aquisição tenha ocorrido em Léon, de clara vocação militar na área setentrional (acrescem 2 exemplares em *Lucus Augusti*). Não parece atingir, contudo, a área meseteno, tal como *Xanthus*, que surge igualmente na área meridional, na região de Málaga. Ambos têm contudo, um exemplar em *Arcobriga*, vendido provavelmente via Ebro.

A *terra sigillata* itálica teve uma dispersão não só “europeia”, continental e britânica (Pasquinucci; Menchelli, 2005, p.163), mas também norte-africana, entre a *Tripolitana* e a *Mauritania Tingitana* (**ver**

**anexo 2, tabela 44**). Na primeira região foi objecto de concorrência considerável da produção oriental A, embora esta, estranhamente, não tenha sido adquirida em *Sabratha*, onde os valores de *sigillata* itálica são hegemónicos, no Alto-Império. A *sigillata* oriental A concorreu ainda na Proconsular, mas os seus índices em Cartago são já fracos. Os volumes de importação de vasos itálicos decrescem gradualmente para Ocidente, sendo ainda importantes na área da actual Argélia, mas bastante menos na *Mauritania Tingitana*. Contudo, no primeiro caso acresce a participação da tardo-itálica, prolongando este segmento comercial, e na *Mauritania Tingitana* os seus valores de importação média anual são apenas algo inferiores aos da sudgálica, que embora já bem representada na área argelina, tem neste extremo ocidental mediterrânico o seu território de domínio.

No território hispânico, a *sigillata* oriental A foi até ao momento diagnosticada em 2 sítios lusitanos, *Ossonoba* e *Scallabis*, onde teve uma venda esporádica (**ver anexo 7, tabela 2**).

A *sigillata* itálica (**ver anexo 7, tabela 2**) teve os seus maiores níveis de importação média anual na área oriental, costeira, ou próxima da costa (*Baetulo*, *Tarraco*, *Begastri*, *Serreta*, *Ello*, *Libisosa Foroaugustana*, *Saguntum*, *Pollentia* e necrópole de Sa Carrotja na Ilha de Maiorca, e *Valentia*); em sítios interiores de vocação militar, como provavelmente Cerro del Cabezo (*Mirobriga?*) e Herrera de Pisuerga (outro sítio de vocação militar, *Asturica*, tem um grande volume itálico – Carretero Vaquero, 2000, p.344); e em sítios das fachadas meridional, como *Baelo*, e ocidental, como *Represas* e *Conimbriga*.

Na área lusitana, os oleiros de Arezzo terão sido dominantes, seguidos em menor grau pelos pisanos e escassamente pelos congéneres do vale do Pó e Centro-Sul da Itália (**ver anexo 2, tabela 4**).

Em termos cronológicos (**ver anexo 2, tabela 5**), a *sigillata* itálica de época arcaica (final da República) é escassa na península e surge essencialmente na costa leste (*Illici* e região valenciana) e em *Saguntum*. Uma marca radial chegou a Castro Marim (Viegas, 2006b, p.251; 2009), na costa sul lusitana.

As formas decoradas a molde, com cronologias tendencialmente altas, foram importadas em maior quantidade em *Valentia*, *Illici*, *Saguntum* e *Ibiza*, na área oriental, e em *Bracara Augusta*, no Noroeste. Subindo o rio Júcar, alcançaram bem *Valeria*, mas não *Segobriga*, na Meseta. Através do Ebro, estão bem representadas em *Numantia*. No Sul, foram nítidas em *Baelo*. A Norte, o acampamento de Herrera de Pisuerga está bem representado, algo que já não se passa com o Cerro del Cabezo, a Sul, embora apresente uma percentagem semelhante à de *Represas*. Para além da referida *Bracara Augusta*, *Scallabis* e *Conimbriga*, na *Lusitania*, evidenciam a relação à costa como essencial para a eficácia deste comércio mais dispendioso.

Formas decoradas surgem também no acampamento do Noroeste de Rosinos de Vidriales (Carretero Vaquero, 2000); nas áreas setentrionais de Segóvia, Palência (Balil, 1986, p.228 e 229) e *Iuliobriga* (Balil, 1959); em *Bilbilis*, no vale do Ebro (Balil, 1959); em Ampúrias (Balil, 1959) e Torre Llauder (Clariana i Roig, 1998), na costa nordestina; no Noroeste, no Castro de Vigo (Hidalgo Cuñarro; Viñas Cue, 1987); na fachada sul, em *Carteia* (Roldán Gómez; et Al., 2006, p.475), ou em *Italica* (López Rodríguez, 1979), no vale do Guadalquivir.

Na fase precoce (alto-augusta) os índices de TSI são já elevados, sobretudo numa plêiade de sítios orientais, sendo ainda fracos em *Baelo*, mas nítidos em *Bracara Augusta* e *Represas*, na *Lusitania*. Penetra no interior oriental da Meseta através de um eixo natural que se irá revelar fundamental ao longo de todo o Império romano, o rio Júcar, alcançando *Valeria* em menor grau e *Segobriga* em maior, sítio com igual importação de Cerro del Cabezo, nesta fase. Implantado sobre o alto Guadiana, este sítio de pendente militar adquiriu muito mais *sigillata* itálica do que a capital recém-criada, *Emerita Augusta* (**ver anexo 7, tabela 2**). Já a ausência de cifras para o vale do Guadalquivir deve-se certamente à inexistência de trabalhos intensivos sobre esta questão.

A fase clássica (médio-tardo augusta) fortalece os índices dos sítios que já importavam estes vasos e vê recrudescer o número de aglomerações que participam neste comércio, como *Portus Illicitanus* ou *Elda*; *Numantia*; *Scallabis* ou Monte Mozinho.

Na fase tardia - a partir de Tibério -, apesar de se constatar uma relativa contracção do número de aglomerações e um decréscimo dos valores importados na maioria dos casos, outros sítios aumentam até o seu volume de importação absoluto, embora seja lícito admitir que os níveis de importação média anual devam descer de uma forma generalizada. Contudo, em *Saguntum*, *Illici*, *Valentia*, *Valeria* e *Numantia*, as percentagens de importação sobem.

Esta evidência estatística conduz-nos a um tópico relacionado com o significado histórico dos níveis de *terra sigillata* itálica nalgumas estratigrafias peninsulares.



• **Uma possível perduração da TSI na costa leste peninsular durante a segunda metade do século I d.C.**

Em Palma de Maiorca, um contexto fechado, cláudio, na *Calle Puresa*, possui ainda 6,9% de TSI contra 93,1% de TSSG (**ver anexo 2, tabela 2c**); nos níveis cláudio-neronianos de *Complutum*, a TSI, também já minoritária, é ainda expressiva, o que se repete nos níveis contemporâneos de Ampúrias, onde equivale a c.23% da *terra sigillata* (**ver anexo 2, tabelas 3 e 51**).

A tendência dos produtos itálicos, na fase tardia, que os dois últimos casos denunciam, está bem patente nas cifras estratigráficas de *Lepida-Celsa* (**ver anexo 2, tabela 2a**). Neste sítio, apesar do final da ocupação da Casa de los Delfines durante o principado de Nero poder explicar possíveis alterações de níveis mais antigos, o que explicaria uma inusitada subida das cifras itálicas entre Cláudio e Nero, a verdade é que esta subida é igualmente acompanhada pela TSSG. É sem dúvida suspeito que uma exacta igualdade entre as duas produções, na fase de 41-48 d.C., seja seguida de uma relação de 2/1 entre a TSI e a TSSG, entre 54-60 d.C., nas fases 6, 7 e 8, em que o volume de *terra sigillata* é cerca de 20 vezes superior ao da fase cláudia. Parece-nos contudo revelador de uma continuação mais ou menos forte das exportações itálicas no vale do Ebro, pelo menos até Cláudio. Ao nível tipológico, se as frequências elevadas dos tipos *Consp.* 20 e 23 são coerentes com as datações conhecidas, já as quantidades altas de *Consp.* 12, 22 e sobretudo 18 levantam sérias questões. Esta última forma é tida como antecessora da *Consp.* 20, nos finais de Tibério (Ettliger; et Al., 1990-2002, p.82). Ambas são as principais formas na última fase, tendo a *Consp.* 18, 23 exemplares, e a *Consp.* 20, 34 exemplares.

Em *Tarraco*, nos níveis de meados do século I de Carrer de Pere Martell 38, Suburbi Sudoccidental - com 1147 NMI cerâmicos, dos quais 41,9% são cerâmicas finas (TSI, TSSG, paredes finas e cerâmica vidrada) -, a TSI é dominante e cerca de ¼ do espólio é composto pelo tipo *Consp.* 20, seguida pelas *Drag.1=Consp.* R9.2, *Consp.* 4.3 e *Consp.* 27.1 (Fernández; Remolà, 2008, p.90); este domínio prolonga-se pelos níveis neronianos da Antigua Audiència (**ver anexo 2, tabela 2b**).

Um terceiro caso nordestino é o de *Baetulo*. Aqui, as importações itálicas dominam em Tibério. Em Cláudio, dominam claramente no contexto *Cardo e Pati de la Casa del Carrer Lladó*, mas são minoritárias no contexto *Cisterna na Rue Pajol*. Nos Flávios, parecem ser novamente dominadoras, mas já não existem em Domiciano (**ver anexo 2, tabelas 52 e 53**).

Mais a Sul, em *Valentia*, a situação é também intrigante: embora seja escassa nos contextos júlio-cláudios e nero-vespasianos, recrudescer na época flávia, apesar de se apresentar em quantidade bastante menor do que a TSSG (**ver anexo 2, tabelas 55a-c**).

Estando as cronologias da TSI tão condicionadas pelo paradigma germânico, e em menor grau pelos resultados de Bolsena (**ver capítulo 3**), poderemos estar perante uma evidência da continuidade comercial direccionada para a costa nordestina (e centro-oriental?) ibérica, quando o *limes* germânico deixara de ser um receptor destes produtos, em favor da congénere sudgálica, numa época de contracção comercial que conduz ao desaparecimento das importações itálicas na *Mauritania Tingitana*? Neste sentido, é interessante que pequenos sítios lusitanos, como Valdoca ou Lousa (**ver anexo 2, tabela 3**), aumentem tão significativamente a compra de TSI na fase tardia.

Paralelamente, na área actualmente argelina, onde Arezzo também dominou, a maioria das importações itálicas, englobando todo o tipo de vasos e não exclusivamente as marcas, situa-se entre 25 e 75 d.C., quando, segundo Kenrick (1996, p.39), se importaram 27 exemplares de *Consp.* 4.6, 53 de *Consp.* 20.4, 59 de *Consp.* 34 e 100 de *Consp.* 23.

Para além disso, a *terra sigillata* tardo-itálica, de comércio essencialmente costeiro, apesar de inexistente na *Mauritania Tingitana*, está bem representada na costa norte-africana, a Oriente desta província (Ribera i Lacomba, 1988-1989, p.182). Chegou esporadicamente à Península, com especial destaque para a costa leste. Na Meseta oriental chegou a *Numantia* e a *Valeria*. A Sul, atingiu alguns pontos costeiros e do vale do Guadalquivir. A nível formal, destaca-se a *Drag.* 29, seguida da *Drag.* 36 (Clariana Roig, 1991; Sepúlveda, 1996, p.14). Na *Lusitania*, *Bracara Augusta*, *Conimbriga*, Tróia, Represas, *Balsa* e *Lobeira Grande* (Alarcão, 1971a, p.422; Sepúlveda, 1996, p.14) são os únicos pontos diagnosticados.

Esta importação esporádica na Península Ibérica teve um sítio onde mais se evidenciou, Tossal de Manises-Lucentum. Este valor, associado à alta percentagem de TSI nas Ilhas Baleares, referida *supra* (**ver anexo 7, tabela 2**), bem como aos dados estratigráficos de *Lepida-Celsa*, *Baetulo* e *Valentia*, permite colocar a hipótese de que as importações itálicas permaneçam algo importantes, embora secundárias em face da TSSG, pelo menos em parte do terceiro quartel do século I d.C., na área do Ebro, na área

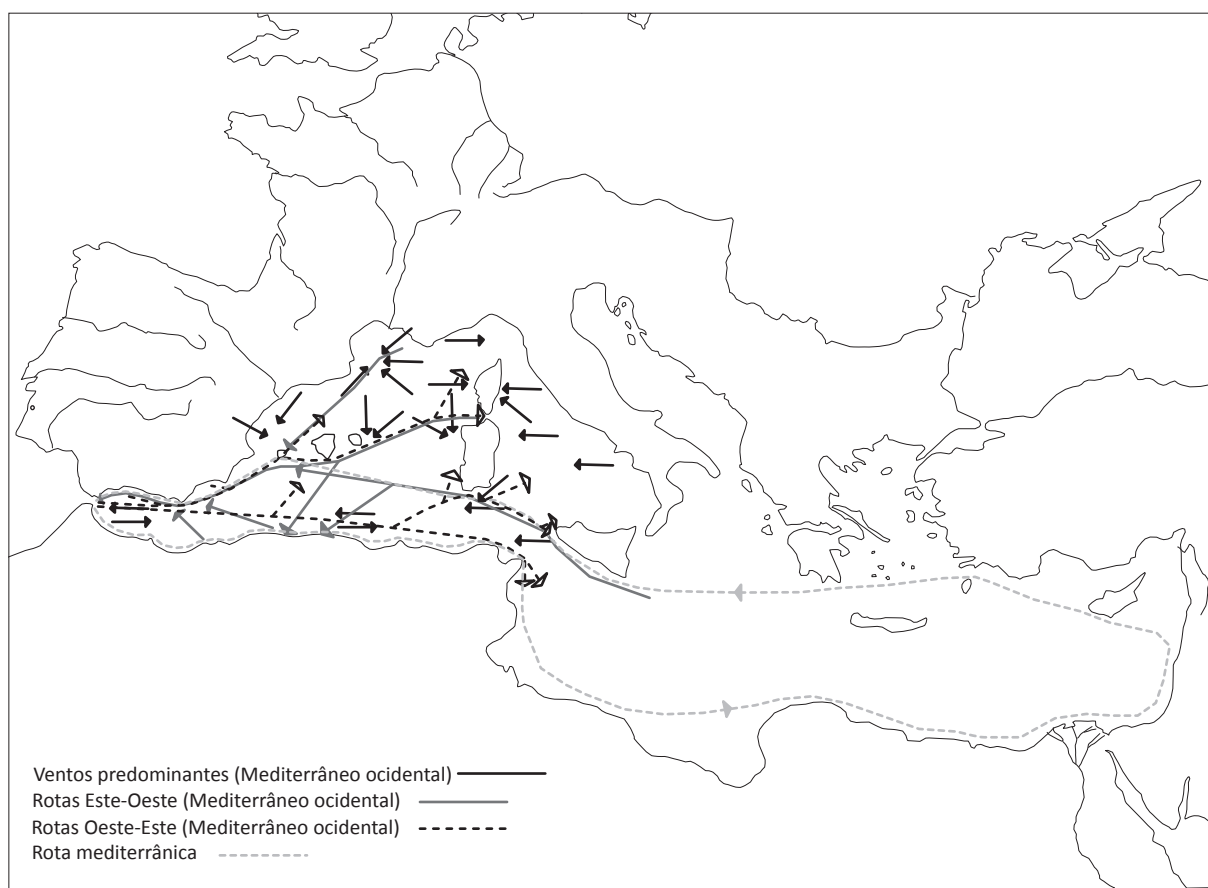


Figura 84 - Ventos e rotas do Mediterrâneo ocidental (apud Aubet, 1994).

contígua a Sul e talvez a Norte do Cabo da Nao, tendo as Ilhas Baleares como possível ponto articular de duas rotas possíveis:

- uma, vindo directamente de Itália;
- outra, oriunda do Nordeste peninsular, a qual também poderia usar as Baleares com ponto de passagem para Sul, numa navegação ao largo a ver pela direcção dos ventos predominantes nesta latitude da costa levantina, que voltaria à costa imediatamente a Sul do Cabo da Nao (ver fig. 84).

O papel directo das Ilhas Baleares é contudo relativizado pelo facto de as importações em *Pollentia* encontrarem-se em decréscimo no principado de Tibério e poderem ser apenas residuais em Cláudio (Roca Roumens; Orfila Pons, 1987, p.58). Contudo, relembremos o valor ainda nítido destas importações, na década de 40, num contexto de Palma de Maiorca (ver anexo 2, tabela 2c).

Inclinamo-nos todavia para a segunda rota, devido ao peso profundo que a TSI indica ter na área nordeste, parecendo bloquear, até aos inícios dos flávios, a eficácia do comércio sudgálico nessa área.

A transição do primado comercial da TSI para o da TSSG pode assim ter acontecido através de um período de 1 ou 2 décadas de redução das importações itálicas, como parece ter sucedido em *Conimbriga* (ver fig. 118), e mesmo levemente em Chãos Salgados (ver fig. 117), mas num quadro geo-económico mais complexo, de mosaico, por volta de meados / 3º quartel da centúria.

#### • O quadro histórico: paralelismos possíveis

É natural também que a conjuntura económica do espaço itálico tenha tido alguma influência na decadência da produção de *terra sigillata* da região.

Através de *Suetonius* (*Tib*, 34; apud Rickman, 1980, p.270), sabemos que Tibério propôs ao Senado o tabelamento anual dos preços dos cereais, embora não se saiba se tal medida foi posta em prática e com que eficácia. Sabemos igualmente, através de *Tacitus* (*Ann.*, 3, 54, 6-8; apud Rickman, 1980, p.263),

que em 22 d.C., o mesmo imperador escreveu uma carta ao Senado defendendo que o imposto da *cura annonae* teria necessariamente de reverter a favor do Imperador, alegando-se a ruína do Estado. Viviam-se então uma fase de certa crise económica, com uma menor cunhagem de moeda, relacionada com a paragem do processo expansionista, estimulado com Augusto e conseqüente menor quantidade de moeda em circulação (**ver fig. 111**).

Nesta política de contenção insere-se a crise de 33 d.C., referida por *Suetonius* e *Dion Cassius*, e mais pormenorizada por *Tacitus* (Tchernia, 2003, p.131).

Para além do fecho do mercado oficial de crédito, que originou um aumento do empréstimo privado, sobretudo pela mão das classes senatorial e equestre, acresceu um factor agrícola, com as más colheitas no espaço itálico. Apesar de o tesouro público ter aplicado 100 milhões de sestércios em créditos, o momento tardio desta acção e o facto de o Estado romano ter previsto que as dívidas pudessem ser pagas igualmente em terras (até 2/3) levou a uma concentração de propriedade e à ruína de muitos proprietários pequenos e médios (García Vargas, 1998, p.228-229). Não se tem contudo certeza se esta medida política antecedeu a crise, provocando-a, ou se realmente é uma reacção a uma crise já existente, agravando-a (Tchernia, 2003, p.132).

Tchernia (2003, p. 140) chama a atenção para uma leitura historiográfica excessiva para esta conjuntura. Para o autor, “la crise de 33 forme un ensemble clos. Son déroulement ne comporte aucun enseignement valant pour la longue durée et la situation économique générale. Notons bien qu’aucune des sources concernant la crise ne parle de taux d’intérêt abusifs.”

García Vargas (1998, p.277) associa contudo esta conjuntura de crise tibéria à concentração contemporânea de oficinas de produção anfórica na *Baetica*, com redução do número de oficinas e crescimento de tamanho das existentes, bem como às mudanças nos *tituli* e nas tipologias anfóricas.

É possível assim que esta conjuntura seja importante para se perceber o declínio pós-tibério do comércio de *terra sigillata* itálica, conjuntura que, pelo acima exposto, poderá ser algo complexa regionalmente, mantendo partes da costa oriental peninsular ainda ao alcance, mais do que simplesmente esporádico, dos *mercatores* itálicos, por volta dos principados de Cláudio ou Nero.

#### 4.1.2. *Terra sigillata* sudgálica e centrogálica (?)

##### • *Terra sigillata* sudgálica

A *terra sigillata* sudgálica de Chãos Salgados foi alvo de uma anterior abordagem extensa pelo signatário (Quaresma, 2003). Ao nível estatístico, mantêm-se as principais conclusões apresentadas então, acrescentando-se agora mais alguns dados estratigráficos.

Nos quantitativos absolutos (**ver anexo 1, tabela 8**), as formas lisas dominam claramente sobre as decoradas. Nas primeiras, os pratos foram importados em maior número, embora não deixe de haver um certo equilíbrio entre pratos e tigelas.

Os binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27 constituem o grosso dos “serviços” adquiridos, com as tigelas Ritt. 8 e Drag. 33, e o prato flávio, Drag. 36, em posição de todo secundária.

De igual modo, formas em princípio mais antigas, como as Ritt. 1, Drag. 17b e Ritt. 5 foram escassamente importadas.

A tigela Drag. 24/25 aumenta as vendas na década de 50, quando se inicia a importação de Drag. 18, e permite antever esta década como de fortalecimento do comércio sudgálico. Na década de 60, a subida dos índices da Drag. 27 reforça esta tendência, em conjunto com a Drag. 18, quando a Drag. 24/25 decai acentuadamente.

A Drag. 30 foi a forma decorada mais importante, seguida pela Drag. 37, flávia, à qual provavelmente pertencerão muitos dos fragmentos indetermináveis, classificados como Drag. 29 ou 37. Dos 111 fragmentos assim classificados, 53 pertencem ao período 40-80 d.C., mas, se atentarmos nas curvas de importação das formas decoradas, reparamos que tanto a Drag. 29 ou 37, como a Drag. 30 têm *floruits* nítidos na década de 70, apesar de já se comercializarem bem desde os anos 40. A Drag. 29, vendida em menor escala, parece ser estável ao longo de 2 ou 3 décadas, com declínio mais nítido em finais da década de 70.

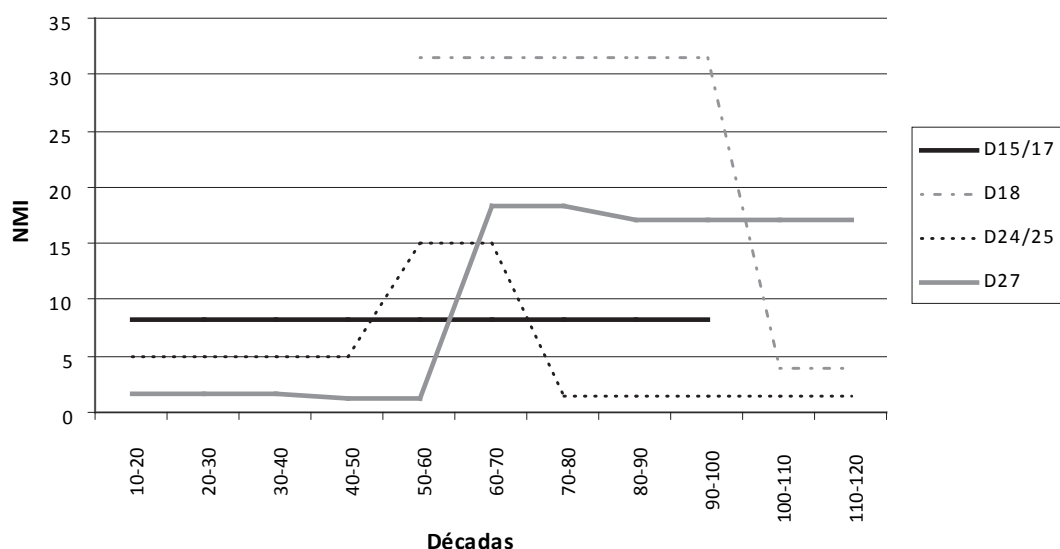


Figura 85 - Chãos Salgados. TSSG. Evolução das 4 principais formas lisas.

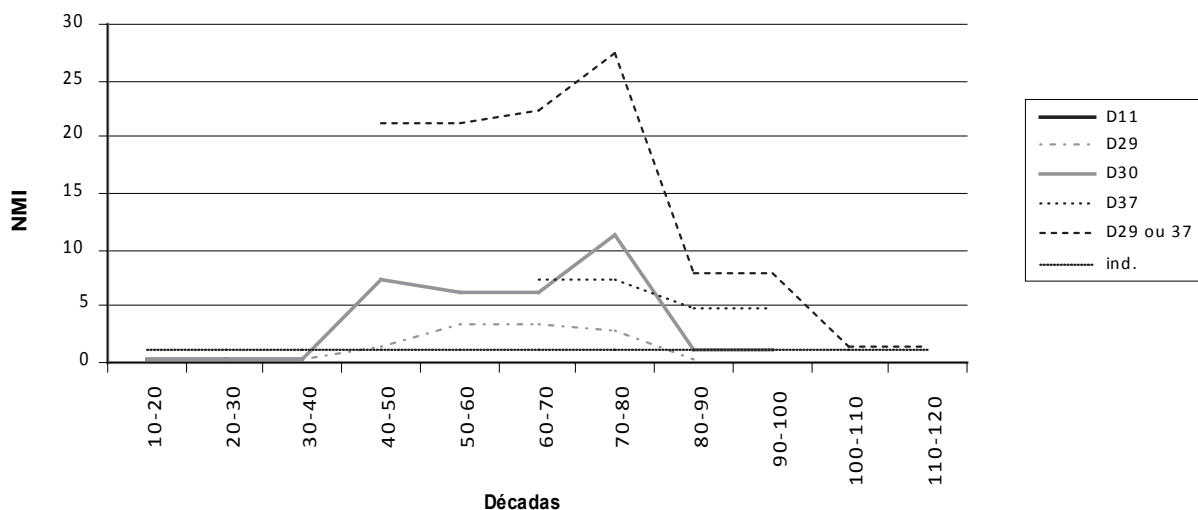


Figura 86 - Chãos Salgados. TSSG. Evolução das formas decoradas.

As importações de TSSG em Chãos Salgados têm assim um processo ascendente, entre as décadas de 30 e 60, com um apogeu nesta última. Este mantém-se, embora com uma ligeira descida, na década seguinte (acima dos 150 indivíduos por década). Entre os anos 70 e 80, a curva desce e poderá ter então uma certa estabilidade, para entrar no declínio final rumo ao *terminus* do século I ou primeiras décadas do século II.

Um movimento ascendente entre as décadas de 30 e 60, com *floruit* nesta última e algum equilíbrio na década de 70, é também confirmado pela evolução cronológica das marcas de oleiro, as quais descem, contudo, mais depressa, a partir dos anos 70.

Ao nível estratigráfico, Chãos Salgados não possui elementos em abundância, devido às cronologias algo tardias das construções n.ºs 1 e 2 da área habitacional e sobretudo dos sectores Ponte-Norte e Ponte-Sul (ver anexo 1).

São escassos os contextos atribuíveis ao terceiro quartel do século I, associados aos momentos fundacionais do sector residencial, e contêm pouco material. Na época flávia encontra-se o maior número de vasos, com destaque para a Drag. 18, enquanto que a primeira metade do século II, com bastantes contextos, revela o fim destas importações. *Infra*, abordaremos de novo esta questão, em conjunto com a evolução estratigráfica da *terra sigillata* hispânica.



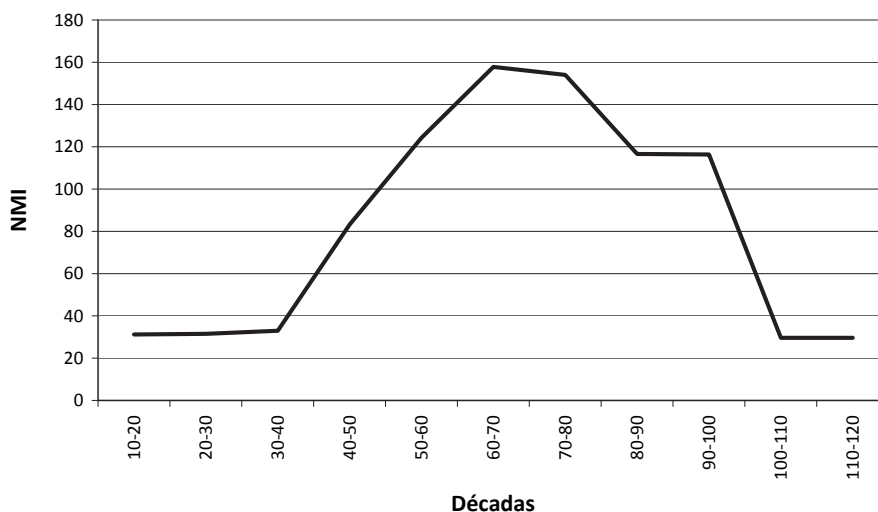


Figura 87 - Chãos Salgados. Evolução da TSSG.

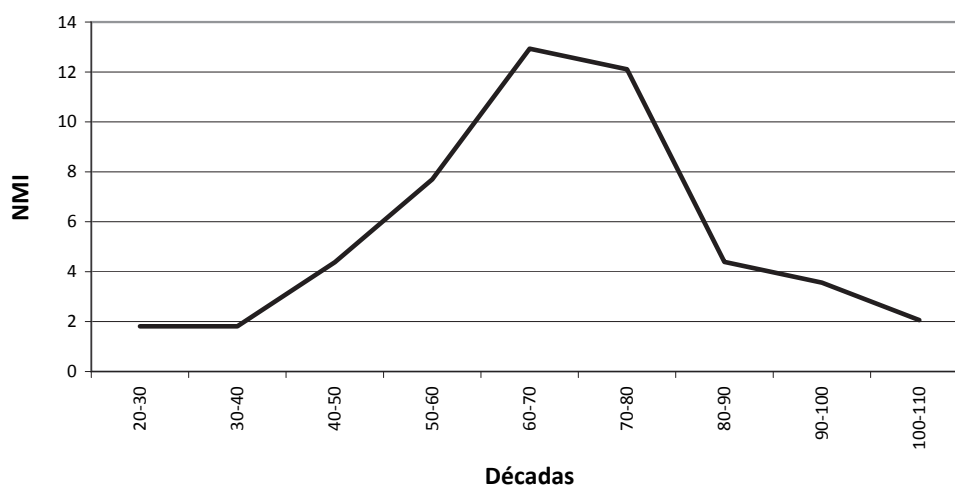


Figura 88 - Chãos Salgados. Evolução das marcas de oleiro da TSSG.

Época	Contextos	D18	prato ind.	D24/25	D27	D33	D35	D29	D29 ou 37	D37	Total
3º quartel séc. I	1, 25 e 56	2	1		1			1			5
Último quartel séc. I	6, 38 e 90	7		1	2	1	1		1	1	14
1ª met. séc. II	2, 41 e 85	2 (1 ex. provém do contexto 41 - flávio?)			1				1		4

Figura 89 - Chãos Salgados. TSSG. Frequências estratigráficas (NMI).

#### • Terra sigillata centrogálica (?)

Na segunda metade do século II, Chãos Salgados importou esporadicamente vasos de possível origem centro-gálica (ver anexo 1, tabela 9), na fase de maior produção e comercialização destas cerâmicas, que atingem então a Europa central, toda a *Gallia* e *Britannia* e possivelmente a península itálica (Delage, 1998, p.288).

O facto de só terem chegado, a Chãos Salgados, tipos decorados a molde, pode relacionar-se com uma possível estratégia comercial de penetração em áreas onde já não se vendia a *sigillata* sudgálica e provavelmente muito pouca hispânica, a qual estaria, para além disso, desde os inícios do século II, confinada à distribuição de formas lisas, no que respeita a Andújar (ver *infra*).

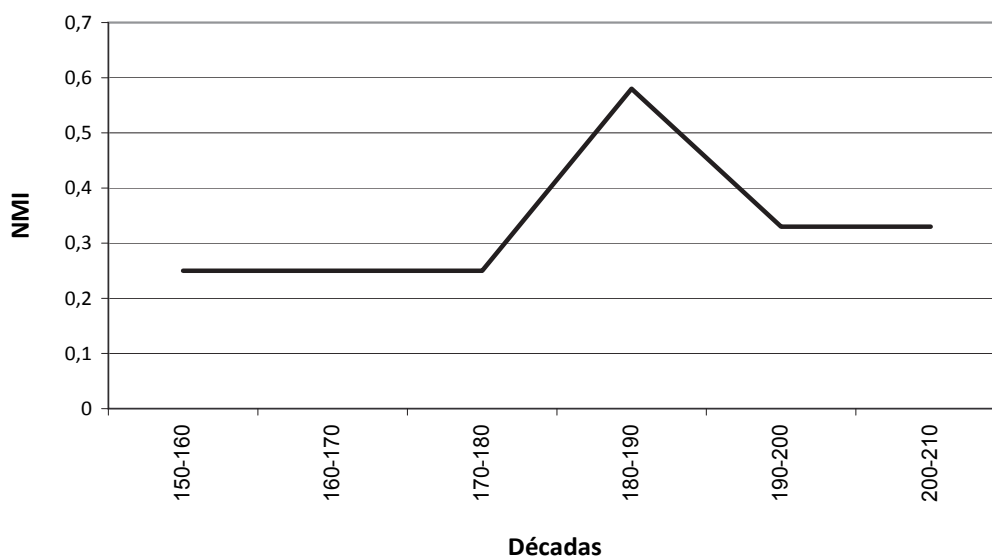


Figura 90 - Chãos Salgados. Evolução da TSCG (?).

#### • O quadro peninsular

Na Península Ibérica, a pré-*sigillata* sudgálica está diagnosticada na costa nordeste, em níveis tibérios e neronianos de *Tarraco* e em níveis tibérios, cláudios e flávios de *Baetulo* (ver anexo 2, tabelas 2b e 53).

A *terra sigillata* sudgálica canónica surge timidamente nos contextos tibérios de *Baetulo* e acentua-se em Cláudio, quando a TSI parece ser ainda uma forte concorrente, fenómeno que se poderá estender aos inícios da época flávia. Em *Baetulo*, somente em Domiciano a TSSG se apresenta como a produção dominante (ver anexo 2, tabelas 52 e 53).

No vale do Ebro, em *Lepida-Celsa*, a importação de TSSG é, tal como em *Baetulo*, tímida, no principado de Tibério. Também aqui fortalece os seus quantitativos em época cláudio-neroniana, mas sob um aparente domínio da TSI, tal como em *Tarraco* (ver anexo 2, tabelas 2a, b).

Mais a Sul, em *Valentia* (ver anexo 2, tabelas 55a, b, c), os níveis júlio-cláudios são dominados pela TSSG, mas não os flávios, devido à concorrência, a esta latitude, da TSH. Em Cláudio, a TSSG é dominante igualmente em Palma de Maiorca (ver anexo 2, tabela 2c).

Provavelmente através do vale do Júcar, a TSSG atinge esporadicamente *Complutum*, na Meseta, durante o principado de Tibério, e torna-se maioritária em Cláudio (ver anexo 2, tabela 3).

Apesar de sofrer a oposição dos negociantes de TSI na costa oriental, o comércio sudgálico antigo está igualmente diagnosticado estratigraficamente na costa ocidental, em *Olisipo*: no contexto 8060 da Praça da Figueira, tibério, a TSSG é, ao nível dos fragmentos, pouco menos de 1/4 em face da TSI (ver anexo 2, tabela 1).

Com a TSSG, os sítios peninsulares aumentam os níveis de importação média anual, de uma forma generalizada, em face dos níveis de TSI (ver anexo 2, tabela 2).

Excepções a esta situação são o Cerro del Cabezo (*Mirobriga?*), Herrera de Pisuerga e Rosinos de Vidriales, cujas funções militares conferem um natural primado cronológico aos inícios do Império; Mileu, na Beira Interior (ausente); *Scallabis*, cuja área de escavações na acrópole devem relacionar estes estratos com a área mais adscrita às fases republicanas e de inícios do Império (Viegas, 2003); *Numentia*, no interior da Meseta; Ibiza, Menorca, *Pollentia* e *Portus Illicitanus*, pela referida perduração da importância do comércio itálico nesta área do Oriente peninsular, fenómeno que também explica que

*Tarraco* tenha valores percentuais equilibrados, se somarmos os conjuntos de marcas de *Passatge de Cobos* (lixreira formada entre Augusto e Trajano; *Tarrats Bou*, 1992, p.166) e os da publicação de *Ventura Solsona* (1948-1949). Este equilíbrio, agora de importação média anual, regista-se também em *Tossal de Manises-Lucentum*, pela referida importância da TSTI.

No interior, mesmo *Arcobriga* e *Segobriga*, através dos eixos naturais dos rios Ebro e Júcar, aumentam ligeiramente as médias.

Os maiores valores de IMA diagnosticáveis ocorrem todos na *Lusitania*: em *Emerita Augusta* (50,6), *Conimbriga* (26,4) e *Represas* (34,35). *Bracara Augusta* (13,55), no Noroeste, apresenta valores semelhantes aos de *Chãos Salgados* (15,55 de NMI) e de *Cartago Nova* (15,28), no Levante. Na faixa meridional, *Baelo* (51,41) parece provar, em conjunto com os dados ocidentais, que a TSSG enfrentou realmente alguns problemas de comercialização, suavizados, apesar da distância maior, nas costas sul e ocidental da Península.

Neste contexto, qual onexo de causalidade, ou de efeito, da concentração de oleiros registada no País Valenciano e da carga prioritária de TSSG do naufrágio de *Cala Culip IV* (*Nieto Prieto; et Al.*, 1989, p.202; *Ribera i Lacomba; Poveda Navarro*, 1994, p.97; *Quaresma*, 2003, p.74-75)?

Na área valenciana regista-se alguma organização de oleiros, numa espécie de controlo do mercado sudgálico, no qual 9 oleiros correspondem a 30% das peças (*Bassus, Cantus, Crestus, Lucundus, Lucceius, Primus, Secundus, Sabinus* e *Vitalis*; 22 oleiros detêm metade da produção e a outra metade pertence a 150 oleiros).

No naufrágio de *Cala Culip IV*, em 78-82 d.C., a carga prioritária é a *terra sigillata*, toda ela de *La Graufesenque*, e demonstra a comercialização de tipos específicos, produzidos por oleiros específicos. 92,1% dos exemplares de *Drag. 29* é de 4 oleiros; 80% da *Drag. 15/17* é de 1 oleiro; 97,7% da *Drag. 18A* é também de um oleiro; 60,3% da *Drag. 27A* pertence a 2 marcas; 94,15% da *Drag. 27B* é igualmente de 2 marcas e 82,6% da *Drag. 24/25B* é de apenas uma marca (*Nieto Prieto; et Al.*, 1989, p.197).

Apesar da ausência de valores de IMA em importantes sítios da costa leste, como *Tarraco*, ou *Baetulo* e *Valentia*, entre outros, a verdade é que uma cidade como *Illici* não passa de 10,06 vasos ao ano. Um segundo factor poderá ser a extensão das escavações, o que explicará talvez a grande cifra de *Baelo*. Os dados indicam, contudo, que os *negotiatores* ou os *mercatores* sudgálicos sentiram necessidade de uma melhor organização comercial nesta zona, para combater o referido comércio itálico, e mais provavelmente ainda o comércio de *La Rioja*. Sobre esta relação falaremos *infra*.

Os oleiros melhor representados na Península (**ver anexo 7, tabela 3**), *Vitalis, Primus, Lucundus, Crestio* e *Sabinus* (por ordem de importância) fazem parte do “núcleo duro” do País Valenciano. *Lucundus* foi de longe o principal oleiro do naufrágio catalão (*Nieto Prieto; et Al.*, 1989, p.200). Neste naufrágio, *Mommo* faz parte do núcleo de 6 oleiros dominantes. Este oleiro, importante no espaço itálico, a ver pelos dados de *Roma* e *Ostia* – onde *Primus, Lucundus, Labio* e *Rufinus* também são prioritários (*Martin*, 1994, p.120) - e da “caixa” de *Pompeia* (*Atkinson*, 1914; *Dzwiza*, 2004), não integra o núcleo dominante do País Valenciano. É contudo, o quinto oleiro mais importante na Península, ligeiramente acima de *Sabinus*.

*Rufinus* e *Labio*, tal como *Passenus*, oleiro importante na área gálica e germânica (*Mees*, 2005) são medianos nas suas vendas peninsulares. Este último fez parte de um grupo de oleiros cuja vocação comercial não estaria tão direccionada para o Mediterrâneo.

Creio podermos falar não só de uma dicotomia comercial setentrional / mediterrânica, mas também de áreas de maior ou menor influência de certos oleiros, na segunda área, articuladora do comércio de *La Graufesenque* em direcção à área ocidental da Península. Aliás, na área do Estreito, os diversos sítios peninsulares e da *Mauritania Tingitana* (*Bustamante Alvarez*, 2008) revelam a importância de oleiros como *Lucundus, Sabinus, Vitalis, Silvinus, Passienus, Mommo, Primus*, ou *Masculus* e *Bassinus*, denotando uma similitude pertinente com sítios lusitanos como *Chãos Salgados*.

No País Valenciano, para além desta concentração de oleiros sudgálicos, destaca-se um valor percentual alto de vasos decorados, em *Illici*, onde compõem 44% do espólio, e em *Valeria* (45,8%), fazendo novamente do rio Júcar uma via importante de penetração na Meseta, a partir da costa oriental. O segundo valor mais alto provém do acampamento noroeste de *Rosinos de Vidriales*, com 34,9%. Já os 39,72% de *Luliobriga* deverão repartir-se pelos fabricos de *La Graufesenque* e *Montans*, que se equivalem neste sítio (**ver anexo 2, tabela 13**).

*Montans* é maioritário na costa norte, em *Santa Maria del Juncal* e *Flaviobriga*, mas um pouco mais no interior, em *Luliobriga*, reparte, como dito, o mercado com *La Graufesenque*. Para Ocidente, este último centro torna-se também maioritário, em *Rosinos de Vidriales*, *Castro de Vigo* ou *Monte Mozinho*.

Montans atinge ainda, mas de forma esporádica, o Sul e o Ocidente, em sítios como *Bracara Augusta*, *Conimbriga*, Represas, São Cucufate, Tourega ou *Baelo*. Teve também na costa leste algum mercado, embora menor do que no Noroeste. Em *Saguntum* e *Valentia* representa 3,99 e 2,77 %. Também na costa leste, em *Illici*, dá-se o valor mais alto de Lezoux, no século II ou III, com 0,81%, integrado num comércio muito esporádico na Península (**ver anexo 2, tabela 15**).

Outro aspecto da distribuição de La Graufesenque, ao longo das regiões oriental e meridional da Península, é o da cerâmica marmoreada. Os valores percentuais mais altos encontram-se no Sul da *Lusitania*, em *Ossonoba*, o dobro dos de Castro Marim, *Baelo* ou Cartago Nova. Ligeiramente acima deste valor está *Valeria*, sítio mesetenho do vale do Júcar (**ver anexo 2, tabela 14**). Este valor, a par dos valores de IMA, é bastante sugestivo quanto à dinâmica comercial sudgálica no Sul-Oeste da *Hispania*.

As frequências comparadas do binómio Drag. 29 e 37 atesta também a dinâmica sudgálica e as dificuldades que o novo comércio hispânico lhe colocava no acesso ao mercado.

A Drag. 29 está bem representada, sendo a Drag. 37 inexistente, a leste, em Cartago Nova (Castellano Castillo, 2000) e a Norte, em Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989, p.317). A situação será idêntica em *Tiermes* (Argente Oliver; Díaz Díaz, 1994, p.131).

A Drag. 29 é maioritária em face da Drag. 37, em Santa Maria del Juncal (Izquierdo, 1994, p.108). A Drag. 37 é mesmo inexistente em Castro Urdiales-*Flaviobriga*, bem como em *Iuliobriga* (Álvarez Santos, 2005, p.58; Pérez González, 1986-1988; Ruiz Gutiérrez, 1997-1998). O domínio da Drag. 29 ocorre também na região das Astúrias (Zarzalejos Prieto, 2005, p.165), sendo que, em diversos castros desta região, a Drag. 37 é escassa e a Drag. 29 é a melhor representada (Maya González, 1983-1984). Em *Arcobriga* (Caballero Zoreda, 1992, p.15), *Segobriga* (Almagro-Gorbea; Loria, 1989, p.195) e *Numantia* (Romero Carnicero, 1985) domina a Drag. 29, assim como no Noroeste, em Rosinos de Vidriales (Carretero Vaquero, 2000, p.351) e *Bracara Augusta* (Morais, 2005a, p.178). A situação prolonga-se na fachada ocidental central, em *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.70). Na costa oriental, verifica-se em Morè (AA. VV., 1997, p.81), *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1991, p.54) e *Portus Illicitanus* (González Prats, 1984). *Valeria* (Sanchez-Lafuente, 1985, p.44), na Meseta, participa do mesmo processo.

Ambos os tipos são escassos, mas com ligeiro domínio da Drag. 29, em *Complutum* (Fernández-Galiano, 1984), na Meseta, e no Nordeste, em *Tarraco* – lixeira de Passatge de Cobos -, onde a Drag. 29 é escassa e a Drag. 37 nula (Tarrats Bou, 1992).

Um ligeiro domínio da Drag. 29 ocorre no interior sul, em Cerro del Cabezo (Pastor Muñoz; Pachón Romero; Carrasco Rus, 1992, p.78). Aparentemente também sucede assim em *Italica*, nos materiais da coleção da Casa da Condessa de Lebrija, onde contudo, as decorações parecem ser essencialmente flávias (López Pérez, 1979, fig. 2).

A Drag. 37 é maioritária, em face da Drag. 29, em *Illici* (Montesinos i Martínez, 1991), *Valentia* (Montesinos i Martínez, 1989), *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991), Chãos Salgados, Represas (1994) e *Munigua* (Meyer; Basas; Teichner, 2001), no vale do Guadalquivir, pelo que talvez os dados contrários de *Italica* sejam apenas uma deturpação devida à amostra e o vale do Guadalquivir seja uma área onde a TSSG possa ter penetrado bem até à época flávia.

Este panorama permite entender o avanço da TSH nas áreas interiores e setentrionais da península, ao longo da época flávia, quando a TSSG de La Graufesenque pareceu ter maior influência nas áreas litorais ou próximas do litoral, até possivelmente à foz do Tejo. Os valores altos de IMA da TSSG revela, em muitos casos onde a Drag. 37 não está bem representada, um comércio intenso sudgálico entre anos 50 a 70 d.C., que se litoraliza mais na época flávia. Desenvolveremos este assunto, com outros dados estratigráficos, *infra*.

#### 4.1.3. *Terra sigillata* hispânica, hispânica de tipo itálico (ou precoce) e hispânica tardia

Em Chãos Salgados, o repertório de *terra sigillata* hispânica (**ver anexo 1, tabelas 10-19**), visto na totalidade das suas fases e fabricos, desde as produções de tipo itálico locais até às tardias, não é vasto – conta apenas com 19 formas.

A *terra sigillata* hispânica (incluindo a de tipo itálico e a hispânica intermédia) apresenta uma forte tendência para as formas lisas (91,34%), o que diz bem sobre este aspecto recorrente nas importações de *terra sigillata* em Chãos Salgados, observado também nos produtos sudgálicos.



Grupos 7+1+2+3+4+5 - Relação Formas Lisas / Formas Decoradas				
	Exemplares Classificáveis		NMI	
	Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem
Formas Lisas	729	91,35	528	91,34
Formas Decoradas	68	8,52	49	8,47
Grupos 7+1+2+3+4+5 - Relação Pratos / Tigelas				
	Exemplares Classificáveis		NMI	
	Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem
Pratos	428	60,28	292	57,25
Tigelas	282	39,71	218	42,74

Figura 91 - Chãos Salgados. Estatística da TSH (1, 2, 3 e 4) TSH de tipo itálico (7) e TSH intermédia (5). Relação pratos – tigelas.

As formas de prato são também maioritárias, numa relação menos equilibrada com as tigelas (57,25 e 42,74%), do que na TSSG.

Esta estruturação está já presente nas importações de *sigillata* hispânica de tipo itálico, embora em moldes diferentes, através das suas formas III e II, prato e pátera. O prato, maioritário, está documentado por formas maiores e mais pequenas, cujas funções quotidianas poderiam ser díspares, ou seja, os exemplares pequenos do tipo III de Martínez Rodríguez (1989) poderiam assumir funções semelhantes às das tigelas.

O espólio hispânico indica também uma preferência pelas formas clássicas, onde dominam claramente o prato Drag. 15/17 e a tigela Drag. 27, com 26,98 e 19,37%. As restantes tigelas, Drag. 24/25 e 33, são escassas, ao contrário de um outro prato, Drag. 18, com 7,43%.

Os tipos de criação hispânica, tanto lisos como decorados, foram alvo de pouco interesse dos consumidores de Chãos Salgados: entre a Decorada Hemisférica ou Aj. 1, as Hisp. 1 e 2, as Hisp. 10 e 4, esta última destaca-se dos valores das outras, com 8 indivíduos (1,38%).

A par da Hemisférica Decorada, a Drag. 30 é a forma decorada mais antiga, que se vê acompanhada, a partir de época flávia, pela Drag. 37, forma que indica um aumento de consumo de formas decoradas, ao alcançar 4,84%. Nesta época acresce também o serviço composto pelas Drag. 35 e 36, cujos escassos indivíduos também se equivalem (0,51 e 0,69%).

Nos finais do século I surge apenas uma nova forma, lisa: a Drag. 46.

No século II pleno, a Hermet 13, lisa ou decorada, é a única novidade, que acompanha os escassos indivíduos de Drag. 15/17, 18 e 27, numa fase que já poderemos denominar de intermédia ou avançada, pelas diferenças de verniz que já apresenta (grupo 5 de La Rioja).

Ao analisarmos a curva das importações dos produtos de tipo itálico, hispânico e intermédio, *grosso modo*, entre o século I e o século II, conclui-se que a curva substancial inicia-se na década de 40 do século I, num movimento repentino, que se apresenta estável durante cerca de 20 anos (cerca de 50 indivíduos por década). É nos inícios da época flávia que um novo salto se efectua, atingindo-se o pico de importações, aparentemente, logo na década de 70, ultrapassando os 90 indivíduos nesse decénio.

É também na época flávia que se situam os oleiros cujas marcas estão classificadas. Apenas uma marca, do grupo 5, será posterior, já de século II, e o oleiro *Flaccus Tritiensis* de La Rioja estará ainda activo neste século (Huguet Enguita, 2005, p.184).

Entre a década de 70 do século I e os primeiros decénios do século II, a curva desce, embora suavemente, para a casa dos 70 indivíduos. É a partir da data estatística de 120 d.C., proposta para o fim das importações dos grupos 1 e 2 de La Rioja, que a curva acentua a sua descida até à data estatística de 150 d.C., quando propomos o fim do grosso das importações de Andújar (grupos 3 e 4). Entre 120 e 150 d.C., essencialmente à custa das importações dos grupos 3 e 4, parece importar-se quase 40 indivíduos por década.

A curva estatística é feita essencialmente à custa dos indivíduos do grupo 5 (La Rioja), datados estatisticamente entre 120 e 200 d.C.. Apenas um exemplar (nº 820) apresenta morfologia, verniz e *inclusi-ve* grafito de letras hasteadas, que permite uma datação seguramente avançada, em finais do século II.

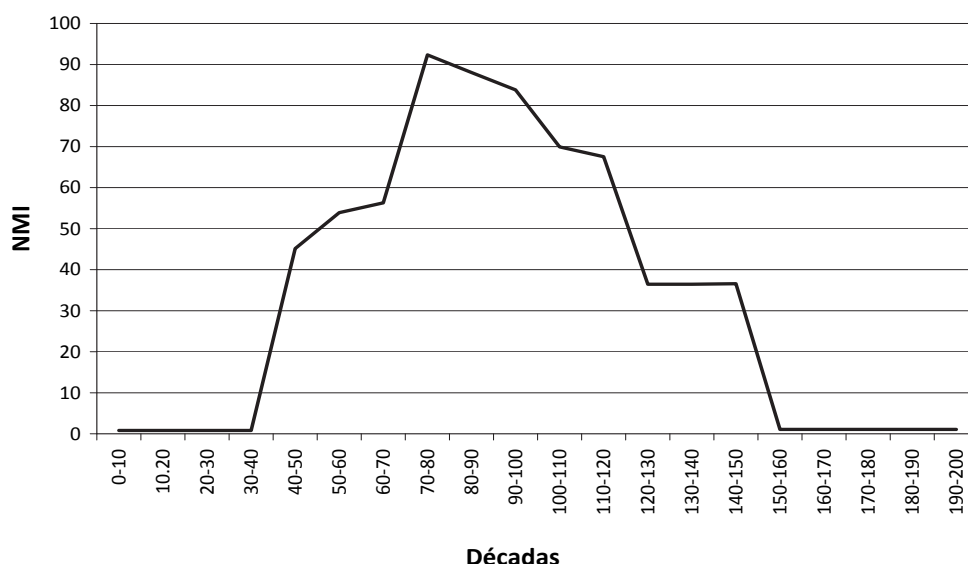


Figura 92 - Chãos Salgados. Evolução conjunta da TSH (grupos 1, 2, 3 e 4), TSH de tipo itálico (grupo 7) e TSH intermédia (grupo 5).

Ao analisarmos os quadros estatísticos de fragmentos, exemplares classificáveis e número mínimo de indivíduos, ressaltam os valores escassos dos grupos 7 e 6 (hispânica de tipo itálico e hispânica tardia) e os valores cimeiros dos grupos 2 e 3. Se nos detivermos no plano do número de indivíduos podemos constatar que os valores mais díspares dos dois primeiros quadros se esbatem e produz-se um equilíbrio percentual entre as importações tidas de La Rioja (grupos 1, 2 e 5) e as de Andújar (grupos 3 e 4), com 49,08 e 48,62%.

Grupo	Quantitativo	Percentagem	
1	350	22,68	
2	465	30,2	53,59
5	12	0,71	
3	467	30,26	44
4	212	13,73	
6	1	0,06	0,06
7	15	0,97	0,97
<b>Total</b>	<b>1543 fragmentos</b>	<b>= 100%</b>	

Grupo	Quantitativo	Percentagem	
1	100	12,72	
2	286	36,51	50
5	7	0,76	
3	262	33,33	48,21
4	117	14,88	
6	1	0,12	0,12
7	13	1,65	1,65
<b>Total</b>	<b>786 Exs. Classificáveis</b>	<b>= 100%</b>	

Figura 93 - Chãos Salgados. Número de fragmentos dos grupos de TSH (1, 2, 3 e 4), TSH intermédia (5), TSH de tipo itálico (7) e TSHT (6).

Figura 94 - Chãos Salgados. Exemplares classificáveis dos grupos de TSH (1, 2, 3 e 4), TSH intermédia (5), TSH de tipo itálico (7) e TSHT (6).

Grupo	Quantitativo	Percentagem	IMA
1	74	12,71	3,53
2	209	36,08	49,08
5	7	1,03	0,08
3	198	34,02	48,62
4	85	14,6	2,84
6	1	0,17	0,005
7	8	1,37	0,16
<b>Total</b>	<b>582 Indivíduos</b>	<b>= 100%</b>	

Figura 95 - Chãos Salgados. NMI dos grupos de TSH (1, 2, 3 e 4), TSH intermédia (5), TSH de tipo itálico (7) e TSHT (6).

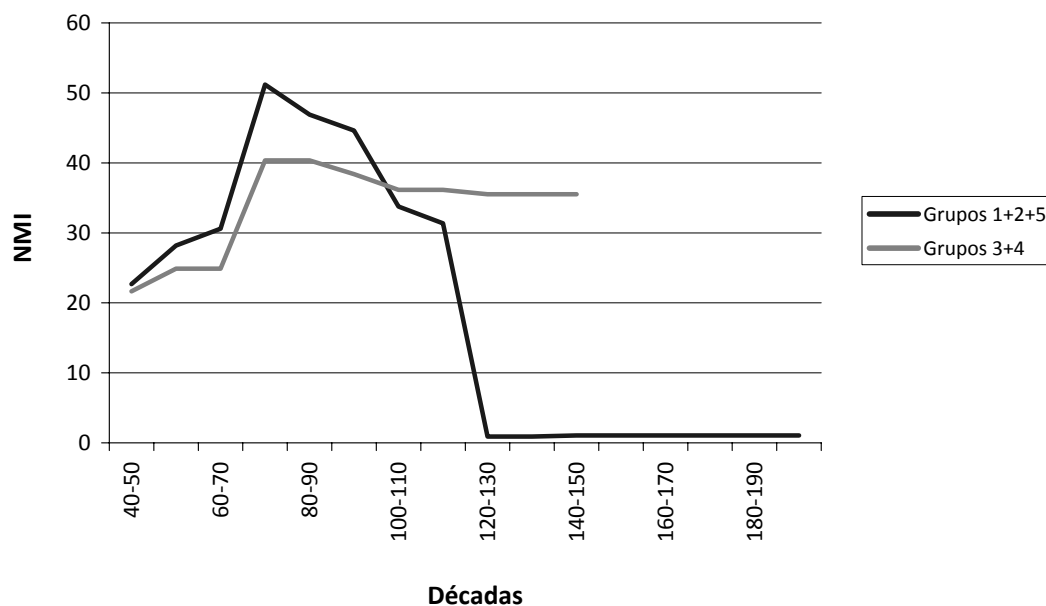


Figura 96 - Chãos Salgados. Evolução da TSH de La Rioja (grupos 1, 2 e 5) e de Andújar (grupos 3 e 4).

Essa proximidade estatística entre La Rioja e Andújar é igualmente expressa nas curvas das importações de indivíduos por décadas.

Os valores de La Rioja são mais fortes do que os de Andújar durante o século I, parecendo acentuar esta tendência a partir da época flávia. Ambos atingem o apogeu na década de 70 (La Rioja com cerca de 50 indivíduos e Andújar com cerca de 40), depois de cerca de 20/30 anos em que ambas as importações por década se situavam entre os 20 e os 30 indivíduos. Contudo, Andújar estabiliza (?) os seus índices até ao final estatístico de 150 d.C., decrescendo apenas suavemente até pouco mais de 35 indivíduos / decénio. Os valores de La Rioja descem a partir da década de 70, com um agravamento nos finais do século I. Nas primeiras duas décadas do século II, as suas importações situam-se pouco acima dos 30 indivíduos por decénio. Após esta data estatística de c.120 d.C., serão as importações do grupo 5 a manter os escassos indivíduos desta área produtora. No século II invertem-se as posições de La Rioja e Andújar: este passa a apresentar valores mais altos, embora até c.120 d.C. a diferença seja de poucos indivíduos.

Os grupos 1 e 2 aproximam-se em alguns aspectos estilísticos e cronológicos, em oposição aos grupos 3 e 4.

A maior presença de peças de Drag. 18 (Grupo 1 – 12 indivíduos; grupo 2 – 23 indivíduos), com bordos muitas vezes bem perolados, bem como de fragmentos decorados com estilo de imitação, denunciam uma maior influência sudgálica nestes dois fabricos, o que aliás faria sentido, *a priori*, em oposição ao espaço meridional, onde estas características fazem sentir-se de uma forma menor. Para além disso, os próprios perfis dos conjuntos de Drag. 27, 15/17 e fundos de pratos aproximam-se mais dos protótipos sudgálicos, com uma notória presença de bordos perolados, no primeiro caso; parede menos esvasada, no segundo; e pés-de-anel de secção triangular, no terceiro.

Não é assim de estranhar que as curvas de importação dos grupos 1 e 2 apresentem os valores mais elevados das épocas mais recuadas, ou seja, *grosso modo* na segunda metade do século I d.C..

Ambos os grupos iniciam as suas importações em meados da centúria, mas o segmento mais alto da curva do grupo 1 é claramente mais antigo, entre os anos 50 e 70 do século I. Nesta última década são adquiridos cerca de 15 indivíduos e a partir desta época os valores começam a decrescer. O grupo 2 tem uma curva mais tardia, com um topo nas décadas de 70, 80 e 90 do século I. No século II, os valores decaem rapidamente.

O grupo 3 é sem dúvida aquele cuja curva das importações é menos arqueada, descrevendo um arco ligeiro desde o seu nascimento até ao seu desaparecimento. Isto deve-se a duas razões: é aquele que apresenta maior índice de importações entre os meados do século I e a época flávia, com mais de 20 indivíduos / decénio, e atinge o topo nas décadas de 70 e 80 (30 indivíduos por década); decai ligeiramente no último decénio do século I, mantendo-se estável até ao final estatístico em 150 d.C..

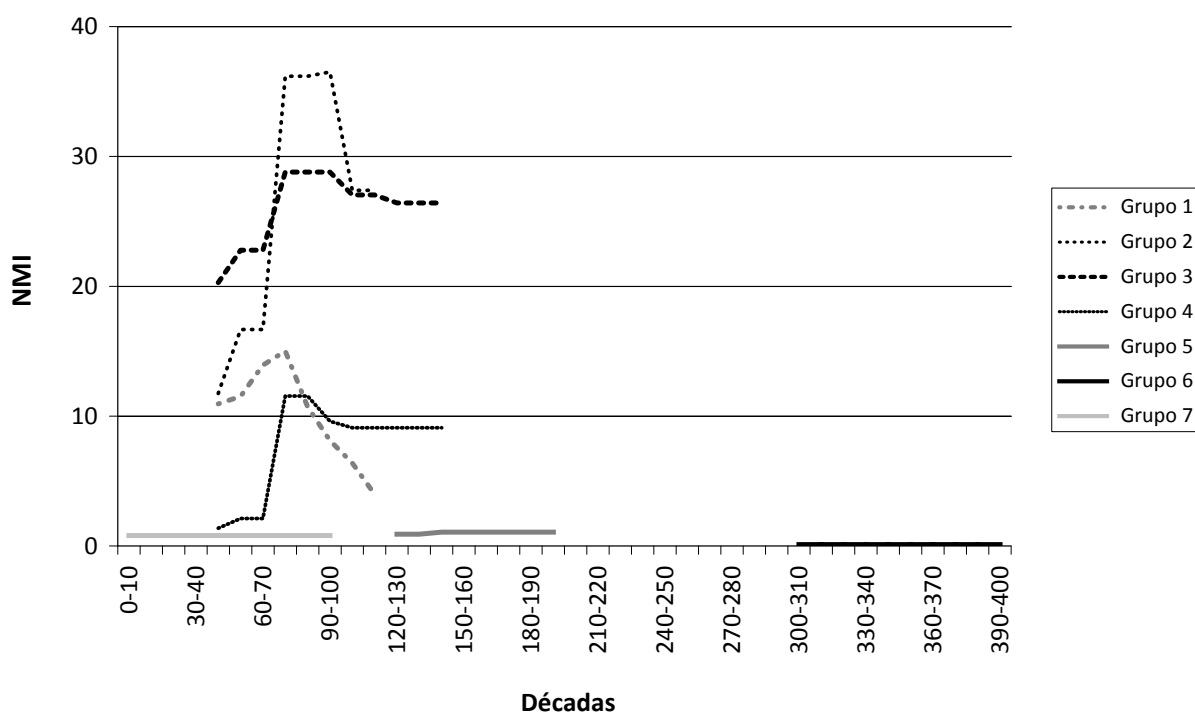


Figura 97 - Chãos Salgados. Evolução da TSH de La Rioja (grupos 1, 2) e de Andújar (grupos 3 e 4), da TSH intermédia (grupo 5), da TSH de tipo itálico e da TSHT (grupo 6).

A subida de valores na década de 70 do século I é bastante mais acentuada no grupo 4. Até então, são escassos os indivíduos importados. Nas décadas de 70 e 80 atinge o topo com pouco mais de 10 indivíduos / decénio e este valor decai apenas ligeiramente na última década do século I (pouco menos de 10 indivíduos / década), continuando estável até ao final estatístico das importações, em c.150 d.C.. Para este grupo há, todavia, evidência estratigráfica para uma continuação esporádica das importações até final do século II ou inícios do III, como abordaremos adiante.

O que parece então acontecer no século II é uma maior constância de importações ao nível dos grupos 3 e 4, que se mantêm até mais tarde, o que não acontece com os dois primeiros grupos.

Os atributos estilísticos dos grupos 3 e 4 também denunciam essa curva temporal.

A Drag. 18 está presente apenas com 6 + 1 indivíduos (grupos 3 e 4, respectivamente), aspecto comum nas produções meridionais, e que possivelmente revela as menores influências sudgálicas nestas áreas. Os perfis das Drag. 15/17 e 27 distanciam-se também dos protótipos sudgálicos e assumem uma aparência mais hispânica, de bordo e paredes lisos ou tendencialmente lisos, geralmente. Os estilos decorativos já não incluem a imitação de protótipos sudgálicos. Sobretudo no grupo 4, os pés-de-anel dos pratos são claramente hispânicos, com secção rectangular. Apenas uma exceção, no grupo 4: um exemplar de Drag. 18, nº 741, revela alguma influência formal da Drag. 18/31 sudgálica. Por último, seria de esperar, tendo em conta a curva das importações de Andújar, que a Drag. 24/25 estivesse melhor representada em Chãos Salgados, o que não acontece. Esta forma é menos escassa apenas no grupo 2 de La Rioja, com 6 indivíduos (ao quais acrescem 2 do grupo 1). Os grupos 3 e 4 somam 2 indivíduos e o exemplar do grupo 4 tem corpo desenvolvido, o que indicia uma cronologia baixa.

Os leques formais são também algo distintos entre os vários grupos, com uma maior variedade nas importações do Nordeste.

Quanto aos centros de La Rioja, o grupo 1 apresenta 11 formas, o grupo 2, 11, e o grupo 5, 4 tipos. Se conjugarmos os 3 fabricos, temos um total de 15 formas.

Quanto a Andújar, o grupo 3 possui 10 formas; e o grupo 4, apenas 4 tipos. Se somarmos os dois grupos temos um total de 10 tipos distintos, estando ausente a Drag. 46, as Hisp. 1 e 2 e Hermet 13, que foram escassamente importadas de La Rioja. Andújar forneceu, contudo, uma forma própria dos seus oleiros, a Aj. 1 ou Decorada Hemisférica. A Drag. 37 é escassa ( 4 indivíduos, contra 24 de La Rioja).



### • O quadro peninsular em conjugação com a produção itálica e gálica

No âmbito peninsular, a *terra sigillata* hispânica de tipo itálico distribui-se em âmbito meridional. Os principais valores de IMA são da costa sul da *Lusitania*, em *Balsa* e *Castro Marim*, seguidos de *Osso-noba*, e nunca alcançam vendas de 1,0 vaso por década. Na costa sudoeste, em *Chãos Salgados*, o valor queda-se por 0,16 ao ano (**ver anexo 7, tabela 2 e anexo 1, tabela 23**). Na necrópole de *La Constancia*, em *Cordoba* (alto vale do Guadalquivir), a produção hispânica de tipo itálico domina na época júlio-cláudia, relegando a TSSG para uma posição meramente acessória, enquanto que, nos níveis de transição para a época flávia, a TSSG parece consolidar-se um pouco, quando surge timidamente a produção canónica hispânica, mas com um persistente domínio da produção precoce (**ver anexo 2, tabela 45**). Deste modo, a penetração importante da TSSG, ao longo do baixo Guadalquivir, que defendemos na época flávia, teve, nos momentos iniciais deste período, uma oposição da hispânica de tipo itálico, tão ou mais forte do que a da hispânica canónica.

Os valores diagnosticados de IMA mais elevados, no que toca à TSH (**ver anexo 7, tabela 2**), pertencem à fachada ocidental e situam-se em *Bracara Augusta*, no Noroeste, e em *Represas*, no Sudoeste. Segue-se um sítio da Meseta, *Complutum*, com valores semelhantes a *Baelo* e *Conimbriga*.

Por norma, os valores de IMA da TSH são mais baixos do que os da TSSG, nas áreas meridionais e litorais da península, mas mais altos, nas áreas setentrionais e interiores.

Sobem assim em *Bilbilis*, no vale do Ebro; em *Numantia* e *Tiermes*, na Meseta; em *Aquae Flaviae*, *Bracara Augusta*, *Monte Mozinho*, *Brigantium*, *Castro de Elvina* e *Iria Flavia*, no Noroeste; nas posições de origem militar de *Herrera de Pisuerga* (levemente), *Lucus Augusti* (apenas temos dados percentuais) e *Rosinos de Vidriales*; em *Luliobriga* e *Rebolleda Camesa*, na faixa setentrional; muito ligeiramente em *Povos*, no troço final do Tejo, mas acentuadamente na *Egitania*, *Mileu*, *Ammaia* e *São Cucufate*, no Centro-Sul da *Lusitania*. Contudo, em *Conimbriga*, o valor desce com a hispânica.

No vale inferior do Guadalquivir, a IMA da TSSG é mais elevada, tal como acontece na casa 2 de *Munigua*.

Por outro lado, o comércio anfórico de origem gálica foi sempre secundário ou escasso na Península. Em *Chãos Salgados* apenas se conhecem dois fragmentos de ânfora narbonense, tipo Gauloise 4 (**contexto 84**, de inícios do século II e Diogo, 1991a). A Gauloise 5 tem um exemplar em *Povos* (*Banha*, 1991-1992); as Gauloise 1, 4 e 5 surgem com um exemplar cada em *Sellium* (*Banha*; *Arsénio*, 1998), e a Gauloise 4 tem um exemplar em *Tróia* (*Diogo*; *Cavaleiro Paixão*, 2001, p.121). Este cenário é bastante mais pobre do que o do comércio na área sul e oriental peninsular: em *Hispalis*, 5,13% das importações anfóricas, entre 20-40 e 125 d.C., são da *Gallia Narbonensis* (**ver anexo 2, tabela 67**) e na *Platja de la Vila*, em *la Vila Joiosa* (*Alicante*), há 6 exemplares de Gauloise 4 (*Espinosa Ruiz*; *Sáez Lara*; *Castillo Belinchón*, 1995-1997, p.20).

No vale médio do Guadiana, a percentagem de TSH é superior à de TSSG, em *Cerro del Cabezo*, mas é provável que os valores de IMA se aproximem.

Apesar de o valor de IMA da TSH ser mais elevado em *Complutum*, a estratigrafia deste sítio interior demonstra que os produtos hispânicos surgem apenas esporadicamente na época cláudio-neroniana, e que, mesmo no período nero-vespasiano, a TSSG é ainda maioritária (**ver anexo 2, tabela 3**).

Apesar do valor de IMA subir igualmente em *Bilbilis*, no vale do Ebro, a juzante da área produtiva de *La Rioja*, a estratigrafia de *Lepida-Celsa* demonstra até a inexistência de importações de TSH em época neroniana, quando o mercado dessas áreas ainda era dominado pela TSI (?), seguida pela TSSG (**ver anexo 2, tabela 2a**).

Parece-nos, assim, que na fase nero-vespasiana, a TSH de *La Rioja* tinha ainda dificuldades de expansão nas áreas interiores da península, apesar de já ser um provável concorrente potencial da TSSG, se lembrarmos que em muitos sítios interiores e setentrionais a *Drag. 29* sudgálica é maioritária em face da *Drag. 37* (*ver supra*).

A problemática da distribuição da TSH ao longo da costa oriental da península deve ser perspectivada em vários segmentos, tal como a da TSSG, e para tal dispomos de vários dados estratigráficos cumulativos.

Devido aos quantitativos extraordinariamente elevados da TSI em *Lepida-Celsa*, *Baetulo* e *Tarraco*, até ao principado de Nero, a TSH está então reduzida a uma posição secundária (é claramente minoritária nos níveis cláudios de *Baetulo*) e a TSSG parece nessa altura disputar o domínio do mercado a norte

do Ebro, com a TSI. Parece consegui-lo no extremo norte, em Ampúrias, mas já não em *Baetulo*, um pouco mais a Sul. Nesta região, a situação altera-se em Domiciano.

A TSSG consolida a sua liderança em Ampúrias, e a TSH inicia as suas vendas, muito timidamente. Nos níveis domicianos de *Baetulo*, a TSSG continua a dominar, mas a TSH já compete com força. Na mesma época, um pouco mais a Sul, em *Tarraco*, a TSH já lidera o mercado, e tem vendas quase 2 vezes superiores às da TSSG (**ver anexo 2, tabelas 51-54**). Contudo, na mesma cidade, na lixeira de Passatge de Cobos (formada entre Augusto e Trajano-Hadriano) e no conjunto de marcas de Ventura Solsona (1948-1949), a TSH é escassa (**ver anexo 7, tabela 2**).

Deste modo, até Vespasiano, os *negotiatores* da cerâmica de La Rioja tiveram como saída preferencial dos seus *stocks* o território a Sul do estuário do Ebro, vendendo dificilmente na costa a Norte e com alguma dificuldade no interior da Península.

Um segundo segmento geográfico a analisar é então a faixa costeira entre o Ebro e o Cabo da Nao, onde dispomos da estratigrafia de *Valentia* (**ver anexo 2, tabelas 55a-c**). Aqui, a TSSG domina em Cláudio, quando a TSH é nula. Esta torna-se imediatamente dominante, nos finais de Nero e Vespasiano, quase que duplicando a TSSG. Os níveis de datação flávia desta cidade confirmam esta situação: a TSH é mais de 3 vezes superior à TSSG e a TSI parece ainda ter um papel, mas somente em terceiro plano.

Como afirmámos *supra*, é possível que esta competitividade da TSH, entre o Ebro e o Cabo da Nao, tenha obrigado os *negotiatores* da TSSG, apoiados pelo domínio claro nas Baleares, a navegar mais para Sul e a “contornar” esta área, para serem de novo dominantes nas costas sul e sudoeste, durante a segunda metade do século I. As percentagens e a IMA são ilucidativas num conjunto de sítios litorais e do *hinterland*, imediatamente a Sul do Cabo da Nao, em *Ello*, *Illici*, *Portus Illicitanus* e *Lucentum*, onde a TSH apresenta valores muito abaixo da TSSG. Os baixos valores da TSH parecem ser recorrentes no Sudeste peninsular, pelo menos nas actuais províncias de Albacete, Alicante e Múrcia (Poveda Navarro, 1999, p.209). Uma baixa percentagem de TSH ocorre também em *Saguntum*, um pouco a Norte de *Valentia*, pelo que a competitividade da TSSG, como tratado *supra*, foi também evidente aqui (**ver anexo 7, tabela 2**).

O comércio sudgálico não é tão forte em *Abdera* (região de Almeria), mas possivelmente já o é em *Baelo*, na área do Estreito (**ver anexo 7, tabela 2**), a ver pelas quantidades da TSSG que só são claramente superiores no segundo sítio. A mesma força de importação parece ocorrer em *Munigua*, fazendo do baixo Guadalquivir uma área de penetração com sucesso da TSSG.

Voltamos a ter dados estratigráficos na área sul lusitana. Em Monte Molião-Lagos, a TSSG é maioritária nos estratos de finais do século I e inícios do século II (Arruda; et Al., 2008, p.158).

Na Ilha do Pessegueiro, a TSSG domina também uma lixeira flávia, com cerca de 63%, quase o dobro da TSH (**ver anexo 2, tabela 46**). A situação altera-se, se nos afastarmos ligeiramente do litoral, sem acesso fluvial a este: em Chãos Salgados, a situação percentual é inversa à do depósito insular. Este panorama é o reflexo de um litoralização do comércio da TSSG a partir da época flávia, quando a TSH vai crescendo em força. Em *Augusta Emerita* (subúrbio norte), a TSSG, bem menor do que TSH, é hegemónica em UEs júlio-cláudias, prolonga-se para Vespasiano/Domiciano e extingue-se em Trajano. No período flávio, algumas UEs têm domínio sudgálico; numa vemos um equilíbrio; mas na maioria o domínio é agora hispânico (Macarena, 2010, p.153 e ss.).

Na primeira metade do século II, a TSSG continua a dominar em Ampúrias e as importações de TSH continuam muito fracas nesta cidade. Este domínio parece ainda estender-se a *Baetulo*, onde a TSH pode até já competir de igual para igual. Em *Tarraco*, confirma-se o domínio hispânico, que já vinha de Domiciano. Na plêiade de níveis escavados confirma-se, contudo, um papel importante da TSSG, que por vezes ainda mantém uma relação superior a 1:2 na sua comparação com a TSH (**ver anexo 2, tabelas 51-54**).

Contexto	TSSG	TSH
6	8	20
38	2	
90	6	5
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>25</b>
	<b>39,02%</b>	<b>60,98%</b>

Figura 98 - Chãos Salgados. Época flávia. Frequências estratigráficas da TSSG e TSH (NMI).

A Sul do Ebro, em *Valentia*, a TSSG vende ainda de uma forma nítida no primeiro e segundo (?) quartéis do século II, embora a TSH se torne hegemónica (**ver anexo 2, tabela 55 d-e**).

Na primeira metade do século II, a TSH domina os contextos disponíveis no Sul da *Lusitania*. O comércio de TSSG já não se efectua nesta época na Ilha do Pessegueiro (**ver anexo 2, tabelas 47 e 48**), nem em Chãos Salgados (**ver sobretudo anexo 1, tabela 3: contextos 59-63**). Contudo, parece continuar a vender neste período em Monte Molião-Lagos, através das formas Drag. 18/31, 27 e 15/17 (Arruda; et Al., 2008, p.161). Este fenómeno será uma extensão da continuidade deste comércio na costa oriental, onde também está documentado estratigraficamente: ao nível tipológico verificam-se algumas relações de Monte Molião com Ampúrias, onde as vendas se restringem agora aos tipos Drag. 27, 37 e 18/31, bem representados com dezenas de exemplares, sobretudo os dois primeiros (**ver anexo 2, tabela 12**). A Drag. 37 não surge, contudo, na estratigrafia do Sul da *Lusitania*, onde deverá ocorrer um domínio do binómio Drag. 18-27. Se as Drag. 27 e 37 sudgálicas seriam adquiridas num processo de selecção do consumidor, já a Drag. 18 teria um papel de complemento ao repertório hispânico, no qual a Drag. 18 foi minoritariamente produzida em La Rioja e escassamente em Andújar.

Alguns dados estatísticos da relação lisas / decoradas na TSH, nomeadamente naquela proveniente de La Rioja, dão-nos algumas pistas sobre as áreas de maior força deste comércio. Em *Saguntum* e *Valentia*, inseridas na faixa costeira entre o Ebro e o Cabo da Nao, apesar de as percentagens de TSH serem mais baixas no primeiro sítio, ambos apresentam uma forte componente de tipos decorados no espólio hispânico: 57,7% e 54%, respectivamente. Em *Saguntum*, parece ser importante o estilo de métopas, sobretudo nas Drag. 29 e 30, fenómeno que ocorre também em Monte Mozinho, no Noroeste. Nesta região, em *Bracara Augusta*, os tipos decorados perfazem 34% da TSH. A percentagem mais alta de decoradas surge imediatamente a Sul do Cabo da Nao, num sítio onde o comércio hispânico foi fraco, mas claramente dirigido em qualidade. Em *Illici*, o valor de decoradas é de 90% e em *Lucentum* é de 35% (Montesinos i Martínez, 1991, p.54; Montesinos i Martínez, 1992, p.522; Montesinos i Martínez, 1998, p.157; Poveda Navarro, 1999, p.215; Morais, 2005a, p.223; Carvalho, 1993, p.102-105). No Sudeste peninsular, 9,52% das marcas de TSH são intradecorativas (Poveda Navarro, 1999, p.220), o que reforça o papel dos decoradores neste comércio. Em *Pollentia*, na pouca TSH importada, a Drag. 29 supera em mais do dobro a Drag. 37 (Roca Roumens; Orfila Pons, 1987, p.58).

Apesar da falta de dados estratigráficos vespasianos e domicianos para o interior e Norte da Península, este quadro revela que a TSH (de La Rioja), nesta época alto e médio-flávia, para além de se ter dirigido com sucesso para a área costeira a Sul do Ebro terá conseguido alcançar com eficácia regiões setentrionais da Península Ibérica.

O centro de Bronchales vendeu, de forma minoritária, para a área a Sul do Ebro, em *Lucentum* e *Valeria*, tendo neste último alcançado 17,55% da TSH, embora Poveda Navarro (1999, p.210) negue a atribuição a Bronchales desses conjuntos. Na Meseta, em *Arcobriga*, está diagnosticada esta produção.

Os produtos de La Rioja dominaram claramente nos territórios mais setentrionais e interiores, onde são muitas vezes a totalidade da TSH (**ver anexo 7, tabela 2**). Na metade sul da Península, a situação é mais complexa. La Rioja dominou o comércio de TSH nas Baleares, tantos na Ilha de Maiorca, como na de Minorca. Este arquipélago, apesar de dominado pelo comércio sudgálico, como defendemos *supra*, terá sido um ponto de apoio na transição comercial dos produtos de La Rioja para as costas meridionais da *Hispania*. Na área imediatamente a Sul do Cabo da Nao, La Rioja domina a TSH, num conjunto de sítios dominados claramente pela TSSG: *Illici*, *Portus Illicitanus*, *Lucentum* e La Serreta, no litoral, e *Ello*, no interior. Andújar domina a TSH, em *Libisosa Foroaugustana*, sítio interior que seria fornecido provavelmente por meio terrestre, através da *Via Augusta* (Poveda Navarro, 1999, p.222). No Sudeste peninsular, cerca de 14% da TSH é proveniente de Andújar, e o resto deverá proceder, na totalidade ou na maioria, de La Rioja (**ver anexo 7, tabela 2**).

Em *Baelo*, apesar da forte concorrência de Andújar, os valores de IMA de La Rioja são um pouco superiores.

Esta ligeira superioridade estatística mantém-se na maioria dos sítios costeiros ou próximos da costa, na *Lusitania*: Quinta do Marim, Chãos Salgados, Povos e *Scallabis*, no vale do Tejo. No litoral, Andújar domina apenas na Ilha do Pessegueiro, mas parece ser a única fornecedora da *villa* do Alto do Cidreira, na Estremadura. A ver pelos dados de Povos e de *Scallabis*, Andújar penetrou menos bem no vale do Tejo, mas alcançou áreas setentrionais da fachada atlântica, de forma esporádica, como *Bracara Augusta* (acompanhado de vasos de Granada). Andújar penetrou de forma mais eficaz no Guadiana,

pelo que domina no Montinho das Laranjeiras. Os seus valores são equilibrados com os La Rioja, no interior meridional da *Lusitania*, em São Cucufate, embora, nas Represas, o vale do Ebro domine com clareza, o que também sucede na Tourega.

O trabalho recente sobre a estratigrafia do Subúrbio Norte de *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010, p.747) revela que só há TSH (no mercado emeritense, praticamente toda de La Rioja, sendo escassíssima a de Andújar) a partir dos níveis vespasianos, o que leva a autora a propor que a própria produção só se inicie nesta época.

A TSH alcançou a actual Argélia, Cartago e o litoral da Bizacena (La Rioja), em fraca quantidade e abaixo da TSSG (que foi fraca na Proconsular, mas forte na actual Argélia). A estratégia da TSH, na Bizacena e em Cartago, parece ter sido semelhante: a venda de vasos decorados, 1 exemplar de Drag. 37, no primeiro caso, e 2 exemplares de Drag. 29/27, no segundo (Bonifay; et Al., 2002-2003, nº18; Rakob, 1999, p.363, nºs309 e 310). Foi a principal exportadora para a *Mauritania Tingitana*, onde superou a TSSG. Nesta província, os quantitativos de La Rioja mais do que duplicam os de Andújar (**ver anexo 2, tabela 44**) e oleiros como *Valerius Paternus* e *Sempronius* foram muito importantes. A par de *Lapillus*, estão bem representados nas Baleares (Roca Roumens; Orfila Pons, 1987, p.61). Em *Baelo*, *Valerius Paternus* possui 4 marcas e *Lapillus* apenas uma (Bourgeois; Mayet, 1991, p.201-205). *Valerius Paternus* e *Sempronius* estão menos bem representados do que *Lapillus* na área ocidental: em *Scallabis*, apenas surgiu este último (Viegas, 2003, p.160); em *Bracara Augusta*, *Lapillus* é maioritário em face de *Valerius Paternus* e *Sempronius* (Morais, 2005a, p.262). Já em *Conimbriga* e *Emerita Augusta*, *Valerius Paternus* e *Lapillus* são os mais influentes (Roca Roumens; Orfila Pons, 1987, p.61; Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.203).

*Lapillus* teve assim um maior sucesso no âmbito terrestre, enquanto *Valerius Paternus* e *Sempronius* foram preponderantes no comércio marítimo meridional (Roca Roumens; Orfila Pons, 1987, p.61).

#### • Evidência estratigráfica da inversão do primado de La Rioja (c.50-c.100 d.C.) para o de Andújar (c.100-c.150 d.C.), no Sul da *Lusitania*

Quatro contextos estratigráficos de Chãos Salgados, datados com segurança na segunda metade do século I d.C. e primeira metade do século II, permitem uma problematização dos vários fabricos de TSH alto-imperial, grupos 1-4. Apenas o grupo 5, de cujos 12 fragmentos, 4 se documentaram nas campanhas de 1995-6, não possui dados estratigráficos estudados.

Os grupos 1 e 4 estão estratigraficamente menos documentados, derivado da sua menor quantidade. Já os grupos 2 e 3 estão bem documentados nestes contextos.

No **contexto 6**, da segunda metade do século I, dominam as importações de La Rioja, que somam 70% (grupos 2 e 1). Os restantes 30% provêm de Andújar (grupos 3 e 4). Em ambos os casos, domina o binómio Drag. 15/17 e 27, ao qual acresce um indivíduo de Drag. 18, no grupo 2, e outro de Aj.1 ou D.H., no grupo 3.

A situação inverte-se na fase I do sector Ponte-Sul (ambiente 1), datada da primeira metade do século II. O grupo 3 é hegemónico, com 71,42%, aos quais acrescem 7,14% do grupo 4, o que perfaz um total de 78,56% para Andújar. Ao grupo 2 (La Rioja) pertencem os restantes 21,42%. O serviço Drag. 15/17 e 27 continua a dominar; acresce apenas, no grupo 2, tal como no **contexto 6**, a Drag. 18.

Esta bem menor presença de La Rioja na primeira metade do século II condiz com a curva estatística da importação de NMI por décadas, na qual La Rioja decai nos finais do século I. A hegemonia de Andújar pode explicar-se pela hipótese das suas importações se estenderem por mais algumas décadas do que as de La Rioja - até meados do século II.

O ambiente 1 da construção nº 1, que só contém *terra sigillata* hispânica, possui duas unidades, **contextos 7 e 8**, datados de finais do século I e inícios do II. Os poucos dados indicam também uma transição do grupo 2 para os grupos 3 e 4, sempre com as formas Drag. 15/17 e 27.

O ambiente exterior norte da construção nº 1 obriga-nos a reflectir um pouco mais sobre estes dados, já que parece constituir um contraponto. Os seus níveis não são, contudo, tão estanques, já que a sua longa diacronia tê-lo-á exposto muito mais a algumas infiltrações que poderão não ter sido detectadas no processo de escavação. Contudo, apresenta-se estruturalmente coerente ao longo dos 5 séculos de formação.

No **contexto 1**, datado da segunda metade do século I (ou terceiro quartel), apenas existem 2 exemplares de Drag. 15/17 e 27 de Andújar (grupos 3 e 4).



Contexto 6 - NMI (20 = 100%) - Flávios					
	Drag.15/17	Drag.27	Drag.18	Aj.1 ou D.H.	
Grupo 1 (10%)	1	1			
Grupo 2 (60 %)	3	5	4		
Grupo 3 (20%)	2	1		1	
Grupo 4 (10%)	1	1			
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	

Construção nº 1 - Ambiente 1 - NMI (5=100%)				
Contexto	Grupo	Drag.15/17	Drag.27	Tigela
Contexto 7 (finais séc. I) e Contexto 8 (inícios séc. II)	Grupo 2 (40%)	1		1
	Grupo 3 (40%)		1	1
	Grupo 4 (20%)	1		

Ponte-Norte - Ambiente 1 - Fase 1 - NMI (14 = 100%) – 1ª metade do século II d.C.						
	Fabrico	Drag.15/17	Drag.18	Drag.27	Prato	Ind.
Contextos 59, 60, 62 e 63	Grupo 2 (21,42%)	2	1			
		3		1		
	Grupo 3 (71,42%)			3	1	
				1		
	Grupo 4 (7,14%)					1
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Construção nº 1 - Ambiente exterior norte - NMI					
Contexto	Grupo	Drag.15/17	Drag.27	Drag.37	Hispan.4
Contexto 1 - 2ª met. séc. I	Grupo 3		1		
	Grupo 4	1			
Contexto 2 (12 = 100%) - século II (1ª metade?)	Grupo 1 (16,66%)	1	1		
	Grupo 2 (58,33%)	4	2	1	
	Grupo 3 (8,33%)	1			
	Grupo 4 (16,66%)	1	1		
	<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	
Contexto 3 - Finais séc. II	Grupo 1		1		
	Grupo 2	1			
Contexto 4 - Baixo-Império	Grupo 2	1	1		1
	Grupo 4	1			

Figura 99 - Chãos Salgados. Frequências estratigráficas da TSH.

No **contexto 2**, cuja datação poderá centrar-se na primeira metade do século II, podendo prolongar-se um pouco mais, já que é de natureza secundária, La Rioja apresenta-se maioritária, com 75%. Ao binómio Drag. 15/17 e 27 acresce um vaso de Drag. 37. Os 25% de Andújar (grupos 3 e 4) são compostos apenas pelo serviço Drag. 15/17 e 27.

Parece-nos coerente que se aceite a evolução proposta pelos níveis mais estanques do ambiente 1 da construção nº 1 e do ambiente 1 do sector Ponte-Norte, os quais são coerentes entre si. Os **contextos 1 e 2** do ambiente exterior norte da construção nº 1 confirmam, apesar da sua aparente incoerência na evolução das importações hispânicas, que as importações de La Rioja prosseguem no século II.

Se somarmos o número de indivíduos de La Rioja e de Andújar destes 4 contextos, concluímos que na segunda metade do século I, La Rioja exportou um sub-total de 15 vasos, enquanto Andújar exportou 11; e que, na primeira metade do século II (acrescentando o **contexto 85**), La Rioja exportou 13 vasos e Andújar, 16. A inversão confirma-se, mas de uma forma mais ligeira e condizente com o gráfico geral das importações por décadas, no qual a linha de Andújar move-se ligeiramente abaixo da de La Rioja, no século I; enquanto que, nos inícios do século II, é a linha de La Rioja que se move ligeiramente abaixo da de Andújar.

A dispersão de La Rioja faz deste centro um foco de difusão não apenas continental e/ou setentrional (Étienne; Makaroun; Mayet, 1994, p.25-29; Quaresma, 1999a, p.172-173), mas também, e por vezes com predomínio, litoral e/ou meridional.

Este paradigma tem, contudo, apenas uma sustentação estatística. Se atentarmos noutros dados estratigráficos disponíveis, deparamos com uma evolução cronológica que nos parece fundamental na dinâmica comercial dos centros de La Rioja e de Andújar, na área meridional da Península Ibérica.

Na Ilha do Pessegueiro, os dados estratigráficos disponíveis (Silva; Soares, 1993, p.85-87) identificam-se com a tendência estratigráfica das importações de Chãos Salgados: na fase IIa (segunda metade do século I), 37% dos vasos hispânicos provêm de La Rioja, enquanto que apenas 17% procedem de Andújar e 20% são indeterminados. A fase IIb (século II e primeira metade do século III) representa o apogeu da *terra sigillata* hispânica, quando 64% do total de peças hispânicas são importadas, completando os restantes 36% adquiridos na fase IIa. Andújar domina o fornecimento, com 83% do total hispânico desta fase, contra apenas 14% de La Rioja e 3% de indeterminadas. Na estratigrafia insular observa-se igualmente o decréscimo acentuado dos produtos de La Rioja ao longo das duas camadas da primeira metade do século II: na camada 5, La Rioja é minoritário, enquanto que na camada 4 é apenas residual (**ver anexo 2, tabela 47**).

Ao nível das formas presentes há diferenças grandes entre os dois sítios: Chãos Salgados importou um repertório bem mais variado do que o complexo fabril.

Na ilha, durante a fase IIA, apenas 6 formas estão presentes e a única decorada é a Drag. 37. Nenhum dos exemplares decorados procede de Andújar (o que se aproxima da realidade de Chãos Salgados, onde La Rioja forneceu muito mais este tipo). O binómio Drag. 15/17 e 27 tem a primazia, surgindo igualmente a Drag. 18 e a Drag. 36, mas o valor da Drag. 24/25 é mais significativo do que em Chãos Salgados.

No século II, fase IIB, a variedade formal reduz-se notoriamente e o repertório é composto apenas por Drag. 15/17 e 27, que formam um serviço nesta época. Na fase anterior assistira-se a uma ligeira variedade, onde a Drag. 24/25 acompanhava a Drag. 27. A importância estatística da Drag. 24/25 na segunda metade do século I da Ilha do Pessegueiro é algo que nunca sucede em Chãos Salgados, onde a estratigrafia e a estatística nos indicam uma relação muito mais estável entre a Drag. 15/17 e a 27 ao longo do tempo. Contudo, a nível estatístico geral, o equilíbrio entre Drag. 15/17 e 27 é certo em La Rioja, mas inexistente em Andújar, onde o prato representa quase o dobro da tigela.

Formas	Fase IIA (2ª metade séc. I)		Fase IIB (Séc. II e 1ª metade séc. III)	
	Tritium(%)	Andújar(%)	Tritium(%)	Andújar(%)
Drag.15/17	25	29	75	58
Drag.18	8			
Drag.36	8			
Drag.24/25	17	14		
Drag.27	25	57	25	42
Drag.37	17			
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

**Figura 100 - Ilha do Pessegueiro.**  
Frequências estratigráficas dos principais tipos da TSH (Silva; Soares, 1993).

Em Sines, no nível de abandono (camada 4) dos tanques I e II da oficina A do Largo João de Deus (1ª fase: meados do século I – final do século II), a TSH de Andújar é abundante, com predomínio da Drag. 27, situação que se prolonga na camada 3, superior (Silva; Coelho-Soares, 2006, p.110).

Na costa sul da *Lusitania*, a estratigrafia de Monte Molião-Lagos (Arruda; et Al., 2008, p.161) demonstra que, na UE 29, datada do segundo quartel do século II, para além do domínio claro da TSH, as formas presentes são as Drag. 15/17 e 27, à semelhança de Chãos Salgados e da Ilha do Pessegueiro, e a TSH desta UE é procedente de Andújar (informação oral da Prof. Ana Margarida Arruda).

Temos assim, na área meridional da Península (?), até ao Cabo da Nao (?) ou só apenas na *Lusitania* (?), província onde se situam todos estes contextos, uma inversão do primado de La Rioja referente à segunda metade do século I, para o primado de Andújar na primeira metade do século II (Quaresma, 2008a, p.489-490).

### • Evidência estratigráfica para um comércio de Andújar no pós-150 d.C.

Em Chãos Salgados, após meados do século II, o único dado estratigráfico seguro de uma importação de Andújar é o n.º 713, Drag. 27 do grupo 4 de Andújar, posicionado *in situ* no século III (**contexto 16**). Acresce a este dado, o n.º 820, Drag. 27 do grupo 5 de La Rioja, denominado já de *terra sigillata* intermédia, com cronologia tipológica de finais do século II ou inícios do III.

Sobre Chãos Salgados, pode afirmar-se que nos meados do século II se dá a grande interrupção das aquisições de vasos de Andújar, cujos elementos posteriores são esporádicos.

Este pode ser o panorama a longa-distância da área de produção. A curta e média distância há outros dados ao longo da segunda metade do século II e século III.

Na lixeira do Palácio de Orive, em Cordoba (**ver anexo 2, tabela 49**), datada do terceiro quartel do século II, a TSH é predominante, constituindo 86% da *sigillata*. Poderemos supor que, pela localização geográfica do depósito, pelo menos uma boa parte da TSH seja oriunda de Andújar, já que no contexto geral desta cidade, bem como numa *villa* próxima, em El Ruedo, é esta produção que domina o comércio de *sigillata* no século II (Sierra Fernández, 1995, p.158).

No centro anfórico de Los Matagallares (na área de Granada), cuja actividade se centra no século III, a *sigillata* de Andújar está ainda bem representada (**ver anexo 2, tabela 49**), e encontra-se essencialmente na primeira UE de circulação, [213], após a construção do centro. As formas presentes são a Drag. 27, 15/17, 29 e 29/37 burilada, produção conhecida apenas em Andújar. A análise macroscópica das peças permite ao autor do estudo afirmar que pelo menos a maioria da TSH será originária de Andújar (Bernal Casasola, 1998, p.192).

Novamente em Cordoba, em níveis do século III, conhecem-se alguns pratos atribuídos a Andújar, que imitam a forma Hayes 48 de TSAf C (Monterroso Checa, 2005, p.172-175).

Estes contextos obrigam-nos a reflectir sobre a continuidade da produção de Andújar, para além de inícios do século II e mesmo para além dos meados desta centúria, parecendo prolongar-se até finais do século II e século III, embora com uma difusão contraída a partir de c. 150 d.C..

O fim das exportações de La Rioja na área meridional, em inícios do século II, parece corresponder igualmente a uma contracção geográfica das vendas. Já nos referimos, *supra*, à continuidade da produção, com a nomenclatura de TSH avançada ou intermédia, definida em *Clunia* (Tuset i Bertrán; Buxeda i Garrigós, 1995; Abásole Pérez, 1985; Paz Peralta, 1991, p.11).

É certamente a produção de La Rioja - vista a ausência referida de Andújar - que se encontra nos vários contextos que percorrem o século II de *Valentia*, em situação de domínio, posição que se estende pelos contextos do segundo terço e último quartel do século III (**ver anexo 2, tabela 55**). É também La Rioja que totaliza a TSH da lixeira da segunda metade do século II, na Praça del Negret, na mesma cidade (Huguet Enguita, 2005).

Na cidade de *Valentia*, demonstra-se igualmente que a produção de La Rioja mantém um leque formal diverso, totalmente distinto da exiguidade de Andújar a partir do século II. As oficinas do vale do Ebro continuam a exportar um leque vasto, liso e decorado, onde dominam porém as Drag. 15/17, 27 e 37.

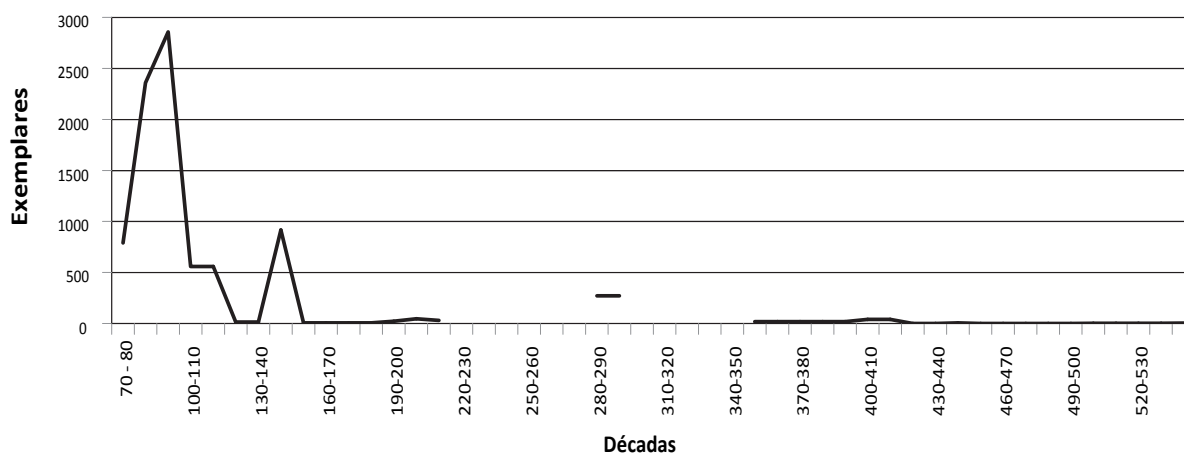


Figura 101 - *Augusta Emerita* (Suburbio Norte). Evolução estratigráfica da TSH (a partir de Bustamante, 2010).

A continuidade das vendas de La Rioja, embora com baixa acentuada de valores a partir dos inícios do século II, acontece também em *Augusta Emerita*, cuja TSH é toda da bacia do Ebro. Mesmo no século II, nesta área interior/centro da *Lusitania*, Andújar vende escassamente (Bustamante, 2010).

Estratigraficamente temos assim indícios de continuidade comercial, a média distância, da TSH do vale do Ebro, com amplo sucesso na costa oriental a Norte do Cabo da Nao, no século II.

Em *Ostia*, a TSH surge nos níveis datados entre 120 e 190 d.C., sempre com volumes abaixo dos 5% do total de *terra sigillata* (Martin, 2006, quadros 3 e 4). Dificilmente esta TSH será proveniente de Andújar que, como vimos *supra*, não alcança as Baleares, nem a costa a Norte do Cabo da Nao. Assim, no século II, La Rioja decresce bastante no mercado meridional peninsular, mas atinge, embora timidamente, o mercado itálico.

Ao longo do século III lidamos já com a transição para a futura *terra sigillata* hispânica tardia, transição de sucesso exemplificado também pelos níveis de *Bursao* e *Turiaso*, no vale do Ebro, na segunda metade e final do século III, respectivamente (**ver anexo 2, tabela 49**); mas, sobre a difusão da TSHT, falaremos *infra*.

#### 4.1.4. *Terra sigillata* africana, focense tardia e cerâmica africana de cozinha

##### • *Terra sigillata* africana

Uma primeira análise, de índole estatística, demonstra que, ao nível dos grandes fabricos em Chãos Salgados, a *terra sigillata* africana é dominada pela produção C, seguida de perto pela A, cabendo à africana D um papel muito menos importante. As aquisições de C/E e E, mais baixas, reforçam os resultados da C e destacam a Bizacena no fornecimento a Chãos Salgados, durante o Baixo-Império. O Norte da actual Tunísia, importante no Alto-Império e ainda em parte do Baixo-Império/Antiguidade Tardia, através da africana A, já não alcança Chãos Salgados de uma forma tão intensa a partir do século IV. A africana D tem assim valores que representam cerca de metade dos obtidos pela A. Finalmente, a produção A/D e as produções ditas continentais, de Henchir es-Srira e Sidi Aich, são escassas, sendo que as duas últimas (de atribuição não definitiva) são mais um elemento do comércio da Bizacena relacionado com a produção C.

Fabrico	NMI	Percentagem
A	313	35,12
C	370	41,52
D	149	16,72
A/D	14	1,57
Produções continentais	5	0,67
C/E e E	39	4,37
<b>Total</b>	<b>891</b>	<b>100</b>

Figura 102 - Chãos Salgados. TSAf. NMI dos grandes fabricos.

Ao nível dos fragmentos, apenas cinco produções estão acima de 1%, sendo a mais importante a C1/C2, seguida de perto pela A2; ambas têm valores mais de 3 vezes superiores aos das D1 e C3; destaca-se ainda um valor muito baixo de C/E. No cálculo do número de exemplares classificáveis, a estas cinco produções juntam-se mais três outras, com valores que rondam o 1%: a C4, a afim a A/D e a C3 de relevos aplicados.

Este conjunto de 8 produções acima de 1% mantém-se ao nível do número mínimo de indivíduos, o qual permite uma correcção importante, sobretudo em face do número de fragmentos. Esta correcção é particularmente importante na produção C1/C2, cujos grandes pratos / taças, como a H50A e a H45, podem produzir muitos fragmentos não classificáveis. Dá-se assim uma inversão das posições da C1/C2 e da A2, passando esta última a liderar a estatística, devido a um decréscimo de cerca de 10% da primeira. As restantes posições mantêm-se, mas reforçam os seus valores ao ganhar uma maior importância relativa.



Produção	Quantitativo	Porcentagem
A1	7	0,23
A2	1046	35,79
A/D	9	0,3
afim a A/D	12	0,41
C1/C2	1129	38,63
C3	283	9,68
C4	27	0,92
C3 rel. apl.	9	0,3
C/E	61	2,08
E	5	0,17
Henchir es-Srira?	3	0,1
Sidi Aïch?	2	0,06
D1	322	11,01
D2	7	0,23
<b>Total</b>	<b>2922</b>	<b>100</b>

Figura 103 - Chãos Salgados. TSAf. NMI dos fabricos.

No âmbito da produção A, maioritariamente representada pela fase mais tardia, a H14 totaliza 16,11% do conjunto de *terra sigillata* africana e é o tipo mais importante da produção da Zeugitânia. Segue-se o resultado de uma outra forma tardia, a H26 e 27, com 8,11%. Podemos ainda destacar, embora com valores já baixos, a H9, com 4,61% (sendo que 3,26% pertencem ao subtipo mais tardio, H9B), e a H6, com 2,24% (**ver anexo 1, tabela 20**).

A C1/C2 é dominada pela H50A, com 21,78%, enquanto que os restantes tipos desta produção são de valores muito baixos, que quase nunca ultrapassam 1%.

Na C3 a situação é algo semelhante, destacando-se agora a H50A/B e a H50B, com 6,88 e 2,59%, respectivamente.

Ao contrário das produções A/D, afim a A/D, C4, E e D2, mal representadas, a produção C/E já evidencia uma ligeira visibilidade dos tipos H45A e B, embora com valores que pouco ultrapassam a fasquia de 1%.

Apesar de não alcançar a relevância das produções A e C1/C2, a D1 é a última fase a assumir valores mais sólidos, com a liderança do tipo H58B, nn. 9 e 11 (3,38%), ao qual se segue a H91 (3,04%) e as H59 e H61A e A/B, com 2,81 e 2,57%, respectivamente.

A maior extensão temporal da *terra sigillata* africana, o seu maior número de tipos, mas sobretudo o maior rigor cronológico destes últimos, decorrente de uma maior quantidade de informação estratigráfica de qualidade para as tipologias disponíveis, conduz a um gráfico de NMI por década com uma curva de melhor definição do que nas produções sudgálica e hispânica. A curva relativa à totalidade da *terra sigillata* africana demonstra que a sua importação é escassa (máximo de 5,15) entre 70 e 150 d.C. (o início na época flávia é meramente crono-tipológico, não havendo nenhum dado estratigráfico). Embora se note uma ligeira subida na primeira metade do século II, é na sua segunda metade, entre 150 e 190 d.C., que a curva sobe significativamente, para um valor de 16,77. Esta subida é ainda mais acentuada até 220 d.C., quando se atinge o segundo maior nível de sempre, com 51,68 indivíduos. Os anos 20 do século III denotam uma crise de importações, que passam para metade (25,83), recuperando novamente até meados do século (45,9) e tornando a haver um novo período de declínio na década de 50 (33,79). Os valores mantêm-se estáveis até 300 d.C. (36,22) e, nas duas primeiras décadas do século IV, as importações atingem o pico mais alto de sempre, com 57,21 indivíduos, valor que é estável até 330 d.C. (53,45). A partir da década de 30 do século IV inicia-se um processo quase contínuo de descida dos valores, abrupto nessa década (30,27), mas que continua até à década de 20 do século V, apenas interrompido por dois picos: 350-360 d.C. (37,4) e 400-410 d.C. (31,55).

Após um pico em 200-210 d.C. (45,54), o domínio da produção A2 mantém-se até 230-240 d.C., quando os seus valores se cruzam com os da C1/C2, que passa a dominar claramente a partir da década seguinte, sobretudo graças ao declínio acentuado dos valores da primeira a partir deste momento, enquanto que a C1/C2 se mantém estável até inícios do século IV. Esta produção da Bizacena é acompanhada desde os anos 20 por uma outra da mesma província, a C/E, que, com valores muito mais baixos, reforça, no entanto, o comércio desta área, em face do originário do Norte da Tunísia. O pico da C1/C2 acontece

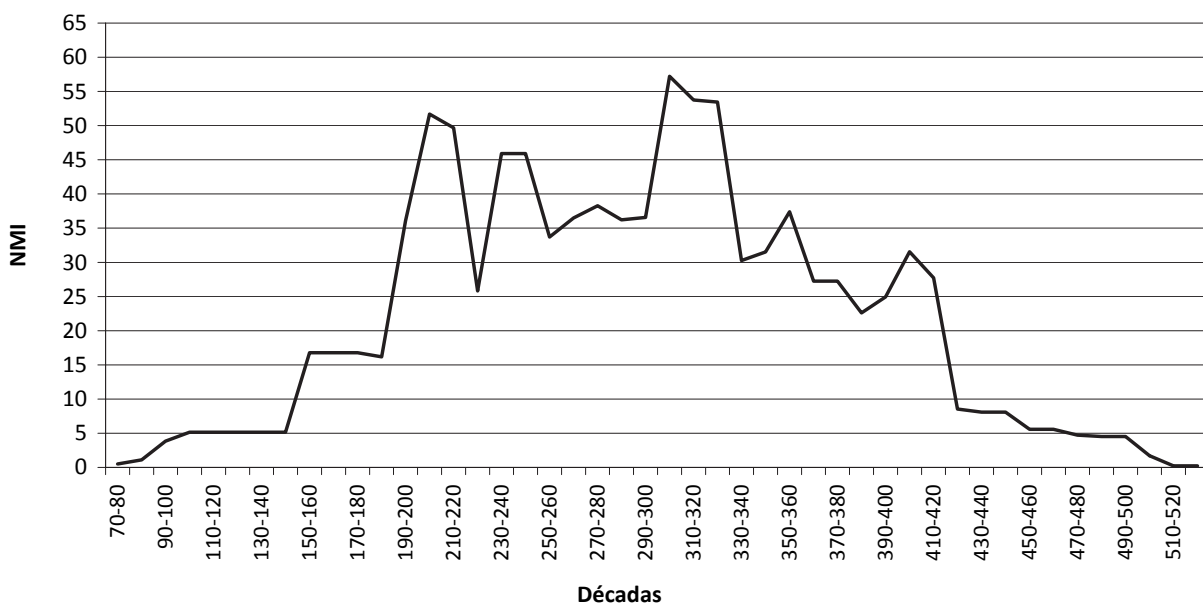


Figura 104 - Chãos Salgados. Evolução da TSAf.

em 260-70 d.C. (25,2), pouco superior, no entanto, aos valores da década de 30 (24,21). Na década de 70 ocorre o valor máximo da C/E (5,9), que parece estável até à primeira década do século IV (4,4).

Outra correlação importante é a dos valores das C3 e D1. A primeira regista dois picos em 310-20 d.C. e 350-60 d.C., com 14,56 e 14,13 indivíduos, respectivamente, sofrendo uma queda acentuada a partir de 360 d.C., numa altura em que os valores da D1 reforçam a sua subida (21,56), seguido de quebra entre 380 e 410 d.C. (17,79), mas acabando por atingir o seu maior valor entre 410 e 420 d.C., com 25,55 indivíduos, em oposição à descida dos valores das produções da Bizacena, que fazem com que a curva da totalidade das importações desça nesta época. Em consonância com o gráfico geral, a D1 tem igualmente uma queda abrupta em 420-30 d.C. (6,5).

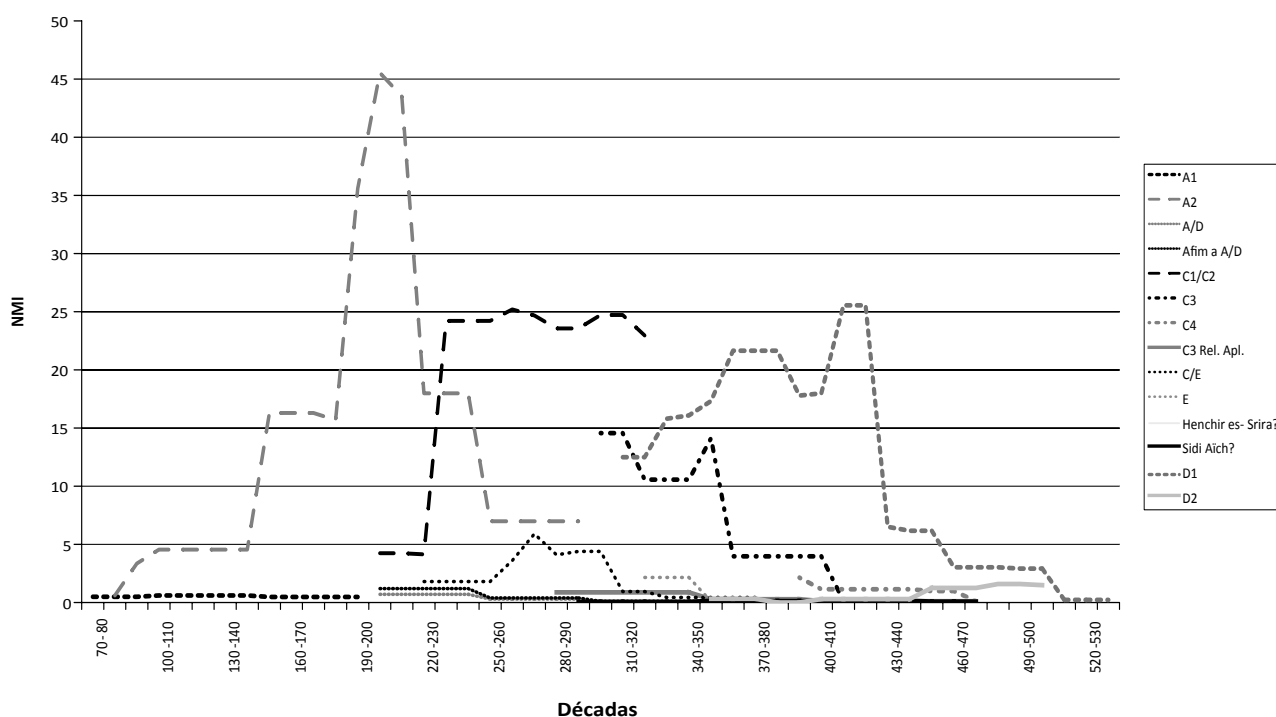


Figura 105 - Chãos Salgados. Evolução dos fabricos da TSAf.

A cristalização do comércio de D1, a partir de meados do século IV, estabelece um possível paralelo com as cronologias de funcionamento do centro de El-Mahrine, cuja produção aumenta significativamente nesta época, segundo o cálculo crono-tipológico de Mackensen para este centro (ver *supra*).

Em meados do século V processa-se uma outra alteração: a D1 regista nova queda, para 3,03, valor que parece manter até finais da centúria; enquanto que a D2, sempre escassa, sobe um pouco, alcançando valores pela primeira vez próximos da D1, ao longo da segunda metade do século V (1,26 e 1,59).

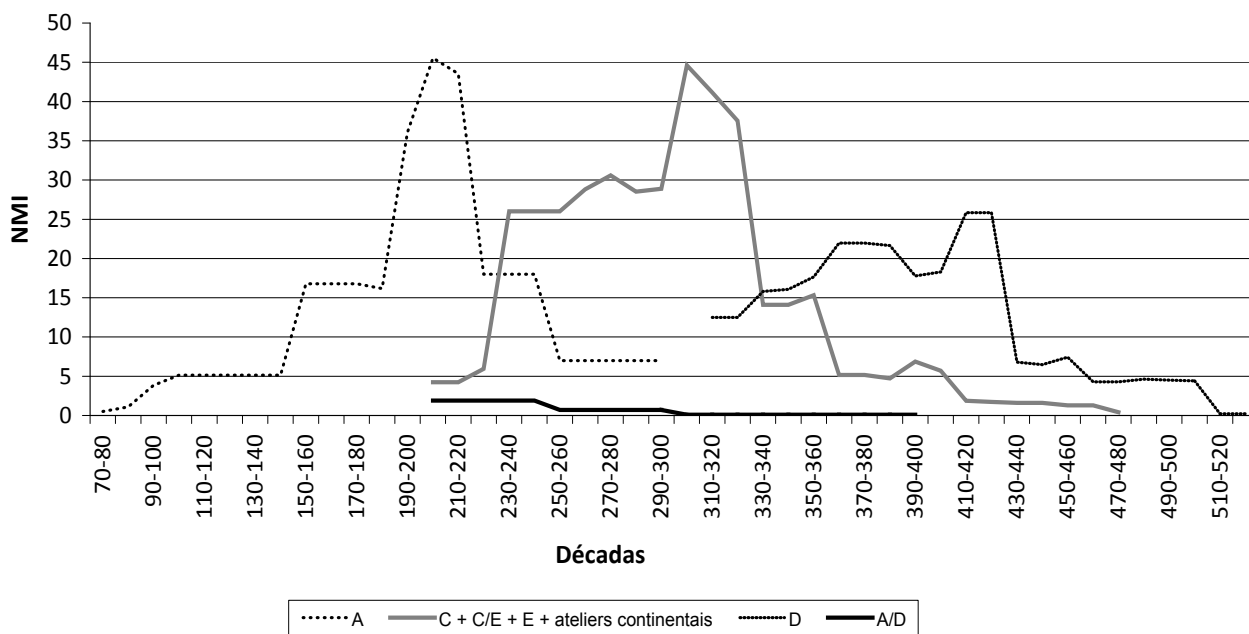


Figura 106 - Chãos Salgados. Evolução dos grandes fabricos da TSAf.

#### • Terra sigillata focense tardia

A terra sigillata focense tardia de Chãos Salgados é composta por uma única forma, a H3, se bem que ao longo de 3 variantes, que se estendem desde o último terço do século V até ao primeiro terço ou meados do século VI. O fragmento da variante mais tardia, H3H, pertence à construção nº 3, mas o seu estrato não possui outros materiais datantes para confronto (ver anexo 1, tabela 21).

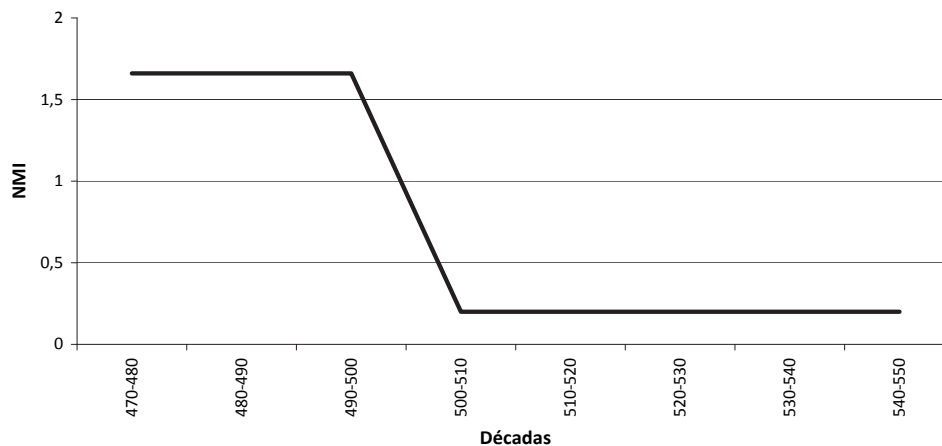


Figura 107 - Chãos Salgados. Evolução da TSFT.

### • Cerâmica africana de cozinha

A fraca importação de cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (total de 74 fragmentos) torna os três cálculos estatísticos utilizados muito semelhantes. Em todos eles, as produções do Norte da Tunísia dominam claramente sobre as do Centro. Ao nível do NMI, o Norte possui 76,78%, contra 21,42% do Centro e 1,78% da técnica afim a A/D.

O leque formal é muito reduzido, mas dominado pela terrina H23, que é seguida pela H181. Do Norte surgem ainda os pratos/tampas H196 e H196/Black-Top Lid D? e a marmitta H197. Em ambas as regiões domina o fabrico de engobe (ver anexo 1, tabela 22).

Produção	Quantitativo	Percentagem
Norte da Tunísia	59	79,72
Centro da Tunísia	14	18,91
Afim a A/D	1	1,35
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100</b>

Figura 108 - Chãos Salgados. Número de fragmentos dos fabricos da CAC.

A curva das importações de cerâmica de cozinha atinge um máximo de 4,86 NMI na primeira metade do século III, pelo que nunca atinge valores elevados. O seu começo hipotético na época flávia será escasso (0,98), subindo muito ligeiramente nos inícios do século II (1,88), mantendo-se estável até 190 d.C. (1,63 e 1,43). É na charneira dos séculos II e III que se dá a maior subida, para o pico mais elevado de sempre, até meados do século III. Tal como acontece com a *sigillata* africana, a cerâmica de cozinha também desce na década de 250-60 d.C., voltando a estabilizar até 300 d.C. (2,46). Os inícios do século IV são de declínio acentuado, com interrupção das importações entre c.310 e c.350 d.C., retomando-se nesta data com uma importação escassa até ao século V (0,1 e 0,46).

A subida de finais do século II / inícios do III deve-se sem dúvida ao surgimento da produção da Bizacena e, embora apenas com um exemplar, ao fabrico afim a A/D. A curva da cerâmica da Tunísia central mantém-se sempre abaixo da setentrional, até aos inícios do século IV, quando se dá uma interrupção de cerca de 30 anos nas importações. A partir de meados do século IV, as importações de ambas são escassas, dando-se mesmo uma nova interrupção do fluxo do Norte da Tunísia, entre a aquisição da H196/Black-Top Lid D? e a da H197 tardia. Esta última forma e a H181D, da Bizacena, poderão ter sido importadas, hipoteticamente até meados do século V.

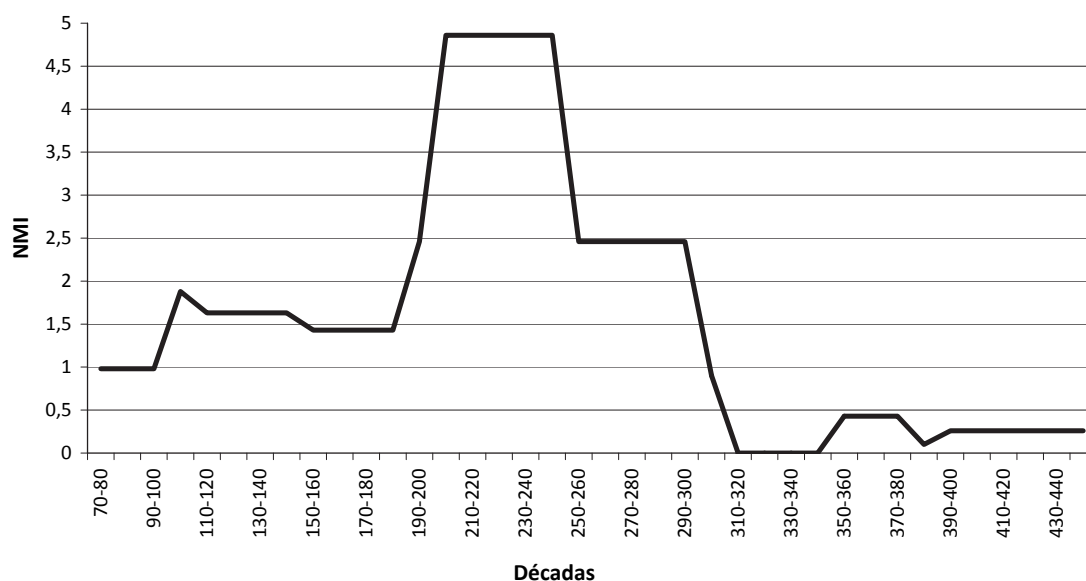


Figura 109 - Chãos Salgados. Evolução da CAC.



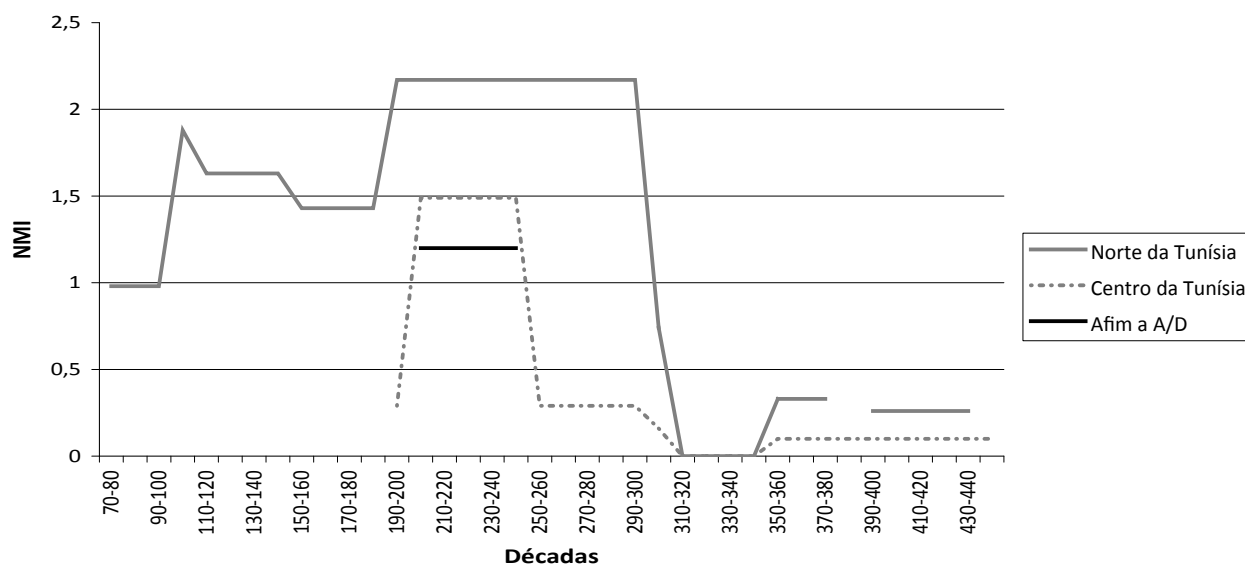


Figura 110 - Chãos Salgados. Evolução dos fabricos da CAC.

A estratigrafia de Chãos Salgados revela ausência de cerâmica de cozinha na segunda metade do século I, surgindo um exemplar de H196, de patina cinzenta do Norte da Tunísia, no **contexto 59**, da primeira metade do século II. Por outro lado, o exemplar estratigrafado mais tardio é também uma tampa, H196/Black-Top Lid D?, de engobe do Norte da Tunísia, no **contexto 70**, datado de século IV pleno, mas anterior a finais desse século, não se sabendo assim o momento exacto da importação dos últimos exemplares de cerâmica africana de cozinha.

## 4.2. Da segunda metade do século I à Antiguidade Tardia: a evolução do comércio da *terra sigillata* e da cerâmica africana de cozinha no contexto da economia antiga. Coerências e anomalias.

### 4.2.1. c.50 a c.250 d.C.: o Alto Império e a sua transição

#### 4.2.1.1. A Economia Romana: um regresso a Rostovtzeff?

Não é nossa intenção desenvolver aqui a conceptualização extensamente debatida por muitos autores das teorias *primitivista*, encabeçada por M. Finley (1973), e *modernista*, encabeçada por M. Rostovtzeff (1957), que foram marcando o debate historiográfico da Economia Romana, desde o século XX. Mas não podemos deixar de tratar os seus principais vectores e o papel do século II d.C. na evolução histórica romana.

Inseridos numa visão mais pessimista da Economia Antiga, L. Blois, H. Pleket e J. Rich (2002, p.xiii) apontam constrangimentos evidentes, defendidos pelo *primitivismo*: “One generally accepted primitive aspect of the Roman imperial economy was its fragmentation into regional and even local circuits. Did something like a “Roman imperial economy” exist? Archaeological research demonstrates how strongly regions of the Empire differed (...). The Roman Empire may have been nothing else than a conglomerate of different cultural and economic entities, which were kept together by the Roman imperial administration, the armed forces, and – to a lesser extent – Graeco-Roman elite culture, but certainly not by economic integration”.

Nas palavras de P. Temin ou de J. Paterson, falamos, no primeiro caso, de mercados regionais interdependentes, mas coordenados de forma imperfeita, no segundo caso, de uma rede de micro-

economias regionais que em certos períodos tiveram uma maior abrangência e dinâmica, tornando-se mercados mais amplos (*apud* Blois; Pleket; Rich, 2002, p.xiv).

Este nível intermédio do debate que tem centrado muitos autores, nas últimas décadas, encontra não só esta tendência mais próxima de Finley, mas também uma série importante de autores que podemos entender como algo mais próxima da teoria modernista. “Returning to Rostovtzeff?” é exactamente o título de um capítulo do livro de P. Bang (2008, p.26-30), *The Roman Bazaar*, que aborda este debate historiográfico e relembra que o próprio Rostovtzeff (1957) afirmara que as limitações da economia e da tecnologia romanas residiam exactamente na falta de concentração de capital e de produção, ainda insuficientes para um desenvolvimento industrial.

Este autor tem igualmente o mérito de tratar a *terra sigillata* como um item importante na análise da escala da economia antiga, no seguimento do qual relembra Rostovtzeff, e opõe-se a Ph. Kenrick (Ettlinger; et Al., 1993, p.36) ou a R. Marichal (1988), cujas visões sobre as produções itálica e sudgálica (nomeadamente La Graufesenque) são muito mais industrializantes, tendo em conta a base empírica epigráfica (marcas de oleiro e grafitos de pré-cozedura), estruturas oficinais, sucursais e relações inter-oleiros e hierárquicas deduzidas (Bang, 2008, p.30).

No inverso, a produção de *terra sigillata* é vista como prova antiminimalista por P. Horden e N. Purcell (2000, p.123 e 250): se esta cerâmica é capaz de alcançar áreas tão vastas e sítios de hierarquias tão diferentes, desde as mais importantes cidades aos mais pequenos casais, teria necessariamente de ser uma produção massiva. É assim um elemento fundamental de “connectivity of microregions”, conceito estruturante do pensamento daqueles dois autores.

Este criticismo intermédio tem dois autores nucleares para a construção de um paradigma económico.

Para R. Duncan-Jones (1974), teria ocorrido um forte crescimento comercial inter-regional, gerado por grandes cidades, mas com fortes limitações ao mundo privado devido ao papel do Estado e sobretudo da carga de impostos.

Para K. Hopkins (1980, p.101-116), os impostos em dinheiro haviam exactamente estimulado o comércio criando redes complexas, sobretudo até 200 d.C, e as províncias taxadas viam-se obrigadas a gerar riqueza para pagar essas taxas. No seguimento de M. Crawford, destaca o crescimento da cunhagem de moeda para financiar essa actividade comercial de forma integrada, como demonstram os gráficos semelhantes resultantes da quantificação do volume monetário em circulação em várias regiões do Império (**ver fig. 111**). K. Hopkins frisa contudo a influência do clima no volume comercial, a existência de muitos impostos em géneros e a manutenção de uma economia ainda essencialmente de subsistência, calculando a autarcia em cerca de 80 ou 90% do total do produto interno do espaço imperial.

De acordo com P. Horden e N. Purcell (2000, p.153), “the minimalist view of ancient trade has not been entirely abandoned; it has just been transferred to a slightly later period. According to this newer minimalism, it is the seventh century rather than the second in which aggregate demand was small, merchants were lowly, and only luxuries could profitably be moved over long distances. For all that, the early medieval depression is of course inextricably associated with neither Jones nor Finley, but rather with Henri Pirenne (...)”.

#### 4.2.1.2. O papel do século II d.C.: um regresso a Gibbon?

O “problema de Gibbon” (1776-1998) conforma em grande medida o pensamento de Rostovtzeff (1957-1988, p.LV) que estabelece duas grandes fases na sua *História económica e social do Império Romano*: uma primeira, de desenvolvimento, entre o fim da República e a instauração do principado de Augusto, prolongando-se até ao século II; uma segunda, de retrocesso e declínio, no século III. O ponto de viragem entre elas rondaria os finais do século II, quando o declínio político e económico havia sido o resultado de uma larga movimentação social das classes mais pobres, sobretudo agrárias, contra as elites urbanas.

Nas palavras do autor russo (Rostovtzeff, 1957-1988, p.255 e 269), no seu capítulo sobre as épocas flávia e antonina, “après qu’Auguste eut achevé ses grandes guerres sur le Rhin et le Danube et mené à bien la pacification de l’Espagne et de l’Afrique, l’Empire romain vécut pendant près d’un siècle sans conflits extérieurs majeurs. Les annexions de la Bretagne, de la Maurétanie et de la Thrace sous le règne

de Claude, les ambitieux projets de Néron en Orient et la guerre juive du temps de Vespasien étaient des guerres “coloniales” locales, qui ne touchèrent pas l’Empire dans son ensemble (...). On ne s’étonnera pas (...) que la vie économique fût des progrès constants”. Contudo, conclui que “la situation économique de l’Empire au IIe siècle révèle toute la faiblesse et l’instabilité des bases sur lesquelles reposait la prospérité apparente de l’État”.

A visão do autor eslavo, que busca explicações eminentemente sócio-económicas, é hoje algo limitada, em face da quantidade de informação diversa recolhida e pelas novas perspectivas historiográficas. Mas exactamente a base empírica hoje conhecida obrigou à retoma do estudo deste período e a que muitos autores vissem nesta centúria, ou no seu final, um período de viragem.

W. Jongman (2007, p.183, 195 e 199) intitula ironicamente um artigo seu com as seguintes palavras: “Gibbon was right: the decline and fall of the Roman economy” e aceita um forte crescimento económico nos séculos I e II, mas substitui as noções de *declínio* e *queda* por *transformação*. E esta é também para nós, a ideia a reter, como veremos *infra*, no capítulo sobre a base empírica da *terra sigillata*. Jongman termina porém o seu texto com uma expressão hiperbólica da sua concepção do século II: “The age of Antoninus Pius was indeed probably the best best age to live in pre-industrial history” e situa a ruptura algures nos finais do século II d.C.. A mesma concepção é a que vamos encontrar na recente obra de A. Bowman e A. Wilson (2009, p.47), *Quantifying the Roman economy*, com a data de c.200 d.C. para o fim do crescimento da economia.

A. Wilson (2009, p.224) coloca a questão que nos remete para os próximos capítulos: “the marked drop between the first and the second centuries AD appears surprising, and is not easily explained. The numbers are fairly constant throughout the second century, and the drop occurs too early to be a result of the Antonine Plague”.

#### 4.2.1.3. Uma *mise au point* da segunda metade do século I, século II e época severa: os dados conhecidos pela História, Numismática e Arqueologia

##### 4.2.1.3.1. Os dados económico-financeiros

A TSSG, nomeadamente a de La Graufesenque, usufruiu de um movimento económico-político excepcional, a par de Montans, da TSH e ainda da TSI e TSTI, ao longo da segunda metade do século I d.C.

A organização de La Graufesenque (Quaresma, 2003, p.73-74) pode ter sido sofisticada pela extensão aos seus oleiros de figuras jurídicas como os *collegia*, cuja aplicação a outras actividades, para além da funerária, data de Cláudio (Marichal, 1986). Não existe contudo qualquer prova desta possível aplicação e o único indício diz respeito às listas de fornada, expressas em grafitos de pré-cozedura, cuja datação se centra entre Cláudio (talvez já no final deste principado) e Trajano, com especial incidência entre Cláudio e Vespasiano e *floruit* em Nero (Marichal, 1986; Polak, 1998). O cargo de *casidanos*, na língua gaulesa, pode, segundo Marichal (1986), ser equivalente a *flamen*, *curator*, *magister* ou *iudex* e expressar uma hierarquia de controlo da produção e cozedura dos vasos do centro oleiro.

Já nos referimos, *supra*, à necessidade de Tibério controlar os mecanismos de crédito, em 33 d.C., bem como à proposta de tabelamento dos preços dos cereais. Segundo Rickman (1980, p.271: *Gaius*, *Inst.* I. 32; *Ulpianus*, III. 6; *Tacitus*, *Ann.* 13. 51), Cláudio e Nero foram um ponto de viragem nas crises de abastecimento, ao tomarem medidas relativas a *navicularii* e *mercatores*, aumentando o seu número e assegurando os seus serviços através do estabelecimento de contratos por períodos anuais determinados, com atribuição de privilégios. Segundo *Suetonius* (García Vargas, 1998, p.236: *Claudius*, XVIII. XIX), Cláudio atraiu comerciantes para a *Annona*, dando vantagens fiscais para barcos com capacidade para mais de 10000 *modii*, durante um período mínimo de 10 anos. Em 58 d.C., Nero excluiu mesmo do censo os barcos que trabalhassem para a *Annona*. Neste sentido, para Rickman, os *collegia* tornaram-se fundamentais. Contudo, juristas, como *Gaius*, estabeleciam uma distinção entre *societas*, *collegium* e *corpus* e esta última figura parece ter sido aquela que teve um especial reconhecimento pelo Senado, embora na prática não houvesse fronteiras bem definidas entre *corpus* e *collegium* e ambas pudessem ser desenvolvidas através do *senatus consultum*. É em época tardia que as três figuras jurídicas surgem equiparadas pela lei (Mees, 2002, p.408: *Dig.* 03. 04. 01) e enquadráveis através de *leges*, *senatus consulta* e *principales constitutiones*.

*Josephus*, no final da década de 70 do século I, relata um discurso atribuído ao rei Agrippa II e datado de 66 d.C., onde se afirmava que o cereal exportado do Norte de África garantia o alimento de Roma durante 8 meses do ano e que o do Egípto garantia os restantes 4 meses, revelando, mesmo tendo em conta possíveis excessos, uma “total dependência de cereal no terceiro quartel do século I” (Fulford, 1987, p.69: *Bell. Iud.* II. 383).

Com Nero, quando a TSSG atinge o seu *floruit*, leva-se a cabo a primeira medida de depreciação da moeda de prata, o *denarius*, moeda de referência. Baixa-se então o seu valor real, ao diminuir o seu conteúdo de metal precioso para 90% (Jones, 1953, p.191), sinal de um processo inflacionário e de crescimento da economia.

É possível que outros fenómenos estivessem subjacentes a esta medida que permitia introduzir mais moeda no mercado. *Tacitus* descreve que já Tibério havia criticado a perda de numerário para terras exteriores ao Império, na compra de bens de luxo, particularmente femininos; *Plinius* menciona em duas ocasiões o volume de dinheiro aplicado no comércio oriental, sobretudo com a Índia, cifrando-o em mais de 100 milhões de sestércios ao ano (Índia, China e Arábia), e relativo a bens que seriam vendidos em Roma 100 vezes mais caros (Young, 2001, p.202: *Plinius, NH.* VI. 26). Young (2001, p.203 e 210) desvaloriza estas afirmações, com base no *Periplus Maris Erythraei*, onde se descreve uma parte substancial do comércio oriental como sendo de troca directa ou tendo como base a venda de bens do Egípto, o que permitia a manutenção da moeda intra-fronteiras. Contudo, ao calcular o valor possível de imposto comercial (*Tetarte*) aplicado à taxa de 25% sobre as transações orientais, chega à conclusão que o volume total de comércio estimado por *Plinius* permitia um imposto na ordem anual de 25 milhões de sestércios, perfeitamente compatível com os 40 milhões de sestércios pagos como tributo pelas 3 Gálias, segundo *Suetonius, Div. Iul.* 25 (Young, 2001, p.203 e 210).

De Vespasiano não se conhece informação quanto à política monetária, mas implantou várias medidas político-económicas de relevantes consequências financeiras: o arrendamento de propriedades públicas e sobretudo a extensão do *Ius Latii*, que permitiram, segundo *Suetonius*, a duplicação da receita de impostos. O fenómeno urbano teve igualmente aqui um forte impulso político, com incremento da geografia administrativa romana (Andreu Pintado, 2004; García Vargas, 1998, p.238: *Suetonius, Vesp.* XVI).

Com Domiciano, temos as primeiras descrições, desde Tibério, de novas crises de crescimento, embora durante este principado, os ordenados dos soldados, que rondavam os 225 *denarii*, sejam aumentados para 300 *denarii* (Jones, 1953, p.192).

Alguns preços comparativos desta época permitem-nos perceber que a acção do Estado se estendia a situações extra-italicas e que o espaço central do Império era palco de um processo inflacionário superior ao de áreas mais periféricas. Domiciano obrigou o Governador da Galácia a intervir em Antioquia, pois dava-se então uma crise alimentar, aproveitada por terratenentes que passaram a vender o trigo a 8/9 asses/*modius*.

Este valor do *modius* deve corresponder aos preços praticados, na península itálica, em época de fome, pois numa inscrição do século II (*CIL*, XI, 6117) agradece-se a um benemérito local o facto de vender trigo exactamente a este preço (Jones, 1953, p.192). Os preços ao longo do Império pareciam ser, em média, um pouco mais altos do que no Egípto (à volta de 3-4 sestércios / *modius*), podendo variar, em Roma, entre 8 a 10 sestércios, segundo *Plinius, NH.* XVIII. 90 e *Tacitus, Annales.* XV. 39 (Young, 2001, p.222).

Este contexto de crise produtiva e inflação excessiva conduziu à promulgação do Édito de Domiciano, contextualizado por *Suetonius* exactamente num período de quebra na produção de cereais, a par de uma sobreprodução de vinho, na Itália. Para Garnsey e Saller (1987, p.50), estes factores foram ainda mais importantes do que um suposto proteccionismo do vinho itálico, defendido por autores como Pereira Menaut (1987), pois o édito invocava a não produção fora da Itália e a proibição do plantio de novas vinhas no espaço itálico. O próprio vinho do Tirreno central voltou a sofrer crises de produção, nos finais do século I, com sobreprodução seguida de subprodução (Garnsey e Saller, 1987, p.50).

O papel da cunhagem da segunda metade do século I está igualmente expresso na Península Ibérica: nas necrópoles de Cádiz, 40% das cunhagens situam-se entre Cláudio e Domiciano, sendo 43,5% de Cláudio e sobretudo de cunhagens locais, numa evidente actuação contra a falta de numerário para as transacções (García Vargas, 1998, p.233). A mesma situação parece ocorrer em Chãos Salgados: as poucas moedas em estratigrafia são essencialmente asses de imitação deste período e encontram-se em circulação até ao século II (**ver anexo 1, contextos 20, 21, 39b, 41 e 63**).

Não temos dados para perceber se também na *terra sigillata* ocorreu um aumento de preços ao longo deste período de fortes vendas. Neste sentido, não deixa de ser curioso comparar o preço de 1 As,



referente a uma lucerna, na década de 70 do século I, em Pompeia (ver fig. 122), com os 12 (Lud. Tb) e 20 Asses (Drag. 37), conhecidos em meados do século II, para os dois vasos de *terra sigillata* de Lezoux e Rheinzabern, encontrados na actual Áustria (Quaresma, 2003, p.76; Kovacsovics, 1987; Noll, 1972; Darling, 1998, p.169). Não sabemos a qualidade da lucerna de pompeia, provavelmente muito simples, ou se há até um engano na indicação do preço, mas a complexidade de um instrumento de iluminação como este faz-nos supor que um vaso de *terra sigillata* tenha sofrido uma valorização do preço ao longo da segunda metade do século I.

Com Trajano conhecemos novas atitudes políticas de controlo de fomes, como a elaboração de um esquema alimentar destinado a crianças rurais da Itália (Garnsey; Saller, 1987, p.60). Estes *alimenta*, que nos são dados a conhecer por *Plinius* (Ep. VII, 31, 4), terão começado, segundo Rostovtzeff (1957-1988, p.260), na Itália, e foram progressivamente estendidos a outras províncias, num aparente indício de aumento da pobreza.

A depreciação da moeda de prata ocorrida no principado, que desce o seu conteúdo de metal precioso de 90 para 85%, é provavelmente, não o resultado de um novo aumento da inflação, mas uma correcção do valor do *denarius* em face do *aureus*, que havia perdido algum valor devido às grandes quantidades de ouro não amoeado disponível com a conquista da Dácia (Jones, 1953, p.191).

Com Adriano assistimos à continuação do intervencionismo estatal para fortalecimento do erário público: documentos legais, como a *Hadriana de Redibus Agris* e a *Lex Metallis Vipascensis* (este, na *Lusitania*), permitem o emparcelamento de propriedades públicas e arrendamento a *conductores* (García Vargas, 1998, p.241).

Ao nível financeiro, estatal, os meados do século II, com Antonino Pio, são um momento de estabilidade, na esteira da política já encetada por Adriano, de pacificação, contrária assim à política agressiva de Trajano (Rostovtzeff, 1957-1988, p.261-266). A paz permite ao erário público acumular cerca de 675 milhões de denários, segundo as fontes (Jones, 1953, p.189-190).

É com Marco Aurélio que, finda a paz, as finanças públicas enfrentam sérias dificuldades.

Para fazer face ao *deficit*, Trajano já havia recorrido à venda em hasta pública de bens imobiliários. Marco Aurélio acresce a estes bens, jóias e roupas sumptuárias, para fazer face aos gastos da Guerra Marcomânica (Dio, LXXIII. 8. 3; *Plinius*, *Paneg.* 50; *S.H.A.*, *Marc.* 17; ver Jones, 1953, p.189-190; Rostovtzeff, 1957-1988, p.268).

Neste principado, dois textos legais revelam a visão abrangente das suas medidas.

Em conjunto com Cómodo, publica a Tarifa de Alexandria, uma lista de artigos taxados pela *Vectigal*, no comércio com o Mar Vermelho (Young, 2001, p.209).

Bastante sugestivo quanto às finanças públicas, ao estado da economia e à necessidade do controlo dos fornecimentos alimentares no espaço itálico, é a *Oratio de pretiis gladiatorum minuendis*, encontrada em Itálica, e publicada em 177-178 d.C.<sup>16</sup> (Rodríguez de Berlanga, 1891; Ceballos Hornero, 2004, p.162-178). Embora a pedido de sacerdotes da *Gallia*, esta lei, com vista à diminuição de preços dos espectáculos circenses, teria como destino todo o Império. O documento hispano refere alguns aspectos interessantes para se perceber até que ponto o Estado tinha percepção da conjuntura económica geral, salvaguardando sempre os possíveis excessos de retórica. Segundo o texto, este foi feito após o exame das contas públicas dos últimos 10 anos e tendo em conta a ruína crescente de fortunas privadas. Primeiro que tudo, foi uma medida de defesa do erário imperial e das estruturas urbanas, cujas finanças atravessavam igualmente graves problemas. Com esta lei, o fisco esperava, segundo o texto, recuperar cerca de 20 ou 30 milhões de sestércios anuais. O último aspecto a realçar prende-se à observância da lei: esta é atribuída às administrações provinciais, excepto na Itália, onde deveria ser fiscalizada pelo *Praefectus Aliment[orum]*, o que se afigura como uma necessidade premente de preservação da distribuição de alimentos nesta região central.

Neste sentido, uma lei do século II isenta de outras obrigações fiscais aqueles que construam barcos e os usem no abastecimento de trigo a Roma, desde que tenham pelo menos 330 toneladas de capacidade ou que possuam vários barcos que perfaçam esse valor, não podendo cada barco ter menos de 65 toneladas de capacidade (Dig. 50. 5. 3; ver Hopkins, 1983, p.98).

O intervencionismo estatal crescente revela-se em outros pontos legislativos. Se com Trajano tinha ocorrido um uso crescente dos *collegia* de *navicularii*, *mercatores* de cereal e azeite, e padeiros, que

16. Um outro exemplar, com algumas diferenças, foi encontrado na *Lidia*.

passavam a ter mais privilégios se servissem preferencialmente a *Annona* e o *Munus Publicum*, os meados do século assistem a uma diferente actividade jurídica para fortalecer o número de *navicularii*, em detrimento do número de *mercatores* (Dig. 27. 1. 17. 6; Dig. 50.6. 6. 3; Dig. 60. 6. 6.6; ver Rickman, 1980, p. 271-272).

É provável que estas medidas de controlo do mercado estejam relacionadas com a nova desvalorização da moeda de prata, cujo conteúdo de metal precioso desce de 85% (Trajano) para 75%, com Marco Aurélio (García Vargas, 1998, p.242).

O papiro Bingen 77 (Rathbone, 2003, p.223) comprova a existência de cargas mistas na segunda metade do século II, o que revela a manutenção de esforços público-privados no comércio. Este documento, referente aos navios que chegavam a um porto, provavelmente o de Alexandria, revela que um deles, um *akatos* de 7000 *artabas* (210 toneladas), provinha de Sidê (*Pamphylia*), comandado por G. *Ulpianus*, e a sua carga de troncos de pinheiro e vinho tinha como proprietários o Imperador e um privado, *Noumênios al. Kallistratos*.

O principado de Cómodo parece afectar todo o Ocidente, mormente algumas medidas relacionadas com o comércio estatal, como a construção de uma frota mercante estatal, com sede em Cartago (Reynolds, 1995, p.107), provavelmente relacionada com a falta de navios de 300 toneladas para o abastecimento de trigo a Roma, referida por *Ulpianus*, nos inícios do século III (ver Hopkins, 1983, p.98: Dig. 3.6).

As acções de confiscação são retomadas por Séptimo Severo, numa escala maior e tendo em vista sobretudo o fortalecimento do comércio estatal: esta situação é particularmente conhecida na *Baetica*, onde alguns *fundi* e *figlinae* passaram para as mãos do Imperador (Remesal Rodríguez, 1983, p.115). Esta situação é comparável à que ocorre na Tunísia. As ânforas timbradas, de azeite e preparados de peixe da Bizacena, encontradas em Roma, são, para Reynolds (1995, p.108), o reflexo das taxas pagas por esta área ao Império. No caso da Tripolitana, conhece-se igualmente ânforas oleárias contemporâneas, com marcas quer privadas, quer estatais, enviadas para Roma. Também na Tripolitana algumas propriedades são confiscadas pelos Severos, para integrarem exclusivamente o comércio anónimo, segundo este autor.

Os fluxos monetários voltam a subir com Séptimo Severo, que desvalorizou a moeda de prata, agora com 50% deste metal (75% em Marco Aurélio), e aumentou os ordenados dos soldados para 400 *denarii*, aumento seguido pelo de Caracala, para 600 *denarii*, reveladores do progresso da inflação (Jones, 1953, p.194). O preço do burro, no Egipto (ver fig. 112) demonstra exactamente uma subida forte nos finais do século II<sup>17</sup>.

Ao nível da circulação fiduciária, o século II confirma a transição do primado do lado norte do Império (*Hispania*, Itália, e áreas militarizadas da *Britannia* e da *Germania*), em função da nova área-directora, o Norte de África: uma certa estabilização do número de moeda em circulação nas áreas mais militarizadas do Norte, na Itália e na *Hispania*, e um aumento até Marco Aurélio, no Norte de África (ver fig. 111).

Com Caracala, os dados disponíveis indicam aumento de inflação. Como dito, os ordenados dos soldados sobem para 600 *denarii*, a moeda volta a desvalorizar e implementa-se 3 medidas para defesa do erário público: confiscação de bens em larga escala, vendas em hasta pública e sobretudo, a generalização do direito de cidadania romana, alargando assim o número de pessoas indexáveis ao imposto de sucessão, imposto entretanto duplicado no seu valor, segundo as fontes. A moeda depreciada neste principado terá sido apenas o *aureus*, permitindo uma possível estabilização da principal moeda, o *denarius* (Jones, 1953, p.194).

Alexandre Severo lança medidas de maior liberalização do comércio (ver Rickman, 1980, p.272: *S.H.A., Alex. Sev.* 33) e voltam a surgir nomes de *mercatores* privados na posição  $\beta$  dos *tituli picti* das ânforas do Monte Testaccio (Remesal Rodríguez, 1983, p.117). Segundo Reynolds (2005, p.382), os oficiais do *ratio patrimonii* ainda estariam activos nos meados do século III, mas deixariam de estar ligados ao comércio oleário bético, nas décadas de 50 e 60, nos inícios da ânfora Dressel 23 (Remesal Rodríguez, 1983, p.129). Para Reynolds, a carga mista do naufrágio de Cabrera 3, datado de 257+ d.C. (ver fig. 131), é um bom exemplo da retoma da economia privada, contrária às cargas tendencialmente individuais da *Annona*.

17. Entre 160 e 190 d.C., os preços de outros produtos duplicam no Egipto (Wilson, 2009, p.292).

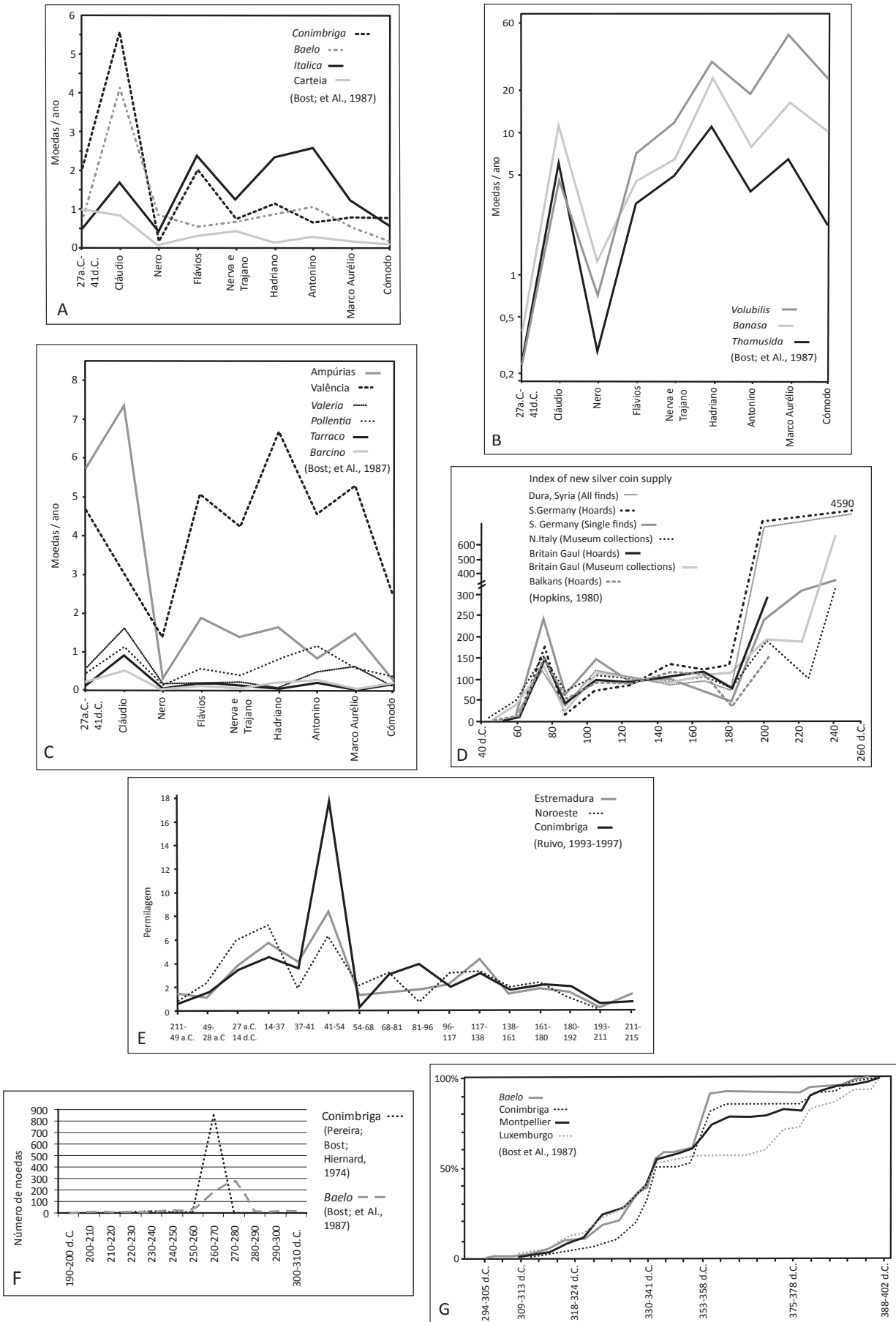


Figura 111 - Evolução da circulação monetária em vários sítios ou regiões do Império romano.

#### 4.2.1.3.2. A restante base empírica: prova de um abrandamento da economia desde a primeira metade do século II?

Os finais do século I/inícios do século II parecem ser o início de um período de viragem, com o abrandamento do crescimento da economia e um provável abrandamento do processo inflacionário, nos principados de Trajano e Adriano, talvez com processos deflacionários subjacentes.

Veja-se a evolução do preço do burro, importante meio de transporte terrestre, segundo uma fonte do Egípto, e compare-se-a com a evolução da circulação monetária (ver figs. 111 e 112).

Há um claro processo inflacionário até finais do século I e uma deflação, não brusca, mas que se acentua na época de Adriano. A circulação monetária parece confirmar essa situação: a elevada cunhagem de Cláudio sustenta as transacções durante várias décadas e a circulação monetária só volta a crescer, mas tenuamente, com Adriano ou Marco.

A curva de naufrágios no Mediterrâneo, elaborada por Parker, em 1990 (ver fig. 113), e recorrentemente utilizada por Arqueólogos e Historiadores da Economia Romana (Scheidel, 2009; Wilson, 2009) demonstra um pico comercial da segunda metade do século I d.C. que desce na primeira metade do século II, embora ainda com níveis altos, em Trajano e Adriano.

A curva tão baixa a partir do século II é questionada por vários autores. Scheidel (2009, p.16) afirma com pertinência que, pelo menos a curva do século IV deveria ser mais alta, mesmo sabendo-se do uso mais frequente de odres e de barris, em detrimento de ânforas, a partir do século II. Também Horden e Purcell (2000, p.160) colocam a questão e supõem que algo de radical se estivesse a passar na economia. Wilson (2009, p.220, 224-226) coloca vários matizes: por um lado, o comércio inter-provincial é contrário a um crescimento exagerado da autarcia; por outro, a hipótese do uso crescente dos barris (apesar de importante no vinho itálico, a partir do século III) não condiz com o comércio importante de preparados de peixe hispânicos e africanos<sup>18</sup>. O predomínio conhecido do comércio africano, tanto em bens alimentares, como o azeite, como em cerâmicas de mesa é, sim, um problema em face destes resultados dos naufrágios. Por isso, Wilson pergunta se parte do resultado pode ser provocado pela falta de arqueologia subaquática nas costas africanas.

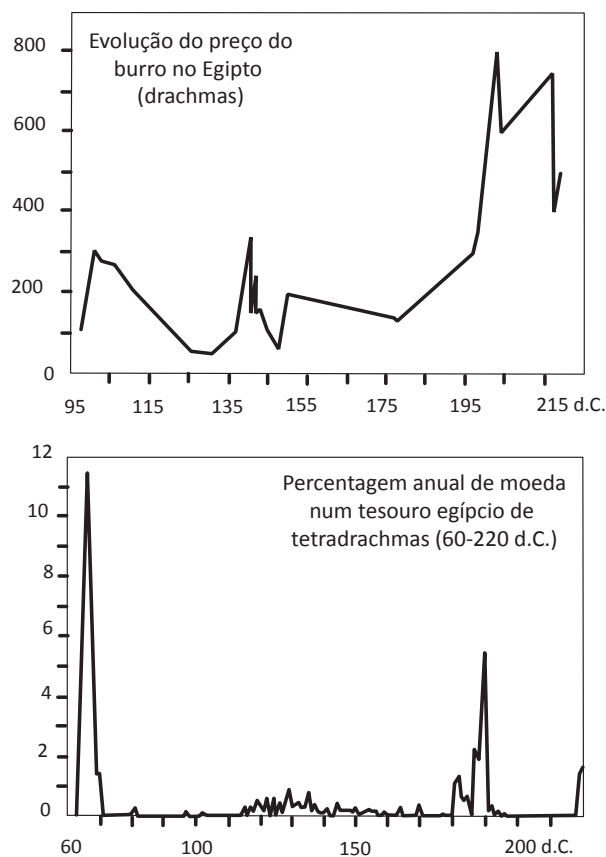


Figura 112 - Evoluções comparadas do preço do burro e da circulação monetária no Egípto (Duncan-Jones, 1994).

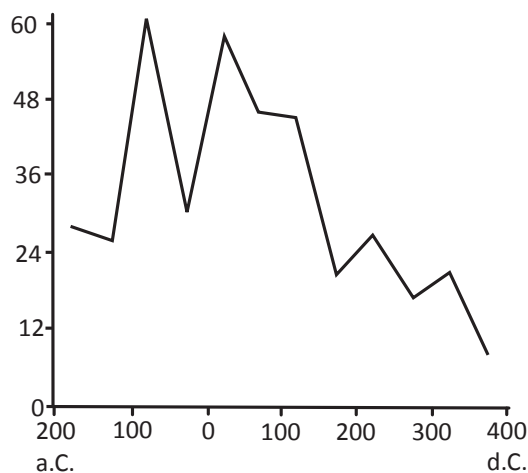


Figura 113 - Evolução dos naufrágios de época romana (Parker, 1990).

18. A mesma posição é defendida por Harris (2009, p.259).



Jongman (2007) apresenta dois outros gráficos bastante sugestivos sobre as quedas de resultados no século II: é visível um decréscimo acentuado do consumo de animais, tanto na Itália (embora esta recupere no século IV), como nas províncias, queda ainda mais nítida no comprimento do fémur (embora também com alguma recuperação ao longo do século III e IV), denunciador de estaturas humanas mais baixas, consequência de dietas alimentares com menor qualidade (ver figs. 114 e 115)<sup>19</sup>.

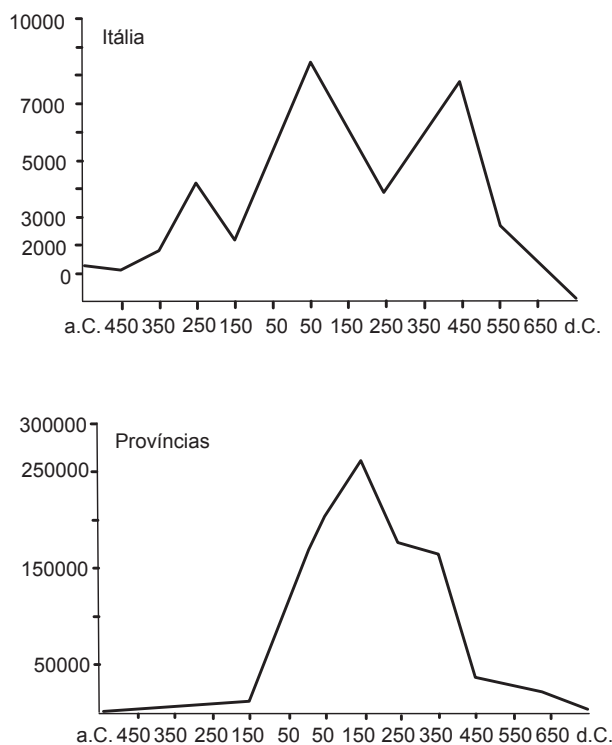


Figura 114 - Evolução do consumo de animais na Itália e nas províncias (Jongman, 2007).

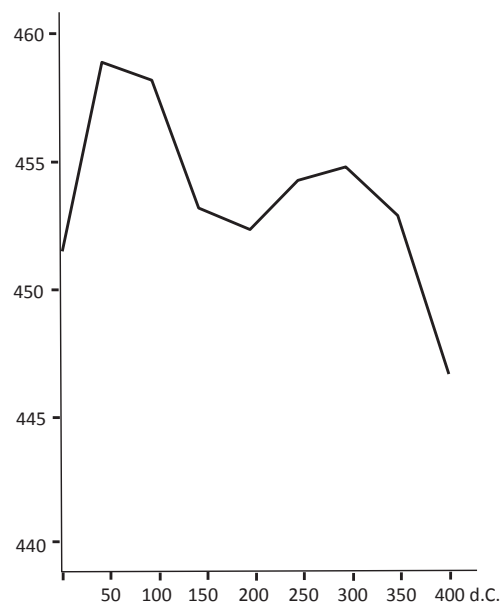


Figura 115 - Evolução do comprimento do fémur (Jongman, 2007).

Outro factor recorrentemente debatido como causa dos decréscimos no século II é a chamada Praga de Antonino, situável em 165-180 d.C., originária da parte oriental do Império e transportada para Ocidente pelo exército imperial, após as campanhas párticas de *Lucius Verus* (161-166 d.C.). Segundo *Ammianus Marcellinus* ter-se-ia expandido pela Gália e pelas legiões do Reno; *Dio Cassius* e *Eutropius* referem níveis elevados de mortes no Império e particularmente em Roma (Bruun, 2007). Todavia, o verdadeiro alcance deste fenómeno está longe de ser conhecido e é posto em causa por Rostovtzeff (1957-1988, p.269) ou Scheidel (2010, p.9).

Relacionado ou não com possíveis crises demográficas, outra alteração económica ocorre em finais do século II e século III, provocando a alteração progressiva de relações laborais: segundo Duncan-Jones, na maioria do Império, o número de sítios agrícolas decaiu, com o desaparecimento de muitos sítios pequenos e o crescimento das *villae*, por vezes fortificadas (*apud* Jongman, 2007, p.196).

Duas afirmações de A. Wilson e W. Harris sintetizam as dificuldades existentes para explicar esta conjuntura do século II. Por um lado, “the marked drop between the first and the second centuries AD appears surprising, and is not easily explained. The numbers are fairly constant throughout the second century, and the drop occurs too early to be a result of the Antonine Plague” (Wilson, 2009, p.224); por outro lado, segundo Harris (2009, p.259), “neither the textual nor the material evidence from sites on land would lend us to suspect that there was a decline in maritime trade in the western Mediterranean (measured by the number of vessels employed) after AD 50 and especially after 100, as the shipwreck evidence suggests”.

19. Jongman (2007, fig.2) apresenta ainda um outro gráfico, sugestivo, mas mais questionável quanto às suas causas: também no século II os índices de chumbo na Gronelândia baixam, denunciando níveis de poluição ambiental mais baixos.

No próximo capítulo trataremos da base empírica hispânica, com destaque para o consumo de *terra sigillata*, bem como para a cronologia da produção metalífera e de preparados de peixe do Sudoeste, onde se insere a *Lusitania*. Se os últimos parecem confirmar a conjuntura conhecida, já o consumo de *terra sigillata* pode dar novos dados para a questão.

#### 4.2.1.4. O consumo na *Hispania*

##### 4.2.1.4.1. A posição geo-económica da *Hispania*

*Plinius* e *Elius Aristides* dão-nos conta do desenvolvimento da rota atlântica e do papel de *Gades* e *Olisipo* nessa articulação económica, durante o Alto-Império (Mantas, 2004, p.433-435).

As ânforas lusitanas de preparados de peixe atingem escassamente a *Britannia*, a par do comércio anonário dominado pela produção da *Baetica*, tal como acontece em *Hispalis*, entre 40 e 125 d.C., e em Roma, entre 80 e 90 d.C. (ver anexo 2, tabelas 67, 69 e 72), bem como no extremo oriental do Império, na primeira metade do século II, quando se conhecem vários exemplares de Dressel 14 e talvez de Keay 78 em Beirute (Reynolds, 2000, p.1037), num circuito certamente privado. Na lixeira da segunda metade do século II da Praça del Negret, em *Valentia*, há “alguns” exemplares de ânforas lusitanas (Huguet Enguita, 2005, p.185).

Os índices de Haltern 70 na *Britannia* são dominantes nos contextos até à época flávia (Carreras Monforte, 2000, p.152) e o mesmo deve suceder em *Bracara Augusta*, onde uma presença mais importante de Dressel 14 lusitana, sobretudo das variante *a* e *b*, com escassa variante *c* (Morais, 2005a, p.385; Mayet; Silva, 1998, p.64), configura uma descida das aquisições no século II, quando a rota atlântica (ou o papel da *Lusitania* nela) passaria a uma posição talvez mais marginal.

K. Hopkins (1980, p.101) apresenta um modelo com três níveis de hierarquização das províncias: um anel externo de províncias de fronteira com grande presença militar; um núcleo italiano; e um anel intermédio, com províncias *tax-exporting*, composto pela *Hispania*, Gália, Norte de África, Ásia Menor, Síria e Egípto. Ph. Leveau (2007, p.651-652 e 668-669), no seu contributo para a *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*, distingue uma área mediterrânica e uma área continental e atlântica, de evolução mais tardia, e acentua que na *Hispania*, a maior parte das cidades não ultrapassaria os 1000/2000 habitantes e que  $\frac{1}{4}$  delas pagava *stipendium*. O mesmo autor relembra as propostas de Friedman para a hierarquização das províncias ocidentais. Para este autor, no primeiro nível, a *core region*, encontramos não apenas a Itália, mas também a área cartaginense; denomina o terceiro nível de *resources frontier regions* e o quarto de *downward-transition regions*; as províncias hispânicas, tal como a *Gallia*, situam-se no segundo nível, das *upward-transition regions*. A descrição histórica de Friedman sobre as regiões deste segundo nível é muito provavelmente uma excelente introdução para este capítulo: “regions which experienced their first phase of development at the end of the Republic and in the early Empire are also those where the first withdrawals, which took place from the second century AD onward, signalled the crisis of the third” (apud Leveau, 2007, p.668).

O mesmo Ph. Leveau (2007, p.669) adverte: “this is the subject of a debate connected with the interpretation of the archaeological data (...) Hence the impression of a crisis could simply be an effect of the scale of observation”. É este enquadramento que vamos procurar demonstrar neste capítulo: no Ocidente o que parece acontecer é a transição de um primado económico das províncias da margem norte do Mediterrâneo (*Italia*, *Gallia* e *Hispania*) para um novo primado norte-africano, sobretudo proconsular e bizaceno. As curvas de consumo da *terra sigillata* na Península Ibérica demonstram, contudo, que a queda dos valores das produções sudgálica e hispânica antecede contudo em várias décadas o crescimento nítido da *terra sigillata* africana.

##### 4.2.1.4.2. A base empírica hispânica. A transição da *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica para a africana A

###### • Os *opera publici*

Na *Hispania*, o nível de evergetismo nos *opera publica* parece igualmente ter um período mais profluo entre Augusto e Trajano, embora os máximos sejam atingidos nos Júlio-Cláudios e Flávios (Andreu

Pintado, 2001; Melchior, 1999, p.252). O expansionismo urbano, estimulado pelos Flávios, estende-se por Trajano e Adriano, em áreas como o Noroeste (Morais, 2005, p.2), mas também em cidades do Sul lusitano, como Chãos Salgados (**ver capítulo 2**).

No espaço imperial, os níveis de consumo de mármore parecem ser altos durante os dois primeiros séculos (Jongman, 2007, p.186; Fant, 1993). Também neste domínio se vê uma certa transição para o espaço africano: com Trajano são fundadas muitas colónias em África e o desenvolvimento urbanístico atinge igualmente o próximo Oriente, em detrimento de áreas desenvolvidas mais precocemente, como a *Gallia* ou a *Hispania*, na opinião de Rostovtzeff (1957-1988, p.157).

### • A produção de metais

Jongman (2007, p.196) aponta a crise de produção de prata hispânica como uma possível causa para as sucessivas desvalorizações da moeda. Bustamante, Pérez Macias e Martins (2008) situam o declínio acentuado da produção em *Vispasca*, na *Lusitania*, em torno de 150 d.C., em face das cerâmicas importadas presentes, e destacam a tábua de 173 d.C., dedicada pelos colonos ao procurador *Berylus*, *restitutor metallorum*, epíteto que para os autores confirma uma descapitalização anterior. As mesmas cronologias de crise são conhecidas nas áreas metalíferas béticas, ou seja, um *floruit* até Antonino Pio.

Bustamante, Pérez Macias e Martins (2008, p.169) apontam contudo como possível causa deste decréscimo, o início da actividade extractiva na *Britannia*, a partir de Adriano (Blásquez, 1978), o que poderá ter reanimado a rota atlântica, explicando o crescimento do comércio de TSAf A a Norte do Tejo, a partir de c.150 d.C..

### • A presença dos Mauri

Nas palavras de J. Arce (2005, p.343), “the effects of the raids on the peninsula are equally hard to gauge, although localities like *Mulva* (Munigua) seem to have responded by hastily erecting fortifications”.

As primeiras incursões acontecem no principado de Marco Aurélio, segundo a *Historia Augusta*, que as descreve em *omnes Hispanias*, um manifesto exagero para J. Arce. A *Vida de Séptimo Severo* descreve a *Baetica* como alvo em 171 d.C. e um segundo raid ocorreu em 177 d.C., segundo a *Tabula Bana-sitana*. Outros documentos epigráficos, como em Antequera, revelam cercos a cidades, mas tal parece ausente na epigrafia de importantes cidades béticas, como *Italica* (Arce, 2005, p.343).

A cronologia destas incursões, tal como a da Praga de Antonino, são contudo interessantes, quando comparadas com as do declínio da produção lusitana de preparados de peixe, apesar da impossibilidade de qualquer demonstração denexo causal.

### • A terra sigillata

As vendas acentuadas de *terra sigillata*, e muito em particular de La Graufesenque, ao longo da segunda metade do século I, como se comprova nas curvas de importação de Chãos Salgados e de outros sítios peninsulares, integraram um processo de crescimento económico geral (**ver figs. 116 e 118**).

Os dados cerâmicos provam que se tinha atingido algum nível de dinâmica comercial e de interdependência regional e que a queda dos níveis de *terra sigillata*, na primeira metade do século II, integram uma conjuntura de possível recessão no sector.

A curva de consumo de *terra sigillata* de Chãos Salgados tem um desenvolvimento semelhante aos dos centros de consumo peninsulares, em Londres e Poitiers, e mesmo em *Ostia*. Na *Britannia*, os níveis de século II das áreas setentrionais, mais militarizadas, possuem boas percentagens de cerâmica comum de importação, enquanto que os sítios do Sul aparentam adquirir poucos bens exógenos (Symonds, 2005). Assim, o intervencionismo estatal manteve certos itens em boa circulação, mas não conseguiu travar a queda acentuada da *terra sigillata*.

Os resultados obtidos no espólio de Chãos Salgados, onde a *terra sigillata* sudgálica e hispânica apresentam uma progressão nítida de fabricos de menor qualidade ao longo da crono-tipologia e da

estratigrafia (ver capítulo 3), levam-nos a deduzir que tenha ocorrido, na *terra sigillata* sudgálica e hispânica, um fenómeno de sobreprodução flávia, com quebra de vendas acentuada, na primeira metade do século II, por um possível excesso de oferta em relação à procura. E tal não se deveu à concorrência da *terra sigillata* africana A, cujo comércio só se consolida a partir de meados do século II (ver fig. 119).

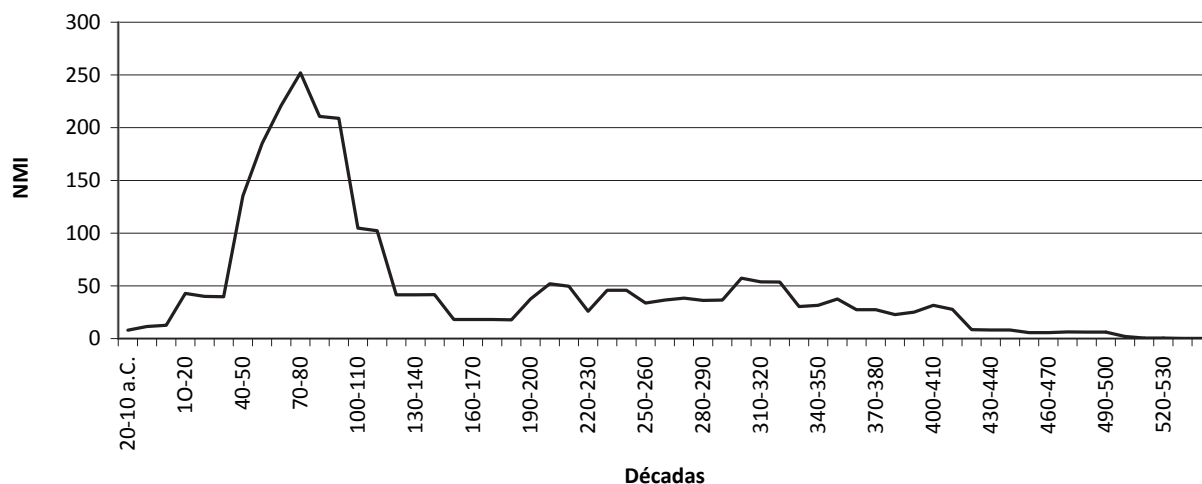


Figura 116 - Chãos Salgados. Evolução da *terra sigillata*.

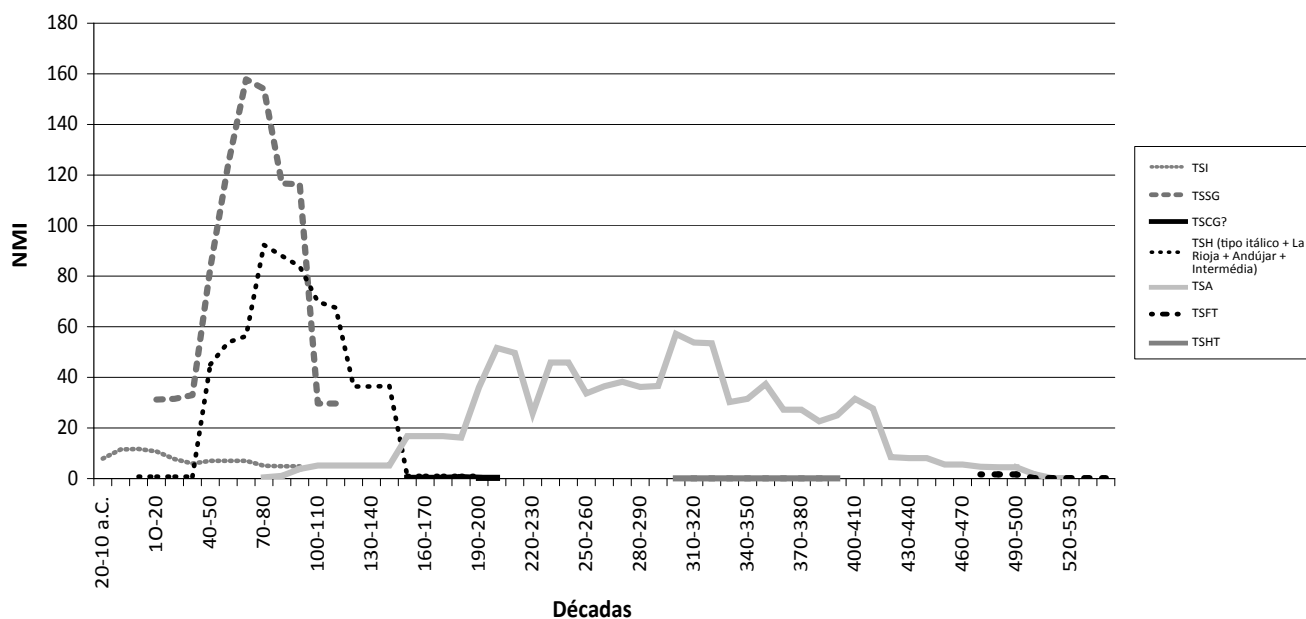


Figura 117 - Chãos Salgados. Evolução da *terra sigillata* por regiões/fabricos de origem.

Como se processa então a transição do primado da *sigillata* itálica, sudgálica e hispânica para o da *terra sigillata* africana A?

Na península itálica, a estratigrafia das Termas do Nadador, em Ostia, revela que, entre 70 e 100 d.C., a *sigillata* itálica domina, com c.80%, seguida da sudgálica, com c.10%, enquanto que a africana se situa abaixo dos 5%, e que entre 100 e 120 d.C., a situação é análoga. A inversão inicia-se timidamente entre 120 e 140 d.C., quando a *sigillata* itálica representa c.70%, a sudgálica c.10%, a hispânica menos de 5% e a africana c.20%. A inversão definitiva acontece já na segunda metade do século II: entre 160 e 190 d.C., a itálica desce para 10-20%, a sudgálica está abaixo dos 5%, bem como a hispânica, e a africana domina pela primeira vez, de maneira já hegemónica, com 70% (Martin, 2006, quadros 1-4).



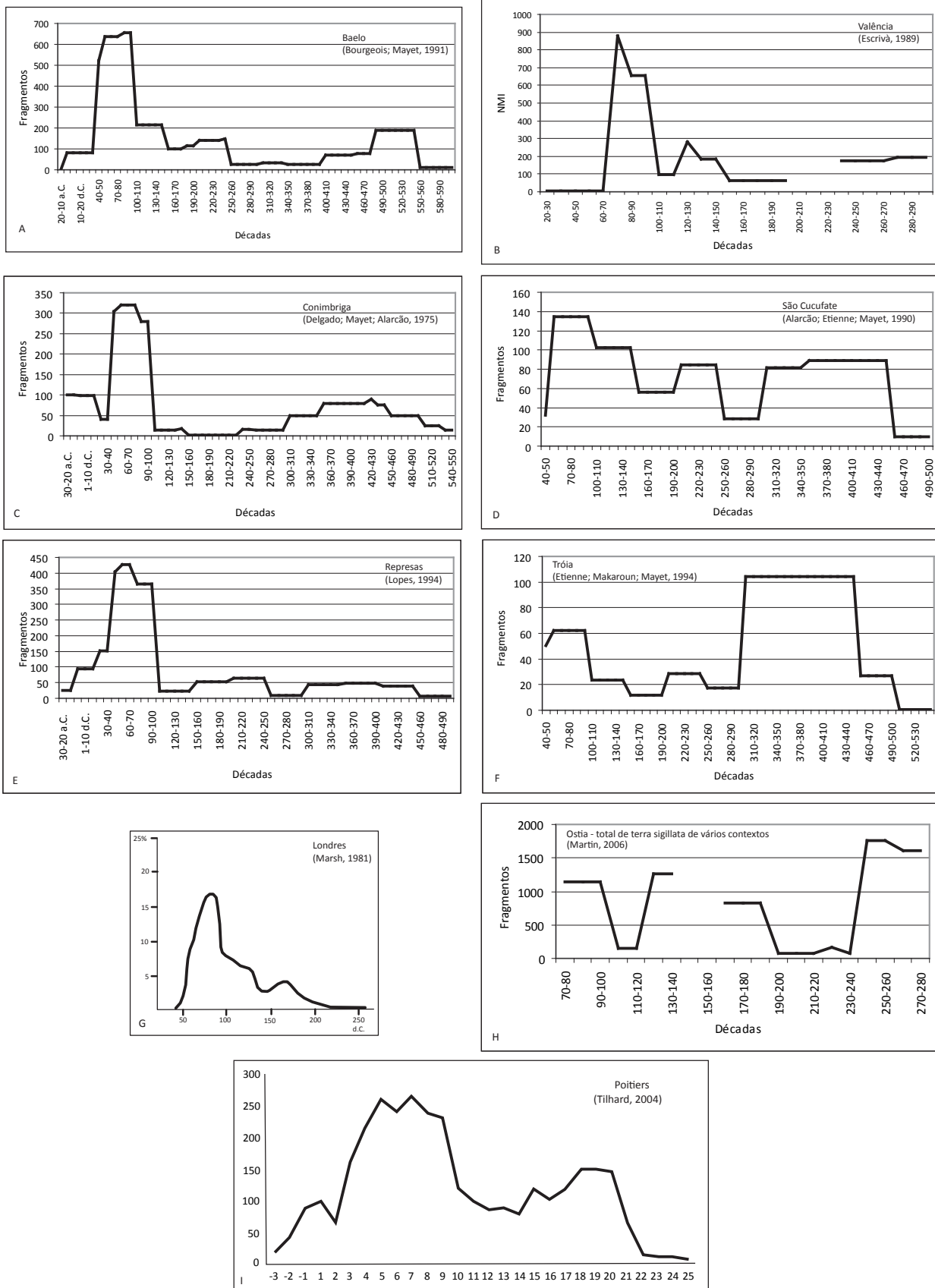


Figura 118 - Curvas de importação de terra sigillata em vários sítios da Península Ibérica, Ostia, Londres e Poitiers. Os gráficos A a F e H foram realizados pelo autor a partir dos quantitativos publicados: Baelo (12334 frags.), Valentia (4675 frags.), Conimbriga (5281 frags.), São Cucufate (3414 frags.), Represas (6508 frags.), Tróia (2478 frags.), Ostia (15971 frags.). O gráfico I é uma adaptação a partir de Tilhard, 2004, com base em 3163 vasos decorados e/ou com marca de oleiro, consumidos em Poitiers.

Em Benghazi, na Líbia, o depósito 73, datado na primeira metade do século II, demonstra a supremacia das importações itálicas e orientais (Kenrick, 1985, p.422).

O papel director da *sigillata* itálica, na península itálica, bem como da itálica e da *eastern sigillata* na metade oriental do Norte de África, parece-nos ter um paralelo na Península Ibérica, onde a *sigillata* hispânica continua a liderar o mercado ao longo da primeira metade do século II, na parte sul, como se deduz pelos quantitativos de Andújar em Chãos Salgados e na Ilha do Pessegueiro, na costa oeste lusitana, *Valentia*, e mesmo *Tarraco* e *Baetulo*, na costa leste, embora aqui com um papel assaz relevante da cerâmica africana de cozinha (ver anexo 2, tabelas 47, 48, 51, 53, 54 e 55).

Em Chãos Salgados, entre 100-150 d.C., ocorre um exemplar de Hayes 9A no **contexto 59** e outro no **contexto 2**; enquanto que na Ilha do Pessegueiro o primeiro exemplar, tipo Hayes 8A, surge ainda em época flávia. Por seu turno, o corte A desta ilha é esclarecedor sobre a importância de Andújar até meados do século II, quando a africana A é ainda incipiente e apresenta a mesma forma de Chãos Salgados, Hayes 9A.

No nível de abandono (camada 4) da 1ª fase (50-200 d.C.) dos tanques I e II de Sines, na Praça João de Deus, a *terra sigillata* hispânica de Andújar totaliza a *sigillata* existente (Silva; Coelho-Soares, 2006, p.110).

Em *Salacia*, tal como na Ilha do Pessegueiro, a Hayes 8A africana surge em níveis flávios, com 3 exemplares, acompanhados por um outro exemplar de Hayes 3B decorada (Silva; et Al., 1980, p.192).

O início das importações na costa sul da *Lusitania* foi mais diversificado, embora revele também problemas de continuidade: em Monte Molião-Lagos, a *terra sigillata* africana A surge pelas formas Hayes 7, 8 e 9, nas UEs de finais do século I – inícios do II, mas está ausente da UE 29, entre 125-150 d.C. (Arruda; et Al., 2008, p.158-161). Em Lagos, na área industrial da Rua Silva Lopes, os níveis de c.50-150 d.C. contêm Hayes 3A, 8 e 20 (Ramos; Almeida; Laço, 2006, p.91).

Os primeiros fragmentos, em estratigrafia, de *Cordoba (Baetica)*, são de finais do século I ou primeira metade do II (ver anexo 2, tabela 45).

No Nordeste da Península Ibérica (*Tarraconensis*), os níveis mais antigos com *terra sigillata* africana A são domicianos, em Ampúrias, *Baetulo* e *Tarraco*, onde os seus índices são ainda muito fracos. Na última cidade, entre 90 e 110 d.C., apesar de continuar fraca, a importação sobe ligeiramente; entre 100-125 e 125-150 d.C., a TSAf A torna-se importante, mas o domínio ainda pertence à TSH, cujas cifras

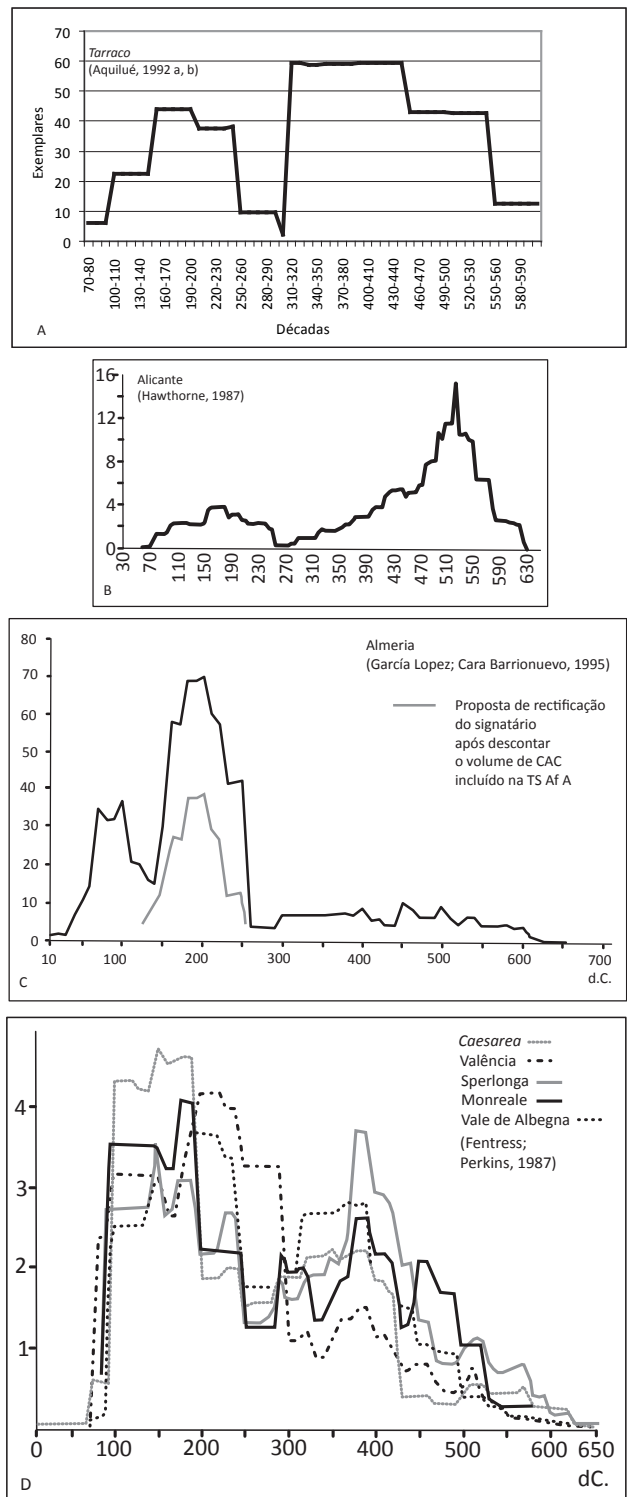


Figura 119 - Evolução da TSAf em vários sítios do Ocidente. O gráfico A foi realizado pelo autor a partir dos quantitativos publicados: *Tarraco* (1923 frags.)

normalmente duplicam, ou mesmo quintuplicam, as da TSAf A. Em *Baetulo*, um pouco mais a Norte de *Tarraco* e, assim, mais distante da desembocadura do Ebro, onde se produzia a TSH de La Rioja, a TSAf A domina o depósito de 125-150 d.C., possuindo mais exemplares do que a *terra sigillata* sudgálica e a hispânica juntas. A importação de TSAf A é igualmente importante em Ampúrias, na primeira metade do século II, mas aqui, a TSSG é ainda hegemónica, com mais do dobro dos exemplares da *sigillata* africana (**ver anexo 2, tabelas 51-54**).

Segundo os dados da estratigrafia de *Valentia*, a TSAf A nunca lidera os depósitos: surge nos Flávios e só reforça visivelmente o seu comércio a partir da segunda metade do século II, mas mesmo nos níveis do século III a TSH é sempre dominadora (**ver anexo 2, tabela 55**). Na mesma cidade, no depósito da segunda metade do século II, na Praça del Negret, a TSAf A está presente, mas 90% das cerâmicas finas é TSH de La Rioja (Huguet Enguita, 2005, p.185).

Em Ibiza, no século III, a situação é diferente: La Rioja não existe e toda a *sigillata* é africana (**ver anexo 2, tabela 56**), o que pressupõe que as Baleares sejam agora um ponto importante de conexão do comércio africano para Norte do Cabo da Nao.

O vale do Guadalquivir - apesar dos seus baixos valores de IMA, em *Munigua* e *Cordoba* (**ver anexo 7, tabela 2**), cidade onde o século II é dominado por Andújar, o que também acontece na *villa* de El Ruedo (Sierra Fernández, 1995, p.158; **ver anexo 2, tabela 49**) - adquire peças nesta fase mais antiga: H3 e 9A, em *Munigua* (Meyer; Basas; Teichner, 2001), *Cordoba* (Sierra Fernández, 1995, p.158) e *Italica* (H3, 7, 9A e 10: López Rodríguez, 1979, n.ºs71-79).

O vale do Guadiana foi outra via de penetração, como testemunha o Montinho das Laranjeiras, onde, no conjunto destas formas, se destaca a H9A, com 40 exemplares, o que torna o comércio de século II bastante forte nesta área (Coutinho, 1997, p.24). Repesas, onde surge a H20 (51 exemplares), embora com altos valores de H3 (46), H6 (22), H8 (72), H9 (170) e H14 (133), se bem que sem atribuição de variantes (Lopes, 1994, p.71), permite colocar a hipótese de este sítio ter usufruído da rede precoce do Guadiana. A estratigrafia do Subúrbio Norte de *Augusta Emerita* possui os primeiros exemplares, dos tipos H2, 3 e 8, em 90-100 d.C. (Bustamante, 2010, p.171).

Atingiu ainda sítios sem ligação fluvial ao mar, como *Vipasca* (H20: Delgado, 1968, est.II, n.ºs14-15) ou a *villa* da Tourega (H4A e 6: Pinto; Viegas; Dias, 2004, fig.3).

Este comércio de tendência litoralizante da primeira metade do século II, com algumas vias de penetração naturais descritas, atingiu ainda a costa a Norte de *Olisipo* (Lisboa), no Alto do Cidreira (Nolen, 1988, p.61) e só voltamos a ter dados para esta fase, no Noroeste, em *Bracara Augusta* (1 de exemplar de H3B e H7: Quaresma; Morais, no prelo) e sobretudo na *Britannia* - em particular no seu Sudeste, mas ainda com pontos no Centro e Norte - onde se vendeu os tipos Hayes 2, 3B, 3C, 5C, 6A, 8A e 9A (Bird, 1977).

As formas que se adscrevem crono-tipologicamente até 150 d.C., sobretudo as Hayes 3A/B, 6A, 8A, ou 9A, estão bem representadas nas fachadas sul e oriental da Península: em *Ossonoba* e *Balsa* (acresce os tipos H4B e 7; Viegas, 2009, p.173 e 334), em *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991, p.228), *Carteia* (H8 e 9A: Roldán Gómez; et Al., 2006, p.476), *Almeria* (García López; Cara Barrionuevo, 1995, p.138), *Portus illicitanus* (acresce ainda a H5: González Prats, 1984, p.125) e *Tarraco*, onde, em 100-125 d.C. (**ver anexo 2, tabela 54**), estão presentes os tipos Hayes 3A, 8A e 9A.

Por norma, a TSAf A possui valores de IMA inferiores aos da TSSG e TSH, na *Hispania* (**ver anexo 7, tabela 2**). São excepções: Morè, no Nordeste; *Abdera* e *Almeria*; Montinho das Laranjeiras, no vale do Guadiana, e o Alto do Cidreira, no litoral estremenho; por seu turno, *Baelo* e Tróia descem pouco em face da TSH.

É a partir da segunda metade do século II que a TSAf A fortalece a sua exportação, como demonstram as curvas de sítios como *Tarraco*, Alicante, ou Almeria. A **fig. 119** apresenta curvas em subida acelerada logo no início do século II, porque, nestes cálculos, os autores não separaram os quantitativos de cerâmica africana de cozinha, cujas vendas são importantes, no Sul e Oriente da *Hispania*, tal como na Itália, nesta época, como adverte Reynolds (1995, p.12).

A partir de c.150 d.C., a TSAf A atinge novos pontos interiores do Sul da *Lusitania*, como parece ser o caso do Monte Novo do Castelhino (Hayes 14B e 27: Fabião; et Al., 1998, fig.29, n.º9 e fig.30, n.º6) e da *Ammaia* (Hayes 5C e 6B: Pereira, 2006, p.58).

Os quantitativos de importação de Hayes 14 e 27, em *Baelo*, com 450 e 362 exemplares (Bourgeois; Mayet, 1991, p.228), revelam, tal como em Chãos Salgados, que os índices nas áreas do Estreito e do Atlântico aumentam a dois tempos, em meados e no final do século II.

É nesta fase, a partir de meados ou final do século II, que a TSAf A atinge novos sítios lusitanos a Norte do Tejo, em posições de *hinterland*: Parreitas (Hayes 9B, 14, 16 e 27: Dias, 2008, p.96); *Conimbriga* (Hayes 15, 16 e 27: Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.251); surge escassamente em *Brigantium* (López Pérez, 2004), mas com mais peso em *Bracara Augusta* (H8B, 14, 15, 16, 18 27 e 44: Quaresma; Morais, no prelo), no Noroeste; em Alava, no País Basco (Filloy Nieva; Gil Zubillaga, 1997, p.335); mas já não alcança a *Britannia*, onde este comércio africano é interrompido entre c.150 e c.200+ d.C. (Bird, 1977).

Se analisarmos as curvas de importação de *terra sigillata* de Chãos Salgados, de outros sítios da *Hispania* e Londres (**ver figs. 116 e 118**), deparamo-nos com uma situação quase generalizada de queda dos valores de consumo desta cerâmica fina, na primeira metade do século II.

Em Chãos Salgados, *Baelo*, *Valentia*, *Conimbriga*, São Cucufate e Tróia, esta queda é verosímil. Represas, após uma queda acentuada que poderá recuar a inícios do século, recupera ligeiramente nesta altura.

Mesmo os quantitativos da estratigrafia de Roma parecem indicar uma quebra do consumo. Os quantitativos publicados por G. Rizzo (2003, p.201) são de 251 exemplares em Nero, 272 nos Flávios, e apenas 108 nos Antoninos.

O período de 100-150/200 d.C. é assim de contracção comercial da *terra sigillata*: em *Londinum*, os depósitos do século I contêm 10 a 25% de *terra sigillata*, enquanto que no século II esta cerâmica raramente ultrapassa os 10% nos espólios (Fulford, 1987, p.65) e, embora a curva de importação de *terra sigillata* pareça recuperar um pouco no terceiro quartel do século II (não pela importação de TSAf A, mas sim pela do Centro da *Gallia*), desce rapidamente a partir desta fase.

Por outro lado, se as vendas crescentes de *terra sigillata* africana A funcionam em contra-ciclo, é necessário relativizar algumas curvas excessivamente altas de importação desta cerâmica no século II, em vários sítios do Mediterrâneo Ocidental, como já referido (Reynolds, 1995, p.12), pois contêm muitas vezes os quantitativos de algumas formas de cerâmica africana de cozinha, como são os tipos Hayes 23, 181 e 197, vendidos em grande quantidade nesta época, no Sul e Oriente da *Hispania* e na Itália. Os vários sítios calculados por Hawthorne (1987) e sobretudo Fentress e Perkins (1987) têm pois uma curva incorrectamente alta de *terra sigillata* nos séculos II e III (**ver fig. 119**).

Por último, mesmo na capital lusitana, *Augusta Emerita*, a estratigrafia do Suburbio Norte (**ver fig. 101**) demonstra que o consumo de *terra sigillata* hispânica (quase exclusivamente de La Rioja) decresce acentuadamente na primeira metade do século II, reforçando a ideia de declínio geral do consumo desta cerâmica de mesa, antes do predomínio claro da produção africana.

### • A produção de azeite e de preparados de peixe

Cerca de meio século após a descida do consumo de *terra sigillata*, os meados do século II vêem a recessão atingir de uma forma clara o sector de produção de preparados de peixe.

No vale do Guadalquivir, dá-se uma retracção das áreas portuárias e artesanais, como as da Calle San Fernando ou da Encarnación, em *Hispalis*, convertidas em áreas habitacionais. Este panorama, que segundo García Vargas (2007, p.353), pode recuar ao final do segundo quartel do século II, é, para este autor, o resultado da quebra do tráfico privado, em particular do dos preparados de peixe, quando se mantêm em níveis aceitáveis as vendas de azeite, importante no sector estatal, anónimo (García Vargas, 1998, p.247). Na *Britannia*, a distribuição de azeite, nas ânforas Dressel 20, mantêm-se estável durante os séculos I e II, e aumenta mesmo a partir de meados do século II (**ver anexo 2, tabelas 73-74**).

Na *Lusitania*, a estratigrafia da unidade de produção de preparados de peixe da Ilha do Pessegueiro, com particular interesse nos cortes A, C e D', demonstra o advento da crise já no terceiro quartel do século II, mantendo-se um estado letárgico até meados do século III (Tavares; Soares, 1993, p.47-59; **ver anexo 2, tabelas 46-48**)<sup>20</sup>.

20. Após dois níveis da segunda metade do século I, o corte A do compartimento J1 tem uma primeira camada de século II, camada 5, com 5 a 15cm de espessura, que se define como uma lixeira. Esta é abandonada ainda no século II, fase representada pela camada 4, com 40cm de espessura. Esta área só volta a ser ocupada na segunda metade do século III, segundo a camada 3, e regista o final da ocupação do sítio na primeira metade do século V (camada 2).

No corte C do compartimento M4, encontramos novamente duas camadas, 6 e 7, da segunda metade do século I, às quais se segue a camada 5, que corresponde à lixeira também detectada na camada 5 do corte A. A camada 5 do corte C possui uma espessura semelhante, de 10cm. Segundo os autores, este espaço volta a ser ocupado em meados do sé-



No centro anfórico do Pinheiro, no baixo Sado, a própria transição de finais do século II / inícios do III, pode contudo pertencer a uma “fase indeterminada na segunda metade do século II”, segundo o corte da cozinha comum (Mayet; Silva, 1998, p.114).

Na área do Estreito, os centros de Tahadartz, *Thamusida* e *Banassa* entram em recessão nos Severos (Reynolds, 2005, p.389).

Os gráficos publicados por A. Wilson (ver fig. 120), tanto para a *Hispania*, como para outras regiões do Império, demonstram um declínio generalizado por volta de 150 d.C., e tal como no consumo de *terra sigillata* (pelo menos na *Hispania*, à falta de outras quantificações totais em centros de consumo de outras regiões), depois do *floruit* dos séculos I e II, os níveis do Baixo-Império/Antiguidade Tardia são muito inferiores. Por outro lado, como referimos *supra*, a descida dos valores da produção de preparados de peixe parece ser posterior em algumas décadas à do consumo da *terra sigillata*.

Temos assim um fenómeno de cerca de 100 anos, uma conjuntura de crise no sector dos preparados de peixe, desenvolvida num território largo, desde a *Lusitania* à costa ocidental norte-africana, não se confinando simplesmente à charneira do século II para o III, cronologia onde se inserem as

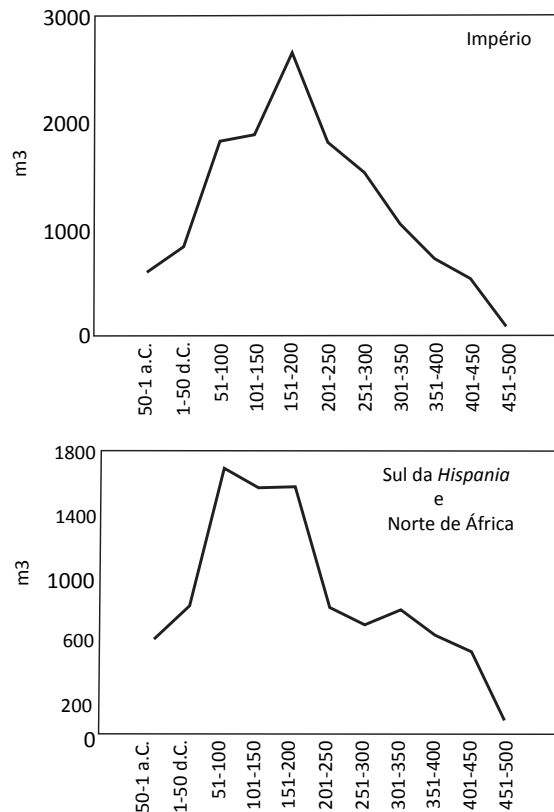


Figura 120 - Evolução da capacidade produtiva das fábricas de preparados de peixe (Wilson, 2009).

culo III, sendo a camada 4, com espessura de 35cm, o resultado da acumulação de materiais do funcionamento do forno G25. A camada 3a, com 35 a 45cm de espessura, é datada ainda neste século III, pois o muro 2 do vestíbulo do balneário assenta sobre ela. Por esta razão, os autores consideram a *sigillata* africana D presente como uma intrusão. A construção do balneário poderá ainda datar-se desta segunda metade do século III, embora deixem em aberto uma datação de século IV, e o seu derrube ocorrerá na primeira metade do século V, período representado pela camada 2, com 25 a 45cm de espessura.

No corte D' do compartimento H2, a segunda metade do século I está escassamente representada pela camada 6, com 2cm de espessura e raro material. Segue-se a camada 5, com 5 a 10cm de espessura, também com pouco material arqueológico, que se define pelo funcionamento de uma forja no século II. Segundo os autores, neste mesmo século II, a camada 4, com 25 a 30cm de espessura, corresponde ao derrube dessa forja. Uma lixeira da segunda metade do século III cobre parte do muro 27 do compartimento J23 (do século II). Esta lixeira está registada na camada 3, com 25cm de espessura e contém importante espólio de *sigillata* africana.

Segundo os autores, as camadas 5 e 4 do corte A – e assim também a camada 5 do corte C que corresponde à camada 5 do corte A –, têm uma cronologia final de cerca de 160/170 d.C., ou seja, teriam sido formadas ao longo dos primeiros dois terços do século II (Tavares; Soares, 1993, p.102). Os materiais da camada 5 do corte C são escassos, mas tal não acontece no corte A. Aqui parece-nos possível distinguir cronologicamente as camadas 5 e 4, datando a primeira na primeira metade do século II, e a segunda em meados ou segunda metade deste século. É possível assistir ao decréscimo acentuado da importância de La Rioja, que passa de 16 para 2 fragmentos, e sobretudo, constatar a hegemonia, em ambas as camadas, de Andújar, que mantém a estabilidade dos quantitativos. Na camada 5 existe apenas H9A de TSAf A, sendo que a H9B, que se data a partir de meados do século II, surge apenas na camada 4. O facto que poderá ser mais problemático é a presença de H14 nestas duas camadas. Contudo, a H14 pode recuar a meados do século II (ver capítulo 3), pelo que uma presença escassa na camada 4 poderá ser aceitável. Pensamos, no entanto, que os outros 2 exemplares na camada 5, da primeira metade do século II, serão uma intrusão, talvez devida ao facto de a camada 4 ser de espessura elevada (40cm), enquanto que a camada 5 possui apenas 5 a 15cm de espessura, e poderá ter sido afectada pelas acções de abandono na segunda metade do século. A elevada quantidade de Andújar na camada 4, em face da TSAf A (menos de metade), obriga-nos contudo a considerar uma datação mais próxima de meados do século para boa parte da formação do estrato.

Os cortes A, C e D' provam que a segunda metade do século II é uma época de desafecção de espaços. Embora os autores datem a camada 4 do corte D' no século II, sem segmentar este período (Tavares; Soares, 1993, p.59), o facto de ela conter *sigillata* de Andújar (Drag.15/17), mas sobretudo muita africana A (H6 e 8A), torna possível que esta camada se date na segunda metade do século II, quando se inicia o predomínio da africana A, ao contrário do que sucede na camada 5 dos cortes A e C e na camada 4 do corte A, onde ainda predomina Andújar. Tal situação explica a estatística da fase IIB (século II e primeira metade do III), em que a africana A não adquire a importância que seria de esperar, possuindo 102 fragmentos, contra 146 hispânicos, provenientes sobretudo de Andújar (Tavares; Soares, 1993, p.92, fig.38).

A retoma, na segunda metade do século III está muito bem representada pela camada 3 do corte C, onde a africana A é a mais importante, com particular destaque para a H14, mas onde já existe a africana C, pelos tipos H45A e 50.

mudanças em centros lusitanos como os de Tróia ou Abul, Praça do Bocage e Travessa de Frei Gaspar (Setúbal), na área do Sado, ou a Casa dos Bicos, em *Olisipo* (Mayet, 2001, p.288; Fabião; Carvalho, 1990, p.49; Quaresma, 1999a, p.176-177), e estruturando-se, na visão de Reynolds (1995, p.388), na evolução de novos contentores pequenos, na redução do número de sítios produtores para exportação e no aumento do número de pequenas fábricas para mercados locais.

A presença menor de ânforas de importação em territórios atlânticos, como a *Lusitania*, nos séculos II e III, invoca o recurso a outra rota de passagem. Em Chãos Salgados, na primeira metade do século II, surge um exemplar de Dressel 20 no **contexto 67**, e outro em meados da centúria (Biers; et Al., 1988, p.132); um exemplar de Gauloise 4 surge no **contexto 84**, também da primeira metade do século II. Vários exemplares de Dressel 20, dos séculos II e III, comprovam no entanto a manutenção dos contactos atlânticos via *Lusitania*, província onde numerosos sítios, sobretudo litorais, atestam este comércio oleário (Fabião, 1993-1994), que se torna fraco, mesmo em *Bracara Augusta*, no século II, ao contrário do comércio vinícola de Haltern 70 do século I nesta cidade (Morais, 2005a, p.107, 385).

A retoma da primeira metade do século III inscreve a *Britannia* numa nova dinâmica, após a maior estagnação do século II (primeira metade apenas?). Para Garnsey e Saller (1987, p.57), os aperfeiçoamentos detectados nos arados teriam como objectivo a optimização da produção de cereais a fornecer aos contingentes do Reno.

Por outro lado, algumas inscrições de comerciantes de Colijnspaat (Holanda) referem *negotiatores salarii et allecarii*, entre 180 e 218 d.C., que transportavam *allec* e outros preparados de peixe das costas da *Gallia Belgica* e da *Germania Inferior* para a *Britannia*, aos quais acresciam ainda os da Cantábria (García Vargas, 1998, p.244-245). Mais do que uma competição destas produções com as da *Baetica*, poderá ter sido este papel da produção do cereal britânico para o *limes* renano a acentuar ainda mais o enfraquecimento do circuito do Atlântico, que poderia associar, no Alto-Império, o cereal, o azeite e os preparados de peixe, cuja indústria hispânica entra em crise, a partir do terceiro quartel do século II e provavelmente de forma mais acentuada nos finais da centúria (ver *supra*). A suposta decadência do eixo atlântico dá-se, contudo, claramente nos inícios do século II. Segundo P. Reynolds (2005), os dados anfóricos de York expressam exactamente o crescendo do eixo Ródano-Reno no abastecimento da *Britannia*, entre c.120 e c.255+ d.C., através de um crescendo dos quantitativos da ânfora Dressel 20, acompanhada da Gauloise 4, de longe as duas produções mais importantes neste sítio (**ver anexo 2, tabela 74**).

Nesta época é bem provável que o principal móbil da rota atlântica seja agora, não a anona militar, mas a procura dos metais britânicos (Bustamante; Pérez Macias; Martins, 2008; Bonifay; Tchernia, no prelo).

## 4.2.2. O Baixo-Império e a Antiguidade Tardia

### 4.2.2.1. A definição conceptual: estado da questão

Na década passada, D. Pieri (2005, p.143-151) fez uma excelente síntese das teorias de definição da Antiguidade Tardia, com uma ressalva imediata para a ausência de estudos de síntese, ao contrário do que existe para o Alto-Império, o que tem conduzido a um esquematismo excessivo na análise histórica e na definição do período.

Na opinião de D. Pieri podemos dividir as teorias existentes em vários grupos.

Um primeiro conjunto é definível como de *teses de declínio económico*, herdeiras de uma tradição que remonta ao século XIX. A *teoria da contração* (por autores como P. Petit, na década de 1970) defende uma diminuição das receitas fiscais e da demografia a partir do século III, sobretudo devido às invasões e às crises financeiras. A *teoria da economia dirigista* (por autores como Rostovtzeff, 1957 e Lot, 1927) aponta como grande factor o enfraquecimento da iniciativa privada.

Um segundo conjunto de teses defende um *declínio e transformação*. Jones (1964) teoriza uma *economia essencialmente agrícola*, com cidades em declínio devido ao fisco, às fomes e às invasões, que tinham tornado a agricultura a principal fonte de receitas. Já nos anos 1980, A. Carandini postulou uma tese da *economia de capitalismo mercantil*, em que as principais fontes de receita são comerciais, com provas de desenvolvimento industrial nos séculos III e IV, reflectido pelo crescimento dos *corpora* e dos *collegia*.

Um terceiro conjunto, maioritário actualmente, é definido por D. Pieri como de teses sobre a *vitalidade económica*. Uma teoria de *redução comercial* e de “*state administered trade*” (por autores como Finley, 1975 e Whittaker, 1983) apresenta o Estado, a Igreja e os grandes proprietários como grandes focos da actividade comercial, tornando a concorrência da economia privada muito menos capaz e significativa no conjunto das transações. H. Pirenne (1970), nos anos 1930, a par de Rougé, nos anos 1970, defendeu uma tese de *continuidade das trocas e da produção*, com o desaparecimento do Império romano do Ocidente a não ser acompanhado por um fim da economia antiga, ou seja, assistíamos a uma continuidade entre o Baixo-Império (séculos III-IV) e a Antiguidade Tardia (séculos V-VII) e colocava-se o ponto de ruptura na época carolíngia.

No **capítulo 4.2.1** focámos a questão do século II como charneira e antecâmara do que vai ser o Baixo-Império e a Antiguidade Tardia, com as propostas de Gibbon (1776) e de Rostovtzeff (1957) em cima da mesa para muitos Arqueólogos e Historiadores.

Na visão pessimista de autores como Lot (1927, p.68-94), que defende uma regressão económica do mundo romano já na segunda metade do século II, “a partir do século III, o Império não passa de um estado preparatório, de uma antecâmara da Idade Média” que acentua a incapacidade sempre existente de desenvolver um grande comércio que só poderia incidir em bens de luxo, num quadro demográfico incapaz de conformar mercados amplos, o que de certa forma é seguido por Petit (1975), na sua visão minimalista da economia antiga.

Na *Storia di Roma*, Carandini (1993, p.13, 17-21) aplica os conceitos de “mutação” e “transição heterogénea” e coloca o ponto de viragem no final do século II, quando, após dois séculos de crescimento da Gália e da Hispânia, o centro do Império deixa de estar na Itália para se posicionar em África desde o século III. Já o segundo quartel do século V será o declínio das exportações africanas e marca o crescimento do Oriente, o que faz deste período inicial vândalo crucial nas mutações históricas do Ocidente e Oriente. Esta perspectiva de grande base económica tem sido fortemente analisada por autores como Reynolds (1993, 2005, 2010) ou Bonifay (2004), no que toca ao papel do período vândalo no comércio cerâmico, tanto de mesa como anfórico.

A cronologia de finais do século II (com definição taxativa do período antonino como preâmbulo, numa “continuidade e ruptura”) para o início da Antiguidade Tardia é também seguida por Panella (1993, p.618-619, 679), na mesma obra. Esta autora critica o modelo de H. Pirenne negando o papel do Islão no fim do Mundo Antigo. O fim deste terá sido um processo lento e descontínuo, “com tempos e modos diversos nas várias regiões mediterrânicas (mais precoce na Itália, Gália e na Península Ibérica, mais tardio em África e ainda mais tardio na Ásia Menor e no Oriente”.

Brown (1971) colocou o mundo da Antiguidade Tardia entre Marco Aurélio e Maomé, no seu livro *The World of Late Antiquity*, uma obra contrária às ideias de catástrofe ou declínio e antes uma defensora de conceitos como transição social e cultural. Denomina exactamente um dos capítulos do seu livro com o título *A última revolução romana*. Jones (1964), no seu livro *Later Roman Empire* havia sido o primeiro estudioso a definir este período da Antiguidade Tardia. Situa-o entre Diocleciano (284 d.C.) e Maurício (602 d.C.), o que o aproxima das teorias mais relacionadas com as mutações vividas no século II. Cameron (1998), numa perspectiva não somente social e económica, mas também cultural, aceita os inícios do século VII como o fim da Antiguidade Tardia, mas coloca o seu início em finais do século IV, numa relação com as políticas de Teodósio, ou seja, um período entre 395 e 600 d.C.. Sem explicitar taxativamente o seu estudo como referente a uma Antiguidade Tardia, Whickam (2009), na obra *The Inheritance of Rome. A History of Europe from 400 to 1000*, com uma perspectiva eminentemente política, coloca também Teodósio como ponto de início e vai mesmo mais longe do que H. Pirenne, ao colocar o ponto terminal, não no período carolíngio, mas antes no avanço árabe.

Outras datas são recorrentemente utilizadas para situar o início da Antiguidade Tardia: numa esfera eminentemente política, o ano de 330 d.C., quando Constantinopla é fundada; numa esfera religiosa, o ano de 451 d.C., quando o concílio de Calcedónia marca a ruptura religiosa entre Ocidente e Oriente (Cameron, 1998, p.21).

De um ponto de vista político e essencialmente ocidental, Grant (2009), no seu estudo sobre a “queda do Império” situa a explicação para a queda de Roma entre 364 (Valentiano I) e 476 d.C. (a própria queda de Roma) e considera este período como um prelúdio do feudalismo, sobretudo no Ocidente, com o crescimento dos grandes proprietários, o desaparecimento progressivo dos pequenos camponeses e o fracasso do Estado fiscal. Toda a sua obra é exactamente marcada pelas ideias de fra-

casso e ineficácia: no exército, na credibilidade, no esforço, nas relações sociais e étnicas e no abismo entre as classes.

Ward-Perkins (2005, p.225-241), numa perspectiva também pessimista sobre a Antiguidade Tardia, denomina exactamente o seu livro com o título “A queda de Roma e o fim da civilização”, mas numa análise abrangente do período ao qual reconhece faltar estudos de cultura material, a juntar aos vários já existentes, que incidem normalmente na área política, militar ou económica. Para o autor, aplicar o conceito de Antiguidade Tardia (250-800 d.C.) ao Ocidente é “ignorar alterações e descontinuidades dramáticas na vida política, administrativa, militar, social e económica”. “Na prática, a nova Antiguidade Tardia reconhece isto ao abandonar a maioria dos aspectos da História do Ocidente depois de cerca de 500 e do mundo bizantino depois do início do século VII”. O autor mantém o conceito de Antiguidade Tardia no Ocidente, entre os séculos V e VIII, mas recusa-se a vê-lo como uma época de continuidade ou prosperidade. Para ele, os pontos cronológicos fundamentais são o ano de 400, no Ocidente (direcção militar romana de Estilício desde 394 e primeiro saque de Roma, em 410 d.C.), e de 600 d.C. no Oriente (fim da dinastia justiniana).

Wickham (2009, p.76-79) denomina o período de 400-550 d.C., como de crise e continuidade, e estabelece vários sub-períodos, essencialmente de ordem política: até 425 (marginalização política da *Hispania* e da *Britannia*), 425-455 (avanço vândalo em África; ruptura religiosa E-W, com os concílios de Éfesos, em 431, e de Calcedónia, em 451 d.C.), 455-500 (fortalecimento dos espaços bárbaros no Ocidente e queda de Roma) e 500-550 d.C. (*boom* económico do Oriente). Para Wickham, é em c.500 d.C. que se dá a simplificação da economia do Ocidente, com muitas casas urbanas e *villae* a serem abandonadas ou adaptadas, uma produção mais artesanal e trocas comerciais mais restritas, enquanto que, em África, parece haver a sobrevivência das principais estruturas até c.600 d.C., mas já o Oriente está em expansão até inícios do século VII. Nas palavras do autor, o ano de 439 d.C. (queda de Cartago) é o ponto de viragem: “the balance of power changed” “and, not less important, local elites began to deal with the “barbarian” powers rather than with the imperial government”.

Para D. Pieri (2005, p.144-145), a Historiografia actual tem assim produzido um alargamento da cronologia da Antiguidade Tardia, que considera um “avatar” do Baixo-Império, situado eminentemente entre os séculos IV e VI, mas que pode recuar ao século III e decorrer até aos séculos VII, VIII ou mesmo IX e X. As variações dependem dos critérios de análise dos autores que se debruçam, de um modo geral, ou sobre estruturas económicas, ou políticas ou administrativas, mas raramente sobre o conjunto. Para o próprio D. Pieri (2005, p.144), no seu estudo eminentemente económico, mas que procura enquadrar os dados históricos, a Antiguidade Tardia decorre entre o século IV e a conquista árabe. É um período que conhece “descontinuidades” dentro da sua “continuidade”, crises e sucessos. “L’Antiquité Tardive ne correspond pas à l’agonie d’un système, mais constitue l’approfondissement d’un processus de transformation. Elle n’est pas l’enfant dégénérée de l’Antiquité romaine, mais sa digne et novatrice fille”. Segundo Pieri, a ideia de regressão em finais do século II tem vindo a perder terreno, devido à percepção da prosperidade de África e do Oriente desde o século III, tanto a nível comercial, como industrial e técnico (à semelhança do que propomos no **capítulo 4.2.1**). As próprias ideias de autarcia, economia doméstica ou de dirigismo económico devem ser substituídas por um conceito-chave de “papel regulador do Estado”.

#### 4.2.2.2. Os dados historiográficos: economia e finanças (c.200/250-c.450 d.C.)

##### • c.200/250-300 d.C.

Por volta de 250 d.C. verificam-se alterações na estrutura da *Annona*, tanto ao nível administrativo, como dos segmentos comerciais: o *Praefectus Annonae* perde competências que passam para as mãos dos Prefeitos do Pretório, que garantiam assim uma melhor execução fiscal desse comércio (García Vargas, 1998, p.247).

À retoma de 200-250 d.C. segue-se uma recessão entre 250-300 d.C., que incidiu fortemente no comércio de *terra sigillata*, mas aparentemente muito menos no comércio alimentar, de azeite e preparados de peixe, que haviam entretanto assumido um novo impulso (Reynolds, 2005, p.384-385).

Se analisarmos as curvas de importação no Mediterrâneo Ocidental de *terra sigillata*, nesta época, essencialmente africana (**ver figs. 116 e 118**), verificamos, na esteira de Bonifay e Tchernia (no prelo),



uma baixa acentuada e generalizada das vendas, mesmo em *Ostia*, onde não é tão claro. Dois sítios variam um pouco: *Conimbriga*, cuja crise de aquisições remonta ao século II, e *Valentia*, onde a baixa de importações africanas parece menos acentuada e a curva geral dos exemplares em estratigrafia contém ainda bastante produção hispânica.

Sabemos que a partir de meados do século III se processa a substituição do *denarius* pelo *antoninianus* e que o conteúdo de prata do primeiro desce para 4%, em 270 d.C. (Hopkins, 1980, p.123).

É com Aureliano, em 270-275 d.C., que se dão alterações monetárias importantes. O *antoninianus* passa a ser a moeda de referência (Jones, 1953, p.196) e as novas emissões monetárias são abundantes (ver fig. 111f: caso de *Conimbriga*). A desvalorização acentuada da moeda não se interrompe e nos finais do século III, o *antoninianus* (a moeda maior) deixa de valer 2 *denarii* e assume então um valor nominal de 25 *denarii* (Jones, 1953, p.196).

Evolução do preço da terra						
Fonte	Período	Nº de preços	Média (HS / iugerum)	Máximo	Mínimo	Bibliografia
ESAR 2.150-3 (Egipto)	Séc. I d.C.	11	141	459	11	Duncan-Jones, 1974
	Séc. II	16	183	612	26	
	Séc. III	8	147	1101	58	
Evolução do preço do trigo						
Fonte	Período	Nº de preços	Média (HS / modius)	Máximo	Mínimo	Bibliografia
ESAR 2.310-11 (Egipto)	18 a.C.-14 d.C.	7	0,9	1,2	0,6	Duncan-Jones, 1974
	14-98 d.C.	10	2	2,6	0,7	
	98-192 d.C.	7	2,5	6	1,8	
	193-260 d.C.	3	4,2	4,8	3,6	
Preço						
<i>Editum Diocletiani</i> , 1,1	301 d.C.	1	100 <i>denarii</i> = 400 HS / <i>modius kastrensis</i>			Giacchero, 1974
<i>P. Lond.</i> 1914 (Egipto)	335 d.C.	1	21000 <i>denarii</i> / <i>artaba</i> = c.7000 <i>denarii</i> / <i>modius kastrensis</i>			Jones, 1953, p.212
<i>P. Oxy.</i> 85 (Egipto)	338 d.C.	1	36000 <i>denarii</i> / <i>artaba</i> = c.12000 <i>denarii</i> / <i>modius kastrensis</i>			
<i>P. Lond.</i> 427 (Egipto)	“alguns anos após 338 d.C.”	1	75000 <i>denarii</i> / <i>artaba</i> = c.25000 <i>denarii</i> / <i>modius kastrensis</i>			
<i>P. Princeton</i> 183v. (Egipto)	“alguns anos após o preço anterior”	1	500000 <i>denarii</i> / <i>artaba</i> = c.166666 <i>denarii</i> / <i>modius kastrensis</i>			

Figura 121 - Evolução dos preços da terra e do trigo no Egipto e segundo o Édito de Diocleciano.

Os preços conhecidos do trigo fazem prova da segunda metade do século III, em particular, o último terço, como uma época de hiper-inflação. A evolução dos preços do trigo e da terra, no Egipto, é suave entre Augusto e 260 d.C. (4,5 vezes superior em 260 d.C.). Entre 260 e 301 d.C., o preço do trigo poderá ter aumentado cerca de 100 vezes.

D. Rathbone (2003, p.202) publicou uma série de preços em contratos de aluguer de navios. Em 212 d.C., um navio novo de 12 toneladas teve um empréstimo de 60 anos com prestação de 8000 *drachmas*. Já em 291 d.C., um navio helénico de 2 toneladas teve um empréstimo de 50 anos com prestação de 21000 *drachmas*. Como aparentemente os valores referem-se à capacidade de carga, Rathbone estima um custo, em 212 d.C., de 20 *drachmas* / *artaba*, e, em 291 d.C., de 300 *drachmas* / *artaba*.

Já os preços dos terrenos revelam até uma normalização no século III, quando voltam ao índices do século I, enquanto que os de lucernas (com uma base empírica mais frágil) revelam uma inflação suave, se comparados preços entre o Édito de Diocleciano (301 d.C.) e a lista de preços da família pompeiana, na década de 70 do século I d.C. (CIL IV, 4428).

Assim, constatamos que uma lucerna (sem podermos diagnosticar os tipos em causa) terá sofrido um aumento de preços que ronda as 6,4 vezes (de 1 para 6,4 asses).

A crise das vendas de *terra sigillata* parece preceder esta conjuntura de 270-300 d.C. e recuar a 250 d.C., embora uma possível revisão futura das datações finais da TSAf A possa suavizar a queda de vendas e prolongar a curva descendente pelos terceiro e último quartel do século III (ver *infra*).

Artigo	Período	Local de consumo	Preço	Fonte	Bibliografia
1 <i>pultarium</i> ou 1 <i>patella</i> (cerâmica comum)	79 d.C.	Pompeia (Itália)	1 as	CIL IV 5380	Pucci, 1983
1 lucerna (cerâmica comum?)	79 d.C.	Pompeia (Itália)	1 as	lista de compras CIL IV 4428	Carreras Monfort, 2000
10 lucernas em cerâmica	301 d.C.	Império?	4 denarii = 16 HS = 64 asses	<i>Editum Diocletiani</i> , 15, 99	Giacchero, 1974
<i>Terra sigillata</i> - prato Ludowici Tb ou Ta' de Rheinzabern	2ª met. séc. II	Salzburgo (Áustria)	12 asses	grafito "AS XII"	Kovacovics, 1987
<i>Terra sigillata</i> - taça Drag. 37 do oleiro <i>Cinnamus</i> de Lezoux	2ª met. séc. II	Flavia Solvia (Áustria)	20 asses	grafito "PANNA VERECUNDAES EMPTAVIGES"	Noll, 1972
Vaso contentor ( <i>dolium</i> ?)	79 d.C.	Pompeia (Itália)	9 asses	CIL IV 4428	Carreras Monfort, 2000
<i>Dolium</i> com capacidade de 1000(?) <i>sextarii italici</i>	301 d.C.	Império?	1000 denarii = 4000 HS = 16000 asses	<i>Editum Diocletiani</i> , 15, 97	Giacchero, 1974
Vaso de cerâmica de capacidade de 2 <i>sextarii italici</i>	301 d.C.	Império?	2 denarii = 8 HS = 32 asses	<i>Editum Diocletiani</i> , 15, 98	Giacchero, 1974
Lagoena com capacidade de 24 <i>sextarii</i>	301 d.C.	Império?	12 denarii = 48 HS = 192 asses	<i>Editum Diocletiani</i> , 15,100	Giacchero, 1974
"Os outros vasos devem ser vendidos com um preço em relação à capacidade"	301 d.C.	Império?		<i>Editum Diocletiani</i> , 15,101	Giacchero, 1974

Figura 122 - Evolução comparada de preços de cerâmicas.

A segunda metade do século III enquadra-se num processo de crise económica, inflacionária (aparentemente provocada pelos preços do trigo) diferente do que assistimos na primeira metade do século II, onde uma sobreprodução de *terra sigillata* terá tido um papel mais central numa recessão / crise (?) com aspectos deflacionários prováveis, a par de um abrandamento da circulação monetária, aspecto que parece prolongar-se por 150-200 d.C.. Contudo, tendo em conta estas diferentes evoluções de preços entre cerâmicas e cereais, é possível que, na recessão (?) do século II, os cereais também tenham desempenhado um papel fulcral, a ver pelos preços especulativos dessa época que abordámos *supra*.

As preocupações alimentares, na segunda metade do século III, parecem no entanto mais agudas, já que Aureliano instituiu a distribuição gratuita mensal de 5 libras de carne de porco e garantiu o fornecimento de vinho barato aos habitantes de Roma (S.H.A., *Aurelianus*, 35.2, 48.1: ver Reynolds, 1995, p.107).

A este panorama não deverá estar desligada a praga que terá afectado várias regiões do Império, entre 250 e 280 d.C., segundo Blois, Pleket e Rich (2002, p.xvi).

#### • c.300-450 d.C.

A retoma económica no principado de Diocleciano foi acompanhada de uma nova política activa imperial, em aspectos económicos e financeiros. A "restauração" do século IV é em boa parte resultado da unidade imperial, sob a Tetrarquia, que possibilita o lançamento de medidas a longo-prazo, desde logo a nível administrativo, com a definição de mais de 100 províncias, contra as 47 existentes até então, e um esforço de renovação da rede viária (Pieri, 2005, p.146).

Em primeiro lugar, o seu Édito de Preços, publicado em 301 d.C. (Giacchero, 1974), foi bastante abrangente, estipulando os valores de mercado de muitos produtos, salários e serviços. Segundo *Lactantius*, tinha até a intenção de colocar certos produtos fora do mercado, através do tabelamento de preços demasiado baixos (Jones, 1953, p.200). O seu fracasso rápido levou contudo à revogação da lei por Constantino (Lot, 1927-1968, p.70).

Ao nível monetário, Diocleciano tentou restaurar a moeda de prata e de ouro, surgindo uma nova moeda de prata pura, de nome desconhecido, e retarifando o *nummus* a 25 *denarii* (com *Aurelianus*, entre 270 e 275 d.C., a moeda maior valia 5 *denarii*). A sua política inflacionária tinha assim dois contra-

pesos: a desvalorização da moeda principal, necessária devido à escassez de metais preciosos, apesar de tentar criar outras mais fortes, mas uma tentativa de controlo dos preços dos produtos no mercado (Jones, 1953, p.197). Aparentemente, o grosso das receitas estatais continua a ser realizado através de moeda e não de bens, mas alguns dados revelam a necessidade de contenção das despesas do erário público. Logo no início do principado, em 299 d.C., sabe-se que o salário de um soldado permanece igual ao estipulado por Caracala, no valor de 600 *denarii*; mas a medida administrativa de maior alcance terá sido o reforço, novamente, das competências do Prefeito Pretoriano, que passava agora a prever o ano financeiro a 1 de Setembro, naquilo que são os primeiros orçamentos, onde se determinava receitas e despesas. A colecta de impostos decorrente terá duplicado, por esta via, entre 324 e 364 d.C., segundo Jones (1953, p.199: *Themistius, Orat.* VIII, 113).

Constantino prossegue a política monetária do antecessor, criando, em 310 d.C., o *solidus* (1/72 da libra) e o *semmissis* (1/2 da libra) (Pieri, 2005, p.147).

O controlo do mercado e do tráfico comercial foi ampliado: a actividade dos *navicularii* torna-se *rei publicae causa* e estão cada vez mais integrados em *corpora*, que podem usufruir de imunidades, mantendo-se os privilégios concedidos um século antes, nos Severos (Yébenes, 2003, p.85). Estes *corpora naviculariorum* eram controlados pela figura administrativa em crescendo de poder, os Prefeitos Pretorianos, ou pelos Prefeitos da *Annona* de Alexandria ou de África, desde 314 d.C., embora, por sua vez, submissos aos Prefeitos Pretorianos do Oriente ou de Itália. Neste ano (ou em 316 d.C.) é criada a Prefeitura da *Annona* em Cartago, aspecto que teve certamente influência na retoma da produção cerâmica tunisina. Em 331 ou 333 d.C., dá-se um novo reforço das competências dos Prefeitos Pretorianos que passam a controlar a circulação anónima, enquanto a distribuição fica sob controlo do *Praefectus Urbis*. Além disso, a Prefeitura da *Annona* perde a sua autonomia financeira (Yébenes, 2003, p.93 e 94).

A emissão e circulação de moeda realizam uma curva crescente ao longo do século IV, sobretudo a partir de meados da centúria (ver fig. 111).

Se compararmos os preços disponíveis para os séculos IV e primeira metade do V constatamos uma inflação galopante dos preços do trigo, entre 301 e c.350 d.C., na continuação do período 260-301 d.C., evidência do referido fracasso do Édito de 301 d.C..

Para o último terço do século IV dispomos apenas de preços relativos à carne, os quais indicam uma inflação extremamente calma: entre 360 e 390 d.C., o preço da carne duplica, enquanto que entre 301 e 338+ d.C., o preço do trigo aumentara 5000 vezes, mas o da carne, entre 301 e 360 d.C., apenas subira 5 vezes (ver figs. 121 e 123).

Esta comparação de preços, com diferentes moedas, tem em consideração que, entre 324 d.C. (conquista do Oriente por Constantino) e 360-363 d.C. (principado de Juliano), o *denarius* cai na sua relação com o *solidus*, de 4500 para 30.000.000. Em 337 d.C., 250.000 *denarii* equivaliam a 1 *solidus* e o *denarius* só estabiliza entre 360 e 390 d.C., quando desvaloriza apenas 50% (Jones, 1953, p.213).

Evolução do preço da carne				
Fonte	Período	Artigo	Preço	Bibliografia
<i>Editum Diocletiani</i> , 4,1,2 e 3	301 d.C.	Vaca, cabra ou castrado	8 <i>denarii</i> = 0,001 <i>solidi</i> / <i>libra italica</i>	Giacchero, 1974
<i>P. Oxy.</i> 1056	360 d.C.	Carne	14,2 miríades = 0,005 <i>solidi</i> / libra	Jones, 1953, p.212
<i>P. Oxy.</i> 1753	390 d.C.	Carne	30 miríades = 0,01 <i>solidi</i> / libra	
Evolução do preço da carne de porco				
Fonte	Período	Artigo	Preço	Bibliografia
<i>Editum Diocletiani</i> , 4,1,7	301 d.C.	Carne de porco salgada	16 <i>denarii</i> = 0,003 <i>solidi</i> / <i>libra italica</i>	Giacchero, 1974
<i>Editum Diocletiani</i> , 4,1,1	301 d.C.	Carne	12 <i>denarii</i> = 0,002 <i>solidi</i> / <i>libra italica</i>	
<i>Cod. Theod.</i> XIV, IV, 10	419 d.C.	Carne de porco salgada	50 <i>denarii</i> = 0,004 <i>solidi</i> / libra	Jones, 1953, p.213-214
<i>Val. Nov.</i> XXXVI	452 d.C.	Carne	50 <i>denarii</i> = 0,004 <i>solidi</i> / libra	

Figura 123 - Evolução dos preços da carne e da carne de porco entre 301 e 452 d.C..

Os preços disponíveis relacionam-se essencialmente com duas categorias de produtos, transacionadas por dois *corpora* privilegiados pelo quadro jurídico. Os padeiros vêem o Prefeito da *Annona* proibido de recusar refugos seus, em 377 d.C., e a importância desta corporação está bem explícita pela obrigação de todo o padeiro ter de nomear um representante para continuar a sua actividade, no caso de se tornar senador, em lei de 364 d.C. (Mees, 2002, p.419 e 425: *Cod. Theod.* 13. 03. 04 e 14. 03. 15). Em 322 d.C., Constantino insta as autoridades africanas a enviarem mantimentos a Roma, que atravessava uma época de carestia alimentar (Yébenes, 2003, p.28). É possível que fenómenos como este tenham impulsionado processos inflacionários do trigo, conhecidos desde o Alto-Império (ver *supra*).

Época	Quinta do Marim	Milreu	São Cucufate
100-1 a.C.		1	3
1-100 d.C.	1	9	20
101-200 d.C.	1,5	5	9
200-251 d.C.	1,5	2	5
251-284 d.C.	14	23	36
284-300 d.C.		2	5
301-337 d.C.	5	20	46
337-363 d.C.	14	16	72
364-378 d.C.		1	
378-395 d.C.	7	7	25

Figura 124 - Evolução monetária em 3 *villae* da Lusitania (Graen; et Al., 2008).

A circulação monetária estagna no terceiro quartel deste século, retomando a sua curva ascendente no último quartel (ver fig. 111g). Na verdade, os imperadores que sucedem a Diocleciano e Constantino não modificam a política monetária e os seus esforços centram-se apenas na valorização das moedas ordinárias, para tentar manter o poder de compra. A estabilidade do sistema monetário sofre alterações com sucesso no período de Teodósio, já nos finais da centúria, com a reforma das moedas de ouro às quais acresce agora o *tremissis* ( $1/3$  do *solidus*) e a economia dá então sinais de florescimento (Pieri, 2005, p.147).

Segundo Jones (1953, p.214), a primeira metade do século V, ou pelo menos o período pós 420 d.C., poderá representar um processo deflacionário ou de recessão, no Ocidente, para o qual dispomos de dois preços de carne de porco, relativos a 419 e 452 d.C.. Acresce ainda o facto de em 419 d.C., o *denarius* estar cotado em Roma a 12000 *denarii* = 1 *solidus*, valor bastante baixo, por comparação com a situação do século anterior. Jones presume que no Oriente o processo inflacionário continuaria em marcha e estabelece assim uma dicotomia entre os dois “hemisférios”. Na verdade, as emissões monetárias da segunda metade do século IV vão ser fundamentais para o século seguinte (Bonifay, 1998, p.71). Em *Conimbriga*, as emissões de 335-361 d.C. continuam a ser usadas nos inícios do século V, tal como acontece na área grega, o que testemunha uma utilização prolongada das moedas (Février, 1976, p.64-65), aspecto que podemos observar noutros sítios lusitanos.

É bastante plausível, deste modo, que os preços estagnados e a fraca circulação fiduciária sejam o espelho de um processo deflacionário ou de ausência de inflação, pelo menos no Ocidente, entre c.420 e c.452 d.C., em boa parte, o período vândalo inicial. A recessão económica pode contudo recuar, nalguns sectores económicos, como o da carne, ao último quartel do século IV, já que, em 377 d.C., a lei prevê que os negociantes de porco sejam compensados pelos prejuízos entre os preços de compra e venda, estando este último fixado e o *collegium* encarregue de estipular a indemnização (Mees, 2002, p.419: *Cod. Theod.* 14. 04. 04). É possível que este sector económico, impulsionado pela instituição da distribuição de carne de porco por Aureliano, um século antes (ver *supra*), sofresse agora crescentes dificuldades ao nível dos preços, cuja evolução ao longo do século IV, como vimos, é incomparavelmente mais branda do que a do trigo.

O tabelamento do preço da carne de porco na lei de 377 d.C. é contrastante com o facto de o *Editum Diocletiani*, em 301 d.C., com uma intenção tão abrangente de controlo, apresentar uma panóplia



de preços alimentares, incluindo o do trigo e de vários cereais, mas não o do pão (*Editum Diocletiani* 1 a 6; ver Giaccherio, 1974). O comércio de cereais esteve sempre mais disposto a procedimentos especulativos de mercado e sendo fundamental na mobilização económica deve ser responsável por muitos dos problemas económicos vividos. Só assim se explica que um bem de produção mais difícil, como a carne, revele fraca subida de preços – apesar de “subsidiado” por lei -, ao contrário do trigo, que mais “facilmente” existiria em grandes quantidades.

Se seguirmos a proposta de Jones (1953, p.212), os preços de carne de 360 e 390 d.C. (ver fig. 123) seriam idênticos, já que, segundo este autor, o que variou nestes 30 anos não foi o preço da carne, mas o valor da miríade em face do do *solidus*, de 2880 miríades = 1 *solidus*, para 6000 miríades = 1 *solidus*. Este sector estaria assim, segundo este último cálculo, em recessão, já no último quartel do século IV.

#### 4.2.2.3. A posição geo-económica da Hispania

Dois artigos do Código de Teodósio conferem privilégios aos *navicularii* hispânicos, no segundo quartel do século IV:

C. *Theod.* XIII, 5, 4: “O Imperador Constantino Augusto a Helpídio. Aos *navicularii* que cheguem ao porto de Roma procedentes de qualquer ponto da costa de Hispânia, com o único fim de passar a inspecção fiscal de carga, mandamos que o seu barco siga sem ser molestado e que não se junte nenhum carregamento extraordinário, para que possa cumprir facilmente e sem entraves com as suas obrigações (fiscais). Dado a 8 de Março, em Tessalónica, no ano do terceiro consulado de Cripo e no terceiro de Constantino (ano de 324 d.C.)”;

C. *Theod.* XIII, 5, 8: “A Severo. Que não se atribuam aos *navicularii* das Hispânicas missões oficiais extraordinárias nem sejam retidos em nenhum sítio para não demorar a viagem e que reclamem no prazo máximo de dez dias as facturas das mercadorias que lhes forem entregues. Ao apresentar tais recibos não devem ser molestados com mais trâmites nas ilhas, portos, costas ou desembarcadores a que cheguem. Dado a 19 de Maio do ano em que foram cônsules Nepotiano e Facundo (ano de 336 d.C.)” (Yébenes, 2003, p.88).

Em 359 d.C., a *Expositio Totius Mundi et Gentium*, descreve a *Hispania* como fornecedora de muitas regiões em azeite, preparados de peixe, vários tipos de vestuário, carne de porco salgada e carne de vaca (Woodman, 1964)<sup>21</sup>.

No terceiro quartel do século IV, Teodósio, natural de *Cauca* (Coca), antes do seu Advento, permaneceu algum tempo nas suas propriedades da *Hispania*, com o intuito de desenvolver apoios através de *beneficia* (Whittaker, 1983, p.170).

J. Arce (1993, p.396) refere a importância do imposto fiscal aplicado à *Hispania*, em finais do século IV, o *frumentum*: segundo autores como Claudiano, o cereal peninsular chegaria a Roma para cobrir situações de carência, e Cassiodoro refere igualmente que o rei Teodorico, no século V, restabeleceu transitoriamente esse imposto (*vectigal*).

Nos finais do século III as fontes escritas dão conta da *Hispania* como novo palco político-militar de algum relevo: na Tetrarquia, durante o principado de Maximiano Herculéio na *Pars Occidentis* (em conjunto com Diocleciano, entre 295 e 298 d.C.), este Imperador esteve na *Hispania* e em África, no combate aos Francos, cuja pirataria desenvolvia contactos com possíveis usurpadores da *Britannia*, ao longo do Atlântico. O palco destas acções seria necessariamente, também segundo J. Arce (2005b, p.55), a *Lusitania*, enquanto vertente atlântica da *Hispania*. A segurança das costas atlânticas parece ter ganho pela primeira vez, no mundo romano, relevância política, a partir de finais do século III, e o próprio trajecto suevo, na primeira metade do século V, denota uma concepção atlântica, segundo Arce (2005b, p.55).

O Édito de Diocleciano, no capítulo 35, que tabela preços de fretes por rota, refere uma única província atlântica, a *Lusitania*. Esta tem uma rota comercial que a liga directamente ao Oriente. Não consta nenhuma ligação entre a *Lusitania* e a *Baetica*, mas esta possui ligações a África, à Itália e também ao Oriente.

21. Arce (1993, p.395) insere este documento na tradição *laudes Hispaniae*, retirando-lhe alguma validade para a História Económica.

Capítulo 35: Preços entre localidades e províncias que não devem ser absolutamente superados		
Nº	Rota	Preço (denarius / modius kastrens)
1a	Alexandria-Roma	16
6	Alexandria-África	10
7	Alexandria-Sicília	10
11	Oriente-Roma similmemente	18
14	Oriente-África	16
15	<b>Oriente-Hispânia</b>	20
16	<b>Oriente-Bética</b>	22
17	<b>Oriente-Lusitânia</b>	26
18	Oriente-Gália	24
27	África-Sicília	6
28	<b>África-Hispânia</b>	8
29	África-Gália	4
23	Ásia-África	8
25	África-Roma similmemente	8
30	África-Aqueia	12
31	África-Panfilia	14
32	Roma-Sicília similmemente	6
33	Roma-Tessalónica	18
34	Roma-Aqueia	14
35	<b>Roma-Hispânia</b>	10
36	Roma-Gália	4
37	Roma-Gália	8
38	Nicomédia-Roma similmemente	18
66	Oriente-África	...
67	<b>Oriente-Hispânia Tarraconense</b>	...
68	<b>Oriente-Bética</b>	...
69	<b>Oriente-Lusitânia</b>	...
70	Oriente-Gália	...
72	Sicília-África	...
73	Sicília-Génova	...
74	Sardenha-Roma(?)	...
76	Sardenha-(?)	...
77	Sardenha-Génova(?)	...
78	Sardenha-(?)	...
79	(?)-Roma similmemente	...
86	(?)-Roma	...
107	Ravenna-Aquileia	por 1000 modii kastrens / 7500 denarii

Figura 125 - *Edictum Diocletiani et Collegarum de Pretiis* - 301 d.C. - (Giacchero, 1974): rotas que envolvem pontos do Mediterrâneo Ocidental.

O que significa, em 301 d.C., esta ligação económica entre a *Lusitania* e o Oriente, quando ainda não se importava TSFT, nem o comércio anfórico oriental tinha qualquer expressão?<sup>22</sup>

Para além da *atlantização política* referida *supra*, em finais do século III, sabemos que, em finais do século IV, um número considerável de hispanos detinha cargos administrativos no Oriente; que ourives orientais se encontravam na *Hispania*, durante o Baixo-Império (Blásquez, 1988, p.179); que vidros bizantinos chegaram a *Salacia* e que mercadores visigóticos trabalhavam em *Olisipo* (Mantas, 1990, p.204). Contudo, estes fenómenos são posteriores ao Édito, pelo menos 100 anos.

No Édito de Preços de Diocleciano, é intrigante que os preparados de peixe surjam incluídos, sob um único nome, o de *Liquamen*, no capítulo 3, relativo aos Olei, a par também do sal e do mel. Será esta justaposição legislativa um reflexo de um novo organigrama da *Annona*, fazendo o *liquamen*, o sal e o mel parte do comércio estatal oleário, a partir de Diocleciano?<sup>23</sup>

22. As várias incoerências detectadas no documento, nomeadamente ao nível dos preços, levam investigadores como Arnaud (2005, p.139) a duvidar do conhecimento sistemático da realidade por parte dos autores do texto.

23. *Ausonius*, no século IV, refere que os antepassados consumiam *garum* em quantidades prudentes, enquanto que no seu tempo o consumo era abastado (Étienne; Mayet, 1993-1994, p.216 e nota 34).

Artigo	Produto	Denarius	Quantidade
2.1a	Piceno	30	
2.2	Tiburtino	30	
2.3	Sabino	30	
2.4	Amíneo	30	
2.5	Setino	30	
2.6	Sorrentino	30	
2.7	Falerno	30	
2.8	<i>Vini veteris</i>	Vinho velho, primeira qualidade	24
2.9	<i>Vini veteris</i>	<b>Vinho velho, segunda qualidade</b>	<b>16</b>
2.10	<i>Vini rustici</i>	<b>Vinho comum</b>	<b>8</b>
2.13	<i>Item caroeni Maeoni</i>	Vinho doce Meonio, coto, concentrado a um terço	30
2.14		Vinho ático cor ouro	24
2.15	<i>Decocti</i>	Mosto coto	16
2.16	<i>[Def]riti</i>	Mosto coto concentrado	20
2.17	<i>Conditi</i>	Vinho aromatizado	24
2.18		Vinho de absinto	20
2.19		Vinho rosado	20
3.1a	<i>Olei floris</i>	Óleo de primeira prensa	40
3.2	<i>Olei sequentis</i>	Óleo, segunda qualidade	24
3.3	<i>Olei cibari</i>	<b>Óleo comestível comum</b>	<b>24</b>
3.4	<i>Olei raphanini</i>	Óleo de rábano	8
3.5	<i>Aceti</i>	<b>Azeite</b>	<b>6</b>
3.6	<i>Liquamimis primi</i>	<b>Molho de peixe, primeira qualidade</b>	<b>16</b>
3.7	<i>L[i]quaminis secundi</i>	<b>Molho de peixe, segunda qualidade</b>	<b>12</b>
3.8	<i>Salis</i>	<b>Sal</b>	<b>100</b>
3.9	<i>Salis conditi</i>	<b>Sal aromatizado</b>	<b>8</b>
3.10	<i>Mellis optimi</i>	<b>Mel, melhor qualidade</b>	<b>40</b>
3.11	<i>Mellis secundi</i>	<b>Mel, segunda qualidade</b>	<b>24</b>
3.12	<i>Mellis Foenicini</i>	<b>Mel de tâmara</b>	<b>8</b>
6.90	<i>Olibae columbades</i>	<b>Azeitona em salmoura</b>	<b>4</b>

Figura 126 - Comparação dos preços de vinho, azeite e preparados de peixe em 301 d.C. (*Edictum Diocletiani et Collegarum de Pretiis*, 2, 3 e 6; ver Giacchero, 1974).

E o que significa o uso exclusivo do termo *liquamen*, num contexto de reconversão tipológica (Reynolds, 1995, p.109; Mayet, 2001, p.279 e ss.; Fabião; Carvalho, 1990, p.49 e ss.) das ânforas lusitanas e béticas, no século III, com novos tipos de dimensões mais reduzidas, em contraste com a renovação de meados do século IV das ânforas tunisinas, que mantêm essencialmente grandes dimensões?

Quanto aos preços tabelados, se bem que o vinho e o azeite tenham preços mínimos mais baixos, de 8 e 6 *denarii* / *sextarius*, também é verdade que o *liquamen* tem um preço médio mais favorável, já que varia entre 12 e 16 *denarii*, somente, o que lhe confere competitividade, pelo menos nos mercados de maior qualidade.

O novo papel político da *Lusitania* consubstanciou-se na capitalidade da nova *diocesis hispaniarum*, com sede em *Augusta Emerita*, em detrimento de *Tarraco*, com Diocleciano, o que significa, para J. Arce (2005b, p.53), uma maior importância do eixo atlântico.

A nova vitalidade lusitana no Baixo-Império e Antiguidade Tardia deve estar na origem da nomeação, na charneira do século III para o IV, de um *Procurator Provinciae Lusitaniae et Vetoniae*, assistido por um *Tabularius*, o que poderá supor o funcionamento de duas circunscrições financeiras, em *Emerita Augusta* e em *Olisipo* (CIL, II, 1178, 1267; CIL, VI, 31856; CIL, II, 485; Mantas, 1990, p.172).

Já o primeiro decréscimo significativo das importações de *terra sigillata* na *Lusitania*, a partir do segundo quartel do século V, quando muitos centros de produção de preparados de peixe terminam a sua actividade, e várias cidades, como Chãos Salgados ou *Ammaia*, e *villae* como São Cucufate terminam sua ocupação (ver *infra*), tem semelhanças cronológicas, ao nível regional, com os avanços meridionais do poder suevo. O último *vicarius hispaniae*, *Maurocello*, nomeado em 418 d.C., deixa de ser mencionado a partir de 420 d.C., o que Diaz (1992-1993, p.298-300) interpreta como um possível abandono da *Lusitania* pelo poder imperial e consequente (ou causado por) avanço suevo para Sul na década de 420

d.C.<sup>24</sup>. A *Crónica de Hydatius* (Tranoy, 1974; Diaz, 1992-1993) é a principal fonte para a conjuntura de instabilidade militar vivida nas décadas centrais do século V, na *Lusitania*. Em 429 d.C., os Suevos passam a linha do Tejo, conquistando a importante cidade de *Olisipo*, e em 440 d.C. tomam a própria capital, *Augusta Emerita*. É a partir de 455/456 d.C. que se dá a retoma visigoda com Teodorico, que chega mesmo a saquear a capital da *Galaecia*, *Bracara Augusta*, em 455 d.C.. A instabilidade prossegue e em 469 d.C. *Olisipo* é reconquistada pelos Suevos e novamente tomada em definitivo pelos Visigodos (Tranoy, 1974: *Hydatius*, 246-246).

O quadro comercial lusitano pós-c.450 d.C. é, como veremos *infra*, de menor capacidade, embora estável num conjunto reduzido de sítios até c.550 d.C., mas não por ausência de rede comercial atlântica, como comprovam os dados de cerâmicas finas e ânforas de Vigo e Bordéus, na rota para a *Britannia*, até ao século VII d.C..

#### 4.2.2.4. O comércio de *terra sigillata*

##### 4.2.2.4.1. c.200/250-300 d.C.: o comércio da *terra sigillata* africana A, C e A/D

- O quadro do comércio de *terra sigillata* africana A, C e A/D

Na Península Ibérica, os valores de IMA da TSAf C, em parte devido à sua maior extensão temporal (ainda por todo o século IV e parte do V), são normalmente mais fracos do que os da TSAf A (**ver anexo 7, tabela 2**). Refira-se, contudo, que devido à fraqueza habitual da TSAf C5, aplicamos um segmento temporal de apenas 200 anos para a TSAf C, próximo assim do valor de 180 anos proposto para a TSAf A (**ver anexo 6, tabela 3**), cujo valor até poderá alargar-se mais 25/50 anos, se futuramente se fizer uma revisão da cronologia final da TSAf A (*ver infra*).

Os valores de TSAf C são mais altos em *Brigantium* e *Noville*, no Noroeste; em São Cucufate e *Tourega*, no interior sul da *Lusitania*; em Chãos Salgados (**ver anexo 1, tabela 23**), Tróia, Cardílio, Parreitas e *Conimbriga* – mas não na Ilha do Pessegueiro e nos sítios algarvios -, na costa centro-sul da *Lusitania*, e em *Cordoba*, no vale do Guadalquivir.

A TSAf C é a primeira *sigillata* africana a alcançar os sítios de *Aquae Flaviae*, *Iria Flavia* e *Vigo*, no Noroeste, e *Complutum*, na Meseta. No Noroeste, a TSAf C é dominada pela H50A, que se concentrou particularmente na região do Porto (Naveiro López, 1991, p.43). A TSAf C é abundante e variada em *Bracara Augusta* (Quaresma; Morais, no prelo).

Na *Britannia*, a TSAf A tardia não havia sido transaccionada, mas encontramos agora as H48 e 50A e B, o que indica uma capacidade comercial dinâmica da TSAf C, na segunda metade do século III e nos inícios do IV (Bird, 1977).

Em Chãos Salgados, é a partir de meados do século III que a produção da Bizacena ultrapassa a TSAf A (**ver fig. 117**). Este quadro configura, tendo em conta a referida crise da segunda metade do século III, uma certa capacidade comercial da TSAf C, em contra-ciclo com a conjuntura.

No século III, outra produção, mas da Zeugitânia, teve alguma dispersão: a TSAf A/D.

Tal como a TSAf C, foi capaz de atingir *Complutum*, na Meseta, com 2 exemplares de H32 (Fernández-Galiano, 1984), e a *Britannia*, com o mesmo tipo (Bird, 1977). Um possível fundo deste tipo encontra-se no Alto do Cidreira, na *Lusitania* (Nolen, 1988).

No vale do Guadiana, atingiu o Montinho das Laranjeiras, com 1 exemplar do tipo H27 (Coutinho, 1997), forma que chegou na mesma quantidade a *Cordoba*, no Guadalquivir (Sierra Fernández, 1995, p.149).

No litoral sul da fachada atlântica da *Lusitania*, Chãos Salgados adquiriu 4 exemplares de H31 e 1 de H17B e de H33, aos quais acrescem os de fabrico afim a A/D, como a H27 e 31, a *Ostia I*, 29 e a L52c, que se centram no século IV. Este conjunto de 15 exemplares torna Chãos Salgados, ao momento, o sítio ocidental com maior conjunto desta produção. Dois exemplares do tipo H33 alcançam a *Egítania* (Pereira, 2006, p.103). A Represas chegaram 5 exemplares de H31 (Lopes, 1994, p.71). A predominância da H31 neste último sítio e em Chãos Salgados relaciona-se certamente com o mesmo domínio em

24. Sobre o papel dos Vândalos neste período ver a análise de J. Arce (2002).



*Baelo*, onde constam 74 exemplares, seguidos de 30 da H32, 22 da H33 e 1 da *Ostia I*, 30 (Bourgeois; Mayet, 1991, p.228).

Em *Tarraco*, consta apenas 1 exemplar de H28, 32 e 33 (Aquilué, 1992a, p.933), mas em *Valentia* volta a dominar a H31, com quase uma dezena de exemplares, seguida pela H33 (Reynolds, 1984). Mesmo em Garganes, junto ao Cabo da Nao, os 0,28% da TSAf A/D adquirem alguma importância se comparados com as baixas percentagens de TSAf A e C da segunda fase de ocupação (ver anexo 2, tabela 57).

É este tipo H31 que também domina a produção de TSAf A/D nos contextos de século III, sobretudo da sua segunda metade, em *Turris Libisonis* (ver anexo 2, tabela 22).

Deste modo, a rota usada para a distribuição de TSAf C/E, no século IV (ver *infra*), remonta ao século III, provavelmente a meados, mas nesta altura sendo capaz de atingir *Tarraco* e a costa nordeste da Península Ibérica.

A TSAf C tem bons índices, como dito atrás, em *Baelo* e Chãos Salgados, onde a sua curva estatística ultrapassa a da TSAf A, em meados do século III. Na *Lusitania*, foi vendida numa média anual superior à da TSAf A, numa série de sítios referidos *supra*. Parece então que a produção da Bizacena do século III (C1/C2 de *Atlante*, 1981), encontrou no Estreito e no Atlântico uma boa área de mercado, algo que não se verifica com a mesma intensidade no Sudeste e Leste da Península. Em Almeria (ver anexo 7, tabela 2), a IMA de TSAf C é bem inferior à de TSAf A e, em *Valentia*, a estratigrafia demonstra uma total predominância da produção da Zeugitânia, nos níveis do segundo terço e último quartel do século III. O predomínio da TSAf C ressurgiu na cidade insular de *Ebusus* (ver anexo 2, tabelas 55g, 55h e 56), o que invoca uma rota vinda do Estreito, tendo novamente como ponto de desvio para Oriente, o Cabo da Nao. A Norte deste promontório, temos a situação enfraquecida de *Valentia*, onde apesar de tudo a H50 foi importante (Reynolds, 1984), mas uma nulidade de TSAf C em Morè, onde os 3 fragmentos pertencem a duas formas do século V (H74 e 75) e a uma apenas do século III, a Lamb. 9. (AA.VV., 1997, p.93; ver anexo 7, tabela 2). Em *Tarraco*, as TSAf C1 e C2 totalizam 109 exemplares, contra 278 de TSAf A2, e a segunda metade do século III representa um claro aprofundamento da curva de importação dos vasos africanos (Aquilue, 1992a).

Já *Valentia*, numa situação geográfica de transição, parece resistir melhor às quedas da *sigillata* africana entre 250 e 300 d.C., queda essa, nítida na curva de Almeria (ver figs. 118 e 119). O Sudeste parece ter tido uma posição titubeante, mas essencial para explicar o aparente predomínio da TSAf C no século III de *Ebusus*, mormente a sua nulidade nos contextos de século III de *Turris Libisonis* (ver anexo 2, tabela 22), onde os contextos desta época só contêm TSAf A e A/D, com a TSAf C a surgir integralmente nos contextos de século V, onde pontuam formas bem representadas como as H50A, 44 ou 48, que demonstram a residualidade (?) desta estratigrafia, fenómeno que não é contudo exclusivo desta ilha, como veremos a seguir. O naufrágio de Cabrera 3 (ver fig. 131 e anexo 2, tabela 33), por conter *sigillata* da Zeugitânia e da Bizacena, comprova a utilização da rota entre Ibiza e a Sardenha, em 257+ d.C., pelos mercadores da TSAf C, mas os dados de *Turris Libisonis* permitem questionar a importância desta rota, no século III, para a *sigillata* da Bizacena, que não a deveria usar para alcançar a Itália.

Neste sentido, a questão da sobrevivência da TSAf A até momentos tardios do século III, deve, por isso, ser debatida, algo para o qual já advertiram mais recentemente Reynolds (1995, p.15) e Bonifay (2004, p.157-159), este último, em particular sobre o tipo H15 (ver capítulo 3; Quaresma, no prelo d).

#### • A cronologia final da terra *sigillata* africana A

Nas Termas do Nadador, em *Ostia*, entre 190 e 200/225 d.C., a TSAf A/D tem 2,15%, a A 33,13%, a A1 8,9%, a A1/2 1,84%, a A2 26,69%, e a TSAf C apenas 3,99%; nas fases 2-4 da *Isola Sacra* – meados do século III -, a A2 tem 62,96%, a A/D 6,4%, e as C1 e C2, 0,67% cada uma.

Avançando um pouco mais no século III, a C1/C2 fortalece os seus quantitativos: em *Ostia*, entre 225/230-275-280 d.C., a africana A domina com 65,68%, contra 6,36 da A/D e 27,97 da C1/C2; situação semelhante no ambiente IV das Termas do Nadador, entre 240 e 280 d.C., onde a africana A soma 57,33%, a A/D 7,67%, e a C1 e C2 somam 5,05 % e 28,77% (Martin, 2006, quadros 5-8). Os quantitativos referentes a 225/230-275/280 d.C. possuem uma contabilidade distinta na primeira publicação sobre *Ostia* (Carandini; Panella, 1977). Nesta obra, os valores de TSAf A e C surgem equilibrados, com um ligeiro predomínio da produção bizacena, tanto no estrato 1 como no 2, cuja formação parece iniciar-se em meados do III e prolongar-se até finais do IV (ver anexo 2, tabela 35).

A área itálica terá assim um equilíbrio ou um predomínio da TSAf A, secundarizada por uma A/D que possui nesta região o seu mercado mais expressivo.

Na Agora de Atenas, num contexto de c.267 d.C., segundo Hayes (1980, p.481), a TSAf C2 é “quase exclusiva”, enquanto que segundo o mesmo autor, os depósitos de c.250 d.C. em Benghazi têm ainda uma boa representação de TSAf A.

No Mediterrâneo ocidental, a TSAf A é maioritária em quase todos os contextos.

No Nordeste da *Hispania*, em Roses, em depósito de finais do século IV, a TSAf C é escassa, mas a TSAf A conta com 31 exemplares; enquanto que o contexto de amortização do Cardo de *Illuro*, datado de c.475-500 d.C., contém TSAf A e C residuais: a TSAf A soma 13,2% e a TSAf C 3,3% C (ver anexo 2, tabelas 39 e 60).

Nos depósitos residuais, com datações largas baixo-imperiais, as situações variam: um pouco a Norte do Cabo da Nao, em Grau Vell, a TSAf A duplica a TSAf C, que inclui todas as fases C1 a C4, mas em Garganes, imediatamente a Sul do Cabo, tendem ao equilíbrio, com ligeiro predomínio da TSAf C (ver anexo 2, tabelas 37 e 57).

Em dois contextos do Nordeste, a TSAf C domina. No da muralha de *Gerunda*, entre 260 e 300 d.C., embora as percentagens não sejam muito distantes entre as duas (44 e 31%), e entre 250-275 d.C., em Ampúrias, onde depois de um claro domínio da TSAf A, na primeira metade do século, a TSAf C domina agora com 70%. Aliás, no contexto da Calle Apodaca, nº7, em *Tarraco*, entre 300-325 d.C, a TSAf A, possivelmente já residual, tem 16 fragmentos contra 41 da TSAf C (ver anexo 2, tabelas 38, 51 e 58). Apesar disso, tendo em conta a fraqueza da TSAf C em *Tarraco*, e sobretudo em Morè, como dito *supra*, o seu comércio no Nordeste peninsular deve ter sido algo heterogéneo.

Como já referido *supra*, a estratigrafia de *Valentia*, entre c.230-260 e c.275-300 d.C., demonstra uma hegemonia da TSAf A e alguma escassez dos produtos bizacenos, obrigando a considerar que os valores de TSAf C de Grau Vell se devam sobretudo ao século IV (ver anexo 2, tabelas 55g e 55h).

A Bizacena domina o depósito de século III de *Ebusus*, mas está, como dito *supra*, ausente dos contextos de século III de *Turris Libisonis* (ver anexo 2, tabelas 22 e 56), onde a TSAf A/D atinge uma expressão nítida.

Na costa atlântica lusitana, outros dois sítios invocam a perduração da TSAf A entre 250-300 d.C..

Na Ilha do Pessegueiro, a H14 tem ainda quantitativos significativos, nas camadas 4 e 3 do corte C e tanto nestas duas camadas, como na camada 3 do corte A, os fragmentos de TSAf A são largamente maioritários (ver anexo 2, tabelas 47 e 48).

Em Chãos Salgados a situação é dúbia. A TSAf C ultrapassa a TSAf A, em meados do século III, na curva estatística, mas no único contexto de século III avançado, com maior riqueza de quantitativos, o contexto 65, a TSAf A domina com 12 fragmentos de 5 tipos distintos, contra apenas 5 indetermináveis de TSAf C e 1 tipo de TSAf C/E. Na totalidade de contextos de século III pleno e inícios do século IV, contam-se as seguintes formas de TSAf A: H3C, H6C, mas sobretudo as H14A, H14, nº8, H15, H14B ou 15, variante larga, H14C, H27=L9a, H27=L9a2 e H26 (ou H27).

Forma	Contexto	Exs.	Cronologia
H3C	65	2	Séc. III pleno
H6C	27	1	Inícios do séc. IV
H14A	64, 68, 65	3	Séc. III pleno
H14, nº8	43	1	fim do séc. II/III
H14B(H15)	65, 50	2	Séc. III pleno
	23	1	Inícios do séc. IV
H14B ou 15, var. larga	48	1	fim do séc. II/III
	65	1	Séc. III pleno
H14C=L3b2	24	1	Inícios do séc. IV
H27=L9a	36	1	2ª met. do séc. II / III
	36	2	2ª met. do séc. II / III
H27=L9a2	27		
	29	3	Inícios do séc. IV
	31		
H26 ou 27	65	1	Séc. III pleno
	31	1	Inícios do séc. IV

Figura 127 - Chãos Salgados. Formas da TSAf A presentes em contextos tardios de consumo desta produção.

A TSAf C, pelo contrário, surge e toma de imediato a liderança do mercado, entre 230-250 d.C., no extremo oriental do Mediterrâneo, em Beirute, enquanto que nas primeiras 3 décadas da centúria, a pouca TSAf A parecia dominar sozinha (**ver anexo 2, tabela 40**).

Que conclusões retirar deste panorama?

Primeiro, a de que, entre 250 e 300 d.C., a TSAf A domina ou tende ainda a dominar no Mediterrâneo ocidental e poderá fazer do Sul da *Hispania* um ponto importante para a transição dos produtos para o mercado itálico, via Sardenha. Esta transição na *Hispania*, feita a Sul do Cabo da Nao, concorre com a competição da TSAf C, no Sudeste da *Hispania* e em Ibiza, mas já não na Sardenha. A produção da Bizacena poderá chegar à Itália, via Oriente, onde domina a TSAf C, ou sobretudo directamente da Tunísia. Esta rota directa é já referida por *Tacitus*, que diz unir África e Sicília, relacionada com *sordida mercies*, mercadorias de baixo valor (Tomber, 1993, p.147: *Tac.*, Ann. 4. 13. 2).

Via Sul da *Hispania*, as TSAf A e C alcançam bem a costa lusitana, no Atlântico. Os valores mais altos de IMA de TSAf C referidos para vários sítios desta província, como Chãos Salgados, significam, tendo em conta os contextos deste sítio e da Ilha do Pessegueiro, que se devem sobretudo ao século IV, como também retrata a escassez de TSAf C, no século III de *Valentia*?

Parece-nos assim que as *propostas cronológicas de Hayes (1972)* e do *Atlante (1981)*, com base em Atenas e em *Ostia*, não tinham ainda em conta que o comércio de TSAf C seria mais forte nestas áreas, entre 250 e 300 d.C., do que no sector ocidental do Império, e que, possivelmente assim, estejamos muitas vezes a datar precocemente parte do comércio de TSAf C1/C2, na área ocidental, onde ele será provavelmente mais intenso, sobretudo nos inícios do século IV, segundo várias das estratigrafias apontadas. Para além disso, este *paradigma oriental* datou precocemente o fim da produção de TSAf A, por volta de 250 d.C.. Na verdade, ele extingue-se a Oriente nesta época, mas prolonga-se mais 50 anos (?) a Oeste, em situações por vezes ainda de controlo de mercado. A raridade da TSAf A no Oriente é igualmente atestada por um estudo recente, abrangente, realizado por Ph. Bes (Bes; Poblome, 2009), dando conta que os tipos H3, 8, 14, 27, 31 e 32 (estes últimos de A/D) são escassos.

Para além disso, os dois únicos naufrágios de finais do século III / inícios do IV, com TSAf A, situam-se na área itálica ocidental, em *Femina Morta* e *Fontanamare* (**ver anexo 2, tabela 33**).

A produção da Bizacena dirige-se com mais força para um mercado em ascensão, o que parece ser uma decisão precoce, pois já domina em 230-250 d.C., em Beirute. Esta rota privilegiada poderá também ter sido condicionada pelos ventos e correntes dominantes (**ver fig. 84**), que ligam facilmente a Bizacena ao Oriente, enquanto que a produção setentrional se vocacionaria, na sua fase final, sobretudo para a metade ocidental do Império.

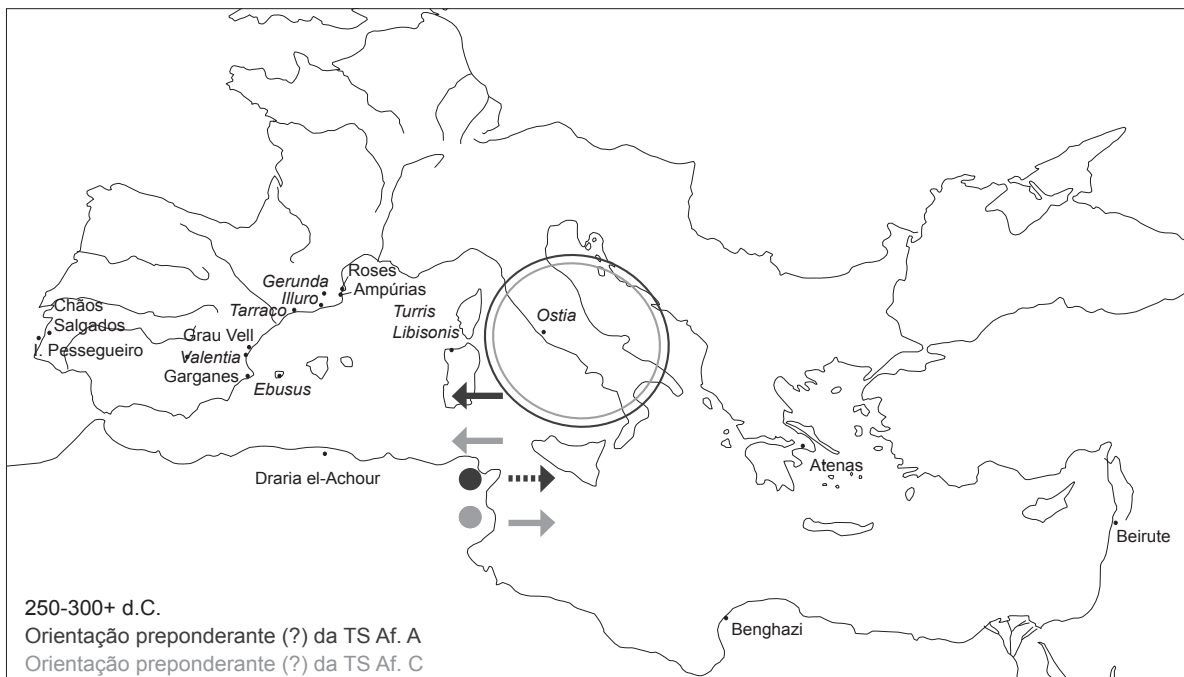


Figura 128 - Proposta de rotas predominantes da TSAf A e da TSAf C entre 250-300+ d.C..

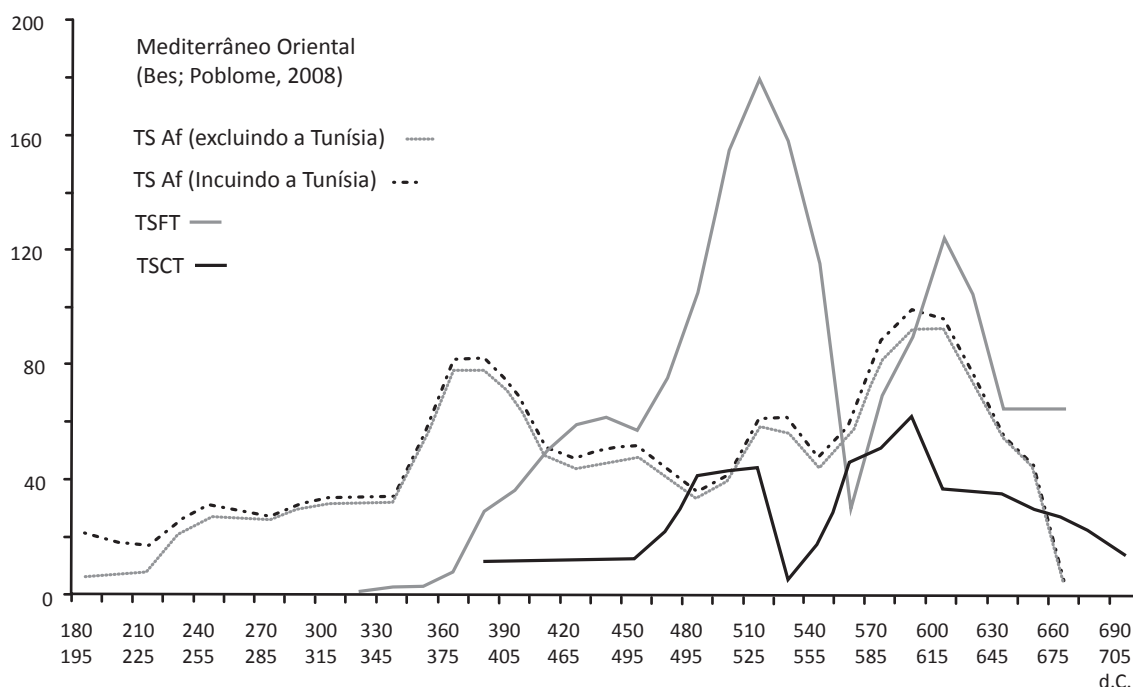


Figura 129 - Evolução da TSAf, TSFT e TSCT no Oriente (Bes; Poblome, 2008).

A crise de vendas de 250-300 d.C., recorrente nos sítios do Mediterrâneo ocidental (Fentress; Perkins, 1987; Panella, 1993, p.633, nota 77; Bonifay; Tchernia, no prelo; ver *supra*), não é tão intensa no sector oriental (ver fig. 129), onde as vendas, que vinham em crescendo, decaem suavemente. A crise de 250-300 d.C. será então um problema em maior grau do Ocidente, que vê nesta época o seu estatuto de centro de decisão económico transitar gradualmente para o Oriente, o que estará na base da futura capital em Constantinopla, fundada no ano de 330 d.C.. Esse período de 50 anos terá ditado o fim dos oleiros produtores de TSAf A, na Zeugitânia, e a ascensão das oficinas da Bizacena.

#### 4.2.2.4.2. c.275/300-450 d.C.:

##### o comércio da *terra sigillata* africana C3 de relevos aplicados, C tardia, C/E, E, C5 e D1

###### • O quadro do comércio de *terra sigillata* africana C tardia, C3 de relevos aplicados, C/E, E e D1

A TSAf C3 de Relevos Aplicados teve algum sucesso na *Baetica* e na *Lusitania*, província onde se destaca a importação de Tróia (Reynolds, 1995, p.16 e 110). É rara na Itália, apesar de frequente em Luni (Reynolds, 1995, p.110). Em *Ostia*, no estrato 1 do ambiente XVI, o tipo H52A - o subtipo liso da H52 - é a principal forma da Bizacena (ver anexo 2, tabela 36).

Na Península Ibérica, o tipo mais difundido desta produção decorada, H52B, produzido entre c.275 e 450 d.C., surge, embora sempre com poucos exemplares, em Munigua (Meyer; Basas; Teichner, 2001) e *Cordoba* (Sierra Fernández, 1995, p.150), no vale do Guadalquivir, e em diversos sítios da *Lusitania*. Nesta província destaca-se Tróia, com 23 exemplares deste tipo e outros 8 exemplares dos tipos H51B, 54, 55 e 53A (Pereira, 1974-1977); em Chãos Salgados, esta é a forma mais adquirida, seguida pelas H54 e H53A; em *Conimbriga*, para além de 4 exemplares de H52B, chegou também um outro de H54 (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, 253, n°s6, 24-27). Outros sítios lusitanos importaram esporadicamente este tipo: Torres Vedras (Sepúlveda; Sousa; Sousa, 2003, p.303) e Parreitas (Dias, 2008, p.96), na Estremadura, e possivelmente Tourega, no interior sul (Pinto; Viegas; Dias, 2004, fig.3). A H52B alcançou ainda a *Britannia* (Bird, 1977).

Os 41 exemplares de H52 e os 37 exemplares de H53 fazem de *Baelo*, novamente, um centro de consumo e de redistribuição primordial destes bens, na Península (Bourgeois; Mayet, 1991, p.270).



A H53, produzida entre c.350 e 450 d.C., apesar de melhor representada em Represas, no contexto lusitano, onde surge com 4 exemplares, mas liderados por 6 da H52 e ainda 2 da H51/52 (Lopes, 1994, p.78), foi sem dúvida menos pretendida nesta área ocidental da península: para além dos exemplares referidos de Chãos Salgados e Tróia, um outro subiu o Guadalquivir, até Munigua (Meyer; Basas; Teichner, 2001).

A TSAf C3 de Relevos Aplicados, à semelhança da TSAf C onde se insere, vendeu escassamente a Norte da região do Cabo da Nao: está ausente em Morè e apenas 11 exemplares chegaram a *Tarraco*; um exemplar de H52B surge em Roses (AA. VV., 1997; Aquilué, 1992a, p.818; **ver anexo 2, tabela 39**).

No *Portus Illicitanus*, apenas se conhece um exemplar de H54 (González Prats, 1984, p.125), mas, em *Valentia*, onde os relevos aplicados estão diagnosticados estratigraficamente, já no último quartel do século III (**ver anexo 2, tabela 55h**), a H53 sobrepõe-se à H52B, vendendo mais do dobro dos exemplares (Reynolds, 1984, fig.18.28), o que faz deste centro de consumo, único. No território valenciano, surgem no século IV, a H53, 52B e 54 (**ver anexo 2, tabela 59**).

Esta distribuição da H52B e H53A na *Hispania* indicia que a H52B tenha vendido preferencialmente para a área atlântica e que a H53A, a partir de c.350 d.C., tenha vendido preferencialmente para o arco mediterrânico, ambos os tipos tendo o Estreito, novamente, como possível eixo articulador. A partir de c.350 d.C., parece que este comércio de tipos decorados da Bizacena sofreu uma contracção, ficando mais limitado a aquém do Estreito.

Em *Turris Libisonis*, a H52 é superior à H53, nos níveis do século V, e são as duas formas mais importantes da TSAf C, a seguir à H50, nesta cidade da Sardenha (**ver anexo 2, tabela 23**). Por outro lado, nos meados do século IV ocorre a transferência do primado das exportações da Bizacena para o da TSAf D da Zeugitânia, tanto em Chãos Salgados, no Atlântico (**ver fig. 117**), como em Beirute, no Mediterrâneo oriental (**ver anexo 2, tabela 40**). A Oriente da Bizacena, em Benghazi, os tipos H52 e 53 são escassos (Kenrick, 1985, p.357).

Os meados do século IV assistem assim a uma contracção das vendas da Bizacena, quando a TSAf D fortalecia os seus índices, tanto no Oriente (**ver fig. 129**), como no Ocidente, incluindo alguns sítios lusitanos como *Conimbriga* e São Cucufate, mas não *Baelo*, que só retoma o seu consumo em larga escala nos finais da centúria (**ver figs. 116 e 118**). A importância da TSAf C3 de relevos aplicados na *Hispania*, nomeadamente do tipo H53, é por isso, bem reveladora da importância desta área na estratégia comercial da *sigillata* da Bizacena a partir de c.350 d.C..

Em Chãos Salgados, a queda da TSAf C tardia não é totalmente compensada por boas vendas da TSAf D e, a partir de c.350 d.C., a curva de importação de *terra sigillata* decai; mas este fenómeno tem razões de natureza regional distintas deste processo geral (Quaresma, 1999a, p.172).

O tipo Delgado, 1968, tav.III, nº1 - morfológicamente muito próximo da H67, designação com que normalmente surge publicado - produzido, entre c.370 e 450 d.C., em TSAf C tardia e em TSAf D1 (?), surge apenas no Mediterrâneo ocidental, na Itália e *Hispania*, segundo o *Atlante* (**ver capítulo 3**). Em Benghazi deve estar ausente (Kenrick, 1985, p.359). Os 5 exemplares de Chãos Salgados inscrevem-se na TSAf C tardia, de fabrico muito próximo da TSAf D1, para o qual usámos a designação do *Atlante*, de TSAf C4. Como dito *supra*, esta forma está bem representada em *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.264, pl.LXX, LXXI, nºs70-81), mas também em *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991, nºs119-125). A sua atribuição à TSAf D pode contudo ser objecto de revisão futura, pois é possível que pelo menos parte destes conjuntos sejam de fabrico da Bizacena, tal como em Chãos Salgados. Relembremos que este tipo não surge no principal centro de TSAf D1, o de El-Mahrine, onde apenas o tipo El-Mahrine 8.4 tem alguma inspiração em certos exemplares do tipo Delgado, 1968, tav. III, nº 1 (**ver capítulo 3**).

O tipo H73A, em TSAf C4 ou D1, surge nas Astúrias, em Gijón (Zarzalejos Prieto, 2005, p.172).

A subida da TSAf C deve-se, nos casos de Chãos Salgados (**ver fig. 116**) e de *Conimbriga*, à presença de TSAf C/E, igualmente da Bizacena. Esta produção é bastante importante em Chãos Salgados, durante a segunda metade do século III e ainda nas primeiras décadas do século IV e surge representada pelos tipos H45A, B, 58A, 46 e 44, o que faz de Chãos Salgados o sítio com a maior variedade (5 tipos) e quantidade (41 exemplares = 34 NMI) de TSAf C/E da *Hispania*. Em *Baelo*, onde esta produção está muito bem representada, constam as formas H46, com 15 exemplares, e H58A, com 2 exemplares (Bourgeois; Mayet, 1991; Reynolds, 1995, p.271).

Represas tem um total deste fabrico próximo do de *Baelo*, com 12 exemplares de H46, a forma mais representada no sítio bético (Lopes, 1991, p.78).

As formas distribuídas nos sítios da fachada ocidental da *Lusitania* e do vale do Guadiana apresentam semelhanças tipológicas com Chãos Salgados, que prolongam este comércio até ao terceiro quartel do século IV, a partir de c.300 d.C. mais litoral e sem alcançar as regiões setentrionais. O tipo H58A surge com um exemplar no Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1997, p.24), 4 exemplares em Chãos Salgados, 1 hipotético no Alto do Cidreira (Nolen, 1988) e outro em *Conimbriga*, de perfil idêntido aos de Chãos Salgados. Tal como neste sítio, em *Conimbriga* também surge o tipo H45A, de pasta vermelho-castanha, mas de engobe manchado, com 2 exemplares (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.256 e n.ºs 14, 15 e 28).

A dispersão geográfica da TSAf C/E, bem como a sua constância tipológica, fazem deste comércio, em relação à Península Ibérica, um vector de relação muito estreita com *Baelo*, já que não constam fragmentos em sítios bem estudados como *Tarraco* (Aquilué, 1992a). Surge contudo em *Valentia* (Reynolds, 1984), na costa leste, onde poderá haver 1 exemplar de H46 e 12 de H58A. É rara em Alicante (5 exemplares) e volta a estar melhor representada em *Turrís Libisonis*, na Sardenha (Reynolds, 1995, p.16; **ver anexo 2, tabela 23**).

Esta dispersão invoca uma rota procedente da Bizacena, via *Baelo* e Cabo da Nao, com rumo a *Turrís Libisonis*, mas possivelmente sem ter como objectivo final a Itália, e via *Baelo* com destino à *Lusitania*, no que respeita à TSAf C/E entre 275/300 e 375 d.C..

Nesta época, a TSAf E, também da Bizacena, vendeu bastante pouco. É ainda superior à TSAf D, nos meados do século IV de Beirute, mas desaparece após c.350 d.C. (**ver anexo 2, tabela 40**). Em *Benghazi* está também mal representada, por dois exemplares do tipo H68 (Kenrick, 1985, p.359).

No Ocidente, a TSAf E revela um comércio sempre de muito fraca importância.

Em Garganes equivale a 0,60%, valor alto se tivermos em conta que a TSAf C deste sítio representa apenas 11,23 % (**ver anexo 2, tabela 57**), embora, em *Valentia*, apenas surja escassamente a H62A (Reynolds, 1984, fig.18.28). *Baelo* assume-se de novo como o principal centro de consumo, com 15 exemplares de H68, 14 de H70 e 1 de H69 (Bourgeois; Mayet, 1991; Reynolds, 1995, p.271). A ausência em *Morè*, mas sobretudo em *Tarraco* (AA. VV., 1997; Aquilué, 1992a, p.818), invoca pois um percurso em direcção à Sardenha, onde os tipos H62, 68 e 69 estão presentes (**ver anexo 2, tabela 24**).

Na área atlântica, está bem representada em *Munigua*, pelos tipos H70, 70/71 e 68 (num total de 8 exemplares: Meyer; Basas; Teichner, 2001), leque que condiz com o de *Baelo*. Na *Lusitania*, não surge em *Represas* (Lopes, 1994), sítio que tendia a acompanhar os leques formais de *Baelo*, no que respeita às produções menores tunisinas (*ver supra*, acerca da TSAf A/D e C/E). Chãos Salgados é o sítio melhor representado, com 5 exemplares de difícil classificação, onde constam a H45 ou a H46. A H68 surge no vale do Guadiana, com 2 exemplares no Montinho das Laranjeiras (Coutinho, 1997, p.24), e, no litoral, a H68 surge com um exemplar em *Sines* (Silva; Coelho-Soares, 2006, p.120) e no Noroeste, em *Vigo* (Fernández Fernández; Soto Árias, 2008; Fernández Fernández, 2011).

Na Península Ibérica, a TSAf D apresenta valores de IMA superiores aos das TSAf C, de um modo geral (**ver anexo 7, tabela 2**). *Baelo* duplica e *Tarraco* decuplica. Na *Lusitania*, *Represas* e *Conimbriga* duplicam e *Tróia* quase triplica. Um pequeno conjunto de sítios peninsulares desce os valores. Situam-se todos na *Lusitania*: Quinta do Marim, Castro Marim, Ilha do Pessegueiro e Chãos Salgados, São Cucufate, Tourega, Cardílio e *Egitania*.

A TSAf D atinge pontos de toda a área peninsular (Alonso Sánchez; Fernández Ochoa, 1988, fig.14), incluindo alguns do interior. *Segobriga* e *Valeria* fazem do rio Júcar uma via de penetração para Alcalá de Henares, Carranque e *Segobriga*. Mallén e Baños de Valdearados terão sido fornecidos via Ebro.

*Complutum* quintuplica o valor de IMA, em face do de TSAf C, num comércio que deverá ter-se restringido a c.300-420 d.C., com os tipos H59B, 50B, 58, 67, 59B e 61A (Fernandez Galiano, 1984), tal como *Lucus Augusti*, mas com um repertório mais reduzido: H58B, 59A e B (Carreño Gascón, 1995, lám.1, n.ºs2-3, 5 e 6).

Este conjunto tipológico, ao qual podemos acrescentar ainda a H91A e B, domina muitos sítios peninsulares, nomeadamente na área atlântica, descrevendo uma curva de importação forte até inícios do século V (**ver figs. 116-119**). Mesmo em áreas meridionais interiores, como *Cordoba*, é este leque tipológico que domina e a mesma situação estende-se a *Emerita Augusta* ou ao vale médio do Ebro, a Norte (Sierra Fernández, 1995, p.159 e 160; Vasquez de la Cueva, 1985).

Nesta época, o tipo H67 alcança a *Britannia* (Bird, 1977).

A rapidez com que este comércio se impõe, nos inícios do século IV, fica demonstrada pela presença importante do tipo H58B, não só nos sítios interiores referidos, mas também noutros, litorais ou

mais próximos do litoral, com destaque para *Baelo* (366), *Tróia* (129), *Conimbriga* (94), *Represas* (61), *São Cucufate* (36), *Portus Illicitanus* (25), *Valentia* (c.12) e *Scallabis* (10) (Bourgeois; Mayet, 1991, p.293; Etienne; Makaroun; Mayet, 1994, p.43; Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.261; Lopes, 1994, p.82; Alarcão; Etienne; Mayet, 1990, p.48; González Prats, 1984, p.125; Reynolds, 1984, fig.12-28; Viegas, 2003, p.167). Em Chãos Salgados é mesmo o tipo mais importante, com 30 indivíduos.

A H58B chega ainda de forma esporádica a Montinho das Laranjeiras, Tourega, *Ammaia*, Alto do Cidreira e Parreitas, na *Lusitania*; Munigua, *Cordoba* e *Carteia*, na *Baetica*; Roses, Morè e *Portus Sucronem*, na costa leste (Coutinho, 1997, p.24, Pinto; Viegas; Dias, 2004, fig.3, Pereira, 2006, p.58; Nolen, 1988; Dias, 2008, p.96; Meyer; Basas; Teichner, 2001; Sierra Fernández, 1995, p.152; Roldán Gómez; et Al., 2006, p.476; Nieto Prieto, 1993, p.89; AA. VV., 1997, p.93; Rosselló Mesquida, 2007, p.307).

É possível ainda que a variante precoce da H91 esteja presente em *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991, n.ºs279-280; Quaresma, 2008b, figs.1 e 6).

A primeira metade do século IV, com a introdução da TSAf D1 da Zeugitânia, é uma época de retoma das exportações destas cerâmicas africanas (**ver figs. 116-119 e 129**). Assim acontece de um modo especial em vários sítios do Ocidente, dos quais temos de excluir *Valentia* e *Baelo*, apesar de mesmo este último revelar uma ligeira subida. Na *Lusitania*, as exportações do século IV são mesmo o pico mais alto de toda a História do centro industrial de Tróia, o segundo maior pico de Chãos Salgados e o terceiro maior em São Cucufate.

A queda das exportações da Bizacena, por volta de meados do século IV, tem reflexos bem evidentes em Chãos Salgados, onde a TSAf D1 não tem capacidade de compensação dos níveis de abastecimento. Já anteriormente havíamos feito referência a uma possível conjuntura regional que inclui Chãos Salgados e a Ilha do Pessegueiro (Quaresma, 1999a, 171 e 172). Este último sítio apresenta mesmo um decréscimo das importações na primeira metade do século IV e é dos poucos sítios peninsulares onde o valor de IMA da TSAf D é inferior ao da TSAf C (**ver anexo 7, tabela 2**).

É possível que esta conjuntura regional do Sudoeste da *Lusitania* tenha sido motivada pelas dificuldades de recuperação dos índices de importação de *Baelo*, no Estreito, desde c.250 até c.400 d.C.; contudo, isso não impediu que outros sítios lusitanos já referidos fortalecessem o seu comércio nesta altura. A este conjunto de sítios meridionais devemos acrescentar *Conimbriga*, mais a Norte, num fenómeno abrangente (Mantas, 1990) que inclui o Noroeste galaico, em particular *Bracara Augusta* (Martins; Delgado, 1989-1990, p.30), onde a TSAf D é extremamente abundante e variada (Quaresma; Morais, no prelo). Mesmo em Vigo, os valores de IMA de TSAf D são superiores aos de TSAf C (**ver anexo 7, tabela 2**; Fernández Fernández, 2011).

Na segunda metade do século IV, vários mercados lusitanos incrementam a sua importação: *Conimbriga*, *São Cucufate* e talvez *Represas*, embora *Baelo* pareça decair ligeiramente, como acontece de forma nítida em Chãos Salgados, embora permeada por uma recuperação nos anos 360-370 d.C.. Este incremento comercial da TSAf D é particularmente forte na área mediterrânica ocidental: neste conjunto de sítios, até *Valentia*, que vira as suas importações decair entre c.300-350 d.C., participa agora desta nova dinâmica ascendente.

O Oriente (**ver fig. 129**) sobe os seus valores a partir da década de 330 d.C., o que coincide com a fundação de Constantinopla e, tal como no Ocidente, entre c.350-400 d.C., aumentam bastante as cifras de importação de TSAf D1, agora acompanhadas por um novo comércio, já forte nesta área, de produtos focenses tardios.

Entre c.420 e 500 d.C., acresce ainda o comércio de TSAf C5, da Bizacena, pelos tipos H82-85, com clara vocação para o mercado oriental, sobretudo Atenas e Egípto, embora esteja ausente em Constantinopla, segundo Reynolds (1995, p.26). Contudo, na segunda metade do século V, a TSAf C5 e a C/D (Sidi Khalifa) dominam igualmente o mercado de Marselha (Bonifay, 2004, p.457).

A H85 está melhor representada na Itália e em Marselha (Reynolds, 1995, p.26). Ausente de *Valencia* (Reynolds, 1984, fig.18.28), a TSAf C5 é escassa em *Tarraco* (Aquilué, 1992a, p.818). O tipo H84 surge com um exemplar em Munigua (Meyer; Basas; Teichner, 2001).

A mesma forma atinge Vigo (Fernández Fernández; Soto Arias, 2008; Fernández Fernández, 2011); enquanto a H82 tem 6 exemplares em *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.257) e os tipos H82 e 84, cerca de uma dezena em *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991, p.276 e 301). É escassa em *Turris Libisonis*, onde surge pelos tipos H84 e 85B, em contextos de 425-460 d.C. (**ver anexo 2, tabela 23**).

Sobre a difusão da TSAf C5 voltaremos a falar no **capítulo 4.2.2.4.4**.



### • A instabilidade das décadas centrais do século V

Ao crescimento do século IV segue-se, no comércio tunisino, um quadro de redução comercial, cujas variantes convém especificar. Se atentarmos nas mesmas imagens, reparamos que a redução deste comércio é mais precoce a Oriente, onde, na charneira do século IV para o V, a TSFT ultrapassa a *sigillata* africana.

As últimas décadas do século IV e as primeiras do século V são mesmo o ponto mais alto das importações africanas em Sperlonga, Monreale, *Valentia* e Almeria. Nesta época, dá-se finalmente a retoma de *Baelo* e, nas primeiras décadas do século V, *Conimbriga* e Chãos Salgados, na *Lusitania*, recuperam novamente. Nas palavras de Reynolds (2005, p.415), “the early fifth century, particularly its second and third decade before the Vandal invasion of Africa, marked a period of major exchange throughout the Mediterranean” (ver figs. 116, 118 e 119).

O período de c.420/430-450 d.C. (vândalo inicial) é de queda acentuada das importações, sobretudo nos sítios ocidentais, queda esta que é contínua na maioria dos sítios, ao longo do século V. Exceptua-se Alicante, sempre em ascensão, e, em certa medida, *Baelo*, com retoma a partir de c.475 d.C..

Esta crise de importações é menor, embora também sentida, a Oriente, onde o período de c.420-450 d.C. é de estagnação das importações de *sigillata* africana e de TSFT. Contudo, enquanto que a partir de c.450 d.C. as exportações de TSFT voltam a subir, as exportações de TSAf D decrescem até ao último quartel do século V (ver fig. 129).

A tese de Jones (1953), referida *supra*, com base nos preços de carne de porco de 419 e 452 d.C., defensora de uma deflação a Ocidente e de inflação a Oriente, na primeira metade do século V, tem assim aparente reflexo na *terra sigillata*. A produção africana, integrada na Prefeitura da Itália, enquanto que a *Hispania* ficaria na Prefeitura da Gália, a partir de Diocleciano (Remesal Rodríguez, 1983, p.115), terá sofrido o efeito de uma possível deflação no Ocidente, enquanto que a produção de TSFT teria outro impulso pela inflação que este autor supõe a Oriente.

O período vândalo, inicial e médio, entre c.430-475 d.C., embora a tomada definitiva de Cartago ocorra em 439 d.C., tem sido alvo de várias teorias explicativas.

Fulford (Fulford; Peacock, 1984, p.107-113) definiu uma recessão nas oficinas zeugitanas para este período. Para além de uma contracção comercial visível em vários sítios de consumo, defende que neste período os *ateliers* africanos criam poucas novas formas e que só um número reduzido de estampas se encontra em contextos desta época, em Cartago.

Tortorella (1987, p.301; 1998, p.47-50) defende tese contrária. Para este autor, a conquista vândala não produziu efeitos relevantes na produção e difusão da *sigillata* africana, embora reconheça uma difusão mais limitada no Ocidente e no Egipto, a partir de 450 d.C., segundo a cartografia de fundos decorados de Mackensen (1993, p.657 e fig.128) e um gradual declínio comercial que se circunscreve mais a Cartago do que ao espaço imperial.

Para Reynolds (1995, p.17), vários mercados tradicionais, tanto na Itália, como na *Hispania*, são agora marginais, e destaca dificuldades de contactos com a África vândala, a Oeste de Cartagena. Neste sentido, veja-se como Alicante continua em ascensão e mesmo *Tarraco* desce os seus índices, mas de uma forma menos acentuada (ver fig. 119); na área de Cartago Nova, o incremento comercial recua em meados do século IV, e as formas desta centúria são as mais representadas – H61, 67, 91 e 59 -, mas, na área do teatro romano, os períodos posteriores têm até quantitativos de TSAf D mais fortes (Méndez Ortiz; Ramallo Asensio, 1985, quadro 1; Ramallo Asensio; Ruiz Valderas; Berrocal Caparrós, 1996, p.150).

A estagnação formal e decorativa de El-Mahrine e restantes centros da TSAf D, no período vândalo inicial e médio, com o apogeu, embora comedido, da TSAf C5, denuncia, para Bonifay (2003, p.122) uma deslocação de oleiros para a Bizacena.

#### 4.2.2.4.3. c.350-500/550 d.C.:

#### o comércio da *terra sigillata* hispânica tardia, DSP e *terra sigillata* luzente

Nos séculos IV, V e primeira metade do VI, a produção de *terra sigillata* hispânica tardia teve uma boa dispersão peninsular, em particular na parte setentrional.

Domina em Iruña / *Veleia*, na região de Alava, onde também se importou TSAf C e D, mas sobretudo



do DSP do Sul da *Gallia*, entre o último terço do século IV e o século V, segundo as estratigrafias deste e de outros sítios da região (Fillooy Nieva; Gil Zubillaga, 1997, p.338 e 342).

Na parte sul da península, a TSHT teve pouca presença, embora a Drag. 37t chegue a Granada (Moutinho Alarcão, 1958, p.63). Esta presença é escassa, o que explica que em *Cordoba* nem sequer surja. Nesta área do Guadalquivir, a concorrência da congénere do Sul, a “*terra sigillata hispânica tardia meridional*”, explica também esta ausência (Sierra Fernández, 1995, p.160; Orfila, 1993). A TSHT é assim ausente nos sítios de Munigua, na mesma bacia hidrográfica, e esta ausência é particularmente clara na costa sul, bética e lusitana: *Baelo*, *Balsa*, Castro Marim e *Ossonoba* não possuem TSHT, embora os dois primeiros tenham importado alguma DSP, tal como Tróia, que também possui escassa luzente (Meyer; Basas; Teichner, 2001; Bourgeois; Mayet, 1991, p.370; Viegas, 2006b; 2008; 2009; Magalhães, 2010).

*Baelo*, *Portus Illicitanus* e *Segobriga* têm os maiores índices de *sigillata* luzente, o que denuncia uma fraca capacidade de penetração no interior desta produção mais precoce (c.250-400 d.C.), se tivermos em conta que *Segobriga* usufrui do rio Júcar como importante via de acesso à costa leste, desde o Alto-Império (ver *supra* e **anexo 7, tabela 2**).

A produção de derivados paleocristãos de *sigillata*, entre finais do século IV e inícios do VI, atinge o maior nível de IMA, exactamente em *Baelo* e na costa nordeste, em Morè, embora um outro sítio setentrional, mas interior, o de *Tiermes*, faça parte dos sítios com maiores índices, o que revela uma maior capacidade comercial desta segunda produção gálica.

Na faixa oeste da península, a TSHT teve uma dispersão apreciável até ao interior sul da *Lusitania*.

No Noroeste, foi mais importante do que as DSP, em Vigo. Em *Bracara*, a TSHT é hegemónica e a DSP escassa. Em *Brigantium*, nem houve importação de DSP (**ver anexo 7, tabela 2**).

*Conimbriga* foi o sítio lusitano com maior importação e apresenta uma boa gama tipológica: Drag. 37t, P. 9/11, P. 11, Hisp. 4, P. 8, 6, 2, 1, 3 (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, est.LXXXII-LXXXVI). Se nos territórios setentrionais parece dominar a Drag. 37t e a P. 4, como demonstra Terronha de Pinhovelo, já a Sul de *Conimbriga*, embora também se verifique uma boa gama tipológica, o domínio da Drag. 37t é claro, como acontece na área de Fronteira (Magalhães, 2007, p.12; Carneiro; Sepúlveda, 2004, p.447). Em *Scallabis*, para além da Drag. 37t, soma-se as Drag. 15/17, Hisp. 5 e 73 (Viegas, 2003, p.196). Em sítios de menor importação de TSHT, como Chãos Salgados, a única forma adquirida é a taça Drag. 37t: assim acontece no Alto do Cidreira, *Olisipo* (?), Tourega e Montinho das Laranjeiras (Nolen, 1988, p.61; Sepúlveda; et Al., 2002, p.253; Pinto; Viegas; Dias, 2004, fig.3; Coutinho, 1997). No estudo que estamos a encetar na *Ammaia*, o conjunto do sector Porta Sul é hegemonicamente dominado pela Drag.37t, mas a Hisp. 7 e a P.4 possuem vários exemplares, seguidos então por formas escassas, como a Lud.Tb, Hisp. 82A, P.2, P.4 e Ritt. 8A.

A produção do Ebro não terá alcançado a *Lusitania* (na *Ammaia* – sector Porta Sul -, há apenas dois exemplares, mas da produção intermédia, tipos Drag.27 e Ritt. 8), embora ainda esteja bem representada em Terronha de Pinhovelo, na vertente norte da bacia do Douro, onde representa 32% (Magalhães, 2007). A produção do Ebro é mesmo algo maioritária em face da duriense, em *Bracara Augusta*, onde a primeira totaliza 471 exemplares e a segunda 417 (Morais, no prelo), o que poderá significar um escoamento da produção do Ebro via litoral norte, pelo que chegaria com mais força a *Bracara*, mas não tanto a Terronha do Pinhovelo, no interior, onde a produção duriense, com provável difusão terrestre, domina. A presença maioritária de produtos do vale do Ebro em Iruaxpe III, no País Basco, reforça esta ideia (Azkarate; Nuñez; Solaun, 2003, p.335).

A produção do Douro está presente na Beira Alta, em Nespereira (Diogo, 1982, p.269), e é hegemónica em *Conimbriga* (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.318), pelo que se deduz que seja a produção comerciada na *Lusitania*, confinando os produtos do vale do Ebro à faixa setentrional (e oriental?) da *Hispania*. Em Chãos Salgados, o único fragmento de TSHT, tipo Drag. 37t, provém das oficinas do Douro.

No Sul da *Lusitania*, a TSHT domina um contexto formado entre c.350 e as primeiras décadas do século V, na Quinta das Longas (Elvas), onde a quantidade de TSAf é escassa, com um exemplar de H91B (Almeida; Carvalho, 2005, p.316).

Na costa nordeste, a escassa TSHT vendida em Ampúrias (1 fragmento) data-se do segundo quartel do século VI, pelo que pertencerá aos momentos finais desta produção. A escassez de TSHT é recorrente na costa a Norte do Ebro, o que confirma e até denuncia um aumento, no Baixo-Império, das dificuldades sentidas pela TSH no Alto Império, em vender nesta área, onde, para além da TSAf D, prioritária, as produções gálicas são muito fortes desde meados do século IV. Entre c.350 e 450 d.C., a TSLuz

é superior às DSP; enquanto que, a partir de c.480 d.C., ambas tendem a um equilíbrio, até ao fim deste segmento comercial, em meados do século VI. Em Ampúrias, por volta de 450 d.C., tende a desaparecer a produção de DSP do Languedoc, restringindo-se a proveniência às oficinas da Provença, o que denota uma contracção geo-económica nesta época (**ver anexo 2, tabela 66**; Llinas i Pol, 1997, p.163).

Mais próximo da desembocadura do Ebro, em *Tarraco*, os valores de TSHT aumentam um pouco, tal como acontecia com a TSH no Alto-Império. Em 425-450/460 d.C., o domínio das DSP sobre a TSLuz é muito claro em *Tarraco* (numa situação mais expressa do que em Ampúrias), quando a TSHT é ainda escassa; em 440-450 d.C., as DSP são mais de 2 vezes superiores à TSLuz e à TSHT, que fortalece agora um pouco as suas vendas; em 475-500 d.C., as DSP mantêm o seu domínio, a posição de TSHT é estável, mas a TSLuz decai bastante (**ver anexo 2, tabelas 62 e 64**). Neste último período, os dados contraditórios parecem revelar buscas de mercados entre os vários produtos sudgálicos, já que também entre c.475-500 d.C., em *Illuro*, as DSP não constam e a TSLuz possui 7,6%. Repete-se apenas a fraca presença de TSHT, com 1,6% (**ver anexo 2, tabelas 60**).

Na área valenciana, em *Cullera*, a escassa TSHT é toda dos tipos Drag. 37t e Ritt. 8 e encontra-se em níveis de 400-450 d.C., a par das DSP e de escassa TSLuz (Rosselló Mesquida; Cotino Villa, 2005, p.144; Rosselló Mesquida, 2007, p.307). Contudo, se analisarmos o contexto de 425-450 d.C. de *Portus Sucronem*, na área valenciana, constatamos que a Sul do Ebro, nesta época, e ao contrário de *Tarraco*, a TSLuz é ainda mais importante do que as DSP e a TSHT tem aqui, tal como no Alto-Império, uma área de expansão: representa 5,5% (**ver anexo 2, tabela 68b**).

A TSHT só atingiu Cartago Nova no século IV, sobretudo na sua segunda metade, embora sempre em pouca quantidade. No século V é esporádica (Méndez Ortiz; Ramallo Asensio, 1985, p.253; Ramallo Asensio; Ruiz Valderas; Berrocal Caparrós, 1996, p.153).

No *Portus Illicitanus* e na Ilha de Cabrera, as DSP estão presentes, mas não a TSHT nem a TSLuz (González Prats, 1984, p.133; Riera Rullan, 2005, p.198).

Este panorama estratigráfico peninsular valoriza o século IV, sobretudo a sua segunda metade, como época de maior potencial comercial da TSHT, segundo os dados de Cartago Nova e da Quinta das Longas, com uma quebra na primeira metade do século V, segundo a estratigrafia de *Tarraco*, exactamente na época em que terá ocorrido uma possível deflação no Ocidente do Império (c.420-450 d.C., pelo menos), na esteira de Jones (1953) e quando se verificam contracções comerciais das DSP e da TSAf D (*ver supra*). Os dados de *Tarraco* demonstram uma retoma das vendas de TSHT na segunda metade do século V, o que permite que surja pela primeira vez em Ampúrias, nos inícios do século VI. O século V (segunda metade?) será também a grande época de expansão da Drag.37t canónica, com o estilo 2, segundo os dados de *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010).

Parece-nos lícito concluir que a recessão tunisina proposta por Fulford (Fulford; Peacock, 1984; *ver supra*), entre 425-475 d.C., encontra paralelos na TSHT e nas DSP do Sul da *Gallia*. Mas sobre este tema voltaremos a falar *infra*.

#### • A cronologia final da *terra sigillata* hispânica tardia

Em c.550 d.C., o estrato III das escavações da muralha de Gijón (Alonso Sanchez; Fernández Ochoa, 1988, p.349) possui vários fragmentos decorados e fundos de TSHT, em conjunto com um exemplar de H104A/B, com decoração do estilo E(i) de Hayes (1972).

Em *Caesaraugusta*, está bem representada num estrato da escavação do solar da Calle Jaime I, 48-52. Com muita Drag.37t com o segundo estilo decorativo, possui TSAf D, tipos H87 e 104A. Um exemplar de H104A2 (variante de Bonifay, 2004, p.183; Paz Peralta, 2004, p.33, fig. 1, nºs 18-19) data o estrato, não tanto no primeiro quartel do século VI, mas sim no segundo quartel.

Em *Bracara Augusta*, segundo R. Morais (2010, p.442), constata-se bastante Drag. 37t com os estilos 1 e 2, e as Palol 5 e 4, nas U.E.s posteriores ao século V das termas. As U.E.s de abandono da *Insula* das Carvalheiras (século VI) são ricas em Drag.37t e o repertório de importações continua largo: Ritt.8, Hisp.5, 7, 50, 83A, Palol 2, 4, 9/11 e 13.

Em *Augusta Emerita*, na escavação do Subúrbio Norte, há também evidência de c.550 d.C.: a U.E. 1003 possui um fragmento de hispânica tardia e a U.E. 1001 contém 13 fragmentos (Bustamante, 2010, p.428), acompanhados por um exemplar de H104B (variante de Bonifay, 2004, p.182).

#### 4.2.2.4.4. c.450/475 d.C.-século VI (e século VII): uma sinopse

- **Alguns problemas metodológicos para a cronologia da *terra sigillata* africana. Os autores e o debate.**

Um problema na argumentação cronológica para o século V/VI tem sido o do recurso às fontes históricas para datar contextos arqueológicos, partindo de datas históricas prévias, fornecidas pelas fontes escritas, para a datação dos próprios contextos e espólios correspondentes.

Tal é aplicado por Fulford (Fulford; Peacock, 1984, p.36-42), nas escavações inglesas de Cartago, onde recorre a dois pontos fixos: a construção da muralha de Teodósio, em 425 d.C., e a da muralha de Belisar, em 533 d.C.. Segundo Mackensen (1993), a identificação mais perniciosa é a primeira das duas. Para este autor, a estrutura F200, nomeadamente a sua unidade 2.1, é um depósito com datações de finais do século V ou inícios do VI, contendo H93, 99, 91, 103-106 (estas duas são 12% do conjunto), 70/94, 80/81. É considerada cerca de 100 anos mais tardia do que a unidade inferior, A1.1, datada de finais do século IV ou inícios do V, mas contendo pouca *sigillata* africana, e de classificação interrogada como H61 ou H104 (Fulford; Peacock, 1984, p.36). Assim, poderá nem se relacionar com os níveis prévios à construção da muralha de 425 d.C., como pensam os autores ingleses, mas tão somente ser parte daquilo que Mackensen (1993, p.392-393) pensa ser, não um fosso defensivo, mas antes uma vala de extração de materiais, efectuada nos inícios do século VI, nunca se tendo alcançado, na escavação arqueológica, os níveis antigos desse suposto fosso de 425 d.C..

Também nas escavações italianas acontece uma situação algo semelhante. Na primeira apresentação que se fez desses dados, a muralha de 425 d.C. esventra uma primeira necrópole, na qual não foram detectadas moedas de época vândala. Uma segunda necrópole está adossada à muralha, e esta necrópole já contém abundantes moedas de época vândala. Esta diferença qualitativa entre as necrópoles, bem como o facto de os espólios parecerem posteriores ao do estrato 1 do ambiente XVI das Termas do Nadador, em *Ostia*, leva os autores a estabelecer uma diferenciação para as necrópoles com um ponto central de 439 d.C., data da conquista vândala de Cartago (Tortorella, 1982, p.133-135). Contudo, estes níveis da primeira metade do século V (**ver anexo 2, tabelas 17, 18, 35 e 36**) revelam igualmente materiais mais recentes, embora em pouca quantidade: H94 e 104, no nível de 420-430 d.C., e H99 e 104 no nível B da primeira metade do século V. No caso das escavações italianas parece ter-se alcançado realmente os níveis de fundação da muralha teodosiana, explicando-se o surgimento destes tipos mais recentes como o resultado de perturbações posteriores, também devidas a fossas de captação de materiais (Mackensen, 1993, p.390).

A mesma situação deve explicar o facto de surgir cerca de uma dezena de exemplares de H103, no depósito de finais do século IV ou inícios do V, no circo da mesma cidade, escavado pela missão americana (**ver anexo 2, tabela 19**).

Nos depósitos de cronologia mais avançada no século V (segundo e terceiro quartéis), com espólios de alguma homogeneidade, o surgimento de tipos, cuja cronologia inicial de fabrico está apontada já para os finais do século V ou inícios do VI, é uma questão de resolução mais difícil, que conduz os autores a uma de duas situações: ou à interpretação desses tipos novamente como intromissões posteriores, ou a aceitação de uma cronologia inicial mais recuada para essas formas, que supostamente só ocorreriam no século VI. A deambulação entre estas duas opções fez com que as propostas cronológicas do tipo H99 tivessem variado desde meados do século V até inícios do VI (ver exposição de M. Bonifay: Bonifay, 1998; Bonifay; Carré; Rigoir, 1998, p.362).

Vários contextos de centros de consumo ocidentais demonstram que estas formas típicas do século VI surgem escassamente infiltradas em contextos de pleno século V, mas que a sua produção começa no último quartel do mesmo, pelo menos, no que respeita à H99.

No nível de amortização da cisterna de Sa Mesquida, na ilha de Maiorca, datada da primeira metade do século V, há escassa H99 (Orfila, 1989, p.518); nos depósitos dos decénios centrais do século V, de *Schola Praeathonum* I, há H103A e 104A; no *forum* de *Tarraco* há H94 e 99 e na fase V e mesmo na fase VI de *Turris Libisonis*, há H93, 94, 99 e 104 (**ver anexo 2, tabelas 21, 24 e 61**).

A provável intromissão de tipos mais recentes em contextos mais antigos parece bem expressa, por exemplo, nos níveis viários de San Martí de Ampúrias, onde, na fase IVa (350-450 d.C.), surge 1 exemplar de H99, contra 26 exemplares do mesmo tipo no nível seguinte, IVb (480-inícios do século VI d.C.) (Llinàs i Pol, 1997, p.151-154; **ver anexo 2, tabela 66**).

O nível de amortização do *cardo* de *Illuro*, datado no último quartel do século V, contém H87A, 94A e 104A (Cela Espín; Revilla Calvo, 2005, p.204; **ver anexo 2, tabela 60**).

O último caso deste âmbito temporal é o famoso nível de 465-468 d.C., em *Conimbriga*, associado à destruição da urbe nas guerras suevo-visigóticas, descrita pelo Bispo *Hydatius* de Chaves (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p. 270; Tranoy, 1974, mapa 2; Maciel, 1996, p.61). Mackensen (1993, p.385-387) aborda criticamente a datação deste nível, em particular a unidade XLI, com H97, 103B, e, mais importante, 104A e 110, e a unidade XLV, que possui H99. Considera-os níveis de século VI, ou pelo menos, níveis mal conservados, que foram alvo de perturbações ou misturas posteriores que invalidam uma cronologia segura. A própria destruição e o abandono de *Conimbriga* estão hoje postos em causa pelos dados arqueológicos mais recentes, que comprovam a sua sobrevivência ao longo da Idade Média (De Man, 2006, p.146 e ss.).

### • O quadro do comércio de *terra sigillata* focense tardia e cipriota tardia

Entre 450 e 550 d.C., a TSFT demonstra a existência da ligação Oriente-Atlântico, já referida por Reynolds (1995, p.35) e revela um comércio que abrange muito menos a costa sul do Mediterrâneo ocidental e mais homogeneamente, apesar de em fraca quantidade, a costa norte.

Só muito raramente atinge o Mediterrâneo ocidental no século IV, quando os tipos H2 e 3A-B surgem na Itália, em San Giacomo degli Schiavoni (Reynolds, 1995, p.35). Ao contrário do vinho, que nesta altura ainda não chega ao Atlântico, a TSFT alcança já os sítios de *Olisipo* e Monte da Cegonha (**ver anexo 2, tabela 43**), pelo tipo H2, que também surge na costa bética, em Málaga (H2C? – classificação insegura: Serrano Ramos, 2005, fig.4), mas não em *Baelo* (Bourgeois; Mayet, 1991, p.374). Em Vigo, apesar da existência de H1 e 2, a TSFT encontra-se ausente dos contextos da primeira metade do século V (Fernández Fernández, 2010, p.380; Fernández Fernández, 2011). Em *Bracara Augusta*, o quadro da TSFT é semelhante, mas possui um exemplar de Çandarlı Ware, tipo H4, com cronologia de fabrico do século III, encontrada num contexto da segunda metade do século IV (Quaresma; Morais, no prelo).

É rara em Cartago e inexistente na Tripolitana e na Tingitana. Pelo contrário, é frequente em Ravena e sobretudo no Sudeste da Itália e Sicília. Na costa norte mediterrânica descreve um arco, pelo menos até Marselha (Reynolds, 1995, p.35).

Não está presente na estratigrafia da Carretera de San Martí de Ampúrias (**ver anexo 2, tabela 66**), embora exista nesta cidade, bem como em *Barcino* (Jarrega Dominguez, 1991, p.85). Em *Tarraco*, é escassa em meados do século V e o seu comércio inicia-se apenas em c.475 d.C., quando passa a representar c.8% das cerâmicas finas (**ver anexo 2, tabelas 62 e 64**). Ainda rara em *Valentia* (Reynolds, 1995, p.35), a sua dispersão é maior no Sudeste (Reynolds, 2005, p.418), mas sem deixar de ser escassa, ao contrário das ânforas vinárias orientais. Em Cartagena estende-se até finais do século VI (Ramallo Asensio; Ruiz Valderas; Berrocal Caparrós, 1996, p.153). Nesta cidade e em *Portus Sucronem*, o repertório limita-se à H3 (Méndez Ortiz; Ramallo Asensio, 1985, p.256; Rosselló Mesquida, 2007, p.307; Rosselló Mesquida; Cutillo Villa, 2005, p.144).

*Baelo* possui o repertório mais variado: H3C, D, F, 6 (?), 8 e 10. A presença de H10C estende este mercado até meados do século VII, ou seja, mais 50 anos do que em Cartagena (Bourgeois; Mayet, 1991, p.374-375 e fig.CXX, nº44).

A forma H10 não surge na *Lusitania*, que centra o seu consumo entre c.450 e c.500 d.C.. O maior mercado consumidor lusitano foi *Conimbriga*, seguido pelo Cerro da Vila, *Myrtilis*, Tróia, *Ossonoba*, *Balsa*, região de *Olisipo* e *Bracara Augusta*, já na *Galaecia* (**ver anexo 2, tabela 43**), ao qual falta anexar *Olisipo* (cidade), por falta de dados publicados, já que, na península de Lisboa, a sua difusão é acentuada (31 exemplares, com hegemonia da H3, mas com 1 exemplar de H8: Sousa, 2001). O seu comércio foi de cariz litoral, com uma penetração importante no vale do Guadiana, chegando a *Myrtilis*, mas também ao Monte da Cegonha (Coutinho, 1997; ver Sousa, 2001, p.221 e Fernández Fernández; Soto Árias, 2008, fig.7; Fernández Fernández, 2011), e a muitos pontos interiores secundários, sobretudo no Sul (Fabião, 2009). *Augusta Emerita*, bem servida de TSAf D, não o foi contudo de TSFT, que escasseia (alguns exemplares de H3, no sector *Suburbio Norte*: Bustamante, 2010).

Domina o tipo H3, nas variantes do último terço do século V, sobretudo B e C, mas este comércio mantém-se até finais do século V e inícios do VI, com um provável incremento entre 475 d.C. e inícios do século VI, espelhado pelo tipo H3E, mas também pelas variantes F e H.



Em *Myrtilis*, 5 exemplares são de H3C, 1 de H3E e 1 de H3F. Em Milreu, existem os tipos H3C, D, F e H (Teichner, 2008, est.129, F112-115 e est.169, F4,5).

Em *Conimbriga*, 50% do espólio pertence às variantes H3B e C e 30% à variante 3E (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.285). Na costa sul, a H3F surge em Loulé e Marim, Olhão (Pereira Maia, 1977) e a H3E (?) na foz do Arade, Portimão (Silva; Coelho-Soares, 1987, p.208).

Em Chãos Salgados estão presentes os tipos H3C (1), 3E (1) e 3H (1). Em Tróia, os tipos H3B (1), H3C (5), H3E (2) e H3F (1) (Pereira Maia, 1973) e no Alto do Cidreira, os tipos H3C (2) e H3E (1) (Nolen, 1988) demonstram uma ligação geográfica e tipológica com o mercado conimbriguense.

A H3E tem 1 exemplar nas Astúrias, na costa norte peninsular (Zarzalejos Prieto, 2005, p.173). A variante H3E, a par da H3F, é também a mais importante no Sudeste peninsular, em Cartagena (Reynolds, 1995, p.35).

Os tipos H8 e 5 (até princípios e meados do século VI, respectivamente) surgem no Cerro da Vila, *Myrtilis*, *Olisipo* (e arredores), *Conimbriga* e *Bracara Augusta*.

Os sítios peninsulares com maior IMA de TSFT diagnosticada são, de longe, *Baelo*, e na fachada atlântica, *Conimbriga* e *Bracara Augusta*, com importações que se centram muito nos finais do século V, embora atinjam c.550 d.C. (**ver anexo 7, tabela 2**). Contudo, a TSFT supera a TSAf D, numa única região do Ocidente: o Noroeste hispânico. Em Vigo, onde as cerâmicas finas tardias são abundantes, a TSFT conta com 47,23% e a TSAf D com 36%. Domina a forma H3 (86% da TSFT), embora o quadro tipológico seja extenso: H1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Os contextos da segunda metade do século V e primeiros decénios do século VI são dominados pela H3, seguida pelas H1, 5, 6 e 8 (Fernández Fernández, 2010, com abordagem preliminar ao trabalho de doutoramento sobre as importações tardias da cidade, mais extensa em Fernández Fernández, 2011).

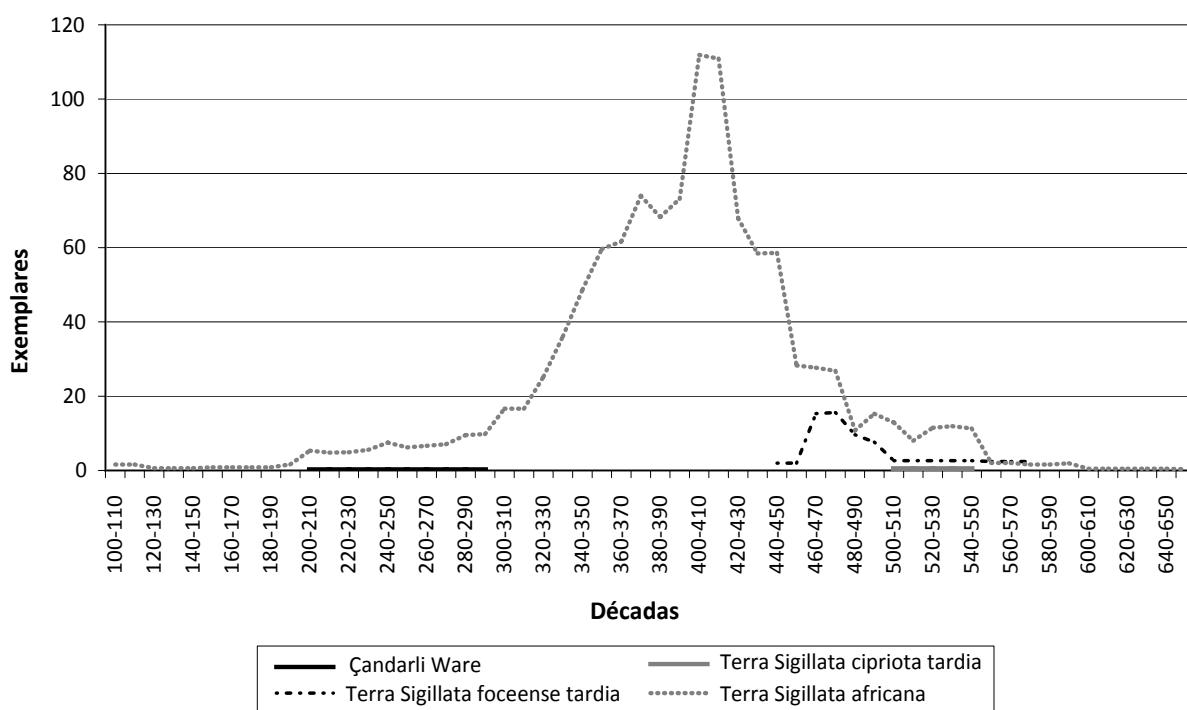


Figura 130 - *Bracara Augusta*. Evolução cronológica das importações finas tardias (Quaresma; Morais, no prelo).

Em *Bracara Augusta* parece ocorrer um quadro intermédio, se compararmos a decadência lusitana com a pujança crescente de Vigo, porto de ligação na rota com vista à *Britannia*. A capital da *Galaecia* possui um primado contínuo da TSAf D, mas, nos momentos finais do século V, em face do decréscimo acentuado das importações africanas, a TSFT parece competir durante algum tempo, de igual para igual, com a congénere africana.

Em Vigo, a TSFT ultrapassa a TSAf D no século VI. A H10 suplanta a H3 a partir da segunda metade do século VI (Fernández Fernández, 2010; Fernández Fernández, 2011). Para além de *Baelo*, Vigo é o único sítio ocidental onde surge o tipo H10, pelo que o comércio de Vigo termina essencialmente na mesma altura do do Estreito, em meados do VII. Esta é também a cronologia final do comércio de TSFT na *Britannia*, região onde a TSFT é superior à TSAf, tal como em Vigo (Bonifay, 2004, p.458), mas particularmente importante entre 460 e 550 d.C., como na *Lusitania*. A H10C, em menor quantidade, pertence aos momentos finais desta linha (Reynolds, 2010, p.107).

E. Campbell (2007, p.14) inventariou 62 exemplares de TSFT na *Britannia*, com os tipos H3C (12 exs.), H3D (1 ex.), H3C/E/F (9 exs.), H3E (11 exs.), H3F (4 exemplares) e H3E/F (4 exs.). Segundo este autor a forma H10 não existe, mas antes a H3E/F, o que faria este comércio terminar em c.550 d.C., ao contrário da opinião de Reynolds (2010), acima referida.

A *terra sigillata* cipriota tardia (**ver anexo 7, tabela 2**) teve um comércio mais heterogéneo no Ocidente, onde se faz representar quase exclusivamente pela H2, da segunda metade do século V (Reynolds, 1995, p.36). Este tipo surge na costa ocidental peninsular, em *Myrtilis*, *Bracara* (tipo H1/2) e Vigo (Delgado, 1992; Fernández Fernández; Soto Árias, 2008; Fernández Fernández, 2010; Fernández Fernández, 2011; Quaresma; Morais, no prelo). Na costa oriental, também surge o tipo H3, no Nordeste (Járrega Domínguez; Clariana Roig, 1994) e o tipo H8, em *Portus Sucronem*, na área valenciana (Rosselló Mesquida; Cotino Villa, 2005, p.144).

Este comércio escasso de TSCT contraiu-se, assim, por volta de 500 d.C., já que o tipo H8, datável do século VI, não se encontra na fachada ocidental. A incapacidade da TSCT em atingir o Atlântico demonstra-se pela presença exclusiva do tipo H2 em *Baelo*, contrastante com a variedade da TSFT neste sítio do Estreito (Bourgeois; Mayet, 1991, p.376). Mesmo em Vigo, as suas percentagens nos contextos estudados por A. Fernández Fernández (2010, p.379; Fernández Fernández, 2011) variam entre escassos 1 e 4%.

- **O quadro do comércio de *terra sigillata* africana**

- **c.450-550 d.C.**

A crise dos decénios centrais do século V, definida por Fulford (Fulford; Peacock, 1984), entre 425-475 d.C., é questionada por Tortorella (1998, p.43 e 50), quanto à sua cronologia final, já que a reestruturação da *terra sigillata* africana, com novos tipos que serão vendidos entre a segunda metade do século V e 530-550 d.C., não é ainda possível de precisar, podendo ter acontecido entre 450-460 ou 470-480 d.C.. Para Tortorella, é a segunda hipótese a mais plausível.

A partir de meados do século V, a transferência do primado económico do vale do Mejerda (TSAf D1) para o vale do Miliane (TSAf D2) (Bonifay, 2003, p.121-123), onde, desde 470-480 d.C., começou a laborar o principal centro produtor, em Oudhna (Mackensen; Schneider, 2002, p.128), não terá sido um processo linear e poderá ter colidido com as linhas comerciais existentes.

O período de c.475-535 d.C. é considerado de retoma por Reynolds (1995, p.28) e, de facto, alguns sítios indicam uma nova curva ascendente das importações de TSAf D: *Baelo*, Almeria, Alicante, *Valentia*, Sperlonga, ou *Caesarea*. A situação é de declínio provavelmente em *Tarraco*, no Nordeste da *Hispania*, e seguramente nos sítios atlânticos desta península, o que confirma uma menor capacidade comercial para alcançar mercados lusitanos, após c.450 d.C. (**ver figs. 116-119**). Vários mercados italianos são agora secundarizados: Luni, Nápoles e mesmo Roma (Reynolds, 1995, p.28). Contudo, a costa oriental hispânica demonstra um conjunto grande de áreas com vitalidade, ao qual se juntam as Baleares e, na *Gallia*, Marselha (Reynolds, 1995, p.28). Por outro lado, a existência da rota atlântica é, como já dito, confirmada também pelo ressurgimento da TSAf D na *Britannia*, com o tipo H103-104 (Fulford; Peacock, 1984, p.113; Reynolds, 1995, p.28).

Se atentarmos na estratigrafia de *Tarraco* (**ver anexo 2, tabela 42**), o período de 450-475 d.C. parece ser de aceleração das importações africanas de *terra sigillata*, confirmada pelos índices de 475-525 d.C., semelhantes aos de 400-450 d.C..

Nas estratigrafias de Marselha, Ampúrias e *Tarraco* (**ver anexo 2, tabelas 31, 61, 63 e 66**), constatamos que a TSAf D2 é já dominante em Marselha, em c.450 d.C., quando ainda é minoritária em Ampúrias

(Llinas i Pol, 1997, p.163) e escassa em *Tarraco*. Em Ampúrias, é só a partir de 475 d.C. que a TSAf D2 domina, enquanto que, em *Tarraco*, entre 475 e 500 d.C., a TSAf D1 continua maioritária, devendo perder este estatuto na viragem do século. Temos assim uma progressão cronológica da TSAf D2 a partir da costa gálica para o Nordeste peninsular, o que pressupõe que os produtos do vale do Miliane tenham chegado gradualmente à *Hispania* através da Itália (ou da Gália), provavelmente aproveitando rotas comerciais mais antigas já utilizadas por produções com as quais tem afinidades tecnológicas, como a TSAf A/D, cujo mercado mais importante era a Itália (ver *supra*). A situação imprecisa desta produção A/D na Tunísia, mais provavelmente entre a Zeugitânia e a Bizacena, pode ter aberto portas ao comércio da TSAf D2, mais nordestina, em conjunto com a TSAf C5 (da Bizacena), cujos índices, nos finais do século V, crescem em Marselha, através dos tipos H82, 84 e 85 (ver anexo 2, tabelas 29 e 30 e Bonifay, 1983, p.312).

A esta produção maioritária acresce ainda, entre fins do século V e o século VI, a escassa exportação de Sidi Khalifa (TSAf C/D: ver capítulo 3), presente pela forma H88, em *Valentia* (cerca de 2 exemplares: Reynolds, 1984, fig.18.28) e em *Baelo* (6 exemplares), onde também se constata a variante de Sidi Khalifa da H91 (Bourgeois; Mayet, 1991, p.302 e n<sup>o</sup>s286 e 288; Quaresma, 2008b, p.496 e fig.6), datada por Bonifay (2004, p. 40 e 203), na primeira metade do século VI.

Em Marselha, nesta época, a maioria das lucernas africanas são da Bizacena, tal como acontece na Itália. Na segunda metade do século V, o domínio do mercado massaliota de *sigillata* deixa de pertencer à TSAf D1 e passa para a TSAf D2, suplantada, nos finais da centúria, pela TSAf C5 da Bizacena e C/D de Sidi Khalifa (sobretudo com o tipo H61B). Também a nível anfórico a K8B da Bizacena é dominante. Só no segundo quartel do século VI o domínio é transferido para a *sigillata* da Proconsular (TSAf D2), com os tipos H95-99 e 91C, acompanhados pela TSAf C/D (H88) e pelo atelier X (pelos tipos H104; estilo E(ii)), enquanto que ao nível anfórico o domínio se transfere para Nabeul (Bonifay, 2004, p.454-457).

Este quadro evolutivo permite ao autor supor uma rota de fornecimento dos produtos africanos via Gália e nomeadamente Marselha, algo já evidenciado pelas rotas dos naufrágios de Dramont E e Port-Miou, na primeira metade do século V (Bonifay; Tchernia, no prelo), na sequência da redução da importância dos portos de Arles e Narbonne, desde meados do século V (Pieri, 2005, p.151).

O próprio papel da DSP, notado por M. Bonifay (2004), é esclarecedor desta rota de acesso à *Hispania*, já que, como dissemos no capítulo 4.2.2.4.3, no mercado de Ampúrias, a partir de 450 d.C., a Provença passa a ser a única região de origem de DSP (ver anexo 2, tabela 66; Llinas i Pol, 1997, p.163).

Com alguma heterogeneidade, temos assim um movimento comercial de produtos das costas nordestinas da Tunísia para o mercado provençal que explica o sucesso da TSAf C5 e da TSAf C/D na Provença, em finais do século V, quando a TSAf D2 já domina claramente no Nordeste hispânico (e nas Baleares: Bonifay, 2004, p.457), parecendo confinar as outras duas produções essencialmente ao mercado provençal. É só no segundo quartel do século VI que a TSAf D2 estende o domínio à Provença e se torna hegemónica.

#### • A fachada atlântica

Em 1991, J. Jarrega distingue dois períodos na distribuição da TSAf D na *Hispania*: entre 350 e 450 d.C., em que esta produção atinge vários pontos do interior, como vimos *supra*, e entre 450 e 550 d.C., no qual se assiste a uma clara litoralização do comércio.

A *Lusitania* é bastante afectada pela conjuntura de meados / terceiro quartel do século V, à qual não terá sido alheia a instabilidade derivada das contendidas suevo-visigóticas, da década de 60 (Tranoy, 1974, mapa 2).

No interior sul da província, S. Cucufate e Represas terão atingido ainda os inícios do século VI, graças aos tipos H87 e 99, na primeira *villa*, e aos tipos H94 e 103, na segunda (Alarcão; Etienne; Mayet, 1990, p.48; Lopes, 1994, p.82). No litoral, a Ilha do Pessegueiro não ultrapassa c.450 d.C. (H59, 61B, 91 ou 92: Silva; Soares, 1993, p.113). Sítios que prolongam a sua vida pela Antiguidade Tardia, como Sines (H67/71: Silva; Coelho-Soares, 2006, p.120) e a Courela dos Chãos (H61B e 91: Coelho-Soares, 1987, p.193), parecem interromper a compra de TSAf D em c.450+ d.C.. Chãos Salgados ainda possui escassas H87A, 80/81 e L59=H79, fabricadas em D2, seguramente na segunda metade do século V.

Vários sítios litorais, ou com facilidades de acesso ao litoral, estendem as aquisições de TSAf D até ao segundo quartel do século VI, embora com índices fracos: ao nível urbano e rústico, *Ossonoba* (H99,

103A, 104A: Viegas, 2009), Milreu (H104B: Teichner, 2008, est.169, F3), Cerro da Vila (H88A de TSAf C/D e H91C e H104A2 de TSAf D; Teichner, 2008, est.200, F9, F10 e F14), Montinho das Laranjeiras (H104A: Coutinho, 1997, p.43), Alto do Cidreira (H103B e 104A: Nolen, 1988) e Parreitas (H91C: Dias, 2008); ao nível industrial, Lagos (H91C e D, 99B e 104A: Ramos; Almeida; Laço, 2006, p.93), Tróia (terceiro quartel do século VI (?): H96, 97 e 104/105 – Etienne; Makaroun; Mayet, 1994, p.43) e Comenda (H104A: Trindade; Diogo, 1996, p.8).

Em *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010, p.190-194), a U.E. [1063] possui TSFT, tipo H3B (est.25, nº 3) e é datável por uma H99B (est.25, nº 4) a partir do segundo quartel do VI (Bonifay, 2004, p.181).

Na U.E. 1001, posterior, o exemplar da est.38, nº 6, do tipo Fulford 101.2, tampa datada de 475-500/520 d.C. (Fulford; Peacock, 1984, p.81) e a H87A da est.39, nº 4 (H104B, na variante de Bonifay, 2004, p.182), datada de meados / segunda metade do século VI, acompanham uma TSFT, tipo H8 (est.25, nº 3), da segunda metade do século V (Hayes, 1972, p.342).

A U.E. 1003 contém TSFT, tipo H3F, datável da primeira metade do século VI (Hayes, 1972, p.338), TSAf D, tipo H99A (est.40, nºs 2 e 8) da mesma época (Bonifay, 2004, p.181) e tipo H104A1 (est.40, nº1) de finais V / primeiro terço do VI (Bonifay, 2004, p.182).

A estratigrafia do subúrbio norte de *Augusta Emerita* reforça a existência de um comércio de origem mediterrânica de cerâmicas finas, que alcança 550+ d.C., embora em franco declínio desde c.450 d.C..

O estudo de A. Vasquez de la Cueva (1985) espelhava já este quadro, com tipos do século IV / primeira metade do V, H58B (nºs69-73), H59A (nºs74-76), H59B (nºs77-82), H60, nn.1-2 (nºs84-86), H61A (nºs87-89, 91-92, 94-95), H62 (nºs90-91, 100), H63 (nº101), H67A (nº104) e um leque bem menor de materiais do século V pleno, com os tipos H67B (nºs102-103, 105-110), H76 (nº112), H56 (nº115-117), H91 A e B (nºs119-124).

Os únicos estilos decorativos são os de século IV / meados do V, A(i), (ii) e (iii) de Hayes (1972) e estão ausentes tipos importantes do século V, como a H61B, 87 e 80/81. Nos finais do século V / primeiro quartel do VI importa-se H99A (nºs 125-126), H97 e H104A1 (variante de Bonifay, 2004, p.183).

A partir de meados do século VI as importações africanas tornar-se-ão escassas também nos sectores noroeste (excepto Vigo) e norte da *Hispania* (e provavelmente também em *Olisipo*, a Sul, embora a ausência de estudos mantenha uma névoa sobre este importante porto).

Em *Bracara Augusta* (ver fig. 130; Quaresma; Morais, no prelo; Martins; Delgado, 1989-1990, p.32), as principais formas são as H58 e 59, bem como as H61, 67 e 73, num panorama forte até meados do século V, embora ainda importante nos finais do século V, com as H91 A e B e 80/81. Contudo, nesta época a TSAf D está em declínio nítido: as H99, 97 e 103 são poucas, embora pareça haver alguma estabilidade durante a primeira metade do século VI. O fim deste comércio em c.550 d.C. está representado pela H106. Neste século VI, o mercado, embora em declínio, diversifica-se, contudo, com os tipos H104A2 e o estilo E(ii), em TSAf D1, acompanhados por vários tipos de TSAf C/D (também presente em Vigo: Fernández Fernández; Soto Árias, 2008; Fernández Fernández, 2011): H87A/88, H91, Fulford 65, H103B, 104A2, 104B, estilos E(i) e E(ii) (bem como estilos do século IV/V: A(i)-(ii) e A(ii)-(iii)). Em menor número, o atelier X (TSAf D2) chega também à capital da *Galaecia* de forma nítida: tipos H87A/88, 103B, 104A2 e 104A3.

Em Gijón, há 10 exemplares desta centúria (Aquilué Abadias, 2003, p.16), dos tipos H91C, 99 e 104 (Zarzalejos Prieto, 2005, p.172), situando-se um exemplar do tipo H104A/B, com decoração do estilo E (i), em contexto de c.550 d.C., composto por vários elementos de TSHT (Alonso Sánchez; Fernández Ochoa, 1988, p.349).

No interior bético, as importações terminam igualmente em meados do século VI, em *Cordoba* (H91C, 93A e estilo E (i)-(ii): Sierra Fernández, 1995, p.152) e em *Munigua* (H91C, C/D, 92: Meyer; Basas; Teichner, 2001).

Entre 541-543 e 570 d.C., vários focos de peste, associados à própria instabilidade militar (Nieto Prieto, 1984, p.547; Ward-Perkins, 2005, p.179), poderão estar na base desta contracção comercial (Reynolds, 1995, p.31), eminentemente regional, já que os meados do século VI são de retoma em África, após a conquista bizantina (Panella, 1993, p.675). Na análise estatística de E. Zanini (1996, p.677, 683-684, figs. 5-8), o número de naufrágios volta a crescer no século VI, nomeadamente a partir de finais do século V e até c.550 d.C., sendo que a área bizantina é já hegemónica no século V e este domínio acentua-se ainda mais no século VI (são poucos os naufrágios localizados no Ocidente nesta época), com reflexos no próprio consumo itálico, nomeadamente em Roma, a partir de meados dessa centúria.



- O pós-c.550 d.C.

A venda de TSAf D na costa oriental peninsular volta a decair em meados do século VI: acontece assim, em *Valentia*, *Tarraco* (**ver fig. 119**) e *Portus Sucronem*, mas também nas Baleares. Vários deles demonstram, contudo, a manutenção de redes comerciais com a TSAf D até à primeira metade do século VII: H105, 107, 109 (?), na Ilha de Cabrera (Riera Rullan, 2005, p.197); estilo E(i) e (ii) em *Pollentia*, na ilha de Maiorca (até finais do VI: Martin, 1978); estilo E (ii), H87C/109 espatulada, 99C, 104, 105, 106, 108 em *Portus Sucronem* (Rosselló Mesquida, 2007, p.307; Rosselló Mesquida; Cotino Villa, 2005, p.143); H105, 107, 108, 109, em Cartagena e região respectiva (Méndez Ortiz; Ramallo Asensio, 1985, quadro 1); H104C, 105, 106, 107, 108, 109, 110, em *Valentia* (Reynolds, 1984, fig.18.28); H104C, 105, 106, 107 e 109, em *Tarraco* (Aquilué Abadias, 1992a, p. 932). A primeira metade do século VII apresenta 49 exemplares de TSAf D, na estratigrafia de Roses: H91D, 99C, 104C, 105, 107, 108, 109 e 111 (Puig i Griessenberger, 1998).

Segundo Aquilué Abadias (2003, p.14), a TSAf D tem, neste quadro, uma ampla difusão na costa oriental e Baleares, sentida, em particular, nas cidades que mantiveram as estruturas políticas e religiosas, como foram Ampúrias, *Barcino*, *Tarraco*, *Valentia*, *Illici*, Cartagena ou Málaga.

Em Almeria e *Baelo* a situação é análoga: decréscimo em c.550 d.C. e sobrevivência das importações até à primeira metade do século VII (**ver figs. 118 e 119**). Na segunda cidade observa-se o estilo E (ii) e as formas H105, 106, 107, 108, 109, 110 e 111 (Bourgeois; Mayet, 1991, p.293). A importação em Málaga parece terminar 50 anos antes, por volta de 600 d.C., com peças decoradas pelo estilo E(ii) (Serranos Ramos, 1986-1987; 1995), tal como em Carteia, onde se verifica o tipo H105 (Hayes, 1972, p.169 e 222; Roldán Gómez; et Al., 2006, p.476).

Na costa central da *Lusitania*, *Scallabis* e *Conimbriga* só interrompem definitivamente este processo, nesta altura, meramente pontual, na primeira metade do século VII: H104B e 110, na segunda, e H110, na primeira (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.266; Viegas, 2003, p.167). Na costa sul, *Balsa* possui H104A2, 104B, 105 e 109 (Viegas, 2009).

Para além de Vigo (Fernández Fernández, 2011), a importação de TSAf D, até ao século VII, na rota atlântica, é comprovada igualmente pelos dados de Bordéus, com H90, 90B, 105, 109A (Bonifay, 2004, p.457). Contudo a *Britannia*, que importa TSFT até ao século VII, deixa de importar TSAf D em meados/segunda metade do século VI (Reynolds, 2010, p.108: rara H104B ou C).

E. Campbell (2007, p.17) propõe que o quadro cronológico das importações se TSAf D na *Britannia* se centre entre 475 e 550 d.C.: os 32 exemplares inventariados correspondem aos tipos H91C (4 exs.), Fulford 50 (4 exs.), Fulford 52 (2 exs.), H96 (1 ex.), H99 (4 exs.), H103 (3 exs.) e H104 (6 exs.), aos quais acresce um exemplar de H88, em TSAf C/D.

#### 4.2.2.5. O papel da *Lusitania* no comércio alimentar. Algumas leituras possíveis.

- O quadro do comércio anfórico de origem lusitana

O comércio anfórico do Baixo-Império evidencia mudanças estruturais geo-económicas nas quais a *Lusitania* ganha uma nova dinâmica no âmbito peninsular. No quadro mediterrânico, cuja evidência empírica tem sido bem trabalhada por P. Reynolds (2000; 2005; 2007; 2009), parece manter-se contudo a sua raridade, mesmo tendo em conta que em vários estudos se denota a incapacidade de distinção pelos autores dos fabricos lusitanos dos restantes hispânicos. As principais conclusões do autor anglo-saxónico são as seguintes:

As ânforas lusitanas chegam a Beirute, entre os séculos II e IV (Reynolds, 2000, p.1043). Nos séculos III e IV, a par das béticas, que as superam ligeiramente, têm uma presença pequena, na qual se destaca a *Keay XVI*. O comércio lusitano parece, no entanto, terminar um pouco mais cedo, em finais do século IV, enquanto que os produtos béticos ainda alcançam o extremo oriental do Mediterrâneo nos inícios do século V (**ver anexo 2, tabela 71**). Em meados do século III, a raridade das ânforas lusitanas em áreas centrais e orientais do Mediterrâneo é bem expressa pela estratigrafia de Butrint (actual Albânia): 1 exemplar em milhares de fragmentos, onde também rareiam as ânforas peninsulares (Reynolds, 2010, p.42).

No século IV, exemplares de Almagro 50, béticas ou lusitanas, estão presentes em Luni, na Itália. Em *Turrus Libisonis*, na Sardenha, a Almagro 51c, com as mesmas origens, encontra-se em níveis de iní-

cios e de meados do século V (García Vargas, 1998, p.249). No século V, em *Portus Sucronem*, na área valenciana, estão presentes as Almagro 51a-b e 51c lusitanas e a Almagro 51c bética (Rosselló Mesquida; Cotino Villa, 2005, p.149).

Se atentarmos na evolução do comércio anfórico bético-lusitano de *Ostia* e Roma, deparamo-nos com uma contracção na primeira metade, ou inícios, do século V e o primado do comércio de preparados de peixe a partir de finais do século III, quando o azeite perde a primazia (**ver anexo 2, tabela 70**). Contudo, segundo Reynolds (2005, p.385) outros dados arqueológicos comprovam a continuidade da importância do azeite bético, enquanto segmento do comércio estatal: cerca de 6000 exemplares de Dressel 23 béticas estão inseridos na construção do Arco de Maxêncio, em 309 d.C..

Apesar disso, o comércio oleário bético estava realmente em queda durante o século IV, ao contrário do de preparados de peixe. Parece ser assim em *Tarraco*, mas também na *Britannia*, embora em inícios do século V ocorra um recrudescimento do azeite bético, em vários sítios do Mediterrâneo ocidental (Arles, Narbonne, Roma, *Tarraco* e *Barcino*) e na própria *Britannia* (**ver anexo 2, tabela 74**; Reynolds, 2005, p.385).

Em vários mercados confirma-se uma certa visibilidade dos preparados de peixe lusitanos: no século IV, em Arles e Narbonne, os produtos lusitanos e béticos equivalem (Reynolds, 2005, p.385), mas em *Hispalis*, na própria *Baetica*, os preparados lusitanos são quase 50% das importações, acompanhados ainda por vinho que iguala os quantitativos do congénere bético, até 450 d.C. (**ver anexo 2, tabela 67**).

Esta competitividade lusitana, eminentemente peninsular, deve fundamentar-se no século IV, quando a *Hispania* viveu uma época de remodelação de vários sítios desta indústria e efectuou, em meados dessa centúria, uma nova remodelação tipológica, com o surgimento da Almagro 51a-b e da Key 78 - esta mais confinada à *Lusitania* - (Reynolds, 2005, p.390).

Este florescimento do século IV teve reflexos, tanto no comércio anfórico, como no de *terra sigillata*, e é nessa época de crescimento que a *Lusitania* desenvolve melhores resultados.

Em Cartago, nos finais do século IV ou inícios do V, ânforas béticas e possivelmente lusitanas são escassas, mas, na primeira metade do século V, em Roma, Narbonne, Arles, Marselha e *Tarraco*, os preparados de peixe béticos são dominantes. Em Narbonne, constituem 44% das importações (acima das tunisinas) e em Arles, representam 15%. No Mediterrâneo ocidental, o comércio lusitano de preparados de peixe parece ter um fim mais precoce, em 425-450 d.C., enquanto que o bético só termina em meados do século (Reynolds, 2005, p.391; 2010, p.44).

Apesar disso, as ânforas lusitanas constituem 8,16% do depósito de Santa Tecla, em *Tarraco*, no segundo quartel do século V, valor não muito inferior ao bético, com 13,56% (**ver anexo 2, tabela 68**). Em níveis contemporâneos de Ampúrias, as exportações béticas/lusitanas reduzem-se a 3,1% (Reynolds, 2005, p.416), o que parece ser mais um ponto de ligação da área ampuritana ao mercado gálico e não tanto ao hispânico, como já referimos acerca da TSHT e da TSH. Porém, em *Portus Sucronem*, as ânforas lusitanas quase triplicam as béticas e são a segunda origem em importância, a seguir à africana. Os tipos presentes demonstram a vitalidade da Almagro 51C=K23 (14 NMI), secundada pela Almagro 51a-b=K19 (2 NMI) (**ver anexo 2, tabela 68b**; Hurtado; et Al., 2008, fig.13).

Esta distribuição, na costa oriental peninsular, relembra, em nosso entender, a rota possível do navio do naufrágio de Cabrera 3, o que explicaria os melhores números lusitanos na área sudgálica.

O naufrágio de Punta Ala B, nos inícios do século II, com produtos africanos e béticos, gálicos e itálicos, exemplifica a incapacidade da *Lusitania* de se integrar nesta dinâmica, no Alto-Império (**ver fig. 131**).

Dos 20 naufrágios com ânforas potencialmente lusitanas compilados por Étienne e Mayet (1993-1994, p.212-214), 15 pertencem ao Baixo-Império. Deste grupo de 15 naufrágios, 9 possuem igualmente ânforas tunisinas, sobretudo da Bizacena, e apenas em 4 casos as ânforas lusitanas estão acompanhadas de contentores béticos, Dressel 20 ou 23. Estes quantitativos demonstram bem a relação comercial entre os produtos lusitanos e tunisinos e uma menor interdependência com os béticos. O comércio privado lusitano de preparados de peixe teria assim canais de distribuição tendencialmente distintos do comércio estatal bético de azeite, embora essa identidade também ocorra, como dito, em 5 casos (33%), dos quais se destaca Cabrera 3, em 257+ d.C. (Lopes; Mayet, 1990, p.300).

Apesar da Dressel 14 já surgir em mercados mediterrânicos desde o século II, como dito *supra*, parece ser a partir de c.250 d.C. que os preparados de peixe lusitanos integram esta nova dinâmica (Bonifay; Tchernia, no prelo): os naufrágios com cronologias mais concretas datam-se sobretudo a partir deste ponto, embora a pequena presença de ânforas lusitanas pareça estável, ao longo do século III, no extremo oriental, em Beirute (**ver anexo 2, tabela 71**).

Recentemente, M. Bonifay e A. Tchernia (no prelo) analisaram criticamente os dados disponíveis e notam o facto de as ânforas Dr.20 do naufrágio de Cabrera 3 estarem no fundo do navio, o que significa que as ânforas africanas foram carregadas depois, ao contrário do que seria de esperar. Nas palavras dos autores, “trois autres [épaves] plus tardives, mais semblant toujours transporter à la fois des amphores africaines (Af. II et K.25) et des amphores de Bétique ou de Lusitanie, ont été repérées sur les cotes de Sicile (Marzamemi D [325-350?] et F [260-300?], Femina Morta [c.300]) et une autre au Sud de la Sardaigne (Fontanamare A: [c.305 d.C.]). Tout se passe comme si les trajets pouvaient s’effectuer dans l’un ou l’autre sens, et Carthage jouer parfois pour les amphores de Bétique le rôle de Cadix pour les amphores africaines”.

Pela própria geografia dos naufrágios, todos a Oeste da Itália, esta dinâmica comercial é então eminentemente ocidental, engloba ânforas tunisinas e béticas (estas em menor grau) e deve ter o Estreito de Gibraltar como pólo articulador, à semelhança do que propusemos *supra* para o comércio da

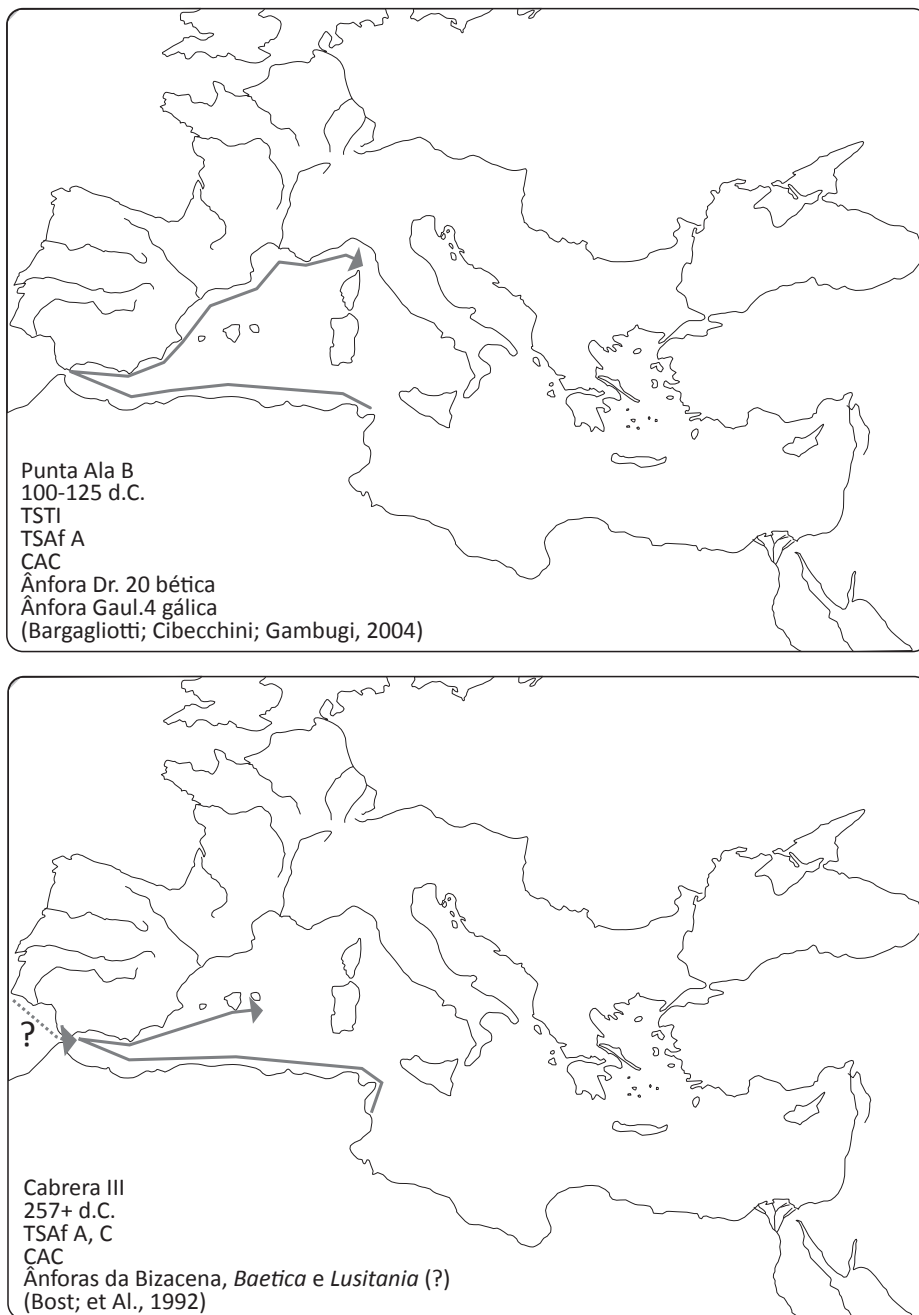


Figura 131 - Propostas de rotas de 2 naufrágios entre inícios do século II e meados do século III.

*terra sigillata* africana a partir desta época. Este panorama, com cargas mistas africanas e hispânicas (fenômeno datado entre 250 e 350 d.C., por Bonifay e Tchernia, no prelo), tem certamente raiz no declínio da produção de preparados de peixe da primeira região, o que motivou o surgimento de vários centros produtores de ânforas lusitanas, que possibilitam no Baixo-Império uma comercialização mais autónoma dos produtos dessa região (Fabião, 2000, p.718; 2004, p.404). Os níveis baixos de importação de *terra sigillata* em *Baelo*, a partir de meados do século III, terão aqui uma causa que estará certamente filiada no terramoto diagnosticado para esta época (Gomes; Andelluci; Cabral, 2008, fig.12).

Entre c.250 e 350 d.C., o fornecimento à Itália deve ter contado com uma rota em crescendo, via Estreito-Baleares-Sardenha, com produtos alimentares e cerâmicos. O naufrágio de Cabrera 3 ilustra esta situação, mas também ilustra, pela sua composição mista ao nível alimentar, o recurso a cargas privadas e estatais numa mesma embarcação, numa época de “ressurgimento” da economia privada, segundo Reynolds (2005, p.382).

No Baixo-Império processa-se igualmente uma mudança na dieta alimentar, com maior importância dos preparados de peixe, para a qual possuímos dados literários e arqueológicos. O primado dos preparados de peixe está demonstrado em sítios de grande importação múltipla, como *Hispalis*: no Alto-Império, o azeite bético representa 49,8%, os preparados de peixe 29,7% e o vinho 20,45%; enquanto que, entre os séculos IV e VI, os preparados de peixe lideram com 46%, o azeite desce para 35% e o vinho mantém-se estável, com 20,45%. Este novo padrão alimentar está também reflectido pela cerâmica comum desta cidade, que indicia um consumo maior de cozidos, em detrimento do de fritos (García Vargas, 2007, p.335 e 354).

#### • A cronologia final da produção peninsular e lusitana

Várias escavações recentes comprovam a continuidade da produção hispânica até à primeira metade do século VI, na costa oriental, sul e mesmo setentrional: em Roses, Barcino, La Picola, Mazarrón, Málaga, *Iulia Traducta* e Gijón (Bernal Casasola; et Al., 2003, p.163; Bernal Casasola, 2008; Fabião, 1996, p.339)<sup>25</sup>.

Mas também em várias unidades lusitanas: no Algarve, na Rua Silva Lopes, em Lagos (meados do século VI: Ramos; Almeida; Laço, 2006, p.93) e no Cerro da Vila – Loulé (exemplar de TSFT, tipo H3E e de TSAf D, tipo H99: Diogo, 2001, p.110); na Comenda, no vale do Sado (primeiro terço do século VI: Trindade; Diogo, 1996, p.8). No vale do Tejo-*Olisipo*, a possível continuidade do fabrico de ânforas na margem esquerda está demonstrada na escavação dos armazéns Sommer, em *Olisipo* (Pimenta; Fabião, no prelo), onde os níveis da segunda metade do século V e VI possuem uma boa quantidade de ânforas lusitanas, em especial a Almagro 51c. Esta ânfora poderia ter sido fornecida pelo vale do Tejo; mas a Almagro 51a-b obriga a pensar num fornecimento do Sado, de Sines, mas sobretudo do Algarve, onde a produção deste tipo deve ter sido mais intensa (Abul II – Diogo; Faria, 1990; Pinheiro – Mayet; Silves, 1998; 2004; Quinta da Alegria – Mayet; Schmitt; Silva, 1996: 78; Sines - Diogo; Costa, 1996, S. João da Venda – Fabião; Arruda, 1990; Martinhal – Silva; Coelho-Soares; Correia, 1990; ver Fabião, 2000: 725 e 2004: 404). No vale do Sado, Tróia, apesar de decair claramente no segundo quartel do século V (Magalhães, 2010), possui materiais escassos até à primeira metade do século VI (ver *supra*).

São conhecidas ânforas lusitanas em contextos de finais do século V, em *Conimbriga* e Martim (Barcelos), em *Hispalis* (*vertedero de cinizas*), nos fins do século V ou inícios do VI, com Keay 19 béticas e lusitanas, Keay 19C e 23 e Beltrán 72 lusitanas (Amores Carredano; Garcia Vargas, González Acuña, 2007, p.136); em contextos da segunda metade do século VI estão presentes em *Tarraco* (*apud* Fabião, 2009, p. 41).

Na segunda metade do século V, algumas ânforas bético-lusitanas ainda subsistem na estratigrafia de Beirute, em situação que pode ser já residual (Reynolds, 2005, p.429). Entre c.500-550 d.C. uma variante da Keay 16, da área gaditana ou algarvia, alcança a *Britannia* (Reynolds, 2005, p.431). Concluindo, apesar de a cronologia final da produção de preparados de peixe se centrar essencialmente no segundo quartel do século V, tanto no vale do Tejo como no do Sado (Reynolds, 2010, p.47), subsistiu alguma

25. Segundo *Procopius*, Teodorico, até à sua morte em 526 d.C., restabeleceu a *Vectigal* à *Hispania*, para esta fornecer trigo a Roma, na quantidade de 2800 *modii*, mas não menciona o azeite ou os preparados de peixe (*Bellum Gothorum*, V, 12, 48: Keay, 1984, p.561; Yébenes, 2003, p.98).



produção até à primeira metade do século VI, pelo menos no vale do Tejo e no Algarve.

• **O quadro do comércio anfórico de origem africana e oriental**

O comércio anfórico africano não está muito bem representado na *Lusitania*, ao contrário da *terra sigillata*; limita-se sobretudo aos séculos III e IV (Viegas, 2008, p.503; 2009) e só adquire alguma expressividade nos principais centros do litoral sudoeste: *Balsa*, *Ossonoba*, Portimão (foz do rio Arade) e Tróia. Nos séculos V, algumas Keay 35 ou 36 surgem em Sines, no Monte da Cegonha e em *Bracara Augusta*, na *Galaecia*; enquanto que em finais do V e VI, a Keay 62 surge em Chãos Salgados, *Olisipo* e novamente *Bracara Augusta*. *Olisipo* possui contextos de finais do século V / VI, onde o comércio alimentar africano ainda é importante, mas já duplicado pelo oriental, enquanto que em *Bracara Augusta* é mais do que quadruplicado (**ver anexo 2, tabela 76**).

Em meados do século V, as ânforas orientais ainda competem com as africanas, em *Tarraco* e Ampúrias, embora, em ambas as cidades, as segundas dominem. Em *Tarraco*, numa relação de c.32%/c.20% (**ver anexo 2, tabela 68**), e em Ampúrias, numa relação de c.45%/c.31% (Reynolds, 2005, p. 416).

É a partir de meados do século V que as ânforas orientais ganham relevo em Cartago, passando a alcançar cifras na casa dos 20% (**ver anexo 2, tabela 75**), bem como em Marselha, onde, nos finais do século V se situam entre 35,5 e 46% (Bolsa e Ports du Bon Jésus: Reynolds, 2005, p.426; **ver anexo 2, tabela 77**), mas numa situação de domínio já das africanas, que se estende ao Nordeste hispânico, onde ocorre um decréscimo das orientais. No último quartel do século V, os produtos africanos alcançam c.60 e c.90%, em dois contextos de Ampúrias que revelam assim a retoma comercial tardo-vândala da Tunísia (Plaza Petita e necrópole de San Marti: Reynolds, 2005, p.418 e 424). O domínio maciço africano talvez só ocorra em *Tarraco*, por volta de meados do século VI, quando representa c.75% (Reynolds, 2005, p.418 e 424), mas, na área de Cartagena, é só nesta altura que se dá a inversão do primado oriental para o africano, aparentemente, 1 século depois do Nordeste (Ramallo Asensio; Ruiz Valderas; Berrocal Caparrós, 1996, p.152), embora em *Portus Sucronem*, imediatamente a Norte do Cabo da Nao, em 425-450 d.C., as ânforas orientais correspondam a apenas 6,4% (**ver anexo 2, tabela 68b**). O controlo oriental, a partir desta época, exerceu-se assim exclusivamente a Sul desse promontório.

Se confrontarmos as percentagens referidas das ânforas orientais em Cartago, na casa dos 20%, nos séculos V e VI, com os valores de Itália, onde, em dois contextos de San Giovanni Ruoti (IA-B: 400-460 d.C.; 3-7: 460-535 d.C.) e em dois de Roma (*Magna Mater*: 440-480 d.C.; *Schola Praeconum* II: c.500 d.C.), podem atingir c.47, 54, 31 e 33% (Reynolds, 2005, tabela 2c; **ver anexo 2, tabela 77**), parece então que o comércio anfórico oriental terá usado a Itália como via privilegiada de acesso à *Hispania*, com ponto de contacto maior a Sul do Cabo da Nao, via Baleares, a partir do século V (sobretudo meados), mas perde este predomínio comercial do Sudeste peninsular (Ramallo Asensio; Ruiz Valderas; Berrocal Caparrós, 1996), exactamente na altura em que se criam as províncias administrativas da *Cartaginensis* e da *Baetica*, sob domínio bizantino, em 551 d.C. (Keay, 1984, p.564).

É provável assim, que os valores maioritários de *Olisipo* (contexto Sommer), na *Lusitania*, bem como de *Bracara Augusta* e *Hispalis* (**ver anexo 2, tabelas 67 e 76**) se devam sobretudo a uma corrente comercial mais intensa até c.550 d.C. (à excepção de Vigo e da *Britannia*), que atinge a costa norte peninsular, em Gijón, com destaque para a forma LRA 1 (Gijón: Zarzalejos Prieto, 2005, p.173) e cumulativamente a LRA 3 (*Bracara Augusta*), de conteúdo vinário. Entre finais do século V e meados do VI, a LRA 2 (azeite), egeia, rara no Mediterrâneo (ver também Pieri, 2005, p.89, fig.47) e na *Lusitania* (em Setúbal há um exemplar: informação oral do Dr. Carlos Tavares da Silva), alcança a *Britannia*, seguida pela LRA 1, o que leva Reynolds (2005, p.428; 2010, p.107) a supor uma linha directa Egeu-*Britannia*, com ligação à Igreja, produtora da LRA 2 em Samos.

A presença de TSAf D até 550 d.C., mas a ausência de ânforas africanas leva o autor anglo-saxónico a supor que as embarcações tivessem como produto de venda os cereais, que trocariam por metais, lã ou peles britânicas (Reynolds, 2010, p.107)<sup>26</sup>, região onde já se inventariou cerca de 250 exemplares anfóricos orientais, dominados pela LRA 2 e LRA 1, seguidas por pequenas quantidades de LRA 3 e LRA 4 (Campbell, 2007, p.22).

26. No Édito de 301 d.C., um artigo de vestuário britânico é referido: um casaco com capuz, tabelado a 6000 *denarii*, num conjunto de casacos de diversas origens, com preços entre 1500 e 15000 *denarii* (*Editum Deocletiani*, 19. 44 a 54: Giaccherio, 1974).

#### 4.2.2.6. O comércio de cerâmica africana de cozinha (séculos I-V d.C.)

A cerâmica africana de cozinha foi um importante segmento comercial complementar, em vários aspectos, não só tecnológicos, mas também geoeconómicos, da *terra sigillata* africana.

Bem presente da *Hispania*, sobretudo nos espaços mais relacionados com a linha costeira ou de bons acessos a esta, alcançou, inclusive, a *Britannia*, embora escassamente. Nesta província, conhece-se pelo menos o tipo H23B (Bird, 1977). Na Península Ibérica alcançou todavia *Arcobriga*, um mercado do interior, onde a própria TSAf não está presente: neste sítio há um fragmento de H181 e de H23B, ambos de patina cinzenta (Caballero Zoreda, 1992, p.138).

A sua proporção global é normalmente inferior à da TSAf. Apenas em 3 sítios a situação é inversa: Morè e *Valentia*, na costa leste, e *Balsa*, na costa sul lusitana (ver anexo 2, tabela 41).

A exportação de cerâmica africana de cozinha, ou da sua predecessora, é conhecida, ao longo do século I d.C., em *Ostia* e na costa catalã (Bonifay, 2003, p.115). Os dados mais antigos são de época augusto-tibéria, na necrópole de Ampúrias, e os fabricos presentes estão relacionados com a *Early Roman Cooking Ware* 1; entre Tibério e Nero, em *Tarraco*, *Baetulo*, Ampúrias e *Celsa*, uma série de marmitas e de tampas/pratos estão também presentes; mas os dados mais interessantes são de finais da época júlio-cláudia e inícios dos Flávios, quando surgem os primeiros exemplares da marmitas H23A, H199 e *Ostia* II, fig.312 e dos pratos/tampas H196 e *Ostia* I, fig.261 (Aguarod Otal, 1991, p.239-240).

A estes mercados precoces talvez se possa acrescentar Cartagena, onde níveis augustos, mas que se prolongam pelo século I, contêm CAC, na proporção de 3% da cerâmica comum de importação (*Ostia* II, 306; *Ostia* II, 303=H194; *Ostia* II, 312 e *Ostia* II, 302 – os dois primeiros tipos, com patina cinzenta - Pérez Ballester; Boirredá; Cabrián, 1995, p.188 e 193). Num depósito augusto (?) de *Valentia*, em 39 indivíduos de cerâmica comum importada, 4 são de CAC: *Ostia* II, 314 - com pasta laranja e patina cinzenta - *Ostia* II, 306 e *Ostia* II, 302 (Albiach; et Al., 1998, p.141e 154).

Tal como aconteceu ao nível da *terra sigillata*, é possível que no Nordeste tenha ocorrido alguma persistência da cerâmica itálica de cozinha ao longo do século I, pelo menos no vale do Ebro. Em *Celsa*, os produtos culinários itálicos perfazem 10 exemplares em c.20 d.C., 30 em 41-48 d.C. e 58, em 54-60 d.C., num crescendo semelhante ao da TSI. Na mesma estratigrafia, a CAC perfaz apenas 7 exemplares em 41-48 d.C. (*Ostia* II, 306; *Ostia* II, 303 e *Ostia* III, 332=H196) e 11 exemplares em 54-60 d.C. (*Ostia* II, 306; *Ostia* II, 310 e *Ostia* III, 332=H196). Os fabricos descritos, com patina cinzenta, engobe semelhante ao da TSAf A, ou com polimento em bandas, comprovam procedências, já em época júlio-cláudia, de materiais não só do Norte da Tunísia (a grande maioria, com comprovação laboratorial), mas também da Bizacena (Beltrán-Lloris; et Al., 1998a, p.139, 142 e 1998b, p.777).

Na costa leste, várias estratigrafias demonstram que este comércio é incipiente até Domiciano. É assim surpreendente o resultado de *Tarraco*, nos níveis de meados do século I de Carrer de Pere Martell 38, Suburbi Sudoccidental (Fernández; Remolà, 2008, p.91), onde a CAC representa a cifra elevada de 17% da cerâmica comum, com predomínio das caçarolas *Ostia* II, 312 e *Ostia* II, 306 (26%), seguidas pelos pratos/tampas (sobretudo *Ostia* II, 302), com 18%.

Na mesma *Tarraco*, é escassa nos contextos neronianos da Antiga Audiência e é no fim do século I que adquire expressividade. Ao longo da primeira metade do século II pode chegar a representar mais de 50% da cerâmica comum. Em Ampúrias, antecipa-se à própria TSAf A, inexistente em Nero; os níveis sobem bastante com Domiciano e fortalecem-se entre 100 e 150 d.C.. Em *Baetulo* também se antecipa à TSAf A: surge com Cláudio, em pouca quantidade, mas consolida a sua posição com Domiciano, quando o repertório é também variado, o que também acontece na primeira metade do século II. Em *Valentia*, o seu comércio impõe-se na época flávia, sem melhor especificação, com um repertório igualmente variado, que se prolonga também entre 100 e 150 d.C..

Em todos estes sítios, a CAC é claramente superior à TSAf A, por vezes quase decuplicando o valor desta, o que demonstra que a cerâmica culinária africana, de tecnologia afim à TSAf A, terá tido um papel de compensação dos mercados de TSI, TSSG e TSH da costa leste, quando estas produções entram em declínio, a partir de finais dos século I e inícios do II. Por isso mesmo, a terrina H23 foi uma das formas mais importantes a partir de Domiciano, a par de pratos/tampas como a H196. Contudo, na primeira metade do século II, a marmita H197=*Ostia* III, 267 confirma a especificidade funcional desta categoria cerâmica ao atingir quantitativos importantes e por vezes altamente maioritários, como acontece entre 125 e 150 d.C., em *Baetulo* (ver anexo 2, tabelas 2b, 51, 53, 54 e 55).

A estratigrafia de *Ostia*, em particular do ambiente XXV das Termas do Nadador, comprova que, nesta área, nos finais do século I e primeira metade do século II, a cerâmica de cozinha africana é ainda uma importação incipiente, e que só a partir da segunda metade do século ela deverá tornar-se importante, a par da TSAf (**ver anexo 2, tabela 34**); o momento de viragem que constitui a segunda metade do século II está igualmente reflectido no conjunto de naufrágios existentes com esta carga, balizado entre este período e os inícios do século IV. Apenas um naufrágio está datado na primeira metade do século II (Tortorella, 1981, p.371; **ver anexo 2, tabela 33**), o de Punta Ala B (100-125 d.C.) e a rota que propomos para esta embarcação (**ver fig. 131**), tendo em conta os materiais que transportava, nomeadamente TSAf A, CAC, ânforas béticas e TSTI, faz deste caso um bom exemplo da importância que teria, entre 100 e 150 d.C., o transporte de bens africanos, em especial a CAC, através da costa oriental hispânica, explicando a maior importância da CAC, nesta área, em relação à itálica, onde ainda far-se-ia sentir a sua produção culinária.

Entre 100 e 125 d.C., a pouca CAC em St.-Bézard, a cerca de 40 km da costa narbonense, indica porém a importância desta rota comercial.

A Ocidente do Estreito, a CAC surge em finais do século I, em *Italica*, na estratigrafia da Casa de las Columnas (prato/tampa H196: Sánchez Sánchez, 1995, p.268). No vale do Guadalquivir a dispersão da CAC é intensa exactamente até à área de *Italica* e *Hispalis*, alcançando apenas alguns pontos a montante. A excepção a esta regra é o tipo H23B, mas mesmo este só atinge mercados muito próximos da própria via fluvial, sendo o ponto mais distante, o de *Cordoba* (Sánchez Sánchez, 1992, p.300 e fig.66). As maiores dificuldades de implantação da CAC, na bacia do Guadalquivir, demonstram-se também pela sua incapacidade em suprir estes mercados, que, desde Augusto, sofriam uma forte queda de importações da cerâmica culinária itálica (Sánchez Sánchez, 1992, p.357).

Em *Cordoba* confirma-se, contudo, o domínio da CAC, no século II, quando a TSAf A era ainda pouco importante e os quantitativos da CAC são relevantes, pelo menos entre 150 e 175 d.C., quando a TSH detinha ainda o controlo deste mercado (Sierra Fernández, 1995, p.157; **ver anexo 2, tabela 49**).

Na área lusitana meridional, a CAC surge na primeira metade do século II.

No Monte Molião-Lagos, surge em 125-150 d.C.: a UE 29 possui H23A, B, H196 e H197 e é dominada pela TSH (Arruda; et Al., 2008, p.161). No sector industrial da mesma cidade, na Rua Silva Lopes, os níveis de 50-150 d.C. contêm H194 e H196 (Ramos; Almeida; Laço, 2006, p.91).

Em Chãos Salgados, um exemplar de H196 surge no **contexto 59**, datado entre 100 e 150 d.C., dominado também pela TSH.

Na Ilha do Pessegueiro, o mesmo período é muito mais rico em CAC: pelo menos 25 exemplares de H23B e 8 de H23 surgem na camada 5 do corte A. Na camada 4 do mesmo corte, que podemos datar de meados ou segunda metade do século II, o valor de CAC sobe de 33 para 45 exemplares de H23 (**ver anexo 2, tabela 47**). Neste sítio, a fase IIB (século II e primeira metade do III) contém igualmente H197 em grande quantidade, seguida pelas H181, H196 e *Ostia* I, 261. Na contabilidade da TSAf A, a H181 e a H23 correspondem a 0,4 e 35,6%, respectivamente (Silva; Soares, 1993, p.104-109).

Em Sines, também de vocação industrial, a CAC já está presente pelo menos nos finais do século II, quando a TSH domina e as H23B e 197 estão bem representadas nas camadas 4 e 3 dos tanques I e II, sendo que a H23B se encontra em crescendo nesta estratigrafia, tal como na Ilha do Pessegueiro (Silva; Coelho-Soares, 2006, p.106).

Como já referido *supra*, é em finais do século II que a CAC se torna preponderante na Itália: no estrato III (190-225 d.C.) do ambiente XXV de *Ostia*, a CAC contabiliza 678 exemplares, contra apenas 132 de TSAf A. Dominam os tipos H23B (engobe) e *Ostia* I, 265.

Situação semelhante ocorre em Marselha, em estrato contemporâneo: 37 exemplares de TSAf A, contra 124 de CAC, com domínio dos tipos H196, H23B e H197 (**ver anexo 2, tabelas 27 e 34**).

Nesta mesma época, o naufrágio de Trincere sugere uma rota que demonstra o incremento da travessia directa Tunísia-Itália (**ver anexo 2, tabela 33**). Neste naufrágio, a CAC parece ser a carga principal, relegando a TSAf A e o próprio comércio alimentar anfórico para segundo plano. O crescimento dos valores de CAC, em *Ostia*, deve no entanto recuar ao período final dos Antoninos, quando passa a representar 57% da cerâmica comum, contra 32% da época flávia (Menchelli, 2004, p.68).

Em *Valentia*, nos meados ou segunda metade do século II, a CAC continua bastante superior à TSAf A, embora esta reforce um pouco a sua proporção (**ver anexo 2, tabela 55f**).

Tal como em Chãos Salgados (e mesmo *Celsa*, no século I), *Baelo* demonstra a superioridade do comércio do Norte da Tunísia, em face do proveniente da Bizacena. O conjunto de “cerâmica de cozinha



aparentada à *sigillata* clara A” é dominado pelos tipos H23B (588 exemplares) e H181 (127 exemplares). A H23B surge nas camadas dos séculos II ao IV e é feita sobretudo com a técnica de engobe da TSAf A, embora também surja com bordo de patina cinzenta; já a H181 tem 119 exemplares com a técnica de engobe da TSAf A e 8 de “ceramica polita a strisce” (Bourgeois; Mayet, 1991, p.246-258).

Tal significa que, pelo menos nestes tipos, domina o comércio proconsular, mas o facto de não haver um estudo de toda a CAC, não legitima que deduzamos que a produção Bizacena seja tão minorária assim.

Como abordado *supra*, em Chãos Salgados, a Bizacena representa 21,42% das importações, às quais podemos acrescentar 1,78% da produção afim a A/D, sendo então a larga maioria proveniente da Proconsular.

No século III, em Chãos Salgados, 7,14% da CAC é feita com técnica de patina branco-amarelada da Proconsular (tipos H181B e 196), e 1,78% com esta técnica pertence à CAC da Bizacena (H181C) (**ver anexo 1, tabela 22**). Esta técnica surge também em *Italica*, com o tipo *Ostia* IV, 61, uma variante grácil do prato/tampa H182/195 (Sánchez Sánchez, 1995, p.268); em *Cordoba*, no prato/tampa H196 (Sierra Fernández, 1995, p.155) e no Montinho das Laranjeiras, num exemplar de prato/tampa *Ostia* I, 261=H182/195 (Coutinho, 1997, p.24).

Este panorama realça o tipo prato/tampa nesta técnica e a diferença de repertório entre os sítios de contacto com o mar pela costa meridional e Chãos Salgados, pela costa ocidental, onde, apesar de o prato/tampa H196 dominar com 3 NMI, existem ainda outras duas terrinas H181.

Outro tipo de marmita, a H199, presente em vários sítios peninsulares, identifica um outro segmento comercial, procedente da costa norte da actual Argélia, a Oeste da área de Cartago (informação oral de M. Bonifay). Este tipo, muito parecido com a H197, mas de carena interna abaixo do bordo, surge na costa oriental peninsular e em vários pontos do Guadalquivir, entre os séculos II e IV, e está datado em *Ostia*, na primeira metade do século III. Em *Valentia*, surge na segunda metade do século II (Sánchez Sánchez, 1992, p.312; Nolla; Puertas, 1987; **ver anexo 2, tabela 55f**).

Nos decénios centrais do século III, em *Ostia*, a CAC compete ao mesmo nível da TSAf A e C (**ver anexo 2, tabela 35**).

A superioridade da CAC revela-se na costa leste da *Hispania*.

O comércio de CAC, claramente secundário na costa atlântica ocidental, mesmo em Chãos Salgados, mas também *Conimbriga*, a Norte, onde, na publicação da TSAf A, apenas se verifica um exemplar de H181B com patina cinzenta (perfil de final do século II ou inícios do III) e nenhum de H23 (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p.252, est.LXIII, nº5), não deve ser, contudo, subestimado, já que importantes mercados litorais, como Tróia e *Olisipo*, não estão publicados (a Ilha do Pessegueiro, apenas parcialmente) e, na costa sul, em *Balsa*, a CAC é quase 3 vezes superior ao total de TSAf.

Os dados de Chãos Salgados (*ver supra*) identificam igualmente um *floruit* entre 200-250 d.C., que parece ocorrer também na costa sul, na Quinta do Marim, onde a fase II, desta época, possui uma grande quantidade de CAC, com domínio da H197 e H196 (de bordo simples ou espessado) e H23, de técnica afim à TSAf A (Silva; Coelho-Soares, 1992, p.348).

A *Baetica* deve ter ocupado um plano intermédio, no século III, já que em Los Matagallares (Granada), a TSAf é 1,5 vezes superior à CAC. Contudo a fachada sul peninsular deve ter alternado entre situações de domínio de um ou de outro comércio, já que, como dito, em *Balsa*, mas não em *Baelo*, a CAC total é maioritária (**ver anexo 2, tabelas 41 e 49**).

Podemos definir uma primeira etapa do comércio da CAC, desde Domiciano até à primeira metade do século III, em que tanto na costa leste hispânica como na Itália, a CAC é superior à TSAf e os seus quantitativos são normalmente muito elevados; uma segunda etapa, entre meados do século III e o século IV, em que os quantitativos são ainda elevados, na costa oriental hispânica, mas em declínio; e uma terceira etapa, final, a partir de inícios do século V (Quaresma, 2010c).

No contexto de século III de *Ebusus*, a CAC triplica o valor da TSAf (**ver anexo 2, tabela 56**).

Em Ampúrias, entre 200-250 d.C., a CAC é 5 vezes superior, mas desce, entre 250-275 d.C., quando é 2,5 vezes superior. (**ver anexo 2, tabela 51**). Os fortes quantitativos da primeira metade do século III fazem desta época o *floruit* da CAC, sucesso que deve estender-se à *Lusitania*, à Itália e à *Narbonense*, com se deduz pelos dados de *Ostia* e Marselha, de inícios do século III, analisados *supra*.

Entre 260-300 d.C., em *Gerunda*, a TSAf é 3,2 vezes superior à CAC, embora apenas conheçamos a CAC que estava incluída na contabilidade da TSAf A, pelo que este valor baixo de CAC deverá ser incorrecto (**ver anexo 2, tabela 38**); enquanto que em *Valentia* não dispomos de quantitativos, mas o



repertório formal parece indicar uma forte contracção tipológica, com um repertório reduzido aos tipos principais, H23A, B, H196 e H197, no segundo terço do século, desaparecendo o primeiro tipo no último quartel do mesmo (**ver anexo 2, tabela 55g-h**).

Tal como se demonstra na curva de importações de Chãos Salgados (*ver supra*), a CAC deve também baixar bastante as suas exportações entre c.250-300 d.C., acompanhando a crise de vendas da TSAf.

Os contextos de século IV da região de *Tarraco* evidenciam uma aparente retoma da CAC, entre 300-325 d.C., e o declínio, a partir do segundo quartel do século IV, época em que, como vimos *supra*, a TSAf D, acompanhada pelas produções da Bizacena, revelava uma expansão comercial no Mediterrâneo ocidental.

Assim, na região de *Tarraco*, entre 300-325 d.C., a CAC é 5 vezes superior à TSAf e apresenta um repertório variado onde domina o prato/tampa *Ostia* I, 261 e a marmita *Ostia* III, 267=H197.

Entre 325-350 d.C., apenas 2 vezes; e entre 350-400, quase 2,5 vezes superior à TSAf (**ver anexo 2, tabela 58**).

O século IV é contudo, não só na região de *Tarraco*, como também na valenciana, uma época de retoma e de maior variedade dos repertórios, em comparação com a segunda metade do século III (**ver anexo 2, tabela 59**).

Nos finais do século IV, a CAC é apenas ligeiramente superior à TSAf, em *Roses*, com um repertório mais exíguo, no qual a H23B é hegemónica (**ver anexo 2, tabela 39**).

Na primeira metade do século V, na região de *Tarraco*, a CAC é 3 vezes superior à TSAf e a variedade tipológica parece continuar, a ver pelos conjuntos de século V da área de *Valentia* (**ver anexo 2, tabelas 58 e 59**).

No depósito de Vila-Roma, dos decénios centrais do século V, em *Tarraco*, demonstra-se a inversão do primado da CAC para o da TSAf D, que agora é 3,6 vezes superior, e uma alteração grande do repertório, com a introdução de uma gama nova de caçarolas, de nomenclatura epónima (**ver anexo 2, tabela 61**). Esta inversão deve recuar, no entanto, a 425-450 d.C., a ver pelos níveis de destruição de *Portus Sucronem*, onde a TSAf é apenas 1,5 vezes superior e o repertório de CAC mantém ainda o primado de formas tradicionais (terrina H23B, caçarola H197=*Ostia* III, 267 e os pratos/tampas H196 e *Ostia* I, 261), embora já surjam formas novas como o prato/tampa FCW 72, 12=Black Top Lid D e a taça de aba FCW 64, 23, afim à H91 de *sigillata*. Contudo, os meados do século V assistem à introdução de novas caçarolas em *Portus Sucronem*, tipos FCW 12 e 19 (Rosselló Mesquida; Cotino Villa, 2005, p.146).

Nas Baleares, a caçarola H197 permaneceu importante, surgindo na sua variante do século V, em *Pollentia* (Arribas, 1973, fig.18, nº14, fig.29, fig.33, nº11).

A estratigrafia de século V de *Tarraco* demonstra um valor ainda apreciável, mas já bastante baixo de CAC, em comparação com a cerâmica comum, e uma contracção comercial forte no terceiro quartel, ao contrário da TSAf. Por outro lado, também o último quartel da centúria parece ser de retoma, tímida, mas de repertório variado, segundo o nível de amortização do *cardo* de *Illuro*, que denota uma maior persistência do repertório tradicional, do que *Tarraco* (**ver anexo 2, tabelas 42 e 60**).

Na costa lusitana, para além dos dados escassos tardios de Chãos Salgados, a Courela dos Chãos possui um exemplar datável de final do século IV / primeira metade do século V: uma tampa em cerâmica comum de fabrico regional, com perfil de imitação da Black Top Lid D (Coelho-Soares, 1987, fig.4, nº47; Bonifay, 2004, p.227).

Na área ocidental da Península Ibérica, o século V terá sido, pelos dados disponíveis até ao momento, o segmento final deste comércio.





## 5. Conclusões

- O sítio e a estratigrafia

### o Avanços para o conhecimento da sua evolução urbanística

Um tópico recorrente nos estudos da romanização direccionados às épocas tardo-republicana e inícios do Império é o de como se processa a transição do fundo indígena para um novo paradigma social, político e cultural abrangente, vulgarmente denominado por *romanização*.

Numa área periférica como a lusitana, os estudos sobre esta temática são mais abundantes no que concerne à epigrafia e questões decorrentes, como os cultos, toponímia e antroponímia, à progressiva adopção de bens de importação “romanos”, mas geralmente não retratam fenómenos de adaptação urbanística, para além das *normais* adopções dos modelos exógenos em época tardo-republicana ou sobretudo augusta e flávia. Estes fenómenos mais complexos têm tido outras regiões periféricas como áreas de estudo, nas quais se destacam a *Britannia* e a *Germania* (Lucas, 2003).

Estrabão (*Geografia*, III, 1, 3: Garcia Bellido, 1945) descreve uma cordilheira central na Península Ibérica, a qual divide a região em duas grandes áreas: a ibérica e a céltica; Plínio-o-Velho denomina os habitantes de *Mirobriga*, topónimo com fortes probabilidades de se situar em Chãos Salgados, como *Mirobricenses qui Celtici cognominantur* (*História Natural*, 4.118 e 4.116: Guerra, 1995).

Os estudos da transição da cultura material em espaço peninsular são ainda raros e provam a sobrevivência, ao longo do século I d.C., de atributos indígenas no mobiliário cerâmico, sobretudo nas áreas setentrionais, onde ainda parecem alcançar os inícios do século II (**capítulo 2.2.4**).

Neste quadro parece poder integrar-se a construção nº2 de Chãos Salgados, que interpretámos como uma transposição de um modelo indígena (denominado “templo céltico”) do povoado sidérico para uma área mais periférica da nova cidade romana, no século I d.C. (3º quartel), ou seja, uma possível *interpretatio* de um modelo indígena.

O segundo contributo é de índole ambiental, hipótese normalmente excluída das análises dos fenómenos de mudança histórica. De mais difícil correlação, os dados climáticos e arqueológicos que



apresentámos para os séculos III / IV d.C., sobretudo na construção nº1 (cobertura do *atrium*, que era aberto no Alto-Império), mas também na construção nº2 (amortização dos ambientes abertos), são sugestivos de um estímulo ambiental para uma mudança cultural, ao nível da arquitectura, que urge confirmar ou infirmar noutros sítios: trata-se de um fenómeno histórico isolado, ou de um processo, porventura lento e heterogéneo, mas que percorre uma área mais vasta, preâmbulo do Dark Ages Cold Period, com o fim do período inter-glaciar típico (Roman Warm Period)?

Em ambos os casos apresentados há um fio condutor: a cultura material da construção nº 2 é toda ela romana, aquando da sua construção (tal como acontece no resto da cidade romana), pelo que o fundo de cultura material indígena está já branqueado no terceiro quartel do século I d.C., sobrevivendo apenas um modelo arquitectónico; mas nos séculos III / IV d.C., quando um modelo arquitectónico romano é readaptado e, de certa forma, rejeitado, não é acompanhado por nenhuma alteração da cultura material, nem na *domus* nº 1, nem na construção nº 2.

Esta última situação é de todo plausível quando o estímulo (cuja progressão no espaço e no tempo não está ainda bem definida) ainda não é político ou cultural (como será no final do Império Romano), mas de índole ambiental.

As escavações de 2004 e 2005, realizadas no sector da ponte de Chãos Salgados, permitiram três grandes ordens de conclusões: sobre a arquitectura desta área da cidade, sobre a sua cronologia e relação com a dinâmica do restante tecido urbano, e sobre a cronologia comercial de alguns materiais cerâmicos, nomeadamente a *terra sigillata* hispânica e africana, bem como alguns possíveis indicadores de cronologias iniciais dos contentores anfóricos lusitanos da chamada segunda fase, em particular, os tipos Almagro 51c ou Lusitana 3 (tipos não passíveis de distinção nos exemplares em questão) e Lusitana 9=Sado 2.

Nos anos de 1980 a equipa americana que havia investigado o sítio (Biers; et Al., 1988) concluíra uma cronologia de construção das termas este em inícios do século II (cronologia que nós colocamos hipoteticamente ainda no período flávio) e das termas oeste em meados do mesmo, bem como a construção do circo em inícios do século II.

A nossa campanha de escavação permitiu datar a ponte na primeira metade do século II, o que significa que, nesta época, a cidade já dotada de *forum*, *tabernae* e áreas habitacionais desde a segunda metade do século I, está dotada também de complexo de banhos públicos e de circo, este a c.700m da cidade (pelo menos da planta conhecida), cujo acesso requeria uma rede viária à altura, o que implicou a construção da ponte a este das termas. Esta seria, tudo indica, uma das saídas sul da cidade e serviria de imediato esse edifício público de espectáculos.

Como a nossa investigação permitiu igualmente concluir, nesta primeira metade do século II, a área habitacional é também ampliada com *insulae* de alguma qualidade construtiva, a Sul do *decumanus*. Igualmente, as termas este passam a ter nesta época uma *natatio*.

Em termos urbanísticos, podemos concluir também que a remodelação do circo no século III (Biers; et Al., 1988) foi acompanhada de uma remodelação do pavimento da ponte, pelo menos na sua saída norte, bem como de uma nova caleira de abastecimento de água à *natatio*. Época de construção no sector público, este século III assiste também a remodelações na *domus* nº 1 da área habitacional, o que parece indicar que o sector privado acompanhava esta dinâmica, agora não de crescimento (como havia sido nos séculos I e II), mas de conservação dos imóveis existentes.

A cronologia final da área da ponte enquadra-se igualmente no declínio da cidade a partir do século IV, alcançando hipoteticamente o século V, na sua primeira metade (quando termina igualmente a ocupação das construções nº1 (*domus*) e nº2, na área habitacional. A inexistência de materiais exclusivos do século V coaduna-se com a proposta americana de datação do abandono das termas no século IV, o que faria desta zona da cidade uma área pouco utilizada (sem sabermos, contudo, qual a cronologia de abandono do circo, tipo de edifício que costuma sobreviver tendencialmente até ao século V e por vezes VI, como nos casos de *Tarraco*, *Caesaraugusta* e *Augusta Emerita* (Fuentes Dominguez, 1997).

Após os meados do século V, apenas uma ou outra família habitaria a antiga cidade. Algumas adaptações na área habitacional poderão estar ligadas a estes momentos, mas o único dado seguro provém da construção nº3 (*domus*), onde se verificou um exemplar de H3H, em *terra sigillata* foceense tardia, dado coevo possivelmente à ânfora Keay 62 existente no Museu Municipal, mas sem contexto (Diogo, 1999a).

### o Possíveis avanços para a cronologia inicial de algumas ânforas lusitanas

Em termos do mobiliário cerâmico, o ambiente 1 do sector norte da ponte permitiu aferir também algumas hipóteses de recuo da cronologia inicial de fabrico de algumas ânforas lusitanas. Vários exemplares de Alm.51c (preparados de peixe) ou Lusitana 3 (vinho) surgem em várias UEs do ambiente 2 do sector sul da ponte, na primeira metade (provavelmente meados) do século II. A aceitar esta datação, estaríamos perante dados cerca de meio século mais antigos em face dos conhecidos (Mayet; Silva, 1998 Etienne; Mayet, 2002). O tipo Lusitana 9 surge com um exemplar numa UE do século III, no ambiente 1 deste sector, o que pode antecipar o início deste contentor em 50 ou 100 anos (Duarte; Raposo, 1996; Raposo; Duarte, 1996; Mayet; Silva, 1998; Vaz Pinto; Lopes, 2006).

### • O comércio de *terra sigillata* (e cerâmica africana de cozinha). O contributo deste trabalho

Podemos traçar um conjunto de conclusões principais relativamente à evolução do comércio de *terra sigillata* e de cerâmica africana de cozinha no território peninsular e no centro de consumo de Chãos Salgados, tendo em conta as ideias desenvolvidas sobretudo no **capítulo 4** deste trabalho, *para o qual remetemos uma busca mais desenvolvida das citações* que suportam as conclusões agora escritas.

O desenvolvimento do comércio destas cerâmicas em Chãos Salgados, na fachada ocidental da *Hispania*, obedeceu, segundo a análise efectuada, não só a vários períodos económico-políticos abrangentes, mas também à sua gradação segundo três grandes áreas litorais peninsulares: a área a Norte do Cabo da Nao; a área entre este promontório e o Estreito de Gibraltar, com desenvolvimentos até à zona do Guadalquivir ou mesmo até ao Sul da *Lusitania*; e uma terceira área, aquém do Estreito, particularmente enfatizada na faixa ocidental atlântica.

#### • *Terra sigillata* itálica

A TSI foi abordada em menor amplitude neste trabalho, devido à sua fraca representação em Chãos Salgados. Contudo, destacamos uma ideia desta análise, enquanto pista de trabalho futura: a de que o final das grandes importações desta cerâmica possa estar bastante condicionado pelo paradigma germânico e pelas escavações de Bolsena (Ettlinger; et Al., 1992; Schindler-Kaudelka, 2002; **ver capítulo 4.1.1**), já que a evidência estratigráfica do Oriente peninsular, sobretudo no sector nordeste, indicia uma capacidade comercial da TSI, por vezes em situação de domínio, nas épocas cláudio-neronianas (e inícios dos Flávios?). O domínio da TSI nesta altura é ainda claro nas estratigrafias de *Celsa-Lepida*, *Tarraco* e *Baetulo*; mais a Sul, em *Valentia*, embora já secundária, está ainda muito bem representada nos níveis flávios. Um conjunto de formas toma a primazia nestas épocas: *Consp.* 20 e 23, 12, 18 e 22, o que poderá indiciar uma cronologia mais extensa para as 3 últimas. Esta suposta extensão da capacidade competitiva da TSI, na costa leste hispânica, quando o seu comércio sofria uma clara contracção geográfica, parece igualmente demonstrada por algumas curvas de importação, para além da de Chãos Salgados, que revelam uma quebra nos decénios tibérios, mas uma certa recuperação na época cláudia, ao contrário da maioria dos sítios, onde a época pós-tibéria parece constituir o fim deste domínio (**ver anexo 2, tabelas 2, 44, 53 e 55**).

#### • *Terra sigillata* sudgálica

Os índices de TSSG são generalizadamente mais altos do que os de TSI (**ver anexo 7, tabela 2**). O pico nero-vespasião das produções sudgálicas é sucedido por uma litoralização deste comércio entre 70 e 100 d.C., com mercado preferencial em toda a faixa costeira ou peri-costeira, que contorna a península até à desembocadura do Tejo. As estratigrafias demonstram, pelo menos, 3 áreas litorais de controlo sudgálico: extremo Nordeste, Baleares e Sudoeste. Neste último sector, se a Ilha do Pessegueiro e o Monte Molião (**ver anexo 2, tabelas 46-48**; Arruda; et Al., 2008) comprovam a supremacia da TSSG no litoral, já Chãos Salgados, algo recuado face à costa, assiste ao domínio da TSH sobre a TSSG, demonstrando um contraponto contemporâneo, factor ainda mais acentuado em *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010).

Se é possível que a alta competitividade dos produtos hispânicos, entre o Ebro e o Cabo da Nao, possa ter forçado os mercadores sudgálicos a actuar com mais intensidade no Sudoeste e no Sul, faltam-nos contudo dados estratigráficos para realizar com pormenor esta mancha meridional, na segunda metade do século I.

Se o extremo Nordeste permanece como mercado dominado pela TSSG, na primeira metade do século II (**ver anexo 2, tabela 51**), o mesmo parece acontecer na faixa sul lusitana, segundo a estratigrafia de Monte Molião. Numa época em que a TSH domina amplamente os mercados, parecem permanecer alguns nichos para a TSSG. Se em Ampúrias (**ver anexo 2, tabela 12**), o repertório se reduz à Drag. 27, 37 e 18/31, no Monte Molião, a forma decorada está ausente. É possível que o tipo Drag. 18 sudgálico tenha sido complementar ao repertório hispânico, agora dominante, mas onde raramente consta este prato.

• **Terra sigillata hispânica. A inversão do primado de La Rioja (c.50-100 d.C.) para o de Andújar (c.100-150 d.C.), no Sul mais litoral da península**

A importação média anual de TSH é normalmente mais baixa do que a da TSSG, no Sul e no litoral, mas dominante no interior e no Norte (**ver anexo 7, tabela 2**).

O paradigma estatístico apresenta La Rioja como tendencialmente setentrional e continental, contra um suposto comércio de Andújar, mais vocacionado para o litoral e o Sul (Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Quaresma, 1999a). Contudo, se a própria estatística que listámos demonstra um papel muito mais intenso do que o suposto de La Rioja nas linhas marítimas, a verdade é que a *análise estratigráfica disponível*, para o Sul da Península, nomeadamente em Chãos Salgados e na Ilha do Pessegueiro, aos quais podemos acrescentar Sines e Monte Molião, revela um *domínio de La Rioja entre c.50-100 d.C. e uma inversão deste binómio na primeira metade do século II, quando Andújar se torna dominante* (Silva; Soares, 1993; Silva; Coelho-Soares, 2004; Arruda; et Al., 2008). Por outro lado, *Augusta Emerita*, no interior centro lusitano, ilustra o modelo de domínio interior de La Rioja, que abastece hegemonicamente esta cidade, em toda a diacronia alto-imperial (Bustamante, 2010).

A continuidade temporal do comércio de La Rioja parece fazer-se a Norte do Cabo da Nao, a ver pela estratigrafia de *Valentia*, onde permanece hegemónico ao longo do século II e aparentemente até no século III, com quantitativos ainda maioritários (**ver anexo 2, tabela 55**). *Augusta Emerita* demonstra um declínio acentuado na primeira metade do século II, mas igualmente a continuidade dos fluxos de La Rioja (Bustamante, 2010).

O comércio de Andújar, de repertório bastante reduzido a partir de c.100 d.C., confinado essencialmente ao binómio Drag. 15/17 e 27, é preponderante, a longa-distância (Sul e áreas menos interiores?), até c.150 d.C., momento a partir do qual deve tornar-se esporádico, ao sofrer uma contracção, mas provavelmente não uma extinção, pois as estratigrafias de Cordoba, no terceiro quartel do século II, e de Los Matagallares, no século III, comprovam uma contracção gradual, mas ainda capaz de alcançar Cordoba nesta última centúria, com formas de imitação de TSAf C (Bernal, 1998; Monterroso Checa, 2002, 2005).

A degradação dos fabricos que observamos na TSSG de Chãos Salgados (pastas 1 a 3 e vernizes 1 a 3), ao nível crono-tipológico e crono-estratigráfico, fica mais cabalmente demonstrada no espólio de TSH, tanto em La Rioja (grupos e 1 e 2), como em Andújar (grupos 3 e 4).

Tentámos explicar o fim (exceptuando alguns nichos referidos) das exportações de TSSG, na charneira do século I para o II, e a nova hegemonia de Andújar (no Sul mais litoral peninsular), confinada a fabricos pobres e a uma redução drástica do seu repertório (pelo menos na Ilha do Pessegueiro e em Chãos Salgados), após um ciclo de vendas bastante forte durante c.50-100 d.C., decorrente de uma provável sobreprodução na TSSG e na TSH.

• **O problema do século II (que possibilidades de uma análise comparativa?)**

O principal problema sobre o conjunto de fenómenos do século II é o de saber qual a escala geográfica e qual a abrangência sectorial.

Trata-se de uma conjuntura que afectou todo o Império, como poderá indicar a flutuação dos naufrágios (**ver fig. 131**), a circulação monetária (**ver fig. 111**), ou o consumo de carne (**ver fig. 114**)?

Outros fenómenos têm uma dispersão mais duvidosa: qual o real impacto da chamada Praga de Antonino e da crise de finanças imperial, expressa na desvalorização monetária gradual e nas medidas centrais de combate ao *deficit*, particularmente sensíveis no principado de Marco Aurélio?

Os dados da *Hispania*, região mais periférica, sobretudo na sua face atlântica, mas muito menos na sua área mediterrânica, são compatíveis em termos cronológicos.

Os *opera publici* na *Hispania* parecem manter-se estáveis até Trajano, tal como o desenvolvimento urbano na áreas lusitana e do Noroeste tarraconense (Morais, 2005a).

No que respeita ao declínio da extracção de metais, a cronologia plausível é a partir de c.150 d.C., na *Lusitania* e na *Baetica* (Bustamante; et Al., 2008; Blásquez, 1978). A produção de preparados de peixe lusitana também decai a partir do terceiro quartel do século II, pelo menos nos centros com estratigrafias mais seguras, como a Ilha do Pessegueiro (Soares; Silva, 1993) e o Pinheiro (Mayet; Silva, 1998), altura em que o Sul da Península Ibérica é afectado pelas incursões dos *Mauri*, fenómeno cuja abrangência não é também fácil de perceber (Arce, 2005).

Temos assim um conjunto de fenómenos situável a partir de c.150 d.C., tendencialmente mais coevo da possível crise demográfica provocada pela Praga de Antonino (Bruun, 2007), mas posterior ao declínio prolongado da circulação monetária em várias regiões do Império (**ver fig. 111**), cujo início recua nitidamente a c.100 d.C., e posterior também, mas menos, ao aparente declínio do tráfego comercial no Mediterrâneo, com início situável na primeira metade do século II (**ver fig. 131**).

Falamos pois de pelo menos dois tempos para esta conjuntura: c.100-150 d.C. e c.150-200 d.C..

Os dados do consumo de *terra sigillata* na *Hispania*, quantificável em vários sítios lusitanos (cidades de Chãos Salgados - *Mirobriga?* e *Conimbriga*; *villae* de Represas e São Cucufate; centro de produção de preparados de peixe de Tróia), da *Baetica* (*Baelo*) e da *Tarraconensis* (*Valentia*) coincidem com o abrandamento da circulação financeira proposta por Hopkins (1980) e demonstram, pela sua ampla diacronia, que o consumo que se obteve até inícios do século II nunca mais foi atingido (embora a *villa* de São Cucufate tenha excelentes níveis no século IV e o *floruit* de Tróia esteja ligado a uma maior dinâmica da produção de preparados de peixe lusitana no Baixo-Império). Mais surpreendente ainda é a altura da curva de consumo do século I, várias vezes superior à do restante segmento da curva (**ver figs. 116-119**).

Infelizmente não temos outras quantificações totais de *terra sigillata* em outros centros de consumo do Império. Embora aparentemente Poitiers e Roma também tenham uma redução do consumo desta cerâmica na primeira metade do século II (Rizzo, 2003), é-nos impossível determinar a escala do fenómeno.

### **o Terra sigillata africana A**

Demonstrámos que as produções de mesa sudgálica e hispânica não são imediatamente substituídas pela africana, na primeira metade do século II, na área hispânica e não só, pois o mesmo acontece na área itálica (Martin, 2006) ou na Líbia (Kenrick, 1985). A estratigrafia de *Augusta Emerita*, embora tenha apenas a *terra sigillata* hispânica quantificada (**ver fig. 101**), demonstra que este consumo decai enormemente na primeira metade do século II, enquanto que uma série de outros sítios lusitanos, béticos e tarraconenses, demonstra que só a partir da segunda metade do século II é que a *sigillata* africana se impõe no mercado, apesar da importância da cerâmica africana de cozinha na costa oriental hispana e noutros sítios do Ocidente mediterrânico, já na primeira metade do século II, factor muitas vezes não separado das quantificações africanas (caso da **fig. 119**, quadro de Fentress e Perkins, 1987), mas identificado por Reynolds (2005).

### **o Transformação e não declínio**

A importância de África já assinalada por Rostovtzeff (1957) ao nível urbanístico, desde Trajano, e detectável na própria circulação monetária a partir de finais do século II (**ver fig. 111**), é bem expressa pelo domínio da *terra sigillata* africana A, a partir de c.150 d.C..

É bem possível que este abrandamento (?) económico do século II seja em muito uma transição do primado económico da área norte mediterrânica a favor desta nova área directora, o Norte de África e em particular a Proconsular e a Bizacena.



Como escreveu Jongman (2007), mais do que *crise* ou *declínio*, devemos estar a falar de *transformação*, mas o *floruit* alto-imperial de vários itens leva também este autor a relembrar o problema de Gibbon (1776). A *terra sigillata* consumida na *Hispania* (e talvez em Roma) confirma igualmente o pensamento de Bauman e Wilson (2009): podemos falar de um crescimento até c.200 d.C., mas os dados do abrandamento da economia são claramente anteriores em vários sectores, um deles o da *terra sigillata*, a mais importante cerâmica fina de mesa, produzida em larga-escala e certamente um dos principais índices económicos da época romana.

## • O Baixo-Império e a Antiguidade Tardia

### o A cronologia final da *terra sigillata* africana A

O quadro geo-económico que originou as cronologias tradicionais da TSAf A evidencia uma dicotomia entre o Oriente e o Ocidente (Quaresma, no prelo d). É nesta região que se situam todos os contextos que prolongam as cronologias desta produção até aos inícios do século IV. As datações propostas por Hayes (1972) e por Tortorella e Carandini (*Atlante*, 1981) tinham por base uma situação comercial oriental, cujos contextos estratigráficos são diferentes daqueles situados no Ocidente, a partir de c.250 d.C.. O Ocidente parece ser a direcção principal da TSAf A nesta altura, quando a TSAf C domina claramente os contextos orientais.

Assim, se na *Agora* de Atenas e em Beirute, as estratigrafias demonstram o início do domínio da TSAf C a partir de meados do século III, já na área central, em *Ostia*, as quantificações mais recentes demonstram um domínio da TSAf A, nos estratos do terceiro quartel da centúria:

Na Ilha do Pessegueiro, o domínio da TSAf A perdura; na costa leste, *Valentia* demonstra a escassez da TSAf C e a boa importação dos vasos proconsulares; níveis residuais de *Roses* e *Garganes* demonstram igualmente o domínio da TSAf A sobre a produção da Bizacena, que domina já, entre 250-275 d.C., em *Ampúrias* e *Gerunda* e, ao longo deste século, em *Ebusus*.

Em Chãos Salgados não existem contextos ricos para esta altura, mas a informação é variada. A TSAf C ultrapassa a TSAf A, em meados do século III, na curva estatística, mas no **contexto 65**, de século III pleno, com maior riqueza de quantitativos, a TSAf A domina. Na estratigrafia de Chãos Salgados, no século III pleno e inícios do século IV, as seguintes formas de TSAf A indiciam sobrevivência: H3C, H6C, mas sobretudo as H14A, H14, nº8, H15, H14B ou 15, variante larga, H14C, H27=L9a, H27=L9a2 e H26 (ou H27) (**capítulo 4.2.2.4.1**). Particularmente quanto ao tipo H15, já M. Bonifay (2004) havia proposto taxativamente a sua extensão até finais do século III, situação à qual não é alheia a evidência de naufrágios de inícios do século IV com TSAf A (**ver anexo 2, tabela 33**), também eles no Ocidente.

### o A curva de c.250-300 d.C.

Época de retoma do comércio alimentar, de azeite e preparados de peixe (Reynolds, 2005), com a *Lusitania* a reestruturar a sua produção deste último item, o período de c.250-300 d.C. tem fortes quebras no consumo de *terra sigillata* (Bonifay; Tchernia, no prelo), no Mediterrâneo ocidental (**ver figs. 116 e 118**), Chãos Salgados incluído. Na *Hispania*, esta curva baixa não é tão nítida em *Conimbriga*, pois remonta ao século II, e, em *Valentia*, para além de uma aparente quebra menor do comércio africano, o hispânico continua forte.

Não deixa de ser tentador procurar algum tipo de relação entre um fenómeno tão nítido no registo arqueológico, com alguns dados históricos, com as pragas descritas entre os anos de 250 e 280 d.C. (Blois; Pleket; Rich, 2002), bem como com os fenómenos inflacionários e de circulação abundante de moeda nos mercados, a partir de 270 d.C. (Hopkins, 1980; Jones, 1953), embora, pelo menos este último fenómeno pareça ser posterior ao início da quebra da *terra sigillata* (c.250 d.C.?). É provável que estejamos perante mais um indício das mudanças de primado económico, neste caso das economias ocidentais para as orientais, o que parece expressar o gráfico da **fig. 129**, que demonstra uma quebra muito menor da *terra sigillata*, a Oriente, cujas vendas estão em crescendo contínuo.

### o *Terra sigillata africana C e A/D*

Na *Hispania*, os valores de IMA da TSAf C são normalmente inferiores aos de TSAf A, que é ultrapassada pela produção da Bizacena, por volta de meados do século III, na curva crono-tipológica. A TSAf C parece assim ter funcionado em contra-ciclo, mas sem ter conseguido substituir totalmente a TSAf A no abastecimento dos sítios de consumo, cujas curvas gerais de importação descem (**ver anexo 7, tabela 2**).

Os valores altos da importação média anual da TSAf C na costa lusitana, em vários sítios, como Chãos Salgados, obrigam-nos a equacionar uma intensificação do comércio da Bizacena, na primeira metade do século IV, que permita a obtenção destas cifras estatísticas.

A provar a importância do comércio da Bizacena nos finais do século III e primeira metade do IV está o claro direccionamento da TSAf C3 de relevos aplicados, pelo tipo H52B, cujo maior mercado é aparentemente o lusitano (Reynolds, 1995). Por seu lado, a representação mais nítida da H53A no leste peninsular, a partir de c.350 d.C., é o reflexo da contracção comercial da TSAf C, graças à nova produção dominante, a TSAf D, num “renascimento” das oficinas zeugitanas.

O tipo Delgado, 1968, tav. III, nº 1, produzido entre c.370 e 450 d.C., na Bizacena e talvez também da Zeugitana (TSAf D1 - embora não exista em El-Mahrine) possui uma dispersão essencialmente ocidental, estando bem representado em *Conimbriga*, Chãos Salgados e *Baelo* (*Atlante*, 1981; Mackensen, 1993; Delgado; Mayet; Alarcão, 1975; Bourgeois; Mayet, 1991). A sua classificação recorrente como H67 impede por ora uma melhor cartografia da sua dispersão, mas indicia também que os ateliers bizacenos tenham recorrido muitas vezes aos circuitos ocidentais.

No litoral sul da fachada atlântica da *Lusitania*, Chãos Salgados é, ao momento, o sítio ocidental com maior conjunto de TSAf A/D. A predominância da H31 em Represas (Lopes, 1994) e em Chãos Salgados relaciona-se certamente *Baelo*, onde o volume desta produção é muito alto (Bourgeois; Mayet, 1991).

A raridade em *Tarraco* (Aquilué, 1992a), mas a boa presença em *Valentia* (Reynolds, 1984), bem como em *Turrís Libisonis* (**ver anexo 2, tabela 22**), levou-nos a levantar a hipótese de que a rota usada para a distribuição de TSAf C/E, no século IV, para a Península Ibérica, remontasse a meados do século III e privilegiasse o Estreito para articulação para Ocidente e para o Sudeste hispânico e possivelmente Baleares e Sardenha. Muito bem representada em Chãos Salgados e em *Baelo*, a TSAf C/E expande-se igualmente até *Valentia* e a sua comercialização indicia de novo desvio para a Sardenha, dispersão que parece remontar à TSAf A/D, no século III.

### o *Terra sigillata africana D*

A TSAf D reforça os seus valores de importação média anual em relação aos da TSAf C. Na Península Ibérica, apenas um pequeno número de sítios desce os seus valores. Todos estes sítios são lusitanos e entre eles encontra-se Chãos Salgados. A posição destes mercados lusitanos, à excepção da *Egitania*, é sempre meridional, pelo que esta contracção económica, bem visível em Chãos Salgados e na Ilha do Peseigueiro, deve ter razões regionais que não percebemos ainda, já que a TSAf D alcança muitos mais pontos peninsulares e, no século IV, o Noroeste aumenta nitidamente as suas importações, o que comprova o alcance das redes comerciais existentes (**ver anexo 7, tabela 2**; Quaresma; Morais, no prelo).

Contudo, mesmo em Chãos Salgados, tal como em Tróia e São Cucufate, na primeira metade do século IV, atinge-se um novo *floruit* comercial (Tróia atinge o ponto mais alto das importações de *terra sigillata* e Chãos Salgados atinge o segundo ponto mais elevado).

A descida de valores a partir de meados da centúria, em sítios como Chãos Salgados, relaciona-se com a queda das exportações da Bizacena (TSAf C tardia), que não é totalmente compensada pela nova produção dominante, a TSAf D (**ver figs. 116-119**).

O aumento de vendas de TSAf D, nos finais do século IV e inícios do V, visível em vários mercados do Mediterrâneo ocidental, tal como em *Baelo*, no Estreito, que tem agora a sua retoma depois de uma longa estagnação, é seguido por uma queda acentuada das vendas, no segundo quartel do século V.

A crise na produção de TSAf D e o ressurgimento da Bizacena (TSAf C5), nos decénios centrais do século V (Fulford; Peacock, 1984; Tortorella, 1987; Reynolds, 1995) têm assim contornos complexos e parecem anteceder a conquista vândala de Cartago, em 439 d.C., mas é sem dúvida uma época de crise de

vendas no Mediterrâneo ocidental, ao contrário do quadro oriental, onde as vendas, sobretudo de TSFT, estão em ascensão, embora entre c.420 e 450 d.C., também no Oriente, as vendas de TSAf D e TSFT apresentem uma ligeira quebra (**ver fig. 129**). Apesar de mercados como *Tarraco* indicarem retoma entre 450 e 475 d.C. (**ver anexo 2, tabela 42**), esta só se concretiza plenamente a partir de 475 d.C. (Reynolds, 1995; 2010), quando as importações africanas voltam a subir em sítios como *Baelo*, mas com um mercado mais contraído, onde já não pontuam alguns dos antigos centros urbanos, rurais e industriais, na *Lusitania*.

Durante o período vândalo, alguns contextos ocidentais apontam para uma transição do primado da TSAf D1 para o da TSAf D2, não de uma forma brusca, por volta de c.450 d.C., mas antes em progressão ao longo da segunda metade do século V. Marselha, Ampúrias e *Tarraco* indicam uma progressão da hegemonia deste fabrico, desde 450 d.C., na primeira, em 475 d.C., na segunda, e 500+ d.C., na terceira: uma rota de progressão que teria a Itália ou a Gália como área-chave, numa época em que a TSAf C5 também consolida os seus quantitativos, em Marselha, denotando uma possível estratégia comum com a própria DSP provençal (**ver anexo 2, tabela 30**; Bonifay, 2004).

A *Lusitania* é bastante afectada pela conjuntura de meados / terceiro quartel do século V. S. Cucufate e Represas importam ainda até aos inícios do século VI (Alarcão; Etienne; Mayet, 1990; Lopes, 1994), mas a Ilha do Pessegueiro não ultrapassa c.450 d.C. (Silva; Soares, 1993), tal como Sines (Silva; Coelho-Soares) e a Courela dos Chãos (Coelho-Soares, 1987), ou a *Ammaia* (Pereira, 2006).

Chãos Salgados, já com apenas uma ou outra família a habitar o antigo núcleo urbano, ainda importa escassa TSAf D2, na segunda metade do século V.

Entre c.450 e c.550 d.C., os valores decaem bastante. Vários sítios eminentemente litorais importam, em pequena escala, até ao segundo quartel do século VI: ao nível urbano e rústico, *Ossonoba* (Viegas, 2009), *Milreu* (Teichner, 2008), *Cerro da Vila* (Teichner, 2008), *Montinho das Laranjeiras* (Coutinho), *Alto do Cidreira* (Nolen, 1988) e *Parreitas* (Dias, 2008); ao nível industrial, *Lagos* (Ramos; Almeida; Laço, 2006), *Tróia* (Etienne; Makaroun; Mayet, 1994) e *Comenda* (Trindade; Diogo, 1996).

No interior, a capital *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010) possui evidência estratigráfica até c.550 d.C., mas em franco declínio desde c.450 d.C., em consonância com a imagem sem contexto fornecida por Vasquez de la Cueva (1985).

A partir de c.550 d.C., a importação de TSAf D é também escassa no Noroeste (excepto *Vigo*) e provavelmente também em *Olisipo*, a Sul. Na *Galaecia*, *Bracara Augusta* termina as aquisições nesta época (Quaresma; Morais, no prelo).

Na costa central da *Lusitania*, as importações em *Scallabis* e *Conimbriga* terminam na primeira metade do século VII (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975; Viegas, 2003), tal como na costa sul, em *Balsa* (Viegas, 2009).

Para além de *Vigo* (trabalho em curso de A. Fernández Fernández), a importação de TSAf D, até ao século VII, na rota atlântica, é comprovada assim, não pela fraca presença na *Lusitania*, mas sim por *Bordéus* (Bonifay, 2004), embora a *Britannia* deixe de importar em meados/segunda metade do século VI (Campbell, 2007; Reynolds, 2010).

### **o Terra sigillata foceense tardia**

A H10 não surge na *Lusitania*, que centra o seu consumo entre c.450 e c.500 d.C.. O seu comércio foi de cariz litoral, mas atingiu muitos pontos interiores, sobretudo no Sul (Fabião, 2009). A sua litoralidade é contudo expressa pela raridade em *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010).

Os sítios peninsulares com maior IMA de TSFT são *Baelo*, no Estreito, com comércio até ao século VII (H10: Bourgeois; Mayet, 1991), e, na fachada atlântica, *Conimbriga* e *Bracara Augusta*, com importações que se centram muito nos finais do século V, embora atinjam c.550 d.C. (**ver anexo 7, tabela 2**; Quaresma; Morais, no prelo).

Em *Vigo*, onde as cerâmicas finas tardias são abundantes, a TSFT conta com um quadro tipológico extenso e supera a própria TSAf D, nos quantitativos gerais. Cronologicamente a inversão do primado africano para o foceense ocorre no século VI e a H10 suplanta a H3 a partir da segunda metade do século VI (Fernández Fernández, 2010). Tal como *Baelo*, *Vigo* termina essencialmente este comércio em meados do VII, o que condiz com os dados da *Britannia* (H10C), onde também a TSFT é superior à TSAf (Bonifay, 2004), embora importante entre 460 e 550 d.C. (H3C-F), à semelhança da *Lusitania* (Campbell, 2007; Reynolds, 2010).

Em *Bracara Augusta*, capital da *Galaecia*, parece ocorrer um quadro intermédio: entre a decadência lusitana e a pujança crescente de Vigo, porto de ligação na rota para a *Britannia*, possui um primado contínuo da TSAf D, mas em declínio nos momentos finais do século V, o que permite à TSFT quase alcançar o domínio do mercado por algum tempo (**ver fig. 130**).

### o *Terra sigillata* hispânica tardia

A TSHT parece ter tido o seu apogeu na segunda metade do século IV e sofrido uma quebra, na primeira metade do século V, segundo estratigrafias como a de *Tarraco*, onde, em meados desta centúria, se denota alguma retoma da TSHT. Por volta de 450 d.C., assiste-se igualmente a uma contracção comercial das DSP, agora procedentes somente da Provença e já não cumulativamente do Languedoc, no mercado de Ampúrias. Este revela uma primazia dos produtos gálicos, na esteira do que já sucedia no Alto-Império, com raridade de TSHT, que só adquire alguma expressividade em *Tarraco*, mercado mais próximo da foz do Ebro. Terá sido para Sul deste rio, tal como havia acontecido com a TSH, no Alto-Império, que a TSHT do Ebro encontra uma área de mais fácil expansão, voltando a ter cifras semelhantes a *Tarraco*, em *Portus Sucronem* (**ver anexo 2, tabelas 62, 64, 66, 68b**). Aparentemente, a TSHT do Ebro teve a costa a Norte do Ebro como outra via de escoamento dos seus produtos que atingem a faixa norte peninsular, mas não a *Lusitania*. O ligeiro domínio das oficinas do Ebro, em *Bracara Augusta*, e o domínio acentuado das do Douro, em Terronha de Pinhovelo, indiciam um comércio tendencialmente marítimo da primeira produção e um escoamento terrestre / fluvial para a segunda, que foi hegemónica na *Lusitania* e forneceu o único exemplar de Chãos Salgados ou o mercado amplo de *Augusta Emerita* (Morais, no prelo; Magalhães, 2007; Bustamante, 2010).

Por fim, vários dados estratigráficos, em Gijón, *Caesaraugusta*, *Bracara Augusta* e *Augusta Emerita* permitem equacionar o final da produção de TSHT em meados do século VI (**capítulo 4.2.2.4.3**).

### o Cerâmica africana de cozinha

O comércio de cerâmica africana de cozinha decorre ao longo de 3 grandes períodos ocidentais: entre Domiciano e a primeira metade do século III é mais forte do que o de TSAf, na Itália e na costa leste peninsular; na segunda metade do século III e século IV, está em fase descendente, embora ainda atinja cifras altas na costa leste; a partir dos inícios do século V, inicia a sua fase final, embora ainda subsista no século VI, pelo menos na costa leste (**capítulo 4.2.2.6**).

Ao nível geográfico, temos uma área mediterrânica onde a sua distribuição é muito forte, muitas vezes superior à da TSAf; uma área intermédia, no Sul peninsular, onde, aquando do *floruit* de c.200-250 d.C., a TSAf é 1,5 vezes superior à CAC, em Los Matagallares, mas supera novamente a TSAf, em *Balsa* (mas talvez não em *Baelo*), nas cifras totais; e uma terceira área, a fachada ocidental atlântica, onde Chãos Salgados demonstra a hegemonia da TSAf sobre a CAC (**capítulo 4.2.2.6**).

Em todas estas áreas, particularmente no leste, onde estão disponíveis vários dados estratigráficos, bem como na Quinta do Marim, na *Lusitania*, a primeira metade do século III é o apogeu deste comércio (Silva; Coelho-Soares, 1992), cuja dicotomia Proconsular / Bizacena necessita de ser quantificada ao longo do tempo: em Chãos Salgados ocorre uma hegemonia da primeira área ao longo de toda a cronologia de importação.

O papel da CAC é sem dúvida complementar ao da TSAf e essa missão é particularmente visível na primeira metade do século II, quando, na costa leste peninsular, a CAC é muito mais forte do que a TSAf A e deve ocupar um lugar deixado vago pelo decréscimo de vendas global de *terra sigillata*, mesmo com a continuação dos canais distributivos de La Rioja e de Andújar durante o século II. A técnica de fabrico da CAC, tendencialmente afim à da TSAf, não é por isso, casual, e conferia-lhe certamente uma capacidade de penetração nestes mercados pré-existentes (**capítulo 4.2.2.6**).

Por isso, a compreensão dos fluxos de *terra sigillata*, e não apenas os da africana, deve ser perspectivada em conjunto com esta produção afim.



- **O comércio alimentar:**

- algumas pistas para a compreensão dos fluxos comerciais cerâmicos na *Lusitania*

- o O comércio anfórico lusitano entre c.250 e c.450 d.C.

Uma nova vitalidade lusitana (Fabião, 2000; 2004), nítida em âmbito peninsular, é evidente em *Hispalis*, onde os preparados lusitanos representam 50% das importações do Baixo-Império e Antiguidade Tardia, produto ao qual ainda acresce algum vinho, até 450 d.C. (**ver anexo 2, tabela 67**).

Dos 15 naufrágios com ânforas potencialmente lusitanas a partir de 250 d.C. (Étienne e Mayet, 1993-1994; Lopes; Mayet, 1990), em nove casos há igualmente ânforas tunisinas, sobretudo da Bizacena, e apenas em 4 casos as ânforas lusitanas estão acompanhadas de contentores béticos, Dressel 20 ou 23, numa aparente menor interdependência da *Lusitania* com a *Baetica*, o que parece significar que o comércio privado lusitano de preparados de peixe tivesse canais de distribuição algo diferentes do comércio estatal bético de azeite.

A análise crítica de M. Bonifay e A. Tchernia (no prelo) constatou que, no caso mais célebre, o de Cabrera 3 (c.257+ d.C.) as ânforas Dr.20 estão no fundo do navio, facto inesperado quando é de supor que o barco tenha vindo do Estreito. Nos vários naufrágios, datado pelos autores franceses entre c.250 e c.325-350 d.C., parece ocorrer uma dicotomia em que tanto pode ser o Estreito a fazer de articulador a um comércio africano, como Cartago a desempenhar esse papel à *Baetica*.

No segundo quartel do século V, três contextos de consumo na costa oriental peninsular demonstram que as ânforas lusitanas estão ainda bem representadas em *Tarraco* (**ver anexo 2, tabela 68**), embora escassas em Ampúrias (Reynolds, 2005), mas, em *Portus Sucronem*, a Sul do Cabo da Nao, as ânforas lusitanas são a segunda origem mais representada, a seguir à africana, com os tipos Almagro 51C=K23 e Almagro 51a-b=K19 (**ver anexo 2, tabela 68b**; Hurtado; et Al., 2008).

A geografia dos naufrágios referidos, todos a Oeste da Itália, revela uma dinâmica comercial eminentemente ocidental, e o Estreito de Gibraltar como pólo articulador. Estes dados parecem condizer com a evidência empírica para o comércio da *terra sigillata* africana, em particular da TSAf A/D e C/E, no século III pleno e século IV (**capítulos 4.2.2.4.1 e 4.2.2.4.2**).

- o O comércio anfórico africano e oriental

É provável que os valores anfóricos orientais maioritários em *Olisipo* (contexto Sommer), na *Lusitania*, bem como em *Bracara Augusta* e *Hispalis* (**ver anexo 2, tabelas 67 e 76**) se integrem numa corrente comercial mais intensa até c.550 d.C. (à excepção de Vigo e da *Britannia*), com destaque para as ânforas vinárias LRA 1 e LRA 3, mas muito menos para a LRA 4 (*Bracara Augusta*). Entre finais do século V e meados do VI, a LRA 2, com azeite egeu, mais rara no Mediterrâneo (Pieri, 2005) e sem publicações na *Lusitania* (referimos um exemplar de Setúbal, por informação oral do Dr. Carlos Tavares da Silva), alcança a *Britannia*, seguida pela LRA 1. Reynolds (2005) supõe assim uma linha directa Egeu-*Britannia*, paralela a uma boa presença de TSAf D na *Britannia*, também até 550 d.C.. A ausência de ânforas africanas leva contudo Reynolds a defender os cereais africanos como produto de troca pelos metais, lã ou peles britânicos (Reynolds, 2010).

O comércio não cerâmico (por um lado, os cereais africanos e o vinho e o azeite oriental; por outro lado, os metais britânicos) é vital na explicação da rota atlântica da Antiguidade Tardia e sua continuidade no pós-550 d.C. (até ao século VII chega TSFT à *Britannia*) e justifica as cifras maioritárias orientais, tanto em ânforas como em *terra sigillata*, a partir do século V, no Noroeste, nomeadamente *Bracara Augusta*, embora esse fenómeno pareça estender-se à *Lusitania* (*Olisipo*). A capital da *Galaecia* evidencia, em finais do século V/inícios do VI, a inversão do primado africano para o oriental, na *terra sigillata* (**ver fig. 130**), prenunciando os dados de Vigo no século VI (Fernández; Fernández, 2010), porto estrutural numa navegação com destino à *Britannia*, quando muitos centros de consumo lusitanos haviam-se contraído desde o segundo quartel do século V.





## 5. Conclusions

- **Le site et la stratigraphie**

- **Contributions pour la connaissance de l'évolution urbanistique de Chãos Salgados**

Un des sujets récurrents qui apparaît au cours des diverses études sur la romanisation, visant la période républicaine tardive et le début de l'Empire, est celui de tenter comprendre comment se produit la transition du substrat indigène vers un nouveau paradigme social, politique et culturel global, généralement appelé *romanisation*.

Pour une zone périphérique comme la Lusitanie, la recherche autour de cette thématique concerne surtout l'épigraphie et les questions qui en découlent, comme les cultes, la toponymie, l'anthroponymie, la progressive adoption de biens importés « romains », mais elle ne décrit généralement pas les processus d'adaptation urbanistique au-delà des adoptions *normales* aux modèles exogènes pendant l'époque républicaine tardive et surtout augustéenne et flavienne. Les études sur ces phénomènes plus complexes se concentrèrent sur d'autres régions périphériques, notamment la *Britannia* et la *Germania* (Lucas, 2003).

Strabon (*Geografia*, III, 1, 3; Garcia Bellido, 1945) décrit une cordillère centrale de la Péninsule Ibérique qui divise cette région en deux grands territoires: l'ibérique et le celtique. Pline l'Ancien nomme les habitants de *Mirobriga*, toponyme qui se situe très probablement à Chãos Salgados, comme étant les *Mirobricensis qui Celtici cognominantur* (*Histoire Naturelle*, 4.118 et 4.116 ; Guerra, 1995). Les études autour de la transition de la culture matérielle sur la Péninsule sont encore rares et prouvent la survivance, au long du I<sup>er</sup> siècle ap. J.-C., d'attributs indigènes dans la céramique, surtout pour les régions septentrionales où elle semble atteindre le début du II<sup>e</sup> siècle (**chapitre 2.2.4**).

Dans ce cadre s'inscrit probablement la construction n°2 de Chãos Salgados, que nous avons interprété comme étant la transposition d'un modèle indigène (nommé « temple celtique ») d'occupation sidérique vers une zone plus périphérique de la nouvelle ville romaine au cours du troisième quart du I<sup>er</sup> siècle, c'est-à-dire une probable *interpretatio* d'un modèle indigène.



La seconde contribution est de caractère environnemental, hypothèse normalement exclue des analyses sur les phénomènes de mutation historique. De corrélation moins aisée, les données climatiques et archéologiques que nous avons présentées pour les III<sup>e</sup> et IV<sup>e</sup> siècles ap. J.-C., surtout pour la construction n°1 (couverture de l'*atrium*, qui était ouvert pendant le Haut-Empire) ainsi que pour la construction n°2 (fermeture des espaces ouverts), suggèrent une cause environnementale pour ce changement culturel en ce qui concerne l'architecture. Il est urgent de confirmer ou d'invalider ceci sur d'autres sites : s'agit-il d'un phénomène historique isolé ou d'un processus, lent et hétérogène qui parcourt une zone plus vaste, préambule de la « Dark Ages Cold Period » avec la fin de la période interglaciaire typique (« Roman Warm Period ») ?

Il existe un fil conducteur pour les deux cas ici présentés : la culture matérielle au cours de la construction n°2 est parfaitement romaine (comme c'est le cas pour le reste de la ville romaine), ce qui signifie que le substrat de la culture matérielle indigène est déjà blanchi au troisième quart du I<sup>er</sup> siècle, survivant ainsi uniquement le modèle architectural ; en revanche, pendant les III<sup>e</sup> et IV<sup>e</sup> siècles, quand un modèle architectural romain est réadapté - et d'une certaine façon rejeté - il n'est accompagné d'aucun changement de culture matérielle, ni pour la *domus* n°1 ni pour la construction n°2.

Cette situation est tout à fait plausible si la cause (dont la progression dans l'espace et le temps ne se trouve pas bien définie) n'est pas encore politique ni culturelle (comme cela sera le cas à la fin de l'Empire romain) mais plutôt de nature environnementale.

Les fouilles effectuées en 2004 et 2005 sur le secteur du pont de Chãos Salgados permirent de tirer trois grandes conclusions : sur l'architecture de cette zone de la cité ; sur la chronologie et sur le rapport de ce secteur avec le reste du tissu urbain ; sur la chronologie commerciale de certain matériel céramique, notamment la sigillée hispanique et africaine, ainsi que certains indicateurs chronologiques initiaux des amphores lusitaniennes de la dénommée 'seconde phase', en particulier, les types Almagro 51c ou *Lusitana* 3 (types non identifiables sur les exemplaires en question) et *Lusitana* 9=Sado2.

Dans les années 1980, l'équipe américaine qui fouilla le site (Biers, et al., 1988), attribua à la construction des Bains orientaux une chronologie du début du II<sup>e</sup> siècle (chronologie que nous avons hypothétiquement située encore à l'époque flavienne) et aux Bains occidentaux une datation du milieu du II<sup>e</sup> siècle, alors que l'édification du cirque fut datée du début de ce même siècle.

Lors de notre campagne de fouille, nous avons pu dater le pont au cours de la première moitié du II<sup>e</sup> siècle, ce qui signifie qu'à ce moment la ville, qui avait déjà un *forum*, des *tabernae* et des zones résidentielles dès la seconde moitié du I<sup>er</sup> siècle, était aussi dotée d'un complexe de bains publics et d'un cirque, celui-ci à 700m de la ville (du moins d'après le plan connu). Ces installations exigeaient ainsi un réseau viaire à ce niveau, ce qui mena à créer le pont à l'Est des bains. Celui-ci serait, très probablement, une des sorties Sud de la cité et servirait de façon immédiate cet aménagement de spectacles public.

Notre recherche a permis également de conclure que la zone résidentielle au Sud du *decumanus* fut agrandie au travers d'*insulae* à construction de relative bonne qualité, durant cette première moitié du II<sup>e</sup> siècle. Au même moment les Bains orientaux sont aussi dotés d'une *natatio*.

De même, d'un point de vue urbanistique, nous pouvons conclure que la restauration du cirque au cours du III<sup>e</sup> siècle (Biers; et Al., 1988) fut accompagnée d'une réfection du dallage du pont, du moins du côté Nord, et qu'une nouvelle canalisation d'arrivée d'eau fut ajoutée à la *natatio*. C'est aussi au cours du III<sup>e</sup> siècle, période de construction dans le secteur public, que furent effectuées les restaurations dans la *domus* n°1 de la zone résidentielle, ce qui semble indiquer que le secteur privé accompagnait ce dynamisme, non de croissance (comme ce fut le cas au cours des I<sup>er</sup> et II<sup>e</sup> siècles) mais de conservation d'immobiliers déjà existants.

La datation finale de la zone du pont accompagne le déclin de la ville à partir du VI<sup>e</sup> siècle, atteignant peut-être la première moitié du V<sup>e</sup> siècle (quand s'achève également l'occupation des constructions n°1 (*domus*) et n°2, dans la zone résidentielle). L'inexistence de matériel exclusif du V<sup>e</sup> siècle est compatible avec la proposition américaine de situer l'abandon des Bains au cours du IV<sup>e</sup> siècle, ce qui rendrait cette partie de la ville peu fréquentée (ignorant, toutefois, quel est le moment d'abandon du cirque, genre d'édifice qui survit habituellement jusqu'au V<sup>e</sup> siècle et parfois VI<sup>e</sup> siècle, comme à *Tarraco*, *Caesaraugusta* et *Augusta Emerita* (Fuentes Dominguez, 1997).

Après le milieu du V<sup>e</sup> siècle, à peine une ou deux familles habiteraient dans l'ancienne cité. Certaines restaurations dans la zone résidentielle pourront être liées à cette phase, mais la seule donnée sûre est issue de la construction n°3 (*domus*), où fut identifié un tessou de H3H, en sigillée phocéenne tardive,

probablement contemporain à l'amphore Keay 62 conservée au Musée Municipal, mais hors contexte (Diogo, 1999a).

#### ○ Possibles hypothèses pour la datation initiale de certaines amphores lusitaniennes

En ce qui concerne le matériel céramique, l'espace 1 du secteur Nord du pont permet d'émettre quelques hypothèses afin de reculer la chronologie initiale de la fabrication de certaines amphores lusitaines. Plusieurs exemplaires d'Alm. 51c (produits piscicoles) ou Lusitana 3 (vin) apparaissent sur plusieurs US de l'espace 2 du secteur Sud du pont durant la première moitié (probablement milieu) du II<sup>e</sup> siècle. Si nous acceptons cette datation, nous sommes face à des données plus anciennes d'à peu près un demi siècle de celles déjà connues (Mayet; Silva, 1998 Etienne; Mayet, 2002). Un exemplaire de *Lusitana* 9 apparaît sur une US du III<sup>e</sup> siècle, dans l'espace 1 de ce secteur, ce qui peut anticiper le début de cette amphore de 50 à 100 ans (Duarte; Raposo, 1996; Raposo; Duarte, 1996; Mayet; Silva, 1998; Vaz Pinto; Lopes, 2006).

#### ● Le commerce de la sigillée (et céramique culinaire africaine). Les apports de cette étude

Nous pouvons établir un ensemble de conclusions principales en ce qui concerne l'évolution du commerce de la sigillée et de la céramique culinaire africaine sur le territoire péninsulaire, notamment pour le centre de consommation à Chãos Salgados, prenant en compte les idées développées surtout au cours du **chapitre 4** de ce travail, auquel nous renvoyons le lecteur pour une recherche plus développée des citations qui soutiennent les conclusions ici décrites.

Le développement du commerce de ces céramiques à Chãos Salgados, sur le territoire occidental de l'Hispanie, correspond, d'après l'analyse effectuée, non seulement à plusieurs phases économiques et politiques globales mais également régionales, suivant trois grandes aires littorales péninsulaires : la zone du Nord du Promontoire *de la Nao*; la zone entre ce promontoire et le Détroit de Gibraltar, avec des répercussions jusqu'à la zone du Guadalquivir ou même jusqu'au Sud de la Lusitanie ; et une troisième zone, au-delà du Détroit, particulièrement importante sur la façade occidentale atlantique.

#### ● La sigillée italique

La sigillée italique fut moins abordée au cours de cette étude due à sa faible représentation à Chãos Salgados. Néanmoins, une idée ressort de cette analyse pouvant être ainsi une piste de travail futur : l'idée selon laquelle la fin des grandes importations de cette céramique puisse être fort conditionnée par le paradigme germanique et par les fouilles de Bolsena (Ettlinger; et Al., 1992; Schindler-Kaudelka, 2002; voir **Chapitre 4.1.1.**). En effet, l'évidence stratigraphique de cette région orientale de la Péninsule, notamment le Nord-est, indique une capacité commerciale de la sigillée italique, parfois dominante pendant la période claudienne et sous Néron (et début des Flaviens ?). La primauté de la sigillée à cette époque est encore claire dans les stratigraphies de *Celsa-Lepida*, *Tarraco* et *Baetulo* ; plus au Sud, *Valentia*, même si secondaire, est encore très bien représentée sur les niveaux flaviens. Un ensemble de formes prédomine à cette époque : *Consp.* 20 et 23, 12, 18 et 22, ce qui peut indiquer une chronologie plus étendue pour les trois dernières. Cette apparente extension de la capacité compétitive de la sigillée italique sur la côte hispanique orientale, alors que son commerce souffre une nette contraction géographique, semble être aussi démontrée par certaines courbes d'importation, au-delà de celle de Chãos Salgados. En effet, celles-ci révèlent une chute pendant les décennies tibériennes suivie, en revanche, d'une certaine récupération à l'époque claudienne, à l'inverse de la majorité des sites où la période post-tibérienne semble représenter la fin de cette suprématie (voir **annexe 2, tableaux 2, 44, 53 et 55**).

#### ● La sigillée sud-gauloise

Les valeurs de la sigillée sud-gauloise sont généralement plus élevées que celles de la sigillée italique (voir **annexe 7, tableau 2**). Le pic néro-vespasien des productions gauloises est dû à la littoralisation

de ce commerce entre 70 et 100 ap. J.-C., avec un marché préférentiel sur toute la bande côtière et péri-côtière qui contourne la Péninsule jusqu'à l'embouchure du Tage. Les stratigraphies démontrent au moins trois zones littorales contrôlées par la production gauloise : l'extrême Nord-est, les Baléares et le Sud-ouest. Pour cette dernière, si l'île de Pessegueiro et Monte Molião (**voir annexe 2, tableaux 46-48**; Arruda; et Al., 2008) sont la preuve de la suprématie de la sigillée sud-gauloise sur le littoral, Chãos Salgados, plus en recul par rapport à la côte, voit en revanche la prédominance de la sigillée hispanique sur la gauloise, représentant ainsi un contrepoint contemporain. Ce fait est encore plus accentué à *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010).

S'il est probable que la forte compétitivité des produits hispaniques, entre l'Ebre et le Promontoire *de la Nao*, ait pu forcer les *mercatores* du Sud de la Gaule à concentrer leur activité au Sud-ouest et au Sud, il nous manque toutefois des données stratigraphiques pour réaliser avec détail l'analyse de cette zone méridionale dans la seconde moitié du I<sup>er</sup> siècle.

Si l'extrême Nord-est continue à être dominé par le marché de la sigillée sud-gauloise au cours de la première moitié du II<sup>e</sup> siècle (**voir annexe 2, tableau 51**), il semblerait qu'il en soit de même pour la zone du Sud de la Lusitanie, d'après la stratigraphie de Monte Molião. En revanche, à une époque où la sigillée hispanique domine amplement les marchés, quelques niches de sigillée sud-gauloise semblent se maintenir. Si à Ampurias (**voir annexe 2, tableau 12**) le répertoire se réduit aux Drag. 27, 37 et 18/31, à Monte Molião la forme décorée est absente. Il est possible que le type Drag. 18 gallo-romain ait été complémentaire au répertoire hispanique, maintenant dominant, mais où il est rare d'y trouver ce plat.

• **Sigillée hispanique. L'inversion de la primauté de La Rioja (env. 50-100 ap. J.-C.) envers celle d'Andujar (environ 100-150) sur le littoral méridional de la Péninsule**

L'importation moyenne annuelle (IMA) de la sigillée hispanique est généralement inférieure à celle de la sigillée sud-gauloise, au Sud et sur le littoral tandis qu'elle est dominante à l'intérieur des terres et au Nord (**voir annexe 7, tableau 2**).

Le paradigme statistique présente le commerce de La Rioja comme étant tendanciellement septentrional et continental contre un commerce d'Andujar supposément plus orienté vers le littoral et le Sud (Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Quaresma, 1999a). Néanmoins, si les statistiques que nous énumérons révèlent un rôle de La Rioja sur les lignes maritimes beaucoup plus intensif que prévu, il est vrai que l'analyse stratigraphique disponible pour le Sud de la Péninsule (notamment Chãos Salgados et l'île de Pessegueiro auxquelles nous pouvons ajouter Sines et Monte Molião) illustre une primatie de la Rioja entre env. 50 et 100 ap. J.-C., ainsi qu'une inversion de ce binôme au cours de la première moitié du II<sup>e</sup> siècle, quand le commerce d'Andujar devient prédominant (Silva; Soares, 1993; Silva; Coelho-Soares, 2004; Arruda; et Al., 2008). D'autre part, *Augusta Emerita*, plus à l'intérieur des terres lusitaniennes, reste le modèle de la primauté du commerce de La Rioja dans l'hinterland, fournissant abondamment cette ville pendant tout le Haut-Empire (Bustamante, 2010).

Le commerce de la Rioja se fait longuement sentir au Nord du Promontoire *de la Nao*, visible à travers la stratigraphie de *Valentia* où il garde son hégémonie tout au long du II<sup>e</sup> siècle et apparemment jusqu'au III<sup>e</sup> siècle de façon encore majoritaire (**voir annexe 2, tableau 55**). *Augusta Emerita* subit un déclin accentué au cours de la première moitié du II<sup>e</sup> siècle tout en gardant une continuité des flux de la Rioja (Bustamante, 2010).

Le commerce d'Andujar, dont le répertoire se réduit aux alentours de 100 ap. J.-C. et se confine essentiellement au binôme Drag. 15/17 et 27, est prépondérant à longue distance (au Sud et sur des zones moins intérieures?) jusqu'à environ 150 ap. J.-C.. À partir de ce moment, il semblerait se raréfier souffrant une contraction mais probablement pas une disparition, puisque les niveaux stratigraphiques de Cordoue, au troisième quart du II<sup>e</sup> siècle, et ceux de Los Matagallares au III<sup>e</sup> siècle, démontrent une contraction progressive mais encore capable d'atteindre Cordoue à la fin de ce siècle au travers des formes d'imitation de la sigillée africaine C (Bernal, 1998; Monterroso Checa, 2002, 2005).

D'un point de vue chrono-typologique et chrono-stratigraphique, la dégradation de la qualité de la pâte que nous observons sur la sigillée sud-gauloise à Chãos Salgados (pâtes 1 à 3 et vernis 1 à 3) est encore plus visible sur le matériel de sigillée hispanique, tant à La Rioja (groupe 1 et 2) qu'à Andujar (groupe 3 et 4).

Nous avons ainsi tenté d'expliquer la fin (à l'exception de certaines niches de marché) des exportations de la sigillée sud-gauloise à la charnière du I<sup>er</sup> siècle, et la nouvelle hégémonie d'Andujar (au Sud plus littoral de la Péninsule), confinée à des fabrications de moindre qualité et à une réduction drastique de son répertoire (du moins sur l'île de Pessegueiro et à Chãos Salgados), après un cycle de vente relativement fort aux environs de 50-100 ap. J.-C., découlant d'une probable surproduction de la sigillée sud-gauloise et de la sigillée hispanique.

- **Le problème du II<sup>e</sup> siècle (quelles alternatives pour une analyse comparative?)**

Le principal problème touchant l'ensemble des événements du II<sup>e</sup> siècle est de savoir quelle est leur échelle géographique et quelle est leur champ d'action sectoriel. S'agit-il d'une conjoncture qui atteint tout l'Empire, comme semblent l'indiquer la fluctuation des naufrages (**voir fig. 131**), la circulation monétaire (**voir fig. 111**) et la consommation de la viande (**voir fig. 114**) ? D'autres phénomènes ont une dispersion moins évidente : quel est l'impact réel de la dite peste antonine et de la crise des finances impériale, exprimée à travers la dévalorisation monétaire progressive et des mesures centrales de combat au *deficit*, particulièrement sensibles pendant le règne de Marc Aurèle ?

Les données de l'Hispanie, région plus périphérique - notamment sur sa face atlantique, moins sur la zone méditerranéenne - sont compatibles en termes chronologiques.

Les *opera publici* de l'Hispanie semblent rester stables jusqu'à Trajan, ainsi que le développement urbain en Lusitanie et dans le Nord-ouest de la Tarraconaise (Morais, 2005a).

En ce qui concerne le déclin de l'extraction des métaux en Lusitanie et en Bétique, la chronologie plausible se trouve aux alentours de 150 ap. J.-C. (Bustamante; et Al., 2008; Blásquez, 1978). La production piscicole lusitanienne décline également à partir du troisième quart du II<sup>e</sup> siècle, du moins dans les centres à stratigraphie sûre, comme sur l'île de Pessegueiro (Soares; Silva, 1993) et à Pinheiro (Mayet; Silva, 1998). C'est à ce moment aussi que le Sud de la Péninsule Ibérique est atteint par les incursions de *Mauri*, phénomène dont le degré de répercussion est difficile à comprendre (Arce, 2005).

Nous avons ainsi un ensemble d'événements qui se situe à partir des environs de 150 ap. J.-C., tendanciellement plus contemporain à la probable crise démographique provoquée par la peste antonine (Bruun, 2007) mais, en revanche, postérieur au déclin prolongé de la circulation monétaire qui se vérifie dans plusieurs régions de l'Empire (**voir fig. 111**), dont le début recule clairement aux alentours de 100 ap. J.-C.. Ces événements sont également légèrement postérieurs à l'apparent déclin du trafic commercial de la Méditerranée dont le début se situe pendant la première moitié du II<sup>e</sup> siècle (**voir fig. 131**).

Nous signalons ainsi au moins deux moments pour cette conjoncture : env. 100-150 ap. J.-C. et env. 150-200 ap. J.-C.

Les données au sujet de la consommation de sigillées en Hispanie, quantifiables sur plusieurs sites lusitaniens (villes de Chãos Salgados – *Mirobriga* ? et *Conimbriga* ; *villae* de Represas et São Cucufate ; centre de production piscicole de Tróia), de la Bétique (*Baelo*) et de la Tarraconaise (*Valentia*) coïncident avec le ralentissement de la circulation monétaire proposée par Hopkins (1980) et démontrent, par son ample diachronie, que la consommation qui fut atteinte jusqu'au début du II<sup>e</sup> siècle, ne le fut plus jamais par la suite (quand bien même la *villa* de São Cucufate ait eu d'excellents niveaux au IV<sup>e</sup> siècle et le *floruit* de Tróia ait été lié à un plus grand dynamisme de la production piscicole lusitanienne pendant le Bas-Empire). Il est surprenant d'observer, toutefois, la hauteur de la courbe de la consommation du I<sup>er</sup> siècle, plusieurs fois supérieure à celle du segment restant (**voir figs. 116-119**).

Nous n'avons malheureusement pas plus de quantifications totales de sigillée provenant d'autres centres de consommation de l'Empire. Bien qu'apparemment Poitiers et Rome aient également eu une réduction de la consommation de cette céramique au cours de la première moitié du II<sup>e</sup> siècle (Rizzo, 2003), il nous est impossible de déterminer l'échelle de ce phénomène.

- **Sigillée africaine A**

Nous avons démontré que les productions de table sud-gauloises et hispaniques ne sont pas immédiatement remplacées par les productions africaines durant la première moitié du II<sup>e</sup> siècle sur la Péninsule Ibérique. Ceci est d'ailleurs également le cas pour la zone italique (Martin, 2006) ou en Lybie



(Kenrick, 1985). La stratigraphie d'*Augusta Emerita*, bien qu'elle n'ait que la sigillée hispanique quantifiée (**voir fig. 101**), confirme que cette consommation décroît de façon importante durant la première moitié du II<sup>e</sup> siècle, alors qu'une série d'autres sites de la Lusitanie, de la Bétique et de la Tarraconaise démontrent que ce n'est qu'à partir de la seconde moitié du II<sup>e</sup> siècle que la sigillée africaine s'impose sur le marché. Ceci malgré l'importance de la céramique culinaire africaine sur la côte orientale hispanique et sur d'autres sites de la Méditerranée occidentale dès la première moitié du II<sup>e</sup> siècle, facteur très souvent non séparé des quantifications africaines (cas de la **fig. 119**, tableau de Fentress et Perkins, 1987) mais identifié par Reynolds (2005).

○ *Transformation plutôt que déclin*

L'importance d'un point de vue urbanistique de l'Afrique du Nord dès le règne de Trajan, déjà signalée par Rostovtzeff (1957), et démontrée par la propre circulation monétaire à partir de la fin du II<sup>e</sup> siècle (**voir fig. 111**) est bien exprimée par la prédominance de la sigillée africaine A à partir de 150 ap. J.-C..

Il est fort possible que le ralentissement (?) économique du II<sup>e</sup> siècle soit avant tout une transition de la primauté économique de la zone du Nord de la Méditerranée en faveur de cette nouvelle zone directrice, le Nord de l'Afrique, notamment la Proconsulaire et la Byzacène.

Comme écrivit Jongman (2007), plutôt que d'une *crise* ou d'un *déclin*, nous devrions parler de *transformation*, même si le *floruit* de plusieurs biens pendant le Haut-Empire mène cet auteur à rappeler le problème de Gibbon (1776). La sigillée consommée en Hispanie (et peut-être à Rome) confirme également la pensée de Bauman et Wilson (2009) : nous pouvons évoquer une croissance jusqu'à 200 ap. J.-C. mais les données du ralentissement de l'économie sont clairement antérieures sur plusieurs secteurs, l'un d'eux est celui de la sigillée, la plus importante céramique fine de table, produite sur une grande échelle et certainement un des principaux indicateurs économiques de l'époque romaine.

● **Le Bas-Empire et l'Antiquité Tardive**

○ **La chronologie finale de la sigillée africaine A**

Le cadre géo-économique qui donna origine aux chronologies traditionnelles de la sigillée africaine A montre clairement une dichotomie entre l'Orient et l'Occident (Quaresma, sous presse d). C'est dans cette région que se situent tous les contextes qui prolongent la chronologie de cette production jusqu'au début du IV<sup>e</sup> siècle. Les datations proposées par Hayes (1972) et par Tortorella et Caradini (*Atlante*, 1981) avaient pour base une situation commerciale orientale, dont les contextes stratigraphiques sont différents de ceux qui se trouvent en Occident, notamment à partir de 250. L'Occident semble être la destination principale de la sigillée africaine A à cette époque, alors que la sigillée africaine C domine clairement les contextes orientaux.

De cette sorte, si sur l'*Agora* d'Athènes ou à Beyrouth, les stratigraphies prouvent un début de la prédominance de la sigillée africaine C à partir de la moitié du III<sup>e</sup> siècle, on dénote en revanche pour la zone plus centrale, comme à Ostie, que les quantifications plus récentes démontrent une prédominance de la sigillée africaine A sur les strates du troisième quart de ce siècle.

Sur l'île de Pessegueiro la primatie de la sigillée africaine A perdure; sur la côte orientale, *Valentia* révèle une présence rare de la sigillée africaine C et une bonne importation de coupes proconsulaires; des niveaux résiduels à Roses et Garganes indiquent également une prédominance de la sigillée africaine A sur la production de la Byzacène, qui est déjà prédominante entre 250 et 275 ap. J.-C. à Ampurias et *Gerunda* ainsi qu'à *Ebusus* au cours de ce siècle.

A Chãos Salgados il n'y a pas de contextes suffisamment riches pour cette période, mais l'information est diverse. La sigillée africaine C dépasse l'africaine A sur la courbe statistique vers la moitié du III<sup>e</sup> siècle mais sur le **contexte 65**, en plein III<sup>e</sup> siècle, la sigillée africaine A domine en termes quantitatifs. D'après la stratigraphie de Chãos Salgados, au III<sup>e</sup> siècle et au début du IV<sup>e</sup> siècle, les formes suivantes

survivent : H3C, H6C, mais surtout les formes H14A, H14, n°8, H15, H14B ou 15, variante large, H14C, H27=L9a, H27=L9a2 et H26 (ou H27) (**chapitre 4.2.2.4.1**). Plus particulièrement, en ce qui concerne le type H15, M. Bonifay (2004) a proposé de façon péremptoire son prolongement jusqu'à la fin du III<sup>e</sup> siècle, situation qui n'est d'ailleurs pas étrangère à l'évidence de naufrages, en Occident, chargés de sigillée africaine A au début du IV<sup>e</sup> siècle (**voir annexe 2, tableau 33**).

#### ○ La courbe aux environs des années 250-300 ap. J.-C.

Malgré le fait qu'il s'agisse d'une période de reprise du commerce alimentaire, d'huile d'olive et de produits piscicoles (Reynolds, 2005), avec une restructuration de cette dernière production en Lusitanie, les années aux alentours de 250 et 300 dénoncent de fortes chutes dans la consommation de la sigillée (Bonifay; Tchernia, *sous presse*) sur la zone occidentale de la Méditerranée (**voir figs. 116 et 118**), Chãos Salgados inclus. En Hispanie, cette courbe basse n'est pas aussi nette à *Conimbriga* car elle commence au II<sup>e</sup> siècle, et à *Valentia*, au-delà d'une apparente chute moins accentuée du commerce africain, l'hispanique semble rester en hausse.

Il est ainsi tentant de chercher un certain rapport entre un phénomène si net sur le registre archéologique avec des données historiques, comme les pestes décrites entre les années 250 et 280 (Blois; Pleket; Rich, 2002), ainsi que les mouvements inflationnels et la circulation abondante de monnaies sur les marchés à partir de 270 (Hopkins, 1980; Jones, 1953), quand bien même ce dernier phénomène soit probablement postérieur au début de la chute des sigillées (env. 250 ?). Il est probable que cela soit un indice sur les changements du primat économique, dans ce cas, des économies occidentales vers les orientales. Ceci semble en effet être exprimé sur le graphique de la **fig. 129** qui montre une chute très inférieure en Orient, où les ventes sont en *crescendo* continu.

#### ○ Sigillée africaine C e A/D

En Hispanie, les valeurs de l'importation moyenne annuelle de la sigillée africaine C sont généralement inférieures à celles de la sigillée africaine A, dépassée par la production de la Byzacène aux alentours du III<sup>e</sup> siècle sur la courbe chrono-typologique. La sigillée africaine C semble ainsi avoir fonctionné en « contre-cycle » mais sans avoir réussi à remplacer totalement la sigillée africaine A dans le ravitaillement des centres de consommation dont les courbes générales d'importation décroissent (**voir annexe 7, tableau 2**).

Les valeurs élevées de l'IMA de la sigillée africaine C sur la côte lusitanienne, sur plusieurs sites comme à Chãos Salgados, nous obligent à proposer une intensification du commerce de la Byzacène vers la première moitié du IV<sup>e</sup> siècle qui permette l'obtention de ces données statistiques.

Cette importance du commerce de la Byzacène à la fin du III<sup>e</sup> et la première moitié du IV<sup>e</sup> siècle est prouvée par la nette orientation de la sigillée africaine C3 à reliefs appliqués vers le type H52B, dont le plus grand marché est apparemment celui de la Lusitanie (Reynolds, 1995). De son côté, la plus nette représentation de la H53A sur l'Est péninsulaire, à partir d'environ 350 ap. J.-C., est le reflet de la contraction commerciale de la sigillée africaine C, grâce à une nouvelle production dominante, la sigillée africaine D, une « renaissance » des ateliers de la Zeugitane.

Le type Delgado, 1968, tav. III, n°1, produit entre environ 370 et 450 ap. J.-C. dans la Byzacène et aussi dans la Zeugitane (sigillée africaine D1 – bien qu'elle n'existe pas à El-Mahrine) connaît une dispersion essentiellement occidentale, bien représentée à *Conimbriga*, Chãos Salgados et *Baelo* (*Atlante*, 1981; Mackensen, 1993; Delgado; Mayet; Alarcão, 1975; Bourgeois; Mayet, 1991). Sa classification récurrente comme H67 empêche pour le moment une meilleure définition cartographique de sa dispersion, mais indique en revanche que les ateliers de la Byzacène ont eu très souvent recours aux circuits occidentaux.

Situé sur la côte méridionale de la façade atlantique de la Lusitanie, Chãos Salgados est, pour l'heure, le site occidental avec le plus grand ensemble de sigillée africaine A/D. La prédominance de la H31 à Represas (Lopes, 1994) et à Chãos Salgados est certainement à mettre en relation avec *Baelo*, où le volume de cette production est très élevé (Bourgeois; Mayet, 1991).

La rareté de la sigillée africaine C/E à *Tarraco* (Aquilué, 1992a) mais sa présence intéressante à *Valentia* (Reynolds, 1984) et à *Turrus Libisonis* (**voir annexe 2, tableau 22**), nous laisse suggérer que la voie

utilisée pour sa distribution au cours du IV<sup>e</sup> siècle sur la Péninsule Ibérique pourrait remonter au milieu du III<sup>e</sup> siècle et privilégier le Détroit en vue d'une articulation vers l'Occident et vers le Sud-est hispanique, ainsi que, probablement, vers les Baléares et la Sardaigne. Très bien représentée à Chãos Salgados et à *Baelo*, la sigillée africaine C/E s'étend jusqu'à *Valentia*. Sa commercialisation indique à nouveau un détour vers la Sardaigne, dispersion qui semble provenir de la sigillée africaine A/D, au III<sup>e</sup> siècle.

#### o Sigillée africaine D

La sigillée africaine D renforce ses valeurs d'importation moyenne annuelle par rapport à celles de la sigillée africaine C. Sur la Péninsule Ibérique peu de sites diminuent ces valeurs. Tous ces sites sont lusitaniens, desquels fait partie Chãos Salgados. La localisation de ces marchés lusitaniens, à l'exception d'*Egitania*, est toujours méridionale, ce qui signifie que cette contraction économique, bien visible à Chãos Salgados et sur l'île de Pessegueiro, doit avoir des raisons à caractère régional que nous ne percevons pas encore. En effet, la sigillée africaine D est présente sur beaucoup plus de sites péninsulaires et, au cours du IV<sup>e</sup> siècle, le Nord-ouest augmente nettement ses importations, ce qui prouve le champ d'action de réseaux commerciaux existants (**voir annexe 7, tableau 2** ; Quaresma ; Morais, sous presse).

Toutefois, même à Chãos Salgados, ainsi qu'à Tróia et à São Cucufate, au cours de la première moitié du IV<sup>e</sup> siècle, on atteint un nouveau *floruit* commercial : Tróia atteint le pic le plus élevé des importations de sigillées et Chãos Salgados le second plus élevé.

La baisse des valeurs à partir de la moitié du siècle, sur des sites comme Chãos Salgados, est à lier avec la chute des exportations de la Byzacène (sigillée africaine C tardive), qui n'est pas totalement compensée par la nouvelle production prédominante, la sigillée africaine D (**voir figs. 116-119**).

L'augmentation des ventes de la sigillée africaine D à la fin du IV<sup>e</sup> et au début du V<sup>e</sup> siècle, visible sur divers marchés de la Méditerranée occidentale, comme à *Baelo* sur le Détroit qui reprend après un long moment de stagnation, est suivie par une chute accentuée des ventes au deuxième quart du V<sup>e</sup> siècle.

La crise de la production de la sigillée africaine D et le resurgissement de la Byzacène (sigillée africaine C5) au milieu du V<sup>e</sup> siècle (Fulford; Peacock, 1984; Tortorella, 1987; Reynolds, 1995) ont des contours complexes et semblent précéder la conquête vandale de Carthage, en 439 ap. J.-C.. Il s'agit, sans aucun doute, d'une époque où les ventes sont en crise sur la Méditerranée occidentale, à l'inverse de l'Orient où celles-ci, notamment la sigillée phocéenne tardive, sont en ascension, même si entre environ 420 et 450 ap. J.-C. les ventes de sigillée africaine D et phocéenne tardive présentent en Orient une légère chute (**voir fig. 129**). Malgré le fait que certains marchés, comme à *Tarraco*, indiquent une reprise entre 450 et 475 ap. J.-C. (**voir annexe 2, tableau 42**), celle-ci ne se concrétise pleinement qu'à partir de 475 ap. J.-C. (Reynolds, 1995 ; 2010), quand les importations africaines recommencent à croître sur des sites comme *Baelo*, mais avec un marché moins élargi, qui n'atteint plus plusieurs centres urbains, ruraux et industriels de la Lusitanie.

Lors de la période vandale, certains contextes occidentaux indiquent une transition de la primauté de la sigillée africaine D1 vers la D2, non de forme brusque, aux alentours de 450 ap. J.-C., mais plutôt progressivement au long de la seconde moitié du V<sup>e</sup> siècle. Marseille, Ampurias et *Tarraco* indiquent une progression de la primauté de cette production : dès 450 ap. J.-C. à Marseille, en 475 ap. J.-C. à Ampurias et après 500 ap. J.-C. pour *Tarraco*. Il s'agirait d'une voie commerciale en progression qui aurait l'Italie, ou la Gaule, comme zone clef à une époque où la sigillée africaine C5 devient également plus importante à Marseille, dénotant une possible stratégie commune à travers la DSP provençale (**voir annexe 2, tableau 30**; Bonifay, 2004).

La Lusitanie est particulièrement atteinte par cette conjoncture de la moitié et du troisième quart du V<sup>e</sup> siècle. São Cucufate et Represas importent encore jusqu'au début du VI<sup>e</sup> siècle (Alarcão; Etienne; Mayet, 1990; Lopes, 1994) mais l'île de Pessegueiro et Sines ne dépassent pas les années 450 ap. J.-C. (Silva; Soares, 1993), ainsi que Courela dos Chãos (Coelho-Soares, 1987) ou la ville d'*Ammaia* (Pereira, 2006).

Chãos Salgados, avec à peine une ou deux familles habitant dans l'ancien centre urbain, importe quelques sigillées africaines D2 au cours de la deuxième moitié du V<sup>e</sup> siècle.

Entre environ 450 et 550 ap. J.-C. les valeurs chutent considérablement. Plusieurs lieux sur le littoral important, à petite échelle, jusqu'au deuxième quart du VI<sup>e</sup> siècle : au niveau urbain et rural, à

Ossonoba (Viegas, 2009), à Milreu (Teichner, 2008), à Cerro da Vila (Teichner, 2008), à Montinho das Laranjeiras (Coutinho), à Alto do Cidreira (Nolen, 1988) et à Parreitas (Dias, 2008); au niveau industriel, à Lagos (Ramos; Almeida; Laço, 2006), à Tróia (Etienne; Makaroun; Mayet, 1994) et à Comenda (Trindade; Diogo, 1996).

Sur le continent, la capitale *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010) possède une évidence stratigraphique jusqu'à 550 ap. J.-C. mais après un franc déclin dès 450 ap. J.-C., à l'instar de l'image sans contexte fournie par Vasquez de la Cueva (1985).

A partir d'environ 550 ap. J.-C., l'importation de la sigillée africaine D devient rare dans le Nord-ouest (à l'exception de Vigo) et probablement aussi à *Olissipo*, au Sud. Dans la *Galaecia*, *Bracara Augusta* finit ses importations à cette époque (Quaresma; Morais, sous presse).

Sur la côte centrale de la Lusitanie, les importations à *Scallabis* et *Conimbriga* terminent au cours de la première moitié du VII<sup>e</sup> siècle (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975; Viegas, 2003), ainsi que sur la côte Sud, à *Balsa* (Viegas, 2009).

Outre Vigo (Fernández Fernández, 2011), l'importation de la sigillée africaine D est confirmée jusqu'au VII<sup>e</sup> siècle sur la route commerciale atlantique non par la faible présence en Lusitanie mais par sa présence à Bordeaux (Bonifay, 2004), alors que la *Britannia* n'importe plus dès le milieu /seconde moitié du VI<sup>e</sup> siècle (Campbell, 2007; Reynolds, 2010).

#### o Sigillé phocéenne tardive

La H10 ne surgit pas en Lusitanie, celle-ci centrant sa consommation entre environ 450 et 500 ap. J.-C.. Son commerce fut littoral mais atteignit un grand nombre de sites de l'hinterland, notamment au Sud (Fabião, 2009). Son caractère littoral est cependant évident quand nous constatons sa rareté à *Augusta Emerita* (Bustamante, 2010).

Les sites péninsulaires dont l'IMA de sigillée phocéenne tardive est la plus élevée sont *Baelo*, sur le Détroit, avec un commerce perdurant jusqu'au VII<sup>e</sup> siècle (H10: Bourgeois; Mayet, 1991), et sur la côte atlantique, *Conimbriga* et *Bracara Augusta*, dont les importations se centrent surtout à la fin du V<sup>e</sup> siècle, pouvant toutefois atteindre 550 ap. J.-C. (**voir annexe 7, tableau 2**; Quaresma; Morais, sous presse).

A Vigo, où les céramiques fines tardives sont abondantes, la sigillée phocéenne tardive se compose d'une vaste typologie et dépasse la sigillée africaine D en nombre. D'un point de vue chronologique, l'inversion de la primauté de la sigillée africaine par rapport à la sigillée phocéenne se produit au cours du VI<sup>e</sup> siècle et la H10 dépasse la H3 à partir de la seconde moitié du VI<sup>e</sup> siècle (Fernández Fernández, 2010). A l'instar de *Baelo*, ce commerce termine à Vigo essentiellement vers la moitié du VII<sup>e</sup> siècle, ce qui est en accord avec les données de la *Britannia* (H10C), où la sigillée phocéenne tardive est supérieure à la sigillée africaine (Bonifay, 2004), même si elle est importante entre 460 et 550 ap. J.-C. (H3C-F), comme en Lusitanie (Campbell, 2007; Reynolds, 2010).

A *Bracara Augusta*, capitale de la *Galaecia*, il semble se produire une situation intermédiaire : entre la décadence lusitanienne et la force croissante de Vigo, port de liaison sur la route commerciale avec la *Britannia*, la primauté de la sigillée africaine D semble continuer, commençant à décliner à la fin du V<sup>e</sup> siècle, ce qui permet à la sigillée phocéenne tardive de dominer le marché pour un certain temps (**voir fig. 130**).

#### o Sigillée hispanique tardive

La sigillée hispanique tardive semble atteindre son apogée durant la seconde moitié du IV<sup>e</sup> siècle et chuter au cours de la première moitié du V<sup>e</sup> siècle, selon les stratigraphies de *Tarraco* par exemple, où, vers la moitié de ce siècle, on dénote une certaine reprise de la sigillée hispanique tardive. Aux alentours de 450 ap. J.-C., sur le marché d'Ampurias, on assiste également à une contraction commerciale des DSP, maintenant provenant uniquement de la Provence et non plus du Languedoc. Le marché d'Ampurias révèle une primauté de produits gaulois, comme ce qui se produisit déjà depuis le Haut-Empire, avec de rares sigillées hispaniques tardives qui n'acquièrent une certaine expressivité qu'à *Tarraco*, marché le plus proche de la bouche de l'Ebre. Cela sera plus au Sud de ce fleuve, telle la sigillée hispanique pendant



le Haut-Empire, que la sigillée hispanique tardive de l'Ebre s'étendra plus facilement, à *Portus Sucronem* (voir annexe 2, tableaux 62, 64, 66, 68b), reprenant des chiffres semblables à ceux de *Tarraco*. Apparemment, la sigillée hispanique tardive de l'Ebre semble avoir comme autre voie d'écoulement de ses produits la côte au Nord de l'Ebre. Ces produits atteignirent la bande du Nord de la Péninsule mais non la Lusitanie. La faible présence des ateliers de l'Ebre à *Bracara Augusta* et la prédominance plus accentuée de ceux du Douro, à Terronha do Pinhovelo, indiquent un commerce tendanciellement maritime de la première production et un écoulement terrestre/fluvial pour la seconde production, qui fut prédominante en Lusitanie. Elle fournit un unique exemplaire à Chãos Salgados et un ample marché à *Augusta Emerita* (Morais, sous presse; Magalhães, 2007; Bustamante, 2010).

Enfin, plusieurs données stratigraphiques à Gijon, *Caesaraugusta*, *Bracara Augusta* et *Augusta Emerita* permirent de calculer la fin de la production de la sigillée hispanique tardive vers le milieu du VI<sup>e</sup> siècle (chapitre 4.2.2.4.3).

#### o Céramique culinaire africaine

Le commerce de la céramique de cuisine africaine se produit au long de trois grandes périodes occidentales: entre Domitien et la première moitié du III<sup>e</sup> siècle ce marché est plus fort que la sigillée africaine en Italie et sur la côte orientale de la Péninsule; au cours de la seconde moitié du III<sup>e</sup> siècle et le IV<sup>e</sup> siècle, il entre dans une phase décroissante, même s'il atteint encore des chiffres élevés sur la côte orientale; à partir du début du V<sup>e</sup> siècle, il entame sa phase finale, quand bien même il subsiste au long du VI<sup>e</sup> siècle, du moins sur la côte orientale (chapitre 4.2.2.6).

D'un point de vue géographique, sa distribution sur la zone méditerranéenne est fort importante, plusieurs fois supérieure à celle de la sigillée africaine: une zone intermédiaire est visible au Sud de la Péninsule où, lors du *floruit* des années 200-250 ap. J.-C., la sigillée africaine est 1,5 fois supérieure à la céramique culinaire africaine, à Los Matagallares, mais elle dépasse à nouveau la sigillée africaine à *Balsa* (mais probablement pas à *Baelo*) sur la totalité des nombres; et une troisième zone, la façade atlantique occidentale, où Chãos Salgados montre l'hégémonie de la sigillée africaine sur la céramique culinaire africaine (chapitre 4.2.2.6).

Sur toutes ces zones, en particulier à l'Est où plusieurs données stratigraphiques sont disponibles, ainsi qu'à la Quinta do Marim en Lusitanie, la première moitié du III<sup>e</sup> siècle représente l'apogée de ce commerce (Silva; Coelho-Soares, 1992), dont la dichotomie Proconsulaire / Byzacène doit être quantifiée tout au long de cette période: à Chãos Salgados on observe une hégémonie de la Proconsulaire au long de toute la chronologie d'importation.

Le rôle de la céramique culinaire africaine est certainement complémentaire à celui de la sigillée africaine et cette mission est particulièrement visible durant la première moitié du II<sup>e</sup> siècle, au moment où, sur la côte orientale de la Péninsule, la céramique culinaire africaine est beaucoup plus importante que la sigillée africaine A et occupe sans doute la place laissée libre grâce à la perte des ventes globales de sigillées, malgré la continuation des chemins de distribution de La Rioja et d'Andujar au cours du II<sup>e</sup> siècle. La technique de fabrication de la céramique culinaire africaine, tendanciellement semblable à celle de la sigillée africaine, n'est pas pour autant occasionnelle et lui conféra certainement une capacité de pénétration sur ces marchés préexistants (chapitre 4.2.2.6).

Ainsi, les flux de sigillée, et non pas seulement ceux de l'africaine, doivent être compris conjointement à cette production similaire.

#### o Le commerce alimentaire: certaines pistes afin de comprendre les courants commerciaux de la céramique en Lusitanie

##### ▪ Le commerce des amphores en Lusitanie entre env. 250 et env. 350 ap. J.-C.

Une nouvelle vitalité lusitanienne (Fabião, 2000; 2004), claire sur la Péninsule, est évidente à *Hispalis*, où les produits piscicoles lusitaniens représentent 50% des importations du Bas-Empire et de l'Antiquité Tardive, auxquels s'ajoute aussi le vin jusqu'à 450 ap. J.-C. (voir annexe 2, tableau 67).

Sur l'ensemble des 15 naufrages avec amphores potentiellement lusitaniennes à partir de 250 ap. J.-C. (Étienne e Mayet, 1993-1994; Lopes; Mayet, 1990), neuf cas ont aussi des amphores, surtout de la Byzacène et seulement pour quatre cas les amphores lusitaniennes sont accompagnées de contenants bétiques, Dressel 20 ou 23, démontrant ainsi une moindre interdépendance de la Lusitanie envers la Bétique. Ceci semble indiquer que le commerce privé lusitanien de produits piscicoles aurait eu des courants de distribution un peu différents relativement au commerce public d'huile d'olive de la Bétique.

L'analyse critique de M. Bonifay et A. Tchernia (sous presse) a permis de constater que, pour le cas le plus célèbre, celui de Cabrera 3 (env. l'an 257 ap. J.-C.), les amphores Dr. 20 se trouvent au fond du navire, ce qui est surprenant quand l'on suppose que le navire serait venu du Déroit. Sur les divers naufrages, datés par les auteurs français entre environ 250 et 325-350 ap. J.-C., il semble exister deux possibilités dichotomiques: soit c'était le Déroit qui faisait l'articulation avec un commerce africain, soit c'était Carthage qui avait ce rôle envers la Bétique.

Au cours du second quart du V<sup>e</sup> siècle, trois contextes de consommation sur la côte orientale péninsulaire démontrent que les amphores lusitaniennes sont encore bien représentées à *Tarraco* (voir **annexe 2, tableau 68**), alors qu'elles sont rares à Ampurias (Reynolds, 2005), mais à *Portus Sucronem*, au Sud du Promontoire *de la Nao*, les amphores lusitaniennes sont la deuxième origine la mieux représentée, après l'africaine, comme les types Almagro 51C=K23 et Almagro 51a-b=K19 (**ver annexe 2, tableau 68b**; Hurtado; et Al., 2008).

La localisation des naufrages en question, tous à l'Ouest de l'Italie, révèle un mouvement commercial éminemment occidental, ayant le Déroit de Gibraltar comme pôle articulateur. Ces données semblent coïncider avec l'évidence empirique du commerce de la sigillée africaine, en particulier l'africaine A/D et C/E, en plein III<sup>e</sup> siècle et IV<sup>e</sup> siècle (**chapitres 4.2.2.4.1 et 4.2.2.4.2**).

#### ▪ Le commerce d'amphores africaines et orientales

Il est probable que les valeurs d'amphores orientales majoritaires à *Olisipo* (contexte Sommer), en Lusitanie, tout comme à *Bracara Augusta* et à *Hispalis* (voir **annexe 2, tableaux 67 et 76**) s'intègrent dans un courant commercial plus intense jusqu'à environ 550 ap. J.-C. (à l'exception de Vigo et de la *Britannia*), surtout pour les amphores à vin LRA 1 et LRA 3, mais beaucoup moins pour la LRA 4 (*Bracara Augusta*). Entre la fin du V<sup>e</sup> et la moitié du VI<sup>e</sup> siècle, la LRA 2, transportant l'huile d'olive égéenne, plus rare en Méditerranée (Pieri, 2005) et sans publications en Lusitanie (nous nous référons à un exemplaire de Setúbal qui nous fut indiqué par Carlos Tavares da Silva), atteint la *Britannia* suivie de la LRA 1. Reynolds (2005) propose ainsi une ligne directe mer Égée - *Britannia*, parallèlement à une bonne représentation d'africaine D au Royaume-Uni, également jusqu'à 550 ap. J.-C.. L'absence d'amphores africaines mène néanmoins Reynolds à défendre les céréales africaines comme produits d'échange avec le métal la laine ou le cuir britanniques (Reynolds, 2010).

Le commerce non céramique (d'une part les céréales africaines, le vin et l'huile d'olive orientale; d'autre part, les métaux britanniques) est essentiel pour la compréhension du courant atlantique de l'Antiquité Tardive et sa continuité après 550 ap. J.-C. (la sigillée phocéenne tardive arrive à *Britannia* jusqu'au VII<sup>e</sup> siècle). Il explique ainsi un nombre élevé de céramique orientale, tant en amphores qu'en sigillée, à partir du V<sup>e</sup> siècle, dans le Nord-ouest, notamment *Bracara Augusta*, même si ce phénomène semble s'étendre à la Lusitanie (*Olisipo*). La capitale de la *Galaecia* rend ainsi évidente, à la fin du V<sup>e</sup>- début VI<sup>e</sup> siècle, l'inversion de la primauté africaine pour l'orientale, en ce qui concerne la sigillée (**voir fig. 130**), annonçant ainsi les données de Vigo au VI<sup>e</sup> siècle (Fernández; Fernández, 2010), port structurel dans la navigation à destination de la *Britannia*, alors qu'un grand nombre de centres de consommation lusitaniens s'étaient contractés dès le deuxième quart du V<sup>e</sup> siècle.



**Tabelas de contextos e estatísticas de Chãos Salgados**







Tabela 1 - Construção nº1 (fragmentos de <i>terra sigillata</i> e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)													
Fase	Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm. / Exs..	Cronologia						
Ia		1 - UE 458=469	TS	La Graufesenque V.3	D18	1	2ª metade ou 3º quartel do séc. I						
					D27	1							
					D29	1							
					Andújar Gr.3	D27		1					
					Andújar Gr.4	Ind.		2					
Ib		2 - UE 375	TS	La Graufesenque V.3	D15/17	1	séc. II (1ª metade?)						
					La Graufesenque V.2	Prato		1					
					La Rioja Gr.1	D27		1					
						D15/17		3					
						D27		2					
					La Rioja Gr.2	D33		1					
						D37		1					
						Prato		1					
						Ind.		2					
					Andújar Gr.3	D15/17		1					
						Ind.		1					
					Andújar Gr.4	D15/17		1					
						D27		1					
						Ind.		1					
					Africana A2	H9A=L2a		1					
Ind.	2												
IIa	Exterior Norte	3 - UE 376	TS	Local/regional	Dramont D2	1	finais séc. II						
					La Graufesenque V.3	Prato		1					
						La Rioja Gr.1		D27	1				
								Ind.	2				
					La Rioja Gr.2	D15/17		1					
						Ind.		1					
					Andújar Gr.3	Prato		1					
			Africana A2			Ind.		1					
			Africana C1/C2		Ind.	1							
					Ânfora	Tejo ou Sado		Dressel 14c/Alm.50	1				
			Gaditana			Keay XXIII=Alm.51c		1					
			IIb			4 - UE 331=400=392=413=343		TS	La Graufesenque V.3	D27	1	Séc. III a meados séc. V	
										La Rioja Gr.2	Prato		1
											D15/17		1
											D27		1
Andújar Gr.3	H4	1											
	Ind.	1											
Andújar Gr.4	Ind.	2											
	D27	1											
Africana A2	Ind.	3											
	H14A=L3a	1											
	H14B	2											
Africana C1/C2	Ind.	1											
	H50A=L40bis	1											
Africana C3	Ind.	5											
	Ind.	6											
	H50A/B	1											
Africana D1	Ind.	1											
	Africana C/E	H46	1										
Vidro		Taça em calote / afim a Isings 116	1										
		Taça indeterminável	2										
Ânfora	Tejo ou Sado	Alm. 51c	1										
		Gaditana	Dressel 14	1									
Lucerna	Provincial	Ind.	1										
		5 - UE Superficial	Almofariz	Bética	Bordo arredondado / fase 2 de Quaresma, 2006	1							
Ânfora	Africana			Classe 33	1								
I		6 - UE 449	TS	La Graufesenque V.2	D18	2	Flávios						
					La Graufesenque V.3	D18		5					
						D27		1					
						D37		1					
					La Graufesenque V.?			Tigela	1				
								Ind.	2				
					Ind.	1							

**Tabela 1 (continuação) - Construção nº1**  
**(fragmentos de terra sigillata e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)**

Fase	Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Frag. / Exs..	Cronologia						
I	6 - UE 449		TS	La Rioja Gr.1	D15/17	1	Flávios						
					D27	1							
					Ind.	4							
				La Rioja Gr.2	D15/17	4							
					D18	4							
					D27	5							
					Prato	1							
					Ind.	20							
				Andújar Gr.3	D15/17	2							
					D27	1							
					Decorada Hem.	1							
					Ind.	7							
				Andújar Gr.4	D15/17	1							
	D27	2											
	Ind.	8											
	Paredes Finas	Bética	Mayet 38b	1									
	Vidro		Isings 106?	1									
	7 - UE 443		TS	La Rioja Gr.2	D15/17	1	Finais séc. I						
					D27	1							
					Tigela	1							
					Ind.	1							
				Andújar Gr.4	D15/17	1							
					Almofariz	Local/regional		Bordo em martelo, var.?	1				
					Vidro			Ind.	1				
	8 - UE 378		TS	La Rioja Gr.2	Tigela	1	inícios séc. II						
					Andújar Gr.3	Ind.		1					
				Paredes Finas		Mayet XLII?		1					
	9 - UE Superficial		TS	La Rioja Gr.1	D27	1							
					Ind.	2							
				La Rioja Gr.2	D15/17	1							
					D18	1							
					D27	5							
Andújar Gr.3				Ind.	8								
				D15/17	1								
Andújar Gr.4				Ind.	1								
				D15/17	3								
				D27	1								
				Ind.	6								
Africana A2	H6A=Sal A 9a ou H6B=L23	1											
10 - UE 342=337=470		TS	La Rioja Gr.1	D15/17	1	Alto-Império (infiltrações posteriores)							
				La Rioja Gr.2	Ind.		3						
				Africana A2	Ind.		1						
				Africana C1/C2	Ind.		1						
				Africana C3	Ind.		1						
				Africana D1	Ind.		1						
			11 - UE 335=286=287=426		TS		La Rioja Gr.2	Ind.	1				
								12 - UE 311=245=256=300=368	TS	La Graufesenque V.3	D27	1	Finais séc. II ou séc. III a meados séc. V
											La Rioja Gr.2	D15/17	
										Andújar Gr.4	Ind.	1	
Africana A2	H14A=L3a	1											
Africana afim a A/D	Ind.	1											
CAC	CAC afim a A/D	L52c	1										
13 - UE 379=447=477		TS	Andújar Gr.3	D27	1	séc. II							
				Andújar Gr.4	D27		1						
				Andújar Gr.4	D27		1						
14 - UE 393=446		TS	Africana A2	H9A=L2a	1	séc. II							
				91 - UE 517=484=483=521=520=519=518	TS		Africana A2	H14	1				
								15 - UE 485	TS	La Rioja Gr.2	D27	1	
											Andújar Gr.3	Ind.	1
											Africana A2	Ind.	1
Vidro		Perfil Cerâmico	1										
16 - UE 425=464		TS	Andújar Gr.3	D33	1	séc. III							
				Ind.	1								

Tabela 1 (continuação) - Construção nº1 (fragmentos de <i>terra sigillata</i> e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)							
Fase	Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm. / Exs.	Cronologia
IV	16 - UE 425=464	TS	Andújar Gr.4	D27	1	séc. III	
			Africana A2	Ind.	1		
		Vidro		Copo troncocónico indeterminável	1		
			17 - UE 429=457	CAC	Norte da Tunísia		Ind.
	18 - UE 382	TS	La Rioja Gr.2	D15/17	1	sécs. IV-V	
			Andújar Gr.3	D15/17	1		
			Africana C3	Tigela	1		
			Africana C4	Ind.	1		
		Vidro	Delgado, 1968, tav. III, nº 1	1			
	V	19 - UE 480	Vidro		Copo indeterminável	1	séc. II
				Isings 26	1		
20 - UE 445		TS	La Rioja Gr.2	Ind.	2	séc. II	
			Almofariz	Local/regional	Emporiae 36, 2		1
		Vidro		Copo/taça indeterminável	1		
				Isings 36?			
21 - UE 389		Numisma	Andújar Gr.3	D27	1	séc. II	
			Andújar Gr.4	Ind.	1		
V e VII		22 - UE 445+480+414=297	Vidro		As de Domiciano	1	
					Isings 42?	1	
VI e VII	23 - UE 486=487=522=471	TS	Africana A2	H15	1	Inícios séc. IV	
			Africana C1/C2	Ind.	1		
			Africana C3	Ind.	2		
			Africana D1	Ind.	1		
	24 - UE 481	TS	Africana A2	H58B, nn. 9 e 11	1	Inícios séc. IV	
			H14C=L3b2	1			
VI	25 - UE 478=472=482	TS	La Graufesenque V.3	D18	1	3º quartel séc. I (com intromissão)	
			Africana C1/C2	Ind.	1		
	26 - UE 450=451=452=319	TS	Africana A2	H9B, n. 16=L2b	1	Séc. III a inícios do séc. IV	
			Almofariz	Local/regional	Bordo em martelo, var.		1
	27 - UE 414=297 + 450=451=452=319	TS	Africana A2	H6C	1	Séc. III a inícios do séc. IV	
				H27=L9a2	1		
	28 - UE 414=297	TS	La Graufesenque V.?	Ind.	1	Séc. III a inícios do séc. IV	
			La Graufesenque V.3	D27	1		
			Andújar Gr.3	D27	1		
			Africana A2	Ind.	5		
Almofariz		Local/regional	Lábio reentrante / fase 3 de Quaresma, 2006	1			
VI	29 - UE 415=298	TS	La Graufesenque V.?	Ind.	2	Séc. III a inícios do séc. IV	
			Africana A2	H27=L9a2	1		
				Ind.	6		
			Africana C3	Ind.	1		
		Vidro		H50A/B	1		
	30 - UE 383=268=266=264	TS	La Graufesenque V.2	Unguentário ou frasco indeterminável	1		
			Andújar Gr.2	D18	1		
			Andújar Gr.3	D27	2		
			Andújar Gr.4	Ind.	2		
		Almofariz	Local/regional	Tigela	1		
VII	31 - UE 355=456=473	TS	Africana A2	Ind.	1	Séc. IV	
			Africana C1/C2	H26=L9b (ou H27=L9a)	1		
				H27=L9a2	1		
			Africana D1	Ind.	1		
		Vidro		H48A	1		
				H58B, nn. 9 e 11	1		
			Ind.	2			
		Garrafa de secção quadrada	1				
		Perfil Cerâmico	1				
		Pulseira	1				



Tabela 1 (continuação) - Construção nº1 (fragmentos de terra sigillata e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)							
Fase	Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm. / Exs.	Cronologia
	VII	32 - UE 356	TS	Africana C3	Ind.	1	Séc. IV
		33 - UE 317	TS	La Rioja Gr.2	Ind.	1	Séc. IV
		34 - UE 391	TS	Andújar Gr.4	D27	1	
				Andújar Gr.4	Ind.	1	
		35 - UE 246=257=291= 290=289=391	TS	Africana A2	Ind.	1	Séc. IV
	Exterior este	36 - UE 416	TS	Andújar Gr.3	Ind.	1	2ª met. séc. II ou 1ª met. séc. III
				Africana A2	H27=L9a H27=L9a2	1 2	
	Superfície	37 - UE Superficial	TS	La Graufesenque V.3	D27	1	
				La Graufesenque V.?	Ind.	2	
				La Rioja Gr.2	D15/17	2	
					Ind.	2	
				Andújar Gr.3	Ind.	1	
					D15/17	1	
					Prato	1	
				Andújar Gr.4	Tigela	1	
					D18	1	
				Africana A2	H9B, n. 16=L2b	1	
					Ind.	12	
	Africana D1	H59B	2				
		H62/64, variante Fulford 6.1	1				
		Ind.	9				
	Vala a Norte da Cons- trução nº 1	38 - UE 351	TS	La Graufesenque V.3	D29 ou 37	1	Flávios
				D37	1		
				La Rioja Gr.1	Ind.	1	

Tabela 2 - Construção nº 2 (fragmentos de terra sigillata e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)						
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Nº de exs. class.	Cronologia
A	39a - UE 430	TS	La Graufesenque V.3	Ind.	1	3º quartel séc. I
	39b - UE 436	Numisma		As de imitação de Cláudio?	1	3º quartel séc. I
	40 - UE 428	TS	Andújar Gr.4	D15/17	1	3º ou último quartel séc. I
	41 - UE 385=314	TS	La Graufesenque V.3	D18	1	Último quartel séc. I - inícios séc. II
			Andújar Gr.3	D15/17	1	
		Numisma		As de imitação de Cláudio?	1	
	42 - UE 372	TS	Andújar Gr.3	Ind.	1	Século II
			Itálica	Prato	1	
	43 - UE 293	TS	Africana A2	H14, nº8	1	Finais séc. II - séc. III
	44 - UE 259	TS	La Graufesenque V.2	D18	1	Pós-romano
			Ânfora	Tejo ou Sado	Dr.14	
B	45 - UE 403	TS	Africana A2	-Ind.	1	2ª met. séc. II - inícios séc. III
	46 - UE 399	TS	Africana C1/C2	Ind.	1	Séc. III pleno - meados séc. V
C	47 - UE 465	TS	La Rioja Gr.1	Ind.	1	2ª met. séc. II
			Africana A2	Ind.	1	
	48 - UE 418=435	TS	Africana A2	H14B ou 15, var.larga	1	Finais séc. II - inícios séc. III
			Africana C1/C2	Ind.	1	
		C. Comum	Tipo São Cucufate X-A-8	1		
		Ânfora	Tejo ou Sado	Dressel 14	1	
	49 - UE 373=384	Ânfora	Tejo ou Sado	Lusitana 3 ou Alm.51c	2	Finais séc. II - inícios séc. III
				Dressel 14	1	
	50 - UE 395	TS	Andújar Gr.3	Ind.	1	Séc. III pleno - meados séc. V
			Andújar Gr.4	D30?	1	
Africana A2			Ind.	2		
			H15	1		
Africana C1/C2			Ind.	1		
			H44	1		
50 - UE 395	CAC	Norte da Tunísia	Ind.	1	Séc. III pleno - meados séc. V	
			H23B=L10a	1		
C	50 - UE 395	Ânfora	Tejo ou Sado	Dressel 14	1	Séc. III pleno - meados séc. V
			Lusitana 3	1		

Tabela 2 (continuação) - Construção nº 2 (fragmentos de <i>terra sigillata</i> e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)							
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Nº de exs. class.	Cronologia	
D e E/D	51 - UE 405=434=459=252=439b	TS	Africana D1	H61A/B	1	2º quartel séc. V	
			Africana A2	Ind.	1		
	52 - UE 370=240=388	TS	Africana D2	H64, nº2	1	meados séc. V?	
F	53 - UE 369=239=250=251=411=326	TS	Africana D1	H59B	1	Finais séc. IV - 1ª met. V	
G	54 - UE 404	TS	Africana D1	estilo A(ii)	7	1ª met. séc. V	
			Africana D2	estilo A(ii)-(iii)	2		
				Ind.	1		
H	55 - UE 398	TS	Africana C1/C2	Ind.	1	Século III?	
I	56 - UE 328=327	TS	La Graufesenque V.3	prato	1	3º quartel séc. I	
				Ind.	1		
Superfície	57 - UE Superficial	TS	La Rioja Gr.1	D18	1	Superfície	
				D15/17	1		
				D27	1		
			La Rioja Gr.2	D15/17	1		
				Ind.	2		
			Andújar Gr.3	D15/17	1		
				D27	1		
				Ind.	9		
			Africana A2	H14A=L3a	2		
				H14B	1		
				H14C=L3b2	1		
				H6A=Sal A 9a ou H6B=L23	1		
			Africana C1/C2	H9A=L2a	1		
Ind.	4						
H50A=L40bis	1						
Superfície	57 - UE Superficial	TS	Africana C3	H50A/B	1	Superfície	
				Ind.	1		
			Africana C4	Delgado, 1968, tav. III, nº 1	1		
		Africana D1	Ind.	1			
			H61A/B	1			
			Estilo A(ii)	3			
		Almofariz	Local/regional	Lábio reentrante	Estilo A(ii)-(iii)		2
					Isings 96		1
		Vidro			Isings 124		1
					Ânfora		Tejo ou Sado

Tabela 3 - Ponte-Norte (fragmentos de <i>terra sigillata</i> e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)							
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fraqs. / Exs.	Cronologia	
1	58 - UE 684	TS	Andújar Gr.4	Ind.	1	Demasiadas intrusões recentes não permitem qualquer datação	
			Africana A2	H8A=L1a	1		
		Ânfora	Tejo ou Sado	Dr.14b	1		
	59 - UE 696	TS	La Rioja Gr.2	D15/17	1	1ª met. séc. II	
				D33	1		
				D18	1		
				Ind.	1		
			Andújar Gr.3	D15/17	4		
				D27	6		
				Prato	1		
			Africana A2	Ind.	6		
				H9A=L2a	1		
			CAC	Norte da Tunísia	H196		1
			Vidro		Isings 96		1
	Paredes Finas	Almofariz	Bética	Ind.	1		
			Local/regional	Bordo em martelo, var.	1		
	60 - UE 686	TS	Bética	Bordo arredondado/fase 2 de Quaresma, 2006	1		
			Andújar Gr.3	Ind.	4		
		Lucerna	Gaditana	Ind.	1		
			Mérida	Disco	1		
	61 - UE 690	Vidro	Ânfora	Gaditana	Isings 36	1	
					Dressel 14		
	62 - UE 682	TS	Andújar Gr.3		D15/17	1	
Ind.					2		
Lucerna			Africana A2	Ind.	2		
			Centro-italica	Dressel 2-4	1		

**Tabela 3 (continuação) - Ponte-Norte**  
**(fragmentos de terra sigillata e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)**

Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm. / Exs.	Cronologia			
1	63 - UE 689	TS	Andújar Gr.3	D27	1	1ª met. séc. II			
				Ind.	1				
		Ânfora	Tejo ou Sado	Gaditana	Classe 19=Beltrán IIB		1		
				Dressel 14	1				
		Numisma		As de imitação de Cláudio (?)	1				
2	64 - UE 691	TS	Africana A2 Africana C1/C2	H14A=L3a	1	Meados séc. III			
				H45	1				
	65 - UE 687	TS	Africana A2	La Rioja Gr.2	D18	1	Séc. III avançado		
				Andújar Gr.3	D15/17	1			
					Ind.	2			
				H3C=L4/36b	2				
				H14A=L3a	1				
				H14B ou 15, variante larga	1				
				H15	1				
				H26=L9b	1				
Ind.	6								
2	65 - UE 687	TS	Africana C1/C2	Ind.	5	Séc. III avançado			
				Africana C/E	H45A=L42=Sal C 7 ou H45B=Sal C 3		1		
		Cerâmica com. fina		Tipo São Cucufate X-A-8	1				
				Isings 47	1				
				Isings 51	1				
3	66 - UE 683	TS	La Graufesenque V.3	Ind.	1	Finais séc. IV / inícios V?			
				67 - UE 736	Ânfora		Tejo ou Sado	Dressel 14	1
							Vale do Guadalquivir	Classe 25=Dressel 20	1
68 - UE 735	Ânfora	TS	Africana A2 Africana C1/C2	H14A=L3a	1	Meados séc. III			
				Ind.	1				
3	69 - UE 734	Ânfora	Tejo ou Sado	Dr.14	1	Séc. III avançado			
				Vale do Guadalquivir	Dr.20		1		
	70 - UE 732	TS	Africana A2 Africana C3 Africana C/E	Norte da Tunísia	Dressel 14	1	Séc. IV pleno		
					Ind.	2			
					Ind.	1			
					H45B=Sal C 3	1			
	71 - UE 692+732	TS	Africana D2	Local/regional	H196/Black Top Lid D? (Tomber 1988, apud Bonifay 2004)	1			
					Lábio reentrante/fase 2 de Quaresma, 2006	1			
	72 - UE 692	TS	Africana A2 Africana C3	Local/regional	Guèry, 1970, fig. 69	1	Finais séc. IV / inícios V		
					La Graufesenque V.3	Ind.		1	
Ind.					1				
Ind.					1				
73 - UE 681b	TS	Africana A/D Africana A1 Africana A2 Africana C1/C2 Africana C3 Africana C/E Africana D1	Local/regional	Classe 15=Haltern 70	1	1ª met. séc. V			
				Classe 9	1				
				La Graufesenque V.3	D15/17		3		
					D18		5		
					D24/25		1		
					D29 ou 37		5		
					Tigela		3		
					Ind.		10		
				La Rioja Gr.1	Ind.		1		
					Andújar Gr.3		D15/17	1	
				Andújar Gr.3	Ind.		2		
					Ind.		2		
				Andújar Gr.4	Tigela		1		
					Ind.		2		
				Africana A/D	H31		1		
					H135=Pallarés 14A ou H136=Pallarés 28		1		
				Africana A2	Ind.		42		
					H44=L35/35bis		1		
				Africana C1/C2	H45A=L42=Sal C 7		1		
					Ind.		18		
Africana C3	Ind.	3							
	Africana C/E	H46	1						
Africana D1	Ind.	4							
	Almofariz	Local/regional	Lábio reentrante/fase 2 de Quaresma, 2006	1					
Dressel 14b			2						
Ânfora	Tejo ou Sado	Lusitana 3	1						
		L.3 ou Alm.51c	2						
		Gaditana	Keay XXIII=Alm. 51c	1					

Tabela 4 - Ponte-Sul (fragmentos de <i>terra sigillata</i> e exemplares classificáveis de outras tipologias datantes)							
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm. / Exs.	Cronologia	
1	74 - UE 741=705	TS	La Graufesenque V.3	Ind.	1	Inícios séc. II	
	75 - UE 733	Ânfora	Tejo ou Sado	Lusitana 9	1	Séc. III	
	76 - UE 729	TS	Africana A2	Ind.	4	Séc. III	
	77 - UE 718=724	Lucerna	TS	Africana C1/C2	H50A=L40bis	1	Séc. III ou IV
			Provincial	Ind.	1		
	78 - UE 723=715	TS	Lucerna	Andújar Gr.4	D24/25	1	Séc. III ou IV
				Africana A2	Ind.	1	
				Africana C3	Ind.	1	
	79 - UE 706	TS	Provincial	Ind.	1	Séc. III ou IV	
	80 - UE 726	TS	Ânfora	Africana A2	Ind.	1	Séc. IV
				Africana D1	Ind.	1	
	81 - UE 701=719	Paredes Finas	TS	Tejo ou Sado	Lusitana 3 ou Alm.51c	1	1ª met. séc. V
				Africana A2	Ind.	5	
82 - UE 712=699=717	TS	Paredes Finas	Africana C1/C2	Ind.	1	Unidades superficiais	
			Andújar Gr.3	D15/17	1		
83 - UE 710	Ânfora	TS	Africana A2	Ind.	1	Inícios ou meados séc. II	
			Tejo ou Sado	Lusitana 3 ou Alm. 51c	3		
84 - UE 722	Almofariz	Ânfora	Gálica	Classe 27=Gauloise 4	1	Inícios ou meados séc. II	
			Tejo ou Sado	Lusitana 3 ou Alm. 51c	2		
			Local/regional	Lábio reentrante / fase 2 de Quaresma, 2006	1		
85 - UE 709	TS	Ânfora	La Graufesenque V.3	D18	1	meados séc. II	
			La Rioja Gr.2	D27	1		
			Andújar Gr.4	Ind.	1		
			Tejo ou Sado	Dressel 14b	1		
86 - UE 703	TS	Ânfora	Tejo ou Sado	Dressel 14a	1	Séc. III	
			La Graufesenque V.3	Ind.	1		
			Hispanica tipo itálico - Gr.7	Tipo II de Martínez Rodríguez (1989)	1		
			Andújar Gr.4	Prato	1		
			Africana C1/C2	Ind.	1		
87 - UE 720	TS	Ânfora	Vale do Guadalquivir	Classe 15=Haltern 70	1	Séc. III	
			Andújar Gr.3	Tigela	1		
			Africana A2	H6A=Sal A 9a ou H6B=L23	1		
88 - UE 700	TS	Ânfora	Africana C1/C2	Ind.	1	1ª met. séc. V	
			La Rioja Gr.2	D15/17	1		
			Africana A2	H14B	1		
			Africana C1/C2	H50A=L40bis	1		
	Vidro	Ânfora	Tejo ou Sado	Ind.	1		1
				Dressel 14b	2		
				Lusitana 3	1		
				Alm. 51c	1		
89 - UE 714	TS	Vidro	Lusitana 3 ou Alm. 51c	1	1		
			Alm. 51 a-b	1			
89 - UE 714	TS	Vidro	Isings 42?	1	1		
			Africana A2	Ind.		1	
89 - UE 714	TS	Vidro	Africana C3	Ind.	1	Unidades superficiais	
			Africana C3	Ind.	1		

Tabela 5 - Termas este (Biers; et Al. 1988) (fragmentos de <i>terra sigillata</i> )						
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Fragm.	Cronologia
room 12	90 - loci 3 + 6	TS	TSSG	D18	2	Fim séc. I ou início séc. II  (Propomos época flávia. Assenta sobre a rocha mãe)
				D24/25	1	
				D27	1	
				D33	1	
				D35	1	
				D15/17	1	
				D27	2	
				Prato	1	
				D37	1	



Tabela 6 - Construção nº1 (Quaresma, 2003, p.53) (fragmentos de terra sigillata)						
Ambiente	Contexto / U.E.	Tipologia	Origem	Tipo	Frag.	Cronologia
4	91 - UE 17=484=483=521=520=519=518	TS	TSH	D27	1	Primeira metade séc. III
			Africana A	H14	1	
			Africana A2	Ind.	1	

+

Tabela 7 - Terra sigillata itálica						
Formas	Tipo	Exemplares classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas lisas	Prato	C4.5	5	6,9	5	7,46
		C12.1	1	1,3	1	1,4
		C12.4	1	1,3	1	1,4
		C19.1 ou C19.2	2	2,7	2	2,9
		C20	1	1,3	1	1,4
		C20.4	5	6,9	4	5,9
		Ind.	28	38,8	28	41,7
	<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>59,7</b>	<b>42</b>	<b>62,6</b>	
	Tigela	C22	11	15,2	7	10,4
		C23.2	1	1,3	1	1,4
		C27	3	4,1	3	4,4
		C28	2	2,7	2	2,9
		Ind.	10	13,8	10	14,9
		<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>37,5</b>	<b>23</b>	<b>34,3</b>
	<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>97,2</b>	<b>65</b>	<b>97</b>	
Formas decoradas	Ind.	Ind.	2	2,7	2	2,9
		<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2,7</b>	<b>2</b>	<b>2,9</b>
		<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>2,7</b>	<b>2</b>	<b>2,9</b>
<b>Total</b>	<b>72</b>	<b>100</b>	<b>67</b>	<b>100</b>		

Tabela 8 - Terra sigillata sudgálica						
Formas	Tipo	Exemplares classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas lisas	Prato	R1	2	0,16	2	0,21
		D17b?	4	0,33	2	0,21
		D15/17	123	10,4	74	7,93
		D18	243	20,55	198	21,22
		D36	10	0,84	10	1,07
		Ind.	131	11,08	131	14,04
	<b>Total</b>	<b>513</b>	<b>43,4</b>	<b>417</b>	<b>44,69</b>	
	Tigela	R5	1	0,08	1	0,1
		R8	5	0,42	5	0,53
		D24/25	93	7,86	57	6,1
		D27	163	13,79	113	12,21
		D33	29	2,45	19	2,03
		D35	8	0,67	8	0,85
		Ind.	120	10,15	120	12,86
	<b>Total</b>	<b>419</b>	<b>35,44</b>	<b>323</b>	<b>34,72</b>	
	Taça/prato	D35 ou 36	4	0,33	4	0,42
		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>0,33</b>	<b>4</b>	<b>0,42</b>
	<b>Total</b>	<b>936</b>	<b>79,18</b>	<b>745</b>	<b>79,84</b>	
Formas decoradas	Cálice	D11	1	0,08	1	0,1
		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,08</b>	<b>1</b>	<b>0,1</b>
	Taça	D29	12	1,01	6	0,64
		D30	69	5,83	35	3,75
		D37	41	3,46	23	2,46
		D29 ou 37	111	9,39	111	11,89
		Ind.	12	1,01	12	1,28
		<b>Total</b>	<b>245</b>	<b>20,72</b>	<b>187</b>	<b>20,04</b>
<b>Total</b>	<b>246</b>	<b>20,81</b>	<b>188</b>	<b>20,15</b>		
<b>Total</b>	<b>1182</b>	<b>100</b>	<b>933</b>	<b>100</b>		

Tabela 9 - Terra sigillata centrogálica?						
Formas	Tipo	Exemplares classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas decoradas	Taça	D30	1	50	1	50
		D37	1	50	1	50
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>2</b>	<b>100</b>		

Tabela 10 - Terra sigillata hispânica - grupos 7+1+2+3+4+5						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	276	34,58	156	26,98
		D18	53	6,64	43	7,43
		D36	4	0,5	4	0,69
		III (TSH tipo itálico)	10	1,25	6	1,03
		Indeterminável	86	10,77	84	14,53
	<b>Total</b>	<b>429</b>	<b>53,74</b>	<b>293</b>	<b>50,66</b>	
	Tigela	D24/25	15	1,87	11	1,9
		D27	168	21,05	112	19,37
		D33	13	1,62	11	1,9
		Indeterminável	86	10,77	84	14,53
	<b>Total</b>	<b>282</b>	<b>35,33</b>	<b>218</b>	<b>37,71</b>	
	Taça	H4	8	1	8	1,38
		H10	1	0,12	1	0,17
		D35	3	0,37	3	0,51
		D46	3	0,37	3	0,51
		<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>1,86</b>	<b>15</b>	<b>2,57</b>
	Pátera	II (TSH tipo itálico)	3	0,37	2	0,34
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>0,37</b>	<b>2</b>	<b>0,34</b>	
Formas Decoradas	Taça	Dec. Hem.	1	0,12	1	0,17
		D30	12	1,5	8	1,38
		D37	43	5,38	28	4,84
		D37T ou 42 (TSH tardia)	1	0,12	1	0,17
	<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>7,14</b>	<b>38</b>	<b>6,57</b>	
	Copo	H1 ou 2	1	0,12	1	0,17
		<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>0,25</b>	<b>2</b>	<b>0,34</b>
? (fundos)	Taça	Indeterminável	9	1,12	9	1,55
		<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>1,12</b>	<b>9</b>	<b>1,55</b>
Lisa ou Decorada	Garrafa	Hermet 13	1	0,12	1	0,17
		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>0,12</b>	<b>1</b>	<b>0,17</b>
<b>Total</b>		<b>798</b>	<b>100%</b>	<b>578</b>	<b>100%</b>	

Tabela 11 - Terra sigillata hispânica - La Rioja - grupos 1+2+5						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	119	30,35	66	22,68
		D18	43	10,96	36	12,37
		D36	4	1,02	4	1,37
		Ind.	21	5,35	21	7,21
	Tigela	D24/25	10	2,55	8	2,74
		D27	88	22,44	63	21,64
		D33	8	2,04	6	2,06
		Ind.	41	10,45	41	14,08
	Taça	D35	3	0,76	3	1,03
		D46	1	0,25	1	0,34
H4		6	1,53	6	2,06	
H10		1	0,25	1	0,34	
Formas Decoradas	Taça	D30	9	2,29	5	1,71
		D37	32	8,16	24	8,24
	Copo	H1 ou 2	1	0,25	1	0,34
		H2	1	0,25	1	0,34
? (Fundos)	Garrafa	Herm. 13	1	0,25	1	0,34
		Ind.	3	0,76	3	1,03
<b>Total</b>		<b>392 Exemplares = 100%</b>		<b>291 Indivíduos = 100%</b>		

Tabela 12 - Terra sigillata hispânica - Andújar - grupos 3+4						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	153	40,58	90	32,14
		D18	10	2,65	7	2,5
		Ind.	64	16,97	64	22,85
	Tigela	D24/25	3	0,79	2	0,71
		D27	77	20,42	50	17,85
		D33	5	1,32	5	1,78
		Ind.	43	11,4	43	15,35
	Taça	H4	3	0,79	3	1,07
D46		2	0,53	2	0,71	
Formas Decoradas	Taça	DH	1	0,26	1	0,35
		D30	4	1,06	4	1,42
		D37	7	1,85	4	1,42
? (Fundos)	Taça	Ind.	5	1,32	5	1,78
<b>Total</b>		<b>377 Exemplares = 100%</b>		<b>280 Indivíduos = 100%</b>		

Tabela 13 - Terra sigillata hispânica - grupo 1						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	28	28	16	21,62
		D18	12	12	12	16,21
		D36	2	2	2	2,7
		Ind.	4	4	4	5,4
	Tigela	D24/25	2	2	2	2,7
		D27	26	26	18	24,32
		Ind.	8	8	8	10,81
	Taça	H4	1	1	1	1,35
		H10	1	1	1	1,35
Formas Decoradas	Taça	D30	1	1	1	1,35
		D37	9	9	5	6,75
	Copo	H1 ou 2	1	1	1	1,35
		H2	1	1	1	1,35
? (Fundos)	Taça	Ind.	2	2	2	2,7
Total		100 Exemplares = 100%		74 Indivíduos = 100%		

Tabela 14 - Terra sigillata hispânica - grupo 2						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	88	30,66	47	22,38
		D18	30	10,45	23	10,95
		D36	2	0,69	2	0,95
		Ind.	17	5,92	17	8,09
	Tigela	D24/25	8	2,78	6	2,85
		D27	61	21,25	44	20,95
		D33	8	2,78	6	2,85
	Taça	Ind.	32	11,14	32	15,23
		D35	3	1,04	3	1,42
		D46	1	0,34	1	0,47
Formas Decoradas	Taça	H4	5	1,74	5	2,38
		D30	8	2,78	4	1,9
		D37	23	8,01	19	9,04
? (Fundos)	Taça	Ind.	1	0,34	1	0,47
Total		287 Exemplares = 100%		210 Indivíduos = 100%		

Tabela 15 - Terra sigillata hispânica - grupo 3						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	103	39,31	64	32,32
		D18	8	3,05	6	3,03
		Ind.	40	15,26	40	20,2
	Tigela	D24/25	2	0,76	1	0,5
		D27	49	18,7	31	15,65
		D33	5	1,9	5	2,52
		Ind.	33	12,59	33	16,66
	Taça	H4	3	1,14	3	1,51
D46		2	0,76	2	1	
Formas Decoradas	Taça	DH	1	0,38	1	0,5
		D30	3	1,14	3	1,51
		D37	7	2,67	4	2,02
? (Fundos)	Taça	Ind.	5	1,9	5	2,52
Total		262 Exemplares = 100%		198 Indivíduos = 100%		

Tabela 16 - Terra sigillata hispânica - grupo 4						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	50	42,37	26	30,95
		D18	2	1,69	1	1,19
		Ind.	24	20,33	24	28,57
	Tigela	D24/25 ou 44	1	0,84	1	1,19
		D27	28	24,57	19	23,8
Formas Decoradas	Taça	Ind.	10	8,47	10	11,9
		D.30?	1	0,84	1	1,19
Total		117 Exemplares = 100%		85 Indivíduos = 100%		

Tabela 17 - Terra sigillata hispânica - grupo 5						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas Lisas	Prato	D15/17	3	42,85	3	42,85
		D18	1	14,28	1	14,28
	Tigela	D27	1	14,28	1	14,28
		Ind.	1	14,28	1	14,28
Lisa ou Decorada	Garrafa	H13	1	14,28	1	14,28
<b>Total</b>			<b>7 Exemplares = 100%</b>		<b>7 Indivíduos = 100%</b>	

Tabela 18 - Terra sigillata hispânica tardia - grupo 6						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Forma Decorada	Taça	D37T ou 42	1	100	1	100
<b>Total</b>			<b>1 Exemplar = 100%</b>		<b>1 Indivíduo = 100%</b>	

Tabela 19 - Terra sigillata hispânica precoce ou de tipo itálico - grupo 7						
Formas	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
Formas Lisas	Prato	III	10	76,92	6	75
	Pátera	II	3	23,07	2	25
<b>Total</b>			<b>13 Exemplares = 100%</b>		<b>8 Indivíduos = 100%</b>	

Tabela 20 - Terra sigillata africana						
Fabrico	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Percentagem	Quantitativo	Percentagem	
A1	H135=Pallarés 14A ou H136=Pallarés 28		2	0,21	2	0,22
	H140=Pallarés 14 ou H138=Pallarés 26Abis		1	0,1	1	0,11
	H135=P14A ou H136=P28 ou H140=P14 ou H138=P26Abis		3	0,31	3	0,33
	H3B=L4/36a		1	0,1	1	0,11
<b>Total</b>			<b>7</b>	<b>0,74</b>	<b>7</b>	<b>0,79</b>
A2	H3B=L4/36a		2	0,21	2	0,22
	H3C=L4/36b		13	1,37	13	1,46
	H6A=Sal A 9a ou H6B=L23		16	1,69	16	1,8
	H6B=L23		1	0,1	1	0,11
	H6C		3	0,31	3	0,33
	H8A=L1a		6	0,63	6	0,67
	H8B=L1c		2	0,21	2	0,22
	H9A=L2a		15	1,59	12	1,35
	H9B, n. 16=L2b		28	2,96	24	2,7
	H9B, n. 20=L2b		6	0,63	5	0,56
	H14		2	0,21	2	0,22
	H14A=L3a		88	9,33	73	8,23
	H14B (e H15)		31	3,28	26	2,93
	H14B ou 15, variante larga		27	2,86	23	2,59
	H14C=L3b2		19	2,01	19	2,14
	H16, n.16		4	0,42	4	0,45
	H26=L9b (ou H27=L9a)		12	1,27	12	1,35
	H27=L9a		31	3,28	23	2,59
	H27=L9a2		38	4,02	37	4,17
	H31		1	0,1	1	0,11
H44=L35ter		2	0,21	2	0,22	
<b>Total</b>			<b>347</b>	<b>36,79</b>	<b>306</b>	<b>34,53</b>
A/D	H31		4	0,42	3	0,33
	H33		1	0,1	1	0,11
	L43=H17B		1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>			<b>6</b>	<b>0,63</b>	<b>5</b>
Afim a A/D	H27=L9a2		3	0,31	3	0,33
	H31		4	0,42	4	0,45
	L52c		1	0,1	1	0,11
	Ostia I, fig. 29		1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>			<b>9</b>	<b>0,95</b>	<b>9</b>
C1/C2	H44		12	1,27	9	1,01
	H44, nn. 10, 12		1	0,1	1	0,11
	H44=L35/35bis		2	0,21	2	0,22
	H44=L35ter		12	1,27	12	1,35
	H44=Sal C 5		1	0,1	1	0,11



Tabela 20 (continuação) - <i>Terra sigillata africana</i>					
Fabrico	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI	
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem
C1/C2	H45A=L42=Sal C 7	3	0,31	3	0,33
	H45A=L42=Sal C 7 ou H45B=Sal C 3	4	0,42	3	0,33
	H45B=Sal C 3	1	0,1	1	0,11
	H45B=Sal C 3 ou H48B	9	0,95	9	1,01
	H48A	2	0,21	2	0,22
	H48B	6	0,63	5	0,56
	H48B, nn. 6-9, 10(?)	1	0,1	1	0,11
	H49, nn. 7-8	1	0,1	1	0,11
	H50A=L40bis	193	20,46	193	21,78
	H50A/B	9	0,95	9	1,01
	H50B	1	0,1	1	0,11
	Afim a Caballero Zoreda, 1971, fig. 2	1	0,1	1	0,11
	Sal VII?	1	0,1	1	0,11
	<i>Atlante</i> , tav. XXXI, 18?	1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>	<b>261</b>	<b>26,67</b>	<b>256</b>	<b>28,89</b>
C3	H45A=L42=Sal C 7	1	0,1	1	0,11
	H45B=Sal C 3 ou H48B	4	0,42	4	0,45
	H45C=var. Sal C 4	1	0,1	1	0,11
	H48B, nn. 6-9, 10(?)	4	0,42	3	0,33
	H50A/B	61	6,46	61	6,88
	H50B	23	2,43	23	2,59
	H72A	1	0,1	1	0,11
	L35ter=H44, nn. 6-7/H52A, nn. 1-2	1	0,1	1	0,11
<b>Total</b>	<b>96</b>	<b>10,18</b>	<b>95</b>	<b>10,72</b>	
C4	Delgado, 1968, tav. III, nº 1	7	0,74	7	0,79
	H57	1	0,1	1	0,11
	H68	1	0,1	1	0,11
	H73	1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>1,06</b>	<b>10</b>	<b>1,12</b>
C3 de Relevos Aplicados	H52B	5	0,53	5	0,56
	H53A=Sal a	1	0,1	1	0,11
	afim a Sal d=L42/48=H54	2	0,21	2	0,22
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>0,95</b>	<b>9</b>	<b>1,01</b>	
C/E	H44	1	0,1	1	0,11
	H45A=L42=Sal C 7	18	1,9	11	1,24
	H45A=L42=Sal C 7 ou H45B=Sal C 3	4	0,42	4	0,45
	H45B=Sal C 3	9	0,95	9	1,01
	H45B=Sal C 3 ou H46	2	0,21	2	0,22
	H46	3	0,31	3	0,33
	H58A	4	0,42	4	0,45
<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>4,34</b>	<b>34</b>	<b>3,83</b>	
E	H45A=L42=Sal C 7	1	0,1	1	0,11
	H45A=L42=Sal C 7 ou H46	2	0,21	2	0,22
	H45B=Sal C 3 ou H46	1	0,1	1	0,11
	H62A ou H66 ou H68	1	0,1	1	0,11
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>0,53</b>	<b>5</b>	<b>0,56</b>	
Henchir es-Srira	Stern X-b/Stern XXXIX	3	0,31	3	0,33
	<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>0,31</b>	<b>3</b>	<b>0,33</b>
Sidi Aïch	Stern III	1	0,1	1	0,11
	Stern X d-e	1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>0,21</b>	<b>2</b>	<b>0,22</b>
D1	L52c	2	0,21	2	0,22
	H58B, nn. 9 e 11	30	3,18	30	3,38
	H32/58	3	0,31	3	0,33
	H59A	2	0,21	2	0,22
	H59B	23	2,43	23	2,59
	H61A (n. 3)=L54bis=El-Mahrine 4.1	10	1,06	10	1,12
	H61A/B	9	0,95	9	1,01
	H61A/B2 (Bonifay, 2004)=Waagé 1948, tav. IX, n. 831 u=El-Mahrine 4.4	3	0,31	3	0,33
	H61A/B4 (Bonifay, 2004)	1	0,1	1	0,11
	H62/64, variante Fulford 6.1	1	0,1	1	0,11
	H67A	3	0,31	3	0,33
	H67C	2	0,21	2	0,22
	H73	1	0,1	1	0,11
H80A	1	0,1	1	0,11	
H91A	23	2,43	22	2,48	

Tabela 20 (continuação) - Terra sigillata africana					
Fabrico	Tipo	Exemplares Classificáveis		NMI	
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem
D1	H91B	6	0,63	5	0,56
	A(i)-(ii)	3	0,31	3	0,33
	A(ii)	15	1,59	15	1,69
	A(ii)-(iii)	8	0,84	8	0,9
	<b>Total</b>	<b>146</b>	<b>15,48</b>	<b>144</b>	<b>16,25</b>
D2	L59=H79/ <i>Atlante</i> , XXXIX, 7/F35.4	1	0,1	1	0,11
	H64, n. 2	1	0,1	1	0,11
	H87A	1	0,1	1	0,11
	Guèry, 1970, fig. 69	1	0,1	1	0,11
	H80/81B	1	0,1	1	0,11
	<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>0,53</b>	<b>5</b>	<b>0,56</b>
<b>Total</b>		<b>948</b>	<b>100</b>	<b>891</b>	<b>100</b>

Tabela 21 - Terra sigillata focense tardia			
Fabrico	Tipo	Exempl. Class.	NMI
?	H3	3	3 (Delgado, 1988)
1	H3C	1	1
1	H3E	1	1
2	H3H	1	1
<b>Total</b>		<b>6</b>	<b>6</b>

Tabela 22 - Cerâmica africana de cozinha						
Fabrico	Tipo	Exemplares classificáveis		NMI		
		Quantitativo	Porcentagem	Quantitativo	Porcentagem	
Norte da Tunísia	Engobe	H23B=L10a	8	12,3	8	14,28
		H23B=L10a ou H23A=L10b	15	23,07	8	14,28
		H181B (Bonifay, 2004)	4	6,15	4	7,14
		H196	3	4,61	3	5,35
		H197	2	3,07	2	3,57
		H196/Black Top Lid D? (Tomber 1988, <i>apud</i> Bonifay 2004)	1	1,53	1	1,78
	<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>50,76</b>	<b>26</b>	<b>46,42</b>	
	Patine Cinzenta	H23B=L10a	5	7,69	5	8,92
		H23B=L10a ou H23A=L10b	3	4,61	3	5,35
		H181B (Bonifay, 2004)	5	7,69	4	7,14
		H196	1	1,53	1	1,78
		<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>21,53</b>	<b>13</b>	<b>23,21</b>
	Patine branco-amarelada	H181B (Bonifay, 2004)	1	1,53	1	1,78
		H196	3	4,61	3	5,35
		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>6,15</b>	<b>4</b>	<b>7,14</b>
<b>Total</b>		<b>51</b>	<b>78,46</b>	<b>43</b>	<b>76,78</b>	
Centro da Tunísia	Polimento/engobe	H23B=L10a ou H23A=L10b	3	4,61	3	5,35
		H181B (Bonifay, 2004)	7	10,76	6	10,71
		H181D (Bonifay, 2004)	1	1,53	1	1,78
		<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>16,92</b>	<b>10</b>	<b>17,85</b>
	Polimento/engobe interno/patina branco-amarelada	H181C (Bonifay, 2004)	1	1,53	1	1,78
		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,53</b>	<b>1</b>	<b>1,78</b>
	Polimento/engobe interno/patina cinzenta	H181C (Bonifay, 2004)	1	1,53	1	1,78
		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,53</b>	<b>1</b>	<b>1,78</b>
<b>Total</b>		<b>13</b>	<b>20</b>	<b>12</b>	<b>21,42</b>	
Afim a A/D	<i>Ostia I</i> , fig. 28		1	1,53	1	1,78
		<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1,53</b>	<b>1</b>	<b>1,78</b>
<b>Total</b>		<b>65</b>	<b>100</b>	<b>56</b>	<b>100</b>	

Tabela 23 - Terra sigillata – quadro conjunto							
Produções	Fragmentos		Exemplares		Quant.	NMI %	IMA
	Quant.	%	Quant.	%			
TSI	87	1,49	72	2,39	67	2,7	1,34
TSSG	1498	24,7	1182	29,3	933	37,68	15,55
TSCG?	2	0,03	2	0,06	2	0,08	0,03
TSH de tipo itálico	15	0,24	13	0,43	8	0,32	0,16
TSH	1533	25,28	784	26,07	569	22,98	5,69
TSAf A	1053	17,36	354	11,77	313	12,64	1,73
TSAf C	1448	23,87	376	12,5	370	14,94	1,85
TSAf C/E	61	1	41	1,36	34	1,37	0,27
TSAf E	5	0,08	5	0,16	5	0,2	0,05
TSAf produções continentais?	5	0,08	5	0,16	5	0,2	0,025
TSAf D	329	5,42	151	5,02	149	6,01	0,59
TSAf A/D	21	0,34	15	0,49	14	0,56	0,09
TSHT	1	0,01	1	0,03	1	0,04	0,005
TSFT	6	0,09	6	0,19	6	0,24	0,075
<b>Total</b>	<b>6064</b>	<b>100%</b>	<b>3007</b>	<b>100%</b>	<b>2476</b>	<b>100%</b>	



## **Anexo 2.** **Tabelas sobre contextos e sítios**





. Tabelas sobre *Terra Sigillata* Itálica

Tabela 1 - <i>Olisipo</i> (Praça da Figueira) UE 8060 (Tibério) (Silva, 2005): fragmentos	
TSI	TSSG
114	25 (todos ind.)
TSI	
Tipo ( <i>Consp.</i> )	Exs.
4	1
7	1
9	1
11	1
12	2
17	1
18	3
20	1
22	8
24	2
26	1
27	1
33	2
38	1
50	1
Cálice	6
Consp. R.4.4.1	1
D.17a	1
D.18	1
D.24	1
D.27	1
Ritt.5	1

Tabela 2 - <i>Lepida-Celsa</i> / <i>Tarraco</i> / Palma, Maiorca										
2a - <i>Lepida-Celsa</i> (Beltrán-Lloris; <i>et Al.</i> , 1998a): exemplares				2b - <i>Tarraco</i> - La Antiga Audiència (Dupré i Raventos; Carreté i Nadal, 1993): exemplares					2c - Palma, Maiorca (C/ Puresa / contexto fechado): inícios de Cláudio (López Mullor; <i>et Al.</i> , 1996)	
Fase		TSI	TSSG	Nível	Pré- sig.	TSI	TSSG	CAC	TSI	TSSG
3	20 d.C.	86	4	VI	15-20 d.C.	4	40		6,90%	93,10%
5	41-48 d.C.	131	131	V	Nero	4	22	3	1 (ind.)	
6 e 7	54-60 d.C.	1242	599							
8	54-60 d.C.	262	45							
TSI				TSI (nível V - Nero)					TSI	
Tipo ( <i>Consp.</i> )	nível 3 20 d.C.	Nível 5 41-48 d.C.	Nível 6-7 54-60 d.C.	Tipo (Goudineau)			Exs.	Tipo (Goudineau)	Exs.	
1	1	1	2	1 ou 2			1	27	1	
2	1			17 (=Consp.12)			3	(=Consp.22)	1	
3	1		6	21			1	39	3	
4	1		9	25			1	(=Consp.20)		
5			1	26			1	32a (=Consp.15)	2	
7	1		3	27			1			
8	4		2	28 (=Consp.19)			2	27	2	
10	1			32 (=Consp.15 ou 31)			3	(=Consp.22)		
12	2		14	35			1	41	2	
13	4		2					(=Consp.26/27)		
14	3	1	1					30b	1	
15		1	1					Halt.7a	1	
18	2	1	23					17a (=Consp.22)	2	
20	2	1	34					36a,b	1	
21			7					22	1	
22	2		10							
23			18							
24			1							
25			4							
26			4							
27		1	2							
28			1							
32			4							
33		1								
34			6							
35			1							
36	1		7							
37		1								
38	3		1							
50	1		2							
Drag. 10		1								

**Tabela 3 - *Complutum* I - escavação Viso 1975 - Fernández-Galiano (1984): estatística feita através do inventário descrito pelo autor**

Nível 4 (± 0-20 d.C.)		Nível 3 (20-45 d.C.)			Nível 2 (45-60 d.C.)				Nível 1 (60-70 d.C.)								
TSI		TSI		TSSG	TSI		TSSG		TSH	TSI		TSSG	TSH				
Goud. 25	2	Goud. 28	2	D15/17	1	Ind.	7	Ind.	28	D29	1	Ind.	6	Ind.	13	D37	1
		Goud. 37	2			Goud. 39	1	D30	1			Goud. 33	1	D29	1	Riit.8	1
		Goud. 36	2					D24/25	1							Ind.	1
		Goud. 27	1					D15/17	1								
		Ind.	10														

**Tabela 4 - Origem da TSI da Lusitania (Pasquinucci; Mencheli, 2005)**

Região	Origem segura	Origem provável
Arezzo	31,54%	40%
Pisa	15,77%	3,58%
Ateius	1,8%	
(sem distinção possível entre Arezzo, Pisa ou Lyon)		
Vale do Pó e Itália centro-meridional	"escassa"	
<b>Total</b>	<b>279 marcas</b>	

**Tabela 5 - TSI: fases: Península Ibérica e Mauritania Tingitana**

(Almagro-Gorbea; Llorio, 1989; Boube, 1981-1982; Carreño Gascón, 1997; Carvalho, 1993; Fernández; Granados; González Villaescusa, 1992; González Prats, 1984; Montesinos i Martínez, 1991; Pastor Muñoz; Pachón Romero; Carrasco Rus, 1992; Lopes, 1994; Morais, 2005; Ribera i Lacomba, 1988-1999, Tarrats Bou, 1992; Viegas, 2003)

Sítio	Arcaica%	Precoce%	Clássica %	Clássica / avançada %	Tardia %	Total decoradas %	Total
Herrera de Pisuerga						13,05	
<i>Lucus Augusti</i>			50	50			27 marcas
<i>Tarraco</i> (Passatge de Cobos)		1 ex.	50				670 marcas
Ibiza		1	43	47	9		104 marcas
<i>Saguntum</i>	1,1	39,1	19,6		40,2	17,05	204
Ilici	2,75	13,48	20,18		63,3	25,74	297
<i>Portus Illicitanus</i>			maioria			8,8	
Valência			39,1		60,9	32,42	272
Região valenciana	1,18	13,48	28,15		56,49		
Tossal de Manises		7	40		31	4,03	124 marcas
Elda			maioria				
Valeria		4,2	33,3		62,5	12,9	43
<i>Segobriga</i>		16,7	55,6		27,8	2,44	504
<i>Numantia</i>			26,8		73,2	10,2	76
<i>Mirobriga</i> (Cerro del Cabezo, Badajoz)		16,03	20,75		16,98	4,42	
Represas		6,3	56,7		37	6,9	830
<i>Conimbriga</i>		27,2	39,6		33,1	11,6	272
Santarém			domínio clássico-tardio			10,2	301
<i>Bracara Augusta</i>		4,14	9,31	53,45	33,1	22,17	290
Monte Mozinho			domínio clássico-tardio			1 ex.	61
<i>Baelo</i>		0,13	99,87			10	750
<i>Mauritania Tingitana</i> (Sala)		4,62	18,5	76,88?			108 marcas
<i>Mauritania Tingitana</i> (restantes sítios)		1,98	10,89	87,13?			101 marcas

**TSI: fases (nº de exemplares): outros sítios da Lusitania (Alarcão, A. M., 1971a)**

Sítio	Arcaica	Precoce	Clássica	Clássica / avançada	Tardia
Alcácer do Sal		1	12		6
Valdoça (Aljustrel)		1	5	3	13
Transtagana (Aljustrel)			5		6
Cabeço do Vouga					1
Lousa		2			15
Margens do Sado					2
Mértola					1
Longos Vales (Monção)					2
S. Sebastião do Freixo			2		
Torres Novas					7
Tróia			4		3

. Tabelas sobre *Terra Sigillata* Sudgálica

Tabela 6 - La Graufesenque - calçada do século I d.C. - "Nº Mínimo de Fragmentos por Forma" (Farine, 1996)												
TSSG	20/40 d.C.	40/50 d.C.	50/60 d.C.				60/90 d.C.				90/100 d.C.	
Tipo	UE 8	UE 7	UE 6	UE 5	UE 5 e 6	UE 5A	UE 4	UE 3	UE 2	UE 2A	UE 1	
Lisas	D. 19	12		1								
	D. 17a	33										
	D.17b	5	3									
	D. 2/21	8										
	D. 15/17	25	48	6	9	12	52	65	50	18	13	
	D. 16		1			1		2				
	Ritt. 1	11		3			1		1			
	D. 18/31		24	19	19	15	49	144	110	55	17	39
	H. 2/12c	11	3	4	5		1	10	11	9		4
	D.4/22				6	2	8	35	59	10	5	2
	Halt. 7	1										
	Ritt. 5	43	5	1								
	Ritt. 9		2	1	9	1	7	13	8		1	
	D. 24/25	173	47	18	17	21	28	38	44	7	6	1
	D. 27	33	35	15	24	6	55	91	102	11	9	27
	D. 33	9	3	2			4	3	17	2	2	13
	Halt. 14	6										
	Ritt. 8	3	9	1	5		2	11	29		2	
	D. 35/36				2			19	61	26	6	57
	Ritt. 14		3				1					
	H. 18	2						4		1		
	Ritt. 12	1	3	3	6	1	10	27	45		1	
	Curle 11							1	1	11		31
H. 24			1								2	
H. 19											1	
H. 33							1	1				
H. 90.5											2	
Halt. 16	3											
Decoradas	D.11	3	1	1				2	1			
	D. 29a	166	24									
	D. 29b		85	80	139	25	74	182	377	114	8	21
	D. 30	2	17	1	21	2	6	46	74	40	3	15
	D. 37				8			70	268	162	6	147
	Kn. 78								1		1	
	H. 9				1			10	4	1		
	Déch. 67				2			11	12	4		
	H. 15	1	4	2				18	2			
	Déch. 63								10			

Tabela 7 - Fossa 9003 (Soumaltre, Aspiran, Hérault):  
entre 50 a 70 d.C. (Genin, M.; Rascalou, P., 2004)

TSSG	NMI
D. 24/25	33,2
D. 27	19,4
D. 18	12,2
D. 15/17	10,8
Ritt. 14	3,6
Ritt. 8	2,8
D. 16	2,2
D. 33	2,2
Halt. 11	2,2
Ritt. 12	2,2
Ritt. 9	2,2
D. 2/21	1,4
D.15	1,4
Ritt. 1	1,4
D. 35/36	0,7
H. 2/21	0,7
Ovóide	0,7
Ritt. 5	0,7
<b>Total</b>	<b>100%=139 indivíduos</b>

Tabela 8 - Depósito de Vienne (Isère): Cláudio  
(Godard, 1992)

TSSG	Nº de fragmentos
D. 24/25	188
H. 18	91
D. 15/17	81
Ritt. 12	56
D. 27	47
<b>Indeterminado</b>	<b>33</b>
D. 18	32
Tigela	29
D. 17a	28
Ritt. 9	25
Prato	23
Ritt. 8	19
D. 29a	14
<b>Taça serviço III</b>	<b>12</b>
Ritt. 1	10
D. 17b	9
D. 11	4
D. 29a	3
Ritt. 5	1
D. 30	1
<b>Total</b>	<b>706</b>



Tabela 9 - Porto de Narbonne (sondagens de 1990 e 1993): Nero/Cláudio (Sanchez; Silvéreano, 2005)

TSSG	Exemplares
D. 15/17	322
D. 27	292
D. 24/25	290
D. 18	223
D. 29	174
Ritt. 8	117
D. 30	45
Ritt. 9	21
Goud. 42	16
Ritt. 5	13
Ritt. 14	12
Halt. 11	6
D. 11	5
Ritt. 1	4
Halt. 14	3
Ritt. 4	1
Ritt. 12	1
<b>Total</b>	<b>1545</b>

Tabela 11 - Genty; Mauné (2006): Depósito de St.-Bézard (Aspiran, Hérault) 1º quartel séc. II

Tipologia	Fragms.	NMI
Ânforas	142	19
Cerâmica comum	116	22
Outras cer. finas	174	15
Paredes Finas	26	5
TSSG	161	40
CAC	3	1
<b>Total</b>	<b>622</b>	<b>102</b>

TSSG	Tipo	Fragms.
	D37	41
D44a	1	
Hermet 8	1	
D35/36	11	
D33	4	
D27	1	
Hermet 7a	1	
D18	1	
D22	1	
Hermet 28	1	
D24/25	4	
D29B	6	
"D29a, 33a, 24/25"	5	

Tabela 12 - Forum de Ampúrias (Aquilué.; et Al., 2005): NMI da TSSG

Contexto	Tipo	NMI
Nero (54-68 d.C.)	D. 18a	17
	D. 29	17
	D. 24/25	16
	D. 15/17	15
	D. 27	15
	Ritt. 8b	4
	D.17a	3
	Ritt. 5c	1
	Ritt. 13	1
	D. 33	1
Domiciano (81-96 d.C.)	D. 19	1
	D. 30	5
	D. 37	5
	D. 18/31	47
	D. 37	34
	D. 29	31
	D. 27	28
	D. 15/17	20
	D. 24/25	18
	D.35/36	15
1ª metade séc. II (não há quantitativos de todas as formas)	D. 33	4
	Curle 15 / Vernhet C2	1
	D. 36, 22, Ritt.8, 12	"residual"
	D. 29	"residual"
	D. 30	"residual"
	D. 15/17	"escasso"
	D. 27	43
	D.37	43
	D. 18/31	27
	H. 8	4

Tabela 10 - Sítios da área germânica: relação entre a Drag. 29 e a Drag. 37 (adaptado de Pferdehirt, 1986)

Época de fundação	Nº de sítios	% D.29	% D.37
Antes de 73/74 d.C.	4	26,5-35,9	64,1-73,5
Antes de 79/81 d.C.	6	17,2-22,9	77,1-82,8
83-85 d.C.	6	8-14,3	85,7-92
Antes de 101 d.C.	14	1,1-6,7	93,3-98,9
101 d.C.	22	0	100

13 - Relação lisas / decoradas na TSSG na Península Ibérica

Sítio	Total	% Lisas	% Decoradas	Bibliografia
Aeminium	34	79,4	21,6	Carvalho, 1998
Alcácer do Sal	360	81,3	12,7	Dias, 1978
Arcobriga	62	62,9	37,1	Caballero Zoreda, 1992
Azeitada	61	75,4	24,6	Quinteira, 1998
Baelo	2907	74	26	Bourgeois; Mayet, 1991
Braga	801	81,27	18,73	Morais, 2005
Cardílio	70	maioria	escassos	Alarcão; Alarcão, 1966-1967
Cartago Nova	914	93,1	6,9	Castellano Castillo, 2000
Castro Marim	399	77	23	Viegas, 2006b
Conimbriga	1585	maioria	minoría	Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
Faro	114	82,3	17,7	Viegas, 2006b
Flaviobriga	112	56,25	33,75	Alvarez Santos, 2005
Herrera de Pisuerga	c.500	64	36	Perez Gonzalez, 1989
Ibiza	54 marcas	97,9	2,1	Fernández; Granados; González Villaescusa, 1992
Ilha do Pessegueiro	753	90	10	Silva; Soares, 1993
Ilici	604	56	44	Montesinos i Martínez, 1998
Iuliobriga	214	60,28	39,72	Alvarez Santos, 2005
Santuário de La Secreta	?	100%		Poveda Navarro, 2005
Lezíria	13	53,8	46,2	Arruda; Dias, 1985
Mérida	304 marcas	82	18	Mayet, 1978
Morè	63	69,85	30,15	VV.AA., 1997
Mt. Mozinho	532	100	0	Carvalho, 1993
Munigua (casa 2)	58	79,31	21,69	Meyer; Basas; Teichner, 2001
Povos	35	100	0	Dias, 1995-1997
Represas	2061	83,26	16,74	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Lopes, 1994
Rosinos de Vidriales (Ala II Flavia)	43	65,1	34,9	Carretero Vaquero, 2000
Saguntum	?	87,09	10,08	Montesinos i Martínez, 1991
Santarém	246 NMI	78	22	Viegas, 2003
Sta. Maria del Juncal	273	maioria	minoría	Izquierdo, 1994
Tossal de Manises	233 marcas	maioria	minoría	Ribera i Lacomba, 1988-1999
Villa da Tourega	40	97,5	2,5	Pinto; Viegas; Dias, 2004
Tróia	276	84,8	15,2	Etienne; Makaroun; Mayet, 1994
Valeria	171	54,2	45,8	Sanchez-Lafuente, 1985

14 - Distribuição da <i>terra sigillata</i> sudgálica marmoreada (principais conjuntos)				
Sítio	% Total	% Formas Lisas	% Formas Decoradas	Bibliografia
Alcácer do Sal		2,3		Dias, 1978
<i>Baelo</i>	4,5	5	3,5	Bourgeois; Mayet, 1991
Cartago Nova	4,35			Castellano Castillo, 2000
Castro Marim	4,5	4,6	4,3	Viegas, 2009
<i>Conimbriga</i>	0,3			Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
Faro	8,9	8,8	10	Genin; <i>et Al.</i> , 2007
Mérida	6			Mayet, 1978
<i>Portus Illicitanus</i>	2,9			González Prats, 1984
Represas	1,6			Lopes, 1994
<i>Segobriga</i>	2,6			Almagro-Gorbea; Lorrio, 1989
Tossal de Menises	2,1			Ribera i Lacomba, 1988-1999
Valência	1,4			Ribera i Lacomba, 1988-1999
<i>Valeria</i>	5,2			Sanchez-Lafuente, 1985
Pompeia	16,8			Genin; <i>et Al.</i> , 2007
<i>Ostia</i>		10		Genin; <i>et Al.</i> , 2007
Narbonne	4			Genin; <i>et Al.</i> , 2007
Lyon - Verbe Incarné (nível 3: 20/30-70 d.C.)	1,3			Genin; <i>et Al.</i> , 2007
Lyon - Verbe Incarné (nível 4: 70-110 d.C.)	4,2			Genin; <i>et Al.</i> , 2007

15 - Distribuição dos centros de <i>terra sigillata</i> gálica na Península Ibérica									
Sítio	Percentagem								Bibliografia
	La Grauf.	Montans	LG / Montans	Banassac	Le Rozier	Lezoux	Martre-de Veyre	Sudgálico ind.	
<i>Aeminium</i>	c.100 exs.	3 exs.							Carvalho, 1998
Alcácer do Sal	100								Faria; Ferreira; Diogo, 1987
<i>Arcobriga</i>	100								Caballero Zoreda, 1992
<i>Baelo</i>	hegemónico	<i>Crispinus</i>		1 ex. dec.	<i>Linus</i>				Bourgeois; Mayet, 1991
<i>Balsa</i>				7 exs. D.37					Nolen; Real, 1994
Braga	domina	5 exs.				1 ex.			Morais, 2005
Castro de Vigo	91,4	8,6							Hidalgo Cuñarro, 1987
Castro Urdiales / <i>Flaviobriga</i>	minoría	maioria				escassa			Alvarez Santos, 2005; Pérez González, 1986-1988
Chaves / <i>Aquae Flaviae</i>	100								Carneiro; Lopes, 2005
<i>Conimbriga</i>	hegemónico	raro							Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
Herrera de Pisuerga	maioria	minoría							Pérez Gonzalez, 1989
Ilhas Baleares (Maiorca, Minorca)	hegemónico			2 exs.		1 ex.			Roca Roumens; Orfila Pons, 1987
Ilici	86,61	0,81	6,5			0,81		1,62	Montesinos i Martínez, 1998
<i>Iuliobriga</i>	equivalen					alguma			Alvarez Santos, 2005
Lisboa / <i>Olisipo</i> (Praça da Figueira)	hegemónico	1 ex.							Silva, 2005
La Matra	predomínio								Izquierdo, 1994
Mérida	hegemónico	2 oleiros?		1 oleiro?					Mayet, 1978
Montinho das Laranjeiras	100								Coutinho, 1997
Morè	hegemónico						<i>C.Ivl.Vas (ilius)</i>		VV.AA., 1997
Mt. Mozinho	91,3	8,7							Carvalho, 1993
Numância	hegemónico	2 oleiros							Romero Carnicero, 1985
Pamplona	Predomínio								Izquierdo, 1994
Represas	99,18	0,82							Lopes, 1994
Rosinos de Vidriales / <i>Ala II Flavia</i>	hegemónico								Carretero Vaquero, 2000
S. Cucufate	99,18	0,82							Alarcão; Etienne; Mayet, 1990
<i>Saguntum</i>	78,33	3,99	1,5	2,77					Montesinos i Martínez, 1991
Santarém	100								Viegas, 2003
Sta. Maria del Juncal	5,5	94,5							Izquierdo, 1994
Serrones						<i>Seliesus</i>			Moutinho Alarcão, 1960-1961
<i>Tarragona</i> (Passatge de Cobos)	hegemónico								Tarrats Bou, 1992
Tossal de Manises	hegemónico					<i>Ortvs Pavlvs</i>			Ribera i Lacomba, 1988-1999
Tourega	95	5							Pinto; Viegas; Dias, 2004
Valência	88,88		2,77	exs.					Montesinos i Martínez, 1991
Região valenciana (excepto <i>Saguntum</i> , Valência e Ilici)	88,33		11,66						Montesinos i Martínez, 1991
<i>Valeria</i>	100								Sanchez-Lafuente, 1985

. Tabelas sobre *Terra Sigillata* Africana e Cerâmica Africana de Cozinha

Tabela 16 - Período de produção 1 em El-Mahrine (300/310 a 450 d.C.) principais tipos (Mackensen, 1993)		
Tipo (El Mahrine)	Tipo (Hayes)	%
9	H67	42,64
52	H91A/B	12,38
4	H61A e 61 transição	11,27
2	H59A/B	6,61
10	H76A/B	6,52
6	H63	5,21
16	H73A/B	4,28
5	H62A, nn. 5 e 11	3,17
11	H80A/B	2,33
14	H67/71	1,3
1	H58B	0,84
8	H60	0,56
17	H67	0,47
12	H80A	0,37
3	H51B	0,09
13	H81A	0,09
15	H73B	0,09
<b>Total de fragmentos de bordo: 1074 = 100%</b>		

Tabela 17 - Missão italiana em Cartago (Tortorella, 1982): quantitativos		
Produção	400-425 d.C.	425-439 d.C.
TSAf A	294	50
TSAf A/D	2	0
TSAf C1/C2	16	0
TSAf C3/C4	12	3
TSAf D	431	101
CAC	755	151
H61	33	2
H67	18	3
H91	29	9
H94B	1?	0
H104A	2	1
H58B	4	2
H59	32	4
H80/81	10	9
H56	1	0
H60	4	0
H63	2	4
H64	4	0
H50B/64	1?	0
H67/71	1	0

Tabela 18 - Missão italiana em Cartago, segundo Anselmino; <i>et Al.</i> , 1986 ( <i>apud</i> Reynolds, 1995): percentagens						
Fase	A	B	C	D	E	F
Datação	420-30 d.C.	1º met. V	fim V	1ª met. VI	2ª met. VI	séc. VII
Quantitativo	193	202	283	194	590	120
H58B	3,1	3,9	1,4	2	1,1	
H59	18,6	15,3	4,5	5,5	1	0,8
H60	2	0,4	0,3	0,5		
H61	18,1	22,7	7,7	7,7	2,2	0,8
At. XXXVI, 9 / H62A / F.4.3		1,4				
H64	2		2,1	1,5?	1	1,7
H67	10,8	6,4	15,1	7,7	1,8	0,8
H67/71	0,5	0,9	1			
H76			2,4		0,1	
H76B		0,4				
H80			15,9		4,4	
H80A						7,7
H81			6,6		3,3	
H80/81	9,8	2,9		13,4		
H87A e C					0,8	
F.46	5,6	11,3	1,4	5,5	1,3	
H91	19,6	11,3	27,2	14,9	13,2	6
H91, n. 28			0,7	0,5	0,6	
H93A					1,3	1,7
H93B			0,3	0,5	1,5	1,7
H94A					1	4,3
H94B	0,5	0,9	0,7	1,5	5,7	19,3
H99A-B				12,3	14,9	5,1
H99A-B		0,9	1		4,2	3,4
H103			0,3		1,8	
H103A				2		1,7
H103B					0,1	0,8
H104A	1,5			3,6	9,6	1,7-2,5
H104B				0,5	0,3	2,5
H104		0,9			0,8	2,5
...	...	...	...	...	...	...

Tabela 19 - Missão de Michigan em Cartago depósito do <i>circus</i> fim do séc. IV - início do V: Tomber, inédito ( <i>apud</i> Reynolds, 1995)	
Forma	Porcentagem
H67	14,43
H61A	13,75
H59	13,41
H10v	9,42
F.46	7,38
H80/81	5,77 (H81B - 2,97, H80A - 2,8-)
H67/71	3,39
H91A-B	3,05
H70	1,18
H15v e H60	0,93
H61A/B	0,67
H8v	0,59
H73A	0,5
H3	0,42
H45 e H71	0,33
H32/58, H63 e F101	0,25
H10, H32, H42/45, H58, H68, H76	0,16
H5, H8A, H9, H14, H17, H27, H50, H52B, H53, H64, H70 (Sul da Tunísia), H72B, H103, H16	0,8
<b>Total de exemplares: 1178</b>	<b>100%</b>

Tabela 20 - <i>Simitthus</i> (Vegas, 1994)					
20a - abandono em 280 ou 290 d.C.		20b - abandono em 280 ou 290 d.C.		20c - abandono em 280 ou 290 d.C.	
Fragmentos sob a camada de destruição no interior dos tanques		Fragmentos sob a camada de destruição, nas alas centrais da <i>fabrica</i>		Fragmentos classificados (sem e com contexto)	
H9	2	H15=L3b1	1	TSAf A	472
H14/16	21	H14-16=L3b2-3c	1	TSAf A/C	64
H3	8	H4	1	TSAf C	945 + 7 pratos
H4	9	H26-27	1	CAC patina cinzenta	mais de 4400
H50	7	H6=L23	2	CAC bordo enegrecido	mais de 3300
H48	1	Carandini 62	1	cerâmica destinada a ir ao fogo (inclui patina cinzenta e bordo enegrecido)	mais de 8250
H49	1	H50=L40	8	Cerâmica de engobe vermelho interno	mais de 5000
Chemtou 2d copo cónico	10	H44=L35	2		
Ind. TSAf A	63	Chemtou 2d	1		
Ind. TSAf C	18				
Total TSAf A	126				
Total TSAf C	27				

Tabela 21 - <i>Schola Praeconum</i> I - Roma Whitehouse; et Al., 1982 (apud Reynolds, 1995): moedas sugerem abandono em 430-440 d.C.	
Forma	Porcentagem
H80B	22,3
H91A	13,3
H64	8,9
H67	7,1
H61 (H61B=3,5%)	6,2
H76	5,3
H80A	4,4
H63, 81A, 85B, 87A	2,6
H59B	1,7
H50B/80, 53, 56, 61A, 69?, 70V, 78, 81B, 84, 12/102, 91B, 92, F16, 91C?, 103A, 104A	0,8

Tabela 23 - <i>Turrís Libisonis</i> (Sardenha) (Villedieu, 1984): percentagens calculadas em relação ao total de cerâmicas finas							
TSAf C	Fase IV					Fase V 465-485	Fase VIa 465-iníc. VII
	a 425-450	b-c 440-60	d	e	f		
H44	0,5	1			0,5		
H44 ou 52	0,25	0,5		1,5	1		0,5
H45	4	0,25					
H46					0,5		
H48	0,5	1		0,5	1		
H49		0,25		0,5			1
H50A	14	6	7,5	8	1,5	2,5	1
H50B	3,5	3,25	6	5,5	3	1	1
H58A	1	0,25	2	2		1	
H57		0,25		0,5	1,5		1
H52		1,5	3	1	3,5		1
H53			1	0,5	1,5		
H55					0,5		
H73		1		0,5			0,5
H84							0,5
85B						1	

Tabela 22 - <i>Turrís Libisonis</i> (Sardenha) (Villedieu, 1984): percentagens calculadas em relação ao total de cerâmicas finas													
TSAf A	Fase II			Fase III				Fase IV					
	a fim II / início III	b	c-d 210-230	a-b 224-240	c 238-250	d 250-275	e 270-300	f	g fim III / início IV	a 425-450	b 440-460	d 440-460	f
H3A	3,5												
H3B		3											
H3C var	2												
H3C						2							0,5
H5C										0,5			
H6B			0,5	2,2								2	
H8A	12		3,5		1,5					1			
H8B			0,5		1,5	4							
H9A	3,5		1	2,2	1,5	1				0,5			
H14A			3	4,5	1,5	1				0,5			
H14B			1	2,2	3	1				1			
H15			1								0,2		1
H16	3		6,5	13,5	4	4,5	6,5			0,5			0,5
H17					3			11			0,2		
H14/17												1	
H21		3											
H22			1										
H26			3		3	6,5							
H27			1	2,2	4	4				0,5	0,5	1	0,5
H31				4,5		6,5			5	0,5	0,5	1	0,5
H34	2		1										
H147			1,5		1,5					0,5			
H158			0,5	2,2									
TSAf A/D	Fase II			Fase III				Fase IV					
	a fim II / início III	b	c-d 210-230	a-b 224-240	c 238-250	d 250-275	e 270-300	f	g fim III / início IV	a 425-450	b 440-460	d 440-460	f
H16										0,5			
H18								11					
H27					1,5								
H31					1,5	4	6,5				0,2		0,5
H32										0,5			
TSAf A/C	Fase II			Fase III				Fase IV					
	a fim II / início III	b	c-d 210-230	a-b 224-240	c 238-250	d 250-275	e 270-300	f	g fim III / início IV	a 425-450	b 440-460	d 440-460	f
Ind.		3	0,5	2,2									



Tabela 24 - <i>Turrís Libisonis</i> (Sardenha) (Villedieu, 1984) percentagens calculadas em relação ao total de cerâmicas finas									
TSAf D e E	Fase IV						Fase V	Fase VI	
	a	b-c	d	e	f	VII-a	465-85	VI-a	VII-b
	425-50	440-60						465-inícios VII	
H10						1,25			
H58B	5,5	1	10,5	1	3	9	2,5	3	7,5
H59	1	2,5	6	3,5	6,5	1,25	1	2,5	
H60	1	0,25		1	0,5	1,25		0,5	0,5
H61A	1	2,75	4	5	4	2,5		1	7
H61B		2,5			1		1	1	1
H62	1							0,5	
H63		0,25							
H50B/64			1	0,5					
H67a	1	2,5	2	3,2	1		1,2	1	0,5
H67b		1			1	1,25	2,5	1,5	
H67c	0,5	2,5							1,5
H67	2,25	7,25	2	3,75	4		5	4	4
H67/71	1	0,25							
H68			1						1
H69			1						
H70		0,5			0,5	2,5		0,5	0,5
H75									0,5
H76	0,5	0,5					1	1,5	
H78					0,5				0,5
H79							1		
H80A	0,5				0,5	1,25	1		
H81B	0,5	1			0,5		8,5	1	0,5
H87B-C								1,5	0,5
H90B							1		
H91 var	0,5	0,25		1					
H91A									0,5
H91B	1	3	3		2,5		2,5	6	0,5
H91.29		0,25						0,5	0,5
H91B/C	0,5	0,25			1		2,5	2	
H91C		0,25						1,5	0,5
H91D								0,5	0,5
H91 tardia									0,5
H93B					1		1,2	3	
H93-94 var								1	
H95							1,2	0,5	
H99A-B		0,25					3,5	5	2
H99C								0,5	
H103A							1,2	4	1
H104A/B							2,5	2,5	
H107								0,5	

Tabela 25 - <i>Turrís Libisonis</i> (Sardenha) (Villedieu, 1984) percentagens calculadas em relação ao total de cerâmicas finas																	
CAC (engobe)	Fase II				Fase III					Fase IV					Fase V	Fase VIa	
	a	b	c	d	a-b	c	d	e	f	g	a	b-c	d	e	f		
	fim II- início III	210-230			220- 40	238- 50	250- 75	270-300		fim III - início IV	425- 450	440-460				465- 485	465- início VII
H23A	2		9		2,25	1,5	1	6,5					1	1	1,5		0,5
H23B		6	8	15	7	14	3		11		4,5	1,5	2	0,5	1	1	0,5
H23		14	13,5	20	23	22	8,5	33,5			4	2	1	2,5	1	6	1,5
H181			1,5		16	6	3	26,5	11	5	5,5	3	6	2	2		2
H181 "a strisce"			0,5		4,5						0,5	2	5	2	6	1	1,5
H184											1	0,25					
H185												1					

Tabela 26 - <i>Turrís Libisonis</i> (Sardenha) (Villedieu, 1984) percentagens calculadas em relação ao total de cerâmicas finas																	
CAC (pat cinz)	Fase II			Fase III						Fase IV					Fase V	Fase VIa	
	a	b	c-d	a-b	c	d	e	f	g	h	a	b-c	d	e	f		
	fim II- início III	210- 230		220- 240	238- 250	250- 275	270-300		fim III - início IV	300- 335	425- 450	440-460				465- 485	465- início VII
H195				0,7	0,7				2		0,5	0,1		1,2	1		1,3
H196	1,2	14	11,6	20	22	31	22	39	19	36	11	6,5	12	3,4	7	2,2	1,5
H197		9,5	18,5	40	40	35	50	17,3	10,5	36	12	5	8,5	3,6	6,5	1,5	4
Marmitas	34	5,3	33,5	2,2	3	0,3		4,3	12,7		8	5,5	8,5	10	6,8	3	2,5
H193												0,1		0,2	0,3		
H183			0,2								1,2	0,5	1	0,5	1,8		0,2
H184											0,5						
Coupes à listel												0,5			0,3		3,5
Late W.I.3															0,3	1,5	

Produção	Forma	NMI
TSAf A (37)	H8B	2
	H9A	4
	H3C	2
	H14A	5
	<i>Atlante XVI,9</i>	1
	H26	1
	H27	1
	H6B	3
	H9B	11
	H14B	3
	H16	4
CAC (124)	H23A	5
	H23B	28
	H181	2
	H197	23
	<i>Ostia III, 269</i>	1
	<i>Raqqada 1973, LIII, D1</i>	1
	<i>Ostia II, 302</i>	10
	H196	49
	<i>Ostia I, 261</i>	1
	<i>Ostia I, 264</i>	1
	H182	2
<i>Ostia I, 263</i>	1	

Produção	Forma	NMI
TSAf D	H50B	4
	H58	1
	H61A	7
	H61B	2
	H73	1
	H76	3
	H80B	3
	H81B	8
	H91A/B	3
	Ind.	3

Produção	Forma	NMI
TSAf C5	Ind.	1
TSAf D	H50	5
	H59	1
	H61A	1
	H61B	16
	H64	10
	H67	5
	H73	1
	H78	1
	H80	5
	H81B	2
	H87B	1
	H91A/B	14
	H93	1
	H12/102	1
	F37	2
	Ind.	38

Produção	Forma	NMI
TSAf C5	H74	3
	H84	2
	H85	2
	Ind. com estilo D	1
	Ind.	9
TSAf D	H50B	11
	H58	1
	H61A	1
	H61B	17
	H64	7
	H64 var.	1
	H67	2
	H70	3
	H76	1
	H80	8
	H81	6
	H87B?	1
	H91A/B	12
	H12/102	6
	H104A	2
	F35	1
F37	1	
Ind. com estilo A(iii)/E(i): cântaro	1	
Ind. com estilo A(iii)/E(i)	1	
Ind.	28	

Fase	Datação	D1	D2	D3	D4
1	1ª met. V	10	4	0	0
2A	2ª met. V a 2ª met. VI	10	54	2	2
2B		2	36	15	9

Período	1		2A			2B		
fase	1	2	2	3	4	2	3	4
datação	1ª metade séc. V		2ª met. V	final V - início VI	tpq de 550			
H81	x	x						
H61B	x	x	x	x	x	x		
H91A/B	x	x	x	x	x			
H82/84			x	x	x			
H87			x	xx	xx	x		
H104				x	xx	xx	x	xx
H99				x	xx			

Naufrágio	Datação	Espólio
Punta Ala B	1º quartel séc. II	- Cerâmicas finas (50 exs.): TSTI (80%), TSAf A1 (14%: <i>Atlante</i> XIII,1; L4/36; L1a; L19bis), Paredes Finas de pasta cinzenta (6%) - Cerâmica Comum: Ind. (24%), desconhecida (40%), CAC (36%: <i>Ostia</i> II, 302; <i>Ostia</i> III, 332; <i>Ostia</i> I, 261; <i>Ostia</i> II, 310; <i>Ostia</i> II, 312; <i>Ostia</i> III, 267; H23B) - Ânforas: <i>Gallia</i> (G.4 (15 exs.), G.5 (3 exs.); Península Ibérica (Dr.20 (5 exs.), Dr.2-4 (4 exs.)); Itália (5 exs.)
Les Laurons II (Marselha)	2ª met. séc. II	- TSAf A (H8A)
Porto Azzuro (Elba)	2ª met. séc. II	- TSAf A (H3C, H8A)
Procchio (Elba)	2ª met. séc. II	- TSAf A (H3B, H9A)
Trincere (Tarquinia)	Fins séc. II / inícios séc. III	- CAC pat. cinzenta (75,96%), TS Af A2 (0,96%), Ânforas (12,5%), Cer. Comum (10,58%) - CAC: H196 (50,63%), H197 (32,91%), H23B (14,45%) - TS Af A2 (H23B = 1 frag.) - Ânforas: Bizacena (61,54%: Af IIA, B); Mauritània (30,77%: K. IA); Tripolitana ou Tunísia (7,69%: MR1 de Riley = 1 frag.)
Cabrera III (Maiorca)	pouco depois de 257 d.C.	- TSAf A (H15), H17A=L8, C (H45B, H50A), CAC (H23B)
Femina Morta (Ragusa)	fim séc. III - início séc. IV	- TSAf A (H14A), C (H44), D (H32/58, H58B)
Fontanamare (Iglesias)	pouco depois de 305 d.C.	- TSAf A/D (H31, H32), formas de transição entre a A tardia e a D sem decoração
Yassi Ada II (Turquia)	fim séc. IV - início séc. V	- TSAf D (H59A com estilo A(ii), C tardia (H73), lucernas do tipo Henchir es-Srira
Anse Gerbal I (Port-Vendres)	1ºs decénios séc. V (talvez meados)	- TSAf D (H67/71, H94, H93B var., estilo A(ii), lucernas do tipo Henchir es-Srira
Port-Miou (Cassis)	1º quartel séc. V (talvez meados)	- TSAf D (H61B, H63, H67, H80B, H91, estilo A(ii)-(iii) e talvez B, lucernas do tipo Henchir es-Srira (Pohl 2a, 2c, 2h, 3a)
Dramont E	2º quartel séc. V	- TSAf D2 (Bonifay, 1998, p.74): H61B, 80B, 64, 65 e 50B; estilo A(ii)-(iii)

Tabela 34 - <i>Ostia</i> (Carandini; Panella, eds., 1977)				
Ambiente XXV				
TSAf	Forma	Estrato V	Estrato IV	Estrato III
		80/90 d.C.	90-140 d.C.	190-200/225 d.C.
A1	H8A=L1a		6	13
	H3=L4/36		2	3
	H34=L6		1	1
	H158=L12			1
	H123=L15			1
	forma fechada	9	5	10
	<i>Ostia</i> III, 281			0
<i>Ostia</i> IV, 476			0	
A1\2	H8A=L1b			4
	H7=L7b			2
A2	H8			1
	H9A=L2b			18
	H9B=L2c			7
	H14A=L3a			8
	H16=L3c1			4
	H17=L8			1
	H27=L9a2			5
	H26			30
	H197=L13			1
	H21=L19			5
	H6=L23			2
	H10=L21			6
C	H50			5
	<i>Ostia</i> IV, 347			1
A/D	H33			1
	H32			1
	<i>Ostia</i> I, 29			1
<b>Total</b>		<b>9</b>	<b>14</b>	<b>132</b>
CAC engobe	H181			88
	H23A=L10b		3	14
	H23B=L10a		1	142
	H183			4
	H182			18
<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>266</b>	
CAC patina cinzenta	<i>Ostia</i> II, 303-304	6		1
	<i>Ostia</i> II, 306-307	7		
	<i>Ostia</i> II, 310	1		
	<i>Ostia</i> III, 325			7
	<i>Ostia</i> I, 265		4	173
	<i>Ostia</i> I, 266			23
	<i>Ostia</i> I, 270			2
	<i>Ostia</i> I, 271			5
	<i>Ostia</i> I, 272			2
<i>Ostia</i> I, 273			2	
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>239</b>	<b>(24 fundos)</b>
CAC bordo cinzento	<i>Ostia</i> II, 302	21	5	26
	<i>Ostia</i> I, 260			56
	<i>Ostia</i> I, 261			45
	<i>Ostia</i> I, 262		1	12
	<i>Ostia</i> I, 263			4
<i>Ostia</i> I, 264			3	
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>6</b>	<b>173</b>	
Paredes Finas	<b>Total</b>	<b>292</b>	<b>9</b>	<b>124</b>

Tabela 36 - <i>Ostia</i> (Carandini; Panella, eds., 1977)		
Termas do Nadador - Ambiente XVI / estrato I (meados III ? a finais IV-inícios V)		
Produção	Tipo	Frgs.
TSAf C3	L52a	8
	H57	4
TSAf D	L35=H78	2
	L42=H91	2
	L38=H91	1
	<i>Ostia</i> III, fig. 128	1
	L51=H59A	15
	L52=H58B	12
	L54=H61A	1

Tabela 35 - <i>Ostia</i> (Carandini; Panella, eds., 1977)			
Termas do Nadador - Ambiente XVI			
Produção	Estrato II		Estrato I
	225-230 a 275-280 d.C.		meados III ? a finais IV-inícios V
TSAf A	31,20%	65,68%	25,40%
TSAf A/D	2,70%	6,36%	1,40%
TSAf C1/C2	34%	27,97%	28,80%
TSAf C3	0		3,90%
TSAf D	0		12%
CAC	32,10%		28,50%
<b>Total fragmentos</b>	<b>1105</b>	<b>Total fragmentos: 472 (Martin, 2006)</b>	<b>358</b>
<i>Ostia</i> (Martin, 2006)			
<i>Isola Sacra</i> (fases 2-4) meados séc. III		Termas do Nadador - Ambiente IV 240-280 d.C.	
TSAf A2	62,97%	TSAf A2	57,33%
TSAf A/D	6,40%	TSAf A/D	7,67%
TSAf C1	0,67%	TSAf C1	5,05
TSAf C2	0,67%	TSAf C2	28,77%
<b>Total</b>	<b>297</b>	<b>Total</b>	<b>6117</b>

Tabela 37 - Nível de abandono de Grau Vell (Sagunto): final do séc. V (López Piñol, 1989)		
(Fig. 11, nn. 41-42 são H61A/B e a fig. 14, nn. 59-63 são estilo A(ii))		
TSAf A1/A2	H3B	3
	H3C	3
	H7B	3
	H8A	4
	H9A	4
	H9A, n.16	2
	H20	2
	H27=L9a	13
	H27=L9a2	1
	H14A=L3a	1
	H16=L3c1	1
	H14B=L3b1	21
	H14C=L3b2	1
L8 e 8 bis	11	
L31, nn 2, 6	4	
<b>Total</b>	<b>74</b>	
TSAf C1/C2/C3/C4	H48=L41	4
	H42	1
	H50A=L40	24
	H57	4
	H53B/H53A	2
	H73B=L57	1
	H52B=L35	1
<b>Total</b>	<b>36</b>	
TSAf D1/D2	H53/58	3
	H58B	33
	H59A/B=L51A	18
	H61A, nn. 1, 4, 7, 18	32
	H61A, n. 13	1
	Waagé 1948, tav. IX, n.831 K	9
	H61, n. 26	2
	H61	1
	H60, nn. 1-2	2
	Ruger 1968, fig. 11, n. 11	1
	H67, nn. 5, 6, 17, 28	16
	H67, nn. 1, 4, 9	5
	H67	2
	<i>Atlante</i> , tav. XXXVIII, n.2	2
	H76, nn. 1, 3	2
	H80A	1
	L22	2
H103A, nn. 1, 3 (D2)	1	
H91A/B (D2)	8	
H99, nn. 1, 7, 8, 12 (D2)	4	
<b>Total</b>	<b>145</b>	

**Tabela 38 - Gerunda/Girona (muralha): 260-300 d.C. (Nolla Brufau; Nieto Prieto, 1979)**  
 percentagem após separação da CAC, incluída na TS Af. A da publicação

Produção	Fraqs.	%
TSAf A	119	30,67
TSAf C	170	43,81
TSAf A/D	2	0,51
TS Narbonense	10	2,57
CAC	87	22,42
<b>Total</b>	<b>388</b>	<b>100</b>
TSAf A	Tipos	Exs.
	H8B	1
	H9B	1
	H14A	3
	H15	1
	H16	1
	H6B	1
	H7	1
	H14/17	1
	H17A	2
	H26/27	5
	H26	1
TSAf C	Tipos	Exs.
	H44	1
	H50A	43
	H48A	1
	H48B	4
TSAf A/D	Tipos	Exs.
	H31	5
CAC	Tipos	Exs.
	H23A	3
	H23B	67
	H181	16
	H185	1

**Tabela 39 - Edifício "A" da cidadela de Roses UEs 651+649 - finais do séc. IV d.C. (Nieto Prieto, 1993)**

TSAf	TSAf A	H22	2
		H27	7
		H3B	9
		H6B	3
		H8A	2
		H9A	8
	<b>Total</b>	<b>31</b>	
	TSAf C	H52A	1
		H52B	1
		<b>Total</b>	<b>2</b>
TSAf D	H58	1	
	<b>Total</b>	<b>1</b>	
<b>Total</b>		<b>68</b>	
DSP		<b>Total</b>	<b>4</b>
CAC	H181	8	
	H23A	9	
	H23B	60	
	At. CIV, 3	1	
	At. CIV, 6	1	
	<b>Total</b>	<b>79</b>	

**Tabela 40 - Beirute: importações de terra sigillata africana (Reynolds, 2007)**

Produção	200-230d.C.	230-250 d.C.	c. 250 d.C.	c. 325-350 d.C.	375-400 d.C.	c. 410 d.C.
TSAf A	5	4				
TSAf A/C?		2	1			
TSAf C		43	1	113	13	
TSAf E				8		
TSAf D				6	25	
TSAf Ind.		1				
TSAf						18
TSFT						52
TSCT						35
<b>Total (exs.)</b>	<b>5</b>	<b>50</b>	<b>2</b>	<b>127</b>	<b>38</b>	<b>105</b>

**Tabela 41 - Relação TSAf / CAC na Península Ibérica (Quantitativos)**

Sítio	TSAf	CAC	Bibliografia
Almeria	518	243 (apenas as formas da TS Af. A)	García Lopez; Cara Barrionuevo, 1995
Arcobriga	0	2	Caballero Zoreda, 1992
Baelo	6247	759 (apenas as formas da TS Af. A)	Bourgeois; Mayet, 1991
Balsa	334	890	Viegas, 2008
Conimbriga	979	1 (apenas as formas da TS Af. A)	Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
Córdoba	65,00%	35,00%	Sierra Fernández, 1995
Faro	181	54	Viegas, 2007
Morè	79	168	VV.AA., 1997
Montinho das Laranjeiras	186	13	Coutinho, 1997
Munigua (casa 2)	119	49	Meyer; Basas; Teichner, 2001
Represas	1235	27 (apenas as formas da TS Af. A)	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Lopes, 1994
Tarraco	1991	1137	Aquilué Abadias, 1992
Valência	550	816 (apenas as formas da TS Af. A)	Reynolds, 1984

**Tabela 42 - Tarraco: evolução da terra sigillata africana e da cerâmica africana de cozinha entre 400 e 525 d.C. (Aquilué, 1992b)**

Contexto	Período	TSAf (% em relação à cerâmica fina de mesa)	CAC (% em relação à cerâmica comum)
Vila-Roma	1ª met. séc. V	76,33	16,66
Antiga Audiencia	2ª met. séc. V	60,36	5
C/ Santes Creus	3º quartel séc. V	95	
C/ de Sant Lorenç	475-525 d.C.	73,87	3,5



. Tabela sobre *Terra Sigillata* Focense Tardia

Sítios	Frag.	Exemplares	Hayes 2	Hayes 3	Hayes 5	Hayes 8
<i>Bracara Augusta*</i>	85	74		57	2	
<i>Conimbriga</i>	95	43		40	3	
<i>Scallabis</i>		8 NMI		7		1
<i>Olisipo</i>			1		1	
Região de <i>Olisipo</i>		31		30		1
Tróia	20	12		12		
Monte da Cegonha	10	6	1	5		
Mértola	25	16		15		1
Cerro da Vila	65	30		29	1	
<i>Ossonoba</i>		7		6		
<i>Balsa</i>		9		8		

\*acresce 1 exemplar de Çandarli Ware (Hayes 4).

## . Tabelas sobre a Península Ibérica (e Norte de África)

Região / Sítio	Produção	TS Or. A	TS Or. B	TSI	TSTI	TS Trip	TSSG	TSH			TS Af	Ind.	Total	Bibliografia
								Total	La Rioja	Andújar				
Necrópole de Ganima (Tripolitana) 50 a.C. a 90 d.C.	Quant.	93	1	73		10							177	Fontana; Felici, 2003)
	IMA	0,93		1,46		0,2								
Sabratha (Tripolitana)	Quant.			1870		"pouca"					3600		5470+	Fulford; Tomber, 1994
	IMA			37,4										
Litoral da Bizacena	Quant.							1	1					Bonifay; <i>et Al.</i> 2002-2003, nº18
Cartago (circular harbour)	Quant.	10		77		51	5					35	178	Fulford; Peacock, 1994
	IMA	0,1		1,54		1,02	0,08							
Cartago (escavação DAI)	Quant.							2						Rakob, 1999, p.363
Argélia (marcas)	Quant.			822	99		235	8					1164	Guéry, 1979, 1987, 1992, 1994; Kenrick, 1996
	IMA			16,4	1,98		3,91	0,08						
<i>Mauritania Tingitana</i> (marcas)	Quant.			209			327	515	355	160			1566	Boube, 1965, 1966, 1968-1972, 1979-1980, 1981-1982; Laubenheimer, 1979
	IMA			4,18			5,45	5,15	4,43	1,6				

Produção	Total do sítio	Júlio-Cláudios	Júlio-Cláudios / Flávios	Finais I / 1º met. II
TSH tipo itálico	60	47	13	
TSSG	13	4	9	
TSH	4	.	4	
TSAf A	3	.	.	3

TSSG	Frag.	TSH	Frag.	TSAf A	Frag.
Drag.37	9	Drag.37	4	H8A	1
Drag.15/17	1	Ritt.8	1	<b>Total</b>	<b>1</b>
Drag.18	3	Drag.15/17	8		
Drag.24/25	2	Drag.18	1		
Drag.27	8	Drag.24/25	1		
Ind	16	Drag.27	1		
<b>Total</b>	<b>39</b>	Ind	6		
		<b>Total</b>	<b>22</b>		

**Tabela 47 - Ilha do Pessegueiro Corte A (compartimento J1): fragmentos (adaptado de Silva; Soares, 1993)**

Camadas	2	3	4	5	6 e 7
Datação		séc. III avançado	meados - 2ª metade séc. II	1ª metade séc. II	
TSSG			3	2	2
Drag.18					2
Ind.			3	2	
TSH		3	60	71	8
<i>Tritium</i>			2	16	6
Drag.15/17				6	2
Drag.27				1	1
Ind.			2	9	3
Andújar		3	58	55	2
Drag.15/17			10	10	
Drag.27			5	12	1
Ind.		3	43	33	1
TSAf A		8	24	32	
H9			1	3	
H9A				2	
H9B			1		
H14			2	2	
Ind.		8	20	25	
CAC		10	45	33	
H23		2	25	8	
H23B		8	20	25	
TSAf C		1			
H50		1			
TSAf D	2				
H59	1				
H91 ou 92	1				

**Tabela 48 - Ilha do Pessegueiro Corte C (compartimento H2): fragmentos (adaptado de Silva; Soares, 1993)**

Camadas	2	3	4	5	6.	7
Datação		2ª metade séc. III		séc. II		
TSSG	1				1	2
Drag.37					1	
Drag.18	1					
Drag.27						2
TSH	8		3	2	5	
<i>Tritium</i>	5				2	
Drag.15/17	3					
Drag.27					1	
Ind.	2				1	
Andújar	3		3	2	1	
Drag.15/17	1					
Drag.27			1		1	
Ind.	2		2	2		
TSH Ind.					2	
Drag.27					1	
Ind.					1	
TSAf A	1	26	3	2		
H14		9	2			
H27		1				
Ind.	1	16	1	2		
CAC			1	1		
H23B			1	1		
TSAf C		10	1			
H45A		1	1			
H50		1				
Ind.		8				
TSAf D	14	2				
H61	1	1?				
H61B	4					
Ind.	9	1				

**Tabela 50 - Naufrágio de Cala Culip IV: 78-82 d.C. (Niéto; Puig, 2001)**

Conjuntos		Tipo	Exempl.	
Lisas 1947	Tigela 861	Série 2 126	D. 24/25A 33 D. 27A 69 D. 35A 24	
		Série 3 735	D. 24/25B 276 D. 27B 449 D. 35B 10	
			Série 6 191	D. 18A 191
		Prato/Taça 1086	Série 7 889	D. 15/17B 85 D. 18B 783 D. 36B 21
			Série 8 6	H. 1 3 D. 36C 3
	D. 29 379 D. 37 409			
	Decoradas 814		Déchn. 67 25 Indet. 1	
		<b>Total</b>		<b>2761</b>

**Tabela 52 - Baetulo (Montserrat Comas; et Al., 1994): nº de fragmentos**

Período	TSI	TSSG	TSAf A
Cláudio	17%	83%	
Flávios	76%	22%	2%

**Tabela 49 - Contextos de séculos II e III (Sierra Fernández, 1995; Bernal Casasola, 1998)**

Contexto	Cronologia	TSH	TS Af. A	CAC
Cordoba (lixreira do Palácio de Orive)	3º quartel séc. II	86%	14%	“volumen muy importante”
Tarazona / Turiasso	finais séc. III	62 exs.	2 exs.	
Borja / Busao	2ª met. séc. III	117 exs.	4 exs.	
Los Matagallares	séc. III	20 NMI	64 NMI	43 NMI

**Tabela 51 - Forum de Ampúrias (Aquilué; et Al., 2005): NMI**

Período	TSI	TSSG	TSH	TSAf	CAC
Nero (54-68- d.C.)	31	104			18
Domiciano (81-96 d.C.)	7	203	2	12	191
1ª met. séc. II	12	167	8	74	679
1ª met. séc. III	1	23	1	367 (TSAf A = 87,5%; TSAf C = 12,5%)	1785
3º quartel séc. III	-	26	3	93 (TSAf A = 31%; TSAf C = 69%)	245

Tabela 53 - <i>Baetulo</i> (Madrid Fernández, 1999a; Aquilué Abadias, 1987; Comas; et Al., 1994): fragmentos																		
20 - 30 d.C. (Casa del Carrer Fluvià)			Cláudio (Cardo e Pati de la Casa del Carrer Lladó)				Flávios (Cardo e Pati de la Casa del Carrer Lladó)				Domiciano (Taberna A)				2º quartel séc. II (Taberna A)			
Pré-sig.	TSI	TSSG	Pré-sig.	TSI	TSSG	TSH	Pré-sig.	TSI	TSSG	TSH	TSSG	TSH	TS Af A1	CAC	TSSG	TSH	TS Af A1	CAC
2	125	3	7	218	87	19	6	115	46	18	60	44	6	74	12	9	26	155
TSSG			Cláudio (Cisterna na Rue Pajol)								CAC				CAC			
Ritt.9 (1), D.29? (1), ind. dec. (1)			TSI								H23A (29), <i>Ostia</i> II, fig.302 (3), <i>Ostia</i> III, fig.332 (22), <i>Ostia</i> II, fig.312 (19), H194 (1)				H23B (28), H23A (3), H23 (21), H197 (64), <i>Ostia</i> III, fig.332 (39)			
			17%								TS Af A1				TS Af A1			
			CAC								Formas fechadas ind.				H6 (5), H7 (2), H9A (3), H22 (2), H20 (1)			
			Ostia II, figs. 302, 303, 306, H196															

Tabela 54 - <i>Tarraco</i> (Aquilué, 1992b; García Noguera; et Al., 1997): percentagens da TS em face do total de cerâmicas finas / percentagens da CAC em face do total de cerâmica comum				
Período / contexto	TSSG	TSH	TSAf A	CAC
Domiciano ( <i>Collegium Fabrum</i> )	32	54	14?	0?
90-110 d.C. (RV, 10)	4,7	71,4	19	51,7
		76,9	7,7	42,6
100-125 d.C. (Gasómetro)		D29 (1), D35/36 (2), D37A (9), Ind. (1), D11 (1), D27 (3), D44 (1), D15/17 (7), H4 (2), R8 (2), D15/17 (7), H2 (1)	H8A (1), H9A (1), L4/36A (1)	H23B (11), H23A (3), <i>Ostia</i> I, 261 (1), <i>Ostia</i> I, 302 (12), <i>Ostia</i> III, 267 (7), H199 (6), <i>Ostia</i> III, 332 (11), H131(?) (1)
100-125 d.C. (níveis de amortização do Parc de la Ciutat)	23,02	49,22	25,53	33,28
125-150 d.C. (PERI-2)	2,4	68,2	14,6	52,5
125-150 d.C. (Parc)		78,9	10,5	22,6
125-150 d.C. (TED'A 1987)	23,02	49,22	25,53	33,28
100-150 d.C. (P.Martell)	32,6	42,5	6,1	15,7

Tabela 55 – Frequências estratigráficas em Valência (Escrivà, 1989)										
(a) - P. Zaragoza 1984 (U.A. II) - Júlio-Cláudios		(b) - P. Zaragoza 1984 (U.A. III) - 65-75/80 d.C.				(c) - C/ Cabillers B 1996 (U.A. I e II) + Banys de L'Almirall 1985 (U.A. II) + P. Zaragoza 1984 (U.A. IV) - Flávios				
TSI	TSSG	TSI	TSSG	TSH	TSI	TSSG	TSH	TSAf A	CAC	
2	34	2	79	140	101	430	1396	39	190	
TSI	G30	TSH		TSH	TSH					
TSSG	D15/17, 18, 24/25, 27, 35	Ind. 101	Ind. dec. 27	D18, 24/25, 27, 29, 29b, 33, 36, 37	Ind. lisa 879	Ind. dec. 192	TSI H2, 3, 5, 8, 10, D11, H2, G16, 17, 28, 30, 32, 37, 38, 2, R1, 2 marcas ATEL, 1 marca L.CRESTI  TSSG R.1, 8, 9, D15/17, 18, 19, 24/25, 27, 29, 30, 36, 37, Déch.67, R8 marm, R9 marm, D15/17 marm, D27 marm, 1 marca SECVNDVS, VALER?, OF. RVF.  TSAf A Ind., H3, 5B, 8A, 3B, 9A, 20, 21, 19, L3?,  CAC H19, 23A, H23B, 181 antiga, 183, 196, 197, <i>Ostia</i> II, 312, 303, 306, <i>Ostia</i> III, 306			
		D29 3			D37 69					
		D15/17 2			D15/17 61					
		D24/25 2			D27 60					
		D37 1			D36 23					
		H4 1			D24/25 19					
		D36 1			D35 18					
		D27 1			D29 15					
		D35 1			Ind. fech. dec. 13					
					H4 10					
					Ind. fechada 9					
					D18 9					
					D30 5					
					H7 4					
					H10 2					
					D33 2					
					D29/37 2					
					R8 1					
					H2 1					
					D46 1					
					D29 ou 30 1					

Tabela 55 (continuação) – Frequências estratigráficas em Valência (Escrivà, 1989)														
(d) - Palau de l'Almirall 1985 (U.A. I e II) - 1º quartel do séc. II d.C.					(e) - Banys de l'Almirall 1985 (U.A. II) - 2º quartel do séc. II d.C.					(f) - Banys de l'Almirall 1985 (U.A. III) - meados ou 2ª met. do séc. II d.C.				
TSI	TSSG	TSH	TSAf A	CAC	TSI	TSSG	TSH	TSAf A	CAC	TSI	TSSG	TSH	TSAf A	CAC
15	35	238	2	71	6	100	430	20	175	10	35	227	51	174
TSH			TSI	H15a, G25	TSH		TSI	H7, Ritt.5	TSH		TSI	D18, 24/25, 27, 1 marca OFIC CAN...		
Ind. lisa	115	Ind. lisa			301	Ind. lisa			160					
D37	22	Ind. dec.	52	D37	16	TSSG	Ritt.5, 8, D15/17, 16, 18, 24/25, 27, 29, 29b, 33, D27 marm.	Ind. dec.	14	TSSG	D18, 24/25, 27, 1 marca OFIC CAN...			
D15/17	22	D27	18	Ind. dec.	14									
D27	20	D35	16	D27	11	TSAf A	H3A, 8A, 19, 134, forma fechada	D15/17	9	TSAf A	H3B, 6B, 8A, 9A, 19, 21, 131, Lamb.3			
Ind. dec.	16	D15/17	10	D15/17	9									
D35	13	D37	9	D35	4	CAC	H23A, 23B, 194, 196, 197, Ostia II, 306, 312	D35	4	CAC	H23A, H23B, 196, 197, 199, 200, Ostia II, 312, 314			
D29	11	D18	5	Ritt.8	4									
D36	9	H4	4	H4	2	CAC	H23A, 23B, 194, 196, 197, Ostia II, 306, 312	H4	2	CAC	H23A, H23B, 196, 197, 199, 200, Ostia II, 312, 314			
D18	2	Ind. fechada	4	H20	2									
D29/37	2	D29/37	2	Ind. fechada	1	CAC	H23A, 23B, 194, 196, 197, Ostia II, 306, 312	Ind. fechada	1	CAC	H23A, H23B, 196, 197, 199, 200, Ostia II, 312, 314			
D24/25	2	H2	2	H10	1									
H2	1	D29	1	D30	1	CAC	H23A, 23B, 194, 196, 197, Ostia II, 306, 312	D30	1	CAC	H23A, H23B, 196, 197, 199, 200, Ostia II, 312, 314			
D33	1	D36	1	D18	1									
H4	1	D24/25	1	D46	1	CAC	H23A, 23B, 194, 196, 197, Ostia II, 306, 312	D46	1	CAC	H23A, H23B, 196, 197, 199, 200, Ostia II, 312, 314			
D35/36	1	D33	1	D30	1									
		Ritt.8	1	D46	1									

(g) - P. Zaragoza 1984. Sector B/C (U.A. V) - 2º terço séc. III							(h) - P. Zaragoza 1984. Sector A (U.A. VI) - último quartel do séc. III				
TSI	TSSG	TSH	TSAf A	TSAf C	TSAf A/D	CAC	TSSG	TSH	TSAf A	TSAf C	CAC
4	25	482	159	30	*	**	11	418	138	16	*
TSH			TSI	H15a, G25	TSSG	D15/17, 18, 24/25, 27, 36	TSH		TSI	D18, 24/25, 27, 29, 37, D37 marm.	
Ind. lisa	333	Ind. lisa					344				
Ind. dec.	83	Ind. dec.	32	TSAf A	H3, 6, 8, 9, 14, 20, 27	TSAf A	H3, 8, 9, 20, 27				
D15/17	19	D37	14								
D37	15	D27	7	TSAf C	H42, 45, 50	TSAf C	Ind. com relevo aplicado, H50				
D27	13	D29	4								
D36	5	H4	2	TSAf A/D	H31. *Contagens incluídas na TS AF A.	CAC	H23B, 196, 197. *Não apresenta contagens				
D29	4	D35	2								
H4	4	D36	2	CAC	H23A, 23B, 196, 197. **Não apresenta contagens	CAC	H23B, 196, 197. *Não apresenta contagens				
D35	3	D30	1								
Ind. fechada	1	Ritt.8	1								
H7	1										
D44	1										

Tabela 56 - "Vertedero de la Avenida de España, 3" Ibiza - séc. III (González Villaescusa, 1990)		
Produção	Tipo	Exemplares
TSAf A	H9A=L2a	1
	H16, nn. 1 e 16 = L3c1	1
	H27=L9a	3
	L3	1
	<b>Total</b>	<b>6</b>
TSAf C	H50A	13
	<b>Total</b>	<b>13</b>
CAC	H23B=L10a	17
	H197=Ostia III, fig. 267	12
	H196, n. 1=Ostia III, fig. 332	1
	Ostia, fig. 261	14
	H195=Ostia I, fig. 262	4
	H181C (Bonifay, 2004)	11
	H193=Ostia I, fig. 273	4
	H200	1
	Forma Uzita, fig. 48, 1	2
	<b>Total</b>	<b>66</b>

Tabela 57 - Garganes 2 fases de ocupação (meados séc. III a finais séc. IV e 2ª met. séc. V a 2ª met. séc. VII) (Moltó Poveda, 2000)		
TS Af.	TSAf A	8,35%
	TSAf A/D	0,28%
	TSAf C	11,23%
	TSAf E	0,60%
	TSAf D	79,53%
	<b>Total</b>	<b>712 frags.=347 exs.</b>
CAC	Ostia II, 302	1
	Ostia I, 261	22
	Ostia II, 302	
	Ostia III, 332	26
	Ostia I, 261	
	Ostia I, 262	3
	Ostia II, 59	9
	Ostia I, 264	3
	L9a	5
	Ostia II, 306	2
	H23B	11
	H23A	3
	Ostia III, 267	43
	Ostia III, 108	7
Ostia I, 270	3	
<b>Total</b>	<b>184 frags.=138 exs.</b>	



Tabela 58 - Contextos do século IV e inícios do V na província de Tarragona (Macias; et Al., 1997): exemplares										
Produção	Contexto		A	M1	G1	G2	V1	V2	M2	
	Tipo / cronologia		300-325	325-50	350-400			400-425/50		
Terra Sigillata	TSAf A	H27	6	1	1	4				
		H31	10							
		H14=L3a		1	1	2				
		H14=L3b		4	1	2				
		H14=L3c		1						
		Total	16	5	3	8				
	TSAf A/D	Total		1						
	TSAf C	H41	2			1				
		H45A	3	1		1				
		H48	2	1		1				
		H49	1		1	1				
		H50A	33	9	5	3				
		H70			1					
		Total	41	11	7	7				
	TSAf E	H58A					1			
	TSAf D	H57					3			
		H58B	4	3	2	1	4		1	
		H59			1	4	4	6	1	
		H60					1			
		H61	1	2	1	3	1		1	
		H67			1	2	2	1	1	
		H76							2	
		H91				1	6	1	1	
		Holwerda, 1936, VI, 658		1					1	
		Total	5	6	6	16	16	8	7	
		<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>31</b>	<b>17</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	
	Cerâmica Africana de Cozinha	Cerâmica Africana de Cozinha	Atlante CVII, 2			2				
			H131		3	1	1			1
			H199		1					
			L9	14					1	1
L9a			27	5	1	8			1	
L9b				1	1					
L10			20	1	5		1			
H23B			35	3	10	15	2		2	
H23A			6	3	1				2	
Michigan I							1			
Ostia I, 17			4							
Ostia I, 261			79	9	8				5	
Ostia I, 262			9	6		2			5	
Ostia I, 264			9	1		7				
Ostia I, 270				1		6				
Ostia I, 273			1		4					
Ostia I, 278			1							
Ostia I, 56			2							
Ostia II, 302					3	9				
Ostia III, 108			1							
Ostia III, 170			4	2	1	1				
Ostia III, 267			69	7	6	43			4	
Ostia III, 269			1							
Ostia III, 303				1						
Ostia III, 306				1						
Ostia III, 324			2		2	6				
Ostia III, 332			22	1	8		2			
Ostia IV, 1			1	1						
Ostia IV, 59					2	3				
Ostia IV, 60			10	1						
Ostia IV, 61	1									
VLR 5.40					1					
cassarola	1									
almofariz						1				
tampa	14		1	1	2	1				
	<b>Total</b>	<b>333</b>	<b>48</b>	<b>56</b>	<b>104</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>21</b>		

Legenda: A (Calle d'Apodaca, 7 - Tarragona), G1/G2 (Calle del Gasòmetre, 32 - Tarragona), M1/M2 (Villa dels Hospitals - El Morell), V1/V2 (Villa de les Albardes - El Vendrell)

Tabela 59 - Contextos entre os séculos III e V-VI do território de Valência (Pascual; et Al., 1997)

Contexto	Datação	TSAf C	TSAf D	CAC
MAR.85	final III	H48, 50, 53		H23A, B, 59, 181, 182, 184, 193, 196, 197, Atlante CVIII, 7
Almoína	final III	H50		
Sabaters	séc. IV	H54, 48A, 50, 52A	H58, 59, 60, 61A	H23A, B, 181, 182, 183, 184, 185, 196, 197
MAR.85	séc. IV	H50	H58, 59	H23A, B, 181, 184, 196, 197, Atlante CV, 6 ou 7, Atlante CVII, 3
MAR.85	séc. V	H42, 50	H59, 61, 67, 91	H23B, 181, 182, 193, 196, 197
Almoína	séc. V	H50	H59, 60, 91	H23A, B, 181, 196, 197, 200
Almoína	séc. V	H50	H58, 59, 61, 63, 67, 80A, 91, 103A, Atlante XLVI, 6	H23A, B, 131, 181, 182, 196, 197, Atlante CVII, 12
Almoína	sécs. V-VI	H50, 70	H58, 61, 67, 91	H23A, B, 181, 182, 196, 197
Corts	sécs. V-VI		H58A, 59, 61A, 67, 91A/B, 93A, 104B	

**Tabela 60 - Nível de amortização do *cardo maximus* de Illuro, Mataró - último terço do séc. V (Revilla Calvo; et Al., 1997; Cela Espín; Revilla Calvo, 2005)**

Produção	Formas presentes				
TSAf C2	L40, Sal C 3, L41, L40bis				
TSAf D	H58A, H58B, H59=L51, 51a, H61A, A7B, B, H61A=Waagé 1948, IX, n. 831 u, H60, L9a, H50B, H67, <i>Conimbriga</i> 1975, LXXII, 92, Waagé 1948, IX, 870 a, H56, H79=L59, Fulford 3				
CAC	Tampas <i>Ostia</i> III, 332, <i>Ostia</i> I, 261, <i>Ostia</i> IV, 59, <i>Ostia</i> I, 264, <i>Ostia</i> , 17, <i>Atlante</i> CV, 1, Cassarolas <i>Ostia</i> III, 267, <i>Atlante</i> CVII, 11, 12, H23A e 23 B, L9a, <i>Ostia</i> IV, 1				
Terra Sigillata (%)					
TSHT	TSLuz	TSAf A	TSAf C	TSAf D	Total NMI
1,6	7,6	13,2	3,3	50,7	204
Ânforas (%)					
Tarraconense	Sudhispânica (inclui <i>Ebusus</i> )	Oriente	África	Total NMI	
1,1	26,4	11,5	60,9	87	

**Tabela 61 - Tarraco - depósito Vila-Roma (TED'A -Taller Escola d'Arqueologia, 1989): segundo Reynolds, 1995, data de 440-450 ou 450-475, mas o materiais serão de 425-450 d.C.**

TSAf	Tipo	%
D1	H59	4,62
D1	H53B	0,92
C3	H53B	1,39
D1	H61, 21	37,5
D1	H61, 26	
D1	H61, 29-30	
D1	Waagé 1948, IX, 831	
D1	H63	4,16
D1	H75	3,24
D1	<i>Conimbriga</i> 1975, 72, 92	
D1 e D2	H87B	0,92
D1	H87A	1,85
D2	Waagé 1948, IX, 859	0,46
D1	H73	4,62
D1	H80A	4,16
D1	H80B	
D1	H81	2,31
D1	H80-81	4,16
D1	H91A (3 frags.)	23,14
D1	H91B (7 frags.)	
D1	H91A/B (14 frags.)	
D1	<i>Atlante</i> 48, 16 (1 frag.)	
D2	H91c (2 frags.)	2,31
D1 (3 frags.) e D2 (2 frags.)	H94	
D2	H99	1,38
D	A(i)-(ii)	1
D	A(ii)	8
D	A(ii)-(iii)	8
D	A(iii)	5
TSAf	Quantitativo	%
C3	3	1,3
D1	204	94,4
D2	9	4,1
CAC	Tipo	Quant.
	<i>Ostia</i> III, 332	2
	<i>Ostia</i> I, 261	8
	<i>Ostia</i> IV, 61	2
	<i>Ostia</i> IV, 59	7
	L.9A	1
	<i>Ostia</i> IV, 1	1
	H23B	3
	<i>Ostia</i> III, 267	1
	<i>Ostia</i> III, 208	1
	<i>Atlante</i> , 107, fig. 11	3
	Vila-Roma 5-30	2
	Vila-Roma 5-32	4
	Vila-Roma 5-36	3
Vila-Roma 5-39	1	
Vila-Roma 5-40	19	
Vila-Roma 5-59	1	
Vila-Roma 5-60	1	
<b>Total</b>	<b>60</b>	

**Tabela 62 - Tarraco (Dupré i Raventos; Carreté i Nadal, 1993)**

Produção	Vila-Roma 440-450 d.C. %	Antiga Audiencia 475-500 d.C. %
TSAf	76,33	60,36
TSFT		8,12
DSP	12,72	19,82
TSHT	5,3	5,4
TSLuz	4,6	0,9
TS ind.	0,7	2,7
Cerâmica vidrada	0,35	2,7

**Tabela 64 - Santa Tecla - Tarraco (STE/1) 425-450/460 d.C. (Remolà Vallverdú, 2000)**

Produção	TSAf A/D		TSAf C	TSAf D	TSAf Ind.	Total
	H31?	H50				
TSAf	H31?	1	H84	1		12
	H50	12	Ind.	2		4
	H50	4	H53B	4		1
	H58	1	H59, 9	8		28
	H61	28	H61A	10		32
	H61B	32	H61B/87A	25		5
	H62	5	H62/63	2		5
	H63	5	H63	5		5
	H64	5	H64	5		9
	H67	9	H67	9		14
	H73	14	H73	14		9
	H76	9	H76	9		19
	H80A/B	19	H80A/B	19		14
	H80/81	14	H80/81	14		13
	H81A/B	13	H81A/B	13		1
	H87A	1	H87A	1		71
	H91A/B	71	H91A/B	71		9
	Ind.	9	Ind.	9		2
	L9	2	L9	2		4
	Waagé 9, 831	4	Waagé 9, 831	4		11
	H50	11	H50	11		1
	H50/80A?	1	H50/80A?	1		1
	H81A/B	1	H81A/B	1		323
	<b>Total</b>	<b>323</b>	<b>Total</b>	<b>323</b>		68
	DSP		DSP			7
	TS Luz		TS Luz			1
	TSFT		TSFT			5
TSHT		TSHT			1	
TS Ind.		TS Ind.			405	
<b>Total</b>	<b>405</b>	<b>Total</b>	<b>405</b>			

**Tabela 63 - Tarraco - Antiga Audiencia 475-500 d.C. (Dupré i Raventos, Carreté i Nadal, 1993)**

Produção	Tipo	Exs.
TSAf D1	H58B	2
	L.52b	1
	H59,9	4
	H67	5
	H76,3	2
	H87A	6
	H87B	3
	H86,1	2
	H80A	1
	H81	7
	H80B/99	1
	H91 A/B	1
	H91	8
	H12,1	1
	Ind.	178
	Fundos dec.	7
	<b>Total</b>	<b>229</b>
TSAf D2	H79	3
	<i>Atlante</i> LX, 9	1
	H87A	4
	H86,1	1
	H91C	1
	H99	1
	H12/110	1
	<i>Atlante</i> LIII, 2	1
	Ind.	5
Fundos dec.	1	
<b>Total</b>	<b>19</b>	

**Tabela 65 - Estrato c.205 de Es Castell (Ibiza): 1º quartel do século VI (Ramon; Cau, 1997)**

Formas (TSAf)	Porcentagem
H61B	21
H64	22
H73	3
H80	5
H80B	5
H81	3
H87A	3
H91A/B	5
H99A	8
H104A	3
Bar. 1961	3
H12/102	19
<b>Total</b>	<b>100</b>

Tabela 66 - Carretera de San Martí de Ampurias (Linhas i Pol, 1997): percentagem de fragmentos					
Fase	Cronologia	TS Luz	DSP	TSAf D	TSHT
IVa	350-450 d.C.	37,7	22,4	39,89	
IVb	480-inícios VI	5	14	81,38	
V	2º quartel avançado - meados VI	19	3	71,6	1 frag.
VI	a partir de 600 d.C.			100	
IVb	TSAf D ("a maioria é TSAf D2")	Tipos		Exs.	
		H59			2
		H64			1
		H80A			2
		H81B			1
		H87A			11
		H87B			10
		H91			3
		H91B			3
		H91C			2
		H94			2
		H99			26
		At. XLVI, 9-10			1
A(iii)			1		
E(i) ind.			2		
E(i)			1		

## . Tabelas sobre Ânforas

Tabela 67 - Sevilha: importações anfóricas (García Vargas, 2007)										
20-40 / 125 d.C.	Lusitania	Baetica	Gallia	Campania	Ibiza	Layetania	Ind	Total	Total	1249 frags.
	1,88%	89,16%	5,19%	0,58%	0,93%	0,29%	2,03%	63,29%		
Baixo-Império	Lusitania	Baetica	África	Mauritania	Oriente	Itália	Total			
	33,84%	39,89%	8,13%	1,91%	13,39%	2,87%	36,71%			
Baixo-Império (Preparados de peixe)	Lusitania	Baetica	África	Hispania (ind.)						
	48,96%	33,79%	3,56%	11,66%						
235-450 d.C. (vinho)	Hispania	África	Mauritania	Sul da Itália						
	7,18% (Baetica e Lusitania equivalem-se)	65,26%	1,01%	3,59%						
475-550 d.C. (vinho)	África	Oriente	Itália							
	34,78%	36,12%	28,90%							

Tabela 68a - Santa Tecla - Tarraco (STE/1) 425-450/460 d.C. (Remolà Vallverdú, 2000)			
Diocese	%	Província	%
Africa	32,21	AFR/BYZ-ZEU	30,95
Hispania	24,82	AFR/TRI	1,36
Suburbicaria	2,04	HIS/BAE	13,56
Asiana	5,44	HIS/BAE-LUS	2,04
Oriens	14,28	HIS/LUS	8,16
Ind.	21,08	HIS/TAR?	3,06
Total	100% = 294 exs.	SUB/LUC-SIC	1,36
		SUB/TUS	0,68
		ASI/IND	2,72
		ASI/INS	2,72
		ORI/CYP-SYR	11,56
		ORI-PAL	2,72
		Ind.	21,08
		Total	100% = 294 exs.

Tabela 68b - Nível de destruição de <i>Portus Sucronem</i> : c.425-450 d.C. Hurtado; et Al. (2008)								
Terra Sigillata (126 NMI)	Produção	%	CAC (81 NMI)	Formas	NMI	Ânforas (62 NMI)	Origem	%
	TSAf	61,9		Ostia I, 261	29		Oriente	6,4
TSAf	TSLuz	19,8		Ostia I, 262	1		África	37,1
	DSP	12,7		Ostia III, 332	8		Baetica	9,6
	TSHT	5,5		FCW 72, 12	2		Lusitania	25,8
	Formas	NMI		H23B	24		Hispania	1,6
	At. 30, 15	1		Ostia III, 108	4			
	H50A	2		Ostia III, 267	6			
	H50B	2		At. 108, 10	1			
	H53B	5		FCW 64, 23	2			
	H58B	1		VLR 6, 23	1			
	H59	11		Caçarola	2			
	H61A	14		Alguidar	1			
	H61B	6						
	H63	1						
	H64	1						
	H65	1						
	H67	10						
	H68	5						
	H73	4						
	H76v.	5						
	H78	1						
At. 48, 11	1							
H91A-B	7							

Tabela 69 - Roma Curia, F. Transitorium e Basilica Aemilia: 80-90 d.C. (Reynolds, 2005)			
Origem	Vinho %	Azeite %	Garum %
Baetica	0,31	7,5	11,56
Lusitania			0,31 (1 frag.)

Tabela 70 - Importação de ânforas lusitanas e béticas na Itália, Cartago e Tarraco (Reynolds, 2005)							
Origem	Crypta San Bonaventura 250-300 d.C.	Palatino Este 290/312-315 d.C.	Ostia final séc. IV	Roma Magna Mater 350-390 d.C.	Roma Magna Mater 390-420 d.C.	Roma Livia 400-420 d.C.	Roma Magna Mater 420-440 d.C.
Baetica / Lusitania	15 (10=Dr.20, 2=Dr.23, 3=p.peixe)	5,2 (p.peixe)	7,6 (1,9=azeite, 5,7=p.peixe)	7,9 (p.peixe)	10,3 (1=azeite, 9,3=p.peixe)	7,3	4,8 (1=azeite, 3,8=p.peixe)
Origem	Roma Schola Praeconum I 430-440 d.C.	Roma Magna Mater 440-480 d.C.	Roma Crypta Balbi 410-480 d.C.	Nápoles Carminielli ai Mannesi c.500 d.C.	Cartago Circus final IV / inícios V	Tarraco VR 2 meados V	
Baetica / Lusitania	2,1 (contém azeite)	2,9 (1,5=azeite, 1,4=p.peixe)	9,2	0,75	13 exs.	30 (13=azeite, 16,9=p.peixe)	

Tabela 71 - Beirute: importações anfóricas (Reynolds, 2007)						
Origem	200-225d.C.	230-250 d.C.	c. 250 d.C.	325-350 d.C.	375-400 d.C.	c. 410 d.C.
Lusitania	0,92%			0,91%	1,12%	
Lusitania (K.XVI)	1,22%	0,89%	1,45%	0,30%		
Baetica	3,52%	3,79%	0,72%	2,75%	8,61%	0,66%
Total (exs.)	652	448	137	327	267	747

Tabela 72 - Importações anfóricas na Britannia (Carreras Monfort, 2000)										
Baetica	Catalunha	Alm. 50	Itália	Gallia	Oriente	Ródia	África	Carrot / Camulodunum 189 (Egipto?)	Total	
441053 (Dr 20 = 410745)	2164	1	11177	43804	2814	13550	3668	1598	519829	densidade (cg/m <sup>2</sup> )
84,8	0,41	0,001	2,15	8,42	0,54	2,6	0,7	0,3	100%	
Preparados de peixe										
Lusitania	Baetica	Gallia								
1,25%	98,87%	0,03%								

Tabela 73 - Britannia: IMA de marcas de oleiro das ânforas Dressel 20 béticas (Funari, 2002)			
Pré-Flávios (26 anos)	Flávios (68 anos)	Antoninos (54 anos)	Século III
2,7	2,25	2,33	1,37
Total: 431 marcas			

Tabela 74 - Britannia: York Evolução do comércio anfórico entre 120+ e pós c.400 d.C. (Apud Reynolds, 2005)						
Origem	120+ d.C.	c.90 - c.140+/150+ d.C.	150+ - c.200 d.C.	c.140+ - c.255+ d.C.	388+ - c. 400 d.C.	Pós c.400 d.C.
Dressel 20	8	65	97	398	13	242
Gauloise 4		18	32	122	3	77
Dressel 2-4		1		19		1
N. África				13	10	3
Med. Oriental		1	1	2	1	5
Sul Hispania				5	1	8
Gallia		3		1		
Campânia				2		1
Ródia				4		
Cam 186C				1		
Ind.		2	4	15	7	15
Total fragmentos	8	90	134	582	35	352

Tabela 75 - Cartago: Evolução das ânforas orientais (Reynolds, 1995)		
Contexto	Cronologia	%
Carthage IT	300-350	0
Carthage IT	350-400+	1,7
Carthage GB	375/400-450 d.C.	6,8
Carthage GB	c. 450	15,2
Carthage GB	c.475-500	23,5
Carthage GB	c. 500	23,4
Carthage GB	c.525-535	22,6
Carthage GB	c.550-575	19,5
Carthage GB	c.575	22,3
Carthage GB	c.600	23,9
Carthage GB	c.600+	33,5



Tabela 76 - Distribuição de ânforas africanas e orientais na Lusitania									
Sítio	Total anfórico	Proconsularis / Byzacena		Tripolitana	Oriente		Bibliografia		
Chãos Salgados	68	1	LXII						Diogo, 1999a
Sines	62	3	K.XXV, XXXVI, XLI						Diogo, 1999a
		1	KIIIB						Silva; Coelho-Soares, 2006
Courela dos Chãos		1	Af.II						Coelho-Soares, 1987
Ilha do Pessegueiro		1	Af.II						Silva; Soares, 1993
São Cucufate	1041	2	Af.II						Pinto; Lopes, 2006
Monte da Cegonha	180	3	Af.II, K.XXXVB			1	LRA 1		Pinto; Lopes, 2006
Balsa	246 NMI	20	Af.IIA (4), IIC (6), IID (7), K.35.1 (3)						Viegas, 2009
Ossonoba	449 NMI	19	K.3B (1), Af.IIA (4), IIC (3), IID (4), K.25 (1), K.35 (4)	2	Trip. 2				Viegas, 2009
Manta Rota	148	1	Af.IIc ou K.VI						Viegas, 2006c
Quinta do Marim	36			1	K.XI(?)				Silva; Soares; Coelho-Soares, 1992
Foz do Rio Arade	100	16=16%	K.III, V, VI, XXV						Diogo; Cardoso, Reiner, 2000)
	174 NMI	39=22,4%	Af.II						Silva; Coelho-Soares; Soares, 1987
Meia-Praia (Lagos) Comenda	6	1	K.III, XXVS K.XXVB						Diogo, 1999b Diogo;Trindade, 1999
Tróia	471	34=7,2%	K.III (2), V (20), VI (5), XXV (4), XXVII (1)			1	Ind.		Diogo, Cavaleiro Paixão, 2001
Olisipo (teatro romano)	17	2	K.XXV, LXI ou LXII			3	Agora M54, LRA 1		Diogo, 2000a
Olisipo (teatro romano: escavações 1966/67)	30	1	K.XXV	1	K.XI				Diogo;Trindade, 1999
Olisipo (Sommer) - contextos finais V a meados VI	198 NMI		12%				25%		Pimenta; Fabião, no prelo
Ilha da Berlenga	54	2	Af.II						Bugalhão; Lourenço, 2006
		1	Ind.						Diogo, 1999b
Conimbriqa		2	K.21 e K.62	1	Trip.1				apud Viegas, 2010
Bracara Augusta	34	6	Dr.30, Af. Grande tipo B, K.XXXV A, XXXVI B, LXII A, Ind.			28	LRA 1 (11), LRA 3 (13), LRA (4)		Morais, 2005b

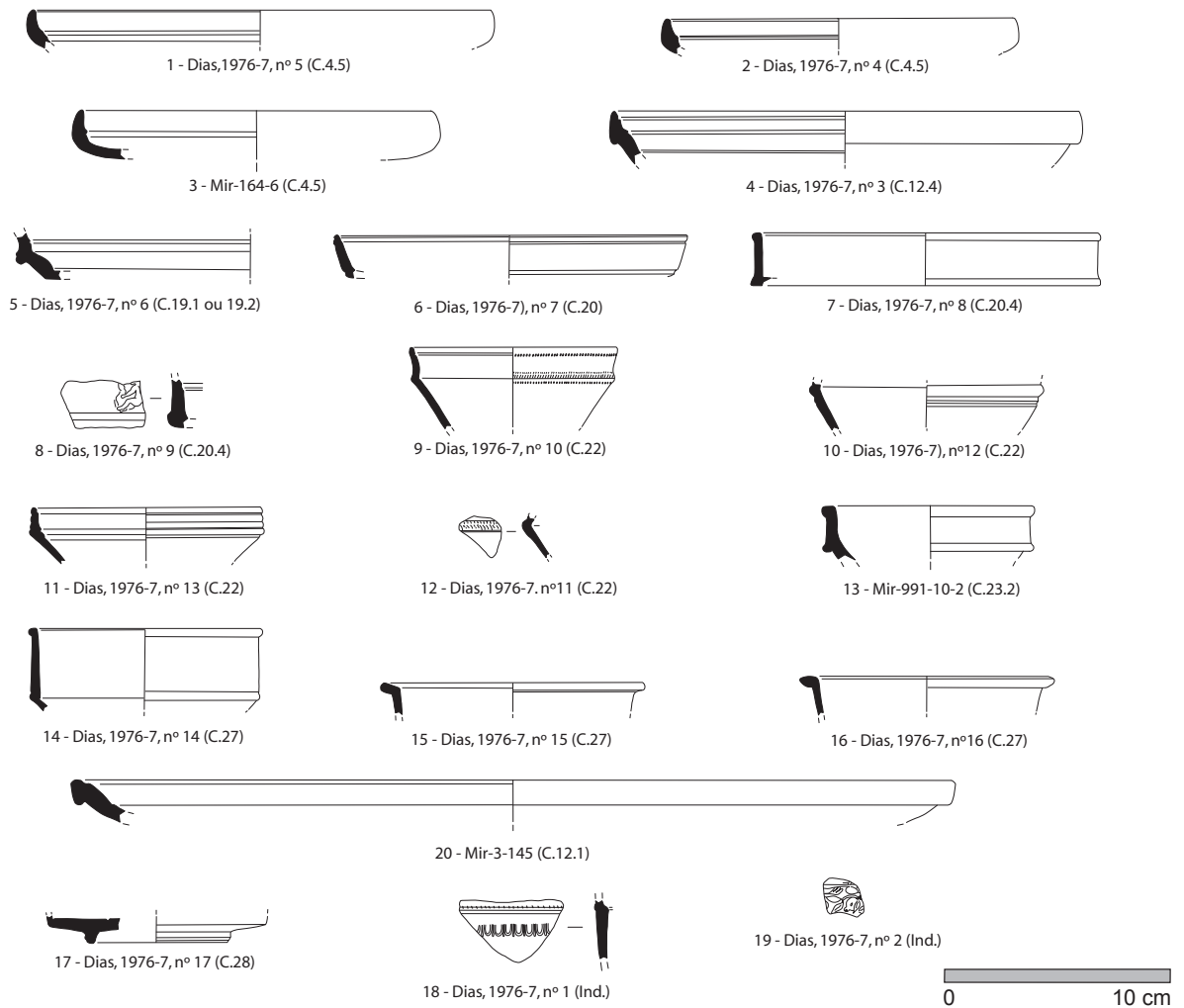
Tabela 77 - Contextos de finais século V a século VII: percentagens de ânforas africanas e orientais em Marselha e Itália (Bien, 2003; Bien, 2005; Saguí, 2002; Whitehouse; et Al., 1985, p.188)										
Marselha										
Contexto	Bolsa/Son 10/Per 3	Bolsa/Son 10/Per 4	Bolsa/Son 10/Per 5	C Titol/Cont 13	Bolsa/Son 6/Per 2	Bolsa/Son 6-7/Per 3	Bolsa/Son 6-7/Per 4A	Bolsa/Son 6-7/Per 4B	Pavillon Bargemon	Music-Hall de L'Alcazar
Cronologia	Final V	Final V+	Inícios VI	500+	500-525	c.550	Final VI - inícios VII	Séc. VII		
Tunísia	50,5	55,5	62,2	49,5	45	56,5	56	54,5	68,31	54,5
Oriente	42	35,5	26,6	34	12	8	25,5	34,5	31,69	45,5
Itália										
Contexto	Nápoles	S. Giov. Ruoti 3-7	Capua	Nápoles Carmin	Nápoles	Schola Praec II	S. Ant Perti T2-T4	S. Ant Perti T1	Nápoles	Roma-Crypta Balbi
Cronologia	c.450	460-535	c.500			600-650		650-700		séc. VII
Tunísia	45	11,9	30,2	22	18	40,4	76,5	58	rara	37,8
Oriente	18	53,7	8	17	20	38,2	31	41,9	20	46,9

## Anexo 3. Chãos Salgados. Estampas de materiais





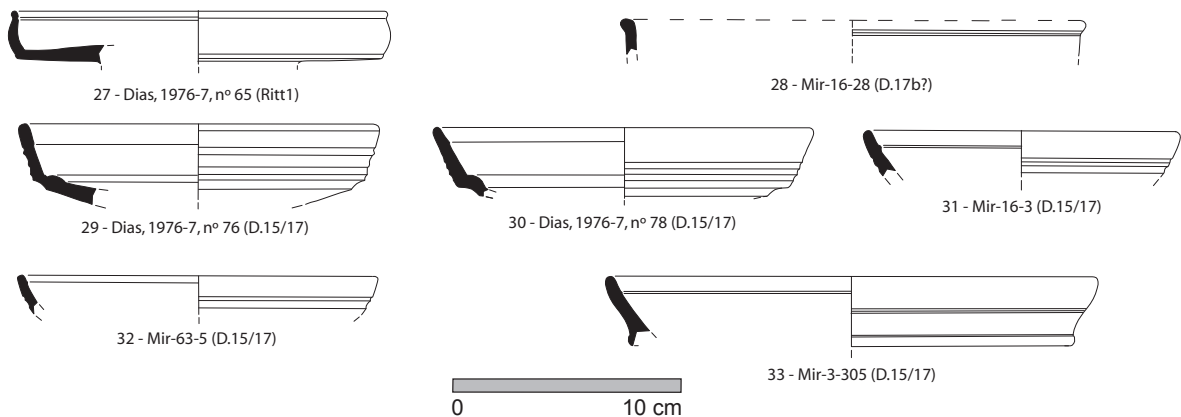
### Terra sigillata itálica



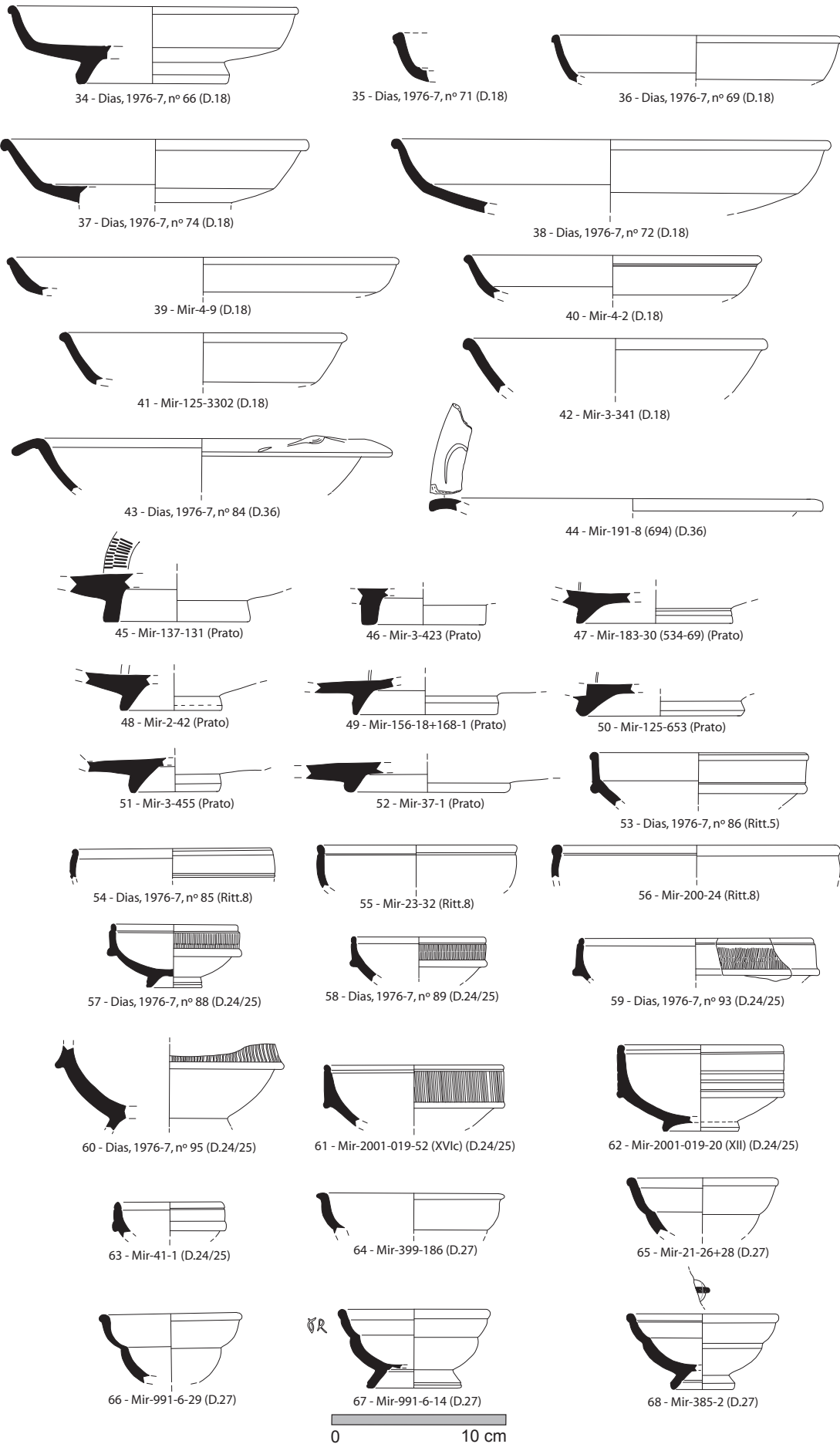
### Marcas itálicas

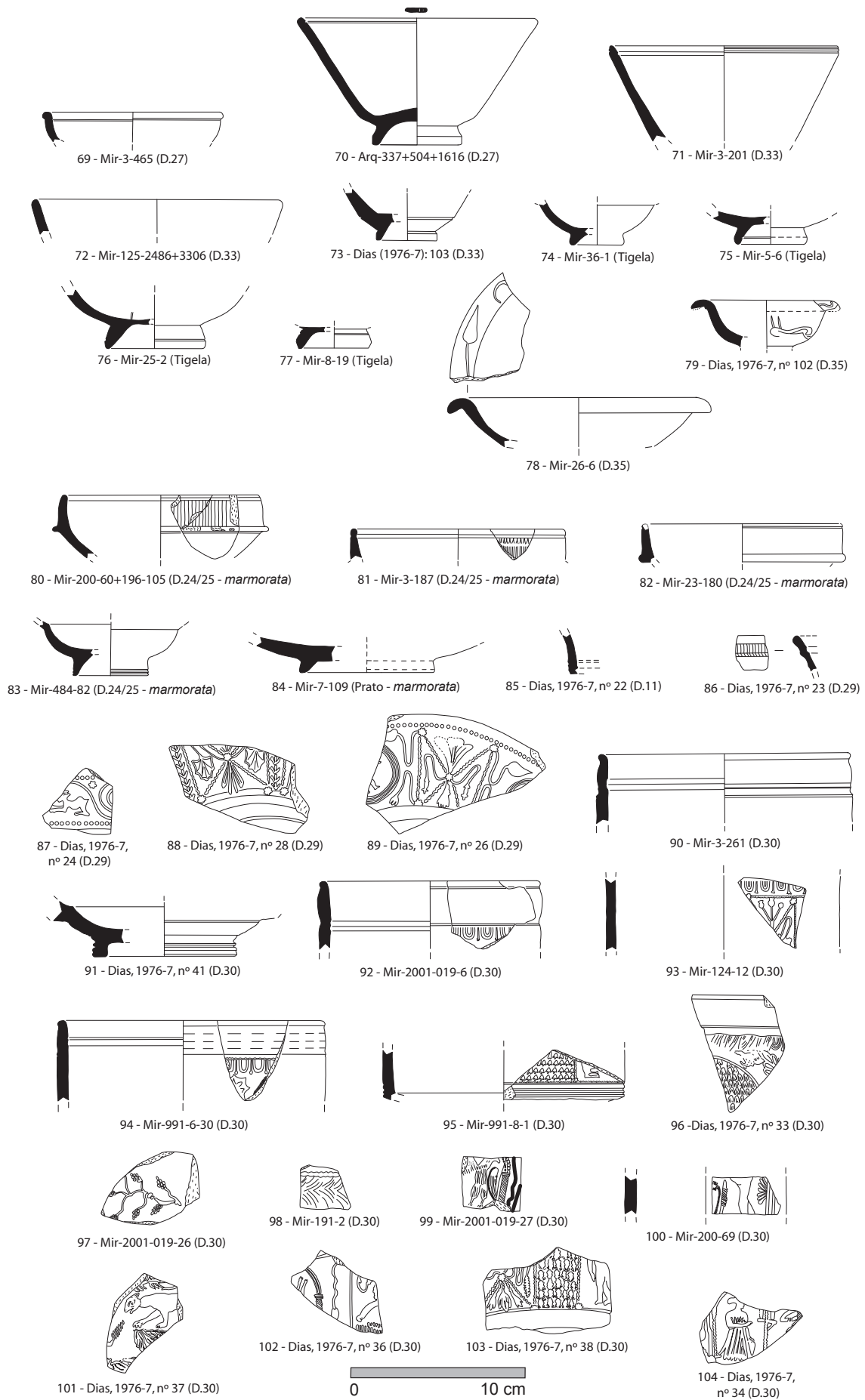


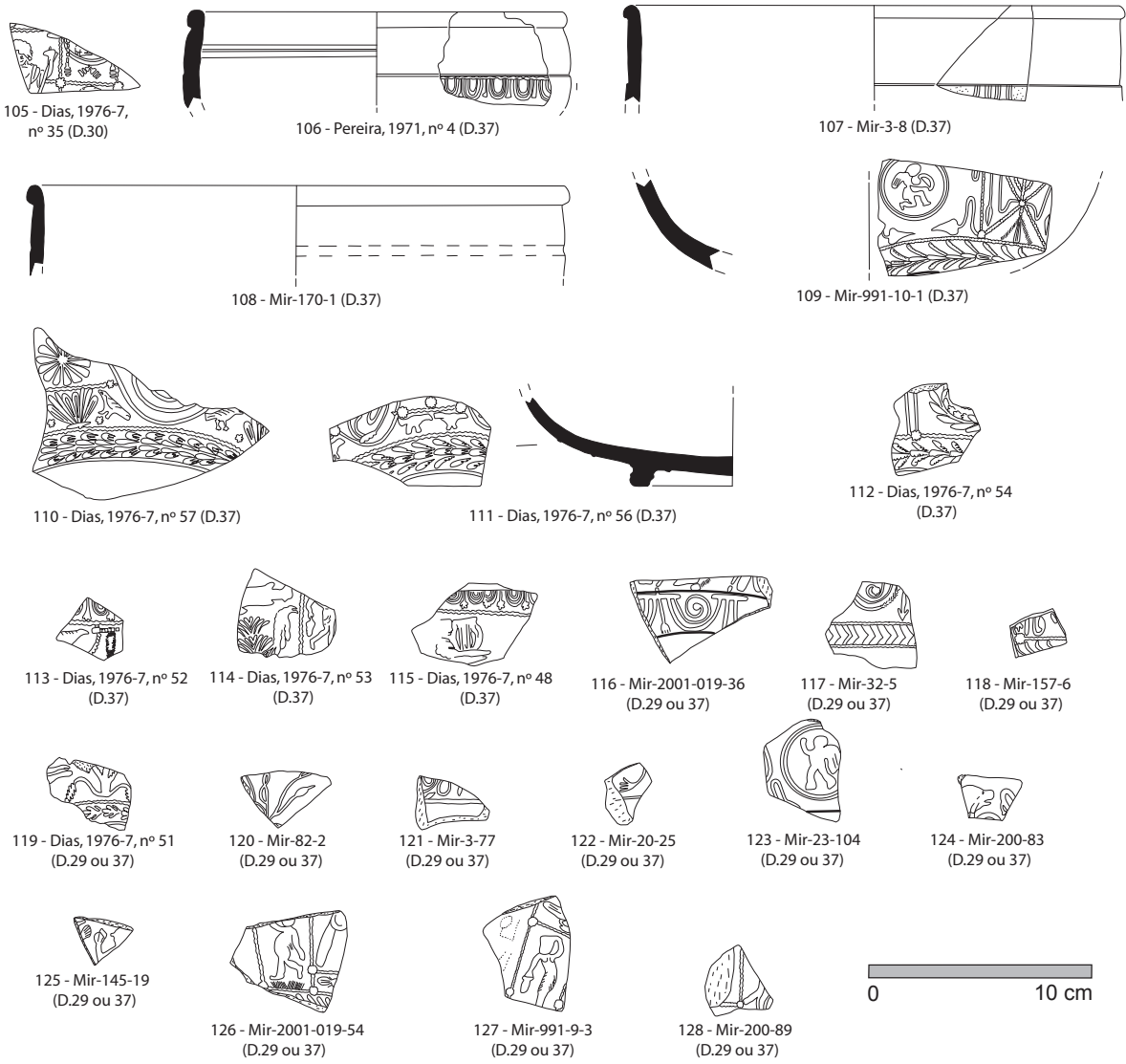
### Terra sigillata sudgálica



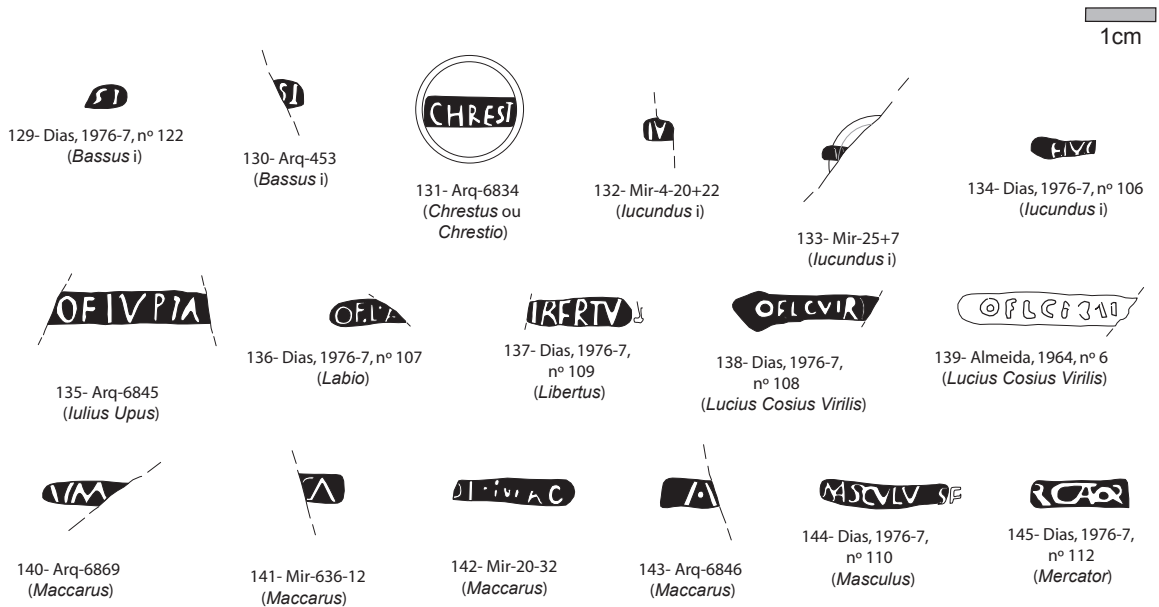


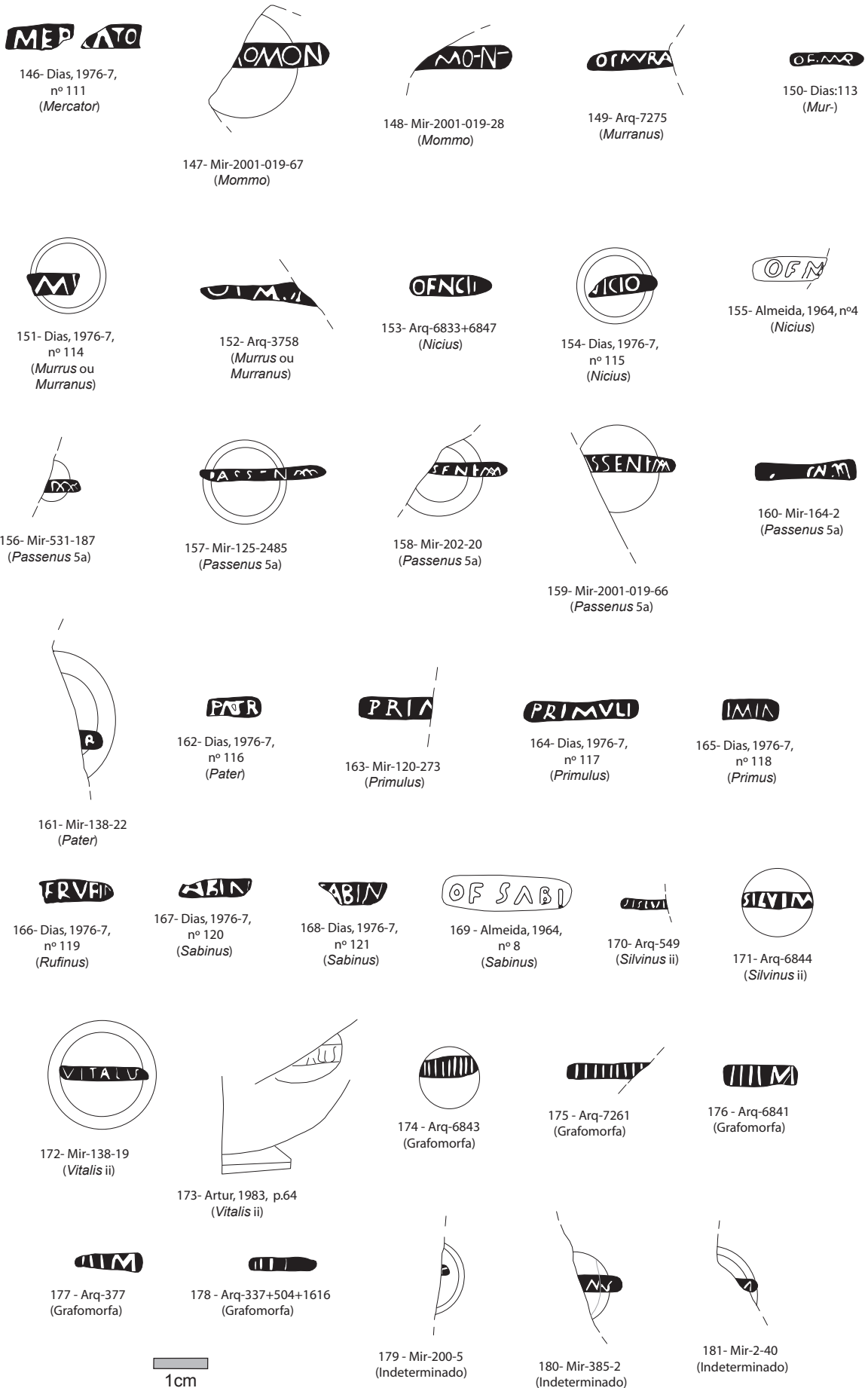




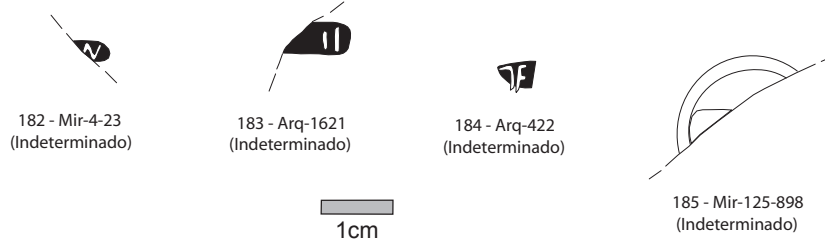


### Marcas sudgálicas







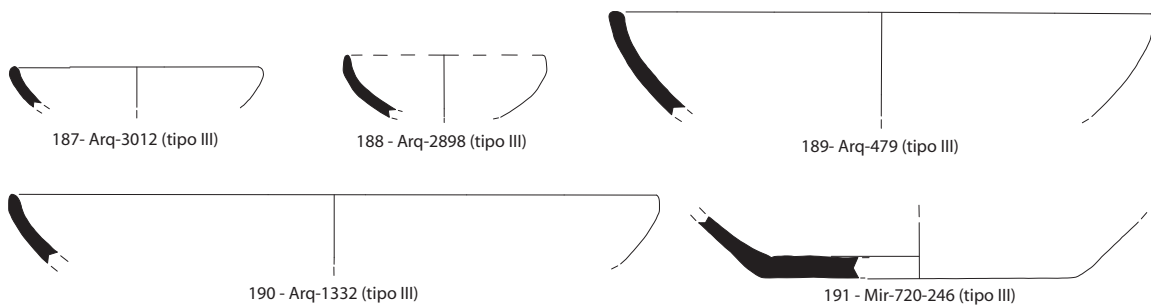


### *Terra sigillata* centro-gálica?

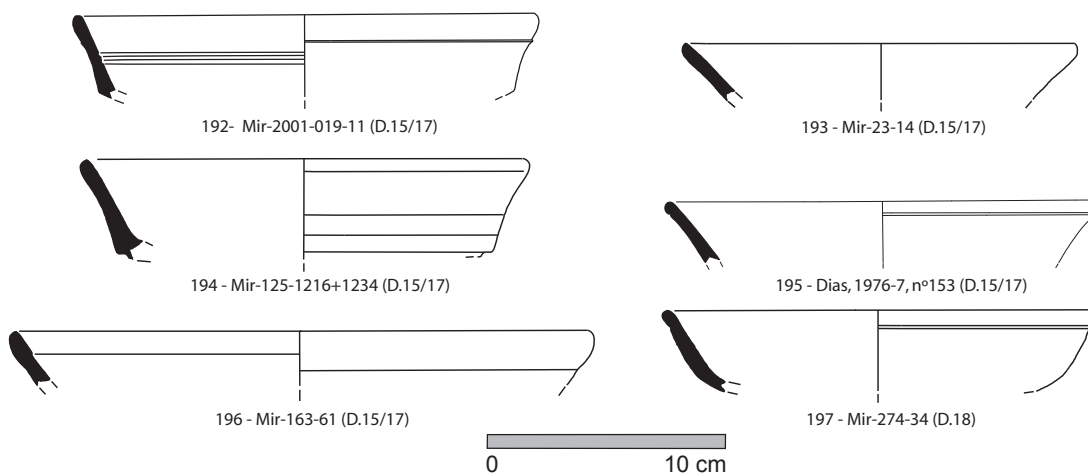


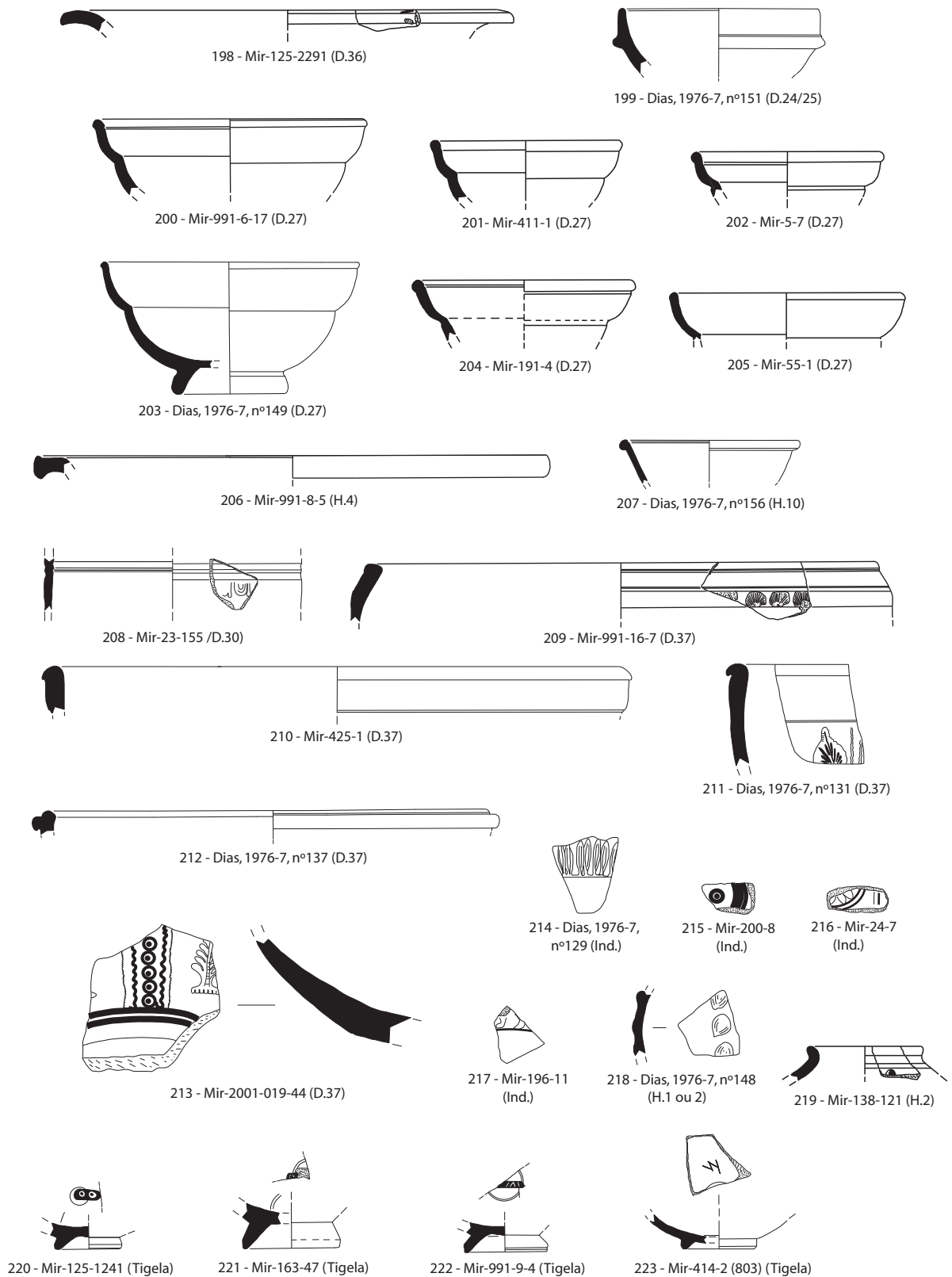
### *Terra sigillata* hispânica

#### Grupo 7 (*Terra sigillata* hispânica tipo itálico)

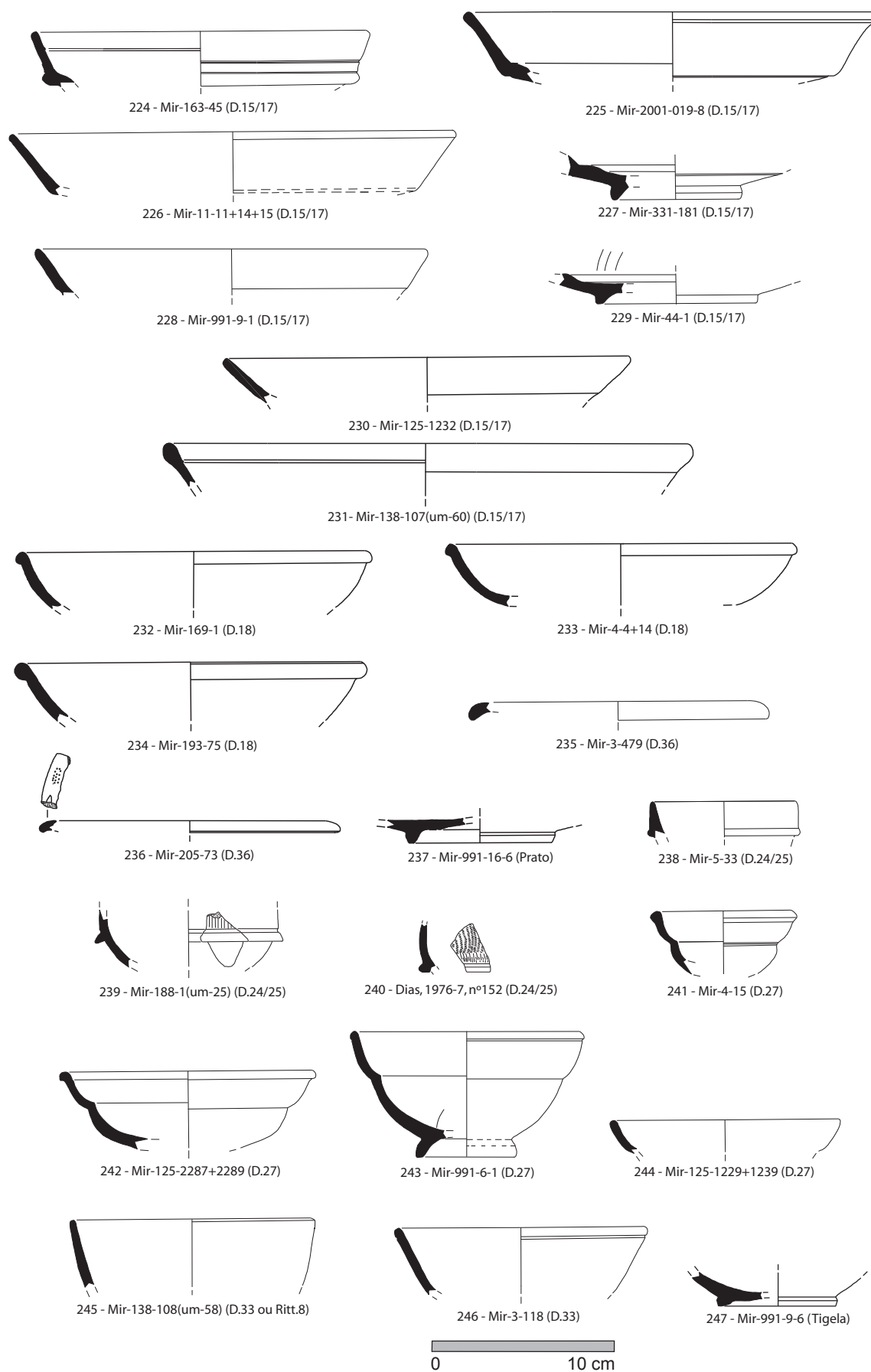


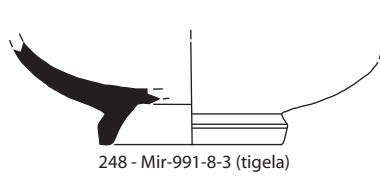
#### Grupo 1 (La Rioja)



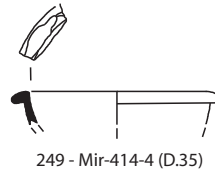


## Grupo 2 (La Rioja)

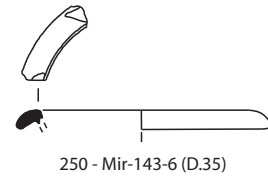




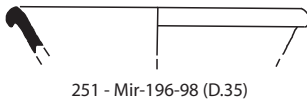
248 - Mir-991-8-3 (tigela)



249 - Mir-414-4 (D.35)



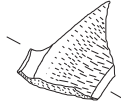
250 - Mir-143-6 (D.35)



251 - Mir-196-98 (D.35)



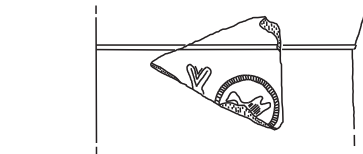
252 - Dias, 1976-7, nº155 (D.46)



253 - Mir-10-15 (H.4)



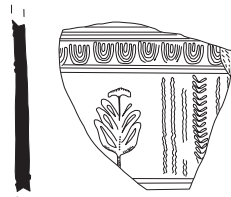
254 - Mir-184-210 (H.4?)



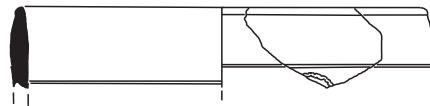
255 - Mir-164-3 (D.30)



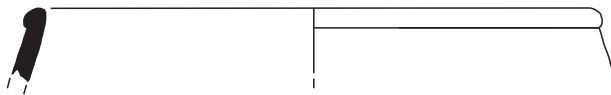
256 - Mir-991-17-2 (D.30)



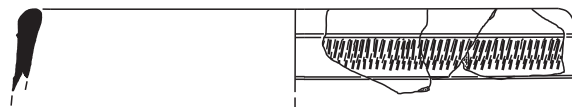
257 - Dias, 1976-7, nº128 (D.30)



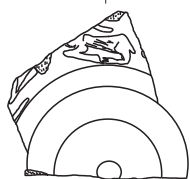
258 - Mir-138-105(cenac) (D.37)



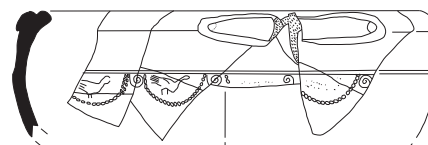
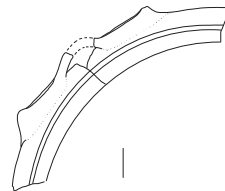
259 - Mir-200-25 (D.37)



260 - Mir-125-1071+2484+2491 (D.37)



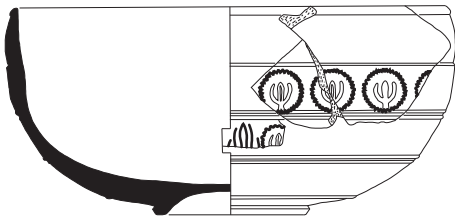
269 - Mir-991-9-2 (D.37)



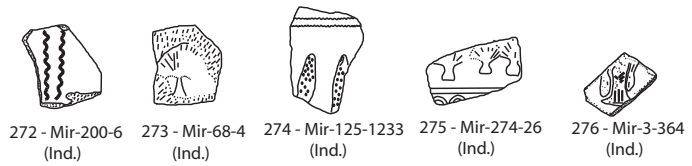
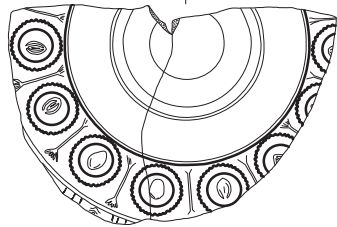
270 - Mir-29-3+4+6+8+10 (D.37 ou 40)



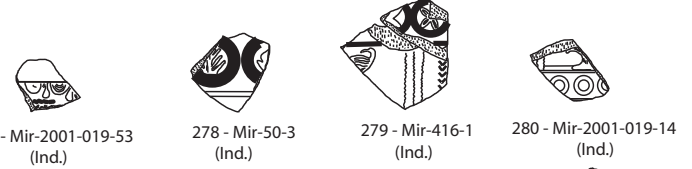




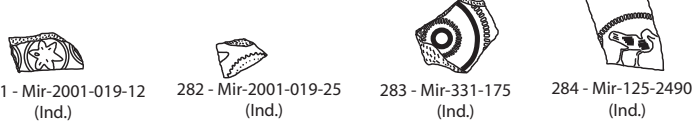
271 - Mir-2001-019-60+62-6364+65 (D.37)



272 - Mir-200-6 (Ind.)    273 - Mir-68-4 (Ind.)    274 - Mir-125-1233 (Ind.)    275 - Mir-274-26 (Ind.)    276 - Mir-3-364 (Ind.)



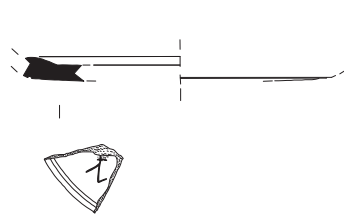
277 - Mir-2001-019-53 (Ind.)    278 - Mir-50-3 (Ind.)    279 - Mir-416-1 (Ind.)    280 - Mir-2001-019-14 (Ind.)



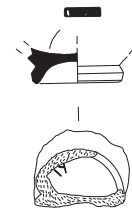
281 - Mir-2001-019-12 (Ind.)    282 - Mir-2001-019-25 (Ind.)    283 - Mir-331-175 (Ind.)    284 - Mir-125-2490 (Ind.)



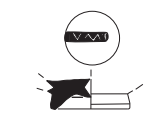
285 - Dias, 1976-7, nº132 (D.37)



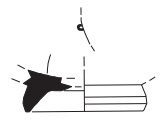
286 - Mir-3-80 (D.15/17)



287 - Mir-484-54 (Tigela)



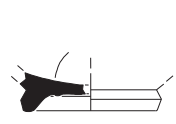
288 - Mir-124-177 (Tigela)



289 - Mir-125-1241 (Tigela)



290 - Mir-450-6 (Ind.)

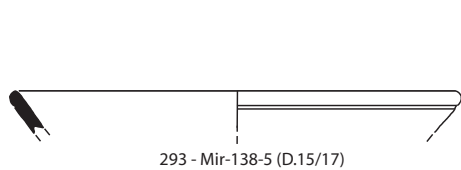


291 - Mir-30-10 (Tigela)

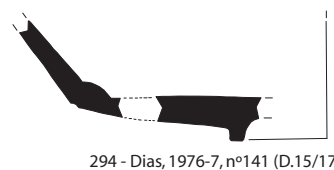


292 - Mir-154-2 (Tigela)

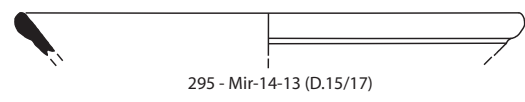
### Grupo 3 (Andújar)



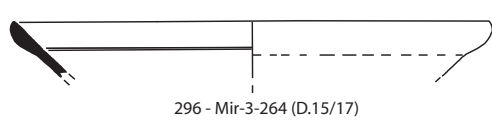
293 - Mir-138-5 (D.15/17)



294 - Dias, 1976-7, nº141 (D.15/17)



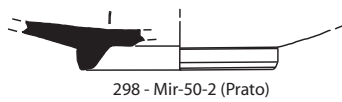
295 - Mir-14-13 (D.15/17)



296 - Mir-3-264 (D.15/17)



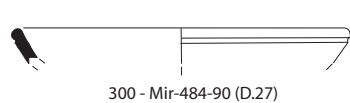
297 - Dias, 1976-7, nº143 (D.18)



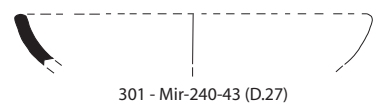
298 - Mir-50-2 (Prato)



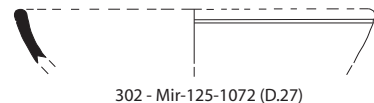
299 - Mir-991-8-4 (Prato)



300 - Mir-484-90 (D.27)

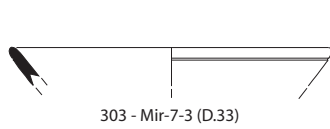


301 - Mir-240-43 (D.27)



302 - Mir-125-1072 (D.27)





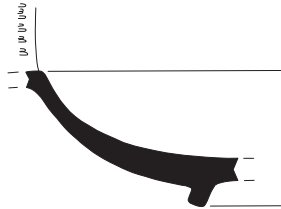
303 - Mir-7-3 (D.33)



304 - Dias, 1976-7, nº154 (D.46)



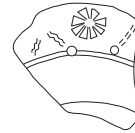
305 - Mir-991-14-9 (Hisp.4)



306 - Dias, 1976-7, nº 144 (H.4)



307 - Mir-38-3 (D.30)



308 - Dias, 1976-7, nº 136 (D.37 ou DH)



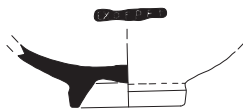
309 - Dias, 1976-7, nº 134 (D.37 ou DH)



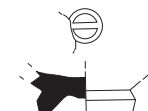
310 - Mir-125-2310 (Ind.)



311 - Dias, 1976-7, nº 130 (ind.)



312 - Mir-991-6-15 (Tigela)



313 - Mir-3-191 (Tigela)



314 - Mir-3-168 (Tigela)

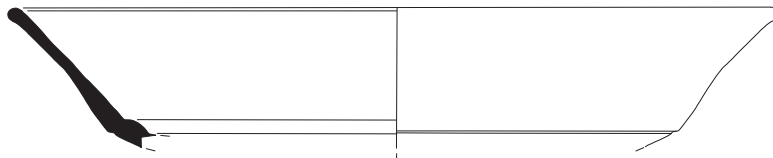


315 - Dias, 1976-7, nº 164 (Tigela)



316 - Mir-3-204 (Ind.)

### Grupo 4 (Andújar)



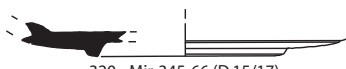
317 - Mir-155-2 (D.15/17)



318 - 136 - Mir-58-9 (D.15/17)



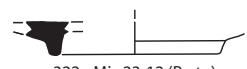
319 - Mir-23-53 (D.15/17)



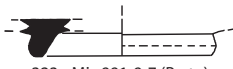
320 - Mir-345-66 (D.15/17)



321 - Mir-467-1 (D.15/17)



322 - Mir-23-12 (Prato)



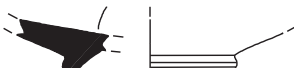
323 - Mir-991-9-7 (Prato)



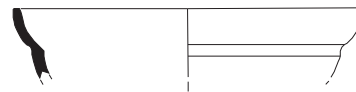
324 - Mir-138-21 (Prato)



325 - Mir-3-53 (Prato)



326 - Mir-125-2301 (Prato)



327 - Mir-125-2785+2809 (D.27)



328 - Mir-80-3 (D.27)



329 - Mir-14-105 (D.27)



330 - Mir-3-469 (D.27)



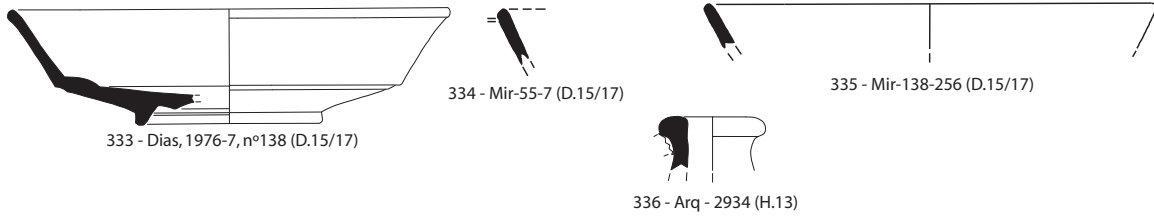
331 - Mir-7-27 (Tigela)



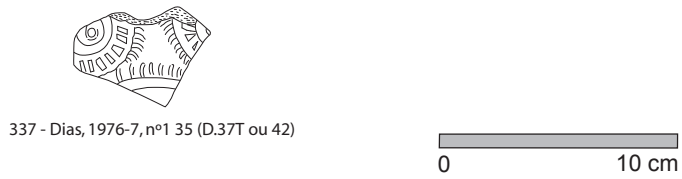
332 - Dias, 1976-7, nº 133 (Ind.)



### Grupo 5 (*Terra sigillata hispânica intermédia*)

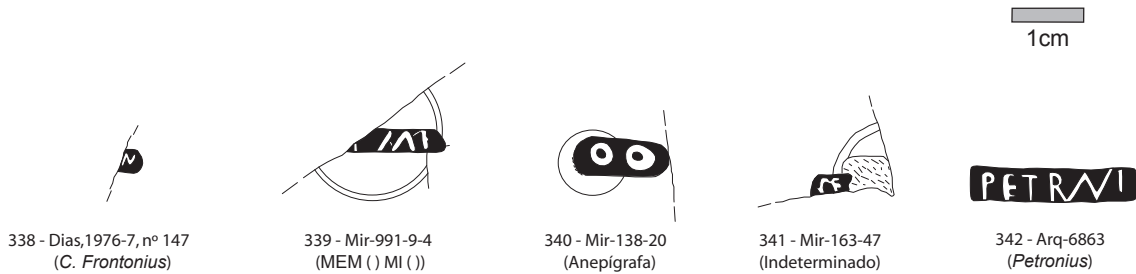


### Grupo 6 (*Terra sigillata hispânica tardia*)

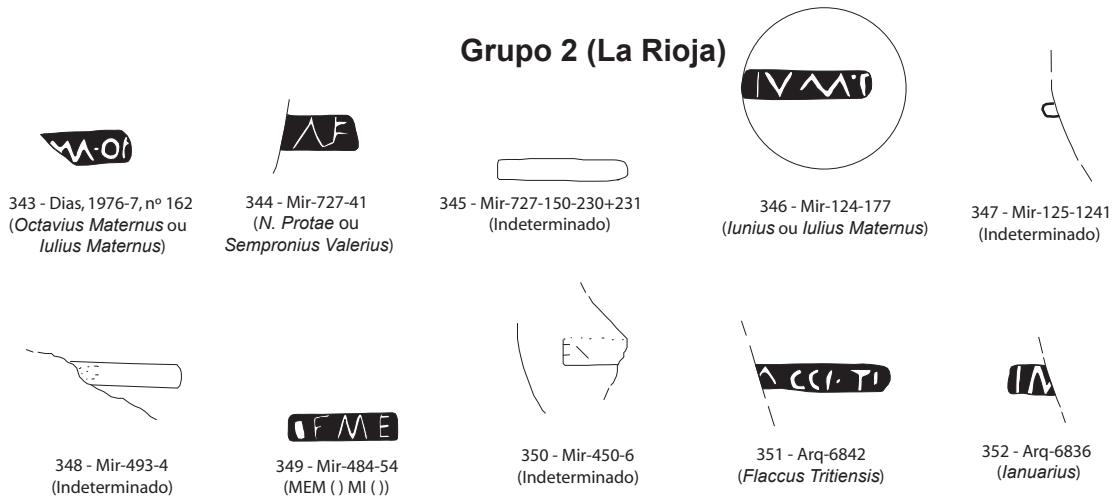


## Marcas hispánicas

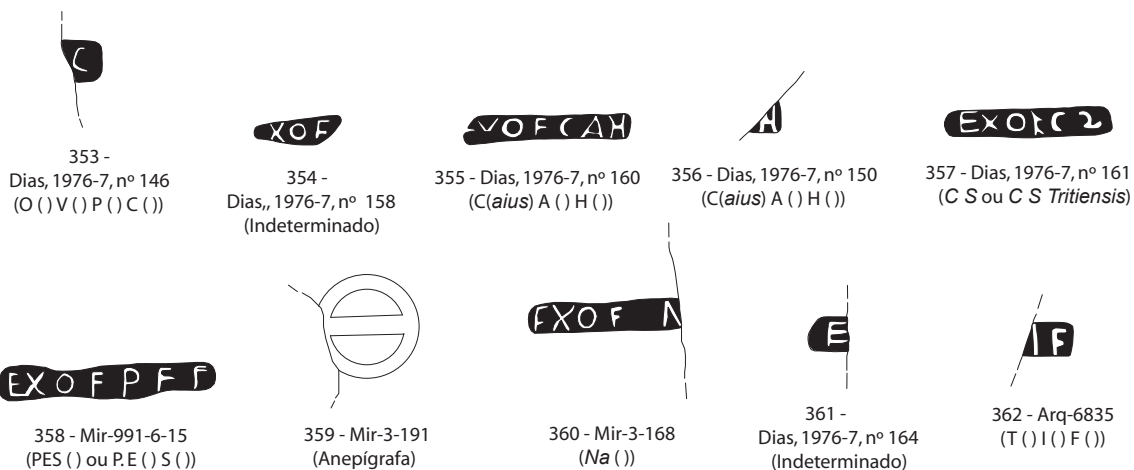
### Grupo 1 (La Rioja)



### Grupo 2 (La Rioja)



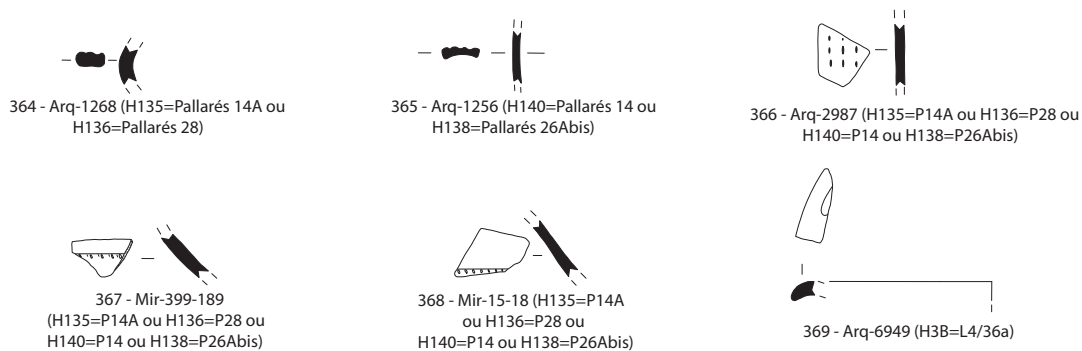
### Grupo 3 (Andújar)



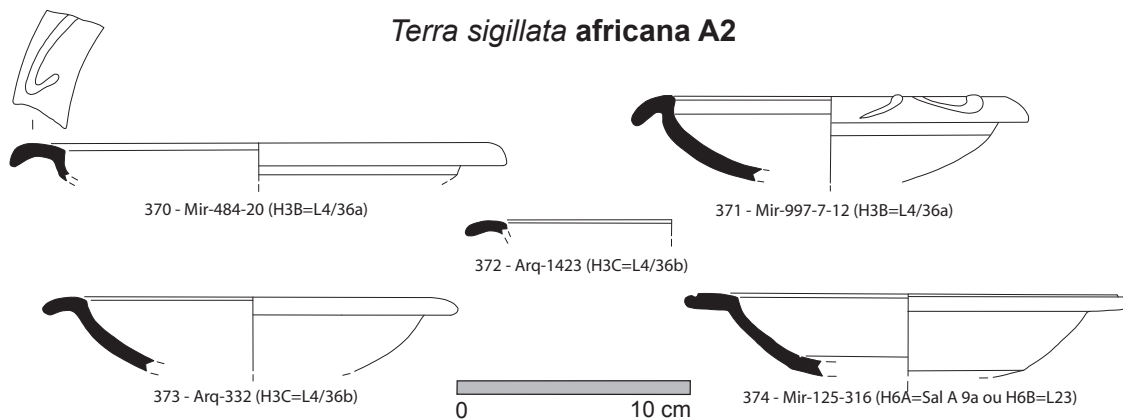
### Grupo 5 (Terra sigillata hispânica intermédia)



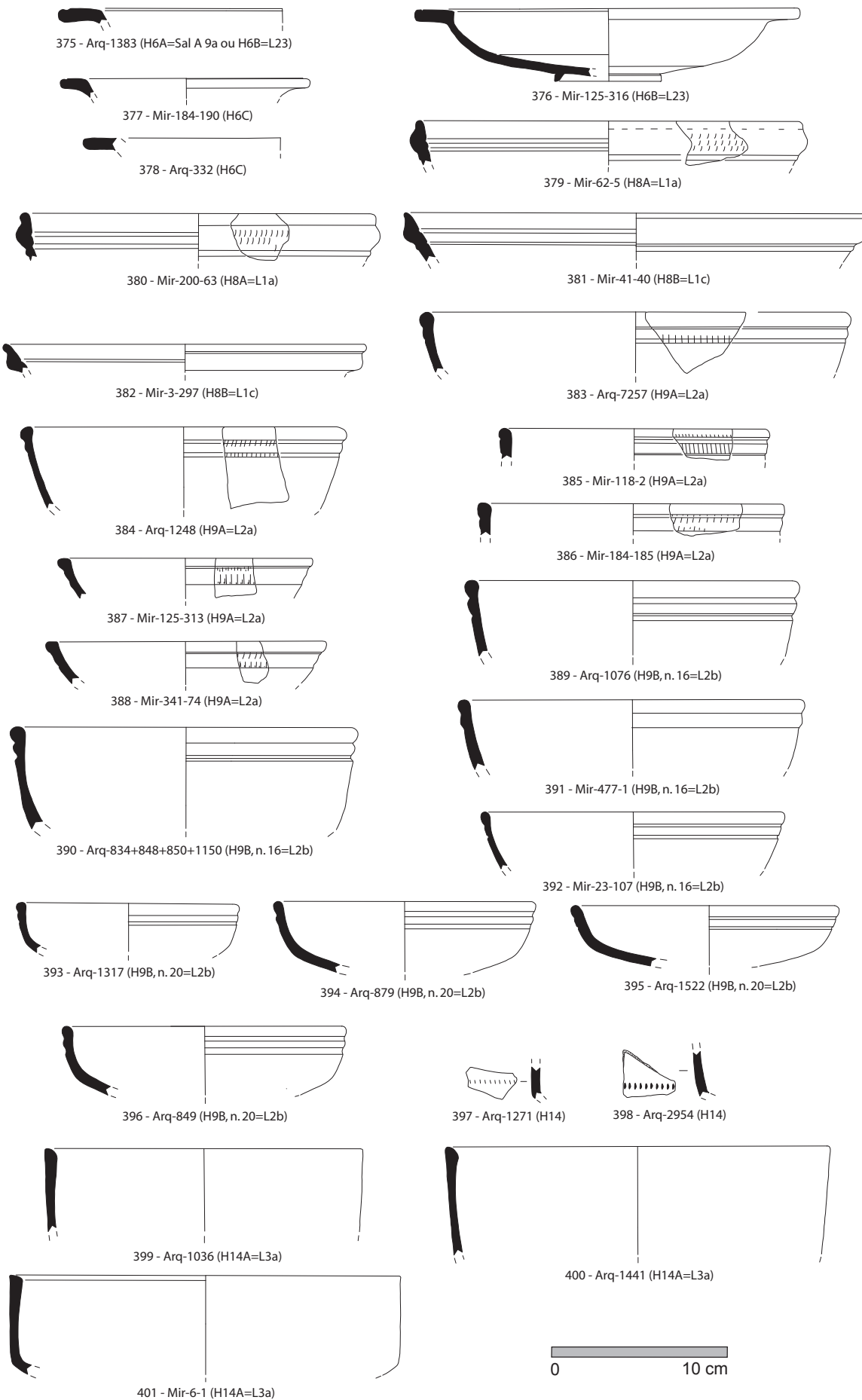
### Terra sigillata africana A1

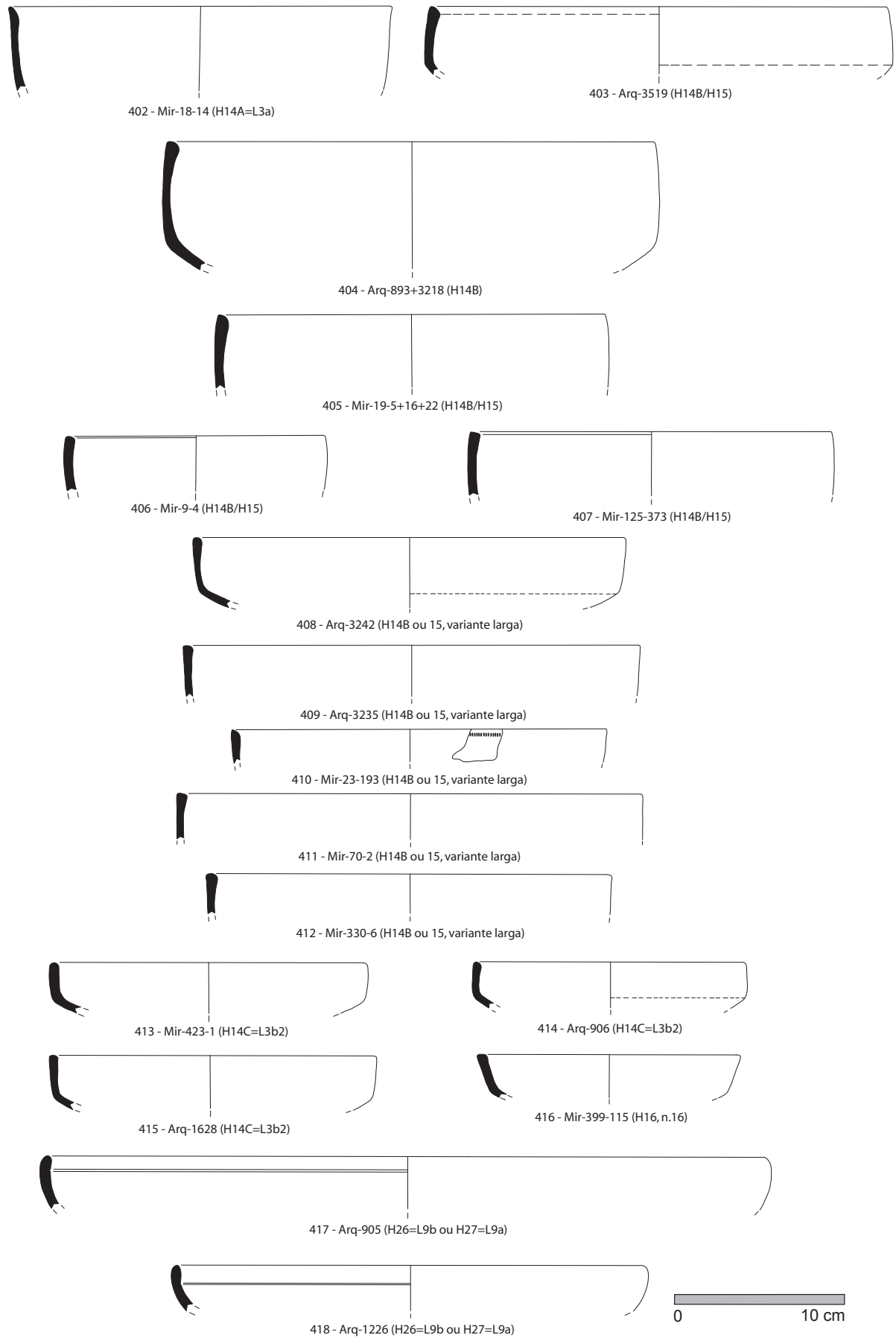


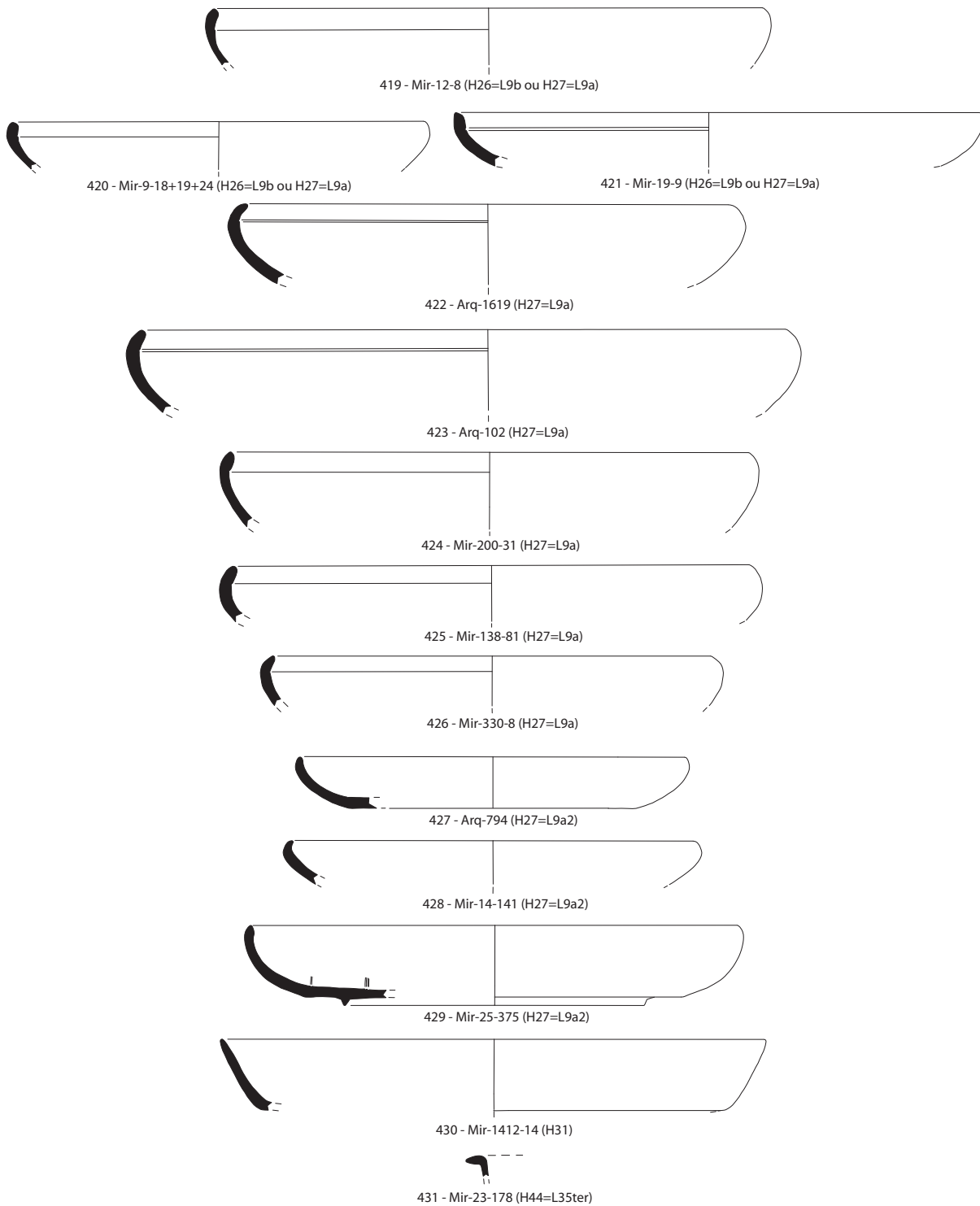
### Terra sigillata africana A2





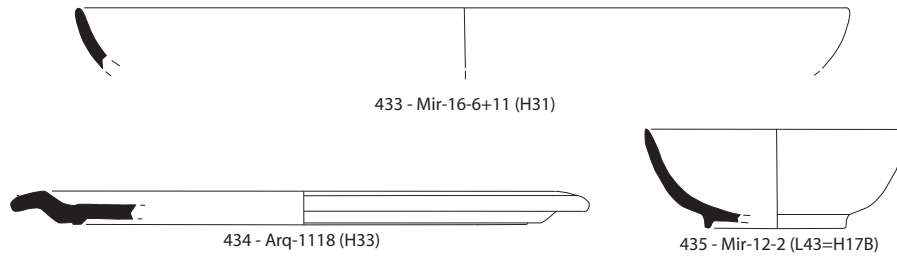




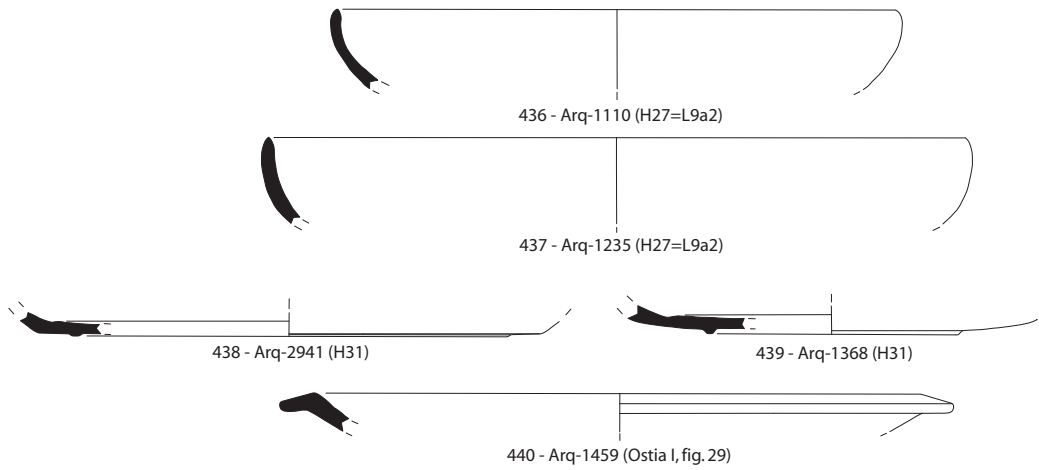


*Terra sigillata africana A/D*

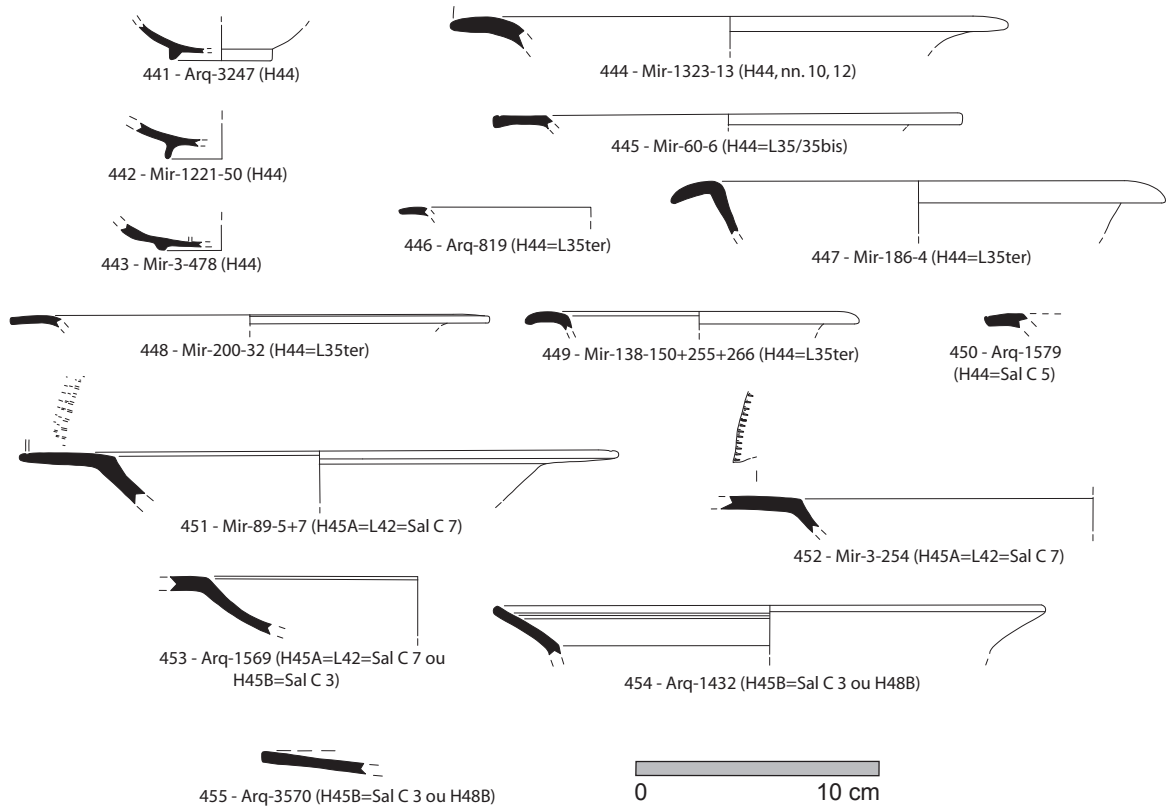


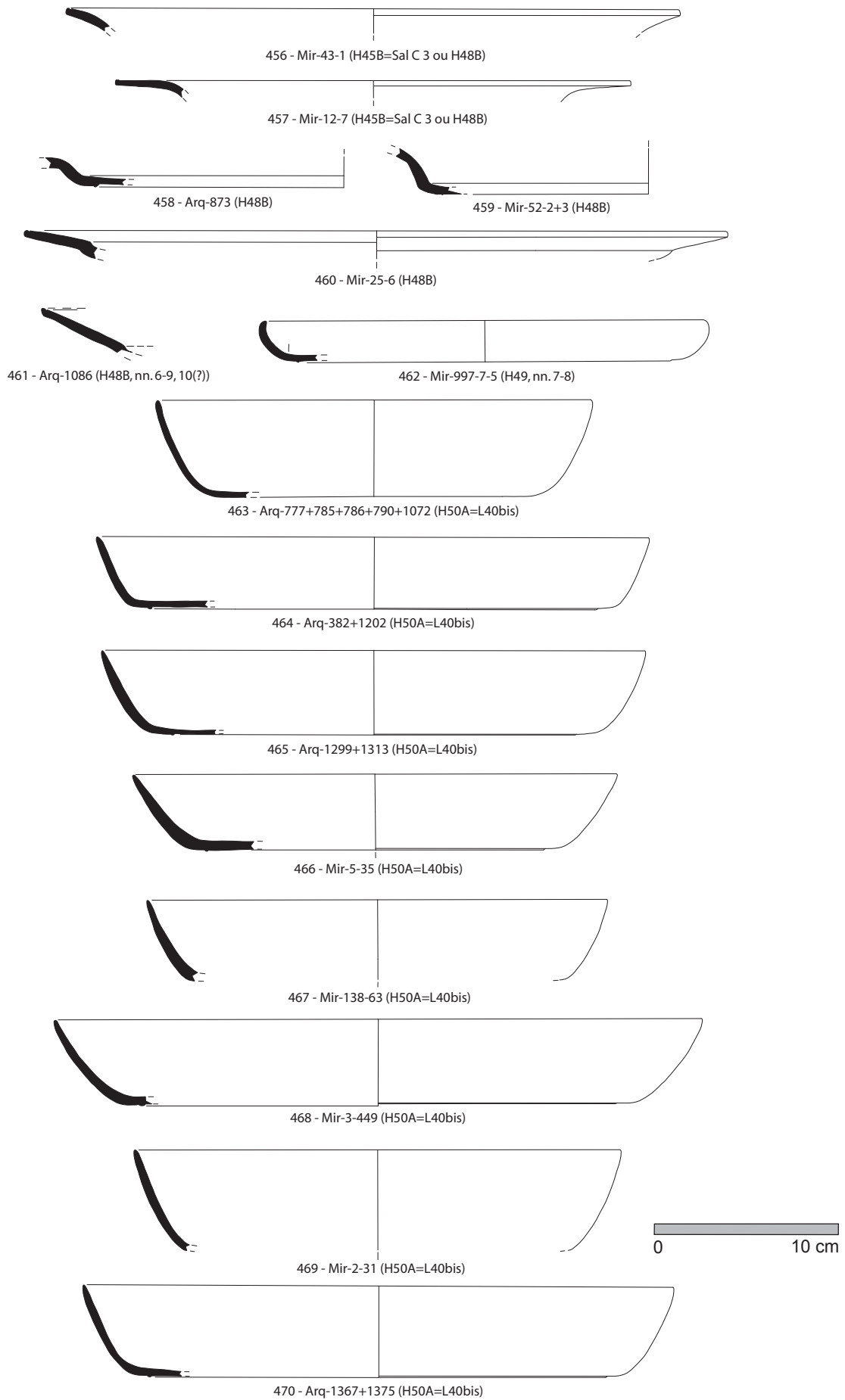


***Terra sigillata africana afim a A/D***

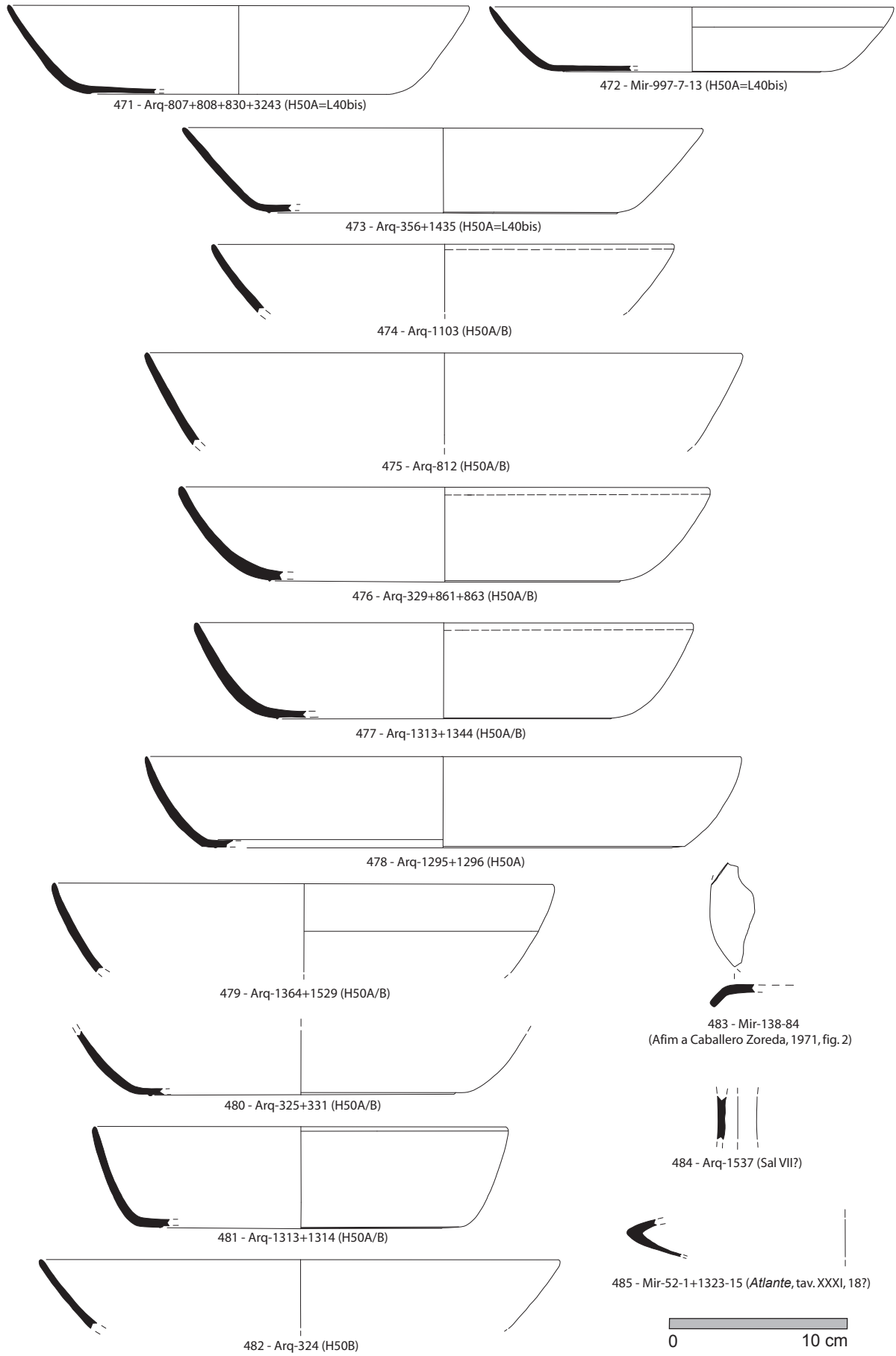


***Terra sigillata africana C1/C2***

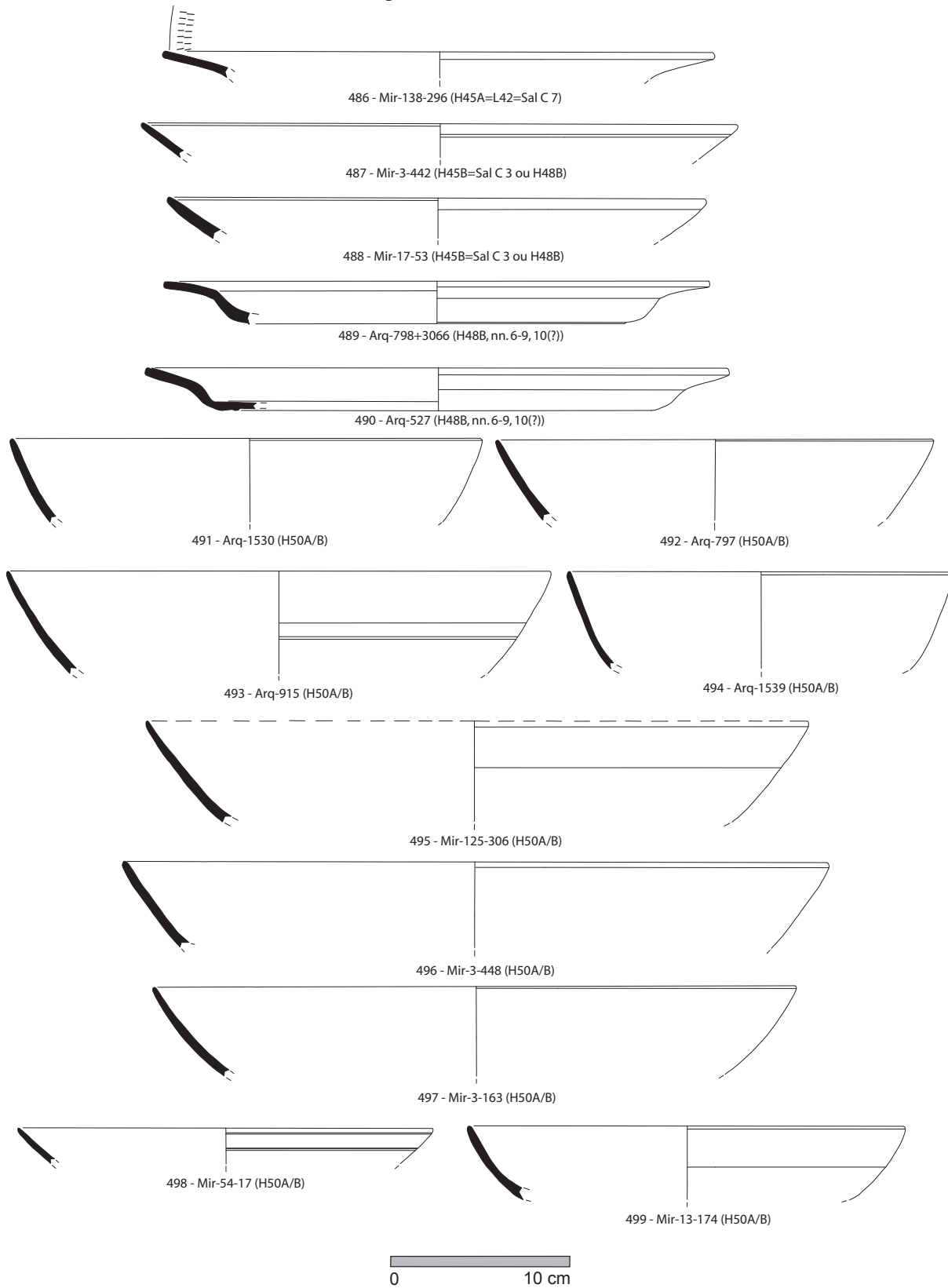


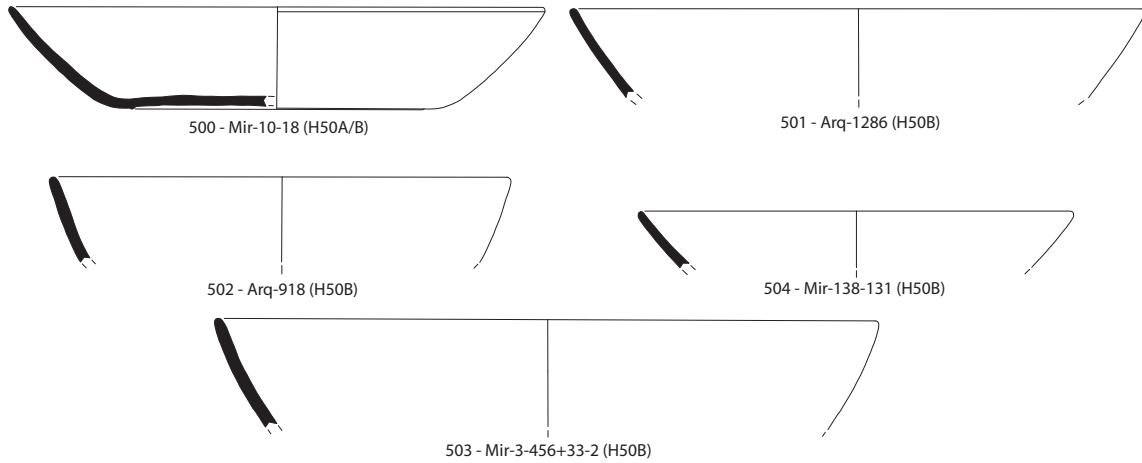




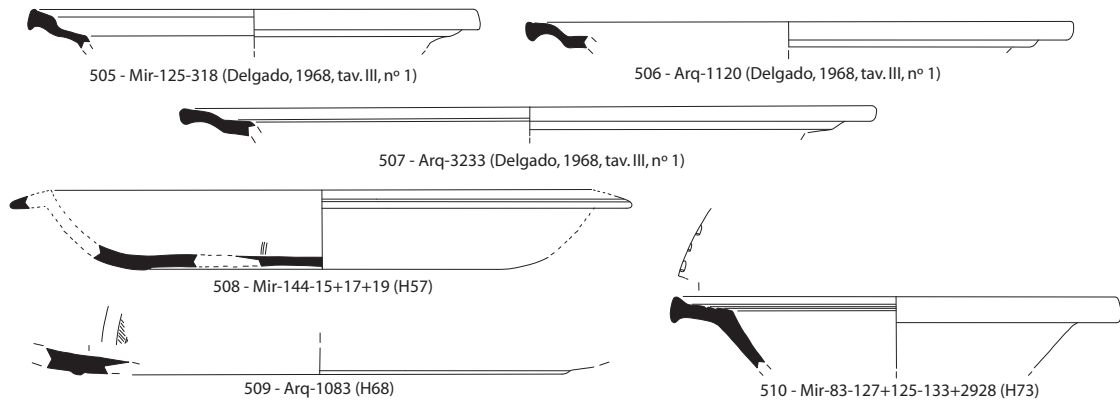


### Terra sigillata africana C3

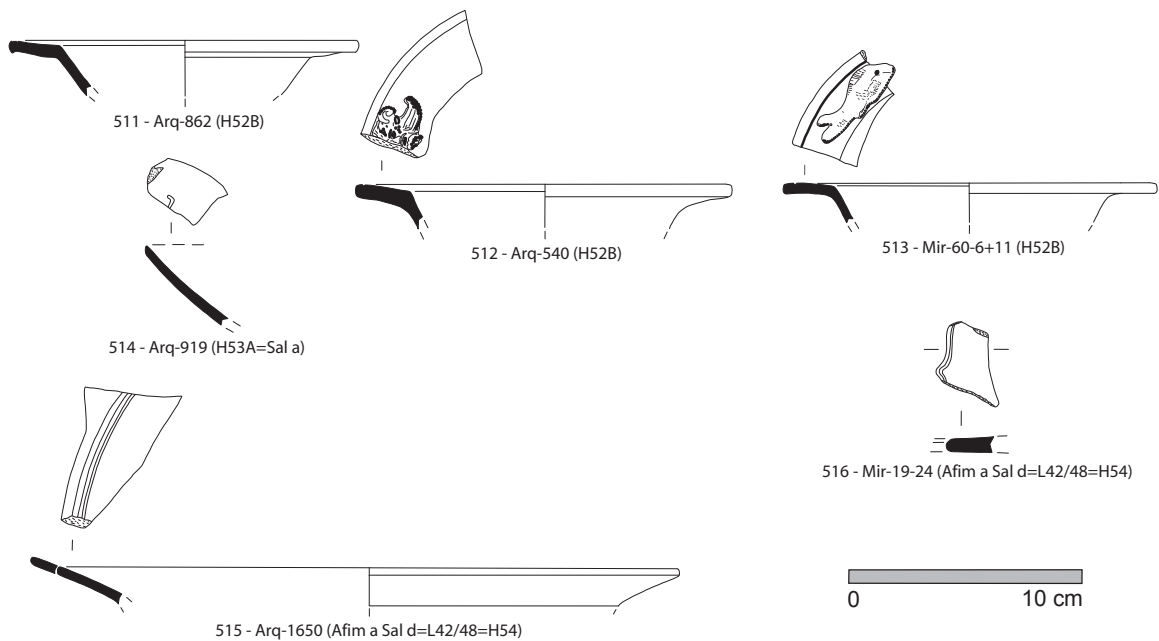




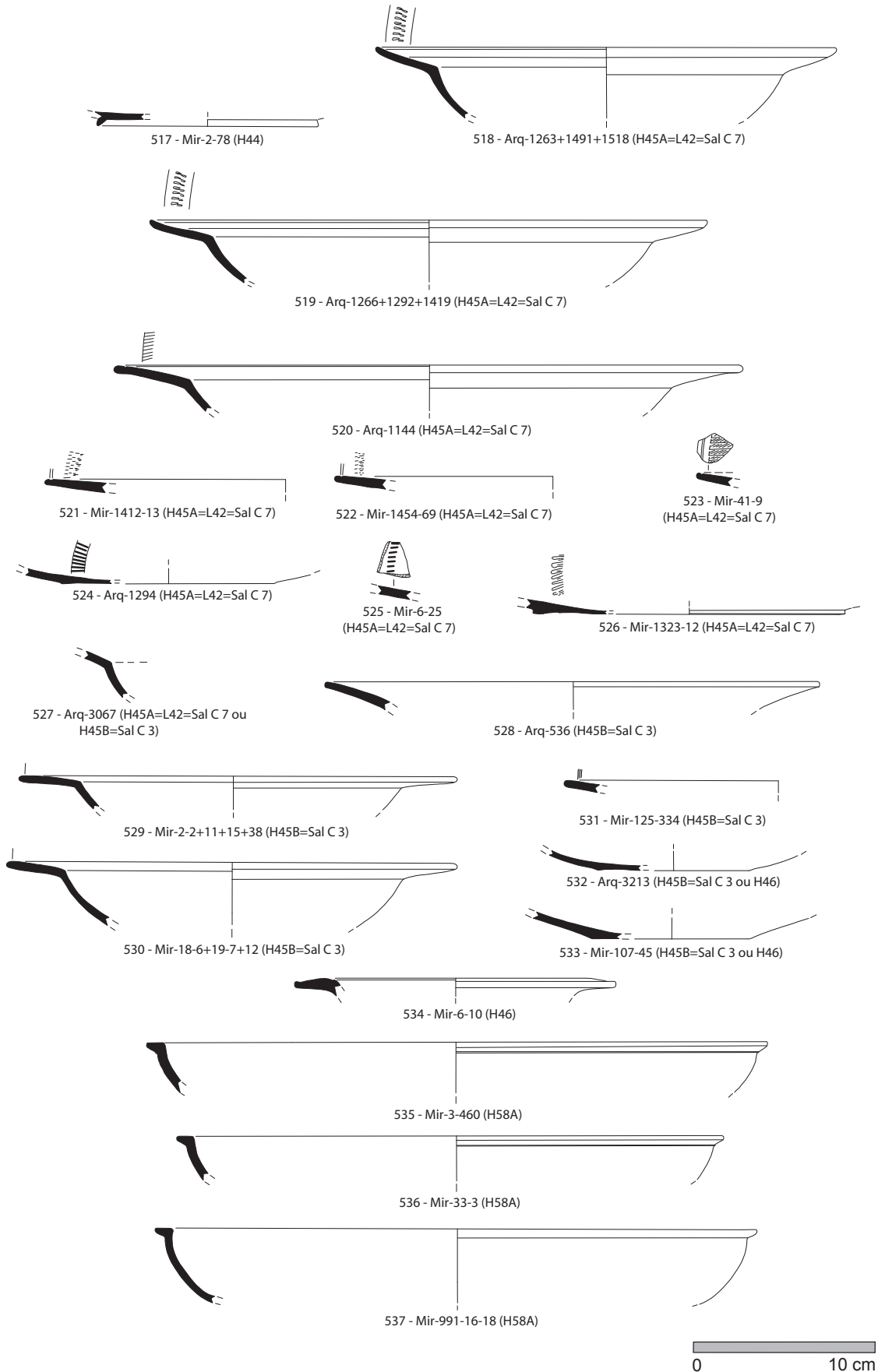
**Terra sigillata africana C4**



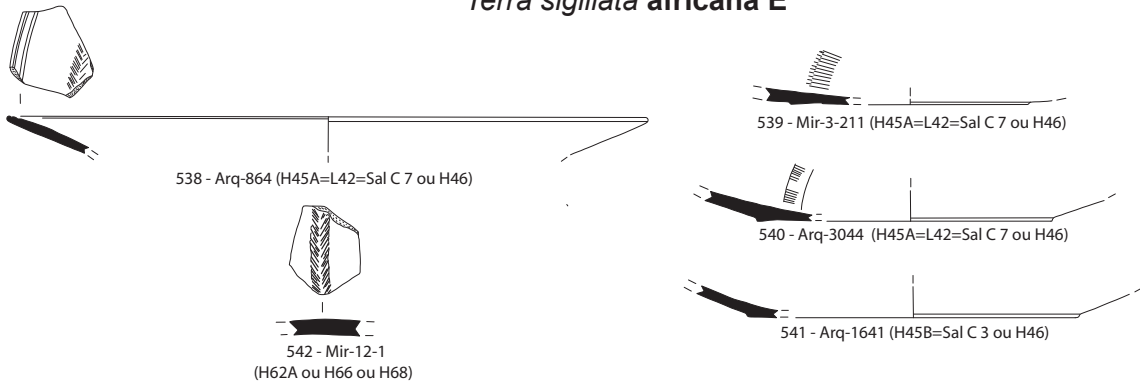
**Terra sigillata africana C3 de relevos aplicados**



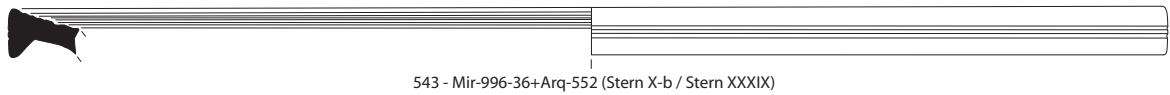
### Terra sigillata africana C/E



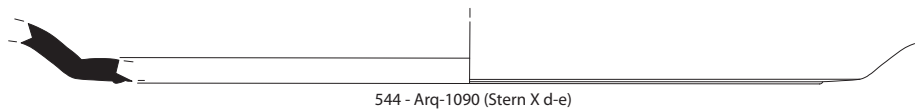
**Terra sigillata africana E**



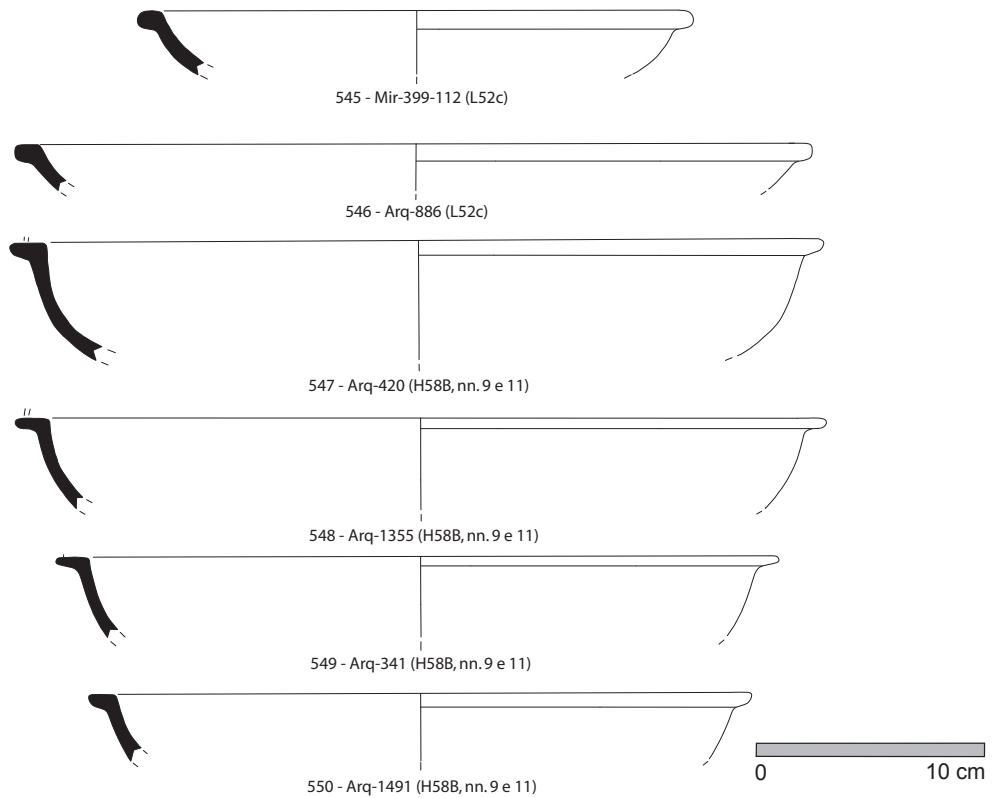
**Henchir es-Srira?**



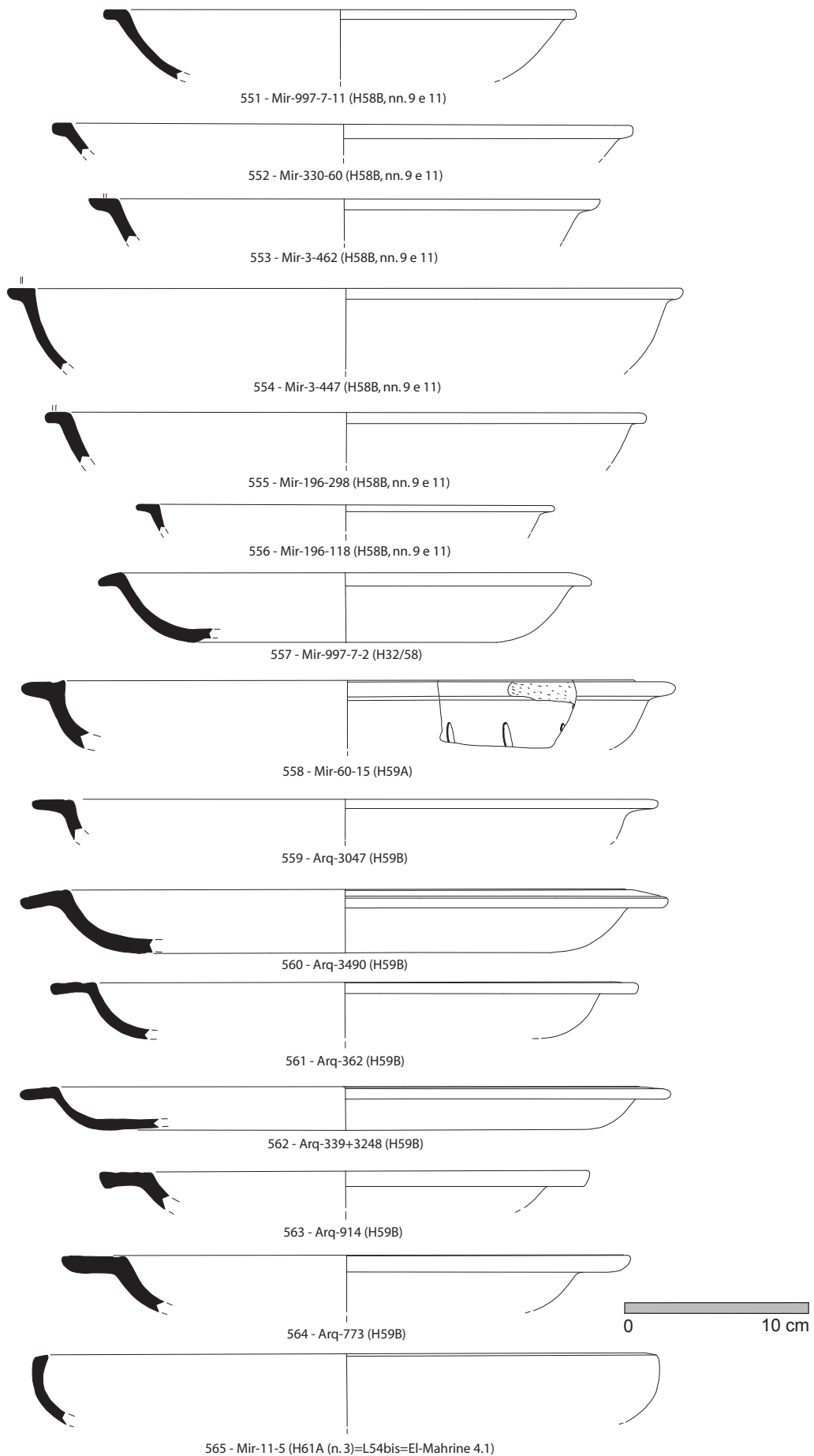
**Sidi Aïch?**

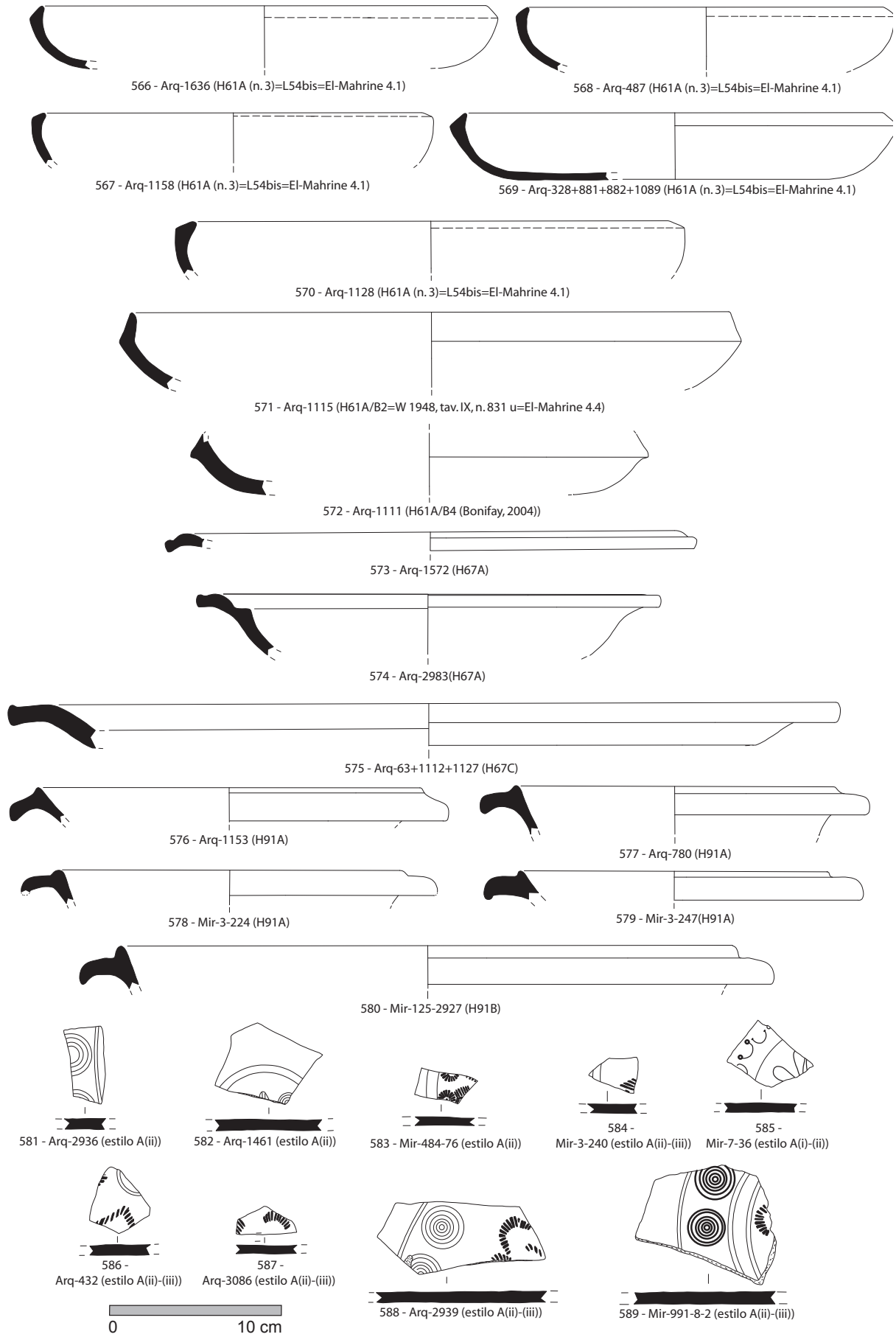


**Terra sigillata africana D1**

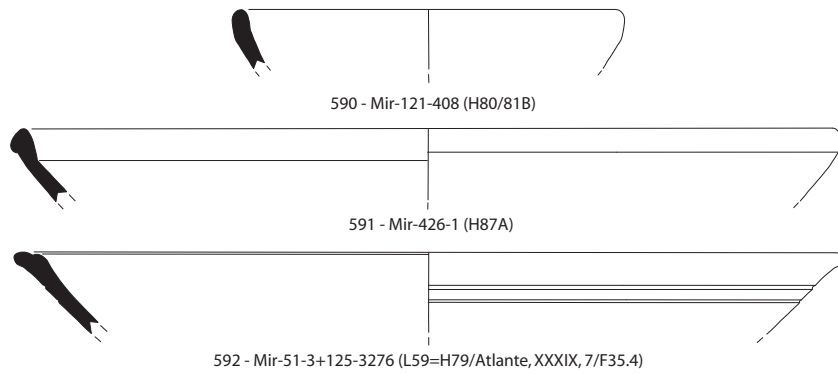




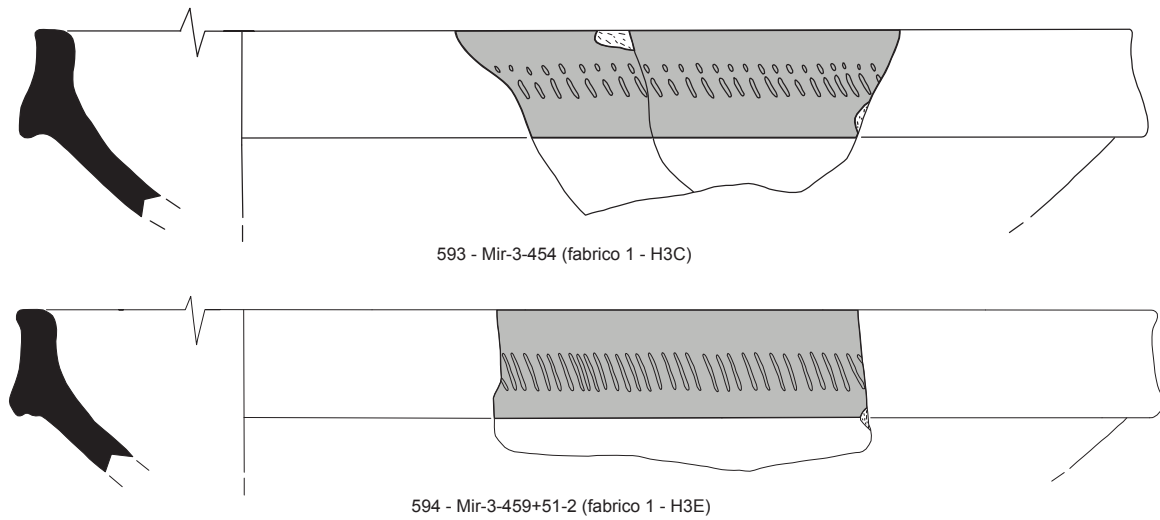




### *Terra sigillata africana D2*

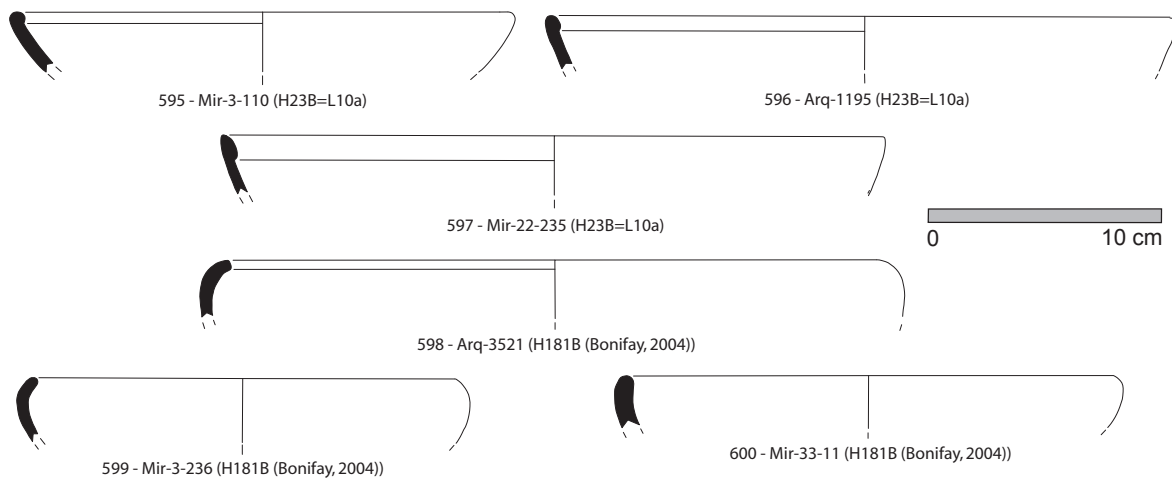


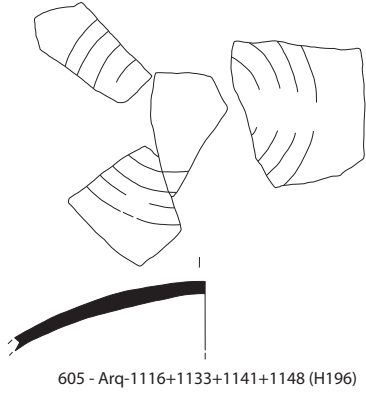
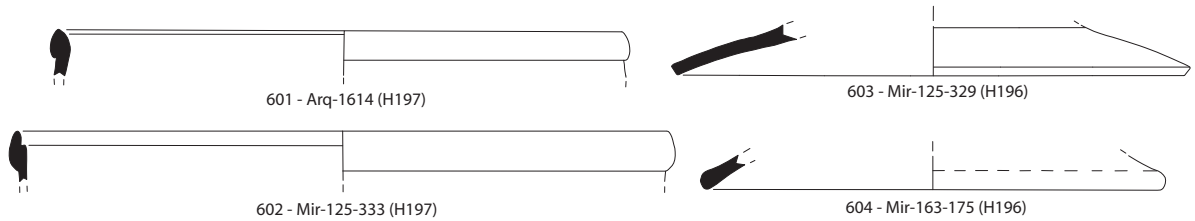
### *Terra sigillata focense tardia*



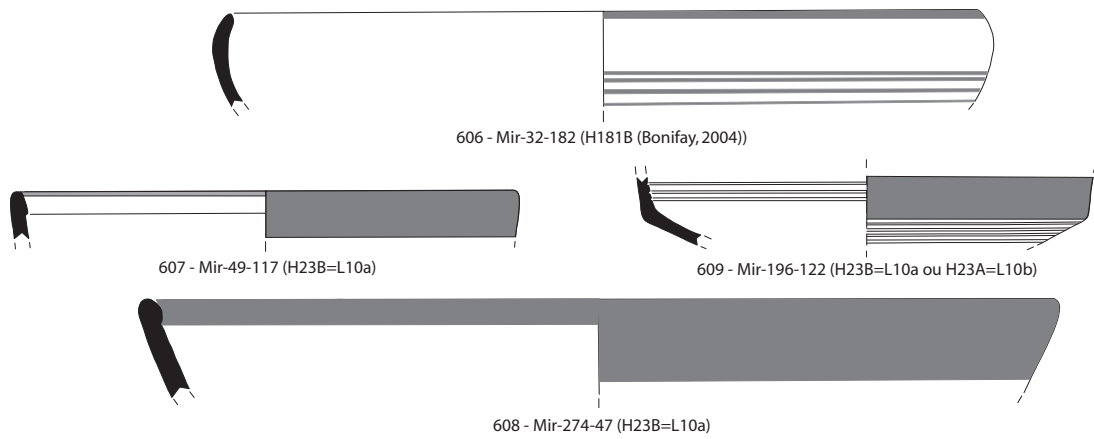
### **Cerâmica Africana de Cozinha**

#### **Engobe**

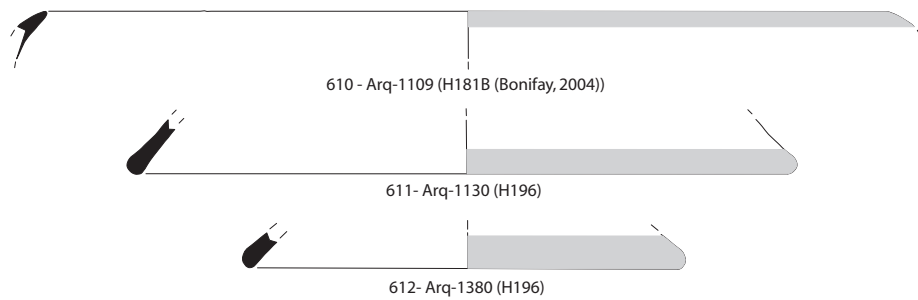




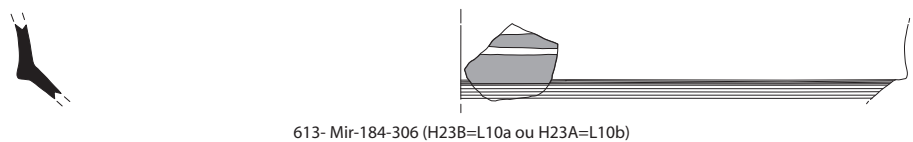
**Patina cinzenta**

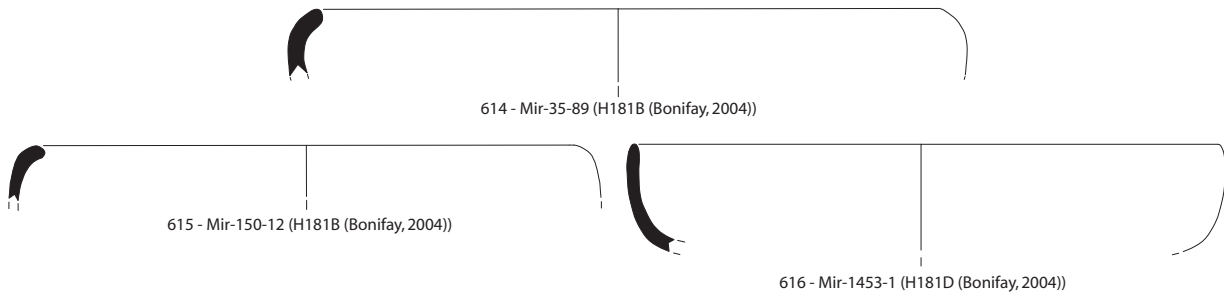


**Patina branco-amarelada**

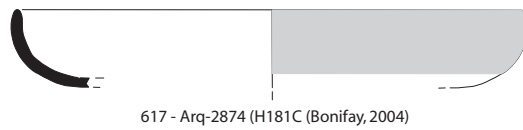


**Polimento / engobe interno**

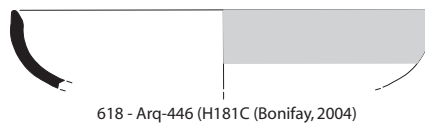




**Polimento / engobe interno / Patina branca-amarelada**

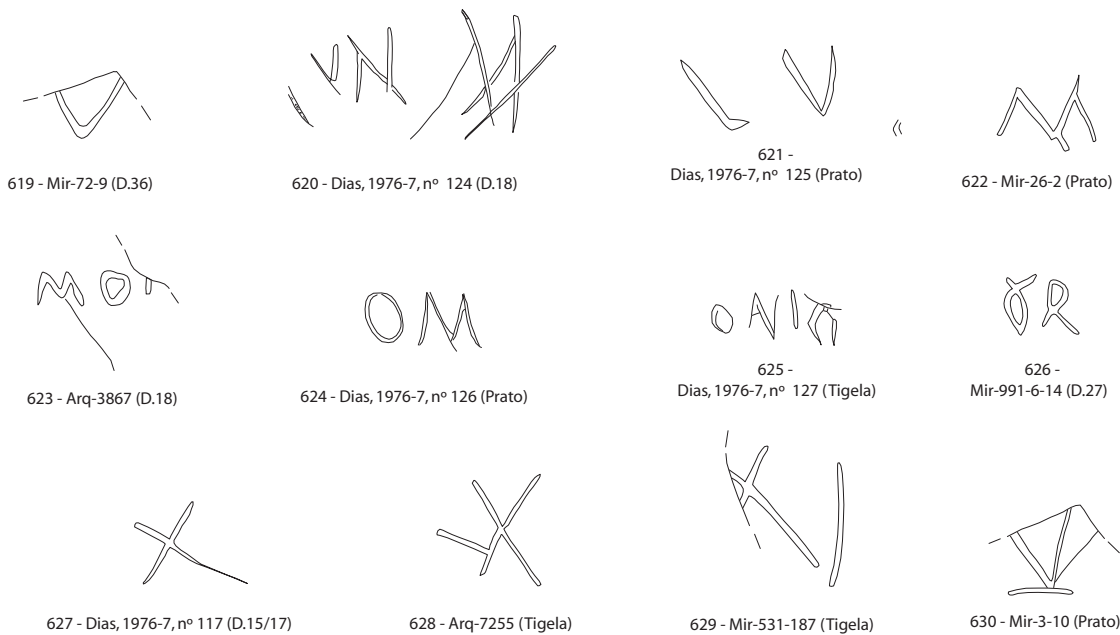


**Polimento / engobe interno / Patina cinzenta**



**Grafitos**

*Terra sigillata sudgálica*





*Terra sigillata hispânica*

**Grupo 1 (La Rioja)**

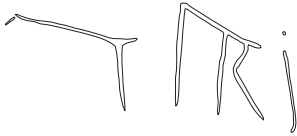


631 - Mir-414-2 (Tigela)



632 - Mir-727-44 (Ind.)

**Grupo 5 (La Rioja)**



637 - Mir-531-185+186 (D.27)

**Grupo 2 (La Rioja)**



633 - Mir-484-54 (Tigela)



634 - Mir-154-2 (Tigela)



635 - Mir-493-4 (Tigela)

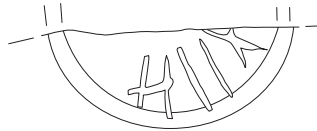


636 - Mir-3-80 (D.15/17)

**Grupo 3 (Andújar)**



638 - Dias, 1976-7, nº 167 (Tigela)



639 - Arq-6835 (Tigela)



640 - Dias, 1976-7, nº 143 (D.18)



641 - Dias, 1976-7, nº 164 (Tigela)

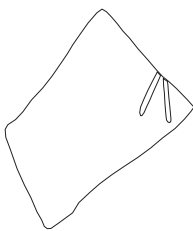


642 - Dias, 1976-7, nº 145 (Prato)

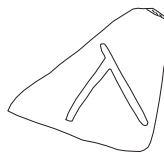


643 - Mir-3-204 (Ind.)

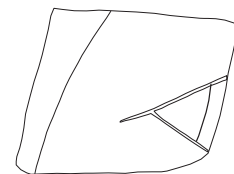
*Terra sigillata africana C1/C2*



644 - 3223 (Ind.)



645 - Mir-14-57 (Ind.)



646 - Arq-1362 (Ind.)

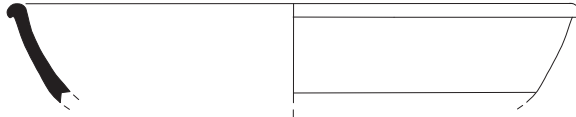


1cm

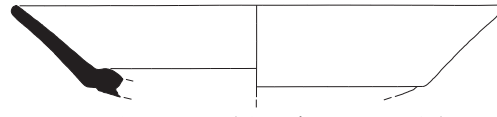
## Construção nº 2

### Ambiente A Contexto 41 (UE 385=314)

75 - 100+ d.C.



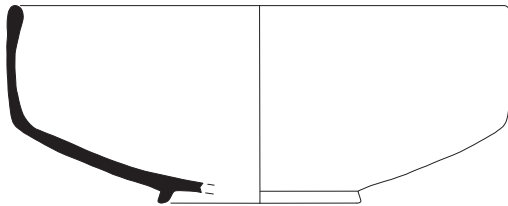
647 - Mir-692-1 (TSSG-D.18)



648 - Mir-750-6+757-2 (TSH-And.-Grupo 3 - D.15/17)

fim II-III d.C.

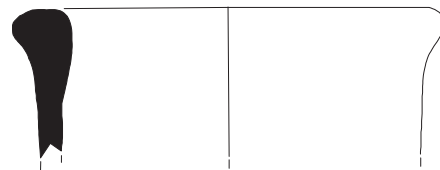
### Contexto 43 (UE 293)



649 - Mir-660-5+626-2+714-95 (TSAf. A - H14B)

Pós-ocupação

### Contexto 44 (UE 259)

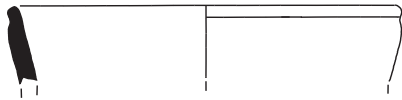


650 - Mir-626-041  
(Ânf.-Dr.14-Tejo ou Sado)

### Ambiente C

III pleno-meados V d.C.

### Contexto 50 (UE 395)



651 - Mir-724-42 (TSH-And.-Grupo 4 - D.30?)



652 - Mir-724-156  
(Ânf.-Lus.3-Tejo ou Sado)

### Contexto 48 (UE 418=435)

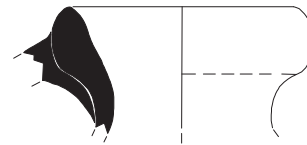
fim II - inícios III d.C.



653 - Mir-738-040+780-002+006+007  
(Cer.comum fina-tipo São Cucufate X-A-8)



654 - Mir-780-025  
(Ânf.-Lus.3 ou Alm51c-Tejo ou Sado)



655 - Mir-780-125  
(Ânf.-Lus.3 ou Alm51c-Tejo ou Sado)

### Ambiente F

fim IV - 1ª met. V d.C.

### Contexto 53 (UE 369=239=250=251=411=326)



656 - Mir-756-1 (TSAf.D1 - H59B)

### Ambiente E/D

meados V d.C.

### Contexto 52



656 bis - Mir-730-1 (H64, n. 2)

### Ambiente G

### Contexto 54 (UE 404)

1ª met. V d.C.



657 - Mir-743-4  
(TSAf.D1 - A(ii))



658 - Mir-743-3  
(TSAf.D1 - A(ii))



659 - Mir-743-5  
(TSAf.D1 - A(ii))



660 - Mir-743-7  
(TSAf.D1 - A(ii))



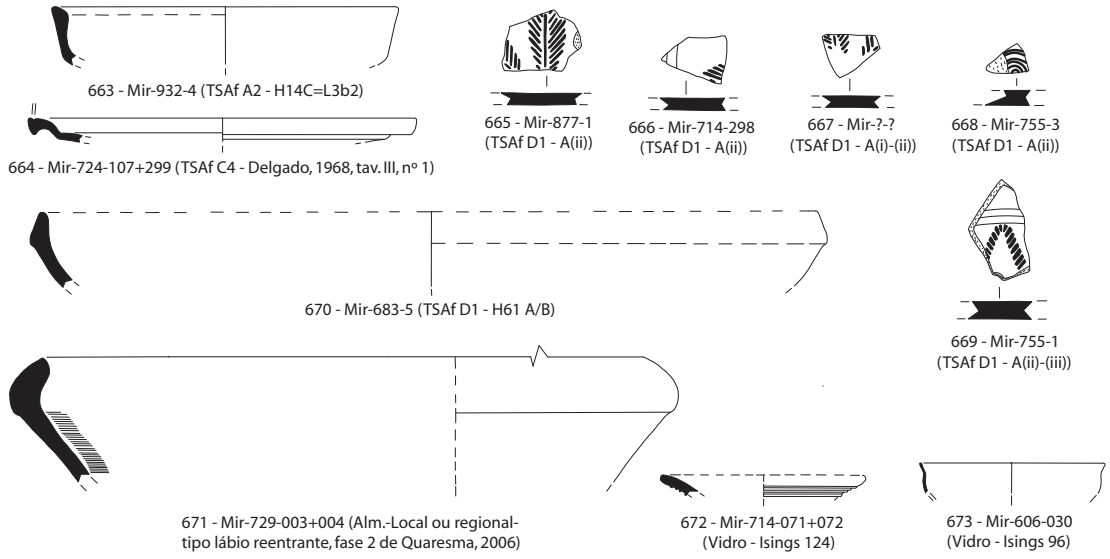
661 - Mir-743-13  
(TSAf.D1 - A(ii))



662 - Mir-743-2  
(TSAf.D1 - A(ii)-(iii))



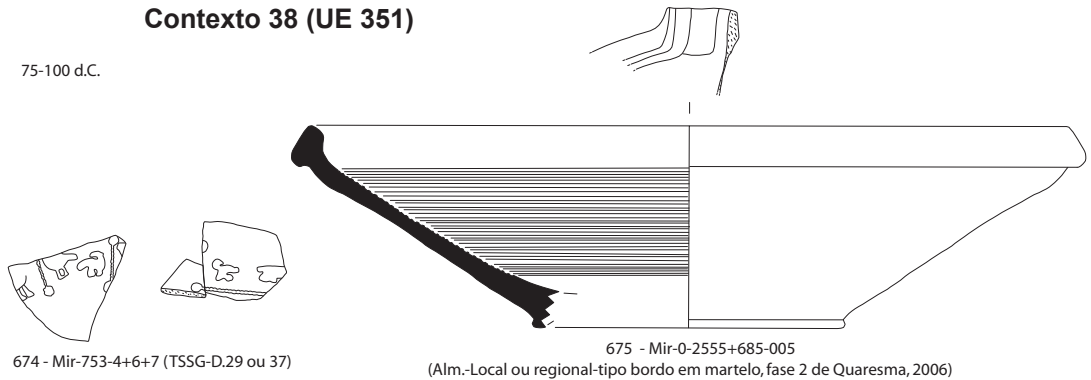
**Contexto 57 (UE superficial)**



**Vala de detritos a Norte da construção nº1**

**Contexto 38 (UE 351)**

75-100 d.C.

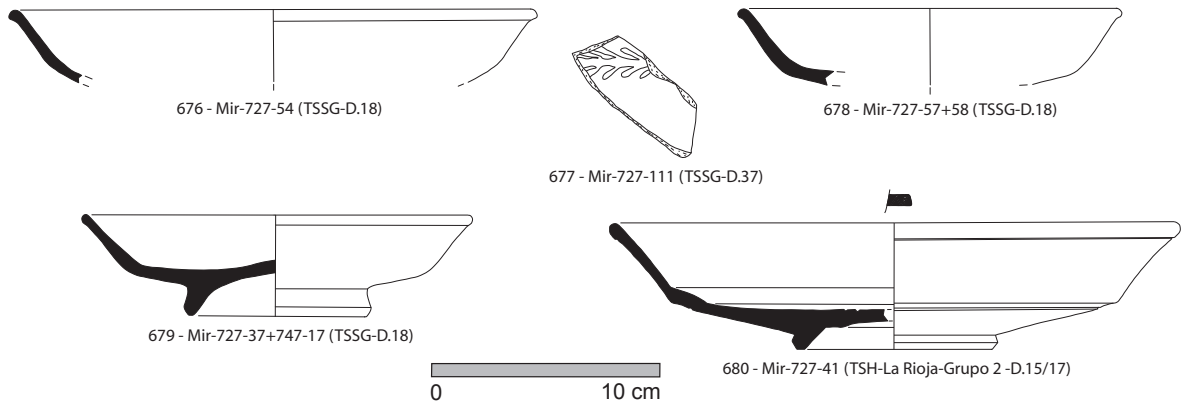


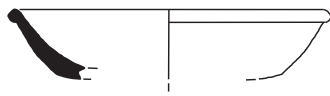
**Construção nº 1**

**Ambiente 1**

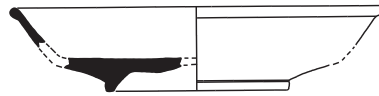
**Contexto 6 (UE 449)**

75-100 d.C.

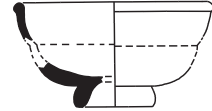




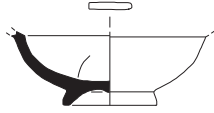
681 - Mir-727-46+47  
(TSH-La Rioja- Grupo 2 - D.18)



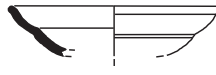
682 - Mir-727-89  
(TSH-La Rioja- Grupo 2 - D.18)



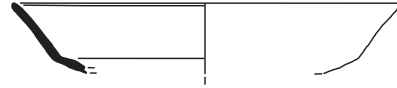
683 - Mir-727-85  
(TSH-La Rioja- Grupo 2 - D.27)



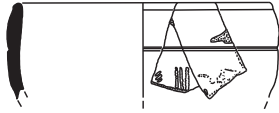
684 - Mir-727-150+230+231  
(TSH-La Rioja- Grupo 2 - D.27)



685 - Mir-727-72  
(TSH-La Rioja-Grupo 1 - D.27)



686 - Mir-727-56+747-52  
(TSH-And.-Grupo 3 - D.15/17)



687 - Mir-727-102+104  
(TSH-And.-Grupo 3 - DH)



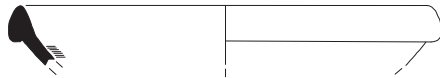
688 - Mir-727-17 (vidro-Isings106?)



689 - Mir-727-193+199 (PF-Mayet 38b?)

Finais séc. I d.C.

**Contexto 7 (UE 443)**



690 - Mir-740-20+722-4  
(Alm.-Local ou regional-tipo bordo em martelo, var. de Quaresma, 2006)



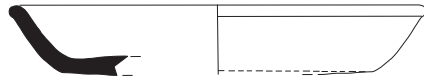
691 - Mir-722-6+7  
(vidro-tipo perfil cerâmico)

**Ambiente exterior norte**

**Fase Ia**

**Contexto 1 (UE 458=469)**

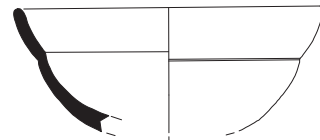
50 ou 75-100 d.C.



692 - Mir-759-1+2+3+4 (TSSG-D.18)



693 - Mir-759-6 (TSSG-D.29)

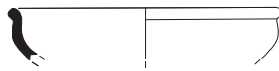


694 - Mir-758-1 a 8 (TSH-And.- Grupo 3 - D.27)

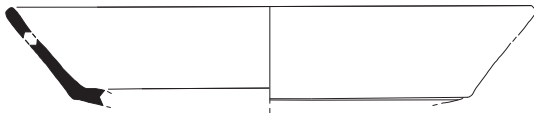
100-150 d.C.

**Fase Ib**

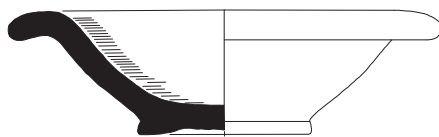
**Contexto 2 (UE 375)**



695 - Mir-717-39 (TSH-La Rioja-Grupo 1 - D.27)



696 - Mir-717-17+46 (TSH-And.- Grupo 3 - D.15/17)



697 - Mir-717-45  
(Alm.-Local ou regional-Dramont 2)

fim II d.C.

**Fase IIa**

**Contexto 3 (UE 376)**



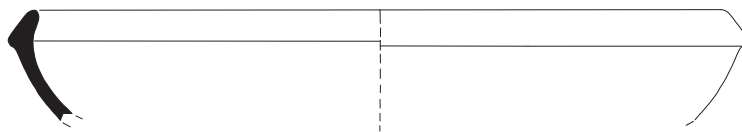
698 - Mir-736-2  
(Ânf.-Dr.14c/Alm.50-Tejo ou Sado)



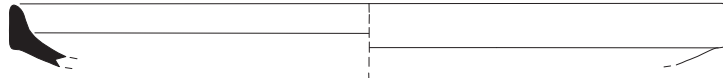
**Fase IIb**

III-meados V d.C.

**Contexto 4 (UE 331=400=392=413=343)**



699 - Mir-699-215 (TSAf.D1 - H61A/B)



700 - Mir-699-18 (TSAf.D1 - H61A/B)



701 - Mir-699-538 (TSAf.D1 - H61A/B)



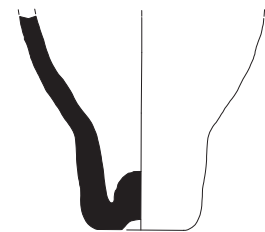
704 - Mir-699-633  
(vidro-taça em calote afim a Isings 116)



702 - Mir-699-38 (TSAf.D1 - A(ii))



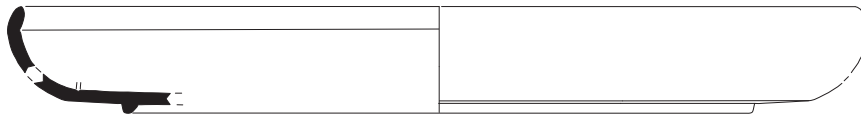
703 - Mir-699-22 (TSAf.D1 - A(ii)-(iii))



705 - Mir-699-353+354+355+356+357+358  
(Ânf.-ALm.51c-Tejo ou Sado)

**Ambiente exterior este  
Contexto 36 (UE 416)**

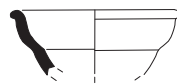
150-250 d.C.



706 - Mir-760-1+2+3+4+5+6+7+...+749-13+14 (TSAf. A - H27=L9a)

**Ambiente 2**

**Contexto 12  
(UE 311=245=256=300=368)**



707 - Mir-609-18 (TSSG-D.27)

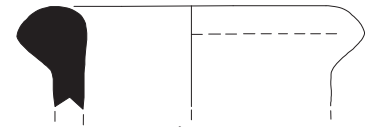


708 - Mir-763-1+3 (TSAf. afim a A/D - L52c)

fim II-meados V d.C.



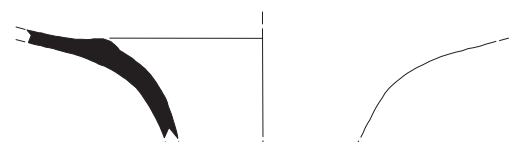
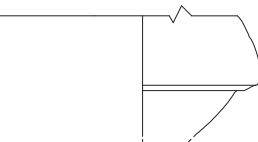
708bis - Mir-763-10 (afim a A/D - *Ostia* I, fig. 28)



709 - Mir-609-17 (Ânf.-Dr.14-Tejo ou Sado)



710 - Mir-611-20  
(Alm.-Local ou regional-tipo bordo reentrante, fase 2 de Quaresma, 2006)



711 - Mir-611-42 (Ânf.-Dr.14c-Tejo ou Sado)

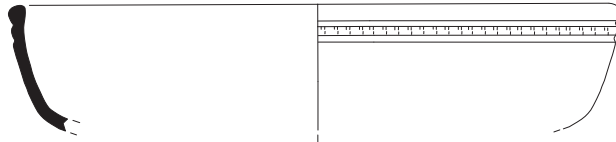




**Ambiente 3**

100-200 d.C.

**Contexto 14 (UE 393=446)**

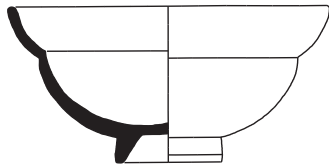


712 - Mir-741-21+22 (TSAf. A - H9A=L2a)

**Ambiente 4**

**Contexto 16 (UE 425=464)**

III d.C. avançado



713 - Mir-762-1+791-5+... (TSH-And.-Grupo 4 - D.27)

IV-V d.C.

**Contexto 18 (UE 382)**



714 - Mir-723-21+225 (TSAf.C - Delgado, 1968, tav.III, nº 1)

**Ambiente 5**

**Contexto 19 (UE 480)**

100-200 d.C.



715 - Mir-778-2 (vidro-Isings 26)

**Contextos 19, 20 (amb. 5) e 28 (amb. 6)**

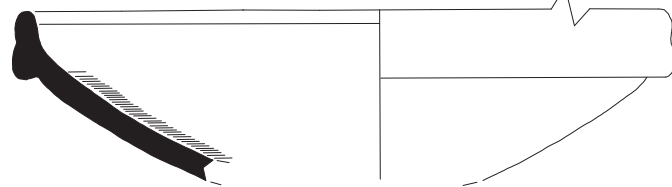
100-200 d.C.



716 - Mir-733-14+719-20+778-4+5 (vidro-Isings 42?)

**Contexto 20 (UE 445)**

100-200 d.C.



717 - Mir-719-1+2+5+...-737-1+11+... (Alm.-Local ou regional-tipo Emporiae 36, 2)

718 - Mir-719-17+18+19 (vidro-Isings 36?)

**Ambientes 6 e 7**

**Contexto 23 (UE 486=487=522=471)**

inícios IV d.C.



719 - Mir-785-4 (TSAf.A - H15)



720 - Mir-772-6 (TSAf.D1 - H58B, nn. 9 e 11)

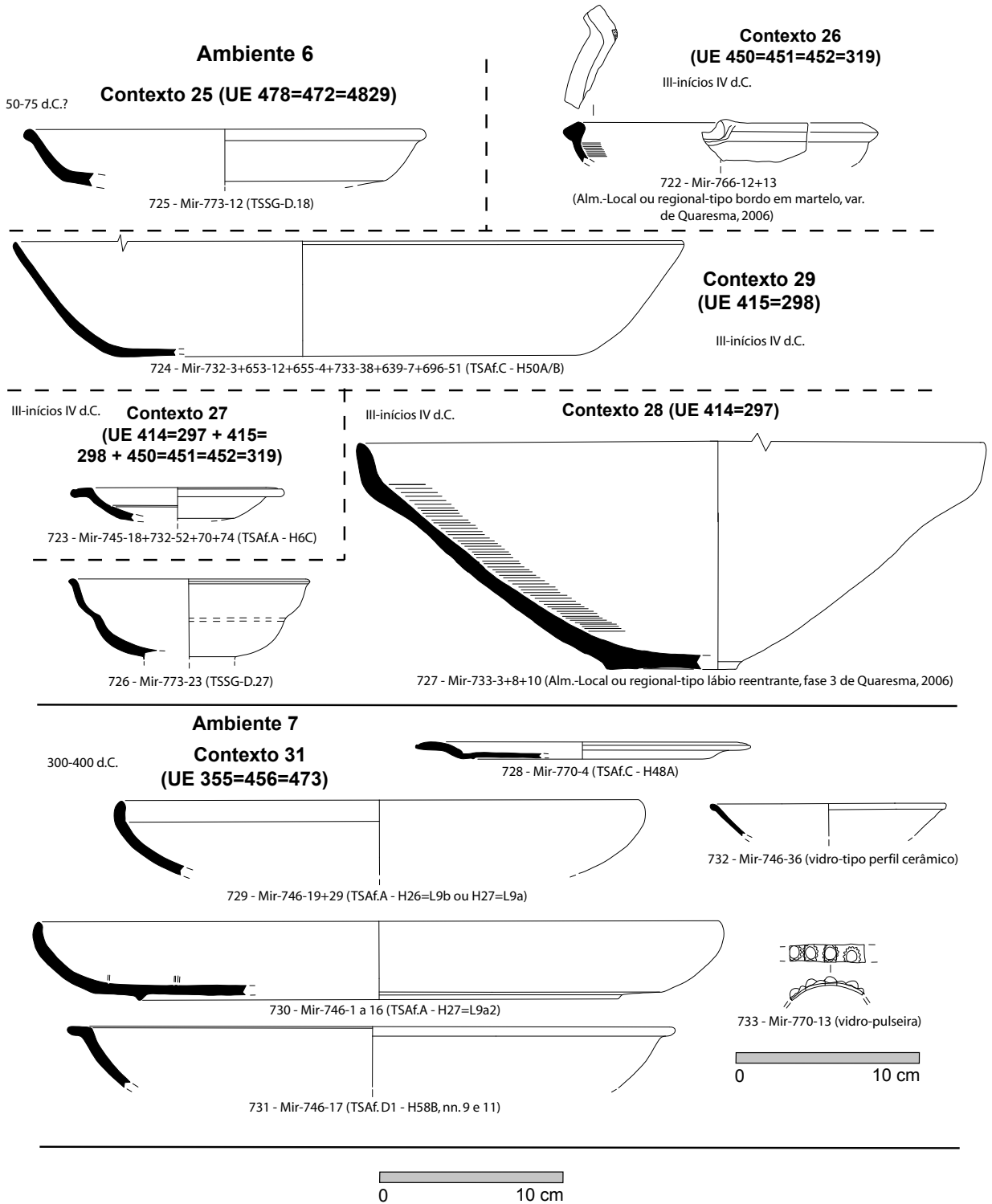
**Contexto 24 (UE 481)**

inícios IV d.C.

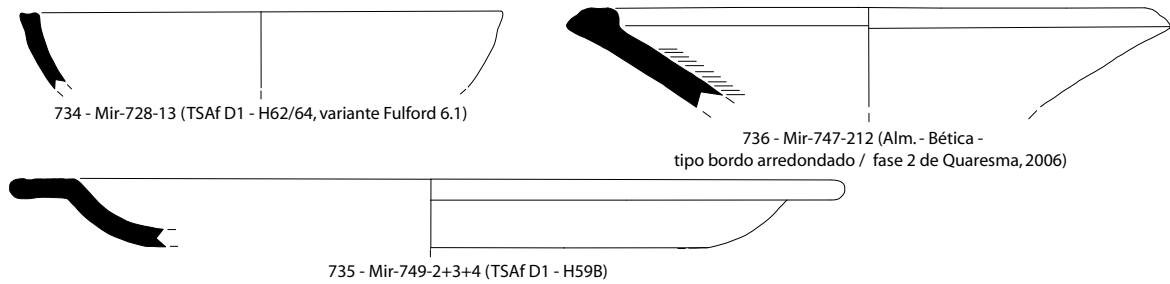


721 - Mir-790-2 (vidro-Isings 86)

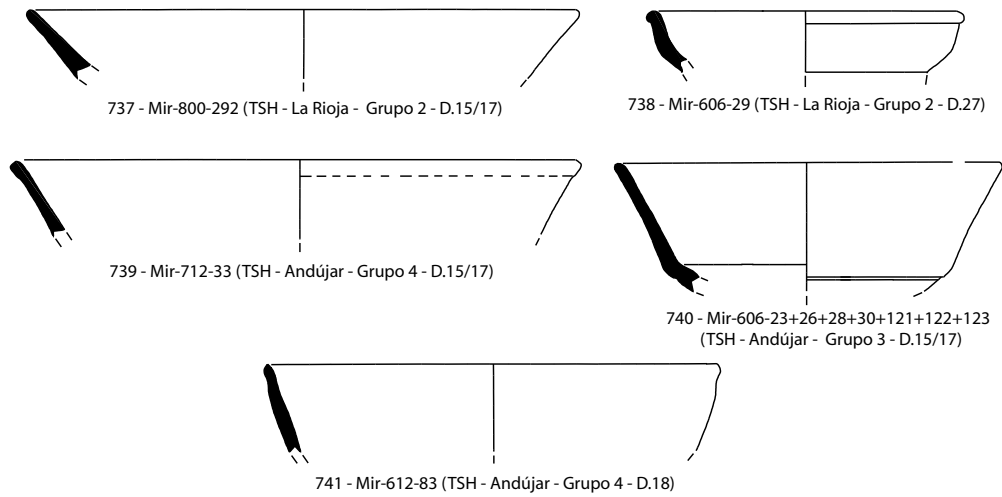




### Contexto 37 (Unidade de superfície)



### Encosta do Museu

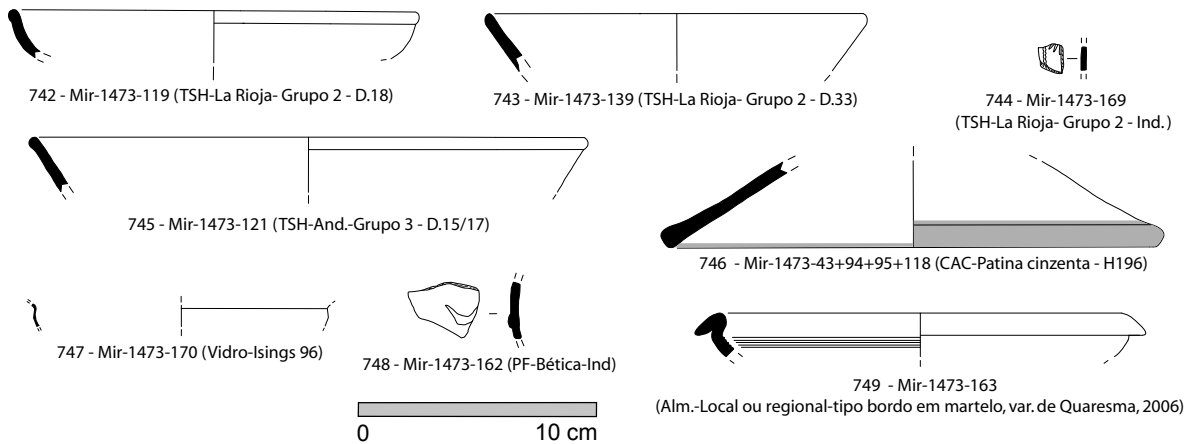


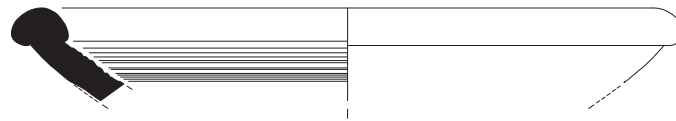
### Ponte-Norte

### Ambiente 1

### Contexto 59 (UE 696)

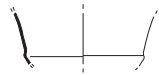
100-150 d.C.





750 - Mir-1473-164 (Alm.-Bética-tipo bordo arredondado, fase 2 de Quaresma, 2006)

100-150 d.C. **Contexto 60 (UE686)**



751 - Mir-1465-109  
(Vidro-Isings 36)



752 - Mir-1465-55  
(Luc.-Gaditana-Ind.)



753 - Mir-1465-104+105+106+107  
Luc.-Mérida-Disco

100-150 d.C. **Contexto 61 (UE 690)**



754 - Mir-1469-64 (Ânf.-Gaditana-Dr.14)

100-150 d.C. **Contexto 62 (UE 682)**



755 - Mir-1458-12  
(Luc.-Centro-itálica-Dr.2-4)

100-150 d.C. **Contexto 63 (UE 689)**



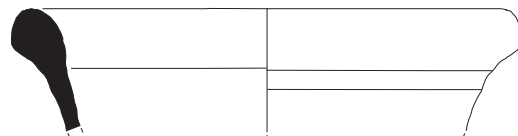
756 - Mir-1468-31+36 (Ânf.-Gaditana-B.IIB)



757 - Mir-1468-33  
(TSH-And.- Grupo 3 - D.27)

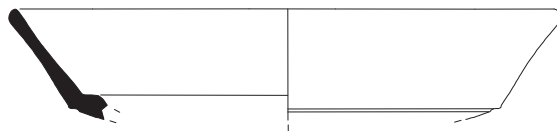
Pós-ocupação

**Contexto 58 (684)**



758 - Mir-1464-83 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14b)

400-450 d.C. **Contexto 73 (UE 681b)**



759 - Mir-1455-809+976+980 (TSH-And.-Grupo 3 - D.15/17)



760 - Mir-1455-845 (TSAf A/D - H31)



761 - Mir-1455-904  
(TSAf C1/C2 - H44=L35/35bis)



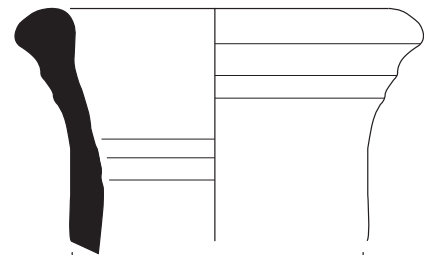
762 - Mir-1455-935  
(TSAf A1 - H135=Pallarés 14A ou H136=Pallarés 28)



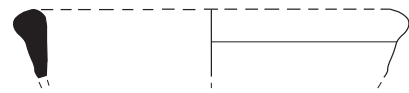
763 - Mir-1455-930 (TSAf C1/C2 - H45A=L42=Sal C 7)



764 - Mir-1455-1009 (Alm.-Local ou regional - tipo lábio reentrante, fase 2 de Quaresma, 2006)



765 - Mir-1455-33 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14b)



766 - Mir-1455-87 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14b)



767 - Mir-1455-56  
(Ânf.-Gaditana-Alm.51c)



768 - Mir-1455-51 (Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



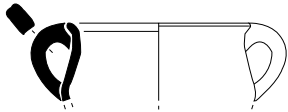
769 - Mir-1455-81  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



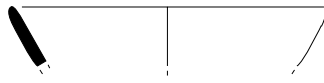
**Ambiente 2**

**Contexto 65 (UE 687)**

III d.C. avançado



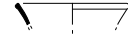
770 - Mir-1466-36+46  
(Cer. Comum fina - tipo São Cucufate X-A-8)



771 - Mir-1466-253+1455-983  
(Vidro-Isings 47)



772 - Mir-1466-252  
(Vidro-Isings 51)



773 - Mir-1466-79  
(vidro-Isings 92)

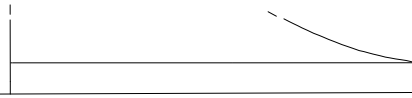
**Ambiente 3**

**Contexto 70 (UE 732)**

IV d.C. pleno



774 - Mir-1509-69+76 (CAC - Engobe - Black Top Lid D7/H196 (Tomber 1988, *apud* Bonifay 2004))



775 - Mir-1509-66 (TSAf C/E - H45B)

**Contexto 71 (UEs 692+732)**

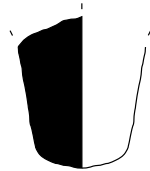
IV d.C. pleno



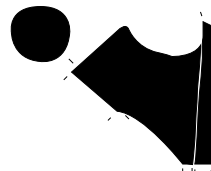
776 - Mir-1509-70+1471-127+132+133  
(TSAf D2 - Guéry, 1970, fig.69)

fim IV-inícios V d.C.

**Contexto 72 (UE 692)**



777 - Mir-1471-158 (Ânf.-Guadalquivir-H70)



778 - Mir-1471-153 (Ânf.-Rodiana-Classe 9 (Peacock;Williams, 1986))

**Ponte-Sul**

**Ambiente 1**

**Contexto 78 (UE 723=715)**

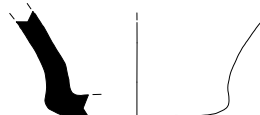
III ou IV d.C.



779 - Mir-1500-1 (TSH-And.-Grupo 4 - D.24/25 ou 44)

**Contexto 75 (UE 733)**

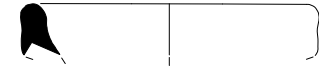
200-300 d.C..



780 - Mir-1510-3+5  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 9)

**Contexto 80 (UE 726)**

300-400 d.C.



781 - Mir-1503-6  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)

**Contexto 81 (UE 701=719)**

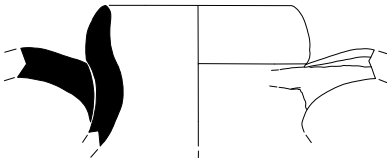
400-450 d.C.



782 - Mir-1478-21 (PF-origem ind.-tipo ind.)

**Contexto 83 (UE 710)**

100-150 d.C.



783 - Mir-1487-52  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



784 - Mir-1487-52+53  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



785 - Mir-1487-50+51  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)

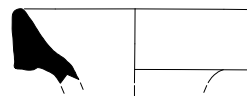
**Ambiente 2**

**Contexto 84 (UE 722)**

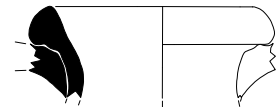
100-150 d.C.



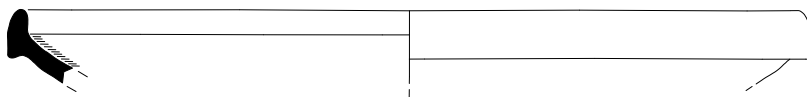
786 - Mir-1499-7  
(Ânf.-Gália-Gauloise 4)



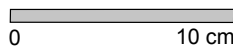
787 - Mir-1499-9  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



788 - Mir-1499-8  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3 ou Alm.51c)



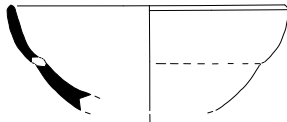
789 - Mir-1499-11 (Alm.-Local ou regional - tipo lábio reentrante, fase 2 de Quaresma, 2006)



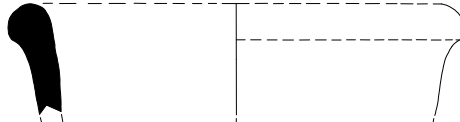


c.150 d.C.

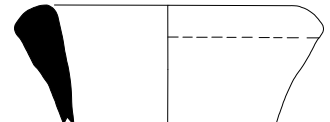
**Contexto 85 (UE 709)**



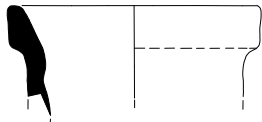
790 - Mir-1486-1+2+3+4  
(TSH-La Rioja-Grupo 2 - D.27)



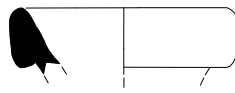
791 - Mir-1486-12 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14b)



792 - Mir-1486-21  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14a)



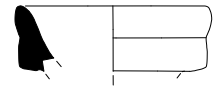
793 - Mir-1486-16+22  
(Ânf.-Tejo ou Sado-  
Lusitana 3 ou Alm.51c)



794 - Mir-1486-15  
(Ânf.-Tejo ou Sado-  
Lusitana 3 ou Alm.51c)



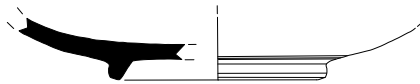
795 - Mir-1486-14+17  
(Ânf.-Tejo ou Sado-  
Lusitana 3 ou Alm.51c)



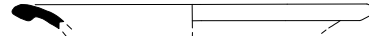
796 - Mir-1486-13  
(Ânf.-Tejo ou Sado-  
Lusitana 3 ou Alm.51c)

200-300 d.C.

**Contexto 86 (UE 703)**



797 - Mir-1480-1+2+4 (TSH-And.- Grupo 4 - Prato)



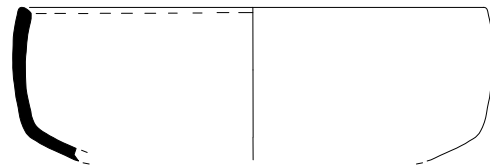
798 - Mir-1480-3 (TSH precoce-  
Tipo II de Martinez Rodriguez 1989)

400-450 d.C.

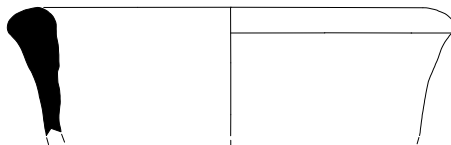
**Contexto 88 (UE 700)**



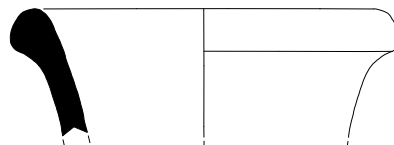
799 - Mir-1477-61 (Vidro-Isings 42?)



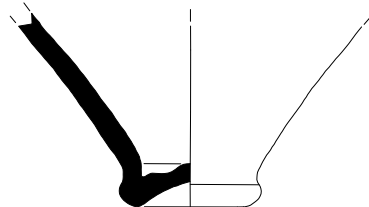
800 - Mir-1477-55 (TSAf A2 - H14B=L3b1)



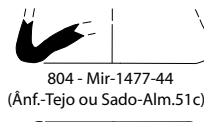
801 - Mir-1477-50 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14 b)



802 - Mir-1477-49+53 (Ânf.-Tejo ou Sado-Dr.14b)



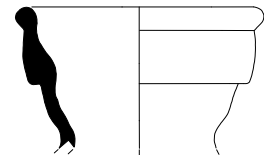
803 - Mir-1477-47  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Lusitana 3)



804 - Mir-1477-44  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Alm.51c)



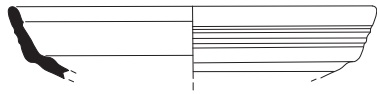
805 - Mir-1477-43  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Alm.51c ou Lusitana 3)



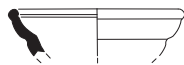
806 - Mir-1477-51+52  
(Ânf.-Tejo ou Sado-Alm.51a-b)



### Área da construção nº3



807 - Mir-388-4 (TSSG - D.15/17)



808 - Mir-593-5 (TSSG - D.27)



809 - Mir-531-191  
(TSSG - D.29 ou 37)



810 - Mir-522-3+4 (TSSG - D.29 ou 37)



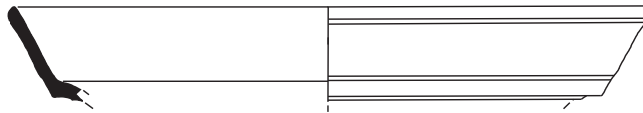
811 - Mir-518-1  
(TSSG - D.29 ou 37)



812 - Mir-484-17 (TSH - La Rioja - Grupo 1 - D.27)



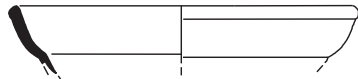
813 - Mir-595-22+43 (TSH - La Rioja - Grupo 1 - D.36)



814 - Mir-531-190+192+194+195 (TSH - La Rioja - Grupo 2 - D.15/17)



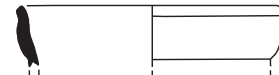
815 - Mir-531-193 (TSH - La Rioja - Grupo 2 - Prato)



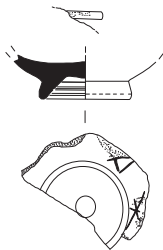
816 - Mir-582-1 (TSH - La Rioja - Grupo 2 - D.27)



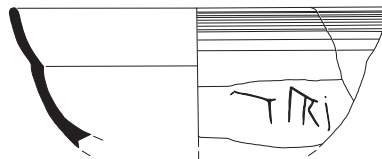
817 - Mir-563-9 (TSH - And. - Grupo 3 - D.18)



818 - Mir-531-39 (TSH - And. - Grupo 3 - D30)



819 - Mir-493-4 (TSH - La Rioja - Grupo 2 - tigela)



820 - Mir-531-185+186  
(TSH - La Rioja - Grupo 5 - D27)



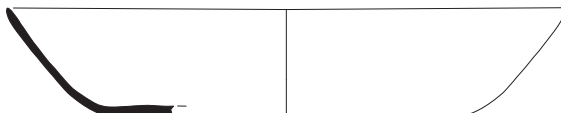
821 - Mir-597-2  
(TSH - La Rioja - Grupo 5 - tigela)



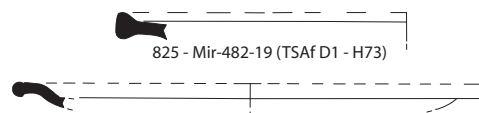
822 - Mir-498-477 (TSAf C1/C2 - H48A)



823 - Mir-402-9 (TSAf A2 - H3C=L4/36b)

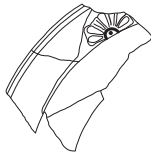


824 - Mir-498-2+530-7 (TSAf C1/C2 - H50A=L40bis)

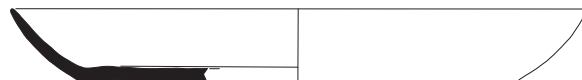


825 - Mir-482-19 (TSAf D1 - H73)

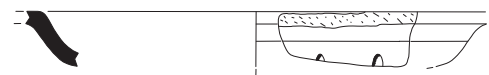
826 - Mir-388-24 (TSAf C4 - Delgado, 1968, tav. III, nº 1)



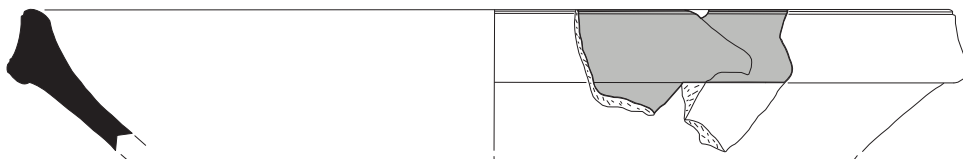
827 - Mir-545-1+2+3+4+5 (TSAf C3 de relevos aplicados - H52B)



828 - Mir-497-2+17+21 (TSAf A/D - H31)



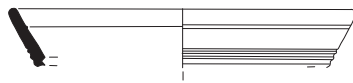
829 - Mir-531-149 (TSAf D1 - H59A)



830 - Mir-494-16 (TSFT - fabricio 2 - H3H)



### Área habitacional (campanha de Olívio Caeiro)



831 - Mir-120-275 (TSSG - D.15/17)



832 - Mir-120-268 (TSAf A2 - H14A=L3a)



833 - Mir-120-447 (TSAf A2 - H27=L9a2)



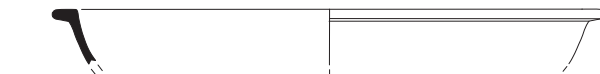
834 - Mir-241-123 (TSAf C1/C2 - H44=L35ter)



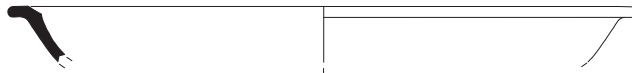
835 - Mir-127-131 (TSAf C1/C2 - H45B=Sal C 3)



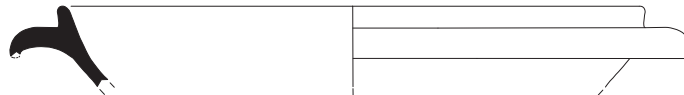
836 - Mir-241-127 (TSAf C/E- H45A)



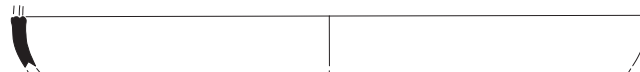
837 - Mir-180-38 (TSAf C/E - H58A)



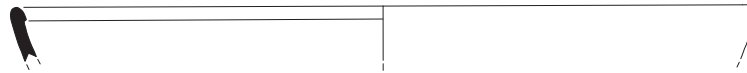
838 - Mir-180-40 (TSAf D1 - H58B, nn. 9 e 11)



839 - Mir-555-1 (TSAf D1 - H91B)

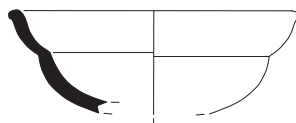


840 - Mir-127-164 (TSAf Sidi Aïch? - Stern III)

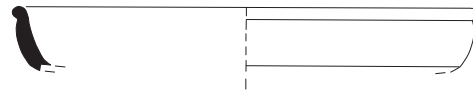


841 - Mir-341-130 (CAC - Engobe - H23B=L10a)

### “Casa dos Frescos”



842 - Mir-991-18-8-1 (TSSG - D.27)



843 - Mir-991-18-11 (TSSG - D.18 - *marmorata*)

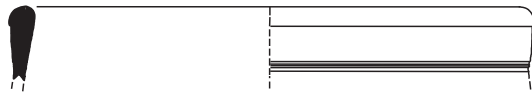
### “Zona do touro “casa dos estuques”” (construção nº8?)



844 - Mir-59-1 (380-69) (TSSG - Prato - *marmorata*)



### Balneários (campanha de 1992)



845 - Mir-267-22 (TSH - La Rioja - Grupo 2 - D.37)



846 - Mir-237-15 (TSH - La Rioja - Grupo 1 - D.18)



847 - Mir-267-4 (ITSH - La Rioja - Grupo 2 - ind.)

### Balneários (campanha de 1994)



848 - Mir-328-10 (Prato - TSH - La Rioja - Grupo 1)



849 - Mir-363-7  
(Ind. - TSH - La Rioja - Grupo 1)



850 - Mir-325-1 (TSAf C3 - L35ter=  
H44, nn. 6-7 e H52A, nn. 1-2)



851 - Mir-377-8 (TSAf C3 - H45C=var. Sal C 4)



852 - Mir-378-57 (TSAf C3 - H72A)



853 - Mir-378-50 (TSAf D1 - H80A)



854 - Mir-335-3  
(TSAf D1 - H67A)



855 - Mir-351-17  
(TSAf D1 - H61A (n. 3)=  
L54bis=El-Mahrine 4.1)

### Campanha de 1970 (XVII Balneário)



856 - Mir-997-7-4 (TSAf D1 - A(ii))

### Campanha de 1967 - Forum

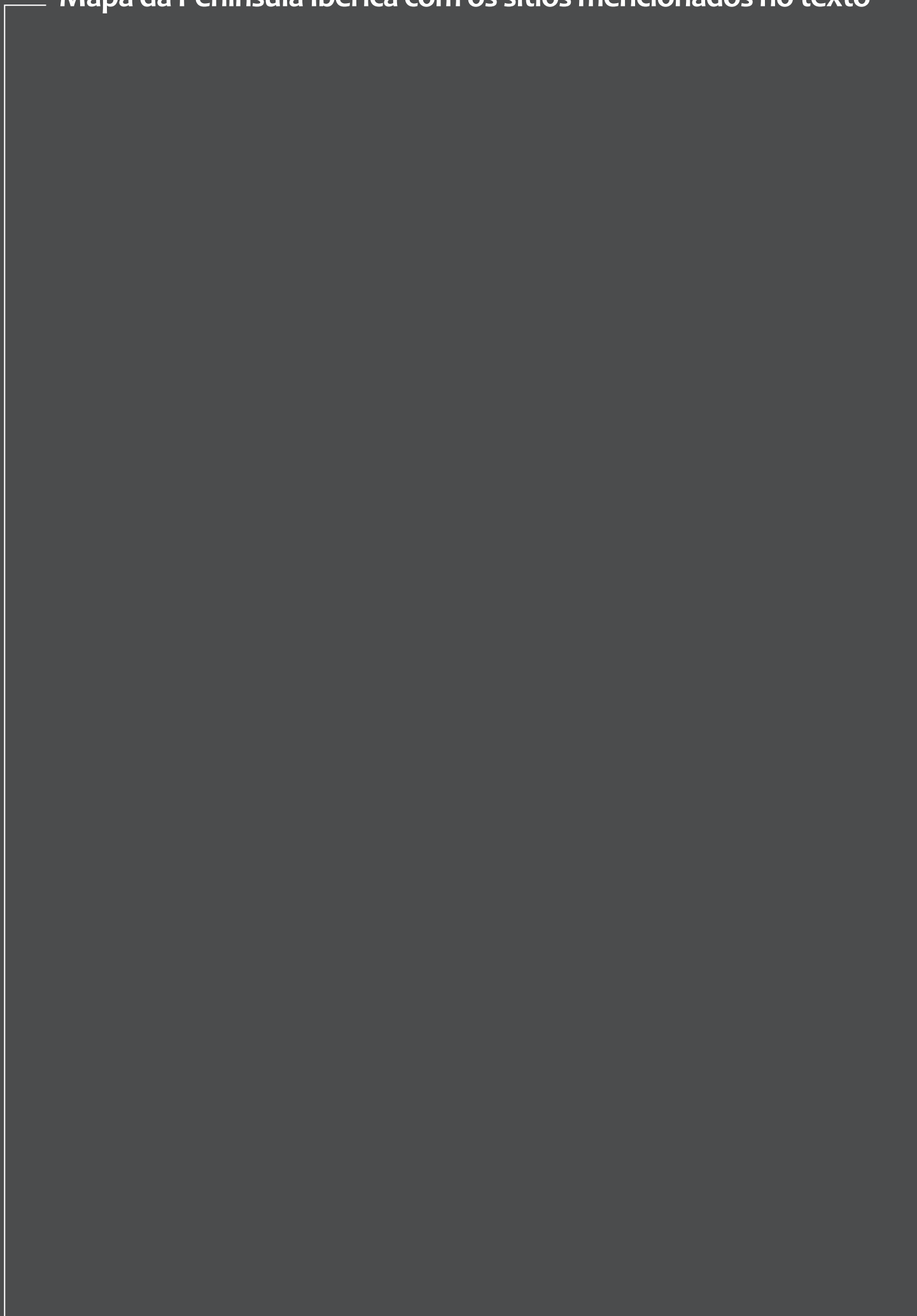


857 - Mir-1414-1  
(TSAf C1/C2 - H44)

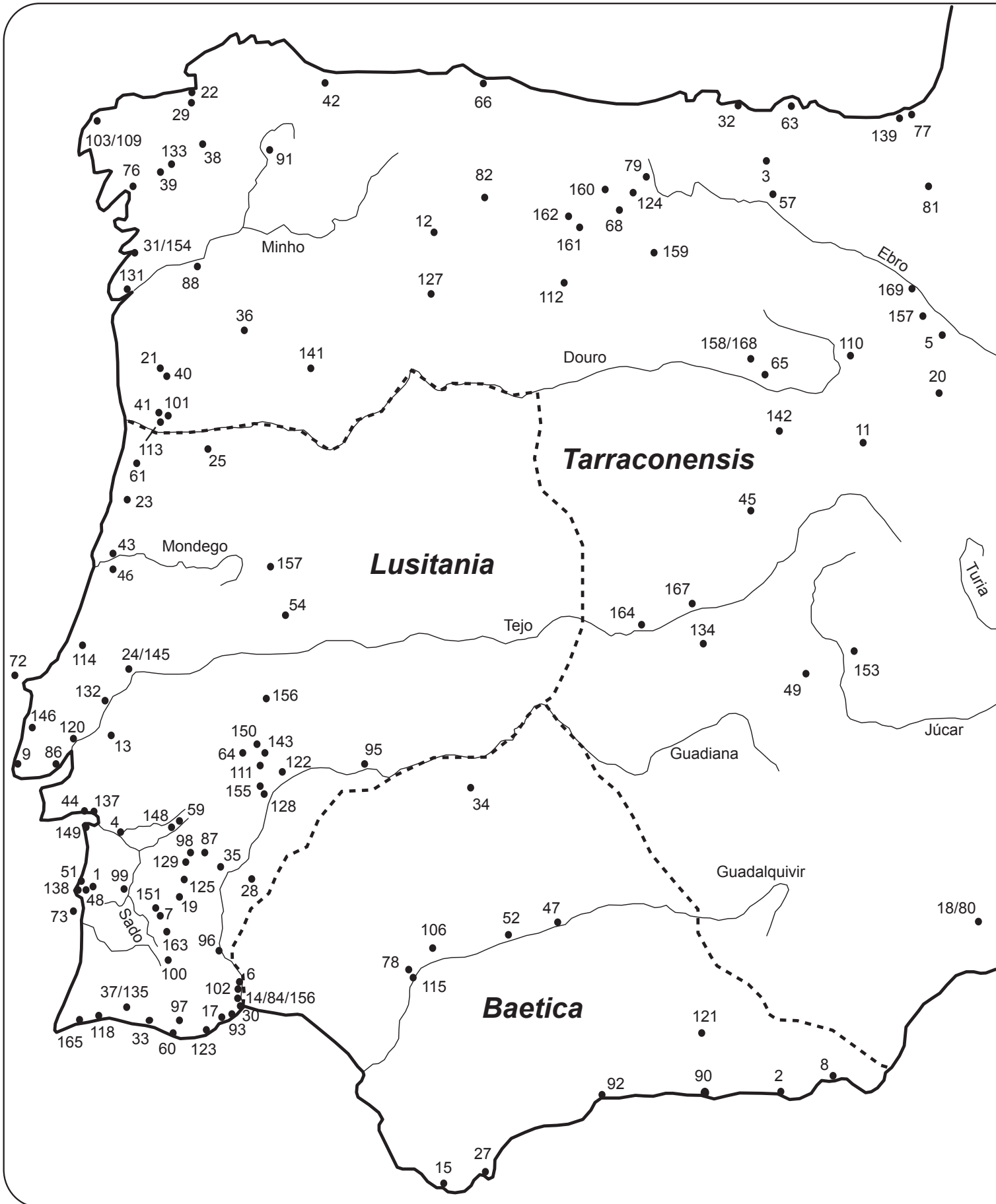


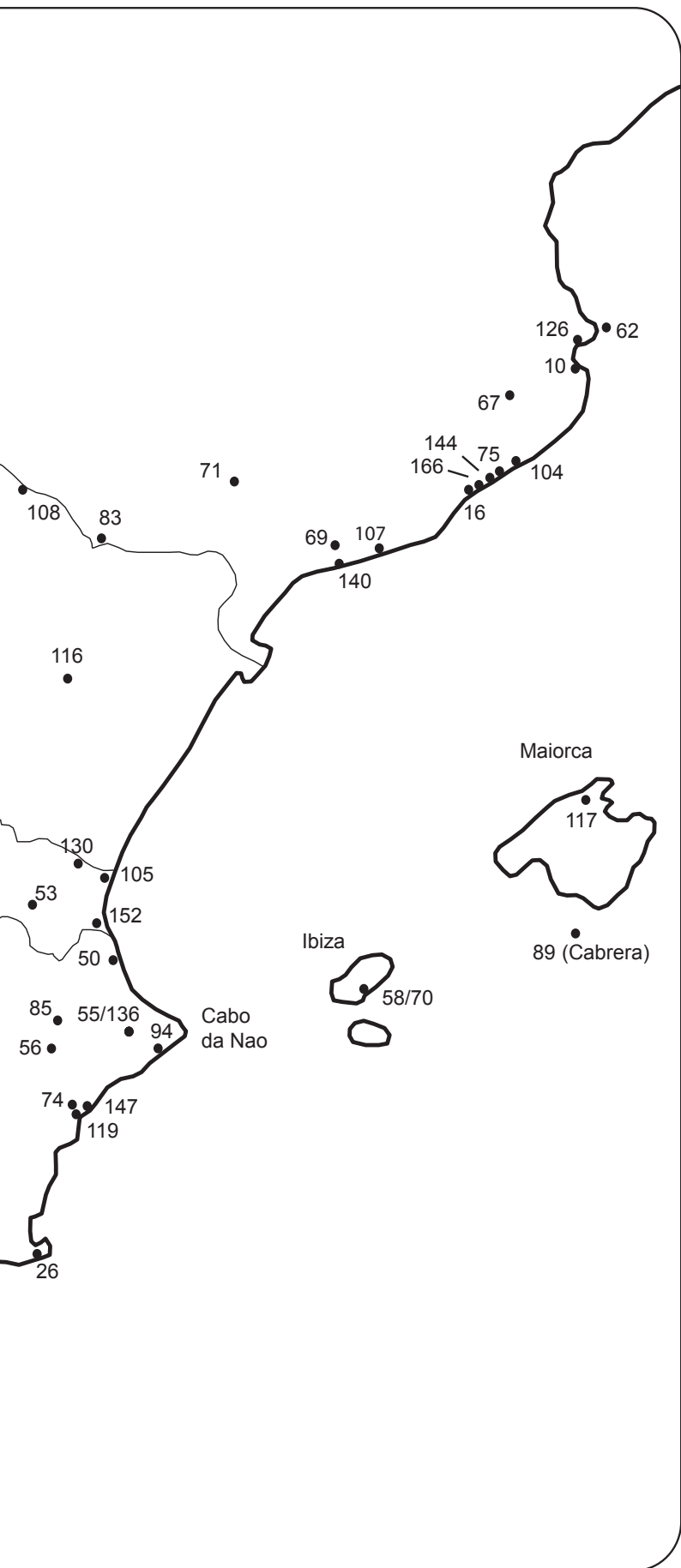
## Anexo 4.

Mapa da Península Ibérica com os sítios mencionados no texto









- |     |                                  |     |                                      |
|-----|----------------------------------|-----|--------------------------------------|
| 1   | Chãos Salgados / Mirobriga?      | 77  | Irún                                 |
| 2   | Adra / Abdera                    | 81  | Iruña-Pamplona / Veleia              |
| 4   | Alcácer do Sal / Salacia         | 78  | Italica                              |
| 167 | Alcalá de Henares                | 79  | Iuliobriga                           |
| 156 | Alcaria das Choças               | 80  | La Almagra                           |
| 6   | Alcouthim                        | 160 | La Olmeda                            |
| 7   | Aljustrel / Vipasca              | 82  | Leon                                 |
| 8   | Almeria                          | 83  | Lepida-Celsa                         |
| 9   | Alto do Cidreira                 | 84  | Lezíria                              |
| 156 | Ammaia                           | 85  | Libisosa Foroaugustana               |
| 10  | Ampúrias                         | 86  | Lisboa / Olisipo                     |
| 3   | Arcaya                           | 87  | Lobeira Grande                       |
| 11  | Arcobriga                        | 88  | Longos Vales                         |
| 12  | Astorga / Asturica               | 90  | Los Matagallares                     |
| 13  | Azeitada                         | 91  | Lugo / Lucus Augusti                 |
| 14  | Azinhal                          | 92  | Málaga                               |
| 16  | Badalona - Baetulo               | 169 | Mallén                               |
| 15  | Baelo                            | 93  | Manta Rota                           |
| 17  | Balsa                            | 95  | Mérida / Emerita Augusta             |
| 168 | Baños de Valdearados             | 96  | Mértola - Myrtilis                   |
| 166 | Barcelona / Barcino              | 157 | Mileu                                |
| 18  | Begastri                         | 97  | Milreu                               |
| 19  | Beja / Pax Iulia                 | 98  | Monte da Cegonha                     |
| 20  | Bilbilis                         | 165 | Monte Molião-Lagos / Lacobriga       |
| 5   | Borja / Bursao                   | 101 | Monte Mozinho                        |
| 21  | Braga / Bracara Augusta          | 100 | Monte Novo do Castelinho             |
| 22  | Brigantium                       | 102 | Montinho das Laranjeiras             |
| 159 | Burgos                           | 103 | Moraime                              |
| 23  | Cabeço do Vouga                  | 104 | Morè                                 |
| 62  | Cala Culip                       | 106 | Munigua                              |
| 24  | Cardílio                         | 107 | Munts                                |
| 25  | Cárquere                         | 109 | Noville                              |
| 26  | Cartago Nova                     | 110 | Numância                             |
| 27  | Carteia                          | 111 | Padrãozinho                          |
| 28  | Castelo das Guerras              | 112 | Palência                             |
| 29  | Castro de Elvina                 | 113 | Paredes                              |
| 31  | Castro de Vigo                   | 114 | Parreitas                            |
| 30  | Castro Marim                     | 116 | Poblado de S. Esteban                |
| 32  | Castro Urdiales / Flaviobriga    | 117 | Pollentia                            |
| 33  | Cerro da Vila                    | 118 | Portimão                             |
| 34  | Cerro del Cabezo / Mirobriga     | 119 | Portus Illicitanus                   |
| 35  | Chaminé                          | 120 | Povos                                |
| 36  | Chaves / Aquae Flaviae           | 121 | Puebla de D. Fadrique                |
| 37  | Choças e Alcarias                | 122 | Quinta das Longas                    |
| 38  | Cidadela                         | 123 | Quinta do Marim                      |
| 39  | Cirro                            | 161 | Quintanilla de la Cueva              |
| 40  | Citânia de Briteiros             | 124 | Rebolleda-Camesa                     |
| 41  | Citânia de Sanfins               | 162 | Relea                                |
| 65  | Clunia                           | 125 | Represas                             |
| 42  | Coaña                            | 126 | Roses                                |
| 43  | Coimbra / Aeminium               | 127 | Rosinos de Vidriales / Ala II Flavia |
| 44  | Comenda                          | 128 | Rouca                                |
| 45  | Complutum                        | 129 | S. Cucufate                          |
| 46  | Conimbriga                       | 130 | Saguntum                             |
| 47  | Córdova                          | 163 | Santa Bárbara                        |
| 48  | Courela dos Chãos                | 131 | Santa Tecla                          |
| 49  | Cuevas de los Cabañiles          | 132 | Santarém / Scallabis                 |
| 50  | Cullera / Portus Sucronem        | 133 | Santiago de Compostela               |
| 51  | Deixa-o-Resto                    | 108 | Saragoça / Caesaraugusta             |
| 52  | Ecija                            | 134 | Segobriga                            |
| 53  | Edeta                            | 135 | Senhora do Pilar                     |
| 158 | El Burgo de Osma / Uxama Argaela | 136 | Serreta                              |
| 56  | El Monastil / Ello               | 137 | Setúbal                              |
| 89  | El Monastir                      | 115 | Sevilha / Hispalis                   |
| 55  | Elda                             | 138 | Sines                                |
| 57  | Ermidas-Barcabao                 | 139 | Sta. Maria del Juncal                |
| 58  | Es Castell                       | 157 | Tarazona / Turiaso                   |
| 59  | Évora / Eborac                   | 140 | Tarraco                              |
| 60  | Faro / Ossoinoba                 | 141 | Terronha de Pinhovelo                |
| 61  | Fiães da Feira                   | 142 | Tiermes                              |
| 63  | Foroa                            | 164 | Toledo / Toletum                     |
| 64  | Fronteira                        | 143 | Torre de Palma                       |
| 94  | Garganes                         | 144 | Torre Llauder                        |
| 66  | Gijón                            | 145 | Torres Novas                         |
| 67  | Girona / Gerunda                 | 146 | Torres Vedras                        |
| 105 | Grau Vell                        | 147 | Tossal de Manises / Lucentum         |
| 99  | Herdade dos Conqueiros           | 148 | Tourega                              |
| 68  | Herrera de Pisuerga              | 149 | Tróia                                |
| 69  | Hospitals                        | 150 | Vaiamonte                            |
| 70  | Ibiza / Ebusus                   | 151 | Valdoca                              |
| 54  | Idanha-a-Velha / Egitania        | 152 | Valência                             |
| 71  | Ilerda                           | 153 | Valeria                              |
| 72  | Ilha da Berlenga                 | 154 | Vigo - Vicus                         |
| 73  | Ilha do Pessegueiro              | 155 | Vila Viçosa                          |
| 74  | Ilici                            |     |                                      |
| 75  | Iluro                            |     |                                      |
| 76  | Iria Flavia                      |     |                                      |

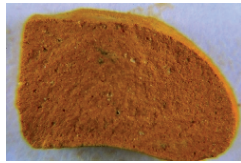


**Anexo 5.**  
**Fotos dos fabricos de *terra sigillata***  
**e cerâmica africana de cozinha de Chãos Salgados**

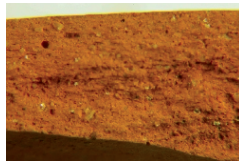




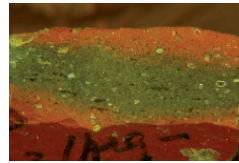




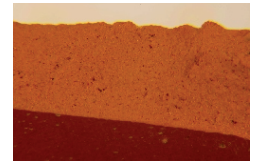
Arq-6949  
(TSAf A1 - H3B)



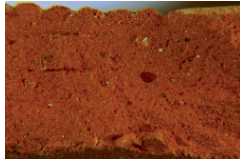
Arq-3218  
(TSAf A2 - H14B)



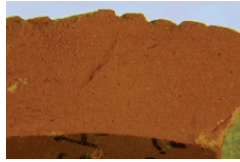
Arq-2954  
(TSAf A2 - H14 com roleta)



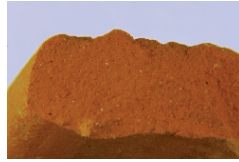
Arq-1357  
(TSAf C1/C2 - H50A)



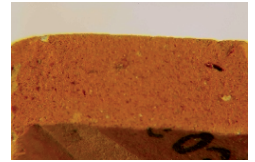
Arq-3502  
(TSAf C3 - Ind.)



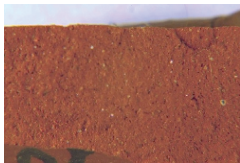
Arq-3066  
(TSAf C3 -  
H48B, nn. 6-9, 10(?))



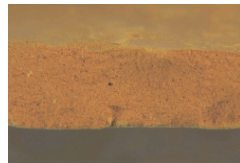
Arq-1262  
(TSAf C3 Rel. Apl. -  
H52B)



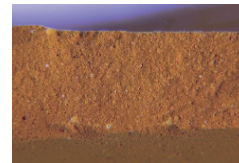
Arq-3233  
(TSAf C4 -  
Delgado, 1968, ta.III, n.1)



Arq-6880  
(TSAf C/E - H45A ou B)



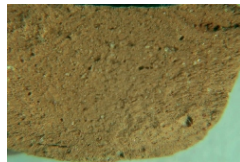
Arq-864  
(TSAf E fina - H45A)



Arq-3044  
(TSAf E porosa - H45A ou 46)



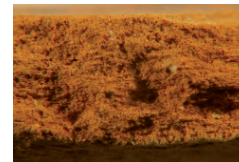
Arq-1190  
(TSAf Sidi Aich? -  
Stern X d-e)



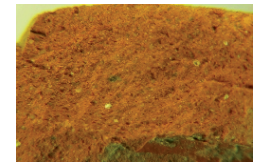
Arq-552+Mir-996-36  
(TSAf Henchir es-Srira? -  
Stern X-b/XXXIX)



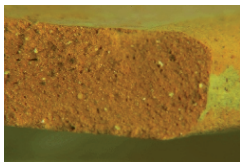
Arq-804  
(TSAf D1 - H59B)



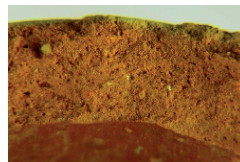
Mir-51-3+125-3276  
(TSAf D2 - L59=H79-  
Atlante, XXXIX, 7-F35-4)



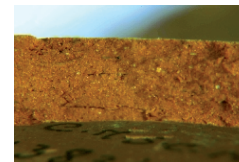
Arq-1118  
(TSAf A/D - H33)



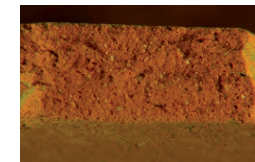
Arq-2951  
(TSAf afim a A/D - H31)



Arq-446  
(Cer Afr Coz - Bizacena -  
pol / eng / pat cinz -  
H181C)



Arq-2874  
(Cer Afr Coz - Bizacena -  
pol / eng / pat branco-amar -  
H181C)



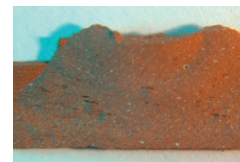
Arq-1116+1133+1141+1148  
(Cer Afr Coz - Zeugitânia -  
engobe - H196)



Mir-14-30 (TSSG - Pasta 1- Prato)



Mir-168-2 (TSSG - Pasta 2 - Prato)



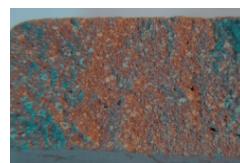
Mir-4-20+22 (TSSG - Pasta 3 - Prato)



Mir-24-7  
(TSH La Rioja - Grupo 1- Ind)



Mir-681-23  
(TSH La Rioja - Grupo 2 -  
Drag. 15/17)



Mir-24-3  
(TSH Andújar - Grupo 3 -  
Ind)



Mir-3-56  
(TSH Andújar - Grupo 4 -  
Prato)

Largura real das fotos -11mm



**Anexo 6.**  
**Tabela de cores de A. Cailleux (s.d.),**  
**abreviaturas usadas no texto e**  
**valores de importação média anual (IMA) aplicados**



Código	Cor	Código de Munsell
K29	Rosa	2,5 YR 8/4
K30	Rosa	5 YR 8/3
K51	Branco	10 YR 9/2
K70	Rosa	7,5 YR 8/4
K71	Branco	10 YR 9/2
K73	Branco	2,5 Y 9/0
K90	Amarelo claro	2,5 Y 9/4
K91	Castanho muito claro	10 YR 8/3
K92	Branco	5 YR 8/1
L25	Rosa	10 R 7/3
L35	Rosa	5 YR 8/4
L47	Rosa	2,5 YR 7/4
L49	Rosa	5 YR 8/4
L50	Rosa	2,5 YR 8/4
L57	Amarelo vermelho	7,5 YR 8/6
L67	Amarelo vermelho	7,5 YR 8/6
M20	Amarelo vermelho	5 YR 7/6
M25	Castanho vermelho claro	2,5 YR 6/4
M35	Rosa	5 YR 7/4
M37	Vermelho claro	2,5 YR 6/6
M39	Vermelho claro	2,5 YR 6/8
M40	Rosa	2,5 YR 7/8
M45	Amarelo vermelho	5 YR 7/7
M47	Castanho vermelho claro	2,5 YR 6/4
M49	Rosa	5 YR 7/4
M51	Cinzeno rosa	5 YR 7/2
M67	Rosa	7,5 YR 7/4
M69	Rosa	7,5 YR 7/4
N19	Vermelho claro	10 R 6/6
N20	Vermelho claro	10 R 6/8
N25	Vermelho pálido	10 R 6/4
N35	Castanho vermelho claro	5 YR 6/3
N37	Vermelho claro	2,5 YR 6/8
N39	Vermelho claro	2,5 YR 6/8
N45	Amarelo vermelho	5 YR 6/6
N47	Vermelho	2,5 YR 5/6
N51	Cinzeno rosa	5 YR 6/2
N55	Castanho vermelho claro	5 YR 6/4
N90	Castanho amarelo claro	2,5 Y 6/4
P15	Vermelho	7,5 R 5/6
P19	Vermelho	10 R 5/8
P20	Vermelho	2,5 YR 5/6
P31	Cinzeno	7,5 R 5/0
P35	Castanho vermelho	5 YR 5/3
P37	Vermelho	2,5 YR 5/8
P39	Vermelho claro	2,5 YR 6/8
P40	Vermelho	2,5 YR 5/8
P45	Vermelho amarelo	5 YR 5/8
P47	Vermelho amarelo	5 YR 5/6
P50	Castanho vermelho	5 YR 5/4
R13	Vermelho fraco	7,5 R 4/4
R15	Vermelho	10 R 4/8
R17	Vermelho	7,5 R 4/6
R19	Vermelho	10 R 5/6
R20	Vermelho	2,5 YR 4/6
R39	Vermelho	2,5 YR 5/7
S17	Vermelho	10 R 4/8
S19	Vermelho fraco	10 R 4/4
S20	Vermelho fraco	10 R 4/4
S39	Vermelho	2,5 YR 4/6

Tabela 1: Códigos de cores de A. Cailleux (s.d.) usados no texto.

Abreviatura	Por extenso	Abreviatura	Por extenso
TSOr. A	<i>Terra sigillata</i> oriental A	DSP	Dérivée de sigillée, paléochrétienne
TSTrip.	<i>Terra sigillata</i> tripolitana	CAC	Cerâmica africana de cozinha
TSI	<i>Terra sigillata</i> itálica	CAC eng	<i>Idem</i> com técnica de engobe
TSTI	<i>Terra sigillata</i> tardo-itálica	CAC pat cinz	<i>Idem</i> com técnica de patine cinzenta
TSSG	<i>Terra sigillata</i> sudgálica	db	Diâmetro de bordo
TSCG	<i>Terra sigillata</i> centrogálica	dp	Diâmetro de pé-de-anel
TSH	<i>Terra sigillata</i> hispânica	dc	Diâmetro de carena
TSAf.	<i>Terra sigillata</i> africana	hbc	Altura entre o bordo e a carena
TSLuz.	<i>Terra sigillata</i> luzente	hp	Altura do pé-de-anel
TSHT	<i>Terra sigillata</i> hispânica tardia	dintb	Diâmetro interno do bordo
TSFT	<i>Terra sigillata</i> foceense tardia	IMA	Importação Média Anual
TSCT	<i>Terra sigillata</i> cipriota tardia	NMI	Número Mínimo de Indivíduos

Tabela 2: Abreviaturas de fabricos e cálculos estatísticos usados no texto.



<b>Produção</b>	<b>Anos de produção</b>
TSOr. A	100
TSTrip.	50
TSI	50
TSTI	50
TSSG	60
TSCG	60 (Chãos Salgados)
TSH Prec.	50
TSH	100
La Rioja	80
Andújar	100
TSH intermédia	80 (Chãos Salgados)
Outras TSH	80
TSAf A	180
TSAf C	200
TSAf D	250
TSAf A/D	150
TSAf C/E	125
TSAf E	100
TSAf Produções continentais	200
TSLuz	150
TSHT	200
TSFT	80
TSCT	80
DSP	100

Tabela 3: Anos de produção aplicados no cálculo da Importação média anual dos fabricos de *terra sigillata* na tabela 2 do anexo 7.

**Anexo 7.**  
**Tabelas estatísticas de *terra sigillata***  
**em sítios da Península Ibérica**  
**(Quantitativos, Importação média anual**  
**e Quantitativos de oleiros)**

Anexo 7. Tabela 1

Sítio	Total	TS Oriental A	TSI	TSTI	TSSG	TSH precoce	TSH				
							Total	La Rioja	Andújar	Granada	La Rioja/Meseta
<i>Adra / Abdera</i>	?		4,30%		18,50%		13,60%				
<i>Aeminium</i>	c. 200		50,70%		49,30%						
Alcácer do Sal	1073		292		370		411				
Almeria	660				80		51				
<i>Villa do Alto do Cidreira</i>	283				15		17		17		
<i>Ammaia</i>	290 NMI		8		26		151	hegemónico			
<i>Arcobriga</i>	852		17		62		770	hegemónico			
<i>Azeitada</i>	108		4		61		37				
<i>Baelo</i>	11575		792		3085		1319	714	605		
<i>Baetulo</i>	?		38,80%		58,60%		2,60%				
<i>Balsa</i>	948 NMI		73		393	49	73				
<i>Begastri</i>	?		16,67%		44,93%		38,40%				
<i>Bilbilis</i>	141		6		29		106				
Braga	10660		289	1	801		3660	3640	8	12	
<i>Brigantium</i>	1467		2		9		1214				
Cardílio	123		10		70		38				
<i>Cartago Nova</i>	914				914						
Castro de Elvina	43				4		39				
Castro Marim	587 NMI		84		399	22	78				
Castro Urdiales / <i>Flaviobriga</i>	669		1		112		469	469			
Cerro del Cabezo / <i>Mirobriga</i>	?		46,74%		20,22%		33,03%				
Chaves / <i>Aquae Flaviae</i>	142		1		13		125	125			
Cidadela	775										
Cirro	137						135				
<i>Complutum</i>	2106		35		60		1464				
<i>Conimbriga</i>	5281		744		1584		1489				
Córdoba	?										
Ecija	?		“pouca”		“abun- dante”		“maiori- tária”				
<i>Egitania</i>	162 NMI		7		20		126				
Ello	?		28,68%		68,85%		2,45%				
<i>Faro / Ossonoba</i>	408 NMI	1	31		114	14	51				
Herrera de Pisuerga	c. 2060		560		500	40 (local)	1000				
Ibiza	169 marcas		104		54		11	11			
Ilha do Pessegueiro	1894				754		691	193	359		
<i>Ilici</i>	998		297		604		97	maioria	minoria		
<i>Iria Flavia</i>	669		2		68		549				
<i>Iuliobriga</i>	1147		30		214		903	903			
Lezíria	109		24		38		47				
<i>Libisosa Foroaugustana</i>	?		14,69%		32,55%		52,76%		maioria		
<i>Lucus Augusti</i>	3346		61		253		2232				
Málaga	103 marcas		26		65		12				
Necrópole de Sa Corrotja (Maiorca)	?		34,30%		44,20%		21,30%	totalidade			
Ilha de Menorca	?		60%		30%		10%	totalidade			
Mérida	330 marcas		26		304						

Quantitativos dos fabricos de terra sigillata na Península Ibérica													
Bronchales	Ind.	TS Af. A	TS Af. A/D	TS Af. C	TS Af. C/E	TS Af. E	TS Af. D	TSHT	TSFT	TSCT	DSP	TS Lucente	Bibliografia
		42,30%											Pradales Cipres, 1993
													Carvalho, 1998
													Dias, 1978, Sepúlveda; Faria; Faria, 2000
		304		65			149		2		3	6	García Lopez; Cara Barrionuevo, 1995
		59	1	45	1		148		3		2		Nolen, 1988
		3		16			41	45					Pereira, 2006
presente								2				1	Caballero Zoreda, 1992
		3		1			2						Quinteira, 1998
		1953	127	1058	17	15	3077		160	11	10	99	Bourgeois; Mayet, 1991
													Tarrats Bou, 1992
		109		90			135		9		6	6	Viegas, 2008
													Poveda Navarro, 1999
													Martin Bueno, 1976
		27	1	169	4		1013	888	86	2	5		Morais, 2005; Quaresma; Morais, no prelo
		1		10			20	186	15				López Pérez, 2004
		1		3			1						Alarcão; Alarcão, 1966-1967
													Castellano Castillo, 2000
													López Pérez, 2004
		2		1			1					2	Viegas, 2006b
							1	86					Alvarez Santos, 2005; Ruiz Gutierrez, 1997-1998
													Pastor Muñoz; Pachón Romero; Carrasco Rus, 1992
				1									Carneiro; Lopes, 2005
							9	51	4				López Pérez, 2004
								2					López Pérez, 2004
			2	4			26				4		Fernández Galiano, 1984
		22		268	3		686	439	95				Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
		11,50%		39,80%			47,70%						Sierra Fernández, 1995
													Rodríguez Temiño; Pariente de Leon, 1987
			1	1			2	5					Pereira, 2006
													Poveda Navarro, 2005
		34		23			124		7		2	7	Viegas, 2007
													Perez Gonzalez, 1989
													Fernández; Granados; González Villaescusa, 1992
	138	302		105			42						Silva; Soares, 1993
													Montesinos i Martínez, 1998
				3			12	34	1				López Pérez, 2004
													Alvarez Santos, 2005
													Arruda; Dias, 1985
													Poveda Navarro, 1999
								640					Alcorta Irastorza, 2001; Carreño Gascón, 1997
													Serrano Ramos; Atencia Paez, 1981
													Roca Roumens; Orfila Pons (1987)
													Roca Roumens; Orfila Pons (1987)
													Mayet, 1978

Anexo 7. Tabela 1 (continuação)											
Sítio	Total	TS Oriental A	TSI	TSTI	TSSG	TSH precoce	TSH				
							Total	La Rioja	Andújar	Granada	La Rioja/Meseta
Morè	184		8	1	63		15				
Mte. Mozinho	2136		61		532		1426	1369			
Montinho das Laranjeiras	233				6		36	1	35		
Moraime	115						40				
Numância	1128		52		47		1029				
Munigua (casa 2)	219		14		58		24				
Noville	20						6				
Parreitas	265										
Pollentia (Maiorca)	?		60%		32%		8%	totalidade			
<i>Portvs Ilicitanvs</i>	231		35		27		7				
Povos	293				35		80	54	26		
Quinta do Marim	244				60		74	43	31		
Rebolleda-Camesa	473				7		466				
Represas	6481		830		2061		2243	1711	532		
Rosinos de Vidriales / Ala II Flavia	870		60		43		750				
S.Cucufate	3414		19		175		1025	504	521		
<i>Saguntum</i>	?		24,90%		62,70%		12,38%	maioria			
Santarém	803 NMI	3	301		246		103	30	19		
<i>Segobriga</i>	2060		507		712		797	maioria			
Serreta	?		11,49%	7	52,66%		35,85%	maioria	minoría		
Sta. Maria del Juncal	348		3		273		60				
Santiago de Compostela (Catedral)	56						53				
Sudeste da P.I.	?						?	61,91%	14,21%		
<i>Tarraco</i>	1991										
<i>Tarraco</i> (Passatge de Cobos)	670 marcas		37,60%		61,80%		0,60%				
<i>Tarraco</i> (Ventura Solsona, 1948-1949)	? marcas		59,70%		40,20%		0,10%				
<i>Tiermes</i>	523				11		395				
Tossal de Manises / <i>Lucentum</i>	425 marcas		124	48	233		10	maioria			
Villa da Tourega	193		13		40		62	53	9		
Troia	2478		8		302		119				
Valência			10,96%		31,87%		57,16%	maioria			
<i>Valeria</i>	452		41		171		240	42,02%			40,40%
Vigo (Rúa Rosalía de Castro)	43										



Quantitativos dos fabricos de terra sigillata na Península Ibérica													
Bronchales	Ind.	TS Af. A	TS Af. A/D	TS Af. C	TS Af. C/E	TS Af. E	TS Af. D	TSHT	TSFT	TSCT	DSP	TS Lucente	Bibliografia
	57	47		3			29				11	7	VV.AA., 1997
													Carvalho, 1993
		145	1	15	2	2	21	3	2				Coutinho, 1997
							11	63	1				López Pérez, 2004
													Romero Carnicero, 1985
		15		22		8	74	2			1	1	Meyer; Basas; Teichner, 2001
							2	10	2				López Pérez, 2004
		59		25			122						Dias, 2008
													Roca Roumens; Orfila Pons (1987)
		12		10			120				1	17	González Prats, 1984
		46		30			97	1		4			Dias, 1995-1997
				9			2						Silva; Soares; Coelho-Soares, 1992
													Alvarez Santos, 2005
		532	5	179	12		507	75	4			10	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Lopes, 1994
								16			1		Carretero Vaquero, 2000
		564		702			809	114	2		1	1	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994
													Montesinos i Martínez, 1998
		39		15			70	11	10				Viegas, 2003
					4			8				32	Almagro-Gorbea; Lorrio, 1989
		3		1			2						Poveda Navarro, 2005
								12					Izquierdo, 1994
								3					López Pérez, 2004
	23,88% (La Rioja?)												Poveda Navarro, 1999
		489	4	132			1366						Aquilué Abadias, 1992
													Tarrats Bou, 1992
													Tarrats Bou, 1992
								92			13		Casa Martinez; et Al., 1994; Argente Olivier; Diaz Diaz, 1994
minoría													Ribera i Lacomba, 1988-1999; Poveda Navarro, 2005
		12		34			32	3					Pinto; Viegas; Dias, 2004
		177		419			1429	3	7		5	9	Etienne; Makaroun; Mayet, 1994
minoría 17,55%													Montesinos i Martínez, 1992
				1		1	14	1	23	2	1		Fernández Fernández; Soto Arias, 2008

Anexo 7. Tabela 2

Sítio	Total	TS Oriental A	TSI	TSTI	TSSG	TSH precoce	TSH				
							Total	La Rioja	Andújar	Granada	La Rioja/Meseta
<i>Adra / Abdera</i>	?		4,30%		18,50%		13,60%				
<i>Aeminium</i>	c. 200										
Alcácer do Sal	1073		5,84		6,16		4,11				
Almeria	660				1,33		0,51				
Villa do Alto do Cidreira	283				0,25		0,17		0,17		
<i>Ammaia</i>	290 NMI		0,16		0,43		15,1				
<i>Arcobriga</i>	852		0,34		1,03		7,7	hegemónico			
Azeitada	108		0,08		1,01		0,37				
<i>Baelo</i>	11575		15,84		51,41		13,19	8,9	6,05		
<i>Baetulo</i>	?		38,80%		58,60%		2,60%				
<i>Balsa</i>	948 NMI		1,46		6,55	0,98	0,73				
<i>Begastri</i>	?		16,67%		44,93%		38,40%				
<i>Bilbilis</i>	141		0,12		0,48		1,06				
Braga	10660		5,8	0,02	13,55		36,6	45,5	0,08	0,15	
<i>Brigantium</i>	1467		0,04		0,15		12,14				
Cardílio	123		0,2		1,16		0,38				
<i>Cartago Nova</i>	914				15,28						
Castro de Elvina	43				0,06		0,39				
Castro Marim	587 NMI		1,68		6,65	0,44	0,78				
Castro Urdiales / <i>Flaviobriga</i>	669		0,02		1,86		4,69	4,69			
Cerro del Cabezo / <i>Mirobriga</i>	?		46,74%		20,22%		33,03%				
Chaves / <i>Aquae Flaviae</i>	142		0,02		0,21		1,56	1,56			
Cidadela	775						7,11				
Cirro	137						1,35				
<i>Complutum</i>	2106		0,7		1		14,64				
<i>Conimbriga</i>	5281		14,88		26,4		14,89				
Córdoba	?										
Ecija	?		“pouca”		“abun- dante”		“maiori- tária”				
<i>Egitania</i>	162 NMI		0,14		0,33		12,6				
Ello	?		28,68%		68,85%		2,45%				
<i>Faro / Ossonoba</i>	408 NMI	0,01	0,62		1,9	0,28	0,51				
Herrera de Pisuerga	c. 2060		11,2		8,3	(local)	10				
Ibiza	169 mar- cas		2,08		0,9		0,11	0,13			
Ilha do Pessegueiro	1894				12,56		6,91	2,41	3,59		
<i>Ilici</i>	998		5,94		10,06		0,97	maioria	minoría		
<i>Iria Flavia</i>	669		0,04		1,13		5,49				
<i>Iuliobriga</i>	1147		0,6		3,56		9,03	9,03			
Lezíria	109		0,48		0,63		0,47				
<i>Libisosa Foroaugustana</i>	?		14,69%		32,55%		52,76%		maioria		
<i>Lucentum</i>	?		39%		53%		8%				
<i>Lucus Augusti</i>	3346		1,22		4,21		22,32				
Málaga	103 marcas		0,52		1,08		0,12				
Mileu	217 NMI		0,02				21,6				
Moraime	115						0,4				
Necrópole de Sa Corrotja (Maiorca)	?		34,30%		44,20%		21,30%	totalidade			

**Importação Média Anual dos fabricos de *terra sigillata* na Península Ibérica**

Bronchales	Ind.	TS Af. A	TS Af. A/D	TS Af. C	TS Af. C/E	TS Af. E	TS Af. D	TSHT	TSFT	TSCT	DSP	TS Lucente	Bibliografia
		42,30%											Pradales Cipres, 1993
													Carvalho, 1998
													Dias, 1978, Sepúlveda; Faria; Faria, 2000
		1,68		0,32			0,59		0,02		0,03	0,04	García Lopez; Cara Barrionuevo, 1995
		0,32	0,006	0,225	0,008		0,59		0,03		0,02		Nolen, 1988
		0,016		0,08			0,16	0,22					Pereira, 2006
presente								0,01				0,006	Caballero Zoreda, 1992
		0,01		0,005			0,008						Quinteira, 1998
		10,85	0,84	5,29	0,136	0,15	12,3		2	0,13	0,1	0,66	Bourgeois; Mayet, 1991
													Tarrats Bou, 1992
		0,6		0,45			0,54		0,11		0,06	0,04	Viegas, 2008
													Poveda Navarro, 1999
													Martin Bueno, 1976
		0,15	0,006	0,84	0,032		4,05	4,44	1,07	0,02	0,05		Morais, 2005; Quaresma; Morais, no prelo
		0,005		0,05			0,08	0,93	0,18				López Pérez, 2004
		0,005		0,015			0,004						Alarcão; Alarcão, 1966-1967
													Castellano Castillo, 2000
													López Pérez, 2004
		0,01		0,005			0,004					0,01	Viegas, 2006b
							0,004	0,43					Alvarez Santos, 2005; Ruiz Gutierrez, 1997-1998
				0,005									Pastor Muñoz; Pachón Romero; Carrasco Rus, 1992
							0,03	0,25	0,05				Carneiro; Lopes, 2005
								0,01					López Pérez, 2004
			0,01	0,02			0,1				0,04		López Pérez, 2004
													Fernández Galiano, 1984
		0,12		1,34	0,024		2,74	2,19	1,18				Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
		11,50%		39,80%			47,70%						Sierra Fernández, 1995
													Rodríguez Temiño; Pariente de Leon, 1987
			0,006	0,005			0,008	0,025					Pereira, 2006
													Poveda Navarro, 2005
		0,18		0,11			0,49		0,08		0,02	0,04	Viegas, 2007
													Perez Gonzalez, 1989
													Fernández; Granados; González Villaescusa, 1992
	1,72	1,67		0,52			0,16						Silva; Soares, 1993
													Montesinos i Martínez, 1998
				0,015			0,048	0,17	0,01				López Pérez, 2004
													Alvarez Santos, 2005
													Arruda; Dias, 1985
													Poveda Navarro, 1999
													Poveda Navarro, 2005
								3,2					Alcorta Irastorza, 2001; Carreño Gascón, 1997
													Serrano Ramos; Atencia Paez, 1981
													Pereira, 2006
							0,04	0,31	0,01				López Pérez, 2004
													Roca Roumens; Orfila Pons (1987)

Anexo 7. Tabela 2 (continuação)

Sítio	Total	TS Oriental A	TSI	TSTI	TSSG	TSH precoce	TSH				
							Total	La Rioja	Andújar	Granada	La Rioja/Meseta
Morè	184		0,16	0,02	1,05		0,15				
Mte. Mozinho	2136		1,22		8,86		14,26	17,11			
Montinho das Laranjeiras	233				0,1		0,36	0,01	0,35		
Numância	1128		1,04		0,78		10,29				
Munigua (casa 2)	219		0,28		0,96		0,24				
Noville	20						0,06				
Parreitas	265										
<i>Pollentia</i> (Maiorca)	?		60%		32%		8%	totalidade			
<i>Portvs Illicitanvs</i>	231		0,7		0,45		0,07				
Povos	293				0,58		0,8	0,67	0,26		
Quinta do Marim	244				1		0,74	0,53	0,31		
Rebolleda-Camesa	473				0,11		4,66				
Represas	6481		16,6		34,35		22,43	21,38	5,32		
Rosinos de Vidriales / Ala II Flavia	870		1,2		0,71		7,5				
S.Cucufate	3414		0,38		2,91		10,25	6,3	5,21		
<i>Saguntum</i>	?		24,90%		62,70%		12,38%	maioria			
Santarém	803 NMI	0,03	6,02		4,1		1,03	0,37	0,19		
<i>Segobriga</i>	2060		10,14		11,86		7,97	maioria			
Serreta	?		11,49%	0,14	52,66%		35,85%	maioria	minoría		
Santiago de Compostela (Catedral)	56						0,53				
Sta. Maria del Juncal	348		0,06		4,55		0,6				
Sudeste da P.I.	?						?	61,91%	14,21%		
<i>Tarraco</i>	1991										
<i>Tarraco</i> (Passatge de Cobos)	670 marcas		37,60%		61,80%		0,60%				
<i>Tarraco</i> (Ventura Solsona, 1948-1949)	? marcas		59,70%		40,20%		0,10%				
<i>Tiermes</i>	523				0,18		3,95				
Tossal de Manises / <i>Lucentum</i>	425 marcas		2,48	0,96	3,88		0,1	maioria			
Villa da Tourega	193		0,26		0,66		0,62	0,66	0,09		
Troia	2478		0,16		5,03		1,19				
Valência			10,96%		31,87%		57,16%	maioria			
Valeria	452		0,82		2,85		2,4	42,02%			40,40%
Vigo (Rúa Rosalía de Castro)	43										

Importação Média Anual dos fabricos de <i>terra sigillata</i> na Península Ibérica													
Bronchales	Ind.	TS Af. A	TS Af. A/D	TS Af. C	TS Af. C/E	TS Af. E	TS Af. D	TSHT	TSFT	TSCT	DSP	TS Lucente	Bibliografia
		0,26		0,015			0,11				0,11	0,04	VV.AA., 1997
	0,71												Carvalho, 1993
		0,8	0,006	0,075	0,01	0,02	0,08	0,01	0,02				Coutinho, 1997
													Romero Carnicero, 1985
		0,08		0,11		0,08	0,29	0,01			0,01	0,006	Meyer; Basas; Teichner, 2001
								0,05	0,02				López Pérez, 2004
		0,1		0,12			0,48						Dias, 2008
													Roca Roumens; Orfila Pons (1987)
		0,06		0,05			0,48				0,01	0,11	González Prats, 1984
		0,25		0,15			0,38	0,005		0,05			Dias, 1995-1997
		0,53 ("predomínio da H23")		0,045			0,008						Silva; Soares; Coelho-Soares, 1992
													Alvarez Santos, 2005
		2,95	0,5	0,895	0,096		2,02	0,37	0,04			0,06	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994; Lopes, 1994
								0,08			0,01		Carretero Vaquero, 2000
		3,13		3,51			3,23	0,57	0,02		0,01	0,006	Étienne; Makaroun; Mayet, 1994
													Montesinos i Martínez, 1998
		0,21		0,075			0,28	0,05	0,12				Viegas, 2003
				esporádico					0,04			0,21	Almagro-Gorbea; Lorrio, 1989
		0,01		0,005			0,008						Poveda Navarro, 2005
								0,01					López Pérez, 2004
								0,06					Izquierdo, 1994
	23,88% (La Rioja?)												Poveda Navarro, 1999
		2,71	0,2	0,66			5,46						Aquilué Abadias, 1992
													Tarrats Bou, 1992
													Tarrats Bou, 1992
								0,46			0,13		Casa Martinez; et Al., 1994; Argente Olivier; Diaz Diaz, 1994
minoría													Ribera i Lacomba, 1988-1999; Poveda Navarro, 2005
		0,06		0,17			0,12	0,01					Pinto; Viegas; Dias, 2004
		0,98		2,09			5,71	0,015	0,08		0,05	0,06	Etienne; Makaroun; Mayet, 1994
minoría													Montesinos i Martínez, 1992
17,55%													Sanchez-Lafuente, 1985
				0,005		0,01	0,05	0,005	0,28	0,02	0,01		Fernández Fernández; Soto Arias, 2008



Anexo 7 - Tabela 3																													
Produção	TSI										TSSG																		
	P. Cornelius	P. Cornelius / Anteros	P. Cornelius + outro	Anteros	C. Tap(urius?)	Vibienus	C. Vibienus	Xanthus	Anepigrafa	Bassvs i	Chrestvs/io	Ivcvndvs	Ivcvndvs i	Ivcvndvs ii	Iulius Upus	Labio	Libertvs	Maccarus	MascvNs i	Mercator	Mommo	Mvrranvs	Mvrrus	Mvr-	Murrus ou Murranus	Nicivs	Nucius ou Passenus 5a	Passenus	
Total	40	5	48	2	3	8	15	32	1	50	95	97	4	2	2	48	8	27	37	9	81	54	26	1	1	8	4	37	
Chãos Salgados ( <i>Mirobriga?</i> )		1			1	1	1	1	1	2	1		2	1	1	1	1	4	1	2	2	1		1	1	2 ou 3	1		
Sines																	1			1									
Deixa-o-Resto																													
<i>Salacia</i> / Alcácer do Sal		1	2	1			1	1			1	1	2		1														
Troia																													
<i>Aeminium</i> / Coimbra											1																		
Alcoutim			1																										
<i>Ammaia</i>											1																		
Ampúrias	1									6	8	4			4		1	5	1	3	3	3							
<i>Arcobriga</i>	1							1													2						1	1	
<i>Astorga</i>	1	3			1																								
Azeitada								1?														1							
Azinhal											1																		
<i>Baelo</i>	3									4	3?	18			3	1	3	1		8 ou 9	3					1		4	
<i>Baetulo</i>			1												7		5												
<i>Pax Iulia</i> / Beja																													
<i>Bracara Augusta</i> / Braga		1								1		1					1	2		4	2					1			
Cárquere																													
<i>Cartago Nova</i>										4	4	7			1			1		4	4								
Castelo das Guerras	1							1																					
Castro Urdiales / <i>Flaviobriga</i>													1?																
Chaminé																						1							
Choças e Alcarias											1																		
Citânia de Briteiros											1	2									1								
Citânia de Sanfins																					1								
Coaña												1																	
<i>Conimbriga</i>	1	2		1	1							4			3		2	1		3		1					2	2	
<i>Complutum</i>																													
Coimbra (Museu Machado de Castro)																													
Cordoba	1																												
Cuevas de los Cabañiles												1																	
Ecija																					1								
<i>Edeta</i>									1																				
<i>Egitania</i>																					2	1							
<i>Elda</i>									2										1?		1								
Ello									3	1										1	2								
<i>Emporion</i>									6	8	4				4				5	1	3	3	3						2
Ermitas-Barcabao																													
Museu de Évora																						1							
Fiães da Feira											1																		
<i>Foroa</i>																		1											
Região da Galiza	1																				1								

Distribuição na Península Ibérica dos oleiros de <i>terra sigillata</i> presentes em Chãos Salgados																									
Passensvs 5a	Pater	Primvlvs	Primvs	Rvfinvs	Sabinvs	Silvinus ii	L.C.Virilil	Vitalis	Vitalis ii	Grafomorfas ou iliteratas	La Rioja							Andújar					Bibliografia		
											Caius Frontonius	MEM MI	Petronius	Octavius ou iulius Maternus	N. ( ) Protæ	Iunius ou Iulius Ma ( )	Flaccus Tritensis	Ianuarius	O ( ) V ( ) P ( ) C ( )	C (aius) A ( ) H ( )	C. S ou C ( ) S ( ) Tritensis	PES ( ) ou P. E ( ) S ( )		EX OF N/A	T ( ) I ( ) F ( )
5	7	18	110	34	75	33	12	133	2	14	1	3	3	1	4	6	10	1	1	13	4	1	2	1	
5	1	2	1	1	3	2	2		2	5	1	2	1	1	1?	1	1	1	1	2	1	1	1	1	
					1																				Diogo; Trindade; Costa, 1997
																									Artur, 1955-1956
				1																					Alarcão, 1971a; Dias, 1978; Diogo, 1980a; Faria, 1998; Faria; Ferreira; Diogo, 1987; Sepúlveda; Faria; Faria, 2000; Sepúlveda; et Al., 2002; Silva; et Al., 1980-1981
			1			1																			Baltasar, 1984-1985; Diogo, 1980b
																									Carvalho, 1998
																									Alarcão, 1971a
																									Pereira, 2006
	1		7			1		3																	Balil, 1959; Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
			1					1																	Caballero Zoreda, 1992
					1																				García Marcos, 2005
																									Quinteira, 1998
									1																Diogo, 1980b
		1	6	3	10	7		8								1				2	2				Bourgeois; Mayet, 1991; Pradales Cipres, 1993
		12																							Madrid Fernández, 1999b; 1999a; Comas; et Al., 1994,
								1																	Diogo, 1980b
	1		4	1	5			3				1			2								1		Delgado; Santos, 1984; Morais, 2005
	1																								Diogo, 1980b
			7	4	1	8	2	2																	Castellano Castillo, 2000
																									Diogo, 1980a
																									Perez Gonzalez, 1986-1989
																									Diogo, 1980b
					1																				Diogo, 1980b
																									Diogo, 1980b
																									Diogo, 1980b
																									Álvarez Santos, 2005
		2	1		3	1		1																	Delgado; Mayet; Alarcão, 1975
					1																				Rascón Marqués; et Al., 1994
															1										Alarcão, 1971b
																									Marcos Pous, 1977
																									Zarzalejos Prieto; Morillo Cerdán, 1994
																									Rodríguez Temiño; Pariente de Leon, 1987
								1																	Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
			1																						Diogo, 1980a
			2	1?				8																	Poveda Navarro; Ribera i Lacomba, 1985
			2		1			2																	Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
	1		7		7			3																	Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
																1?									Urturi Rodríguez, 1988
																									Ferreira, 1969
																									Diogo, 1980b
																									Álvarez Santos, 2005
				1																					Caamaño Gesto, 1979

Anexo 7 - Tabela 3 (continuação)																											
Produção		TSI							TSSG																		
Sítio / Oleiro	P. Cornelius	P. Cornelius / Anteros	P. Cornelius + outro Anteros	C. Tap(urius?)	Vibienus	C. Vibienus	Xanthus	Anepígrafa	Bassvs i	Chrestvs/io	Ivcvndvs	Ivcvndvs i	Ivcvndvs ii	Iulius Upus	Labio	Libertvs	Maccarus	Mascvlvs i	Mercator	Mommo	Mvrranvs	Mvrrus	Mvr-	Murrus ou Murranus	Nicivs	Nucius ou Passenus 5a	Passenus
Gigia											1																
Herrera de Pisuerga	1		1		1	1					1		1				1					1					
Ibiza	1						2			1									1	2	3						1
Ilerda																	1	1									
Ilici	1					1	5		3	1	5				1	1		1	1	3	2						
Iria Flavia									1																		
Irún											1						1										
Iruña																											
Italica	1									1																	1
Iuliobriga											1						1										
La Serreta			1						1											1							
Leon	1		16			3																					
Lepida-Celsa										1	1										3						
Lisboa / Olisipo	5		1			1	1			2	1			1?			1			3	2					1	
Lobeira Grande															1					1	1						
Lucus Augusti	1		1				1?				1							1					1				
Região de Málaga	2						1			1	1									3							3
Mérida	1		10						3	17	4				2	2	2	1		4	3						4
Mértola																											
Milreu										1																	
Monte do Meio							1																				
Monte Mozinho										2								1									
Montinho das Laranjeiras	1																										
Munigua											1																
Villa de Munts																											
Numância																											1?
Padrãozinho																											
Palência	2																										
Paredes															1												
Pollentia																		#		#							
Portvs Ilicitanvs							1			2	4				1					1	1						1
Povos																	1										
Provincia de Málaga										1	1									3							3
Puebla de D. Fradrique									1 ou 2																		
Represas	4	1	5		1	1				3	1				1		1	1		2	2						1
Rosines de Vidriales / Ala II Flavia										1																	
Rouca																											
S. Cucufate										1																	



Anexo 7 - Tabela 3 (continuação)

Produção	TSI								TSSG																			
	P. Cornelius	P. Cornelius / Anteros	P. Cornelius + outro	Anteros	C. Tap(urius?)	Vibienus	C. Vibienus	Xanthus	Anepigrafa	Bassvs i	Chrestvs/io	Ivcvndvs	Ivcvndvs i	Ivcvndvs ii	Iulius Upus	Labio	Libertvs	Maccarus	Mascvlns i	Mercator	Mommo	Mvrranvs	Mvrrus	Mvr-	Murrus ou Murranus	Nicivs	Nucius ou Passenus 5a	Passenus
<i>Sagvntvm</i>						2	2		4	5	5				2		1	1		3	3	1						3
Santarém	2		3		1							2			1?					1?								
Santa Tecla	1																											
<i>Segobriga</i>						2					1									1								
Senhora do Pilar	1																											
Setúbal																												
Sta.Maria del Juncal										1	3						1											
Interior do SE da península										1	1								1									
<i>Tarraco</i>	5	1	1	1		1	9		1+4?	9	8				12			3		7	3	14			1		3	
Torre de Palma											2									1								
Tossal de Manises / Lucentum						1	3		7	6	4				1	2		3		3+2?	7	2			2		2	
Vaiamonte																				2								
Valdoça																					1							
Valência						2	2											1				1	1				2	
<i>Valeria</i>										4	3				1			4		1	2	1					2	
Museu P. D. Vila Viçosa																					1							
<i>Vipasca</i>										2															1			



Distribuição na Península Ibérica dos oleiros de *terra sigillata* presentes em Chãos Salgados

Passensvs 5a	La Rioja														Andújar				Bibliografia							
	Pater	Primvlvs	Primvs	Rvfvns	Sabinvs	Silvinus ii	L.C.Virilis	Vitalis	Vitalis ii	Grafomorfas ou iliteratas	Caius Frontonius	MEM MI	Petronius	Octavius ou Iulius Maternus	N. ( ) Protas	Iunius ou Iulius Ma ( )	Flaccus Tritiensis	Ianuarius		O ( ) V ( ) P ( ) C ( )	C (aius) A ( ) H ( )	C. S ou C ( ) S ( ) Tritiensis	PES ( ) ou P. E ( ) S ( )	EX OF N/A	T ( ) I ( ) F ( )	
1			5		3	3		3								1?										Montesinos i Martinez, 1991; Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
				1	1																					Viegas, 2003
																										García Marcos, 2005
																										Almagro-Gorbea; Lorrio, 1989
								1									1									Diogo, 1980a
				1	1																					Diogo, 1980b; Ferreira, 1969
								1																		Izquierdo, 1994; Saénz Preciado, 1992
																										Muñoz Tomás, 1993-1994
			7+1?	2	2	3	1	25																		Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994; Tarrats Bou, 1992; Ventura Solsona, 1948-1949
			1	1?													1									Diogo, 1980a; Ferreira, 1969
1			10	1+1?	4	1	1	3	4																	Ribera i Lacomba, 1988-1989; Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
																	1									Diogo, 1980a; Ferreira, 1969
																										Diogo, 1980b
			3		2			1				1														Albiach; et Al., 1998; Huguet Enguita, 2005; Montesinos i Martinez, 1989; 1990; Pradales Cipres, 1986-1989; Ribera i Lacomba, 1981
			3	1	3			1									1									Ribera i Lacomba; Poveda Navarro, 1994
								1				1?					1									Alarcão, 1960-1961; Ferreira, 1969
																										Diogo, 1980b



# Bibliografia



- ABAD CASAL, L. (1982) – Estratigrafia en la “Casa de las Columnas. In *Italica (Santiponce. Sevilla)*. *Actas de las primeras jornadas sobre excavaciones arqueológicas en Italica*. Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 121), p.133-204.
- ABASCAL, J.; ESPINOSA, U. (1989) - *La ciudad hispano-romana: privilegio y poder*. Logroño: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de La Rioja.
- ABÁSULO, J.; PÉREZ, F. (1985) – Excavaciones en Salinas de Rosio (Burgos). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. 24. Madrid: Ministerio de Cultura, p.159-162.
- AGUAROD OTAL, C. (1991) – *Cerámica comum romana de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico.
- AICART i HEREU, F.; LLINAS i POL, J.; SAGRERA i ARADILA, J. (1991) – Primera aproximació a la difusió de la terra sigillata lucente al nord-est de Catalunya. *Cypsela*. IX, p.197-207.
- ALARCÃO, A. (1960-1) - Algumas peças de terra sigillata na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, p. 181-201.
- ALARCÃO, A. (1971a) – A terra sigillata itálica em Portugal. *Actas do II congresso nacional de Arqueologia*, p.421-432.
- ALARCÃO, A. (1971b) – A terra sigillata itálica do Museu Machado de Castro. *Conimbriga*. 10, p.45-78.
- ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. (1966-7) - Achados na villa romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*. Beja. 23-24, p. 293-320.
- ALARCÃO, J. (1968), Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*. Coimbra. 7, p. 7-40.
- ALARCÃO, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga*. V (La Céramique Commune Locale et Régionale). Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ALARCÃO, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga*. V (La Céramique Commune Locale et Régionale). Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ALARCÃO, J. (1987) - *Portugal romano*. 4.ª edição. Lisboa: Editorial Verbo.
- ALARCÃO, J. (1988a) - *O domínio romano em Portugal*. 2.ª edição. Mem-Martins: Europa-América.
- ALARCÃO, J. (1988b) - *Roman Portugal*. II. 3. Warminster: Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J. (1994) - A cidade de Balsa. In NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia, p. 1-4.
- ALARCÃO, J. (2005) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – III. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8.2., p.293-312.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966) - O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, p. 7-104.
- ALARCÃO, J.; et Al. (1976) – *Fouilles de Conimbriga*. VI (Céramiques diverses et verres). Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ALBIACH, R.; et Al. (1998) – La cerámica de época de Augusto procedente del relleno de un pozo de Valentia (*Hispania Tarraconensis*). *SFECAG, Actes du Congrès d'Istres*, p.139-166.
- ALBIACH, R.; SORIANO SANCHEZ, R. (1991) – Actividades productivas y domésticas en una casa de Valentia. In *La casa urbana hispanorromana. Ponencias y comunicaciones*. Institución Fernando El Católico, p.57-60.
- ALCORTA IRASTORZA, E. (2001) – *Lucus Augusti. II (Cerámica común romana de cocina y mesa hallada en las excavaciones de la ciudad)*. Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; LORRIO, A. (1989) - *Segobriga III. La muralha norte y la puerta principal. Campañas 1986-1987*. Cuenca: Diputación Provincial de Cuenca (Arqueología Conquense; IX).
- ALMEIDA, F. (1963) - Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos Célticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73: 1-2. Janeiro-Junho, p. 147-54.
- ALMEIDA, F. (1964) - *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- ALMEIDA, F. (1968) - O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos Célticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 78: 1-2, p. 92-6.
- ALMEIDA, F. (1968-70) - Sines Visigótica. *Arquivo de Beja*. XXV-XXVIII, p. 17-30.
- ALMEIDA, F. (1988) - Breve notícia sobre o santuário campestre romano de Miróbriga dos Célticos. *Geon. Anejos 1*. Madrid: Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid.



- ALMEIDA, J.A. Ferreira de (1951) - Três lucernas do Museu de Santiago do Cacém. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 125-31.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (1998) – Ânforas da villa romana de Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1.2, p.137-163.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (2005) – Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a lixeira baixo-imperial. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8.1, p.299-368.
- ALONSO SÁNCHEZ, M<sup>a</sup>; FERNANDEZ OCHOA (1988) – Ceramica africana D con decoracion paleocristiana en la muralla de Gijon. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autonoma de Madrid*. 15, p.339-377.
- ALVARADO, M.; MOLANO, J. (1995) – Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes altoimperiales en Augusta Emerita: el vertedero de la calle Constantino. In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 281-296.
- ÁLVAREZ SANTOS, J. A. (2005) – *La Terra Sigillata en Cantabria. Fondos del Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria y del Museo Arqueológico Nacional*. Santander: Universidad de Cantabria.
- ALVES, F.; CARREIRA, J. R. (1994) – Lisboa submersa. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: M.N.A., p.261-74.
- ALVES, F.; DIOGO, A. M.; REINER, F. (1990) – A propósito dos fornos de cerâmica lusitano-romanos de S. Bartolomeu do Mar. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 193-198.
- AMARO, C. (1979) - Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*. 2, p. 79-82.
- AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garrocheira, Benavente. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 87-96.
- AMO, M. (1976) - Restos materiales de la población romana de Onuba. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 2.
- AMORES CARREDANO, F.; GARCÍA VARGAS, E.; GONZÁLEZ ACUÑA, D. (2007) – Ânforas tardoantíguas en *Hispalis* (Sevilla, España) y el comercio mediterráneo. In BONIFAY, M.; TRÉGLIA, J.-M., eds.. *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry*. BAR-IS 1662 (1), p. 133-146.
- AMORES, F.; KEAY, S. J. (1999) – Las sigillatas de imitación tipo Peñaflor. Una série de hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 235-52.
- ANDREU PINTADO, J. (2001) – La participación de las elites en la mejora urbanística y el equipamiento ornamental de sus ciudades entre Tibério e Trajano: el ejemplo de la provincia Lusitania. In CASTILLO, C.; NAVARRO, F.; MARTÍNEZ, R. – *De Augusto a Trajano. Un siglo en la Historia de Hispania*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (Mundo Antiguo, Nova Série; 6), p.239-264.
- ANDREU PINTADO, J. (2004) – *Edictum, Municipium y Lex: Hispania en época flávia (69-96 d.C.)*. (BAR-I.S.; 1293).
- ANSELMINO, L. (1986) – Ostia. Terme del nuotatore. In GIARDINA, A. – *Socità romana e impero tardoantico. Le merci. Gli insediamenti*. Editori Laterza, p.45-81.
- ANTUNES, A. S. (2000) – Vidros romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3-2, p. 153-199.
- AQUILUÉ ABADIAS, J. (1987) – *Las cerámicas africanas de la ciudad romana de Baetulo (Hispania Tarracensis)*. (BAR International Series; 337).
- AQUILUÉ ABADIAS, J. (1992a) – *Relaciones económicas, sociales e ideológicas entre el Norte de África y la Tarraconense en época romana. Las cerámicas de producción africana procedentes de la Colonia Urbs Triumphalis Tarraco*. Universidad de Barcelona (Collecció de tesis doctorals microfíxades; 1275).
- AQUILUÉ ABADIAS, J. (1992b) – Comentarís entorn a la presència de la ceràmiques de producció africana a Tàrraco. In DUPRÈ i RAVENTOS, X., coord. – *Miscelània Arqueològica a Josep M. Recasens*, p.25-33.
- AQUILUÉ ABADIAS, J. (1995) – La cerámica comuna africana. In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 61-74.

- AQUILUÉ ABADIAS, J. (1997) – Anàlisi comparativa de contextos ceràmics d'època tardo-romana (segles V-VI). In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (Arqueo Mediterrània; 2), p.83-100.
- AQUILUÉ ABADIAS, J. (2003) – Estado actual de la investigación de la *terra sigillata* africana en la Península Ibérica en los siglos VI-VII. In CABALLERO, L.; MATEOS, P.; RETUERCE, M., eds. – *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la península Ibérica. Ruptura y continuidad (II Simposio de arqueología. Mérida 2001)*. Madrid (Anejos de Archivo español de Arqueología; 28), p.11-20.
- AQUILUÉ ABADIAS, J.; et Al. (2002) – El campo de silos del área cental de la ciudad romana de Empuriès. *Rómula*. 1, p. 9-38.
- AQUILUÉ ABADIAS, J.; et Al. (2005) – Presencia de producciones sigillatas sudgálicas en las excavaciones realizadas en el foro de la ciudad romana de Empúries (L'Escala, Alt Empordà). In : NIETO, X.; et Al., eds. - *La difusió de la terra sigillata sudgàlica al nord d'Hispania*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies; 6), p. 199-239.
- ARCE, J. (1993) – La Penisola Iberica. In MOMIGLIANO, A. ; SCHIAVONE, A., eds. – *Storia di Roma*. III (L'età tardoantica), 2 (I luoghi e le culture). Torino : Giulio Einaudi Editore, p.379-404.
- ARCE, J. (2002) – Los Vándalos en Hispania (409-429 AD). *Antiquité Tardive*. 10, p.75-85.
- ARCE, J. (2005a) – Antigüedad Tardía hispánica. *Avances recientes*. *Pyrenae*. 36.1, p.7-32.
- ARCE, J. (2005b) – Hispania y el Atlántico en los siglos III-V d.C.. In URTEAGA ARTIGAS, Mª M.; NOAIN MAURA, Mª J., eds. – *Mar Exterior. El Occidente atlántico en época romana. Congreso internacional. Pisa, santa Croce in Fossabanda, 6-9 de noviembre de 2003*. Roma: Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, p.53-60.
- ARCE, J. (2005c) – Spain and the African provinces in Late Antiquity. In: BOWES, K.; KULIKOWSKI, M., eds. – *Hispania in Late Antiquity. Current perspectives*. Leiden/Boston: Brill, p.341-368.
- ARGENTE OLIVER, J. L.; DÍAZ DÍAZ, A. (1994) – *Tiermes IV. La casa del Acueducto (Domus alto imperial de la ciudad de Tiermes)*. Campañas de 1979-1986. Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 167).
- ARNAUD, P. (2005) – *Les routes de la navigation antique. Itinéraires en Méditerranée*. Paris : Éditions Errance.
- ARRIBAS, A. (1973) – *Pollentia. I. Excavaciones en Sa Portella. Alcudia (Mallorca)*. (Excavaciones Arqueológicas en España; 75).
- ARRUDA, A. M.; DIAS, A. C. (1985) - O sítio romano-árabe de Lezíria: 1. A *terra sigillata* itálica e sud-gálica. *Conimbriga*. Coimbra. 24, p. 111-25.
- ARRUDA, A. M.; et Al. (2008) – Monte Molião (Lagos) : resultados de um projecto em curso. *Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*. I (Xelb ; 8), p.137-168.
- ARRUDA, A. M.; FABIÃO, C. (1990) – Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 199-213.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2004) – Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In: *SFECAG. Actes du Congrès de Vallauris*, p. 341-49.
- ARTUR, Maria L. C. (1955-6) - Sobre a necrópole de Santo André (Santiago do Cacém). *Humanitas*. Coimbra. 7-8, p. 172-6.
- ARTUR, Maria L. C. (1983) - Merobriga. Santiago do Cacém (Portugal). *Caesaraugusta*. 57-8, p. 51-109.
- ATKINSON, D. (1914) - A Hoard of Samian Ware from Pompei. *Journal of Roman Studies*. 4, p. 27-64.
- Atlante delle Forme Ceramiche. I. Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*. Suplementto de la Enciclopedia dell'Arte Antica. Roma, 1981.
- AUBET, M. E. (1994) – *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Crítica.
- AZKARATE, A.; NÚÑEZ, J.; SOLAUN, J. L. (2003) – Materiales y contextos cerámicos de los siglos VI al X en el País Vasco. In CABALLERO, L.; MATEOS, P.; RETUERCE, M., eds. – *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la península Ibérica. Ruptura y continuidad (II Simposio de arqueología. Mérida 2001)*. Madrid (Anejos de Archivo español de Arqueología; 28), p.321-370.
- BAIRRÃO OLEIRO, J.M. (1951) - Elementos para o estudo da *terra sigillata* em Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61: 1-2, p. 81-111.
- BALIL, A. (1959) – Vasos aretinos decorados conservados en el Museo Arqueológico de Barcelona y en el Museo Monográfico de Ampurias. *Ampurias*. 21, p.310-323.

- BALIL, A. (1969) - *Estudios de cerâmica romana*. I. Universidad – Santiago de Compostela (*Studia Archaeologica*; 4).
- BALIL, A. (1986) – *Terra sigillata* aretina decorada de la Península Ibérica. II. Vale del Duero. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, LII, p.228-247.
- BALTASAR, M. (1984-1985) - Marcas de oleiro em terra sigillata provenientes de Tróia (Setúbal). *Al-Madan*. Almada. 4-5, p. 14-16.
- BANG, P. (2008) – *The Roman bazaar. A comparative study of trade and markets in a tributary empire*. Cambridge University Press.
- BANHA, C. (1991-1992) – As ânforas da “villa” romana de Povos, CIRA. *Boletim Cultural*. 5, p.49-90.
- BANHA, C.; ARSÉNIO, P. (1991-1992) – As ânforas romanas vinárias de Sellium (Tomar), *Conventus Scallabitanus*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. I. 2, p.165-190.
- BARATA M. F. (1999c) - As habitações de Mirobriga e os ritos domésticos romanos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2: 2, p. 51-68.
- BARATA, M. F. (1993a) - Alguns vidros romanos do Museu Municipal de Santiago do Cacém. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 73-6.
- BARATA, M. F. (1993b) - Miróbriga: una ciudad romana en la Lusitania atlántica. *Revista de Arqueologia*. 145, p. 36-47.
- BARATA, M. F. (1994a) - A propósito da cabeça de touro esculpida de Miróbriga, Santiago do Cacém. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 73-7.
- BARATA, M. F. (1994b) - O território de Miróbriga. *Actas do XIV Congresso Internacional de Arqueologia Clássica*. 2. Tarragona, p. 128-132.
- BARATA, M. F. (1997a) - *Miróbriga. Urbanismo e arquitectura*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1997.
- BARATA, M. F. (1997b) - Ruínas de Miróbriga. In *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 19-21.
- BARATA, M. F. (1998) - Miróbriga: sua valorização e caracterização. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 9, p. 59-129.
- BARATA, M. F. (1999a) - Trabalhos arqueológicos na ponte romana de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 67-72.
- BARATA, M. F. (1999b) - Balanço dos últimos trabalhos de investigação e de valorização de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 33-52.
- BARATA, M. F. (2010) – Caracterização geral de Mirobriga. In NOGALES BASARRATE, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania romana*. (*Studia Lusitana*; 4), p.201-230.
- BARATA, M. F. (s.d.), *O que é a arqueologia?*. *Campos de trabalho*. Miróbriga 1992. Santiago do Cacém: Clube Europeu de Arqueologia da Escola Secundária de Santiago do Cacém.
- BARGAGLIOTTI, S.; CIBECCHINI, F.; GAMBOGI, P. (2004) – The Punta Ala “B wreck”: a mixed cargo of the Hadrianic period. In PASQUINUCCI, M.; WESKI, T. – *Close encounters: sea- and riverborne trade, ports and hinterlands, ship construction and navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time*. (BAR IS; 1283), p.93-104.
- BARRAUD, D.; et Al. (1998) – L’industrie céramique de l’Antiquité Tardive. In : BEN HASSEN, H. ; MAURIN, L., ed. – *Oudhna (Uthina). La redécouverte d’une ville antique de Tunisie*. Bordeaux-Paris-Tunis: Ausonius-Publications (Mémoires ; 2), p. 139-67.
- BASAS FAURE, C. (1997) – El comercio de la cerámicas sigillatas de Iruña. *1er coloquio internacional sobre la romanización en Euskal Herria*. Donosita. 1996. (Isturitz. 8-9), p.415-426.
- BASAS FAURE, C. ; UNZUETA PORTILLA, M. (1992-1993) – *Terra sigillata* tardía lisa en el País Vasco: producción, formas y distribución. *Kobie*. 20, p.123-135.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BELTRÁN LLORIS, M.; et Al. (1998a) – *Colonia Victrix Iulia Lepida-Celsa (Velilla de Ebro, Zaragoza)*. III. 1 (*El Instrumentum Domesticum de la «Casa de los Delfines»*). Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”.
- BELTRÁN LLORIS, M.; et Al. (1998b) – *Colonia Victrix Iulia Lepida-Celsa (Velilla de Ebro, Zaragoza)*. III. 2 (*El Instrumentum Domesticum de la «Casa de los Delfines»*). Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”.
- BÉMONT, C ; BOURGEOIS, A. (1986) – Les noms des potiers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris : Editions de la Maison des Sciences de l’Homme (Documents d’Archéologie Française; 6), p. 277-286.



- BÉMONT, C. (1972-1973) - La composition des décors géométriques a plan centré: contribution a l'étude du style des vases sigillées a métopes. *Rei Cretariae Romanae Favtores*. 14-15, p. 26-47.
- BÉMONT, C. (1976) - *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée. Les vases estampillés de Glanum* (Boletín de l'École Française à Rome; 227).
- BEN ABEB, A. ; BONIFAY, M. ; FIXOT, M. (1997) – Note préliminaire sur la céramique de la basilique orientale de Sidi Jdidi (Tunisie) (Ve-VIIe s.). In : D'ARCHIMBAUD, G. D., dir. – *La Céramique médiévale en Méditerranée. Actes du Vie congrès de l'AIECM2. Aix-en-Provence (13-18 novembre 1995)*. Aix-en-Provence : Narration Éditions, p. 13-26.
- BEN MOUSSA, M. (2007) – *La production de sigillées africaines. Recherches d'Histoire et d'Archéologie en Tunisie septentrionale et centrale*. Barcelona : Universitat de Barcelona (Collecció Instrumenta ; 23).
- BENEVENT, C. ; DAUSSE, L. ; PICON, M. (2002) – A propos des présigillées du nord de Aveyron : observations sur la nature des argyles des sigillées anciennes de la Gaule du Sud, In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: éditions monique mergoil, p. 165-170.
- BERGER, L. (1960) – *Römische gläser aus Vindonissa*. Basilea : Birkhauser Verlag.
- BERNAL CASASOLA, D. (1998) – Las cerámicas de importación y la cronología del alfar. In: BERNAL CASASOLA, D. (ed.) – *Los Matagallares (Salobreña, Granada). Un centro romano de producción alfarera en el siglo III*. Ayuntamiento de Salobreña, p. 169-230.
- BERNAL CASASOLA, D. (2008) – El final de la industria pesquero-conservera en Hispania (ss. V-VII d.C.) entre Obispos, Bizancio y la evidencia arqueológica. In NAPOLI, J. (ed.) – *Actes du Colloque Internationale de Boulogne-sur-Mer. Mai 2005. (Les Cahiers du Littoral; 2.6)*, p.31-57.
- BERNAL CASASOLA, D.; et Al. (2003) – Las factorías de salazones de “Iulia Traducía”. Espectaculares hallazgos arqueológicos en la Calle San Nicolás nº 3-5 de Algeciras. *VII jornadas de Historia del Campo de Gibraltar. Castellar de la Frontera, 18, 19 y 20 de octubre de 2002. (Almoraima; 29)*, p.163-184.
- BERNARDES, J. P. (2005) – O sítio de Alcária das Choças (Azinhal, Castro Marim) no contexto do comércio marítimo do período imperial romano. *Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003). Xelb. 5*, p.119-132.
- BERNARDES, J. P.; GOMES, L. F. C. (2000) – Escavação arqueológica de emergência no assentamento romano de Fonte do Sapo (Mouriscas, Abrantes). *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. VI*, p.453-469.
- BES, Ph.; POBLOME, J. (2008) – (Not) see wood for the trees? 19,700+ sherds of *sigillata* and what we can do with them... *Rei Cretariae Romanae Favtorum*. 40, p.505-514.
- BES, Ph.; POBLOME, J. (2009) – African Red Slip Ware on the move: the effects of Bonifay's Études for the Roman East. In HUMPPHREY, J. H., ed. – *Studies on Roman pottery of the provinces of Africa Proconsularis and Byzacena (Tunisia). Hommage à Michel Bonifay. JRA (Supplementary series; 76)*, p.73-92.
- BET, Ph. ; DELOR, A. (2000) – La typologie de la sigillée lisse de Lezoux et de la Gaule centrale du Haut-Empire. Révision décennaire. *SFECAG, Actes du Congrès de Libourne*, p.461-483.
- BET, Ph.; VERTET, H. (1986) – Centre de production de Lezoux. In: *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 138-144.
- BIEN, S. (2003) – Contextes céramiques du VIIe siècle aux abords du pavillon Bargemon à Marseille. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 36., p. 305-18.
- BIEN, S. (2005) – Des niveaux du VIIe siècle sous le Music-Hall de l'Alcazar à Marseille. In: GURT I ESPARAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS; CAU ONTIVEROS, M. A., eds. – *LRCW I. Late roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry. (BAR IS; 1340)*, p.285-298.
- BIERS, J.; BIERS, W.; SOREN, D. (1982) - Excavations at Mirobriga: the 1982 season. *Muse*. 16, p. 29-43.
- BIERS, J.; et Al. (1983) - Mirobriga: the 1983 Season. *Muse*. 17, p. 38-63.
- BIERS, J.; et Al. (1984) - Mirobriga: a portuguese-american project in southern Portugal. *Muse*. 18, p. 35-53.
- BIERS, W. R.; et Al. (1976-82) - Investigações em Miróbriga (Santiago do Cacém) - Portugal – 1981. *Arquivo de Beja*. Beja. 1, p. 107-14.
- BIERS, W. R.; et Al. (1982) - Um projecto de cooperação científica, descrição da estação. *Semente*. 6.
- BIERS, W. R.; et Al. (1988) - Mirobriga. *Investigations at an iron age and roman site in southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981-1986*. Oxford (BAR International Series; 451).

- BIRD, J. (1977) – African red slip ware in roman Britain. In: DORE, J. ; GREENE, K., eds. – *Roman pottery studies in Britain and Beyond*. (BAR supp. Series; 30), p. 269-77.
- BLÁSQUEZ CERRATO, M. C. (1992) – La dispersión de las monedas de Augusta Emerita. Merida: MNAR (Cuadernos Emeritenses; 5).
- BLÁSQUEZ, J. M. (1978) – *Economía de la Hispania romana*. Bilbao: Ediciones Najera.
- BLÁSQUEZ, J. M. (1985) – La crisis del bajo Imperio en Occidente en la obra de Salviano de Marsella. Problemas económicos y sociales. *Gérion*. 3, p.157-182.
- BLÁSQUEZ, J. M. (1988) – La Hispania del Bajo Imperio. Relaciones con Oriente. *Actas 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Vol. III, p.177-186.
- BLÁSQUEZ, J. M.; et Al. (1988) – *Historia de España antigua*. II (Hispania romana). 3ª edição. Madrid: Cátedra.
- BLOIS, L.; PLEKET, H.; RICH, J. (2002) – Introduction. In BLOIS, L.; RICH, J., eds. – *The transformation of economic life under the Roman empire. Proceedings of the second workshop of the international network ImPact of Empire (Roman empire, c.200 B.C. – AD 476)*. Nottingham, July, 4-7, 2001. Amsterdam: J.C. Gieben, Publisher, p.IX-XX.
- BOCQUET, A.; PICON, M. (1994) - La Graufesenque et les autres ateliers de la Gaule du Sud: problèmes d'analyses et de techniques. In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 75-82.
- BONIFAY, M. (1983) - Eléments d'évolution des céramiques de l'antiquité tardive à Marseille d'après les fouilles de la Bourse. *Revue d'Archéologie Narbonaise*. 16, p. 283-346.
- BONIFAY, M. (1998) – Sur quelques problèmes de datation des sigillées africaines à Marseille. In: SAGUÌ, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 71-82.
- BONIFAY, M. (2003) – La céramique africaine, un indice du développement économique ?. *Antiquité Tardive*. 11, p. 113-28.
- BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramiques romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR International Series ; 1301).
- BONIFAY, M. (2005) – Observations sur la diffusion des céramiques africaines en Méditerranée orientale durant l'Antiquité Tardive. *Mélanges Jean-Pierre Sodini, Travaux et Mémoires*. 15. Paris, p. 565-581.
- BONIFAY, M. ; CRIDI, F. ; JACQUEST, H. (2004) - Un ensemble de céramiques du IVe s. dans une citerne du capitole. In BEN HASSEN, H. ; MAURIN, L., dir. - *Oudhne (Uthina), colonie de vétérans de la XIIIe légion. Histoire, urbanisme, fouilles et mise en valeur des monuments*. Bordeaux-Paris-Tunis : Ausonius-Publications (Mémoires ; 13), p. 219-235.
- BONIFAY, M. ; et Al. (2002-3) – Le littoral de la Tunisie, étude géoarchéologique et historique (1987-1997). La céramique. *Antiquités Africaines*. 38-39, p. 125-202.
- BONIFAY, M.; BERNAL CASASOLA (2008) – Recópolis, paradigma de las importaciones africanas en el visigotorum regnum. Un primer balance. In VV.AA. – *Recópolis y la ciudad en la época visigoda*. (Zona Arqueológica ; 9), p.98-115.
- BONIFAY, M.; CARRE, M.-B.; RIGOIR, Y., dirs. (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (Ier-VIIe siècles ap. J.-C.)*. Paris : Errance / Lattes : A .D.A.M. (Travaux du Centre Camille-Julian ; 22 / Études Massaliètes ; 5).
- BONIFAY, M.; TCHERNIA, A. (no prelo) – Les réseaux de la céramique africaine (Ier-Ve s.). In KEAY, S. ; GAMBIN, T., eds. – *Port networks in the Roman Mediterranean. Actes de la table ronde (Rome, 6-8 Mars 2008)*. Roma: BSR (Archaeological Monographs of the British School at Rome).
- BOST, J.-P.; et Al. (1987) – *Belo IV (Les Monnaies)*. Madrid: Diffusion de Boccard (Serie Archeologie; VI).
- BOST; et Al. (1992) – *L'Épave Cabrera III (Majorque). Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du IIIe siècle après Jésus-Christ*. Paris : Diffusion de Boccard.
- BOUBE, J. (1965) – Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane. 1 : Les marques de potiers. Rabat : Direction des Musées et Antiquités du Maroc. (Etudes et Travaux d'Archéologie Marocaine; 1).
- BOUBE, J. (1966) – Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane : supplément au catalogue des marques de potiers. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. 6, p.116-143.
- BOUBE, J. (1968-1972) – Le terra sigillata hispanique en Maurétanie Tingitane : supplément II au catalogue des marques de potiers. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. 8, p.67-108.
- BOUBE, J. (1979-1980) – La céramique italique à Sala : les marques de potiers. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. 12, p.139-215.



- BOUBE, J. (1981-1982) – Marques de potiers italiques trouvées au Maroc. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. 14, p.135-168.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - *Fouilles de Belo*. VI (Les sigillées). Madrid (Collection de la Casa de Velásquez ; 34. Archéologie ; XIV).
- BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press.
- BROWN, P. (1971) – *O fim do mundo clássico. De Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa : Verbo.
- BRUHNS, H. (1985) - De Werner Sombart à Max Weber et Moses I. Finley: la typologie de la ville antique et la question de la ville de consommation. In LEVEAU, P. - *L'origine des richesses dépensées dans la ville antique. Actes du colloque organisé à Aix-en-Provence par l'U.E.R. d'Histoire, les 11 et 12 Mai 1984*. Marseille: Université de Provence, p. 257-73.
- BRUN, J.-P. (1997) – Production d l'huile et du vin en Lusitanie romaine. *Conimbriga*. 36, p.45-72.
- BRUUN, Ch. (2007) – The Antonine Plague and the “third-century crisis”. In HEKSTER, O.; de KLEIJN, G.; SLOUTKES, D., eds. – *Crises and the Roman Empire. Proceedings of the seventh workshop of the International Network Impact of Empire*. Nijmegen. June 20-24, 2006. Leiden/Boston: Brill (*Impact of Empire*; 7), p.201-218.
- BUGALHÃO, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olísipo*. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. Lisboa: IPA.
- BUGALHÃO, J. ; LOURENÇO, S. (2006) – As ânforas romanas da Ilha da Berlenga. In *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal Arqueológica; 13), p.279-294.
- BURILLO MOZOTA, F. (1981) – Poblado de San Esteban (El Poyo del Cid, Teruel). Campaña de 1976. *Noticiario Arqueológico Hispanico*. 12, p.187-290.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2008) – *Terra sigillata gálica en el círculo del Estrecho*. Balance historiográfico y nuevas líneas de investigación. SFECAG. *Actes du Congrès de L'Escala-Empúries*. 1er-4 Mai 2008, p.503-526.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2010) – *Terra Sigillata hispânica tardia en Augusta Emérita (Mérida, Badajoz)*. *Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del subúrbio norte*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidad de Cádiz. Edição policopiada.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; et Al. (2008) – Sigillatas claras de Aljustrel: a crise do século II nas minas do Sudoeste Ibérico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11. 1, p.163-181.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; HUGUET ENGUITA, E. (2008) – Las cerámicas “Tipo Peñaflor”. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p.297-306.
- BUXEDA I BARRIGÓS, J.; TUSEU I BERTRAN, F. (1995) - Revisió crítica de les bases cronològiques de la terra sigillata hispanica”. *Pyrenae*. 26, p.171-88.
- BUXEDA I GARRIGÓS, J.; et Al. (2005) – Late Roman coarse and cooking wares from the Balearic Islands in Late Antiquity. In: GURT I ESPARRAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS; CAU ONTIVEROS, M. A., eds. – *LRCW I. Late roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry*. (BAR IS; 1340), p.223-254.
- CAAMAÑO GESTO, J. M. (1979) – Marcas de alfarero en cerámica romana, encontradas en Galicia. *Gal-laecia*. 5, p.63-99.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1970) – Alconetar : en la Via de la Plata. Garrovillas (Cáceres). E.A.E.. 70. Madrid, p. 26-7.
- CABALLERO ZOREDA, L., dir. (1992) – *Arcóbriga. II (Las cerámicas romanas)*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico.
- CABRAL, Maria E. (1977) - Lucernas romanas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3. p. 455-70.
- CAEIRO. J.O. (1985) - Miróbriga – 1982. Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 128-129.
- CAILLEUX, A. (s.d.) - *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Boubée.
- CALAI, C., coord. (2003) – *O homem e o trabalho. A magia da mão. Catálogo da exposição permanente*. Coruche: Câmara Municipal de Coruche / Museu Municipal de Coruche.
- CAMBON, C. (1994) - Note sur un petit ensemble de présigillées découvert sur le site de Saint-Jean à Castres (Tarn). In *Actes du Congrès de Millau*. 12-15 Mai 1994. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 11-18.
- CAMERON, A. (1998) – *El mundo mediterraneo en la Antigüedad Tardia*. 395-600. Barcelona : Crítica.

- CAMPBELL, E. (2007) – *Continental and mediterranean imports to atlantic Britain and Ireland, AD 400-800*. Council for British Archaeology (CBA Research Report ; 157).
- CAMPS, G. (1955) – La nécropole de Draria-El-Achour. *Lybica*. III/2<sup>e</sup> semestre, p. 225-64.
- CARANDINI, A. (1993) – L'ultima civiltà sepolta o del massimo oggetto desueto, secondo un archeologo. In MOMIGLIANO, A. ; SCHIAVONE, A., eds. – *Storia di Roma*. III (L'età tardoantica), 2 (I luoghi e le culture). Torino : Giulio Einaudi Editore, p.11-40.
- CARANDINI, A.; PANELLA, C., eds. (1977) – *Ostia IV (Le terme del nuotatore. Scavo dell'ambiente XVI e dell'area XXV)*. Roma: De Luca Editore (Studi Miscellanei; 23).
- CARDOSO, G. (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 153-66.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1995) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do médio e baixo Tejo. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 167-78.
- CARIGNANI, A.; et Al. (1986) – Roma. Il contexto del tempio della *Magna Mater* sul Palatino. In GIARDINA, A. – *Socità romana e impero tardoantico. Le merci. Gli insediamenti*. Editori Laterza, p.27-43.
- CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004) – *Terra Sigillata* Hispânica Tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7.2, p.435-458.
- CARNEIRO, S.; LOPES, R. (2005) – *Terra sigillata* das intervenções de emergência no centro histórico de Chaves (1999-2000). *Revista Aquae Flaviae*. 33, p.92-130.
- CARPONSIN-MARTIN, C.; TILHARD, J.-L. (2001-2002) – Les céramiques sigillées trouvées à Périgueux : apport des fouilles récentes. *Aquitania*. XVIII, p.193-259.
- CARREÑO GASCÓN, M<sup>a</sup> C. (1995) – *Sigillata* africana en Lucus Augusti. *Actas del XXII congreso nacional de Arqueología*. Vigo. 1993. II, p.297-304.
- CARREÑO GASCÓN, M<sup>a</sup> C. (1997) – *Marcas de alfarero sobre terra sigillata halladas en Lucus Augusti*. A Coruña: Edicios do Castro (Anejos de Larouco; 3).
- CARRERAS MONFORT, C. (2000) - *Economia de la Britannia romana: la importación de alimentos*. Barcelona: Universitat de Barcelona (Collecció Instrumenta; 8).
- CARRERAS MONFORT, C. (2003) - Haltern 70: a review. *JRPS*. 10 (Amphorae in Britain and the western empire). Oxbow Books, pp.85-92.
- CARRETERO VAQUERO, S. (2000) - *El campamento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora): la cerámica*. Zamora: Universidad de Valladolid.
- CARVALHO, P. C. (1998) - *O forum de Aeminium*. Coimbra: Ministério da Cultura / Instituto Português de Museus.
- CARVALHO, T. P. (1993) - *A terra sigillata de Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*. Porto: edição policopiada.
- CASA MARTÍNEZ, C. de la; et Al. (1994) - *Tiermes III. Excavaciones realizadas en la ciudad romana y en las necropolis medievales (Campañas de 1981-1984)*. Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 166).
- CASAS i GENOVER, J. ; et Al. (1990) – *Ceràmiques comunes i de producció local d'època romana. I (Materiales augustales i alto-imperiales a les comarques orientales de Girona)*. Girona: Centre d'Investigacions Arqueològiques (Sèrie Monogràfica; 12).
- CASAS I GENOVER, J.; SOLE I FUSTÉ, V. (2006) – *Llànties romanes d'Empúries. Materiales augustals i alto-imperiales*. Girona: Museu d' Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; 13).
- CASAS, C. de; FERNANDES, J. (2002) – La cuisson gallo-romaine en four à tubulures. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 191-194.
- CASTANIER, P. ; TREMOLEDA, J. ; ROURE, A. (1990) – Un conjunt ceràmic de finals del segle III d.C. a Vilauba (Camós, Pla de l'Estany). *Cypsela*. VIII. Girona, p. 157-191.
- CASTELLANO CASTILLO, J. J. (2000) - *La terra sigillata sudgàlica del área del anfiteatro romano de Carthago Nova. Saguntvm. Papeles del Laboratório de Arqueologia de València*. València. 32, Universitat de València, p. 151-68.
- CAVAILLÈS-LLOPIS, M.-TH. (1994) – Les céramiques fines importés. In: D' ARCHIMBAUD, G. D. – *L'oppidum de Saint-Blaise du Ve au VIIe s. (Bouches-du-Rhône)*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 45), p. 86-115.

- CEBALLOS HORNERO, A. (2004) – *Los espectáculos en la Hispania romana: la documentación epigráfica*. Mérida: MNAR (Cuadernos emeritenses; 26).
- CELA ESPÍN, X.; REVILLA CALVO, V. (2005) – Contextos cerámicos de los siglos V al VII del municipium de ILVRO (Mataró, Barcelona). Evidencia material, hábitat y dinámica económica de una ciudad del litoral hispano. In: GURT I ESPARRAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS; CAU ONTIVEROS, M. A., eds. – *LRCWI. Late roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry*. (BAR IS; 1340), p. 203-21.
- CELIS BETRIU, R. (2005) – Las lucernas. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia).
- CEPAS PALANCA, A. (1997) - *Crisis y continuidad en la Hispania del siglo III*. Madrid: CSIC (Anejos de AEA; 17).
- CIPRÉS, P. (1984) – Marcas y grafitos aparecidos en la *terra sigillata* hispanica procedente del yacimiento romano de Arcaya (Álava). *Veleia*, 1, p.192-215.
- CIPRÉS, P. (1987) – *Terra sigillata hispánica de Arcaya, Alava. Estudio de las formas lisas y decoradas*. Vitoria/Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*; anejos nº 3).
- CLARIANA I ROIG, J. F. (1991) – Presencia de *terra sigillata* tardo-italica en la villa romana de Torre Llauder (Mataró). *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. 29-30, p.55-70.
- CLARIANA I ROIG, J. F. (1998) – La *sigillata* itàlica-aretina decorada provinent de la villa romana de Torre Llauder (Mataró-El Maresme). *Laietania*. 11, p.97-107.
- COELHO-SOARES, A. (1980-1) - A Praça de Bocage: Escavações de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-94.
- COELHO-SOARES, A. (1987) - Materiais arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 193-202.
- COELHO-SOARES, A.; SILVA, C. T. (2004) – Novas oficinas de produção de preparados de piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa. *Musa. Museus, Arqueologia e outros Patrimónios*. 1, p.111-122
- COLLS, D. ; et Al. (1977) – *L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude* (Archaeonautica; 1).
- COMAS I SOLÀ, M. ; PADRÓS I MARTÍ, P. (1997) – Un context ceràmic del segle VI a Baetulo. In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (Arqueo Mediterrània; 2), p.121-130.
- COMAS, M.; et Al. (1994) - Observations sur les sigillées du Sud de la Gaule à Baetulo (Badalogue, Espagne). In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 83-94.
- CORZO SÁNCHEZ, J. R. ; SAN GIL, M. T. (1988-89) – *Excavaciones en el teatro de Italica*, vols. I, II e III. Sevilha.
- COSTA, J. B. (1993) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 8ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COSTA, J. M.; DIOGO, A. M. D. (1996) - Elementos sobre a produção de ânforas e a transformação piscícola em Sines durante a época romana. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 107-110.
- CRUZ, M. (2009) - *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade de Minho.
- CHEVALLIER, R. (1997) – *Les voies romaines*. Paris: Picard.
- D' ARCHIMBAUD, G. D. (1994) – *L'oppidum de Saint-Blaise du Ve au VIIe s. (Bouches-du-Rhône)*. Paris : Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française ; 45).
- DANNELL, G. B. (2002) – Law and practice: further thoughts on the organization of the potteries at la Graufesenque. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoill, p. 211-242.
- DANNELL, G.; DICKINSON, B.; VERNHET, A. (1998) – Ovolos on Dragendorff form 30 from the collections of Frédéric Hermet and Dieudonné Rey. In BIRD, J., ed. - *Form and fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley* (Oxbow Monograph; 80), p.69-110.
- DANNELL, G.; et Al. (2003) – *Gestemplete südgallische Reliefsigillata (Drag. 29) aus dem Werkstätten von La Graufesenque*. Mainz: Verlag des Römisch-germanischen Zentralmuseums (Katalogue Vor-und Frühgeschichtlicher Altertümer; 24).



- DARLING, M. J. (1998) - Samian from the city of Lincoln: a question of status?. In BIRD, J., ed. - *Form and fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley* (Oxbow Monograph; 80), p. 169-78.
- DE MAN, A. (2006) – *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Edições Sílabas.
- DÉCHELETTE, J. (1904) - *Les vases céramiques ornés de Gaule romaine*. 2 vols., Paris.
- DEJOIE, C.; RELAIS, S.; SCIOU, PH. (2005) – Les sigillées des ateliers de la Graufesenque et de Montans. Étude comparative des pâtes et engobes. In : NIETO, X.; et Al., eds. - *La difusió de la terra sigillata sudgàlica al nord d'Hispania*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies; 6), p.9-18.
- DELAGE, R. (1998) – Première approche de la diffusion des céramiques sigillées du centre de la Gaule en Occident romain. *SFECAG, Actes du congrès d'Istres*, p.271-313.
- DELGADO, M. (1967) -*Terra sigillata clara de Conimbriga*. *Conimbriga*. VI, p. 47-133.
- DELGADO, M. (1968) -*Terra sigillata clara de museus do Alentejo e Algarve*. *Conimbriga*. VII, p. 41-66.
- DELGADO, M. (1971) – Cerâmica campaniense em Portugal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, p.403-420.
- DELGADO, M. (1985) - Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. II. *Cadernos de Arqueologia*. Série 2. 2, p. 9-40.
- DELGADO, M. (1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio oriente encontradas em Portugal. *Cadernos de Arqueologia*. série 2. 5, p. 35-49.
- DELGADO, M. (1992) – Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente. *Arqueologia Medieval*. 1, p.125-133.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. IV (Les sigillées)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- DELGADO, M.; SANTOS L. (1984) - Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. I. *Cadernos de Arqueologia*. Série 2. 1, p. 49-70.
- DEMAROLLE, J.-M. (2002) – Images simplifiées et stylistiques econographique: la gladiature sur les Drag. 37 au Haut Empire. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. - *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 201-210.
- DENEAUVE, J. (1972) – Céramiques et lampes africaines sur la cote de Provence. *Antiquités Africaines*. 6, p. 219-40.
- DENEAUVE, J. (1974) – Lampes de Carthage. Paris : CNRS.
- DESBAT, A. (2005) – Les ateliers de potiers de Lyon (Lugdunum) sous de Haut-Empire. In: MENCHELLI, S.; PASQUINUCCI, M., eds. – *Territorio e produzioni ceramiche. Paesaggi, economia e società in età romana. Atti del convegno internazionale. Pisa 20-22 ottobre 2005*. Pisa : Edizioni Plus – Università di Pisa (Instrumenta ; 2), p. 301-315.
- DIAS, L. F. (1976-7) - *Terra sigillata de Mirobriga*. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 361-410.
- DIAS, L. F. (1978) - As marcas de terra sigillata do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 145-54.
- DIAS, L. F. (1995-7) - *Terra sigillata da villa romana de Povos (Vila Franca de Xira)*. Estudo preliminar. *CIRA*. Vila Franca de Xira. 7, p. 13-24.
- DIAS, L. F.; VIEGAS, J. R. (1976-7) - Necrópole lusitano-romana com incinerações do Monte Sardinha (São Francisco da Serra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 353-60.
- DIAS, M. A. (2008) – A terra sigillata africana de Parreitas (Bárrio, Alcobaça). In BARBOSA, P. G., coord. – *A região de Alcobaça na época romana. A estação arqueológica de Parreitas (Bárrio)*. Município de Alcobaça, p.94-113.
- DÍAZ, P. C. (1992-1993) - Propiedad y explotación de la tierra en la Lusitania tardoantigua. In GORGES, J. G.; SALINAS DE FRÍAS, M., eds. - *Actas de la mesa redonda El medio rural en Lusitania romana. Formas de habitat y ocupación del suelo*. (Studia Historica/Historia Antigua; 10-11), p.297-309.
- DICKINSON, B.; WEBSTER, P. V. (2002) – A group of Flavian samian from Caerleon. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 247-258.
- DIOGO, A. M. D. (1980a) - *Marcas de terra sigillata itálica em Portugal*. Lisboa: G.E.C.A..
- DIOGO, A. M. D. (1980b) - *Marcas de terra sigillata sud-gálica em Portugal*. Lisboa: G.E.C.A..
- DIOGO, A. M. D. (1982) – *Sigillata hispânica tardia de Nespereira (Beira Alta)*. Contribuição para uma carta de distribuição. *Beira Alta*. 41.1, p.269-272.

- DIOGO, A. M. D. (1984) - *Noções operatórias sobre a terra sigillata itálica e sud-gálica em Portugal. Alguns aspectos* (Separata da Revista de História Económica e Social), p. 49-65.
- DIOGO, A. M. D. (1987-88) – Notícias de dois vestígios romanos no concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim Cultural*. 5, p.107-12.
- DIOGO, A. M. D. (1987a) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-91.
- DIOGO, A. M. D. (1987b) – Ânforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar. *Arqueologia*. 16, p.112-14.
- DIOGO, A. M. D. (1999a) - Ânforas romanas de Miróbriga. *Arquivo de Beja*. Beja. Série 3. 10, p. 15-27.
- DIOGO, A. M. D. (1999b) – Ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2.1, p.235-248.
- DIOGO, A. M. D. (2000a) – As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3.1, p.163-179.
- DIOGO, A. M. D. (2000b) – Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3.1, p.181-196.
- DIOGO, A. M. D. (2001) – Escavação de uma unidade de processamento de berbigão, na estação romana do Cerro da Vila, Loulé. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4.1, p.109-115.
- DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. (1988-89) – Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O arqueólogo português*. Série IV. 6/7, p.227-40.
- DIOGO, A. M. D.; CARDOSO, J. P.; REINER, F. (2000) – Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do Rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3.2, p.81-118.
- DIOGO, A. M. D.; CAVALEIRO PAIXÃO, A. (2001) – Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4.1, p.117-140.
- DIOGO, A. M. D.; COSTA, J. M. (1996) – Elementos sobre a produção de ânforas em Sines durante a época romana. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 107-109.
- DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. (1990) – Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 173-186.
- DIOGO, A. M. D.; REINER, F. (1987) - Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 113-24.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) – Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2.2, p.83-96.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L.; COSTA, J. M. (1997) - Marcas de *sigillata* provenientes de Sines. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 115-18.
- DRAGENDORFF, H.; WATZINGER, C. (1948) – *Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*. 2 vols. Gryphius-Verlag Reutlingen.
- DUARTE, A. L. (1990) – Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 97-116.
- DUARTE, A. L.; RAPOSO, J. M. (1996) - Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/Publicações D. Quixote, p. 237-48.
- DUHAMEL, P. (1975) - Les ateliers Céramiques de la Gaule romaine. La naissance d'une industrie. *Dossiers de l'Archéologie Française*. 9, p. 12-20.
- DUNCAN-JONES, R. (1974) – *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies*. Cambridge: University Press.
- DUNCAN-JONES, R. (1994) – *Money and government in the Roman Empire*. Cambridge: University Press.
- DUPRÉ I RAVENTOS, X.; CARRETÉ I NADAL, J. M. (1993) - *La "Antiga Audiència". Un acceso al foro provincial de Tarraco*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 165).
- DUVAL, N.; et Al. (2002) – L'économie. La céramique africaine aux époques vandale et byzantine. *Antiquité Tardive*. 10, p. 177-95.



- DZWIZA, K. (2004) – *Ein Depotfund Reliefverzierter Südgallischer Terra Sigillata-Schüsseln aus Pompeji*. Separata de *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz*. 51.
- EBNÖTHER, C.; MEES, A.; POLAK, M. (1994) - Le dépôt de céramique du vicus de Vitudurum-Oberwintherthur (Suisse). Rapport préliminaire. In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 127-132.
- ECO, H. (1977) - *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Presença.
- EMPEREUR, J.-Y.; PICON, M. (1986) – A propos d'un nouvel atelier de "Late Roman C". *Figlina*. 7, p.143-146.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus pacensis*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra. Instituto de Arqueologia.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1991) - Recensões bibliográficas. *Conimbriga*. Coimbra. 30.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1996a) - Problemas em aberto na epigrafia mirobriguense. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 129-146.
- ENCARNAÇÃO, J. d'. (1996b) - Monumentos epigráficos romanos do Museu de Sines. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conimbriga»)*. 51, inscrições 230-233. Coimbra: Faculdade de Letras. Instituto de Arqueologia.
- ENCARNAÇÃO, J. d'. (2009) – Em torno da inscrição a Marte, de Sines. 1.<sup>o</sup> Encontro de História do Alentejo Litoral. 18 e 19 de Outubro de 2008. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, p.39-41.
- ESCRIVÁ TORRES, V. (1989) – *La cerámica romana de Valentia. La Terra Sigillata hispánica*. Valência: Ajuntament de València (Série Arqueológica Municipal; 8).
- ESPINOSA RUIZ, A.; SÁEZ LARA, F.; CASTILLO BELINCHÓN, R. (1995-7) - El fondeadero de la Platja de la Vila (La Vila Joiosa, Alicante): la época clásica. *Lucentum*. 14-16, p. 19-37.
- ESPINOSA, U. (1991) – El siglo V en el valle del Ebro: Arqueología e Historia. In GONZÁLEZ BLANCO, A.; FERNÁNDEZ NIETO, F. J.; REMESAL RODRÍGUEZ, J., eds. – *Arte, sociedad, economía y religión durante el Bajo Imperio y la Antigüedad Tardía*. Murcia (Antigüedad y Cristianismo. Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía; VIII), p.275-288.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994) - *Un grand complexe industriel a Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1993-4) - La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 201-18.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (2002) - *Salaisons et sauces de poisson hispaniques*. Paris : Diffusion E. de Boccard.
- ETTLINGER, E. (1987) – How was arretine ware sold?. *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. 25-26, p.5-19.
- ETTLINGER, E.; et Al. (1990-2002) - *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GMBH (Materialen zur römisch-germanischen Keramik; Heft 10).
- FABIÃO, C. (2009) – O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 4, p.25-50.
- FABIÃO, C.; et Al. (1998) – Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1.1, p.199-220.
- FABIÃO, C. (1992) – A época sueva e visigótica. In: MATTOSO; J., dir. – *História de Portugal*. Vol. I (Antes de Portugal). Lisboa: Círculo de Leitores, p.302-361.
- FABIÃO, C. (1993-1994) – O azeite da Baetica na Lusitania. *Conimbriga*. XXXII-XXXIII, p.219-245.
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Balsa. Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 17-36.
- FABIÃO, C. (1996) – O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas no Baixo-Império. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/ Publicações D. Quixote, p. 329-342.
- FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vols.. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição Policopiada.
- FABIÃO, C. (2000) – O Sul da Lusitania (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? *Actas congreso internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Império Romano (Écija y sevilla, 17 al 20 de Diciembre de 1998)*. III. Ecija, p.717-730.
- FABIÃO, C. (2004) – Centros oleiros da Lusitania. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones ce-*

- rámicas en la bética romana. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Universidad de Cadiz (BAR International Series; 1266), p.379-410.
- FABIÃO, C.; ARRUDA, A. (1990) – Ânforas de S. João da Vensa (Faro). In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 215-224.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 37-64.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1987) - *Considerações preliminares sobre a cerâmica comum do acampamento militar da Lomba do Canho, Arganil, separata Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Editorial Delta, p.287-308.
- FALCÃO, J. A.; et Al. (1988) - Epigrafia romana do concelho de Santiago do Cacém. I. A ara funerária da Herdade da Cascalheira (Santo André). *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. 2.<sup>a</sup> Série. 2, p. 37-48.
- FANT, J. (1993) – Ideology, gift and trade: a distribution model for thr Roman imperial marbles. In HARRIS, W. V., ed. - *The inscribed economy. Production and distribution in the roman empire in the light of instrumentum domesticum (Journal of Roman Studies; Supplementary Series; 6)*, p.145-170.
- FARIA, J. C. (1998) – Algumas notas acerca do provável forum de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. 37, p.185-199.
- FARIA, J. C.; FERREIRA, M.; DIOGO, A. M. (1987) – Marcas de terra sigillata de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. 26, p.61-76.
- FARINE, B. (1996) – La Graufesenque: évolution d'une chaussée au cours du 1er siècle de notre ère : structures et céramiques sigillées. *SFECAG. Actes du Congrès de Dijon*, p. 209-236.
- FENTRESS, E.; PERKINS, Ph. (1987) – Counting african red slip ware. In: MASTINO, A., ed. – *L'Africa romana. Atti del V convegno di studio. Sassari. 11-13 dicembre 1987*. Pubblicazioni del Dipartimento di Storia dell'Università di Sassari, p.205-214.
- FERNANDES, S.; PEREIRA, R. (2002) – Marcas de oficina em tijolos romanos de *Seilium*. *Conimbriga*. 41, p.257-267.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2010) – Resultados preliminares del estudio de la T.S. focense (LRC) aparecida en Vigo (Galiza, España), *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. 41, p.375-384.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2011) - *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular através del registro arqueológico de la Ría de Vigo*. Tese de doutoramento policopiada. Universidade de Vigo.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. ; SOTO ARIAS, P. (2008) – Cerâmicas finas tardoromanas orixinarias de África e de Médio Oriente atopadas na intervención da Rua Rosalía de Castro 1992 (Vigo). *Castrelos*, 13, p.26-51.
- FERNÁNDEZ FREILE, B. E. (2001) – La marca OF.FA.AE: una producción inédita de TSH hallada en Legio. *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 1, p. 89-115.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1984) – Cuencos decorados en T.S.H. dentro de la producción inicial de Andújar: las formas decoradas hemisféricas, *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 9, p. 261-84.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1985) – Características decorativas de QVARTIO. Un alfarero del centro de producción de Los Villares de Andújar (Jaen), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 10, p. 391-412.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1986) – Repertorio temático de la *Terra Sigillata Hispanica* decorada de Los Villares de Andújar (Jaen), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 11, p. 355-89.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1991-92) – TITI OPPI y la segunda generación de alfareros de Los Villares de Andújar (Jaen), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 401-13.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1998b) – Características de la sigillata fabricada en Andujar. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998a) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.49-104.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998a) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios).
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (2004) – Alfares y producciones cerámicas en la provincia de Jaén. Balance y perspectivas. In: BERNAL, D.; LAGOSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Vol. II. (BAR International Series; 1266), p. 239-72.

- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; MORALES DE LA CRUZ, M. (2004-2005) – Hacia una estructuración de la producción en el complejo alfarero de los villares de Andújar (Jaén). Nuevos datos aportados por las probinas. *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 5-6, p.45-64.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ MONTES, P. (2005) – Sigillata hispánica de origen bético. In: ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia).
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; et Al. (1997) – *Isturgi romana y su territorio: la producción de terra sigillata y su difusión*. Resultados de la producción arqueológica superficial en el yacimiento de Los Villares de Andújar y su entorno (1996). *Anuario Arqueológico de Andalucía, série II/Actividades Sistemáticas y Pontuales*, p. 145-50.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; et Al. (1999) – El centro de producción de *terra sigillata* hispánica de Los Villares de Andújar (Jaén). Síntesis de los resultados obtenidos en la campaña de 1999. *Anuario Arqueológico de Andalucía, série II/Actividades Sistemáticas y Pontuales*, p. 41-6.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I.; RUIZ PARRONDO, A.; RUIZ MNTES, P. (2002-2003) – Indicios de jerarquización en el centro de producción de los Villares de Andújar (Jaén). *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 3-4, p.59-73.
- FERNÁNDEZ PALMEIRO, J. (2006) - Grafitos y marcas de alfarero de Puebla de D. Fadrique (Granada). In CONDE GUERRI, E.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; EGEA VIVANCOS; A., eds - *Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía. Homenaje al Profesor Antonino González Blanco, in Maturitate Aetatis ad Prudentiam*. (Antigüedad y Cristianismo. Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía; 23), p.323-385.
- FERNÁNDEZ, A. ; REMOLÀ, J. A. (2008) – *Tarraco: contextos ceràmics d'època altoimperial (segles I-III)*. SFECAG. *Actes du Congrès de L'Escala-Empuriès*, p. 87-102.
- FERNÁNDEZ, J. H.; GRANADOS, J. O.; VILLAESCUSA, R. G. (1992) - *Marcas de terra sigillata del Museo Arqueológico de Ibiza* (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza; 26).
- FERNÁNDEZ-GALIANO, D. (1984) - *Complutum. I. Excavaciones*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 137).
- FERREIRA, C. J. A.; et Al. (1993) - *O património arqueológico do distrito de Setúbal*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.
- FERREIRA, S. V. (1969) - Marcas de oleiro em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 3, p. 131-79.
- FÉVRIER, P.-A. (1965) - *Fouilles de Sétif. Les basiliques chrétiennes du quartier nord-ouest*. Paris: CNRS.
- FÉVRIER, P.-A. (1976) – De Sétif à Conimbriga, en passant par l'orient. *Conimbriga*. XV, p.63-72.
- FÉVRIER, P.-A. ; GASPARY, A. ; GUÉRY, R. (1970) – Fouilles de Sétif (1959-1966). Quartier nord-ouest, rempart et cirque. 1er Supplement au Bulletin d'Archéologie Algérienne. Alger : Ministère de l'Education Nationale.
- FICHES, J.-L. (1977) - Formes rares en sigillée ornée de la Gaule du Sud trouvées en Languedoc-Rousillon. *Figlina*. 2, p. 127-143.
- FICHES, J.-L. (1978) - Les coupes Drag. 29 en Languedoc-Rousillon. *Figlina*. 3, p. 43-70.
- FICHES, J.-L.; GUY, M.; PONCIN, L. (1978) - Un lot de vases sigillés des premières années du règne de Néron dans l'un des ports de Narbonne. *Archaeonautica*. 2, p. 185-219.
- FILLOY NIEVA, I. (1995) – La T.S.H.T. del basurero romano de Uralde (Treviño). Propuesta cronológica. In *XXI Congreso Nacional de Arqueología (1991, Teruel)*. Vol. III. Diputación General de Aragón (Colección Actas; 28), p. 1079-90.
- FILLOY NIEVA, I.; GIL ZUBILLAGA, E. (1997) – Importaciones galicas tardías en Alava (Espagne). *SFECAG. Actes du Congrès du Mans*, p. 335-344.
- FINLEY, M. (1973-1986) – *A economia antiga*. 2ª edição. Edições Afrontamento.
- FONSECA, C.P. (2004) – *A terra sigillata do fundeadouro de Tróia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7.1, p.421-449.
- FONSECA, R. (1993) – *Evolução geomorfológica do sistema lagunar de Santo André ao longo de 40 anos. Encontro sobre a Lagoa de Santo André*. Santiago do Cacém: Associação Cultural de Santiago do Cacém, p.11-28.
- FONTANA, S. (1998) – Le “imitazioni” della sigillata africana e le ceramiche da mensa italiche tardo-antiche. In: SAGUI, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 83-100.



- FONTANA, S.; FELICI, F. (2003) – Importación itálicas en Tripolitana nella prima e media età imperiale. *Libyan Studies*. 34, p.65-84.
- FREITAS, M. C.; et Al. (2003) - Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons 1: the sedimentological and geochemical records of the Santo André coastal área. *The Holocene*. 13. 3, p. 433-446.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A. (1995) - Extremadura en la Tardía Antigüedad. *Extremadura Arqueológica*. IV, p.217-37.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A. (1997) - Aproximación a la ciudad hispana de los siglos IV e V d.C.. Congreso Internacional La Hispania de Teodosio. Segovia-Coca. Octubre, 1995. Universidad SEK, p.477-498.
- FULFORD, M. (1987) – Economic interdependence among urban communities of the Roman Mediterranean. *World Archaeology*. 19.1, p.58-75.
- FULFORD, M. (2009) - Approaches to quantifying Roman trade. Response. In BAUMAN, A.; WILSON, A., eds. - *Quantifying the Roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.250-258.
- FULFORD, M. G.; PEACOCK, D. P. S., eds. (1984) – *Excavations at Carthage: the british mission*. I, 2 (The Avenue President Habib Bourguiba, Salamambo. The pottery and other ceramic objects from the site). The British Academy.
- FULFORD, M. G.; PEACOCK, D. P. S., eds. (1994) – *Excavations at Carthage: the british mission*. II, 2 (The circular harbour, North side. The pottery). Oxford University Press.
- FULFORD, M. G.; TOMBER, R., eds. (1994) – *Excavations at Sabratha. 1948-1951*. II (The finds), 2 (The fine-wares and lamps). (Society for Libyan Studies; monograph n. 3).
- FULFORD, M. (2009) - Approaches to quantifying the roman trade. Response. In BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.250-258.
- FUNARI, P. P. A. (2002) – The consumption of olive oil in Roman Britain and the role of the army. In ERDKAMP, P., ed. – *The roman army and the economy*. Amsterdam: J.C. Gieben, Publisher, p.235-263.
- GANDOLFI, D. (1981) – *Terra sigillata* chiara D proveniente dagli scavi di Albintimilium. *Rivista di Studi Liguri*. XLVII. 1-4, p. 53-149.
- GANDOLFI, D. (2005) – *Sigillata focese* (“Late Roman C Ware”). In: GANDOLFI, G., ed. – *La ceramica e i materiali di età romana. Classi, produzioni, commerci e consumi*. Bordighera: Instituto Internazionale di Studi Liguri (Quaderni della Scuola Interdisciplinare della Metodologie Archeologiche; 2), p.233-250.
- GARABITO GOMEZ, T. (1978) - Los Alfares Romanos Riojanos. Producción y Comercialización. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Bibliotheca Praehistorica Hispana;16).
- GARABITO GOMEZ, T.; LUEZAS PASCUAL, R. A.; SOLOVERA, M. E. (1994) – La oficina de *Maternus Blandus* (Tricio, La Rioja). La producción de imitaciones de platos de engobe interno rojo pompeiano. *Estrato*. 5, p. 70-75.
- GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1975) - *Terra sigillata* hispanica de Tricio. I (Moldes). *Studia Archaeologica*. 38. Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras.
- GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1976a) - *Terra sigillata* hispanica de Tricio. II (Marcas de Alfarero). *Studia Archaeologica*. 40. Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras.
- GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1976b) - *Terra sigillata* hispanica de Tricio. III (Formas Decoradas). *Studia Archaeologica*. 43. Valladolid: Facultad de Filosofía y Letras.
- GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E. (1991) – *Tritium Magallum*. Centro produtor de cerâmica comum romana. *Estrato*. 3, p. 12-15.
- GARCÍA BELLIDO, A. (1945) – *España y los españoles hace dos mil años según la Geografía de Strábon*. 6ª edición. Madrid: Espasa-Calpe.
- GARCÍA BELLIDO, M. P. (2006) – El abastecimiento de moneda al ejército de *Hispania* en el Noroeste. In GARCÍA BELLIDO, M. P., coord. – *Los campamentos romanos en Hispania (27 a.C. – 192 d.C.)*. El abastecimiento de moneda. II. Madrid: Ediciones Polifemo (Anejos de Gladius; 9), p.623-672.
- GARCÍA BROSA, G. (1999) - Mercadores y negotiatores: Simples comerciantes?. *Pyrenae*. 30, p. 173-90.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. (2005) – La imagen de Hispania y los Hispanos a finales de la Antigüedad: las *Historiae Adversum Paganos* de Paulo Orosio. *Conimbriga*. 44, p.281-299.
- GARCÍA LOPEZ, J. L.; CARA BARRIONUEVO, L. (1995) – Un ejemplo de fondeadero en la costa meridional. Analisis de distribución espacial de los hallazgos romanos en la ciudad de Almería. *Actas del XXI congreso nacional de Arqueología*. Vol. I. Gobierno de Aragón (Colección Actas; 28), p.127-141.

- GARCÍA MARCOS, V. (1989-1990) – Marcas de alfarero en *sigillata* hispánica halladas en la ciudad de Leon. *Tierras de Leon*. 76-78, p.114-120.
- GARCÍA MARCOS, V. (2005) – Importación de *terra sigillata* itálica y producciones locales de tradición itálica en la Meseta Norte y el Noroeste Peninsular. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; GARCÍA DÍAZ, P., eds. - *III coloquio internacional de Arqueología de Gijón. Unidad y diversidad en el arco atlántico en época romana*. Gijón, 28, 29 y 30 septiembre 2002. Gijón, p.87-108.
- GARCÍA MERINO, C. (1991) – La casa urbana en Uxama Argaela, In *La casa urbana hispanorromana. Ponenias y comunicaciones*. Institución Fernando El Católico, p.233-260.
- GARCÍA NOGUERA, M.; et Al. (1997) – Un context ceràmic d'inicis del segle II d.C. a Tàrraco (Hispania Tarraconensis). *Pyrenae*. 28, p.179-209.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La Producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C.- IV d.C.)*. Ecija: Editorial Graficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2007) – *Hispalis* como centro de consumo desde época tardorrepública a la Antigüedad Tardía. El testimonio de las ánforas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 18, p.317-360.
- GARDINER, P. (1964-1995) – *Teorias da História*. 4ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GARNSEY, P. ; HUMFRESS, C. (2001) - *The evolution of the Late Antique world*. Cambridge: Orchard Academic.
- GARNSEY, P.; SALLER, R. (1987) - *The Roman Empire. Economy, society and culture*. London: Duckworth.
- GATEAU, F. (1990) - Amphores importées durant le I<sup>er</sup> s. av. J.-C. dans trois habitats de Provence occidentale : Entremont, Le Baoux-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'archéologie meridionale*. 13, p.163-83.
- GENIN, M. (1997) – Les horizons augustéens et tibériens de Lyon, Vienne et Roanne. Essai de synthèse. *SFECAG. Actes du Congrès du Mans*, p. 13-36.
- GENIN, M. (2006) – La sigillée marbrée des ateliers de la Graufesenque : état de la question. *SFECAG. Actes du Congrès de Pézenas*, p. 231-243.
- GENIN, M. ; et Al. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*. Vol. II (Sigillées lisses et autres productions). Aquitania : Éditions de la Fédération Aquitania.
- GENIN, M. ; HOFFMANN, B. ; VERNHET, A. (2002) - Les productions anciennes de la Graufesenque. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: Éditions Mergoïl, p. 45-104.
- GENIN, M. ; RASCALOU, P. (2004) – Un ensemble homogène du milieu du I<sup>er</sup> s. ap. J.-C. : le matériel céramique de la fosse 9003. In : THERNOT, R. ; BEL, V. ; MAUNE, S., dirs. – *L'établissement rural antique de Soumaltre (Aspiran, Hérault) – terme, auberge, nécropole et atelier de potiers en bordure de la voie Cessero – Condatomagus (I<sup>er</sup> s. apr. J.-C.)*. Montagnac : Ed. Monique Mergoïl (Collection Archéologie et Histoire ; 14), p. 133-168.
- GENIN, M.; VERNHET, A. (2002) – Une fosse-cendrier augustéenne à la Graufesenque. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 105-132.
- GENTY, P.-Iv.; FICHES, J.-L. (1978) - L'atelier de potier gallo-romain d'Aspiran (Hérault). Synthèse des travaux de 1971 à 1978. *Figlina*. 3, p. 71-92.
- GENTY, P.-Iv.; MAUNÉ, S. (2006) – Un dépotoir de la première moitié du II<sup>e</sup> s. dans la villa de St.-Bézar (Aspiran, Hérault). In MAUNÉ, S. ; GENIN, M., dirs. – *Du Rhône aux Pyrénées : aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonnaise (fin I<sup>er</sup> s. av. J.-C. – Vie s. ap. J.-C.)*. Montagnac : Éditions Monique Mergoïl, p.163-182.
- GENTY, P.Yv. (1986) – Aspiran. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: Implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 113-16.
- GIACCHERO, M. (1974) – *Editum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium in integrum fere restitutum e Latinis Graecisque fragmentis*. Génova: Istituto di Storia Antica e Scienze Ausiliare.
- GIBBON, E. (1776-1998) – *The decline and fall of the Roman empire*. Wordsworth.
- GODARD, C. (1992) – Une réserve de céramiques de l'époque de Claude à Vienne (Isère). *SFECAG. Actes du Congrès de Tournai*, p. 239-264.
- GOMES, J. ; ANDELUCCI, D. ; CABRAL, J. (2008) – Arqueossismologia: estado actual do conhecimento em Portugal. *Comunicações Geológicas*. 95, p.73-92.
- GONZALBES CRAVIOTO, E. (1995) – Sobre la cronología del inicio de las exportaciones de sigillata hispánica a la Mauritania Tingitana. In *XXI Congreso Nacional de Arqueología (1991, Teruel)*. Vol. I. Diputación General de Aragón (Colección Actas; 28), p. 167-73.



- GONZALBES CRAVIOTO, E. (2000) – Vías de comunicación entre Hispania y el Norte de Africa en época romana. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. VI, p.253-265.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1984) - Aportaciones al conocimiento del *Portus Illicitanus*: Reseña de los trabajos de urgencia de 1976. *La terra sigillata*. *Lucentum*. 3, p. 101-34.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA (1990) – *El vertedero de la Avenida de España, 3 y el siglo III d.de C. En Ebusus*. Consejería de Cultura, Educació i Esports/Govern Balear (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza; 22).
- GOUDINEAU, Ch. (1968) – *La ceramique aretine lisse. (Fouilles de l'Ecole Française de Rome a Bolsena (Poggio Mocici). 1962-1967*. Paris. E. de Boccard.
- GOZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; FERNÁNDEZ MATELLANA, F.; CRESPO ROS, F. (1997) – La cerámica tardía realizada a mano hallada en superficie en el Cerro de la Almagra (Mula, Murcia). Campaña de 1996. *La tradición en la Antigüedad Tardía*. (Antigüedad y Cristianismo. Monografías Historicas sobre la Antigüedad Tardía; 14), p.619-641.
- GRAEN; et Al. (2008) – The site of Quinta de Marim (Olhão): results and perspectives of investigation: *Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*. I (Xelb ; 8), p.223-242.
- GRANT, M. (1990-2009) – *Roma. A queda do Império*. Lisboa : Presença.
- GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUÉRY, R. (1979) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algerie. 1. Sigillées provinciales (hispaniques et gallo-romaines). *Antiquités Africaines*. 13, p. 23-97.
- GUÉRY, R. (1987) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algerie. II. Sigillées tardo-italiques. *Antiquités Africaines*. 23, p. 149-191.
- GUÉRY, R. (1992) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algerie. IV/1. Sigillées itali-ques (A() à C. M() R()). *Antiquités Africaines*. 28, p. 15-131.
- GUÉRY, R. (1994) - Les marques de potiers sur *terra sigillata* découvertes en Algerie. IV/2. Sigillées itali-ques (ME() à C. VOLVSENVIS (NESTOR ?)). *Antiquités Africaines*. 30, p. 89-187.
- GUMÀ, M. M.; RIERA, M. M.; TORRES, F. (1997) – Contextos ceràmics dels segles IV-X a l'illa de Mallorca. In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. *Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996*. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (*Arqueo Mediterrània*; 2), p.249-268.
- HAALEBOS, J. K.; MEES, A.; POLAK, M. (1991) – Über Töpfer unf Fabriken verzierter Terra-Sigillata des ersten Jahrhunderts. *Archäologisches Korrespondenzblatt*. 21, p. 79-91.
- HARRIS, W. (2009) – A comment on A. Wilson: Approaches to quantifying the roman trade. In BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.259-267.
- HARRIS, W. (2009) – A comment on A. Wilson: Approaches to quantifying Roman trade. In BAUMAN, A.; WILSON, A., eds. – *Quantifying the Roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.259-267.
- HARRIS, W. V. (1993) - Between archaic and modern: some current problems in the history of the roman economy. In HARRIS, W. V., ed. - *The inscribed economy. Production and distribution in the roman empire in the light of instrumentum domesticum (Journal of Roman Studies; Supplementary Series; 6)*, p. 11-30.
- HARTLEY, B. (2002) – Associations of potters on stamps from la Graufesenque. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'èpoque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl, p.133-138.
- HARTLEY, B. R.; DICKINSON, B. M. (1993) - The samian stamps catalogue. In MANNING, W.H., ed. - *The roman pottery. Report on the excavations at Usk. 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 207-18.
- HAWTHORNE, J. W. J. (1987) - Post processual economics: the role of African Red Slip Ware vessel volume in Mediterranean demography. In *Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Sheffield / Oxford.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1976) – Pottery : stratified groups and typology. In: HUMPHREY, J. H., ed. – *Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan*. I. Tunis: Cérès Productions, p . 47-123.
- HAYES, J. W. (1977) – North african flanged bowls: a problem in fifth-century chronology. In DORE, J.; GREENE, K., eds. - *Roman pottery studies in Britain and Beyond*. (BAR, supp. Series; 30), p.279-287.

- HAYES, J. W. (1978a) – Appendix 1. Selected deposits. In: HUMPHREY, J. H., ed. – *Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan*. II. Tunis: Cérès Productions, p.113-18.
- HAYES, J. W. (1978b) – Pottery report - 1976. In: HUMPHREY, J. H., ed. – *Excavations at Carthage 1976 conducted by the University of Michigan*. I. Tunis: Cérès Productions, p.23-98.
- HAYES, J. W. (1980) - *A supplement to late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1992) - *Excavations at Saraçhane in Istanbul*. Vol. II (The pottery). Princeton University Press.
- HAYES, J. W. (1998) – Introduction. The study of roman pottery in the Mediterranean. 23 years after Late Roman Pottery. In: SAGUI, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 9-22.
- HAYES, J. W. (2008) – *The Athenian Agora. Results of excavations conducted by the American School of Classical Studies at Athens*. XXXII (Roman pottery. Fine-ware imports). Princeton/New Jersey: The American School of Classical Studies at Athens.
- HERMET, F. (1934) - *La Graufesenque (Condatomago)*. 2 vols.. Paris: Librairie Ernest Leroux.
- HESNARD, A. (1998) - Des amphores pour l'histoire du commerce. Que compter et pourquoi. In ARCELLIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) - *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*. (Collection Bibracte; 2), p. 17-22.
- HESNARD, A. ; et Al. (1989) – Aires de production des Gréco-Italiques et des Dr.1. Amphores romaines et histoire économique : dix ans de recherche. Actes du colloque de Sienne (22-24 Mai 1986). Roma: École Française de Rome / Palais (Collection de l'École Française de Rome; 114), p.23-65.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1987) - Materiales arqueológicos del Castro de Vigo (España). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 167-92.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M.; VIÑAS CUE, R. (1987) – Nuevas cerámicas romanas de importación del Castro de Vigo (campaña de 1987). *Castrelos*. 5-6, p.41-70.
- HINGLEY, R. (2002) – Recreating coherence without reinventing Romanization. *Digressus*. 2, p.111-119.
- HINGLEY, R. (2005) – *Globalizing Roman culture. Unity, diversity and empire*. New York: Routledge.
- HODDER, I. (1994) - *Interpretación en arqueología. Corrientes actuales*. Barcelona: Crítica.
- HOFMANN, B. (1971) - Les relations entre potiers, fabricants de moules et artistes producteurs de poinçons. *Rei Cretariae Romanae Favtores*. 13, p. 5-20.
- HOFMANN, B. (1986) – Banassac. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: Implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 103-10.
- HOFMANN, B. (1988) – *L'Atelier de Banassac*. (Revue Archéologique SITES ; hors-série n° 33).
- HOFMANN, B. (s.d.), Catalogue des estampilles sur vaisselle sigillée. 1,2,3. *Notice Technique*. 21, 22, 23. Groupe d'Archéologie Antique du Touring Club de France.
- HOPKINS, K. (1980) – Taxes and trade in the Roman Empire (200 B.C. – A.D. 400). *Journal of Roman Studies*. 70, p.101-125.
- HOPKINS, K. (1983) – Models, ships and staples. In GARNSEY, P.; WHITTAKER, C. R., eds. – *Trade and famine in Classical Antiquity*. The Cambridge Philological Society, p.84-109.
- HORDEN, P.; PURCELL, N. (2000) - *The corrupting sea. A study of Mediterranean History*. Blackwell Publishing Ltd.
- HOWGEGO, Ch. (2009) – Some numismatic approaches to Quantifying the Roman economy. In BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.287-295.
- HUGUET ENGUITA, E. (2005) – Segells de *Sigillata* Hispànica de labocador de la Placa del Negret. *Saguntum (P.L.A.V.)*. 37, p.181-198.
- HURTADO, T.; et Al. (2008) – Un nivel de destrucción del siglo V en el Portus Sucronem (Cullera, Valencia). Contexto material. *Cuadernos de Prehistoria de Arqueología Castellana*. 26, p.95-141.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman glass from dated finds*. Groningen/Djakarta: Academie Rheno-Trajectina (Archaeologica Traiectina; II).
- IZQUIERDO, M. T. (1994) - Les sigillées gauloises de Santa Maria del Juncal (Irún, Pays Basque). Apports à l'étude de la diffusion des productions montanaises dans le Nord de la Péninsule Ibérique. In *Actes du Congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 103-114.

- JACOB, J.-P.; LEREDDE, H. (1986) - Pour l'étude socio-professionnelle des potiers gallo-romains. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris : Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents de l'Archéologie Française; 6), p. 21-23.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (1991) – *Cerámicas finas tardorromanas y del Mediterraneo oriental en España. Estado de la cuestión*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (*Anejos de Archivo Español de Arqueología*; XI).
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (1996) – El yacimiento romano de El Campillo (Altura). Nuevos datos para el estudio de la romanización en la comarca de El Alto Palancia (Castellón). *Quad. Preh. Arq. Cast.* 17, p.367-381.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (2000) – Las cerámicas de importación e el Nordeste de la Tarraconense durante los siglos VI y VII d.C.. Aproximación general. In *V Reunión d'Arqueología Cristiana Hispánica. Cartagena, 16-19 d'Abril 1998*. Barcelona (Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica; VII), p.467-484.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R.; CLARIANA i ROIG, J. F. (1994) – Ceràmica xipriota i egípcia-B tardorromana a la comarca del Maresme. *III reunió d'Arqueologia Cristiana hispànica. Maó, 12-17 de setembre de 1988*. Barcelona (Monografies de la Secció Historico-Arqueologica; II), p.333-337.
- JEREZ LINDE, J. M. (2004) – La T. S. Hispánica precoce o “Tipo Peñaflor”, su incidencia en el territorio emeritense y dos marcas inéditas del M. N. A. R. de Mérida. *Anas*. 17, p.161-178.
- JEREZ LINDE, J. M. (2005) – *La terra sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (*Cuadernos Emeritenses* ; 29).
- JOHNS, C. M. (1993) - The decorated samian ware. In MANNING, W.H., ed. - *The roman pottery. Report on the excavations at Usk. 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 161-203.
- JONCHERAY, J.-P. (1987) - L'épave G du Dramont. Notes sur six épaves de tuilles romaines. *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. 6, p. 51-84.
- JONES, A. H. M. (1953) – Inflation under the Roman Empire. *Economic History Review*. 5, p.293-318. In BRUNT, P. A., ed. [JONES, A. H. M.] – *The Roman economy. Studies in ancient economic and administrative History*. Oxford: Basil Blackwell, p.187-227.
- JONES, A. H. M. (1973) – *The later Roman Empire. 284-602. A social economic and administrative survey*. 2 vols. Oxford: Basil Blackwell.
- JONGAMN, W. (2007) – The early Roman empire: consumption. In SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R. – *The Cambridge economic History of the Graeco-Roman world*. Cambridge University Press, p.592-618.
- JONGMAN, W. (2007) – Gibbon was right : the decline and fall of the Roman economy. In HEKSTER, O.; KLEIJN, G.; SLOOTJES, D., eds. – *Crises and the Roman Empire. Proceedings of the Seventh Workshop of the International Network Impact of the Roman Empire (Nijmegen, June 20-24, 2006)*. Leiden/Boston: Brill, p.183-200.
- JUAN TOVAR, J. C. (1997) – Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía. In: *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2, p. 543-68.
- JUAN TOVAR, J. C. (2000) – *La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva*. In: GARCÍA GUINEA, M. A., dir. – *La villa de Quintanilla de la Cueva (Palencia). Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Junta de Castilla y León/Diputación de Palencia, p. 45-122.
- JUAN TOVAR, J. C.; PÉREZ GONZÁLEZ, C. (1995) – *Un vertedero del siglo IV d.C. en Relea (Saldaña). Campaña 1985. Separata del tomo I de las actas del III congreso de Historia de Palencia*. Palencia: Diputación Provincial de Palencia.
- KEAY, S. (1984) - Decline or continuity? The Coastal Economy of the Conventus Tarraconensis from the Fourth Century until the Late Sixth Century. In BLAGG, T.; JONES, R.; KEAY, S.J., dir. - *Papers in Iberian Archaeology (ii)* (BAR-IS; 193 (ii)), p.552-77.
- KEAY, S. (1988) – *Roman Spain*. London: British Museum Publications.
- KEAY, S.; CREIGHTON, J.; REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2001) – *Celti (Peñaflor). La arqueología de una ciudad hispanorromana en la Baetica: prospecciones y excavaciones. 1987-1992*. Junta de Andalucía/Consejería de Cultura.
- KENRICK, Ph. M. (1985) – *Excavations at Sidi Khrebish Benghazi (Berenice)*. Vol. III. Part I (The fine pottery). Tripoli: Socialist People's Libyan Arab Jamahiriya.
- KENRICK, Ph. M. (1996) – The importation of italian sigillata to Algéria. *Antiquités Africaines*. 32, p.37-44.



- KENRICK, Ph. M. (2006) – Thirty six thousand pieces of signed Italian *sigillata*: what next?. In MALFITANA, D., POBLOME, J.; LUND, J., eds. – *Old pottery in a new century. Innovating perspectives in Roman pottery studies. Atti del convegno internazionale di studi. Catania, 22-24 Aprile 2004*. Catania: Consiglio Nazionale delle Ricerche (Monografie dell’Istituto per i Beni Archeologici e Monumentali (IBAM); 1), p.65-72.
- KNORR, R. (1912) - *Südgallische Terra-Sigillata von Rottweil*, Stuttgart: W. Kohlhamer.
- KNORR, R. (1952) - *Terra-Sigillata-Gefässe des ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*. Stuttgart.
- KOVACSOVICS, W. (1987) - As XII – eine Preisangabe auf einem Sigillatateller aus Salzburg. *Germania*. 65, p. 222-25.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana (II a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- LAMBOGLIA, N. (1950 [1979]) – *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana. Parte prima. Campagne di scavo 1938-1940*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri (Collezione di Monografie Preistoriche ed Archeologiche).
- LAMBOGLIA, N. (1958) – Nuove osservazioni sulla « *terra sigillata chiara* » (tipi A e B). *Rivista di Studi Liguri*. XXIV. 3-4. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p.257-330.
- LAMBOGLIA, N. (1963) – Nuove osservazioni sulla « *terra sigillata chiara* » (II). Tipi C, Lucente e D. *Rivista di Studi Liguri*. XXIX. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p.145-212.
- LANCEL, S. (1970) – Tipasinata IV : la nécropole romaine occidentale de la porte de Césarée. Rapport préliminaire. *Bulletin d’Archéologie Algérienne*. IV, p. 149-266.
- LARFARGUES, A.; LARFARGUES, J.; VERTET, H. (1976) - Les estampilles sur sigillée lisse de l’atelier augustéen de La Murette à Lyon. *Figlina*. 1, p. 39-87.
- LAUBENEIMER, F.; ALBAGNAC, L. (1986) - Jonquières et Saint-Saturnin. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme (Documents d’Archéologie Française; 6), p. 117-120.
- LAUBENHEIMER, F. (1979) - La collection de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat. *Antiquités Africaines*. 13, p. 99-225.
- LEBLANC, O. (1994) - La sigillée gauloise à Saint-Romain-en-Gal (Rhône). In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 143-164.
- LEVEAU, Ph. (2007) – The western provinces. In SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R. – *The Cambridge economic History of the Graeco-Roman world*. Cambridge University Press, p.651-670.
- LO CASCIO, E., ed. (2000) – *Mercati permanente e mercati periodici nel mondo romano. Tai degli incontri capresi di storia dell’ economia antica (Capri 13-15 ottobre 1997)*. Bari: Edipuglia.
- LOESCHCKE, S. (1909) – *Keramische Funde in Haltern. Ein Beitrag zur Geschichte der augusteischen Kultur in Deutschland*. Bonn.
- LOMAS, F. J., et Al. (1988) – *Historia de España antigua*. I (Protohistoria). 4ª edição. Madrid: Cátedra.
- LOPES, C. (1994) - *A Sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra/Instituto de Arqueologia.
- LOPES, C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. 2 vols.. Coimbra: Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra.
- LOPES, C.; MAYET, F. (1990) - Commerce régional et lointain des amphores lusitaniennes. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., dir. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce (Actes des journées tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988)*. Paris: Dif. Bocard, p.295-302.
- LÓPEZ MULLOR, A.; et Al. (1996) – Un ensemble céramique du début de l’*époque de Claude* découvert dans la ville de Palma (Majorque, Espagne). *SFECAG, Actes du congrès de Dijon*, p.237-252.
- LÓPEZ PÉREZ, M. C. (2004) – *El comercio de Terra Sigillata en la provincia de A Coruña*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico (Brigantium; 16).
- LÓPEZ PIÑOL, M. (1989) – La cerámica de producción africana del nivel de abandono del Grau Vell en Sagunto. In *Homenatge A. Chabret. 1888-1988*. Generalitat Valenciana, p.221-252.
- LÓPEZ QUIROGA, J. (2002) – Fluctuaciones del doblamiento y habitat “fortificado” de altura en el noroeste de la Península Iberica (ss.V-IX). In Fernández, I. C. (coord.) – *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, p.83-92.
- LOPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1979) – *Terra sigillata* de Italica en la colección de la casa de la Condesa de Lebrija. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*. 45, p.81-124.

- LOPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1985) – *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*. Salamanca.
- LOT, F. (1927-1968) – *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Edições 70.
- LOZANO IRUESTE, J. M. (1994) – *Diccionario abreviado de economia*. Porto : Campo das Letras.
- LUCAS, J. R. (2003) – *Cultural change in North-Western frontiers of the Roman Empire. Case studies in Britannia and Germanis Inferior*. Doutoramento em Filosofia. Universidade de Southampton. Vol.I.
- LLINÀS i POL, J. (1997) – La excavación de la carretera de San Martín de Ampurias (Gerona). Un ejemplo de los contextos cerámicos durante la Antigüedad Tardía en el litoral catalán. *Archivo Español de Arqueología*. 70, p.149-169.
- MACIAS SOLÉ, J. M.; MENCHON BES, J. J., eds. (2007) – *La villa romana dels Hospitals. El Morell, Tarragona. Un assentament de la via De Italia in Hispanias*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili.
- MACIAS, J. M.; et Al. (1997) – Nous contextos ceràmics del segle IV i inicis del V en la província de Tarragona. In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (Arqueo Mediterrània; 2), p.153-178.
- MACIEL, J. (1996) – *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.
- MACKENSEN, M. (1991) – Zur Datierung mediterraner *Sigillata* aus der Spätantiken Befestigung *Iatrus* an der unteren Donau. Die Chronologie der Late Roman C-Formen Hayes 3A-E. *Germania*. 69.1, p.79-96.
- MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken Sigillata- und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien)*. Studien zur Nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts (mit einem Beitrag von Sebastien Storz). 2 vols.. München : C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Müncher Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte; 50).
- MACKENSEN, M. (1998a) – Centres of africa red slip ware production in Tunisia from the late 5th to the 7th century. In: SAGUI, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 23-40.
- MACKENSEN, M. (1998b) – New evidence for central Tunisian red slip ware with stamped decoration (ARS style D). *Journal of Roman Archaeology*. 11, p. 355-70.
- MACKENSEN, M. (1998c) – Arbeitsgeräte aus dem spätantiken Töpfereizentrum von El Mahrine (Nordtunesien). *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts. Römische Abteilung (MDAI-R)*. 105, p. 431-39.
- MACKENSEN, M. (1999) – Spätantike keramikensembles und Baumassnahmen in der südlichen Raumzeit der Insula E218. In: RAKOB, F., ed. – *Die deutschen Ausgrabungen in Karthago*. III. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern / Deutsches Archäologisches Institut, p. 545-65.
- MACKENSEN, M. (2003) - Production of 3<sup>rd</sup> century sigillata A/C (C1-C2) or "El-Aouja ware and its transition to sigillata C3 with appliqué-decoration in central Tunisia. *RCRF Acta*. 38, p.279-286.
- MACKENSEN, M. (2004) – Produzione e diffusione della ceramica *sigillata* africana nella Tunisia centrale e settentrionale dalla metà del III secolo alla metà del V secolo d.C.. In: de VOS, M., ed. – *Archeologia del territorio. Metodi materiali prospettive. Medjerda e Adige. Due territori a confronto*. Trento: Dipartimento di Scienze Filologiche e Storiche, p. 131-60.
- MACKENSEN, M.; SCHNEIDER, G. (2002) – Production centres of african red slip ware (3<sup>rd</sup>-7th c.) in northern and central Tunisia: archaeological provenance and reference groups based on chemical analysis. *Journal of Roman Archaeology*. 15, p. 121-58.
- MADEIRA, J., coord. (1993) - *Encontro sobre a Lagoa de Santo André*. Santiago do Cacém: Associação Cultural de Santiago do Cacém.
- MADRID FERNÁNDEZ, M. (1999a) - Primers resultats de l'estudi de la ceràmica *terra sigillata* de Baetulo: Circulació ceràmica i aportacions cronològiques a la ciutat. *Pyrenae*. 30, p. 147-172.
- MADRID FERNÁNDEZ, M. (1999b) – Les marques de potiers sur la *Terra Sigillata* de la ville romaine de Baetulo (Badalona, Barcelone). *SFECAG, Actes du congrès de Fribourg*, p.279-289.
- MAGALHÃES, A. P. (2007) – *A Terra Sigillata Hispânica Tardia de Terronha de Pinhavelo: o comércio e o povoamento*. *Terras Quentes*, 4, p.7-50.
- MAGALHÃES, A. P. (2010) – *A Terra Sigillata da oficina de salga 1 de Tróia: contextos de escavações antigas (1956-1961) e recentes (2008-2009)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MANTAS, V. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*. Paris: CNRS, p. 149-206.



- MANTAS, V. (1996) - Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do vale do Sado. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal/ Publicações D. Quixote, p. 343-371.
- MANTAS, V. (2004a) – A Lusitânia e o Mediterrâneo: identidade e diversidade numa província romana. *Conimbriga*. 43, p.63-83.
- MANTAS, V. (2004b) – Vias e portos na Lusitânia romana. In GORGES, J.-G.; CERILLO, E.; NOGALES TRINIDAD, T., eds. – *V mesa redonda internacional sobre Lusitania romana. Las comunicaciones*. Cáceres, *Facultad de Filosofía y Letras*. 7, 8 y 9 de noviembre de 2002, p.427-454.
- MARCOS POUS, A. (1977) – Estampillas de ceramistas sobre tazas aretinas H8 recogidas sin control arqueológico en el yacimiento del exconvento de la Merced de Córdoba. *Corduba*. N° 2. Vol. 1. Fasc. 1, p.55-97.
- MARICHAL, R. (1986) - Nouveaux aperçus sur la vie et la structure des ateliers de La Graufesenque d'après les comptes de potiers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 17-20.
- MARICHAL, R. (1988) - *Les graffites de La Graufesenque*. (Suplement à *Gallia* ; 47).
- MARÍN, C. (1995) – La cerámica de cocina africana: consideraciones en torno a la evidencia valenciana. In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 155-166.
- MARSH, O. (1981) – London's samian supply and its relationship to the development of the gallic samian industry. In ANDERSON, A. C.; ANDERSON, A. S. - *Roman pottery research in Britain and North West Europe*. Oxford (BAR; 13), p.173-238.
- MARTIN ALMAGRO; LAMBOGLIA, N. (1959) - La estratigrafia del decumano A de Ampurias. *Ampurias*. Barcelona. XXI, p. 1-24.
- MARTIN BUENO, M. A. (1976) – Aportaciones al conocimiento de la terra sigillata de Bilbilis. *Principe de Viana*. 142-143, p.67-118.
- MARTIN, A. (1989) – L'importazione di ceramica a Roma tra il IV e il V secolo (S. Stefano Rotondo). In: MASTINO, A., ed. - *L'Africa romana. Atti del convegno di studio (Sassari, 16-18 dicembre 1988)*. Edizioni Gallizi, p. 475-83.
- MARTIN, A. (1994) - Nouvelles observations sur le sigillée sud-gauloise en Italie. In *Actes du congrès de Millau (12-15 Mai)*, Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 115-126.
- MARTIN, A. (1998) - La sigillata focese (phocaeen red-slip/late roman C ware). In: SAGUI, L., ed. - *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in Onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 109-22.
- MARTIN, A. (2006) – *Sigillata* and red-slip ware to Ostia. The supply to a consumption center. In: MENCHELLI, S.; PASQUINUCCI, M., eds. – *Territorio e produzioni ceramiche. Paesaggi, economia e società in età romana. Atti del convegno internazionale. Pisa 20-22 ottobre 2005*. Pisa : Edizioni Plus – Università di Pisa (Instrumenta ; 2), p.381-388.
- MARTIN, G. (1978) – *Terra sigillata* clara « D » estampada de Pollentia. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 15, p.293-310.
- MARTIN, Th. (1986a) - Le déclin. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 3-5.
- MARTIN, Th. (1986b) – Montans. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 58-71.
- MARTIN, Th. (1986c) - Centre de Montans: atelier de Crambade. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 72-7.
- MARTIN, Th. (1986d) - Saint-Saveur. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 78.
- MARTIN, Th. (1986e) – Valéry. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 78-84.
- MARTÍNEZ GONZÁLEZ, M. M. (2005) – La producción de *Terra Sigillata* Hispánica Tardía en el área riojana. Valoración arqueológica de los datos disponibles. *Iberia*. 8, p.113-134.

- MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. (1989) – Las cerámicas beticas de imitación tipo Peñaflor: bases para el estudio de un nuevo grupo de época altoimperial, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 26, p. 60-65.
- MARTIN-KILCHER, S. (1999) – Karthago 1993. Die Füllung eines Frühkaiserzeitliches Pozzo. In: RAKOB, F., ed. – *Die deutschen Ausgrabungen in Karthago*. III. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern / Deutsches Archäologisches Institut, p. 403-434.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989-90) - História e arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta. *Cadernos de Arqueologia*. série 2. 6-7, p. 11-38.
- MAYA GONZÁLEZ J. L. (1983-1984) – Habitat y cronología de la cultura castreña en Asturias. *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueología do Noroeste. Homenagem a Rui Serpa Pinto, Porto, 10-12 de Novembro de 1983*. (Portugalia. 4-5), p.121-130.
- MAYET (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris : Diffusion du Bocard / Publication du Centre Pierre Paris (E.R.A. ; 552).
- MAYET, F. (1978) - Les importations de sigillées à Mérida au I<sup>er</sup> siècle de notre ère. *Conimbriga*. Coimbra. 17, p. 79-100.
- MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique*. Paris : Diffusion de Boccard. 2 vols.
- MAYET, F. (1990) - Mérida: capitale économique?. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*. Paris: CNRS, p. 207-13.
- MAYET, F. (1996) - O comércio dos produtos da Lusitânia transportados em ânforas no Baixo Império. In *Actas das I Jorn. sobre a romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Pub. D. Quixote, p. 329-42.
- MAYET, F. (2001) – Les amphores lusitaniennes. *Céramiques hellénistiques et romaines*. III, pp. 277-293.
- MAYET, F.; PICON, M. (1986) - Une sigillée phocéenne tardive («Late Roman C ware») et sa diffusion en Occident. *Figlina*. 7, p. 129-42.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*, Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*, Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MEDINA, J., dir. (1993) - *História de Portugal*. II (O mundo luso-romano), direção V. Gonçalves. Ediclube.
- MEES, A.W. (1994) - Potiers et moulistes. Observations sur les structures et commercialisation des ateliers de terre sigillée décorée. In *Actes du congrès de Millau (12-15 Mai)*, Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 19-41.
- MEES, A.W. (1995) – *Modellsignierte Dekorationen auf Südgallischer Terra Sigillata*. Stuttgart : Kommissionsverlag / Konrad Verlag (Forschungen und Berichte zur Vor-und Frühgeschichte in Baden-Württemberg; 54).
- MEES, A.W. (2002) – *Organisationsformen Römischer Töpfer-Manufakturen am Beispiel von Arezzo und Rheinzabern. Unter Berücksichtigung von Papyri, Inschriften und Rechtsquellen*. 2 vols.. Mainz/Bonn: Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums (Monographien; Band 52).
- MEES, A.W. (2005) – Distribution maps of south gaulish decorated samian : the case of the potter Passienus. In: MENCHELLI, S.; PASQUINUCCI, M., eds. – *Territorio e produzioni ceramiche. Paesaggi, economia e società in età romana. Atti del convegno internazionale. Pisa 20-22 ottobre 2005*. Pisa : Edizioni Plus – Università di Pisa (Instrumenta ; 2), p. 315-321.
- MELCHIOR, E. (1999) – Elites municipales y mecenazgo cívico en la Hispania. In RODRÍGUEZ NEILA, J. F.; NAVARRO SANTANA, F. J., eds. – *Elites y promoción social en la Hispania Romana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (Mundo Antiguo, Nova série; 5), p.219-264.
- MENAUT, G. P. (1987) - El Edicto de Domiciano sobre el vino y la economía política romana en el alto imperio. In *I colloqui d'arqueologia romana. El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*. Badalona, 28,29,30 de novembre e 1 de desembre de 1985. Actes. Badalona: Museu de Badalona (Monografies Badalonines; 9), p. 349-65.
- MENCHELLI, S. (2004) - Coarse pottery throughout the Mediterranean (3<sup>rd</sup>. Cent. B.C. - 7<sup>th</sup> cent. AD). In PASQUINUCCI, M.; WESKI, T. - *Close encounters: sea- and riverborne trade, ports and hinterlands, ship construction and navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time*. (BAR IS; 1283), p.67-74.
- MÉNDEZ ORTIZ, R.; RAMALLO ASENSIO, S. (1985) – Cerámicas tardías (ss. IV-VII) de Carthago Nova y su entorno. In *Del conventus carthaginensis a la Chora de Tudmir. Perspectivas de la Historia de Murcia entre los siglos III-VIII (Antigüedad y Cristianismo. Monografías Historicas sobre la Antigüedad Tardía; II)*, p.231-280.

- MERRYWEATHER, A. D.; PRAG, J. R. W. (2007) – “Romanisation”? or, Why flog a dead horse?. *Digressus*, 7, p.8-10.
- MESQUIRIZ, M. A. (1958) – *La excavación estratigráfica de Pompaelo. I. Campaña de 1956*. Pamplona: Institución “Príncipe de Viana”.
- MESQUIRIZ, M. A. (1978) – *Pompaelo. II*. Pamplona.
- MESQUÍRIZ, M. A. (1985) - *Terra sigillata Ispanica*. In AA. VV. - *Enciclopedia dell’Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. II* (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero), p.97-174.
- MEYER, K. E.; BASAS, C.; TEICHNER, F. (2001) – *Mulva IV. Die Häuser 1 und 6. La cerámica de la casa nº 6. Das Haus 2*. Mainz am Rhein: verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge; Band 27).
- MILLER, K. (1916) – *Itineraria Romana. Römische Reisewege an der Hand der Tabula Peutingeriana dargestellt von Konrad Miller*. Stuttgart: Strecker und Schröder.
- MOLINA VIDAL, J. (1997) - *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior (siglos II a.C. – II d.C.)*. Alicante: Universidad de Alicante.
- MOLTÓ POVEDA, F. X. (2000) – Cerámicas de importación del yacimiento tardorromano de Garganes. In *V Reunión d’Arqueologia Cristiana Hispánica. Cartagena, 16-19 d’Abril 1998*. Barcelona (Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica; VII), p.529-540.
- MONSERRAT COMAS; et Al. (1994) - Observations sur les sigillées du Sud de la Gaule à Baetulo (Badalonne, Espagne). In *Actes du Congrès de Millau (12-15 Mai)*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 83-94.
- MONTERROSO CHECA, A. (2002) – Plato de cerâmica, possivelmente producida en Andújar. In: VENTURA, A. ; et Al. – *El teatro romano de Córdoba*. Córdoba, p. 281-83.
- MONTERROSO CHECA, A. (2005) - *Ex theatro cordubensi. La vida del monumento y la producción de cerámicas africanas en el Vale del Baetis*. Córdoba: Universidad de Córdoba (Arqueología Cordobesa; 10).
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1989) – *Terra sigillata en Valentia: productos galicos*. *Archivo de Prehistoria Levantina*. XIX, p.213-253.
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1990) – *Terra sigillata en Valentia: productos itálicos*. *ARSE. Boletín del centro arqueológico saguntino*. 25, p.961-992.
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1991) – *Terra sigillata en Saguntum y tierras valencianas*. Caja de Ahorros de Sagunto.
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1992) – *Terra sigillata en Valentia: productos hispánicos*. In *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. València: Diputación Povincial de Valencia (Serie de Trabajos Vários; 89), p.469-537.
- MONTESINOS i MARTÍNEZ, J. (1998) - *Comercialización de terra sigillata en Ilici (Elche. Comunidad Valenciana. España)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana. Sección de Prehistoria y Arqueología (Serie Arqueológica; 16).
- MORAIS, R. (1997-8) - Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época flávia. *Cadernos de Arqueologia. Série 2*. 14-15, p. 47-135.
- MORAIS, R. (2004) – Os almofarizes béticos em Bracara Augusta. In: BERBAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Vol. II. (BAR International Series; 1266), p. 567-70.
- MORAIS, R. (2005a) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. 2 vols. Braga: U.A.U.M. (Escavações Arqueológicas; 2).
- MORAIS, R. (2005b) – From oppidum to Dives Bracara: the roman trade through the amphorae. In: GURT I ESPARRAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS; CAU ONTIVEROS, M. A., eds. – *LRCWI. Late roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry*. (BAR IS; 1340), p.55-68.
- MORAIS, R. (2010) – Estudio preliminar de la terra sigillata hispánica tardía de Bracara Augusta. *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. 41, p.437-461.
- MORAIS, R.; FABIÃO, C. (2005) – Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In LAGÓSTENA, L.; BERNAL, D.; ARÉVALO, A., eds. – *Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. *Actas del congreso internacional (Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005)*. Cádiz (BAR IS; 1686), p.127-133.
- MOSER, F. (1986) – Brive. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Siences de l’Homme (Documents d’Archéologie Français; 6), p. 90-1.



- MOUTINHO ALARCÃO, A. (1958) – *Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal*. Separata da *Revista de Guimarães*, LXVIII.
- MOUTINHO ALARCÃO, A. (1971a) - *Terra sigillata* do Museu Machado de Castro. *Conimbriga*. Coimbra. 10, p.45-78.
- MOUTINHO ALARCÃO, A. (1971b) – *A terra sigillata itálica em Portugal*. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), p.421-432.
- MUÑOZ TOMÁS, B. (1993-1994) – Cerámica romana en las comarcas interiores del S.E.. *Terra sigillata*. Las marcas de alfarero. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. 9-10, p.209-224.
- NAVEIRO LOPEZ, J. L. (1991) - *El comercio antiguo en el N.W. peninsular*. *Lectura histórica del registro arqueológico*. A Coruña (Monografías Urxentes do Museu; 5).
- NEURU, L. (1980) – Late roman pottery: a fifth century deposit from Carthage. *Antiquités africaines*. 16, p. 195-211.
- NEURU, L. (1990) – Pottery from occupation levels of byzantine Carthage. *CECAD Carthage*. 11. Junho 1990, p.29-39.
- NEVES, R.; ARIEGAS, P.I. (1999) - Miróbriga. Ecologia e paisagem. *Vípasca*. Aljustrel. 8, p. 73-7.
- NIETO PRIETO, F. J. (1984) - Algunos datos sobre las importaciones de cerâmica «Phocean Red Slip» en la Península Ibérica. In BLAGG, T.; JONES, R.; KEAY, S. J., dir. - *Papers in Iberia Archaeology* (ii). Oxford. (BAR-IS; 193. ii), p. 540-51.
- NIETO PRIETO, J. (1986) - El pecio Culip IV: observaciones sobre la organización de los talleres de *terra sigillata* de La Graufesenque. *Archaeonautica*. 6, p. 81-119.
- NIETO PRIETO, J. (1993) – *El Edificio “A” de la ciudadela de Roses*. *La terra sigillata africana*. Girona: Centre d’Investigacions Arqueològiques de Girona (Sèrie Monogràfica; 14).
- NIETO PRIETO, J.; et Al. (1989) - *Excavacions arqueològiques subaquàtiques a Cala Culip*. 1. Girona: Centres d’Investigacions Arqueològiques de Girona (sèrie monogràfica; 9).
- NIETO, J.; PUIG, A. M. (2001) – Culip IV. *La terra sigillata decorada de La Graufesenque*. Girona: Museu d’Arqueologia de Catalunya. (Monografies del Casc; 3; Série Monografica / Centre d’Investigacions de Girona; 9).
- NOGUERAS VEGAS, S. (2000) – Avance preliminar sobre el estudio de la cerámica comun de Andújar. *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 1, p. 69-86.
- NOLEN, J. S. (1976-7) - Alguns fragmentos de «paredes finas» de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 423-454.
- NOLEN, J. S. (1979) - «Ampurian gray ware» from Miróbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 18, p. 105-112.
- NOLEN, J. S. (1988) - A *villa* romana do Alto de Cidreira (Cascais) – os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - O vidro – In: NOLEN, J. U. S. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. *Balsa*. Lisboa: M.N.A., p. 169-206.
- NOLEN, J. U. S.; CATARINO, H. (1994) - A cerâmica comun local e regional – In: NOLEN, J. U. S. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. *Balsa*. Lisboa: M.N.A., p. 133-160.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994a) - A *terra sigillata* clara. In NOLEN, J. et al. - *Cerâmicas e vidros de Torres d’Ares*. *Balsa*, M.N.A., p. 97-108.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994b) - A «*terra sigillata*» hispânica. In NOLEN, J. et al. - *Cerâmicas e vidros de Torres d’Ares*. *Balsa*, M.N.A., p. 91-6.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994c) - A cerâmica africana de cozinha. In NOLEN, J. et al. - *Cerâmicas e vidros de Torres d’Ares*. *Balsa*, M.N.A., p. 111-18.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994d) - A «*terra sigillata*» sudgálica. In NOLEN, J. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. *Balsa*. *Incluindo o espólio ósseo e medieval*. Instituto Português dos Museus / Museu Nacional de Arqueologia, p. 71-86.
- NOLEN, J.; REAL, F. C. S. (1994e) – As lucernas. In NOLEN, J. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares*. *Balsa*. *Incluindo o espólio ósseo e medieval*. Instituto Português dos Museus / Museu Nacional de Arqueologia, p. 37-54.
- NOLL, R. (1972) - Eine Sigillataschüssel mit Eigentumvermerk und Preisangabe aus Flavia Solva. *Germania*. 50, p. 148-52.
- NOLLA BRUFAU, J. M.ª; NIETO PRIETO, F. J. (1979) – Acerca de la muralha romana tardia de Gerunda: la *terra sigillata* clara de “Casa Pastors”. *Faventia*. 1/2. Publicaciones de la Universitat Autònoma de Barcelona, p. 263-83.

- NOLLA, J. M.; PUERTAS, C. (1987) – Ceràmiques africanes i material d'importació baix-imperial del jaciment del Camp de la Gruta (Torroela de Montgri i Baix Empordà). *Estudis sobre temas del Baix Empordà*. (Publicaciones de l'Institut d'Estudis del baix Empordà; 7), p.29-77.
- NUNES, Maria L. A. (1974) - Moedas romanas de Miróbriga. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (1972). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 185-94
- ORFILA, M. (1989) – Ceramicas de la primera mitad del siglo V d.C. procedentes de la cisterna de Sa Mesquida (Santa Pona, Mallorca). In: MASTINO, A., ed. - *L'Africa romana. Atti del convegno di studio* (Sassari, 16-18 dicembre 1988). Edizioni Gallizi, p. 513-33.
- ORFILA, M. (1993) - *Terra sigillata* hispánica tardía meridional. *Arch. Español de Archeología*. 66, p.125-147.
- ORTON, C. (2000) - *Sampling in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) - *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- OSLAND, D. (2006) – *The early Roman cities of Lusitania*. Oxford (BAR; IS 1519).
- OSWALD, F. [(1931a)-1964] - *Index of potters' stamps on terra sigillata (samian ware)*.
- OSWALD, F. [(1936-7)-1964], *Index of figure-types on terra sigillata (samian ware)*.
- OSWALD, F.; PRYCE, T. D. [(1920)1966] - *An introduction to the study of terra sigillata. With a preface and corrigenda & addenda by Grace Simpson*. London: Gregg Press.
- OXÉ, A. (1968) – *Arretinische Reliefkeramik vom Rheim*.
- OXÉ, A.; COMFORT, H. (1968) – *Corpus vasorum arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of italian sigillata*. Bonn.
- OXÉ, A.; COMFORT, H.; KENRICK, P. (2000) – *Corpus vasorum arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of italian sigillata*. 2ª edição. Bonn: Dr. Rudolph Habelt GMBH.
- PACETTI, F.; SFRECCOLA, S. (1989) – Ceramiche africane di VI secolo provenienti da una domus tardoantica del Celio. Sintesi storica e indagine mineralogica. In: MASTINO, A., ed. - *L'Africa romana. Atti del convegno di studio* (Sassari, 16-18 dicembre 1988). Edizioni Gallizi, p. 485-503.
- PADILLA MONGE, A. (2001) – Comercio y comerciantes en el mundo tardorromano en Málaga. In WULFF ALONSO; F.; CRUZ ANDREOTTI, G.; MARTÍNEZ MAZA, C., eds. - *Actas II Congreso de Historia antigua de Málaga. Comercio y comerciantes en la Historia antigua de Málaga (siglo VIII a.C. – año 711 d.C.)*, p.385-418.
- PALOL, P.; CORTES, J. (1974) – *La villa romana de La Olmeda. Pedrosa de la Vega (Palencia)*. Excavaciones de 1969 y 1970. Vol. I. Madrid: Comisaria General del Patrimonio Artístico y Cultural.
- PANELLA, C. (1993) – Mercè e scambi nel Mediterraneo tardoantico. In MOMIGLIANO, A. ; SCHIAVONE, A., eds. – *Storia di Roma*. III (L'età tardoantica), 2 (I luoghi e le culture). Torino : Giulio Einaudi Editore, p.613-697.
- PANELLA, C. (2001) – Le anfore di età imperiale del Mediterraneo occidentale. *Céramiques hellénistiques et romaines*. III, pp. 177-275.
- PARKER, A. (1990) – The pattern of commerce as evidenced by shipwreck. In HACKENS, T. ; MIRÓ, M., eds. – *Le commerce maritime romain en Méditerranée occidentale*. Strasbourg : Conseil de l'Europe (PACT ; 27), p.147-167.
- PASQUALINI, M. (1996) – Vaisselle commune de table et de cuisine en basse Provence au 1er siècle de notre ère. In BATS, M., ed. – *Les céramiques communes de Campanie et de Narbonaise (1er s. av. J.-C. – 1le s. ap. J.-C.)*. Actes des journées d'étude organisées par le Centre Bérard et Soprintendenza Archeologica per le Province di Napolie Caserta. 27-28 mai 1994. Nápoles, p.361-387.
- PASQUINUCCI, M.; MANCHELLE, S. (2005) – Ceramiche sigillate pisane nell'area atlantica. In URTEAGA ARTIGAS, Mª M.; NOAIN MAURA, Mª J., eds. – *Mar Exterior. El Occidente atlántico en época romana. Congreso internacional. Pisa, santa Croce in Fossabanda, 6-9 de noviembre de 2003*. Roma: Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, p. 157-168.
- PASSELAC, M. (1986a) - Les premiers ateliers. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Siences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 35-8.
- PASSELAC, M. (1986b) – Bram. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Siences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 48-51.
- PASSELAC, M.; SABRIÉ, M. (1986) – Narbonne. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris : Editions de la Maison des Siences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 52-5.



- PASSELAC, M.; VERNHET, A. (1993) - Céramique sigillée sud-gauloise. *Latara*. 6, p. 569-580.
- PASTOR MUÑOZ, M. ; PACHÓN ROMERO, J. A.; CARRASCO RUS, J. (1992) – *Mirobriga. Excavaciones arqueológicas en el “Cerro del Cabezo” (Capilla, Badajoz). Campañas de 1987-1988*. Merida: Editora Regional de Extremadura.
- PAUC, R. (1986) – Carrade. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris : Editions de la Maison des Sciences de l’Homme (Documents d’Archéologie Française; 6), p. 84-90.
- PAVOLINI, C.; TORTORELLA, S. (1997) - Le officine di El Mahrine, il libro de M. Mackensen e lo stato attuale della ricerca sui centro di produzione della ceramica africana. *Archeologia Classica*. XLIX, p. 247-74.
- PAZ PERALTA, J. (2004) - Aportaciones a la difusión y cronología de la African red slip ware de los siglos V-VII d. C. en dos núcleos urbanos del interior de España: *Asturica Augusta* (Astorga) y *Caesar Augusta* (Zaragoza). *Bolskan*. 21, p.27-44.
- PAZ PERALTA, J. (2008) – Las producciones de *terra sigillata* intermedia y tardía. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A.; eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p.497-539.
- PAZ PERALTA, J. A. (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza (terra sigillata hispánica tardía, african red slip ware, sigillata gálica tardía y phocaeen red slip ware)*. Zaragoza: Institución Fernando El católico.
- PEACOCK, D. P. S.; BEJAOU, F.; BEN LAZREG, N. (1990) – Roman pottery production in central Tunisia. *Journal of Roman Archaeology*. 3, p. 59-84.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the roman economy. An introductory guide*. London e New York: Longman.
- PEÑA SANTOS, A. de la (1985-1986) – Tres años de excavaciones en el yacimiento galaico-romano de Santa Tecla. *Pontevedra Arqueológica*. 2, p.157-190.
- PEREA YÉBENES, S. (2003) - *Hispania romana y el Norte de África. Ejército, sociedad, economía*. Sevilla: Alfar.
- PEREIRA MAIA, M. (1971) - Subsídios para o estudo da *terra sigillata* de Miróbriga. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (1970)*. 2. Coimbra: Junta Nacional de Educação, p. 433-44.
- PEREIRA MAIA, M. (1973) – Cerâmica fina oriental de Tróia de Setúbal: “Late Roman C Ware”. *III Congresso Nacional de Arqueologia*, p.333-345.
- PEREIRA MAIA, M. (1974-1977) – *Sigillata* clara com decoração aplicada de Tróia. *O Arqueólogo Português*. 7-9, p.365-381.
- PEREIRA MAIA, M. (1977) - Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da *sigillata* luzente e da Late Roman C ware. In *Actas das III Jorn. Arq. da Ass. dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Ass. dos Arq. Portugueses, p.293-308.
- PEREIRA MENAUT; G. (1987) – El Edicto de Domiciano sobre el vino y la economía política romana en el Alto Imperio. In *I colloqui d’arqueologia romana. El vi a l’antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*. Badalona, 28,29,30 de novembre e 1 de desembre de 1985. Actes. Museu de Badalona (Monografies Badalonines; 9) p. 349-365.
- PEREIRA, I. (1997) - O museu e a coleção de moedas: Santiago do Cacém. *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 23-27.
- PEREIRA, I.; BOST, J. P.; HIERNARD, J. (1974) – *Fouilles de Conimbriga. III (Les monnaies)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- PEREIRA, I.; SILVA, T. (2008) – *Moedas romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém*. Câmara Municipal de Santiago do Cacém.
- PEREIRA, V. (2006) - *Terra sigillata em três locais da Lusitânia : Ammaia, Idanha, Mileu*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Edição policopiada.
- PEREZ ALMOGUERA, A. (1983-4) - Las marcas de *terra sigillata* de Ilerda. *Pyrenae*. 19-20. Universitat de Barcelona, p. 127-39.
- PÉREZ BALLESTER, J.; BORREDÁ, R.; CEBRIÁN, R. (1995) – La cerámica de cocina del siglo I d.C. en Carthago Nova y sus precedentes republicanos. In *Ceràmica comuna romana d’època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d’Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 187-200.
- PEREZ GONZALEZ, C. (1986-1988) – *Terra sigillata* de la Casa de la Matra (Castro Urdiales. Cantabria). *Sautuola*. 5, p.127-160.

- PEREZ GONZALEZ, C. (1989) - *Ceramica romana de Herrera de Pisuerga (Palencia-España). La terra sigillata*. Santiago do Chile: Universidad Internacional SEK.
- PEREZ GONZALEZ, C. (1999) – *La terra sigillata de Rebolledo-Camesa. Campañas de los años 1983-85. Sautuola*, 6, p.p.375-393.
- PEREZ OUTEIRIÑO, B. (1990) – *Sellos de alfarero en terra sigillata itálica encontrados en Merida*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano. (Cuadernos Emeritenses; 3).
- PERKINS, P. ; FENTRESS, E. (1988) – *Countig african red slip ware*. In: MASTINO, A., ed. - *L'Africa romana. Atti del convegno di studio (Sassari, 11-13 dicembre 1987)*. Pubblicazioni del Dipartimento di Storia dell'Università di Sassari, p. 205-214.
- PFERDEHIRT (1986) – *Die römische Okkupation Germaniens und Rätians von der Zeit des Tiberius bis zum Tode Trajans. Untersuchungen zur Chronologie Südgallischer Reliefsigillata. Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz*. 33, p. 221-313.
- PICON, M. (1976) - *A propos de la vérification du catalogue des marques de l'atelier de La Muette: réflexion sur le valeur des preuves. Figlina*. 1, p. 89-96.
- PICON, M. (2002) – *Les modes de cuisson, les pâtes et les vernis de la Graufesenque : une mise au point*. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: éditions monique mergoil, p. 139-164.
- PIERI, D. (2005) – *Le commerce du vin oriental à l'époque byzantine (Ve-VIIe siècles). Le témoignage des amphores en Gaule*. Beyrouth : Institut Français du Proch-Orient.
- PIMENTA, J. ; et Al. (2006) – *Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 4 : ânforas de importação e de produção lusitana. Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9.2, p.299-316.
- PIMENTA, J. ; FABIÃO, C. (no prelo) - *Ânforas orientais em Olysiopona (Lisboa): a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana*.
- PINED REYES, J.; ALONSO CAMPOY, D. (2004) – *El yacimiento submarino de la Isla de Escombreras. In: Scombraria. Le historia oculta bajo el mar*. Cartagena: Museo Arqueologico de Murcia (Arqueología Submarina en Escombreras), pp. 128-151.
- PIRENNE, H. (1970-1992) – *Maomé e Carlos Magno*. Eduções Asa.
- POBLOME, J. (2004) – *Italian sigillata in the eastern Mediterranean*. In POBLOME, J.; et Al. – *Early Italian sigillata. The chronological framework an trade patterns. Proceedings of the First International ROCT-Congress. Leuven, May 7 and 8, 1999*. Peeters: Leuven – Paris – Dudley, MA (BABesch. Bulletin Antieke Beschaving. Annual Papers on Classical Archaeology; supplement 10), p.17-30.
- POLAK, M. (1998) - *Old wine in new bottles. Refleitions on the organization of the production of terra sigillata at La Graufesenque*. In BIRD, J., ed. - *Form and fabric. Studies in Rome's material past in Honour of B. R. Hartley (Oxbow Monograph; 80)*, p. 115-22.
- POLAK, M. (2000), *South gaulish terra sigillata from Vechten*. Nijmegen (*Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta; supplementum 9*).
- POMIAM, K. (1978) - *Um exemplo: as estruturas do Lácio medieval / conjuntura e estrutura / características da história estrutural*. In LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J., dirs. - *A Nova História*. Coimbra: Almedina, p. 183-208.
- PONSICH, M. (1988) – *Aceite de oliva y salazones de pescado. Factores geo-economicos de Betica y Tingitana*. Madrid: Universidad Complutense.
- PONSICH, M. (1995) – *L'huile de Bétique en Tingitane, L'hypothèse d'une clientèle établie*. *Gerion*. 13, p.295-300.
- PONTACOLONE, L.; INCITTI, M. (1991) – *Un relito com carico di merci africane di età imperiale alle Trince (Tarquinia)*. In MASTINO, A., ed. - *L'Africa romana. Atti dell'VIII convegno di studio. Cagliari, 14-16 dicembre 1990*, Sassari, p.543-570.
- PONTE, Salette da (1979) - *As fíbulas de Miróbriga. Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 195-204.
- POVEDA NAVARRO, A. (1999) – *Las producciones de terra sigillata hispánica y su comercialización en el Sureste de Hispania*. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.209-230.
- POVEDA NAVARRO, A. (2005) – *El santuario ibero-romano de La Serreta y la información de su terra sigillata. Recerques del Museo d'Alcoi*. 14, p.99-122.
- POVEDA NAVARRO, A.; RIBERA i LACOMBA, A. (1985) - *Marcas de terra sigillata de Elda. Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia. Saguntum*. 19. Universitat de Valencia, p. 301-11.

- PRADALES CIPRÉS, D. (1986-1989) – El comercio de *Terra Sigillata* en el País Valenciano. Nuevos datos. *Hispania Antiqua. Revista de Historia Antigua*, p.71-98.
- PRADALES CIPRÉS, D. (1988) – Orígenes y distribución de la *terra sigillata* hispánica del País basco. Su distribución. *Congreso de Historia de Euskal Herria. II congreso mundial vasco*, p.297-324.
- PRADALES CIPRÉS, D. (1993) – Orígenes y distribución de la *terra sigillata* en Andalucía. Nuevos datos para el comercio cerámico en la Antigüedad. *Actas del I coloquio de Historia Antigua de Andalucía. Córdoba. 1988. II*, p.143-187.
- PRÖTTEL, P. M. (1996) – Mediterrane Feinkeramikimporte des 2. bis 7. Jahrhunderts N. Chr. Im Oberen Adria-raum und in Slovenien. *Colônia: Marie Leidorf (Kölner Studien zur Archäologie der Römischen Provinzen; 2)*.
- PUCCI, G. (1983) – Pottery and trade in the Roman period. In GARNSEY, P.; HOPKINS, K.; WHITTAKER, C. R., eds. – *Trade in the ancient economy*. London: The Hogarth Press, p.105-117.
- PUCCI, G. (1985) - *Terra sigillata* itálica. In AA. VV. - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero)*, p. 359-406.
- PUCCI, G. (1993) - I bolli sulla *terra sigillata*: fra epigrafia e storia económica. In HARRIS, W. V., ed. - *The inscribed economy. Production and distribution in the roman empire in the light of instrumentum domesticum* (*Journal of Roman Studies; Supplementary Series; 6*), p. 73-80.
- PUERTAS TRICAS, R. (1982) - *Excavaciones en Lacipo (Casares, Málaga). Campañas de 1975 y 1976*. Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueológicas en España; 125*).
- PUIG i GRIESENBERGER, A. (1998) – El jaciment de Rhode a la fi de l'Antiguitat Tardana. Els contextos del segle VII d.C. a la Ciutadella de Roses (Alt Empordà, Girona). *Pyrenae*, p.171-192.
- PY, M. (1993) – Céramiques à pâte claire récente. *Lattara. 6*, p. 222-242.
- QUARESMA, J. C. (1995-7) – Os almofarizes romanos de Povos no contexto do território actualmente português. *Boletim Cultural CIRA. 7*, p.25-46.
- QUARESMA, J. C. (1999a) - *Terra sigillata* africana, hispânica, foceense tardia e cerâmica africana de cozinha de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém). *Conimbriga. Coimbra. 38*, p. 137-200.
- QUARESMA, J. C. (1999b) - *Terra sigillata* africana D e foceense tardia das escavações recentes de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém). *Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 2. 2*, p. 69-82.
- QUARESMA, J. C. (2003) - *Terra sigillata* sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (*Mirobriga?*). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia; 30*).
- QUARESMA, J. C. (2005a) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia. 8.2*, p.403-428.
- QUARESMA, J. C. (2005b) - S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-cláudia. *Revista Portuguesa de Arqueologia. 8.2*, p.429-448.
- QUARESMA, J. C. (2006) - Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia. 9.1*, p.149-166.
- QUARESMA, J. C. (2008a) - Les fabriques des sigillées hispaniques provenantes de La Rioja et Andújar (s. I-II d.C.) à Chãos Salgados, Santiago do Cacém - *Mirobriga?* - (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum. Acta 40. Bonn*, p.483-492.
- QUARESMA, J. C. (2008b) - Le type Hayes 91 A et B: problématique de sa production au sein de la sigillée africaine D. *SFECAG. Congrès international d'Empúries (L'Escala, Espagne). 1<sup>er</sup>-4 Mai 2008. 2008*, p.495-502.
- QUARESMA, J. C. (2009) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*, Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edição policopiada, 2009. (tese de doutoramento em Arqueologia, consultável on-line em [http://repositorio.ul.pt/R/?func=dbin-jump-full&object\\_id=20859](http://repositorio.ul.pt/R/?func=dbin-jump-full&object_id=20859))
- QUARESMA, J. C. (2010a) – Une hypothèse d'importation de sigillée d' Henchir es-Srira et de Sidi Aïch à Chãos Salgados (*Mirobriga?*), Portugal ?. *XXVIth Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores.41*, p.491-496.
- QUARESMA, J. C. (2010b) - Changement et continuité: la romanisation à Chãos Salgados, Santiago do Cacém – *Mirobriga?* – (Portugal). In CORSI, C.; VERMEULEN, F., eds. - *Changing Landscapes. The impact of Roman towns in the Western Mediterranean. Proceedings of the international colloquium, Castelo de Vide-Marvão. 15th-17th May 2008. Universidade de Évora/Ante Quem (Ricerche. Series maior; 1)*, p.347-356.



- QUARESMA, J. C. (2010c) - Les importations de céramique culinaire africaine à Chãos Salgados, Santiago do Cacém (*Mirobriga?*), Portugal. In MENCHELLI, S.; et Al., eds. - *LRCW3 Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry. Comparison between Western and Eastern Mediterranean*. (BAR – IS; 2185), p.157-166.
- QUARESMA, J. C. (no prelo a) - Chãos Salgados (*Mirobriga?*): génese, evolução e abandono de uma cidade romana. *Jornadas Culturais: Santiago. Os caminhos do património*. De 30 de Junho a 2 de Julho de 2010, Santiago do Cacém.
- QUARESMA, J. C. (no prelo b) - Romanização: adaptações culturais e ambientais em Chãos Salgados (*Mirobriga?*), *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*.
- QUARESMA, J. C. (no prelo c) - Escavações de 2004 e 2005 na área da ponte de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): estratigrafia, arquitectura e materiais de um sector público da cidade romana. *MUSA*.
- QUARESMA, J. C. (no prelo d) - Chronologie finale de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): différences de *facies* entre Orient et Occident. In CAU ONTIVEROS, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M., eds. - *Late Roman Fine Ware*. 1.
- QUARESMA, J. C.; MORAIS, R. (no prelo) - Eastern Late Roman fine ware imports in *Bracara Augusta* (Portugal). *XXVIIth Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores*, de 19 a 24 de Setembro de 2010, Belgrado.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1998) - Estação arqueológica de Azeitada (Almeirim). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 151-83.
- RAKOB, F., ed. (1999) – *Die deutschen Ausgrabungen in Karthago*. III. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern / Deutsches Archäologisches Institut.
- RAMALLO ASENSIO, S. (1985-1988) – Informe preliminar de los trabajos realizados en la Basílica paleocristiana de Algezares (Murcia). *Memorias de Arqueología*. 2, p.298-307.
- RAMALLO ASENSIO, S.; RUIZ VALDERAS, E.; BERROCAL CAPARRÓS, M. (1996) – Contextos cerámicos de los siglos V-VII en Cartagena. *Archivo Español de Arqueología*. 69, p.135-190.
- RAMON, J.; CAU, M. A. (1997) – Niveles de época vándala de Es Castell (Eivissa). In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. *Actes Taula Rodona*. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (Arqueo Mediterrània; 2), p.269-312.
- RAMOS, A. C.; ALMEIDA, R. R.; LAÇO, T. (2006) – O complexo industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das suas principais problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. In *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal Arqueológica; 13), p.83-100.
- RAPOSO, J. (1990) - Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce*. *Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 117-51.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A. L. (1996) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara Municipal do Seixal / Publicações D. Quixote, p. 249-66.
- RAPOSO, J. M.; SABROSA, A.; DUARTE, A. L. (1995) – Ânforas do vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (3) (*Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*), p.331-352.
- RASCÓN MARQUÉS, S. ; et Al. (1994) – Grafitos sobre terra sigillata hispánica hallados en un vertedero del siglo I en la Casa de Hippolytus (Complutum). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 21, p.235-270.
- RATHBONE, D. (2003) – The financing of maritime commerce in the Roman empire, I-II AD. In LO CASCIO, E., ed. – *Credito e moneta nel mondo romano. Atti degli incontri capresi di storia dell'economia antica (Capri 12-14 Ottobre 2000)*, Bari: Edipuglia, p.197-230.
- RATHBORNE, D. (2009) – Earning costs: living standards and the Roman economy (first to third centuries AD). In BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.299-326.
- RAUTMAN, M. (2003) – A Cypriot village of Late Antiquity. *Kalavassos-Kopetra in the Vasilikos Valley*. (JRA. Supplementary series; 52).
- RAUX, S. (1998) - Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) - *La quantification des céramiques. Conditions*

- et protocole. *Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*(Collection Bibracte; 2), p.11-16.
- REIS, M. P. (2000) - *As termas e balneários romanos na Lusitânia*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra em Novembro de 2000. Edição policopiada.
- REMESAL RODRÍGUEZ (1983) - Transformaciones en la exportación del aceite bético a mediados del siglo III d.C.. In *Produccion y Comercio del Aceite en la Antigüedad. Segundo Congreso Internacional (Sevilla, 24-28 Febrero 1982)*. Madrid: Universidad Complutense, p. 115-31.
- REMOLLÀ VALLVERDÚ, J. A. (2000) – *Las ánforas tardoantiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis)*. Siglos IV-VII d.C.. Barcelona: Museu Nacional Arqueològic de Tarragona (Instrumenta; 7).
- REVELL, L. (2000) – The creation of multile identities in Roman Italia. In: FINCHMAN, G.; ET AL. - *TRAC 99. Proceedings of the Ninth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxbow Books, p.1-7.
- REVILLA CALVO; et Al. (1997) – El nivell d'amortització del Cardo Maximus d'Illuro. In: *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996. Barcelona: Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (Arqueo Mediterrània; 2), p.101-120.
- REYNOLDS, P. (1984) - African red slip and late roman imports in Valencia. In BLAGG, T.; JONES, R.F.J.; KEAY, F., dirs. - *Papers in iberian archaeology (ii)*. Oxford (BAR-IS; 193 ii), p. 47-539.
- REYNOLDS, P. (1987) – *El yacimiento tardorromano de Lucentum (Benallua-Alicante): las ceramicas finas*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial.
- REYNOLDS, P. (1993) – *Settlement and Pottery in the Vinalopó Valley (Alicante, Spain) A.D. 400-700*. (TEMPVS REPARATVUM / BAR IS; 588).
- REYNOLDS, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400-700: the ceramic evidence* (TEMPVS REPARATVUM / BAR IS; 604).
- REYNOLDS, P. (2000) – Baetican, lusitanian and tarraconensian amphorae in classical Beirut: some preliminary observations on trends in amphora imports from the western Mediterranean in the anglo-lebanese excavations in Beirut (BEY 006, 007 and 045). *Actas congreso internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano (Écija y sevilla, 17 al 20 de Diciembre de 1998)*. III. Ecija, p.1035-1060.
- REYNOLDS, P. (2005) – Hispania in the Later Roman Mediterranean: ceramics and trade. In: BOWES, K.; KULIKOWSKI, M., eds. – *Hispania in Late Antiquity. Current perspectives*. Leiden/Boston: Brill, p.369-486.
- REYNOLDS, P. (2007) – Ceramics, comercio y el Imperio Romano (100-700 d.C.): perspectivas desde Hispania, África y el Mediterráneo oriental. In MALPICA, A.; CARVAJAL LÓPEZ, J. C., eds. - *Estudios de cerámica tardorromana y altomedieval. Primer taller sobre la cerámica tardorromana. Universidad de Granada. March 2005*. Granada, p. 13-82.
- REYNOLDS, P. (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London: Duckworth.
- RHODES, M. (1989) – Roman pottery lost en route from the kiln site to the user – a gazetteer. *Journal of Roman Pottery Studies*. 2, p. 44-58.
- RIBEIRO, O. (1991) - *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico*. 6ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBERA i LACOMBA, A. (1981) - Las marcas de terra sigillata de Valentia. *Saguntvm. Papeles del Laboratorio de Arqueologia de València*. 16. Universitat de Valencia, p. 209-47.
- RIBERA i LACOMBA, A. (1988-9) - Marcas de terra sigillata del Tossal de Manises. Lucentum. 7-8, p. 171-204.
- RIBERA i LACOMBA, A.; POVEDA NAVARRO, A. (1994) - La comercialización de la terra sigillata sudgálica en el País Valenciano. In *Actes du congrès de Millau. 12-15 Mai 1994*. Marseille: S.F.E.C.A.G., p. 95-102.
- RICCI, G. (1985) – *Ceramica a pareti sotili*. In AA. VV. - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero), p. 231-358.
- RICKMAN, G. E. (1980) – The grain trade under the Roman Empire. In d'Arms, J. H.; KOPFF, E. C., eds. - *The seaborne commerce of the Ancient Rome. Studies in Archaeology and History*. (Memoirs of the American Academy in Rome; 36), p.261-275.
- RIERA RULLAN , M. (2005) – La cerámica del Pla de Ses Figueres. Noves dades del Monestir de l'Isla de Cabrera (Illas Balears). In *VI Reunió d'Arqueologia Cristinana Hispánica. València (2003)*. Barcelona, p.195-203.
- RITTERLING, E. (1913) - *Das Frühromisch Lager bei Hofheim im Taunus*. Wiesbaden (Annalen des Vereins für nassauische Alttertumskunde und Geschichtsforschung).



- RIZZO, G. (2003) – *Instrumenta urbis I. Ceramiche fini da mensa, lucerne ed anfore a Roma nei primi due secoli dell'Impero*. École Française à Rome (Colléction de l'EFR; 307).
- ROCA ROUMENS, M. (1976) - *Sigillata Hispanica Producida en Andujar (Jaen)*. Jaen: Instituto de Estudios Giennenses / Exma. Diputacion Provincial.
- ROCA ROUMENS, M. (1978) – Algunas consideraciones en torno a las influencias itálicas en la sigillata hispánica, *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, III, p. 285-302.
- ROCA ROUMENS, M. (1991-92) – A proposito de ciertas formas, en T.S.H., fabricadas en el centro de producción de Los Villares de Andújar (Jaen), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 389-400.
- ROCA ROUMENS, M. (1998a) – Historia de la investigación de *terra sigillata* hispánica. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.13-30.
- ROCA ROUMENS, M. (1998b) – Reflexiones acerca de las estructuras de producción de sigillata en el centro de Andújar. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.105-122.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1987-88) – Probinas: ensayos de fabricación de sigillata en el centro de Los Villares de Andújar (Jaén). *CPUG*, 12-13, p. 205-29.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (2005) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia).
- ROCA ROUMENS, M.; ORFILA PONS, M. (1987) – Algunas reflexiones en torno a la difusión y comercialización de la sigillatas itálica, sudgálica e hispánica en Mallorca. *Estudis Baleàrics*. 27, p.55-62.
- ROCA ROUMENS, M.; SOTOMAYOR, M. (1983) – Los alfares romanos de Los Villares de Andújar (Jaén). Campaña de 1981. *Noticiario Arqueológico Hispanico*, 15, p. 271-282.
- RODÁN, J. M.; BLÁSQUEZ, J. M.; CASTILLO, A. del (1995) – *Historia de Roma*. Tomo II (El Imperio romano). 2ª edición. Madrid: Catedra.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; et Al. (1995) – *Lucus Augusti. Urbs Romana. Los orígenes de la ciudad de Lugo*. [s.l.].
- RODRÍGUEZ DE BERLANGA, M. (1891) – *El nuevo bronce de Itálica que publica de real orden Manuel Rodríguez de Berlanga*. Malaga.
- RODRIGUEZ TEMIÑO, I.; PARIENTE DE LEON, E. N. (1987) – *Excavaciones arqueológicas en Ecija*. Diciembre 1984. [s.l.].
- ROLDÁN GÓMEZ, L.; et Al., dirs. (2006) – *Estudio historico-arqueologico de la ciudad de Carteia (San Roque, Cádiz)*. 1994-1999. I. Sevilla: Junta de Andalucía.
- ROLDÁN, J. M. (1981) – *Historia de Roma*. Tomo I (La Republica romana). Madrid: Catedra.
- Roman Warm Period (Europe – Mediterranean) – summary*. Disponible on-line no endereço <http://www.co2science.org/subject/r/summaries/rwpeuropemed.php>
- ROMERO CARNICERO, M. (1985) - *Numancia. I. La terra sigillata*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 146).
- ROMERO CARNICERO, M. (1998) – La *terra sigillata* hispánica en la zona septentrional de la Península Ibérica. Algunas reflexiones acerca de su estudio y grado de conocimiento. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.189-208.
- ROMERO CARNICERO, M. (1999) – Producciones singulares de *terra sigillata*. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.253-258.
- ROMERO CARNICERO, M. ; RUIZ MONTES, P. (2005) – Los centros de producción de T.S.H. en la zona septentrional de la Península Ibérica. In: ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico nº 1 de CVDAS, revista de Arqueología e Historia).
- ROMERO CARNICERO, M.; et Al. (2005): Apéndice. Análisis de cerámicas romanas de Ávila. In Centeno, I.; Quintana, J. - *Cerámica romana del Mercado Grande de Ávila*. II. Cerámica de mesa de los niveles romanizados. *BSAA Arqueología*. LXXI, p. 264-284.

- ROMERO CARNICERO, M.; et Al.. (2006) – La comercialización de productos cerámicos en Pentavonium. In Morillo, A, ed. - *Arqueología militar en Hispania. Producción y comercialización en el ámbito militar*. León: Universidad de León y Ayuntamiento de León., p. 137-155.
- ROSÁRIO, M. A. S. M. B. (2004) - *Pintura romana em Portugal*. Mestrado em História de Arte. Edição Polycopiada. Lisboa: FCSH da Universidade Nova de Lisboa.
- ROSÁRIO, M.; DUARTE, F.; MACIEL, M. J. (2002) – Levantamento e leitura iconográfica dos frescos romanos de Miróbriga visíveis *in situ* no ano 2000. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 42. 1-2, p.165-191.
- ROSSELLÓ MESQUIDA, M. (2007) – Cerámicas en el Portum Sucrone (Cullera, Valencia). Indicadores del tráfico comercial durante la Antigüedad Tardía (siglos V-VII d.C.). In PÉREZ BALLESTER, J.; PASCUAL, G., eds. - *Comercio, redistribución y fondeaderos. La navegación a vela en el Mediterráneo. Actas V Jornadas internacionales de Arqueología Subacuática. Gandia, 8 a 10 de noviembre de 2006*, p.305-312.
- ROSSELLÓ MESQUIDA, M.; COTINO VILLA, F. (2005) – Panorama cerâmico de los siglos V-VII d.C. en Cullera (Ribera Baixa, València). *Saguntum (P.L.A.V.)*. 37, p.139-152.
- ROSTOVTSSEFF, M. I. (1957-1988) – *Histoire économique et sociale de l'Empire Romain*. Paris : Éditions Robert Laffont.
- ROTH, R. E. (2007) – Towards a ceramic approach to social identity in the Roman world : some theoretical considerations. *Digressus*. 7, p.35-45.
- RUIVO, J. (1993-1997) – Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do século III. *Nummus*. 2ª série. 16-20, p.7-177.
- RUIZ GUTIÉRREZ, A. (1997-1998) - *Flaviobriga*, puerto comercial entre *Hispania* y la *Galia*: estudio del comercio de *terra sigillata* a través de un lote de Castro Urdiales (Cantabria). *Aquitania*. 15, p.147-166.
- RUIZ MONTES, P. (2002-2003) – Aproximación a la vajilla bética de paredes finas: el caso de los Villares de Andujar (Jaén). *CVDAS*. 3-4, p.73-84.
- RUIZ MONTES, P. (2004-2005) – Índices de indigenismo y romanización en el complejo artesanal de Los Villares de Andújar (Jaén). *CVDAS. Revista de Arqueología y Historia*. 5-6, p.101-146.
- RUSU-BOLINDET, V. (2007) – New data on the imported *terra sigillata* to Napoca. *Acta Musei Napocensis*. 41-42/I, p.195-250.
- RÜTTI, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst: Römermuseum Augst (Forschungen in Augst; Band 13).
- RYGOIR, Y. (1971) – *Les dérivées des sigillées paléochrétiennes en Espagne*. *Rivista di Studi Liguri*. 37, p.33-68.
- RYGOIR, Y.; MEFFRE, J.-F. (1973) – *Les dérivées des sigillées paléochrétiennes du groupe atlantique*. *Gallia*. 31, p.207-263.
- SAÉNZ PRECIADO, J. C. (1992) – Marcas de alfarero aparecidas en las excavaciones de Santa María de El Juncal (Irún – Guipúzcoa). *Caesaraugusta*. 69, p.75-96.
- SAÉNZ PRECIADO, J. C. (2000) – Las primeras producciones de *sigillata* hispánica. ASIATICVS y M.C.R.: dos alfareros precoces en *Bilbilis* (Calatayud, Zaragoza). *SALDVIE*. 1, p. 283-94.
- SAÉNZ PRECIADO, M. (1998) – El complejo alfarero de *Tritium Magallum* (La Rioja): alfares altoimperiales. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.123-164.
- SAÉNZ PRECIADO, M. (1999) – Inicio de la campaña arqueológica en el término de “El Quemao” (Tricio) afectado por las obras de ensache y mejora de la LR 430 y de la LR 113 a Arenzana de Abajo. *Estrato*. 10, 20-21.
- SAÉNZ PRECIADO, M. (2000a) – El Quemao (Tricio): nuevo conjunto alfarero romano excavado en el valle del Najerilla (La Rioja). *CVDAS*. 1, p. 121-31.
- SAÉNZ PRECIADO, M. (2000b) – Avance sobre la excavación del centro alfarero romano de “El Quemao” (Tricio, La Rioja). *SALDVIE*. 1, p. 295-302.
- SAÉNZ PRECIADO, M. (2005) – Últimas investigaciones sobre los alfares de *terra sigillata* en La Rioja. In: Coll Conesa, J. (dir.) - *Recientes investigaciones sobre producción cerámica en Hispania*. Valencia: Amigos del Museo Nacional de Cerámica y Artes Sutuarias González Martí, p. 61-74.
- SAÉNZ PRECIADO, M.; SAÉNZ PRECIADO, C. (1999) – La *terra sigillata* hispánica altoimperial. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.61-136.

- SAGUÍ, L. (1980) – Ceramica africana dalla “villa di Tiberio” a Sperlonga. *Mélanges de l'École Française à Rome – Antiquité*. 92-1, p.471-544.
- SAGUÍ, L. (2002) – Roma, i centri privilegiati e la lunga durata della tarda antichità. Dati archeologici dal deposito di VII secolo dell'edera della *Crypta Balbi*. *Archeologia Medievale*. 29, p.7-42.
- SALOMONSON, J. W. (1968) – Sigillée claire et céramique commune de Henchir El Ouiba (Raqqada) en Tunisie central. *Bulletin Antieke Beschaving*, XLIII, p. 80-154.
- SALOMONSON, J. W. (1969) – Spätromische rote Tonware mit Reliefverzierung aus Nordafrikanischen Werkstätten. *Bulletin Antieke Beschaving*, XLIV, p. 4-109.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. A. (1992) – *Importaciones de cerámica romana de cocina en el bajo Guadalquivir*. 2 vols. Tesis doctoral inédita. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. A. (1995) – Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 251-280.
- SANCHEZ, C.; SILVÈRÈANO, S. (2005) – Le port de Narbonne et la diffusion des sigillées de la Graufesenque : étude préliminaire de la Collection Bouscaras. In : NIETO, X.; et AL., eds. - *La difusió de la terra sigillata sudgàlica al nord d'Hispania*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies; 6), p. 163-177.
- SÁNCHEZ, S. ; et AL. (2002) – *Las cerámicas comunes altoimperiales*. In: BERNAL, D.; LORENZO, L., eds. – *Excavaciones arqueológicas en la villa romana del Puente Grande (Los Altos del Ringo Rango, Los Barrios, Cádiz). Una ventana al conocimiento de la explotación económica de la Bahía de Algeciras entre el s. I y el s. V d.C.*. Universidad de Cádiz, p. 217-254.
- SANCHEZ-LAFUENTE PEREZ, J. (1985) - *Comercio de cerámicas romanas en Valeria*. Cuenca: Disputación Provincial de Cuenca (Serie Arqueológica Conquense; 7).
- SANTAMARIA, C. (1995) – L'épave Dramont “E” à Saint-Raphael (Ve siècle ap. J.-C.). *Archaeonautica*. 13.
- SANTROT, M.H.; SANTROT., J. (1979) - *Céramiques Communes Gallo-Romaines d'Aquitaine*, C.N.R.S. p.110-140.
- SCIAU, Ph. ; VENDRIER, L. ; DOORYHEE, E. (2002) – La diffraction des rayons X est-elle adaptée à l'étude des engobes des sigillées ?. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 171-179.
- SCIAU, Ph.; VENDIER, L.; DOORYHÉE, E. (2002) – La diffraction des rayons X est-elle adaptée à l'étude des engobes des sigillées?. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 171-180.
- SCIAU, Ph.; VEZIAN, A. (2002) – La composition des pâtes des sigillées de la Graufesenque : un bon moyen de déterminer la température de cuisson. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommages à Bettina Hoffmann*. Montagnac: éditions monique mergoïl, p. 181-190.
- SCHAAD, D. (2007) - *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Vol. I (Condatomagos. Une agglomération de confluent en territoire rutène. Ile s. a. C. – IIIe s. p. C.)*. Aquitania : Éditions de la Fédération Aquitania.
- SCHEIDEL, W. (2009) – A comparative perspective on the determinants of the scale and productivity of maritime trade in the Roman Mediterranean. Version 1.0. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*.
- SCHEIDEL, W. (no prelo – 2009 - April) – A comparative perspective on the determinants of the scale and productivity of maritime trade in the Roman Mediterranean. Version 1.0. *Princeton/Stanford working papers in Classics*.
- SCHEIDEL, W. (no prelo – 2010 - September) – Approaching the Roman economy. Version 1.0. *Princeton/Stanford working papers in Classics*.
- SCHINDLER-KAUDELKA, E. (2002) – La datation des premiers contextes du Magdalensberg. *SFECAG. Actes du Congrès de Bayeux*, p.263-274.
- SCHINDLER-KAUDELKA, E.; FASTNER, U. (2006) – *Terra sigillata italica con decorazione applicata nel Noricum*. Prime sperimentazioni di utilità pratica. In MALFITANA, D., POBLOME, J.; LUND, J., eds. – *Old pottery in a new century. Innovating perspectives in Roman pottery studies. Atti del convegno internazionale di studi. Catania, 22-24 Aprile 2004*. Catania: Consiglio Nazionale delle Ricerche (Monografie dell'Istituto per i Beni Archeologici e Monumentali (IBAM); 1), p.73-86.



- SCHINDLER-KAUDELKA, E.; FASTNER, U.; GRUBER, M. (1998) – Note sur les sigillées italiennes à décor appliqué. *SFECAG, Actes du congrès d'Istres*, p.251-261.
- SCHINDLER-KAUDELKA, E.; SCHNEIDER, G.; ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, S. (1997) – Les sigillées padanes et tardo-padanes. Nouvelles recherches en laboratoire. *SFECAG, Actes du congrès du Mans*, p.481-192.
- SCHNEIDER, G.; DASZKIEWICZ, M. (2006) – Chemical analysis of Italian *Sigillata* from Italy and from the Northern provinces. In MALFITANA, D., POBLOME, J.; LUND, J., eds. – *Old pottery in a new century. Innovating perspectives in Roman pottery studies. Atti del convegno internazionale di studi. Catania, 22-24 Aprile 2004*. Catania: Consiglio Nazionale delle Ricerche (Monografie dell'Istituto per i Beni Archeologici e Monumentali (IBAM); 1), p.537-544.
- SCHURING, J. M. (1988) – *Terra sigillata* africana from the San Sisto Vecchio in Rome. *Bulletin Antieke Beschaving / Annual Papers on Classical Archaeology*. 63, p. 1-68.
- SEPÚLVEDA, E. (1996) - *Terra sigillata* tardo-itálica (padana) proveniente de Tróia de Setúbal. *Al-Madan*. Almada. 2.ª série. 5, p. 13-17.
- SEPÚLVEDA, E. (2003) – *Terra sigillata* hispânica facetada da Quinta das Longas, Elvas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6.1, p.287-297.
- SEPÚLVEDA, E.; et Al. (2002) – A cronologia do circo de Olisipo: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5.2, p.245-275.
- SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J.C.; FARIA, M. (2000) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3.2, p.119-152.
- SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R. B. (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douadoures / Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6.2, p.401-414.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.M.; SOUSA, V.C. (2003) – Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). II: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6.1, p.299-321.
- SERRANO RAMOS, E. (1979) – *Sigillata Hispanica de los hornos de Cartuja (Granada)*. Valladolid: Universidad-Valladolid (Studia Archaeologica; 57).
- SERRANO RAMOS, E. (1983) – Dispersión de la *Sigillata* Hispánica fabricada en los talleres de la Bética. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*. I. 2, p.151-157.
- SERRANO RAMOS, E. (1986-87) – Cerámicas con motivos estampados halladas en el teatro romano de Málaga. *Mainake*. 8-9, p.210-214.
- SERRANO RAMOS, E. (1995a) – Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética. In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), p. 227-50.
- SERRANO RAMOS, E. (1995b) – *Sigillatas* africanas decoradas en la Provincia de Málaga. *Baetica. Estudios de Arte, Geografía y Historia*. 17, p.273-286.
- SERRANO RAMOS, E. (1999a) – Producciones hispánicas precoces. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.231-234.
- SERRANO RAMOS, E. (1999b) – Centros productores de T.S.H. en las provincias de Granada y Málaga. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 137-68.
- SERRANO RAMOS, E. (2000) – *Cerámica común romana. Siglos II a.C. al VII d.C.. Materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*. Universidad de Málaga (Studia Malacitana).
- SERRANO RAMOS, E. (2005) – Producciones locales e importaciones en la *Malaca* romana del siglo III a.C. al VII d.C.. *Mainake*. 37, p.209-226.
- SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PAEZ, R. (1981) - Marcas de alfarero sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga. *Baetica*. 4. Universidad de Málaga, p. 89-114.
- SERRANO RAMOS, E.; ATENCIA PAEZ, R.; BELTRAN FORTES, J. (1987) - Marcas de alfareros sobre *terra sigillata* en la provincia de Málaga (II). *Baetica*. 10, Universidad de Málaga, p. 219-26.
- SERRÃO, J.; MARQUES, A. H.. dirs. (1990) - *Nova História de Portugal*. I (coord. de Jorge Alarcão). Editorial Presença.
- SIERRA FERNÁNDEZ, J. A. de la (1995) – Cerámicas africanas de Córdoba. *Anales de Arqueología de Córdoba*, p.145-173.

- SILVA, C. T. (1978) – Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. 4, p.117-132.
- SILVA, C. T. (1982-1979) - Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Informação Arqueológica*. 2, p. 26.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1980-1) - A Praça do Bocage. Escavações de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-294.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1987) - Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 221-37.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (1992) - Estabelecimento de produção de salga de peixe de época romana na Quinta de Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335-74.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES (2006) – Produção de preparados piscícolas na Sines romana. In *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal Arqueológica; 13), p.101-122.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES; CORREIA, V. (1990) – Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres). In ALARCÃO, J.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 225-246.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES; SOARES, J. (1987) - Nota sobre o material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 203-219.
- SILVA, C. T.; et Al. (1980-1) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, C. T.; et Al. (1984) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícias da 2ª campanha (1981). *Arquivo de Beja*. II. I, p. 11-46.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1998) - Para uma arqueologia do castelo de Sines. In CUNHA, M. S., coord. - *Da ocidental praia lusitana. Vasco da Gama e o seu tempo*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 21-44.
- SILVA, J. G. Cruz e (1944) - Apontamentos e considerações sôbre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 1: 1, p. 226-31.
- SILVA, J. G. Cruz e (1945) - Apontamentos e considerações sôbre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 2: 1-2, p. 129-34.
- SILVA, J.G. Cruz e (1946) - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago de Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 3, p. 336-51.
- SILVA, L. F. (2007) – *Balsa, cidade perdida*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- SILVA, R. B. da (2005) – *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da figueira. Uma contribuição para o conhecimento da economia de olisipo (séc. I a.C. séc. II d.C.)*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Universidade do Minho / Instituto de Ciências Sociais.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 159-84.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1997) - De Miróbriga a Santo André pelos domínios da arqueologia. *Santiago do Cacém: Da arqueologia à história. Pelo caminho das pedras*. Santiago do Cacém: Museu Municipal de Santiago do Cacém, p. 15-17.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1972) - Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. vol. I, Lisboa, p. 245-306.
- SOEIRO, T. (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3ª série. Nº 1.
- SOTOMAYOR (1988) – *Fondos de sigillata en Andalucía con marcas interiores de entalles. Anejos de Gerión*. I. Madrid: Edit. Universidad Complutense, p. 253-64.
- SOTOMAYOR, M. (1977) - *Marcas y estilos en la sigillata decorada de Andújar (Jaén)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.



- SOTOMAYOR, M. (1998) – Los Villares de Andujar. Historia de la investigación. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) - *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.31-48.
- SOTOMAYOR, M.; et Al. (1981) – II. Los alfares romanos de Los Villares de Andújar (Jaén, campaña 1978-1979). *Noticiario Arqueológico Hispanico*, 11, p. 307-368.
- SOTOMAYOR, M.; et Al. (1984) - El centro de producción de *Terra Sigillata Hispanica* de Los Villares de Andújar, Jaén. Campaña de 1982. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 9, p. 235-60.
- SOTOMAYOR, M.; PÉREZ CASAS, A.; ROCA ROUMENS, M. (1976) - Los alfares romanos de Andújar (Jaén). Dos nuevas campañas. *Noticiario Arqueológico Hispanico* (Arqueología; 4). Madrid: Dirección General del Patrimonio Artístico y Cultural, p.111-48.
- SOTOMAYOR, M.; ROCA, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, I. (1999) – Centro de producción de Los Villares de Andujar (Jaén). In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.19-60.
- SOTOMAYOR, M.; ROCA, M.; SOTOMAYOR, N. (1979) – Los alfares romanos de Andújar. Campañas de 1974, 1975 y 1977. *Noticiario Arqueológico Hispanico*, 6, p. 441-498.
- SOUSA, E. M. (1996) - *Terra sigillata* marmoreada proveniente de Tróia de Setúbal. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 199-224.
- SOUSA, E. M. (2001) – Contributos para o estudo da cerâmica focense tardia (“Late Roman C ware”) no *municipium olisiponense*. Sua representatividade no contexto peninsular. *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 207-15.
- STANFIELD, J. A.; SIMPSON, G. (1958) - *Central gaulish potters*. London: Oxford University Press.
- STENICO, A. (1960) – *Corpus vasorum arretinorum. La ceramica arretina*. I. Museo Archeologico di Arezzo (Rasinus ; I)
- STERN, M. (1968) – Note analytique sur des tessons de sigillée claire D ramassés a Henchir Es Sira et Sidi Aïch. *Bulletin Antieke Beschaving*, XLIII, p. 147-54.
- SYMONDS, R. P. (2005) – Is there an Atlantic phenomenon? The evidence of the roman pottery. In URTEAGA ARTIGAS, Mª M.; NOAIN MAURA, Mª J., eds. – *Mar Exterior. El Occidente atlántico en época romana. Congreso internacional. Pisa, santa Croce in Fossabanda, 6-9 de noviembre de 2003*. Roma: Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, p.151-156.
- TALLER DE INVESTIGACIONES ARQUEOLÓGICAS (2001) – Comercio y comerciantes en la Málaga bizantina. In WULFF ALONSO; F.; CRUZ ANDREOTTI, G.; MARTÍNEZ MAZA, C., eds. - *Actas II Congreso de Historia antigua de Málaga. Comercio y comerciantes en la Historia antigua de Málaga (siglo VIII a.C. – año 711 d.C.)*, p.681-700.
- TARRATS BOU, F. (1992) – *Terra sigillata* del Passatge de Cobos (Tarragona): les marques de terrisser. In DUPRÈ i RAVENTOS, X., coord. – *Miscelània Arqueològica a Josep M. Recasens*, p.155-176.
- TARRATS BOU, F. (2003) – La *terra sigillata* i les primeres fases d’ocupació de la *villa* romana dels Monts (Altafilla, Tarragonès). *Revista d’Arqueologia de Ponent*, p.315-335.
- TAVARES DIAS, L. (1997) – *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.
- TCHERNIA, A. (1987) - Modèles économiques et commerce du vin a la fin de la république et au début de l’empire. In *I colloqui d’arqueologia romana. El vi a l’antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental*. Badalona, 28,29,30 de novembre e 1 de desembre de 1985. Actes. Museu de Badalona (Monografies Badalonines; 9) p. 327-36.
- TCHERNIA, A. (2003) – Remarques sur la crise de 33. In Lo Cascio, E., ed. – *Credito e moneta nel mondo romano. Atti degli Incontri capresi di storia dell’economia antica (Capri. 12-14 Ottobre 2000)*. Edipuglia, p.131-146.
- TED’A (Taller Escola d’Arqueologia) (1987) – *Els enterraments del Parc de la Ciutat i la problemàtica funerària de Tàrraco*. Tarragona: Ayuntamiento de Tarragona (Memòries d’Excavació; 1).
- TED’A (Taller Escola d’Arqueologia) (1989) – *Un abocador del segle V d.C. en el fòrum provincial de Tàrraco*. Tarragona: Ayuntamiento de Tarragona.
- TEICHNER, F. (2006) – Romanisierung und keltische Resistenz? Die “kleinen” Städte im Nordwesten Hispaniens. In WALDE, E.; KAINRATH, B. (eds.) – *Die selbstdarstellung der römischen Gesellschaft in den Provinzen im Spiegel der Steindenkmäler. Akten des IX. Internationalen Kolloquiums über Probleme des Provinzialrömischen Kunstschaffens*. Innsbruck. 2005. Innsbruck University Press (IKARUS ; 2), p.335-348.

- TEICHNER, F. (2008) – *Entre tierra y mar. Zwischen Land und Meer. Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*. Mérida: MNAR (Studia Lusitana; 3).
- THUAULT, M.; VERNHET, A. (1986) - Le Rozier. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 110-13.
- TILHARD, J.-L. (2002) – Un Drag. 30 de la Graufesenque au décor non terminé à Poitiers. In GENIN, M.; VERNHET, A., dir. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches*. Montagnac: éditions monique mergoil, p. 195-200.
- TILHARD, J.-L. (2004) – *Les céramiques sigillées du Haut-Empire à Poitiers d'après les estampilles et les décors moulés*. SFECAG (Supplément ; 2).
- TOMBER, R. (1993) – Quantitative approaches to the investigation of long-distance exchange. *Journal of Roman Archaeology*. 6, p.142-166.
- TOMBER, R.; DORE, J. (1998) – *The national roman fabric reference collection: a handbook*. London: Museum of London Archaeological Service (Molas Monograph; 2).
- TORTORELLA, S. (1981) – Ceramica di produzione africana e rinvenimenti archeologici sottomarini della media e tarda età imperiale: analisi dei dati contribuiti reciproci. *MEFRA*. 93, p. 355-80.
- TORTORELLA, S. (1982) – *La sigillata africana a Cartagine fra il 400 d.C. e la conquista vandala: i dati dello scavo della missione archeologica italiana*. In: *Actes du colloque sur la céramique antique*. Carthage, 23-24 Juin 1980. (CEDAC ; dossier 1), p. 125-39.
- TORTORELLA, S. (1987) – La ceramica africana: un riesame della problematica. In: LÉVÊQUE, P.; MOREL, J.-P., eds. - *Céramiques hellénistiques et romaine*. II (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; volume 70), p. 279-327
- TORTORELLA, S. (1995) – La ceramica africana. Un bilancio dell'ultimo decennio di ricerche. In: TROUSSET, P., ed. - *Vie Colloque International sur l'Histoire et l'Archéologie de l'Afrique du Nord (PAU, octobre 1993 – 118e congrès)*. *L'Afrique du Nord Antique et Médiévale*. Éditions du CNRS (Productions et exportations africaines. Actualités archéologiques), p. 79-101.
- TORTORELLA, S. (1998) – La sigillata africana in Italia nel VI e nel VII secolo d.C.: problemi di cronologia e distribuzione. In: SAGUI, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 11-13 maggio 1995. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 41-70.
- TRANOY, A. (1974) – *Hydace. Chronique*. 2 vols. Paris: Les Éditions de Cerf.
- TRÉGLIA, J.-Ch (2005) – Importations de céramiques communes de mer egée et de Constantinople en Gaule Méridionale durant l'Antiquité Tardive (IV-VIIe s.). In: GURT I ESPARRAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS; CAU ONTIVEROS, M. A., eds. – *LRCW I. Late roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry*. (BAR IS; 1340), p.299-310.
- TRINDADE, L.; DIAS DIOGO, A. M. (1996) - Materiais provenientes do sítio romano da Comenda (Setúbal). *Al-Madan*. 5, p. 7-12.
- TUSET i BELTRÁN, F.; BUXEDA i GARRIGÓS, J. (1995) – La ceramica *terra sigillata* hispanica avançada (TSHA) de Clunia: segunda metade del s. II – s. III d.C.. *Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. 5*. (Trabalhos de Arqueologia e Etnologia; 35-1), p. 355-368.
- TYERS, P. (1993) - The plain samian. In MANNING, W.H., ed. - *The roman pottery. Report on the excavations at Usk. 1965-1976*. Cardiff: University of Wales Press, p. 127-62.
- URTURI RODRÍGUEZ, F. S. de (1988) – Marcas de alfareros y epigrafes sobre *terra sigillata* de yacimientos alaveses. *Estudios de Arqueología Alavesa*. 16, p.557-576.
- USCATESCU, A. (2005) - Los platos de borde perlado de sigillata africana D1 o forma Hayes 56 variante: una propuesta de revisión tipológica. *Archivo Español de Arqueología*. 78, p. 209-251.
- VAAG, L. E. (2005) – Phocaen red slip ware – main and secondary productions. In: BRIESE, M. B.; VAAG, L. E., eds. – *Trade relations on the Eastern Mediterranean from the Late hellenistic Period to Late Antiquity: the ceramic evidence. Acts from a PH.D.-seminar for young scholars. Sandbjerg Manorhouse, 12-15 February 1998*. University Press of Southern Denmark, p.132-138.
- VAQUERIZO, D.; GARRIGUET, J. A.; VARGAS, S. (2005) – “La Constancia”. *Una contribución al conocimiento de la topografía y los usos funerarios en la Colonia Patricia de los siglos iniciales del Imperio*. Córdoba: Servicio de Publicaciones. Universidad de Córdoba (Arqueología Cordobesa, 11).
- VARGAS CANTOS, S.; MORENO ALMENARA, M. (2004) – Nuevas perspectivas para el estudio de la cerámica de imitación tipo Peñaflor en Colonia Patricia Corduba. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. – *Figlinae baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana. Actas del*

- Congresso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003). Universidad de Cadiz (BAR International Series; 1266), p.721-726.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1914) - Excursão arqueológica à Estremadura transtagana. *O Arqueólogo Português*. 19: 1-6, p. 300-64.
- VÁSQUEZ DE LA CUEVA, Ana (1985) - *Sigillata africana en Augusta Emérita*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- VAZ PINTO, I. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora. (Colecção Teses).
- VAZ PINTO, I.; LOPES, C. (2006) – Ânforas das villae romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal Arqueológica; 13), p.197-224.
- VAZ PINTO, I.; VIEGAS, C.; FERRER DIAS, L. (2004) – *Terra sigillata* and amphorae from the Roman villa at Tourega (Évora, Portugal). In PASQUINUCCI, M.; WESKI, T. – *Close encounters: sea- and riverborne trade, ports and hinterlands, ship construction and navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time*. (BAR IS; 1283), p.117-127.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Publicaciones Eventuales.
- VEGAS, M. (1994) – La Céramique du “Camp” à Simithus. In : RAKOB, F., ed. – *Der Tempelberg und das römische Lager. Simithus*. Band II. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern / Deutsches Archäologisches Institut / Institut National du Patrimoine, p. 141-244.
- VENTURA SOLSONA, S. (1948-1949) – Las marcas alfareras de la terra sigillata hallada en Tarragona. *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*. 9-10, p.131-164.
- VERNHET, A. (1976) - Creation flavienne de six services de vaisselle a La Graufesenque. *Figlina*. 1, p. 13-27.
- VERNHET, A. (1981) - Un four de La Graufesenque (Aveyron): la cuisson des vases sigillés. *Gallia*. 39, p. 25-43.
- VERNHET, A. (1986a) - L'essor des ateliers entre 30 et 120 ap. J.-C.. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p.39-41.
- VERNHET, A. (1986b) - Centre de production de Millau. Atelier de La Graufesenque. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p.96-103.
- VERNHET, A. (1986c) - Présentation générale. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p.3-4.
- VERNHET, A.; THUAULT, M. (1986) - Le Rozier. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 110-12.
- VERNHET, A.; VERTET, H. 1976) - T. Flavivs Secvndvs de La Graufesenque. *Figlina*. 1, p. 29-38.
- VERTET, H. (1986) – Présentation générale. In: *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française; 6), p. 123-124.
- VIEGAS, C. (2003) - *Cerâmica, economia e comércio: a terra sigillata da alcáçova de Santarém*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 26).
- VIEGAS, C. (2006a) – *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira): (I) a terra sigillata*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- VIEGAS, C. (2006b) – Castro Marim no período romano. *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Vol. 1 (comunicações e conferências). (Xelb. 6), p.241-260.
- VIEGAS, C. (2006c) – O forno romano da Manta Rota (Cacela – Algarve). In *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (Setúbal Arqueológica; 13), p.177-196.
- VIEGAS, C. (2007) – Les céramiques tardives dans les sites du Sud-Ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve-Portugal). In : BONIFAY, M.; TRÉGLIA, J.-M., eds. - *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean*. *Archaeology and Archaeometry*. BAR-IS 1662 (I), p.71-83.



- VIEGAS, C. (2008) – *Amphorae imports in southern Lusitania (Algarve)*. Recent evidence from urban sites. The roman town of Balsa. *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. Acta 40. Bonn, p.493-504.
- VIEGAS, C. (2009) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. L. F. (1981) - A necrópole de Santo André. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 5-180.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2003) – Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Madrid. In CABALLERO, L.; MATEOS, P.; RETUERCE, M., eds. – *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la península Ibérica. Ruptura y continuidad (II Simposio de arqueología. Mérida 2001)*. Madrid (Anejos de Archivo español de Arqueología; 28), p.371-388.
- VILLEDIEU, F. (1982) – *La fouille de l'enceinte romaine tardive de Turrís Libisonis et les structures antérieures*. 2 vols. (thèse pour le doctorat de troisième cycle). Edição policopiada.
- VILLEDIEU, F. (1984) - *Turrís Libisonis. Fouille d'un site romain tardif à Porto Torres, Sardaigne*. (BAR IS, 224).
- VILLEDIEU, F. (1986) – *Turrís Libisonis-Porto Torres (Sardegna)*. Il contesto delle mura. In: GIARDINA, A., ed. (1986) – *Società romana e impero tardoantico*. III (Le merci. Gli insediamenti. Roma-Bari: Editori Laterza, p. 145-62.
- VV.AA. (1981) - *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. I (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero). Roma.
- VV.AA. (1985) - *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero). Roma.
- VV.AA. (1997) - *El jaciment romà del Morè. Sant Pol de Mar. Maresme*. Barcelona: Generalitat de Catalunya. Departament de Cultura.
- WARD-PERKINS, B. (2005) – *A queda de Roma e o fim da civilização*. Lisboa : Aletheia.
- WELLS, C. M. (1977) - L'implantation des ateliers de céramique sigillées en Gaule: problématique de la recherche. *Figlina*. 2, p. 1-11.
- WHITEHOUSE, D. ; et Al. (1982) – *The Schola Praeconum I : the coins, pottery, lamps and fauna*. *Papers of the British School at Rome*, 50, p.53-101.
- WHITEHOUSE, D. ; et Al. (1985) - *The Schola Praeconum II*. *Papers of the British School at Rome*, 53, p.163-210.
- WHITTAKER, C. R. (1983) – Late roman trade and traders. In GARNSEY, P.; HOPKINS, K.; WHITTAKER, C. R., eds. – *Trade in the ancient economy*. London: The Hogarth Press, p.163-180.
- WICKHAM, Ch. (2009) – *The inheritance of Rome. A History of Europe from 400 to 1000*. London : Penguin Books.
- WILSON, A. (2009) – Approaches to quantifying Roman trade. In BAUMAN, A.; WILSON, A., eds. – *Quantifying the Roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.213-249.
- WILSON, A. (2009) – Approaches to quantifying the roman trade. In BOWMAN, A. ; WILSON, A, eds. (2009) – *Quantifying the roman economy. Methods and problems*. Oxford University Press, p.213-249.
- WOODMAN, J. (1964) – *The Expositio Totius Mundi et Gentium : its Geography and its language*. Thesis. Master of Arts. Ohio State University.
- XUSTO RODRÍGUEZ, M. (2001) – *O vidro provincial galaicorromano*. Vigo: Universidade de Vigo (Monografías de Universidad de Vigo. Humanidades e ciências xurídico-sociales; 39).
- YOUNG, G. K. (2001) – *Rome's eastern trade. International commerce and imperial policy, 31 BC – AD 305*. London and New York: Rotledge.
- ZANINI, E. (1996) – Ricontando la terra sigillata africana. *Archeologia Medievale*. XXIII, p.677-688.
- ZARZALEJOS PRIETO, M. (2005) – Comercio y distribución de cerámicas romanas en Asturias. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; GACÍA DÍAZ, P., eds. - *III coloquio internacional de Arqueología de Gijón. Unidad y diversidad en el arco atlántico en época romana*. Gijón, 28, 29 y 30 septiembre 2002. Gijón, p.163-189.
- ZARZALEJOS PRIETO, M. ; MORILLO CERDÁN, A. (1994) – *Terra sigillata procedente de "Cuevas de los Cabañiles" (Huete, Cuenca)*. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. 21, p.159-182.

**A**

Abdera 239, 264, 413, 425, 428  
 Abu Amena 179, 203  
 Abul 267, 297, 463  
 Ad Pirum 200  
 Aeminium 48, 350, 351, 413, 425, 428, 432, 448  
 Agora de Atenas 180, 185, 198, 200, 207, 211, 213, 279, 310  
 Aioune es Soltane 213  
 Aislingen 86  
 Aix-en-Provence 16, 172, 175, 185, 445, 447  
 Alava 126, 127, 265, 285, 449, 454  
 Albacete 239  
 Albaicín 138  
 Albânia 294  
 Albintimilium 53, 455, 460  
 Alcalá de Henares 283, 413  
 Alentejo 12, 25, 441, 450, 452  
 Alexandria 254, 255, 272, 275  
 Algarve 12, 26, 27, 297, 441, 443, 445, 450, 451, 452, 457, 479, 480  
 Alicante 193, 199, 210, 238, 239, 264, 283, 285, 291, 452, 464, 471  
 Almeria 239, 264, 278, 285, 291, 294, 357, 413, 425, 428, 455  
 Alto do Cidreira, villa 240, 264, 277, 283, 284, 286, 290, 293, 312, 325, 413, 425, 428  
 Alvalade do Sado 34  
 Ammaia 4, 238, 264, 276, 284, 286, 312, 324, 413, 425, 428, 432, 467  
 Andújar 8, 33, 41, 42, 55, 64, 65, 66, 77, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 154, 156, 166, 189, 220, 231, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 263, 264, 266, 308, 313, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 358, 359, 422, 425, 427, 428, 430, 432, 435, 436, 453, 454, 464, 465, 469, 472, 473, 476, 477  
 Antequera 138, 260  
 Antigua Audiência, Tarraco 205, 226  
 Antioquia 253  
*Aquae Flaviae* / Chaves 238, 277, 289, 351, 413, 425, 428, 448  
 Aqueia 275  
 Arade, rio 290, 298, 366, 451, 476  
 Arandis 26  
 Arcaya 121, 126, 127, 413, 449  
 Arcobriga 224, 232, 233, 240, 299, 350, 351, 357, 413, 425, 428, 432  
 Arenzana de Abajo 122, 123, 473  
 Arenzana de Arriba 8, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 130, 131, 152  
 Arezzo 81, 82, 225, 226, 348, 463, 477  
 Argélia 187, 225, 241, 301, 358  
 Argos 211  
 Arjonilla 132  
 Arles 194, 195, 200, 292, 295  
 Armazéns Sommer, Olísipo / Lisboa 297  
 Ásia Menor 259, 268  
 Astúrias 233, 282, 290  
 Asturica 225, 413, 467  
 Atenas 180, 185, 198, 200, 207, 211, 213, 279, 280, 284, 310  
 Atlântico 264, 267, 274, 278, 280, 282, 289, 291, 471  
 Áustria 254, 271  
 Avenida de España, Ibiza 165, 167

Ávila 157, 472  
 Avocourt 109, 111

**B**

Baden 103, 463  
 Baelo 117, 211, 219, 224, 225, 232, 233, 238, 239, 240, 241, 262, 264, 265, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 291, 292, 294, 297, 300, 301, 309, 311, 312, 313, 321, 323, 324, 325, 326, 348, 350, 351, 357, 413, 425, 428, 432  
 Baetica 36, 48, 228, 255, 259, 260, 263, 267, 274, 281, 284, 295, 298, 301, 309, 314, 364, 365, 452, 459, 471, 475  
 Baetulo 107, 197, 215, 216, 225, 226, 231, 232, 238, 239, 263, 264, 299, 307, 319, 359, 360, 413, 425, 428, 432, 442, 449, 461, 464  
 Baie de Cavalerie, naufrágio 53  
 Baleares 226, 227, 239, 240, 241, 245, 264, 291, 292, 294, 297, 298, 302, 307, 311, 351, 471  
 Balsa 26, 53, 55, 226, 238, 264, 286, 289, 294, 298, 299, 301, 312, 313, 325, 326, 351, 357, 358, 366, 413, 425, 428, 441, 452, 465, 476, 479, 480  
 Banassa 266  
 Banassac 101, 107, 108, 109, 115, 351, 458  
 Baños de Rio Tobía 122  
 Baños de Valdearados 283, 413  
 Barcino 289, 294, 295, 297, 413  
 Begastri 225, 413, 425, 428  
 Beirute 259, 280, 282, 283, 294, 295, 297, 310, 357, 365  
 Benghazi 161, 163, 166, 167, 263, 279, 282, 283, 459  
 Bezares 8, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 130, 131  
 Bilbilis 225, 238, 413, 425, 428, 462, 473  
 Bizacena 34, 168, 171, 179, 187, 189, 190, 192, 197, 199, 213, 218, 241, 245, 246, 247, 249, 255, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 292, 295, 299, 300, 301, 302, 309, 310, 311, 313, 314, 355, 358  
 Bolsa de Marselha 15, 199, 298, 355, 366  
 Bolsena 82, 226, 307, 319, 457  
 Bordéus 277, 294, 312  
 Bordj el-Djerbi 188, 190, 191, 192, 196, 199, 200, 202, 203, 205  
 Boucheporn 105  
 Bracara Augusta / Braga 16, 53, 154, 225, 226, 232, 233, 238, 240, 241, 259, 264, 265, 267, 277, 284, 286, 287, 289, 290, 293, 298, 312, 313, 314, 325, 326, 327, 348, 350, 351, 358, 366, 413, 425, 428, 432, 449, 450, 463, 464, 470  
 Bram 119, 466  
 Brigantium 238, 265, 277, 286, 413, 425, 428, 460  
 Britannia 44, 230, 255, 259, 260, 264, 265, 267, 269, 274, 277, 281, 283, 290, 291, 294, 295, 297, 298, 299, 305, 312, 313, 314, 317, 325, 327, 365, 448, 461  
 Bronchales 240, 425, 427, 428, 430  
 Bulla Regia 160  
 Bu Njem 164  
 Burgos 53, 152, 413, 441  
 Bursao 149, 151, 245, 413  
 Butrint 294

**C**

Cabo da Nao 227, 239, 240, 243, 245, 264, 278, 279, 280, 282, 283, 298, 307, 308, 314



- Cabrera III, naufrágio 161, 167, 355, 446  
 Caesaraugusta / Saragoça 86, 151, 152, 215, 217, 287, 306, 313, 318, 326, 413, 443, 473  
 Caesarea 291  
 Caixa de Pompeia, Roma 99, 100, 101, 108, 110, 111  
 Cala Culip IV, naufrágio 88, 89, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 232, 359  
 Calahorra 122  
 Calçada / Calçada do século I, La Graufesenque 85, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 349  
 Calcedónia 268, 269  
 Calle Constantino, Emerita Augusta 52  
 Calle d'Apodaca, Tarraco 168, 169, 175, 279, 362  
 Calle del Templo (Can Boada), Baetulo 217  
 Calle Jaime I, Caesaraugusta 287  
 Calle San Fernando, Hispalis 265  
 Camprovín 122  
 Camulodunum 95, 108, 365  
 Çandarlı 211, 212, 289, 358  
 Can Majoral 217  
 Cantábria 267  
 Cap Bon 210  
 Capela de São Brás, Chãos Salgados 60  
 Cardílio, villa 277, 283, 350, 413, 425, 428, 441  
 Cardo de Illuro 279  
 Carmona 48  
 Carrade 105, 109, 467  
 Carranque 283  
 Carrer de Pere Martell, Tarraco 38, 226, 299  
 Carretera de San Martí de Ampúrias 289  
 Cartago Nova / Cartagena 232, 233, 285, 287, 289, 290, 294, 298, 299, 350, 351, 413, 425, 428, 432, 459, 464, 468, 470  
 Cartaginensis 298  
 Cartago 159, 166, 170, 178, 187, 188, 190, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 213, 214, 216, 217, 225, 232, 233, 241, 255, 269, 272, 285, 287, 288, 289, 295, 298, 301, 311, 314, 350, 351, 352, 358, 365, 413, 425, 428, 432  
 Carteia 225, 264, 284, 294, 413, 472  
 Cartuja 138, 475  
 Casa da Condessa de Lebrija, Italica 233  
 Casa de las Columnas, Italica 300, 441  
 Casa de los Delfines, Lepida 86, 226, 444  
 Casa de los Plintos, Uxama 56  
 Casa dos Bicos, Olisipo / Lisboa 267  
 Castelo Velho de Santiago do Cacém 11, 12, 13, 25, 28  
 Castilla-La Mancha 121, 157  
 Castellón 138  
 Castro de Elvina 238, 413, 425, 428  
 Castro de Vigo 225, 232, 351, 413, 458  
 Castro Marim 225, 233, 238, 283, 286, 350, 351, 413, 425, 428, 445, 479  
 Castro Urdiales 233, 351, 413, 425, 428, 432, 467, 473  
 Cauca / Coca 274, 274, 455  
 Celsa-Lepida 106, 108, 109, 111, 215, 226, 231, 238, 299, 300, 307, 319, 347, 413, 435, 444  
 Celti 116, 459  
 Cercadilla 117  
 Cerro da Vila, villa 289, 290, 293, 297, 312, 325, 358, 413, 451  
 Cerro del Cabezo 225, 231, 233, 238, 348, 413, 425, 428, 467  
 Chãos Salgados 7, 8, 10, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 193, 194, 195, 196, 199, 184, 196, 197, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 253, 260, 261, 263, 264, 265, 267, 276, 277, 278, 279, 317, 282, 283, 326, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 290, 292, 298, 300, 301, 232, 301, 302, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 326, 329, 366, 367, 413, 415, 422, 432, 435, 436, 469, 470  
 Chebba 168  
 Chellah 152  
 Chémery 110  
 Chemtou 160, 353  
 Chester 107, 109  
 China 57, 253  
 Chipre 211  
 Chougafiya 190  
 Cillium 187  
 Circo de Cartago 198, 203  
 Cisterna na Rue Pajol, Baetulo 226  
 Citânia de Briteiros 130, 413, 432  
 Ciudad Real 16, 121, 157  
 Clos de la Torre, Baetulo 217  
 Clunia 148, 149, 151, 152, 244, 413, 478  
 Cluzel 15, La Graufesenque 87, 90, 100, 108  
 Colecção Bouscaras, Narbonne 106, 107, 108, 109, 110  
 Colijnspaat 267  
 Comenda 36, 293, 297, 312, 325, 366, 413, 478  
 Complutum 226, 231, 233, 238, 277, 283, 348, 413, 432, 454, 470  
 Conimbriga 36, 53, 55, 65, 127, 150, 178, 181, 182, 186, 192, 209, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 238, 241, 262, 265, 270, 273, 277, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 294, 297, 301, 309, 310, 311, 312, 321, 323, 325, 348, 350, 351, 357, 358, 363, 366, 413, 425, 428, 432, 441, 442, 443, 447, 448, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 460, 462, 463, 465, 467, 469, 470, 476, 477, 480  
 Corbridge 106, 109  
 Córdoba 117, 118, 137, 224, 238, 244, 263, 264, 277, 281, 283, 284, 286, 293, 300, 301, 308, 357, 358, 359, 425, 428, 432, 462, 464, 469, 475  
 Corunha 36  
 Courela dos Chãos, villa 36, 47, 292, 302, 312, 324, 366, 413, 449  
 Cullera 287, 413, 458, 473
- D**
- Dangstetten 82  
 Danúbio 212

- Decumanus A, Ampúrias 121  
 Deixa-o-Resto, necrópole 34, 413, 432  
 Depósito de Santa Tecla, Tarraco 295  
 Dougga 160  
 Douro, rio 148, 150, 151, 189, 286, 313, 326  
 Dramont D, naufrágio 53  
 Dramont E, naufrágio 200, 204, 207, 208, 292, 355  
 Draria el-Achour 161, 166, 167
- E**
- Ebro, rio 48, 148, 149, 150, 154, 189, 224, 225, 226, 231, 232, 238, 239, 240, 241, 244, 245, 264, 283, 286, 287, 299, 308, 313, 444, 452  
 Ebusus 278, 279, 301, 310, 322, 363, 413, 457  
 Éfesos 269  
 Egipto 33, 190, 253, 255, 257, 259, 270, 284, 285, 365  
 Egítania 238, 277, 283, 311, 324, 413, 425, 428, 432  
 Eincheville 110  
 El-Aouja 179, 187, 189, 461  
 Elba 161, 163, 164, 355  
 Elda 225, 348, 413, 432, 468  
 El-Djem 171, 179, 188  
 El Fahs 190  
 Ello 225, 239, 240, 413, 425, 428, 432  
 El-Mahrine 178, 186, 188, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 213, 248, 282, 285, 311, 323, 342, 352  
 El Ojuelo 151  
 El Quemao 122, 123, 473  
 El Ruedo 244, 264  
 El Vilar de Arnedo 122  
 Eivissa 204  
 Emerita Augusta / Mérida 52, 64, 118, 151, 152, 180, 181, 192, 224, 225, 232, 241, 276, 283, 335, 350, 351, 413, 425, 435, 443, 447, 449, 459, 463, 478, 479, 480  
 Emporiae / Ampúrias 53, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 119, 121, 122, 197, 225, 226, 239, 240, 263, 264, 279, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 294, 295, 298, 299, 301, 308, 310, 312, 313, 314, 333, 350, 359, 413, 432  
 Encarnación, *Hispalis* 265  
 Entrena 122  
 Ephesos 211  
 Es Castell 204, 205, 210, 363, 413, 470  
 Espalion 109  
 Estreito 232, 239, 264, 266, 278, 282, 284, 291, 296, 297, 300, 307, 311, 312, 314  
 Estremadura 240, 281, 473, 479  
 Évora 4, 12, 413, 432, 469, 479
- F**
- Femina Morta, naufrágio 161, 166, 197, 280, 296, 355  
 Flavia Solvia 271  
 Flaviobriga 232, 233, 350, 351, 413, 425, 428, 432, 473  
 Fócea 211  
 Fontanamare A, naufrágio 161, 169, 170, 197, 280, 296, 355  
 Fonte do Burro, necrópole 34  
 Formiga, necrópole 34
- Fossa 79, La Graufesenque 89, 90, 91, 92, 95, 96, 107, 108, 109, 110, 111, 112  
 Fossa 9003, Soumaltre 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 103, 105, 106, 107  
 Fossa Cluzel, La Graufesenque 90  
 Fossa de Bassus, La Graufesenque 91, 107  
 Fossa de Cirratus, La Graufesenque 89, 90, 95, 107  
 Fossa de Fronto, La Graufesenque 92, 105  
 Fossa de Gallicanus, La Graufesenque 89, 90, 92, 93, 97, 98  
 Fossa de Malaval, La Graufesenque 98  
 Foz do Arade, rio 290, 476  
 Fronteira 286, 413, 448  
 Frontignan 198  
 Fuenmayor 122  
 Fuentecillas 122, 123
- G**
- Gabès, golfo 181, 185, 191, 210  
 Gades 259  
 Galaecia 277, 289, 290, 293, 298, 312, 313, 314, 325, 327  
 Gália 42, 45, 53, 88, 117, 119, 121, 125, 129, 139, 211, 258, 259, 268, 275, 285, 292, 312  
 Gallala 213  
 Gallia / Gália 42, 45, 48, 53, 88, 117, 119, 121, 125, 129, 139, 211, 230, 238, 254, 258, 259, 260, 265, 267, 268, 275, 285, 286, 287, 291, 292, 312  
 Gallia Belgica 267  
 Gallia Narbonensis 238  
 Gallicanus 87, 89, 90, 92, 93, 95, 97, 98  
 Garganes 278, 279, 283, 310, 322, 361, 413, 464  
 Garrero 121, 122  
 Gavín 152  
 Génova 275, 456  
 Germa 200  
 Germania 255, 267, 305, 317, 460, 461  
 Germania Inferior 267  
 Gerona 178, 461  
 Gerunda / Gerona 178, 215, 279, 301, 310, 322, 357, 413, 461, 465  
 Gijón 282, 287, 293, 297, 298, 313, 413, 456, 480  
 Granada 16, 118, 136, 138, 139, 240, 244, 286, 301, 425, 427, 428, 430, 445, 453, 454, 471, 472, 475, 477  
 Grândola 25  
 Grau Vell 279, 356, 413, 460  
 Gronelândia 57, 258  
 Grynion 211, 212  
 Guadalquivir, rio 53, 77, 117, 225, 226, 233, 238, 239, 264, 265, 277, 281, 282, 286, 300, 301, 307, 319, 336, 337, 474  
 Guadiana, rio 225, 238, 240, 264, 277, 283, 289
- H**
- Hadrumentum 187  
 Haltern 77, 82, 118, 119, 259, 267, 336, 337, 448, 460  
 Hammamet, golfo de 168, 171  
 Hanghaus 211  
 Heilingenberg 110  
 Henchir ech Chougga 204, 213  
 Henchir el-Biar 190, 191, 192, 196, 199, 202, 203, 205  
 Henchir el-Guellal, Djilma 168, 171, 182, 188, 189, 190, 206, 210, 213  
 Henchir el-Guellal, Madje 187

Henchir el-Guellal, Zegalass 204, 213  
 Henchir es-Srira 8, 178, 179, 184, 185, 186, 187, 189,  
 192, 199, 204, 213, 245, 246, 342, 355, 469  
 Henchir Mbarek 213  
 Herdade da Cascalheira 34, 453  
 Herdade dos Conqueiros, *villa* 34, 413  
 Herdade dos Francisquinhos, *villa* 26  
 Hergla 187  
 Herrera de Pisuerga, acampamento 119, 225, 231,  
 233, 238, 348, 350, 351, 413, 425, 428, 435,  
 468  
*Hispalis* 238, 259, 265, 295, 297, 298, 300, 314, 326,  
 327, 413, 442, 456  
*Hispania* 4, 9, 119, 124, 129, 141, 143, 233, 240, 255,  
 259, 260, 264, 265, 266, 269, 274, 275, 279,  
 280, 282, 285, 286, 291, 292, 293, 295, 297,  
 298, 299, 301, 307, 309, 310, 311, 364, 365,  
 441, 442, 443, 445, 446, 449, 450, 455, 456,  
 457, 459, 460, 463, 464, 467, 468, 469, 471,  
 473, 474  
 Hofheim 103, 107, 111, 471  
 Holanda 267  
 Hornos de Moncalvillo 122  
 Horrea Caelia 187  
 Hrusica 200  
 Huerña 53

## I

Ibiza 136, 137, 165, 167, 225, 231, 264, 278, 280, 348,  
 350, 361, 363, 364, 413, 425, 428, 435, 454,  
 457  
 Ilha de Cabrera 287, 294  
 Ilha do Pessegueiro 34, 36, 42, 44, 47, 124, 137, 166,  
 215, 239, 240, 243, 263, 265, 277, 279, 280,  
 283, 284, 292, 300, 301, 307, 308, 309, 310,  
 311, 312, 350, 358, 359, 366, 413, 425, 428,  
 476  
 Ilhas Baleares 226, 227, 351  
*Illici* 225, 232, 233, 239, 240, 294  
*Illuro* 197, 209, 279, 287, 289, 302, 363, 471  
 Índia 253  
 Insula das Carvalheiras, Bracara Augusta 287  
*Iria Flavia* 238, 277, 413, 425, 428, 435  
 Iruaxpe III 286  
 Iruña 285, 413, 435, 444  
 Isola Sacra 278, 356  
*Isturgi* 140, 454  
 Itália 4, 49, 57, 106, 161, 225, 227, 253, 254, 255, 258,  
 259, 264, 265, 268, 271, 272, 274, 278, 280,  
 281, 282, 283, 284, 285, 289, 292, 294, 296,  
 297, 298, 300, 301, 312, 313, 314, 348, 355,  
 364, 365, 366, 446, 454, 458, 461, 462, 464,  
 471, 478  
*Italica* 225, 233, 260, 264, 300, 301, 413, 435, 441,  
 449, 460, 472  
*Iulia Traducta* 297  
*Iuliobriga* 225, 232, 233, 238, 350, 351, 413, 425, 428,  
 435

## J

Jonquières 109, 460  
 Júcar 225, 231, 232, 233, 283, 286

## K

Kairouan 179

Kasserine 185  
 Kellia 203  
 Ksar el-Guellal 190, 191

## L

La Albergueria 122  
 La Cereceda 121, 123, 124  
 La Constancia 117, 118, 238, 358, 478  
 La Estanca 152  
 Lagoa da Pera 26  
 Lagoa de Santo André 16, 26, 56, 57, 454, 461  
 Lagos 239, 240, 243, 263, 293, 297, 300, 312, 325,  
 366, 413, 443, 470  
 La Graufesenque 7, 16, 33, 84, 85, 87, 88, 89, 90,  
 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103,  
 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 121,  
 140, 157, 232, 233, 251, 252, 260, 331, 332, 333,  
 334, 335, 336, 337, 349, 446, 449, 453, 456,  
 458, 462, 465, 468, 474, 479  
 La Madeleine 108  
 Lampadário, Uxama 56  
 La Mulette 119, 460, 468  
 La Nautique, Narbonne 105, 106, 107, 109, 110, 111  
 Languedoc 287, 313, 325, 454  
 Lansargues 198  
 La Olmeda, *villa* 149, 151, 152, 413, 466  
 La Picola 297  
 La Puebla 123, 124  
 Largo João de Deus, Sines 36, 243  
 La Rioja 7, 8, 16, 33, 52, 65, 66, 77, 120, 121, 123, 127,  
 128, 129, 150, 152, 153, 154, 157, 220, 232, 234,  
 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243,  
 244, 245, 264, 265, 266, 308, 313, 320, 326,  
 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 358,  
 422, 425, 427, 428, 430, 432, 435, 436, 441,  
 455, 469, 473  
 La Serna 149, 151, 152  
 Las Tablas de Daimiel 56, 57  
 Lavoye 111  
 La Yecla 152  
 Léon 53, 119, 154, 224  
 Lepida-Celsa 86, 106, 108, 109, 111, 226, 231, 238,  
 307, 319, 347, 413, 435, 444  
 Le Pont-des-Rèmes 111  
*Leptiminus* 187  
 Lerma 152  
 Le Rozier 109, 110, 478, 479  
 Les Laurons II, naufrágio 161, 164, 355  
 Les Martres-de-Veyre 107, 109, 110, 111  
 Lezoux 84, 105, 107, 109, 110, 111, 115, 116, 143, 233,  
 254, 271, 351, 445  
 Líbia 161, 164, 263, 309  
*Libisosa Foroaugustana* 225, 240, 413, 425, 428  
 Lidia 254  
 Lobeira Grande 226, 413, 435  
*Londinum* / Londres 27, 260, 262, 265  
 Lorenzberg 200, 205  
 Los Castellones de Campillo 117, 118  
 Los Matagallares, *atelier* 136, 137, 244, 301, 308,  
 313, 320, 326, 359, 413, 445  
 Los Moros 149  
 Los Morteros 123  
 Los Pozos 121, 122, 153  
 Los Villares de Andújar 132, 453, 454, 472, 473, 477  
 Loulé 290, 297, 443, 451  
 Lousa 25, 226, 348

Lubié 107  
 Lucentum 226, 232, 239, 240, 413, 427, 428, 430, 436, 452, 457, 471  
 Lucus Augusti 48, 224, 238, 283, 348, 413, 425, 428, 435, 441, 448, 472  
 Luni 118, 178, 201, 281, 291, 294  
 Lusitania 9, 36, 225, 226, 232, 233, 238, 240, 241, 243, 245, 254, 259, 260, 263, 264, 265, 266, 267, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 281, 283, 284, 285, 286, 289, 291, 292, 294, 295, 298, 301, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 348, 358, 364, 365, 366, 442, 444, 450, 452, 462, 466, 480  
 Lyon 81, 98, 119, 348, 351, 450, 456, 460

## M

Magdalensberg 82, 474  
 Magna Mater, Roma 298, 365, 448  
 Maiorca 161, 167, 225, 226, 227, 231, 240, 288, 294, 347, 351, 355, 425, 427, 428, 430  
 Málaga 224, 289, 294, 297, 413, 425, 428, 435, 442, 449, 454, 466, 468, 469, 472, 473, 475, 477  
 Mallén 283, 413  
 Mambrillas de Larga 152  
 Manjarrés 122, 123  
 Marim, Olhão 290  
 Marselha 161, 164, 165, 167, 193, 199, 202, 204, 205, 210, 215, 284, 289, 291, 292, 295, 298, 300, 301, 312, 355, 366  
 Martinhal, atelier 297, 476  
 Martre-en-Veyre 88  
 Mar Vermelho 254  
 Marzamemi D, naufrágio 296  
 Mauritania Tingitana 224, 225, 226, 232, 241, 348, 358, 364, 456  
 Mazarrón 297  
 Mecerreyes 152  
 Mejerda 160, 165, 166, 190, 191, 192, 193, 196, 199, 200, 202, 203, 205, 216, 291  
 Menorca 231, 425  
 Mercado de Abastos de Toledo 151, 152  
 Merobriga 11, 443  
 Meseta 56, 119, 150, 152, 225, 226, 231, 232, 233, 238, 240, 277, 456  
 Meseta Norte 150, 152, 456  
 Mileu 231, 238, 413, 428, 467  
 Miliane 190, 192, 205, 291, 292  
 Milreu 273, 290, 293, 312, 325, 413, 435  
 Minorca 240, 351  
 Mira 26  
 Mirobriga 4, 15, 19, 20, 25, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 59, 225, 231, 305, 309, 317, 321, 348, 413, 425, 428, 432, 444, 445, 450, 467, 469, 470  
 Monreale 285  
 Montans 84, 106, 108, 109, 110, 120, 232, 233, 252, 351, 450, 462  
 Montargil 47  
 Monte da Cegonha, villa 289, 298, 358, 366, 413, 479  
 Monte da Sardinha, necrópole 34, 47  
 Monte Molião, Lagos 239, 240, 243, 263, 300, 307, 308, 320, 413, 443  
 Monte Mozinho 120, 138, 225, 232, 238, 240, 348, 413, 435, 448, 476  
 Monte Testaccio, Roma 184, 255  
 Montinho das Laranjeiras, villa 241, 264, 277, 283, 284, 286, 293, 301, 312, 325, 351, 357, 413, 427, 430, 435

Moosberg 179, 200, 205  
 Morè 233, 264, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 299, 350, 351, 357, 413, 427, 430, 480  
 Munigua 11, 44, 233, 238, 239, 260, 264, 281, 282, 283, 284, 286, 293, 350, 357, 413, 427, 430, 435  
 Múrcia 239  
 Museu Machado de Castro 154, 432, 441, 465  
 Museu Municipal de Santiago do Cacém 15, 19, 31, 444, 467, 476  
 Museu Nacional de Arqueologia 19, 441, 452, 465  
 Museu Saint-Louis 188  
 Myrtilis / Mértola 289, 290, 291, 413

## N

Nabeul 187, 215, 217, 292  
 Nájera 152  
 Najerilla 152, 473  
 Nápoles 81, 291, 365, 366, 466  
 Narbonne 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 200, 201, 292, 295, 350, 351, 454, 466, 474  
 Nespereira 286, 450  
 Neuss 89, 93  
 Newstead 96  
 Niederbiber 96  
 Nijmegen 82, 88, 109, 447, 459, 468  
 Noville 277, 413, 427, 430  
 Numantia / Numância 126, 225, 226, 231, 233, 238, 348, 351, 413, 427, 430, 435

## O

Oberaden 53, 82  
 Oberwinterthur 87, 92, 452  
 Obila 157  
 Olhão 290, 457, 476  
 Olisipo / Lisboa 224, 231, 259, 264, 267, 275, 276, 277, 286, 289, 290, 293, 297, 298, 301, 312, 314, 327, 347, 351, 358, 366, 413, 435, 447, 475  
 Ossonoba / Faro 26, 225, 233, 238, 264, 286, 289, 292, 298, 312, 325, 358, 366, 413, 425, 428  
 Ostia 16, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 178, 187, 192, 196, 197, 200, 205, 213, 215, 217, 219, 232, 245, 260, 261, 262, 270, 277, 278, 280, 281, 288, 295, 299, 300, 301, 302, 310, 332, 341, 343, 351, 355, 356, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 442, 448, 462  
 Oudhna 160, 161, 188, 190, 191, 192, 193, 202, 203, 205, 206, 213, 217, 291, 444  
 Oued el-Akarit 181, 213

## P

Padres Escolapios de Jaca 151  
 Pádua 81  
 País Basco 265, 286  
 Palácio de Orive, Córdoba 244, 359  
 Palência 149, 225, 413, 435, 459, 466, 468  
 Palma de Maiorca 226, 227, 231  
 Pamphylia / Panfilia 255, 275  
 Pamplona 121, 122, 126, 127, 130, 151, 152, 351, 413, 442, 463, 464  
 Parreitas, villa 265, 277, 281, 284, 293, 312, 325, 413, 427, 430, 450  
 Passatge de Cobos, Tarraco 232, 233, 239, 348, 351, 427, 430, 477



- Pati de la Casa del Carrer Lladó, *Baetulo* 226, 360  
*Pax Iulia* / Beja 26, 413, 432, 460  
 Pedra da Atalaia 34, 476  
 Pedrosa de la Veja 149  
 Península Ibérica 10, 27, 48, 56, 57, 91, 119, 226, 231, 240, 243, 253, 259, 262, 263, 268, 277, 278, 281, 283, 299, 302, 305, 309, 311, 348, 447, 472, 476, 435, 460, 465, 470, 472, 479, 452, 350, 351, 355, 357, 358, 411, 436, 423, 425, 427, 428, 430, 432, 444  
 Peñafior 116, 117, 118, 119, 120, 442, 447, 459, 463, 478  
 Périgueux 112, 448  
 Petavonium 157  
 Pinheiro, *atelier* 72, 266, 297, 309, 321, 463  
 Pisa 81, 348, 443, 450, 462, 463, 466, 477  
 Praça del Negret, *Valentia* 153, 244, 259, 264  
 Platja de la Vila, Vila Joiosa 238, 452  
 Plaza Constitución, *Baetulo* 217  
 Plaza Major de Sant Martí, Ampúrias 197  
 Poitiers 111, 116, 260, 262, 309, 321, 478  
 Pollentia 53, 225, 227, 231, 240, 294, 302, 413, 427, 430, 435, 443, 462  
 Pompaelo 123, 464  
 Pompeia 31, 99, 100, 101, 108, 110, 111, 161, 232, 254, 271, 351  
 Portimão 290, 298, 413, 476  
 Port-Miou, naufrágio 200, 204, 207, 292, 355  
 Porto 42, 72, 161, 163, 164, 277, 350, 355, 444, 448, 461, 463, 470, 476, 480  
 Porto Azzuro 161, 163, 164, 355  
 Porto dos Cacos, *atelier* 42, 72, 470  
 Ports du Bon Jésus, Marselha 298  
 Portugal 4, 12, 26, 27, 56, 441, 442, 443, 445, 450, 451, 452, 456, 461, 463, 465, 467, 469, 470, 471, 473, 475, 478, 479  
*Portus Illicitanus* 225, 231, 233, 239, 240, 282, 284, 286, 287, 348, 351, 457  
*Portus Sucronem* 198, 200, 284, 287, 289, 291, 294, 295, 298, 302, 313, 314, 327, 364, 413, 458  
 Port-Vendres II, naufrágio 112, 117, 449  
 Povos, *villa* 53, 238, 240, 350, 413, 427, 430, 435, 444, 450, 469  
 Praça da Figueira, *Olisipo* / Lisboa 231, 347, 351  
 Praça do Bocage, Setúbal 267, 476  
 Praça João de Deus, Sines 263  
 Prado Alto 121, 122, 151, 152  
 Procchio 161, 163, 355  
 Proconsular 187, 188, 189, 190, 225, 241, 292, 301, 309, 313  
 Provença 53, 287, 292, 313  
 Puenteadura 152  
 Punta Ala B, naufrágio 161, 295, 300, 355  
 Pupput 159, 164, 166, 167
- Q**
- Quinta da Alegria, *atelier* 297  
 Quinta das Longas, *villa* 286, 287, 413, 442, 475  
 Quinta do Marim, *villa* 240, 273, 283, 290, 301, 313, 326, 366, 413, 427, 430  
 Quinta do Rouxinol, *atelier* 72, 451, 470  
 Quintanilla de la Cueva 148, 149, 413, 459
- R**
- Ragusa 161, 166, 355  
 Rass Jezira 210  
 Ravenna 275  
 Rebolleda Camesa 238  
 Relea 149, 151, 152, 413, 459  
 Reno 258, 267  
 Represas, *villa* 154, 225, 226, 232, 233, 238, 241, 262, 264, 265, 277, 282, 283, 284, 292, 309, 311, 312, 321, 323, 324, 348, 350, 351, 357, 413, 427, 430, 435, 460  
 Ria de Vigo 56  
 Rivas Caídas 121, 122  
 Ródano 267  
 Rödigen 82  
 Roma 81, 160, 161, 181, 198, 200, 204, 205, 209, 232, 253, 254, 255, 258, 259, 265, 268, 269, 271, 273, 274, 275, 291, 293, 295, 297, 298, 302, 309, 310, 353, 357, 363, 364, 365, 366, 443, 446, 448, 454, 457, 458, 461, 462, 466, 472, 474, 477, 478, 480  
 Roses 279, 282, 284, 294, 297, 302, 310, 322, 357, 413, 465, 469  
 Rosinos de Vidriales, acampamento 53, 225, 231, 232, 233, 238, 350, 351, 413, 427, 430, 448  
 Rottweil 88, 460  
 Rougga 159  
 Rouxo 34  
 Rua Ramos da Costa, Sines 36, 449  
 Rua Silva Lopes, Lagos 263, 297, 300, 470
- S**
- Sabaters 209, 362  
 Sabratha 170, 225, 358, 455  
 Sa Carrotja 225  
 Sado, rio 26, 34, 36, 72, 77, 266, 267, 297, 306, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 348, 448, 449, 451, 452, 462, 463, 470  
*Saguntum* 225, 233, 239, 240, 348, 350, 351, 413, 427, 430, 458, 464, 468, 473  
 Sahel 168, 171, 187  
 Saint-Propice 195  
 Saint-Saturnin 109, 460  
 Sala 152, 348, 446  
*Salacia* / Alcácer do Sal 26, 224, 263, 275, 413, 432, 453  
 Saldaña 149, 459  
 Salobreña 136, 445  
 Salzburgo 271  
 Sa Mesquida 288, 466  
 San Giocomo degli Schiavoni 289  
 San Giovanni Ruoti 298  
 San Jordi 53  
 San Jordi, naufrágio 53  
 San Martí de Ampúrias 288, 289  
 San Sisto Vecchio 160, 475  
 Santa Lúcia 152  
 Santa Maria del Juncal 232, 233, 458  
 Santiago do Cacém 11, 12, 15, 19, 26, 31, 36, 56, 441, 442, 443, 444, 445, 447, 453, 454, 461, 467, 469, 470, 476  
 Santo André, necrópole 34, 47, 443, 480  
 Santo Domingo de la Calzada 122  
 São Cucufate, *villa* 28, 42, 46, 53, 233, 238, 241, 262, 265, 273, 276, 277, 282, 283, 284, 292, 309, 311, 321, 324, 334, 336, 351, 366, 413, 435, 441, 479  
 São Francisco da Serra 34, 450  
 Sardenha 169, 275, 278, 280, 282, 283, 294, 297, 311, 353, 354



- Sardis* 211  
*Scallabis* / Santarém 44, 65, 224, 225, 231, 240, 241, 284, 286, 294, 312, 325, 358, 413  
*Schola Praeconum I*, Roma 198, 200, 353, 365, 480  
*Schola Praeconum II*, Roma 298, 480  
*Segermes* 210  
*Segobriga* 48, 154, 224, 225, 232, 233, 283, 286, 348, 351, 413, 427, 430, 436, 441  
*Segóvia* 225  
*Sellium* / Tomar 238, 444  
*Sepulcro* 152  
*Serreta* 225, 240, 413, 427, 430, 435, 468  
*Sétif* 177, 205, 206, 454  
*Setúbal* 267, 298, 314, 327, 413, 436, 441, 444, 447, 449, 450, 451, 454, 458, 465, 467, 468, 470, 475, 476, 477, 478, 479  
*Sicília* 275, 280, 289  
*Sidê* 255  
*Sidi Aïch* 8, 33, 176, 184, 185, 186, 187, 192, 204, 213, 246, 342, 469, 477  
*Sidi Jdidi* 194, 199, 209, 445  
*Sidi Kebrish* 198  
*Sidi Khalifa* 190, 191, 193, 199, 205, 209, 210, 213, 284, 292  
*Sidi Marzouk Tounsi* 168, 171, 180, 183, 187, 188, 189, 192, 204, 210, 213  
*Sidi Saad* 190, 191, 213  
*Simitthus* 160  
*Sines* 26, 34, 36, 243, 263, 283, 292, 297, 298, 300, 308, 312, 320, 324, 366, 413, 432, 441, 449, 451, 452, 476  
*Síria* 211, 259  
*S. João da Venda, atelier* 297  
*Solarana* 152  
*Sotés* 122  
*Soumaltre* 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 103, 105, 106, 107, 349, 456  
*Sperlonga* 169, 178, 285, 291, 474  
*St.-Bézard* 103, 300, 350, 456  
*Suburbio Norte, Emerita Augusta* 124, 151, 241, 244, 265, 289  
*Sullectum* 187
- T**
- Tahadartz* 266  
*Tamuda* 198  
*Tarfayat* 187  
*Tarraco* / *Tarragona* 126, 167, 168, 169, 175, 196, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 215, 225, 226, 231, 232, 233, 238, 239, 263, 264, 276, 278, 279, 282, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 291, 292, 294, 295, 297, 298, 299, 302, 306, 307, 311, 312, 313, 314, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 347, 348, 351, 357, 360, 362, 363, 364, 365, 413, 427, 430, 436, 442, 451, 454, 461, 471, 477, 479  
*Tarraconensis* / *Tarraconense* 36, 53, 215, 216, 263, 275, 309, 363, 441, 442, 456, 459, 471  
*Tejo*, rio 48, 233, 238, 240, 260, 265, 277, 297, 307, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 448, 449, 451, 452, 462, 463, 469, 470  
*Termas do Nadador, Ostia* 161, 164, 165, 168, 200, 205, 215, 261, 278, 288, 300, 356  
*Terre-Franche* 109  
*Terronha de Pinhovelo* 286, 313, 413, 461  
*Tessalónica* 274, 275  
*Thaenae* 213
- Thala* 187  
*Thamusida* 266  
*Thysdrus* 187  
*Tiermes* 233, 238, 286, 413, 427, 430, 443, 448  
*Tingitana* 224, 225, 226, 232, 241, 289, 348, 358, 456, 468  
*Tipasa* 205  
*Torre de Palma, villa* 44, 413, 436  
*Torre Llauder* 225, 413, 449  
*Torres Vedras* 281, 413, 475  
*Tossal de Manises / Lucentum* 226, 232, 348, 350, 351, 413, 427, 430, 436, 471  
*Toulon* 100  
*Tourega, villa* 233, 241, 264, 277, 281, 283, 284, 286, 350, 351, 413, 427, 430, 479  
*Travessa de Frei Gaspar, Setúbal* 267  
*Trincere, naufrágio* 300, 355, 468  
*Tripolitana* 170, 213, 224, 255, 289, 355, 358, 366, 455  
*Tritium Magallum* 8, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 137, 138, 143, 147, 152, 153, 157, 243, 359, 455, 473  
*Tróia* 36, 226, 238, 262, 264, 265, 267, 277, 281, 282, 283, 284, 286, 289, 290, 293, 297, 298, 301, 309, 311, 312, 321, 324, 325, 348, 350, 358, 366, 413, 444, 451, 452, 454, 461, 467, 475, 477  
*Tunísia* 9, 65, 159, 161, 168, 170, 171, 181, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 197, 204, 206, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 245, 246, 249, 250, 255, 280, 292, 298, 299, 300, 333, 334, 335, 336, 343, 352, 355, 366  
*Turiaso* 149, 151, 152, 245, 413  
*Turquia* 179, 198, 211, 355  
*Turris Libisonis* 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 209, 278, 279, 282, 283, 284, 288, 294, 311, 323, 353, 354, 480
- U**
- Uchi Majus* 160  
*Ura* 152  
*USK* 88, 89, 90, 91, 94, 95  
*Utica* 159  
*Uxama Argaela* 56, 413, 456
- V**
- Valdoca, necrópole* 226, 348, 413, 436, 441  
*Vale do Pó* 225  
*Valeja de San Pez* 152  
*Valentia* / *Valência* 83, 153, 166, 197, 225, 226, 231, 232, 233, 239, 240, 244, 259, 262, 263, 264, 265, 270, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 289, 291, 292, 294, 299, 300, 301, 302, 307, 308, 309, 310, 311, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 348, 351, 357, 360, 361, 362, 413, 427, 430, 436, 441, 448, 452, 464, 471  
*Valeria* 225, 226, 232, 233, 240, 283, 348, 350, 351, 413, 427, 430, 436, 474  
*Valèry* 109  
*Varea* 122  
*Vechten* 89, 92, 93, 96, 97, 101, 107, 109, 110, 111, 112, 468  
*Veleia* 285, 413, 449  
*Velsen* 106, 107, 108  
*Ventimiglia* 194

Ventura Solsona 232, 239, 427, 430, 436  
Via Augusta 240  
Vichy 111  
Vienna 87, 88, 89, 93, 94, 95, 107, 109, 349, 456  
Vigo 56, 225, 232, 277, 283, 284, 286, 289, 290, 291,  
293, 294, 298, 312, 313, 314, 325, 327, 351, 413,  
427, 430, 448, 453, 458, 480  
Vila Joiosa 238, 452  
Vila-Roma, Tarraco 205, 302, 357, 363  
Villanueva de Azagoya 152  
Villa Periquito, Mirobriga 31  
Vindonissa 82, 445  
Vipasca, minas 57, 264, 413, 436, 444, 451, 465  
Vitodorum 109  
Volubilis 153, 154, 155

## W

Watercrock 106  
Wiesbaden 111, 471

## X

Xanten 86

## Y

Yassi Ada II, naufrágio 179, 207, 355  
York 107, 109, 267, 365, 458, 467, 480

## Z

Zaghuan 190  
Zamora 53, 448  
Zaragoza 149, 360, 361, 441, 444, 447, 467, 473  
Zeugitânia 178, 190, 210, 246, 277, 278, 281, 282,  
284, 292  
Zitha-Zian 213  
Zwammerdam 103